Google

This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

981.06
I59r

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

Geographico e Ethnographico do Brasil

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XL

Parte primeira

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier — Livreiro-editor

65 Rua do Ouvidor 65

1877

222836

STANFORD LIBRARIES

RELAÇÃO NOMINAL

DOS SOCIOS ACTUAES DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

POR ORDEM DE ANTIGUIDADE E DECLARAÇÃO DA CLASSE A QUE PERTENCEM, ORGANISADA EM VISTA DOS ASSENTAMENTOS CONSTANTES DO LIVRO DE MATRICULA E DAS ACTAS DAS SESSÕES PUBLICADAS NA « REVISTA TRIMENSAL. »

Protector immediato

S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

Presidentes honorarios

S. M. o rei de Portugal D. Fernando.
S. A. o principe de Joinville.
S. A. o conde d'Aquilla.
S. A. o principe real da Dinamarca.
S. A. o principe conde d'Eu.
S. A. o principe duque de Saxe.

Nacionaes

1838

1	Visconde de Araguaya	Effectivo.
2	Barão da Ponte Ribeiro.	»
3	Dr. Felizardo Pinheiro de Campos	»
4	Conselheiro João Manoel Pereira da Silva . . .	»
5	Marquez de S. Vicente	Correspondente.
6	Dr. José Bernardo de Loyola	»
7	Visconde do Rio Grande	»
8	Conselheiro José Pedro Dias de Carvalho. . . .	Effectivo.
9	Manoel da Conceição Neves	»
10	Barão de S. Angelo	Honorario.
11	Antonio José Rodrigues.	Correspondente.

1839

12	Conselheiro João Antonio Pereira da Cunha . .	Correspondente.
13	Conselheiro Josino do Nascimento Silva	»
14	Visconde de Itajubá.	»
15	Barão de Japurá	»
16	Barão de Lorena.	»
17	Senador Firmino Rodrigues Silva	»
18	Francisco Manoel Martins Ramos	»
19	Conselheiro João Lopes da Silva Couto	»
20	Desembargador Joaquim José Pacheco.	»
21	Conselheiro José Maria do Amaral.	»
22	Conselheiro Venancio José Lisboa.	»
23	Antonio José Falcão da Frota.	»
24	Conselheiro Antonio Pereira Rebouças.	»
25	Conde de Baependy.	»
26	Barão de S. Diogo	»
27	Francisco da Silva Lopes	»
28	Dr. Francisco José Ferreira Baptista	»
29	Barão de Javary	»
30	Pedro da Silva Rego	»
31	Barão de Alhandra	»
32	Conselheiro Antonio Pereira Barreto Pedroso . .	»
33	Visconde de Caravelas	»
34	Francisco Ezequiel Meira	»
35	João José Ferreira da Costa	»
36	Joaquim Alves Branco Muniz Barreto	»
37	Conselheiro Joaquim Marcellino de Brito	»
38	João Antonio Ferreira da Costa.	»
39	Conselheiro Thomaz José Pinto de Cerqueira . .	Effectivo.
40	Dr. Domiciano da Costa Moreira	Correspondente.
41	João do Espirito Santo Cabral.	»
42	João Joaquim Ferreira de Aguiar	»
43	Joaquim Baptista Avondano	»
44	Joaquim Cesar de Figanière Mourão	»
45	Antonio Alvares Pereira Coruja.	Effectivo.

1840

46	Antonio da Costa Miranda.	Correspondente.
47	Visconde do Porto Seguro.	Honorario.
48	Barão do Lavradio.	Correspondente.
49	Visconde de Santa Isabel.	»
50	Antonio da Silva Lisboa.	»
51	Antonio Ribeiro de Andrade.	»
52	Candido Thadeo Brandão.	»
53	João Alves Portella.	»
54	João Baptista Callogeras.	Effectivo.
55	Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.	»
56	Benigno José de Carvalho e Cunha.	Correspondente.
57	Conselheiro João da Silva Carrão.	»
58	Conselheiro João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú	»
59	Conselheiro Felippe Lopes Netto	Effectivo.
60	Brigadeiro Galdino Justiniano da Silva Pimentel.	Correspondente.

61	Joaquim Antonio Gonçalves Lessa.	Correspondente.
62	Raymundo Severino de Mattos.	»
63	Antonio Manoel Sanches de Brito.	»
64	Francisco Antonio de Oliveira.	»
65	Barão de Petropolis.	»

1841

66	Padre José Antonio Lopes da Silveira. . . .	Correspondente.
67	Conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira. .	Effectivo.
68	João Thomaz de Carvalho e Silva.	Correspondente.
69	Desembargador Francisco Mariani.	»
70	Barão de Penedo.	»
71	João Candido de Brito.	»
72	Joaquim Norberto de Sousa e Silva.	Honorario.
73	Felix Peixoto de Brito e Mello.	Correspondente.
74	Visconde de Barbacena	»
75	Dr. Maximiano Antonio de Lemos.	»
76	João Bernardo de Almeida.	»
77	Barão de Nogueira da Gama.	»
78	José Joaquim Rodrigues Lopes.	»

1842

79	João Baptista da Silva Lopes.	Correspondente.
80	Joaquim José Gonçalves de Mattos Corrêa. . .	»
81	Dr. Candido de Azeredo Coitinho.	Effectivo.
82	Dr. Antonio Maria de Miranda e Castro. . .	Correspondente.

1843

83	Conselheiro Ricardo José Gomes Jardim. . . .	Effectivo.
84	Dr. José Jansen do Paço.	Correspondente.

1844

85	Conselheiro Antonio Pereira Pinto.	Effectivo.
86	Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa.	»
87	Brigadeiro Pedro Maria Xavier de Castro. . .	Correspondente.

1845

88	Dr. Joaquim José Teixeira, ...	»
89	Dr. Joaquim Ribeiro de Avellar Junior. . . .	»
90	Dr. Quintiliano José da Silva.	»
91	Dr. José Joaquim Rodrigues.	»
92	Guilherme Balduino Embirussú Camacan . . .	»
93	Dr. Maximiano Marques de Carvalho. . . .	Effectivo.
94	Dr. Francisco de Sousa Ramos.	Correspondente.
95	Senador Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti. .	»
96	Conselheiro Antonio da Costa Pinto.	»

97	Padre Antonio Pinto de Mendonça.	Corrrespondente.
98	Conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello. .	»
99	Visconde de Abaeté.	»
100	Commendador Felicio Pinto Coelho de Mendonça e Castro	»
101	Barão de Sousa Queiroz.	»
102	Francisco José da Silva	»
103	Desembargador João José de Almeida Couto. . .	»
104	Barão de Cotegipe	»
105	Dr. Joaquim José da Cruz Sécco.	»
106	Senador Joaquim Antão Fernandes Leão	»
107	Dr. Joaquim Vieira da Cunha.	»
108	Dr. José de Barros Pimentel	»
109	Visconde de Jaguary.	»
110	Brigadeiro José Joaquim de Carvalho.	»
111	Dr. José Jorge da Silva	»
112	Conselheiro José Tavares Bastos	»
113	José Pedro da Silva	»
114	Desembargador Luiz Antonio Barbosa de Almeida	»
115	Luiz Antonio Barbosa da Silva	»
116	Conselheiro Manoel de Jesus Valdetaro	»
117	Manoel Soares da Silva Bezerra	»
118	Desembargador Pedro de Alcantara Cerqueira Leite.	»
119	Senador Thomaz Pompeu de Sousa Brasil . . .	Effectivo.
120	Padre Raymundo José Auzier	Correspondente.
121	José Joaquim da Silva Pereira	»
122	Dr. Henrique Kopke.	»
123	João José de Sousa Silva Rios	Effectivo.
124	Dr. Joaquim Manoel de Macedo.	Honorario.

1846

125	Conselheiro Felippe José Pereira Leal	Correspondente.
126	Dr. Carlos Honorio de Figueiredo	Effectivo.
127	Dr. José Mauricio Nunes Garcia.	Correspondente.
128	Desembargador Luiz Fortunato de Brito Abreu e Sousa Menezes	»
129	Barão de S. Felix.	»
130	Dr. José Bento da Rosa.	»
131	Dr. Bento José Martins.	»
132	Visconde do Rio Branco	»

1847

133	Duque de Caxias	Honorario.
134	Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan . .	Effectivo.
135	José Joaquim da Gama e Silva	Correspondente.
136	Francisco José Borges	Effectivo.
137	Dr. Francisco Xavier Muniz	Correspondente.
138	Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho	»
139	Dr. Abilio Cesar Borges.	»
140	Dr. Ricardo Gumbleton Daunt	»

1848

141	Dr. Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond	Correspondente.
142	Conselheiro Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes . .	Effectivo.
143	Dr. Antonio Muniz Barreto Côrte Real.	Correspondente.
144	Padre Jeronymo Emiliano de Andrade.	»
145	Dr. Maooel Ladislão Aranha Dantas	»
146	Conselheiro Guilherme Schuch de Capanema . .	Effectivo.
147	Barão de Melgaço	Correspondente.

1849

148	Salvador Henrique de Albuquerque	»

1851

149	Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro . . .	Honorario.
150	Angelo Thomaz do Amaral.	Correspondente.

1853

151	Dr. Sebastião Ferreira Soares.	Effectivo.
152	Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja	»

1855

153	Conego Joaquim Pinto de Campos	Correspondente.
154	Visconde do Bom Retiro	Effectivo.
155	Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.	»

1856

156	Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros	»
157	Visconde de Mauá.	Honorario.
158	Conselheiro Tito Franco de Almeida.	Correspondente.

1859

159	Capitão de fragata Antonio Mariano de Azevedo.	»
160	Barão de Homem de Mello	Effectivo.
161	Dr. Rodrigo José Ferreira Bretas.	Correspondente.

1860

162	Dr. Ernesto Ferreira França.	»

1861

163	Conselheiro Antonio Joaquim Ribas.	Correspondente.

1862

164	Conego João Pedro Gay	»
165	Professor João Brigido dos Santos.	»
166	Conselheiro José da Costa Azevedo.	Effectivo.
167	Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo. . . .	»
168	Dr. José Vieira Couto de Magalhães.	»

1863

169	Senador Luiz Antonio Vieira da Silva.	Correspondente.
170	Barão de Theresopolis.	»

1865

171	Dr. Cesar Augusto Marques.	Effectivo.
172	Dr. José de Saldanha da Gama.	»

1866

173	Dr. Antonio Henriques Leal.	Correspondente.
174	Dr. João Ribeiro de Almeida.	Effectivo.
175	Dr. Domingos Antonio Raiol.	Correspondente.
176	Dr. Miguel Antonio da Silva.	Effectivo.

1867

177	Coronel Pedro Torquato Xavier de Brito. . . .	»
178	Dr. José Maria da Silva Paranhos.	»
179	Dr. Epiphanio Candido de Sousa Pitanga. .	Correspondente.

1868

180	Dr. Luiz Francisco da Veiga.	»
181	Commendador José Maria Pinto Peixoto. . .	»

1869

182	Major Alfredo d'Escragnolle Taunay.	Effectivo.
183	Senador Candido Mendes de Almeida.	Honorario
184	Dr. José Tito Nabuco de Araujo.	Effectivo.

1870

185 Dr. Joaquim Pires Machado Portella . . . . Effectivo.
186 Conselheiro Tristão de Alencar Araripe. . . . Correspondente.

1871

187 Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro Effectivo.
188 Dr. Ladisláu de Souza Mello e Netto. . . . . »
189 Conego Dr. Manoel da Costa Honorato. . . . . »

1872

190 Dr. Eduardo José de Moraes. . . . . Correspondente.
191 Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão. . . . . Effectivo.

1874

192 Dr. Nicoláo Joaquim Moreira. . . . . »
193 Antonio Manoel Gonçalves Tocantins. . . . . Correspondente.

1875

194 Dr. Rozendo Muniz Barreto. . . . . Effectivo.
195 Commendador João Wilkens de Mattos. . . . »
196 José de Vasconcellos. . . . . Correspondente.

1876

197 Senador Joaquim Floriano de Godoy. . . . . »
198 João Barbosa Rodrigues . . . . . »
199 Luiz da França Almeida e Sá. . . . . »
200 Dr. Manoel Jesuino Ferreira. . . . . Effectivo.
201 1º tenente Francisco Manoel Alves de Araujo. . Correspondente.

Estrangeiros

1838

1 Agostinho Albano da Silveira Pinto. . . . . Correspondente.
2 Felix Emilio Taunay. . . . . Effectivo.

1839

3 Fernando Diniz . . . . . Honorario.

4	Eugenio Garay de Monglave.	Honorario.
5	Luiz Paulo Balthazar Caffe.	Correspondente.
6	Dr. Lund	Honorario.
7	Principe de Cariati.	»
8	Principe de Scilla	»
9	Principe Maximiliano Wied Neuwied.	»
10	D. Carlos Zuchi.	Correspondente.
11	João José da Cunha Bastos Estrella.	»
12	D. Agostinho Guilherme Charem.	»
13	D. Manuel Salas Corvaland.	»
14	Felippe Vandermachen	»
15	Dr. Meisser.	»
16	Anatole Saulmier.	»
17	General Barão Pelet.	»
18	Conde Armando d'Allouville.	»
19	Conde Amédée de Pastoret.	»
20	Conde Le Peletier d'Aunay.	»
21	Duque de Montmorency.	»
22	Duque de Poix	»
23	Fernando Berthier	»
24	Abbade Orsini.	»
25	Bloudoff.	»
26	Conde de Cancrine.	»
27	Joaquim José da Costa Macedo.	»
28	Sabino Bertholet.	»
29	Duque d'Elchingen	Honorario.
30	João Water House.	Correspondente.
31	Theodoro Taunay	»
32	Arthur Brooke	Honorario.
33	Barão de Maltitz.	»
34	Eduardo Alchorne	Correspondente.
35	Barão Gore Ouseley.	Honorario.
36	Jared Sparks.	»
37	João Diogo Sturz.	Correspondente.
38	Julio Parigot	»
39	Manoel Estevão Benet.	»
40	Conselheiro Ouvaroff	Honorario.
41	Principe Eugenio de Saboia Carignan.	»
42	William Ouseley.	»
43	William Gore Ouseley.	»

1840

44	Pedro Victor Larée.	Correspondente.
45	William Smith	»
46	Barão de Olfers.	Honorario.
47	Conde de Dietrichstein.	»
48	Carlos C. Rafn.	»
49	Conde de Lavradio.	»
50	» de Linhares	»
51	Dureau de Lamalle.	»
52	Carlos Ritter.	Correspondente.
53	Julio Victor Armand Hain.	»
54	D. André Bello.	»
55	Duperrey	»
56	Eduardo de Jaegher	»

57	D. Felippe Pardo	Correspondente.
58	Frederico Luiz Jorge de Raumer	»
59	Guilherme Hunter	»
60	Larenaudiere	»
61	Fernaux Campans	»
62	Leo Theremin	»
63	Antonio José de Lima Leitão	»
64	José Barandier	»
65	Barão Rouen	»
66	Dr. Cuissart	Honorario.
67	Fernando Halfeld	Correspondente.
68	Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara	»
69	D. José de Urcullu	»
70	D. Manoel de Sarratéa	Honorario.

1841

71	Alcide de Orbigny	Correspondente.
72	Roberto Schomburgh	»
73	Woodbine Parish	»
74	Maximo Rayband	»
75	Horacio Say	»
76	Conde Jacob Gzaberg de Hemso	»
77	W. Burchell	»
78	C. Allou	Honorario.
79	Dr. Martin de Moussy	Correspondente,
80	Tastu	»
81	Barão de Reiffenberg	»
82	Sergio de Lomonosoff	Honorario.
83	D. Mariano Eduardo de Rivera	Correspondente.
84	Dr. Marion de Procé	»
85	Pedro Mesnard	»
86	Hamilton Hamilton	Honorario.
87	D. Ambrosio Campadonico	»
88	D. Thomaz Guido	»
89	Von Andréa	Correspondente.
90	Dr. Clemente Alvares do Oliveira Mendes de Almeida	»

1842

91	D. Felippe Rizzi	»
92	D. Agatico Longo	»
93	Virgilio von Helmreichen	»
94	Almirante Krusenstern	Honorario.
95	Contra-almirante Lutke	»
96	Conde de Stackelberg	Correspondente.
97	Anatolio Demidoff	Honorario.
98	D. Damazo Antonio Larranaga	»

1843

99	Principe de Comitini	»
100	Nicoláo de Santo Angelo	»
101	Commendador Ferri	»

102	Bouillet	Correspondente.
103	Raoul Rochette	»
104	R. de Rochelle	»
105	Finn Magnussen	Honorario.
106	Barão de Langsdorff	»
107	C. C. Etienne Hernoux.	Correspondente.
108	Felippe Victor Touchard	»
109	Conde de Castelnau.	»
110	Dr. P. Namur	»
111	Dr. J. P. Hoebeke	»
112	S. Dutot	»
113	José Feliciano de Castilho Barreto	«
114	Conde de Thomar	Honorario.
115	D. Ferdinand de Lucca.	»
116	D. Giuseppe Ceva Grimaldi (marquez)	»
117	D. Francisco Maria Avelino	Correspondente.
118	D. Felix Sant'Angelo	»
119	D. Girolano Perozzi.	»
120	D. Miguel Tenore	»
121	D. Francisco Cervelleri	»
122	D. Giacomo Castrucci	»
123	D. Paulo Anamia de Lucca	»
124	D. Raphael Zarlenga	»
125	D. Giovani Semmola	»
126	Duque di Serra di Falco	»
127	D. Luigi Rizzi	»
128	D. Vicenzo Stellati	»
129	D. Luiz Sementini	»
130	Isaak G. Strain	»
131	D. Pascuali Pacini	»
132	D. Pascuali Stasnilão Mancini.	»
133	Carlos Von Lede.	»

1844

134	Mage	»
135	José Ewkank.	»
136	Thomaz Ewbank.	»
137	Quetelet	»
138	João da Cunha Neves de Carvalho Portugal	»
139	D. Vicente Rocafuerte	»
140	D. Thomaz C. de Mosquera	Honorario.
141	José Antonio Pardo	Correspondente.

1845

142	Alfredo Demersay	»
143	Francis Markoe Junior	»
144	Donde Imbert de Mottetlettes	»
145	D. José Vargas	Honorario.
146	Conselheiro José Joaquim Lopes de Lima	Correspondente.
147	Conde de Penafiel	»

1846

148	João Russell Bartlett.	Correspondente.
149	Alberto Gallatin	Honorario.
150	Roberto Greenham	Correspondente.
151	C. Wiet	»
152	B. M. Norman	»
153	Alexandre W. Bradford	»
154	Samuel Jorge Morton	»
155	W. B. Hodgson	»
156	J. C. Milliet de St. Adolphe	»
157	L. L. Wauthier	»
158	Mauricio Rugendas	»
159	D. Vicenzo Martullaro (marquez de Villarosa) .	»
160	Herman E. Ludwig.	»

1847

161	Eduardo Laemmert	»
162	Cicarelli	»
163	Fernando Petrich	»
164	D. Ulrico Valia	»
165	D. Antonio Ramon de Vargas	»
166	D. Thiers	Honorario.
167	Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida . . .	Correspondente.
168	Dr. L. F. Bonjean	»

1848

169	Bispo de Angra (D. Fr. Estevão de Jesus Maria) .	»
170	Bernardino José de Lessa Freitas.	»
171	D. André Lamas.	»
172	D. José Maria Corrêa de Lacerda.	»

1850

173	D. Valentim Alsina	»

1851

174	William Prescott.	Honorario.

1853

175	D. Domingos Sarmiento	Correspondente.

1857

176	D. João Maria Gútierrez	»

1859

177 Ceroni . . . . . Correspondente.

1860

178 Coronel Francisco Evaristo Leone . . . . . »
179 Jorge Cesar Figanière . . . . . »

1862

180 James C. Fletcher . . . . . »

1863

181 Frederico Francisco de Figanière. . . . . »

1864

182 Jorge Martinho Thomaz. . . . . »
183 Padre Angelo Sechi . . . . . »
184 Jorge Bancrofft . . . . . Honorario.

1865

185 Alexandre Herculano . . . . . Correspondente.

1866

186 Levy Maria Jordão. . . . . »
187 Manoel Liais. . . . . »

1868

188 Padre Brasseur de Bourbourg. . . . . »
189 Vivien de St. Martin. . . . . »
190 Henrique Ambauer Schutel . . . . . »

1869

191 D. José Rosendo Guterres. . . . . »

1870

192 Dr. D. Domingos Santa Maria. . . . . »
193 Cesar Cantu. . . . . »

1871

194	D. Bartholomeu Mitre.	Honorario.
195	Augusto Carlos Teixeira de Aragão.	Correspondente.
196	José Victorino Lastarria.	»
197	Miguel Luiz Amunategui.	»
198	Diogo Barros Arana.	»
199	Benjamin Vicuna Makena.	»

1872

200	Dr. D. Frederico Errazury.	Honorario.

1875

201	Carlos Frederico Hartt.	Correspondente.
202	Ezequiel Uricochéa	»

1876

203	Barão G. Schreiner.	Honorario.

RELAÇÃO NOMINAL

DOS SOCIOS FALLECIDOS, SEGUNDO AS NOTAS CONSTANTES DO LIVRO DE MATRICULA E COMMUNICAÇÕES FEITAS AO INSTITUTO

Presidentes honorarios

S. A. I. o principe D. Affonso.
S. A. o principe D. Sebastião de Bragança Bourbon.
S. M. Leopoldo I, rei dos Belgas.

Nacionaes

1 Agostinho da Silva Neves.
2 Conselheiro Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
3 Dr. Albano Antero da Silveira Pinto.
4 Conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmento.
5 Alexandre José do Rosario.
6 Amancio João Pereira de Andrade.
7 Andre Alves Pereira Ribeiro Cirne.
8 Antonio Affonso Ferreira.
9 D. Antonio Joaquim de Mello (bispo de S. Paulo).
10 Antonio Alves da Silva Pinto.
11 Antonio Augusto Monteiro de Barros.
12 Senador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.
13 Conselheiro Antonio José de Paiva Guedes de Andrade.
14 Dr. Antonio Corrêa de Lacerda.
15 Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.
16 Antonio Ladislão Monteiro Baena.
17 General Antonio Eliziario de Miranda e Brito.
18 P. Dr. Antonio Bernardo da Encarnação e Silva.
19 Dr. Antonio Joaquim de Sousa.
20 Conselheiro Antonio Manoel de Mello.
21 Dr. Antonio Navarro de Abreu.
22 Antonio Joaquim Alvares do Amaral.
23 Dr. Antonio José Ferreira da Costa.
24 Antonio Pereira de Araujo Pinto.
25 Antonio Joaquim Fortes Bustamante Sá.
26 Antonio Vaz da Silva.
27 Conego Antonio Marques de Sampaio.
28 Conselheiro Antonio José da Veiga.
29 Dr. Antonio da Costa.
30 Antonio da Costa Rego Monteiro.
31 Antonio Joaquim de Mello.
32 Dr. Antonio Thomaz de Godoy.
33 Antonio Francisco Dutra e Mello.
34 Dr. Antonio Rodrigues da Cunha.
35 Dr. Antonio Gonçalves Dias.
36 General Antonio Nunes de Aguiar.
37 Commendador Antonio de Padua Fleury.
38 Antonio Rangel Torres Bandeira.
39 Antonio Diodoro de Pascual.
40 Fr. Arsenio da Natividade Moura.
41 Dr. Balthazar da Silva Lisboa.
42 Barão de Itamaracá.
43 Barão de Caçapava.
44 Barão de Quarahim.
45 Barão de Catas Altas.
46 Barão de Antonina.
47 Barão de Uruguayana.
48 Barão de Cocaes.
49 Barão de Jaguarary.
50 Barão de Cayrú.
51 Benedicto Marques da Silva Acauan.
52 Senador Bernardo Pereira de Vasconcellos.
53 Bernardo Jacintho da Veiga.

54 Brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto.
55 Braz da Costa Rubim.
56 Dr. Caetano Alberto Soares.
57 Dr. Caetano Lopes de Moura.
58 Senador Candido Baptista de Oliveira.
59 Dr. Carlos Antonio de Bulhões Ribeiro.
60 Padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar.
61 Carlos Emilio Adêt.
62 Senador Cassiano Espiridião de Mello e Mattos.
63 Dr. Claudio Luiz da Costa.
64 Conde da Boa Vista.
65 Conde de Irajá (bispo do Rio de Janeiro).
66 Conde de S. Salvador (arcebispo da Bahia).
67 Conde da Conceição (bispo de Marianna).
68 Conrado Jacob de Niemeyer.
69 Fr. Custodio Alves Serrão.
70 General Daniel Pedro Muller.
71 Diogo Duarte Silva.
72 Diogo Soares da Silva de Bivar.
73 Dionysio de Oliveira Silveiro.
74 Domingos Marinho de Azevedo Americano.
75 Eduardo de Sá Pereira de Castro.
76 Emilio Faustino Lins.
77 Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.
78 Conselheiro Ernesto Ferreira França.
79 Estevão Raphael de Carvalho.
80 Senador Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara
81 Dr. Felizardo Toscano de Brito.
82 Dr. Fernando Sebastião Dias da Motta.
83 General Firmino Herculano de Moraes Ancora.
84 Floriano Vieira da Costa Delgado Perdigão.
85 Conselheiro Francisco Freire Allemão.
86 Francisco Agostinho Gomes.
87 Dr. Francisco de Sousa Martins.
88 Conselheiro Francisco Ramiro de Assis Coelho.
89 Francisco Xavier Monteiro da França.
90 Senador Francisco de Paula Souza e Mello.
91 Francisco Freire de Carvalho.
92 Dr. Francisco de Paula Candido.
93 Fr. Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão.
94 Dr. Francisco de Paula Menezes.
95 Dr. Francisco Antonio Ribeiro.
96 Senador Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos.
97 Senador Francisco de Paula Almeida e Albuquerque.
98 Francisco Alvares Machado de Vasconcellos.
99 Desembargador Francisco de Queiroz Coutinho Mattoso Camara.
100 Monsenhor Francisco Muniz Tavares.
101 Fr. Francisco de Mont'Alverne.
102 Senador Francisco de Lima e Silva.
103 Dr. Frederico Augusto Pamplona.
104 Frederico Carneiro de Campos.
105 Fructuoso Luiz da Motta.
106 Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça.
107 Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos.
108 Gaspar José Lisboa.
109 Dr. Giacomo Raja Gabaglia.
110 Dr. Gonçalo da Silva Porto.
111 Conselheiro Gustavo Adolpho de Aguilar Pantoja.
112 Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde.
113 Senador Herculano Ferreira Penna.
114 General Henrique Marques de Oliveira Lisboa.
115 Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.
116 Coronel Ignacio Alvares Pinto de Almeida.
117 Dr. Ignacio de Barros Vieira Cajueiro.
118 Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo.
119 Padre Ignacio Rodrigues Bermude.
120 Innocencio da Rocha Galvão.
121 Jacintho Pinto Teixeira.
122 Conselheiro Jacintho Roque de Senna Pereira.
123 Conego Januario da Cunha Barbosa.
124 Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho.

125 Dr. Jeronymo Villela de Castro Tavares.
126 Dr. João Antonio de Azevedo.
127 João Antonio de Sampaio Vianna.
128 Senador João Antonio de Miranda.
129 João Benedicto Gaspar de Giffining.
130 General João Carlos Pardal.
131 João Coelho Bastos.
132 Dezembargador João Candido de Deus e Silva.
133 João Caetano da Costa e Oliveira.
134 João Carlos Pereira Pinto.
135 Dr. João Duarte Lisboa Serra.
136 João Eleuterio Garcez Gralha.
137 João Francisco de Sousa Coutinho.
138 Dr. João Fernandes de Barros.
139 João Francisco Lisboa.
140 João Gomes Machado Corumbá.
141 João Huet de Bacellar Pinto Guedes.
142 João Henrique de Mattos.
143 Dr. João José Barbosa de Oliveira.
144 Dr. João José de Carvalho.
145 Conselheiro João José de Oliveira Junqueira.
146 Dr. João José de Moura Magalhães.
147 General João Paulo dos Santos Barreto.
148 João de Siqueira Tedim.
149 Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.
150 Joaquim Candido Guillobel.
151 Dr. Joaquim Caetano da Silva.
152 Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles.
153 Senador Joaquim Franco de Sá.
154 Conselheiro Joaquim Floriano de Toledo.
155 Senador Joaquim Francisco Vianna.
156 Joaquim Gonsalves Ledo.
157 Joaquim José Luiz de Sousa.
158 Jezembargador Joaquim Nunes Machado.
159 Padre Joaquim de Santa Escolastica Mavignier.
160 Senador Joaquim Vieira da Silva e Sousa.
161 Dr. Joaquim Vicente Torres Homem.
162 Dr. José Alves da Cruz Rios.
163 Dr. José Agostinho Vieira de Mattos
164 Monsenhor José Antonio Marinho.
165 D. José Affonso de Moraes Torres (bispo do Pará).
166 José Antonio da Silva Chaves.
167 Dr. José Augusto Gomes de Menezes.
168 Dr. José de Araujo Coutinho.
169 Senador José Antonio da Silva Maia.
170 José Antonio Lisboa.
171 D. José de Assis Mascarenhas.
172 Dr. José de Assis Alves Branco Muniz Barreto.
173 D. José Antonio dos Reis (bispo de Cuyabá).
174 Dr. José Bernardo Fernandes Gama.
175 Dr. José Christiano Garção Stockler.
176 José Christino da Costa Cabral.
177 Senador José Clemente Pereira.
178 Conego José Constantino Gomes de Castro.
179 José Domingues de Athayde Moncorvo.
180 Dr. José Eloy Ottoni.
181 José Eloy Pessoa.
182 José Francisco da Silva Cardoso.
183 José Freire de Andrade Parreiras.
184 José Francisco de Paula Cavalcanti.
185 José Florindo de Figueiredo Rocha.
186 Desembargador José Ferreira Souto.
187 José Francisco de Andrade Almeida Monjardim.
188 José Franklin de Massena e Silva.
189 General José Ignacio de Abreu e Lima.
190 José Jacques da Costa Ourique.
191 Senador José Joaquim Fernandes Torres.
192 Conselheiro José Joaquim da Rocha.
193 Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira.
194 Conego José Luiz de Freitas.
195 José Lino de Moura.
196 Dr. José Marcellino da Rocha Cabral.

197 José Marques Lisboa.
198 José Manoel do Rosario.
199 Conselheiro José Mariani.
200 José Maria Velho da Silva.
201 José Martins Pereira de Alencastre.
202 Dr. José de Paiva Magalhães Calvet.
203 Conselheiro José Paulo de Figueirôa Nabuco de Araujo.
204 José Procopio de Castro.
205 José de Rezende Costa.
206 José Ricardo da Costa Aguiar e Andrada.
207 Commendador José Ribeiro da Silva.
208 Conego José da Silva Guimarães.
209 José de Sá Bittencourt e Camara.
210 Fr. José de S. Bento Damazio.
211 Fr. José de S. Alberto Cardoso.
212 Fr. José de Santa Euphrasia Peres.
213 Senador José da Silva Mafra.
214 José Tiburcio Carneiro de Campos.
215 Dr. José Thomaz dos Santos e Almeida.
216 José Ventura Boscoli.
217 Dr. José Vieira Rodrigues de Carvalho e Silva.
218 Dr. Justiniano José da Rocha.
219 Ladisláo dos Santos Titara.
220 Dezembargador Leocadio Ferreira de Gouvêa Pimentel Belleza.
221 Conselheiro Libanio Augusto da Cunha Mattos.
222 Lino Antonio Rabello.
223 Padre Lino do Monte Carmello Luna.
224 Lourenço da Silva Araujo Amazonas.
225 Luiz Aleixo Boulanger.
226 Luiz Antonio de Castro.
227 Desembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.
228 Luiz Augusto May.
229 Luiz Antonio Patricio da Silva Manso.
230 Conego Luiz Antonio da Silva e Sousa.
231 Conego Luiz Gonsalves dos Santos.
232 Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury.
233 Luiz Gomes Ferreira.
234 Luiz Henrique Ferreira de Aguiar.
235 Luiz Moitinho de Lima Alvares e Silva.
236 Luiz Maria da Silva Pinto.
237 Fr. Luiz de Santa Theodora.
238 Senador Manoel Alves Branco.
239 » Manoel Antonio Galvão
240 Capitão de fragata Manoel Antonio Vital de Oliveira.
241 D. Manoel de Assis Mascarenhas.
242 Manoel da Cunha de Azeredo Coutinho S. Chichorro.
243 Manoel de Cerqueira Lima.
244 Senador Manoel Felizardo de Sousa e Mello.
245 Manoel Ferreira Lagos.
246 Manoel Ignacio de Carvalho Mendonça.
247 Manoel José Pires da Silva Pontes.
248 Manoel José de Albuquerque.
249 Conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel.
250 D. Manoel Joaquim Gonsalves de Andrade (bispo de S. Paulo).
251 Conselheiro Manoel José de Sousa França.
252 Dr. Manoel Maria do Amaral.
253 Dr. Manoel Mendes da Cunha Azevedo.
254 Dr. Manoel de Mello Franco.
255 Manoel Moreira Lirio da Silva Carneiro.
256 Manoel Mauricio Rebouças.
257 Senador Manoel do Nascimento Castro e Silva.
258 Manoel Odorico Mendes.
259 Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba.
260 Manoel Rodrigues da Costa.
261 Fr. Marcellino do Coração de Jesus.
262 Conego Marcellino José da Ribeira S. Bueno.
263 D. Marcos Antonio de Sousa (bispo do Maranhão).
264 Marquez de Abrantes.
265 » de Baependy.
266 » de Itanhaem.
267 » de S. João da Palma.
268 » de Lages.
269 » de Mont'Alegre.
270 » de Maricá.

271 Marquez de Olinda.
272 » de Paranaguá.
273 » de Paraná.
274 » de Sapucahy.
275 » de Santa Cruz (arcebispo da Bahia).
276 » de Valença.
277 Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada.
278 Maximiano Augusto Pinto,
279 Maximiano Antonio da Silva Leite.
280 Miguel Ferreira Tavares.
281 Miguel de Frias Vasconcellos.
282 Dr. Miguel Joaquim Ayres do Nascimento.
283 Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama.
284 Conselheiro Miguel de Sousa Mello e Alvim.
285 Monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno.
286 Senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro.
287 Dr. Nicoláo Rodrigues dos Santos França Leite.
288 Nicoláo da Silva Lisboa
289 Conselheiro Paulo Barbosa da Silva.
290 Fr. Paulo da Conceição Moura.
291 Conselheiro Pedro de Alcantara Bellegarde.
292 Pedro Affonso de Carvalho.
293 Pedro Carvalho de Moraes.
294 Conselheiro Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral.
295 Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar.
296 General Raymundo José da Cunha Mattos.
297 Rodrigo Soares Cid de Bivar.
298 Fr. Rodrigo de S. José.
299 Dr. Rodrigo de Sousa da Silva Pontes.
300 Santiago Nunes Ribeiro.
301 Senador Saturnino de Sousa e Oliveira.
302 Conselheiro Sebastião do Rego Barros.
303 Conselheiro Sergio Teixeira de Macedo.
304 Senador Theophilo Benedicto Ottoni.
305 Dr. Thomaz Gomes dos Santos.
306 Dr. Thomaz José Soares de Avellar.
307 Thomé Maria da Fonseca e Silva.
308 Conselheiro Thomaz Xavier Garcia de Almeida.
309 Tiburcio Antonio Craveiro.
310 Desembargador Tristão Antonio de Alvarenga.
311 Dr. Urbano Sabino Pessoa de Mello.
312 Dr. Vicente José da Costa Cabral.
313 Visconde de Inhomirim.
314 » de Itabayana.
315 » de Itauna.
316 » de Inhauma.
317 » de Itaborahy.
318 » de Jerumirim.
319 » de Jequitinhonha.
320 » de Maranguape.
321 » de Macahé.
322 » da Parnahyba.
323 » da Pedra Branca.
324 » do Rio Vermelho.
325 » de Santo Amaro.
326 » de Sousa Franco.
327 » de S. Leopoldo.
328 » de S. Lourenço.
329 » de Sepetiba.
330 » do Uruguay.
331 » de Uberaba.
332 Wenceslão Antonio Ribeiro.

Estrangeiros

1 Adolpho Antonio Frederico de Schewelok.
2 Adriano Balbi.
3 Adriano Ernesto de Castilho Barreto.
4 Affonso de Lamartine.
5 D. Agostinho Guilherme Charon.
6 Alexandre de Humboldt.
7 Alexandre Magno de Castilho.
8 Cardeal Angelo May.
9 Antonio Lopes da Costa Almeida.
10 Augusto de Saint-Hilaire.
11 Barão de Planitz.
12 Barão Leopoldo de Daizer.
13 Barão Walcknaer.
14 Cardeal Bartholomeu Pacca.
15 D. Carlos Antonio Lopes.
16 Conde de Camaidoli.
17 Conde de Mole.

18 Conde Ney.
19 Debret (João Baptista).
20 Diogo Kopke.
21 Duque de Doudeauville.
22 Duque de Palmella.
23 Duque de Saldanha.
24 D. Florencio Varella.
25 D. Francisco de Borja Margarino de Corrato.
26 D. Fr. Francisco de S. Luiz.
27 Frederico Luiz Guilherme de Warnagen.
28 Francisco Guizot.
29 D. Genaro Merolla.
30 Ildefonso Leopoldo Bayard.
31 Innocencio Francisco da Silva.
32 Jacob Van Erven.
33 J. B. Eyriés.
34 João Henrique Freese.
35 João Quincy Adams.
36 Joaquim Pedro Cardoso Casado Giraldes.
37 Jomard.
38 D. José Delavat y Rincon.
39 José Francisco Sigaud.
40 Cavalleiro José de Lucca.
41 José Manoel Valdez y Palacios.
42 José da Silva Carvalho.
43 José Silvestre Rabello.
44 Julio Frank.
45 Julio Frederico Koeller.
46 Julio de Wallestein.
47 Letronne.
48 L. Agassis.
49 Luiz Augusto Rabello da Silva.
50 Luiz Riedel.
51 Manoel José Maria da Costa e Sá.
52 D. Manoel de Portugal e Castro
53 Manoel y Paz Soldan.
54 Marquez de Sá da Bandeira.
55 D. Martim Fernandes de Navarrete.
56 D. Martius (Carlos Frederico).
57 Cardeal Mezofante.
58 Dr. Mure.
59 Orfila.
60 Pedro Clausen.
61 Pedro de Angelis.
62 Principe de la Moskowa.
63 Reybaud.
64 Roberto Southey.
65 Rodrigo da Fonseca Magalhães.
66 Roque Schuch.
67 Scipião Domingos Fabrini.
68 Cavalheiro St. Georges.
69 Silvestre Pinheiro Ferreira.
70 Theodoro Miguel Villardebo.
71 Theodoro Monticelli.
72 Visconde de Castilho.
73 Visconde de Chateaubriand.
74 Visconde de Almeida Garrett.
75 Visconde de Osery.
76 Visconde de Santarem.
77 Washington Irving.
78 Wenceslão Paunero.

Resumo

Actuaes

Socios nacionaes	201
Estrangeiros	203

Fallecidos

Nacionaes	382
Estrangeiros	78
	814

DIARIO

OU

NARRAÇÃO HISTORICA

DE

MATHEUS VAN DEN BROECK

contendo o que elle viu e realmente aconteceu no começo da revolta dos portuguezes no Brasil,

bem como as condições da entrega das nossas fortalezas

TRADUZIDO DO HOLLANDEZ PELO BACHAREL

JOSÉ HYGINO DUARTE PEREIRA

2.ª Edição acrescentada com notas

e pelo mesmo senhor offerecida ao Instituto Historico

AO LEITOR

São as *memorias* curiosos documentos historicos. As particularidades que encerram, e a sua mesma parcialidade, pintam muitas vezes melhor os homens e as épocas do que bem elaboradas historias.

Parece-me que n'este caso está o *Diario* ou *Narração Historica* de Matheus van den Broeck, cuja versão dou agora á estampa. Escripta sem artificio, segundo as lembranças e impressões de quem testemunhou os acontecimentos e n'elles teve parte, é um quadro vivo, embora tosco, da luta de duas nacionalidades separadas pela lingua, pelos costumes e crenças religiosas.

Os que cultivam a historia patria lerão sem duvida com interesse o combate da *Casa Forte*, a prisão do autor, sua

viagem por terra á Bahia, o conselho de guerra na fortaleza de Nazareth, a carta de Hoogh-straten a Hondius e outros episodios.

Netscher diz do *Diario* de Van den Broeck que é — *fort curieux et très rare*, e o Sr. visconde de Porto Seguro recommenda tambem a sua leitura, conjunctamente com a do livro não menos curioso do borgonhez Pierre Moreau.

Escriptos d'esta natureza são uteis e indispensaveis subsidios, não só ao historiador, como aos que querem adquirir um conhecimento aprofundado da historia patria.

Peço toda a benevolencia do leitor esclarecido para a minha versão. Confesso os seus defeitos, mas devo tambem declarar que muitos d'elles, pelo menos os de estylo, são inevitaveis.

Tive o pensamento de discutir as difficuldades do texto em notas explicativas, e já havia escripto algumas, quando mudei de proposito, porque o commentario sahiria longo e enfadonho, attentas ás incorrecções da linguagem do autor e ás muitas faltas de impressão que se notam no texto.

Terminando, cumpre-me agradecer ainda uma vez os muitos obsequios, com que o Sr. José de Vasconcellos me tem honrado. Pôz á minha disposição a sua bibliotheca, que é um thesouro, e as columnas do seu conceituado *Jornal do Recife*, e de uma e outra cousa tenho usado largamente. O exemplar do *Diario* de Van den Broeck, bem como varias outras obras, tão raras quanto preciosas, que se acham em meu poder, lhe pertencem. Portanto me é grato dar-lhe um publico testemunho de que tantas attenções e finezas me têm summamente penhorado.

Recife, 28 de Agosto de 1875.

José Hygino Duarte Pereira.

DIARIO DE MATHEUS VAN DEN BROECK

Claro parece que a traição dos portuguezes em Pernambuco foi traçada na Bahia de Todos os Santos, e é fóra de duvida que o plano foi posto por obra com sciencia do rei de Portugal por meio dos seus enviados, que vieram a Pernambuco como embaixadores de amizade e alliança. São esses enviados naturaes da terra; seus pais e amigos assistiam em Pernambuco e na capitania da Parahyba; durante a passada guerra elles tiveram sempre na campanha a principal autoridade, e na presente servem André Vidal de Negreiros como mestre de campo, e Nicoláo Aranha como capitão-mór. Pelos fins do anno de 1644 vieram em embaixada ao Recife, trazendo cartas mui cortezes do rei de Portugal aos nobres e altos conselheiros, nas quaes el-rei lhes agradecia o muito obsequio, com que tratavam os moradores portuguezes (1). Dest'arte houveram os ditos embaixadores permissão de livre ingresso em nossas terras, fortalezas e guarnições, e d'ella se serviram para melhor pôr em effeito sua traição (como está agora manifesto), frequentando André Vidal diariamente a casa de João Fernandes Vieira.

No começo d'este anno de 1645, correram vozes e boatos em Pernambuco de como na Bahia se faziam aprestos de guerra, eram chamadas á cidade as tropas que se achavam fóra e se levantavam novas companhias. Em Março pouco

(1) André Vidal de Negreiros veiu duas vezes ao Recife: uma em 1642, e a outra em Agosto ou Setembro de 1644, acompanhado de Nicoláo Aranha. Não consta que se apresentassem em 1644 como embaixadores ou fossem portadores de cartas do rei, antes pretextaram que vinham tratar de negocios particulares, aquelle pedindo permissão para visitar o pai na Parahyba, e este para levar duas irmãs que tinha no Recife.

mais ou menos propalou-se geralmente que eram chegadas á terra tropas bahianas, mas não foram essas novas tomadas em consideração. No ultimo de Maio vieram noticias mais seguras, como D. Filippe Camarão e Henrique Dias haviam passado o rio de S. Francisco, e marchavam para Alagôas. Os nossos, pela sua muita confiança, não tiveram conta com essas noticias, mas depois bem viram quanto andaram mal avisados (2).

17 de Junho. — Amador de Araujo, senhor do engenho Tabatinga, sito entre Santo Antonio do Cabo e Ipojuca, levantou-se contra o nosso Estado, aprisionou os neerlandezes da freguezia de Ipojuca, pôl-os a ferros e metteu-os no convento de S. Francisco. Os portuguezes mataram logo a tres judeus.

18.— Reuniu Amador todos os seus, que seriam em numero de quatrocentos homens, no engenho Tabatinga. Ahi começaram a fazer seus armazens e a se prover de armas.

21.— De Santo Antonio do Cabo foi expedido o tenente Jacob Flemmingh, com trinta soldados e doze de cavallo, para saber de Amador de Araujo o que queriam os revoltosos, porque tomaram armas, em nome de quem, e contra quem? Foi-lhe respondido que de si mesmos se puzeram em armas contra os flamengos, sob cuja tyrannia não mais queriam viver.

Idem.— Para lá seguiu do Recife o Sr. Hendrick van Hous (3), tenente-coronel e chefe da milicia no Brasil, le-

(2) Da carta que o supremo conselho dirigiu a 13 de Fevereiro de 1645 á assembléa dos dezenove, se vê o que o mesmo conselho sabia ácerca dos manejos e intuitos dos conspiradores. Encontra-se esta carta nas *Datas celebres e factos notaveis da historia do Brasil*, pag. 213.

(3) O autor escreve indifferentemente Hous ou Haus.

vando comsigo alguns quatrocentos homens, a saber: duzentos brancos e duzentos indigenas; e em Santo Antonio do Cabo recebeu o reforço de oitenta soldados e vinte e dois paisanos montados. A' seguinte manhã, 23 do corrente mez, abalou com esta força para Tabatinga, e, chegando ao posto avançado dos rebeldes, logo romperam estes fogo e se puzeram em retirada. Os nossos os seguiram, e foram encontrar na igreja de Santa Luzia bom esbulho de vestidos de mulher. Aqui os indigenas mataram um ermitão e um sapateiro. Obra de meia hora de viagem de Ipojuca encontraram Amador de Araujo com trezentos ou quatrocentos homens, postos em ordem de batalha, para, ao que parecia, fazer-nos rosto, mas, tanto que a nossa vanguarda atirou, se puzeram em fugida, e sendo acossados pelos nossos, que lhes mataram vinte e dois ou vinte e tres homens, se lançaram a monte. Avançou o chefe Hous para Ipojuca, onde encontrou no convento trinta ou quarenta neerlandezes todos mettidos em ferros: eram paisanos que assistiam na campanha, e haviam sido aprisionados por Amador de Araujo.

24. — O Sr. chefe Hous fez sahir algumas partidas para procurar e incommodar o inimigo; entre outros pôz-se em campo o tenente Wenzel Smit com cem indigenas, e, sendo no engenho Tabatinga, fizeram-n'o retroceder, com perda de oito ou dez homens, alguns portuguezes, que estavam de emboscada.

25.— A maior parte dos rebeldes portuguezes de Ipojuca vieram pedir novos passaportes, promettendo estarem fielmente á nossa obediencia, e foram promptamente attendidos pelo chefe Hous. Este mesmo dia foi apprehendido um certo Francisco Godinho, lavrador de Amador de Araujo e um dos principaes rebeldes. Como este sujeito mandára levantar uma forca em Ipojuca para aquelles que se não

quizessem revoltar, o Sr. tenente-coronel o mandou pendurar de sua propria machina.

Na entrada de Julho abalou o tenente-coronel Hous de Ipojuca para Santo Antonio do Cabo, deixando ahi o tenente Flemmingh com trinta soldados.

Pouco mais ou menos n'esta data chega ao Recife a noticia de como João Fernandes Vieira tambem havia reunido gente, e se acolhêra á mata, que fica acima de S. Lourenço, para onde iam diariamente affluindo os revoltosos(4). Sahiu ao seu encontro o capitão Jan Blaer com alguns trezentos homens, a saber: noventa voluntarios, cem soldados e mais de cem indigenas, que foi a maior força que os nossos poderam retirar das guarnições. E porque o capitão Blaer teve noticia que Vieira, havendo estado no engenho Masiappe (Massiape), se encaminhára para S. Lourenço com perto de mil homens, aguardou a vinda do tenente-coronel Hous para fazer-se em um corpo com elle,e então acommetterem ambos os rebeldes.

2 de Julho. — Avançou o tenente-coronel Hous de Santo Antonio para Muribeca, mas, por causa de copiosas chuvas (5), não pôde ir além do Engenho Velho, onde houve noticia que João Fernandes Vieira era para as bandas de S. Lourenço, e alli esperava Amador de Araujo.

3.—Seguiu o chefe Hous para Muribeca,onde se achavam alguns dos rebeldes. Estes, porém, dando fé dos nossos, logo se recolheram ao mato.

(4) Já anteriormente ao levantamento dos moradores de Ipojuca sabiam os do supremo conselho que João Fernandes Vieira, e mais chefes dos *independentes*, haviam abandonado suas casas e andavam foragidos. Nieuhoff, pag. 70 e seguintes; Callado, pag. 177 e 178; Fr. Rafael de Jesus, liv. 6, n. 30.

(5) « Sobreveiu uma invernada tão grande qual nunca os homens antigos do Brasil se lembram ter visto. » Callado, pag. 172.

7.— Como, por causa das muitas chuvas, não pôde o chefe Hous proseguir em sua marcha para cima por Santo Amaro, seguiu para baixo pela Varzea, caminho de S. Lourenço.

8.— Sobre a noite foi a S. Lourenço, onde não encontrou viva alma, a não ser um sargento que sahira do Recife com dezesete homens para haver farinha. Um irlandez, chamado Thomas de Banck, que se passára para os rebeldes, os trahira e matára.

9. — De manhã cedo partiu o chefe para Masiappe, deixando em S. Lourenço um alferes, Jan Copijn, com vinte soldados para chamar ás suas casas os moradores, que de medo se haviam em sua maior parte dispersado. A meio caminho encontrou-se com o capitão Blaer, que se achava á frente de alguns trezentos homens entre brancos e indigenas, de modo que agora faziam os nossos o numero de setecentos homens. Como declarasse o capitão Blaer que, segundo estava informado, João Fernandes Vieira se achava no engenho de Arnaud de Olanda com mil ou mil e cem homens, assentou o Sr. tenente-coronel de seguir para Masiappe, e logo fez a tropa passar o rio em jangadas, afim de entrar no engenho por traz e assim sorprender os rebeldes.

10. — Como a tropa foi da outra banda, o Sr. tenente-coronel, depois do meio-dia, recebeu aviso dos nobres e altos Srs. conselheiros que toda Ipojuca se levantára de novamente, e Amador de Araujo puzéra cêrco a Santo Antonio do Cabo com seiscentos rebeldes, e já havia morto um sargento e dezeseis homens. Apezar d'esta noticia, continuou o Sr. tenente-coronel a avançar para o engenho. Sobrevindo a noite, succedeu que os indigenas se tomassem de um terror panico no mato por causa de um cavallo que disparára por elle. Perdeu-se ahi um alferes,

que, tendo-se transviado da tropa, não tornou mais a apparecer.

A' tardinha do seguinte dia chegou o chefe Hous ao engenho de Arnaud de Olanda, onde os rebeldes haviam estado em numero passante de mil, mas, avisados da vinda dos nossos, se tinham em sua maior parte retirado, menos duzentos homens. Sendo estes tambem advertidos pelos tiros de sua sentinella (apprehenderam e assassinaram vilmente um dos nossos), se puzeram igualmente em fugida. Os nossos acudiram logo ao fogo, e passaram á espada a sentinella e mais tres ou quatro homens.

Ao outro dia appareceu um portuguez com uma bandeirola branca para pedir perdão, mas os indigenas logo o degolaram, sem lhe dar lugar a ser ouvido. Este mesmo dia o capitão Blaer teve ordem de sahir com um bom troço em procura do inimigo, que se havia retirado para Tapicuna (Tapacurá,) mas, por estarem crescidas as aguas do rio, não pôde ir ter ao engenho. O Sr. tenente-coronel mandou tambem que o capitão Fallo, com trezentos homens entre brancos e indigenas, fosse levantar o cêrco de Santo Antonio.

A' manhã de 16 chegou este capitão á Muribeca, mas ahi ficou, porque recebeu uma carta dos altos conselheiros, ordenando-lhe que não avançasse antes de se juntar com o Sr. tenente-coronel, porquanto achava-se o inimigo numeroso em torno de Santo Antonio. N'este entretanto os rebeldes, avisados por um André Soares, retiraram-se de Santo Antonio por Gouaou (Grujahú ?).

17. — Chegou á Muribeca o Sr. tenente-coronel com o resto das nossas forças, e logo ordenou ao capitão Blaer que se fizesse na volta de Santo Antonio do Cabo com duzentos homens entre brancos e indigenas. Mas, como o inimigo já se havia retirado, não o encontrou o capitão Blaer, e a 22 tornou á Muribeca.

28. — O Sr. tenente-coronel seguiu de Muribeca para Geboatas (Jaboatão), onde teve alguns recontros, mas de pouca consideração. Depois de alguns dias dirigiu-se aos curraes (*couralen*) de João Fernandes Vieira.

2 de Agosto. — O Sr. tenente-coronel chegou á casa do Covas (6), onde pernoitámos. Ao outro dia, 3 do corrente mez, puzemos fogo á casa e tendas, onde acampára o inimigo, e nos puzemos a caminho. Tendo avançado obra de tres ou quatro leguas, acercámo-nos de um posto avançado do inimigo, que atirou contra os da nossa vanguarda, e se retirou para os seus, que eram da outra banda do rio. Os nossos vadearam tambem o rio, cujas aguas davam-lhes pela cintura, e sahiram em uma pequena campina ao sopé de um monte, assim coberto de tabocas ou cannas cortantes, que não podiam vêr o inimigo que alli estava em numero grosso. Nada obstante, os nossos, que tambem eram numerosos, o foram buscar com muita coragem, do que se seguiram muitas mortes e ferimentos, assim de officiaes como de soldados. Os indigenas houveram-se optimamente, e brigaram com valor. Durou este combate desde as duas horas da tarde até que a noite veiu separar os combatentes. Como a nossa polvora estava quasi de todo consumida, o chefe Hous retirou-se durante a noite para Tapicura, levando o maior numero possivel de feridos. Perdemos uns duzentos homens, uns mortos e outros feridos, entre os quaes varios officiaes, como o capitão Andries Fallo, atravessado por uma bala, do que veiu depois a morrer no Recife; o capitão Sicquema ferido em tres partes, o tenente Hoyckesloot morto, o tenente Jacob Hemel

(6) Engenho de Belchior Rodrigues Covas, cuja casa de vivenda era, diz Callado, pag. 193, « a mais alterosa e espaçosa que no sertão de Pernambuco havia. »

morto, o tenente Schot ferido mortalmente (depois morreu), e mais outros.

Creio que o inimigo não recebeu tambem pequeno detrimento (7); pelo menos sei que perdeu duas pessoas principaes: o capitão João Paes Cabral e Ignacio Mendes de Azevedo, e outros; e pois não tem muito de que gloriar-se. E se não fôra a estreiteza do passo, que apenas permittia caminharem emparelhados dois homens, bem como o grande escarpamento do monte, e as tabocas cortantes que muito estorvaram os nossos, pois os mais dos nossos andavam descalços, as cousas houveram facilmente corrido de modo diverso.

4. — O Sr. tenente-coronel chegou á Tapicura, e d'ahi seguiu para S. Lourenço, onde repousámos alguns dias, e nos provemos de polvora, chumbo e morrões. Seguiu depois para o engenho Nassou, na Varzea, onde acampou.

N'este entretanto haviam desembarcado em Tamandaré os mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, com mil e setecentos ou mil e oitocentos homens vindos da Bahia. Sem detença marcharam para Serinhaem, cujo fortim sitiaram e tomaram, e muito mal se houveram com os indigenas, não cumprindo com o que haviam promettido (8). Procedendo em sua marcha, desceram para Ipojuca afim de cercar tambem Santo Antonio, mas ficaram em Pindova (Pindoba).

(7) Os nossos, segundo Fr. Raphael de Jesus, liv. VII, n. 21, tiveram 37 feridos e 28 mortos.

(8) Segundo o artigo 5º da capitulação do forte de Serinhaem, « o commandante e o capitão (Samuel Lambert e Cosme de Alouch·ron) entregaram aos portuguezes os indios com suas mulher·s e filhos, como subditos que são do rei D. João IV, a quem Deus guarde. »

« Os indios serão entregues á discrição e prudencia dos Srs. governadores, á cuja cortezia e bom acolhimento o commandante e capitão os recommendam.

Foram estrangulados uns 33. Vide Nieuhoff, pag. 120 e 121.

10. — Em Santo Antonio do Cabo receberam os nossos a noticia de haverem as tropas da Bahia seguido de Pindova e chegado á Tabatinga ; noticia que logo foi communicada aos altos conselheiros. Estes ordenaram ao ex-capitão de cavallaria Jasper van der Ley, coronel dos paisanos, que deixasse Santo Antonio, e se retirasse para a fortaleza de Nazareth (*van der Drussen*), no Pontal, o que Ley effectuou entre os dias 11 e 12.

O inimigo chegou uma hora tarde para sorprender os nossos em Santo Antonio, mas ahi incorporou-se com João Fernandes Vieira, bem como com Camarão e Henrique Dias, que por terra tinham vindo da Bahia. Assim, que tinham ao presente reunidas todas as suas forças em Santo Antonio.

Idem. —Porto Calvo.— Desde o começo de Junho andavam o Camarão e Henrique Dias com mil e quatrocentos ou mil e quinhentos homens, entre indigenas e negros, na mata de Santo Antonio Grande, não podendo avançar, como desejavam, por causa das copiosas chuvas. N'este meio tempo fizeram os nossos seu armazem no forte, e os paisanos foram postos a cargo do capitão David de Vries. Na entrada de Julho, tendo os do forte recebido noticias do Recife, ficaram sabendo que os moradores se haviam revoltado, e que o tenente-coronel Hous se puzéra em campo para accommodal-os ou fazer-lhes rosto. E começaram os camponezes a cercar de tal modo aquelle forte, que os nossos não ousaram mais deixar o abrigo de suas muralhas. E' assim que, tendo o commandante Piere Chan Fliery mandado na entrada de Agosto que o alferes Willem Robberts fosse com doze soldados escoltar pelo rio o barco do capitão Pieter Claesz, e sendo acompanhado voluntariamente o dito alferes pelo secretario Ravenswap e mais cinco homens, entre paisanos e gente de trem, a 6

soube-se por dois soldados escapos que os portuguezes, emboscados em numero de sessenta, haviam mettido á espada todos os nossos ; e d'este modo proveram-se os rebeldes de boas armas. Ficaram, pois, os nossos inteiramente cercados e apertados em seu forte. Como estavam mui arruinadas as muralhas, começaram a reparal as, conforme podiam, e a fortalecer a praça com palissadas, e no meio d'ella levantaram um cavalleiro, que tudo dominava. Em dito forte alojou-se o capitão David de Vries com os paisanos. A 7 descobriram que com as copiosas chuvas penetrára agua na cava da polvora, e sendo esta pouca, ficou quasi de todo deteriorada. A 8 passou-se para o inimigo o francez Francisco Piscot, que era sargento dos burguezes, e por elle ficaram sabendo os contrarios o estado do nosso forte. A 9 diligenciou David de Vries, acompanhado de alguns soldados, recolher para dentro do forte o gado, que vagava ao redor d'elle, pois o inimigo tencionava leval-o ; de feito foram recolhidas algumas cabeças. Tendo o inimigo assentado os seus quarteis ao alcance do canhão do forte, mas por traz de montes, não ousaram mais os nossos pôr a cabeça de fóra.

11. — Forte *Mauritius* no rio de S. Francisco. — De manhã ordenou o commandante Samuel van Koyn (pois suspeitava traição) que dois soldados fossem recommendar aos da campanha trouxessem para junto do forte as setenta cabeças de gado em que tinham sido tributados pelos escabinos ; esses soldados foram cruelmente mortos. Este mesmo dia chegaram da Bahia por terra duas companhias ao mando de Nicoláo Aranha e do capitão Francisco Lopes ; acompanhadas de alguns oitenta camponezes do Rio Real, bem armados e commandados pelos capitães Diogo de Oliveira e Pedro Aranha, os quaes se mostraram ao outro dia pelas 10 horas. Tomaram-nos um batel grande, causan-

do-nos assim não pequeno damno. Os marinheiros, que estavam no matto, percebendo que lhes levavam o batel, gritaram — Quem está ahi? e responderam-lhes com tres tiros. Jogou o canhão do forte, mas o inimigo desceu o rio no batel, e depois o queimou. Em dito forte nada haviam sabido anteriormente ácerca da revolta, e esperavam que permanecessem fieis os moradores; souberam, porém, que tres ou quatro dias antes elles haviam assassinado alguns paisanos neerlandezes, *lavradores de roça*, pescadores, *feitores de curraes* (9), ao todo trinta e seis ou trinta e sete homens. Tambem mataram sete soldados e mal feriram o tenente Hans Koeger, que haviam sahido para pôrem sob a protecção do forte as canôas, que estavam no rio, ou afundal-as afim de impedir ao inimigo a navegação do mesmo rio; deram quartel ao tenente, mas tres dias depois o mataram.

12. — Os rebeldes ajudados das tropas bahianas puzeram cêrco ao forte, e deputaram aos nossos o parocho d'aquelle districto, chamado Amaro Martins, para requerer a entrega da praça. Allegou o enviado que por então podiam os nossos obter quartel, porquanto o commandante Aranha viéra da Bahia em soccorro dos hollandezes, ao passo que os moradores desejavam matal-os todos. A' estas e outras razões que taes responden o commandante Koyn que, se o capitão Aranha viéra como amigo, como tal ser-lhe-hia bem aceito, mas de outro modo não, pois estava bem provido de polvora e bala. Com este recado retirou-se o guapo embaixador. Logo depois ouviu-se toque de caixa, e foi o inimigo assentar acampamento ao lado de Penedo, por traz de um monte. Não cuidaram mais os nossos que em reparar as muralhas e preparar outros

(9) As palavras sublinhadas são textuaes.

meios de defesa, e não mais ousaram sahir do recinto da praça.

Este mesmo dia os do Recife avistaram ao mar varias velas, que conheceram serem portuguezas. Sobre a noite essas velas deram fundo diante do Recife e ao sul dos nossos navios, que em numero de cinco estavam surtos no porto. Compunha-se a armada portugueza de vinte e oito velas (10), e tinha por almiranta um grande galeão. O Sr. almirante Lichthardt passou-se sem detença ao porto, e providenciou ácerca dos nossos navios. A' noite conveteram em brulote o naviozinho *Gulden Ree* para queimar o grande galeão, que não seria facilmente tomado; os navios *Deventer* e *Propheet Elias* porfiaram por se fazer ao mar, mas o vento cursava d'elle e não poderam apartar-se da costa.

13. — Amanheceu ainda perto dos nossos navios a armada portugueza com bandeiras brancas, ao que responderam os nossos arvorando a bandeira vermelha (11) e o pavilhão do principe. Ordenou o Sr. almirante que se dirigissem á armada portugueza a sua chalupa e batel, e os portuguezes lhe enviaram dois embaixadores em uma pequena caravela. O capitão do navio *Uytrecht*, tendo sido mandado pelo almirante ao galeão, foi mui bem recebido do general, e de volta informou ao Sr. Licht-hardt que a capitánea portugueza era um poderoso vaso, contendo, segundo sua estimação, alguns trezentos homens. Seguiu logo para terra o nosso almirante com os ditos embaixadores, que foram recebidos pelos Srs. altos conselheiros e immediatamente ouvidos. Eram embaixadores do general

(10) Trinta e sete.

(11) *Le drapeau rouge, au milieu du quel estoit representé un bras nud, tenant un coutelas à la main, signal ordinaire à provoquer quelqu'un au combat....* Moreau, pag. 73.

da armada Salvador Correa de Sá, e traziam uma carta do governador-geral da Bahia, Antonio Telles da Silva dirigida aos nobres e altos Srs. conselheiros. Em dita carta se continha o seguinte :

« Em minha carta anterior assegurei a vossas nobrezas que, segundo as ordens de el-rei nosso senhor, estava eu disposto a assistir lealmente ao governo de vossas nobrezas, e porque, depois que para ahi partiu o Sr. Jeronymo Ferrão de Paiva com os soccorros, que vos enviei, chegou a este porto o Sr. Salvador Corrêa de Sá, general da armada vinda do Rio de Janeiro, lhe ordenei que sem detença fosse surgir com seus navios no porto do Recife, e enviasse á terra duas pessoas de distincção para beijarem as mãos de vossas nobrezas, e em nome de nosso rei apresentar-vos esta armada, que vai em vossa assistencia. »

Os embaixadores trouxeram tambem copia da carta que o governador Antonio Telles da Silva dirigira aos altos e nobres conselheiros, quando lhes enviára Jeronymo Ferrão de Paiva com aquelles soccorros, e cujo original ainda não lhes havia chegado ás mãos. Rezava essa copia « que os Srs. conselheiros lhe haviam enviado dois embaixadores para lhe pedirem auxilio contra os revoltosos de Pernambuco, bem como para se queixarem de que houvessem sahido tropas da Bahia em assistencia dos mesmos rebeldes; protestava elle governador altamente que, se alguma força viéra a Pernambuco, nenhuma ordem déra n'este sentido, e tudo se passára sem sua sciencia; antes prohibira terminantemente por publicos editaes que se atrevessem a fazêl-o, sob penas corporaes, como podiam testemunhar os nossos que lá foram de embaixadores. Quanto a D. Filippe Camarão, general dos indios, e Henrique Dias, capitão dos negros militares, havia muito que tinham sido dispensados do serviço de el-rei, pois que durante as treguas (em que

muito confiava) não tinham tido emprego algum de sua mão, e como Camarão costumava dizer que queria tornar para Pernambuco, sua velha patria, (12) acreditava que por esta razão se partira para aqui,e tomára por companheiro a Henrique Dias, pois eram bons amigos. Finalmente quanto ao auxilio requerido pelos embaixadores, enviava com a carta a Jeronymo Ferrão de Paiva, general da flotilha, e dois mestres de campo, Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, a quem ordenára seguissem quanto antes na flotilha, que se achava então na Bahia, para Tamandaré, onde desembarcariam afim de irem prender a João Fernandes Vieira(13). A esta carta juntaria copia da que lhe escrevêra o mesmo Vieira. »

Cópia da carta que me dirigiu João Fernandes Vieira. —Dizia em substancia que « os hollandezes tyrannisavam os moradores de Pernambuco, pois eram estes assassinados e trucidados por *Tapuyas* e indigenas(14), o que os hollandezes,a pretexto de culpas,entendiam ser necessario,e muitas outras queixas; pedia,pois, assistencia contra os flamengos,visto como não estavam dispostos a supportar por mais tempo tal oppressão, e por isso já haviam tomado armas. »

(12) Sobre a patria de Camarão consultem-se o volume III das *Biographias de alguns poetas e homens illustres de Pernambuco*, e o volume II das *Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão*.

(13) O autor confunde a carta escripta a 22 de Julho pelo governador Antonio Telles da Silva com a outra do mesmo governador, datada de 9,pois empresta áquella declarações que se contêm n'esta.

Se o supremo conselho recebeu então a copia, e não o original da carta, cujo portador era Ferrão de Paiva, fica provado que este não acompanhava a frota de Salvador Corrêa de Sá.

(14) *Tapoyes en de brasilien.* Parece-me que os indios, que o autor designa com o nome de *brasilienen* para distinguil-os dos *Tapuyas*, eram os *Petiguares*.

Igualmente mandou copia da carta que em resposta dirigira a João Fernandes Vieira, na qual se lia que « ficava entendido do seu pedido de assistencia; que tal pedido era de christão, porquanto elles pertenciam a uma nação sujeita a um rei e senhor; entretanto, como elle governador tinha ordens expressas do rei de não violar de modo algum a paz assentada com os hollandezes, pelo contrario de assistil-os, se para isso fosse requerido, negava-lhe todo o soccorro; e o que enviava aos altos conselheiros,tinha por fim arranjar os negocios,de modo que os moradores viessem a ser restituidos á tranquillidade e liberdade, em que anteriormente viviam e traficavam; tudo com muitas palavras sonoras, assegurando a muita fidelidade que em nome do seu rei guardava a este Estado dos hollandezes. »

Em consequencia d'estas communicações,os altos conselheiros deputaram os Srs. Gijsberth de With e Henrique de Moricheroyom ao general Salvador Corrêa de Sá para agradecer-lhe mui amigavelmente a offerecida assistencia, que tinhamos por suspeita, pois não a haviamos pedido, e portanto rogar-lhe que, em nome da amizade, houvesse de levantar ancoras, e caso assim não fizesse,empregariamos os necessarios meios (que Deus nos havia de facultar) para a isso forçal-o.

Pela tarde, estando promptos os ditos enviados para seguirem para o porto com os embaixadores portuguezes, que haviam sido hospedados e bem tratados em casa do Sr. Walbeeck, levantou-se um vento forte, que forçou a armada a desaferrar e fazer-se á vela. Tornaram, pois, os nossos enviados sem haver dado desempenho á sua commissão, e os portuguezes seguiram a armada na pequena caravela.

13.—Fortaleza de Nazareth (*van der Dussen*). De Santo Antonio do Cabo foram a ella dois commissarios com cartas dirigidas ao commandante Hoogh-straten e Ley. Em uma

lia-se que as tropas da Bahia haviam chegado a Santo Antonio para o fim de pacificar os moradores, que se tinham levantado contra os nossos, e não para violar a paz, com quanto fortes e poderosas razões para isso tivessem, pois bastava o que acontecêra em Coujaou (Cunhaú) e outros lugares; o seu intento, porém, era reduzir os moradores á sua antiga obediencia. A outra, dirigida particularmente a Hoogh-straten, rezava que esperavam elles, cumprisse agora Hoogh-straten a promessa, que fizéra na Bahia ao governador Antonio Telles da Silva, de lhes entregar a fortaleza. A estas cartas responderam Hoogh-straten e Ley com outra cheia de cumprimentos. Com isto se foram para Santo Antonio os dois commissarios, que eram João Gomes de Mello e o alferes de Paulo da Cunha.

14. —Retiraram-se de Santo Antonio e caminharam toda a noite as forças inimigas distribuidas em duas divisões, uma ao mando de Martim Soares Moreno, e a outra ao de André Vidal de Negreiros, por haverem sido informados que o tenente-coronel Hous se achava no engenho Nassou, sito na Varzea, com uma força que não excedia a quatrocentos homens. Marcharam, pois, André Vidal, João Fernandes Vieira, Camarão e Henrique Dias, para Muribeca, onde fizeram corpo com elles os moradores da freguezia e da Varzea. Martim Soares Moreno seguiu para Alagôa Wais (Algodoaes) com a outra divisão, e os burguezes de Ipojuca e Santo Antonio, e á manhã de 15 chegou ao monte do Cabo. A 16 mandou Martim Soares dois commissarios á fortaleza, a saber: o capitão Paulo da Cunha Souto Mayor e João Gomes de Mello, a quem Hoogh-straten (como se estivesse agora manifesto), não quiz ouvir; e, pois, tiveram de voltar sem nada haverem feito.

15 —Chegou em um barco ao Recife o tenente La Montagne com seus soldados e alguns paisanos, acompanhado

de um alferes portuguez, portador da carta original do governador Antonio Telles, cuja copia acima fica, ácerca dos soccorros que enviára por Jeronymo Ferrão de Paiva, e de outras de André Vidal, em que se desculpava muito mal do que fizéra em Serinhaem, dando todavia a conhecer que tinha ordem de não deixar, para segurança de suas tropas, forte algum atraz de si. Deu razão o tenente das forças do inimigo e entrega do fortim, ao que se viu forçado ; referiu que em dito fortim achavam-se trinta e nove indigenas, aos quaes prometteram os portuguezes quartel, mas não cumpriram a sua promessa, pois esperaram-n'os nas palissadas e os assassinaram(15). Soube o capitão Blaer que o inimigo tinha em seu poder sua mulher e a do ex-capitão Joannis Hick, tenente-coronel dos paisanos e muito desgostoso ficou com esta noticia(16).

16. — Parti do Recife a cavallo para o engenho Nassou afim de seguir para o engenho Rotterdam (onde era o meu alojamento), e que d'aquelle dista sómente meia legua, pois alli tinha que fazer. No acampamento do nosso exercito soube que o capitão Blaer sahira com sua companhia de arcabuzeiros. Voltou á tardinha, trazendo tres mulheres portuguezas, a saber : a de Francisco Beranger, sogra de João Fernandes Vieira, a de Antonio Bezerra e a de Amaro Lopes, as quaes, segundo elle disse, seriam remettidas ao Recife e ahi mantidas até que a sua mulher e a do capitão Hick lhes fossem restituidas. Deixára o seu tenente com seis ou sete homens brancos, e cinco ou seis indigenas, fóra

(15) Achavam-se no forte de Serinhaem 63 indios, segundo Nieuhoff, e 56, segundo Callado. Vide pag.6, nota 3.ª

(16) Os nossos chronistas não fazem menção d'este facto, que parece ser verdadeiro, pois que a carta do supremo conselho, datada de 20 de Agosto de 1645, o confirma. Vide Nieuhoff, pag. 141.

do quartel, para passarem a maior parte da noite no engenho do Sr. Stadt-houder; voltaram elles á seguinte ante-manhã ao quartel. Este mesmo dia avançaram André Vidal, João Fernandes Vieira, Camarão e Henrique, Dias com todas as suas forças, para a Varzea, e sendo noite chegaram ao engenho de D. Cosma, sito a menos de um quarto de hora do engenho do Stadt-houder. Pretendem alguns que elles tiveram noticia de lhes haver o capitão Blaer levado as mulheres (17), pois que, se assim não fôra, não ter-se-iam approximado. Do dito engenho partiram ante-manhã.

17.— De manhã cedo parti do engenho Rotterdam para o engenho Nassou afim de seguir para o Recife. No engenho Nassou detiveram-me um pouco alguns amigos. Pelas 7 horas veiu um mensageiro avisar ao Sr. tenente-coronel que muitos portuguezes haviam passado o rio, e se aproximavam. Perguntando-se-lhe se o inimigo era numeroso, respondeu elle: *Tanta gente como terra* (18). Sendo ouvido o tenente, declarou que durante a noite não tinha havido novidade, nem soubéra cousa alguma. Pouco depois, approximando-se o inimigo, fez fogo sobre a nossa guarda avançada, ao passo que Camarão seguia para o real fim de occupar com os seus indios os caminhos que conduzem ao Recife. As nossas poucas forças, que não excediam a duzentos e cincoenta brancos e duzentos indigenas, se puzeram em armas na campina com a possivel presteza. Acercando-se d'esse lugar o inimigo em numero de tres mil homens entre infantes e gente de cavallo, fez retirar-se sobre nós a nossa guarda avançada com perda de alguns, e como, depois de escaramuçarmos um pouco, não podessemos manter o campo, fomo-nos recolhendo para a casa

(17) E' exacto. Vide Callado, pag. 217; Fr. Rafael de Jesus, liv. 7, n. 28.

(18) Textual.

do engenho, que, a não tomarmos este alvitre, o inimigo nos houvéra facilmente cortado a retirada, pois já o capitão Magalhães (como elle mesmo disse-me depois) se havia apartado da batalha com sua companhia para este effeito, e nos levou o alferes Flory com um bom troço, assim de brancos como de indigenas. Recolhidos na casa, oppuzemos forte resistencia, combatendo ainda durante duas boas horas, até que emfim consumiu-se o melhor de nossa polvora e inflammou-se o resto por infelicidade nossa; além d'isto, havendo-se o inimigo apoderado de um lado da parte inferior de dita casa, onde mettêra lenha, palha e polvora, corremos o risco de saltar e sermos trucidados, pelo que clamámos por quartel, e sendo-nos este concedido, mandámos fóra o tenente La Motta. Veiu ter comnosco um capitão portuguez da Bahia, e prometteu que nos seria dado bom quartel; mas como o chefe e principaes officiaes desejassem fallar com os proprios governadores, compareceram immediatamente André Vidal e João Fernandes Vieira, a quem requereram podessemos seguir para o Recife com todas as nossas armas, pedido que foi redondamente recusado, declarando-se que sómente concederiam a nós e aos indigenas quartel e passagem, que era o que deviamos solicitar. No entretanto certo padre, impaciente com a demora d'este concerto, tomando Vidal pela manga, lhe perguntou para que tantas condições, que os adversarios estavam em suas mãos, e *n'aquelle dia tinham ainda que fazer maior obra*. Disse, pois, immediatamente Vidal: « Se vossas nobrezas aceitam estas condições, bem está; e se não, hão de haver-se outra vez com as nossas armas. » Portanto forçoso foi rendermo-nos e aceitar as seguintes condições, escriptas em portuguez e vertidas para hollandez:

« Porquanto somos forçados, em consequencia do combate havido, a nos entregarmos ás mãos dos nossos inimi-

gos presentes, o general André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira ; rendemo-nos sob a condição e promessa de ser concedido quartel, assim a nós neerlandezes, como aos indigenas, e passagem para onde nos aprouver ; o que, em fé da verdade, é confirmado com juramento aos santos Evangelhos. 17 de Agosto de 1645. » Estava assignado : André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira (19). »

Depois que validámos este accordo, pedimos que nos mandassem para a armada portugueza, afim de sermos enviados para Portugal e não para Bahia, e André Vidal, tomando a penna, escreveu o seguinte de seu proprio punho em dita capitulação :

« Estes senhores irão para o Cabo ou Ipojuca afim de embarcarem na armada. Declaro que não somos inimigos seus, mas viemos para ajudar os moradores, que em toda a terra eram mui molestados, e foram capitaneados por João Fernandes Vieira. Concedemos que os officiaes conservem as suas espadas, o que promettemos sob nossa palavra de christãos. (Estava assignado) — *André Vidal de Negreiros.* »

Estando os generaes dentro da casa, fallou comigo João Fernandes Vieira (pois estavamos da parte de fóra), e permittiu que eu trouxesse a minha espada, e tambem prometteu enviar-me para o Recife, com o que muito folguei.

Sem embargo da capitulação, depois que foram desarmados e sahiram os soldados brancos, assassinaram a sangue frio e infamemente trucidaram os indigenas, que seriam ainda em numero de cem. Vendo elles a sorte que os aguardava (pois os portuguezes começaram a matal-os antes de lhes haverem tomado as armas), oppuzeram

(19) Que houve capitulação por escripto, e n'ella se prometteu quartel aos hollandezes e indigenas, affirma tambem Nieuhoff, pag. 184.

grande resistencia primeiro que os podessem desarmar. Quando lhes pareceu que eram todos mortos, veiu um alferes portuguez com tres ou quatro soldados observal-os; o alferes, dando com o pé em um dos indigenas, que estava mui mal ferido entre os mortos, disse: *Me parece que este está ainda vivo;* e tal ouvindo o indigena, pois elles fallam portuguez, pôz-se em pé de um salto, empunhando uma faca que tinha comsigo, cravou-a no coração do alferes e feriu um soldado. O outro, presenciando esta acção, fez-lhe logo a cabeça em pedaços, e para tomar vingança da morte do alferes deu algumas cem estocadas no cadaver (20).

Na casa tivemos trinta e sete mortos, entre os quaes o tenente Trillanius. O inimigo perdeu um dos seus capitães principaes, e teve mais de cem feridos (21).

Duzentas e quatro pessoas foram conduzidas presas ao engenho Remeces(22) de João Fernandes Vieira, entre as quaes o tenente-coronel Hous, o commandante Listry, os capitães Wilt Scheut e Blaer, tres tenentes, dois alferes,

(20) O rigor de que usavam os portuguezes com os indigenas provinha de que « sendo vassallos de el-rei e nascidos na capitania de Pernambuco, e criados aos peitos da santa madre igreja romana e doutrinados na fé de Jesus Christo, nosso Salvador, elles se haviam mettido com o inimigo, e o haviam encaminhado e ajudado a nos ganhar a terra, e haviam sido os maiores traidores e mais carniceiros tyrannos que n'esta guerra haviamos tido, roubando aos moradores, profanando as igrejas, desflorando por força as donzellas e violando as casadas, e, finalmente, matando os innocentes por comprazer aos flamengos e por a grande sêde que tem do sangue portuguez. » Callado, pag. 223.

(21) Tivemos seis mortos e 35 feridos, segundo Callado; 18 mortos, segundo Fr. Rafael de Jesus.

(22) Engenho de S. João Baptista, na Varzea, dizem os nossos chronistas.

tres paisanos : os Srs. Jacob Dasine, Jacob Vermeulen e eu. Todos nós, menos o Sr. tenente-coronel e seus officiaes mais graduados, fomos encerrados e guardados na casa de purgar. Antes de entrar para ella fallei com Padro Coinbre com quem tinha relações; offereceu-me os seus serviços, e, como eu lhe referisse o que me concedéra o governador João Fernandes Vieira, prometteu-me que m'o havia de alcançar, e para este fim lhe fiz presente de um bello annel com rubim.

18. — Os Srs. tenente-coronel commandante Briston, capitão Wild-Scheut e Blaer partiram a cavallo para Santo Antonio do Cabo, e depois para Serinhaem, afim de seguirem por terra para a Bahia. Entre Serinhaem e Santo Amaro mataram o bom capitão Blaer com quatro balas de liquação, que lhe atiraram de dentro do mato, e o deitaram do cavallo abaixo. Foi um afamado cabo de guerra, cuja morte é para lamentar.

Quanto a nós, continuavamos presos na casa de purgar. Diligenciavam os portuguezes angariar para as suas fileiras os nossos soldados, fazendo-lhes muitas promessas, e até á época de minha partida, perto de trinta se tinham prestado a servil-os. De dia em dia vinham juntar-se comnosco outros hollandezes, presos aqui e acolá. Por vezes fizeram-os sahir dois a dois, a pretexto de seguirem para o Recife (viagem que, não me agradando, deixei de solicitar), e quando fóra do quartel eram mortos, como aconteceu a Maximiliaen Guypijn e outros. N'este entretanto fomos accusados eu e Jacob Vermeulen de escrevermos diariamente por meios secretos para o Recife, e como nos revistaram, a vêr se tinhamos comnosco penna ou tinta, não passámos pequeno perigo.

9. — Veiu á fortaleza de Nazareth, no Cabo, um mulato do chefe Haus com cartas dos portuguezes ao comman-

dante Hoogh-straten, em as quaes referiam a derrota e prisão d'aquelle chefe.

Este mesmo dia Hoogh-straten enviou ao Recife o *schout* (23) Holl com cartas, em que dava razão aos altos e nobres conselheiros do estado do Pontal. E porque nã0 ousasse sahir o capitão de navio Marten Thijsen pela barra do norte (visto como achava-se o inimigo no castello á borda d'agua), contando fazer-se ao mar pela do sul, ahi teve de esperar alguns dias por causa do tempo; e succedeu que na noite de 22 para 23 abordaram os portuguezes o seu navio com barcos rasos e o tomaram.

25. — Martim Soares e André Vidal tornaram a enviar á fortaleza Paulo da Cunha e João Gomes de Mello com cartas, em que communicavam aos nossos haverem elles apprehendido muitas mulheres no barco, e perguntavam se não queriam fazer-lhes entrega da fortaleza, pois bem sabiam elles que não podiamos conserval-a por mais tempo. A isto responderam Hoogh-straten e Ley, e ao mesmo tempo pediram que lhes reenviassem as mulheres, promettendo os embaixadores que assim o fariam. Tendo Hoogh-straten mandado copiar as cartas, cujos originaes foram tomados no barco, ordenou ao capitão Koert Bruynen que seguisse para o Recife em sua galeota, que estava ao pé da guarda avançada ou de fogo. O capitão Koert levantou ancora e se fez á vela, e como o castello d'agua o salvasse, respondeu-lhe com os seus tres pedreiros (24) e transpôz a barra. A' noite foi ter além do Recife, e entrou em Itamaracá.

(23) *Schout* quer dizer *bailio*. Os nosses, aportuguezando esta palavra, a converteram em *esculteto*. « Era a autoridade executiva, ou delegado da administração e promotor publico do lugar, e ao mesmo tempo executor da fazenda. » *Historia das lutas com os hollandezes no Brasil*, pag. 126.

(24) *Steen-stuck*. Peça de artilharia que atira pedras em vez de balas

d'onde mandou as cartas por terra. N'este entretanto ordenou Hoogh-straten que vivamente jogasse a artilharia da fortaleza, o que aliás não parecia necessario, a não ser para gastar polvora.

27. — Os governadores mandaram á fortaleza os dois commissarios com as mulheres e cartas. N'estas faziam sentir a sua admiração pela tardança de Hoogh-straten.

Os nossos incumbiram aos commissarios que tão sómente agradecessem a restituição das mulheres, quanto á fortaleza não estavam resolvidos a entregal-a. Recolhidas as mulheres á fortaleza, espalharam entre os soldados a noticia do bom tratamento que haviam recebido dos portuguezes, do que se causou passarem-se para os contrarios, de quando em quando, alguns soldados francezes.

29. — Jacob Dassine, Jacob Vermeulen, eu e doze soldados, fomos enviados para Santo Antonio pelo governador Vieira, escoltados por soldados da Bahia, que nos trataram bem. A 30 chegámos a Santo Antonio, onde encontrámos presos o *schout* Holl, tres marinheiros do barco tomado no Cabo e o tenente Jacheris, que, tendo partido antes de nós com os outros officiaes, aqui ficára por doente. Ao outro dia vieram da Varzea reunir-se comnosco mais vinte e um soldados.

Esperavamos que nos conduzissem para o Cabo afim de ahi embarcarmos, conforme nos prometteram, mas allegaram que a fortaleza ainda não se havia rendido, pelo que seguiriamos para Serinhaem, onde haviamos de embarcar. De feito para ahi partimos este mesmo dia, ficando Jacob Dassine detido em Santo Antonio por queixas de Pedro Marinho Falcão. Ia preso comnosco, mas a cavallo, o *schout* Holl; e um pouco adiante de Tabatinga, vindo atraz de nós, foi derribado do cavallo e cruelmente assassinado,

do que foi principal causa Jasper Gaisales Villus (25). A' tardinha chegámos á Ipojuca.

Na entrada de Setembro seguimos de Ipojuca para Serinhaem, acompanhados de alguns emissarios que se houveram muito mal comnosco. Pernoitámos no engenho Sibro de Beixo (Sibiró de Baixo ?), e ao outro dia chegámos a Serinhaem. Aqui todos nós, que eramos em numero de trinta e nove pessoas, fomos mettidos em um sujo e fetido calabouço, onde mal cabiamos. Trataram-nos muito mal.

Idem. —De manhã cedo desceu do monte do Cabo á fortaleza de Nazareth um sargento reformado com cartas do governador ao commandante Hoogh-straten. Pedia-lhe que mandasse refens afim de se poderem entender, e estranhava a sua muita tardança em fazer entrega da fortaleza; se não lhe bastavam as promessas que lhe fizéra na Bahia o governador Antonio Telles da Silva, elles estavam promptos a garantir o seu cumprimento, e, se essas promessas eram insufficientes, em nome do seu rei as acrescentariam. Foi concedida a conferencia, e escolhidos Johan Hick e o tenente Jacob Flemming para servirem de refens do capitão Paulo da Cunha Souto Maior e do auditor geral Francisco Brabo da Silva. Ao meio-dia, justamente quando os nossos iam, chegaram elles com os seguintes artigos:

1.° — Poderão viver livremente em sua religião, sem serem n'ella estorvados, uma vez que não dêm escandalo.

2.° — Poderão possuir e occupar livre e desembaraçadamente suas casas, engenhos e terras, cultival-as e traficar com seus frutos nos mesmos districtos sem serem molestados por pessoa alguma, como os possuiam anteriormente sob a obediencia dos altos conselheiros.

(25) Gáspar Gonçalves Villas, senhor do engenho Pindoba.

3.° —A todos os que se acham dentro e fóra da fortaleza, assim officiaes como soldados e gente de trem, serão pagos incontinenti, e em dinheiro de contado todos os seus soldos, e o que lhes deve a companhia. Caso alguns tenham perdido na presente guerra alguma cousa de sua propriedade, ou seja gado, negros, ou quaesquer outros bens de qualquer qualidade e natureza que sejam, lhes serão restituidos; e se houverem perecido no serviço, serão os donos indemnisados das perdas.

4.° — A todos os que quizerem servir ao rei de Portugal, ou sejam militares ou paisanos, percebendo os mesmos soldos com que servem á companhia, serão aceitos, e lhes serão logo adiantados dois mezes de soldo; os que, pelo contrario, se quizerem retirar, serão transportados livremente e sem despezas com todos os seus haveres e bagagens, para a Bahia, e d'ahi para o reino de Portugal etc.

O commandante adiou a sua resposta para o outro dia, e á tardinha, ao dar a senha, fez avisar até o Cabo *inclusive* que á seguinte manhã havia de reunir-se o conselho. Reunido este, ponderou o commandante que o Recife estava de tal modo sitiado por terra e por mar que não podia d'elle sahir cão nem gato, e portanto não deviam esperar que d'aquella praça lhes viessem soccorros. Além d'isto não dispunham de mais de quinhentas a seiscentas libras de polvora, e os viveres, sendo mui poucos, seriam brevemente consumidos; e tendo elle respeito ás boas condições offerecidas pelo inimigo, ás quaes esperava acrescentar mais algumas, as aceitava.

O ex-capitão de cavallaria Jasper van der Ley, coronel dos paisanos, disse que não lhe fôra confiada fortaleza alguma, e pois não tinha fortaleza que entregar; que

n'aquelle lugar tinha seu engenho com mulher e filhos (26), e não lhe convinha esperar até as ultimas : eram razoaveis as condições e elle as aceitava.

O ex-capitão Johan Hick, tenente-coronel dos paisanos, allegou que era um particular, e alli tinha seus haveres com mulher e filhos nas mãos do inimigo ; que Hooghstraten era commandante e podia fazer o que lhe parecesse bem.

Job Hick, ex-tenente, observou que era tambem um particular e tinha mulher; não lhe convinha, pois, esperar até ao extremo.

Albert Gerritsen Wedda, ex-capitão-mór de campo, declarou que aceitava as condições. Tinha todos os seus haveres no Cabo, e não desejava perdêl-os pela companhia, pois bem sabia que, se os perdesse, ella não lhe daria outros.

O tenente Wenzel Smit fez sentir que não se embaraçava com a companhia, e queria ir para a sua *roça*.

O tenente Jacob Flemming ponderou que, podendo-se conservar ainda a fortaleza, não cumpria entregal-a. Queria combater até o ultimo homem.

O alferes Barent van Tekelen-borgh e o commissario Johannes van Broek-huysen reflectiram que não lhes faltava cousa alguma ; portanto opinavam que se combatesse até o ultimo soldado.

Conseguintemente foram aceitas as condições que atraz ficam.

(26) Gaspar van der Ley casára-se com D.Maria de Mello, filha de D. Manoel Gomes de Mello e de D.Adriana de Almeida.

Segundo de Laet, *Annaes da Companhia Priviligiada das Indias Occidentaes*, pag. 513, já em 1636 se achava Ley casado em Pernambuco.

A' tardinha vieram do monte, em que se achava o exercito inimigo, Paulo da Cunha, Francisco Brabo da Silva e outros sujeitos, trazendo certa somma de dinheiro; foram conduzidos á igreja do Pontal. Hoogh-straten ordenou que sahisse a guarnição da fortaleza com suas mochilas, e como alguns se mostrassem reluctantes a esta ordem, lhes dirigiu palavras violentas. Foram logo pagos a cada soldado trinta florins, que muitos não quizeram receber dizendo,— Somos trahidos! Mas foram a isto forçados por Hoogh-straten. O tenente Jacob Flemmingh, que estava mui pouco satisfeito, tambem não quiz receber dinheiro, e foi mui injuriado por Hoogh-straten; mas depois viu-se forçado a aceitar certa quantia. Tendo sahido os soldados, Hoogh-straten fêl-os reunir na campina ao pé da fortaleza, e lhes propôz servirem ao rei de Portugal, promettendo-lhes que ficariam sob o seu commando, ao que alguns logo se prestaram. E assim a 8 d'este mez foi a fortaleza entregue ás mãos dos traidores (27).

9. — Presos até esta data em Serinhaem, contavamos que seriamos enviados por mar para a Bahia, mas avisou-nos o capitão de navio Gil Lopes, em presença do capitão Hick (que tinha vindo da fortaleza de Nazareth) que haviamos de seguir por terra para aquella cidade, com o que nos faziam grande mercê, pois não estavam obrigados a conservar-nos a vida, e que partiriamos sem mais detença, visto como já havia sahido a companhia que nos tinha de escoltar. Pouco depois um francez avisou secretamente ao tenente Jacheus que a companhia, que havia sahido, tinha ordem de assassinar a todos nós, e não tinhamos outro remedio senão alistarmo-nos no exercito, ao que todos logo

(27) Vide Nieuhoff, pag. 126 até 132. Moreau, pag. 83; Callado, pag. 241 e 242; Fr. Rafael de Jesus, liv. VII n. 40.

nos resolvemos, Como porém, o capitão-mór de Serinhaem, Alvaro Fragoso de Albuquerque, não estava autorisado a aceitar-nos sem ordem especial dos governadores, obtivemos assim um adiamento, e a companhia se tornou a recolher.

N'este entretanto ouvimos troar o canhão na praia. Ao outro dia entraram em Serinhaem muitos feridos e a maior parte dos que haviam fugido dos navios portuguezes. Soubemos que o Sr. almirante Lichthart tinha acommettido e destruido a frota portugueza em Tamandaré. A pretexto de que os nossos não davam quartel, desejavam os contrarios assassinar-nos,de modo que alli viviamos em um continuo susto.

17. — Porto Calvo — Desde 11 de Agosto, que foi quando ficaram os nossos de todo cercados,tiveram varias escaramuças com o inimigo,que por vezes os foi procurra até junto de suas muralhas; os nossos fizeram tambem varias sortidas. A 16 o inimigo depôz diante do forte um pão com uma bandeirinha branca, ao qual estava presa uma carta; o commandante Flury mandou-a buscar. Era uma carta de Christovão Lins de Vasconcellos, senhor de engenho (28) e capitão-mór dos moradores de Porto Calvo. O commandante fêl-a lêr em voz alta diante de toda a guarnição. O que estava escripto em dita carta era um conto de velhas: rezava que uma grande armada aportára em Tamandaré; que o Recife estava cercado por terra e por mar por trinta navios, e bem assim o Pontal; que o forte Mauricio se havia rendido; Itamaracá, Parahyba e o Rio Grande estavam tão estreitamente sitiados que cousa alguma podia entrar nem sahir d'estas praças; que o rei de Portugal havia comprado a dinheiro a terra, e o cêrco

(28) Do engenho *Buenos-Ayres* e outros.

não passava de uma farça, do que elles estavam mui bem informados, que Roelandt Carpentier e outros assistiam livremente em suas casas e engenhos, e pois queriam elles tratar tambem com os nossos: porque razão haviam os nossos de esperar até ao extremo ?

No entretanto ás mais das noites se emboscavam oito ou nove homens dos nossos a vêr se colhiam ás mãos alguns portuguezes,de quem houvessem exactas informações, mas não o conseguiram.

24. — Veiu de Serinhaem em assistencia do exercito inimigo o capitão Lourenço Carneiro de Araujo com sua companhia de soldados da Bahia. Lourenço Carneiro tomou o commando dos sitiantes Como o vissem vir, suppuzeram os nossos que era uma força amiga que acudia em seu soccorro, pelo que arvoraram bandeira e tocaram tambor, mas enganaram-se. Pouco depois veiu ao forte um alferes de Lourenço Carneiro para requerer a entrega d'elle ; disse que o Pontal se rendéra, e se haviam os da guarnição retirado em paz para suas casas, e sabiam elles portuguezes pelo francez Piscot que se molhára e deteriorára a nossa polvora. A 5 de Setembro tornou ao forte o dito alferes para fazer a mesma exigencia.

A 9 veiu á praça outro alferes, e requereu a sua entrega pela ultima vez. Este alferes referiu que o coronel Haus fôra derrotado na Varzea ; e a 2 d'este mez passára preso com seus officiaes por Santo Amaro (?), seguindo viagem para a Bahia; acrescentou que dentro em poucos dias o Recife tambem se renderia. Como o commandante adiasse a sua resposta, retirou-se o alferes. Com estas noticias entraram os soldados a mostrar má vontade. A 11 o senhor de engenho Domingos Gonçalves Marzagão e outro alferes, vindo á praça saber da resposta do commandante, trouxeram uma carta de Johan Hick a seu irmão Job Hick, pela

qual os nossos se certificaram da entrega do Pontal, pois de outro modo o não teriam acreditado. A' vista d'isto o commandante mandou a 15 ao inimigo o tenente Nicolaes Ouden-dorp, acompanhado do judeu Isaac Carvalho para servir de lingua, e tornaram a vir ao forte Domingos Gonçalves Marzagão e o dito alferes. Este mesmo dia concluiram a capitulação, que concedia aos nossos quartel e passagem por mar para a Bahia. A 17 de Setembro sahiram os nossos da praça com todas as armas, bandeiras despregadas, morrões accessos e toque de caixa, segundo as etiquetas militares e os artigos da capitulação, que o commandante tem comsigo. Comquanto promettessem os portuguezes fornecer aos nossos embarcação capaz para os transportar para a Bahia, apresentaram sómente um pequeno barco, em que se accommodou apenas o commandante com tres ou quatro pessoas; os mais, isto é, uns sessenta homens tiveram de seguir por terra. N'aquelle districto ficaram alguns, como o capitão dos paisanos David de Vries, que foi para seu engenho, e outros com passaportes ou titulos de residencia.

18. —Forte Mauricio no rio S. Francisco. Desde o dia 12 de Agosto, que foi quando ficaram os nossos inteiramente cercados, foram varias vezes atacados pelos contrarios que os não deixavam descansar de dia nem de noite, pois estavam a atirar continuamente com mosquetes por traz de umas pedras, que havia perto das muralhas (29). Pouco

(29) « A nossa gente se chegou tanto á fortaleza,que não ousavam os hollandezes a se pôr em cima da muralha, porque em deitando as cabeças por cima já estavam mortos com as nossas balas; e depois de rendidos nos mostraram alguns as mãos passadas com pelouros, porque para verem a nossa gente iam a pôr as mãos nos chapéos, e em as pondo logo as nossas balas lhes furavam os chapéos e as mãos. » — *Valeroso Lucideno*, pag. 261.

mais ou menos a 7 do corrente entrou pelo rio o capitão Jan Hoen com viveres para este forte e o de Sergipe de El-rei. Informado da chegada do capitão Hoen, o commandante Koyn enviou dois soldados para do melhor modo avisal-o do cêrco. Mas, como o capitão Hoen era atrevido, não quiz render o bordo ao mar, do que resultou tomar-lhe o inimigo o barco, sendo cinco ou seis dos nossos feridos e um morto. Os sitiantes enviaram ao commandante da praça varios commissarios, e lhe propuzeram comprar o forte por alguns *curraes de gado*, com o que muito se encolerisou o commandante Koyn, declarando que estava bem provido de polvora e balas, e não tinha que vêr com traidores, e portanto não lhe fallassem em taes infamias. Com este recado retirou-se o emissario para d'onde veiu. Dias depois o inimigo mandou aos nossos novo emissario com os homens que tinham sido apprehendidos no barco do capitão Jan Hoen, pelos quaes ficou o commandante sabendo que o Sr. tenente-coronel Hous fôra batido na Varzea (30), preso com os principaes officiaes, e conduzido por terra para a Bahia, bem como que o Recife estava tambem sitiado, e muito tinham que fazer os seus defensores para se desapressarem a si mesmos, pelo que não devia elle esperar soccorro algum d'aquella praça. Estas noticias causaram grande desanimo entre os soldados. Era, pois, voto geral que se tratasse de capitular. Reunido o conselho de guerra, e lançada no papel a sua resolução, foram deputados para negociar com o inimigo o capitão Philippo Schacht e o escabino Lubbert van Coeverden.

Eis-aqui o que resolveu o conselho de guerra e os artigos da capitulação :

(30) Fica assim averiguado que Hous não se entendêra com o commandante da fortaleza, como erradamente affirma Fr. Raphael de Jesus, liv. VIII, n. 15.

« Nós, officiaes do forte Mauricio no rio de S. Francisco, abaixo-assignados, reunidos em conselho hoje 17 de Setembro de 1645, resolvemos, obrigados de imperiosa necessidade e movidos das poderosas razões que abaixo vão, rendermos esta praça a partido:

« 1.° As nossas munições de guerra, isto é, polvora e morrões, que poupámos assim antes, como durante este cêrco de perto de seis semanas, acham-se ao presente esgotadas, de modo que não dispomos de maior quantidade de polvora que a que é necessaria para prover por uma vez sómente as bandoleiras. Não temos, pois, com que defender as nossas vidas.

« 2.° Igualmente começam a escassear os viveres, pois amanhã será distribuida a ultima ração de carne.

« 3.° Segundo todas as probabilidades, não seremos soccorridos pelos do Recife, pois sabemos com certeza que a maior parte dos nossos, commandados pelo tenente-coronel Hous, foram rôtos pelo inimigo, e que o Recife está assim apertado, que mal se póde sustentar.

« E caso succeda entrar por este rio em nossa assistencia um ou dois barcos com gente ou provisões, sabemos que os contrarios estão aqui de vigia em numero de trezentos homens, e embaixo com embarcações para o fim de tomar os soccorros que nos enviem, como já aconteceu.

« 4.° As forças inimigas, que presentemente montam a oitocentos homens, sabemos que crescem de dia em dia, ao passo que as nossas, como é manifesto, vão pelo contrario diminuindo. A nossa gente válida não excede a cento e quarenta e sete soldados, trinta homens de trem e vinte paisanos, ao todo cento e noventa e sete homens em estado de prestar serviço. Com esta força temos de occupar: 1° a fortaleza, cujo circuito é de duzentas e setenta e seis varas; 2° uma obra exterior de sessenta varas diante da

porta para defesa dos carregadores d'agua; 3° um parapeito na extremidade das pedras, onde devem estar de continuo sete homens para aguada e prompto soccorro (?). Assim que cada homem tem que occupar perto de duas varas de terreno. Além d'isto, como se sabe, não ha palissadas em torno da fortaleza, e as muralhas recentemente levantadas acham-se arruinadas e abatidas em consequencia das continuadas chuvas, de modo que por fóra é facil galgal-as. Está, pois, indicando a experiencia militar, que com tão poucas forças é impossivel defender tão largas obras contra adversarios numerosos.

« 5.° Tão pouco não tivemos meios de cortar a fortaleza, pois, como assenta sobre pedras, dentro d'ella não se póde haver a terra necessaria para levantar outra muralha.

« Outrosim, dado que fosse isto possivel, faltar-nos-iam os materiaes e homens que taes obras requerem, quando feitas ás pressas.

« 6.° A guarnição, mal alimentada, desnudada, vigiando continuamente nas muralhas, começa a sentir-se tão fraca e desalentada, que, a continuar este estado de cousas, é impossivel prevenir que se rebelle.

« Por estas e outras considerações, depois de maduro conselho, temos resolvido, como pelo presente resolvemos, entrar amanhã, 18 do corrente, em ajustes com o inimigo, e aceitar as melhores condições que d'elle podermos obter. Em fé do que assignamos este termo com os nossos proprios punhos. Feito em nossa assembléa no forte Mauricio. *Era ut supra.* (Estavam assignados) — *D. V. Koyn.* — *Hans Pietersz.* — *Smit.* — *Huybert Dop.* — *Hans Paap.* — *Thomas Pouwelsz.* — *Wolf Reurseits.* — *Philip Schacht.* — *Thomas Pay.* — *Barent Vlieger.* — *Boudewijn de Jager.* — *Pieter Rotterdam.* — *Lubbert van Coeverden.* »

« Nós, officiaes abaixo assignados, reunidos na fortaleza

Mauricio, fazemos saber ao honrado Sr. Nicoláo Aranha, commandante das tropas portuguezas no rio de S. Francisco, que por justas razões somos movidos a entrar em ajustes com sua nobreza ácerca da entrega da dita fortaleza, uma vez que sua nobreza nos conceda as seguintes condições e artigos, para o qual fim lhe deputamos o capitão Philip Schacht e o escabino Lubbert van Coeverden.

« 1.° O Sr. Nicoláo Aranha conceder-nos-ha podermos sahir todos para o Recife com bandeiras despregadas, caixas, todas as armas, bala em boca, corda accesa em ambas as partes, segundo os estylos militares, e aos seus foi anteriormente concedido.

« 2.° Todos os rendidos, soldados, paisanos, judeus, mulheres e meninos, poderão retirar livremente e intactas as suas bagagens, arcas e caixas ; poderão igualmente levar seus negros, negras e cavallos.

« 3.° O Sr. Nicoláo Aranha nos fornecerá embarcação capaz que nos transporte com as nossas bagagens para o Recife.

« 4.° Permittir-nos-ha levar-nos tres canhões de seis libras de bala com suas carretas.

« 5.° O dito Sr. Aranha ordenará que um official nos acompanhe, afim de nos escoltar livre e seguramente até o Recife sem sermos molestados do inimigo, e, alli entregar-nos-ha aos nossos senhores amos ; e caso o Recife se haja rendido antes da nossa chegada, o mesmo official nos entregará, sem mais sermos incommodados, ao general que commandar na praça, e este dar-nos-ha livre passagem para a nossa patria.

« 6.° Antes de partirmos seremos suppridos com as necessarias victualhas, de modo que possamos fazer convenientemente a nossa viagem.

« 7.° Soltará e permittirá que nos acompanhem os prisioneiros que se acham em seu poder.

« 8.° O official que nos escoltar, será obrigado, caso o Recife se ache em cêrco, a conduzir-nos livre e desimpedidamente á dita praça por entre a frota inimiga. »

Como d'estes artigos o Sr. Aranha concedeu uns e outros não, assentaram de deputar-lhe segunda vez o capitão Schacht e Coeverden, afim de requererem o seguinte sobre o que fôra concedido:

« 1.° Depois de havermos deposto as armas, caso não possamos levar as nossas bandeiras, concederá o Sr. Aranha que as separemos das hasteas. Outrosim concederá levarmos as nossas armas brancas.

« 2.° Dar-nos-ha o prazo de tres dias, isto é, até 21 de Setembro, para partirmos, conforme as praticas militares.

« 3.° Todos os officiaes, a saber: capitães, tenentes, alferes, sargentos, quartel-mestres, mestres de obras, *schout*, escabinos (31), secretario, commissarios e auditor, poderão levar seus negros e negras para lhes carregarem as bagagens.

« 4.° Conceder-nos-ha levarmos as bagagens que os nossos escravos e cavallos poderem carregar, sem serem visitadas.

(31) Eram os escabinos (*schepenen*) da povoação do Penedo, cujos moradores neerlandezes se haviam recolhido ao forte.

« Em lugar das nossas camaras municipaes, com seus juizes e vereadores, se installaram, desde 1637, em todas as villas, com analogia ao que tinha lugar na provincia de Hollanda, camaras de escabinos. O numero d'estes parece que variava, segundo a importancia das povoações, de tres a nove, e cada uma das duas nacionalidades portugueza ou hollandeza, em separado, tinha igual numero, sendo, porém, ordinariamente hollandez o esculteto que presidia, o que dava sempre a maioria em favor dos dominadores. » *Historia das lutas com os hollandezes no Brasil*, pag. 125.

« 5.° Os doentes e feridos, bem como as mulheres e meninos, serão transportados com escolta para a Bahia em embarcação capaz, sem serem revistadas suas bagagens.

« 6.° Cada um dos officiaes, paisanos e suas mulheres, poderá mandar no barco uma arca com suas bagagens, que não serão revistadas. »

Resposta do nobre Sr. Aranha :

« Em resposta ás propostas que o Sr. commandante e officiaes me fizeram, declaro que lhes concedo as seguintes condições :

« 1.° Serão todos enviados para a Bahia, acompanhados de um capitão, que obriga-se a alli entregar suas nobrezas. Sahirão com suas armas até onde nos aprouver.

« Os officiaes levarão suas espadas. Sahirá a guarnição com arma ao hombro, bala em boca, morrões accesos, tambor batente e bandeiras tendidas, segundo as praticas de guerra. Cinco paisanos poderão conservar seus sabres ou terçados.

« 2.° Os officiaes e soldados levarão suas bagagens. A cada official concedemos um negro, e estes serão relacionados em uma lista.

« 3.° O prazo que concedo é até as 8 horas da seguinte manhã, pois os moradores não permittem conceder maior espaço; os officiaes principaes, porém, poderão ficar comigo na fortaleza o tempo que lhes parecer.

« 4.° Não se tocará na roupa das mulheres. Aos officiaes principaes serão dados cavallos que os transportem para a Bahia.

« 5.° Forneceremos um barco, em que vão os feridos, mulheres e meninos. Em dito barco serão embarcadas as bagagens dos que as não poderem levar por terra.

« Os paisanos poderão tambem sahir com sua roupa e mochilas.

« Eis o que concedo aos hollandezes, pois não vim para lhes fazer guerra, e sim para ajudar os moradores, e estes não me permittem de modo algum que eu mais conceda. E para que a isto não falte, passei o presente papel hoje 18 de Setembro de 1645. (Estava firmado pelas seguintes pessoas, que faziam de capitães) — *Nicoldo Aranha Pacheco.* — *Valentim da Rocha.* — *Adriano da Rocha.*— *Francisco Lopes de Mattos.* — *Diogo de Oliveira Serp (de Lacerda).* — *Pedro Aranha.* — *Gaspar Fernandes Vilar.*

« Nós, officiaes do forte Mauricio abaixo assignados, declaramos que, pois não podemos mais obter, aceitamos as condições que acima ficam, e d'ellas somos contentes. Em fé da verdade assignamos todos o presente termo. Feito em conselho no forte Mauricio ao rio de S. Francisco (Seguiam-se as assignaturas).—*D. V. Koyn.*—*Philip Schacht.* —*Thomaz Pay.*—*Hans Pietersz Smit.*—*Wolf Koeseits.*— *Willem Sloot.*—*Hans Paap.*—*Boudewijn de Jager.*—*Pieter Rotterdam.*—*Lubbert van Coeverden.* »

Depois da partida do commandante e soldados, que seguiam por terra para a Bahia, entrou no rio o capitão Willem Lamberts com um *dogre* (barco hollandez de pesca) e tres barcos bem artilhados, nos quaes haviam de embarcar as guarnições do forte Mauricio, Porto Calvo e Sergipe de El-Rei, para se recolherem ao Recife. Mandou o commandante Aranha que fossem ao encontro do capitão Willem uma caravela (onde já haviam acondicionado a bagagem dos rendidos) e um barco com soldados. Acercando-se uns dos outros, disparou o capitão Willem suas peças, e os portuguezes vararam a caravela sobre um banco e lançaram-se á agua depois de uma pequena escaramuça, de modo que succedeu esbulharem os nossos os bens dos seus proprios compatriotas, e assim perderam os rendidos tudo o que era seu. O capitão Willem houvéra posto fogo á caravela se as

mulheres neerlandezas não intercedessem, pois o commandante Aranha declarou que, se os hollandezes queimassem a caravela, elle faria matar á mulheres e meninos. Pouco depois o capitão Willem despejou o rio. Para libertar os nossos devêra ter chegado tres dias antes.

N. B. Cumpre notar que o fortim de Sergipe de El-Rei, onde commandava o tenente Hans Vogels, tendo sido por esse tempo cercado por D. João de Sousa, capitão da Bahia, tambem se rendêra, pois que achava-se no forno o ultimo pão e não tinha a guarnição mais que comer, ao passo que dispunha de boa provisão de polvora e munições de guerra, ao contrario do que succedêra aos dos fortes Mauricio e do Porto Calvo, que, estando bem providos de viveres, tiveram de render-se por falta de polvora e murrões.

Mesmo mez.—Permanecendo nós no calabouço de Serinhaem desde 9 do corrente, chegaram presos a 14 ou 15 alguns sessenta homens dos que se haviam rendido no Pontal. Metteram-os em outro calabouço de modo que não podemos fallar com elles.

16.—Chegou a noticia de que não nos fôra concedido alistarmo-nos no exercito portuguez, e annunciaram-nos que no dia immediato seguiriamos por terra para a Bahia, dando-se-nos a entender que no caminho seriamos passados á espada. A' seguinte manhã, 17 do corrente, appareceram algumas mulheres neerlandezas, que aqui ficaram assistindo com passaportes depois da rendição do forte, e como não podiam fallar comnosco, andaram a passar furtivamente por diante da porta do calabouço onde jaziamos. Pouco depois veiu despedir-se de nós o capitão Hick, acompanhado do seu criado; entraram para dentro da prisão e choravam ambos tão sentidamente, que não poderam praticar comnosco, o que fez saltarem as lagrimas aos olhos de muitos soldados valentes. Como lhes perguntassemos se ha-

via alguma difficuldade, responderam que se a tropa do Cabo fosse comnosco (pois ella se déra a partido, ao passo que nós fomos tomados com as armas na mãos), não correriamos perigo, mas se não... calaram-se. Fomos enfileirados fóra da prisão e revistados, e como em alguns encontrassem facas que ainda traziam comsigo as tomaram. O nosso troço compunha-se de tres tenentes, dois alferes, seis sargentos, Jacob Vermeulen, eu e trinta e seis soldados rasos, os quaes todos fomos aprisionados na Varzea. Fomos conduzidos para fóra da povoação, ficando n'ella a tropa do Cabo. Ao partirmos de dita povoação debulharam-se em lagrimas as mulheres neerlandezas, de modo que nós mais não sabiamos senão que era chegada a nossa ultima hora. Seguimos, pois, para Santo Amaro passados de grande medo, e de Santo Amaro para Rio Formoso, acompanhando-nos alguns camponezes. Pela tarde chegámos ao Rio Formoso, e ao cahir da noite chegou tambem ao mesmo lugar a tropa do Cabo, com que ficámos mais tranquillos.

18.—Chegámos á povoação de Una, onde encontrámos em armas muitos indigenas e camponezes, o que nos metteu novo medo. A' noite pernoitámos no engenho de Diogo Paes.

19.—Partimos acompanhados de duas companhias de camponezes, e pelas 11 da noite chegámos ao engenho de Rodrigo de Barros, depois de havermos vingado trinta e dois bons montes e nove boas leguas. Em dito engenho tomámos pouso durante o seguinte dia. Ahi soubemos da rendição do forte de Porto Calvo, onde fallaram com a gente do Cabo. Por Jacob Dassine, que haviamos deixado em Santo Antonio, soubemos tambem que Pedro Marinho Falcão, depois da nossa partida, o mettêra em ferros por accusal-o de haver dirigido uma carta, antes da revolta, aos

altos conselheiros, na qual declarava ter ouvido a certo portuguez,que o capitão de cavallaria Ley e o capitão Hick tinham conhecimento da dita revolta ; essa carta o Sr. Bulstraten a mostrára ao capitão Ley, de quem era compadre, para que visse o que diziam d'elle,e Ley a entregára a Pedro Marinho Falcão, seu cunhado, que a podia mostrar. Dizia Marinho que, se não fôra essa carta, Hoogh-straten, Ley e Hick, não se teriam recolhido á fortaleza de Nazareth ; mas, por amor de sua honra, tiveram de ir para ella, pelo que elle Dassine tambem concorrêra para que se prolongasse por tanto tempo a guerra no Cabo, e por isso ameaçava de o enforcar, tanto que se rendesse a fortaleza. Poucos dias depois que capitulára Hoogh-straten foi Dassine sentenciado e absolvido pelo auditor Fernando Brabo da Silva(32), e se lhe permittiu seguir para a Bahia(33).

21.—Partimos escoltados por sessenta ou setenta marinheiros dos navios que os nossos tomaram e saquearam em Tamandaré, tendo tido os ditos marinheiros a felicidade de escaparem com vida. Esta escolta nos acompanharia até a Bahia. Ao cahir da noite fomos a Camaragibe.

22.—Passámos pelo engenho de Domingos Gonçalves Marsagão, e ao escurecer chegámos ao engenho de Santo Antonio Grande. Aqui vimos o commissario van Diemen e mais tres ou quatro neerlandezes de Porto Calvo, tendo comsigo algumas bagagens, mas não podemos praticar com elles. A 23 chegámos á praia do rio de Santo Antonio Grande, e continuámos nossa viagem para as Alagoas, onde alcançámos os prisioneiros de Porto Calvo, que haviam par-

(32) O nome do auditor é, Francisco Bravo da Silveira.

(33) Esse Jacob Dassine era senhor do engenho que Nieuhoff pag. 80, chama *Lupapema*.

O autor do *Brazilsche Geld Sack* dá tambem noticia da carta que Dassine enviára ao supremo conselho.

tido antes de nós. Creio que em Outubro chegámos ao rio de S. Francisco, cujo forte já os nossos haviam entregue, e empregava-se o inimigo em demolil-o. Como os moradores do districto insistiam em nos querer matar, o commandante Aranha mandou passar-nos para a outra banda do rio, onde estariamos mais seguros. Ahi encontrámos os cadaveres de tres neerlandezes, que haviam sido mortos recentemente. Descansamos tres dias. Proseguindo em nossa viagem além do rio de S. Francisco, deparamos no caminho mais seis ou sete homens assassinados de fresco, ao que parecia. Soubemos depois que essas victimas pertenciam ás tropas do rio de S. Francisco e Sergipe d'el-rei, e se haviam deixado ficar atraz.

Achava-me eu então mui indisposto com uns frunchos debaixo dos pés e uma grande postema na barriga da perna; essa postema rebentou, abrindo não pequeno buraco, e eu não tinha mezinha alguma com que me curasse. Teria de certo ficado atraz se não fôra o medo que me metteram aquelles cadaveres, tanto mais quanto mataram immediatamente os nossos companheiros,que, não podendo avançar, se deixaram ficar atraz. Fiz, pois, das fraquezas forças. Proseguimos pela mata de S. João, onde passamos muita sêde (como soffremos grande miseria em toda a viagem), e trilhamos um aspero caminho, apenas transitavel. A 24 chegamos ao castello de S. Filippe, onde, para não passarmos pela fortificação, metteram-nos em um barco, e levaram-nos á Bahia, de modo que á manhã seguinte, 25 d'este mez, entramos na cidade de S. Salvador. Graças sejam dadas a Deus que nos livrou de tamanho perigo e aqui nos trouxe a salvamento!

Da nossa tropa ficaram atraz quinze homens, alguns dos quaes foram mortos debaixo das nossas vistas; os mais creio que não hão de apparecer. Os soldados recebem do

erario quatro e meio *stuivers* por dia, e a ração de um alqueire de farinha por mez, como os soldados do rei. Quanto aos officiaes, foram alojados em casa dos burguezes, e eu na de Gregorio Mendes Brandão, que me tratou muito mal. O Sr. tenente-coronel Hous, o commandante Listry e o capitão Wiltschut, que haviam chegado alguns dias antes de nós, achavam-se juntamente presos em uma casa; não se podia communicar com elles. A 27 partiram em duas caravelas para Portugal os commandantes Koyn, Flory s Hans Vogel. No mesmo dia chegaram á Bahia duas caravelas vindas da ilha da Madeira com trezentos homens.

2 de Dezembro.— Chegaram de Portugal tres caravelas com cento e cincoenta homens. A' noite foram enviados duzentos soldados em duas caravelas para Pernambuco.

5. — Chegou de Portugal uma caravela com cincoenta soldados. Ao escurecer foram postos em armas seiscentos homens, que á noite seguiram occultamente para Pernambuco.

7.— Partiram duas caravelas para Pernambuco, uma com munições de guerra, e a outra com mercadorias pertencentes em sua maior parte a Pieter Joosten Broeck, que em pessoa seguiu para a dita capitania.

11. — Chegaram á Bahia o capitão de cavallaria Ley, o capitão Johan Hick, Hendrick Hondius e mais outros. Por elles se soube o seguinte: os portuguezes haviam feito uma investida infructifera na ilha de Itamaracá; o capitão Claes Claesz., que servia no exercito portuguez, passára-se para o Recife com sessenta e quatro soldados escolhidos, e os portuguezes, para se vingarem, assassinaram todos os neerlandezes que serviam com elles (seriam em numero de trezentos), bem como aprisionaram varios troços e os enviaram para a Bahia, mas no caminho foram passados á espada mui cruelmente, sem distincção das mulheres e

meninos, que assistiam com passaportes em Serinhaem e outros lugares; os governadores affixaram um edital prohibindo que assentasse morada na terra quem quer que fosse, salvo o traidor Hoogh-straten, Albert Geritsz, Wedda, Job Hick, Francisco Latour (este servia com elles como sargento-mór), Daniel de Haen e Roelandt Carpentier, cujos nomes foram declinados em o dito edital; os mais ficaram sujeitos a todo rigor, ou então tinham de se retirar para a Bahia (34).

12.—Apresentou-se um navio hollandez na Bahia, diante da cidade. Sobre a noite sahiram as caravelas, cada uma com cento e cincoenta homens, para cruzarem de vigia ao dito navio, mas tornaram a se recolher sem nada haverem feito.

14.— Chegaram duas caravelas de Lisboa, uma com cincoenta soldados e a outra com munições de guerra, isto é, artilharia, polvora, morrões, etc.

15.— Chega do cabo de Santo Agostinho o navio do contratante Matheus Lopes Franco. Tendo sido perseguido por aquelle navio hollandez, Lopes estava resolvido a dar com o seu na costa, mas os contrarios o abandonaram.

16. — Recebe-se noticia que algumas caravelas, vindas da ilha da Madeira com carga de vinho, tendo de arribar ao Recife, foram tomadas pelos hollandezes e os tripolantes enforcados no porto.

19.—Chegaram David de Vries e o auditor-geral Francisco Brabo da Silva, tendo este sido chamado pelo governador para dar razão da grande matança que se fazia em Pernambuco.

(34) Uma tal guerra de exterminio explica por que os hollandezes, depois de tantos annos de dominio, deixaram tão poucos descendentes. Consultem-se Callado, pag. 289; Moreau, pag. 93; Nieuhoff, pag. 155; Southey, vol. 3°, pag. 202.

21.— Chegaram á Bahia, presos de ordem de João Fernandes Vieira, os seguintes portuguezes, porque não quizeram fazer causa commum com os revoltosos: Antonio de Oliveira, Francisco de Oliveira, Pedro Lopes de Vieira, Duarte Nunes, Diogo Mines, Funtes Cosmo de Abreu, Jacques Feres, João Dias, Bijta Gonsalvo, Nova Mora, seu irmão, e mais dois ou tres, os quaes não eram das pesssoas de menos consideração em Pernambuco. Entre os presos se achava um dos que primeiro descobriram a conspiração e traição dos portuguezes (35). Foram mui mal tratados do governador Antonio Telles da Silva.

2 de Janeiro.— Recebe-se noticia de haverem os nossos tomado uma caravela com bacalháo.

6. — O Sr. tenente-coronel Hous parte da Bahia para Portugal em uma caravela, tendo-se despedido do governador depois de o procurar varias vezes em sua casa. Foi conduzido a bordo por alguns capitães.

11.— Vem á Bahia por mar Francisco Latour. Faz um relatorio da guerra em Pernambuco e requer sua patente.

A 8 d'este mez veiu de Angola um hyate com duzentos negros, trazendo a noticia de que o governador Pedro Cesar partiria com dois navios grandes. Estes chegaram a 14 e 15 com duas mil peças (negros), novecentos pertencentes a Pedro Cesar, e os mais á fazenda do rei.

14.— Segue Latour para Pernambuco acompanhado de Hendrick Hondius, genro do traidor Hoogh-straten. Correu voz que levava comsigo certa somma de dinheiro para comprar alguma das fortalezas, e indicava-se a dos Affogados. Correu tambem que o governador Antonio Telles iria a Pernambùco afim de promover a guerra, deixando o governo da Bahia ao governador Pedro Cesar.

(35) Refere-se a Antonio de Oliveira.

8 de Fevereiro.—Recebe-se noticia de ter sido batido, e haver-se até perdido, Camarão, no Rio-Grande (36), e de que Henrique Dias, querendo fixar-se na pequena ilha da companhia, sita no rio Capibaribe, fôra rechaçado dos Afogados com perda de um e outro lado.

22. — Chega um proprio do exercito de Pernambuco com a noticia de que os nossos, seis semanas atraz, haviam tomado um barco com polvora e morrões, o qual d'aqui partira em assistencia do mesmo exercito. O mesmo proprio foi portador de uma carta de Hoogh-straten ao seu genro Hondius. Esta carta, datada de 25 e 28 de Janeiro de 1646, e escripta do proprio punho de Hoogh-straten, comprehendia tres folhas de papel, e,como versava em seus principaes topicos sobre materia de Estado, passamos a dizer o que continha :

« Primeiramente queixa-se ao seu genro do máo governo de Pernambuco. Os governadores passavam o tempo a dormir e jogar ; Martim Soares Moreno quasi que chamou a si o governo, e é quem menos para isso fez,e não tratava de promover novas conquistas.Os soldados opprimiam os moradores, mórmente os negros de Henrique Dias, que tiravam dos ferros os seus parceiros e os levavam, e quando queixavam-se os proprietarios, os governadores riam-se.

« Os que foram presos por causa de furtos e maroteiras pelo auditor,o governador os soltou sem serem interrogados nem punidos.

« Tambem foram alguns soldados á sua casa, e lhe mataram cabeças de gado, novilhos, ovelhas. Querendo sua mulher tolher-lhes que tal fizessem, lhe disseram que ella,

(36) Camarão foi bem succedido em sua expedição ao Rio-Grande do Norte.

seu marido e filhos flamengos eram; e portanto tudo quanto alli tinham a elles pertencia, e se não se calassem, poriam fogo á casa comtudo o que continha. Queixando-se d'isto elle Hoogh-straten a Martim Soares, respondeu-lhe este que tinham muito em que cuidar e não podiam olhar para essas cousas. D'onde se vê que os que tomam a peito o serviço do rei e n'elle se comprazem, não eram considerados.

« Tinha mostrado muitas vezes ser a occasião favoravel para tomarem a fortaleza de Cinco Pontas, quando o inimigo estava desfalcado de gente e desprovido de polvora (37). Bem podiam ter feito á sua real magestade tão assignalado serviço; mas a isto não prestaram ouvidos os governadores, e agora que o inimigo recebeu soccorros, foi-se o ensejo.

« Outros estavam bem suppridos de negros do Recife apprehendidos, ao passo que a elle nenhum deram para o seu serviço, o que tudo não era recompensal-o pelo bom serviço que prestára ao rei, rendendo a fortaleza. Assim procedendo com elle não cumpriam suas promessas.

« Os da campanha andavam mui pouco satisfeitos com esse desgoverno, e d'entre elles não podiam os governadores reunir trezentos homens, pois desertavam para suas casas e para o mato. Convinha, pois, que fossem enviados novos governadores a Pernambuco em lugar de Martim Soares Moreno e João Fernandes Vieira, que do contrario não haviam de conquistar o que suppunham.

« O inimigo enviára duas mil peças (negros) á ilha de

(37) Callado e Fr. Rafael de Jesus affirmam, pelo contrario, que Hoogh-straten dissuadira os nossos chefes de acommetterem a fortaleza das Cinco Pontas, e lhes aconselhára que procurassem sorprender a ilha de Itamaracá.

Fernando de Noronha. Tambem cumpria que alli se tentasse uma facção, afim de que Sua Magestade podesse colher alguns frutos do Brasil.

« Segundo o seu desejo, tinha vendido os seus partidos e retirado-se de Pernambuco para prestar maiores serviços ao rei em Portugal.

« Albert Gerritrz Wedda havia-se confessado a 5 de Janeiro na capella de S. José, e recebido o Sacramento em presença de André Vidal de Negreiros e dos jesuitas. Assim soube adular os governadores e os jesuitas, que o despacharam de embaixador para Portugal com Francisco Bringel (38) ; mas elle Hoogh-straten preferia que houvessem escolhido pessoa mais capaz para isso, como Joh Hick, que estava mais pratico na lingua portugueza. Depois embarcaram-se em uma caravela (39) para seguirem para Portugal, e foram dar na praia de Tamandaré, onde os ditos embaixadores e mais gente se salvaram em terra. No prêa mar foi retirada a caravela pelos hollandezes, que a levaram para o Recife com carga de trezentas caixas de assucar e uma porção de tabaco.

« Recommendava a seu genro que em seu nome cumprimentasse a todos os officiaes da Bahia, como Pedro Corrêa da Gama, João de Araujo, Rebelienye (Rebellinho), Antonio de Freitas, e mui particularmente lhe encommendava que communicasse a presente carta (?) ao governador Antonio Telles da Silva, afim de que a tudo provesse

(38) Segundo Callado, pag. 296, os enviados foram Francisco Beranger de Andrada e o capitão Francisco Gomes de Abreu, procurador do conselho. « Iam significar á Sua Magestade o miserabel estado, agonias e calamidades, em que esta provincia e capitania estava. »

(39) Duas caravelas. Callado.

e remediasse. *Era ut supra.* Estava assignado: *D. van Hoogh-straten.* »

Tendo Hondius, ao regressar para Pernambuco, encarregado Isaac Sweers de tomar conta das cartas a elle enderessadas, que acaso chegassem depois de sua partida, veiu Sweers a ter conhecimento da carta de Hoogh-straten e mostrou-a á certo amigo (assim obtive uma copia), que lhe pediu destruisse esse papel e não o publicasse, afim de que crescessem a desordem e o desgoverno entre os portuguezes de Pernambuco, e ignorasse o governador-geral que aquelles negros estavam na ilha de Fernando de Noronha, poupando assim á companhia esse damno. Mas Sweers, não podendo guardar o segredo por mais tempo, depois que Johannes van Broek-huysen houve copia da carta, communicou o caso ao capitão Ley, e lhe entregou a dita carta em presença do capitão Hick. Conferindo estes sobre o que fariam d'ella, opinou Hick que a queimassem, ao que se oppôz Ley, dizendo que Sweers, como bem sabiam, não era discreto, e se o governador viesse a saber que tal carta estivéra entre as mãos d'elles, e não apparecendo ella, vêr-se-iam embaraçadissimos. A' vista d'isto apresentou Ley a carta, dias depois, a Pedro Corrêa da Gama, que lhe recommendou a não occultasse ao governador. De feito mandou o capitão Ley a carta ao governador por intermedio do almirante Paulo de Barros, e tendo Ley cahido da graça do mesmo governador por causa de Pedro Latour, com esta acção readquiriu a sua confiança.

Idem. — O mesmo proprio trouxe mais a seguinte noticia: tendo os portuguezes queimado os seus cannaviaes em Pernambuco, ordenaram os governadores aos da campanha que fizessem o mesmo, e fossem ter á Varzea para que ahi se achassem reunidas as suas forças; mas os

moradores responderam que não estavam resolvidos a fazer tal queima, nem a se juntarem na Varzea,pois desejavam conservar o que ainda lhes restava, pelo que partiu Vidal com uma força a constrangel-os.

29. — Johannes van Broeck-huysen,com fica dito,havia copiado a carta de Hoogh-straten,mas não a soube occultar como cumpria; e como o dono da casa em que elle estava alojado suspeitasse que o seu hospede havia escripto algum papel secreto, foi Broek-huysen revistado por um alferes portuguez, que encontrou e lhe tomou a carta.Apresentado ao governador, Broek-huysen teve de confessar de que modo obtivéra semelhante copia, e ao outro dia,30 d'este mez,foram mettidos no calabouço elle e Sweers (40),e seus bens entregues á justiça.

Como o capitão Ley visitava de quando em quando o governador, tinha tido com elle varias praticas ácerca da revolta, praticas que Ley me repetia, visto como tinhamos familiaridade, e me confiava elle muitos dos seus segredos.

Dizia, pois, o governador « que os hollandezes tinham levado muito a mal,como se cousa igual nunca se houvéra visto, o que se passava em Pernambuco ; e pretendia isentar-se de toda a culpa, allegando que os altos Srs. conselheiros lhe haviam enviado embaixadores e cartas, em que lhe davam parte da revolta e levantamento dos moradores, e lhe pediam houvesse de mandar pessoas de consideração, que com o seu predominio aquietassem os rebeldes. Em virtude d'este pedido,ordenára elle governador,que os mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros fossem com uma força (pois sem tropa, dizia elle,

(40) Isaac Sweers adquiriu depois grande nomeada como tenente almirante da Hollanda. Vide. Netscher, pag. 205.

nada - poderia fazer) para, a requerimento dos hollandezes, apaziguar os rebeldes. Aconteceu, porém, que os mestres de campo, sendo em Pernambuco acharam as cousas em outro pé, pois os hollandezes haviam ferido batalha com os rebeldes, e não tratavam senão de os matar e destruir. Ora elles estavam obrigados a ajudar os seus compatriotas a se defenderem de tal oppressão ; sustentava, pois, que não havia violado a paz. As instrucções que déra aos seus coroneis bem as podiam veros hollandezes, e se os ditos coroneis as haviam infringido far-lhes-ia cortar as cabeças, pois não aconteceria menos d'isto a elle governador, se não guardasse as ordens do seu rei.

« Referindo outras particularidades, disse que a nação portugueza tinha soffrido varias affrontas dos hollandezes, como com a conquista em tempo de paz (segundo affirmava) das praças do Maranhão, Angola e S. Thomé, sendo que, por occasião da partida da frota, depois da acclamação do rei D. João, achava-se no Recife Pedro Corrêa da Gama, que contra essa violação das treguas protestára a S. Ex. o Sr. conde Mauricio de Nassau, declarando que aquella frota não podia entrar nos dominios do seu rei, ao que o conde lhe respondeu que tal não aconteceria. Este protesto elle o guardava assignado em sua secretaria e qualquer o poderia vêr. Em sua propria presença haviam os hollandezes capturado na Bahia e levado um pequeno navio vindo de Portugal ; tendo os portuguezes retomado o navio, elle governador enviou os hollandezes ao seu rei para dispôr d'elles, e escreveu ao conde Nassau queixando-se d'aquelle acto de hostilidade, e o conde desculpou-se allegando que o caso acontecêra sem sua sciencia. Entretanto não lhe consta que por tal falta fosse castigado o capitão do navio hollandez. Assim que, dizia, os hollandezes têm affrontado a nação portugueza por toda a parte e de todos os modos,

e o peior é pretenderem que somos obrigados a supportal-os, como se fossemos seus subditos, e, pois, não convinha muito ao rei ter guerra com os hollandezes.

« Os do Recife lhe haviam mandado dizer por um embaixador portuguez, o sargento mór Magalhães, que os hollandezes em breve iriam visital-o, pois esperavam da Hollanda para este fim oito mil homens ás ordens dos Srs. Schop e Hinderson. Mui agradavel lhe era ser por elles procurado, pois sabia que eram bons soldados, mas o haviam de encontrar preparado, pelo que mandou que os soldados trabalhassem diligentemente nas fortificações, servindo os officiaes de feitores ou intendentes. Fez, pois, levantar, augmentar e fortalecer as fortificações, cortar a cidade (como os hollandezes que anteriormente a occuparam) para poder ser defendida em ponto menor, perdidas as obras exteriores. Diariamente se apresentava elle governador nas obras para que se esforçassem os trabalhadores. Entre a porta de S. Bento e a capella de Nossa Senhora da Sterra começou-se a cortar um bastião e levantar-se um cavalheiro, onde serão assentadas oito ou nove peças, obra que ha de dominar convenientemente as portas de Santo Antonio e S. Bento. E como o coronel Rebellinho e o tenente-coronel Antonio de Freitas, não tendo regimento, não compareceram ás obras no primeiro dia (26 de Fevereiro ultimo) em que os mandou (?) trabalhar, visto como não tinham a quem commandar, o governador os deportou e ordenou que fossem os seus nomes riscados do livro do rei, por haverem recusado o serviço de Sua Magestade. »

Os burguezes haviam de comparecer diariamente nas fortificações para trabalhar desde manhã cedo até as 8 ou 9 horas com duas e depois com uma companhia, e estavam mais obrigados a fornecer negros para o mesmo fim, cada um conforme suas posses. Ordenou tambem que os da cam-

panha, tão depressa lhes constasse que havia alguma novidade, acudissem á cidade.

Vangloria-se o governador de poder ter dentro da cidade seis mil homens, mas me parece que as suas forças não hão de exceder muito a quatro mil, pois, segundo as melhores informações que pude obter, eis as que existem dentro d'ella:

Vinte e quatro ou vinte e cinco companhias de soldados, cada uma com 60 ou 70 homens, 1,750; quatro companhias de paisanos, cada uma com 60 ou 70 homens, 280; uma dita de mulatos, levantada ultimamente com obra de 60 homens; quatro ditas que serão levantadas, a saber: duas de estudantes (os mais d'elles rapazolas que não podem tomar armas), uma de caixeiros e uma de negros, farão numero quando muito de 350; ao todo trinta e quatro companhias com 2,440 homens.

Cumpre tambem notar que ha na cidade quatro conventos: o dos jesuitas, o de S. Francisco, o do Carmo e o de S. Bento, cada um dos quaes tem quando muito 40 ou 50 frades, uns pelos outros.

Com essas forças diz o governador que ha de guardar melhor a cidade do que os hollandezes, que entretanto (apezar da cidade de então não ter a fortaleza da actual) a defenderam um bom espaço com 1,500 homens contra as muitas forças de D. Frederico(41).

Contou-me mais o capitão Ley, haver-lhe dito o governador que por certos meios soubéra, que um judeu do Recife, chamado Duarte Saraiva, recebêra antes da revolta uma carta da Bahia concernente ao que aqui se passavâ, e desconfiava que a escrevêra o contratante Matheus Lopes Franco, que tinha na Bahia o mais do seu negocio, e tambem era

(41) D. Fradique de Toledo.

tido por judeu ; desejava que Ley o esclarecesse a este respeito. Ley declarou ignorar quem escrevêra a carta ; sómente sabia que ella fôra recebida no Recife.

Não é, pois, duvidoso que, sendo cercada a Bahia, os judeus que ahi se acham, e são muitos, posto que encobertos, se nos mostraram affeiçoados. Tambem é de suppôr que o governador não encontrará a muitos como cuida, pois, soberbo e arrogante como é, ninguem o estima, e não ha de receber bons serviços de muitos officiaes e alguns burguezes principaes, dos quaes elle se fia, e que querem se vingar, porque estão affrontados, segundo particularmente me disseram alguns portuguezes, que desconfio serem judeus.

5.—Avista-se na boca da Bahia uma caravela que por alli cruzava. Esta caravela tomou uma canôa com tres homens, que suppunham vinha ella de Portugal, e desejava haver novas de terra.

4.—São expedidas duas caravelas, cada uma com oitenta soldados, para tomar a hollandeza e escoltar um barco com munições de guerra, que ia a Pernambuco.

21 —Entrou na Bahia um hyate vindo de Vienna. Dois dias antes fallára no mar com um navio hollandez, que bemo podéra ter apprehendido, mas não lhe fez mal algum.

Ultimo dia d'este mez. —Johannes van Broeck-huysen e Isaac Sweers, depois de muitas solicitações, são soltos, permittindo-se-lhes ter como d'antes a cidade por prisão, uma vez que se não mettessem em semelhantes cousas, sob rigorosas penas (42).

(42) Isaac Sweers esteve preso duas vezes: uma no Cabo de Santo Agostinho e outra na cidade de S. Salvador. Netscher confunde estas duas prisões. Vejam-se as curiosas particularidades mencionadas no livro de Nieuhoff, pag. 135 e seguintes.

1 de Abril. — Fizemos-nos á vela da Bahia para Portugal em quatro caravelas, levando cada uma d'ellas cinco prisioneiros. Os capitães tinham ordem de nos lançarem logo ao mar, como soubemos depois dos portuguezes, se se encontrassem com navios hollandezes, e quizessem os nossos tomar-nos. Receiosos de toparem os ditos navios, diligenciaram empegar-se muito no mar, mas os ventos do norte não deram lugar a que se podessem apartar da costa, e descahimos até os 17 e 17 $^1/_2$ gr. de lat. meridional. Como calcularam o capitão e o piloto estar arredados de terra bem cento e cincoenta ou cento e setenta leguas, viraram de bordo para o norte, e a 21 fomos outra vez na altura da Bahia. Caminhámos ao norte e a léste, conforme nos servia o vento. Ventou geralmente do nordeste e lesnordeste. Contavam elles passar cincoenta ou sessenta leguas a léste da ilha de Fernando de Noronha, mas, quando a avistámos, estavamos a oeste com ella, de modo que, segundo o calculo, passarámos menos de dez leguas largo do cabo de Santo Agostinho e do Recife, onde muito a nosso pezar não descobrimos um só navio hollandez. A 27 atravessámos a linha. Proseguindo em nossa viagem com muita lentidão, a 24 ou 25 de Maio fomos em altura de 41 $^1/_2$ gr., e segundo calcularam achavamos-nos setenta ou oitenta leguas a oeste das ilhas do Corvo e das Flôres. Deu-nos um vento mui rijo, que durou tres dias naturaes, e forçoso foi alijar quanto podiamos; alijaram-se tambem tres pipas d'agua, tendo nós tido durante a maior parte da viagem a ração diaria de tres a quatro *mutskens* (oitava parte da pinta). Corremos, pois, não pequeno perigo de sossobrar; e na primeira noite, ao colher de uma vela, cahiu um homem da verga grande no navio e morreu. Com esta tormenta apartaram-se de nós duas caravelas: uma foi ter a Port-a-Port (Porto ?) e a outra á Lisboa.

Ultimo dia do mesmo mez. —Rumo a léste. Vimos atraz de nós uma vela; cingimo-nos ao vento e não esperamos por ella. A 5 de Junho houvemos vista das costas de Portugal, e á tardinha fomos diante da cidade de Lisboa. Louvado seja Deus que até aqui nos trouxe, e nos ha de permittir chegarmos á patria com vida!

Encontrámos n'este porto quatorze ou quinze navios hollandezes, e soubemos que estavam em St. Ubal (Setubal) mais setenta ou oitenta, os mais d'elles sem artilharia; carregava sal a maior parte d'elles (43). Tencionavam os nossos fazer-se á vela no dia 1° de Julho. Soubemos tambem que o Sr. tenente-coronel Hous havia chegado cinco ou seis dias antes; tivéra uma longa viagem, e estivéra na ilha Terceira (44). O Sr. tenente-coronel Hous, sem passaporte do rei, passára-se ás caladas para os navios de guerra que cruzavam no mar e tinham ordem de suas altas potencias de se não pôrem sob a autoridade do rei: ficou no navio *Geunieerde Provintien*, onde commandava o capitão Water-drincker.

6. — Fui á Alcantara, onde o rei tinha sua côrte. Fallei pessoalmente com Sua Magestade, a quem requeri passaporte. Foi-me este concedido.

27. — Fui por terra de Lisboa a St. Ubal afim de em-

(43) No texto lê-se *hout*, madeira, manifestamente em lugar de *zout*, sal.

(44) « Do chefe Hous, sabemos, por uma exposição por elle apresentada, que partira da Bahia em uma caravela a 6 de Janeiro (1646), e chegou á Terceira a 18 de Março; que n'esta ilha estivéra encerrado no castello de S. João, até partir para Lisboa em 15 de Maio; que, chegando a essa capital em 2 de Junho, se avistára ahi com Mathias de Albuquerque, já conde de Alegrete, e recusára ficar ao serviço de Portugal. Por fim passou-se á Hollanda em Julho, e mais tarde regressou de novo ao Brasil, e veiu a morrer nos Guararapes. » *Historia das lutas*, etc. pag. 203, nota 1.ª

barcar-me no navio do capitão Water-drincker. Chegámos á tardinha. Por certa carta do Sr. tenente-coronel Houss soubemos que o dito navio era para as bandas de Taskaiss (Cascaes), afim de escoltar em sua viagem para aqui os navios que se achavam no rio de Lisboa; recommendava que esperassemos a volta do navio. Estavam ainda no banco os navios de guerra do *commandeur* (45) Magnus e capitão Jan Uyttenhout.

28.— Os navios mercantes elegeram as seguintes pessoas para seus officiaes:

Almirante, Claes Claesz, de Jonge; vice-almirante, Jan Pietersz, Paeuw; sota-almirante, Albert Pietersz, Gracht.

30. — Fui provisoriamente para o navio *Leiden*, capitão Remmert Cornelisse, surto aquem do castello. Passar-nos-iamos depois para os navios que de Lisboa tinham de vir ao banco.

4 de Julho. — Estando de verga d'alto os navios surtos assim em Lisboa como aqui, soubemos que o rei fizéra embargar toda a frota, noticia que desanimou a muitos capitães, por ignorarem com que intenção se puzéra semelhante embargo. Como já haviam seguido para o banco seis navios, e estavam surtos além do castello, foram apprehendidos e mettidos no castello os seus capitães, afim de que fizessem que os ditos navios se tornassem a recolher ao porto. Pretextaram que o embargo não tinha outro fim senão dar lugar a que sahisse a armada portugueza, que apparentemente ia em assistencia de Malta. Esta armada compunha-se de sete navios, uma caravela e um barco, contendo ao todo obra de oitocentos soldados em sete companhias, que haviam sido chamadas das fronteiras, e era gente mui luzida. Mas nós tivemos por certo que o em-

(45) *Commandeur*, chefe de uma esquadrilha.

bargo só seria levantado depois que a armada portugueza se fizesse na volta da Bahia.

5. — Os capitães deputaram ao rei dois d'entre elles, para saber as razões d'aquelle embargo. Mas, sendo os nossos em Lisboa, souberam que, apezar da diligencia dos capitães, não poderam haver outra informação senão que primeiro partiria a armada portugueza.

7. — O *commandeur* Magnus e o capitão Uyttenhout partiram d'aqui com seus navios de guerra para Lisboa, d'onde escreveram o dito *commandeur* e os capitães ao rei, declarando que os nossos haviam pago os direitos do seu negocio e nada mais deviam; que, segundo os artigos da paz, uma vez que os navios pagassem os direitos devidos, como aquelles haviam feito, poderiam traficar livremente, e não estariam sujeitos a embargo, pelo que protestavam em nome de suas altas potencias contra Sua Magestade por todo o damno que á frota se seguisse; que elles commandantes dos navios de guerra queriam partir para Hollanda afim de dar relação de sua viagem, e não se podiam deter por mais tempo, e succedendo que a frota tivesse por isso de seguir para a republica sem escolta, todo o detrimento que recebesse seria lançado á conta d'aquella corôa.

11. — De Lisboa recebemos noticia que fôra levantado o embargo, e que se fizéra ao mar a frota hollandeza, ficando surta no porto a armada portugueza.

12. — Aqui chegaram ao banco os tres navios de guerra e quatorze mercantes, vindos de Lisboa para se fazerem em um corpo com esta frota, e seguirem juntamente para a patria.

13. — Os navios mercantes sahiram do rio de St. Ubal, e ancoraram no banco junto á frota vinda de Lisboa. Eu passei-me ao navio do capitão Water-drincker.

14. — Largou a frota,que se compunha de alguns cem navios. Vento brando do nornoroeste,e rumo a oeste para nos empegarmos e montarmos o cabo Finisterra.Tivemos as mais das vezes ventos contrarios, e cobrámos pouco ou nenhum caminho. A 22 a fusta do capitão Sibbe Fouges van Hinloopen arvorou um *sion* em signal de que ia a pique; a frota esperou, e toda a tripolação da fusta com suas bagagens se passou para os navios de guerra. Depois tornámos a nos fazer á vela com vento nordeste, e governamos ao rumo do noroeste.Não nos terçava, pois, o vento. A 26 ventou do oesudoeste e caminhamos ao nordeste quarta a norte. Depois do meio-dia encontramos um navio inglez, e com elle viemos á falla ; disse-nos que vinha de Smyrna do Levante (?) e depois de Liorne. Ao outro dia ventou do sudoeste e susudoeste, ás vezes do sul e sul quarta a sudeste, e assim nos terçavam agora os ventos. Proseguimos em nossa viagem ás mais das vezes com vento em pôpa. A 3 de Agosto houvemos vista das costas da Inglaterra, e a 5 da ilha de Wight. Fallamos com oito velas, que nos disseram demandar Lisboa e Setubal. Eram sete navios mercantes e um de guerra ; não podendo sahir do canal por causa do vento, que a nós era favoravel, endireitaram para a ilha de Wight, onde esperariam que os ventos os servissem. A 6 chegámos ao Passo de Calais, e vimos dois navios do Estado que ahi cruzavam. A 7 fomos diante do Texel, onde entrou o *commandeur* Magnus com um bom numero de navios mercantes. O capitão Jan Uyttenbout e nós escoltamos o resto da frota até Vlie,e a 9 nos recolhemos ao Texel.

Louado Sesia Deos Nosso Senhor qui nos Deu Boa Viage he troixe em Nosse Patria (46).

(46) Textual.

RELAÇÃO

HISTORICA E POLITICA

Dos tumultos que succederam na cidade de S. Luiz do Maranhão, com os successos mais notaveis que n'elle aconteceram: sua descripção geographica; seu descobrimento, conquista, guerras com francezes intruses e indios naturaes; invasão dos hollandezes, sua expulsão; e exacta narração do tumulto que na dita cidade se levantou, e a quietação d'elle com a vinda de Gomes Freire de Andrada, e o exemplar governo d'elle, e de outros governadores, até o de Francisco de Sá e Menezes.

Dedicada ao Sr. Roque Monteiro Paim, do conselho de Sua Magestade, seu secretario e presidente do tribunal da inconfidencia

POR

FRANCISCO TEIXEIRA DE MORAES

Natural da villa de Alenquer e cidadão da dita cidade

Anno—1809

(Manuscripto offerecido ao Instituto Historico pelo socio o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal.)

Ao Sr. Roque Monteiro Paim, do conselho de el-rei nosso senhor, seu secretario e presidente do tribunal da inconfidencia.

Senhor.—Como conhecemos a V. S. por tão principal columna, quando não por unico Atlante da monarchia lusitana, pois sustenta nos agigantados hombros de seu talento a mais grave parte do governo, com fidelidade e conselho relevante ao de Nestor para com a real magestade, zelo affectuoso dos africanos Philenos, para com a patria, e

desvelo infatigavel de Argos, para sempre prender as occasiões e conseguir os acertos. Reputando-se o Estado do Maranhão uma porção d'aquelle todo, por extensão grande e por qualidade para a real corôa util: e havendo V. S. aceito por digno cliente de seu benigno acolhimento e patrocinio amplo, me pareceu preciso fazer-lhe presentes, com a distincção que me foi possivel, seu descobrimento, fundação e importancia, e do principio os casos n'elle de maior predicamento acontecidos ; a que o motim proximo passado me occasionou motivo não improprio nem pequeno; que, supposto V. S. não careça d'estas noticias como tributo annexo á soberania de suas occupações e cargos, comtudo, por ser forçado acharem-se, pela interpolação dos tempos e dos varios sujeitos que as formam, truncadas e diffusas, me resolvi a recopilar n'este tratado as mais importantes e verdadeiras,para que nos intervallos de menos fadiga, V. S. se digne de discorrêl-as, por que, comprehendidas facilmente de seu discurso,d'ellas deduza seu affecto generoso decorosos incentivos, para o realce de sua reputação magnifica, e para os seus clientes muitas melhoras de fortuna. A minha tambem consiste em V. S. admittir no numero de seus criados este, que (supposto pelas distancias remoto e pelas insufficiencias tão indigno) outro emolumento não anhela, outra ambição o não demove.

Guarde Deus a V.S.—C. Q. S. P. H. B.—*Francisco Teixeira de Moraes.*

AO LEITOR

Escrevi o motim do Maranhão por exemplo aos bons para que não prevariquem, antes na bondade se melhorem e qualifiquem; aos máos, porque não empeiorem, antes em sua malicia retrocedam e contra ella animosos conspirem; aos subditos, porque se não portem nas molestias mal soffridos ou precipitados, antes modestos e prudentes a seus superiores se sujeitem; aos regentes, porque de seus desordenados affectos se não deixem arrastar cégos e percitos, antes ás obrigações de seus cargos se appliquem circumspectos e vigilantes, com inteireza, mas sem exorbitancia; e porque reconheci ter este tumulto, e outros seus antecedentes, mui antigos os cimentos ou causas efficientes, e como peccado original, pouco menos que da origem do Estado; fui forçado a descrever d'elle o descobrimento, o territorio, e suas conquistas e mais guerras, já com os naturaes, já com estrangeiros contrahidas e felizmente disputadas. Elegi o estylo, mediando entre vulgar e exquisito, por não ser minha intenção historiar para os muitos, senão para os melhores, não por jactancia, porém por mais decencia. Ornei-o com autoridades ao proposito do assumpto, adequadas e certas. Accommodei os vocabulos aos significados, com a propriedade possivel, suave e não violenta; variei no discurso da obra as materias na fórma que os accidentes da narração as propunham, não estranhas d'ellas, mas conformes ou dependentes. Moralisei-a com algumas sentenças deduzidas do juizo feito sobre casos varios e occurrentes; porque aos presentes sirvam de documentos uteis, e tambem aos vindouros de roteiro na navegação politica, a todos necessaria para bem viver, e melhor conservar-se, se acaso este opusculo, o que não merece, conse

guir a dita de perpetuar-se. E affirmo, porquanto póde asseverar-se, que n'elle outra cousa não affectei mais que a verdade sincera em narração laconica, sem odio ou affeição de nada que houvesse de constranger-me a equivocal-a, quanto mais desmentil a ou rebuçal-a por abonar ou offender alguem injustamente. Se com estas circumstancias e protestos, amigo leitor, te parecer bem a relação, rende a Deus as graças, que ás vezes quer que, por boca da asninha de Balaam, se diga o que se vê e conhece, para que os homens, advertidos, evitem os males, fujam dos precipicios. Elle te guarde e a todos nos ampare sempre.

PARTE PRIMEIRA

Dos tumultos da cidade de S. Luiz, metropole do Estado do Maranhão, que succederam no anno de 1684, em que se descreve o referido Estado, sua importancia, descobrimento, conquista, guerras com francezes, e indios seus habitadores até os domar, e com exacção. Se relata a invasão dos hollandezes, sublevação dos habitadores contra os ditos; guerra que se lhes fez e seus progressos até totalmente os expulsarem.— Dá-se tambem noticia de outros dois tumultos e as causas d'elles, e de alguns governos até o de Francisco de Sá e Menezes.

CAPITULO I

O Estado do Maranhão, porção grande do Novo Mundo e do Brasil, a juizo de muitos a mais nobre em grandeza de rios, fertilidade de plantas, abundancia de animaes e fama de ricas minas, jaz situado seu principio ávante da equinocial, entre o quarto grão e 30 minutos do antarctico, discorrendo pela face do mar, do oriente para o occaso, com declinação para o rumo de oes-noro-éste e para a mesma linha, além da qual para o norte faz seu limite em altura de um grão e 30 minutos no rio de Vicente Pinson da outra parte do cabo do Norte com 435 leguas por costa de suas jurisdicções, supposto hoje do Ceará se principia, ficando incluido n'ella o das Amazonas, porque por sua excessiva grandeza de todos os mais do universo facilmente se adjudica o principado, e pelos escriptores que d'elle fazem memoria com justa causa se lhe concede, cujas aguas por doces o desmentem mar, e por vastas o habilitam oceano. N'elle, depois de 1800 leguas de seu curso (como os mais affirmam e outros 1200 dizem, e algum de muita autoridade 3000 lhe a assignala), entra com boca de 80 leguas, mais a tragar, que a ser sorvido, soberbo por cau-

daloso, com as demostrações todas de conquistador magnanimo, sem apparencia alguma humilde de rendido, quanto mais de tributario obsequioso, desgarrando esforçado suas inchadas ondas, penetrando por fundo seus occultos seios, e usurpando-lhe ambicioso os soberanos fóros de sua regalia tão sagrada, á maneira que os antigos dominantes intentavam a mudança da lingua nos vencidos; parece pretender este tyranno illustre com suas correntes furiosas traduzir-lhe o licor amargo no seu suave, e o consegue por espaço de 20 leguas, outros dizem quarenta, sem fallencia, injuria grave, e de um tão grande monarcha, supportada, ou antes milagre portentoso, não da natureza, mas do autor omnipotente d'ella.

2. Abraça este Briarêo de muitos e largos braços, e com propriedade protogigante crystallino, ilhas tantas, que até agora carecem de computação certa; entre ellas não poucas se vêm no rio discorrer errantes, cobertas de pastos e inda arvoredos; que parece ser-aqui a natureza abonar a grega fabula da celebrada Dellos, antes do parto de Latona, as quaes ilhas e suas margens habitam gentios e innumeraveis nações barbaras, que, supposto os annos passados os portuguezes lhes têm dado grande saca, se lhes não conhece na quantidade menos cabo nem tambem lhe causa o que a si mesmos machinam, com endosso em paz e guerra, constituidos antropophagos da America, quaes os da fabrica e da Asia, troglodytas não só contra a humanidade, mas de todas as leis transgressores brutos; sendo que os animaes da propriedade mais ferina, e ainda as creaturas insensiveis, as observam, attentas sempre á conservação cada qual de sua especie, sobre o que mais avante se explicará melhor nosso sentimento. Os territorios de sua circumferencia, é certo, como a experiencia em parte tem mostrado, comprehendem preciosas e muitas drogas, e com fun-

damento se suspeitam ricas minas, pois o clima e terras são com as do Perú a mesma cousa; bem que nas da nossa nação se acha menos a necessaria industria, colhe-se n'ellas, sem o trabalho da agricultura, em abundancia o páo cravo, e o cacáo e salsaparrilha; canella se tem visto acaso de igual especie que a de Ceylão, em pouca quantidade buscada; porém de proposito de boa razão se deve esperar que em tão largas matas remanescerá muita; as madeiras de estima e outros muitos frutos, investigando-os a curiosidade e o dispendio, satisfarão sem duvida um e outros empenhos. Pelos quaes motivos, a não comprehender, o Estado em seu districto outra prerogativa, que o fizesse notavel e importante, mais que o referido rio, é elle capaz de que, por seu respeito, se deva acclamar famoso e julgar importantissimo.

3. Não é unico comtudo, nem a elle sómente se vincula este emolumento, porque no periodo de 400 leguas, que entre uma e outra demarcação por costas se computam, no pouco que não muito longe das praias se tem descoberto, se colhe muito páo-cravo, como nas margens do rio *Gurupy*, e do presente se acha no do *Pindaré*, entendendo se é quasi geral por todo este lanço de terra a referida droga, com as mais que até agora a incuria dos moradores, e sua muita impossibilidade, pelo interior do sertão, que é vastissimo, nos occultam; cortando todo de muitos rios, que para o norte e léste regando campos e os rochedos dividindo, no mar desembocam, de muitas aguas engrossados. As povoações principaes, além de outras limitadas, e de vizinhas poucas, são a cidade de Bethlem do Grão Pará, situada em 35 minutos do pólo arctico, e a de S. Luiz, em dois gráos e 40 minutos do austral, que é a cabeça do Estado, situada quasi em o meio d'elle, na distancia que em si pelas ribeiras maritimas inclue na ilha propria assim

denominada, de terra baixa, como é toda a costa, excepto as serras de *Ybiapaba*, que pelo interior d'ella 30 leguas á vista se offerecem dos navegantes, para a parte do Ceará altissimas.

4. Demora esta ilha na referida altura, com nove leguas de comprido, e, como sua fórma é ovada, de largo quasi o mesmo se numéra. Nos primeiros tempos de sua conquista, affirmam os velhos, era fertil dos ordinarios frutos que sustentam a vida, mas não dos que anhela a ambição: hoje, por muito revolvida, e queimadas suas matas para as roças, nega já o necessario e preciso; porque esta terra, no tocante á ilha, não é da qualidade das que com a cultura se melhoram, antes com ella demasiada se damnificam e esterilisam, sendo a razão d'isto, pela maior parte, serem de substancia tenue, que facilmente com a procreação dos frutos se lhe debilita, e com applicação do fogo se consome.

5. Corre a ilha de léste ao este, e a constitue pelo norte o mar com muitos baixos, especialmente o que chamam Corôa Grande, que se estende por espaço de 10 leguas por costa boiando ao mar, que por toda ella não é fundo, pouco menos, e chega até o canal que fórma a barra muito apertada, por causa de outras muitas corôas de arêa que a cercam; pelo sul e os outros lados a cortam de terra firme os grandes rios do *Moni*, do *Itapucurú* e *Meary*, que ao desaguar no oceano, inundam bahias largas, e por ser a terra rasa, d'onde se abrem valles, a penetram muitos esteiros, pelos naturaes denominados *Ygarapés* (palavra brasilica), por onde se servem para as fazendas, e pela maior parte se manêam para a cidade os frutos: consta esta de 500 casas pouco mais ou menos, edificadas na ponta do angulo que fórma a terra, entre o rio que faz o porto e o esteiro de Santo Antonio. Seus moradores

que são os mesmos que a tempos as occupam, em especial nas maiores festas do anno e quaresma, assistindo os mais de ordinario nas lavouras; que possam tomar armas farão numero de 800; acham-se de presente muito pobres por falta de escravos e augmento de familia com a multiplicação dos filhos, que a respeito do temperado clima se concebem e sahem á luz frequentemente. Os templos da cidade: a igreja maior, novamente erigida em cathedral, o da Misericordia, S. João Baptista e Senhora do Desterro. Os conventos: o do Carmo, o das Mercês, o de Santo Antonio e o collegio da companhia de Jesus. A fortaleza d'ella nenhuma, que a defender possa de quaesquer invasores; e assim os cidadãos no retiro dos matos afiançam as esperanças do seu reparo (como já na occasião dos hollandezes lhes foram total refugio), bem que a barra podia fechar-se com uma fortaleza, fabricada na ponta chamada de João Dias, a qual, por mandado de el-rei D. Pedro II, nosso senhor, á toda diligencia hoje edifica Antonio de Albuquerque Coelho, governador e capitão-general do Estado, em a parte que mais se estreita; de sorte que será quasi impossivel o entral-a, e se assegura a praça que por nenhum outro lado póde ser invadida, em razão dos cerrados matos e dos esteiros sobreditos; mas por negligencia de quem attendesse, e lhe tocava a tão importante circumstancia do real serviço, com bom cuidado e alguma despeza, se conservou até agora á mercê da fortuna e dos inimigos, por se não resolver, como já fizeram, e demandal-a seguros, e a dominal-as faceis.

CAPITULO II

1. Descobriu-se este porto no anno de 1499, de ordem dos reis catholicos D. Fernando e Isabel, por Estevão Yanez Pinson; pouco depois, por pertencer á corôa de Portugal, foi dos castelhanos, que o haviam occupado, demittido. Passados 40 annos, no de 1539, o demandou Ayres da Cunha, fidalgo portuguez, com uma armada de 10 navios, fornecida de 900 infantes e 130 cavallos, com designio de povoar esta capitania, dada por mercê do Sr. rei D. João, o terceiro, ao illustre historiador da Asia, João de Barros, á cujas principaes expensas e do capitão da frota, com outros em companhia, se solicitava o referido intento, que teve fim funesto e desgraçado effeito, naufragando as embarcações todas nos baixos da entrada: Morreram os mais dos argonautas, e entre elles dois filhos de tão honrado donatário; os que se eximiram do perigo tomaram terra da outra parte do rio, que serve de surgidouro aos navios, defronte da cidade, onde hoje sobresahe a fabrica de uma ermida de Nossa Senhora da Guia, e se manifestam vestigios evidentes de fortificação, que bastam a occasionar discursos, mas não averiguados. Aqui, destituidos de qualquer remedio, ainda em esperança, para sua permanencia, conseguiram alguns comtudo para a patria, bem que tristes, e do seu regresso: assim o relata Manoel Severim de Faria, na vida que descreve de João de Barros. Porém na memoria d'estes habitadores se conserva rumor e conjectura, que dos proprios soldados naufragados, voluntarios, ou da necessidade compellidos, se incorporaram muitos com os gentios distantes das maritimas ribeiras, entre os quaes, afflictos por falta de recurso

ou subornados da presente occasião, admittindo das indias o consorcio, multiplicaram seu numero nos successivos individuos, mas contaminado o sangue e pervertido o espirito. D'elles se suspeita procede a nação *Tapuya*, chamada dos *Barbados*, não se achando entre todos outra semelhante mais feroz nem mais valente.

2. Decorrendo o tempo, occuparam os francezes esta ilha, desamparada dos nossos e devoluta, e por alvitre, de que não se acha em lembrança alguma ajustado computo, a dominaram até que no anno de 1614 (com os felizes auspicios de el-rei D. Filippe de Portugal, o segundo, e conducta de Gaspar de Sousa, governador do Brasil, Hyeronimo de Albuquerque Coelho desceu de Pernambuco, armado de gente e mais petrechos navalmente conduzidos, e pelejando com elles, pelo modo subsequente, os destroçou bizarro. Haviam os bellicosos gallos, situando-se na ilha do Maranhão, e levantado um forte da invocação de S. Filippe, para segurança de sua permanencia, sobre a ponta do angulo que hoje serve de assento á cidade e fica já descripto, tinham-se com os gentios da terra muito unido e congraçado. A desalojal-os, pois, ou extinguil-os, era remettido o cabo portuguez acima referido, com ordem que, occupado algum vizinho posto, fundasse tambem em contraposição do inimigo, algum reducto equivalente, onde se affirmasse para em melhor fórma com elles combater-se e reforçar-se, em caso se dilatasse a guerra, quanto do poder contrario e inveterado, bem considerado, podia colligir-se. Elegeu com esse designio a doze leguas de distancia, na terra firme, o elevado sitio que se dizia *Guaxinduba*, e a toda a pressa se fortificava n'elle, quando á poucas semanas decorridas, de uma armada de sete patachos e 46 canôas, fornecida com duzentos francezes e dois mil indios, artilharia, petrechos e munições, a um tal

empenho de vidas se viu acommettido. Fizeram, sem opposição, seu desembarque por inadvertencia negligente (como succede muitas vezes) dos portuguezes oppostos, ou por outro accidente igualmente nocivo, e sem demora se senhorearam de outra eminencia, maior que a preoccupada de seus contrarios, e por falta de tempo mal fortalecida; por cujas causas, e sua muita vizinhança, se reconhecia condemnada e submettida á fortificação, que no novo posto agora acceleradamente da parte franceza se erigia; além de que na praia, com intentos de cortar aos nossos para as suas embarcações a retirada, d'elles presumida, por redemir as vidas, infallivel, levantavam trincheiras e cavavam fossos, com opposição de outras varias defensas, as quaes, sendo do Albuquerque advertidas, e, como pelo inimigo lhe ter com a nova fabrica ganhado a agua, nem se poder evadir, de pela sua bateria ser desalojado; por sem duvida dever assestar-se muito a cavalleiro dos seus reparos, do que tudo se seguiria sua consummada ruina sem fallencia, e dos inimigos, aos quaes nenhum custo uma feliz victoria, se resolveu logo intrepido a mallograr-lh'a, ou para si de todo adquirida, ousado e diligente. A esse fim, deixada no forte alguma pouca guarda, formou de 120 soldados e 80 indios, dois batalhões cerrados, um a seu cargo, encarregando sua vanguarda ao capitão Manoel de Sousa d'Eça; o outro fiado do sargento-major do Brasil, Diogo Campos Moreno, cuja primeira fila o capitão Antonio de Albuquerque, filho primogenito do superior de todos, moço gallhardo, protegia.

3. Assim resoluto, com tão inferiores forças ás oppostas, que podéra reputar-se-lhe por arrojo temerario, e não como convinha por acordo justo de capitão prudente, a não ser a necessidade do combate, que o compellia, extrema, e os soldados que o seguiam portuguezes costuma-

dos a vencer, não pelo excesso do numero, mas do seu valor. Como, entre muitos, a nossa lyra lusitana, mais afamada que ditosa, testefica, a proposito dos 17 cavalleiros, que nas guerras de el-rei D. João o primeiro, com Castella sustiveram por muitas horas o impeto de 400 seus contrarios, e por ultimo os retiraram com total destroço.

> Exemplos memoraveis nos deixaram,
> Que os muitos, por ser poucos, não temamos,
> O que depois mil vezes amostramos.
>
> (CAMÕES, *Lusiadas*, canto VIII.)

Animando-os, conforme a brevidade da occasião lhe permittia, primeiro com a serenidade alegre de seu rosto, logo com breves palavras os advertia ; se se lembrassem de quem eram, do pretexto com que alli se achavam vindos, igualmente honroso, que justo do credito de toda a nação, agora estribado em seus brios e seus braços ; da reputação das armas lusitanas em todo mundo grande, que deviam sempre ampliar e nunca seu menoscabo permittir ; da honra de seu rei ; da gloria da sua patria, que estavam obrigados, a custo de seu sangue, em todo accidente esclarecer e por nenhum modo macular ; do perigo universal de todos, excepto com a victoria inevitavel. Persuadia-lhes o desprezo dos adversarios, chamando-lhes foragidos e não soldados, arrogantes sim, nada valentes ; impetuosos, mas nunca persistentes ; muitos em numero, nenhuns em qualidades ; conduzidos áquelle sitio sem outro empenho que o de usurpar o alheio, quando d'elles com facilidade se lhe houvesse de largar. como se não fosse proprio. Mandou então ao sargento-mór investisse, para vencer ou morrer, o inimigo que occupava a praia, acaudilhado, de Mr. Pisão loco-tenente do Sr. de Ravardière, governador da praia d'onde o remettêra, e elle ficára se-

gurando-a; marchava já o nosso primeiro batalhão, na referida demanda á vista dos francezes que guarneciam o seu novo forte da eminencia, e sendo d'elles reputado a respeito de pequeno por inutil com desprezo, intentando livrar aos seus d'aquelle leve susto e adquirir-se aquella pouca gloria, desemparado da fortaleza o posto, e se avançaram aos nossos de corrida, que já na praia entravam e combatiam, a tempo que Hyeronimo de Albuquerque,ardiloso, por entre o mato occulto, chegára ao forte deserto de seus donos, e senhoreando d'elle, attendêra ao conflicto da ribeira, em que, reconhecendo o seu primeiro troço, bem que no batalhar constante, comtudo da multidão inimiga em fórma de cercado muito opprimido, desceu a largo passo e se incorporou com os seus, rompendo por aquella parte os contrarios, que, supposto este inadvertido assalto assaz os commovêra, nada vacillavam, pelejando e resistindo valorosos e firmes, emquanto de feridos não perdiam as forças ou de todo careciam das vidas. Durou a batalha em peso de igual balança a maior parte do dia, até que por ultimo, com a morte do seu loco-tenente, e mais de 100 francezes, os 30 d'elles, pessoas graves, e de indios um grande computo, queimadas as canôas e lanchas todas, cedeu forçada ao brio portuguez e animo constante, a insolente força, e á justiça da causa, a feliz victoria que teve seu inteiro complemento, desalojados os residuos escapados da principal contenda dos seus reparos, começados a fortificar desde o principio no eminente sitio, para onde se haviam retirado, com intentos ao parecer de defender-se, perdendo ainda aqui muitos as vidas e as fazendas todas.

4. Ficára o nosso cabo, com grande gloria, senhor do campo á custa de poucas vidas, mas de muitas feridas, tocando-as de duas balas ao capitão seu filho, com que

uns e outros rubricaram o caracter de seu merecimento, vinculado nas suas proezas, que sem duvida foram executadas muitas, a que a incuria avara e torpe dos portuguezes de ordinario nega em memoral-as o devido lustre, achando-se sempre para obral-as seu valor tão liberal e prompto. Não se descuidou, porém (como a muitos acontece por seu damno), de ampliar sua dita, e por proseguir a guerra, ordenando se executassem pelos seus na ilha correrias, infestando os francezes dominantes com lhes sorprender os comboios dos viveres, solicitando de caminho a nossa amizade algumas nações de indios dos muitos que n'aquelle tempo a habitavam; pelo que, vendo-se constrangido seu general, diligenciou treguas, que do nosso cabo com facilidade lhe foram concedidas, considerando-lhe ainda forças a que em muita parte não igualavam ás suas, muito duvidosas para qualquer contraste, deliberando-se provocado e forte para a vingança, se agora por falta de meios, intempestivamente apertado, de todo de algum refugio desesperasse, advertindo, com Sinão Stara Volsco, que nos vencidos a desesperação extrema se converte em furia, e com Porcio Latro, que os golpes da necessidade irritada são gravissimos. *Nam ubi extrema omnia in oculis desperatione in audaciam victi accinguntur ; et ut Porcius Latro, gravissimi sunt morsus irritatæ necessitatis* (1). E assim lhe pareceu acertado fiar do tempo o bom successo de desalojal-o, com certeza e sem perigo, esperando do Brasil soccorro, d'onde já por terra, avisando do estado das cousas, o esperava, e o esperava mais pontual e breve do que ao francez, que, com o mesmo pensamento, folgava assim de entreter-se, podia de Europa conduzir-se; permittindo-lhe esta pequena es-

(1) L. VI, 145. Porc. Latro. Decl. in...

perança, do proprio autor aconselhado, ou das experiencias instruido. *Ergo hoc victor cave, et semper victis aliquid ad spem relique.* Asseguram-se ambos com refens, sendo o Mathias de Albuquerque filho segundo do nosso cabo, e Ravardière, francez de muita conta, conservando cada qual dos governadores o ganhado: um o terreno adjacente ao sitio da batalha e forte levantado; o outro, o de S. Filippe e a ilha.

5. Em o quinto dia do mez de Outubro de 1615 chegou Alexandre de Moura, acompanhado de uma armada de nove navios, com o titulo de capitão-mór e poderes de governador-geral da guerra n'este Estado pelo mesmo Gaspar de Sousa, que o era do Brasil, e no ultimo do mesmo mez ordenou a Hyeronimo de Albuquerque, com os soldados e indios de sua conducta e os de novo avassallados, rôtas as treguas que, conforme o capitulado, com a vinda do soccorro cessavam, marchasse pela ilha a sitiar o general francez nos reparos, como logo executou, e elle com a armada fechou a barra. Vendo-se os estrangeiros por mar e terra sitiados dos victoriosos inimigos, que com grande brevidade se melhoravam nos ataques, prevenções evidentes e proximas de cruel assalto, sem esperança de por via alguma soccorrer-se ou amparar-se, cederam de brios, e constrangidos de valor, e fortuna de seus contrarios, se renderam, entregando-se com o forte e tudo o mais de seu dominio ao governador Alexandre de Moura, que, entrando n'elle e fazendo-o guarnecer pelo capitão Henrique Affonso com 170 soldados, e celebrar a nova posse pela corôa de Portugal com alegres demonstrações dos homens, e do metal clamores horridos, e dando aos francezes embarcações que aos seus paizes os conduzissem, elle pouco depois, deixando a Hyeronimo de Albuquerque no governo d'esta conquista, se retirou, levando comsigo o general Ravardière a Pernam-

buco, onde entrou, triumphando a 15 de Março de 1616 com fama e gloria. Estas são as memorias que constam d'esta guerra pelo primeiro livro dos registros da cidade de Bethlem (2), succintas, mas authenticas;esta a controversia que entre os sempre da guerra cobiçosos francezes e portuguezes fortes as armas a seu favor felizes decidiram, não sem intervenção manifesta do favor divino no patrocinio da immaculada Virgem, vinculado, cuja celestial presença foi vista na vanguarda, *terribilior ut Castrorum acies bene ordinata*, que causando aos inimigos, muito avantajados em numero, sitio e prevenção, terror gravissimo, deu aos poucos portuguezes a victoria na campanha, de que foi certa consequencia a entrega de sua fortaleza e mais dependencias, como já relatámos; pelo que, gratos e reconhecidos, confessando-se-lhe devedores de mercê tanta, dedicaram á sua protectora Santissima sacro altar em o principal templo, instituida tambem solemne festa, com o titulo da Victoria, milagrosamente conseguida na ponta de Santa Maria, de quem tomou o nome illustre, sendo para esse effeito contrastado do mar, em cujas praias se contendia seu natural fluxo, dilatando-o, com o qual, obsequioso, renunciando aquella vez fóros tão isentos, formou ampla palestra, e segurou de sua inundação o campo; tempo bastante para de todo a marcial questão se discutir e a batalha perfeitamente se vencer, no que parece emulou este elemento com mais propriedade e mais razão a cortez detença do sol com Josué(3), homem ordinario; e o mar lisongeava a mãi do seu Creador e estrella sua, milagre raro, mas verdadeiro, qualificado na constaute e successiva tradição dos tempos e das

(2) Liv. I dos registros do Pará.

(3) Josué, 12.

gentes, servindo inda hoje no sitio da batalha de mei e trophéo mais perenne e incorrupto, como de epi singularissimo, o nome sacrosanto de Maria.

CAPITULO III

1. Extinctos os francezes, e expulsos, seguiram-se com os muitos gentios que habitavam a ilha, seus confi rados e confinantes contendas grandes, porque a defend contumazes com ferocidade barbara e valor bruto, a do natural impulso com que as nações procuram a mar-se para conservar o bem da vida e os da possess mandára logo que foi desalojado o francez, e ausentando Alexandre de Moura, o governador Hyeronimo de Alb querque ao capitão-major novamente eleito Francisco C deira Castello Branco, por mar, a descobrir o Pará e co quistal-o, fundando povoação; e os reparos a estes pretext concernentes, foi breve e feliz sua viagem: entrou a bar d'aquelle famoso rio, a quem os homens deram nom (ignoro a causa) das Amazonas, ou acaso á imitação e ei memoria das verdadeiras, na Asia, habitadoras nas ribeira do Termodonte(4), que por isso ainda hoje se faz celebre ou pela apprehensão conjecturada das suppostas, por vizi nhas, d'este sobre todos os do mundo estranho e caudaloso como se lhe fosse necessario, para assim mais engrande cer-se, este epitheto. Elegeu para sitio da povoação as cite riores margens, pacificou os indios do contorno e alli fez assento, erigindo domicilio com as imperfeições de subito e desalinhos de pobre, fortificando-se, porém, o mais pos-

(4) Just. L. 2.°

sivel, attendia a conserval-o para engrandecêl-o com acções robustas e prudentes de presente, e altivos pensamentos de futuro. N'esta mesma occasião remettêra o capitão-mór governador ao capitão Antonio de Albuquerque, seu filho, com a sua companhia a presidiar *Tapuytapera*, lugar de muitas aldêas de indios, por aquelle territorio situadas, denominadas *Tapynambas* (*sic*), que com a sua nação o dominavam todo, por espaço de mais de 150 leguas até ao Pará. Levantou, sendo bem recebido, informes casas para sua habitação, e seu reducto para amparal-ás, vivendo entre os barbaros hospedes, que então se mostravam doceis, como grosseiro rustico, para logo se illustrar como bom soldado, mais que cortezão airoso. Juntamente fôra remettido a reconhecer os rios *Meary*, *Pindaré* e *Maracú*, e o capitão Bento Maciel Parente (que com um navio guarnecido de infantaria e mais petrechos, á sua custa viéra acompanhando ao governador Alexandre de Moura desde o Brasil, onde já nas guerras alli succedidas servira com valor e talento; por cujo respeito lhe fôra encarregado aqui contra os francezes uma das baterias) ; o que tudo executou com muito trabalho, mas bom effeito e fortuna, havendo sustentado em contra posição dos bellicosos gentios *Guajajdras* muitas guerras; e assim a seus companheiros, por falta de mantimentos, entre tantos perigos de enfermidades e pelejas, com extrema penuria, estendeu o impulso e a marcha distancia de 100 leguas até o *Gurupy*, d'onde voltou por haver padecido muito para as conseguir, na gloria das victorias mais vistoso.

2 Já muito tempo antes por toda a costa d'este Estado da coróa de Portugal, limitado com o rio de *Vicente Pinson* (como temos insinuado e declarou el-rei Filippe IV, que então o dominava, na patente que mandou passar de capitão-mór do Cabo do Norte, a Bento Maciel Parente, e

divide o districto das Indias pertencentes á corôa d
tella, fundado nas concessões pontificias, aceitas e pr
das por ambas as corôas, como referem muitos aut
descrevem, em especial o grave Solorzano), discorrian
festando-o as aves de rapina septentrionaes (quero
piratas) (5) para lograrem, conforme seu pessimo e
terado abuso, o fruto do trabalho alheio e de tanta
cada diligencia, constituidos harpias asquerosas e
nas das mesas que não preparam, e zangãos esfom
do mel que não fabricam. No mez de Agosto de
tendo aviso o capitão-mór Francisco Caldeira que
não hollandeza pretendia entrar a barra do Pará, a ma
reconhecer, e se lhes parecesse por qualquer mod
vadir e maltratar, em duas canôas de guerra, pelos al
Pedro Teixeira, natural de Cantanhede, e Gaspar de Fr
de Macedo, que, vendo-a dar fundo, esperando a cerr
da noite a abalroaram valorosos, em occasião que a
lancha, a tomar lingua, tinha demandado a terra;
ella atracados lhe davam a toda a pressa fogo, q
hollandezes, pelejando uns com os aggressores, outros
a agua e mais defensivos, por vezes a pagaram bem
citos; porém os portuguezes, supposto que alguns m
e os mais feridos, sendo-o Pedro Teixeira de tres g
grandes, se houveram no empenho tão constantes,
officina de Vulcano tanto mestres, que por ultimo a
cidade das applicadas flammas tragou da embarcaç
parte a seu elemento sujeita, e a da agua a que lhe
subordinada; sem que d'esta perdição, excepto um
trombeta, que ao mar se arrojára, algum outro fosse ise
Na baixamar ficou a artilharia descoberta; em fórma
dos vencedores foi arrecadada, ordenando sua boa for

(5) Solorz. de Jure Indiar.

que valor tão soberano, como conseguira honra, tambem tivesse lucro.

3. No seguinte anno succedeu remetter este capitão-mór ao do Maranhão, por terra, umas cartas de importancia, sendo seus portadores certos indios dos avassallados; chegaram a *Tapuytapera*, onde se havia introduzido um muito ladino, que com os francezes tivéra familiar vivenda e particular graça; estes, ou pelo sentimento da utilidade perdida com a expulsão e destroço dos amigos que desejaria vingar cruel, ou pela natural inclinação de aleivosia e crueldade, que a todos anda annexa e voluntarios professam, a quem parece queriam lisongear perverso, induziu ao principal mais poderoso d'aquellas partidas, a que sorprendesse o correio e lhe tomasse as cartas para elle lêr, fingindo que sabia, e se vêr o que os brancos entre si dispunham e machinavam; executou-se; abrindo-as e olhando-as com grandes visagens e meneios de espanto, lh'as interpretou tyrannas, dizendo que o *morobixaba* (val o mesmo que governador) do Pará se mancominunava com o do Maranhão, para serem degolados todos, dizendo a fórma e assignando o termo. Mal acabára a interpretação ficticia, quando em grande numero convocados, e como féras bramindo, assaltaram os hospedes, já como camaradas e vizinhos de sua segurança divertidos, achando-se n'este flagrante sem o amparo de seu capitão, que havia passado a vêr-se com seu pai ao Maranhão, mas já voltava de todo, não desacompanhado, chegando a tempo que lhe haviam dos soldados do presidio mortos mais de 30, que, sendo visto dos rebelados, correram como assanhados tigres a impedir-lhe o desembarque; pelejou com elles mui devéras na praia, conseguindo comtudo sómente a salvação de poucos presidiadores, que, escapados do destroço repentino e improviso, haviam recorrido ao porto, com elles embar-

cando, deixando tambem dos que agora levára cinco n
se retirou á praça gravemente, sentido da traição ge
e de si desgostado, parecendo-lhe que d'ella e
effeito desastrado fôra o maior motivo sua ausencia.

4. Aberta esta nova guerra com os *Tapinambas* (*sic*
tirado o capitão Antonio de Albuquerque, se preparav
tropa no Maranhão, a cargo do capitão mór do Pará
ronimo Fragoso de Albuquerque, que com esse des
por D. Luiz de Sousa, successor de Gaspar de Sousa n'a
geral governo, chegára do Brasil ; porém de presente
falta de sufficientes forças, não teve effeito; sendo sór
para aquella capitania, cujo capitão-mór, Francisco
deira, se achava pelos referidos gentios em grande a
sitiado, remettido agora por mar com algum soccor
capitão Bento Maciel Parente, o qual, chegando, teve co
indios alguns recontros, e não os podendo desalojar v
a Pernambuco a solicitar soccorros equivalentes, co
quaes, reconduzido no anno de 1618, entrou em *Tapu*
pera por *Jaguarary* com bem repugnancia dos rebella
rebateu-os com damno consideravel, e os perseguiu
distancia de 150 leguas até o Pará ; havendo-os desb
tado em dois recontros nos sitios de *Acarapy* e *Guana*
gravemente, os obrigou logo a levantar o cerco; e c
gando com aspereza os principaes alvorotadores que h
a seu poder; descabeçando muitos, e com singularida
aggressor de tantos males, com a falsa lição da carta, c
tituindo-o do furioso tiro de uma peça horrendo a
para que a extravagante pena em um instante não
abrisse, mas de todo desmantelasse aquelle féro pe
pestifera officina de tão pernicioso enredo; em fórma
d'elle outra cousa não ficasse, ou por algum modo esp
de tempo permanecesse, que a horrenda memoria pa
estranheza e para o escarmento. Sem interpolação ent

com 80 soldados e 400 indios de guerra. Seguindo os delinquentes, prendendo e matando muitos, por distancia de 200 leguas de terra e agua; porque além de grandes guerreiros, pela possessão de muitas, eram poderosos e soberbos ; ficando, porém, senão extinctos, muito domados, e os vizinhos, para como comnosco deviam proceder, bem advertidos. Retirou-se depois ao Maranhão, onde já por fallecimento de seu pai, e ordem de D. Luiz de Sousa, governava Antonio de Albuquerque; d'elle foi mandado edificar na entrada do rio *Itapucurú* um forte, que em breve levantou e com 40 soldados guarneceu.

5. No anno de 1619 entrou a governar o Pará o capitão-mór Hyeronimo Fragoso, não constando obrasse em tanto tempo intermedio, entretido, cousa de importancia, nem depois no que gastou governando; succedeu-lhe no de 1623 na capitania o referido Bento Maciel Parente, quando logo, socegadas as reliquias dos passados alvorotos, fez lavrar na cidade uma fortaleza de taipa de pilão, sufficientes alguns templos, e outros edificios ; conciliando a paz com muitas nações barbaras, e attrahindo outras a viver na vizinhança da praça debaixo das armas portuguezas, empenhando-as na cultura das terras, e a conservar-se comnosco em correspondencia reciproca de amizade. Fez abrir caminho d'alli para o Maranhão por terra, pelo interior do sertão 50 leguas das praias, pondo-lhe no meio uma aldêa dos indios já pacificos, que servissem de sua conservação, e aos passageiros de refugio, e de passo livre para a conducção dos escravos, que, resgatados nos sertões, conforme os reaes indultos, se houvessem de conduzir ao Maranhão. Tinham os estrangeiros muito antecipadamente disposto, pela maior parte das ilhas d'aquelle sobre todos caudaloso, feitorias para o resgate de tabacos, algodões, gengibre, tintas, e outras drogas até então appare-

cidas, que a ellas vinham os seus navios carrega
utilidade de uns e outros commerciantes ; fornece
juntamente para d'alli se adiantarem a infestar as
Resolveu-se, supposto com poucas forças, o novo c
mór, a trabalhar todo o possivel por desalojal-os
mais se fortificavam, que era da outra banda, ma
districtos de Portugal em distancia de 100 leguas,
dispôz com tanto valor e industria, que quasi de
conseguiu, guerreando-os incansavel e destro, com
pelos rios e emboscadas por terra, expugnando-lhes a
talezas que os seguravam assistentes, abalroando-lh
pequenos vasos, os navios que a ellas os levavam
excessivo prejuizo de almas, vidas e fazendas dos ge
e mais habitadores do Estado ; sorprhendeu-lhes n
meiro anno de seu governo dois, matando n'elles,
escaladas dos fortes e em outros varios choques, ma
200 hollandezes e inglezes, e dos indios seus all
grande numero; a muito risco seu, mas sempre com n
vilhosos effeitos, não o tendo sómente tão feliz a inte
expugnação da sua força, situada no *Curapá*, que po
ordem invadiu, mas não ganhou Pedro Teixeira, já cap
se bem intimidou e damnificou muito seus defensores

6. Achando-se o governador no decurso d'estes suc
sos sobre um dos inimigos fortes, por elle muito ata
na ilha dos *Tucujús*, teve aviso, pelo alferes Francisc
Medina, que em uma pequena canôa rondava a costa, e
uma náo hollandeza se mostrava, e parecia navega
soccorro dos cercados para do perigo eximil-os, com
homens e muita artilharia (assim constou depois); ren
teu-o lógo com cinco canôas armadas a investil-o, c
executou com grande alento,e, supposto lhe fez acunha
leme, se retirou com todas destroçado. Avançou-se en
o proprio capitão-mór, que com outras cinco lhe vinha

reserva dando escolta, e atracando se pela prôa com a não, desamparado, a pouco espaço de fracas embarcações da sua conserva, todas da muito e furiosa carga dos hollandezes rebatidas, se conservou com a sua pelejando o intervallo dilatado de quatro horas, sem nunca por violencia alguma, qual tenaz molosso, largar a presa; até que os retirados companheiros de envergonhados, ou do raro exemplo, no valor de seu superior movidos, de novo se lhe arrimaram e aos inimigos combateram; de sorte que, desesperados, se deram fogo, lançando-se ao mar os que inda da batalha se conservavam vivos, isentando-se por este meio do incendio, mas não da morte, que o capitão-mór, irritado da sua pertinacia brutal e barbara, mandou entre as ondas, que nadando dividiam, com crueza executar-se n'elles; desafogando assim a colera, e modificando o sentimento, das que no porfiado conflicto, alguns dos seus receberam, com dôr que passa, para as commutar em gloria que sempre dura. Foi este feito de Bento Maciel, suas circumstancias todas bem ponderadas, digno da admiração mais senhoril, da celebridade nada vulgar. A embarcação dos inimigos, muito alterosa e forte, a sua debil e rasa; elles, 80 soldados veteranos; o capitão-mór, sómente de cinco, na milicia maritima inexpertos, com mais poucos indios vogadores, inda que tambem flecheiros, assistido: os contrarios, como de um castello combatendo; est'outros quasi debaixo de seus pés, em fórma de rendidos e prostrados, com impulsos custosissimos rebatendo-os, ou com trabalho immenso reparando-se; as armas de enorme desigualdade; a investida de longe intentada, a escala vista, e por isso o apercebimento hollandez mui vantajoso. O combate não subito breve, nem improviso, de cuja inadvertida presteza, como succede, se lhe seguisse confusão ou desacordo, mais de quatro horas permanente;

no qual a constancia dos aggressores se constituiu ge
filha do seu valor, e esto benemerito credor de
premio do maior applauso.

CAPITULO IV

1. D'esta arte perseguidos os hereges, mortos
sioneiros os mais, perdidas as suas militares fabricas,
artilharia, outras armas, e depois, o menor numer
appareceu; desistindo sua cobiça insaciavel por entã
utilidades, por elles n'aquelle famoso rio presumi
affectadas tanto; julgando-as agora mais que preciosa
infaustas, não se embotavam os fios das espadas v
doras com o demasiado uso de cortar, nem seus an
se fartavam de vencer, ou os braços lhes cansavam e
torpeciam de ferir, nem para o ocio ou remissão d
navam negligentes; antes logo foram debellando os ir
confederados dos vencidos, e que haviam morto ma
100 portuguezes, conquistando-lhes quinze provin
com mais de 2000 povoações habitadas, assim d'estes c
dos que se negavam aos vinculos da paz, á sujeiçã
corôa: os *Guajajaras*, *Tapinambas* (*sic*), *Tocantins*, *Nua*
Aroans, *Mapuazes*, *Pacajares*, *Curupás*, *Mariguins*, *G*
nins, *Tapuyusus*, *Jacarés*, *Gaupes*, *Andyras*, e *Pira*,
em que se trataram guerras mui difficeis pela interposi
furiosa das correntes dos rios; da grandeza e prof
didade, sujeita a grandes alterações, dos lagos; da as
reza das terras, intratavel por suas brenhas féras e roc
dos, pela ferocidade e aleivosia dos indios, armas in
gnitas nunca vistas, e muitas d'ellas envenenadas, e p
uso de pelejar jámais imaginado; sendo preciso

estas causas, succederam aos conquistadores casos de valor estranhos, façanhas inauditas, fortunas e successos em summo gráo, prosperos e adversos, por modos em tudo varios, peregrinos, a que n'estes termos a consideração discursiva não só deve prestar assenso, mas preeminente louvor e credito ; já que carecemos de documentos que os aclarem ou distinguam, supposto para a apprehensão ensinuada nos concede motivo grande o encarecimento com o que o mesmo capitão-mór, no relatorio justificado e depois impresso, para a pretenção de seus despachos, referindo alguns dos seus serviços por maior, assim conclue: que os que havia feito a Sua Magestade n'este Estado eram dignos de larga historia,e muitas cousas excediam aos que, na conquista da Nova Hespanha, Fernão Cortez obrára (6). Ditoso homem se mais não sobrevivêra, ainda que das mercês pretendidas nunca gozára, pelo que brevemente será do leitor visto com estranheza summa e excessiva lastima.

2. Em o anno de 1624 chegou ao Estado do Maranhão Francisco Coelho de Carvalho, despachado por seu governador-geral primeiro, com separação do do Brasil. Foi excellente na boa direcção e expediente das obrigações de seu officio por espaço de 12 annos que o exerceu, permanecendo n'elle quanto a vida lhe durou. Tomada posse, insistiu logo, passando ao Pará, na extincção das reliquias dos habitadores do norte, que ainda de antigo se conservavam nos asylos de tres fortalezas amparadas entre os agigantados braços d'aquelle vasto rio, servindo-lhe de extraordinarias cavas ou fossos naturaes e inconstrastaveis, suas profundas e arrebatadas aguas, aos fundamentos que os sitios mais asperos das ilhas lhe haviam offerecido fortes, denominados

(6) Relação impressa dos serviços de Bento Maciel.

do *Corrego*,de *Fitippe* e do*Curupá*,não lhe valendo ta
defensas da natureza, muito soccorridas da arte, que q
as constituiam em si expugnaveis para deixarem de se
em breve tempo suas ruinas, de funesto desengan
suas mal fundadas esperanças, como a seus contend
de trophéos gloriosos os pedaços de seus edificios,
por mais robustos, ficaram remanescentes; pondo-se
parte do governador o bom conselho, a prevenção e sa
industria; e da do capitão-mór Pedro Teixeira,a execu
valorosa e bem afortunada,de que sem duvida,resultar
airosos ardimentos, e cavallarias extremadas de elega
descripção, e memoria perduravel, da qual, como n'e
obra muitas vezes nos queixamos, por inadvertencia
gentes e culpa natural do decurso succesivo dos temp
aquelles varões grandes careceram injustamente. Repara
então a fortaleza do *Curupá*, attendeu a ordenar o pilo
com tão maravilhosos effeitos da utilidade publica, e q
ainda hoje affirma a tradição commum,que a este govern
dor deve o Maranhão tudo o que foi e em seu maior a
mento ; entre os moradores d'elle se viu importar de est
mação e preço. Falleceu este exemplar do bom governo n
cidade de Bethlem do Grão Pará o anno de 1636, deixand
nomeado por seu substituto a Antonio Cavalcante, seu pa
rente, que não foi obedecido no especial no Maranhão, ond
Jacome Raymundo de Noronha, provedor-mór da fazend
real, se fez introduzir capitão-mór por meio de grandes per
turbações e prejudiciaes tumultos (que tão de longe começo
n'esta cidade a padecer-se tão nocivo achaque), que ora po
não duplicar esta odiosa materia, havendo de narrar com
toda diligencia e do motim proximo, principio d'este tra-
tado, e tambem por carecer das noticias necessarias de
que pende a verdadeira relação, deixo de referil-os con-
cluindo foram n'aquelle tempo por Bento Maciel Parente,

no governo geral do Estado successor legitimo, bem compostos e castigados.

3. Domados, emfim, dos conquistadores, os indios habitadores da ilha, e mais confederados, a fogo e ferro, começaram a subministrar-lhe serviçaes em abundancia mantimento e o descanso ; sujeitando-lhe não só para cultura da terra os braços, mas tambem para os conduzir em seus passeios e caminhos os hombros : eram os executores da conquista da milicia ordinaria soldados pobres, membros segregados do maior corpo do exercito alojado em Pernambuco e mais praças do Brasil ; unidos para este fim, com mais attenção a prefazer bastante numero, que a qualifical-o: bem que como portuguezes intrepidos e valorosos, porém faltando-lhes aquelles espiritos generosos, que pela maior parte assistem nos corações dos nobres, não aspiram a mais que ao sustento das vidas que reconheciam seguro, e a commodidade dos corpos, e achavam prompta na servidão dos indios, culpavelmente n'esta debil conveniencia entorpecidos, á maneira de qualquer irracional vivente, não trataram de inquirir curiosos e investigar circumspectos do interior da terra firme os segredos e as riquezas, que descobertas se lhes devesse a real corôa e a patria augmentos grandes de proventos importantes e multiplicados titulos.

4. Fundaram logo a povoação denominada S. Luiz no sitio referido, em memoria do santo rei francez, cuja imagem parece que veneravam no seu domicilio os de sua nação, e ficou aos nossos, não como despojo de guerras mas documento de sua devoção. A materia das casas que então edificaram, as paredes e o tecto, tudo de palma, bravas, a que chamam *pindobas*, de que ainda hoje permanecem algumas renovadas, e assim mais pareciam pastoris albergues da montanha, que edificios condignos de

cidade ; agora as fabricam de taipa de pilão, com sua tel vã sobre mal polida madeira ; suspiram comtudo de pr sente pelo estado d'aquella éra, julgando-a idade de our na qual, contam os velhos, que isentos da ambição, e s brados do necessario, viviam conformes e satisfeitos todo Formaram sua republica mais simples e rustica que pol tica e providente. O que, supposto n'aquelle tempo de inn cencia fertil, não occasionou detrimento ou infortunio d'ahi resultaram depois desacertos muitos, e para o ber nenhuma disposição, porque entrada a malicia natural filha da primeira culpa, e adoptada sempre do decurso do tempos e da occasião, foi facil prevaricar-se aquella sim plicidade tosca pela communicação dos degradados e fora gidos, sujeitos que a ella concorriam, uns forçados d: condemnação, os outros do temor da que mereciam seu: costumes ; introduzindo-se nos incautos animos pessima: inclinações e depravados vicios, sendo desaggregados menos nocivos, mas nada uteis, os que se lhe accumulavam vexados da pobreza, e da terra filhos por seu baixo nascimento, que estes, com officio na republica, mais servem ligando-se de ordinario com os peiores (como os dentes de Cadmo) para occasionar entre si o estrago, do que o augmento ou a conservação (7). Assim, pois, os moradores da nova cidade (*magis permixti quam electi*), como disse Tacito das cohortes pretorias, que formou Vitelio no primor dos de seu Imperio, conglobados de varias condições e varias patrias, sem disciplina alguma nem policia, instituiram esta colonia e seu governo, circumstancia tão perniciosa, que para a evitarem, na fundação de semelhantes, enviavam os romanos as legiões inteiras, com seus princi-

(7) Ovid. Meth. Orph ?

pes e cabos, reparando em que fossem veteranos os soldados, assim na milicia como na camarãda (*sic*), por conduzir muito para unir-se amigos, e ajustar-se conformes: Tito Livio nas *Décadas* e Tacito nas historias o referem, com ponderação de importancia ao bem publico (8).

5. E não ha duvida, que commummente os meios e os fins correspondem aos principios em boa philosophia, porque em um bom exordio assenta bem o axioma: *Finis coronat opus*. E d'elles se tira ajustada a consequencia de melhor, como de um máo se segue *ruere in deterius*. D'esta sorte o Maranhão nunca melhorou: sempre declinava por impericia de seus habitadores e summa negligencia, que a curiosidade e a diligencia procedem do bom discurso e boas artes, e onde faltam, quasi não ha outro cuidado que o do sustento do corpo, e com elle, por vil que seja, se satisfaz a pusilanimidade do ignorante. Homens d'esta qualidade eram os que pela maior parte passavam a este Estado, e não outros que, ornados de sufficiencia virtuosa e boas partes, lhe dessem lustre, ou por elle carecer de fama que o acreditasse, não sendo bem conhecido ainda seu estimavel prestimo para ser de melhores cultores occupado, ou de fortuna, ao modo que vulgarmente se pratica, para ser de sujeitos capazes assistido. D'est'arte continuavam a posse de seu dominio os portuguezes, não se avantajando sua industria mais que a fabricar alguns engenhos de assucar, com que começavam a lograr o commercio; e vivendo alegres e satisfeitos desmentiam parcos e commedidos a conclusão *Nemo sua sorte contentus* que Horacio assevera de universal (9), até que o anno de 1641,

(8) Titus Livius *in Deca. lib. in hoc var*

(9) Horat. Satyr. n.

com a invasão dos hollandezes, lh'a transmutou fatal e infausta; que não importava deixar ella de ser a todas luzes grande e excellente, com tanto que n'essa opinião fosse lograda, para ser da fortuna perseguida, e padecer da revolução dos tempos a natural mudança.

Que o mal terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

Diz elegante o nosso Camões ; pensão d'este mundo bem ordinario, e dos homens, para em seus ambiciosos excessos se reportarem sempre, mal attendida.

CAPITULO V

1. Governava então o Estado Bento Maciel Parente, a quem as acções precedentes qualificavam dignissimo, se de premissas tão revelantes, na presumpção e expectativa de bons progressos, não procedêra a consequencia nos effeitos tão fallida, mostrando nada importar a reputação do merecimento passado, se não se lhe accumula sempre com iguaes ou avantajadas obras seu thesouro, porque na carreira das virtudes militares, o cahir é sua total ruina ou aniquilação; o anteparar, seu desaire feio, pelo que deve coroar o fim d'ellas o heróe que as affecta com o de sua vida, ou por modos licitos, em tempo habil, com o retiro honesto. Muito visto parecia este sujeito quando soldado, e em menores postos occupado, na theorica e pratica da milicia, de que, e de outros muitos requisitos, importa ornar-se, na opinião de Philo, e é commum o genio de um governador perfeito: *Moderator debet esse, multiplex, et, multiformis allius in pace, allius in bello, aliter se pau-*

cis, aliter se multis opponens adversariis(10). Porém este, ou que com a idade já provecta se lhe houvesse em seu peito amortiguado ou entorpecido aquelle vigoroso calor muito preciso nos sequazes de Marte, que os faz, por meio dos maiores perigos, nos casos arduos, portar-se fortes e constantes, ou que a fortuna (fallando na phrase vulgar) que benevola o patrocinára moço, o tivesse por velho já aborrecido e desamparado tanto, como a seu parecer a muitos lhe tem succedido o mesmo; do que sem dissimulação alguma Carlos V, Imperador, se queixava lastimando, dizendo que a fortuna era amiga dos mancebos; porque, sendo-o elle, lhe agenciára victorias sempre, como agora quasi enfastiada, ou mais que satisfeita, lhe acarreava de ordinario desastres e trabalhos desdenhosa. *Non dissimulanter dixisse fertur, furtunam esse juvenum amicam, quod ex fastidio quodam, ac satiatate jam capta, ab ipso recedere incœpisset* (11)... Tambem incorria para o damno d'esta ineptidão, a negligencia introduzida pelo ocio da larga paz interpolada, que costuma aos veteranos reduzir bisonhos; e sobretudo se conjecturou n'aquella éra, o que na de agora ainda prevalece, que este homem se reputou com os moradores tão malquisto, pelos haver fintado em graves sommas, para o dispendio das fortalezas mandadas por elle fabricar, que temeu vêr-se na occasião desamparado, e por conseguinte perdido; devendo fazer esta consideração para evitar tão damnoso conceito, quando (como consta das supplicas de seus requerimentos) allegava pelo maior de seus serviços, o haverem-se fabricado da fazenda real a nenhum custo, pagando, porém, agora mais que anoveado, o valor e preço de uma provincia inteira mal

(10) Phil. lib. de creat. Princep.

(11) Strad. ab. sta ravolsc. citat. Lib. 8°, rei mil.

perdida. D'esta politica indiscreta, ou por melhor dizer ambiciosa, disfarçada em virtuoso zelo, usaram em todo tempo alguns ministros, rebuçando as conveniencias de seu valimento, e outros pretensos, com apparencias falsas da utilidade de seus principes, poupando-lhes (como elles dizem) de presente, com não satisfazer-se o suor da servil gente, ou desseccando de todos a sustancia, alguma fazenda de suas corôas para de futuro lh'as arriscarem com desperdicios d'esta propria fazenda, sem conta, ou de todo as perderem. Por estas causas, e outras não muito differentes, elle se mostrou de sorte incapaz de tudo, que parecia nunca militára, nem armado contendêra. E assim, faltando-lhe a prudencia para se oppôr á cavillação, a sagacidade para contaminar a malicia; e emfim a resolução valorosa, para rebater a força e a violencia do invasor, ao menos depois de conhecida, foi facil vêr-se d'elle enganado, para logo se reconhecer opprimido, sempre vacillante e irresoluto, ainda quando já lhe convinha ostentar-se animosamente precipitado por vencer ou morrer (como Annibal propôz a seus soldados, entrando á Italia, no primeiro conflicto junto ao rio Trebia com os romanos: *Hic vobis vicendum aut moriendum milites est, ubi primum hosti occurristis*, (12) pois de qualquer sorte, vencendo venturoso, ou morrendo forte, era para elle bom partido, porque de todo o modo viveria, ou no triumpho benemerito conseguindo-o, ou na fama emeritissimo com a vida perdendo; e é digno de reparo a vista d'este exemplo singular, que importando tanto que os governadores sejam de tão relevante capacidade, e para isso os perfilhe sempre o acerto da eleição considerada, os vejamos as mais vezes afilhados do interesse ou da recommendação amiga, ambos affectos cégos, ambos de perdição.

(12) Tit. Livius. Lib. 2, decad. V.

2. Entoára-lhe o inimigo chegado á barra, em som de guerra, vozes de paz, propondo-lh'as, por um enviado que lhe remetteu n'este sentido, que elle era amigo, e vinha com aquella armada dos Estados que se tinham confederado amigavelmente com o Sr. rei D. João IV, discorrendo os mares, e pretendia visital-o cortez, e refazer-se de sua honrada correspondencia necessitado; que o não temesse contrario, quando havia experimentar agradecido, nem occasionasse arrojado o vêr-se de suas grandes forças combatido, com affronta propria, de seus subditos ruina certa. Perplexo o governador, sem dispôr nem resolver, deu lugar a que, conhecido do cavilloso belga seu temor, e insufficiencia, se resolvesse intrepido; seguindo a observação de Antonio Primo contra o exercito viteliano: *Statim aggredi statuit, antequam ducibus authoritas militi obsequium rediret* (13). E o que o nosso Camões tambem insinua:

Revolvidas as causas no conceito
Ao proposito firme segue o effeito (14).

Pelo que avançou logo o porto com todos os navios (dezoito dizem que eram), prevenido, esbombardeando espantoso, contra gente ignara de milicia, efficaz meio: e desembarcando a gente, sem opposição alguma, á sombra de sua artilharia, marchou formado a occupar sem resistencia a fortificação, entregando-lhe o governador á entrada d'ella as chaves e a pessoa, que não serviu de mais que de autorisar-lhe o triumpho e menoscabar-nos a opinião, a qual desejou então adversa fortuna, um artilheiro por nome Mathias João conservar-nos, ha-

(13) Tacit. hist. L. 4.°

(14) Camoes, *Lusiadas*, canto.

vendo disposto, e coberto de ramadas em accommodado sitio; 30 e mais caixões, de bala miuda carregados, para que entrando o inimigo esquadrão na praça de armas, o destroçasse infallivel. Mas d'esta prevenção, sendo ao nosso governador occultamente dada parte, com designio de que a um mesmo tempo fizesse avançar algum golpe de soldados, que se conservavam em um forte ainda não rendido, para que o adversario de todo o sentisse grave, e a victoria dos nossos se reacabasse prospera; elle inhibiu o animoso intento, devendo augmentar-lh'o e induzir-lh'o, como Cesar, (15) na batalha em Africa, sem ordem sua, começada a travar contra el-rei Juba, e Scipião, ardilosa e felizmente machinou: o que este não fez, sem duvida com o temor da morte, que podéra, se lhe succedesse alli, conseguir honesta, que depois em o caminho do Ceará, para onde o remettiam prisioneiro, recebeu indecente e lastimosa. Não faltando alguns que o calumniaram igualmente de perfido interesseiro, que pusilanime. De quem se podia dizer, ao nosso proposito, o que Valerio Maximo de outro romano, que entregou o amigo, que se lhe tinha confiado, a seus contrarios: Que se o fizéra com o temor da morte, o reputava por da vida indigno; se por interesse, só da morte dignissimo: *Si timore mortis vita indignus, si spe præmii morte dignissimus* (16).

3. Rendida assim a praça e incontinente saqueada, tratou advertido o flamengo de segurar o feliz successo e adquirida presa, por não se expôr á censura de Maharbal, referida por Livio, em que incorreu Annibal, vencida a batalha de Canas (17), por logo não marchar a apoderar-se de

(15) *Caes. De bello Af.*

(16) Valer. Max. Liv. 5°, *de gratitud.*

(17) Tit. Liv. Decada 2ª Lib. 1.

Roma, dizendo que elle sabia vencer, mas não usar da victoria : *Eum scire vincere, uti victoria nescire.* Desarmou, pois, os moradores, pôz em reclusão os que podiam tomar armas, dos quaes transmigrou muitos, havendo embarcação que com 110 portuguezes sahiu do porto, e nunca mais d'ella ou dos prisioneiros appareceu vestigio ; outros remettidos por terra para o Ceará, fortaleza que já elles tinham occupado, foram mortos na passagem pelos *Tarimambés*, dos gentios os mais barbaros e traidores ; porém n'esta occasião se affirma, que a maldade foi flamenga, e, supposto a dos *Tapuyas* opprimiu os mais beneficiou os menos, que sentia capazes de subministrar adminiculos á sua tyrannia, por poderosos ou astutos e perversos. Repartiu pelos engenhos de assucar guardas; e finalmente, como capitão esperto e sagaz politico, tudo encommendou ao conselho e á vigilancia, nada permittiu ao acaso ou á negligencia ; seguiram-se brevemente vexações, e exorbitancias contra as vidas e fazendas, que o dominio adquirido com aleivosia e a violencia nunca deixa de observal-as, como assenta Tacito : *Nemo enim unquam imperium flagitio qaæsitum, bonis artibus exercuit* (18). Temia-se sobretudo, passassem a macular-lhe a fé santa, que tanto os portuguezes zelam, vendo já profanados os templos e impedido o culto sacrosanto, ostentando-se por instantes, o sectario e heretico. Assim que se resolveram eximir do duro jugo, solicitando a liberdade e a segurança, por meio das batalhas e dos perigos repudiando obsequio tão damnoso,á maneira dos longobardos, referidos por Tacito : *Non per obsequium sed prœllis et periditando tuti sunt* (19).

4. Destituidos os restantes moradores de todo hu-

(18) Tacito, *Historiarum*, lib. 1.

(19) Tacito, *in lib. de morib. germanor.*

mano soccorro, mas não do innato valor como portuguezes, se começaram a communicar recatados, a ajustar conformes e a dispôr advertidos, com resolução temeraria, porém necessaria e venturosa, como a intitula Horacio: *Audaces furtuna juvat timidos que repelit*(20). Eram poucos ; armas e munições quasi nenhumas : temiam-se de si mesmos, e serem delatados ao dominante da conspiração, emprehendida antes que executada; vendo-se primeiros réos, que de facto criminosos, tudo venceu o aperto e a razão, atropellou o animo e a desesperação. A primeira facção (não pôde ser menos) foi filha da cautela e da vingança, interprendendo-lhe e matando-lhe um grande troço de seus soldados, com que se presidiavam e guarneciam as ribeiras do rio *Itapucurú*, aproveitando-se de suas armas como despojo de mais estima e então mais necessario : *Quippe üsdem artibus decepti hostes, quibus adorti*(21). Diz Tacito e o approva. As demais todas foram do valor e da constancia dignas, por isso de memoria perduravel inclusa em mais extensa relação, por melhor pena e superlativo engenho a que deve reservar-se todo o decoroso d'estes successos, tomando sómente por nossa conta aqui o referil-os com brevidade affectada, mas verdade sincera, na fórma seguinte.

CAPITULO VI

1. Haviam os sublevados, por primeiro fundamento de suas esperanças e feliz successo de seu empenho, feito eleição de cabo que os governasse, e contivesse concordes e

(20) *Horat. in lib. epist. in* 1.°

(21) Tacito, *Hist.*, lib. 3.

valentes entre os limites da varonil prudencia, e temeridade céga, na pessoa de Antonio Muniz Barreiros, sujeito de capacidade benemerita, no valor e discurso, como pouco depois mostrou o tempo e qualificou a experiencia. Logo que este corpo da conjuração teve cabeça que o regesse, começaram a vivificar generosos espiritos os corações de todos, e a dispôr-se para mover-se em suas operações as necessarias faculdades. Consultou-se, entre os mais capazes, onde se descarregaria o primeiro golpe de sua indignação justa e soffrimento rôto, que para o inimigo fosse mais sensivel e aos nossos conveniente. E se resolveu que, nas estancias por elle occupadas, com mais de 300 homens, nos districtos do rio *Itapucurú*, assim no presidio de um forte sito na boca d'elle, como nos corpos de guarda dispostas pelas officinas de cinco engenhos, que lhe seguravam igualmente a campanha, e o melhor provento de suas conquistas, em seus assucares, por recompença de suas expensas, e de seus trabalhos premio; pelo que desbaratado este não pequeno troço dos contrarios, e sacando-se-lhe esta utilidade grande (como era facil de succeder), havendo resolução e secreto; para elles, seria na importancia de excessivo detrimento, e para os nossos, ao presente, de muito uso, e para o futuro de avantajados progressos; porquanto o forte e seu territorio nos serviria de praça de armas, e seguro retiro para esperar os soccorros de fóra, e proseguir, cobertas as espaldas em qualquer acontecimento de dentro, por toda a parte a guerra contra a ilha e sua principal praça, além de não se acharem para contraste de maior lote com bastantes forças, pois para esta empreza ainda se reconheciam mui desproporcionadas, porém de mais bem fundada expectativa de victoria, a qual, como meio mais efficaz para o bom complemento das acções militares, em seus principios se deve captar sempre

por de ordinario se conformarem n'ella com os primeiros, os successos todos. Regra bem observada pelo celebre general Agricola, na conquista ingleza no tempo de Domiciano e no começo de seu governo. *Non ignarus instandum fama, ac prout prima cessisenta, fore universa* (22).

2. Menos de cincoenta foram os que então se reconheceram promptos e ousados aventureiros, que sobre seus fortes hombros tomaram o peso da guerra hollandeza no Maranhão, e privados de seu dominio,passando-o ao portuguez, e o conseguiram com não menos felicidade que os dois cabos de esquadra, na conjuração de Otho contra Galba, transferiram o romano imperio. *Duo manipulares succapere romanum imperium transferendum et transtulerunt* (23).Mais companheiros é certo que achariam ; porém o perigo de encontrar um perfido entre muitos confidentes, que solicitasse o premio da infidelidade, posposta toda a santa lei e razão, os abstinha de dilatar o sequito,por não expôr ao destroço de uma iniqua delatação, o que entre si consideravam seguro; e tambem por entender que descobertos elles, especialmente depois de uma boa fortuna e successo, os seguiriam todos com mais calor e nenhuma perfidia ; além de que lhes dizia o cabo Antonio Moniz : « attendessem, que o meneio dos negocios era o mais opportuno meio para o effeito de intentos grandes, e senão necessitava de preplexidão onde a demora era mais perniciosa que a temeridade, como assim mesmo se dizia Otho, rebellado contra Galba : *Opportunis conatibus transitus rerum, ubi perniciosior sit quies, quam temeritas*:que da justiça da sua causa deviam formar ajustado conceito, que lhe conciliaria o favor do céo e lhe conferisse, e da terra

(22) Tacit. vit. Agri.

(23) Tacit. Lib. 1. Histor.

toda a aceitação e louvor, em qualquer caso, em todo acontecimento. E sobretudo lhe presentava, era a morte por natureza em todos de igual esquecimento; a qual para com os vindouros só em semelhante materia pela gloria das acções se distinguia. Assim lhes ordenou que, divididos e occultos em canôas sahidas de diversos sitios, e em desencontradas horas, passassem ao *Itapucurú*; de sorte que, sendo das hollandezas sentinellas do forte, ou de quaesquer outras vistos, escusassem o motivo da menor suspeita; apparecendo sómente quem bastasse com algum pretexto a enganal-os, e por nenhuma via advertil-os, se recolhessem logo, na fórma e numero que lhes assignára, com os indios forros e fieis de que se acompanhavam para remeiros, sendo tambem soldados, aos engenhos, cujos senhores lhes haviam de subministrar, como alliados sem serem entendidos de suas inimigas guardas, encoberto alojamento, os alimentos e avisos necessarios, na hora da investida ao corpo de cada guarda, toda a sua gente, forças e intelligencia. »

3. Assim dispunha com o dictame, e assistia com a pessoa aos seus dictames; porque lhes prometteu e o cumpriu, achar-se presente na execução com a espada, como agora com a disciplina. Passados todos áquelle terreno, não sem algum reparo dos inimigos, bem que muito disfarçados. Mas como o divino decreto de seu castigo devia ser absoluto, e nada condicional, occasionou o desprezo, e não como devêra á prevenção. Pouco depois encorporados e passada secreta mostra, reconheceu o capitão-mór no pequeno numero a pouca força, a qual divisa seria nenhuma; pelo que, mudando de conselho, como prudente lhes ordenou acommettessem juntos a guarda do engenho de Vital Maciel Parente, já para o proprio intento prevenido, e, concluida que fosse com universal morte, aquella pri-

meira parte de tão funesta tragedia, voltassem sem demora pelo rio abaixo até o seu engenho, onde uma luz lhes mostraria o porto e o prazo da desembarcação, para alli, como nos outros postos, representarem ao inimigo a mesma desventura, sem se conceder de nenhum quartel a unica graça voluntaria ou promissão; pretendeu assim evitar aos inimigos do forte e mais estancias toda a noticia, e ainda a menor presumpção,de que dependia por não estribar em grosso batalhão, d'aquella jornada o feliz effeito.

4. Era a estação do anno a invernal, supposto n'estas partes com muitos resaibos de invernosa, o mez sujeito a virginio signo. Do dia natural a parte a que o sol se nega; e por carecer então da substituta luz que na lua se lhe concede e a preside, por conjuncção, e dos outros astros pelo entreposto de nublados; assim se ostentava a noite lóbrega e por conseguinte triste, ao parecer de muitos com premeditado luto a tanto damno irreparavel, a tanta acção funebre. Vencido o primeiro quarto de seu discurso,se acharam avançados, intrepidos e arrojados; estes,se não naturaes, adoptados filhos de Marte e de Bellona, á estancia ultima em ordem de seu assento, e a primeira ao de seu fatal destino, atropellada de repente,e morta a sentinella,mais como leões ferozes, que racionaes viventes, entraram o quartel antes desgarrando que ferindo; onde não houve corpo que representasse fôrma ou fôrma que unida subsistisse em breve tempo; só sorprendidas logo as armas inuteis por aquella vez a seus perdidos e antecedentes damnos, mas de estimado prestimo aos successores; alegres estes e com silencio, pelo exordio de sua felicidade na victoria tão facilmente conseguida, viraram prôas, entregando-se á corrente do rio, e apostando com o impulso dos remos a ligeireza d'ella, demandavam do capitão o sitio.

5. De pouco espaço chegados áquelle limite, avis-

taram a luzida senha, e incontinente, tomando porto e dirigindo a marcha pelo rumo insinuado de pharol, avançaram ao presidio inimigo, que havendo sentido seus contrarios,se haviam em seu alojamento feito fortes; appellidada arma, e fechadas as portas (baldada diligencia mas natural acção), porque sendo o tecto de pindoba, encommendaram os aggressores ao fogo a execução do castigo,que se lhe não permettia aos golpes de suas mãos, porém mais proporcionado aos delinquentes, que sendo d'elle devorados pareceu singularisar-se n'elles, e repetir-se o que em Bohemia padeceram, mas justificadamente, os numerosos soldados remanescentes d'aquelle igualmente feliz na guerra, que, pertinaz herege ou barbaro, isca pena inda que não condigna a tanto delicto n'esta vida,por transitoria pelo que denota na outra por eterna, mais apropriada; e como estes eram pouco ou nada differentes na atrocidade contra a religião, vidas e fazendas das gentes, lhes succedeu tão semelhante morte, que esta vez se não contentou sómente com communicar aos cadaveres inimigos da catholica igreja, o pallido de sua côr cinzenta, mas tambem de em cinza resolvêl-os, sem que os lastimosos clamores e alaridos dos moribundos, por entre o estalido das flammas, motivassem aos ouvintes alguma compaixão, nem depois horror; outros, por repentinas brechas, obra de sua desesperação, se precipitavam cégos, dando costas ao fogo para com os peitos encontrar o ferro, e n'elle por diverso modo o mesmo risco que fugiam anciosos, e não evitavam infelizes; o capitão-mór, reconhecendo os portuguezes sofregos com successiva dita, e á vista do estrago e do sangue, quasi guerreiros elephantes, mais irados, os conduziu a semelhante presidio, que d'além do rio lhe demorava em frente; tinha-se n'elle sentido d'este fracasso horrendo o rumor estrondo pelas bocas das armas hollandezas,que em o mesmo

ponto disparára o incendio, e, supposto julgaram a cerrada carga, effeito da violencia em seus companheiros; a pouco espaço entenderam ser aquelle brinde da vida o trago mais amargo, e assim por divertil-o, usaram da propria resolução em seu quartel para não ser differente sua iniqua sorte, antes muito placido seu fim.

6. Restavam de outros doze engenhos os mão postos; com igual velocidade das canôas e alternados assaltos os avistaram, invadiram e destroçaram a golpe de espada os braços, e de páos de jucar os indios, não havendo outra diversidade n'estes dos precedentes casos,que ficar a crescida colera, pelo muito que cortou, um tanto rebotada ou satisfeita no engenho de Antonio Teixeira de Mello, que a vozes de christão piedade intercedia; se concedeu entre feridos e sãos a alguns a vida, de que a pouco espaço, postos em marcha, o cabo, mais estadista rigido que capitão generoso, os mandava privar a sangue frio, em o pretexto de não ter gente que podesse guardal-os, e que dos inimigos os menos para não temêl-os; porém não se achou soldado que executasse decreto tão duro e intempestivo, mostrando todos que o seu furor durava emquanto a resistencia e opposição o podiam fazer reciproco, e que, passada a occasião sanguinolenta, com coração magnanimo antes dariam o sangue proprio todo que derramar do alheio uma só gotta. Seria de quarto d'alva já o ultimo terço, e não enfraquecia o impeto nem cessava a coragem nos poucos soldados incansaveis e robustos, constituidos para os flamengos, parcas inexoraveis d'aquelles districtos, sempre cortando, nunca estendendo da vida o fio.

CAPITULO VII

1. Restava-lhe concluir o remate da facção promeditada, mais importante, que era ganhar o forte interprendendo-o. A descompassados passos por terra e entre brenhas, mais rompendo tropeços que marchando caminho, se arremeçaram para expugnal-o, com a esperança que lhe subministrava a conjectura de lhe não haver chegado do succedido noticia alguma; com a luz do dia reconheceram o seu contorno, sendo dos batedores, junto do rio, um hollandez visto e logo aprisionado, que os conduziu e collocou a cincoenta passos d'elle, na espalda de um penedo grande, denominado desde então da Paciencia, pela espera até largo espaço do dia. que alli fizeram, perplexos e irresolutos, até que, tocada uma trombeta dentro do forte, se abriram as portas, e sahidos alguns descobridores a descortinar o circuito, chegando quasi á dita pedra voltaram logo, e, *dada* senha, os nossos em seu seguimento, não sentidos *d'estes* nem descobertos da sentinella, que atalaiava de uma guarita (caso ou milagroso, ou digno de particular reparo) senão quando, já das portas a dentro, a voz dos golpes e a côr do sangue lhes denunciava a guerra. Precipitavam-se os hollandezes sem algum accordo ou conselho, que o nega ao melhor juizo, e valor mais crescido, um caso assim impensado e repentino, pelos effeitos tão de condição do raio. *Magnitudo periculi improvise, admerat omne consilium*(24). Sentença é de Tacito. Perseguidos, pois, os inimigos dos portuguezes, se haviam atropelladamente mais arrojado, que conduzido á praça de armas, solicitando mui-

(24) **Tacito, lib. 4. *Histor.***

tos a fugida pela porta falsa da parte do rio, porém já occupado de seus contrarios; entre dolorosos gritos, em confuso tropel, recebiam á mão tente as feridas do ferro, nos corpos sem reparo, para em breve exhalar por tantas bocas as almas sem remedio. De sessenta constava a guarnição; a poucos, pela persuasão de um sacerdote, que com um crucifixo arvorado lh'a implorava compadecido, foi prorogada a vida; sendo o numero dos que por hora um pouco mais a dilataram, n'este conflicto e no do referido engenho, 32, não para a lograrem segura, como era justo, mas para com duplicada pena duas vezes a prenderem; a primeira na apprehensão dentro da fortificação, a segunda quando effectivamente se lhes deu a morte por um aleivoso e tyranno homem, de nomear-se indigno, de quem, por que em sua fazenda os alimentasse caritativo, os havia o capitão-mór fiado circumspecto, elle com seus escravos os matou brutal, epitheto que só lhe quadra, nome que só merece.

2. Prostrados assim os inimigos, e conseguido por estes poucos soldados, em o compendio de uma noite tão repetido triumpho, apezar das distancias, estorvo de aguas e matas, horrores das nocturnas sombras, violenta alteração do perturbado espirito, e da agitação dos corpos fadigas immensas; sem se renderem aos presentes trabalhos, nem aos futuros; imaginados como resultas certas d'este militar assumpto, ou a ocio, usual accessorio das victorias, encommendada a guarda do forte aos moradores do rio, e melhorados de armas e munições, despojo dos passados conflictos, mas confirmados em suas esperanças e revestidos novos alentos, a beneficio tudo dos bons successos, já de voga arrancada demandam a ilha do Maranhão para continuar a guerra até lhe dar glorioso fim com a universal expulsão de seus inimigos, ou o terem, n'essa questão, suas vi-

das, illustre, tomando terra n'ella e feito eleição do sitio, se aquartelaram tres leguas da cidade, havendo-se-lhes aggregado mais alguns companheiros, em especial valentes indios. Tivéra o hollandez antecipado aviso do seu acontecido destroço, e logo represou na cidade perto de duzentos portuguezes mancebos,do obsequio dos quaes por hora tendo-os reclusos, e depois expulsos,e por varios modos mortos, careceu a patria ; a alguns outros, com o pretexto de fomentadores da rebellião, ao seu modo justiçou na praça, começou a dispôr-se para a defensa propria e oppressão dos, a seu parecer, rebellados. Tratou debaixo das armas de recolher os viveres da roças, lançando, conforme o intento, partidas fortes, e para os avisos solicitados espias confidentes ; com a fortificação se preparava em terra, prevenia-se no mar por meio dos navios promptos ; a tudo occorria, em nada se descuidava, com sobrado valor, discurso e experiencia bellica. Tinham noticia do nosso quartel, da pouca força, da muita confiança com que se mal guardavam, e temerariamente a um precipicio negligentes se expunham ; preparou logo uma sortida de 300 bons soldados, a cargo do capitão Sandelim, valente cabo, seguro de que, ou na marcha desmandados, ou no quartel incautos, seriam desbaratados ou de todo extinctos. N'este tempo se havia avançado dos nossos uma pequena parte a uma legua da cidade, nas margens de uns ribeiros chamados do *Cotrim*: serão remissos irresolutos em qualquer intento, quando, movido sem duvida de superior impulso, pediu licença a quem alli governava, Manoel Freire Louzada, para, em uma canoinha vogada de dois indios, discorrer rio abaixo, seguindo pelo *Ygarapé* vizinho o rumo da cidade, porque o coração o impellia a isso com presagio de importancia grande ; concedeu-se-lhe, e já quasi á vista d'ella se encontrou com outros sujeitos aos flamengos, que em se-

melhante embarcação lhe andavam pescando ; saudaram-se uns e outros *Tapuyos* sem apparecer o branco; e perguntando onde residia a nossa gente,disseram mais os avisassem que ao outro dia os acommetteria o inimigo com o dito cabo e referida gente; e porque os nossos se mostravam remissos na ponderação do aviso, ao despedir-se-lhes, tornaram a ratificar e encarecer ; voltou o homem a toda pressa, propondo premios aos vogadores ; chegou ao porto, contou o successo, obrigando a que n'aquella noite, com repetidos correios, fosse advertido o capitão-mór para que sem interpolação de marcha nem de tempo se incorporassem n'aquelle sitio todos, porque o contrario, que os considerava diviso, os encontrasse unidos e resolutos.

3. Ainda a presença da aurora pela confusão de seu resplandor mal se demonstrava, bem que pelo defluxo de seu liquido aljofar de certo se presumia, quando, com a reserva de tão limitado exercito, o capitão, alegre e animoso, entre todos foi visto, renderam-se-lhe militares cortezias e marciaes applausos ; e logo conferidas as inimigas noticias, observado o terreno e regulada a melhor fórma, resolveram livrar na prevenção de uma emboscada bem disposta, para si, o acerto de um feliz successo, e para o inimigo o sinistro de sua total desgraça ; estendia-se alli bastante espaço a estrada publica e larga, declinando pelo recosto de terra alta da parte da cidade para um valle ; suas margens de crescido e silvestre arvoredo, sua espessura capaz de embotar a vista mais perspicaz e occultar esquadrões de avantajada maxina (*sic*), compostos de maior numero, constava este de 60 portuguezes, em grande parte *Mamalucos*, os indios de 80 o prefaziam, que alternativamente interpolados cingiram de alto abaixo o caminho por um só lado, com ordem que serviria de signal para a primeira carga de mosquetaria e flechas, a qual só se daria

incontinente o menear das mãos e o ferir da espada, na cabeça da emboscada um tiro disparado já depois de enlaçado n'ella o troço inimigo.

4. Marchára elle das 6 horas da manhã, e pelas 9, sem haver sentido as nossas sentinellas que de longe por entre as frondosas gelozias o atallaiavam e antecediam; se achava no sitio condemnado todo ufano, sem outros receios que faltar-lhe contrarios em que empregar as forças e ostentar os brios; a este tempo, recebida pelos portuguezes a senha, pela voz de um mosquete, deram fogo á polvora, e os indios impulso nas flechas. Os hollandezes, senão desbaratados, confusos, ainda de todo não viraram caras, e moviam os discursos á impensada causa de seu damno, quando primeiro pelo ruido das armas ou dôr dos golpes e fusão do sangue, que pela vista dos aggressores reconheceram sua ruina (tanto de subito os romperam, tão ligeiros os assaltaram, que passaram praça de improvisos á maneira de harpias, sobrevindo, e de raios executando), assim os flamengos, cortados a um tempo do temor, logo de ferro, mais serviam de tropeço aos pés dos contrarios, cahindo: que de embaraço aos braços, offendendo, ou reparando-se. Já na estrada o campo de batalha o não parecia, senão estrada funebre de espedaçados cadaveres e armas rôtas, que não insinuavam a seus donos trophéos, senão exequias: só persistia o Sandelim na vanguarda intrepido, vibrando a todas as partes de um a pica os botes, de ponto em branco armado; offereceu-se-lhe bom quartel, que desprezou arrogante, para que em breve espaço, depois de mal ferido, pedindo-o, o não impetrar humilde. O respeito de seu valor e posto lhe adquiriu sepulchro, graça de que os mais careceram para horror da vista, recommendação da lastima e da humana miseria singular prototypo.

5. Concluido dos inimigos o referido e total destroço,

sustendo em uma mão o despojo, fruto benemerito do marcial trabalho, e na outra a espada vertendo sangue, symbolo horroroso de sua indignação colerica, entre os animados corpos e quebradas armas, consultavam os soldados sobre o particular de seus designios, conforme as occurrencias do lugar e tempo em que se viam, para que o acerto de suas operações successivas, fosse para maior excellencia, antes resulta premeditada do bom discurso, que caso inesperado, supposto que ditoso, procedido de duvidosa sorte. Em duas classes se dividiam irresolutos, e por isso infrutuosos ; quasi do modo que os conselheiros de Galba na rebellião de seu contrario Otho, mais lhe impediam o remedio perplexos, que solicitavam; expendendo o tempo, e mallogrando a occasião. *Interim Galbam dua sententia destinebant* (25). Diziam os mais arriscados ou valorosos: Devia sem a menor demora, com o presente alento e feroz ufania dos soldados, proseguir-se a victoria, assaltando de improviso a praça, tão disposta para a invasão, e condemnada a interpreza, quanto mal assegurada na confiança de seus campeadores; dos quaes julgavam as nossas forças inhibidas ou destroçadas, havendo sido as suas contra toda sua esperança e boa razão, que por isso se usasse do bom successo para seu complemento, não para mallogrado; o que succederia se esperassem a que tendo os inimigos aviso, do qual com a morte de todos por hora careciam refizessem os animos e preparassem os braços, não só para a defensa, mas tambem para a vingança. Outros menos resolutos, ou mais acautelados discorriam, se attendesse aos poucos que eram e cansados, ainda que victoriosos, á distancia de uma grande legua do posto que occupavam até a cidade, muito presidiada, e sempre conforme a militar

(25) Tacito, lib. 1, *Histor*.

disciplina, de inimigos bons soldados observada, como prevenida; que era mui verosimil haver escapado do conflicto, sem sentir-se, quem desse d'elle particular noticia, de que se seguira toda boa disposição para seu reparo e seu preciso accordo, ou dentro da fortificação cobertos, ou de fóra em alguma emboscada, entre as matas occulto; que não se negava que o proseguir as victorias era toda sua perfeição, porèm se entendia em termos habeis; que agora seria melhor esperar concorresse o aggregar-se-lhe mais gente, o que se tinha por infallivel, discorrendo pela campanha livre em breve espaço a voz de fama, encarecendo seu feliz caso, e, tomada lingua do contrario, menos arriscados, por mais advertidos, se resolveriam com igual certeza que segurança: foi este parecer seguido por melhor avaliado, e ser o motor d'elle Antonio Teixeira de Mello,que pouco depois, por seu valor e talento,succedeu na capitania mór e governo de todos.Porém o tempo e os acontecimentos o confutaram, senão por de todo timido, de menos acertado.

CAPITULO VIII

1. N'esta perplexidão, embargados os discursos e suspensas as operações da guerra, indecisos e irresolutos occupavam os portuguezes o campo do marcial estrago, attentos, porém, e solicitos no reparo de sua conservação e segurança. Formaram corpos de guarda, distribuiram ao largo sentinellas e remetteram para varias partes as novas do feliz successo; assim se lhes passou o dia e sobreveiu a noite, na qual seguraram de novo os postos com duplicadas vigias, assistidas de frequentes rondas; até que a matutina luz foi occasião de romper-se o nome e a irresolução, porque to-

dos a uma voz clamaram se demandasse a cidade, e provasse dos inimigos com effeito sua resistencia, sendo mui possivel com um inopinado impeto contrastar-se; ou quando menos muito reprimir-se, e, pois se achavam com as armas nas mãos, era melhor fazer-se experiencia d'ellas e dos braços que as meneavam, em todo caso, do que deixar entorpecer com qualquer dilação seu exercicio e desfallecer os animos: palavras com que Monobazo, conselheiro de Volagéses, rei dos parthos, o persuadia a romper com os romanos guerra, sobre a recuperação de Armenia, a seu parecer, por sua negligencia perdida e d'elles occupada. *Non enim ignavia imperia contineri, virorum atque armorum faciendum certamen*(26). Arrancaram logo com accelerada marcha em demanda da cidade; avistada ella, fizeram alto onde tomada lingua de alguns indios assistentes com o hollandez, e que agora se passavam aos nossos, com o titulo de transfugas, podendo ser espias; porém, examinados bem, se entendeu que o inimigo, senão de todo timido, era certo, em razão do succedido fracasso, de que tivéra aviso, por um seu alferes escapado do conflicto, achar-se perturbado muito. Então se avançaram immediatamente os portuguezes,entrando a praça pela parte aberta, até occupar o convento do Carmo, sito no meio d'ella, em lugar algum tanto eminente, com igual proporção á frente que d'aquella banda a trincheira inimiga lhe fazia. Com o que lhes foi possivel se circumvallaram em fórma de meia lua aquella noite, e na seguinte aurora começaram suas avançadas, que o inimigo rebatia vigilante, fazendo tambem sortidas, muitas sem tirar outra ganancia que mortes das investidas, e das retiradas vergonhas. Ganharam os nossos umas casas a cincoenta passos de seu forte, d'onde

(26) Tacito, lib. 15, *Annalium*.

com as armas de fogo os restringiam gravemente dentro dos seus parapeitos, e matavam; o vêr-se assim tão maltratados os fez advertidos, e para o remedio a tantos, não se lhes offerecia outro á sua necessidade equivalente, que o desalojamento do mão posto contrario, que do dito edificio os fatigava tanto; deixaram comtudo de intental-o emquanto os portuguezes igualaram ao valor a vigilancia; mas, reconhecendo-os um dia, a horas de sésta, negligentes, de subito os investiram, e com morte de cinco desalojaram todos, ganharam as casas e as desmantelaram.

2. Proseguia-se a guerra com o mal formado e menos atacado sitio da praça, soccorrida de mar, que tinha o hollandez por suas embarcações, franqueado e livre, por espaço de cinco mezes, havendo nos primeiros fallecido Antonio Moniz, capitão-mór dos portuguezes, e succedido-lhe Antonio Teixeira de Mello. Este tinha feito conduzir do forte do *Itapucurú* duas pequenas peças de artilharia, com que do seu reducto, por sua distancia e pouca violencia, mais inquietavam o hollandez no seu forte, do que lh'o demoliam; assestára elle em um angulo de sua muralha á estancia do Carmo, duas peças grossas, e por ludibrio heretico, em certa occasião, por entre as torneiras ou pouco sobrelevada a ellas, disposto uma imagem de vulto do Precursor Divino, para que, enganada com a apparencia nossa vista, dirigindo para aquella parte os tiros, parecesse sacrilegio nosso; o que em nós só equivocação da fantasia, e n'elles parva malicia e irrisão proterva, que o céo em breve castigou severo, para confusão sua e consolação nossa, rebentando uma das peças, cujos pedaços inda hoje permanecem n'aquelle posto (outros dizem que ambas), com total estrago dos artilheiros e dos mais que lhes faziam escolta, e elles então retiraram a imagem santa, servindo-lhe de documento para declinarem o conhecido damno das vidas, devendo

com mais razão servir-lhes de accordo para reparar o das almas, evitando-o por meio da catholica conversão e arrependimento justo. Já n'este tempo se tinha acabado aos sitiadores a polvora, pelo que, destituidos de remedio, e desenganados de poder persistir no intento de expugnar o inimigo ou desaloja-lo, resolveram-se então na retirada para a capitania do Pará, por terra, assim por suas immensas difficuldades a respeito dos rios, das brenbas, das féras e distancias, só de desesperados, tendo a esse fim já diante remettido as mulheres e toda a outra gente inutil; levantaram logo sem serem sentidos, mas com grande sentimento, seu alojamento, e marchando pela ilha, embarcados nas canôas que em alguns portos d'ella tinham prevenido, se passaram á terra firme encorporados todos.

3. Postos da outra parte de *Tapuitapera*, que divide da cidade de S. Luiz occupada do inimigo uma bahia de tres leguas grandes, no mesmo tempo que do Pará chegára um enviado com uns barris de polvora, se animou tanto o capitão-mór Antonio Teixeira de Mello, que, desistindo logo em seu peito do assumpto da retirada, convocou os soldados e conforme a tradição assim lhes disse : « Este soccorro, que na apparencia e na realidade se ostenta tão limitado á vista, eu avalio, senhores e companheiros, por mui differente de que os olhos o julgam, se o decide juntamente o bom discurso, e o penetra bem a consideração ; advertindo d'onde, como e quando se nos representa : remetteu da Bahia de Todos os Santos um governador de el-rei nosso senhor conjectura infallivel de que vivemos em sua memoria, que é o maior asylo de toda a esperança dos bons vassallos, titulo, e opinião que para com elle tem merecido nosso zelo e nossos braços; e por certa consequencia devemos assegurar-nos que d'aquella, e de outras muitas partes se hajam de seguir outros á nossa necessidade equivalen-

tes. O soccorro passou, não só á vista, mas por entre os inimigos seguro; chegou ná occasião de um concebido intento, mais que preciso, desesperado, havendo de retirar-nos por caminho tão arduo, que só o principio tem custado muitas vidas de innocentes : como poderá executar-se sem n'elle o terem todas? Circumstancias, collijo eu, que não somos desamparados do nosso principe, mas d'elle e do céo favorecidos; assim, que estou deliberado a proseguir a guerra, e perseguir o inimigo até acabar na demanda ou concluil-a com felicidade, erigindo os trophéos da victoria na memoria das gentes, na fama dos acontecimentos graves, com a vida, ou commutal-a com a honrosa morte, solicitando os da gloria, pois a causa é nossa justa defensa aos contrarios hereges; certo estou me não faltára quem se lembrar de que é portuguez, o que é tão honrado nome degenerar ou se esquecer, nada importa que me falte. » D'esta arte os constrangeu, mais que persuadiu, o valente capitão, pelo modo que o famoso Scipião Africano do valor de Annibal e glorias de Carthago, o mais damnoso syncope, aos romanos reliquias da batalha de Canas, quando, com desesperação feia e animo vil intentavam retirar-se e desamparar a patria, compelliu a defendêl-a.

Logo, dando vivas a seu rei e ao capitão louvores, de novo a seu arbitrio se submetteram os militares animos, dizendo que dispuzesse, para que sua obediencia admittisse, o que sua espada executasse, sem interpolação de tempo, nem receio de máo successo; pois se via nos sagrados templos a honra de Deus profanada, e o sacrosanto rito pervertido pelo sectario, contra o qual era infallivel conseguir-se celestiaes favores e sobrenaturaes auxilios. Então se resolveu, se reconhecesse primeiro que tudo o estado do inimigo, sua disposição e intentos. Havia elle depois da retirada dos portuguezes, senhoreando-se da ilha e

seus contornos, presidiado de novo o forte do *Itapucurú*, e discorria por toda a parte absoluto, sem contradicção alguma, e por isso insolente; para o referido effeito se remetteram a tomar lingua para a parte do dito forte duas canôas, com oito soldados, e 30 indios; seu cabo Antonio Dias Madeira, os outros: Manoel Alvares de Castro, Mathias João, Manoel Couceiros, Simão Rodrigues, André Fernandes da Arrabida e outro Manoel Alvares, desejosos e solicitos de dar cumprimento á recebida ordem. Foram demandar o referido rio, e antes de avistar o forte, introduziram as canôas por uma pequena cala de suas margens, bem cobertas de arvoredo, com proposito de com a enchente da maré da noite entrar por elle, ou seguir o rumo que por algum accidente de novo accordo melhor lhes parecesse. A pouco espaço viram descer da parte do forte um hollandez, que não muito distante d'elles tratou de lavar alguma roupa; então, cercado por terra dos emboscados, se viu primeiro preso que acommettido. Foi inquerido como convinha, e entre outras noticias a deu que havia subido rio acima um barco de coberta com designio de o descobrir, considerar o estado das fazendas dos portuguezes desertas, e communicar com o gentio que por suas ribeiras apparecesse; resolveram-se logo em desmandal-o para rendêl-o; o prisioneiro, rindo-se, disse não ser possivel por o barco se guarnecer com 35 soldados escolhidos e bem armados; sem fazer de seu reparo caso, chegada á monção conveniente, penetraram a boca do rio, sem ser sentidos do forte que lh'a fecha ou muito sua entrada difficulta. Vogou a chusma até o brilhar da aurora, quando a um mesmo tempo houveram vista, e foram manifestos dos inimigos sobre o barco surto, interpolando com breve pausa a voga das canôas, se renovou logo, com prevenção de que, ficando o barco em meio, por um e outro lado se investisse, e esca-

lasse sem preceder da sua parte o furor da bala ou flecha, que denunciasse a guerra ou lh'a rompesse, o que só fizeram os indios com seu costumado urro; responderam os inimigos com sua carga de mosquetaria, mas sem lesão sobre as canôas, que, impellidas dos remos e do maritimo fluxo, passaram ávante com avantajado animo, muito trabalho e tambem demora pelo impedimento da corrente: fizeram volta sobre o barco, que, sem embargo de outra carga da sua guarnição expedida, se viu atracado de uma das canôas, contra a qual pendeu toda a sua força, porque a outra ao voltar se alagou; porém, esgotada e posta em via, avançou o outro lado do barco, desguarnecido por seus defensores se terem applicado vivamente á contraposição da primeira, com muitos chuços e outras armas; foram logo assaltados pelos quatro soldados e indios da segunda a golpes de catanas e páos de jucar, com tanta furia e tão descompassados impetos, que houve hollandez, que não experimentando outras armas que os robustos braços de seus contrarios, foram Antheus d'aquelles Hercules, de cujo principio por ser no rio, não como o antigo renovavam forças, mas com as vidas as perdiam todos. Assim em breve espaço, sem ficar mais que um vivo, que depois se achou nadando, recolhidos os despojos e queimado o barco pelo impossivel de conduzir-se, se retiraram com as nocturnas sombras á vista do forte, dando a seu presidio noticias do successo por meio de alegre vozeria, e echos de um clarim tomado na refrega; que, se em outro tempo lhes servia de estimulo aos animos e de alegria aos corações, agora sómente lhes intimava funesta senha e seu final juizo; intentando despicar-se, dispararam sua artilharia inutilmente, para com mais esta prerogativa de valor, se apresentarem estes poucos soldados dignos de todo o applauso e nome em os annaes da fama, diante seu capitão, sem outro

detrimento que as feridas, nada mortaes, de um portuguez; e as de um indio, do qual e dos mais companheiros foram recebidos com grande gosto, admiração e inveja.

CAPITULO IX

1. Havendo, pois, entendido que os hollandezes lisonjeados da boa occasião, que lhes subministrava a distante retirada de seus contrarios, e tambem da necessidade constrangidos, incuriosos e demandados solicitavam os alimentos pelas roças, e lavouras desamparadas de seus donos; de repente lhes introduziu na ilha varias, bem que pequenas partidas de seus soldados e indios, de que vendo resultar inportantes successos por meio de diligencia, a tão pouco custo observada na perda do inimigo e conveniencia propria, recolhendo os frutos, dos quaes não menos careciam; passou em pessoa com o resto de sua milicia a dar calor aos assaltos com que por entre brenhas, com summa frequencia e excessivo damno, os portuguezes infestavam aos forrageadores da praça; de sorte que, já de timidos, só com urgente causa e cautela muita ousavam a discorrer algumas vezes innumerosas tropas, sendo o seu principal intento o conduzir a seu forte viveres sem detrimento e causal-o a seus contendores grave; porém estes, como naturaes, pelo conhecimento de terreno, e do pouco que n'elle valiam as regulares observancias da militar sciencia e as formaturas de esquadras grandes, em repellões de emboscadas subitas e occultas, os debellavam com facilidade sempre; mas como de fortuna semelhante, resulte de ordinario do inimigo o nocivo desprezo, e por conseguinte a negligencia inutil, succedeu que, achan-

do-se no sitio chamado das Nhaumas o capitão Manoel de Carvalho, com 40 soldados e outros tantos indios, fazendo farinha da mandioca alli produzida, cuja fabrica pende de dilação e outros accessorios, em que divertidos e separados muitos se occupavam, os outros,com menos causa, para maior censura e seu perigo, se viam das arvores pendentes, e dormitantes nas rêdes, das americanas usual descanso, enlaçados com os braços torpes e as armas esparzidas, sem outro recato para tanta segurança que o remettido ao cuidado ou descuido de dois indios, dispostos sentinellas ao largo pela parte mais occasionada a invasão: estes, adiantando-se em distancia de uma milha, descobriram nas margens de um ribeiro 180 flamengos assistidos de avantajado numero de indios de seu sequito, gozando das amenidades do fresco sitio,e por ser á horas de almoço, do corporal sustento: foram os atalaiadores sentidos, que podendo retirar-se, a dar aos seus tão importante aviso por entre o mato, o não fizeram, mas nas extremidades d'elle, que guarneciam a estrada, indubitavel passo dos inimigos, mais que animosos, insensatos, se lhes oppuzeram debalde para resistil-o, quando já a toda a pressa, julgando-os batedores de algum numeroso troço, interrompido o epicureo gosto, assustado o coração, e de todos mudado o gesto, tomadas as armas, se abalançava encorporado para o reparo, e para a offensa igualmente apercebido.

2. Dispararam as sentinellas portuguezas as flechas (caso raro! tão sem temor da morte, por sobra de valor ou falta de discurso), cujo emprego lhes irritou a colera, da qual logo dos dois se viu espedaçado um,outro captivo: por boca d'estes lhes constou da estancia de seus contrarios, seu descuido grande, da militar disciplina nenhuma observancia, de todo o devido reparo divertidos, em nada circumspectos mais que no tocante aos dois referidos des-

cobridores interpresos. Por lograr tão boa o ccasião, com accelerada marcha, porém, em razão da estrada larga, formados sempre, sendo forçado guia do inpendente darmo, o indio que pouco antes pretendia ser desvio. Houveram vista d'elles. Deram os hollandezes, para augmentar o espanto pelos ouvidos, como sua presença o havia causado pelos olhos, vozerias, e os seus indios o costumado urro; dos portuguezes 10 ou 12, que por acaso, ou mais espertos d'aquella parte, tinham ficado expostos, saltaram das rêdes e appellidada arma, com as suas nas mãos intrepidos e bizarros, se lhes sahiram a embargar o passo e deter a furia; os mais, como em caso não esperado e subito, timidos ou sem accordo deixadas as armas, uns se emboscavam no mato, outros com ellas embaraçadas, discorriam encontrados, sem proveito já para a defensa, já para a fugida: taes houve que, ficando immoveis, parece queriam semelhar-se a estatuas insensiveis, representando todos sómente para sua total ruina uma céga confusão: os que se haviam adiantado a receber do inimigo os primeiros golpes, cobertos de suas rodellas, sem embaraço das mais armas, como pelo continuo uso na America todos exercem, sustiveram por algum espaço a impetuosa carga, e dada a sua resposta vinham de retirada, declinando do grande esquadrão o grave peso, até que em um cotovello do caminho, a que umas grandes arvores faziam sombra, entre seus troncos se fizeram fortes; e, suposto tinham perdido terra, nada do animo: d'alli amparados davam e recebiam cargas até que o inimigo intentou cortal-os pelas costas, cercando-os; n'este aperto, resolutos a morrer matando, clamaram a altas vozes: A' espada! a elles á espada!

3. E' esta arma nos portuguezes toda sua estimação, o maior incentivo de seu valor, e de sua furia o mais proprio estimulo, havendo já de antigo com ella entre as nações, a

seu pezar e damno, ganhado reputação condigna e respeito formidavel. Desembainhadas, pois, e investidos os contrarios com galhardo impeto, em tão breve espaço de tempo e distancia, conheceram que o eram pela memoria de que os haviam visto no preoccupado sitio já desamparado, ou pela trilha que n'elle haviam deixado impressa, não pela resistencia, porque não houve quem lhe fizesse rosto (tanto horror imprimiu n'aquelles corações uma simples voz, como se fosse a da final trombeta); assim applicados todos á fugida miseravelmentè, sem o menor reparo, se offereciam aos desapiedados golpes, insolentes resultas da ira da desesperação e da victoria. Nenhum livrava ou dos indios no mato, ou dos portuguezes no raso. Desistiram do alcance quando lhe faltou o objecto d'elle, e voltavam a seu primeiro alojamento de sangue alheio tintos, de alegria propria mais que ufanos, um pouco menos que loucos. Mas a poucos passos lh'a alterou, senão diminuiu, o aspecto de uma tropa armada, ao parecer opposta á sua marcha ; imaginaram reliquias do passado conflicto por entre as matas divididas e depois encorporadas. De novo se apercebiam ; quasi nada faltava para arrojar-se ou combater-se, fomentando o engano o compôr-se a vanguarda avistada de indios, de que promiscuamente uns e outros contendores se serviam ; então conheceram que era o seu capitão Manoel de Carvalho, o qual n'aquelle repentino fracasso, achando-se distante, procurou aggregar a si os perturbados, e timidos soldados e indios, pelejando logo com os hollandezes, que pelos lados da estrada cobertos de arvoredo haviam solicitado o cerco dos que tinham á espada debellado, e seu principal grosso no caminho : vinha ferido, sem embargo de que, havendo comido todos do alforge dos hospedes, e ornando-se com outros despojos, mandou renovar a instancia de perseguil-os, com tal successo, que d'elle se teve na

cidade conhecimento pelo aperto em que logo se viu, indo-se-lhe arrimando as victoriosas esquadras, não por algum que de tanta desgraça lograsse a dita de escapar-se para advertil-os, e assim entre elles consolar-se ou guarecer-se.

4. Ultimamente, vendo-se estes nas armas já de antigo afamado batavos (com as quaes e suas pessoas,aos romanos só pagavam feudo, como entre si diziam os seus proceres, na occasião que intentavam conciliar a paz, para socegar a guerra da rebellião, emprehendida por Julio Civil, a quem seguiam contra o Imperador Vespasianô. *Sibi non tributa, sed arma et viror indici*) (27), pelos referidos recontros, e outros muitos que por menores e semelhantes se omittiram, quasi permittidos, e na fortificação da praça encurralados com mortes de muitos ; os menos em a clausula de 18 mezes depois de sua entrada, mais á força de braços que de ferro, de que sempre estes nossos heróes careceram, e do valor superabundante em tão poucos braços,foram forçados a desalojar envergonhados e vencidos, muito perdidos no dispendio e mais na reputação; e embarcando-se sem contraste nos navios, pelos passos franqueados das suas defensas de mar e terra, com alguma artilharia de melhor lote, saqueada da praça, deram em o mesmo dia as velas ao vento e os suspiros: as velas para segurar as restas vidas, e os suspiros para abonar o sentimento das muitas que em seus companheiros viram sem fruto mallogradas. Os portuguezes renderam aos céos as vidas, graças, e entre si proprios communicaram alegres parabens.

(27) Tacito, *Histor.*, lib. 16.

CAPITULO X

1. Victoriosos os maranhonenses, bem que cansados nas pessoas e menoscabados nas posições, deram conta ao seu rei, o Sr. D. João IV, por feliz successo, que com cartas magnificas, e privilegios uteis e decorosos lhes agradeceú o serviço, e qualificou a acção premio para leaes vassallos de muita estimação, e aos principes daficil (*sic*) e expediente. E' grande importancia quando n'elles se reconhece affectos de pai e de sua alta dignidade, conforme os generosos attributos; trataram subsequentemente de reparar os damnos da guerra, conseguida a paz; e lhes não foi difficil pela copia de indios que inda na terra havia, e que augmentavam com a nova saca dos sertões, alcançando para esse effeito do dito senhor leis e indultos favoraveis, com o que brevemente convalescidos lhes rendiam as lavouras, em especial de assucar, importantes lucros para a sua conservação; crescia o commercio e tambem a fazenda real se augmentava, promettendo-se em tudo melhoras grandes e avantajadas consequencias. Mas, como o mundo é voluvel e suas bonanças tão falliveis, a poucos passos encontraram suas prosperidades grave tropeço, que, mais que parar, as fez retroceder e totalmente aniquilar: taes são os bens chamados de fortuna, se a houvèra, então perdidos, quando melhor reputados. E deixando para os gentios a observação d'esta chimera,junta com a do fado, diremos com Lourenço Gracian,que a fortuna não é outra cousa,que aquella grande mãi de contingencias, filha da Divina Providencia, que as dispõe, querendo, ou permittindo como bem lhe parece(28), e com o nosso Camões:

(28) Laurent. Gracian in suo *Heroc.*

« Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
« Seudo só providencia de Deus, pura. »

(Camões, *Lusiadas*, canto...)

E' por conseguinte que d'ella procedeu, por justos juizos seus, a declinação do Maranhão, e se de novo a não olhar com aspecto mais benigno,certa será e breve sua total ruina, e infallivel seu fim.

2. Pendia (como já se tem dado com evidencia a entender) toda a sustancia da grangearia dos moradores e de suas mesmas vidas, da assistencia dos indios; porque os brancos ou por costume fundado na victoria de seus maiores, e por inveterado quasi impossivel de mudar-se, ou, o que é mais certo, por incapazes do trabalho da agricultura americana, que é asperissimo, e que os indios naturaes da terra ainda com difficuldade mal toleram, por nenhum modo se querem applicar a elle, nem os mesmos que poucos mezes antes nas suas patrias se intitulavam trabalhadores. Além dos indios forros, de que se serviam pagando-lhes, possuiam tambem escravos das mesmas gentes, que nos sertões resgatavam aos proprios como senhores d'elles, aprisionados reciprocamente em suas guerras para os comer se os não vendessem; sendo este todo o motivo de entre si as moverem cruelissimas (nefando rito ! Abominação estranha !). Eram tambem de alguns outros possuidores os portuguezes, ganhados a seu parecer em guerra justa, dos quaes e seus descendentes, segundo a disposição do direito, se julgavam legitimos senhores dos indios forros e aldêados na ilha : tiveram a administração primeira os frades de Santo Antonio, cuja assistencia no Estado se antecipou ás mais religiões na fundação, bem que na armada referida vinda de Pernambuco,se acharam de outros particulares sujeitos, acompanhando-se de uns e outros indifferentemente

as tropas que penetravam os sertões do rio das Amazonas, para onde de ordinario se formavam a descer gentios, e decidiam, com o titulo de missionarios, as duvidas da liberdade e da escravidão. Escusaram-se em breve tempo estes religiosos de administradores, ou nada cobiçosos de utilidades fundadas na fadiga alheia, ou por se eximirem da que lhes resultava d'aquelle ministerio, mais zelosos da commodidade e socego proprio,que da conveniencia espiritual dos proximos. Succederam n'este cuidado depois d'elles os capitães-móres e governadores no tocante a mandal-os e repartil-os nos serviços dos moradores, com limitação de tempo e salario certo. Viviam uns e outros assim compostos e remediados, até que aportando ao Maranhão o padre Antonio Vieira, da companhia de Jesus, solicitou novas ordens e contrarias ás antecedentes, que o uso tinha já não sómente aceito, mas estabelecido firme, e o interesse abraçado tenazmente, de que tem resultado (conforme todos gritam) miserias no povo quasi irremediaveis, commoções d'elle contra os padres indecentes, entre os particulares odios e invejas grandes; duras inquietações das almas e das vidas, queixas justas, outras affectadas; decretos varios, decisões encontradas, e ultimamente agora tumultos e excessos graves. Permitta-se-me aqui uma breve digressão, não alheia da materia, mas sim dependente d'ella.

3. A escravidão quasi em todas as idades do mundo e em todas as republicas d'elle foi permitida, supposto o contradiga Bodino (29), fundado em que é contra a mesma natureza, conforme a opinião dos jurisconsultos; e que sua origem e a das republicas foram a violencia, a crueldade e a avareza; porém os theologos, que ella sómente contradiz a permissão do direito natural, e não suas leis e preceitos:

(29) Bodin., *Repub.*, lib. 1. 3.°

chamando á liberdade permissão natural que a todos permitte livres, a qual póde derogar-se pelo direito das gentes, introduzindo a servidão. E não se diz preceito natural, porque pela natureza nunca se concluiu positivamente que os homens fossem livres, como tambem as republicas não tiveram seu principio em Caim ou em salteadores, na fundação da cidade, que elle affirma edificou, mas em seu filho Tubalcaym, com o racional pretexto de viver em policia e com segurança; assim o entende Nicoláo de Lira, Navarro e Platão: e dizer-se o contrario fôra infamar a origem das potestades que são de Deus, como S. Paulo affirma, dizendo: *Qui resistit potestati Dei ordenationis resistit* (30). E tendo tão excellente principio, não deviam os dominios e as republicas fundar-se com accessorios tão injuriosos e nocivos, mas muito racionaes e de bom titulo; e tambem por boa consequencia, os escravos proceder da guerra justa ou de qualquer outra causa licita. E porque sobre esta materia estão definições da santa igreja a ellas humildes nos submettemos, e logo a outro melhor juizo dotado da sciencia e erudição que a nos é certo falta.

4. Que seja no mundo antiga a servidão o mostra a venda de Joseph aos ismaelitas por seus irmãos para o Egypto (31),e tolerado seu uso pelas nações todas, o prova entre os hebreus a lei divina, que entre si mesmo se vendiam, bem que a escravidão era voluntaria de sete annos, onde por vida, contentando-se o escravo da tal sorte; o que não se entendia com os escravos estrangeiros comprados, ou por outra razão a seu poder conduzidos; porque esses a mesma lei lh'os adjudicava perpetuos e heredi-

(30) *Epist. ad rom.*, cap.

(31) *Gen.*, cap.

tarios (32). E se a condição servil fosse contra o direito natural é sem duvida que a não podia licencear o positivo, nem o das gentes; o que tambem se convence por se encontrar com a doutrina de S. Pedro e S. Paulo, que em muitos lugares dão documentos e regras de bem viver aos escravos com seus senhores; e a estes como os devem tratar sem nunca admoestar,a uns que fujam e aos outros que os libertem ; antes, baptizado pelo apostolo das gentes o mesmo escravo de Philemon, lh'o remetteu recommendado (33).Aristoteles julga semelhante estado por mui conforme á natureza,e muito util aos que n'elle param; opinião favorecida de Santo Agostinho, porque quem negára que é melhor, que matal-o,conservar alimentando-o,um escravo de guerra justa, d'onde lhe procedeu a denominação de servos ; como resolvem Santo Izidoro e o já citado doutor grande (34). E quanto mais proveitoso lhe será, introduzindo-o e doutrinando-o na fé santa, fazêl-o cidadão do céo e conservo comnosco d'aquelle Altissimo Senhor de todos, como diz S. Paulo (35),do que deixal-o perecer com sua infidelidade céga e ainda por tão extranho modo, qual entre estes gentios do Maranhão se observa, matando-se e comendo-se, contra toda a lei divina e natural. E se *ex duobus malis minus est eligendum !* dado caso que a escravidão o seja grave, qual será aquelle que, comparando-o com da infidilidade sobre todos infeliz, lhe chame mal? E, mudada ella pela occazião do captiveiro em a christã fidelidade, quem a não intitulará felicidade summa ? N'isto se

(32) *Exodo*. cap. 12. *Deuter*, cap. 15 Jerem.cap. 34. *Levitic.*, cap. 25 et 39.

(33) *Epistol. de Philem*.Aristot., lib. 5, Polit. 3.

(34) Lib. 5. Orig. cap.27. August.De civit. Dei. lib. 19.

(35) *Epist. ad Ephes*. 1.°, 6 •

fundára, mas a outro proposito, Tertuliano, quando dizia : que ha injurias a que se devem graças. Muito melhor o santo hyponense a nosso intento : *Si omnibus hominibus non peccare, quam peccare melius, est, melius præfecto stulti omnes viverent, si servi possent esse sapientium.* Neguem-me agora que os indios são ignorantes sobre toda a ignorancia, vivendo como vivem, e morrendo como morrem ! E quaesquer catholicos em razão do objecto de sua profissão e doutrina santa, ainda que errados peccadores, podem deixar de intitular-se sabios, e que não lucram sendo escravos estes gentios, em recompensa da perdida liberdade, na terra ao presente, da sabedoria a prerogativa, a nobre, e no céo de futuro a isenção maior, o fôro mais fidalgo.

5. A favor, ou para melhor dizer em damno dos escravos, feito com prohibição de futuros, alcançaram os padres da companhia de Jesus, governando esta capitania o capitão-mór Balthazar de Sousa, real decreto ou provisão para uns serem isentos do servil reáto, os outros preservados ; intentou-se a execução d'ella ; mas o povo, julgando-se aggravado e reputando-se perdido, se convocou na praça, desconfiado de por bons meios conseguir recurso, certo na repugnancia a todo o risco, disposto a todo precipicio. O capitão-mór, não menos resoluto em fazer observar as ordens de Sua Magestade, e nada attento a que os reis, mais como pais e bons pastores (que por isso tirou Deus a David da mão o cajado para lhe empunhar o sceptro) desejam e solicitam de seus vassallos a conservação, e lhes evitam as ruinas; puxou pela infantaria, formou esquadrão, assestou artilharia e quasi que já investia furibundo, quando, persuadido primeiro de pessoa bem zelosa, e logo da razão, antes por elle não de todo advertido, retirou as armas e reprimiu a colera o povo, se reconheceu

errado no estylo, mas não na pretenção, desistindo da contumacia, e appellando com a humildade de leaes vassallos para seu rei e senhor, melhor informado os ouvir e remediar; se recolheu a seus domicilios, pacifico, mas pouco satisfeito, dando a isso lugar os ditos padres com receio de sua expulsão, sobre o que soavam já tumultuadas vozes, que por então n'este negocio não instaram mais, e do capitão-mór consideração acertada de não se pôr a uma contigencia o real respeito, o socego publico e a segurança propria.

6. Deu conta a Sua Magestade o capitão-mór: remetteu tambem o povo seu procurador, e os padres se não descuidaram, como costumam de prevenir todo acontecimento, não obstante o Sr. rei D. João, zeloso do serviço de Deus e seu, do bem de seus vassallos, cujas queixas e requerimentos lhe pareceram racionaes, e previdente nas occurrencias do Estado; estranhou ao capitão-mór o excesso dos meios com que pretendeu fossem suas ordens executadas, porque, oppondo-se duvidas de varias consequencias e inconvenientes, nunca errára o governador se replicar ao seu rei pela primeira tenção, como a proposta d'ellas humildes, e reverente, pois ao mesmo Rei dos reis o fez multiplicadamente no monte Oreb Moysés (36), e foi attendido, emquanto de circumspecto na razão, não passou a contumaz na escusa, dizendo *mit quem missurus es*: porque assim os principes, que como homens podem algumas vezes enganados ou inadvertidos, sendo de novo informados acertam as resoluções e seguram os acertos. Deferiu pois, ao povo em Outubro de 1653, com uma provisão em que, relatando a madureza de seu expediente, diz que mandando vêr e considerar a materia (das escravidões se

(36) *Exodo*, cap. 3.

entende) com attenção que a qualidade d'ella pede, em conselho de Estado por ministros de letras e inteireza, e se decidiu ultimamente. No tocante aos escravos feitos examinasse em as camaras com o syndicante o Dr. João Cabral de Barros, que d'esta banda se achava, as qualidades de seus captiveiros para se haverem por legitimos ou injustos, cuja decisão se regulasse pelas clausulas na dita provisão inclusas, com que se approvavam os de futuro,que sem preceder guerra justa, a qual para o ser ha de constar que o gentio livre ou já vassallo impediu a prégação do santo evangelho, deixou de defender as vidas e fazendas dos mais vassallos de sua corôa em qualquer parte, haver-se lançado com os inimigos d'ella e dado ajuda contra os ditos vassallos; exercitarem latrocinio por mar ou terra, infestando os caminhos, ou impedindo o commercio e trato dos homens para suas fazendas e lavouras. Se os indios subditos faltarem ás obrigações que lhes foram impostas e aceitadas no principio de suas conquistas, negando os tributos, ou não obedecendo quando foram chamados, para no real serviço trabalhar ou pelejar com os inimigos da corôa, e se comerem carne humana, sendo subditos do dito senhor, e que se resgatem os presos á corda para serem comidos, por guerra ou commercio, e para isso se façam entradas no sertão. Estas são as forças d'este indulto, não só em substancia mas, na locução.

CAPITULO XI

1. Quem disséra, vendo do discurso d'esta provisão, com evidencia o quanto foram considerados e discutidos do supremo conselho seus fundamentos primeiro que ella,

com todas solemnidades, expedindo por pessoas, na qualidade e intelligencia de toda excepção maiores; não seriam felizes seus progressos e perduravel seu exercicio; comtudo não succedeu assim por ser a bem do povo, cujas utilidades são flôres que de ordinario se desvanecem antes que frutifiquem, ao que allude o nosso grande poeta portuguez:

« Leis em favor dos reis se estabelecem
« E as em favor do povo só perecem. »

(Camões, *Lusiadas*, cant...)

Não foi occasião d'esta quebra interesse real, senão seu detrimento; porém não é a primeira vez que a astucia artificiosa e interessada dos particulares trocou com apparentes sophismas e sentido mais genuino e verdadeiro das materias, e com o disfarce da malicia, e rebuços do engano, fez parecer zelo santo o que só é conveniencia propria e alheio damno; pelo que deviam as magestades humanas, e por isso capazes de semelhantes enleios, viver acauteladas da sorte, que o mesmo poeta ao Sr. rei D. Sebastião em seu poema aconselhava:

« Nem tambem vos fieis de um pobre manto,
« Onde acaso ambição ande encoberta. »

2. Chegou no anno de 1654 dita provisão, e logo no principio do seguinte outra em contrario (supposto que passada sem preceder consulta e falta de outros requisitos que lhe dessem o necessario valimento), mas como n'aquelle tempo o padre Antonio Vieira gozava tanto e nenhum estes moradores, foi-lhe facil conseguil-a, e conduzindo-a logo ao Maranhão a pôz em pratica. Era o pre-

texto redimir os indios domesticos da vexação do serviço dos brancos, e eximir de suas insolencias os barbaros do sertão, baixando-os sómente os padres por meio das missões que nunca se obraram para introduzir a uns e doutrinar na santa lei a todos; porém a redidade (conforme dizem e se queixaram sempre estes homens) valer-se elles de seu prestimo para as commodidades proprias, precisas e ainda superfluas, sem que aos miseraveis portuguezes nos maiores apertos e necessidades, lhes concedessem para o ministerio de seu sustento, com alguns indios, a menor ajuda; nem para nova saca, com se refizessem, sem que lhes consentisse alguma laxação. Não se póde negar comtudo que nas entradas se haviam obrado com os gentios algumas injustiças, que era razão atalhar-se com penas e castigos, os quaes executados (meio tão facil de praticar-se),se obviariam as insolencias, e para todos resultariam grandes felicidades espirituaes e ditosas temporalidades. Não se lançou mão d'este remedio, porque era universal, e parece se pretendia o especialissimo, com tanta absteridade que nem deu lugar a seguir-se o bom modo com que as cousas todas se conservam, o qual, excedido, não permanecem, e o recto e justo se desacerta; disse-o assim Horacio:

Est modus in rebus, sunt certi denique fines, quos ultra, citraque nequit, consistere rectum (37).

Não se elegeu meio algum racional para encontrar com a virtude,e desviar do vicio: *in medio enim consist virtus.* Passou-se aos extremos perigosos sempre de segurar-se nada, ou subsistir ao menos com decoro.

3. Estimulados por esta causa, ou a seu parecer grande sem razão, os animos plebeus e muitos cidadãos, que

(37) Horat., lib. 5, *Sermonum,satir.*

raras vezes a plebe por si só costuma commover-se, como assenta o tragico :

« Non capit unquam magnos motus,
« Humilis tecti, plebeie domus. » (38)

No governo de D. Pedro de Mello, segundo dizem, não sem presciencia e dissimulação sua, de que depois se viu bem arrependido e mal assegurado, conspiraram sediciosos e atrevidos contra os padres para sua expulsão, executando-a violentos e profanos, não lhes valendo o sagrado dos templos nem o religioso de seus cubiculos para deixarem de ser arrancados d'elles, descompostos de injuriosas palavras e alguns de mãos sacrilegas impellidos : tão cega é a furia popular, e tão desenfreiada, tanto por essa razão ; para não chegar a um tal extremo se lhe devem anticipadamente negar motivos e evitar occasiões. E com effeito foram todos do Estado expulsados com o padre Antonio Vieira, que intentou fóra de tempo pactar com o povo, e persuadil-o a partidos para uns e outros convenientes; mas nunca conseguiu o ser ouvido por temerem no Maranhão sua rhetorica, mais que Filippe macedonio a de Demosthenes em Grecia,com a qual se receiavam ao mesmo passo vêr-se persuadidos e enganados(39). E tambem porque entre as confusões de uma sedição e os estrondos de uma batalha nada valem os tropos mais agudos nem os syllogismos mais concludentes: como experimentou na entrada do exercito de Vespasiano em Roma contra Vitelio o philosopho Musonio, que intentava, orando, inhibir a violencia dos soldados, os quaes de todo attentos aos signaes dos bellicos instrumentos, que lhes

(38) Senec. in *Hippolyt.*, trag. á act. 4.

(39) Just. lib. 6.

dispunham a marcha e provocavam a ira, nada se persuadiam, antes se irritavam para o odio e para a irrisão. *Musonios captabat permixtus manipulis, bona pacis ac belli discrimina disserem armatos monere, id plerisque ludibrio; pluribus tædio necesserant qui propelerent procul carentque.* (40)

4. O general, atormentado do temor occasionado do tumulto, mal reparava seu infortunio (supposto o não depuzeram de sua jurisdicção), quanto mais o dos religiosos, que embarcados, foram ao reino remettidos, onde, sendo pela Sra. Rainha regente escutados, lhes foi a uns e outros brandamente respondido. E porque não muito depois Ruy Vaz de Siqueira fôra para este governo despachado, se lhe encarregou compuzesse o povo, e com elle reconciliasse os padres que (excepto Antonio Vieira, o qual por mais odiado lhe não foi permittido) o haviam acompanhado. Tudo este fidalgo dispôz com destreza, e concluiu feliz; feito assento por escripto de que elles desistiam de toda a acção temporal sobre os indios que lhes fosse concedida, preterita ou futura, reservando sómente por serviço de Deus, e d'elles exercicio meritorio, a espiritualidade dos sacramentos e doutrina : sorprendeu-se e desappareceu da casa da camara, onde se guardava, este papel; com a successão dos dias, segundo affirmam, por industria dos padres e obra de seus confidentes; para que a seu tempo lhes não servisse de estorvo ou de confusão, voltando, como fizeram, com mais viva diligencia, á mesma pretenção, que lhes motivára, tão poucos annos antes, tantos desaires e trabalhos, que agora, nascidos da propria fonte, se lhes têm renovado, emanam sempre, nada dissemelhantes.

5. Proseguiram-se as entradas no sertão a fazer escra-

(40) Tacit. lib. 3, *Histor.*

vos, mais pelos ministros reaes não vedadas, que positivamente concedidas ; remediavam-se, porém, os moradores, e viram durante a demora em seus governos de tres governadores, e melhorára-se o Maranhão, a não ser desamparado d'elles, onde como cabeça do Estado deviam assistir; o qual a passo largo declinou logo, porque no povo sem governador é certa sua ruina; assim o certifica o Ecclesiastico: *Populus sine rectore corrunt* (41), o que milhares de exemplos certificam. O primeiro que passou de assento para o Pará, seu domicilio, foi Pedro Cesar de Menezes, lisongeado muito do interesse do cravo, que já se descobria em quantidade grande, e nada demovido da maior obrigação de seu officio, e menos da opinião e credito. Seguiu o exemplo Ignacio Coelho da Silva, no principio de cujo governo os padres da companhia, que de seus passados intentos tocantes á administração dos indios absolutos viviam nada esquecidos, bem que dissimulados, e para as occasiões de melhor entabolar-se, sempre advertidos, vendo aos do Maranhão de todo de sua cabeça ou primeiro mobil destituidos, e por consequencia todos faltos de disposição, e espiritos ; porque os de seus regentes sómente para a saca do cravo se achavam promptos. Instaram a Sua Magestade, propondo novas causas, e novos crimes commettidos contra a liberdade dos *Tapuyas*, senão de todos falsos, em muita parte encarecidos; conseguiram com facilidade lei, pela qual nenhum genero de nova escravidão se permittia; e que dos já aldeados tivessem elles o regimento, e estes se repartissem pelo bispo ou seu vigario, pelo prelado de Santo Antonio e um cidadão, em tres partes, duas das quaes alternativamente servissem ao povo, e a outra, escolhida pelos padres, os acompanhassem nas missões que depois d'isso

(41) *Ecclesiast.* cap. 2.

e nem d'antes intentaram alguma, senão de-
mas e expensas do dito senhor e de seus vas-
sto foram em todo o tempo alma de seus re-

tição uma unica vez se praticou no Maranhão,
ou dos repartidores a importancia d'ella por
s os indios, e dados a rol pelos padres; dizem
menos, sem que consentissem servissem indias
donzellas pobres ou viuvas necessitadas, nem
as a algumas mulheres, de criar impossibilita-
que a lei não dispunha a repartição mais que
m cujo titulo se não incluiam as femeas (como
reja, quando nos diz *memento homo*, não com-
mulheres), e que as indias fóra das aldêas se
com varias offensas de Deus como se ellas
cias, e não vivessem notoriamente luxuriosa s.
no reino, sem embargo dos taes perigos, não
orphãs. Estas eram as razões de sua repug-
ndo affirmam e se queixam estes homens com-
todas de argumento debil, por affectadas e
la para referir-se, a não serem publicas, e nos
ormalidade historica a descrevêl-as. Esta foi
es moradores a total, e unica pedra de seu es-
eu desgosto para com os padres, não cessando
mais de louval-os, como é justo, com grande
le suas excellencias e virtudes, e em toda a ma-
gular e raro prestimo, sempre exemplares,

CAPITULO XII

1. Não faltaram pessoas que reparassem em que a autoridade dos governadores, em beneficio dos povos e do seu particular, se lhes não oppuzesse, e resistisse, por reputação, e tambem por conveniencia na saca dos escravos vinculada; ao que ambas logo por si mesmas respónderam, que se não são os animaes de Esopo para fallarem, (são seus professores as fabulas das gentes para com irrisão e odio d'elles, serem representados como farças, e assim conhecidos pelo que são de todos). A primeira disse, que tinha ha dias o mundo introduzido seu desprezo na realidade, mas não na presumpção. E a segunda, que não se considerava perdida, antes no cravo melhorada; que a tinham mudado, porém não extinguido; e que se desenganassem, que não era o mesmo mudarem os homens de trage e invenção, que de costumes; como disse galantissimamente ao Imperador Vespasiano o seu caseiro : *Vulpes mutare pilos, non mores;* que as raposas mudavam o pello, mas não as manhas ; motejando-o de que mudando de estado, tão altamente na dignidade, não mudará em sua pessoa de estancia a avareza,a que summamente era sujeito. Bem poderam os reetores das provincias attender ao serviço de Deus, do seu principe e ao bem publico, sem detrimento do seu particular ; mas se o reinar não admitte companhia, e muito menos superior, como Lucio Flóro disse de Cesar e Pompeo : *Nec hic ferebat parem nec illi superiorem* (42), assim a ambição, só n'isto soberana, não consente de virtude alguma a sociedade santa.

(42) Luc. Florus, Epit., lib. 4.

« Mas passo esta materia perigosa
« E tornemos á costa debuxada ; »

(Camões, *Lusiadas*, cant...)

quero dizer ao fio da nossa relação.

2. Havia agora antecedido noticia certa, de ser despachado por governador e capitão-general d'este Estado Francisco de Sá e Menezes, um tempo militar nas guerras com Castella, depois jurisconsulto, com boa fama, ácerca de todo o mais que para um bom governo se requer ; e, supposto que depois a experiencia, certificou poder dizer-se d'elle,o que do imperio de Galba disse Tacito : parecer mais que particular emquanto o foi, e por abono de todos digno de imperio se não imperára : *Maior privato visui dum privatus fuit et omnium consensu capax imperii nisi imperasset* (43). Mas porque a expectação d'estes povos, vinculada á regencia d'este fidalgo, foi grande, promettendo-se de sua providencia e zelo em tudo avantajados progressos, o que melhor se mostra pela oração que lhe foi recitada, entrando na cidade de S. Luiz, cabeça do Estado, a tomar a posse do governo, me pareceu por essè respeito, e para que melhor se notem os enganos da vida, e dos juizos humanos em seus conceitos o ordinario desacerto (sendo breve), aqui introduzil-a.

3. « Este senado, senhor, e todo este povo acclama a V. S. muitas vezes bem vindo, de cuja prudencia e zelos tão conhecidos por experiencia, tão divulgados pela fama, se promettem não só melhoras nas muitas miserias que todo o Estado padece, mas ainda toda a felicidade que desejam; seguros de que na applicação fervorosa de sua atten-

(43) Tacito, lib. 1, *Histor.*

ção, diligente no acerto de sua disposição, discreta no expediente de sua resolução executiva, facilmente lograremos todos os meios de conseguil-a. »

4. « E se os mais efficazes, como Platão affirma, para uma republica florescer opulenta e prospera, consistem em reconhecer-se no governador que a modéra a piedade da religião, o zelo da justiça, o benigno da clemencia, o benefico da liberalidade, o mysterioso da providencia, e o robusto do valor; concorrendo, como é notorio, na pessoa de V. S. em eminente gráo estas e outras muitas prerogativas, em especial da sabedoria, como alumno mais querido das Pierides, do Mondego e da conimbricence Minerva, claro está já de agora nos podemos o parabem, e á V. S. depois de Deus render as graças, julgando nossas esperanças por infalliveis, reputando nossos desejos por satisfeitos.

5. « E que maior bonança, que dita mais avantajada, que vêrmos, por exemplo de V. S., como tão catholico e pio, observado, como é justo, o divino culto, administrada com rectidão a justiça, assistida da misericordia, e esta applicada sem relaxação da justiça; favorecidos com liberal benevolencia os benemeritos, e castigados com severidade justa aos insolentes; assegurados em suas casas os bons, acossados os máos, e perseguidos de sorte, que com sua presença, não temeremos d'aqui ávante em nossos domicilios, perturbadores domesticos, nem de fóra estranhos inimigos.

6. « Porque as letras nunca embotaram a lança, antes a poliram e por si sós já muitas vezes obraram raras maravilhas, de que tanto Tulio se jactava quando dizia: *Sedant arma toga, concedat laurea lingua.* Quanto mais que na genealogia illustre de V. S. mui de antigo costumam de andar as armas vinculadas ás sciencias, conformando-se de maneira que, parecendo natureza o que é accidente, em nada se differençam, antes em tudo se symbolisam; não ha-

verá, pois, contrario que se nos opponha,sem que veja presente a sua ruina,ao mesmo tempo que nós a nossa victoria.»

7. « Grave motivo de panegyricos, relevante assumpto de elogios, se me offerecia n'este paço para decantar, como quizéra, em ostentação da grandeza de V. S., derivada dos nobilissimos Saas, seus claros progenitores, por suas acções heroicas sempre illustrissimas, e tambem em abono de tanta fortuna nossa, de que por ora desisto; vendo que em tão alta materia toda exageração me sahira em adequada e defeituosa a maior hyperbole, além de que o termo precisamente breve, o lugar desproporcionado, o engenho insufficiente, me persuadem a discursos a que só admiração se consente. »

8. « Sem que, emfim, pela confissão de minha inhabilidade e meu silencio, se considere menos officioso nosso desejo, que dedicado todo a tão devidos applausos, supposto falto de pompa, humilde os representa, comtudo assistido de admirações, tambem emmudecido os qualifica ; estylo mais proprio de realçar o decoro de uma excellencia grande; pois então melhor se inculca, quando menos se concede o percebêl-a, e quando mais se difficulta o definil-a. »

9. « Retire-se logo d'este posto a energia mais sublime, e a eloquencia que mais presuma; seja embora a do grego Demosthenes ou a do latino Cicero, e aqui unicamente de vontades promptas e animos affeiçoados se faça alarde ; e V. S. com felizes auspicios entre a occupar a posse de seu governo, e a tomal-a com mais propriedade do affecto de nossos corações; interesse de que V. S. deve fazer toda a estimação, porque d'elle lhe resultará (quem o duvida) opinião honrosa, digna de tal heróe, que de novo celébre a fama e applauda o mundo ; occasionando-lhe juntamente illustres meritos, com que V. S. empenha a grandeza do nosso principe e senhor, para com sumptuosas mercês em

parte remuneral-os, e ao do mesmo Deus para com eternos premios cabalmente satisfazêl-os ; seja V. S., torno a dizer, uma e mil vezes bemvindo. »

CAPITULO XIII

1. Chegado ultimamente o referido Francisco de Sá e Menezes em o anno de 1682, a 15 de Maio, acompanhado de um contrato por estanque; nome odioso em toda a republica, e no do Ultramar mal a experiencia o tem mostrado impraticavel a tenção de Sua Magestade excellentissima, como de pai, titulo de que os lusitanos principes sempre se prezaram tanto, e para o Estado em que se achavam seus vassallos d'esta banda, se elle se observára ajustado com suas condições. parecia util, o que não permittiu a avareza dos contratadores que, attentos mais ás lições d'ella, que da equidade, fallaram ao que prometteram ; e em tudo procediam fóra do estylo com que se tinha o contrato estipulado ; foi elle, logo que o governador tomou posse, com toda a pressa assentado, sem que se permittisse ao povo e cabeças da republica algum espaço para considerar, ou liberdade para se resolver em algum genero licito de republica, pelo modo e com a decencia que as provisões reaes, quando ha justo fundamento, se costumam embargar seus effeitos ; sem que os Srs. reis se dêm d'esta interpolação por mal servidos, a troco de que suas resoluções, a todas luzes, sejam acertadas e nada confusas; nem pareça violencia o que se inculca beneficio e paternal cuidado. A este fim grandes reis e imperadores dilatavam a execução de seus decretos para melhoral-os : fazia o Imperador Theodosio por dez dias, estylo

que tomou de Tiberio, mas não a intenção, porque da crueldade e tyrannia, uma vez decretada, nunca cedia ou declinava. E os nossos reis em suas ordenações assim o permittiram; e é grande desgraça que as acções, de que os principes se ornam, os seus ministros, manejando-as, se envergonhem, julgando-a menoscabo seu, o que lhes podia servir de maior lustre; mas d'este peccado é menos causa a ignorancia do que a demasiada providencia e a philaucia.

2. Aceito já o contrato e estabelecido, se começou a venda das fazendas, que logo se reconheceram falsificadas; não sendo de lei que lhe houvesse de dar o seu valor intrinseco correspondente aos preços arbitrados, e inclusos na provisão com os mais a respeito alguns negros de Guiné, vindo da primeira occasião com o assentista Pascoal Pereira; foram vendidos e pagos incontinente, por maior preço do concedido, sendo do contrato (como elle em sua chegada confessou), o que depois, para dar côr em justiça, já negava. D'esta alteração injusta tanto nos principios temeram os prudentes, logo inquietações futuras e trabalhos grandes; d'ella avisou a camara ao conselho ultramarino, para se lhe dar o remedio a tempo, que não teve effeito; para o ter o damno do povo então no commercio, e agora ainda n'elle nas honras e nas vidas.

3. Concluida esta primeira parte, e no parecer commum, a principal de seu regimento, mostrando o governador, para as melhoras d'esta capitania, fazer reflexão cuidadosa de sua obrigação e bom desejo (como no principio todos ostentam, mas n'esta particular nenhum consumma), sem attenderem, conforme Aristoteles nas causas physicas, ser inutil o desejo que careco de execução: *Inutile est, votum, quod, non reducitur ad actum* (44). Advertido, digo

(44) Arist., lib. 1°, *Phizicor.*

o governador, que as ribeiras do rio *Itapucurú* eram avaliadas de fertilissimas para todo o genero de frutos, em especial de assucar, de cujos engenhos e moradores já fôra povoado, em titulo de cidade de Vera Cruz ; foi com o mesmo intento avistal-o, e reconhecendo no pouco que por elle decorreu, suas grandezas , deleniou no sitio que lhe pareceu uma casa forte, que intitulou do Santo Christo da Serra de Semide, a qual com celeridade se acabou, por constar sua fabrica de terra e madeira tosca ; assignou-lhe 15 soldados de guarnição e duas peças de artilharia, mas sem ordem alguma de fazer ou resistir qualquer hostilidade, para facilitar a povoação que elle persuadia, e os do Maranhão que lh'o haviam inculcado desejavam muito. Nivelado este negocio, se retirou á cidade, de sua diligencia satisfeito, e de novo n'ella intentou applicar seus moradores a que muitos o fossem ser d'aquelle formoso rio e viçosas terras; e o conseguira, se no limite de 15 dias não deixára mallogradas tão boas esperanças, passando-se ao Pará, com que parou seu curso, tudo o que se diz conveniencia publica e bem commum; podendo, se se havia de intentar, para senão prosoguir, evitar-se algumas despezas da fazenda real, sem lucro, e muitos sentimentos padecidos sem sufficiente causa,e todos sem consolação.

4. E' este rio um dos caudalosos d'esta capitania na boca d'elle, quando já as suas aguas reconhecem o salgado das maritimas, que ambiciosas se adiantam a recebêl-as, como tributo proprio, se reedificou,ha poucos annos, por João de Sousa Soleima a fortaleza antiga que alli havia, e de que sómente os vestigios remanesciam, no que féz á Sua Magestade, com expensas de sua propria fazenda, um bom serviço: tem doze peças de artilharia, capitão e mais officiaes de uma companhia, mas não soldados ; contra in-

vasores vindos de mar em fóra se lhe considera prestimo, e para os gentios nenhuma serventia, como tambem d'ella carece a nova casa forte, que ha pouco fallámos; e dista d'esta outra pelo rio acima 12 leguas. O seu curso, de poente para oriente ; suas margens fresquissimas, copadas de arvoredos silvestres ; sua agua clara ; seu fundo muito, excepto d'onde sobre eminentes pedras se despenha, a que chamam cachoeiras ; seu peixe copioso e grande, que de verão se pesca com facilidade á linha e á fisga, o que as enchentes do inverno difficultam ; por elle se tem caminhado ao mais viagem de um mez até encontrar uns lagos, ignorados se são a mãi de suas correntes ou filhos d'ellas, espraiando-se pelos concavos que a terra lhes offerece ; a da circumferencia d'estes lagos habitada de gentio, de que viram senhas, e toda a que o rio rega se avalia fertil de frutos, drogas e ainda minas; mas tudo em confusão, pouco ou nada averiguado.

5. A causa d'esta ignorancia, além da negligencia antiga dos primeiros conquistadores, que tinham possibilidade e a não souberam bem feriar, ha sido o gentio que habita suas cabeceiras, aldêado como se suspeita; e tambem o que chamam de corso, que discorrendo do sertão por um e outro lado, em separadas cabildas de varias nações, linguas e appellidos, de continuo o infestam; de sorte que quasi tem forçado aos portuguezes despovoal-os de todo. A vida d'estes é muito para admirar, de bruta e aspera, porém d'elles abraçada por bonissima ; seu vestido o de Adão quando innocente, retalhada a cara e o corpo, como no Carmelo os antigos sacerdotes de Baal, que degolou Elias (45), e maculados de varios rasgos de tinta, mais parecem demonios que humanos : sua cama o chão molhado

(45) Reg., lib. 3, cap. 18.

ou enxuto; seu manjar o emprego de suas flechas nas feras e ainda bichos asquerosos da terra, como nos peixes do rio e aves do ar; emquanto a si mesmos se não devoram, mortos ou moribundos; sendo cada qual dos seus sepulchro vivo, tumulo mobil. Seu descanso por entre brenhas continua de ambulação. As casas, qualquer palma brava ou frondosa rama na arvore pendente, e se cortada sobre o corpo cahida; o movel um até dois informes vasos de barro, algum machado, faca ou fouce de roçar. Nas marchas sempre assistido de mulheres e filhos; nas batalhas entre si ou comnosco lhes reservam lugar seguro, affiançando o reparo d'ellas em seus braços e seus peitos. Usam de subtis estratagemas e emboscadas em brevissimo espaço; conhecem de nossos movimentos com sentinellas dispostas por arvores altissimas, que com signaes avisam, e por terra por entre mil tropeços, com ligeiros corredores; com a mesma furia investem e desapparecem, retirando-se; suas armas offensivas, as flechas, as machadinhas de pedra, inserida em páo, assaz cortadoras, e os páos que chamam de jucar (que val o mesmo que de matar). As defensivas, sua pelle, a qual em alguns se ha visto não penetrar o ferro. Assim vivem e assim morrem com fórma humana, mas sem outro uso ou semelhança que de féras, quasi irracionaes viventes, de que mais importa, sem o menor cuidado, ou conhecimento ácerca do divino culto e sua salvação.

Misera sorte, estranha condição.

CAPITULO XIV

1. Descem estes gentios até a foz do rio,com apparencias de paz, chamando-se compadres dos portuguezes, e com

essa voz colhem o fructo de seus trabalhos, destruindo-lhes as lavouras e entrando-lhes nas casas; pondo-lhes as machadinhas sobre as cabeças saqueam o que querem ; muitas vezes mataram os escravos trabalhando nas fazendas, e tambem alguns de seus donos, o que deu motivo a desampararem e despovoar o rio sem se lhes permittir a acção tão natural de repellir uma violencia com outra, nem defender-se, ainda com o *moderamine inculpato tutele*, tão permittido em direito; e se algum o intentou, foi castigado por ordens reaes, que obtiveram os padres da companhia em favor dos barbaros, patrocinando-os em todo tempo estranhamente, sem embargo de lhes haverem mortos tres religiosos, e forçado a desamparar um engenho seu,no mesmo districto d'onde lh'os mataram.

2. Não se póde averiguar este segredo, que para fundar-se na piedade christã devia não ser tanto em damno e prejuizo dos professores d'ella, e aqui parece assenta bem *non sunt facienda bona ut veniant mala* ; nem eu digo que elles são indignos da piedade por gentios e barbaros, senão por ingratos e perversos; que com tão maligna pervicancia a desestimam e repudiam, machinando contra seus bemfeitores aleivosamente, sem jámais se demoverem a admitirem, nem ainda paz segura, a qual intentaram os padres estabelecer com elles alguma vez, dando-lhes juramento sobre um missal, como se tivessem conhecimento ou observação de seus santos ritos (cousa indigna de imaginar-se, quanto mais de fazer-se); não attendendo,que aos barbaros, nada faltos de malicia, motivava a religiosa ceremonia indecente ludibrio, e a nós peso, escandalo. Nenhuma outra segurança se considera sufficiente para a conservação de suas pazes, excepto a de aldéar-se com suas familias entre nós, o que se julga impossivel por sua contrariedade a domicilios certos, e

propensão aos vagabundos, sempre desconfiados e aleivosos.

3. Quem dirá, conhecida esta verdade, que se observe tão perniciosa paz, e se não haja de emendar com uma tão justa guerra, como dizia Tacito: *Miseram pacem, vel bello bene mutari* (46), com a qual, supposto senão extinguam por ser difficil, seriam rebatidos, e menor o damno de inimigos descobertos, que de amigos simulados e brutos. Nem republica alguma sem paz segura, ou guerra aberta, para conseguil-a, jámais permaneceu; dizendo Tulio, se deve engeitar a paz, debaixo da qual se esconde a guerra. *Pax est repudianda, si sub ejus nomine latitet bellum* (47). Só estes miseraveis vassallos, por peccados seus ou exercicio de sua paciencia, são forçados a viver esse pouco que durarem fóra do uso commum das gentes e do direito d'ellas, para que de todo destruidos algum dia se lhes cante a endexa que a Julio Cesar em sua morte, por haver conservado com sua clemencia seus matadores:

« *Men me servasse, ut essent qui me perderente.* »

4. Não differem dos *Tarmambez* estes *Tapuyas*, mas que frequentarem aquelles as praias, solicitando n'ellas os fructos e o ambar, com a pesca do mar e o commercio dos estrangeiros, dos quaes a troco do ambar, madeiras boas e outras drogas, commutam ferramentas e bebidas; pela ambição do que, têm feito dar á costa, cortando-lhes de noite as amarras, algumas embarcações, que ávista d'ella de necessidade navegam e ancoram, para roubar e matar os naufragados. Em castigo de semelhantes crimes,

(46) Tacito, lib. 3, *Annal*.

(47) Cicero, lib. 7, *Philosoph*.

e por haverem contra elle intentado o mesmo, ordenou o governador Ignacio Coelho da Silva, no anno de 1689, ao capitão-mór do Maranhão Vital Maciel Parente que, com uma grossa tropa de portuguezes e indios, demandasse estes gentios, e a fogo e ferro cruelmente os debellasse, e se lhe fosse possivel extinguisse; havendo já de antes feito morrer em bocas de peças alguns que vieram a vender conhecidas roupas. Nos primeiros de Abril d'aquella éra sahiu o capitão-mór da praça com 130 soldados e 500 indios em 30 canôas, embarcações fabricadas de um só páo e por isso monstruosas, e um barco mais, o qual adiantando-se em o rio de Totoy, saltando em terra quatro homens, pelos *Tarmambez*, que não viram emboscados, foram todos mortos; os restantes, timidos e desacordados, perdido o bote e a fateixa do barco, arribaram, para á sombra do batalhão navegar seguros. O capitão-mór, havendo trabalhado muito com as tempestades do mar, navegando, e na marcha da terra com a passagem dos rios e mobilidade das arêas, avistou alguns lotes d'esta gente, que ousaram aos nossos batedores fazer rostro; porém mortos alguns, e reconhecida a nossa força, se retiraram apressados; mas sendo da tropa perseguidos, e atalhando-se a passagem dos rios que elles demandavam para fugirem, com as canôas, foram entre uns mangaes alcançados, e quasi todos do ferro e fogo consumidos, sem distincção de sexo nem de idade; que como se prohibia o captiveiro (não sei com que razão, sendo a guerra justa e pela provisão já referida habilitada) cada qual occupava as mãos nos golpes, não em manietar. Aqui viram os nossos, lastimosos e horrendos espectaculos, espedaçados e postos de moquem (isto é, assados) os *Tarmambez*, á tarde antecedente mortos, para serem de seus parentes nefando pasto.

5. Concluido o destroço, abocou o capitão-mór, na

fórma de seu regimento, o gram rio Paraguassú, que dizem ser braço do de S. Francisco, o qual entra no mar ávante de Pernambuco 70 leguas ; navegou por elle, de ordinario pelo rumo do sul, quasi dois mezes ; viram-se varias nações de gentios em numerosas tropas ; praticaram-se algumas para de paz descel-as, mas sem effeito ; porque seu animo differe muito d'este pensamento. Intentou-se pelos nossos, quando já desenganados, forçal-os com a violencia, o que evitaram, retirando-se, dizem que advertidos dos padres da companhia, que a titulo de missionarios assistiam na nossa tropa e nas disposições d'ella, a qual se recolheu logo desgostosa por não conseguir intento importante na reputação ou ganancia, que é o que obriga a todos muito e mais a necessitados.

« Que a virtude louvada vive e cresce,
« E o premio a altos casos persuade. »

(Camões, *Lusiadas*, canto...)

E porque os nossos sertanejos o não esperavam, instaram sempre pela retirada, enfastiados de andar vagando sem guerra, ou paz de que lhes resultasse honra ou proveito; sendo que é muito necessario destruir o referido gentio, por evitar os damnos que dissemos, e outros de maiores consequencias, ligando-se com estrangeiros; e tambem para dar-se as mãos esta capitania com a do Ceará e as mais do Brasil ; conveniencias todas de não pequena qualidade. Mas, deixados já estas ponderações e estes successos a que nos divertiu a occasião e o discurso, demos na segunda parte

Principio ao mais preciso da narração.

Finis laus Deo optima que virgini Dei pare.

(Continúa.)

COPIA

DO

OFFICIO DO VISCONDE DE BARBACENA

DANDO CONTA PARA A CÔRTE DE HAVEREM ABORTADO OS PLANOS DO TIRADENTES E SEUS SOCIOS

Offerecida ao Instituto Historico pelo socio honorario

VISCONDE DE PORTO SEGURO

A mão do Omnipotente, que regula o justo e feliz governo de Sua Magestade, acaba de defender este paiz, senão da sua ruina ou perdição total, ao menos de um gravissimo estrago irreparavel por muitos annos, e tem encaminhado as minhas diligencias de tal fórma, que tenho a gloria de poder ao mesmo tempo dar parte a V. Ex. do grande perigo com que lhe ameaçou o sacrilego atrevimento de alguns perversos homens, e da completa victoria com que se acha rebatido e descoberto, pela maior parte, o infame systema da sua maldade.

Logo que cheguei á esta capitania, reconheci as delicadas circumstancias em que me achava, e tenho presentemente a maior satisfação possivel de ter usado de tal arte e moderação, que, sem faltar ás obrigações do meu lugar, nem ás ordens que por V. Ex. me foram dirigidas e recommendadas, pude contentar o povo e bemquistar-me até com os mesmos actuaes delinquentes, que estou certo não se atreverão a allegar facto algum meu por desculpa ou motivo de

sua sempre indesculpavel infidelidade, mas nunca receei que ella chegasse no meu tempo a tal excesso,senão depois que Joaquim Silverio dos Reis, coronel de um dos novos regimentos auxiliares que Sua Magestade mandava extinguir, e contratador das estradas nos annos 1782 a 1784, me veiu participar que se achava tratada e ajustada uma ampla conjuração, e sublevação contra o legitimo dominio da mesma Senhora e da sua real corôa, pela maior parte das pessoas consideraveis d'esta capitania, as quaes tinham a seu favor a tropa regular, e contavam com o auxilio e alliança do Rio de Janeiro, para onde tinha partido já o alferes do regimento Joaquim José da Silva Xavier a tratar d'este negocio, e convocar maior numero de sequazes para se concluir depois da sua vinda, e na occasião do lançamento da derrama, que esperavam tivesse lugar n'este anno.

Ainda que o caracter do denunciante, tido por homem orgulhoso e de máo coração, perseguido actualmente de inimigos, que de alguma fórma lhe haviam grangeado o seu genio, e algum abuso ou emulação das protecções que tivéra, e apertado pelas contas e pagamentos do contrato, em que entendo se acha muito alcançado, diminuia o credito da noticia ou a fazia suspeitosa, sempre a tratei desde logo com o cuidado que ella merecia, praticando todo o exame, e cautela que foi compativel com o segredo e disfarce que me pareceu necessario, e communicando-a particularmente, sem demora, ao vice-rei do Estado, não só em razão de seu cargo e superiores luzes, mas por se achar no Rio de Janeiro o sobredito alferes, e principalmente pela atrevida e perigosa commissão que se lhe imputava, para cujo exame e investigação mandei tambem logo o referido coronel. Continuei esta correspondencia da fórma que a distancia nos permittia, com a maior individuação e exac-

ção de factos, combinações e reflexões, e com o mesmo segredo e disfarce, até que, tendo-me certificado pelas minhas diligencias e exames, e conseguido algumas provas, escrevi com ellas de officio ao mesmo vice-rei, para convirmos de accordo e mão commum na apprehensão dos réos, e nos mais procedimentos e medidas que fossem convenientes ao serviço de Sua Magestade; porém o inesperado comportamento do referido alferes, desapparecendo repentinamente, prevenido de armas, e sem os despachos necessarios, fez antecipar a sua prisão e segurança, assim como a dos principaes socios do seu delicto n'esta capitania, a qual mandei proceder logo que tive aquella noticia; porque tudo estava prevenido para esse fim, no momento em que eu julgasse a proposito ordenal-a. D'estes foram conduzidos sem a menor demora ao Rio de Janeiro o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, ouvidor que foi d'esta comarca, Ignacio José de Alvarenga, que serviu o mesmo lugar na do Rio das Mortes, e o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, que julguei por cabeças, e mais zelosos e acerrimos fautores da conjuração, para os pôr em segura custodia, antes que os seus amigos e sequazes podessem saber da sua infelicidade, nem o povo conhecer ou suspeitar a causa d'ella, como assim succedeu, correspondendo muito bem ao meu intento o effeito d'esta cautela, que me pareceu conveniente até pela falta que havia de prisões sufficientes e da guarda necessaria para ellas. Além d'esses, estão já nas prisões d'esta villa o sargento-mór de auxiliares Luiz Vaz de Toledo Piza, irmão do vigario, o conego Luiz Vieira, o bacharel Claudio Manoel da Costa, advogado n'esta villa, Domingos de Abreu, tenente-coronel de auxiliares e contratador dos dizimos no triennio passado, e Francisco Antonio de Oliveira Lopes, coronel tambem de auxiliares do regimento de S. José de El-Rei, os quaes retive e demorei até

agora com algumas pessoas das suas familias, e outros de menos consideração, para fazer as averiguações promptas que me eram necessarias,certificar-me de suspeitas e outras diligencias que têm tido excellente successo á medida do empenho,exacção e vigilancia com que têm sido intentadas e proseguidas ; mas de todas ellas nenhumas tiveram á proporção mais acertado exito,que as prisões dos dois ultimos acima mencionados, que determinei mais por um antecipado presentimento, que por alguma rigorosa consequencia das primeiras averiguações e noticias, ou de processo, fundando tambem a segurança que tive das suas confissões no conhecimento do caracter de cada um d'elles, que pela franqueza e sujeição com que se houveram, e pela importancia dos factos que communicaram, especialmente o coronel Francisco Antonio de Oliveira, confiados na grande bondade de Sua Magestade, poderão obter em comparação dos mais réos, alguma piedade, especialmente se a prova da sua culpa lhes resultar das suas proprias confissões, e não se conhecer que elles cooperaram ou aconselharam para a atrocissima maldade,que os seus infames e falsos amigos premeditaram. Para as referidas diligencias me tenho servido nos primeiros tempos do tenente-coronel Francisco Antonio Rebello, ajudante das ordens d'este governo, e depois do ouvidor d'esta comarca Pedro José Araujo de Saldanha e do ouvidor do Sabará Josè Caetano Cesar Manitti, o qual nomeei tambem para escrivão da devassa, que mandei começar logo que tive certeza de estar aberta a do Rio de Janeiro, e todos elles têm desempenhado o conceito que fiz do seu prestimo,com muita fidelidade, acerto, segredo e zelo do real serviço.

Todos os presos acima mencionados estão mais ou menos culpados na devassa, summarios e prévios interrogatorios dos que se acham ainda nas prisões d'esta villa, principal-

mente o alferes Joaquim José da Silva Xavier, cujo delicto tem já abundante prova, constando geralmente de uns e outros processos, que elle era o principal motor da projectada sublevaçãc; e que mostrára o maior empenho e eficacia na execução d'ella; e o que amotinava o povo e pretendia corromper a tropa, já com sacrilegas doutrinas, já com falsas ou maliciosas noticias, e já com enganosas esperanças adequadas aos interesses de cada um e do publico; no que se portava com um ardil muito proporcionado ao objecto das suas diligencias, e superior aos talentos que se lhe conheciam ; mas fica ainda incerto se elle foi tambem o autor do mesmo projecto e maldade, ou se esta infame preeminencia toca ao desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, como o primeiro denunciante lhe attribue, ou se a algum dos outros, ou emfim se ao ajuntamento-palestra e conventiculo de varios, e á occurrencia e conformidade das suas maximas, sentimentos e desejos, como me parece mais provavel. Ha tambem já grande prova contra o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, a quem seu mesmo irmão imputa, com muitas lagrimas e queixas, a sua actual desgraça ; confessando que elle o persuadira ou obrigára a este horroroso crime, sendo-lhe em tudo subordinado, e dependente pela sua pobreza e necessidade : elle foi quem fallou ao segundo denunciante, o mestre de campo Ignacio Corrêa Pamplona, com animo, segundo deve presumir-se, de o attrahir ao seu partido, declarando-lhe que entrava n'elle o sobredito desembargador Gonzaga, e quem fallou ao coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes, que refere d'elle os mais escandalosos atrevimentos; animando sempre a conjuração, incitando os que pareciam frouxos, e chegando na ultima desesperação a promover e determinar o insulto até com os proprios escravos, e dos seus amigos, quando soube da prisão do alferes e de Joaquim Silverio, e

já bem proximo ao momento em que elle tambem foi preso. O coronel Ignacio José de Alvarenga parece que desejava ardentemente a mesma revolução, e era um dos tres com Gonzaga e o vigario, conforme refere Claudio Manoel da Costa nas suas respostas, que punham algum interesse n'esta acção, e, posto que se lhe conhecem por ora menos diligencias que ao dito vigario e ao alferes, é constante que se tinha fintado com duzentos homens para ella, e attribue-se-lhe, além de outras cousas, a escolha e determinação da legenda—*Libertas quæ sera tamen*—para os estandartes da republica. Gonzaga era mais acautelado que estes, e por isso todos os que fallam n'elle, vêm sempre a referir-se originalmente em quasi tudo ao vigario ou Alvarenga, que ainda não foram perguntados. Do mesmo vigario provêm algumas passagens tendentes mais particularmente ao caso, que fazem culpa ao conego Luiz Vieira, além das doutrinas e noticias vagas que lhe imputam algumas testemunhas da devassa, muito proprias a fomentar o partido sedicioso, as quaes deram justo motivo á sua prisão e a do sobredito advogado Claudio Manoel da Costa, em cuja casa dizem se tiveram conversações e conselhos, que elle mesmo não pôde negar, ainda que lhes deu a melhor côr e moderação possivel. Do coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes, convidado pelo vigario e fintado com 20 ou 30 homens, suspeitei mal, ainda que não estava envolvido na denuncia de Joaquim Silverio por uma assaz diminuta, que me fez nas vesperas das prisões; e não me enganei, porque logo que foi preso a continuou e estendeu tão largamente, como eu esperava dos seus conhecimentos e caracter, tendo sabido tudo pelo mesmo vigario, e conversado a materia com o irmão d'elle e com Alvarenga.

Não pôde ser preso o padre José da Silva de Oliveira Rolim, filho do caixa actual da administração dos diaman-

tes José da Silva de Oliveira, culpado tambem na primeira denuncia e nos summarios dos co-réos, ou por se achar já homisiado no Tejuco e precavido, tendo sido mandado despejar da demarcação e da capitania com ordem do meu antecessor, ou por menos vigilancia e exacção do official commandante do destacamento, a quem encarreguei a diligencia, aliás bem reputado até então, ou pelo auxilio dos muitos amigos que tinha e dependentes de seu pai, ou dos mesmos sequazes do seu delicto, que se suppõe serem muitos n'aquella comarca, e todos grangeados e convidados por elle. Mas tem-se feito e continuam a fazer-se diligencias mais efficazes para a sua apprehensão e segurança, e para o conhecimento da culpa ou negligencia que podesse ter o referido official, que desde logo me ficou sendo tambem suspeitoso; e como me constou que este máo clerigo estivéra hospedado em casa do tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira, pelo tempo que se demorou em Villa Rica, foi esta a principal razão que tive para determinar tambem logo a prisão d'elle; e com effeito achou-se sabedor de toda a maldade; e foi esta a primeira porta por onde se entrou no labyrintho d'ella,depois das primeiras noticias.

Com bem confusão e com magoa digo tambem a V. Ex., que fica nos termos de ser preso o tenente-coronel commandante do regimento régular Francisco de Paula Freire de Andrade, não obstante uma especie de denuncia que me fez de conversações que tiveram em sua casa os sobreditos alferes, vigario, Alvarenga e padre José da Silva, por duas vezes, e de uma carta sem nome com que pretenderam talvez movel-o, nos ultimos tempos, ao desatino e trahição que premeditaram, porque além da tardança começa a apparecer diminuta a dita participação; começa a conhecer-se que houve de sua parte, senão um indigno consenti-

mento e aceitação, ao menos uma tôla condescendencia; e é certo que contaram com o seu favor e poder. Nos mesmos termos fica um cunhado d'elle, José Alves Maciel, que chegou de Portugal haverá um anno, depois de ter-se formado em Coimbra na faculdade de philosophia e viajado em Inglaterra, onde se applicou muito ás artes e manufacturas, sendo por isso em quem os seus compatriotas se fiaram para o estabelecimento d'ellas no principio da revolução, especialmente da polvora, para a qual dizem tinha asseverado haver no paiz os ingredientes necessarios.

Estas são as pessoas que figuram até agora n'este negocio e se compromettiam n'elle; mas o numero principalmente dos convidados e espectadores deve ser muito maior. Além dos que se attribuem ao padre José da Silva, que dizem promettêra todo o Serro do Frio, expressão que eu acho muito excessiva, consta que o alferes fazia conta com muitos outros d'esta e das demais capitanias, e com officiaes do regimento, cujos nomes, segundo vão apparecendo, são os seguintes: o capitão Maximiano de Oliveira Leite, o capitão Manoel da Silva Brandão, o capitão Antonio José de Araujo, o tenente Antonio Agostinho Lobo Leite Pereira, o tenente José Antonio de Mello, o alferes Mathias Sanches e o alferes Antonio Gomes Meirelles; porém com isto não os dou ainda por culpados; porque ainda quando o facto e referimento seja verdadeiro, é bem possivel que elle contasse com alguns d'elles só por lhe terem ouvido com mais paciencia as suas invectivas ou discursos geraes de méra probabilidade, assim como não tenho ainda por taes a outros sujeitos nomeados tambem na devassa ou summarios singularmente, como são: Claro José da Motta, sobrinho do vigario de S. José; Manoel Francisco, feitor d'elle; um capitão de auxiliares Domingos Barbosa; outro de Baependy, cujo nome ainda se ignora, e Francisco José

de Mesquita, todos amigos do mesmo vigario; o padre José Corrêa, vigario geral do Sabará; um doutor da mesma comarca, vindo ha pouco de Portugal, que parece ser José de Sá Bittencourt; outro doutor de Minas Novas, que se entende será José Vieira Freire de Moura, cunhado do padre José da Silva de Oliveira Rolim, e finalmente Joaquim Antonio Gonzaga, ouvidor da comarca do Serro do Frio, natural do Rio de Janeiro, a quem declara o tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira,que convidára e escrevêra n'esta materia seu primo o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, sendo portador o dito padre José da Silva, mas não sabe se a carta foi entregue ou que resposta houve da parte d'elle. Não conto igualmente no numero dos réos as testemunhas da devassa que depuzeram algumas cousas e as não tinham delatado, antes tomei a resolução de não proceder contra ellas com o rigor de direito, para não impedir a averiguação e os conhecimentos que se pretendem; e visto a boa fé de seus depoimentos e da innocencia em que se consideram, fico n'esta intelligencia até receber as ordens de Sua Magestade, mas sómente no caso em que dos proprios depoimentos, ou de outros, lhes não resulte maior culpa,que os constitua verdadeiros réos.

Emquanto ao tempo em que principiou a tratar-se esta grande maldade, não se sabe ainda cousa certa. O coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes conta, por ter ouvido ao vigario, que havia oito annos que o conego Luiz Vieira lhe deitava as linhas, e refere tambem que da mesma origem, que doze estudantes brasileiros se tinham ajustado em Coimbra e dado ás mãos para procurarem a independencia da sua patria, mas que d'estes só cá se acharam tres; e para melhor averiguação d'este facto remetto a V. Ex. as cartas inclusas do sargento-mór Joaquim Pedro da Camara e de sua prima D. Joanna de Menezes, religiosa

em Coimbra, a quem talvez servisse de motivo para a supposição que faz de se tumultuarem estes povos, alguma noticia que tivesse, ou conversações que ouvisse áquelles mesmos. O dito coronel e algumas das testemunhas da devassa, dizem, que o alferes Joaquim José da Silva viéra do Rio de Janeiro, onde estava quando eu cheguei, havia muito tempo, fallando na pretendida sublevação como de uma cousa já tratada. Uma testemunha da devassa, referindo outra que ainda se não pôde inquerir, por não se achar na capitania, imputa ao Alvarenga, que trabalhava para ella ou nas leis do novo governo,havia já dois annos. Porém o que se colhe mais geralmente da devassa e summarios,é que tivéra principio, ou ao menos tomára corpo e formalidade, nas conversações de Villa Rica depois da chegada do alferes e do padre José da Silva, que tambem se achava antes no Rio de Janeiro, e no tempo em que tinham concorrido a ella o vigario, o Alvarenga e outras pessoas, o qual, segundo me lembro, foi proximo á minha vinda,e é provavel que ella déra occasião e motivo para a dita concurrencia; eu, porém, entendo que as primeiras lembranças viriam do Rio de Janeiro, pela occasião que tiveram de achar-se n'aquella cidade o dito padre e alferes, ambos refugiados e descontentes, onde se encontraram com o Joaquim Silverio, quando acompanhou d'aqui o meu antecessor, e que estava igualmente descontente da mudança do governo e pela noticia que lhe deram tambem da extincção dos novos regimentos, nos quaes era coronel, devendo ficar gravemente offendida com ella a sua vaidade e dependencia, aos quaes póde acrescentar-se o Dr. José Alves Maciel, chegado igualmente n'esse tempo de Lisboa e de Inglaterra, se acaso é certo que elle fosse um dos estudantes confederados em Coimbra e um dos socios de mais prestimo, como acima fica referido. Tambem não deixo de

crêr, que as ditas lembranças viessem de Coimbra ; seja certo ou não o ajuste dos estudantes, porque sempre n'esta materia achei muito arriscados os sentimentos, opiniões e influencia dos bachareis brasileiros que têm voltado á sua patria, especialmente depois que se julgam instruidos nos direitos publicos e das gentes, nos interesses da Europa e no conhecimento das producções da natureza, e muito mais depois que passavam a estudar nas universidades estrangeiras, como têm feito alguns sem razão sufficiente. E para abono e comprovação d'este conceito,remetto a V. Ex. por copia o summario incluso, cujo original fica para se completar com os depoimentos que faltam, e que hão de ser tirados no Rio de Janeiro; e estes são tambem os unicos vestigios que até agora tenho podido descobrir de alguma correspondencia para fóra, ou de auxilio estranho em que se fiassem, posto que desde o primeiro dia não perdi de vista esta averiguação ; e por conta d'ella principalmente fiz tambem prender com os primeiros denunciados a um inglez que se achava no Tejuco, chamado Nicoláo Jorge, e mandei apprehender-lhe os papeis, tendo-se feito suspeitoso, não tanto pela qualidade de estrangeiro, como por ter dito algumas expressões mais livres,que podiam bem applicar-se ao caso presente ; mas em nenhuma das duas cousas se tem achado culpado, nem me parece que nas ditas expressões fosse malicioso.

E', porém, constante e considero provado, que o lançamento da derrama, que esperavam com brevidade, era o apoio principal do seu atrevimento, e o tempo designado para a revolução projectada ; mas para que ella tivesse melhor effeito anticiparam-se, em espalhar pelo povo a certeza e injustiça da mesma derrama,pintada com côres feias, e sobre outras inventadas ou exageradas vexações; e supponho que ás suas occultas diligencias e maliciosas insinua-

ções se deve attribuir o silencio do mesmo povo e das camaras n'este negocio,porque não é crivel de outra fórma, que deixassem de occorrer a esse mal que proximamente temiam com representações ou requerimentos, como fizeram depois que os tirei da allucinação e proscrevi os accusasadores d'ella.

Assim é que vejo tambem o justificar-se a primeira providencia,que julguei conveniente n'este caso, que foi a de participar logo á camara de Villa Rica a resolução que tinha tomado de suspender o lançamento da derrama até a decisão de Sua Magestade, e depois ás mais camaras da capitania, com a carta cuja cópia remetto a V. Ex. inclusa (*), a qual accommodei ás circumstancias particulares que a promoveram, e a fiz servir do melhor modo que me pareceu ao intento que me propuz, aproveitando-me contra os meus inimigos, e do Estado,das mesmas armas com que elles tinham intentado atacar-me; e fiz esta diligencia sem perda de um só dia depois da primeira noticia, ainda pouco crivel, do attentado, não só para dar tempo conveniente ao remedio que applicava, mas porque, tardando, poderia ser recebido como uma deliberação forçada, e perderiam tambem os motivos e as palavras da minha carta toda a uncção e virtude necessaria. Não me esqueci, porém, de contemplar os inconvenientes que teria a minha determinação, se a referida noticia fosse falsa ou affectada, mas assentei que ainda n'esse caso seria muito prudente pelas circumstancias da capitania, e que sempre deveria ter lugar, senão do mesmo modo e formalidade, ao menos emquanto ao effeito; e demais que eram superiores as vantagens,que podiam esperar-se ao risco imaginario da sobredita incer-

(*) Publicada no texto do artigo primeiro.

teza, aliás remediavel por ser interina a providencia, que dentro ainda no mesmo anno podia terminar-se com a resolução de Sua Magestade; e serviu-me de motivo apparente para ella a permissão que me tinha pedido o procurador da fazenda, para requerer na junta, em virtude do seu officio, a derrama competente, ácerca da execução do qual,estou certo que elle proprio reconhecia tambem graves difficuldades; e não pareceu estranho que, chegando eu a capacitar-me das razões que se oppunham ao lançamento d'ella,e a querer tomar sobre mim a suspensão, me antecipasse com alguma brevidade ao seu requerimento e á deliberação da junta, que se julgára não podia ser favoravel, depois das ultimas recommendações da côrte.

Com esta barreira, separei muito os interesses do povo, ainda submisso e incontaminado, dos particulares dos seus amotinadores, que desde então começaram a parecer esmorecidos, e cuidadosos principalmente de remover qualquer suspeita que tivesse dado o seu anterior procedimento, buscando cautelas e salvos conductos para o futuro, arrependidos talvez da sua precipitação e indiscrição; e ou seja d'este comportamento, ou do desarranjo que a minha determinação causava ás suas medidas, tive a maior prova em uma, ao que parece, atrevida conversação de Gonzaga comigo mesmo, vindo visitar-me ao arraial da Cachoeira, onde estava, na qual começou a insinuar-se por me exagerar a obrigação em que me estava o povo de Villa Rica pela suspensão da derrama, acrescentando que queria *levantar-me uma estatua;* e tendo eu respondido como devêra, passou a dizer-me, que eu não sabia todo o bem que tinha feito, dando-me a entender,que o mesmo povo estava disposto a uma sublevação, e concluindo, depois de ser por vezes interrompido por mim com outras materias, que para se effectuar a dita disposição entendia,que só lhe fal-

tavam *duas cabeças*, fallando sempre geralmente ; e como pude desviar ainda com bom disfarce a conversação que julgára inteiramente maliciosa,e por isso arriscadas para as minhas disposições e medidas, foi ainda suscital-a para me encarecer a superioridade das circumstancias d'esta capitania para a sua independencia, defesa e subsistencia, pela sua riqueza e situação natural, e que merecia estar *nas meninas dos olhos do ministerio*; até que foi de alguma fórma obrigado de retirar-se,por ser já muito tarde, com promessa de voltar com brevidade, tendo-me sido necessaria toda a arte para não mostrar qualquer reserva ou disfarce que me fizesse suspeitoso, nem receio que os animasse, nem dar ao mesmo tempo a confiança e occasião que lhe facilitasse algum novo attentado, que poderia ser causa de precipitar o rompimento em prejuizo da apprehensão dos outros réos, e talvez da segurança e tranquillidade do Estado.

Não obstante, porém, a efficacia d'aquella primeira providencia, que reconheci por esses e outros meios, ainda assim não era possivel esperar com esta prevenção e remedio sómente, porque os animos pervertidos eram já muitos ; os interesses, sentimentos e desejos eram os mesmos, e o intento seria publico brevemente pelas sementes que o alferes tinha espalhado n'esta villa e na estrada do Rio de Janeiro, e o vigario nas villas de S. José e de S. João de El-Rei, as quaes certamente haviam de vegetar e produzir fructo a seu tempo ; e, finalmente, porque o mesmo remorso e temor d'elles era perigoso, e com bem razão se fosse certo que o commandante e alguns officiaes do regimento estivessem tambem comprehendidos n'elle.

Por estes motivos, e pela pouca tropa que restava dos destacamentos, augmentados presentemente com um de maior força, que guarda os sertões dos rios Abaeté, Santo Antonio e do Somno, cujos diamantes começavam a ser

roubados por grande numero de garimpeiros, e com algumas outras guardas mais pequenas,em caminhos e picadas por onde se encaminhavam os extravios, julguei conveniente pedir ao vice-rei do Estado duas companhias de infantaria, as quaes se acham guarnecendo esta capital, e tambem a villa de S. João de El-Rei e Arraial da Igreja Nova, que fica na estrada do Rio de Janeiro, á sahido do mato, a titulo e com o pretexto de marcharem á serra da Canastra, onde correu fama de se ter descoberto ouro e diamantes, se as averiguações que mandei fazer pedissem semelhante providencia; mas só tem sido uma cautela necessaria para remover qualquer receio, e para fazer respeitar as ordens e executar as diligencias, e averiguações convenientes, as quaes todas têm sido praticadas com o maior socego e obediencia, que podia ter lugar em semelhante caso; de fórma que a não serem as continuadas blasphemias do alferes, as persuasões do vigario e alguns ditos de Joaquim Silverio, assento que até os poucos sujeitos que podessem suspeitar o motivo d'ellas,pareceria incrivel,pelo modo que se tem guardado, e pela tranquillidade em que está a capitania. O vice-rei augmentou este auxilio com uma companhia do esquadrão da sua guarda, que veiu a proposito para conduzir os mais presos,e porque pôde chegar alguns dias primeiro que a infantaria, a qual unicamente conservo até receber as ordens de Sua Magestade,pela esperança em que estou,de que uma das providencias que a mesma Senhora será servida ordenar,é o estabelecimento de alguns corpos de tropa, independente do regimento proprio e nacional d'esta capitania, que guarneça ao menos a capital do governo, e tambem para que elle se empregue melhor nas guardas dos registros, nas patrulhas e escoltas necessarias, e nos mais destacamentos que têm sido,e é ainda muito util que se estabeleçam, até para fazer respeitar a justiça illudida com-

mummente e inefficaz em todas as partes que ficam muito distantes da influencia do governo.

Não só devo á Providencia ter-me facilitado a gloria d'este importante serviço, com o feliz acerto de todos os meus passos e diligencias, mas até a occurrencia de occasiões muito opportunas para ellas, de que sempre me aproveitei com grande vantagem, d'entre as quaes podem especificar-se as seguintes para maior clareza d'esta informação. Quasi todos entendiam que era muito conveniente dar ao regimento de cavallaria a fórma de uma legião, composta tambem de infantaria, e que se tinha já proposto a Sua Magestade este projecto, assim como era sabido, que tinha feito o meu predecessor ácerca da regulação dos pedestres que servem nos destacamentos; e de tudo isso se tinha fallado proximamente, e se esperava ainda que eu tivesse ordem para se executar; de cujas circumstancias, lançando mão, pude com esse pretexto começar desde logo a fazer alguns soldados para a infantaria, e recolher ao quartel do regimento os sobreditos pedestres que havia em Villa Rica, e de alguns destacamentos vizinhos, sujeitando-os á disciplina regular; o que se fez com tal moderação e de tal fórma, que não se deu a menor suspeita, não se prejudicou o serviço importante dos destacamentos, e custou muito pouco á real fazenda o pequeno augmento de tropa, com que me achei na occasião para fazer as prisões e guardar os presos; mas esse mesmo tornei a diminuir insensivelmente logo que chegou a infantaria do Rio de Janeiro; permanecendo, porém, sempre a nova regulação dos pedestres, unidos em uma companhia aggregada ao regimento, por me parecer muito conveniente ao real serviço, como farei presente a V. Ex em conta separada.

O novo descoberto da serra da Canastra, que muito se de cantou n'esse meio tempo, mas que, segundo as informa

ções entendo não prestará para mais nada, serviu-me excellentemente para algumas prevenções, mas especialmente para ter prompto e municiado um piquete de cavallaria, debaixo de um official activo e de confiança, para ser empregado á primeira ordem, como veiu a succeder nas prisões da comarca do Rio das Mortes; que de outra fórma poderiam ser mallogrados n'aquella occasião, pela vigilancia em que estavam, e pela suspeita que daria qualquer movimento extraordinario; e, finalmente, para pedir o auxilio do Rio de Janeiro, que proporcionei ao estado publico da minha necessidade, para não me fazer suspeitoso nem ao mesmo tempo demasiadamente timido ou tambem receioso, quando se descobrissem outros motivos. Terem-se visto alguns indios na vizinhança da estrada do Rio de Janeiro, foi motivo muito sufficiente para aguardar e segurar melhor, dobrando as patrulhas tanto em numero, como na força de cada uma, e municiando-as de polvora e bala sem que até hoje tenham suspeitado que foi outra a causa d'essa prevenção.

As minhas poucas forças, e a ignorancia das que tinham os meus inimigos, que podiam ser muitos e dos mesmos que eu não devesse reputar por taes, pediam toda essa manha e disfarce, de que usei geralmente em todas as mais diligencias tendentes ás averiguações, cautelas e disposições que se faziam necessarias; para cuja execução até valeu admiravelmente o retiro em que me achava n'uma fazenda de Sua Magestade, onde os governadores têm commoda residencia, no arraial da Cachoeira, cuja situação não podia ser mais conveniente para o intento, por ficar em moderada distancia da capital, e ao mesmo tempo junto ás estradas que vêm do Serro do Frio, do Sabará e do Rio das Mortes; e achar-se edificado na mesma paragem o novo quartel, que se fez na creação do regimento, o qual tem n'ella e nos

campos vizinhos os cavallos desoccupados,e os recrutas para a sua remonta, com um destacamento de soldados proporcionado áquelle serviço, que eu tinha augmentado tambem n'esse tempo para o da minha guarda.

Este é o resumo e substancia do importante negocio que tenho a honra de pôr na presença de Sua Magestade, para cuja averiguação, que se acha mais adiantada do que podia esperar-se com tão pouco tempo em tal materia, empreguei todo o cuidado e exacção que couberam na minha capacidade; contemplando sempre as consequencias á proporção das circumstancias, que occorriam no progresso da mesma averiguação, e a incerteza da approvação que poderia ter o maior ou menor rigor e publicidade dos meios empregados, segundo as intenções de Sua Magestade, e a terminação e apparencia que a sua alta sabedoria houvesse de escolher em tão grave e delicado acontecimento. Porém como a proxima chegada do desembargador José Pedro Machado Coelho Torres e do ouvidor da comarca do Rio de Janeiro Marcellino Pereira Cleto, mandados pelo vice-rei a esta capital para a mesma averiguação, dá motivo a cessarem as diligencias ordinarias que n'ella se praticaram por minha ordem, brevemente remetterei a V. Ex., por copia authentica, os documentos d'ellas para melhor, mais certa e segura informação de Sua Magestade; e como fundamento d'esta primeira, que ponho na real presença, emquanto as mesmas diligencias, que poderão ter demora, se ficam continuando, e concluem inteiramente com mais acerto debaixo das ordens e instrucções do dito vice-rei, e de todo o auxilio e cooperação que fôr necessario da minha parte; e tambem emquanto ello mesmo não póde informar pessoalmente com toda a exacção, mindeza e conhecimento que d'ellas tiver resultado, e com o que elle tem das cousas da America, especialmente do Rio de Janeiro e d'esta capita-

nia, pela grande relação, commercio e communicação que ha entre ambos,o que dará uma occasião muito opportuna, não só para a deliberação de Sua Magestade, mas para as providencias futuras ; e tendo determinado confiar a remessa dos sobreditos documentos ao tenente-coronel Francisco Antonio Rebello, ajudante das ordens d'este governo, não só pela importancia dos mesmos papeis, mas porque tendo sido elle o official de quem me fiei tambem, para o expediente que houve desde o principio n'este negocio, poderá responder á muitas cousas, aclarar outras, contar o nexo de algumas diligencias e passos que se deram, dizer o caracter dos sujeitos interessados ou comprehendidos n'elle, e tanto as suas relações entre si, como as dos seus interesses particulares com os do Estado ou com as circumstancias da capitania.

Deus guarde a V. Ex. Villa Rica, 11 de Julho de 1789. (Assignado)—*Visconde de Barbacena.*

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

Fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho (*)

BISPO DE ANGOLA

Incontestavelmente os discipulos do filho de Bernardon tiveram sobre a terra uma passagem gloriosa.

O pobre de Asisium, instituidor da regra de S. Francisco, o constructor da fortaleza inexpugnavel, erguida nos valles da Umbria, cingida de tres ordens de muralhas, de onde sahiram os apostolos da fé para arvorar o estandarte da cruz no seio da Africa, no interior da China e nas ultimas ilhas do oceano Oriental, deve com justo enthusiasmo e beatifico extase glorificar na bemaventurança a magnitude do alto monumento que divinisou na terra os martyres do christianismo.

Os athletas do Christo eram invenciveis na peleja do evangelho; erravam por entre os gelos e as neves da America septentrional, regavam com seu sangue a terra abrasadora da India, embrenhavam-se nos vastos bosques do Brasil, affrontavam os sacrificios cruentos dos barbaros, subiam triumphantes ás fogueiras do Canadá e morriam no Japão entre ondas de agua fervendo.

O Brasil não devia deixar de collaborar em tão sublime

(*) Esta biographia foi lida na sessão do Instituto de 23 de Junho de 1876 na Augusta Presença de SS. AA. II.

missão, e certamente os filhos de Francisco, que celebram no convento de Santo Antonio da côrte, contaram em suas fileiras soldados, cuja memoria abrilhanta e illumina o vasto e deserto claustro, que hoje, no silencio do abandono e do olvido, contempla reverente as gloriosas inscripções dos que dormem o somno eterno da morte.

Alli jazem Sampaio, S. Carlos, Fr. Rodrigo de S. José, Mont'Alverne, Rodovalho, Fr. Antonio do Coração de Maria e varios outros, que em espirito talvez passem por entre os cercados enegrecidos, memorando as datas brilhantes d'aquelle theatro de glorias.

Um sentimento, porém, afflictivo, vem pungir o coração do raro visitante d'aquella mansão de silencio e trévas; uma idéa melancolica enluta o quadro grandioso d'aquella arena sagrada: aquelles gigantes que dormem, d'aquelles guerreiros prostrados, dos martyres da fé, dos innumeros laureis, que ornaram suas frontes sublimes, tudo está murcho, pendido, coberto de pó, de sombra e esquecimento!

Fatal destino persegue o Brasil e seus filhos! Riquezas naturaes, preciosidades raras, obras de subido valor, innumeros escriptos, producções valiosissimas de notaveis escriptores, destinadas a provar como é eleita a intelligencia dos brasileiros, tudo isto se perde pela incuria de uns e a indifferença de outros.

Muito trabalharam em prol das letras e da tribuna sagrada os franciscanos de que acima fallámos; entretanto, á excepção de um pequeno numero de discursos impressos separadamente, e das obras oratorias de Mont'Alverne, nada mais existe. Tudo tem sido devorado pela traça e pelo positivismo do seculo.

O escriptor não póde por si só publicar os seus trabalhos; faltam-lhe os meios, e a imprensa custa muito ouro

fallecem, e os preciosos ineditos ahi ficam ateando muitas vezes as fogueiras de S. João, ou servindo de papel de embrulho aos mercadores da praça.

E os autores de tantos thesouros litterarios nem sequer são lembrados pelas gerações que se levantam no porvir: passaráõ como essas faceiras mariposas, como esses insectos brilhantes e multicôres, que, ostentando á luz do sol seu esmalte de azul e ouro, morrem ephemeramente na mesma chamma que os deslumbrou sem deixar senão a cinza do nada, e o desprezo do futuro e da gloria!

E o mal não está só na perda d'esses ricos supprimentos para litteratura nacional: o peior é que uma multidão de trapeiros litterarios, de parasitas e plagiarios, usufruem a gloria e o renome que pertencia aos eminentes oradores, e colhendo applausos e ovações, denigrem ainda a reputação dos grandes homens, a quem devem seu nome.

De um dos grandes franciscanos, que illustrou o convento de Santo Antonio da côrte, vou me occupar no presente serão litterario, e pela vida do eminente franciscano verão os illustres ouvintes que mais um monumento litterario perdeu-se no abysmo do esquecimento e da indifferença, com a perda das obras do eloquente orador, profundo philosopho e dilecto escriptor, Fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho.

Fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho, que no seculo se chamava Antonio de Mello Freitas, era filho legitimo de Timotheo Corrêa de Toledo e de sua mulher Ursula Isabel de Mello, todos naturaes da villa de Taubaté, hoje cidade, e baptizados na freguezia de S. Francisco da referida villa, bispado de S. Paulo.

Pertencendo a uma das familias mais conhecidas da provincia, que deu o berço aos patriarchas da independencia, o moço Rodovalho, educado nos preceitos da mais severa

moral e religião, acostumado a venerar desde os mais verdes annos a cruz e os sacrosantos mysterios do Calvario, deixou pender sua alma para a vocação religiosa, pelo que mais tarde seus pais, coroando os sonhos do filho eleito para ser uma gloria da tribuna sagrada, o destinaram ao claustro dos franciscanos, que professavam a regra no convento de Santa Clara da villa de Taubaté, onde foi aceito á ordem pelo Rev. provincial Fr. Manoel da Encarnação, tomando o habito por ordem do mesmo Rev. provincial, que, apreciando os dotes intellectuaes do espe-
rançoso e novel religioso, o enviou para o convento de S. Francisco da cidade de S. Paulo, chegando alli em 31 de Outubro de 1761.

A maneira brilhante por que completou o noviciado fazia o orgulho dos mestres e a admiração dos companheiros, que procuravam, seguindo o seu exemplo, realçar ainda mais o triumpho do novo apostolo da cruz.

Fr. Santa Ursula Rodovalho alcançou, emfim, o premio de suas lucubrações, professando em o 1° de Novembro de 1762, no convento de S. Paulo, sendo então prelado Fr. Ignacio de Santa Theresa Mariano, recebendo as ordens de sacerdote na cidade do Rio de Janeiro, que lhe foram conferidas pelo Exm. bispo D. Fr. Antonio do Desterro. Assim coroado o novo levita, e cheio de fé, cada vez mais robustecido na sublime crença do evangelho, regressou elle para a cidade de S. Paulo, onde foi admittido ao estudo de philcsophia no convento da mesma cidade.

Recebeu, pouco depois do seu regresso áquella cidade, as ordens de confessor de seculares em 27 de Julho de 1771, e tres annos mais tarde, accumulando louros sobre louros, colhidos na aula de philosophia e no exercicio de seu santo ministerio, recebendo já os applausos dos mestres, quando ensaiava os primeiros passos na tribuna

sagrada, foi eleito prégador para o estudo de philosophia em S. Paulo em 30 de Julho de 1774.

De tal sorte se houve o illustre franciscano nos novos lugares conquistados unicamente pelo seu proprio merecimento e amor ao trabalho ; era tal a perseverança e applicação que mostrava no estudo da sciencia, que na congregação do Rev. padre Fr. José de Jesus Maria Reis, em 1779, foi Rodovalho eleito lente de vesperas e theologia do convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro, para onde seguiu a tomar posse do honroso encargo.

Dois annos mais tarde, em 6 de Outubro de 1781, Rodovalho, cada vez mais respeitado, e victoriado por seus irmãos e discipulos, sahiu eleito lente de philosophia para o estudo do Rio de Janeiro.

E' notavel, illustres ouvintes, a propensão do sacerdote para a philosophia, essa sciencia tão anathematisada pelos padres, e que na antiguidade foi a arvore, o berço d'onde partiram todas as outras sciencias, de que sem duvida é o centro radiante, diffundindo a luz e a sabedoria a todos os estudos, porque todos os estudos começam na observação profunda da causa e do effeito, do principio e do fim.

Os racionalistas, tão perseguidos pela igreja, victimados, suppliciados, reduzidos a cinzas pelo fogo da intolerancia nas fogueiras da inquisição, elevaram com o seu martyrio o maior hymno de gloria ao Altissimo, porque com razão e consciencia procuravam as provas de sua omnipotencia divina.

D'essas fogueiras, do sangue de tantas victimas, brotou mais tarde a radiante flôr da liberdade, o maior dos dons que concedeu o Creador á creatura, elemento constitutivo de sua personalidade e independencia.

A posteridade está muito longe de aceitar as soluções de Socrates e de Voltaire sobre a religião e sociedade, mas o

germen da verdade alli está ; porque as doutrinas de ambos, não contendo cousa alguma precisamente, continham a origem de tudo.

O genio do homem começou por desthronar as leis da natureza : todas as theologias antigas attribuem a esta revolução um caracter de antagonismo religioso ; modificou-se com o tempo o caracter d'essa luta ; á medida que a ordem e o poder se fundam no mundo, o homem torna-se o ministro, o auxiliar do Deus creador : a idéa de Socrates, sonhando a pluralidade dos deuses, converte-se e transforma-se mais tarde na trindade christã, diz o notavel autor dos *Martyres da Liberdade*

A luta entre os dois principios, Deus e o homem, que cessou no mundo physico, continúa até agora, entre nós mesmos, membros da sociedade brasileira, e no meio da humanidade.

Deus personifica a resistencia, as religiões, os governos, a ordem.

O homem personifica a actividade reformadora, a liberdade.

A alliança do principio de conservação e resistencia e do de autoridade e reforma, é o ponto delicado, importante e até agora combatido ; talvez seja um dia praticavel ; não o foi, porém, hontem, não o será hoje, e bem o demonstra o incidente religioso de que foi testemunha a sociedade fluminense.

E' preciso elevarmo-nos acima das questões e divisões politicas se quizermos encontrar a causa das tempestades que nos agitam.

Esta causa é a luta da religião e da philosophia.

Fr. Santa Ursula Rodovalho, philosopho profundo, em alguns escriptos esparsos, ineditos, que nunca viram a luz do dia, e que são encontrados, *rari nantes in gurgite*

vasto, nas bibliothecas dos conventos da ordem, denunciava um espirito observador, tenaz em pesquizar a historia da philosophia e a controversia das escolas, nos fundamentos e perigos para a causa que por força do seu ministerio defendia.

Lastimava essa luta da religião e da philosophia, e procurava servir-se dos principios da razão e da logica para aprofundar com a sciencia psycologica os mysterios sacrosantos do christianismo.

Mas a philosophia ataca os dogmas, e concilial-a em absoluto com a religião dogmatica é procurar conciliar o que é inconciliavel.

Erro fatal e mais grosseiro, é que a religião queira, apoiada em Deus, estender a sua influencia sobre a sociedade inteira; entrando no dominio civil, no Estado, de onde havia sido expellida em 92, a igreja catholica quer retomar os seus privilegios, o seu lugar no mundo.

A reivindicação é eterna contra o inimigo: ora, que inimigo mais conhecido que o espirito humano, o espirito philosophico, a que as instituições clericaes fizeram guerra durante toda a idade média?

Declinem embora as crenças, appareça a indifferença, não se póde negar a influencia occulta, surda, tanto mais real quanto menos sensivel, exercida pelos dogmas nos actos da vida publica.

Nossas crenças estão de um lado; nossas opiniões de outro: eis a razão de estragos infinitos. Quer cada um accommodar a sua vida por um compromisso, por uma transacção; cada um soffre a pena de sua inconsequencia.

Materias heterogeneas e inconciliaveis nunca se poderam conciliar nem unir.

Tentar fazer a alliança da fé e do progresso, como querem alguns espiritos superiores, esta idéa só poderá

precipitar-nos mais depressa no schisma e finalmente na philosophia.

Se não se póde reunir essas duas forças, destruamos uma ou outra, exclamam alguns ; ainda um erro, ainda uma illusão : nem a religião quer morrer, nem cederá a philosophia.

N'este estado de cousas, o que melhor ha a fazer, é recorrer, como é natural e logico, á separação, ao isolamento.

O padre entre na igreja, celebre no altar, prégue no pulpito, evangelise, cathechise, converta as douradas florestas do Brasil em fontes opulentas de trabalho e riqueza, faça do barbaro um homem, do homem a aldêa, da aldêa a cidade civilisada e florescente.

Essa é a sublime missão do padre.

Abandone ao espirito humano o que é do dominio do homem e guarde o que é do dominio de Deus.

Outra solução não é a paz, é a guerra.

Despindo o padre a sotaina, deixando a cruz, a cadeira sagrada, o altar e o baptisterio, envolvendo-se na politica, dirigindo o braço secular que persegue, lançando veneno no calix, o padre só attrahirá sobre o clero, sobre as doutrinas de que é guarda, sobre a religião de de que é ministro, a colera, a reacção e as vinganças.

O effeito será contrario ; o resultado terrivel, porque a cada passo que dá o espirito de intolerancia renasce Voltaire.

Se o clero conseguisse reconquistar o Estado, plantar o governo theocratico, com dominio sobre as consciencias, censura sobre os livros e opiniões novas, altas e baixa justiça sobre os livres pensadores, dignidade e emprego civis, o que aconteceria ?

Provocaria uma reacção mais tremenda, uma revolução mais horrivel do que a primeira.

Não é nem ameaça, nem prophecia : é a conclusão logica que tiramos do syllogismo da historia.

Conjuremos do interesse de todos essa horrivel tempestade.

As crenças salvam-se, como os governos pela moderação e pelo sacrificio.

Fóra da igreja catholica não ha salvação ; fóra da igreja catholica não ha' Deus, póde acrescentar-se ; o clero não tem deixado de espalhar essa crença : nada, pois, é de admirar que, quando se desprende o artigo de fé, tudo caia.

Não crêr em tudo é não crèr em nada : eis a razão porque aos olhos da igreja um philosopho é um atheu.

Deve abdicar da razão para ser da igreja, ou viver com ella fóra de seu seio.

Fatidico dilemma !

Eis o abysmo em que o padre colloca o christão e a sociedade.

O partido clerical tem augmentado consideravelmente no Brasil ; possue o sólo, principalmente nas capitaes mais ricas das nossas provincias por congregações sem numero ; possue a primeira magistratura do Estado pelos bispos, as mulheres pela confissão e obras de caridade, os pobres pela esmola, a infancia pela educação, a mocidade pelo sentimento religioso, os velhos pelo temor da morte ; pois bem, esse mesmo excesso do poder material é que devemos combater, porque foi por esse excesso que a igreja se inutilisou por duas vezes, a primeira contra a reforma ; a segunda contra a revolução franceza.

O temor é mais que fundado, porque o abuso e desvairamento de um dominio, a que o espirito religioso e de associação pouco resiste, e menos do que nenhum outro, fará com que o clero deixe fatal e necessariamente

cahir em poder da philosophia uma victoria com que a philosophia mais do que nunca se veria hoje embaraçada.

Fr. Santa Ursula Rodovalho dedicava-se profundamente ao estudo d'estes problemas sociaes, entregando-se com a maior abnegação á consulta dos philosophos e escriptores mais notaveis do seu seculo e dos seculos passados; embriagava-se tanto na indagação dos mais occultos segredos da sciencia, que chegára a compromettter a sua saude, a qual sacrificava no vivo empenho que tinha de dar á luz um importante trabalho, em prol da religião christã, combatendo a philosophia de volumosa e importante obra de um philosopho italiano.

Esse importante trabalho não chegou elle a concluir, devorando a traça e a indifferença dos posteros o precioso legado que deixára feito o illustre prelado, constando de uma larga e profunda introducção da obra, e de innumeros capitulos que formavam a primeira parte do trabalho.

Tudo isso se perdeu, como se perderam as obras de Dutra e Mello, os sermões de Sampaio, e a segunda edição revista e augmentada do poema de S. Carlos, o epico da Assumpção.

O Brasil ainda não se lembrou, gastando largamente tanta somma de milhares de contos de réis, de nomear uma commissão para pesquizar e colleccionar esses préciosos manuscriptos de tantos campeões das letras, privados da sagração dos posteros e das bençãos da patria agradecida.

Na brilhante carreira do magisterio conquistou Rodovalho um nome que era repetido com respeito, admiração e orgulho, por todos os membros da ordem, e, graças a esse nome prestigioso no convento de Santo Antonio, foi eleito lente de prima no capitulo de 21 de Agosto de 1784 para o referido convento, e no mesmo capitulo designado para trabalhar na reforma das novas leis municipaes.

Tendo completado com a proficiencia que lhe era peculiar a leitura de prima, foi ensinar philosophia no seminario de S. José, completando ahi os doze annos de leitura, pelo que lhe foi conferida na congregação de 28 de Fevereiro de 1789 a patente de lente de philosophia, favor esse que conseguiu graças ás instancias do Exm. Sr. bispo do Rio de Janeiro, admirador do veneraudo padre-mestre, pelo que o conservou no seminario de S. José até Fevereiro de 1801.

Na congregação intermedia, celebrada a 7 de Abril de 1804, sendo provincial o Rev. padre Fr. João de S. Francisco Mendonça, foi eleito guardião e regente dos estudos do convento de S. Paulo, e mais tarde, em Outubro de 1805, custodio da mesa, completando o custodiado com honra e gloria para toda a communidade.

Fr. Santa Ursula Rodovalho percorria brilhantemente a sua carreira sagrada ; de conquista em conquista, laureado sempre, colhendo ovações esplendidas no pulpito, onde sua voz imponente dominava as multidões, guardando todos os dias os louros immarcessiveis que cercavam a cadeira do philosopho e do mestre , ia cingir por sua vez na fronte laureada a mitra da prelazia e elevar a voz na missa pontifical, como prelado de sua familia religiosa e bispo dignatario.

Com effeito, completando o custodiado em 5 de Outubro de 1805, foi eleito ministro provincial da provincia do Rio de Janeiro, sendo essa eleição applaudida na nova côrte do Rio de Janeiro, na qual em pouco tempo Rodovalho era geralmente conhecido, admirado, e respeitado por suas letras e virtudes.

S. A. R. o principe regente applaudiu tanto a eleição do padre-mestre Rodovalho para o provincialato, que, tendo já anteriormente o elevado a prégador de sua ca-

pella real, nomeou-o tambem examinador da mesa de consciencia e ordens, tendo já exercido o ministerio de examinador synodal.

O dia 25 de Abril de 1810, dia dos annos da princeza do Brasil a Sra. D. Carlota, estava reservado para n'elle ser grandiosamente distinguido, e elevado,o eminente prégador e philosopho Fr. Santa Ursula Rodovalho. N'esse dia a ordem franciscana dos religiosos de Santo Antonio do Rio de Janeiro teve o orgulho e a gloria de vêr seu irmão elevado á cadeira do episcopado.

Fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho foi nomeado bispo de Angola. Tocava a méta de seus triumphos ; era a estrella mais preciosa da ordem fulgindo na arena sagrada de suas porfiadas conquistas.

O apostolado, a cruz e o evangelho, contavam-n'o como um dos seus mais illustres campeões : o sol que havia dourar mais tarde o campo do Ypiranga tinha reflectido em seu berço e a patria, que um dia havia de ser livre, registrava seu nome entre, o dos filhos benemeritos

Fr. Santa Ursula Rodovalho, como verdadeiro soldado de Christo, era excessivamente humilde de coração e demasiadamente modesto. Preferia o burel de simples monge á purpura do episcopado ; elegia em sua alma a pobre cella do frade ao salão do provincial da ordem. Levado por esses sentimentos, vencendo todas as rogativas dos amigos, dos discipulos e até do régio paço, resignou o provincialato em 31 de Janeiro de 1811 e o bispado em 1812.

Apezar, porém, de procurar o retiro e a oração, foi ainda distinguido por uma provisão de 13 de Outubro de 1814, com a nomeação de censor régio.

Foi esta a ultima corôa que lhe cingiu a fronte, alquebrada pelas fadigas do estudo, da perseverança, e do constante pelejar pela sciencia e pelo Evangelho.

Mergulhado em profunda meditação no interior da cela, pedindo a Deus que não lhe demorasse por mais tempo o ultimo transe da vida, perscrutando os mysterios da morte em face do enigma da existencia, esperava a sua ultima hora, firme em sua crença do baptismo e da fé ; a fé, essa janella aberta sobre o céo, sobre o infinito, sobre Deus ; a fé, a iniciação do mysterio da alma, a prenunciação da immortalidade, da eternidade, da bemaventurança.

Eram estas as derradeiras preoccupações, as extremas esperanças do monge e do crente, do philosopho christão. Não queria onvir outra musica senão a dos canticos sagrados ao som do psalterio divino ; presentia já as auroras perennes e immortaes do paraiso ; sorriu, curvou a fronte, osculou o Christo e a cruz, e fitando o sol, que se levantava no horizonte, expirou como o justo, adormeceu como o innocente, pendeu como a bonina desfolhada pela brisa perfumada da noite.

Em honra ao illustre finado, venerando brasileiro e eminente franciscano, fecharemos este trabalho com a ultima folha da vida do illustre religioso, que se encontra no livro do registro dos religiosos do convento de Santo Antonio á fl. 43 e 43 v.

E' um juizo insuspeito ; a melhor honra para a memoria do finado, as ultimas flóres que seus irmãos em habito, filhos da mesma ordem, lançaram sobre a preciosa lousa do irmão e do mestre, cujos restos ainda descansam sob as abobadas do claustro de Santo Antonio da côrte.

Diz o referido livro do registro dos religiosos de Santo Antonio, o seguinte :

« Depois de uma carreira tão brilhante e distincta com as maiores demonstrações de honra, quando elle trabalhava em offerecer á religião christã um grande escudo contra a philosophia na traducção de uma volumosa obra italiana,

cahiu em uma tal inanição, talvez em consequencia do seu excessivo trabalho em annos já avançados ; foi levado á enfermaria d'este convento, onde, apezar do todos os empenhos, acabou os seus dias, deixando em lagrima a provincia, que n'elle perdia uma luz que ainda reflecte com muito brilho n'aquelles que honram as cadeiras do magisterio e que apparecem com grande applauso no pulpito. Igual sentimento mostrou o clero d'esta côrte, que havia recebido suas instrucções nos diversos ramos da sciencia e das artes, no longo espaço em que ensinou no seminario episcopal. Sua morte foi a ultima lição de suas virtudes que elle nos deixou. Recebeu todos os sacramentos, e jaz enterrado no quadro em que se sepultam os religiosos. Não receio lançar estas flrôres sobre o seu tumulo : a posteridade conhecerá que entre nós floresceram grandes homens, sabendo que o — mestre Rodovalho — pertenceu á nossa familia. Falleceu a 2 de Dezembro de 1817. »

Mais de meio seculo tem decorrido depois da morte do venerando religioso, e depois de tanto tempo decorrido o Instituto Historico e Geographico do Brasil ouve com a maior attenção a commemoração da vida do illustre varão.

Essa é a suprema conquista do sabio, porque é a sagração dos posteros.

Sem duvida que o tumulo do homem prestimoso e benemerito é o berço de seu renome, gloria e immortalidade.

Sagremos, portanto, os que foram hontem para a jornada de além-tumulo, porque se os athletas partiram, se estão deitados no derradeiro leito da vida, ao pé d'elles está o nome, o escudo, as armas e as gloriosas conquistas.

A patria nunca os esquece, porque ella está sempre no Pantheon de suas glorias.

Salve aos benemeritos da patria !

Dr. José Tito Nabuco de Araujo.

DOCUMENTOS

RELATIVOS Á

HISTORIA DA CAPITANIA, DEPOIS PROVINCIA, DE S. PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL

COMPILADOS E COPIADOS NA SECRETARIA DO GOVERNO EM PORTO ALEGRE, DE ORDEM DO CONSELHEIRO

BARÃO HOMEM DE MELLO

ex-presidente da mesma provincia

(*Pelo mesmo Exm. Sr. offerecidos ao Instituto Historico*)

Lançando a vista sobre os acontecimentos que constituem a historia do Rio Grande do Sul, o observador sente-se logo impressionado por um facto singular e unico.

Ha mais de um seculo, as gerações alli se succedem, nascendo e crescendo em feitos continuos de guerra, retemperando o seu vigor e energia nas rudes provações dos campos de batalha.

Dir-se-hia, que á essa população, cheia de intelligencia, estremecida de patriotismo, a Providencia marcára a grande missão de alli ficar, de arma sempre ao hombro, postada na extremidade meridional do Imperio, guardando intemerata a honra da nação.

Estabelecidas alli, em frente uma á outra, as duas populações guerreiras, portugueza e castelhana, o sentimento de rivalidade das nacionalidades, a imperiosa necessidade de delimitar-se definitivamente a posse territorial de cada uma d'ellas, trouxe lutas continuas, que influiram podero-

samente nos habitos e costumes dos habitantes d'essas regiões.

A fundação do presidio militar de S. Pedro do Rio Grande do Sul, em 1737 foi uma empreza de caracter eminentemente politico, procurando a metropole estabelecer alli um ponto de apoio para a expansão e segurança de seus dominios no extremo sul de sua opulenta colonia.

A' esse pensamento votou o gabinete de Lisboa uma attenção detida e o mais perseverante esforço de acção.

Para o Rio Grande, no caracter de governadores e posteriormente de capitães-generaes, mandou Portugal homens da mais alta capacidade militar e politica, que se batiam nos campos de batalha, e deixavam de si, nos pacificos trabalhos do gabinete, honroso testemunho de habeis e consummados administradores.

Desde o brigadeiro José da Silva Paes e do conde de Bobadella, alli succedeu-se uma geração de generaes e de homens de Estado, que mostra quanto apreço merecia do governo da metropole a sua longinqua colonia.

Só a leitura attenta da correspondencia official do governo da capitania nos póde revelar em sua verdadeira luz as causas intimas dos acontecimentos de então, desenhando com exactidão diante de nós os vultos eminentes de generaes e administradores da ordem do conde da Figueira, conde do Rio Pardo, marquez de Alegrete, Saldanha, Paulo José da Silva Gama, talvez o mais illustrado de todos, e outros mais.

Colonisação por casaes, catechese, cultura de cereaes e de plantas uteis á industria; como a cochonilha e o canhamo, exploração de riquezas mineraes, levantamento da carta geographica, balisamento e estudo do regimen das aguas da extensa bacia fluvial da capitania, administração da fazenda e dos negocios militares, e a instrucção publica: tudo

foi considerado com um zelo e efficacia de acção, que difficilmente podem ser excedidos.

Para prova, lêa-se o officio sobre instrucção publica, do governador Paulo José da Silva Gama, de 4 de Dezembro de 1803, que faria honra ao mais adiantado e esclarecido administrador de hoje.

« Para escrever a historia, diz Chateaubriand, é preciso respirar a poeira dos archivos, e ter diante dos olhos o papyrus que tocou outr'ora a mão de Carlos Magno ou a de Clovis. »

Só ahi encontramos os elementos, que nos permittem recompôr as feições dos tempos, que se foram.

Presidindo, nos annos de 1867 e 1868, a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, tive occasião de compulsar esses preciosos monumentos escriptos de nosso passado.

Acredito prestar um serviço á historia de nossa patria, entregando á luz da imprensa a presente collecção de documentos authenticos, que nos collocam diante dos olhos um dos periodos mais largos e fecundos do regimen colonial.

Rio de Janeiro, Julho de 1877.

Barão Homem de Mello.

Registro de um alvará de el-rei nosso senhor, passado aos Revs. padres da companhia de Jesus, peritos mathematicos, e são Diogo Soares e Domingos Capassi, para se passarem ao Brasil, e n'elle terem a assistencia por conta de sua real fazenda, tudo na fórma que abaixo se declara.

Eu el-rei faço saber aos que este meu alvará virem, e em especial ao vice-rei e capitão-general de mar e terra

do Estado do Brasil, governadores do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Geraes, Pernambuco, Maranhão, capitão-mór da Parahyba, e mais capitães-móres de outras capitanias, districtos, villas e freguezias dos sertões do dito Estado, officiaes das camaras das cidades e villas d'elle, ouvidores-geraes das comarcas, juizes de fóra e das terras, provedores de minha fazenda, thesoureiros e almoxarifes, e assim tambem aos donatarios das terras da corôa, sitas no dito Estado do Brasil, ou seus tenentes, e ouvidores, que eu hei por meu serviço e muito conveniente ao governo e defensa do mesmo Estado, boa administração da justiça, arrecadação de minha fazenda; e para se evitarem as duvidas e controversias que se têm originado dos novos descobrimentos, que se têm feito nos sertões d'aquelle Estado de poucos annos a esta parte, fazerem-se mappas das terras do dito Estado, não só pela marinha, mas pelos sertões, com toda a distincção, para que melhor se assignalem e conheçam os districtos de cada bispado, governo, capitania, comarca e doação; para esta diligencia nomeei dois religiosos da companhia de Jesus, peritos nas mathematicas, que são Diogo Soares e Domingos Capassi, que mando na presente occasião para o Rio de Janeiro, e lhes mandei dar ajuda de custo competente para se aviarem para a viagem, e dois criados que levam em sua companhia, os quaes lhes hão de assistir emquanto durar a diligencia e hão de ser pagos por conta da minha fazenda emquanto durar esta diligencia, e aos ditos religiosos se lhes ha de dar da mesma sorte o que lhes fôr necessario para a sua subsistencia com tudo o mais de que necessitarem para o bom effeito da dita diligencia, e o governador do Rio de Janeiro, com o provedor da fazenda e intervenção do procurador d'ella, lhes signalará a quantia que devem vencer cada mez, assim para a sua commoda subsistencia, como

para o pagamento dos criados e o mais que se offerecer, respeitando á qualidade do paiz e preço dos usuaes, tendo o dito governador grande cuidado em que se lhes façam promptas estas assistencias emquanto estiverem ou andarem nas terras da sua jurisdicção, porque em sahindo do dito seu governo ha de correr esta despeza por conta da provedoria do governo em que entrarem, e assim nos mais em que forem entrando, arbitrando-se-lhes na mesma fórma o que devem vencer cada mez, conforme a carestia ou abundancia do paiz; e sendo necessario aos ditos religiosos algumas guardas ou guias, para fazerem jornadas pelo sertão, lh'ás mandarão dar os ditos governadores, assim de homens brancos, como de indios, e lhes darão outrosim as carruagens necessarias, conforme o uso e estylo da terra; as quaes serão pagas por conta de minha fazenda, como tambem a despeza necessaria que se fizer com os ditos guardas e guias; e todos os governadores, cabos e officiaes de guerra, ministros de justiça e fazenda, darão aos ditos religiosos toda a ajuda e favor de que necessitarem para o bem da dita diligencia, o que lhes hei por muito encarregado, e assim ás pessoas sobreditas; como aos particulares que se signalarem n'esta parte, lhes haverei por serviço tudo o que n'ella obrarem, de que lhes passarão certidão os ditos religiosos para me constar, aos quaes mando dar instrucções da fórma que devem fazer os ditos mappas, por uma provisão passada em meu nome e assignada pelos dois conselheiros do conselho ultramarino os mais antigos, a qual espero observem pontual e inteiramente quanto lhes fôr possivel, accrescentando á descripção d'aquellas terras tudo o que a sua especulação e o zelo do meu serviço lhes ditar para que fique com a exacção de que se necessita, e com as circumstancias que a possam fazer mais util ao meu serviço e commodidade dos meus

vassallos: bem entendido que o que os ditos religiosos obrarem em todo o referido não dará direito á pessoa alguma; este meu alvará quero que valha, e tenha força e vigor, ainda que seu effeito haja de durar mais de um anno, sem embargo da ordenaçãodo livro 2°, tit. 40, em contrario. Lisboa occidental, 18 de Novembro de 1729.—*El-rei.*

(Fl. 25 *vers.)*

Registro de uma carta de Sua Magestade, por onde faz mercê a André Ribeiro Coutinho do posto de mestre de campo, apresentada em 25 de Junho de 1736.

« André Ribeiro Coutinho. — Eu el-rei vos envio muito saudar. Tendo consideração aos vossos merecimentos e serviços e aos que presentemente ides fazer-me ao Estado do Brasil: hei por bem fazer-vos mercê da patente de mestre de campo, com o soldo que costumam vencer no mesmo Estado os officiaes do dito posto, do qual se vos assentará praça para o vencimento da antiguidade e soldo referido por esta carta sómente, emquanto eu não fôr servido ordenar o contrario. Escripta em Lisboa occidental, a 23 de Março de 1736. —Rei. — Para André Ribeiro Coutinho. »

E é o que se continha em dita carta, que a trasladei bem e fielmente, á que me reporto, a qual a entreguei em sua propria mão, e se deu por entregue d'ella. A bordo da náo *Lampadosa*, 25 de Junho de 1736. Eu Antonio de Noronha da Camara, commissario de mostras, escrevi, subscrevi e assignei *Antonio de Noronha da Camara*.

(Livro de registros da expedição do Rio Grande, 1736 — 1753, *existente no archivo da thesouraria de fazenda de Porto Alegre. Fl.* 12 *v.)*

« Joseph da Silva Paes, brigadeiro da infantaria dos exercitos de Sua Magestade e commandante das tropas do Rio Grande de S. Pedro, pelo mesmo senhor.

« Como para a celebração da missa, que se deve dizer á guarnição e povoadores do Rio Grande de S. Pedro, como Sua Magestade, que Deus guarde, tem determinado e se necessita de sacerdote de vida exemplar e bons costumes, nomêio ao padre Jeronymo Pereira para capellão da dita guarnição e mais povoadores, e para lhe administrar os sacramentos, emquanto não chegarem os padres barbonios, ou o Illm. bispo do Rio de Janeiro der providencia, por concorrerem n'elle todos os requisitos sobreditos; e vencerá de soldo seis mil réis por mez, com as mesmas obrigações que têm os capellães dos mais terços. O commissario da expedição lhe forme seu assento na primeira plana na fórma do estylo. Porto de Maldonado, a 10 de Fevereiro de 1737. Eu Antonio de Noronha da Camara, commissario da expedição, a subrescrevi. — *Joseph da SilvaPaes.*

(Extrahido do livro mencionado no documento anterior Fl. 13 v.)

Registro de uma patente passada a Sebastião Francisco Chaves, do posto de tenente das ordenanças dos campos de dentro do Viamão.

« Joseph da Silva Paes, brigadeiro de infantaria dos exercitos de Sua Magestade, cavalleiro professo do habito de Christo e commandante de todas as tropas do Rio Grande por Sua Magestade, que Deus guarde, etc.

« Porquanto Sebastião Francisco Chaves, morador nos campos de dentro do Viamão, é pessoa de conhecido prestimo e procedimento, e ter d'elle boas informações, o nomêio por tenente das ordenanças d'aquelle districto, para

que com o dito posto haja de servir nas ditas ordenanças e em tudo mais de que fôr encarregado, pertencente ao serviço de Sua Magestade. Pelo que ordeno a todos os officiaes,a quem o conhecimento d'esta haja de pertencer, o reconheçam por tenente ; e os que lhe forem subordinados em tudo cumpram com as suas ordens, e lhe obedeçam no que tocar ao serviço do dito senhor. Em firmeza do que lhe mandei passar esta patente, por mim assignada e sellada com o sinete das minhas armas. Rio Grande de S. Pedro, a 12 de Março de 1737. Eu Antonio de Noronha da Camara, commissario da expedição, a fiz e subscrevi. — *Joseph da Silva Paes.* »

(Idem, idem. Fl. 13 v.)

« O thesoureiro da expedição assistirá ás duas igrejas que de novo se levantaram, a d'este porto de Jesus-Maria-José e a do estreito de Sant'Anna, com os ornamentos e mais trastes precisos para a sua decencia, como tambem todo o guizamento e cêra que lhes fôr necessaria, cuja despeza lhe fará o commissario da mesma expedição. Porto do Rio Grande de S.Pedro, 12 de Julho de 1737.— *Joseph da Silva Paes.*

(Idem, idem. Fl. 17 v.)

Registro de um perdão passado pelo mestre de campo André Ribeiro Coutinho, que por ausencia do brigadeiro commandante José da Silva Pae estava commandando: ao sargento Francisco Pereira Garcia, e os soldados José de Magalhães, João Gonçalves Costa, Antonio Corrêa de Magalhães, Pedro da Silva e Jeronymo de Macedo, os quaes tinham desertado e vieram outra vez para este acampamento, como n'elle se declara.

« André Ribeiro Coutinho, mestre de campo de infantaria e commandante d'esta fortaleza de Jesus Maria José, por ausencia do seu governador José da Silva Paes, brigadeiro de infantaria e commandante da expedição do Rio Grande de S. Pedro, por Sua Magestade, que Deus guarde, etc.

« Supposto que pela ignominiosa ausencia que o sargento Francisco Pereira Garcia, e os soldados José de Magalhães, João Gonçalves Costa, Antonio Corrêa de Magalhães, Pedro da Silva e Jeronymo de Macedo, fizeram d'este campo no mez de Julho proximo passado, ficassem incursos em todas as penas que Sua Magestade impõe pelo regimento das nossas ordenanças militares a todos os que abandonam o seu real serviço : comtudo por voltarem livre e espontaneamente a buscar as suas companhias se reconheça não haverem sido desertores, mas em mastores dos seus partidos ; e se deva attender a que pela obediencia com que se sujeitam a todo o castigo procuram evitar mais que a pena o seu desdouro ; e que vêm arrependidos do seu erro e amparados do paternal amor e catholica piedade dos Revs. padres missionarios, e sobretudo a ser hoje o augusto dia em que a real magestade de el-rei nosso senhor cumpre seus memoraveis e felicissimos annos, o qual deve ser todo de benignas e favoraveis graças ; portanto, em nome do dito senhor, quanto em mim está, com a devida subordinação ao arbitrio do dito brigadeiro commandante, lhes dou a todos (por graça) o perdão de seu crime, esperando que a sua fidelidade e honrado procedimento de hoje ao diante saiba não só desmentir o erro

André Ribeiro Coutinho governando esta praça por ausencia de V. S., lhes passou o perdão junto em nome de el-rei, com a devida subordinação a V. S. ; e porque elles supplicantes estão obedientemente promptos para receberem todo o castigo que V. S. lhes quizer dar, e desejam muito continuar o real serviço — Pedem a V. S. seja servido haver-lhes por bem o dito perdão, e mandar se cumpra e registre aonde tocar. E. R. M. »

DESPACHO

« Approvo o perdão dado aos supplicantes em nome de Sua Magestade pelo mestre de campo André Ribeiro Coutinho, na minha ausencia, pelas razões expendidas no dito perdão ; o commissario da expedição lhes aclare a sua praça sem haverem de pretender o que tinham vencido. Porto do Rio Grande de S. Pedro, a 2 de Novembro de 1737 annos (*Rubrica do brigadeiro commandante*). Eu Antonio de Noronha da Camara, commissario da expedição, o fiz trasladar bem e fielmente, e o conferi, subscrevi e assignei aos 10 de Dezembro de 1737. — *Antonio de Noronha da Camara.* »

(*Idem, idem. Fl.* 19.)

Traslado de uma portaria do brigadeiro commandante José da Silva Paes, pela qual faz mercê aos soldados e officiaes, que se acham na fortaleza de S. Miguel, do soldo dobrado, em nome de Sua Magestade, como n'ella se declara.

« Porquanto os soldados e officiaes que nomeei para a guarda, trabalho e serviço da fortaleza de S. Miguel, que de novo fiz se erigisse nas serras da mesma vocação, e o achar-se a dita fortaleza tão exposta, falta de promptos soc-

corros d'este porto e com maior trabalho, lhes faço mercê, em nome de Sua Magestade, do soldo dobrado, emquanto existirem n'aquella fortaleza, e o dito senhor não mandar o contrario em attenção ao sobredito. O commissario de mostras lhes porá nota em seus assentos para serem pagos na fórma sobredita. Porto do Rio Grande de S. Pedro, 5 de Novembro de 1737 (Rubrica). »

DUVIDA DO COMMISSARIO DE MOSTRAS

« Sr. brigadeiro commandante.—Não posso dar execução á portaria de V. S. por ser contra o que dispõe o regimento dos armazens, capitulo XI, § 6°, que nenhuma pessoa poderá vencer dois soldos, excepto mestres de campo; e como os officiaes que na tal fortaleza se acham não são d'esta graduação, não se lhes póde dar soldo dobrado; comtudo V. S. mandará o que fôr servido. Rio Grande de S. Pedro, 5 de Novembro de 1737 annos. —*Antonio de Noronha da Camara.* »

DESPACHO

« Sem embargo da duvida, satisfaça o commissario ao que está mandado na minha portaria. Porto do Rio Grande de S. Pedro, 8 de Novembro de 1737 annos (Rubrica do brigadeiro commandante). Eu Antonio de Noronha da Camara, commissario de mostras, a fiz trasladar bem e fielmente, e a conferi, subscrevi e assignei, e a ella me reporto. Colonia do Rio Grande de S. Pedro, 10 de Dezembro de 1737 annos. —*Antonio de Noronha da Camara.* »

(*Idem, idem. Fl.* 19 *v.*)

Registro de uma certidão do brigadeiro José da Silva Paes, que por despacho do mestre de campo commandante André Ribeiro Coutinho, de 11 de Junho, mandou cotar o assent: do capitão João Caetano de Barros.

« Joseph da Silva Paes, brigadeiro de infantaria dos exercitos de Sua Magestade e commandante das tropas que se acham no Rio Grande de S. Pedro pelo dito senhor, etc.

« Certifico que, achando-me no porto de Maldonado para seguir viagem para este Rio Grande de S. Pedro, cheguei ao seu porto no dia dezenove de Fevereiro, em que desembarquei com grande trabalho e a infantaria que me seguia, e logo principiei a fortificar-me com a gente que me achava, em que entrava tambem uma companhia de dragãos que governava o capitão João Baptista, e porque este adoecendo se recolheu ao Rio de Janeiro por minha ordem, sendo preciso nomear outro capitão dos mais habeis para governar a dita companhia, e com effeito nomeei ao capitão João Caetano de Barros para que se encarregasse d'ella, e sendo no dia quinze de Junho, tendo desertado alguns soldados, reconhecendo o quanto era importante tomar-lhes o passo, não só para evitar este prejuizo, como para castigar alguns dos que se podessem colher para exemplo dos mais, ordenei ao dito capitão João Caetano de Barros passasse com quinze dragões logo á outra parte do estreito de Bujurú, não só a vêr se podia colher alguns dos ditos desertores, como para lhes tomar o passo, e que se não podessem escapar; e com effeito, passando ao porto que se julgou mais importante, pôde conseguir por vezes prender seis desertores, que me tem remettido; conseguindo pelo meio do castigo que se fez a estes, e pelo temor de que cahiriam no mesmo os outros que o fizessem: parou inteiramente a deserção a perto de quatro mezes sem que tenha desertado um só soldado, tendo o dito ca-

pitão um grande trabalho e descommodo na ássistencia da guarda, pela summa vigilancia com que se acha, sem rancho ou commodos alguns em inverno desabrido, pelo que se faz digno e merecedor de toda a honra que Sua Magestade fôr servido fazer-lhe, o que juro aos Santos Evangelhos ; e por me pedir a presente, lhe mandei passar, por mim assignada e sellada eom o sinete de minhas armas.

Dada n'este Rio Grande de S. Pedro, aos 9 de Dezembro de 1737 (lugar do sinete).—*Joseph da Silva Paes.*—Eu Antonio de Noronha da Camara, commissario que a fiz registrar e assignei.— *Antonio de Noronha da Camara.*

(*Idem, Idem. Fl.* 28.)

Registro do capitulo de uma carta do brigadeiro José da Silva Paes para o mestre de campo commandante André Ribeiro Coutinho em 31 de Dezembro de 1737 annos.

« Cosme da Silveira disse-me ajustasse mais alguns peães para amansar os potros, e elle dirá a V. S. quem são, para lhes mandar fazer assento aos domadores a seis mil quatrocentos réis e aos laçadores a quatro mil e oitocentos réis por mez: com o dito confirirá V. S. o mais que lhe parecer mais acertado.

« Ao mesmo Cosme da Silveira lhe tinha ajustado dar o quinto de toda a criação nova que houvesse na estancia ; se a V. S. lhe parecer assim fica bem, lhe mandará fazer tambem o seu assento n'esta fórma, e como elle é homem de verdade sempre deve preferir a qualquer outro. « E' o que se continha no dito capitulo, que eu Antonio de No-

ronha da Camara, commissario da expedição, o registrei bem e fielmente aos 3 de Março de 1738. — *Antonio de Noronha da Camara*

(*Idem, idem. Fl.* 23.)

DESPACHO PRIMEIRO

O commissario da expedição, sem embargo da sua informação, faça a conta ao que está tomado no rol incluso para se dar á supplicante por esta vez sómente, visto perder marido e cabedal, por vir ser povoadora d'este novo estabelecimento, aos quaes sem a grande desgraça da supplicante ajuda a fazenda real, e com a supplicante concorrem circumstancias muito attendiveis para se não desamparar. Estreito do Rio Grande de S. Pedro, 22 de Março de 1738. — *Coutinho.*

(*Idem, idem. Fl.* 23 *v.*)

Registro do regimento que o mestre de campo André Ribeiro Coutinho, commandante do Rio Grande de S. Pedro, manda observar na guarda de Tramandy.

Como os dois fins a que se ordenou a assistencia da guarda de Tramandy sejam a deserção que d'este porto possam fazer os soldados da sua guarnição; e o socego em que devem viver os moradores das estancias da Laguna e via mar, terá o cabo da dita guarda uma continua vigilancia para evitar as desordens que por estas duas partes

possam succeder, para o que terá a dita guarda a sua assistencia na parte ulterior do rio Tramandy, assim para ficar com menos embaraço quando acudir ás ditas estancias,como por fazer respeito aos desertores. Estreito do Rio Grande de S. Pedro, 1° de Abril de 1738.

(*Idem, idem. Fl.* 55 .)

Registro de uma patente do mestre de campo commandante André Ribeiro Coutinho, pela qual provê a Gaspar dos Santos no posto de patrão-mór na fórma que abaixo se declara.

André Ribeiro Coutinho, mestre de campo de infantaria dos exercitos de Sua Magestade, e commandante d'esta povoação do Rio Grande de S. Pedro e suas fortificações, etc.

Faço saber aos que esta minha carta patente virem que, porquanto o brigadeiro Joseph da Silva Paes,commandante que foi d'este estabelecimento, vendo com toda a attenção o muito de que necessitava e era preciso haver na barra d'este Rio Grande um piloto para metter de dentro as embarcações que a ella viessem, pelo grande risco que correm na barra d'elle, e não havendo pessoa de bastante conhecimento do canal d'ella, achando-se o mesmo pelo rio acima, em que se encontram a cada passo varios baixos em grande prejuizo das embarcações; e chegando á ilha de Santa Catharina, na volta que fazia d'este estabelecimento para o Rio de Janeiro, achou a Gaspar dos Santos, piloto approvado, e n'elle reconheceu o prestimo que tem, e enviando-m'o a este Rio Grande em uma sumaquinha de Sua Magestade por mestre e piloto d'ella, com o soldo de

doze mil réis por mez, o qual, vindo na dita sumaquinha, foi com ella até a fortaleza de S. Miguel, levando vinte e dois soldados e varios petrechos de boca e guerra para fornecimento da dita fortaleza, e voltando para este porto a trouxe carregada de couros de touros, com frete para a fazenda real; e apparecendo algumas embarcações na barra d'este Rio Grande foi a ellas e trouxe-as para terra, e tornou para as metter dentro, o que conseguiu com felicidade; e mandando-o eu a sondar o rio para descobrir todos os canaes, achou um que entra para a lagôa da Mangueira com melhor fundo, resultando d'elle o ficar esta fortificação com porto e ancoradouro junto dos armazens, e outras officinas precisas á subsistencia e augmento, assim da guarnição, como dos moradores do estreito; e por estes respeitos me enviou a pedir por uma petição lhe fizesse mercê dar-lhe o cargo de patrão-mór, como lh'o havia promettido o dito brigadeiro Joseph da Silva Paes; e pelo que tem obrado, e espero em diante obre com zelo e actividade, hei por bem fazêl-o patrão-mór d'este Rio Grande de S. Pedro, com o soldo que vencia na sumaquinha, e de que se lhe dará posse, e haverá todas as honras, prós e precalços, que lhe são concedidas, pelo que o reconhecerão todos os capitães, mestres e pilotos, e dando-lhe as ordens, tanto por escripto como de palavra, e gozará do dito cargo até o Sr. general Gomes Freire de Andrada ou Sua Magestade não mandar o contrario; e por firmeza de tudo lhe mandei passar a presente, por mim assignada e sellada com o meu sinete, que se cumprirá inteiramente como n'ella se contém e se registrará nos livros a que tocar.

Dada n'este Rio Grande de S. Pedro, a 21 de Maio de 1738.— *André Ribeiro Coutinho.*

(*Idem, idem. Fl.* 26 *v.*)

Registro de uma portaria do mestre de campo commandante André Ribeiro Coutinho, pela qual noméa ao sargento Luiz Gonçalves para governar a estancia de Sua Magestade, sita em Bujurú pelas razões e fórma abaixo declaradas.

Porquanto o maioral de Bujurú, Cosme da Silveira, se acha preso por faltar varias vezes ás minhas ordens e ao seu regimento, e ultimamente por me não dar parte de que se tinham ausentado da estancia de Sua Magestade os peães Lourenço Corrêa e José Pinheiro, e lhes ir dar baixa á vedoria sem minha ordem, e pôr no Rincão do Serro a eguada que eu lhe havia prohibido que puzesse, por estar dado ao paisano Antonio de Sousa, por mercê do Sr. general de S. Paulo Gomes Freire de Andrada, a cujo governo pertence a data das terras da parte do norte d'este Rio Grande, insistindo em que fizéra o que o brigadeiro Joseph da Silva Paes lhe ordenára; e ser preciso que na dita estancia esteja pessoa que execute o regimento que se tem dado para conservação e augmento d'ella, ao tempo em que cresce o avultado numero de animaes que a fazenda real tem para sustentar e defender este novo estabelecimento: e me parece que o sargento Luiz Conçalves dará inteira satisfação de tudo o que no dito regimento se ordena, por haver assistido na Serra com a guarda sem a menor queixa dos moradores, antes conservou tudo com maior socego, nomêio ao dito Luiz Gonçalves para ir governar a dita estancia de Bujurú na falta do dito maioral Cosme da Silveira; e vencerá por mez oito mil réis, como o maioral de Torotama, emquanto se não determina outra fórma ao dito governo, e mando que todos os domadores e peães obedeçam a tudo o que o dito Luiz Gonçalves lhes ordenar do serviço de Sua Magestade, e executem as suas ordens sem a menor contradicção, sob pena de maior castigo que o de prisão. Estreito do Rio Grande de S. Pedro, a 30 de

Junho de 1738. — *Coutinho* — E eu Antonio de Noronha da Camara, commissario que o fiz registrar e assignei. — *Antonio de Noronha da Camara.*

(*Idem, idem. Fl.* 28 *v.*)

Registro da provisão do commissario de mostras Christovão da Costa Freire

Joseph da Silva Paes, brigadeiro de infantaria dos exercitos de Sua Magestade, a cujo cargo está o governo do Rio de Janeiro e suas capitanias, etc.

Faço saber aos que esta minha provisão virem que, tendo respeito ao que Sua Magestade foi servido determinar por ordem sua de 16 de Janeiro d'este presente anno sobre o requerimento de Antonio de Noronha da Camara, eleito commissario de mostras na expedição que se fez ao Rio da Prata, e de presente residindo com o mesmo exercicio no Rio Grande de S. Pedro, resolvendo o mesmo senhor que, sendo necessaria esta occupação, se nomêe n'ella pessoa capaz, que não tenha as razões de escusa, que lhe foram presentes por parte do dito Antonio de Noronha da Camara, em conformidade do que, e a ser presente Christovão da Costa Freire pelo procurador da fazenda real d'esta capitania para exercitar este emprego, confiando eu não só o acharia mais habil, apto e intelligente entre os mais concurrentes, que a elle se oppuzeram, senão tambem com os requisitos que conhece necessarios para semelhante occupação: hei por bem prover ao dito Christovão da Costa Freire commissario de mostras do Rio Grande de S. Pedro

por tempo de seis mezes,se Sua Magestade o houver assim por bem ou eu não mandar o contrario, e haverá o ordenado que pela fazenda real cobrava seu antecessor,e os mais prós e precalços que lhe pertencerem, pelo que mando á pessoa a que tocar, lhe dê posse e juramento de bem e verdadeiramente cumprir com as observações do dito officio, do qual por haver pago trinta mil réis de novo direito, que se carregaram em receita ao almoxarife da fazenda real no livro 2º d'ella, á fl. 10, e ter dado fiança a pagar o mais que constar dever pela avaliação que d'elle se ha fazer, lhe mandei passar a presente, por mim assignada e sellada com o sinete de minhas armas, que se cumprirá inteiramente como n'ella se contém, e se registrará nos livros da secretaria d'este governo e nos mais a que tocar.

Dada n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, aos 27 dias do mez de Agosto de 1738 annos. *Pedro Fagundes Varella*, official da secretaria, a fez, e o secretario *José Ferreira da Ponte* a fez escrever. — *Joseph da Silva Paes* —(lugar do sinete).

(*Idem, idem*. *Fl.* 31 *v.*)

Registro do perdão geral que o coronel governador Diogo Osorio Cardoso deu aos soldados e cabos do seu regimento, infantaria e artilharia, pelo crime que commetteram.

Diogo Osorio Cardoso, moço fidalgo da casa de Sua Magestade, coronel de dragões de Sua Magestade, que Deus guarde, dou perdão geral a todos os soldados e cabos de esquadra do meu regimento de dragões, infantaria e arti-

lharia, que no dia 5 do corrente se juntaram com um corpo na guarda do porto d'este estabelecimento, fundando este excesso a que fossem pagos de vinte mezes de soldo que se lhes devia e tres annos de fardas; e outros motivos que me representaram por escripto, cujo juntamento ou separação obraram esquecendo-se de leaes vassallos ; attendendo, porém,ao zelo com que sempre serviram e se acham servindo, ainda depois d'este excesso, continuando as mesmas guardas para defesa d'este estabelecimento, e todo o serviço que por mim se achava determinado, sem offender nem causar disturbios aos moradores d'elles, e á sua inconsideração e ignorancia, e fiar d'elles que, obrando como bons soldados, não tornem a cahir em semelhante absurdo; lhes concedo o dito perdão de hoje para todo sempre, para que em nenhum tempo possam ser punidos nem castigados por essa culpa, nem por outra qualquer em que n'essa occasião tenham incorrido : o qual depois de lido e registrado na vedoria d'este estabelecimento se remetterá ao Exm. Sr. Gomes Freire de Andrada, governador e capitão-general d'esta capitania, para o confirmar e mandar registrar na secretaria do Rio de Janeiro, fazenda real e auditoria geral. Rio Grande de S. Pedro, 14 de Janeiro de de 1742 annos. E eu *Christovão da Costa Freire*,commissario de mostras que o fiz escrever e subscrevi.—*Diogo Osorio Cardoso.*—

(*Idem, idem. Fl.* 79.)

Registro do edital que Sua Magestade mandou imprimir para os moradores das ilhas dos Açores e casaes, e todos os mais que se quizessem alistar para povoadores d'este estabelecimento e Santa Catharina.

El-rei, nosso senhor, attendendo ás representações dos moradores das ilhas dos Açores, que lhe têm pedido mande tirar dellas o numero de casaes que fôr servido, e transportal-os á America, d'onde resultará ás ditas ilhas grande alivio em não vêr padecer os seus moradores e reduzidos aos males que traz comsigo a indigencia em que vivem, e ao Brasil um grande beneficio em fornecer de cultores alguma parte dos vastos dominios do dito Estado, foi servido por resolução de 31 de Agosto do presente anno, posta em consulta de seu conselho ultramarino de 8 do mesmo mez, fazer mercê aos casaes das Ilhas, que se quizerem ir estabelecer no Brasil, de lhes facilitar o transporte e estabelecimento, mandando-os transportar á custa da sua real fazenda,não só por mar,mas tambem por terra, até aos sitios que se destinarem para as suas habitações,não sendo os homens de mais de quarenta annos de idade, e não sendo as mulheres de mais de trinta ; e logo que chegarem a desembarcar no Brasil,a cada mulher que para elle fôr das Ilhas, de mais de doze annos e de menos de vinte e cinco, casada ou solteira, se darão dois mil e quatrocentos réis de ajuda de custo, e aos casaes que levarem filhos,se lhes darão para ajuda de os vestirem mil réis por cada filho ; e logo que chegarem aos sitios que hão de habitar,se dará a cada casal uma espingarda, duas enxadas, um machado, uma enchó, um martello, um facão, duas facas, duas tesouras, duas verrumas, uma serra com sua lima e travadoura, dois alqueirés de sementes, duas vaccas e uma egua, e no primeiro anno se lhes dará a farinha que se entende basta para o sustento, que são tres quartas de alqueire da terra por mez para cada pessoa, assim dos homens, como das

mulheres, mas não ás crianças que não tiverem sete annos; e aos que tiverem até os quatorze, se lhes dará quarta e meia para cada mez.

N. B. Os homens, que passarem por conta de Sua Magestade, ficarão isentos de o servir nas tropas pagas no caso de se estabelecerem (no termo de dois annos) nos sitios que se lhes destinarem, aonde se dará a cada casal um quarto de legua em quadra para principiar a sua cultura, sem que se lhes levem direitos nem salario algum por esta sesmaria; e, quando pelo tempo adiante tenham familia com que possam cultivar mais terra, a poderão pedir ao governador do districto, que lh'a concederá na fórma das ordens que tem n'esta materia. E aos casaes naturaes das Ilhas, que quizerem ir d'este reino por se acharem n'elle, se lhes darão as mesmas conveniencias, como tambem aos casaes estrangeiros que não forem vassallos dos soberanos que tenham dominios na America a que possam passar-se; e aos que forem artifices, se lhes dará uma ajuda de custo, conforme os requisitos que tiverem. O qual edital impresso eu *José Monteiro dos Reis* aqui registrei bem e fielmente do proprio, que tornei a entregar ao Dr. provedor da fazenda real, com o qual este corri, escrevi e assignei.—*José Monteiro dos Reis.*

(*Idem, idem. Fl.* 138 *v.*)

Registro das ordens de Sua Magestade para o situado dos casaes n'este estabelecimento

D. João, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, senhor de Guiné, etc.

Faço saber a vós governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro que, em consulta do meu conselho ultramarino de 8 de Agosto do anno passado sobre a representação dos moradores das ilhas dos Açores, em que me pediram mandasse tirar d'ellas o numero de casaes que me parecesse para serem transportados á America, houve por bem resolver,se mandasse transportar até quatro mil casaes para as partes do Brasil que fosse mais preciso e conveniente povoarem-se logo, e que tambem podessem ir casaes de estrangeiros, que não fossem subditos de soberanos que tenham dominios na America a que possam passar-se, com tanto que sejam catholicos romanos e que sendo artifices, se lhes podesse dar, á chegada do Brasil, uma ajuda de custo, conforme a sua pericia, que não excedesse sete mil e duzentos réis a cada um, conforme outras providencias insertas no edital, que com esta se vos remette dois exemplares; e representando-me depois o mesmo conselho que seria conveniente estender-se a mesma graça tambem ás ilhas da Madeira, assim houve por bem approval-o; em virtude d'estas resoluções se ordenou ao governador e capitão-general da Madeira, e aos membros de justiça e fazenda d'aquella ilha e das dos Açores, fizessem fixar pelas habitações d'ellas o dito edital e fizessem alistar toda a gente que se offerecesse para se transportar á ilha de Santa Catharina, por onde parecesse conveniente começar a introducção dos casaes para se estabelecerem assim n'ella, como na terra firme de seu contorno. E porquanto das ilhas dos Açores se receberam já noticias de achar-se grande numero de gente prompta para este transporte, se julgou a proposito

não deixar passar este verão sem cuidar com todo o calor na execução d'elle, pelo que, mandando-se pôr editaes para se tomar por assento o dito transporte, com as condições do contrato annexo, formando-se juntamente o regimento, de que tambem se vos remette copia, para se observar a boa ordem precisa nos navios que levarem os casaes, se arrematou o assento a Feliciano Velho Oldemberg pelos preços que no mesmo contrato vereis.

Dadas estas providencias para a conducção da gente, praz-me ordenar-vos, por esta provisão, o mais que convem dispôr para o estabelecimento dos ditos casaes nos sitios que se lhes destinarem para execução das condições, que se lhes offereceram no referido edital, a cujo effeito houve por bem em consulta do dito conselho de 26 de Junho d'este presente anno determinar o seguinte, que executareis no que vos tocar, e participareis ao brigadeiro Joseph da Silva Paes para que lhe dê cumprimento na parte que lhe pertencer; e em ausencia d'elle o executará o official, que estiver governando na ilha de Santa Catharina. Ordenareis que se ponham promptos n'aquella ilha e mais partes da sua vizinhança, onde vos parecer necessario, as farinhas para a ração que mando dar no primeiro anno á gente que se transportar, e este provimento, como tambem os mais, podereis mandar fazer por assento, quando assim vos pareça mais conveniente.

Nos portos d'aquelle contorno se fará todos os mezes, ou nos tempos que parecer mais opportuno, pescaria para pôr prompto o peixe fresco ou secco para as mesmas rações nos dias de jejum. A cada pessoa de quatorze annos para cima se darão tres quartas de farinha por mez, da medida da terra, e um arratel de peixe ou carne por dia, ás pessoas de quatorze; até sete annos completos a metade d'esta ração, e as de sete até tres annos completos a quarta parte, e ás menores de tres annos nada.

Deveis fazer remetter para a dita ilha o dinheiro necessario para se satisfazerem as ajudas de custo promettidas no dito edital, e as mais que eu ordenar se dêm a alguns dos colonos de mais merecimento, e as que se deverem dar aos artifices, conforme a sua pericia, como acima fica apontado.

O dito brigadeiro porá todo o cuidado em que estes novos colonos sejam' bem tratados e agasalhados, e assim que lhe chegar esta ordem, procurará escolher, assim na mesma ilha, como nas terras adjacentes desde o Rio de S Francisco do Sul até o Serro de S. Miguel no sertão, correndo d'este districto (com attenção porém a que se não dê justa razão de queixa aos hespanhoes confinantes) os sitios mais proprios para fundar lugares, em cada um dos quaes se estabelecerão pouco mais ou menos sessenta casaes dos que forem chegando, e no contorno de cada lugar, nas terras que ainda não estiverem dadas de sesmaria, assignalará um quarto de legua em quadro, que mando dar a cada um dos cabeças de casal do mesmo lugar, na fórma declarada no edital.

Para o assento de logradouros publicos de cada lugar destinará meia legua em quadro, e as demarcações d'estas porções de terra se farão por onde melhor o mostrar e permittir a commodidade do terreno, não importando que fiquem quadrados, com tanto que a quantidade de terra seja a que fica dita.

No sitio destinado para o lugar assignalará um quadrado para praça, de quinhentos palmos de face, e em um dos lados se porá a igreja.

A rua ou ruas se demarcarão ao cordel, com largura ao menos de quarenta palmos, e por ellas e nos lados se porão as moradas em boa ordem, deixando entre umas e outras, e para traz, lugar sufficiente e repartido para quin·

taes, attendendo assim ao commodo presente, como poderem ampliar-se as casas para o futuro. D'estes lugares com seus ranchos e casas de taipa, cobertas de palha, mandará logo o dito brigadeiro pôr promptos dois ou tres para n'elles se accommodarem os primeiros casaes que forem chegando,e para que se achem logo reparados das injurias do tempo, emquanto com a propria industria se não provêm do melhor commodo; e para segurança d'estes ranchos se remettem entre as mais ferramentas duas fechaduras para as portas de cada um.

Estabelecidos os primeiros casaes nos seus lugares, ordenará o dito brigadeiro que nos dias que lhe parecer determinar-lhes com menos prejuizo das suas proprias occurrencias, vão armar as choupanas e taipas nos lugares que lhe ficarem mais vizinhos para se accommodarem os casaes que depois d'elles chegarem, os quaes successivamente irão preparando commodos para os que se lhes seguirem, de sorte que os moradores de cada lugar sejam obrigados a armar para os de outro lugar vizinho o mesmo commodo, que a elles se lhes preparou. A cada um dos lugares, depois de povoado, fará o dito brigadeiro transportar todos os oito dias a farinha e peixe á proporção da gente que tiverem, e á mesma proporção fará passar a elles as cabeças de gado necessarias para o seu sustento, e com esse provimento fará acudir sem falta a todos os ditos colonos durante o primeiro anno de seu estabelecimento.

A cada um dos casaes mandará dar, logo que estiverem situados, duas vaccas e uma egua, que se tirarão das minhas estancias, e a cada lugar em commum quatro touros e dois cavallos. Tambem mandará dar a cada casal, no tempo opportuno para fazerem as suas sementeiras, dois alqueires de sementes, conduzidas aos mesmos lugares,

para n'elles repartirem. Em cada um dos navios, em que fizerem a conducção da gente, se ha de remetter d'este reino provimento de espingardas e ferramentas proporcionado aos casaes da sua lotação, as quaes o dito brigadeiro lhes fará distribuir, tanto que estiverem assentados,a cada um uma espingarda, uma fouce roçadoura e as mais ferramentas, conforme lhe foram promettidas no dito edital, e procurará que as conservem sem as venderem, especialmente as espingardas. Em cada lugar dos sobreditos, fareis logo levantar uma companhia de ordenanças,nomeando lhe officiaes no caso que não vão de cá nomeados alguns capitães; e n'estas companhias se alistarão todos os moradores casados e solteiros, e dareis as ordens para a sua disciplina na mesma fórma,que se pratica nas outras terras do vosso governo.

O mesmo brigadeiro fará, que em cada um dos ditos lugares se constitua logo juiz, na fórma da ordenação, e ambos me informareis com vosso parecer,se em razão da distancia da ouvedoria será conveniente em algumas das povoações do dito districto se ponha ouvidor separado á administração da justiça; e porquanto o primeiro cuidado que deve ter-se, é que todos os ditos colonos sejam assistidos de pasto espiritual e sacramentos em cada um dos ditos lugares, fará logo o dito brigadeiro levantar uma igreja da estatura que baste para este primeiro estabelecimento, e para o seu fornecimento e exercicio do culto divino se remette no primeiro navio o preciso, calculando para cada sessenta casaes o que toca a uma igreja. Ao bispo de S. Paulo, a quem presentemente pertence aquelle territorio, mando a este respeito avisar pela mesa da consciencia, que se ha de constituir em cada igreja d'estas um vigario, ao qual o primeiro anno se dará o sustento e mais commodos como aos outros colonos, e terá sessenta mil réis de congrua,

e á igreja se dará por anno dez mil réis para fabrica e guizamento, uma e outra quantia pagas pela repartição dos dizimos d'aquelle districto ; e para que não succeda no principio, como é facil experimentar-se, falta de sacerdotes para estas vigararias, mando pela dita mesa avisar aos bispos do Funchal e Angra, que convide a alguns clerigos d'aquellas ilhas para irem em companhia dos mesmos casaes, como tudo entendereis pelas copias, que com esta se vos remette, do que se avisa aos ditos bispos.

A estes sacerdotes se darão, á sua chegada, dez mil réis a cada um de ajuda de custo, e terá o dito brigadeiro particular cuidado que se não apartem das igrejas, em que forem postos, para outras terras do Brasil nos termos expressados ao bispo de S. Paulo ; e quando a isto faltem, escreva ao ordinario, a cuja diocese houverem passado, para que os obrigue por todos os meios e demonstrações convenientes, a tornarem para as suas igrejas.

A cada um dos ditos vigarios se dará tambem uma porção de um quarto de legua em quadro para patrimonio da sua igreja.

Para todas as despezas, que occorrerem na execução do que fica dito, fareis acudir d'essa provedoria do Rio de Janeiro, na fórma que ficareis entendendo pela copia que se vos remette do que mando escrever ao provedor da fazenda. Ao provincial da companhia de Jesus mandei escrever a carta, que vai inclusa para que envie áquellas terras dois missionarios, conforme ficareis instruido pela copia annexa.

Informar-me-heis com o vosso parecer, quantos casaes serão convenientes passem á ilha de Santa Catharina, e para quaes outras partes convirá repartir o numero dos quatro mil que tenho ordenado se conduzam, individuando as conveniencias que nas mesmas partes se

acharão para o transporte, sustento e commodo dos novos colonos.

Quando em algumas das sobreditas disposições se vos offereça, ou ao dito brigadeiro, inconveniente não previsto, ou entendais que por outro modo se póde melhor conseguir o intento, deixo ao vosso arbitrio e prudencia, e ao do dito brigadeiro no que lhe toca, tomardes o expediente que parecer melhor, dando-me parte assim do que se innovar, como da execução que se der ao que n'esta se contém. E, porquanto é conveniente se fique conhecendo distinctamente a utilidade, que a minha fazenda receber do transporte d'estes casaes á proporção da despeza que com elles fizer : Hei por bem ordenar que na alfandega do Rio de Janeiro (o que tambem mando executar na de Santos) haja um livro separado de registro, em que se assentem todas as fazendas que d'esses portos se transportarem para a costa do sul do rio de S. Francisco por diante até o de S. Pedro inclusive, e que estas fazendas vão com guias dos juizes, ou provedores das alfandegas do Rio de Janeiro ou Santos, e sem a qual guia se lhes não permitta a descarga nos ditos portos do sul, e que os mesmos juizes ou provedores mandem annualmente conta por este conselho do que importaram na sua introducção d'este reino e ilhas os direitos das fazendas assim transportadas, o que fareis pontualmente observar pelo que toca á alfandega d'esta cidade. E outrosim que, acabado o contrato actual da companhia de S. Paulo, em que presentemente se incluem os dizimos d'aquelle districto do sul, se faça ramo á parte d'elles de que pertencerá o rendimento a essa provedoria do Rio de Janeiro, do qual se pagarão as congruas dos vigarios, igrejas e missionarios do dito districto.

Confio da intelligencia e acerto com que costumaes obrar, e do zelo e actividade com que cumpris as vossas

obrigações; poreis particular cuidado em regular este importante negocio, como pede a utilidade de meu serviço e a d'essa conquista.

El-rei nosso senhor o mandou pelos desembargadores Alexandre Metello de Sousa Menezes, Thomé Gomes Moreira, conselheiros de seu conselho ultramarino por duas vias. *Pedro José Corrêa* a fez em Lisboa, a 9 de Agosto de 1747. — *Rafael Peres Pardinho.*

(*Idem, idem. Fl.* 142.)

PROVISÃO

Eu el-rei faço saber aos que esta minha provisão virem que, tendo consideração ao bacharel Manoel da Costa Moraes Barba Rica me haver servido alguns annos no exercicio de escrever em varios papeis que lhe foram commettidos de meu serviço: hei por bem fazer-lhe mercê de o nomear provedor de minha fazenda no Rio Grande de S. Pedro por tempo de tres annos, em a qual occupação haverá seiscentos e quarenta mil réis de ordenado cada anno, e todos os prós e precalços que direitamente lhe pertencerem; pelo que mando ao meu governador e capitão-general do Rio de Janeiro dê posse ao dito bacharel Manoel da Costa Moraes Barba Rica do referido cargo de provedor da minha fazenda do Rio Grande de S. Pedro, e lhe deixe servir e exercitar pelo dito tempo, e haver o seu ordenado, prós e precalços como dito é, e elle jurará na fórma costumada de cumprir com as obrigações do mesmo cargo, de que se fará assento nas costas d'esta provisão, que se cumprirá inteiramente como n'ella se contém sem duvida alguma, a qual valerá como carta sem embargo da ordenação do liv. 2°,

tit. 40, em contrario; e pagou de novo direito cento e setenta mil réis, que se carregaram ao thesoureiro Antonio José de Moura á fl. 128 do liv. 1° da sua receita, e deu fiança no liv. 1° d'ellas á fl. 66 a pagar do mais rendimento, além do ordenado, como constou de seu conhecimento em fórma, registrado no liv. 1° de registro geral á fl. 108. Lisboa, 21 de Novembro de 1749.— RAINHA.—

(*Idem, idem. Fl.* 132)

Rigistro da carta que o Exm. Sr. general escreveu ao coronel governador para dar toda ajuda e favor ao Dr. ouvidor geral

Na fórma da ordem de Sua Magestade de 17 de Julho de 1747 ha de passar a esse presidio o ouvidor-geral d'elle e da ilha de Santa Catharina, o desembargador Manoel José de Faria a crear n'elle uma villa. V. S. lhe dará toda ajuda e favor para que a referida ordem tenha seu inteiro cumprimento, como o mesmo senhor determina.

Deus guarde a V. S. muitos annos. Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1750. Muito amigo de V. S. — *Gomes Freire de Andrada.* Senhor Diogo Osorio Cardoso.

(*Idem, idem. Fl.* 168)

Deixo encarregado do governo d'este estabelecimento ao tenente-coronel Pascoal de Azevedo, o que participo a Vmcê. para que cumpra e faça executar na provedoria as suas ordens na mesma fórma que as dos governadores antecedentes, e se registrará esta carta nos livros da mesma provedoria.

Deus guarde a vossa mercê. Rio Grande de S. Pedro, a 23 de Junho de 1752. — *Gomes Freire de Andrada.* — Sr. provedor da fazenda real Manoel da Costa Moraes Barba Rica.

(*Idem, idem. Fl.* 175 *v.*)

D. José por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além-mar em Africa, senhor Guiné e da conquista, navegação, commercio de Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc.

Faço saber aos que esta minha carta-patente virem que, tendo consideração a Thomaz Luiz Osorio me haver servido no posto de capitão de dragões do Rio Grande de S. Pedro doze annos, seis mezes e vinte e quatro dias continuados, de 3 de Maio de 1737 até 24 de Dezembro de 1749, e depois passar a sargento-mór do mesmo regimento por patente minha de 13 de Dezembro de 1750, havendo-se no decurso do referido tempo com honra, valor e distincção em todas as diligencias que lhe foram encarregadas do meu serviço, e por esperar d'elle continuará a me servir com a mesma satisfação, hei por bem fazer-lhe mercê de o nomear (como por esta nomeio) no posto de tenente-coronel do regimento de dragões da guarnição do Rio Grande, de que é coronel Diogo Osorio Cardoso, com o qual haverá o soldo que lhe tocar pagar na fórma de minhas ordens, e gozará de todas as honras, privilegios, liberdades isenções e franquezas que em razão d'elle lhe pertencerem, pelo que mando ao meu governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro conheça ao dito Thomaz Luiz Osorio por tenente-coronel do dito regimento, e como tal o honre e estime, e o deixe servir e

exercitar o dito posto, e haver d'elle o soldo como o dito é, e aos officiaes e soldados seus subordinados ordeno tambem que em tudo lhe obedeçam, e cumpram suas ordens por escripto e de palavra, como devem e são obrigados ; e elle jurará na fórma costumada de cumprir com as obrigações do dito posto, de que se fará assento nas costas d'esta minha carta-patente, que por firmeza de tudo lhe mandei passar, por mim assignada e sellada com o sello grande de minhas armas.

Dada na cidade de Lisboa, aos 13 dias do mez de Março, anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1752. — EL-REI (Lugar do sello grande). — *Marquez de Penalva*, presidente.

(*Idem, idem. Fl.* 180 *v.*)

Registro de uma portaria do tenente-coronel governador, pela qual manda remetter 640$000 para Viamão

O Dr. provedor da fazenda real mande dar seiscentos e quarenta mil réis ao tenente Francisco Pinto Bandeira para levar ao capitão Francisco Barreto Pereira Pinto, commandante do arranchamento de ilhéos e mais pessoas que se acham debaixo do seu commandamento em o sitio de Dornellas do districto de Viamão, para as despezas precisas da sustentação da mesma gente, do que o mesmo capitão dará conta á seu tempo. Rio Grande de S. Pedro, 29 de Maio de 1753.—*Puschoal de Azevedo.*

(*Livro de reg. da vedoria do Rio Grande. Fl.* 8.)

Registro de uma provisão do Exm. Sr. general, de administrador do registro de Viamão, passada a Luiz Gonçalves Vianna

Esta provisão é passada pelo general Gomes Freire de Andrada, é datada da villa do Rio Grande a 12 de Novembro de 1755.

No registro de Viamão cobravam-se, por conta da fazenda real, os direitos dos animaes, que por ella passavam para o registro de Coritiba.

(*Idem, idem. Fl.* 57.)

Gomes Freire de Andrada, governador e capitão-general do Rio de Janeiro e Minas. — Amigo. Eu el-rei vos envio muito saudar. Sendo necessario que as tropas que hão de sahir do Santissimo Sacramento, na conformidade do tratado de limites, as que hão de ficar nos presidios d'essa parte do sul e as que actualmente se acham na expedição de que sois general commandante, conservem aquella disciplina, que faz mais indispensavel a inesperada guerra que suscitou a rebellião dos indios, vassallos de el-rei catholico, seu bom irmão e cunhado, o auxilio que vos tenho ordenado deis ás tropas hespanholas, e o estabelecimento dos mesmos presidios, que novamente haveis plantar; e não se podendo nem conservar a dita regular disciplina, sem que todos os corpos se achem sempre completos e providos com os seus respectivos officiaes, nem proverem-se estes em tão grande distancia, na fórma ordinaria, sem a demora de dois annos, que seria incompativel com aquellas urgencias, sou servido ordenar que todos os postos que se acharem vagos, e forem vagando até ao de coronel inclusive, desde a ilha de Santa Catharina até a Colonia do Santissimo Sacramento tambem inclusive, vos

sejam propostos pelos respectivos governadores e officiaes de guerra até onde couber em suas patentes; que successivamente me propohhais as pessoas que para os mesmos postos julgardes mais idoneas, ou pela antiguidade que tiverem, ou pelas acções com que se distinguirem, e que, reservando do meu real beneplacito a confirmação das pessoas que assim me propuzerdes em primeiro lugar para os referidos postos, as façais desde logo exercitar, vencendo soldo como se tivessem já patentes por mim assignadas e expedidas com a costumada intervenção.

Escripta em Salvaterra de Magos a 20 de Janeiro de 1755.— Rei.

(*Idem, idem. Pag.* 78.)

DOCUMENTOS RELATIVOS Á POSSE DOS GOVERNADORES DO RIO GRANDE DO SUL

Illm. e Exm. Sr. — Sua Magestade, attendendo á representação conteúda na carta de V. Ex. de 5 de Dezembro do anno proximo passado sobre a necessidade que havia de um official habil para governar o Rio Grande, e igualmente a informação que V. Ex. deu do prestimo e capacidade do coronel Ignacio Eloy de Madureira, foi servido crear de novo o governo da referida capitania, e nomear ao sobredito coronel para o exercer por tempo de tres annos, mandando-lhe passar patente e os mais despachos necessarios pelo conselho ultramarino, os quaes se lhe remettem na presente frota.

Deus guarde a V. Ex. Nossa Senhora da Ajuda, a 13 de Agosto de 1760. — *Conde de Oeiras.* — Sr. conde de Bobadella.

Conde de Bobadella, mestre de campo general de meus exercitos, governador e capitão-general das capitanias do Rio de Janeiro e de Minas Geraes. — Amigo. Eu el-rei vos envio muito saudar como aquelle que amo. Fui servido nomear para governador do Rio de Grande de S. Pedro a Ignacio Eloy de Madureira....

Escripta em o palacio da Ajuda, a 29 de Agosto de 1760. — Rei. — Para o conde de Bobadella.

(*Idem, idem. Fl.* 148 *v.*)

Carta régia de 9 de Setembro de 1760, erigindo em governo, sujeito ao Rio de Janeiro, a commandancia militar do Rio Grande de S. Pedro

D. José, por graça de Deus rei de Portugal, e dos Algarves d'aquem e de além-mar em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia Persia e da India, etc.

Faço saber aos que esta minha carta-patente virem que, attendendo aos merecimentos e serviços que concorrem na pessoa de Ignacio Eloy de Madureira, hei por bem nomeal-o governador do Rio Grande de S. Pedro, que fui servido crear de novo, com a mesma patente e soldo dos governadores da nova Colonia do Sacramento e ilha de Santa Catharina, o qual governo exercitará por tempo de tres annos e o mais que eu fôr servido, emquanto lhe não mandar successor, e com elle haverá o soldo de cinco mil cruzados em cada um anno, pagos na fórma de minhas ordens, e gozará de todas as honras, privilegios, liberdades, isenções e franquezas que direitamente lhe pertencerem: pelo que mando ao meu governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro conheça ao dito Ignacio Eloy de Madureira por governador do Rio Grande de S. Pedro, e como

tal o honre e estime, e o deixe servir e exercitar o dito governo por tempo de tres annos, e o mais que eu fôr servido, emquanto lhe não mandar successor, e haver o sobredito soldo. E aos officiaes e soldados do referido Rio Grande ordeno tambem que em tudo lhe obedeçam, e cumpram suas ordens como devem e são obrigados. E este jurará na fórma costumada cumprir com a sua obrigação, de que se fará assento nas costas d'esta minha carta-patente, que por firmeza de tudo lhe mandei passar por duas vias, por mim assignada e sellada com o sello grande de minhas armas; e antes que o dito Ignacio Eloy de Madureira entre de posse do dito governo fará por elle preito e homenagem, e juramento costumado nas mãos do referido meu governador e capitão-general, de que apresentará certidão do secretario do mesmo governo.

Dada na cidade de Lisboa, aos 9 dias do mez de Setembro, anno do nascimento de N. S. Jesus Christo de 1760 (lugar do sello real).—EL-REI.

(*Liv.* 2° *de registros da vedoria. Fl.* 176 *v. a* 178.)

Copia de officios do governo interino do Rio de Janeiro.

Como se vai ajuntando a nossa tropa para a guarda do norte a rebater o orgulho castelhano, e a consideramos sem cabeça que a anime e governe, ordenamos a Vmcê. que logo passe áquella parte a governal-a, unindo-se com o tenente-coronel Francisco Barreto, a quem encarregamos o governo de todo esse continente por mandarmos recolher a Ignacio Eloy á Santa Catharina para se curar das molestias que padece.

. . . . . .

Deus guarde a Vmcê. Rio de Janeiro, a 8 de Junho de 1763.—*Fr. Antonio*, bispo do Rio de Janeiro.—*João Alberto de Castello Branco.*—*José Fernandes Pinto Alpoim.*—Sr. tenente-coronel Luiz Manoel da Silva Paes.

(*Idem, idem. Fl.* 195 *v.*)

Como estamos certificados que as molestias que V. S. padece são tão graves que necessitam de procurarem-se-lhes sem demora os remedios proporcionados á extincção das mesmas, ó que mais commodamente do que na parte em que se acha, só póde fazer na ilha de Santa Catharina, V. S. passará á mesma a tratar de recuperar a saude perdida, pois como temos a certeza por carta do Exm. Sr. conde de Oeiras de estarem já assignados os tratados da paz, que todas as horas os esperamos, ficaráõ cessando as hostilidades n'esse paiz, o que dá lugar á sua retirada para o effeito acima, sendo como é tão precisa: ficando no entanto governando esse mesmo paiz o tenente-coronel Luiz Manoel da Silva Paes, o que assim lhe ordenamos.

Deus guarde a V. S. Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1763.—*Fr. Antonio*, bispo do Rio de Janeiro.—*João Alberto de Castello Branco.*—*José Fernandes Pinto Alpoim.*—Sr. Ignacio Eloy de Madureira.

(*Idem, Idem. Fl.* 196.)

Por causa de haver fallecido o governador d'esses districtos coronel Ignacio Eloy de Madureira, mando succeder-lhe

no lugar (emquanto Sua Magestade não manda o contrario) o coronel José Custodio de Sá e Faria; a este reconhecerá Vmcê. por seu governador, e lhe obedecerá em tudo o que elle mandar, pertencente ao serviço do mesmo senhor.

. . . . . .

Mando que especialmente obedeça ao coronel governador em tudo o que não encontrar as reaes resoluções de Sua Magestade, e n'este caso Vmcê. lhe duvide, mostrando-lhe por copia as mesmas ordens; porém, se não obstante estas, elle lhe ordenar que sem embargo da duvida Vmcê. execute o que elle tem mandado, Vmcê. cumprirá logo, e me dará conta com copia de tudo, e na mesma fórma o póde tambem fazer á Sua Magestade, pois isto é o que elle ordena.

Deus guarde a Vmcê. Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 1764.—*Conde da Cunha*, vice-rei.—Sr. provedor da fazenda real do Rio Grande de S. Pedro.

(*Idem, idem. Fl.* 198.)

Por haver fallecido o coronel Ignacio Eloy de Madureira, governador do Rio Grande de S. Pedro se faz preciso ao real serviço de Sua Magestade prover-se o seu lugar, emquanto o mesmo senhor não manda o contrario, em um official de igual graduação e de distincto merecimento; e porque em V. S. se acham assim as ditas circumstancias, como outras muitas, que todas são essenciaes para reger e regular com grande acerto aquelles districtos: ordeno a V. S. que a elles passe com a maior brevidade, e que por virtude d'esta tome entrega do dito governo e o exercite na fórma do regimento

que com esta lhe entrego. E confio do prestimo e zelo,com que V. S. serve e tem servido a el-rei nosso senhor, que n'este emprego em que presentemente o occupo lhe fará tão distinctos serviços, que se faça muitas vezes merecedor das grandes mercês com que o dito senhor costuma premiar os que se fazem dignos da sua real grandeza.

Deus guarde a V. S. muitos annos. Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 1774.—*Conde vice-rei.*—Sr. coronel José Custodio de Sá Faria.

(*Idem, idem. Fl.* 199.)

Auto de posse que toma o Sr. coronel José Custodio de Sá e Faria do posto de governador d'estes districtos do Rio Grande de S. Pedro

Anno do nascimento de N. S. Jesus Christo de 1764 annos, aos 16 dias do mez de Junho do dito anno, n'este arraial da Viamão, districto da villa e praça do Rio Grande de S. Pedro, na casa que serve de camara, aonde se achava o Sr. coronel José Custodio de Sá e Faria, juiz e mais officiaes da camara ao diante assignados; e, sendo alli, pelo dito Sr. coronel foi entregue uma carta do Illm. e Exm. Sr. conde vice-rei do Estado para o mesmo senado; e sendo aberta,se viu haver o mesmo senhor provido ao dito Sr. coronel no posto de governador d'estes continentes do Rio Grande de S. Pedro, e que por tal o ficassem reconhecendo: pelo que os ditos officiaes da camara o houveram por empossado do dito governo; e por si e em nome d'estes povos o ficam reconhecendo por seu governador, e de todos estes districtos, em que para constar assignou o dito Sr. governador e mais officiaes da camara.E eu *Ignacio Osorio Vieira*,

escrivão da mesma, que o escrevi.—*José Custodio de Sá e Faria* (Assignados os officiaes da camara).

(*Livro de posse dos governadores do continente do Rio Grande, aberto em Porto Alegre a* 16 *de Dezembro de* 1780. *Fl.* 2, *Do archivo da camara de Porto Alegre.*)

N'esta occasião passa, por ordem minha, o tenente-coronel Antonio da Veiga de Andrade a governar interinamente esse continente. E logo que elle chegar, V. S. lhe dará posse do governo do mesmo continente, e se recolherá a esta capital, onde receberá as minhas ordens.

Deus guarde a V. S. Rio de Janeiro, 29 de Agosto de 1771.—*Marquez do Lavradio.*—Sr. coronel José Marcellino de Figueiredo.

(*Idem, idem. Fl.* 5.)

O Dr. provedor da fazenda real mande logo, que Francisco Pires Casado, o alferes Domingos de Lima Veiga e Antonio Teixeira de Abreu, mettam no cofre o que estão a dever, pois não é justo que uns sejam filhos e outros enteados, porque assim como se me protesta para o dizimeiro, que ha mui poucos dias fez um pagamento, se deve observar a mesma justiça com os mais devedores; e, para que a todo o tempo conste esta minha ordem, se registrará no livro da provedoria. Rio Grande, 13 de Agosto de 1761.—*Ignacio Eloy de Madureira.*

(*Livro de registros da vedoria. Fl.* 160.)

Em carta do Illm. e Exm. Sr. conde general (Bobadella) de 5 de Agosto do presente anno me ordena S. Ex., mande fazer um reducto ou trincheira de estacada no alto do hospital d'esta villa para melhor defensa d'ella; cuja obra recommendo ao ajudante engenheiro João Gomes de Mello faça logo executar,como lhe determino ; e que tudo quanto fôr preciso para ella o peça ao Dr. provedor da fazenda real, que lhe porá prompto sem duvida alguma, como é obrigado, ficando em tudo responsavel das faltas que houver. Rio Grande de S. Pedro,14 de Outubro de 1761. — *Ignacio Floy de Madureira.*

(*Idem, idem. Fl.* 172.)

Como o Dr. provedor da fazenda real duvida a todos os meus despachos e determinações, atrazando em tudo o real serviço em occasião de tantas consequencias, ordeno ao escrivão da fazenda real registre o capitulo incluso da carta do Illm. e Exm. Sr. conde general, de 29 de Setembro do presente anno, cuja diligencia era bem desnecessaria, se o dito Dr. provedor soubesse as obrigações do seu garei, com que Sua Magestade manda que todos me obedeçam de palavra e por escripto,como são obrigados;o dito escrivão fará o que lhe ordeno, e de o não fazer assim o castigarei,como merecer. Rio Grande,22 de Dezembro de 1762 (lugar da rubrica do Sr. governador).

Copia de um capitulo da carta do Illm. e Exm. Sr. conde general, de 29 de Setembro de 1762

Pelo que respeita ao provedor da fazenda, já lhe adverti que em uma tal conjunctura como a presente, não devia proceder na expedição das cousas com as demoras e embaraços a que é costumado ; e n'esta occasião torno a repetir-lhe o mesmo, e que das más consequencias, que forem provenientes pela inobservancia das ordens de V. S., elle ha de ser responsavel a Sua Magestade, e o pagará não menos que com a cabeça.

(*Idem, idem. Fl.* 193).

Carta do conde vice-rei ácerca do linho canhamo

N'esta occasião remetto para essa terra a Antonio Gonçalves Pereira de Faria, a estabelecer uma fabrica de linho canhamo para que, se este produzir tão bem como desejo, se possa n'ella fazer cabos e amarras para o serviço de Sua Magestade. Para esse fim se ha de estabelecer o sobredito Antonio Gonçalves Pereira de Faria, e seu sobrinho José Bernardes e a sua equipagem, na fazenda da Serra, que se sequestrou pela fazenda real ao almoxarife da Colonia, que mo dizem ser junto a Termandy, ou no melhor districto que o sobredito Antonio Gonçalves escolher para a sementeira do mesmo linho; e V. S. mandará com a maior brevidade apromptar-lhe doze ou quinze lavradores, com seus arados, bois e tudo necessario para lhe prepararem a terra como elle determinar, e com tal brevidade que se não passe o tempo em que se deve fazer a sementeira. Para esta mandará V. S. tambem todos os

indios que forem necessarios, para que n'ella trabalhem até se effectuar a primeira colheita, e pôl-a em estado de se poderem fazer os ditos cabos e amarras. Chegado que seja á fazenda da Serra o dito Antonio Gonçalves, V. S. lhe mandará dar casa commoda em que assista e os mantimentos que precisar, assim como tambem os cavallos e ferramentas que lhe forem precisos para a boa administração da fabrica, e em tudo o mais que o mesmo Antonio Gonçalves avisar a V. S. que necessita ; para a completa execução do sobredito lhe dará V.S. prompta providencia, ainda que a despeza ou o trabalho lhe pareça excessivo.

Terá V. S. o cuidado de mandar pôr ao pé do mesmo Antonio Gonçalves uma pessoa de tal capacidade, que bem possa observar a formalidade com que elle faz esta cultura, para que no caso que elle falte, ou por falta de vida ou de saude, fique o dito homem bastantemente instruido, para nos annos futuros poder continuar a mesma lavoura, o que tudo hei a V. S. por muito recommendado; pois que é importantissimo ao real serviço de Sua Magestade fazer-se esta experiencia.

Deus guarde a V. S. muitos annos. Rio de Janeiro, a 6 de Outubro de 1764. — *Conde vice-rei.* — Sr. coronel José Custodio de Sá e Faria.

(*Idm, idem. Fl.* 219).

ORDENS DO VICE-REI

LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUSA

AO GENERAL CABRAL, GOVERNADOR DO RIO GRANDE DO SUL

1780—1790

Havendo-me Sua Magestade ordenado que mande logo sahir do governo do Rio Grande o brigadeiro José Marcellino de Figueiredo, mandando-o immediatamente passar a esta capital, e que ao mesmo tempo nomêe quem occupe aquelle emprego, reconhecendo a grande capacidade e distincto merecimento de V. S., o nomêio interinamente para ir occupar o referido emprego de governador do Rio Grande, na fórma das ordens da mesma Senhora; o que participo a V. S. para que assim o tenha entendido.

Deus guarde a V. S. Rio de Janeiro, 7 de Abril de 1780. (Assignado) — *Luiz de Vasconcellos e Sousa.* — Sr. brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.

Tendo sido presente a Sua Magestade achar-se n'esta capital o coronel Rafael Pinto Bandeira, remettido, debaixo de prisão, pelo governador d'esse continente José Marcellino de Figueiredo, e estando muito presente na real lembrança da mesma Senhora o distincto comportamente do referido coronel em todo o tempo que durou a guerra do sul: é a mesma Senhora servida ordenar-me, que o mande logo restituir a esse mesmo coutinente,e ao posto, que dignamente occupa; o que V. S., logo que fôr entregue

do governo do mesmo continente, fará assim constante e publico a toda á tropa do districto do dito governo.

Deus guarde a V. S. Rio de Janeiro, 14 de Abril de 1780. (Assignado) — *Luiz de Vasconcellos e Sousa.* — Sr. brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.

Tendo-me mostrado a experiencia a grande falta que faria na ilha de Santa Catharina um ouvidor letrado, e achando ordem em que me é concedida a jurisdicção de nomear, nas circumstancias presentes, quem me parecesse para exercitar aquelle emprego, me pareceu provêr n'elle ao Dr. Manoel Pires Querido Leal, pelo exercicio que já teve de juiz de fóra da villa da Moita, aonde desempenhou as suas obrigações. Ao dito ouvidor recommendei que, logo que chegasse á Santa Catharina, avisasse á V. S., e ao mesmo tempo que ajustasse o em que devia ir de correição a esse continente, aonde, sem se afastar das direcções de V. S., exercitasse a sua jurisdicção. Assim o participo a V. S. para que faça observar na sobredita correição toda a moderação e suavidade necessaria para inspirar em uns povos ainda tão mal estabelecidos o amor á justiça em lugar da prejudicial inquietação, que se póde seguir do terror d'ella. O dito ouvidor me parece de bastante prudencia; mas da de V. S. confio tudo, sendo bem certo que o modo melhor de pôr as cousas em ordem é leval-as com brandura ao principio, e não querer conseguir tudo de uma vez; por isso entendo que esta primeira correição deve ser mais para introduzir e dar a conhecer a justiça n'esse continente do que para satisfazer todo o rigor d'ella.

Deus guarde a V. S., Rio 30 de Setembro de 1780. (Assignado). — *Luiz de Vasconcellos e Sousa.* — Sr. brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.

Chegando aqui de Lisboa o Dr. Antero José de Brito, muito recòmmendado por pessoas a quem desejo servir, e sendo o seu fim concluir dependencias, que n'esse continente podem depender muito de V. S. concorrer para tudo em que elle mostrar justiça, lhe determinei que expuzesse á V. S. na carta inclusa todos os fundamentos da sua justiça, remettendo os documentos que tivesse, e ordenando ao seu procurador que ahi se apresentasse á V.S.para que, á vista de tudo, V. S. concorra para que com a brevidade possivel se conclua tudo o em que elle possa ter justiça, o que me pareceu recommendar á efficacia de V. S. por ser muito proprio da rectidão com que V. S. sempre costuma proceder.

Deus guarde a V.S. Rio, 13 de Janeiro de 1782. (Assignado). — *Luiz de Vasconcellos e Sousa.* — Sr. brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.

Como o brigadeiro José Marcellino, seu antecessor, desde que chegou a esta capital até partir no mez passado para a côrte de Lisboa, procurou com grande empenho persuadir-me do grande serviço que tinha feito no estabelecimento dos indios da aldêa de Nossa Senhora dos Anjos, e da desordem em que se achava o mesmo estabelecimento com a sua falta, pratica que nunca lhe admitti, mas que me não podia deixar de constar pelas muitas pessoas com quem elle tinha a este respeito continuadas e vivissimas declamações: estou certo de que este ha de ser um dos objectos principaes do seu zelo na presença de Sua Magestade e dos seus ministros de Estado, que, não devendo acreditar o louvor proprio e menos o defeito alheio, espero não

tenham por verdadeira materia, sobre que devo informar sem que primeiro me ouçam. N'estes termos é necessario que V. S. saiba : que as proposições do dito seu antecessor a este respeito eram, em summa, que aquelle estabelecimento se tinha formado com muita pequena despeza da fazenda real; que esta ha muito tempo a não fazia; que elle o tinha na melhor ordem, tirando-se d'elle conhecidas vantagens, e que, como V. S. não seguia o seu systema, antes alli o tinha alterado em tudo, ia a perder-se de todo o fruto dos seus trabalhos de tantos annos: e como da verdade ou falsidade d'ellas e de todas as outras que vêm em consequencia, devo dar a noticia mais exacta e miuda, com as provas mais completas que possam ajuntar-se, para no caso que estou prevendo poder immediatamente informar á Sua Magestade com a pureza, com que costumo, e devem chegar á sua real presença todas as contas de quem tem a honra de ser occupado no seu real serviço: Este mesmo real serviço pede, que V. S. se entregue á essa diligencia com o seu costumado zelo e efficacia, para me dar uma conta circumstanciada e provada, em que nada se omitta por maior particularidade, que contenha: ouvindo para isso o provedor da real fazenda e as mais pessoas que lhe parecer, e tratando n'ella do dito estabelecimento desde o seu principio, das pessoas que foram empregadas n'elle e das diversas alterações que tenha tido, de modo que não fique nada que averiguar n'esta materia, nem possa haver a liberdade de se tratar d'ella com paixão, que não seja logo conhecida.

Deus guarde a V. S. Rio, 10 de Abril de 1783. (Assignado) — *Luiz de Vasconcellos e Sousa*. — Sr. brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.

Sendo incompativeis os dois exercicios de primeiro commissario da demarcação e de governador d'esse continente, que V. S. actualmente occupa, e não devendo parar o primeiro por occasião do segundo, que tem servido de um grande pretexto para os hespanhoes formarem repetidas imputações contra a prompta expedição da mesma demarcação, tomei a resolução de mandar para esse continente o coronel Joaquim José Ribeiro da Costa, para substituir no commando da villa de S. Pedro e d'esse continente, na ausencia de V. S., ao coronel Rafael Pinto Bandeira, com quem me é necessario ter uma particular conferencia sobre materias de que devo ser plenamente informado, e que não permittem maior dilação, além de me parecer justo permittir a licença que o sobredito coronel tem solicitado para vir a esta cidade. N'esta intelligencia recommendo a V. S. haja de dar ao referido commandante da villa de S. Pedro as suas instrucções para governar com acerto, capacitando-o das ordens que deve executar em todo esse districto, afim de V. S poder adiantar sem tantos embaraços os muitos complicados negocios da demarcação, em que deve particularmente empregar-se.

Deus guarde á V. S Rio, 30 de Outubro de 1786. (Assignado) —*Luiz de Vasconcellos e Sousa.*— Sr. brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.

Passa a commandar interinamente na ausencia de V. S. os districtos d'esse continente o brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, não só por competir áquelle posto o referido commando, que até agora occupava o coronel Joaquim José Ribeiro da Costa, que deve logo retirar-se para esta

cidade, mas tambem por ser conforme as ordens de Sua Magestade esta particular incumbencia; o que participo á V. S. para n'esta intelligencia regular as suas disposições, tanto pelo que pertence á diligencia de que ainda se acha encarregado, como pelo que póde respeitar ao governo d'aquelle mesmo continente.

Deus guarde a V. S. Rio, 29 de Abril de 1790. (Assignado) —*Luiz de Vasconcellos e Sousa.*— Sr. brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.

Illm. e Exm. —Sr. Acabando hontem de tomar posse do governo d'este continente, acho indispensavel fazer ao meu antecessor o brigadeiro José Marcellino de Figueiredo a justiça, que merece. A resignação ás ordens de Sua Magestade e de V. Ex., a civilidade e mesmo a harmonia que praticou com o coronel Rafael Pinto Bandeira, os votos de todos os ecclesiasticos em confirmação do seu zelo pelo augmento da religião e da igreja, e sobretudo a benevolencia do povo mais necessitado, com quem despendia da sua fazenda avultadas sommas, não são outra cousa mais que uma descripção do seu caracter, de que em differentes occasiões tive a honra de informar a V.Ex.,o que não posso por ora praticar a respeito das outras circumstancias mais particulares do seu governo, por me faltar a experiencia que até o presente era impossivel alcançar; e só sim accrescento, por ser notorio, que a maior parte dos templos e edificios mais principaes, todas as embarcações, e assim mesmo as estradas mais notaveis, tudo são obras que meu antecessor mandou fazer no seu tempo. Em tudo desejarei regular a minha obediencia pelos respeitaveis preceitos de

V. Ex., que Deus guarde muitos annos. Porto Alegre, 1° de Junho de 1780. —Illm e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa. De —V. Ex. mais reverente venerador e fiel criado. —*Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.*

(*Livro da correspondencia do general Cabral*,1780—1786 *Fl.* 1.)

Officio do governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara em 22 de Dezembro de 1780, e resposta do vice-rei em 30 do mesmo mez, sobre a mudança da capital para Porto Alegre.

Illm. Exm. Sr. Quando V. Ex. foi servido encarregar-me o governo d'este continente do Rio Grande, dignando-se ouvir o meu parecer sobre o lugar fixo da sua capital, representei sinceramente a V. Ex. a impossibilidade de satisfazer então (por falta de conhecimentos) a respeitavel ordem de V. Ex., reservando para occasião mais opportuna a informação, que até agora me não foi possivel dar em materia de tanta importancia.

No anno de 1735 principiou o brigadeiro Joseph da Silva Paes a povoação do Rio Grande, que em 1752 creou villa por ordem de Sua Magestade Fidelissima o desembargador ouvidor da comarca da ilha de Santa Catharina Manoel José de Faria. Ella foi invariavelmente residencia dos governadores, senado da camara, provedoria da real fazenda, e por consequencia capital até o dia 24 de Abril de 1763, no qual a invadiram as tropas hespanholas.

O commercio de muitos dos principaes generos em que abunda o paiz, transportados facilmente por mar á capital do Brasil ; a grande multidão de gado, e de cavallos e mulas, cuja venda para a capitania de S. Paulo, se praticava

por preços avantajados ; a possessão de mais de sessenta leguas de bom terreno em que se achavam situadas até a Angustura de Castilhos muitas estancias consideraveis, começava a sua opulencia no mesmo tempo em que experimentou o golpe,e a desordem com que passou a dominio estranho; resultando d'esta fatalidade a decadencia annexa a semelhantes casos,e continuada por espaço de treze annos, que mediaram até a sua restauração no dia 1° de Abril de 1776; não obstante, conserva ao presente (é verdade que quasi todos reedificados e alguns construidos de novo) edificios muito decentes, proporcionados aos fins a que se acham dedicados, como, por exemplo, a igreja, a casa da residencia dos governadores, um armazem, o hospital, a ferraria, a casa de armas, dois corpos de guarda e os quarteis do forte de S. José da Barra. Entre o restante das casas dos moradores ha poucas capazes, sendo a maior parte, ao pessimo uso do paiz, cobertas de palha e construidas de má madeira, sem reboque, forros, e quasi sem pregos. O numero, porém, das casas tem-se augmentado e vai-se augmentando consideravelmente, não só com as muitas e numerosas familias da Colonia, mas com alguns homens de negocio, que, como não são pobres. fazem os melhores arranchamentos, e hoje excedem de dois mil e quatrocentos os freguezes do Rio Grande, posto que muitos vivem em estancias ou estabelecimentos separados, tendo semeado este presente anno 1126 alqueires de trigo.

O Rio Grande é sem duvida dos lugares mais sadios do continente ; o seu terreno produz com facilidade e abundancia, não obstante o defeito das muitas arêas (como lhe chama o vulgo, sem advertir que ás arêas anda annexa a esterilidade), as quaes formam avultados combros tão immediatos á povoação, que se faz preciso evital-os, e isto não é facil de conseguir sem trabalho e industria.

A sua defensa e conservação não póde afiançar-se mais, que em uma de duas cousas, ou ambas juntas: uma profunda paz, ou um respeitavel corpo de cavallaria bem armado, pago e disciplinado, pois que do contrario a sua situação na margem meridional do Rio Grande, em uma campanha rasa, susceptivel de facilissimo accesso por meio de varias estradas batidas, sem padrasto, rio caudaloso e fortaleza, ou outro algum obstaculo, fariam infructiferas quaesquer differentes providencias, tendo por limite o principio de campo neutral, a quatorze leguas de distancia, o insignificantissimo arroio Tahim, que eu presenciei secco, ou por me explicar com mais verosimilhança, sem correr á praia.

Não ha na villa do Rio Grande pedra; as madeiras de boa qualidade devem-se procurar á grandes distancias, e as indispensaveis fabricas de telha e tijolo principiam a produzir.

Os pastos póde dizer-se que são bons á vista da nutrição em que mantêm o gado e cavalhada; não é abundante de aguas, se bem que não assusta semelhante falta a quem é pratico do paiz e costumado a procurar-lhe o remedio, que consiste em poços ou cacimbas, que a poucos palmos de profundidade brotam soffrivel agua.

A invasão do Rio Grande obrigou o governador Ignacio Eloy de Madureira a transferir interinamente a sua residencia, e não menos a capital do continente, para o sitio de Viamão: conservaram este estabelecimento por espaço de dez annos seus successores José Custodio de Sá e Faria, Antonio da Veiga de Andrade e José Marcellino de Figueiredo, até que este, por ordem do Illm. e Exm. Sr. marquez do Lavradio, vice-rei que foi d'este Estado, o mudou para Porto Alegre, então pequena povoação de casaes das ilhas, denominada S. Francisco do Porto dos Casaes, e hoje acres-

centada com uma soffrivel casa de residencia dos governadores, alguns quarteis de tropa menos máos, que os das outras guarnições do continente, e varias casas de paisanos, que concorreram uns pela dependencia dos despachos, e outros na esperança de adiantar o seu negocio.

A povoação de Porto Alegre está situada no centro do continente sobre terreno solido; tem abundancia de pedra; por ora não é falta de madeiras sufficientes, e conserva a menos de quatro leguas de distancia uma boa fabrica de telha e tijolo; a immediação em que está da lagôa dos Patos lhe facilita as viagens, e transportes para as duás fronteiras do Rio Grande e Rio Pardo, e o soccorrêl-as dos armazens reaes, que, não sendo actualmente de consideração, servem comtudo de remedio.

A freguezia de Porto Alegre consta de mais de mil e quinhentas pessoas, e no seu districto semearam-se este anno quatrocentos e sessenta e tres alqueires de trigo; goza proporcionalmente da pureza dos ares do paiz, e o seu terreno produz tambem com bastante facilidade.

Espero que, não obstante a falta de artificio e ornato das importantissimas circumstancias acima ponderadas, mereçam a V. Ex. o conceito de verdadeiras, e despidas de encarecimento, servindo-se deliberar á vista d'ellas com a rectidão inseparavel das determinações de V. Ex., cuja pessoa guarde Deus muitos annos. Villa de S. Pedro do Rio Grande, 22 de Dezembro de 1780. -Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa.—*Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.*

Vejo o officio de V. S. de 22 do presente, em que me dá uma bem formalisada conta sobre a duvida da residencia da capital d'esse continente, e ainda que sobre tudo esperava o seu parecer, modestamente o cala, ao mesmo tempo que d'elle muito dependia o acerto da decisão d'esta materia. Porém como V. S. me segura estar ella já decidida pelo Sr. marquez meu antecessor, e não tem mudado as circumstancias, antes considero muito solidos os fundamentos que V. S. dá para ella persistir, bastando para a minha consideração o de se achar Porto Alegre no centro d'esse districto, d'onde devem dimanar todas as providencias, que seriam muito mais tardias dadas de uma á outra extremidade em tão vasto continente, da qual reflexão nascem todas as que podem lembrar para qualquer tempo, ou de socego ou de perturbação, assento que alli deve sem duvida permanecer a sobredita residencia, emquanto Sua Magestade não mandar o contrario ou se não achar n'isso algum novo inconveniente. Terei grande gosto em que succeda ajustar-se n'esta resolução o melhor serviço de Sua Magestade com a maior commodidade de V. S., em que me interesso tanto, quanto V. S. costuma desprezal-a.

Deus guarde a V. S. Rio, 30 de Dezembro de 1780.— *Luiz de Vasconcellos e Sousa.*

(*Original existente no archivo da secretaria do governo em Porto Alegre. Idem, idem. Fl.* 46 *v.*)

CORRESPONDENCIA DO GENERAL CABRAL COM O VICE-REI

1780 — 1786

Illm. e Exm. Sr. — Logo que tomei posse do governo d'este continente fiz publicar ás tropas que o guarnecem a resolução de Sua Magestade, dirigida a V. Ex., em virtude da qual foi restituido ao dito continente, e ao exercicio do posto que dignamente occupava, o coronel Rafael Pinto Bandeira, que tinha sido remettido debaixo de prisão a essa capital pelo governador José Marcellino de Figueiredo, e que não obstante era notorio na real presença da mesma Senhora o seu distincto comportamento durante toda a guerra do sul.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Porto Alegre, 3 de Junho de 1780.—Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa.— *Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.*

(*Idem, idem. Fl.* 3 *v.*)

Illm. e Exm. Sr. — No dia 5 do corrente cheguei a esta villa, acompanhado do coronel Rafael Pinto Bandeira, ao qual tenho encarregado o commando da fronteira do Rio Grande, que acaba de exercitar com inteira satisfação minha o capitão de dragões Manoel Marques de Sousa.

Remetto a V. Ex. o saco de cartas junto, dirigido pelo coronel Vicente José de Vellasco Molina, o mappa das tropas, e o geographico d'este continente, com declaração do numero de seus habitantes, e outro da quantidade e qualidade de animaes de valor que possuem.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Villa de S. Pedro do Rio Grande 11 de Outubro, de 1780. — Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa. — *Sebastião Xavier da Veiga Cabral.*

(*Idem, idem.* Fl. 28).

Illm. e Exm. Sr.—Fico na intelligencia da real resolução de Sua Magestade, que me foi participada por V. Ex. e pelo tribunal da justiça da fazenda d'essa capital, sobre os limites das capitanias do Rio Grande e de S. Paulo, destinando-se a esta o registro de S. Jorge, em cuja consequencia, fundado nas ordens de V. Ex.,escrevi ao Sr. general d'ella, para que désse as providencias sobre a retirada do destacamento, composto da tropa d'este continente; ordenando, porém, ao official que o commanda que, logo que passasse o rio das Pelotas (indisputavelmente dentro do districto d'este governo), se situasse na sua margem, com o destino não só de obviar o extravio dos direitos reaes pelo que toca ao registro de Cima da Serra, .mas tambem de proteger os moradores da Vaccaria contra os insultos dos gentios, que ainda não cessaram de ameaçal-os.

Deus guarde á V. Ex. muitos annos. Villa de S. Pedro do Rio Grande, 11 de Novembro de 1780.—Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa.—*Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.*

(*Idem, idem.* Fl. 37 *v.*)

Senhora.—Em conformidade do aviso de Vossa Magestade de 6 de Setembro fico na intelligencia de haver Vossa Magestade resolvido a favor da capitania de S. Paulo a controversia, entre esta e a do Rio Grande, sobre a pretenção em que ambas laboravam a respeito do registro de S. Jorge.

Deus guarde a Vossa Magestade muitos annos. Villa de S. Pedro, 12 de Novembro de 1780.—*Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.*

(*Idem, idem. Fl.* 40 *v.*)

Relatorio do general Cabral feito ao vice-rei sobre o estado do Rio Grande em o 1º de Dezembro de 1783

Illm. e Exm. Sr.—Estando a partir para a demarcação de limites, tudo quanto os meus fracos conhecimentos me fornecem para accrescentar ás informações que até agora tive a honra de pôr na presença de V. Ex., relativas a este continente e ao meu emprego, será patente a V. Ex. á vista das reflexões inclusas,nas quaes tanto me não propuz outra cousa que o adiantamento do proprio continente e descoberta da verdade, que antes eu mesmo não desconheço o muito que a piedade de V. Ex. terá que exercitar-se a meu respeito, disfarçando a falta talvez de muitas providencias que não alcancei devia dar no decurso de tres annos e meio.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Rio Grande, 10 de Dezembro de 1783.—Illm.e Exm. Sr.Luiz de Vasconcellos e Sousa.—De V.Ex.obrigadissimo e fiel criado.— *Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.*

Entre a infidelidade e baixeza de enganar aos superiores, e o atrevimento de desenganal-os, é bem difficil de achar um meio termo que, não tocando os referidos dois extremos, salve no mesmo tempo a consciencia, a honra e o zelo do real serviço, e ainda assim é preciso confessar que no temor de cahir em desgraça consiste o principal motivo d'aquelle obstaculo

O continente do Rio Grande, cujo terreno é assaz proprio para qualquer estabelecimento, não se tem adiantado até o presente, nem se adiantará para o futuro, além das causas sabidas, pela falta de um plano inalteravel, formado em consequencia dos mais solidos, e profundos conhecimentos do paiz e dos habitantes, superior absolutamente ao arbitrio e capricho dos governadores.

Póde ser, e é mui natural, que assim estes, como os seus immediatos e substitutos, desejassem informar com exacção sobre os importantissimos objectos que hão de firmar a base e fundamento do referido plano ; porém os meios de que se serviram, e os repetidos e pessoaes exames a que se não deviam poupar, a experiencia mostra terem sido a causa de o não conseguirem.

A abundancia da carne de vacca, ou para melhor dizer a proporção de a comprar a preço muito limitado, a que o vulgo chama felicidade, dista tanto d'ella que antes pessoa alguma de mediano discurso duvida ser ao regimen de se conservar no maior descuido a agricultura, e em particular auge a preguiça.

De um tão reprehensivel abuso e abandono do trabalho mais essencial ao Estado procede tambem a decadencia e fraqueza do commercio, não havendo cousa que possa fazer mais constante o seu giro que as producções e abundancia

dos generos proprios do paiz, principalmente em que o dinheiro é escasso e se não conhece espirito de economia.

O clima do Rio Grande não deixa de ser favoravel, e de ordinario constitue robustos os seus moradores: é verdade que para isto não concorre menos o pouco melindre com que são creados, a maior parte do tempo expostos ao rigor d'elle, sem outro abrigo que o das insignificantes e dispersas habitações, que é notorio; costumados a trabalhos violentos, posto que adaptados ao seu genio, quaes são: andar muitas vezes acceleradamente a cavallo, laçar, matar e preparar as rezes, que devem servir para o sustento diario e xarque, como tambem vigiar em campo aberto sobre a conservação dos animaes cavallares e vaccuns, em que consiste a sua riqueza. Estes exercicios commummente, ao passo que cream os homens robustos, os costumam a uma certa indifferença ou desprezo dos prejuizos e incommodos dos seus compatriotas; além d'isso a separação e deserto em que vivem a maior parte d'elles leva a um tal excesso aquella displicencia, que não falta hoje em dia mesmo quem n'este paiz commetta toda a casta de crimes sem ser provocado pelos objectos da vingança ou cobiça, que em outro qualquer sitio servem de pretexto ou desculpa aos delictos; e que a multiplicidade d'estes proceda em grande parte da ignorancia crassa que tem feito necessaria a absoluta falta de mestres, e de ensino das artes e das sciencias; só poderá duvidar quem não estiver convencido que uma semelhante peste é a ruina dos Estados.

Comtudo, por mais que seja difficil de acreditar, ainda ha n'este continente defeito e damno mais insupportavel que a existencia dos delictos e delinquentes; o que na realidade se não póde soffrer, nem experimentar sem assombro, é o particular asylo e agazalho que encontra qualquer malvado, seja homicida, ladrão, desertor, contraban-

dista, etc., da parte d'aquellas mesmas pessoas, que tinham toda a obrigação de os prender, perseguir e evitar. O mesmo rectissimo e sapientissimo tribunal da relação do Rio de Janeiro, achando-se nas circumstancias de deliberar e decidir á vista dos crimes commettidos n'este continente pela inspecção dos processos formados por juizes leigos, que de ordinario deixam de substanciar os delictos; ou o fazem incurialmente e sem tirar a mascara aos culpados, não póde escapar a sorpreza de conceder livremente e julgar innocentes a varios individuos, que, sem mudar de costumes, voltam a ser o flagello do dito continente.

Ninguem duvida ser o commercio do contrabando prohibido pelas leis, e como tal illicito sem controversia ; não obstante a linguagem do paiz é que n'elle seria util disfarçal-o por varias e apparentemente tão especiosas razões como as seguintes: enriquecer o povo, augmentar os direitos do soberano, e fazer intrepidos e praticos do paiz aquelles sujeitos que se empregam no referido trafico. Aos que assim fallam pergunte-se quantos d'entre o povo têm enriquecido, melhorado de fortuna ou engrossado por semelhante meio o real serviço; e estou certo responderão que nenhum, posto insistam em que não deixa de haver contrabandistas. Igualmente serão obrigados a confessar ou confirmar que o desembaraço e aptidão de quasi todos elles se limita ao tempo da paz e ás occasiões que envolvem os seus particulares interesses; observando-se no da guerra, em que podem ter lugar as hostilidades e ser admittidos os seus executores, que desapparecem absolutamente, reduzindo-se assim as forças e consistindo toda a defesa de um tão vasto paiz na pouquissima tropa regular que o guarnece, e em tal ou qual auxiliar que se lhe aggrega ; mas, concedido que alguns particulares tirassem utilidade do contrabando, não seria argumento para

se não castigar com penas graves um delicto e vicio que na mais solida harmonia faz conservar as armas nas mãos ás ditas fronteiras confinantes e aos governadores, produsindo contestações, que por fim vêm á acabar com a tranquillidade publica. E se ainda assim houver quem diga que a um habil economico e politico nada incumbe tanto como esforçar-se para vencer difficuldades d'esta natureza, fazendo combinaveis com a boa fé e obediencia devida aos reaes tratados os lucros que a conjunctura nem sempre offerece, e a prudencia ensina a não desprezar, saiba que os chamados contrabandos do Rio Grande raras vezes deixam de consistir em tomar o alheio por força sem despender um só vintem, espancar ou matar a quem pretende estorvar semelhantes desordens, e pôr em descoberto e na necessidade de responder por ellas o chefe da fronteira em que se comettem. Além d'isso, para que de uma vez se desterre o contrabando,caso negado de haver alguma circumstancia que o fizesse toleravel, basta reflectir nas proximas, e frequentes rapinas e extorções de gado, que têm consumido a maior parte da cavalhada, incomparavelmente mais necessaria para o real serviço, ao ponto de se achar o paiz reduzido á consternação de ser n'elle custoso tirar, sem que fizesse falta aos lavradores, o curto numero de cavallos que foi preciso comprar para a diligencia da demarcação,

A' grande difficuldade de conseguir que os malfeitores sejam tratados como merecem, accresce a prejudicialissima falta ao menos de uma cadêa ou prisão segura, construida no interior do paiz, ou em outra qualquer parte que parecer proporcionada, sem aquella excessiva e mal entendida economia, que não é possivel produzir edificio capaz para semelhante fim, desterrando o abuso que consiste em assentar que não póde haver cadêa sufficiente

sem que seja parte de uma casa de camara sumptuosa, como se a mesma fosse de igual necessidade e não houvesse muito mais meios de supprir-se.

O seguinte caso, succedido a poucos mezes n'este continente, assaz estranho e horroroso em outra qualquer parte aonde semelhantes factos fazem a devida impressão, tará talvez para persuadir a absoluta e incomparavel necessidade de segurar os criminosos: um d'elles que o menor delicto que tinha era ser desertor do real serviço, e da cadêa do Rio de Janeiro, costumado desde criança a toda a qualidade de maldades, apresentou-se com um unico companheiro em uma das estancias da fronteira do Rio Pardo, em que havia bastantes pessoas de ambos os sexos, e encontrando o dono da casa disse-lhe em breves palavras que aquella visita que ia fazer-lhe tinha por obejcto levar a propria mulher e cunhada d'elle estancieiro; não se intimidou este á vista de tão estranha resolução, e, sem embargo de conhecer o grande risco que corria em querer embaraçal-a, honradamente intentou pôl-o por obra, e o conseguiria se ao depois de fatigar braço a braço o seu adversario, e de ter despojado das armas de fogo, lhe não deixasse outra igualmente decisiva, uma faca de ponta com que foi morto: a isto seguiu-se a presa da cunhada, e o desengano que a mulher não apparecia; a poucos passos resistiu o dito assassino á partida de dragões, destinada a prendel-o, disparando contra ella duas outras armas de fogo, e por fim, ao depois de preso em ferros e com as maiores recommendações, fugir da menos má prisão que tem o paiz na villa de S. Pedro, e obrigar o governador a reclamal-o a Buenos-Ayres, ilha de Santa Catharina e capitania de S. Paulo.

A prejudicial falta de um julgador letrado, fixo, bem intencionado e muito desinteressado, é palpavel, não menos

que a necessidade de residir por ora no Rio Grande, com o seu escrivão, um dos juizes ordinarios que figuram na camara, intitulada de Porto Alegre ; a difficuldade, porém, de ajuntar e muito mais de conservar em sujeito proporcionado circumstancias tão recommendaveis como raras n'este continente, tem n'elle feito preferivel a falta da justiça a outro maior mal que encerra o seu extremo rigor, principalmente misturado de ambição, que ao passo que destroe fica cada vez mais insaciavel; não sendo comtudo menos perigosa a demasiada brandura e moderação, que em lugar de reconhecimento costuma aqui originar o desprezo e atrevimento mais inaudito. Outro objecto digno de particular ponderação é a poderosa influencia que exercitam os parochos em um povo tão destituido de industria, artes e justiça, e de que elles mesmos por necessaria consequencia são os directores, tanto no espiritual, que lhes pertence, como no temporal, em que se não devem intrometter.

A Providencia conserva na verdade entre aquelles ecclesiasticos alguns exactos e exemplares ; porém o maior numero, relaxados ou ambiciosos, longe da sombra e obediencia do seu legitimo pastor, servem menos de edificação que de ruina : é de crêr que a muitos o seu *desarreglo* e uma bem merecida demonstração de severidade os conserva por estas partes tão remotas do Rio de Janeiro, sendo certo que de semelhantes, ainda sem prevaricarem, se não tirará nunca a minima utilidade.

A distribuição dos terrenos que Sua Magestade manda repartir e povoar pelos seus vassallos, devendo praticar-se com a equidade, circumspecção e conhecimento que requer semelhante materia, succede de ordinario tanto pelo contrario, que, apezar de quantas medidas se tomam para impedir o progresso da dita desordem, ella faz patente a in-

soffrivel desigualdade com que uns dos ditos vassallos, sem relevante merecimento e com desmarcada ambição, desfructam a maior e melhor porção dos referidos terrenos, de que por consequencia se vêm absolutamente privados, e na maior miseria outros muitos,que talvez deveriam ser tanto ou mais contemplados que os primeiros,cujas posses procedem não só do legitimo titulo de sesmaria, ou despachos competentes, mas tambem do reprovado abuso de fantasticas vendas e cavilosos traspassos, e o que mais é de intrusões escandalosas, capeadas com os frivolos pretextos de descobridores dos expressados terrenos, de que apenas assignalados com uma cruz ou outra qualquer balisa, pretendem se lhe devolva o dominio.

Não ha duvida que, sendo os governadores mais acautelados contra as informações em que não devem confiar, antes supprir por meio dos seus proprios conhecimentos se remediaria em grande parte aquella desordem ; digo em grande, porque totalmente só o forte braço e eminente autoridade dos Exms. Srs. vice-reis seriam capazes de conseguil-o, tendo presente que a mesma ordem regular que se observa nas informações para obter sesmarias é sujeita a equivocações e enganos, em que necessariamente hão de laborar os pareceres dos officiaes da camara e fazenda real, que se mandam ouvir sobre terrenos que nunca pezaram.

Até aqui não ha individuo que se não supponha autorisado para pedir e alcançar terrenos, facilidade originada da praxe de consistirem as indagações que precedem a concessão d'elles unicamente sobre se estão ou não devolutos, sem attender á sua verdadeira situação e limites, nem ao merecimento e haveres dos pretendentes; ao mesmo tempo que a mente de Sua Magestade parece dar preferencia entre todas as classes de pessoas aos lavradores e estaucieiros cabeças de casal, que tiverem maior

numero de escravos e gado para povoar e cultivar os sobreditos terrenos. A este fim seria justissimo se não distrahissem os filhos dos proprios lavradores, fazendo-os entrar nas tropas, se a indispensavel necessidade da sua conservação e a falta de recrutas de diverso paiz o permittissem, ou fosse bastante supplemento a remessa de alguns culpados que a experiencia mostra se não emendam, antes peioram em terra de tanta liberdade e costumes tão relaxados, aonde o desertar e desapparecer é facilissimo. Ainda que acima se refere não faltar robustez aos filhos do paiz, como são por natureza inconstantes e pouco soffredores, em poucas partes será tanto ou mais prejudicial retardar o pagamento e fardamento aos militares que ainda na paz não estão viciosos, sendo poucos os que de ordinario se conservam além do serviço ordinario, destacamentos, guardas de registro, etc., para fazer reinar o socego publico, perturbado a cada passo por vagabundos e facinorosos nacionaes e estranhos.

O estabelecimento e introducção dos indios no continente, sendo na apparencia util em razão de augmentar o numero dos vassallos de Sua Magestade, foi, e é na realidade prejudicialissimo por causa da qualidade dos mesmos indios : elles são sem encarecimento, e quasi sem excepção de regra, menos avisados que outra qualquer nação ou classe de gente, sujeitos aos vicios em extremo, principalmente preguiçosissimos ; a unica cousa menos má que têm é serem robustos e soffredores d'aquelles trabalhos a que á força os obrigam.

Dos costumes e propensões dos moradores do Rio Grande é facil inferir que o bem commum lhes deve menor interesse que a outro qualquer povo mais civilisado ; porém que o mesmo bem commum seja absolutamente desprezado e preferido pelo particular, custa a crêr, e não menos que o

concerto das fontes, pontes e estradas, se julgue superfluo, e de um peso insupportavel aos paisanos, e isto por mais que se lhes faça vêr que, sem se vencerem aquellas e semelhantes difficuldades, nem é possivel que tenham sahida, e se reputem competentemente os generos proprios do paiz, nem que o commercio deixe de experimentar o mais nocivo empate.

Devendo os habitantes d'esta terra, á semelhança da Europa, conservar, e beneficiar a porção que se lhes destina para seu estabelecimento, e de seus descendentes, succede tanto pelo contrario que a maior parte ou vendem, ou abandonam as suas posses sem outra consideração que a de poder gastar o producto á sua fantasia, e ao depois illudir o governador para alcançar nova graça, de que se segue não haver casa nem fazenda que interesse e fie-se aos particulares, e menos seja util ao Estado. Estimam o gado, porque o campo lhes fornece o sustento, e sem muito trabalho podem tirar d'elle alguma utilidade ; conhecem que as maiores são reservadas á agricultura, e comtudo plantam e lavram violentos e por necessidade.

Construir villas ou freguezias, e povoar no mesmo tempo campanhas vastas e desertas, isto é o que se tem pretendido, e jámais alcançado no Rio Grande, e creio o mesmo succederia em outra qualquer parte que se intentasse, ainda com mais gente e menos falta de meios. Os paisanos ou hão de morar nas povoações em sociedade e sujeição ás leis, e ir nas occasiões opportunas cultivar as suas terras, ou assistir continuamente n'ellas, separados de toda a communicação e soccorros, até da propria missa que a distancia em que vivem da freguezia lhes não permitte ouvir mais que rarissimas vezes. Seja como fôr, claro está que apenas poderão fabricar uma casa sufficiente ; resta decidir se ha de ser no povo ou no campo; advertindo que n'este

segundo caso bastará formar um arraial na freguezia, e no primeiro um insignificante arranchamento para fazer a sementeira e colheita na estancia ou herdade.

Não sendo, segundo os calculos mais ajustados que se têm feito, util, antes prejudicial á real fazenda, a conservação e administração de differentes estancias em que se não póde dispensar quantidade grande de capatazes, peães cabos, simples peães, e outros individuos ou aggregados, cujos salarios, sustento e desperdicios, não só equivalem, mas excedem o insignificante producto dos ditos estabelecimentos, quando não são costeados pelos proprios donos, ajudados de seus filhos e escravos; ainda assim não é justo alienar por pretexto algum da mesma real fazenda, seja no todo ou em parte, o rincão ou estancia de *Bujurú*, distante da margem septentrional do Rio Grande doze leguas, cuja situação entre a costa do mar e *Lagôa dos Patos* extensão e boa qualidade de pastos, o recommendam para um deposito de boiada e cavalhada indispensavel ao real serviço na fronteira do Rio Grande.

Tem lembrado a varias pessoas que se não deve cortar a orelha aos cavallos que pertencem á real fazenda, com o fundamento de que o dito signal impede a venda dos mesmos cavallos, o que é livre aos particulares e possivel guardar os seus sem semelhante divisa, mas com marca propria de cada um dos sujeitos que possuem animaes d'aquella e differente especie; este arbitrio, porém, não foi até agora admittido, primeiramente porque os mesmos particulares, que têm sem comparação menos cavallos dos que são precisos á real fazenda, continuamente se queixam e clamam porque lh'os furtam, não obstante as marcas que com toda a facilidade se desmancham e da mesma sorte admittem contra-marca; em segundo lugar, que mais póde pretender de um cavallo quem deu por elle quatro

mil réis senão que o sirva toda a vida laboriosamente sem sustento, ferraduras, nem curativo. Finalmente, para que as novas fabricas e plantações, que se pretendem estabelecer e propagar por todo o continente, correspondam aos grandes interesses que d'ellas se póde esperar, é necessario, além da existencia de meios proporcionados, desterrar antes a preguiça e miseria em que vivem a maior parte dos lavradores, a quem de muitos annos se estão devendo porções consideraveis do fructo da sua industria; pelo contrario, desconfiados sempre que para o futuro se lhes fará a mesma violencia, longe de dar ouvidos, e menos prestar fé ás utilidades que lhes offerecem os novos estabelecimentos, deixar-se-hiam antes constranger que cultivar mais que o preciso para saciar a fome e precaver a nudez; preoccupações e prejuizos estranhaveis na verdade, mas que não devem desanimar a quem reflectir, que a povoação do continente do Rio Grande principiou a menos de cincoenta annos, tempo em que soffreu por duas vezes com a guerra as calamidades que lhe são annexas, que até o presente tem dependido e depende do plano acima mencionado; accrescendo a tudo o grande desconto de se considerar tão afastado da sombra e presença dos Exms. Srs. vice-reis, debaixo de cujos auspicios unicamente aspira a ser feliz, fazendo-se util ao real serviço. Villa de S. Pedro do Rio Grande, 10 de Dezembro de 1783. — *Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.*

Exm. e Rvm. Sr. —Preferindo antes não faltar á minha obrigação, que achar meios de desculpar-me na presença de V. Ex., participo cheio de submissão a V. Ex. que

amanhã pretendo dar principio á minha viagem para a demarcação de limites, aonde reputarei por grande felicidade que V. Ex. se queira servir do meu limitado prestimo e profundo respeito.

Deus guarde á V. Ex. muitos annos. Rio Grande, 22 de Janeiro de 1784. De V. Ex. mais humildo, e obrigado criado. — *Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.*

Senhora.— Ao coronel Rafael Pinto Bandeira, que em minha ausencia se acha commandando o continente do Rio Grande, remetti o aviso de Vossa Magestade para se descontar ao alferes de infantaria Manoel Caetano de S. José, pela quarta parte do soldo que fôr vencendo, o que recebeu adiantado n'essa capital, conforme declara a guia do thesoureiro geral das tropas d'ella, insinuando ao sobredito coronel que fizesse immediatamente executar o referido aviso.

Deus guarde a Vossa Magestade muitos annos. Acampamento de Chuy, 9 de Fevereiro de 1784.— *Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.*

Illm. e Exm. Sr.—Passa de anno e meio, que V. Ex. foi servido mandar-me informar individuadamente sobre o estabelecimento dos indios da aldêa de Nossa Senhora dos Anjos: e só agora, sem preceder a minima omissão minha como a V. Ex.é bem notorio, se acham vencidos os obstaculos que

por tão dilatado tempo impediram chegassem ás minhas mãos,extrahidos da provedoria da real fazenda e archivo dos mesmos indios, os indispensaveis documentos sobre que eu posso e devo fundar a referida informação, e execução da respeitavel providentissima ordem de V. Ex. de 10 de Abril do anno proximo passado.

N'ella me adverte V. Ex., para meu governo, quaes foram n'essa cidade, e é natural que sejam na côrte de Lisboa, as proposições e declamações de meu antecessor o brigadeiro José Marcellino, tratando a respeito do dito estabelecimento de exagerar os seus trabalhos, e descuidos ou máo methodo do seu successor, costume muito natural de todos os que têm necessidade de inculcar serviços, e lhe vai por esta fórma até certo tempo melhor do que a muitos, que na realidade os fazem sem ambição e com absoluta negação para lhe conciliar o legitimo, quanto mais maior valor.

. . . . . .

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Rio Grande, 25 de Novembro de 1784. —Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa. — *Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.*

Participação dirigida pelo general Patricio José Corrêa da Camara ao governador do Rio Grande, no 1º de Setembro de 1801, sobre a tomada de Missões pelo soldado José Borges do Canto (*).

Illm. e Exm. Sr.—Não posso deixar de fazer justiça aos relevantes merecimentos do soldado do meu regimento, e da 1ª companhia, José Borges do Canto, que, obrando as mais imaginaveis tentativas dirigidas ao bem e vantagem do serviço de S. A. Real, tem sabido mostrar o seu valor, e zelo para as disposições mais ajustadas e convenientes ao mesmo real serviço. Elle, guiando-se com o espirito das minhas ordens, soube tambem respeital-as, que, quando me achava vacillante em alguma falta d'ellas pelo seu discurso as não poder combinar, executou de fórma que até as fez augmentar no ponto mais elevado e interessante ao serviço do principe nosso senhor.

Todas as disposições com que valorosamente atacou ao inimigo, tão desmedidamente superior em forças, não era para projectar a fiança do seu valor, e de quarenta e tantos homens que sómente o acompanharam; porém foi um rasgo de aventura que o favoreceu no desprezo da vida, com que elle e seus companheiros tão justamente se sacrificaram no serviço de S. A. Real. Foi-lhe offerecida capitulação pelo tenente-coronel governador dos sete povos da Ribeira Oriental D. Francisco Rodrigo, que, achando-se senhor de dez peças de artilharia, estas laboravam fogo vinte e quatro horas, e de cento e cincoenta homens de armas que tambem fizeram resistencia com fogo de mosquetaria, e o muito crescido numero de indios que cooperavam para a mesma defesa; nada foi bastante para a

(*) E' este o documento que teve sem duvida á vista o visconde de S. Leopoldo nos *Annaes da capitania de S. Pedro*, á pag. 221; não existindo na secretaria os de que faz elle menção, e sendo os acontecimentos os mesmos.

intrepidez d'aquelle bom soldado, que tem o heroico nome de portuguez, fazendo realçar a gloria do seu regimento, porque, desprezando o continuado fogo, sitiou e assaltou a parte da maior resistencia, fazendo-se senhor d'ella, matando alguns dos contemplados inimigos, e por esta causa foi de necessidade aquelle tenente-coronel fazer a expressada capitulação, posto que sem nenhum vigor.

Tambem lhe foi companheiro em toda a occasião da sua gloria Manoel dos Santos, filho do fallecido alferes Manoel dos Santos, que serviu de vaqueano da expedição.

Todas as ponderadas circumstancias as devo pôr na respeitavel presença de V. Ex. para que aquelle benemerito soldado seja attendido com o justo premio, que V. Ex. se dignar dar-lhe á proporção do seu merecimento, e este não menos, porque em todos os iguaes trabalhos têm mostrado valor e amor ao real serviço.

Remetto, finalmente, quatro estandartes d'aquelles povos, tres chaves de archivos, tres padrões e tres remates dos ditos estandartes, que tudo me enviou o mesmo soldado, ficando de assim continuar a verificar com os mais de outros povos, e para essa occasião tambem as mais chaves, hastes, remates e padrões. Vai uma relação do que se tomou em S. Miguel, que tudo e ainda muito julgo a esta hora em arrecadação pelo quartel-mestre do regimento.

O forriel portador igualmente se achou no ataque de S. Miguel, e sobre elle me faz todo o louvor o soldado José Borges do Canto.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Rio Pardo, 1° de Setembro de 1801.—Illm. e Exm. Sr. general governador. —(Assignado) *Patricio José Corrêa da Camara.*

Participação do coronel Manoel Marques de Sousa de 17 de Outubro de 1801 (*)

Copia.—Sr. sargento-mór e ajudante das ordens José Ignacio da Silva.—Meu amigo e senhor do coração. Visivelmente vejo que Deus tem querido abençoar os nossos designios. Queira Vmcê. participar a S. Ex. que hoje, das 9 horas para as 10 da manhã, aconteceu atacar-se uma partida hespanhola de cento e sessenta homens escolhidos com outra nossa de duzentos, a saber: a companhia de Antonio Xavier de Azambuja, a do capitão Antonio Rodrigues, e um pequeno esquadrão de quarenta praças da legião e dragões, commandado pelo alferes Hyppolito do Couto, cuja partida mandei sahir para examinar que numero de tropas inimigas seria a que estava acampada a tres quartos de legua distante do Passo do Perdiz, quasi defronte do nosso acampamento, cuja partida hespanhola dava bem a perceber ter outro designio, que aquelles que até agora elles praticavam, pela approximação e apparecimento que faziam. Sahiu a nossa ao entrar da lua e approximou-se ao lugar em que se suppunha a inimiga, mas não achou-se mais que os vestigios. Seguiu a nossa para cima da serra, á legua e meia do passo, e d'alli avistaram a inimiga que caminhava já para a nossa, a qual fez alto. A hespanhola tambem o fez, dispondo-se para um ataque; metteram-se entre duas vertentes que lhe cobriram os flancos, apearam-se como cem homens, formando uma fileira singela, cobertos os lados com dois pequenos esquadrões de armas e lanças, e assim postos n'esta fórma com muito desembaraço e accordo dos officiaes, e a resolução de quarenta bons dragões, experimentados belendengues e milicianos escolhidos, desafiavam a nossa, a qual tomou a boa deliberação de atacar com a espada na mão debaixo do fogo. Chegou

(*) Citada nos *Annaes* do visconde S. Leopoldo, pag. 208.

o dia de horror para mim, vendo que ficaram cincoenta e dois mortos no campo da batalha, trinta feridos ou trinta e um, estando muitos d'estes mortalmente, e prisioneiros um capitão, um tenente e um alferes, e um sargento de dragões, velho, quarenta e sete soldados, e o resto fugiu. Dos nossos, por infelicidade, morreu um cabo de esquadra da legião, e cinco feridos dos auxiliares e aggregados, sendo um d'estes mesmos ferido pelos nossos, suppondo castelhano, dos quaes dois estão em perigo. Aqui estão quatro cirurgiões, e o de Estremoz foi curar os que ficaram no passo, por não poderem ser transportados, e os outros estão a tres horas fazendo as curas sem poderem vencer. Todos os pannos e fios que tinhamos acabaram-se, e amanhã comprarei pannos novos para as tiras. Fico dispondo a conducção d'elles, que me occupa muita gente e cavallos, e os feridos tambem me embaraçam. Acredite Vmcê. que foi um choque muito renhido; os dragões, entreverados com a nossa cavallaria, defenderam-se valorosamente, e por isso morreu muita gente e a maior parte dos mesmos dragões. Pela carta junta de officio do commandante do Serro Largo para o capitão verá Vmcê.,que a tal partida era destinada a fazer-nos alguma tentativa que não se tinha deliberado a fazer. O tenente-coronel, graduado de coronel, marchou de Serro Largo com a grande partida de seiscentos homens, dizem alguns prisioneiros que com destino para Missões, com quatro peças e dois obuzes, um capitão de dragões do 2°, e toda a tropa de belendengues e milicianos. Tudo isto é quanto tenho a participar a S. Ex., e que me disponho para a outra diligencia,logo que se recolha a gente que conduz estes prisioneiros, que talvez chegarão a essa villa a não acharem no Beca trinta pessoas para os receber. Dê-me Vmcê. noticias das melhoras de S. Ex., a quem beijo os pés com o maior respeito.

Deus guarde a Vmcê. muitos annos. Acampamento de Jaguarão, 17 de Outubro de 1801. De Vmcê. o mais obrigado amigo.—*Manoel Marques de Sousa.*

P. S. Pelo effeito da acção bem se mostra como se portou toda a nossa gente; o capitão Azambuja gaba muito o alferes Hyppolito e um tenente que aqui está, de Minas, voluntario.

O commandante da nossa partida era o dito Azambuja, e em segundo o capitão Rodrigues. Os capitães prisioneiros são dois, um alferes e um cadete, etc.

Participação do tenente-coronel Patricio José Corrêa da Camara de 10 (não 6) de Novembro de 1801 (*)

Copia.—Sr. Francisco João Roscio.—Meu amigo e senhor do coração. Fui entregue da estimavel carta de V. S., que acompanhou a copia do tratado de paz com que a Providencia Divina pôz termo aos nossos padecimentos; e queira ella trazer a estes destinos afim de evitar os desasocegos e trabalhos, que, posto por aquella parte tenham limite, nunca terão os nossos fataes desgostos quando se verifique a infeliz perda do nosso amante general. Eu aqui me acho acampado na absoluta resolução de ir atacar um corpo inimigo de setecentos e tantos homens, que com dois obuzes, dois carros manchegos, duas peças de pequeno calibre e treze carretas, se encaminhavam a querer reconquistar a villa e guarda de Batovi, intentando a sua passagem em um dos passos d'este rio Santa Maria, e, recebendo o immediato aviso, marchei velozmente com o corpo que

(*) Citada á pag. 213 dos *Annaes* do visconde de S. Leopoldo.

tinha a guarnecer os passos do dito rio, já achando-os guarnecidos, e repellindo as tentativas do inimigo o corpo que no dito Batovi tinha debaixo das ordens do capitão Sebastião José de Oliveira; apenas, pois, me encaminhei a este lugar logo avistei o inimigo; levando o meu corpo debaixo de uma formatura tal, que supporia o mesmo inimigo ser de uma força redobrada ou quasi semelhante ás d'elle; ignorando consequentemente o numero de gente com que estavam prevenidos todos os passos pelo corpo de tropas do referido capitão Sebastião José de Oliveira, que nem um, nem outro perfazia mais do que ao numero de quatrocentos homens, entrando n'estes os homens de armas. O dito inimigo, não separando gente alguma da sua grande partida, dirigiu-se com todas as suas forças a intentar passar no Passo do Rosario, e antes de n'elle chegar o achou defendido por um esquadrão de dragões e outro de auxiliares; desistiram da empreza, satisfazendo-se em atirar varios tiros de obuzes e peças, cujas balas, sem offender a um só dos nossos soldados, felizmente lhe passavam por cima das cabeças; e na occasião de darem os ditos tiros foram procurando occultar a retirada das carretas, que apenas as viram adiantadas puzeram-se tambem na mesma retirada, e se foram acampar no cume de um serro, bem á nossa vista, uma hora antes de anoitecer; e apenas escureceu, precipitadamente caminharam toda a noite, estando a minha tropa toda vigilante e eu sem cessar atravessando os grandes pantanos, indo positivamente revistal-os nos ditos passos em que se achavam, e com distancia não pequena de um a outros. Apenas amanheceu o seguinte dia procurei investigar pelo lugar onde se tinham acampado a vêr se descobria alguma cousa; nada avistei: logo fiz passar bombeiros á outra parte, ainda persistindo eu na desconfiança de que elles não tivessem levantado o seu

No dia seguinte procurei o vice-rei, requerendo-lhe o cumprimento da sobredita carta régia e aviso, que a tudo tem principiado a dar execução, nomeando escrivão e passando as ordens necessarias para se copiarem as instrucções da junta da fazenda e pauta da alfandega d'esta capital, e serem entregues, na conformidade das reaes ordens, para o estabelecimento de uma junta de fazenda na capitania do Rio Grande de S. Pedro, e eu melhor informar sobre a taxação e variação com que deve ser formada a pauta da nova alfandega na mesma capitania, differente das outras da America, sendo estes estabelecimentos bem precisos n'aquelle continente. O primeiro pelo máo methodo de arrecadação em que alli se acha a real fazenda, e pelo pouco que se tem cuidado em augmentar as suas vendas; o segundo, porque tendo esta capitania um grande commercio com toda a America, e algum com a Europa, póde concorrer com os seus direitos para a despeza da mesma capitania. Pelo que respeita a este ultimo estabelecimento, tenho feito aqui as averiguações que me são possiveis, pelos negociantes d'esta praça e pessoas intelligentes, sobre o commercio d'aquelle continente, de que tenho alcançado que elle será sem vexame dos povos, de utilidade á real fazenda, e como este seja um dos principaes pontos que tenho em vista, julgo dever representar a V. Ex. que a formatura da nova pauta da alfandega, a grande distancia que ha do Rio Grande a essa capital, tudo concorre para demoras, redundando estas em prejuizo da real fazenda por falta dos seus direitos, o que se poderia evitar sendo do agrado de S. A. Real, que, tendo formado a pauta e sua taxação, na junta da fazenda da propria capitania, se nomeassem os officiaes mais precisos para servirem e receber interinamente os direitos de alguns generos, em que me parece

não haverá duvida de lhe serem postos, como são tabaco, assucar, aguardente, vinho e pretos; que sendo os primeiros generos de luxo, a maior parte não fica no paiz.

Tendo S. R. Alteza ordenado, pela sua carta de 14 de Julho do presente anno, que o ouvidor da camara do Rio Grande de S. Pedro, que tem residido na ilha de Santa Catharina, mude a sua residencia para a dita capitania, sendo um dos deputados da junta da fazenda, servindo n'ella de juiz executor, e achando-se presentemente este lugar vago, não havendo outro ministro para supprir; V. Ex. conhece a falta que deve fazer, e a precisão que ha da sua nomeação para bem do real serviço.

Querendo aproveitar o tempo que sou obrigado a demorar-me no Rio de Janeiro, com utilidade do real serviço, em averiguações, d'aquella capitania, tenho conhecido que os rendimentos que tem actualmente não chegam para as suas despezas; mas tambem tenho a satisfação de dizer a V. Ex., que pelas mesmas informações tenho alcançado, que ella em si tem meios para rendas superabundantes ás suas despezas;que logo estes se lhe busquem, o que os meus predecessores talvez não tenham feito, por terem governado sempre aquella capitania com uma total dependencia dos vice-reis, que, residindo em tão grande distancia e occupados com immensos negocios d'esta capital, ainda, apezar das suas boas tenções, nunca poderam acudir ás precisões internas, e que necessitam de promptas providencias, e menos conhecer os meios interessantes d'aquelle continente, para o fazerem prosperar e servir de utilidade á corôa.

Ponho na presença de V. Ex. por copia a carta que me escreveu o padre incumbido da feitoria do linho canhamo no Rio Grande de S. Pedro, por onde V. Ex. verá o deploravel estado em que está aquella cultura e seus esta-

belecimentos; a lista que na mesma carta me diz que me remette, pedindo ferramenta e vestuario para os escravos, a entreguei ao vice-rei, requerendo-lhe alguma ferramenta para levar comigo e dar principio ao trabalho com a minha chegada, emquanto se não formalisa a junta da fazenda, e que receba as rendas da capitania para supprir a estas indispensaveis despezas, e melhor cuidar no seu estabelecimento.

Em 22 do corrente me foi entregue pelo correio um aviso assignado por V. Ex, datado em 5 de Junho do presente anno, no qual S. A. Real me ordena novamente a prohibição do uso das fazendas manufacturadas fóra do reino, á excepção das que são permittidas dos dominios do mesmo senhor na Asia; ficando eu na intelligencia de todo o mais conteúdo no mesmo aviso, que do seu resultado darei parte pela secretaria de Estado da fazenda, como no mesmo aviso me é ordenado.

Deus guarde a V. Ex. Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1802.—Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.—*Paulo José da Silva Gama.*

N. 3.—Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de participar a V. Ex. que no dia 30 de Janeiro tomei posse do governo da capitania do Rio Grande de S. Pedro, sendo instruido pelo brigadeiro Francisco João Roscio, que se achava governando interinamente, que os hespanhoes tinham entre Montevidéo e Colonia do Sacramento um corpo de mil e duzentos homens, e que não obstante a carta que se lhe tinha mandado o governador de Montevidéo, em nome do vice-rei do Rio da Prata, declarando-lhe o destino d'aquella tropa, elle por se acautelar tinha mandado reforçar as

nossas guardas avançadas, que sempre se conservam nas raias que dividem as possessões portuguezas e hespanholas, tendo igualmente ordenado aos commandantes das fronteiras fizessem quanto entendessem para uma vigorosa defesa, e hostilisar aquella nação no caso de nos atacar; em consequencia d'esta ordem os ditos commandantes chamaram a maior parte das companhias de cavallaria miliciana, pondo-se em marcha para o campo com cinco peças de artilharia, que tudo me pareceu muito accelerado e pouca reflexão, pois que as nossas espias não davam noticia de que se podesse desconfiar; as participações dos officiaes das guardas avançadas certificam que os hespanhoes não fazem movimento algum na sua fronteira, conservando-se no antecedente estado, e que a fortaleza de Santa Theresa não tem mais que uma peça de artilharia montada e sete homens de guarnição; combinando eu todas estas noticias, e vendo a carta de que remetto a copia em n. 1, e a resposta do brigadeiro Roscio em n. 2 do governador de Montevidéo, e mais que tudo a grande distancia em que se conserva a tropa hespanhola das nossas guardas avançadas, não havendo motivo algum para julgar maliciosa aquella carta, e que a precipitada marcha da nossa gente obrigaria aos hespanhoes a fazerem outro tanto nas suas fronteiras, e as consequencias que se poderiam seguir, mandei logo sustar a marcha de artilharia, despedir do campo as milicias para acudirem á colheita do trigo, que muita parte se tem perdido pela sua falta, escrevendo ao vice-rei do Rio da Prata e governador de Montevidéo as cartas ns. 3 e 4, determinando comtudo, que as guardas se conservem dobradas, emquanto aquella nação se conservar com a sua tropa unida, e os milicianos promptos nos seus districtos, para acudirem á primeira ordem logo que os movimentos d'aquella tropa o exijam pelas noticias que me trouxerem as

espias que tenho no campo hespanhol e mesmo em Montevidéo; e com estas cautelas posso segurar a V. Ex.,que,ainda sendo as suas tenções sinistras me encontrarão no campo, sem que elles o pensem, a impedir-lhes, quaesquer que sejam os seus projectos.

Em os poucos dias que estou governando esta capitania, me não é possivel cumprir com a minha obrigação, dando a V. Ex. uma exacta conta do seu estado interior, e só poderei dizer d'aquellas cousas que merecem a primeira attenção e precisam prompto remedio; logo que tomei posse, passei a examinar os armazens reaes, achando uma casa com paredes de barro, da grossura de um palmo, construida sem pedra ou tijolo, coberta de telha vã, sendo o madeiramento d'este telhado suspenso em páos a pique; dentro d'esta casa (parte já cahida) achei trinta e nove pistolas quebradas e algumas clavinas no mesmo estado, e pedaços de folha de espada: a casa da polvora é da mesma construcção, edificada no meio d'esta povoação, tendo dentro em si noventa arrobas de polvora em barris destampados; passei depois revista á algumas companhias de cavallaria de milicias, que é o corpo que defende esta provincia, porque a tropa de linha apenas chega para as guardas avançadas da dilatada fronteira; achei os soldados d'aquellas companhias a maior parte sem armamento algum, dizendo-me que as espadas de que se serviram na ultima guerra umas se tinham perdido, e outras quebrado, pelo que lhes mandei fazer páos de ponta para que sendo precisos,não fossem de todos desarmados; mas V. Ex. conhece que semelhante arma pouco offende e nada defende, e a precisão que tem esta capitania de ser soccorrida com armamento de toda qualidade, e de um parque de artilharia para se defender e fazer respeitavel d'estes vizinhos, que talvez por conhecerem o abandono em que tem persistido esta colonia,

sendo tratada como uma villa central da capitania do Rio de Janeiro, se tenham tornado tão orgulhosos e pretendam o que não devem.

Pelo que respeita á fazenda real, julgo nunca houve attenção com este importante objecto, não só pela má arrecadação e falta de economia em que está, como tambem de se não terem augmentado as suas rendas, quando esta capitania tem muitos meios de as accrescentar, tanto nos contratos, como em alguns ramos que por desprezados se não tira utilidade alguma, além das indevidas despezas que a mesma fazenda faz diariamente, como farei presente a V. Ex.,logo que estiver formalisada a junta da real fazenda, de que tenho a honra de ser presidente.

Pelas indagações que tenho feito para conhecer os costumes e conducta dos habitantes d'esta capitania, diligenciando igualmente instruir-me no seu commercio, e quaes são os ramos em que poderão ter maior vantagem, vim no conhecimento da grande porção de fazendas de contrabando, que entra pela barra d'esta capitania, vindo dos outros portos da America, ou recebidos no mar nas embarcações que navegam para este; e como até o presente se não tem procurado meio algum de evitar este pernicioso abuso,mandei pôr os editaes, de que remetto copia, ordenando igualmente que na barra d'esta capitania se metta uma guarda militar em todas as embarcações que entrarem, conservando-se a bordo até o fim da sua descarga, com as instrucções que julguei necessarias para serem apprehendidas as fazendas, e presos os aggressores das leis, emquanto S. A. Real não decide da instituição da alfandega, de que me mandou informar pela secretaria de Estado da real fazenda. Tendo S. A. Real ordenado na sua carta régia, em que mandou formar a junta da fazenda, que o ouvidor da Ilha de Santa Catharina viesse fazer a sua residencia n'esta ca-

pitania, sendo deputado da junta, e n'ella servisse de juiz executor; e como aquelle ouvidor tenha fallecido, ponho ne presença de V. Ex. a precisão que ha d'este magistrado, não só para a junta, como para administrar justiça a estes povos, de quem me vejo cercado com clamores contra o juiz ordinario e rabulas, que trazem aqui tudo enredado com demandas.

Deus guarde a V. Ex. Porto Alegre, 18 de Fevereiro de 1803.—Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.—*Paulo José da Silva Gama.*

Limites com os colonias hespanholas

Carta n. 8.—Illm. e Exm. Sr.—Em execução da ordem de S. A. Real, expedida por V. Ex. em 23 de Julho do anno proximo passado, para que eu informe sobre a demora que tem havido em se concluir a demarcação dos limites das duas corôas na America meridional, de que a côrte de Hespanha se queixa, fazendo-nos culpados por falta de concurrencia dos commissarios portuguezes com os hespanhóes: sou a dizer que, examinando n'esta secretaria as correspondencias dos primeiros commissarios das duas nações, e pelas copias que remetto dos segundos, tenho conhecido o que vou expressar a V. Ex. Póde-se facilmente dizer que por falta de concurrencia dos commissarios portuguezes com os hespanhóes ficou suspensa a demarcação, e se inutilsaram as grandes despezas que com ella tem feito el-rei catholico; mas nunca se poderão provar taes asserções. Os commissarios portuguezes nunca pretenderam cousa alguma distincta da verdadeira e prompta

execução do estipulado no tratado preliminar de limites, nem faltaram a concorrer a esse fim com os commissarios hespanhóes, que nunca tentaram, nem seriamente se prestaram á tal execução, procurando unicamente illudil-a e inutilisal-a, pelos meios estranhos e oppostos ao mesmo tratado e ao accordo combinado das duas côrtes de Portugal e Hespanha. Em 1783, estando o primeiro commissario portuguez na villa do Rio Grande de S. Pedro, veiu alli de Buenos-Ayres D. Felix Azara, primeiro commissario da segunda divisão, sendo objecto da sua jornada conseguir do primeiro commissario portuguez uma demarcação arbitraria, estabelecida e praticada no gabinete. Foi frustrada esta pretenção, não sendo regular admittir-se, com expressa repugnancia ao art. 15 do tratado preliminar de limites e as determinações das duas côrtes; mas era necessario que os hespanhóes usassem alguma tentativa de semelhante natureza, que deu lugar a adiantar os seus estabelecimentos hespanhóes, principiados depois de concluido e ratificado o mesmo tratado, os quaes promettiam e esperançavam boas vantagens por suas favoraveis disposições nas campanhas ferteis e fecundas, em toda a qualidade de producção, além das salinas naturaes, e abundancia de animaes silvestres, vaccum e cavallares, no espaço de mais de cinco gráos de latitude e proporcionada longitude, estipuladas e declaradas do dominio de Portugal, desde o rio mais vizinho, fronteiro ao Igurey, que desagua no Paraguay, especificado para limite, na fórma accordada seguidas para a parte septentrional até a lagôa de Xaray, etc. Não se podendo conciliar os sobreditos estabelecimentos, principiados sobrepticia e intempestivamente, com a pratica inalteravel e fiel da demarcação na fórma determinada no tratado preliminar de limites, da qual tambem se seguia a perda da serra de Maracujú, de que trata a

carta do segundo commissario portuguez no § 43, era indispensavel recorrer aos fingimentos para conservar e cohonestar as ambiciosas idéas, encaminhadas principalmente a augmentar os seus vastissimos dominios á custa dos privativos de Portugal, o que se prova com os affectados esforços com qne pretenderam perturbar a exeçução dos arts. 3 e 4.

No art. 3° não se lê cousa alguma que indique pertencer aos dominios de Hespanha nenhum dos rios ou arroios, que desaguam para o Rio Grande de S. Pedro, os quaes são cedidos a favor dos dominios de Portugal, na fórma estipulada no art. 4°, em que para mais indubitavel clareza se especifica o seguinte: « recommendando-se aos commissarios, que verificarem esta linha divisoria, que sigam em toda ella as direcções dos montes pelos cumes d'elles, ou dos rios aonde os houvér a proposito; e que as vertentes dos ditos rios e nascentes d'elles sirvam de marcos a um e ao outro dominio, aonde assim se puder executar, para que os rios, que nascerem em um dominio e para elle correrem, fiquem desde o nascente d'elles para esse dominio, o que melhor se póde executar na linha que correrá desde a lagôa de Merim até o rio Pepery-Gunes, e em que não ha rios grandes que atravessem de um terreno a outro. » No art. 16 se recommenda aos commissarios, tenham presente que os objectos da demarcação da linha divisoria devem ser a reciproca segurança, e perpetua paz e tranquillidade de ambas as nações; porém nada do exposto se pôde conseguir, houvesse de merecer a attenção dos commissarios hespanhóes preoccupados, e prevenidos de antemão a illudir e transfigurar toda a demarcação encarregada ás primeiras divisões, como se evidencia na fórma seguinte.

Na conformidade do art. 3° se conveiu, estender-se o

dominio de Hespanha na margem septentrional do Rio da Prata, pela parte do mar até ao arroio de Chuy e forte de S. Miguel inclusive,e seguindo as margens da lagôa Merim, a tomar as cabeceiras ou vertentes do rio Negro, etc., cujas expressões, ou por se julgarem melhor especificadas nos artigos seguintes, já acima citados, ou por falta de informações locaes do terreno, ou defeito de expressão topographica nos planos sobre que se estipularam os artigos da demarcação, ou por qualquer outra razão que eu ignoro, deixando alguma especie de amphibologia ácerca dos rios e arroios que desaguam na lagôa Merim, deram tambem motivo aos commissarios hespanhóes para desde estes primeiros principios estabelecerem os preliminares fundamentos do seu systema, pretendendo, se lhes entregassem todos os citados rios, arroios e seus terrenos adjacentes, como consta das contestações dos primeiros commissarios, de que davam contas ás proprias côrtes.

Não se representa menos estranha a opposição a respeito dos limites em que se conveiu no art. 4°, para os dominios de Portugal,nas expressões seguintes: « e pela parte do continente irá a linha desde as margens da dita lagôa de Merim, tomando a direcção pelo primeiro arroio meridional, que entra no sangradouro ou desaguadouro d'ella, e que corre pelo mais immediato ao forte portuguez de S.Gonçalo.» A situação d'este forte é na margem meridional do rio Paratiny, que desagua no citado sangradouro ; ora, sendo declarado portuguez o mesmo forte, segue-se inquestionavelmente serem excluidos dos dominios ou pretenções de Hespanha os rios septentrionaes do sobredito forte, todos povoados pelos portuguezes muito antes do estabelecimento do tratado de limites, sem contradicção alguma ; mas o contrario pretenderam representar, e n'isso insistiram os commissarios hespanhóes, como

consta das mencionadas correspondencias dos primeiros commissarios; de fórma que, não descobrindo modo algum de os encaminhar á razão e ao que é ordenado no tratado, se fez inevitavel recorrer ao expediente interino que ordena o art. 15. Posto que não podessem subtrahir-se ao sobredito recurso e expediente, nem por isso tiveram valor para se accommodarem a esperar a decisão das côrtes ; antes, obrando contra o direito da corôa de Portugal, se apoderaram arbitrariamente, distribuindo os terrenos comprehendidos e banhados pelos mesmos rios, e arroios que desaguam na lagôa de Merim e no Rio Grande de S. Pedro, até o ponto de vir D. Pedro de Mello e Portugal, então vice-rei do Rio da Prata, assistir e dar principio á povoação entrincheirada do Serro-Largo, pondolhe o nome de Villa de Mello, para d'esta fórma deixar indefensavel a villa do Rio Grande, aonde é facil chegar em vinte e quatro horas pelos mesmos rios, que desembocam na referida lagôa de Merim, nos quaes se póde construir occultamente embarcações proporcionadas, com gente e munições conveninetes.

Por semèlhantes modos perturbaram os hespanhóes a demarcação das vertentes do rio Jacuhy acima da serra, e se negaram a dar por investigado o rio Pequery ou Pipiry-Guaçú, Este rio bem conhecido na sua collocação por ser o primeiro da parte septentrional ácima do salto grande do Uruguay, e pelos marcos caracteristicos na sua embocadura, segundo a direcção norte-sul, e procurar de alguma fórma as approximações do Paraná, em nada favorecia a cobiça dos commissarios hespanhóes ; portanto não podiam soffrer que este rio fosse conhecido : se valeram de varios subterfugios; e, vendo o segundo commissario hespanhol que nada lhe valia para o seu projecto, se deliberou em negar, e illudir todos os principios, e factos inegaveis

dos anteriores commissarios e tradições a este respeito, como consta das correspondencias.

Do rio Igurey não descobriu pessoa, nem tradição certa que o declare ; mas sabe-se que na demarcação passada se procurou a baixa do salto grande do Paraná, d'onde desceram a esse effeito exploradores a encontrar o que foram com o mesmo destino agua acima, desde os povos *das Missões Guaranis*, junto ao mesmo rio, e não se havendo encontrado mutuamente taes exploradores,nem dado noticia do *Salto* do referido Paraná, que não ha duvida se encontrou nas explorações de que estou tratando, fica claro que no intervallo, que elles deixaram de explorar, se deve considerar a collocação do dito Igurey, ainda que de certo não ha quem o conheça e o denuncie com a precisa firmeza.

Porém os commissarios hespanhóes não a tiveram, nem admittiram a mesma confissão das suas proprias instrucções, que declaram se deve tomar o primeiro rio acima do *Salto Grande*, visto não se conhecer abaixo d'elle, rio algum com tal nome,cuja causal evidencia á certeza haver-se convindo, e estipulado dever o mesma rio existir abaixo do *Salto Grande*,e não ao interior da capitania de S. Paulo, para onde o querem fazer transferir os commissarios hespanhóes.

Na mesma occasião em que tudo estava duvidoso, se retirou o primeiro commissario hespanhol á Hespanha, deixando sem concurrente o primeiro commisssario portuguez nos povos de *Missões*, onde se conservou perto de tres annos; como confessa o segundo commissario hespanhol na sua carta n. 10 § 17.

No que resumidamente acabo de dizer, me persuado que a falta de soluções sobre as preditas duvidas, que se moveram entre os commissarios portuguezes e hespanhóes,

e das quaes se deram promptas e circumstanciadas contas para as côrtes, têm sido a causa das longas demoras, suspensão de demarcação, regresso dos commissarios e dos facultativos, existindo actualmente (segundo consta) os hespanhóes em Buenos-Ayres, e os portuguezes por toda esta capitania, á excepção dos primeiros commissarios que são fallecidos. Por conseguinte pende o progresso da demarcação da decisão das côrtes sobre as duvidas propostas a respeito das vertentes da lagôa Merim, dos estabelecimentos de *Missões*, e do Pipiri-Guaçú e Igurey, e das novas ordens para a convocação, e ajuntamento dos segundos commissarios e seus respectivos geographos.

Deus guarde a V. Ex. Porto Alegre, 9 de Maio de 1803. — Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia. — *Paulo José da Silva Gama.*

(*Livro 1º das cartas dirigidas ao ministerio desde* 1802, *fl.* 7 *v.* a 10, *existente na secretaria do governo do Rio Grande do Sul.*)

Sobre a producção do linho canhamo.

Illm. e Exm. Sr. — Desejando dar prompta execução ás ordens de V. Ex. sobre o augmento da cultura do linho canhamo, logo que tomei posse d'este governo, passei á aquella feitoria a examinar o seu estado, para dar as providencias que me fossem possiveis e animar esta interessante cultura, que achei em muita decadencia; fazendo as averiguações que achei necessarias, vim no conhecimento que, além de não ter havido a maior actividade, ser o terreno improprio, não só pelo que vi e me informou o padre

que ahi serve de inspector, como outros praticos cultivadores d'este vegetal; e conhecendo o dito inspector o desgosto que mostrei de que as ordens de S. A. Real, expedidas por V. Ex. e pelos Exms. seus antecessores, não tivessem produzido o seu devido effeito, me fez a representação, que por copia remetto inclusa á respeitavel presença de V. Ex., depois de ter sido examinada por pessoas que têm todo o conhecimento do terreno em que existe presentemente a feitoria, e do que é preciso para a sementeira e vegetação do canhamo, que todos concordam em não ser proprio aquelle terreno. Esta mudança, que me não é permittida fazer sem ordem, julgando-a V. Ex. conveniente, se poderá praticar, dando áquelle proprietario, a quem se tirar para a feitoria, igual porção no que deixa a mesma Feitoria, ou em outra qualquer parte que lhe fôr mais proveitoso, pois como estes grandes sesmeiros, e mesmo os das margens dos rios, para onde deve ser mudada a feitoria, se não applicam á cultura, e só cuidam na criação do gado, que é de facil transporte, e que se lhe póde recompensar com igual numero de rezes da fazenda real, das que se acham nos campos em que presentemente está a feitoria, sem que o proprietario com quem se fizer a troca tenha n'esta parte prejuizo algum. N'esta occasião, pela galera *Providencia*, remetto ao inspector da cordoaria de Lisboa duzentas arrobas de linho e sessenta de estopa, produzidas da real feitoria, e com estas vão mais onze de um particular, unico que presentemente cuida n'esta cultura; porque, tendo-se no principio repartido pelos lavradores uma porção de linhaça, alguns d'estes entregaram o linho que nunca se lhe pagou, não obstante as ordens que para isso tem o vice-rei do Estado, e como os unicos lavradores d'esta capitania são ilhéos ou d'elles oriundos, e geralmente pobres, não tendo outro

adjutorio que os proprios braços e de seus filhos, applicando-se a este trabalho que se lhe não paga, ficam impossibilitados de trabalhar nas sementeiras com que remedeam as suas precisões e das suas familias: estas, Exm. Sr., foram as respostas que me deram a maior parte dos lavradores, a quem mandei chamar para repartir por elles a linhaça, assegurando-lhe a benevolencia de S. A. Real, e que seriam pagos de todo o linho que me trouxessem, com o que ficaram muito satisfeitos, promettendo-me toda applicação á esta cultura, que julgo ser o verdadeiro meio de animar esta gente, e propagar sem violencia tão proveitosa cultura.

Não remetto o mappa da população, porque os vigarios, apezar de lhes ter escripto logo que tomei posse d'este governo, pedindo-lhes uma relação circumstanciada dos individuos das suas freguezias, ainda alguns a não deram, e logo que elles a tenham feito o porei na presença de V. Ex.

Deus guarde a V. Ex. Porto Alegre, 22 de Julho de 1803.— Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.—*Paulo José da Silva Gama.*

(*Idem, idem, fl.* 10 *v.*)

Providencias para prosperar a capitania

Carta n. 10.—Illm. e Exm. Sr.—Desejando que á V. Ex. não sejam occultos todos os meus procedimentos no governo d'estes povos, e os meios que busco para que vivam em socego, e que esta capitania se augmente em cultura, commercio e policia, não querendo ao mesmo tempo ser importuno á V. Ex. com uma total narração das ordens que tenho passado, e dos meios que me tenho servido para

evitar os continuados roubos e mortes que se faziam por este immenso continente, não deixarei comtudo de mandar á respeitavel presença de V. Ex. algumas cousas que necessitam de providencias régias, e outras que só servem de fazer sciente á V. Ex. do que tenho praticado no governo d'esta capitania, para que as sabias advertencias de V. Ex. emendem os meus involuntarios erros. Em n. 1 ponho na presença de V. Ex. a representação sobre a má distribuição que se tem feito das terras d'esta capitania; d'ella tem resultado a falta de cultura, d'esta a frouxidão do commercio pela exportação, além da perda irreparavel dos muitos colonos, que se têm passado aos dominios de Hespanha; e para que este modo de repartição de terras não continue sem a decisão da representação que faço, conservo em meu poder trinta despachos do vice-rei do Estado para informar se estão devolutas as terras que pedem por sesmarias, e vendo entre estes uns que já são sesmeiros, e outros estabelecidos fóra d'esta capitania e que nunca a ella vieram, sendo por semelhante modo que se tem feito as cessões e vendas a um pequeno numero de proprietarios, ficando estes senhores de dez e doze leguas, contra a população e a agricultura. Em segundo numero, os nomes das embarcações, seus proprietarios e mestres, que andam no continuo giro de contrabando, o que pude alcançar por um espia que tenho effectivamente em Montevidéo. Estas embarcações conduzem de todos os nossos portos da America, para o de Montevidéo e Buenos-Ayres, escravatura, que serve de augmentar as forças da cultura e defesa dos nossos vizinhos, enfraquecendo as nossas, carregando, em retribuição d'esta escravatura, carnes, couros, farinha de trigo, sebo e graxa, que conduzem aos nossos portos, onde vendem todos estes generos por um preço muito diminuto em attenção ao ganho que já tiveram na escrava-

tura, e serem alli os ditos generos mais baratos que n'esta capitania, seguindo-se d'este clandestino commercio a ruina dos criadores de gado, dos lavradores, dos commerciantes e ultimamente d'esta colonia; estas embarcações umas sahem dos principaes portos, com alguma carga de effeitos do paiz, e despachadas para Montevidéo, e fóra da barra, aonde estão canôas carregadas de pretos, os recebem e conduzem ao Rio da Prata, ou arribam á Ilha Grande, S. Sebastião e Santos, onde os recebem, fazendo a sobredita viagem; outras carregam a escravatura nos principaes portos das capitanias, com despachos para a do sul, indo depois para Montevidéo e Buenos-Ayres; e, para que a sua falsidade não seja conhecida, na torna-viagem arribam a qualquer dos pequenos portos da costa d'aquellas capitanias, onde são pouco escrupulosos em examinar os seus despachos, ou se fazem ignorantes e lhes passam outro para irem entrar nos portos principaes, aonde só mostram o do ultimo porto de que sahiram: haverá quem apparentemente demonstre que este commercio nos é vantajoso, por aquellas embarcações trazerem alguma prata: é verdade que o foi no tempo da guerra, em que as nossas embarcações iam carregadas de effeitos, e da Europa e da America, e a necessidade dos hespanhóes os obrigava a fechar os olhos á sahida da sua prata; porém agora, que não têm as mesmas precisões, sabem impedir a sahida d'aquelle metal, fazer os seus interesses, dando em troco da escravatura os effeitos do seu paiz; e como a carga d'estes generos não póde equivaler á escravatura que importaram, fica em divida para a outra viagem: eu quero mesmo conceder que parte d'esta escravatura fosse vendida a dinheiro; e, conduzido aos nossos portos, para quem seria o lucro d'este commercio? Para dez ou doze homens, fazendo a ruina dos criadores de gado, dos lavradores

e commerciantes, não só d'esta capitania, como de toda America ; ainda das nossas praças da Europa, pelo encadeamento de uns com os outros, e consequentemente do Estado.

O contrabando que actualmente se estava fazendo por toda a fronteira com os hespanhóes, introduzindo-nos gados vaccum, cavallar e muar, e tambem effeitos manufacturados n'aquelle paiz, que todo nos é ruinoso, porque tendo nós grande abundancia de toda esta qualidade de gado e lã para se manufacturarem os coxonilhos e ponches, como com effeito se manufacturam n'esta capitania, toda aquella introducção nos é prejudicial ; estes contrabandistas hespanhóes e portuguezes os vendem aqui por diminuto preço aos xarqueadores; de que se segue que os nossos criadores tenham pouca extracção no seu gado, e que todas estas immensas campinas estejam inundadas de gado bravio pela dobrada multiplicação a respeito da extracção : este pernicioso abuso tenho procurado evitar, nomeando officiaes que, pelas informações, os julguei capazes de vigiar, e confiscar para a real fazenda todo o gado e generos introduzidos pelos contrabandistas, o que já tem produzido muito bom effeito em utilidade da fazenda real, pelas tomadias que se tem feito: esperançando-me que estas minhas diligencias servirão de um grande augmento e socego á capitania : augmento, porque os criadores e commerciantes terão maior extracção ,uns nos seus gados e outros nas suas fazendas ; e socego, porque os governadores hespanhóes se queixavam continuamente dos roubos que os lavradores do campo, tanto hespanhóes, como portuguezes, faziam nas suas estancias, vindo todos vender-se aos nossos dominios. Estas são as providencias que tenho dado para evitar o contrabando pelas fronteiras, que nos é prejudicial ; e o feito por mar só V. Ex. poderá cohibir, e

tanto um como outro V. Ex. conhece melhor o que é mais conveniente; existindo em mim só os desejos de ser util ao serviço de S. A. Real. Em n. 3°, o edital para evitar a crueldade com que os senhores castigavam os escravos; chegando a tal excesso que morriam alguns na occasião de lhes estarem dando surras. Em n. 4°, o edital para que a marinhagem se recolha a bordo ao anoitecer, para evitar as desordens que esta gente fazia em terra, sendo para cima de quarenta embarcações que geralmente se conservam fundeadas n'este porto. Em n. 5°, o edital para se dar execução ao alvará de 20 de Janeiro de 1798 sobre os correios maritimos, que de modo nenhum se executava. Em n. 6°, o edital para que os proprietarios dos terrenos dentro d'esta villa me entregassem os titulos, porque lhes foram concedidos, para que depois de uma exacta medição, dar a cada um o que lhe pertença; que de outro modo seria impossivel pela confusão em que tudo está: uns apropriando-se do que lhes não pertence ; outros têm augmentado as suas datas, sem que nenhum d'estes tenham edificado uma casa, existindo esta villa a maior parte em campo, tendo aliás muitas casas e moradores, porém de tal modo edificadas que entre umas e outras ha grandes intervallos, excepto a rua da Praia e a do Ouvidor. Julguei ser conveniente obrigar os proprietarios dos terrenos a edificarem as suas casas em um tempo certo, e, se não tiverem possibilidades, que os vendam a quem as possa fazer; e os terrenos que estiverem devolutos serão concedidos a quem tiver posses para fazer casas, e tudo por um risco certo, que de outro modo nunca esta villa terá regularidade, nem se edificarão casas; pois que a maior parte d'estes terrenos foram concedidos, ha mais de vinte annos, e tudo se conserva quasi no mesmo estado, á excepção das duas ruas acima ditas, inda que com algumas faltas e defeitos.

Deus guarde á V. Ex. Porto-Alegre, 25 de Julho de 1803.— Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.— *Paulo José da Silva Gama.*

(*Idem, idem, fl.* 11 *v.*)

Sobre a tropa de linha

Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra de pôr na presença de V. Ex. o mappa da tropa de linha d'esta capitania, devendo igualmente remetter o das companhias de cavallaria miliciana; porém não o devendo mandar á respeitavel presença de V. Ex. sem toda a exacção, me não é possivel ainda fazêl-o pela irregularidade com que estão, não só em numero dos soldados, como em os capitães não terem um livro de matricula das suas companhias; havendo taes, que não conhecem nem sabem o numero de soldados de que se compõem as proprias companhias; d'esta irregularidade se segue a falta de disciplina e de suas causas, o que succedeu na ultima guerra, em que uma grande parte da tropa miliciana não foi ao campo; e mesmo dos que foram, desertaram, largando os seus capitães antes de se fazer a paz, como mo tem informado os officiaes que commandaram as tropas nas fronteiras; o que se poderá remediar para o futuro, sendo do agrado de S. A. Real que esta tropa, tão vantajosa e precisa n'este continente pela falta de tropa de linha, se regule pelo modo seguinte:

Ha n'esta capitania trinta e uma companhias de cavallaria miliciana com a irregularidade, que acima disse; porém o seu total existente é de mil e oitocentos homens, pouco mais ou menos: este grande numero de companhias e de homens, tão dispersos por este vasto continente, sem coro-

nel e só com um sargento-mór, e este, pela sua idade e inveteradas molestias, existente no Rio de Janeiro, com licença do vice-rei.

V. Ex. conhecerá que tão grande numero de companhias, e em distancia de oitenta leguas e mais umas das outras, é impossivel que um só chefe as possa disciplinar, nem responder pela sua promptidão nas occasiões em que forem precisas para a defesa d'esta colonia, que toda presentemente consiste n'estes milicianos, tanto pela sua agilidade, como por ser diminuta a tropa de linha, que ha para defender a extensa fronteira aberta, que só o numero e valor dos homens podem impedir a entrada do inimigo.

N'estas circumstancias, me parece ser muito util ao serviço de S. A. Real formarem-se tres regimentos de cavallaria miliciana, com os titulos de primeiro, segundo e terceiro, cada um de doze companhias e cada companhia de cincoenta soldados, com officiaes e inferiores, como a tropa de linha, que fará um corpo de dois mil cento e vinte e quatro combatentes, e na occasião da guerra se póde augmentar dez homens por companhia. Os primeiros coroneis deverão ser tirados dos sargentos-móres das tropas de linha d'esta capitania, para a creação dos seus regimentos, por terem a pratica militar e d'esta companhia. Os tenentes-coroneis dos capitães das mesmas milicias, que tiverem dado provas do seu valor e que tenham bens patrimoniaes. Os sargentos-móres deverão ser tirados da tropa de linha, assim como um ajudante que deve ter cada regimento.

Emquanto aos soldados, os primeiros coroneis, que são tirados dos sargentos-móres das tropas de linha, e que têm o trabalho da creação dos seus regimentos, me parece justo que lhes seja concedido o mesmo soldo de sargento-mór que antes recebiam, e todos os mais coroneis para o

futuro não terão soldo algum ; e para que desde a sua primeira creação haja um exemplo, dando-me S. R. Alteza licença, eu serei o coronel do primeiro regimento, e assim deverão continuar todos os meus successores. Os tenentes-coroneis não deverão ter soldo algum, e por este motivo serão escolhidos para este posto, além das provas que tiverem dado do seu valor e capacidade, que sejam bem estabelecidos e com sufficientes rendas para o seu tratamento. Os sargentos-móres e ajudantes deverão ter meio soldo da cavallaria de linha, como é pratica d'estes postos nos regimentos de milicia, não tendo cavallo nem sustento para elle em tempo de paz por conta da real fazenda; e na occasião de guerra serão suppridos de um cavallo a cada um; e todos os mais officiaes, e officiaes inferiores e soldados, devem servir sem soldo algum, e só pela honra de serem empregados no real serviço, e pelos privilegios que são concedidos á esta tropa.

Desejarei que esta minha representação encontre approvação de V. Ex., pelo muito que julgo ser de utilidade ao real serviço.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 25 de Julho de 1803. —Illm. e Exm. Sr: visconde de Anadia.—*Paulo José da Silva Gama.*

(*Idem, idem fl.* 20 *v.*)

Sobre as economias realizadas e augmento de rendas

Illm. e Exm. Sr.—Conhecendo,ha muito,que V. Ex. se interessa no augmento da fazenda real, tendo já na minha carta de officio de 4 de Maio mostrado á V. Ex. o quanto ella augmentou nos contratos e officios arrematados pela

junta da real fazenda d'esta capitania, agora vou participar a V. Ex. o estado precario, em que se achavam as fazendas de S. A. Real e os lucros, que d'ellas se vão tirar.

A fazenda de Bujurú, inteiramente destruida, e que despendia annualmente 413$ com capatazes e peães, sem que d'ella se tirasse lucro algum, se arrendou por 933$ cada anno.

O rincão do Rio Pardo, que só servia de n'elle pastarem os cavallos do regimento de dragões e dos particulares que por concessões suas aproveitaram dos seus pastos, e que a fazenda real despendia annualmente 360$, se arrendou por 233$ cada um anno, ficando o arrendatario obrigado a conservar n'elle os cavallos do regimento de dragões sem que a fazenda real despenda cousa alguma. A fazenda dos *Povos*, que annualmente despendia 887$ com capatazes e peães sem que d'ella se tirasse lucro algum, anda em praça e já está no lanço de quatro mil cruzados e 25$ cada anno, e estou na esperança de que chegue a cinco mil cruzados cada anno.

RESUMO

		Lucro.
A fazenda de Bujurú despendia annualmente.	3:413$	
Foi arrendada annualmente por. . .	933$	
		4:346$
O rincão do Rio Pardo despendia annualmente	360$	
Foi arrendado annualmente por. . .	233$	
		593$
Fazenda dos *Povos* despendia annualmente.	887$	
Está no lanço annualmente	1:625$	
		2:512$
Somma		7:451$

Todas estas fazendas são arrendadas com condições interessantes á real fazenda.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 25 de Julho de 1803. —Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.—*Paulo José da Silva Gama.*

(*Idem, idem fl.* 22 *v.*)

Sobre pedido de terras de sesmaria.

Illm. e Exm. Sr.— Alexandre Eloy Portelli, coronel do corpo de engenheiros, e commandante do batalhão de infantaria e artilharia d'esta capitania, me fez um requerimento, ajuntando a elle um aviso assignado pelo Exm. antecessor de V. Ex. em consequencia do requerimento que o dito coronel fez á S. A. Real, em que pediu por sesmaria um avultado terreno, e em campos indecisos com a corôa de Hespanha, no qual aviso o mesmo senhor ordena ao meu antecessor que, tendo em vista o que melhor conviesse ao real serviço e ao bem publico, deferisse ao supplicante como fosse de justiça.

Este aviso, sendo dirigido ao meu antecessor, elle o não cumpriu, ignoro a causa ; e só direi as duvidas que se me offerecem para lhe dar a verdadeira execução, sem inconveniente do real serviço e do bem publico. Os campos, que este coronel pede por sesmaria, além de ser maior extensão do que manda a lei das sesmarias, é em campos indecisos, e que não podem ser occupados pela nação portugueza nem hespanhola até se decidir a quem pertencem : é certo que n'estes mesmos campos se acham grande quantidade de intrusos, e que servem de utilidade á corôa de Portugal ; mas, não tendo concessões, nem titulo algum,

nunca a côrte de Hespanha poderá queixar-se ; e como no mesmo aviso se declara o que melhor convem ao real serviço, julgo que conceder sesmarias n'estes campos é comprometter a corôa de Portugal e consequentemente contra o real serviço.

Este mesmo official já obteve duas sesmarias : uma no Rio Pardo, que vendeu, e outra no Rio Grande, de que está de posse : que tudo occultou no seu requerimento pelo modo com que requer, dando a perceber que não tem mais que o seu soldo, quando assim não é ; porém como aqui sempre se tem servido d'estes meios e de outros, como digo na minha representação (n. 1, datada de 25 de Julho do presente anno), para se fazerem senhores de muitas leguas de terras, sem attenção ao bem publico e do Estado; eu me vejo obrigado pela honra com que sirvo á S. A. Real, e que não temo inimigos, mostrar á V. Ex. que estes ambiciosos, e os que têm concorrido para elles saciarem a sua ambição, têm sido os culpados de não estar esta capitania toda povoada, e dos campos hespanhóes estarem cheios de casas portuguezas; porém V. Ex. me determinará o que fôr servido.

Nos campos que este coronel pede por sesmaria se acham muitos intrusos, uns anteriores á data do aviso e outros posteriores ; no caso que S. A. Real lhe conceda os mencionados campos, queira V. Ex. determinar-me, se devo lançar fóra todos os intrusos, porque me não atreverei a fazêl-o sem ordem, por temer as consequencias que em semelhantes casos aqui têm succedido, como digo na minha representação de 25 de Julho.

Incluso tenho a honra de remetter á V. Ex., por copia, o aviso e requerimento que o dito coronel fez á S. A. Real, para V. Ex. melhor vêr as clausulas com que o mesmo senhor manda dar esta sesmaria, sendo ellas as que me

embaraçaram o não dar prompta execução ao dito aviso.

Deus guarde á V. Ex. Porto-Alegre, 1.° de Setembro de 1803.— Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.— *Paulo José da Silva Gama.*

(*Idem, idem, fl.* 21.)

Sobre o estado da tropa

Illm. e Exm. Sr.—Não posso deixar de pôr na respeitavel presença de V. Ex. o deploravel estado, em que vejo a tropa d'esta capitania, chegando os soldados a fazer o serviço descalços e embrulhados em um panno a que chamam ponche, e outros em camisa e calções, procedido de se deverem aos dois corpos de cavallaria fardamentos com as suas respectivas fardetas, e ao batalhão de infantaria e artilharia seis, devendo-se igualmente aos soldados antigos dez annos de soldo; o temor de semelhantes faltas faz com que nenhum homem venha voluntariamente procurar o serviço, e que os obrigados desertam continuamente, tendo toda a facilidade de passar aos dominios de Hespanha, diminuindo as nossas forças e augmentando aquellas; estes motivos, que julgo de toda attenção, me obrigam a rogar á V. Ex. um fardamento com as suas competentes fardetas para toda esta tropa, que, sendo de muito boa gente, a miseria em que vivem lhe abate os espiritos e mostram frouxidão no serviço.

A muita economia e boa administração em que presentemente está a real fazenda tem dado meios para se ter já pago a todos os filhos de diversas folhas tres mezes de soldo e ordenados, o que até o presente nunca se tinha feito com

os rendimentos d'esta capitania, e já tenho nos reaes cofres dinheiro para outro igual pagamento; o que não ponho immediatamente em execução pelas muitas despezas a que me é preciso acudir, como são reparos de artilheiros de bateria e campanha, que tudo achei destruido; as duas barcas canhoneiras arruinadas e mettidas no fundo, a cavallaria de linha uma grande parte sem sellins nem arreios para os cavallos: este, Exm. Sr., é o estado em que achei esta capitania, bem differente em tudo do que V. Ex. julgava.

Deus guarde á V. Ex. Porto Alegre, 4 de Dezembro de 1803.—Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia·—*Paulo José da Silva Gama.*

(*Idem, idem fl.*, 28 *v.*)

Sobre a instrucção publica na capitania

Illm. e Exm. Sr.— A obrigação que tenho de representar á V. Ex. tudo quanto julgar necessario ou util a esta capitania, me excita a offerecer a nota inclusa sobre a creação das escolas menores n'este paiz.

E' este um objecto digno certamente da attenção de V. Ex., pois que infelizmente uma numerosa mocidade, que tem a fortuna de obedecer a um governo illuminado e que faz parte de uma nação civilisada, pena é que se mostre quasi tão destituida dos primeiros conhecimentos como as mesmas tribus que nos rodeiam.

Deus guarde a V. Ex. Porto-Alegre, 4 de Dezembro de 1803.— Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.— *Paulo José da Silva Gama.*

Illm. e Exm. Sr.— Que a educação da mocidade seja a base mais solida dos Imperios e a fonte inexhaurivel da felicidade publica, não é um problema; é antes uma verdade de primeira intuição, que poupa demonstrações.

Da attenção ou negligencia d'este importantissimo objecto é que se derivam as virtudes e os vicios, os bens e os males, que ora elevam, ora abatem as nações.

Sem educação não ha costumes, e sem costumes ninguem saberia ser nem bom cidadão, nem bom vassallo. Nada, pois, é mais essencial á constituição e segurança dos Estados; nada mais digno da vigilancia e desvelos dos que governam. Em uma época feliz, em que geralmente se fomentam os progressos do espirito humano, quando ainda as outras capitanias ao norte, bem que na infancia da civilisação, apresentam já professores empregados em doutrinar sua mocidade, só esta capitania, com vergonha e damno incalculavel de seus habitantes, jaz como em lethargo, ignorando talvez até a necessidade que tem de instruir seus filhos.

A creação das cadeiras que vou a enumerar, cuja instituição, sustentada por um leve imposto pouco sensivel a este paiz (como logo demonstrarei), concorreria a augmentar a massa dos conhecimentos, formaria e adoçaria os costumes, animaria, e desenvolveria mais e mais o amor, fidelidade e gratidão d'estes povos para com nossos augustos soberanos, pois que o estudo das primeiras letras é indispensavel ao homem de qualquer Estado ou condição; por isso se crearà uma escola de lêr, e escrever e contar em cada uma das tres povoações principaes: Porto-Alegre, Rio Grande e Rio Pardo, cujos mestres, dotados de uma boa moral e probidade, tenham todos os requizitos para desempenhar o ensino d'estes conhecimentos elementares, vencendo cada um de ordenado annual 200$000.

Como o estudo antecipado e prematuro da grammatica latina paralysa e opprime as faculdades do raciocinio pela aridez e difficuldade da materia, a mocidade deveria passar primeiramente a instruir-se na lingua materna, para evitar o opprobrio de fallar corruptamente a sua propria linguagem, como pela maior parte infelizmente acontece no Brasil. Seguir-se hia immediatamente o estudo da lingua franceza, tão vulgarisada por todo o universo, e cujos escriptos têm feito época em todos os ramos de litteratura; esta cadeira de grammatica portugueza e franceza existiria na villa, capital de Porto Alegre, e o seu professor venceria de ordenado annual 300$. Do que se passará então á applicação da grammatica latina, que nos abre a porta para estudarmos os sublimes modelos da antiguidade; gozará o seu professor do ordenado annual de 300$, e residirá igualmente na capital. Para desenvolver as idéas, e crear o entendimento e o espirito, seria de summo interesse a instituição de uma cadeira de philosophia racional e moral, a qual seria estabelecida em Porto Alegre: o seu professor gozará do honorario annual de 400$000.

Ultimamente, uma cadeira de arithmetica, e primeiros elementos de geometria e trigonometria, que, acostumando o espirito á demonstração, e a discorrer successivamente e com ordem por meio de combinações, cuja base é a verdade, cujo resultado é a evidencia, com tanta exacção como precisão, disporia tão vantajosamente a mocidade para qualquer profissão; seu respectivo professor daria as lições na capital de Porto-Alegre e venceria o honorario annual de 400$000.

Ninguem duvidará que taes principios luminosos têm mesmo uma influencia directa, immediata, na arte da guerra, á qual ordinariamente se dedicam os filhos mais distinctos d'este paiz; d'esta sorte é que se formavam heróes prematuros na Grecia e Roma.

Sendo a carne um genero assaz barato n'esta capitania, não seria onerosa ao publico a imposição de um real em cada libra da que se corta nos talhos dos açougues principaes d'ella: esta contribuição, ordenada já pela lei de 10 de Novembro de 1772, com o nome de subsidio litterario, e estabelecida igualmente a exemplo das outras capitanias, seria sufficiente para a satisfação dos ordenados dos mestres acima designados, não hesitando certamente a quem concorrer para tão uteis fins.

A seguinte relação apresentará n'um golpe de vista.

FUNDOS

Annualmente se consomem nos principaes açougues d'esta capitania 11,592 rezes, que, reguladas a nove arrobas cada uma, umas por outras, monta a 104,328 arrobas; consequentemente a imposição de um real em cada libra sommaria. . . . . 3:338$496

DESPEZAS

Tres mestres de lêr, escrever e contar, nas tres povoações principaes d'esta capitania, com o ordenado annual de 200$ cada um.	600$000
Um professor de grammatica portugueza e franceza, a 300$ de ordenado annual. .	300$000
Um dito de grammatica latina, a 300$ annuaes.	300$000
Um dito de philosophia racional e moral, com o honorario de 400$ annuaes.	400$000
	1:600$000

Um dito de arithmetica, e primeiros elementos de geometria e trigonometria, com 400$ de ordenado annual.	400$000
Total das despezas.	2:000$000
Deduzidas de	3:338$496
Resta.	1:338$496

Este acrescimo de 1:338$496 se poderia ir annualmente amortizando, e destinando para avanços do estabelecimento de um collegio de educação publica, onde para o futuro se instruisse a mocidade, organisando-se então um plano e prescrevendo-se estatutos, que tendessem ao cabal desempenho d'esta importantissima instituição.

Se a real beneficencia annuir já á creação d'aquellas mencionadas cadeiras, pois que a lei de 17 de Dezembro de 1794 encarregou a direcção das escolas menores aos governadores e bispos nos dominios ultramarinos, deverão os candidatos e aspirantes a ellas ser examinados perante os governadores d'esta capitania por dois examinadores illustrados e dignos de todo o conceito.

Deus guarde a V. Ex. Porto Alegre, 4 de Dezembro de 1803.— Illm. e Exm. Sr. visconde de Anadia.— *Paulo José da Silva Gama.*

(*Idem, idem, fl.* 29 e 31.)

(*Continúa.*)

RELAÇÃO

HISTORICA E POLITICA

Dos tumultos que succederam na cidade de S. Luiz do Maranhão, com os successos mais notaveis que n'elles aconteceram: sua descripção geographica; seu descobrimento, conquista, guerras com francezes intrusos e indios naturaes; invasão dos hollandezes, sua expulsão; e exacta narração do tumulto que na dita cidade se levantou, e a quietação d'elle com a vinda de Gomes Freire de Andrada, e o exemplar governo d'elle, e de outros governadores, até o de Francisco de Sá e Menezes.

Dedicada ao Sr. Roque Monteiro Paim, do conselho de Sua Magestade, seu secretario e presidente do tribunal da inconfidencia

POR

FRANCISCO TEIXEIRA DE MORAES

Natural da villa de Alenquer e cidadão da dita cidade

Anno—1692

(Manuscripto offerecido ao Instituto Historico pelo socio o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal)

(Continuação da pag. 155)

PARTE SEGUNDA

Dos tumultos da cidade de S. Luiz do Maranhão, cabeça do Estado, em que se dá conta das cousas antecedentes á sublevação; prodigios que antes d'ella succederam; seus principios e insultos que os amotinados fizeram, até que com a feliz chegada de Gomes Freire de Andrada, a socegal-os, se apaziguou tudo com o supplicio de alguns mais culpados; ultimamente se relata a excellente disposição do governo do referido fidalgo até voltar ao reino no anno de 1687.

CAPITULO I

1. Ausentou-se (como em a primeira parte se relata) o governador Francisco de Sá e Menezes para o Pará, cento e sessenta leguas de distancia da cidade de S. Luiz, affirmando que brevemente voltaria, porque a melhora que tanto de-

sejava á esta capitania, a levava no intimo do seu coração, nas meninas dos seus olhos; subrogou sua jurisdicção em Balthazar Fernandes, sargento-mór do Estado, com a preeminencia de capitão-mór, a quem deu regimento ou instrucção, pela qual em seu governo désse contados os passos e os dirigisse. Do povo os mais negaram logo o credito á promettida volta; os menos por sertão racional a esperavam. Em todo o tempo a ausencia de governador do lugar d'onde deve de assistir, inda que por breve tempo, foi de grandes desordens causa; e para seus subditos de damno grande; e pelos evitar não consentiam os romanos que o tribuno do povo (val o mesmo que seu governador) por um dia inteiro se ausentasse: *Non licuit tribuno integrum diem ab urbe abesse, nisi latinis feriis.* E porque por quarenta o famoso principe do Hebreu se retirou a receber de Deus a lei no monte, succedeu no povo aquelle, posto que infame, motim celebre, não menos que contra a Suprema Magestade do Universo e seu divino culto. Sirva de abono a nossa proposição, entre tantos, este exemplo unico, que pelo ser tanto ácerca das partes offendidas, que era Deus e seu lugar-tenente, é incapaz de semelhante; e no tocante aos offensores, por se terem pelos mais nobres do mundo, e então melhor doutrinados, muito dos outros successos differente. Foi continuando o nosso governo a retirada, que sempre adusou com promessas de que logo vinha a tratar do Itapucurú, e que fossem para aquella parte passando moradores, o que nenhum fez por se não expôr á insolencia barbara dos gentios, cujo remedio devia ser a primeira pedra d'este edificio, o que, e tudo o mais, dependia da assistencia do superior, que só póde fomentar e dar calor á execução de cousas graves; assim se lhe avisou em particular, e em geral consulta que elle mandára fazer, sobre se convinha e era precisa sua vinda, como, por parecer

de todos, por escripto se resolveu importava muito sua presença, por razão da nova povoação intentada e outras cousas mais, a que deferiu com a mesma politica de não negar, mas por obra nada conceder; o que serve ás vezes de por um pouco entreter os males, porém nunca totalmente de os assegurar.

2. E' sem duvida que póde uma entretenida artificiosa, prevenir um fracasso e impedil-o quando se offerece repentino e casual; cuja substancia e accidentes são faceis de variar, porém não,se tem fundamentos estaveis e raizes fixas, que depois pulam mais vigorosas e rebentam como minas, quanto reconcentradas mais violentas. Foi Tiberio grão-mestre d'esta razão de Estado ; affectou muito *ex professo* a dissimulação ; não podendo dissimular a affectação; todos os annos se preparava para a visita das provincias; e nunca dava na jornada um passo : enganou no principio, como diz Tacito(48), os entendidos, logo os bem intencionados e depois o povo, e por fim se desenganaram de sua astucia, todos chamando-lhe calipedes, animal que sempre se move e na mensura de um covado se não alarga, referiu Suetonio : *Ut vulgo jam per jocum callipides vocaretur, quem eruscitare, ac ne cubiti quidem mensuram progredi, proverbio græco notatum est*(49). Censuraram-n'o por isto os vassallos, e valeu-se da tyrannia para suffocar a murmuração ; ainda assim, não o conseguindo, fez, como dizemos, do sambenito gala, festejando as calumnias e premiando seus autores. Nada comtudo lhe bastou para que de todo conhecido não fosse desprezado, em tanto que lhe foi forçoso pactar em segredo com Getulio, general dos exercitos de Allemanha, desobediente a seus mandados,

(48) Tacit., *Annal.*, lib. 3.
(49) Sueton. in *Tib.*, lib. 3.

que entre ambos gozassem de sua fortuna cada qual : elle da soberania simulada, o general em seu governo da absoluta; o mesmo Tacito o relata : *Firmarent velut fœdus, quo princeps ea terrarum rerum potiretur, ipse (id est Getulicus) provinciam retineret*(50).

3. Por nenhum modo se entenda fiz esta digressão, mais que para nota da politica usada indifferentemente, e fóra de monção, mas não do zelo e intenção do nosso governador, que sempre foram julgados por bonissimo, cujos effeitos fructuosos embargaram seus grandes achaques e outros impedimentos justos. Nunca, porém, se descuidou de remetter cartas de palavras muito santas, e admoestações doutrinaveis, que o povo applaudia emquanto esperou sua pessoa para obrar o que tambem sabia discorrer ; porque, sem a connexão das palavras com as obras, e da doutrina com o exemplo, mal se rendem os animos e avassallam as vontades, antes se pervertem; e assim para as conciliar a nosso modo, com efficacia, Christo, Senhor Nosso e Deus verdadeiro, antecipava de ordinario as obras ás palavras, e o fazer ao doutrinar : *Ipse cœpit facere et docere*(51), diz S. Lucas ; regulemo-nos, pois, por tão divino methodo na espiritualidade santa, e na temporalidade, e lograremos os acertos desejados com mercês do céo e louvor dos homens.

4. Bem se póde colligir do que temos escripto os termos em que se achavam as cousas do Maranhão, que em breves recopiladas representaremos. Os moradores, geralmente muito pobres, e por isso de si mesmos aborrecidos, e pela experiencia dos antecedentes successos, de por via ordinaria conseguir o remedio, já desconfiados. Os mercadores assistem contra o novo estanco, que lhes impedia o

(50) Tacit., lib. *Annal.*
(51) Luc., cap. VI.

seu negocio, mais usurario que licito; formavam raios de colericos interessados, entre os quaes alguns ecclesiasticos, do mesmo achaque combanidos, eram do fogo da cobiça não menos ardentes fachos, a que se aggregavam com igual sentimento, sem conhecida causa, as religiões todas, sómente n'isto unidas, no mais entre si divisas e adversas. Os padres da companhia de Jesus, a respeito da administração dos indios domesticos e prohibição dos sertões, que a elles se lhes imputava, com a plebe em summo grão odiados e malquistos. Os das outras communidades, invejosos das suas conveniencias, de que elles careciam, reputando-se igualmente benemeritos, os calumniavam de inimigos da caridade, e só da ambição affectos, com que os populares contra elles nas suas conversações se descomediam, os quaes pela maior parte contra o estanco não murmuravam tanto, mais satisfeitos d'elle, que escandalisados. Dos cidadãos, o maior numero, socegados e attentos á obrigação da honra e da razão. A opinião do governador e seus dictames, mais sobrelevados que bem aceitos, com pouca distancia, para de todo serem com elle repellidos. N'este estado se considerava a republica do Maranhão no principio do anno 1684: este era o habito e disposição das gentes que a formam, materia accommodada e para toda a novidade bem disposta, senão com distincto accordo, para d'estes ou d'aquelles sujeitos eleger os guias de seus precipicios; para de quaesquer revoltosos e atrevidos se deixar levar apercebida, bem como debuxou Tacito a Roma, com seu Imperio, quando o dominava Galba: *Ingens novis rebus materia, ut non in unum aliquem prono favere, ita audenti parata.* E supposto todas circumstancias concorreram como causas da sedição, que começamos já a descrever, por umas serem remotas, outras indifferentes e confusas, trabalharemos agora pelas dispôr com mais clareza e

investigar se houve alguma dos astros produzida, ou d'elles e de outros casos prognosticado este ou presumido.

CAPITULO II

1. Muitos philosophos e astrologos antigos, tanto sem razão, quanto sem luz da divina graça, sabedoria e omnipotencia, fingiram ignorantes e reverenciaram cégos um idolo sem figura, mas com nome a que disseram fado; a este sujeitaram de necessidade, não só os homens, e sua melhor joia (o alvedrio digo) que os mais illustra, mas tambem os deoses vãos de sua supersticiosa adoração, como por boca de Juno, queixando-se a Eolo, confessaram todos: *Nos quoque facta cogunt* (52).

E por conseguinte todos os successos prosperos e adversos, graves e ridiculos, importantes e inuteis, e emfim todos os bens e males. Por isso disse Tito, engrandecendo sua clemencia Suetonio, aos dois conjurados contra sua vida, que o Imperio era mercê do fado, se outra cousa queriam lh'a daria: *Principatum fato dari siquid prœteria desiderarent promitens se tributurum*; ao que do proprio modo attribuiu Ovidio seu desterro (53).

Sic erat in fatis Scithiam quoque vcirere nostris.
(Ovid., in lib. *Tristium*.)

Epicuro aos seus atomos applica esta maioria falsa, da cinza d'elles com o entendimento, mais obstruido que informado.

(52) Virg., in lib. 7, *Aeneidos*.

(53) Suet., in vita. Tit. lib. 8.

Segue-o Carneades, do que tudo Cicero no seu livro de *Fato*, moteja tanto. E Seneca se mostra mui sentido por só lhe ser possivel dos fados o queixar-se, mas não mudal-os : *Diutius accusare fata possumus, mutare non possumus*(54).Porphirio,nos astros a contingencia das cousas assignada,e seu conhecimento, do qual as suas mesmas divindades põem de participantes : *Exquisita rerum futurarum scientia, ex inspectione siderum non mortalibus modo, multis etiam Deorum incomprehensibilis* (55). Porém, reprovados taes delirios, como já n'este opusculo fizemos, todos os casos da divina mão procedêra; os bons querendo-os, os máos para por nossos peccados n'elles incorrermos,permittindo-os, sem que o nosso arbitrio livre se torça violento, quanto mais quebrante cercio : lindamente o canta Prudencio :

Nec fata reatum
Imponunt homini, sede fit reus ipse
Suopte arbitrio.

(PRUDENT., *Cont.*)

2. Não tiveram logo os tumultos do Maranhão fatalidade alguma d'aquella occulta e sienticia causa dos gentios procedida, e menos do influxo emanado das estrellas, que, supposto a respeito das observações antigas dos astrologos, sirvam nas causas naturaes de prognostico, é ainda duvidoso para as moraes, pela disposição de suas qualidades, com que influem e alteram ; sómente nos individuos inclinam, nada forçam nem dominam, antes os sabios as sujeitam : *Sapiens dominabitur astris* (56) ; comtudo não

(54) Senec., de *Consolat, ad Poli*, lib. 23.

(55) Porphirius, in lib. de *Orat.*

(56) Ptolom, in *Centiloq.*

fallaram motivos peccaminosos da nossa parte, provocativos da divina justiça para o castigo; que quando não houvesse outros mais que os da omissão, que tanto no Maranhão militam, em especial nas importancias publicas sobravam, quanto mais sobresahindo entre o povo muitos escandalosos na sensualidade, na cobiça e na detracção. Tambem da infinita misericordia se manifestaram logo piedosos effeitos para abrandar o rigor e diminuil-o. Das causas damnosas do escripto, se póde já fazer conceito amargo; e das resultas suaves do amor de Deus immenso, do que se escrever será mais claro o testemunho, e sempre para louvor e honra sua, com admiração e agradecido affecto. Aceitemos, pois, humildes e pacientes, o mal e o bem, que ambos, no sentir do propheta, da sua poderosa mão procedem: *Si erit malum in civitate, quod Dominus non fuerit* (57). Entretanto consideremos, se ao nosso trabalho precedeu algum presagio, alguma antecipada demonstração.

3. Varias vezes costuma Deus, Senhor nosso, avisar-nos das disposições da sua divina justiça, para os nossos castigos, porque recorramos com a penitencia a captar sua misericordia, e nos falla, como diz Euzebio Nieremberg, por meio de monstruosidades e de outros prodigiosos casos succedidos, os quaes, inda que nocivos por si mesmos, são annuncios de se multiplicarem semelhantes ou maiores: *Prodigia iminentium malorum nuntia* (58). Disse tambem Tacito, e Plinio aclara mais este pensamento, fallando dos terremotos como prodigios *nec vero simplex malum, aut in ipso tantum motu periculum est, sed par aut majus*

(57) Amos, cap. 3.

(58) Euzeb. Nieremb., in lib. *Philosopho, Coriosa* in animat mostr.

ostentum (59). E tambem por signaes do céo somos advertidos; elles nos hão de fazer certos do dia da maior vingança contra peccadores: *Erunt signa in sole et luna et stelis* (60), que supposto de uns e outros sejam naturaes os successos, pelo terrivel de seus effeitos, se avaliam por extraordinarios, quando não por raros; do que segue nosso reparo, e devia proceder a pia observação na emenda dos vicios e recurso ás virtudes. Viram-se no Maranhão alguns d'estes portentos, e se padeceram de contado logo os que incluiam damno. Houve dois annos esterilidade de fructos, a que succedeu fome antecipada ao motim, e que esta se tenha por prodigio o affirma Tacito, da que sentiu Roma em tempo do Imperio de Claudio: *Frugum quoque egestas et orta ex eo fames, in prodigium accipiebantur* (61). Da qual e da esperança dilatada diz Plauto que provoca a colera: *Vetus est adagium, fames et mora in nasum bilem conciunt.* Uma e outra cousa foi aqui experimentada: a fome como causa proxima do mal presente, e juntamente annuncio certo do futuro, e o remedio das necessidades em duvidosa prophecia. Precedeu incendio de vinte casas no bairro onde primeiro se convocou o povo para executar o tumulto, começando e tendo principio da casa mais vizinha ao lugar de seu conciliabulo, e ainda discorreu, ardendo, pelos mesmos passos que a turba amotinada deu enfurecendo-se. E que este elemento se tenha por annuncios de prejudiciaes mudanças, o assevéra o referido Tacito: *Mutationem rerum in deterius portendi cognitum est crebris prodigiis, signa enim actentoria militum celesti igne arcere* (62). A' sedição dos rusticos em

(59) Plin. 2, *Hist.*, cap. 84. Tacit. *Annal.*, lib. 15.
(60) Luc., cap. 21.
(61) Tacit., lib. 12. *Annal.*
(62) Tacit., lib. 15, *Annal.*

Allemanha,se antecipou o incendio em alguns povos d'ella, e as guerras civis em tempo de Carlos V, prognosticou um menino monstruoso, nascido com uma faca de aguda ponta em o ventre, como escreve Nieremberg no logar citado (63). Na fazenda do autor d'esta relação nasceram animaes defeituosos, uns sem mãos, sem orelhas outros, e nos mais membros deformados muito. Na villa de Santo Antonio de Alcantara, capitania de Tapuitapéra, nasceu um menino de tão monstruosa cabeça, que, vivendo um anno, a não pôde sustentar nunca, fazendo ella maior vulto que o restante corpo. Do eclipse do sol do anno de 1683 vimos reportorio, que, entre outras calamidades, prognosticava a de alterações nos povos : assim parece o ordena a Divina Providencia para o justificado realce de sua bondade infinita, e da nossa protervia manifesta confusão.

4. Além d'estas apparencias dos futuros males de conjectura geral, mais que de especial conhecimento d'elles, e que por isso servem sómente para com boa disposição das consciencias espiritualmente se evitarem, e tambem para pelos meios humanos distinctamente se prevenirem, não faltaram evidencias claras, do eminente damno circumstancia importantissima para obvial-o, de que na paz e guerra, com utilidade certa, os bons governadores se valem, Tanto solicitando com industria as noticias, porque o não suffoquem incautos os successos por improvisos, e para que voltem sobre os machinadores as ruinas que intentam, como fazia Cesar Germanico em Allemanha a seus inimigos : *Nihil ex iis Cœsari incognitum, consilia locos, prompta occulta noverat astusque hostium in perniciem ipsis vertebat* (64). Porém este saudavel fructo colheu

(63) Nieremb. in loco supracit.
(64) Tacit., *Annal.* Secundo.

com mais facilidade a prudencia que a força, o bom conselho que os acceleramentos temerarios, com o que se negociam grandes cousas ; assim dizia o principe da eloquencia : *Non viribus et velocitatibus, aut celeritate corporum res magna geruntur, sed consilio, auctoritate et sententia* (65). Tudo muito preciso em quem governa, e de que carecia o capitão-mór do Maranhão, soldado da fortuna, e de mais annos na matricula, que de experiencias na guerra, nenhuma cousa politico e discursivo, e por essa causa sem disposição, e irresoluto.

5. Sobre varios pasquins que nos lugares publicos se haviam visto, em que se condemnava o estanco por arruinador da republica, e se accusavam os padres da companhia, reconhecendo-se nos escriptos o odio e tambem a maliciosa astucia de seus autores, com que pretendiam para a commoção dispôr e provocar o povo; succedeu prégar na Sé da primeira dominga da quaresma um religioso de certa religião, tão apaixonado na ponderação do contrato, que affirmava resultavam d'elle, não só as miserias dos homens nas fazendas, mas tambem na liberdade pelos contratadores suppreditada, e do Maranhão a perdição toda, para cujo remedio não esperassem milagres; os quaes se não concediam a quem como elles o tinham nas mãos, e o não executavam ; e muitas e outras cousas a este proposito, que pareceu a todos pretendia mais capitanear o alvoroto que persuadil-o ; ouviu o capitão-mór, e logo aos mais ouvintes os applausos do sermão, seguisse com continente, aconselhado o provedor da fazenda que advertisse sem demora aos officiaes da camara da sua obrigação, na diligencia por elles devida applicar ao socego publico ; que convocava os soldados do presidio para os ter promptos

(65) Cicer. in lib. *Epistol.*

e municiados ; provesse de cuidadosas rondas para interprender as nocturnas juntas, ou evital-as, de que necessariamente pendiam as confederações populares; espalhasse pelo povo espias confidentes para reconhecer seus intentos ; e assim lhe seria facil o reprimil-os. E que lhe não parecessem limitados estes subsidios, posto constavam de tão pequenas forças, antes se certificasse eram bastantes no principio de semelhantes movimentos os minimos remedios para applacal-os, como resolve Tacito : *Sepe modicis, primi motus concedere* (66). De nada lançou mão, de todo remedio desistiu, desconfiado ou timido, o que lhe não succedeu, a ser da intelligencia sabia instruido, pois uma só costuma atar as mãos de muitos : *Mens una sapiens plurium vincit manus*, como fez a de Cicero ás de Lucio Catilina e seus sequazes, para não poderem librar com ellas golpes, e contra sua propria patria ministrar incendios, com que a degolassem, com que a consumissem, de que tão justamente se jactava o orador famoso, quando dizia: *Cedant arma togæ concedat laurea linguæ* (67).

6. Quatro dias se interpolaram do sermão ao tumulto ; n'elles eram já desmedidas as murmurações, e com nenhum empacho, contra o estanco, e aceitadores d'elle (entendendo n'esta palavra os officiaes da camara d'aquelle anno, com mais outras pessoas), culpando-os de iniquos e subornados, sem que pelos officiaes da justiça ou milicia se lhe impedisse, ou fosse reprehendida sua dissolução, temendo uns, e por carecer de ordem da principal cabeça outros, e todos por conhecer o pouco respeito que aqui se observa para com os ministros conterraneos e moradores, porque

(66) Tacit., lib. 5, *Historias.*
(67) Cic. *Orat.*

se algum usam é com os supremos ; e estes de largo tempo assistiam no Pará. Avivou-se com esta tibieza ou temor dos populares a cusadia, e dispuzeram sem algum contraste a sublevação; podendo encontral-o de maneira que temendo elles se não dessem a temer; cousa ainda n'aquelles dias muito facil de executar : *Nihil in vulgo modicum, terrere; ni paviant, ubi perlimuerient, impune contemni.* A opportunidade foi grande, porém maior a negligencia ; não se lançou mão d'ella quando era necessario : e o nosso poeta insinua.

> Porque sempre por via irá direita
> Quem do opportuno tempo se aproveita.
> (Cam., *Lusiad.*, cant...)

E perderam-se com o desacerto da occasião muitos bens, incorrendo-se logo em muitos males. E' o motim nas republicas a enfermidade mais mortifera de sua compostura e seu socego; sua melhor cura a preservativa: consiste esta em um regimento muito providente e todo prevenido para rebater a tempo os symptomas mais malignos que as suffocam, e atalhar o contagio mais pestifero que as contamina: pelo que, como os bons medicos na boa occasião, sem perdêl-a, evacuam humores podres e cortam herpes venenosos no corpo humano, antes de maior perigo, devem assim nos das republicas os seus governadores usar de semelhante evacuação. Mas se os acertos d'esta pendem em ambas as materias, de muito e dilatada experiencia, para cuja comprehenção é a vida breve, e as occasiões, por mais que resvaladiças, precipitadas, são difficultosas de prender; o que em poucas palavras e summa subtileza o principe da medicina d'ella nos inculca: *Ars longa, vita brevis, experimentum periculosum,*

occasio præceps, etc. Infere-se infallivel, que ou os ministros que governam hão de ser bons medicos (quero dizer bem capazes), ou as republicas, na saude politica, hão de padecer achaques, e sentir perigos.

CAPITULO III

1. Vivia em a cidade de S. Luiz um cidadão, chamado Manoel Beckman ; casado com mulher e filhos, elle o era, e nascido em Lisboa, metropole de Portugal, de um allemão e portugueza (que não havia de ser portuguez legitimo quem infiel contra o seu principe e bem commum peccava tanto) ; era este homem de espirito inquieto, extravagante e vario em seus dictames : já se ostentava subtil, astucioso e discursivo ; já pouco menos que mentecapto ; amigo de novidades, aborrecia o socego, anhelava a discordia e sedição; de sorte que em muita parte se podia dizer d'elle o que Salustio do Numida Jugurtha : *Ingenio mobili, seditiosum ac discordiosum, cupidum novarum rerum, quieti, et otio adversum* (68). Havia sido abundante pelos rendimentos de um bom engenho de assucar que possuira, servido de muitos escravos, e de outra copiosa familia venerado e assistido ; tudo em poucos annos descompôz aloucado, e esperdiçou prodigo, e destruiu malevolo ; commetteu tambem delictos graves, cujo supplicio evitou astuto, e impôz caviloso a quem o padeceu desmerecido; incorrendo assim nos termos e censura de o considerarem perdido, e de que sómente uma commoção publica, ou de uma provincia a intestina discordia, o poderiam recuperar; como Julio Cesar, soccorrendo a muitos liberalmente, que em seus apertos se valiam d'elle, aos d'esta

(68) Salust., *de Bello Jugurt.*

qualidade proferia: *Nisi quos gravior criminum, vel inopia luxuriave vis urgeret, quam ut subveniri a se possent; iis plane, palam civili bello opus esse dicebat* (69). Com estas prendas, ou com toda a propriedade, vicios, se presumia sabio, bemquisto e mais que todos benemerito. Forjava em sua depravada fantasia pensamentos altos; appetecia, mas inconsiderado, nome grande e fama duradoura. Do modo que de Nero escreve aquelle de sua vida relator grave: *Erat illi æternitatis perpetuaque fama cupido inconcussa*. Emfim, a necessidade successora da fartura, o fantastico de seu juizo, o perverso do animo, que já de longe o commoviam a executar semelhante excesso, como no governo de Ignacio Coelho da Silva intentára e não conseguira; agora pela occasião dos tempos opportuna, e disposição das cousas a seu intento commoda, o incitaram com melhor successo a repetil-o, e sem contradicção effectual-o.

2. Ordinariamente pelos defeitos da incuriosa providencia, por esta tocar a poucos que a observem, e da malicia de muitos, que a suffocam, como tambem da ignorancia dos mais que tudo aos sentidos remettem, não crendo mais que o que vêm pelos olhos, e palpam com as mãos, nada com o entendimento especulando; mal se concede credito ás conjurações, senão depois de succedidas e perpetrado o damno, de que tanto se queixava; e lhe chamava miseria grande dos principes, o imperador Domiciano, dizendo que, das contra as pessoas d'elles fulminadas e ainda sabidas, se não certificavam as gentes, excepto quando mortos: *Conditionem principum miserrimam quibus de conjuratione comperto, non crederetur nisi occisis* (23). Importantissimo se considera em mate-

(69) Suet. in *Vita Ces.*, lib. 1.
(70) Suet. in *Domiciano*, lib. 8.

rias de tanta consequencia, usarem os que governam do poder absoluto, ainda quando não de todos manifestas, desbaratando-as em seus principios, com lhes perverter os meios, e por evitar os futuros males e assegurar o presente estado das cousas, oxalá observassem este estylo, sempre obrigados do recto e devido zelo, com os perversos, como, persuadidos do maligno, interpondo pretextos falsos, costumam usar com os bons e innocentes por leves offensas e interesses proprios.

3. Seguindo, porém, a razão justa, o referido ha pouco, Ignacio Coelho, chegando a este governo, e em breve espaço resoluto a ausentar-se d'esta praça para a do Pará, tendo noticia que o dito Beckman em publico calumniára a eleição por elle feita de capitão-mór, em sua ausencia, na pessoa de Vital Maciel Parente, por ser *Mameluco*, sem embargo de o decorarem a nobreza do pai, seus bons procedimentos e copiosa possibilidade, pretendendo com este motivo introduzir escandalo e reconhecer os animos; entendido o designio do homem e sua audacia, de cujo sujeito e artes devia ter mais antecedente informação, o mandou prender incontinenti e desterrar para a fortaleza do Curupá, no rio das Amazonas, duzentas leguas distante, onde em termo de dois annos se conservou coberto, mas não apagado este fogo, e suspenso, mas não consumido, como devêra, este veneno. D'alli fez representar aos ministros da côrte sua vexação, e como carecia de parte que o accusasse, sem outro processo que algum aviso do governador, de que se fez pouco ou nenhum caso, foi absoluto, e mandado restituir a seu domicilio, para total ruina sua, detrimento de outros muitos e perturbação de todos.

4. Recolheu-se do degredo, mais odioso e feroz; nenhuma cousa emendado, ou comedido a outros a seme-

lhante destroço, com o motivo de carecerem dos escravos necessarios ; e por este modo faltando os assucares, seria forçado o principe á concessão dos sertões abertos para a saca dos indios, e melhora de todos. E com ser o conselho tão absurdo, e de tão manifesto prejuizo, houve muitos que o admittiram; porque se veja quanto mais facil se segue um máo exemplo, que o qualificado; pelo que se deviam para evital-os, castigar seus autores com rigor. Porém além d'este assumpto, na sua perda affectava outro particular, que era imputar todas ao governador que o castigára, e a seu tempo repetir-lh'as, de que depois desistiu, desesperado de o conseguir por falta de razão, e mais do poder bastante para constrastar o do contrario; como tambem de por então mover os animos dos populares com outras mais exactas diligencias para a sedição, como depois fez, pelos sentir timidos da severidade do regente, da qual elle nem mais nem menos declinava, e como experimentado temia ; muito importa ser o ministro justiçoso e temido, com tanto que não passe a exorbitante.

5. Não deixava comtudo de dispôr ao seu intento os animos com palavras geraes e equivocas ; accommodam-se aos ouvintes e occurrencias dos casos, ou propositos occasionados das conversações, ou por elle intruduzidos. E se alguma vez, sendo entendido, succedia ser-lhe estranhado, se retractava; explicando-se em ordem a occultar sua malicia, e desbaratar a opinião alheia ; assim se retirava, ou proseguia na introducção, e estabelecimento de seu damnado conceito, e propagação d'elle por todo o discurso d'aquelle governo, que julgava servir de Scila e Carybides, em que se reconhecia o total risco da prospera navegação de seus malvados arbitrios; o que muito sentia, e se queixava entre os mais intimos e confidentes, calumniando-o; do proprio que Lucio Catilina o fazia de Marco

Tulio, unico obstaculo de sua conjuração para destruir Roma, notando-o de pouco ou nada nobre, chamando-lhe ironicamente conservador da republica : *Sibi perdita republica non opus esse, cum eam servasset. M. Tulius inquilinos civis.*

CAPITULO IV

1. Como tudo passa e n'este mundo nada permanece, padecendo a cada passo mil alterações e mudanças as cousas d'elle, emquanto lhes não vem a todas sua aniquilação perenne ; mudou de sujeito o governo, succedendo ao de Ignacio Coelho e Silva, Francisco de Sá e Menezes, o qual, assentado o contrato por estanco, e providos alguns postos militares e officios civis, se havia tambem para o Pará mudado, do que tudo já fizemos expressa mensão. O Beckman tomado primeiro ao nosso governo o pulso de sua condição, que reconheceu branda, e o fundo aos dictames de sua intenção, que penetrou applicados todos a seu particular negocio, seguro de conseguil-o, servindo-lhe de accessorio a politica de a ninguem justa ou injustamente maltratar (observação errada e erro indesculpavel para quem governa, podendo só com repartir a uma e outra parte seu affecto lograr conveniencia na fazenda, e no exercicio de sua obrigação merecimento, quando não adquado em tudo á cobiça d'aquella, e inteireza d'esta; ao menos com muito differente fructo do que sabemos tem colhido, e estes moradores no que padeceram amargado tanto), tratou então de laborar sem medo, supposto sempre com cautela. Formou a primeira junta no districto do Rio Meary, onde inda possuia algumas reliquias da sua antiga propriedade, convocadas não muitas pessoas com diffe-

rente pretexto e ficticio, manifestando sobre mesa o verdadeiro em uma accomodada pratica, a qual se fundava para persuadir em semelhantes razões as que já nos passados capitulos escrevemos, concluindo; « que elle e os mais todos viviam sem liberdade, sendo por natureza livres e por qualidade nobres ; que o remedio de recuperal-a não havia outro que o de enviarem ao seu principe um procurador com uma copiosa informação do que padeciam, e das causas d'onde este tão grande damno se originava; ao que era infallivel seguir-se da real benignidade bom despacho ; mas que este unico meio um só obstaculo continha na contradicção do governador, e para o declinar se devia, se fosse necessario, não lhe obedecer. » Este era o alvo a que todos os seus tiros se acestavam, este o ponto e pólo fixo, a que guiava todo o mareamento e fabrica da sua machinação, com a offerta de liberdade, desbaratar o real dominio, para logo tambem a ella perverter, como na accusação contra Tarsea, bem que falso, dizia Corvaciano : *Ut imperium evertant, libertatem offerunt, si everterint ipsam aggredientur.*

2. Guiados estes poucos do falso presupposto de seus appetites cégos e da inconsideração, deram não só assenso ao dictado, mas louvores ao dictador; encarregando-lhe, pois se havia adjudicado á autoria de um tal litigio a boa ordem de seu processo; assim pelo conhecerem para o negocio habil, como por cada qual desviar de si o perigo de semelhante titulo, aceitou. E logo do entre elles conferido e accordado se expediram as noticias por escripto, dentro em queijos occultas, para algumas pessoas conhecidas n'este seu trato por confidentes, de que resultou ferverem em um momento na cidade os impulsos da sublevação, quasi pelo estylo que na erecção do imperio de Vespasiano contra Vitelio, obraram as cartas esparzidas pelas provincias, e

exercitos, que se presumiam inclinados a seu designio : *Sparguntur per Galias litera, scripta in Britaniam ad quarta decim annos, in Hispania ad primanos momento que temporis flagrabat ingens bellum*(71). Liam-se varios pasquins, feitos pelas esquinas, para incitar os populares animos e descubril-os, que infamavam o estanco ; calumniavam os padres da companhia, e vendo surtiam bom effeito os multiplicavam, com advertencia de accusar o que mais viam aborrecer. Não tardou muitos dias o Beckman, e logo que chegou tratava com grando calor em diffundir a peste da sedição e dilatar o sequito, tentando com o demonio a cada qual, para com facilidade o persuadir e perverter pela via que seu appetite ou sua propensão lhe insinuavam o acolhimento proprio.

3. São os moradores do Maranhão gente pela maior parte de condição ociosa; assim os continuos assistentes da cidade, como os que a ella se recolhem a tempos das roças, e ainda mais os plebeus e mechanicos, não se occupando em o trabalho de seus officios quanto devem, mas sómente em vaidades e malicias proprias, filhas e discipulas da viciosa ociosidade, que outra cousa não ensina nem produz, como lhe imputa na sua opinião Valerio Maximo, e em primeiro lugar o *Ecclesiastico* : *Multum enim malitiam docuit, otiositas* (72). Pelo que os athenienses e outras muitas nações o perseguiam, e condemnavam seus professores com severas penas e castigos promptos; tomando-se em seu areopago singular conhecimento da vivenda de cada qual, para segurar a virtude do bom exercicio, e destruir este vicio,a todas mais opposto: *Est ejusdem urbis sanctissimum consilium areopago, ubi quid, quis-*

(71) Tacit, lib. *Histor.*

(72) *Ecclesiast.*, cap. 33 ; Valer. Maxim., lib. 2, cap...

que ageret, aut quænam quæstu sustentaretur diligentissime inquire solebat. D'aqui lhe resultam muitos pensamentos aéreos, terem-se todos por iguaes ; nenhum, ainda o mais vil degradado ou rustico, por inferiores ao mais digno, como independentes, tendo o sustento ordinario e o o vestido de algodão, bem que tudo grosseiro, facil e certo; o aspirarem com demasiada presumpção aos foros da nobreza de cidadãos ; vinculada na vereança. A estes promettia o Beckman na camara porta franca, e elles por meio do motim se davam por seguros de conseguir as honras na republica envolta, impossibilitando-lh'os a socegada, da sorte que se promettiam os sequazes de Catilina em o consulado de Cicero : *Honores quos quieta respublica desperant, turbata consequi seposse arbitrantur*; porque os menores, para com os outros se igualarem. os iguaes para crescerem, movem os motins : *Minores ut fiant æquales, æquales ut fiant majores, seditionem faciunt.* Aos mercadores muito seus odiosos, por damnosos a seu trato, e aos empenhados n'elle propunha a extincção do estanco, em a qual a estes parecia se continha, não só a isenção dos pagamentos, mas tambem a gauancia de sacal-o, e d'estes por seu grande numero, constando de todos os Estados, foi n'esta facção o pé do exercito, e a maior força sua. Aos emulos conhecidos dos padres da companhia (o que não usava com os neutraes e menos com os affeiçoados) representava por certissima sua expulsão, e o dominio dos indios forros da repartição passar ao povo, e por assessoria a liberdade da saca dos escravos, abertos os sertões; ponto que por mais agradavel publicava a todos. Havendo em primeiro lugar aggregado a si, como semelhante, os de condição feroz, empenhados e criminosos, aos quaes o medo de seus defeitos impõe a necessidade de peccar, imitando n'isto aos amotinados em França, em tempo do imperador

Tiberio, Julio Floro, e Sacroviro: *Ferocissimo quoque assumpto, aut quibus ob egestatem, aut metum ex flagitiis maxime peccandi necessitudo.* Tudo quanto dizia, e nas conferencias annunciava para os induzir, eram venturas ás mãos cheias e abundancias sem limite, calando sempre a menção de máos successos. Dos castigos contrahidos nas offensas de Deus e do principe, em que precisamente haviam de incorrer desgraçados; antes se acaso algum introduzia este accidente, lh'o destazia e disfarçava, dizendo que o por elles emprehendido, era para a divina magestade serviço, e para a humana lisonja, pelos damnos que evitavam e bens que introduziam, pelo que deviam de todo assegurar-se e nada temer-se; imitando a Cayo Silio, quando nas ribeiras do Rheno, em seus quarteis, se viu dos allemães impetuosamente combatido, tudo o concernente a uma boa dita, para animar o seu exercito á batalha proferiu nada dos infortunios discorreu: *Tacuit de adversis* (73).

4. Já passavam de sessenta os colligados, quando, com os de melhor talento, consultava o tempo, e modo accommodado á execução, parecendo-lhe bastante numero para dar principio á empreza, não duvidando de o seguirem na mesma occasião do alvoroto muitos voluntarios, de cujos animos tinha bem sondado o fundo, ainda que totalmente não descoberto a resolução, e com o resto obraria a violencia sem difficuldade, colhendo-os de subito incautos e turbados, o que d'antes não houvesse podido acabar diligencia mais suave, supposto até o ultimo, na fórma mais conveniente, se continuaria sempre em todos. Assim discorria, dispunha e animava, encobrindo e reservando em seu peito o mais importante de seu designio, no tocante ao dominio

(73) Tacit., *Annal.*, lib.

de regulo, que resoluto affectava e sem duvida ambicioso urdia (como depois se mostrou por muitos effeitos evidentes) para o guiar conforme os primeiros successos lh'o permittissem; não ignorando que toda a difficuldade padecida na expectativa de dominar, consiste em sua introducção; mas, executada, se reconhece logo vencida, assistindo subsequentemente favores e ministros, como Druso, filho de Tiberio, temendo do aleivoso Sejano, e queixando-se de seu pai, entre os seus amigos asseverava, afim de prevenir-se o damno, se bem por mal afortunado ou indiscreto na censura de Tacito encontrou a perdição, d'onde considerava o remedio : *Primas dominandi spes in arduo, ubi sis ingressus, adesse studia et ministros*(74). Fez destinar para o tumulto, como tempo mais opportuno de seus rompimentos, a noite antecedente ao dia dedicado pela christã piedade e igreja militante á memoria e representação dos passos, que Nosso Salvador em sua paixão santa, por nosso amor, deu tão doloridos, assim habilitando-nos para nós em os verdadeiros Campos Elyseos da triumphante,os podermos dar tão gloriosos; o que então se reputou por civel politica a respeito de no maior concurso das turbas populares d'aquelle dia, assentar e crescer melhor a prevenida turbação; porém depois se presumiu foi persuadido juntamente de cavilação sacrilega, como hebreu de nação da parte da mãi bem conhecido; sendo dos taes mui observada malicia equivocar com as acções que sua cegueira lhe dita mais profanas e protervas, as santas e mais puras de nossa santa fé, na qual, conforme outras prevaricações mui claras,em que já incorrêra se tinha por suspeita.

5. Correu o tempo, e como de corrida com aquella noite sobreveiu este infortunio ; e se do ordinario não houve dif-

(74) Tacit., *Annal.*, lib. 4.

ferença em seu discurso, assim para mais sentir-se o pareceu; pensão annexa ao miseravel estado d'este mundo, accrescerem no humano conceito as nocivas causas, porque cresçam em nossa fraqueza seus penosos effeitos; entrou escura, e na procissão que em seu principio se formára para conduzir do templo do Carmo ao da Misericordia a imagem santa do Senhor com a cruz ás costas, em vez de cada qual se compungir e reformar, ferviam por entre ella os conspirados, fallando, induzindo e pervertendo os do acompanhamento com a fantastica representação de esperados bens, devendo dizer males, notificando-lhes a hora e lugar d'onde se haviam de incorporar, intimando-lhes as penas em que haviam de incorrer, se não fossem ou o negocio disposto revelassem, que eram de morte. Recolheram-se uns a suas casas, não cessando os do pernicioso trato, especialmente clerigos com habito indecente e defesas armas, de discorrer por todas a incitar e commover seus habitadores, sem outro incentivo já então que o do rigor mais excessivo. Era o sitio signalado de sua incorporação o interior da cerca do convento de Santo Antonio, como suas consciencias, para o dito intento por elles rôta. Do meio de seu curso pendiam as nocturnas sombras, quando se achava de confusa multidão de gente aquelle santo sitio occupado (não sem grave nota dos religiosos d'elle). Em o portal, que dá clausura dava passo para a horta, fez o Beckman convocar os que lhe pareceu mais dignos, e regateando-se para melhor vender-se, mostrando desejar que outrem dissesse o que elle só disse fiava que bem fallasse, e que alguem se introduzisse no manejo de que nunca duvidou encarregar-se, e a todos preferir-se; ultimamente, posposta a dissimulação, n'esta sustancia se affirma que rompeu e disse:

6. « Qualquer de vossas mercês, meus senhores, por sua capacidade e zelo, podéra melhor que eu n'esta ma-

teria dizer, o que nunca em palavras é possivel explicar, e por nossos peccados só do sentimento padecendo se deixa encarecer, pelo que ao de todos tenho por mais acertado remettêl-o para a intelligencia, e para o encarecimento do que praticando discutil-o, por não accumular a tanta desgraça nossa, tambem a de ser eu em manifestal-a tão pouco entendido, que por isso se lhe menoscabe ou de todo defraude o remedio, ao qual a todo risco devemos unidos concorrer, e por todos os modos aspirar; mas, pois se me permettiu, direi em breve para lembrar o que por si sómente se faz persuadir. Referir as miserias padecidas no Maranhão ha muitos annos, é escusado, pois os que n'elle vivemos as sentimos mais do que declarar podemos; mostrar que a principal causa d'ellas seja o summo desmparo de seus governadores, menos se necessita, porque ninguem ignora o que é tão notorio, e manifesto; sendo agora a imposição do novo estanco, trazido e aceitado tão absolutamente por este ultimo, o mais duro impedimento da agencia de nossas vidas, perdição das fazendas e ainda das liberdades grilhão aspero. E que outro não menor motivo de nossos trabalhos hajam sido os padres da companhia, dou-o por referido e por provado; porque a experiencia dos que aqui assistimos, evita toda a duvida; resta logo que para cessarem os effeitos, cessem as causas; assim que expulsasse o estanco, e tambem os padres, e no mais nós governaremos como a boa razão nos dictar, e nossa consciencia melhor se descobrir, cortando severos por todo obstaculo, por toda contradicção. »

7. Não faltou quem com boas razões pretendesse obviar as impendentes vexações dos padres, de que o Beckman se escandalisou tanto, que peguntando-lhe irado e summamente fogoso, se vinha a fazer merecimento para da diligencia tirar certidão, se desenganasse; pagaria com a vida

elle e qualquer outro que intentasse semelhante atrevimento contra a declarada presupposta. A que se interpôz um seu irmão,por nome Thomaz, do mesmo appellido, nada melhor intencionado, mas mais astuto, dizendo não convinha resultasse de acção emprehendida para bem de todos, o damno de nenhum, e menos a maior desunião, onde era tão necessaria a commum conformidade. Ficou suspenso e indicioso o conclave todo, e quasi com demonstrações no intento de arrependidos seus adherentes, quando um moço ilhéo, Francisco Serrio de Castro, sem partes que o fizessem respeitado, antes ridiculo, com a espada na mão, a rodela no braço e meneios de furioso, disse: « Era certo tinham delinquido por se terem alli convocado e conferido, impossivel o ignorar-se para do castigo eximir-se; assim que do empenho se não desistisse, e todo que o contradissesse morresse. » A esta voz diabolica não se respondeu mais que com um universal rebuliço, e murmurio de mal formadas palavras e de armas, levantar-se esta gente e em confuso tropel marchar toda.

CAPITULO V

1. Sahiu pela brecha na cerca aberta, seria quasi vencido o quarto da madorna, e logo se lhe offereceu um grande susto á vista, causado por uns poucos de homens que para aquella parte caminhavam juntos, imaginando-os contrarios, sendo dos colligados que mais tarde haviam concorrido; alguns tentaram as armas para resistir, os mais retrocediam para se esconder, cortados do temor do perigo imaginado e apparente, em que muitas vezes o mesmo soccorro appetecido faz temer-se, como affirma

Cursio : *Ad eo pavor etiam auxilia formidat* (75). E como este procedia dos remorsos de suas más consciencias, em tal estado os constituia, na opinião de Pithagoras, *timidissimus*, por mais ferozes que fossem ou parecessem : *Pithagoras neminem tam audacem esse dicebat, quem mala conscientia non faciat timidissimum.* Bem se conheceu então que, oppondo-se-lhe, qualquer pouca força prevenida, os desbaratára sem fallencia. Este foi do capitão-mór o maior erro, e para o damno se seguir preciso e irreparavel o absurdo mais fatal ; porque n'estes termos de seu principio, por ser pequeno, tinha, se lh'o applicaram remedio certo, de que depois, crescendo, por muito tempo careceu, abonando com o successo a sentença de Cicero : *Omnium rerum principia parva sunt sed suis progressionibus plus augentur* (76), como se verificou logo que se viram livres do referido engano, e desenganados de encontrar alguma opposição; augmentando os animos, vozes e furia juntamente com o corpo do motim, ao mesmo passo que entrando na cidade discorriam suas ruas, e abalroavam casas, para d'ellas em si encorporar os moradores.

2. Já n'aquelle tempo os alaridos eram sem termo, o quebrar das portas sem reparo, o croxir das armas, e bater as rodelas sem tento, a quem de longe ouvia, se representava haver-se levantado a tempestade mais horrenda e desfeita, ou no mar o som de muitas aguas que se quebram, comparação que lhe dá Isaias bem cabal : *Tumultus turbarum, sicut sonitus aquarum multarum* (77). A maneira de arrebatado, e com os grossos vapores derretidos,

(75) Q. Cursio, lib. 3.
(76) Cic., lib. 8 de fin.
(77) Isaias, cap. 17.

crescido rio, o tumulto discorria; como dos taes disse Scribanio: *Impetu fertur fluminum more* (78). Desfazendo quanto se lhes oppunha, arrastando comsigo tudo o que viam das gentes que encontrava, ora corriam precipitados, ora paravam sem causa, ou retrocediam e redemoinhavam; muitas vezes uns contra outros se commoviam como loucos: tudo n'elles era inconstancia (segundo o que parecia), até no impulso certo de seu movimento, assim como nos errados conceitos de seu juizo, fluctuavam indeciosos. Os que de novo sahiam forçados a aggregar-se-lhe, era muito (se o termo o permittisse) para vêr-se o ridiculo de sua descompostura, o disforme de suas armas, que a pressa lhe offerecêra, e o favor administrára; o Beckman regalando-se em meio d'este popular terremoto, d'este furacão solto, nada cohibindo-o, antes de quando em quando, pelo modo que lhe parecia, impellindo-o mais e provocando-o, o guiava para casa do capitão-mór por intervallos, a quem o antecipado horror tinha já desperto, e commovido a dispôr para remediar, mas debalde por intempestivo; quiz dar ordens: não teve officiaes que as recebessem; intentou defender: carecia de soldados; occorreram-lhe impulsos de só oppôr-se, por vêr se na falta das forças sua presença suppria, porém temeu que sem ellas (a experiencia o tem mostrado) não da dignidade segura, supposto que real, nem vida assegurada, com uma multidão enfurecida: *Expertum est apud furentem multitudinem, parum tutam esse majestatem sine viribus* (79). Vacillando e temendo, foi achado no portal de sua casa; o Beckman, havendo-se feito primeiro de rogar, conforme seu costume, lhe disse ironicamente

(78) Scrib., part. 1.ª
(79) Strad., Dec. 1, lib. 5.

« não estranhasse o alvoroto, pois como bom ministro não havia impedido, antes fomentado as cousas d'elle ; que aquelle povo se convocára para remediar, ou eximir-se das calamidades antigas e modernas ; em especial do novo estanco, e das mais que se manifestariam quando se tratasse de emendal-as ou extinguil-as ; se désse por preso em sua casa, d'ella não sahisse, nem a menor repugnancia intentasse, se estimava a vida e não desejava a morte. » Respondeu-lhe o capitão-mór, que o matassem se lhes parecia antes que assim o descompuzessem, supposto elle nunca havia contra o bem commum, nem do particular criminado, nem dos males que referia, servido do menor motivo ; mas como morador e de todos companheiro os advertia, não era aquelle o bom modo, com que os leaes vassallos devem solicitar do seu principe o allivio dos trabalhos, e a emenda das desordens, se as padecessem; porque a supplica humilde, e não a sedição turbulenta, é para isso o meio licito e caminho certo; como Junio Blezo, seu general dizia ás amotinadas legiões da guarnição de Hungria : *Non per seditionem et turbas desideria militum ad cæsarem ferenda* (80). » Sem outra replica ou resposta o deixaram á sua mulher entregue como preso, e continuando com a primeira furia e vozaria, que por aquelle breve espaço cessára, se moveram contra a praça.

3. Entrando n'ella, esta por carecer de todo bom discurso, descabeçada hydra (supposto o tumulto pelo numeroso das muitas que a formára, se tinha constituido semelhante monstro) com não menos ruido que o representado, por aquelle apparecido ao famoso na milicia Annibal valente, quando, depois de expugnada, e á cinzas reduzida a mui primorosa Sagunto, dispunha a marcha do grande

(80) Tacit., *Annal.* lib. 1.

exercito, com o qual, primeiro que outro algum, por aquella parte coroou os Alpes, dando-lhe a dureza de seus penhascos, a puro fogo e vinagre amollecidos, seguro passo para por tantos annos, com os seus soldados, a Italia sopear soberbo, e destruir tyranno. Avançaram logo ao corpo da guarda, formado no palacio dos governadores, e com facilidade rendido por cinco soldados n'aquella hora, assistentes com um capitão, sem outras armas que o valessem mais que as espadas, porque as de fogo a falta de munição tornára inuteis; senhorearem-se dos armazens d'ellas; introduziram para segurança uma companhia dos moradores na guarnição dos referidos postos, e retirando-se o restante povo para a porta da Sé, praticavam entre si sobre as occurrencias de seus designios, emquanto se lhes dilatava a luz do dia para com ellas executal-os; alli disse o Beckman maior (a respeito do de menor idade) que nada tinham feito, pois se não viam alguns por aquelle terreno estirados e mortos. Porque se veja que espirito o animava, e que caridoso zelo o movia. O vulgo, seguindo-lhe o dictame, assim fallava, com risonhas bocas e socegados peitos, em matar, destruir, e em cinzas as casas dos oppostos a seus intentos converter, como, e não foram males, com alguma semelhança, do modo com que o povo romano, quando ganhada a sua metropoli pelo exercito flaviano, sobre as ruins novas dos máos successos a elles pertencentes, e dos que presentes tinham, discorria: *Non ut mala loquebantur* (81).

4. Formaram logo em uma casa vizinha uma junta que chamaram dos tres Estados, por n'ella se haverem introduzido dois ecclesiasticos, e igual numero de seculares com titulo de nobres, contando-se o Beckman, e os misteres

(81) Tac., in lib. 4, *Histor.*

plebeus. A pouco espaço foi por elle, á porta, em altas vozes, publicado o seu decreto, que continha a expulsão do estanco, a dos religiosos da companhia de Jesus e a negação da obediencia ao governador. Foi tudo com alegres demonstrações de todos bem aceito; uns com affectos bem manifestos de sua festival insania, approvavam o espectaculo tão odioso e indecente, adulando o Beckman e seus consortes; outros de melhor discurso e zelo, forçados do temor, dando as mesmas vezes com culpaveis apparencias, augmentavam as forças á sedição e a seu autor os brios; o qual entre as alegres algazarras, lhes perguntou onde queriam se estabelecesse a prisão de Balthazar Fernandes, capitão-mór que fôra; respondeu-se-lhe pelo tumulto, que na cadêa publica, tendo-o já de sua casa para aquelle sitio descompostamente conduzido, sobre que um cidadão se interpôz para com boas palavras impedil-o, representando-lhes a nota em que incorriam, pelo indecoroso de tal prisão, consignada por elles á pessoa que os havia governado com tão honrado posto. Oh! omnipotente Deus! Em um instante transmutada a alegria em furiosa colera, se arrancaram mil espadas, por entre cuja confusão, errado de suas buidas pontas e cortadores fios, que uns a outros se impediam, por acaso ou providencia superior ajudado do Beckman, foi n'aquella casa recolhido, e o capitão-mór pouco depois em palacio recluso, com sentinella á vista, e no mesmo dia em sua propria casa, como d'antes arrestado; mas o cidadão com outro companheiro, para o publico carcere levado. Quem com algum discurso n'esta gente reparasse e visse, a reconheceria a um mesmo tempo furiosa e galhofeira; podendo-se dizer d'esta povoação o que de Roma Tacito, na entrada dos soldados de Vespasiano, contra os de Vitelio, soando entre elles o chocar das armas e o horror dos golpes, e o lastimoso dos suspiros

de uma parte, e da outra, entre o povo, vozes festivas e acções deshonestas que a propria cidade, sem differença de estação de horas ou de dias, luxuriava, e se enfurecia : *Crederes eamdem civitatem et furere, et lascivire.*

CAPITULO VI

1. Socegado um pouco este ruido, partiu o Beckman com um troço d'estes homens ao collegio da companhia de Jesus, e lhe fez notificar por tabelliães sua expulsão; respondeu o prelado modesta e prudentemente em ordem á sujeição da que se lhe intimava rigorosa, mostrando juntamente alguns meios de conveniencia para o povo e para elles de quietação, de que promettiam encarregar-se para conseguir-se ; porém de nenhum modo pelo Beckman foram admittidos. Ficaram os padres, não só reclusos, mas da communicação das gentes interdictos, com grave escandalo dos bons e de Deus offensa. Intentaram logo passar a destruir a casa do estanco, o que sem fallencia succedéra, se alguns mal intencionados, e pouco ou nada empenhados n'elle, com boas razões e efficazes, d'este insulto os não divertissem; não se resolvendo ainda o Beckman a commetter todos quantos sua malevolencia forjava, e de que o estabelecimento de sua tyrannia, a seu parecer, dependia; guardando em seu peito a execução dos mais atrozes, para quando sua potencia igualasse a sua malicia, procurando agora que o disfarce de benevolo lh'a dissimulasse, e em seu lugar só as apparencias, de bem zeloso campeassem; como Seyano nos principios de seu valimento com Tiberio, para melhor se introduzir, affectava astuto e dispunha politico : *Tunc enim (id est in principio) volebat*

bonis artibus notescere(82). Voltaram, pois, á Sé, onde com o resto popular encorporodos entraram n'ella vozeando alegres, e precedendo o clero entoava grave aquelle santissimo hymno, de que a igreja usa nas acções das devidas graças, pelas grandes mercês da Divina mão recebidas; como se o presente successo tivesse de bom, mais que o não ser acompanhado de todos os males que a semelhantes costumam andar annexos, sem embargo que na sua opinião o comparavam com a real acclamação do reino, e com a ventura mais qualificada: tal era sua cegueira, tanto seu desvario.

2. Acabada a funcção referida, se recolheu á casa da camara o Beckman, onde de muitas horas antes se achavam os officiaes d'ella esperando-o entretidos. Louvou-lhes a diligencia e pontualidade com que se haviam congregado, a cortezia e paciencia com que haviam attendido sua dilação em buscal-os, por mais não poder abreviar-se a operação de cousas, que em negocios semelhantes nunca podem a menos tempo resumir-se. Propôz-lhes as causas, como se as ignorassem, de que procediam os presentes effeitos, exagerando-as com palavras muitas, de que não era amigo. Representou-lhes o muito que convinha um governo que os conservasse, punindo os traidores ao povo, e premiando os confidentes, emquanto se dava ao principe por um procurador inteira noticia, mais para abonar o facto (como elle a todos por infallivel persuadia), do que para prover soberano o que bem lhe parecesse. Nada lhe difficultaram; a tudo se submetteram sem alguma duvida, sem a menor repugnancia, dando assim vehementes indicios, n'este caso, de sua presciencia. Formaram para o intento a popular aristocracia, composta dos officiaes da camara, aggregando-lhe de

(82) Tacit., *Annal.* 3.

fóra mais tres adjuntos, em que se incluia o Beckman menor, ficando-se o maior com o titulo de procurador do povo, e outros dois, porém, com voto em consistorio e elle com o dominio todo, pois não só aos companheiros, mas ao mesmo povo sujeitava e impellia como se lhe antojava, sendo-lhe facil, porque toda a multidão, de si, á maneira do mar, na opinião de Livio, é movediça : *Omnis multitudo sicut mare per se mobilis est*(83). N'aquelle mesmo dia exautoraram e depuzeram do exercicio de seus postos os capitães e mais officiaes de infantaria, passando novas patentes a alguns, que n'ella e nas ordenanças então crearam; no que se continuou d'ahi ávante, a arbitrio do Beckman, abrogando leis e outras reaes ordens, promulgando as que lhes pareciam em publicas pragmaticas e provisões. Proveu e reforçou as guardas no corpo d'ellas principal, e em outros muitos sitios. Formou copiosas rondas, encarregando-as aos procuradores e misteres do povo, que julgava por mais espertos, e na sedição mais interessados. Chegára n'aquella semana da capitania do Pará, d'onde o governador assistia, em uma canôa, certo sargento, com cartas para os ministros e outras muitas pessoas : todas recolheu a si, e das janellas da camara, convocado na praça o povo, as leu em publico, glosando as do governador, e seu verdadeiro sentido retorcendo, com applicação ao abono do commettido crime, para assim introduzir a pertinacia, expendendo n'este particular verbosidade muita, como por outros respeitos frequentemente depois usava, sem circumstancia alguma das comprehendidas na boa oratoria ; comtudo o vulgacho junto a gritos o louvava e encarecia, de sorte que, comparando-o, dizia cada um sua blasphemia, com o que se elevava e desvanecia, pouco menos que em Cesaréa de

(83) T. Livio, lib. 8, Dec. 3.

Palestina o segundo Herodes, quando n'aquelle celebre concurso, a que praticava um dia, foi por seu mal tão louvado e peior encarecido, seguindo-se-lhe logo por justo castigo do divino juizo a vangloria da execranda lisonja d'elle bem recebida, extraordinarias dôres, summas e eternas penas (84).

3. Ordenada assim esta desordem, subsequentemente passou o Beckman procurador, com outro do mesmo titulo, á villa de Tapuytapéra, povoação de senhorio donatario, afim de a contaminar com a propria peste que no Maranhão introduzia; estimando o succedido por acção de pequeno porte, se por todo Estado com ella discorrendo para maculal-o e destruil-o, a não diffundisse e nas gentes entranhasse; invenção mui affectada de corações malignos, anhelar porque os de todos, de igual veneno corrompendo-se com os seus, por este estylo multiplicados, se symbolisem, e nenhum se difference, em obsequio da malicia e da soberba, expondo-se por esta causa ao trabalho mais excessivo, ainda que seja o de rodear o mundo ao maior perigo; lição sem duvida apprehendida do autor de ambas, e por elle demonstrada no tribunal divino, quando perguntado, como se não fosse seu procedimento entendido pelos progressos d'elle, respondeu, a nosso parecer para melhor significal-os, não pelo numero das maldades por elle commettidas forte, mas pelas distancias de todo universo, por onde as derramára diligente: *Circuivi terram et perambulavi eam*(85). Mas, supposto que alli bastou sua astucia a convocar a camara e o povo, commovendo parte d'elle a seu intento, pela interposição de um juiz que então servia, por nome Filippe Teixeira de Moraes, guiada de boa pru-

(84) *Act. Apostol.*, cap. 12.
(85) Job, cap. 1.

dencia e zelo, e de outras pessoas, lhe sahiu frustrado o principal d'aquella jornada. Retirou-se á cidade pela contingencia de ser preso na demanda, timido e aborrido. Em chegando tratou de solicitar a capitania do Pará (porque não parava o seu desatinado orgulho), remettendo a esse effeito alguns dez amotinados, dando-lhes por cabo a um dos mais terriveis, com as noticias do por elle obrado, com cartas cheias de exhortações e incentivos para excitar ao precipicio aquelles moradores. Porém estes do principio da viagem arribaram temerosos ou acautelados ; offereceu-se então para enviado um religioso de certa ordem : era de Nossa Senhora das Mercês, Fr. Luiz Pestana, de cuja autoridade e intelligencia se deram os interessados na negociação por muito satisfeitos ; foi despedido e embarcado com assistencia do povo para a tal obsequio junto, da qual demonstração se deu o sujeito por obrigado tanto, que em publica pratica os segurou da pretenção a todo risco seu; no que assim e a todos enganou, porque ainda que por meio de disfarces indignos do seu habito, tomado porto, solicitou o fim de sua empreza ; sendo sentido foi pelo governador obviado, e depois ao reino remettido, d'onde até ao presente não ha voltado. Ficaram os revoltosos do Maranhão com as noticias d'este caso muito confusos, porém nada menos pertinazes e incorrigiveis.

4. Entretanto, e já do principio do motim, o reiteravam as mais das noites, juntando-se em grossas tropas, com estranho ruido de armas e vozes, que todas concordavam em que morresse traidores, entendendo debaixo d'este nome sómente os leaes ao principe, e os pacificos, que, como os não imitavam nos excessos, os tinham por suspeitos ; eram notaveis os assombros que lhes causavam, porque com as espadas feitas, as espingardas á cara, os acommettiam a uns em suas proprias casas, outros d'onde

se encontravam, sendo os mais insolentes e poderosos os de menos nome na pessoa e de condição maligna; porque nas turbulencias e civis discordias, os peiores são os de mais forças; observação que fez o grande politico dos soldados e povo, depois de morto o Imperador Vitelio, e introducção do Vespasiano, cujos capitães os não podiam abster da inquietação e dos maleficios; supposto, para commetter os que os cabos emprehendiam, fossem pontualmente obedecidos. *Quipe in turbas et discordias, pessimo cuique plurima vis* (86). Os d'esta qualidade, os perdidos e leves de discurso, alegres na confusão das cousas, assim discorriam precipitados para perpetrar insultos, e d'elles esperar melhoras, como se não houvesse juizo divino ou humano que temer, dando-se por meio de tantas incertezas, com alegre alvoroço, por segurissimos á imitação dos mesmos romanos, quando, nos ultimos esforços que sem sua defensa fez o proprio Vitelio, se commoviam. *Levissimus quisque et futuri improvidus, spe vana lumens; multi afflicta fide in pace, ac turbatis rebus alacres: et per incerta tutissimi* (87). Ninguem os via, que entre elles se não achasse, e como á elles fosse, que a si e a tudo não julgasse por perdido; mas certamente o poder divino se lhes oppunha, pois de outra sorte, a maldade de uns a temerlencia de outros, ao furor de todos, para então evitar os crueis e evidentes damnos, nenhum outro obstaculo podia haver, nenhuma resistencia, assim pia e christãmente o devemos entender; e não é muito, quando em termos nada dissonantes, o ponderou certo gentio n'este sentido: *Deus ecce furentibus obstant* (88). Entre estes acceleramentos da

(86) Tacit., *Histor.*, lib. 4.
(87) Tacit., *Histor.*, lib. 1.
(88) Silius, *Ital.*, lib. 3, in Thebaide.

ira e da loucura, sem differença de horas, os das rondas passeiavam pelos seus districtos, ao som de guitarras e pandeiros, dansando e cantando em summo grão, froxos e remissos nas paixões da alma, não deixando de fazer suas visitas ás tavernas e casas de moradores que elles conheciam, que pelos ter gratos e placaveis os esperavam com os sacrificios de Baccho prevenido. De dia os que sahiam de guarda, na propria marcha da companhia, com semelhantes instrumentos, vozes e bater das palmas, se conformavam com os soldados de Nero, chamados augustanos, de que só para o applauso das suas farças e musica, formava batalhões, que nos theatros lhe assistiam, e acompanhavam com a assistencia do mais povo, parecendo que este, como aquelle, se alegrava, ou porventura assim succedia pela injuria da deshonra publica : *Crederes lætari, ac fortasse lætabantur per incuriam publici flagitii* (89).

5. Entre estas furias e galhofas, se proferiam mil sentenças, de morte todas : qual clamava que sem matar a muitos traidores contra o povo, não deviam dar-se d'elles por seguros ; qual se offerecia para tirar ao governador a vida, que uns suppunham já em marcha com a gente do Pará a guerreal-os e combatel-os ; outros affirmavam estar já da outra parte com a de Tapuytapéra para passar de subito incorporado. Não havia cousa que de incentivo ou pretexto a seu perpetrado delicto, á sua contumacia, servisse, que deixassem de publicar, e por conseguinte crêr; estylo mui observado dos tumultos : *Quoquo modo audita pro compertis habent* (90). Para offender e defender-se tinham dos armazens reaes municiado o povo, repartido estancias, nomeado cabos, accommodado artilharia para

(89) Tacit., *Anal.*, lib. 16.
(90) Tacit., *Anal.*, lib. 3.

signal de rebate e servir na peleja ; temiam-se dos homens bons se desunirem d'elles, e se aggregarem aos contrarios que os commettessem; tudo era tental-os para descobril-os, nas acções, nas palavras, nos semblantes, espiando-os no publico das praças, no secreto de suas casas; pelo que não havia lugar seguro da malicia e do perigo, nenhum se fiava do outro, nem quem usasse dizer o minimo do que sentia. Todos de tudo, até de suas familias proprias, se temiam por não incorrer n'aquella tyrannia, de que se deixavam miseravelmente arrastar, e ninguem varonilmente rebater. Nada de semelhante n'este effeito á padecida no tempo de Tiberio, quando em sua propria casa, sendo de alguns senadores entre os forros d'ella escondidos, espreitado Ticio Sabino, o ouviram do tyranno murmurar com outro, que aleivoso a isso o provocava, para logo o accusar, e por meio de tão infames testemunhas convencer, e fazer pelo crime de lesa magestade cruelmente punir, ficando por tal successo toda a côrte afflicta e timida, receando-se até das cousas mudas e inanimadas: *Non alias magis anxia, et pavens civitas, etiam adversus proximorum congressus, coloquia, nota et ignota aures vitabantur, etiam muta, atque inanima* (91). Formaram em algumas folhas de papel um circulo, a que chamaram róda, em cujo centro puzeram por escripto execrandas maldições, e penas de excommunhão (como se fosse a materia d'ellas e elles prelados ecclesiasticos) sobre si e seus vindouros, se até o ultimo bocejo da vida e gosto de sangue, não sustentassem o facto, e em especial a expulsão dos padres jesuitas, onde todo o povo assignou, os iniquos alegremente de vontade, os bons da necessidade violentados, e do futuro timidos, dispostas as assignaturas em a dita fórma

(91) Tacit., *Anal.*, lib. 15.

circular para se não divisar de quem a primeira fosse, em que julgavam consistia o maior crime o ser do motim autor.

6. Foi esta invectiva parto da astucia do Beckman e do procurador Sampaio, parecendo-lhes ficavam por este modo forçados todos a seguil-os, de condição precita, e elles de sua mudança bem assegurados, além de os certificar Beckman; « não tinham de que temer-se, porquanto o principe amava muito o seu povo, do que n'este se haviam visto por outras vezes repetidos exemplos, quando com semelhantes motins, podendo irritar a magestade real para punil-os, a logravam benevola para favorecêl-os, e assim devia agora esperar-se, porque sendo a causa e materia muito conforme, nunca podiam succeder effeitos differentes. » Como se as reincidencias nos delictos, que a clemencia e dissimulação não emendou, fossem enfermidades mais capazes de se lhe repetir palliativas curas, que occasionassem suas recahidas e seus augmentos, do que asperos remedios que de raiz as extirpassem, as extinguissem. Com este argumento sophistico e consequencia falsa, e outros da propria massa, os encantava e persuadia, sendo grande o motivo de ponderação, o vêr este homem tão aceito, e obedecido dos mesmos, que por um perdulario e louco o reputavam, sem repararem no fructo que de tal sujeito podiam prometter-se, como de semelhantes o grande doutor da igreja e de Milão arcebispo proferia: *An idoneum putabo qui mihi det consilium, qui non dat sibi* (92). Não se descuidava tambem de insinuar seu principal intento de constituir-se absoluto senhor de todos, lançando algumas vezes e ostentando acções que bastassem a denotal-o para a aceitação, se a fortuna lhe auspirasse prospera, e não para o criminarem, se ella se oppu-

(92) Sant. Ambros., lib. de off. p. 13.

zesse adversa. Em casa de um ferreiro, reparando em certa ferramenta bem obrada, disse perante algumas pessoas, que se elle fosse rei do Maranhão não consentiria viesse de fóra a vender por mercancia o dito genero, por acariciar com a lisonja os d'aquelle officio, e entabolar seu designio ; mostrando zeloso da republica, calumniava muitas vezes o governo de muitos, por confuso e pouco ou nada efficaz, fazendo logo alarde das boas partes que a seu parecer n'elle concorriam ; do mesmo modo, inculcando-se a si, usava o menor Beckman, sentindo e dissimulando um e outro, na froxidão com que n'este particular eram ouvidos, de suas melhores esperanças a repulsa, e de seus mais altos pensamentos a ruina ; comtudo, de todo não desesperavam, fiando da mudança dos tempos, da mobilidade dos populares animos e de sua muita diligencia, algum dia boa sorte, mais feliz successo.

CAPITULO VII

1. Os bons e fieis a seu natural senhor promiscuamente lhe assistiam na assignatura dos papeis que fulminavam, nos congressos de seus conselhos, nas guardas, nos chamamentos, e em tudo que lhes mandava, bem que violentados temendo então o presente risco se desobedecessem ao tyranno, e juntamente o de se lhes imputar a culpa depois por lhe haver obedecido; supposto podia servir-lhes de allivio a sentença de Seneca, que não regula por máo o que o não é por vontade propria: *Haud est innocens, quicumque non sponte est nocens* (93). Não deixavam comtudo furtivamente de congregar-se entre si, o estado das cousas

(93) Senec., in *Stercul.*, A 3.

conferir, e sobre seu remedio disputar com varias opiniões (como de ordinario acontece) ; porém as de mais substancia em duas classes se partiam; diziam os da primeira; «que, supposta a certeza de que elles, sem arrimo de fóra ou soccorro, careciam de forças para a resistencia da tyrannia padecida, e muito mais para extirpal-a, devêra o governador, logo que teve noticia certa, a toda pressa acudir, acompanhado de sua autoridade e das armas que podesse, prevenindo-os de aviso de sua vinda e de sua chegada á Tapuytapéra, do lugar e tempo em que havia desembarcar, para que, assistido e guiado d'elles, dar sem duvida com bom effeito de assalto, ganhando os postos importantes, e prendendo, ou se fosse preciso matando os sediciosos de maior nome, o que não era difficultoso antes que a conjuração ainda não muito forte mais crescesse; e que o mesmo Beckman, vendo-se de um tal repente assaltado, tremeria ; mas se com a demora se lhe désse occasião a que tomasse assento seu dominio, com o uso e com as suas manhas, o que agora parecia facil, seria depois quasi impossivel, e que de todo o não fosse, entretanto se temeriam, padecido immensos damnos. Por isso, para elles n'estes termos, o maior labéo em consentil-o, era o menos seguro o mais arriscado; como aconselhavam ao imperador Galba alguns do seu conselho, nos introitos da rebellião de Otho, seu adversario: *Festinandum cæteris videbatur, antequam cresceret, invalida adhuc conjuratio paucorum. Princepem discat, et invadat, etc., pro inde intuta que indecora* (94). E que seria se observasse nos bons cidadãos, o arbitrio que os allemães davam aos agripinenses, n'aquelle levantamento da maior parte das Gallias contra Vespasiano Augusto e seu exercito, de que matassem todos os romanos

(94) Tacit., *Hist.*, lib. 4.

em a sua cidade e districtos assistentes, e seus bens entre todos se repartissem, como despojos, para proveito, e para vinculo indissoluvel de sua amizade, e da propria causa nenhuma separação: *Romanos omnes infinibus vistris trucidatis, haud facile libertas, et Domine miscentur; bona interfectorum in medium cedant, nequis occulere quidquam, aut segregare causam suam possit* (95). O que teria o Beckman por mui factivel e conveniente, matando os bons de quem temia, e seus bens repartindo pelos máos com quem se assegurava. Mas já que por negligencia ou implicação parecia tinha passado, o que fôra melhor ter-se attendido, e com a opportunidade offerecida, executado; como se experimenta nos conselhos infelizes e se praticou no de Galba; *Ut qui evenit in consiliis infelicibus: optima viderentur, quorum tempus efugerat* (96). Se tirasse logo matando o Beckman, ao tumulto a cabeça, porque de necessidade aquelle corpo havia ou de todo cahir, ou em muita parte enfraquecer, para em breve não perseverar. Porém os mais prudentes, os melhor considerados, os menos briosos e nada temerarios, com muita differença discorriam, affirmando:

2. « Que o governador, como errára muito em não vir antes do successo, havendo sido advertido da impendente procella, assim acertára em o não fazer depois até o presente, pois do furor do povo, que tão feroz ainda se mostrava, maravilha seria livrar da morte, mas por nenhuma via da prisão, pondo-se então, em vez de remediar-se o damno, em peiores contingencias o real respeito e a conservação do Estado, accumulando-se aos commettidos crimes por esta gente, outros que lhe motivassem total desespe-

(95) Tacit., *Hist.*, lib. 4.
(96) Tacit., *Hist.*, lib. 1.

ração, e melhor obrára em dar lugar á concordia dos bem zelosos, e talvez ao arrependimento dos máos, e não metter-se d'onde arrependido não podesse sahir. E que se a razão o pedisse, logo teria a mesma faculdade de os demandar, porquanto as maldades no impeto, os bons conselhos na demora, tomam forças, como ao mesmo Galba diziam os conselheiros mais attentos: *Non eundum ad iratus, consedant, daret malorum penitentia, daret bonorum consensui spatium: sedera impetu, bona consilia mora valescere: denique, eunde ultro, si ratio sit eandem mox facultatem regressus, si peniteat in aliena potestate* (97). Que era mui contigente entre os amotinados a discordia e a desunião; e pelas demoras e natural fastio dos trabalhos, e perigos de que se consideravam atracados, o motim desvanecer-se, quando com menos fundamento a muitas guerras impetuosas e no principio fortes assim succede, no que Suetonio Paulino estribava, aconselhando a Otho não désse batalha aos capitães-de Vitelio acceleradamente, mas prolongasse a guerra.: *Multa bella impetu valida, per tedia et moras evanescere* (98). E que, dado caso, vindo o governador, se conseguisse a victoria, não podia deixar de ser a muito custo, e que então não seria victoria mas calamidade, por sentença de Plutarco: *Victoriam magno emptam, non esse victoriam, sed calamitatem* (99). Que o matar com morte publica ou clandestina o Beckman não convinha; porque, desembainhada a espada, e dado principio á matança, ignora-se o modo, e o seu limite se difficulta; causa que onde o general dos pretorianos, Cornelio Laco, deixou de tirar a vida no levantamento de Otho a Tito Vinio, o mais aborrecido dos vallidos de Galba: *Hœsi-*

(97) Tacit., *Hist.*, lib. 1.
(98) Tacit., *Hist.*, lib. 3.
(99) Plutharc in Alexandræ.

tationem attulit tempus ac locus, quia initio cœdis orto, difficilis modus (100). E muitas vezes a lastima e o sentimento irrita de novo os animos e os affectos, como não ha muitos annos se experimentou nos tumultos de Napoles, pela morte de Thomaz Anhelo, seu autor, encarcerando os mais, e de ponto subindo-os, pelo que a conclusão de tudo fosse esperar o soccorro vindo do Pará, a tempo opportuno, ou do reino em qualquer tempo, e entretanto por meios suaves e de bom conselho se trabalhasse por evitar á republica sua consummada ruina, estorvando ao Beckman maiores progressos, e com outros, os seus estratagemas. N'isto se resolveram, assim se concordaram. »

3. Que o governo monarchico, por dependerem as suas operações de uma só cabeça, se repute mais perfeito, e o popular por constar de muitas pelo mais defeituoso, ninguem justamente o duvida, porque a razão o dita, a experiencia o manifesta. Esta foi a causa de Galba, tendo bem averiguado tão essencial ponto, e a maxima de Estado quando orou na adopção de Pizo Luciniano para succeder-lhe, affirmasse que de necessidade o fazia; porquanto sem um governo unico, ao qual mostrava ceder o da republica, não podia aquelle grande Imperio permanecer e segurar-se, e assim a mercê maior a que se estendia toda a esphera de seu poder, com que sua velhice ao povo romano pretendia beneficiar, era em um bom successo dar-lhe um bom principe : *Si immensum Imperii corpus stare ac librari sine rectore posset, dignus eram a quo respublica inciperet ; nunc eo necessitatis jampridem ventum est; ut nec mea senectus conferre plus populo romano possit, quam bonum successorem, nec tua plus juventa quam bonum principem* (101). Introduzi este parenthesis ácerca dos governos,

(100) Tacit., *Hist.*, lib. 4.
(101) Tacit., *Hist.*, lib. 1.

para denotar que a insinuação feita pelos cidadãos, de ser factivel os amotinados entre si discordarem, não foi debalde porque a poucas semanas andadas o Beckman, com o protexto de que se padecia confusão e falta de efficacia necessaria pelo grande numero dos governadores, no effeito e disposição dos negocios, fez abrogar a jurisdicção aos officiaes da camara, exceptos os juizes, a cujo respeito entre elles, e alguns ecclesiasticos que de fóra tambem dominavam, se levantou não pequeno schisma, contradicção e odios; o que, se não causou ao motim ruina subita, logo na opinião dos advertidos a certificou futura, começando a declinar seus incrementos e algum tanto a reprimir-se. Comtudo, chegada a dominga de Ramos, foram forçados os padres da companhia a embarcar-se para Pernambuco em dois barcos.

4. Sahiram os religiosos pela porta do carro fronteira ao mar, pelo meio do povo alli conduzido, com suas palmas inclinadas sobre os hombros, suas pessoas cobertas das ordinarias roupetas, sua modestia a costumada, seus semblantes graves e tristes, os olhos baixos e lacrimosos, as acções reportadas, todas indicadoras da sua mansidão, nenhuma de ira ou impaciencia, a cujo espectaculo muitos dos circumstantes não poderam reter as lagrimas, nem negar-se á demostração (ainda que por elles ,quanto lhes era possivel rebuçada) do seu interior e grande sentimento; reconheceu o Beckman estes affectos, e receiando-se não produzissem para elles desgraçados effeitos, era de vêr a pressa que applicou á sua embarcação, e a darem a vela, deixando de si impressas nos corações dos bons, e ainda nos de alguns apaixonados, supposto que menos brutos, saudosas memorias e penosos motivos; levando elles comsigo as de nossos escandalos e ingratidões, juntas com os soldados que para segurança, não das vidas, mas de sua

arribada ou impedimento dos que pretendessem obviar-lhes o desterro, e na ilha conserval-os e defendêl-os, o que se presumia podia succeder. Emfim, elles chegaram ao Ceará prosperamente ; porém intentando a passar ávante, foi um dos barcos presa por um navio de piratas levantiscos de varias nações, e os padres alli prisioneiros roubados, descompostos, e, para que revelassem o ouro ou prata que não tinham, com muita crueza atormentados. Foram pouco depois lançados em terra n'esta costa do Maranhão, do que, precedendo aviso, trazidos á cidade com guardas, e em umas casas reclusos, impedida toda a communicação e refugio, se seguiu logo serem passados á Tapuytapéra e d'ahi para a capitania do Pará. Os do outro barco, com feliz successo, aportaram a Pernambuco, e no mesmo anno alguns d'elles ao reino, onde com lastima foram de todos vistos, e do principe piedosamente ouvidos e com magnificencia consolados.

CAPITULO VIII

1. Como a gente ordinaria e vulgar das povoações costumam carecer dos cuidados pertencentes ao bem commum e honra publica, que em nada estimam, estimulando a cada um só os de sua particular utilidade e alegremente alvoraçando-os, ainda quando sem fundamento algum se lhe representa confusa em suas idéas mal digestas, assim tambem succedendo guerra, se não de repente, pouco a pouco, são os populares os primeiros a sentir os males d'ella ; infinitos successos o comprovam, e os romanos na rebellião de Otho o testeficam : *Sed vulgus et magnitudine nimia communium curarum expers populus, privata cuique*

stimulatio, et vile decus publicum, sentire paullatim belli mala (102). E agora nos do Maranhão tambem se verifica. Durava o inverno, com ser já no mez de Maio, que fôra em todo o seu decurso de chuvas abundante, e por esse respeito aos das guardas mui molestos: molhavam-se a miudo; cahiam a cada passo dos muitos que se lhes offereciam escabrosos; enfermavam pela estranheza d'aquelle trabalho, a que alguns deram triste fim com o da vida, sendo todos forçados a assistir na cidade, desamparando das suas lavouras a grangearia, e de seu socego a melhor joia. Qualquer ordem dada com imperio, recebiam com escandalo; qualquer palavra aspera estimavam por affronta; então lhes occorriam ao pensamento os perigos de que já padeciam, a oppressão de contado, e os males que em prophecia com probabilidade muito ditava a cada qual seu coração presago; se seu juizo fazia por allivio reflexão para os bons na imaginação concebidos, e no principio quasi em suas mãos representados, nenhum se lhes offerecia posto em via, quanto mais em casa. Assim, fluctuando, pouco menos que arrependidos, muitos descorsuados. Entendeu o Beckman este detrimento, e acudiu ao remedio com presteza; dizia-lhes: « Se admirava de os vêr com tão pouco desmaiados ou inconsiderados, não se accordando do valor e soffrimento heroico que seus maiores, nas guerras com os francezes e hollandezes, ostentaram varonis e incansaveis; sendo que este negocio outra cousa não era mais que uma diligencia solicita, uma cautela algum tanto custosa, por se não vêrem primeiro dos ministros opprimidos que do principe por seu procurador escutados, para logo serem em seus trabalhos soccorridos. Isto em geral, mas aos confidentes, aos alliados, mostrava a precisa

(102) Tacit., Hist., lib. 1.

constancia e fortaleza de que se necessitava, sob pena do perdimento infallivel de honras e vidas; pelo que estas virtudes, com tenacidade summa deviam em si reter, e cada qual aos seus apanigados persuadir; porque ao principe nunca convinha, reconhecendo-os fortes e firmes, constrangêl-os a se desesperar, e com elles favoravelmente pactaria, por se não expôr ao extremo de lhe ser negado a vassallagem, e em seu lugar a de algum estranho principe admittir-se; ou com a dilação succederiam melhor as cousas, por meios agora incognitos á providencia, e não esperados. Por isso se trabalhasse em evitar o damno proximo, o eminente prejuizo; como aconselhava a Vespasiano, incitando-o a mover a guerra para fugir do perigo, e se introduzir, Imperador Muciano, seu companheiro; *Multa que nunc provideri nequeunt in melius casura.* » D'esta politica usava, d'esta arte os entretinha.

2. Achava-se em Tapuytapéra Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, filho d'aquelle donatario, fidalgo dotado de muitas prendas bem decorosas á reputação de sua pessoa, e para o real serviço bem coherentes, de poucos dias vindo á instancia do governador, com ordem e designio de, por meios suaves e de boa industria, introduzir nos amotinados animos, mais racionaes dictames, melhores assumptos, ácerca de retratar-se nos furiosos que tomado tinham, e permittir-se aos saudaveis da obediencia e real respeito, usando da cautela observada por Tiberio, grande politico, quando por seus filhos, um natural, outro adoptivo, Druso e Germanico, tratou de socegar os militares tumultos das legiões de Hungria e da Alemanha, a quem muito depois imitou Galba, bem que este, debalde interpondo, para apaziguar os soldados pretorianos, a seu futuro successor Piro, negando-se um e outro de oppôr a imperial autoridade, e as pessoas proprias, como alguns

lhe aconselhavam : *Ire ipsum, et opponere magestatem imperatoriam debuisse* (103). Porque sendo desprezados, que soccorro outro lhe ficava de que lançar mão, a que pudesse recorrer-se. *Quod subsidium aliud; si Imperatorem sprevissent.* Assim agora o general, reservando para outra melhor occasião a sua jornada (com madura ponderação, se a seu tempo a observasse), se serviu do referido agente, mas sem fructo, porque, mandando á cidade por um enviado suas noticias e recados em ordem a conseguir licença para passar a ella, a tratar negocios convenientes para o serviço real e paz de todos, de nenhum modo foi bem recebida sua pretenção, antes foi despedido a toda a pressa, com o pretexto que carecia das sufficiencias, qualidades aos taes necessarias, e preceito que nenhum outro, sob pena de perder a vida, com semelhante embaixada se lhes remettesse. « Porquanto, lhes dizia o Beckman, de nada se fiassem por ser o mais seguro o terem por falsas quaesquer propostas brandas do governador, pela desobediencia aggravado, mas não satisfeito ; que aquillo era contrafazer-se cordeiro manso, para depois vingar-se leão féro. » O que visto, sendo bem conhecida a pertinacia dos sediciosos, por aquelle honrado medianeiro, segurando o mais que pôde de alborotos o seu povo, se voltou ao Pará, pelo infructuoso de seu justo empenho desgostoso, bem que os do governo, para desapaixonal-o e satisfazêl-o, com demonstrações de respeito lhe escreveram cortezes, imputando ao tempo e estado das cousas a repulsa de suas offertas, e bom zelo do que pretendiam mostrar carecer de culpa, mas não de sentimento. Ficando o Beckman assaz de suas traças ufano e vanglorioso, sendo n'elle a de maior momento em ligar os populares todos

(103) Tacit., *Anal.*, lib. 4.

no crime de rebellião, até tanto que se conhecessem indignos de perdão e corressem com elle por caudilho, quaes indomitos cavallos, ao despenhadeiro mais inevitavel de sua perdição, a qual nunca lhes propunha sem refugio, dizendo que se o principe lhes faltasse benevolo, outros tambem christãos os receberiam propicios debaixo de sua protecção; por este modo e seus semelhantes, em os reconhecendo frios para com elles no amor e respeito, facilmente os fazia comsigo reconciliar, e nos bons propositos retroceder; astucias todas de juizo agudo e maligno antes, que de insensato, de que outras vezes dava de si manifesta nota, por onde alguns julgavam não procederem d'elle naturalmente tão sabios discursos, senão que á maneira de endemoninhado do máo espirito que o possuia dentro em seu peito eram forjados ou infundidos.

3. Corria já nos confins de seu diario curso o mez de Maio, quando, fóra da barra, apparecêra um navio grande; dando fundo, foi immediatamente um dos procuradores do povo, mandado em duas canôas com grande armada, para que por manha ou força o fizesse entrar no porto logo; assim succedeu, porque o mestre d'elle, supposto desusado da acção e outros indicios, entendesse em parte o estado dos negocios por dar cumprimento ás ordens que trazia: entrou no surgidouro da cidade. Era esta náo de um dos assentistas do novo contrato: consta sua carga de duzentos negros de Guiné e mais fazendas suas; vinham n'ella pelo principe despachados um sargento-maior do Estado e um ouvidor-geral, cargos proeminentes sobre sujeitos incapazes: um por quasi mentecapto, inda que de idade já madura; o outro, como rapaz, por imprudente e inexperto, o que não tardou em reconhecer-se, porque o sargento-mór, chamado á camara, perante os governadores, sendo-lhe dada partes de seus descabeçamentos, lh'os facilitou muito,

offerecendo-se a ser companheiro n'elles, bem que d'ahi a poucos dias, parece que de alguem advertido, pediu licença, que lhe foi concedida, para se ir avistar com o governador para o Pará, escusando-se de alli tomar de seu posto a posse. Pelo contrario, o ouvidor-geral apresentou seus despachos, pedindo-a, que sem duvida conseguira, se em tres dias de interpolação, tomados do Beckman para consulta da resolução presente, se não mostrára em palavras e acções orgulhoso pesquizador dos mais culpados, além de descortez e já severo julgador de seus delictos para punil-os; tendo-se por certo, que se este ministro procedêra com prudencia, introduzindo-se affavel, e ácerca das maiores culpas como ignorante, dando a entender que as passadas, quaesquer que fossem, as estimassem por de nenhum momento, cujo perdão seria infallivel por elle solicitado, e só fizessem caso para não commettêl-as das futuras, ainda das mais pequenas, representando-lhe os bens da quietação mais miseravel, de vêrem antepôr-se a turbulencia da republica mais florente, houvéra de apurar-se, e pela disposição dos animos populares n'aquelles dias menos encruada, e certo os reduzia e compuzéra sem fallencia, livrando a Sua Magestade de cuidados e despezas grandes, adquirindo para si mui decoroso nome, muito avantajados premios, do que tudo careça, não conseguindo outro emolumento nas instancias da posse denegada ao principio com modestia, dizendo-se-lhe não tinham jurisdicção para investil-o n'ella; porém ouvindo-lhe vociferar a gritos, que tomasse elle posse, e embora o diabo lh'a désse, o trataram com infimo desprezo; e por saber tratava de abandonar-se com alguns revoltosos de baixa condição para se escusarem d'essa molestia, sendo ridiculo, o forçaram a despejar choroso.

4. Partidos em demanda do Pará estes dois ministros,

faltos de todo bom predicamento, que n'elles denotasse a devida sufficiencia e sobrados de vituperios, em especial o ouvidor-geral, a quem por ironia chamavam o Dr. Menino, dando elle a isso bastantes motivos, e tambem a não se lhe descobrirem e arrimarem os leaes e bem zelosos de importancia; vendo o Beckman o novo crime em que se tinha incorrido pela dita repulsa, e que nenhum o ignorava, tratou de fazer em outros maiores precipitar a todos, havendo a muitos dos seus mais intimos primeiro prevenido, como sempre costumava, para a approvação das suas propostas. Convocou do povo uma noite a maior parte e lhes disse: « Que aquelle navio por grande lhe não servia para n'elle remetter ao reino o procurador por elles já eleito (e era seu irmão), pois se carecia da carga conveniente, não se devendo remetter vasio; que o melhor de tudo seria queimal-o, repartindo pelos pobres, e commum os negros, e fazendas, visto ser do estanco tudo; e o povo pelas perdas d'elle recebidas seu acredor justo; que vissem o zelo com que, fazendo bem seu officio, procurava sua razão e justiça; mas para se determinar conforme a ella, constituia por patrono do contrato o autor d'esta relação. » De proposito por elle feito aquelle sitio conduzir, ficou o miseravel, se não morto, esmorecido, conhecendo que para qualquer parte que pendesse, se precipitava infeliz. Se contra o interesse popular maliciosamente representado, incontinenti; se por elle, nunca do divino e humano castigo, e odio universal dos homens, poderia então ou mais depois, na vida e alma, deixar de padecer tormentos. Escusava-se de responder, allegava ignorancia para haver de justamente decidir, falta de memoria no perceber o muito que o Beckman tinha orado, a que se devia de referir. E por ultimo o repente da proposição em negocio de tanta sustancia, a que de subito era quasi impossivel, ade-

quadamente conforme a obrigação imposta satisfazer. Nada se lhe admittiu, senão que repetidas pelo Beckman em diffusas clausulas as apontadas razões, com ameaços filhos de sua ira, e do rancor contra elle muito de antes concebido ; mandou que dissesse ou para o sentir se apparelhasse. Posto n'estes apertos o ouvidentado homem, levantando ao céo os olhos e seu afflicto espirito, com elle seu favor implorou, e recobrado o perdido alento assim proseguiu :

5. « Devia em primeiro lugar aquelle nobre concurso advertir, era elle, inda que inutil e indigna, uma pequena parte d'aquelle todo, e como tal nos seus bens e males igualmente interessado, por ser alli moradar e casado, com taes circumstancias de idade e notorios procedimentos, que seria preciso, quando no que dissesse errasse, de sua boa intenção nunca mal presumisse. O que supposto, e que todos eram portuguezes, cujo amor e fidelidade aos seus principes, sempre corrêra parelhas com o seu valor; e que estas prendas excellentes, até o presente suas mercês em nada tinham diminuto e menos prevaricado; porque a questão movida tendia, não afim de as desluzir, mas para que, conhecida a justa razão de suas queixas, estas pelo principe se satisfizessem, como se podia ter por infallivel ; e aquellas, á vista do envelhecido soffrimento no padecer, rôto agora só para as representar, fossem realçadas, se vissem agradecidas. Não resultava logo, confessada verdade tão manifesta, occasião, quanto mais causa para se entregar o navio ás chammas, e os negros e fazendas a pessoas que os não houvessem de pagar. Que a clemencia dos reis costumava suas injurias perdoar, mas não o descaminho dos bens alheios dimittir. Em que predicamento ficariam (lhes dizia fervoroso) com os da côrte e reino, onde tinham por certo seriam as passadas acções bem avaliadas, se agora tamanho desconcerto executassem, senão de piratas desal-

mados, de turcos infieis e de gentios mais que os *Tarmembés* brutaes, como seria o procurador que remettessem bem recebido, visto ou ouvido ; por isso lhes não viesse ao pensamento commetter um tal absurdo, ou por melhor dizer tão grão delicto, o que nunca succedeu nem Deus o permittisse ; e se bem durante a pratica um rustico intentou com um dardo e deliberadas acções penetrar do orador as costas foi inhibido sem duvida de mais podercsa mão, de mais efficaz auxilio. » Com isso o congresso se dissolveu, o navio não ardeu e a fazenda alheia se não roubou; tanto póde, mediante a divina graça, uma resposta branda, que a ira e o furor quebranta, resultando da aspera effeitos mui contrarios: *Responsio mollis frangit iram, sermo durus suscitat furiam.*

CAPITULO IX

1. Permittiram, pois, se entregassem os feitores do estanco dos negros e mais cousas, com prohibição da venda sem ordem sua. Deram apparencias entre si de equidade distribuitiva, ordenando que por sortes se adjudicasse a compra dos negros, por evitar juntamente as queixas dos muitos que forçosamente haviam d'elles carecer pela desigualidade do seu numero, muito inferior ao dos moradores; porém antes de effectuar-se, o Beckman e outros poderosos da sua assembléa se apossaram de muitos, desproporcianadamente na quantidade e qualidade, em grave prejuizo do commum, que por um pouco dissimulou o sentimento, para em breve o brotar furioso ; porque, recolhidos os nomes de todos por escripto em uma urna, e em outra os dos escravos, mesclados n'estes os que eram forçados sahir em branco, e

continham em vez de galanterias jocosas (como se costuma) compendiosas satyras e deshonestos motes. Tanto que os começaram a tirar, e viram n'elles não só a fallencia de suas concebidas esperanças, mas em tão breves clausulas tantos vituperios; sabendo que Jorge Sampaio, um dos seus procuradores, homem por malevolo e escandaloso mui malquisto, os havia composto, em confuso tropel corriam cégos e impacientes a matal-o. Antecipára-se elle, conjecturado o perigo, ao seguro retiro de um convento, cujos religiosos, vendo o sagrado respeito violado, e as suas vidas em contingencia de perdêl-as, e ainda do proprio templo por aquelle popular monstro e indomito, em flammas se consumir, lh'o não poderam conservar, entregando-o; valendo-lhe n'aquella tão apertada hora, para não perecer esfaraxado, o Beckman, que, oppondo-se com o peito, vozes e braços, da sorte, mas com melhor fortuna que o centurião Sempronio na defensa de Galba: *Stricto pugione occurrens armatis, et scelus exprobrans, ac modo voce, vertendo in se percussores* (104). Assim, e a titulo de preso para ser ouvido e depois em mais racional fórma castigado,o livrou, sendo na enxovia bem carregado de ferros; collocado d'onde, porque n'ella o quizeram matar com novos alvorotos, fulminou á instancia d'aquelles padres rigorosas censuras o vigario ordinario, a cujo respeito, temendo-se do furor da plebe, ao convento dos capuchos se retirára, onde logo fôra cercado dos amotinados, com intentos de o reduzir aos ultimos apertos, e aos religiosos seus fautores comminando, como aos da companhia, expulsão sacrilega; mas acudindo compôl-os o menor Beckman, porque o maior parece estimava d'estes homens os arrojos mais nefandos. Compostos, emfim, elevantadas as censuras, con-

(104) Tacit., *Hist.*, lib 1°.

sentiram reconduzir o preso para o santo domicilio, d'onde fôra tirado para ser tão molestado e perseguido, e n'elle, até o povo a seu estado antigo se reduzir, fez sua habitação segura, deixando-a então para de novo a ter na cadêa mesmo, e d'ahi a poucos mezes sahir a representar em um patibulo o successo mais tragico de sua vida, na ignominosa morte que padeceu.

2. Concebêra o vulgo do Beckman e mais cabeças, opinião avessa para comsigo da que se tinham no principio, ácerca de conveniencias e melhoras promettidas, e elles muito asseverado, vendo-os agora em demasia cobiçosos, assim nas partilhas dos negros, tão defraudados, sem respeitarem a pobreza, cujo remedio era n'este empenho seu total pretexto, toda a sua reputação; nem ao merecimento dos trabalhos padecidos, accrescendo mais o dissabor, na observação de se haverem pelo proprio estylo com outros poucos escravos vindos em segundo navio de menos porte, e tambem do contrato. E que do serviço dos indios forros sempre lograram o melhor; começou a desgostar e a queixar-se, e por conseguinte a autoridade do Beckman a declinar, e o affecto que se lhe tinha em muita parte a diminuir; restando, para na apparencia lhe permanecer sujeito, só o temor, ligamento debil e de pouca dura para conservar Estados, por mais que n'elle se confiasse o Imperador Caligula, quando á boca cheia dizia, de seu dictame muito satisfeito.—que embora o aborrecessem, com tanto que seu temor os reprimisse: *Oderint dum metuant* (105).

3. Era já nos fins de Agosto, e chegara do Pará por enviado um Hilario de Sousa, homem nobre e rico, e o sargento-mór do Estado já por nós insinuado; entraram na cidade com licença; e não se fazendo caso d'este, toda

(105) Suet. in *Caligul.*, lib. 4.

a attenção do intruso governo se applicou áquelle, que da parte do governador propôz de secreto ao Beckman, desistindo de empreza tão prejudicial e louca, a immunidade das penas em que estava incurso e uma ajuda de custo de até quatro mil cruzados, além de em toda a occasião ser preferido a todos em honras e favores. E em publico assegurou na obediencia do capitão-geral o bem da paz e, por seu meio, de Sua Magestade o perdão geral dos passados erros, ao que se seguiria sem duvida a cura dos males presentes e de todos a boa andança. Poucos dias passaram gastados na consulta da resolução, que deu nada moderada, antes absoluta de partido algum, pelo governador proposto, senão admittir, nem a sua particular offerta elle aceitar, por sómente aos despachos reaes, a que por seu procurador recorria, se querer submetter; o que para entreter na dilação d'esta esperança de seu rendimento alguma força da parte d'aquelle ministro premeditada, e em tanto adiantar a melhora de seus intentos; ou por lhe parecer mais conveniente depender antes da benignidade real, poucas vezes implorada debalde, que do capricho de ministros inclinados de ordinario a satisfazer-se em todo tempo, em qualquer boa occasião, não só dos aggravos recebidos, mas ainda das offensas imaginadas.

4. Demais, dos referidos arbitrios sobre a repulsa do Beckman ás rogativas do general e a seu particular interesse, que para acreditar-se publicára logo, se ajuizou com variedade muita, dizendo uns « que elle de primoroso se negára aos partidos tanto de sua conveniencia, por esta se não entender aos principaes confederados de sua liga, e tambem a todo povo ; porque semelhantes premios outra cousa não eram que o preço vil de uma vituperada aleivosia, de um labéo perenne, estimando antes uma varonil morte pela causa do bem commum, tanto honestada, que

nunca lhe faltaria, do que com taes augmentos uma vida infamante, alimentada e soccorrida; imitando a Boiocalo, principe dos ansibarios, nação germanica, quando por inimigos mais poderosos seus confinantes, das suas terras expulsados, foi forçado a pedil-as humilde aos romanos para n'ellas habitarem; o que, denegando-se-lhe pelo general Avito em publico, e sómente para si e sua familia concedendo-lh'as em segredo, as regeitou brioso, por não incorrer em tão imperioso titulo, acrescentando-lhes faltaria terra em que passar a vida, mas nunca em que receber a morte: *Ipsi Boiocalo ob memoriam amicitiæ daturum agros, quod ille ut proditionis pretium adpernatus, addidit: deu esse nobis terra in qua vivamos poterit, in qua moriamur non potest* (106). E tambem se consideraria, quando na fortuna, aos mais avantajado e sobreposto; na inveja de todos submergido, mudado seu affecto, de presente carinhoso, no mais mortifero. Por ser natural aos homens penetrar com máos olhos dos outros a felicidade subita, e a nenhuns esquadrinharem tanto o modo de conseguil-a, como aos que já por seus iguaes tiveram e por habitadas desprezavam; experiencia verificada a cada passo em muitos, e em publico Cecina, um dos generaes de Vitelio, se praticou injusta; sem outra causa que havêl-o visto criminoso e perseguido; e logo com poder e pompa, elle e sua mulher, supposto que sem alheia injuria, passeiar a Italia para se darem por offendidos: *Tanquam lasi gravabantur, insita mortalibus natura, recentem felicitatem agris oculis intospicere, modumque fortuna anulis magis exigere, quan quos in aquo videre* (107). Além de que se não seguraria em parte ou em todo no cumpri-

(106) Tacit., *Histor.*, lib. 4.
(107) Tacit., *Histor.*, lib. 4.

mento das promessas, por acontecer que as dependentes de sujeitos mui sublimes, se menoscabam ou totalmente muitas vezes fallecem. »

5. Outros tinham para si que o Beckman, inligado na gloria de mandar amára, e bella (como a intitulou o nosso poeta mais famoso) (108), que de presente gozava, e da muito antecipada que em seus altivos espiritos concebêra, vinculada a um dominio consummado desprezára as condições da parte do governador, tanto de seu lucro, offerecidas, querendo antes aspirar as representadas na sua fantasia de um absoluto senhorio, ainda com a contingencia de seu despenho, por n'elle se incluir nome façanhoso e fama grande, mui conforme a seu desvanecimento, do que um limitado e indecoroso premio fizesse embora certo; e n'elle se visse praticado o axioma por Vespasiano applicado aos successos dos cobiçosos do mando mais superior, do que entre as grandezas d'elle e os precipicios, mediania nenhuma se interpunha: *Imperium cupientibus nihil medium inter summa et præcipitia* (109). E por isso, mais forçado da instigação de seus amigos, que de seu proprio dictame persuadido, se abalançára a solicitar o romano Imperio. D'este assumpto erroneo, resultava no homem ser invencivel sua perfidia, de com nenhuns merecimentos ou favores mitigar-se, como de qualquer outro disse Curcio: *Nullis meritis perfidia mitigari potest* (110). E não faltou quem notasse que elle se não vendêra á vontade do governador, impedido e timido de alguns dos colligados igualmente poderosos, cujo respeito se achava já então incapaz de constrastar; e diziam em

(108) Cam., *Lus.*, cant...
(109) Tacit., *Hist.*, lib. 5.
(110) Q. Curtio, lib. 7 de Alexandro.

publico contumazes, ou de se fazer caso sómente d'elle invejosos, não era jogo de meninos ou de homens violentos o emprehendido empenho, para n'elle admittir mudança até do reino sobrevir o esperado recurso. Assim resolutos, despediram o enviado, e pouco depois para o Pará o navio grande, menos os negros com as outras fazendas, ficando o pequeno a titulo de conduzir o menor Beckman, seu procurador, para o qual effeito fizeram um geral pedido, e nos usuaes lançaram certo tributo, sem reparar na offensa da regalia do principe, a quem só pertence, e que n'elle tambem o ecclesiastico se incluia, e por conseguinte o incurso das excommunhões reservadas; o que não era muito de estranhar á vista do Beckman propôr a um ministro da igreja, que assim o affirmou, a erecção de um prelado, isento da jurisdicção episcopal, por introduzir não só no temporal o schisma. Porém deixou de ter effeito sua cobrança, não por este respeito, mas por outros bem leves e de consideração nenhuma.

CAPITULO X

1. Viéra no ultimo dos dois navios aviso de Sua Magestade de como um D. João de Lima, portuguez foragido entre os estrangeiros do norte, constituido pirata ousado, e para os de sua nação mais adverso, com alguns armados vasos infestava os mares, e se entendia destinava á invasão das maritimas praças de nossa corôa, a fundar domicilio a seus roubos seguro, ou a logral-o no saque d'ellas util, com o que se reconheceu logo o vulgo acobardado, por de ordinario se mostrar mais feroz para a rebellião, que para a guerra ou peleja licita: *Ferotior plebe*

ad rebelandum, quam ad bellandum (111). Mas as cabeças d'esta, para se lhe entregar, o desejavam á vista summamente, e alguns sem temor de Deus ou vergonha das gentes, publicamente o diziam (tão fóra de juizo se manifestavam, e de sua obrigação tanto sem memoria), intentando o crime horrendo que Emilio Longuino e outros romanos, fautores da rebellião contra o Imperio de Julio Civil, nas Gallias, effectuaram, entregando a Classico um dos rebellados cabos (morto primeiro o seu general Vocula e presos dois legados) ás legiões aquarteladas nas ribeiras do Rheno: *Et Classicus, misso Emilio Longuino, desertore primæ legionis, cœdem ejus (id est Vocula) maturavit. Herenium et Numisium vinciri satis visum: juravere qui aderant pro Imperio Galliarum* (112). Comtudo, com o pretexto d'este receiado inimigo, que nunca appareceu, mandaram a Pernambuco pedir munições e vitualhas, confessando seu delicto, junto com a necessidade que propunham, motivando com tal delirio aos prudentes seus vizinhos riso, e aos de Pernambuco desestimação. Aconteceu por estes dias que, formando o Beckman, a titulo de reformador de abusos ou censor zeloso, uma pragmatica, em que prohibia a todos o uso das fitas e ás *Mamelucas* o de mantos de seda, parecendo-lhe introduzia uma utilissima maxima de Estado para o commum, evitando-lhe superfluos dispendios, e para sua pessoa adiantava o credito, renovava a estimação, com o que se faria mais necessario; e por consequencia seus intentos melhor estabelecidos, se achou inopinadamente muito enganado, porque, sendo a gente d'esta laia em grande numero, os maridos e parentes estimando-o por injuria grave, atropados e furibundos o buscavam diligentes:

(111) Petrus Gregor., *De Repub.*, lib. 4.
(112) Tacit., *Hist.*, lib. 4.

achado em uma rua, lhe perguntaram colericos, se fizéra aquelle papel tão affrontoso ; respondeu humilde que sim, com o parecer de outros a quem offerecêra, o recebia, o pôz em terra com toda a mansidão ; como se fosse um sacrilegio, clamaram todos : descortezia ao senhor povo ; queime-se este cão, judeu infame ! Com outros mil deshonestamentos, que com paciencia ouviu de tantas bocas, escapando a vida com a difficuldade dizer, ácerca de perder o agrado pelas mesmas artes com que o intentára intrometter, como cousa para elle de mais porte e de maior cuidado, o que de semelhante na sua politica Scribanio referiu : *Idem artibus quibus favorem populi parasti, eripientur gratia* (113).

2. Retirou-se o Beckman á sua casa, e porque no decurso do caminho fôra ouvido dizer, que pois aquella remuneração se lhe dava por tanto servir ao povo, o seu remedio a tanto custo seu pretender, desistia da procuradoria para nunca mais em suas cousas o menor passo dar, nem sua boca abrir. Passou-se logo d'este dito a palavra a todos, que ainda na lição do papel abominando-o, se achavam juntos, e como se fosse algum execrando delicto, o desgosto que na sua queixa o Beckman mostrára, o demandaram já em seu domicilio recolhido, intentos a matal-o; ao que o irmão se oppôz com modesto semblante e palavras brandas, promettendo em seu nome a continuação do serviço que seu irmão bem affecto lhes fazia, e a emenda dos decretos, que se não promulgariam, senão já por todos elles vistos, intentando, para satisfazêl-os e socegal-os aquella acção que Tacito chama pessima, e instituiu Hordeonio Flaco com os seus sediciosos soldados, ordenando, para desmentir suas suspeitas, lhe fossem primeiro, que pelos maiores cabos do exercito

(113) Scrib. Polit., parte 1, cap. 8.

lidas as cartas: *Instituitque, pessimum fucinus : ut epistolæ æquiliferis legionum traderentur, aquis antemiliti, quam ducibus legenbatur* (114). Por este modo agora foi inhibido o furor do vulgo, e da sua, até este tempo mais estimada cabeça, evitada a privação, occasionando-se tanta paixão de motivo tão debil; tendo-o mui grande o Beckman de conhecer bem o impossivel de sua empreza e o facil de sua perdição, para d'ella abstrahir-se, e attender a segurar a vida, não ignorando o quanto arriscado a tinha, pois costumava dizer, que elle o havia de pagar, e em uma forca perecer; e lhe era patente, que homens amotinados não costumavam julgar os bens e males por sua entidade propria, senão pelo erroneo e desentoado de suas vozes, formadas sem discurso, executadas sem reparo : *Bona ac mala non sua natura, sed vocibus seditiosorum æstimantur* (115). Com que fundamento podia logo prometter-se de seus chamados serviços (como lhe disse pessoa a quem elle se queixava) outra recompensa, que no aperto desamparal-o e sobretudo perseguil-o, (o que não sendo prophecia santa, foi conjectura certa, por ao diante em proprios termos se cumprir e succeder) ; porém nada a bem de seu refugio se demoveu, antes urdia invenções e solicitava traças para se conciliar, e elles causas, para de suas obrigações e molestias se eximir, quando já em os feitos de muitos se não forjasse em defesa de seus particulares crimes e outras convenincias, ao supplicio o entregar.

3. Supposto que em apparencia parecia ficarem os animos de todos reconciliados e compostos, as demonstrações eram mui differentes ; já do Beckman se murmurava muito, e suas acções se condemnavam; pediam com afinco

(114) Tacit., *Hist.*, lib. 4.
(115) Tacit., *Hist.*, lib 4.

grande a relevação das guardas e rondas, e faculdades para assistirem nas fazendas ; que os soldados infantes se desannexassem das ordenanças, e fossem como d'antes occupados no ministerio da obrigação do presidio, pois para isso el-rei os sustentava, e não elles, que outro emolumento não conseguiam mais que o trabalho das pessoas, e o detrimento das agencias, com que a si e suas familias conservaram, e se durasse, infallivelmente de todo se perderiam; mas succedendo novidade, ou de quem quer que fosse alguma contraria invasão, com toda a pontualidade e presteza, ao signal de rebate acudiriam promptos ; o Beckman, depois de muitas razões expendidas em ordem a devertil-os da proposta, já com a representação de perigos e temores, se de repente se vissem presos ou supeditados ; já com a inculca de esperanças de premios e melhoras, ao parecer menos impossiveis; por ultimo os concordou na assistencia até as vesperas da partida do procurador, que brevemente chegaria, e havia de levar mais a noticia da incorporação do presidio, como indicio certo de não haver sido rebellião, o que só fôra affectar para poder remettêl-o um meio mais seguro. D'ahi ávante, para os sanear, multiplicava com o mais infimo as cortezias de maior estimação : a uns alabava de entendidos, a outros do bem commum zelosos ; a todos chamava seus senhores honrados e benemeritos. Quando em uma noite lobrega e tempestuosa, fez de subito tocar arma falsa, disparou-se a artilharia, tocaram-se as caixas, ouviam-se em varias partes estouros de mosquetes, submettendo no mesmo tempo os gritos dos confidentes, clamando que o governador chegára, e com força de gente os invadia. Foi o rebuliço grande, o pavor, o susto, sem medida : as mulheres choravam, os homens a uma e outra parte correndo se abalançavam, e muitos, uns sobre outros, cahiam, emquanto

se não conheceu o estratagema ou a vaidade ; então louvou aos precipitados de valentes e promptos, e aos menos furiosos e attentos motejou de timidos e negligentes ; pelo estylo proprio que Caligula Imperador observára n'aquella jornada que contra Allemanha emprehendêra, em certa occasião de tanto ruido e nenhum effeito : *Ad lumina reversus eorum quidem qui seculli non essent, timiditatem et ignaviam corripuit* (116).

4. Nunca, segundo o juizo dos entendidos, foi no Beckman certo e verdadeiro o intento de remmetter-se á Sua Magestade, em nome do povo, procurador bastante, por conhecer-se era o seu de adquerir um dominio isento e proprio, ou, não lhe succedendo assim, na estimação e possibilidade avantajar-se muito, sendo forçado o principe a conceder-lh'o pelas grandes difficuldades que de ser domado lhe opporia, não lhe servindo para este effeito negociação semelhante, mas repugnancia forte, de que resultasse ser elle com pactos uteis primeiro demandado (não pareça encarecimento fantastico ou fingido paradoxo), porque de seu natural justamente se podia presumir e tambem entender-se que da lição de certos livros de levantamentos semelhantes, que em seu poder se acharam, e constou frequentava muito, cujo assumpto com suas acções conferido, se viu seguira ao pé da letra ; tomaria occasião para tão extravagante devaneio, na fórma que em *D. Quixote* aos das cavallarias andantes imputa ou finge o engraçado Cervantes o fantastico de suas aventuras. Comtudo para fundar o procurador se fosse, seus requerimentos muito antecipadamente se prevenia, avocando assim com summa industria e diligencia desde a fundação do Estado, quantas cartas, indultos e provisões reaes, se tinham para elle expedido,

(116) Suet., in *Caligula*, lib. 4.

as dos governadores, das religiões e ainda de particulares; não desprezando qualquer documento que fizesse por algum modo a bem do pretexto,que occasionára o motim da defesa propria e dos mais empenhados n'elle, ou em si incluisse particular crime e accusação alheia, no que trabalhou incansavel e logrou feliz. Não deixava, porém, de oppôr detenças e encadeal-as, afim de n'esta parte, e por esse meio a resolução do povo algum tanto se mudar,ou de todo d'ella desistir; da sorte que Musiano observou prudente e ditoso,contra a perversa de Domiciano, que, ambicioso do Imperio que o pai gozava, por meio dos exercitos e armas, em que se queria introduzir, lh'o pretendia usurpar: *Simul Domicianus Mucianusque accigebantur dispari animo, ille spe, ac juventa properus, hic moras nectens quis flagrantem retineret, ne ferocia ætatis, et pravis impulsoribus, si exercitus invasiset, paci, bello que male consuleret*(117). Mas não assim ao Beckman succedeu, que, forçado das instancias e vozes do povo, em Outubro despediu para Portugal o procurador, mais abundante de instrucções e regras para negociar, que de alimentos para viver,por sómente em generos de pouca reputação,comsigo,a valor do Maranhão dois mil quinhentos cruzados conduzir; deixando-lhe o porto ulysseo com felicidade navegar, que a seu tempo o repetirá nossa lembrança, e por ora sigamos com ella em S. Luiz, de seu irmão os passos e successos.

5. Havia nas vesperas da partida do navio para o reino o Beckman consentido no que como violentado promettêra, e sempre sem fruto tanto repugnára, se incorporasse a infantaria do presidio, e do governo d'ella o sargento-mór referido se empossasse, com subordinação ao do povo, não sem grandes receios seus, inda assim de ser esta entrega e

(117) Tacit., *Hist.*, lib. 4.

separação das armas dal-as contra todo seu valimento e pessoa; e não se enganava, porque a poucos dias andados a pura diligencia dos que sempre permaneceram leaes, e de alguns dos adjuntos do mesmo governo, que por lhe haver penetrado a insolencia do animo e arrogancia, o aborreciam, e anhelavam peio remedio de seu perigo, que elle aggravando com outros de novo o primeiro crime impossibilitava mais, se negociou de maneira, que quasi de nenhum homem de respeito era visto ou ouvido. Começando-se a comprovar n'elle, como em todo tempo em muitos de sua qualidade se verificou; que nenhuma potencia pela maldade adquirida a algum foi permanente: *Nulla potentia scœlere quœzita, quique est diuturna* (118). Nem cousa alguma menos firme ou mais resvaladiça, que a fama do poder que em suas proprias forças não estriba, como experimentou, até depois de respeito perder a vida, Agripina, mãi do tyranno Nero, principiando-se-lhe o desgraçado infortunio em a privar da guarda dos soldados, que como a mulher e mãi de Imperador, lhe costumava assistir, a que logo se seguiu de sua pessoa ninguem caso fazer, antes do portal de sua casa todos fugir: *Ex cubias militares, qua at conjugi, et matri Imperatoris observabantur; digredi jubet, nihil in rerum moriabuntam instabile, aut fluxum est, quam fama potentia non sua vinixa, statim relictum Agripina limen* (119). Em semelhante estado se reconhecia este homemzinho, extremada monção, para se o governador então viéra, a nenhum custo este escandalo e detrimento se desvanecer; mas bem que foi avisado, persistiu em a nada se abalar, nem a menor duvida de sua segurança se permittir.

(118) Curtius, lib. 10, de Alexan.

(119) Tacit., *Annal.*, lib. 13.

6. Vendo-se em tão nocivos termos, este, perdido de todo, não desanimava, supposto que temia, solicitava por todas as vias o favor de todos, e não o achando nos de algum porte se remettia ao dos plebios e de condição mais vil, de quem sempre fez muito caso, e agora de necessidade muito mais; observando o conselho que Lentulo a Lucio Catilina, seu grande socio, sahido já de Roma a campear o exercito pelo capitão Manlio em a Ethruria prevenido, por escripto remettia: *Quis sim ex eo quem ad te m si cognosces, age ut vir sis, auxilium ab omnibus, etiam ab infimis requires* (120).Ora se queixava lastimando, ora humilde para captar a piedade se carpia; ostentando-se umas vezes em publico paciente, muitas outras, bem que occulto, vingativo; levado d'esse espirito, á maneira dos antigos tyrannos de Roma, fez, senão em taboas como elles, em papel, sua proscripção, com os nomes das pessoas a seu parecer suas adversarias, ou a seus designios oppostos ou suspeitosas, destinadas á morte; eram suas traças entendidas, e se tornou entre os bons a renovar o pensamento de com violencia o matar; mas pelas razões na primeira conferencia ponderadas, e accrescer demais não poder sua morte sem estrondo executar-se, por agora desconfiado sempre de alguns camaradas de continuo se acompanhar, repetiram a mesma desistencia de emprehendêl-a; contentando-se com sobre suas acções malevolas trazer fieis espias para as frustrar e reprimir, e só em um mui urgente caso á tal resolução se commoveram, até do reino ou do Pará chegar quem com força, ou jurisdicção, ajudado d'elles, em fórma de castigo justo com elle concluisse, e a todos de tanto sobroço alliviasse. Maquinou com os religiosos de certo convento, discordante na aceitação de um

(120) Salut. *de bello Catil.*

seu prelado, que uma noite implorasse seu soccorro, a titulo de haverem de ser assaltados pelos do contrario bando, para elle com esse pretexto convocar o povo, e então com a chusma junta tocar a degolar os seus oppostos ou na sua opinião por taes reputados. Permitiu Deus o não seguissem mais que uns dez ou doze do maior desprezo, e fosse sentido do sargento-mór, que com a ordinaria ronda lhe sahiu ao encontro, o rebateu e dos companheiros desuniu, conforme a advertencia que pelos homens bons se lhe tinha antecipadamente feito, obrigando-o a recolher-se corrido e summamente raivoso; emfim,que o tal jarretado touro,não podendo empregar os impulsos de suas forças, impedido pela falta de movimento do corpo, trata de amagar os de sua ira e braveza, com os meios da cabeça e terror do semblante nem mais nem menos, d'este homem o coração damnado brotava, quando impossibilitado nas obras, em crueis impetos, em arremeços bravos.

CAPITULO XI

1. N'estes e em outros iguaes debates, inquietações, sustos e cuidados, se gastou no Maranhão o tempo que o sol no decurso das suas doze estancias, com particular lustre assignaladas ; e já da m ais septentrional retrocedia, sem que em tanta dilação e demora o Beckman de sua protervia desistisse, ou em solicitar os pessimos effeitos d'ella se moderasse ; via-se correr ao precipicio, e sendo-lhe possivel não parava, considerava-se perdido, e parece que a su a recuperação tinha fastico e amor ao mais infausto de sua sorte, e do maior damno cobiça insaciavel, caso inaudito ! Cegueira não vulgar ! Assim procedendo

forjava a sua contumacia e ambição novos estribos. Vinha-se chegando o dia em que se celebra a procissão da Bulla, a que costumam concorrer de suas fazendas quasi os moradores todos n'ellas, onde ainda conservava a graça de muitos e a correlação ; lhes fez saber por cartas e mensagens, a seu modo fallando : « Que tudo estava por sua ausencia em termos de perder-se, por uns poucos de velhacos, contra o bem commum traidores, e dos zelosos d'elle inimigos acerrimos e declarados, cujo intento era consumil-o, como da execução de suas aleivosias o maior estorvo e a suas mercês, como a fautores da razão, e d'elle affectos, para destruil-os, e nas mãos do governador presente ou de qualquer outro do reino vindo, entregal-os. Que o unico remedio seria entre si lá se convocarem, fazendo cada qual crescer a parcialidade por todas as vias concernentes, para que no dia assignalado, achando-se na cidade, onde elle, com igual diligencia para o mesmo effeito, teria prompta muita gente, se renovasse o motim; e por se escusarem mudanças e cada hora temores o elegessem capitão-mór, pois o reconheciam benemerito, e no empenho da conservação e bem de todos pelo mais zeloso e interessado. » Fez nos corações de muitos imprudentes grande impressão este incentivo, corrompendo-se com elle uns e outros, e dilatando-se ainda pelos que já se achavam socegados. E se este novo movimento succedêra de repente, sem que fosse previsto, seguira-se da republica a total ruina, e dos bons, com a perda das vidas, a ultima exterminação, porque o temor de um malefico d'esta qualidade, subito e ignorado, o faz parecer maior, e que universalmente todos são os aggressores d'elle, pelo que cada qual por isso, temendo o seu fim, o não defende nem desvia, mas antes com ruins apparencias o fomenta, como succedeu a Julio Maciel, a cujo cargo estava a guarda dos

quarteis pretorianos, quando n'elles entrou o rebellado Otho, que, parecendo-lhe os tinha á conjuração contra Galba, a todos já corruptos, amedrontado se negou á defensa, e se expôz de infiel á censura. *Julius Martialis magnitudine subiti sceleris, an corrupta latius castra, ac si contra tenderet; exitium metuens, præbuit plerisque suspicionem conscientiæ* (121).

2. Conservou-se o segredo d'esta nova conspiração entre os cumplices irrefragavel até a vespera do dia prefenido para executar-se ; então o revelou por melhor intencionado, ou (o que mais se crê) de superior influencia persuadido, um dos convidados para aquelle banquete: como denominava Tulio á que se urdiu contra a vida de Cesar e n'ella se perdeu, queixando-se o orador famoso (não sei se n'isto tão discreto) de não ser a participar d'estas iguarias por Cayo Trebonio, seu amigo, um dos chamados: *Quam velem ad illas pulcherrimas epulas vocari* (122).Tanto que a noticia aos realistas foi communicada, a toda a pressa se considerou e resolveu, fossem alguns advertir o sargento-mór do que convinha incontinenti obrar, permittindo o céo que, carecendo de todo outro prestimo, este homem sómente o tivesse de admittir nas graves occasiões o bom conselho e deixar-se para o importante guiar-se. Encommendou-se-lhe, fizesse convocar á surdina toda a infantaria prompta e municiada, por ser chuvosa e escura aquella noite, para o intento mais apta, ao corpo da guarda principal, que com ella em copioso numero o reforçasse, e com o resto provesse á segurança dos baluartes, artilharia, armazens e os mais postos necessarios,dispondo-se mais, que os observantes da razão, ao romper do dia, com suas armas

(121) Tacit., *Hist.*, lib. 1.

(122) Cic., *Epistol.*, lib. 6, in Epit. ad Cay. Treb.

prevenidas e nas casas vizinhas occultas, se achassem na praça, para d'ellas em qualquer caso se valerem, e contra toda a insolencia se oppôrem asperos e resolutos; como não foi sentida, em nada foi estorvada, executando-se pontualmente a prevenção. Amanheceu, e reconhecida do Beckman a novidade, não ficou homem não, mas mudo e quedo(123), á semelhança do Adamastor gigante, no embellezamento, mas não na causa de sua suspeição, que foi amorosa como a introduz elegante no seu poema; porque a d'este de pestifero odio procedia. Rompeu logo em altas vozes a queixar-se de que o povo padecia injuria grave com taes demonstrações, que não eram outra cousa que mostrasse desconfiança de seu procedimento honesto, ou totmal-a elle de que contra o mesmo vulgo se machinava seu destroço. Chegou-se-lhe como acaso, mas de proposito lançado, um sacerdote autorisado, e em segredo lhe disse: « Senhor, não é tempo de vossa mercê dar gritos, e muito menos de emprehender acção alguma que do presente estado desdiga, ou difference por nada que veja, por muito mais que suspeite, porque de certo sigillo de confissão me consta, acharem-se muitos homens mancommunados para matal-o, em vossa mercê do ordinario estylo em que está posto, discrepando. » Respondeu poucas palavras, com desprezo do aviso, mas retirou-se, e os de seu sequito que já concorriam, sumiram-se. Entre os da melhor parte cessou este temor; mas com a cautela para os futuros preveniam-se animados da esperança de navio do reino brevemente chegarem, para de todo se darem por livres, se vêrem descansados.

3. Repararam muitos em que este homem, tendo seu irmão no reino, em poder do principe e nas mãos dos mi-

(123) Cam., *Lus.*, canto...

nistros, se arrojasse accumular aos passados, novos delictos, e o maior d'elles na pretenção de se fazer eleger capitão-môr, ou por dizer o mais certo, senhor de todos; sem advertir, que tal excesso seria para o irmão pagar por ambos infallivel motivo. Alguns attribuiam ao vario de seu juizo, quando delirado, semelhantes absurdos, em que não reparava e muito menos cahia, excepto para n'elles se despenhar; outros, que lhe parecia muito contingente por sua destreza e astucia, o eximir-se lá o irmão de quaesquer laços, dos maiores contrastes; e ainda pelos successos do mar não chegar a vêr-se n'esses apertos; mas os de censura mais provavel, fundados nos indicios de seu animo, sobre o que por vezes temos referido, sua ponderação com propriedade affirmavam, que sendo todo o emprego de seu affecto um absoluto dominio, e que por este, todos os outros do coração humano se hajam de perder ou trocar; traria no seu impressos, como Julio Cesar na memoria decorados, os dois versos, não menos celebres que impios, do insigne Euripedes:

Nam si violandum et jus imperii gratia
Violandum est, aliis rebus pietatem colas.

(Eurip. in *Pheniss.*)

Seguindo-se d'esta detestavel doutrina repudiar a piedade, fosse embora em fraternal prejuizo, com tanto que n'elle ficasse satisfeita a ambição que por ora se considerou reprimida, mas não extincta.

4. Tres mezes de intervallo se seguiram, conforme o computo dos dias a elles vinculado, perfazendo-lhe o decimo quinto de Maio inteiramente, sem que em seu decurso cousa digna de memoria ou tradição acontecesse, quando pelo estrondoso bato de uma peça, assestada na eminencia

intitulada de S. Marcos para fazer signal dos navios que demandam a barra, se entendeu ser algum do reino, por concordar a monção, e n'elle governador novo, com muitas outras novidades todas importantes, e a respeito do estado das cousas de perigosa expectação. Foi geral o susto de culpados e innocentes; por os delinquentes suas consciencias proprias as accusar; os sem culpa, por considerar que a innocencia muitas vezes ás mãos da inveja, que aborrece e não imita,se acha offuscada, ou desmentida sua verdade simples, e a poderes e astucias da malicia, senão de todo com o sujeito a que assisto, se experimenta perdida, a padecer muito detrimento, se considéra occasionada. Mandou-se logo por ordem do intruso governo, um ajudante a tomar conhecimento do navio inda de mar em fóra, e do que em si continha. Voltou com noticias de que era portuguez, e conduzia infantaria, novo general, a quem fallára, fidalgo de avultada presença, e entre affavel, de severo aspecto; vira mais um velho enfermo, a quem chamavam doutor, e seria syndicante. Perguntára pelo procurador do povo, e se lhe respondêra sem alguma distincção vinha em outra não reçagada que logo chegaria. Vieram com elle dois homens graves, um morador no Pará, outro aqui aparentado, ao parecer desejosos de pisar a terra, mas o certo a conhecer a disposição d'ella, e a tomar de tudo lingua

5. Residia n'este tempo o Beckman em sua casa retirado e encolhido, como desgostado ou receioso de se intrometter nas cousas publicas ou innoval-as, d'onde agora, abalado com o rumor esparzido da chegada do navio, e advertido de seu perigo n'elle muito contingente, sahira orgulhoso e solicito a reparal-o, pelo modo a todo risco e força mais possivel. Ouvira o ajudante e os dois exploradores, que não cessavam de exagerar as partes do governador novo; diziam se chamava Gomes Freire de Andrada, te-

nente-general de cavallaria do exercito de Portugal, aquartelado na provincia do Alemtejo, soldado de grande nome e estimação nas guerras com Castella; comparavam-n'o na sciencia militar e valor com Julio Cesar, avaliado de todos pelo melhor batalhador; na prudencia com Quinto Fabio Maximo, denominado por sua muita cautela o Detençoso; nos ardis e destreza a Annibal, n'esta materia o capitão de maior capacidade; na feliz fortuna ao seu mais favorecido e mimoso, Alexandre Magno; emfim, o representavam dotado de todos os requisitos, de que Simão Stara Volsco na sua *Arte Bellica* (124) mostra carecer uma ajustada eleição de general, para d'ella resultar summamente perfeito; accumulando, era com os humildes e rendidos humanissimo; porem com os contumazes e soberbos todo severo e rigoroso, nunca comedido, sempre inexoravel. Aturdido com a relação de encomios tantos, mas não desanimado, o Beckman se resolveu a dispôr-se para frustral-os, com perda da opinião e da vida, se podesse, de seu illustre dono, e segurança propria, antes que a fama d'elles pelo povo todo se diffundisse. Sabendo por autoridade e affirmação desestrada, que a de um capitão famoso sómente basta para as vezes desbaratar as guerras: *Sola ducis fama interdum bella profligat.* Qnanto mais o informe e vario de um popular motim. Apartou-se logo com alguns dos seus mais intimos a forjar traças, e a unir as forças, com intenção formada a mais não poder de outro modo valer-se, de apagar aquelle sedicioso incendio por elle levantado, envolvendo a de todos com a ruina propria; como Catilina respondendo a Cicero (que se lhe queixava de outro semelhante, por sua perfidia, contra a patria movido) de assim o machinar prometêra: *Et quidem illud* (*id est incendium*) *si aqua non po-*

(124) Taravolscos, lib. 2, *De re militari*.

tuero, ruina extinguam(125). Não se descuidavam os do bando contrario, e melhor titulo, de acudir ao reparo com a diligencia que pedia o ultimo complemento de suas esperanças, e de seus sustos e trabalhos o melhor recurso, e assim, havendo no semblante, e outras acções do Beckman, reconhecido o seu designio, para divertil-o fizeram que o sargento-maior lhe colhesse toda a infantaria municiada em segredo ao corpo da guarda principal, disposta em ordem, e com aviso de rebater e atropellar todo innovado escandalo, e contra o socego publico qualquer invasão.

6. Todos os entendidos julgavam ser n'este homem o ente da razão mais existente e fixc, e a sua mais affectada idéa o haver de oppôr-se, resistindo á toda a força que do reino, ou de outra parte por ordem do principe o demandasse para domal-o e rendêl-o, representando-se-lhe, que a succeder-lhe mal em algum recontro, perdendo a vida corporal e caduca, a perpetuaria gloriosa na fama; e se a livrasse, reconhecendo-se desigual em armas para os contrastes de opposição a peito descoberto, se retiraria com o resto de seus sequazes ao sertão, onde pelo embrenhado dos matos, interposição de rios, e pelo vasto e esteril de seus desertos (só para a conservação dos naturaes ou muito naturalisados de algum emolumento), se dava por seguro; porque, succedendo ainda por meio de tantos inconvenientes ou ser buscado, seria quasi impossivel a seus contrarios acharem-n'o, senão quando por mal d'elles, quizesse em boa occasião descobrir-se, fazendo-lhe por este modo a empreza tão desgraçada e tão difficil, como Dario e outros muitos por semelhantes causas experimentavam com os scytas na Asia, e Albino Romano com os numidas em tempo de seu rei Jugurtha na Africa. E ultimamente nas demoras de uma

(125) Valer. Maxi., lib. 9, cap. 12.

guerra assim prolongada e ardua, era mui contingente o melhorar-se no partido, com seu natural senhor reconciliado, ou com os de outro algum estranho protegido. Além de que nenhum estorvo lhe occorria,para que em a vastidão de tão largo territorio, por elle alguma colonia se fundasse, que o alimentasse vivo, e depois com o honroso nome de autor seu, o decorasse morto.

7. Em ordem a este presupposto, encerrando a noite, occupou com alguns dos seus continuos do convento de Santo Antonio o circumvizinho districto (como sitio de felizes auspicios, n'esta materia a seus intentos), crendo que os lograria agora na defensa benevolos, conforme já os experimentára em lhe dar principios bem afortunados. Imitando o Pharnaces, filho de Mythridates, rei de Ponto, quando para dar a Julio Cesar real batalha, elegeu a campanha de pensado, em que seu pai ao consul Triario vencêra: *Hunc locum Pharnaces, veteribus paternorum felicium castrorum refectis operibus copiis omnibus suis occupavit* E a Tiridates, pertençor da Armenia, na occasião que para persuadir aos romanos este seu direito, vindo á falla com Domicio Corbulo, capitão de Nero, assignou por lugar das vistas, o campo, em que pouco antes por Vologesses, seu irmão e rei dos parthos, havia Peto, antecessor de Corbulo, sido sitiado e com grande perdida descomposto : *Locus in quo nuper obsessæ cum Peto legiones erant, quum a barbaris delectus esset ob memoriam lœtioris sibi rei*(126). Porque se o Beckman desdizia d'estes gentios na idolatria dos idolos, se conformava com elles na barbara crença da superstição sacrilega. Logo despachou mensagens a todos os conhecidos por da sua opinião fautores, e nos delictos pela observancia d'ella mais incursos, e por isso em sustental-a de necessi-

(126) Tacit., *Annal.*, lib. 15.

dade, muito empenhados, por livrar da merecida pena, ou, como lhes significava, ainda n'estes termos, por conseguir a si magnidades, conveniencias mencionadas tantas vezes, e sobre, tudo as do credito de varões constantes e perfeitos. A cada um ordenou se dissesse que já lhe assistia muita gente para animal-os a concorrer com esperança de bom successo, e tambem para o mesmo effeito induzil-os, com o temor, dando-se a considerar poderoso, para depois, se faltassem, e elle prevalecesse, rigorosamente os punir. Com todos estes estratagemas não passaram de vinte os aggregados, e dos que tiveram o seu aviso, o deram ao sargento-mór d'este novo accidente, que, acudindo áquelle posto com escolta bastante e bem armada, o achou já dasampa, rado, obrigando, assistido do provedor da fazenda e outros-a que os capitães com grossas rondas até alto dia toda a cidade descortinassem, tudo reconhecessem.

CAPITULO XII

1. Trazia o novo governador por regimento, não tomasse o porto do Maranhão, antes de se avistar com o seu antecessor, que acharia em Tapuitapéra desde os primeiros de Maio, na fórma que por aviso seu se tinha com Sua Magestade convindo, para que, communicando-se, e conferindo o estado das cousas e disposição dos amotinados animos, assim se regulassem com acerto na ordem de eleger os meios mais proporcionados de seu castigo, de sua reducção, intervindo o velho regedor com seu conselho e gente armada das capitanias d'aquella banda por elle conduzida, a qual, com cento e cincoenta soldados vindos do reino, para o presente effeito, parecia cabedal

bastante; e se por experiencia o contrario se mostrasse, então Gomes Freire surgiria com os navios encostados á povoação referida, onde, precedendo suas noticias, o buscariam para se incorporarem de Pernambuco os soccorros a este empenho equivalente; e por este respeito déra fundo fóra da barra em os 15 do dito mez, e a poucas horas se vio do capitão-mór d'aquella villa visitado, e advertido de que ainda não tinha aportado a ella seu predecessor, nem de que se lhe avizinhava havia noticia certa. Notavel prejuizo podéra resultar d'esta fallencia, a não querer Deus mostrar-nos em seu evidente favor sua indefectivel providencia, junto com a d'este fidalgo summa inercia e indesculpavel negligencia, de que muitos d'esta qualidade (absurdo bem damnoso) costumam fazer para ostentação de uma indiscreta soberania, razão de Estado, procedendo sem distincção em todas as suas acções com muitas pausas, com grande frouxidão; de sorte que parece, querem que as occasiões os esperem, e o tempo não corra; d'onde se origina mallograrem-se de ordinario os negocios mais importantes, a seu manejo entregues, e d'elles a propria reputação. Emfim, peccados de omissão, comprehensores muitas vezes de consequencias mui damnosas, em os quaes, por menos do que pesam os ponderarmos, com mais frequencia que nas insolemcias, incorremos; como dizia no senado o sabio Terasca,em ordem a applicar-se-lhe, como delicto grave, condigna penna: *Plura sœpe peccantur dum demeremur, quam dum offendimus* (127).

2. Vendo, pois, este nosso general, na falta do outro, e na do surgidouro para os navios, por elle a el-rei representado como indubitabel, da outra parte da bahia (constando agora do contrario com certeza), desbaratados os

(127) Tacit., *Annal.* lib. 15.

primeiros cimentos d'esta fabrica, e os de maior ponderação nas advertencias do seu regimento, e assim das esperanças do alheio arrimo destituido, não desanimando como bom soldado, o fundou tudo no celeste patrocinio, nos reaes auspicios, e logo no que lhe podia prestar seu valor, nos militares casos já muito provado, e seu talento, em regulal-os, bem instruido, para cujo effeito achava na instrucção,que Sua Magestade com singular advertencia mandára dar-lhe a faculdade ampla, resumindo todos seus preceitos, a que finalmente obrasse, como visse convir mais a seu real serviço; da maneira que o antigo senado dos romanos em os negocios de guerras mais importantes passava seus decretos, concedendo aos consules,a quem os commettia, em breve clausula, jurisdicção mui dilatada: *Ut viderent ne quid respublica detrimenti caperet* (128). Entendendo bem, que de se atarem com demasia aos capitães as mãos e os discursos, a conselhos de longe, que o chegam tarde pela muita distancia, ou se erram por falta das verdadeiras noticias e accidentes, só da vista comprehendidos, para serem logo bem observados, de ordinario se perdem ou mallogram as emprezas, como assim julgou, pelo que lhe succedeu, Domicio Corbulo, na que intentava contra os tricios, de grande expectação, da qual, inhibido das ordens mal fundadas de Claudio Imperador, desistiu,retirando-se com opprobio de amigos e inimigos da terra d'estes, onde com o exercito já se tinha aquartelado, não dizendo outra cousa senão quão bem aventurados foram no tempo antigo os capitães romanos: *Quam beatos quodam romanos duces* (129), sem duvida pela largueza que então se lhe permittia, em que nunca póde haver inconveniente, se de todos careceu, como importa á eleição d'elles. Este

(128) Omnes romanorum historici.
(129) Tacit., *Annal.*, lib. 11.

nosso, aquella noite,sempre vacillante,considerando lhe era impossivel arribar para parte alguma, excepto ás Indias, com o que se perdia tanta despeza feita, e frustrava totalmente o intento que occasionára sua jornada, e punha em contingencia o perder-se de todo o Maranhão, se presente o remedio agora, se lhe dilatasse ou desapparecesse, se resolveu em demandal-o com a sua não sómente (que a outra de sua conserva apartada ainda não chegára), e cem soldados, (duzentos levava a não entre soldados e particulares) tomaram armas; estribado em que estes eram do terço da armada, gente em todo successo de boa satisfação, e juntamente por ter entendido do ajudante vindo a bordo, que na cidade havia muitos do real serviço bem affectos e zelosos; e sobre tudo, visto não ser possivel assegurar as cousas todas com a prudencia, era necessario para guiar a bom fim o d'esta empreza,como em qualquer outra grande costuma succeder, fiar da fortuna algumas, comtanta mais causa, quanto para assim o fazer a necessidade que o constrangia se lhe representava urgente. Politica advertida do Marques Virgilio, grão-mestre d'ella, quando na admissão feita pelos gabios á sua republica, de Sexto Tarquinio filho do soberbo, os nota de credulos e argue de irresolutos (130).

3. Formado este conceito, e comsigo havendo assim discorrido e deliberado, incontinenti mandou aprestar a não para a peleja e para a navegação, determinando, em clareando o dia e permittindo a maré, entrar a surgir no ordinario posto; seguindo-se successivamente o sahir a terra a occupar a praça, exposto a qualquer caso, a todo risco, esperando, pela repentina presteza, achal-a dos sediciosos menos impedida, e talvez, pela assistencia dos

(130) Marq. Virg.Malvesi. in *Vita Tarq. Superbi*.

homens bons já de sua vinda avisados, reconhecêl-a de estorvos mais desembaraçada, para com elles mais facilmente interprendêl-a, sem dar lugar com alguma detença a que,esfriados estes ou demudados, e aquelles por prevenidos mais pertinazes e fortes, dessem motivo a mallograr-se ou corromper-se, o seu em tal extremo, bom conselho; não havendo algum que mereça esse titulo, nem louvor, antes de executado, como dizia Otho aos seus soldados, na occasião que os estava armando, e a toda pressa remettendo a privar da vida a Galba, e senhorear-se de Roma : *Nullus cunctationi locus est in eo consilio, quod non potest laudari nisi peractum* (131). Chegada a hora da monção se fez á vela para dentro da barra, mas abocada; de subito calmou o vento, e foi forçado o ancorar na ponta de João Dias, por não cahir sobre os circumvizinhos baixos, com indizivel sentimento seu, e dos que na cidade em distancia de meia legua, anciosamente com os olhos na embarcação fixos, parece a queriam attrahir, e ao general, nos corações, como a seu libertador,hospedar. Ficaram por este accidente tristissimos,e receiosos dos mal intencionados (tambem por alli mesclados, e com mais olhos que os de Argos attentos a todo successo que podesse motivar a seu partido, e damnados pensamentos melhora alguma) com este intervallo se moverem, a machinar contra tão boas e proximas esperanças suas algum rebate; no que não se enganaram, porque muitos dos que já de alguns mezes antes abominavam a alteração e seus autores, oppondo-se a seus malvados intentos e dictames, supposto no principio os haviam abonado e seguido, agora subornados do temor das penas, que outros dos mais relapsos lhes traziam á memoria, e com o dedo apontando para o navio lh'as pro-

(131) Tacit., *Hist.*, lib. 1.

punham á vista, de novo se resolveram em tudo confundir, só por respeito d'esta timida apprehensão e conjectura; como na opinião de Aristoteles basta para acontecer, e mostra haver-se experimentado : *Ob metum seditiones movent, tam hi qui fecere injuriam metuentes penam tam hi qui in se expectante prœvenire volentes* (132).

4. D'estes homens, como de um novo principio, d'onde pela compostura de seus animos, e acções em que se achavam, nada se temia, renascia por ultimo a sedição, que quasi ameaçava á cidade total ruina; pelo estylo que no tempo de Otho tantas vezes referido, gozando já do dominio de Roma, a seu parecer sem sobroço, os soldados pretorianos, impensadamente suspeitosos do alheio damno (como estes sediciosos do proprio) que conceberam ser conspirado contra o seu Imperador, uma noite, que para differente effeito se lhe mettiam nas mãos as armas, se abalançaram a destruir a côrte, de que não desistiram sem primeiro executarem de innocentes muitas mortes, e ao proprio monarcha causaram horrendos sobresaltos, e provocarem a magestade imperial a feios abatimentos e indecentes lagrimas: *Parvo interim initio unde nihil timebatur, orta seditio prope urbi excidio fuit; donec Otho contra decus imperii, thoro insistens, prœcibus et lachrimis ægre cohibuit* (133). Largando aquelle sitio, se foram os novamente commovidos em busca do Beckman, dizendo pelas ruas, em tom de voz que fossem ouvidos, era chegado o termo de terem mão, e com todo o esforço resistirem ou serem todos enforcados; chegaram á sua casa, d'onde se havia retrahido pelo successo da precedente noite confuso e descontente, inculcaram-lhe

(132) Aristot., *Politic.*, lib. 5.
(133) Tacit., *Hist.*, lib. 1.

seu sentimento, e a necessidade extrema, para não perecerem de remedio, pedindo-lhe, e para o solicitar a todo o custo, offerecendo-lhe; elle, do animo que lhe assistia e nunca perdêra, os certificou logo, advertindo-os do que pretendia obrar, e do modo com que elles deviam concorrer, para o que se fossem de corrida prevenir. Despedidos estes, e convocados os misteres do povo, sahiu furioso a alteral-o, representando nos olhos e acções, soberba e ira, e discorrendo pelas ruas e casas dos moradores, os constrangia com rigorosos ameaços a se congregarem na praça sem tardança, a impedir sem duvida a desembarcação ao general, e reduzidos a todos com excessos á ultima desesperação e precipicio; porém os mais, em elle passando adiante, se retardavam no primeiro impulso menos orgulhosos, e melhor acautelados.

5. Recolhia-se ás horas do meio-dia para casa o provedor da fazenda, e encontrando-se com o Beckman e misteres, lhe intimára os mesmos preceitos e penas que aos mais se faltasse a elles; chegou ao seu domicilio, e comprehendendo em breves discursos tanto fracasso e a fórma de evital-o,com as armas que tinha e um filho voltou logo, por differente rumo que o homem levava,prestissimamente ao corpo da guarda principal, onde achando o sargento-mór pelo desvelo da noite,e um capitão adormecidos, sem outra assistencia que a de quatro soldados,em razão dos mais se terem ido a jantar, os despertou alvorotado, e dada conta do novo e sobre todos os passados,pela occasião do tempo, e occurrencias das mais circumstancias, maior perigo, os persuadiu a que sem a menor interpellação se tocasse a recolher, o que executado e já incorporados os soldados, lhes disse: « Era chegada a hora em que todos os leaes vassallos deviam mostral-o na defensa da reputação e rea

respeito, no reparo do bem commum perdido já ou confuso da republica e terra que os creára como mãi, com seus fructos os sustentava, e com as honras os engrandecia, obrassem pois na repatição do credito desirado; da obediencia a seu principe justamente devida, e tão indignamente quasi de todo alheada, como verdadeiros portuguezes, como valentes soldados, e por isso, n'esta materia mais empenhados; convertendo para emendal-o, pois se lhes offerecia a opportunidade necessaria, o erro de se haverem sujeitado ao Beckman, e com elle concorrido em nova honra e mais avantajada; e o abatimento padecido, em maior respeito, em mais crescido applauso, pelo estylo observado dos soldados de Germanico, da guarnição do Rheno, que primeiro contra elle e seu pai adoptivo o Imperador Tiberio, amotinados e logo de suas palavras persuadidos, não só se reduziram, mas, derrotado o inimigo por elle mostrado á vista, se fizeram do perdão capazes, do premio benemeritos,» quando a gritos lhes disséra, que aquelle era o tempo de pôr-se em olvido a sedição, se apressassem absolver a culpa em decorosa prerogativa, e elles com fogosos animos e singular impeto romperam o adversario e destruiram: *Hoc illud tempus obliterandæ seditionis, clamitabat, properant, culpam in decus vertere; exardere animis, unoque impetu perruptum hostem rediguntque, caduntque* (134). Os nossos ouviram a exhortação attentos, e se manifestaram bem zelosos e colericos; seguisse o remetter-se a toda a pressa sem dos sediciosos ser sentido um filho do mesmo provedor, por nome José Teixeira de Moraes, com aviso ao general do Estado em que se achavam e em termos de perder-se, se promptamente não fossem soccorridos, requerendo-lhe desembarcasse

(134) Tacit., *Annal.*, lib. 1.

logo, e a não lhe ser possivel remettesse toda a infantaria que podesse,para assegurar a cidade e a desembarcação de sua pessoa, por constar a que lhe assistia de mui pequeno numero. Em menos de duas horas tomaram terra, assistidos de um esforçado capitão, cincoenta homens bem armados, que, conduzidos ao alto da praça, formaram junto do principal seu corpo de guarda ; já antecipadamente tinham apparecido nas bocas d'ella muito dos populares, os quaes, reconhecida a primeira prevenção, em breve espaço se sumiam, chegando-se para a guarnição os de bom titulo, o que tambem fez o Beckman com poucos dos seus, sem armas de suspeitas, dando-a, porém, grande de sua malicia, e por isso de todos sempre attendido. Elle inquieto não socegava, e motejando dos soldados reijuões, entre risos e meneios despreziveis, lhes chamava maracanazes (certo genero de papagaio), equivocando-os pela côr verde das casacas no nome, com aquelles passaros, afim do povo não temêl-os, antes desprezal-os ; ninguem se lhe oppunha, mas ninguem de vista o perdia.

6. Haviam voltado á não os dois bateis conduzidores dos primeiros soldados, e já com demora pouca, e n'elles o general com o resto de sua milicia surgira no porto destinado. Fôra elle advertido era o Beckman de tal qualidade e artes que, sem embargo de vêr-se do vulgo desamparado, podia do seu animo temer-se contra sua vida, o mais temerario arrojamento,sem fazer caso da propria, parecendo-lhe a lograria na posteridade, com a fama tanto mais larga, quanto agora em acção, a seu entender tão heroica, menos lhe duresse, certo de que, perdida a do presente cabo, se desvaneceriam sem fallencia, por então os eminentes damnos sobre o povo que amava como proprio, ou pelo haver commovido affectava sua defensa a todo empenho de seu brio igualmente obrigado, que vanglorioso, á imitação de

Scevola, que pretendeu com a morte de Porsena, rei da Ethruria, sublevar a Roma, sua patria, do cerco que lhe tinha posto; certo de que cortada aquella cabeça, se desmembraria facilmente aquelle grande corpo que a opprimia; quando, empregado o golpe e errado o sujeito a elle condemnado, inda assim o conseguiu pelo valor que expressou no braço que queimava, porque no erro delinquira, protestando juntamente que outros muitos,sem duvida definiriam a questão que elle interpedio movêra,e ignorante mal decidira, ou por vingança antecipada ao gravame rigoroso que temia, pretenderia este insolente executal-a em quem podia forçal-o a padecêl-o; como em Africa usou Pisoniano com o centurião Papirio, que por ordem do Imperador Vespasiano vinha a matal-o, de que avisado lhe mandára tirar a vida, sem esperança alguma de conservar a propria, que pouco depois perdêra ás mãos da cavallaria, por Testo, cabo d'ella, para esse effeito remettido, o que fez sómente por indignação, contra o executor de seu maior flagello, concebida não por remedio ou esperança de evital-o : *Postquam quæsitum,sibi crimen, cædem que comperit, animadverti in eum jussit, haud perinde spe vitæ, quam ira inpercussorem* (135).

CAPITULO XIII

1. Persuadido do aviso que lhe fôra dado, e de outros muitos semelhantes casos que lhe occorreriam infaustamente succedidos, saltou o general em terra, de soldados selectos, e confidentes bem cercado ; começou logo a marchar para

(135) Tacit., *Hist.*, lib. 4.

a praça, por entre o povo costumado em taes funcções por aquelle districto a congregar-se muito, e agora por maior expectação mais concorrêra, por entre o qual o Beckman com demonstrações de iradò discorria, sempre no governador com os olhos fixos, de quando em quando ao largo rodeando, por de outro modo lhe não ser possivel o fazêl-o (ignoro a causa de ainda o não prenderem, seria porventura de algum popular abalo receiar-se, e por isso para melhor hora reserval-o); chegou-se ao sitio occupado dos officiaes da camara, e para a usual oração em tal tempo prevenido, onde ao governador no portatil docel já introduzido um dos annuaes regentes, entre humilde, e cortez assim lhe disse :

2. « Este senado, senhor, e este povo, se dão os parabens da boa vinda de V. S. a este governo, não por opinião provavel, mas por certeza infallivel de que para nós todos será feliz, conseguido o remedio de nossos trabalhos, e o bem de nosso socego, e não menos será para V. S. na singular honra, no louvor geral, no merecimento superlativo para com Deus, para com a real magestade, e para com os homens ; sendo d'este nosso bem (mais que esperado reputado por possuido) a prova mais equivalente, ser V. S. mandado por el-rei nosso senhor, que Deus guarde, em uma tal occasião a governar-nos ; porque se o coração dos reis está nas mãos de Deus, como é certo, para lhe inspirar em todo tempo acertos filhos de sua sabedoria altissima, influir affectos benignos de sua piedade immensa, communicar alentos de sua omnipotencia inconstrastavel ; é de ser que com maior efficacia concorreria, em tempo que as necessidades nossas, e o justo, e real serviço o podiam tanto. Segue-se logo que n'este lamentavel estado nosso, e no penoso que este successo de nossa inquietação a Sua Magestade terá causado, ser V. S. por elle eleito para reger-nos,

manifesta a superior providencia, qualifica o real e acertado impulso, e abona de V. S. a sufficiencia grande, no zelo, na prudencia, na benignidade, no talento, e nas mais prendas que constituem um varão eminente, e por conseguinte certifica nossas melhoras, e desbarata nossos receios; assegurando-nos sobre tudo, o achar-se este povo reconhecido;a que se arrojou indiscretamente, mais attento ao sentimento de sua miseria, e de suas queixas, do que a boa razão que devia observar no modo licito de represental-as ao dito Sr. rei e pai nosso, de quem como tal, esperam estes vassallos sempre em todo tempo leaes e humildes, toda a piedade, e remedio ; proposto da nossa parte o proposito firme, não só da emenda, para não incorrer mais em semelhantes desacertos, mas tambem em toda a occasião que se offerecer, servir com toda a firmeza, a todo custo de vidas e fazendas, sua real corôa, e de agradecer a V. S. com todo o emprego de nossos animos, e pessoas a boa fortuna que por seu meio, e favor n'este, e nos mais particulares de nossa conservação, obedientes, e agradecidos esperamos conseguir. Seja V. S. muitas vezes bemvindo. »

3. Acabada a pratica, se continuou o passeio até entrar o general na Sé, a render á Eterna Providencia as devidas graças pela viagem concluida sem perigo, prospera, e por sua aceitação lograda sem contraste, com felicidade tanta. Prosegue-se depois, por meio das esquadras em fórma bellicosa bem dispostas, em demanda da casa do conselho, onde obedecidas as reaes ordens sem o menor reparo, e dada de seu complemento conhecida senha, foi dos bons com summo gosto, por humanas vozes em repetidos vivas, e acclamações, e por outras muitas da polvora estrondosas, e dissonantes,em multiplicadas salvas applaudida; e celebrada a envestida posse do governo,e a quietação publica, na opi-

nião dos que a desejavam avaliada já por bem segura, e de todo conseguida. Nos ultimos crepusculos do dia, se recolheu aos prevenidos aposentos, para o seu descanso, e estancia destinados. Fechou-se a noite, e tambem a cidade com a guarnição de muitos postos occupados, e de numerosas patrulhas, umas a outras successivas e volantes ; porque um bom capitão não costuma com as lisonjas divertir-se, para da segurança descuidar-se; nem com os terrores esmorecer, para turbado perder-se. No seguinte dia tudo se via socegado,sem nenhum rumor, nada de alvoroto, desapparecido o temor, os semblantes dos homens alegres, e modestos ; em especial de todos que visitavam o novo regente, de cujas eloquentes praticas, e affabilidade grave se pagavam tanto,que todo seu intento era no real serviço e no seu particular agrado, mostrar-se cada qual mais officioso e prompto. Como succedeu lograr na entrancia do seu generalato, e expedição Tito Vespasiano, que com semelhantes artes o soubéra lograr bem afortunado: *Comitate et alloquiis officia provocans*(136). Certificando muitos que o aspecto sómente do novo general, tinha na apparencia extrincica occulta força, para a sedição mais turbulenta, e do povo a insania de maior furor desfallecer de subito, cessar de todos ; concedendo-lhe aquella excellente prerogativa que por singular ornamento applicou ao consul Marcello, o famoso Claudiano, assim cantando :

Qua non seditio qua non insania vulgi
Te viso lenita cadit, etc. (137)

Havendo-se pouco tempo antes observado por experiencia o mesmo Augusto Cesar, do qual affirma seu neto Germanio, socegára as legiões dispostas contra Marco Antonio,

(136) Tacit., *Hist.*, lib. 5.
(137) Claud., *de Consul Marcel.*

e Cleopatra,no promontorio Accio,então amotinadas, só com sua vista e semblante intimidando-as : *Divus Augustus, vultu et aspectu Actiacus legiones exterruit*(138). Esta de ordinario se avalia por graça natural; comtudo póde tambem por artificio do entendimento ser adquirida, referindo-se á elegancia sua observação e regras, sendo como dependencias d'ella a compostura, e movimento pessoal da presença, igualmente que a pronunciação clara, e sonora das pelavras(139) (hoje por fidalguia incognita, os maiores personagens as usam tão sumidas e indigestas, que serão vozes articuladas mal percebidas, mas nunca distinctas, e por isso de ordinario ignoradas, com não pouca pena dos circumstantes, e d'elles não menor castigo, por não conseguirem outro fructo, que errar-se a execução de suas ordens, e o do aborrecimento, e da irrisão commum, alèm de incorrerem na insolencia de Pallas, grão vallido de Nero, cuja soberba sendo por seus familiares de traição contra o Imperador accusado, foi mais pesada que grata sua innocencia, dando por defesa ao imputado crime, que seus criados o delatavam de falso, pois os tratava sempre tão austero, que só por acenos os mandava, e se as cousas eram muitas ou varias por escripto ; por evitar para com elles a sociedade das palavras, e a semelhança das vozes : *Respondit, nihil unquam, se domini si mitu aut manu significare, vel si plura demostranda essent, scripto usum, ne vocem consociaret* (140). Do que se colhe ser a eloquencia aos grandes cabos muito necessaria, e por isso em suas eleições dever attender-se muito, na fórma que em sua arte militar resolve Staravolsco, (141) porque com ella se

(138) Tacit., *Annal*, lib ..
(139) Val Max., de *Pronunt. et aptom et Corp.*, libaro 8.
(140) Tacit., *Annal*,, lib...
(141) Staravolsc., de *Re milit. de elect. Duc.*, cap. 1, lib. 2.

capta a commum benevolencia, para as emprezas arduas os animos se incitam, e se pacificam os mais irados ; como entre outros muitos experimentou o dictador Valerio em Roma, na divisão dos amotinados plebeus, e senadores, que, estando a cabeça do mundo já para romper-se e arruinar-se, fez que se conservasse aos mais membros unida,porque a esperança de tão grande Imperio senão mallograsse, e logo em seu principio se confundisse : *Ac ni Valerii subveniset eloquentia, spes tanti Imperii in ipso pæne ortu corrucit* (142).

4. Viéra um desembargador syndicante, mui differente dos que costumam afiançar todo seu credito, e merecimento na assolação dos povos aonde com semelhantes commissões são remettidos, na privação das vidas que executam com tanta facilidade, como se em perdêl-as se não sentisse damno, ou tormento, e na sua alçada coubesse o restituil-as igualmente que o tiral-as. Mettem tambem a saco as fazendas, como se fossem de guerra licita alguns despojos ; convertendo assim os virtuosos effeitos de uma tyrannia pessima, com simulação introduzida, para com utilidade propria serem sem risco seu executada, confiados de maneira, que solicitam premios pelo que mereciam penas, e o conseguem ; porque os queixosos carecem para representar suas oppressões das commodidades que a elles sobram para desmentir seus delictos, e reputal-os por virtudes; contra os máos ministros servia esta pequena invectiva interposta, ou para ser alguma vez attendida para o remedio, ou certamente para agora servir de realce, e elogio ao procedimento do Dr. Manoel Vaz Nunes, portando-se n'este expediente, justiçoso, com clemencia severo, e não sanhudo condemnando sem excesso, punindo o que

(142) Val. Max. *de vi elog.*, lib. 8.

não podia ser menos, e mitigando o rigor das leis, quanto não podia ser mais, com inteireza, com desinteresse, com satisfação da offensa real, da injuria da republica e direito das partes. D'esta arte, e por estes meios, se formava uma perfeita consonancia com as propriedades nada menos ingenuas do novo governador, antes quanto lhe preferia no respeito, e avantajava no poder (que era todo o real, em sua pessoa, n'esta occasião por singular indulto transferido), tanto lhe antecedia nas relatadas, e em outras muitas prerogativas. Fôra elle eleito de proposito, para a emenda da brandura, e frouxidão sobeja do governo passado, não só por successor ordinario, mas juntamente ministro vingativo das desordens. Porém elle começou, e até o fim o proseguio a usar de moderação rarissima, querendo mais se mostrasse achára os homens bons, do que entender-se que elle de novo os fizéra, ou pelos castigos reformára. Quasi do modo que o Tacito refere de seu sogro Julio Agricola, succedendo a um legado mal reputado na administração militar, e civil: *Ita successor simul et ultor electus, rarissima moderatione, maluit videri invenise bonos quam fecisse*(143). Precisos eram os castigos, determinado tinha no numero e qualidade todo o possivel moderal-os ; sentimentos e dôres se haviam de seguir ; já se reconhecia em seu peito porta aberta, por onde introduzidos, de alheios se convertessem em proprios, e servir-se de allivio aos que os padecem forçados, vêr que por olhos diminuir, se lhes aggregava voluntario companheiro, para com elles generosamente penar: alta politica ! Cuja observação e disciplina nada depende do artificio affectado e cavilloso que logo se conhece, e conhecido irrita os animos, e não avassalla, mas sim de um verdadeiro zelo, e pio dos christãos documentos,

(143) Tacit., *in vit. Jul. Agricol.*

e da discreta synderese ou prudencia,para util e opportunamente pratical-a ; de ordinario com maravilhosos e suaves effeitos, por mais que as causas sejam contrarias e nocivas.

5. Suspensas estiveram por alguns dias as operações julgadas por infalliveis da alçada, e sómente se tratava de segurar a praça dos revoltosos, se ainda permanecessem contumazes, e em fazer repôr tudo no estado que o motim achára, e demovêra. Quando de repente foram presos dous procuradores que haviam sido do povo, o Sampaio que sahira do convento, e outro por nome Eugenio Ribeiro Maranhão : sobresaltaram-se e temeram todos, até os da consciencia mais isenta ; e supposto se esforçava cada qual a desmentir, com a serenidade do rosto, os dictames de seu juizo, e os sentimentos do coração, reprimindo e occultando no intimo de seu peito,todo o possivel e fraco affecto do temor ; comtudo se lhe manifestava evidente no desasocego das pessoas; na turbação das acções, e no enleio das palavras. Foi do governador sentido este novo incidente, a todos sempre attento, e occorreu com presteza ao remedio, prevenindo alguma damnosa contingencia, com dizer-lhe se não assustassem, nem temessem, porque elle tinha entendido fôra no passado insulto a culpa formal de poucos, e de dois seria a pena como Otho, reprehendendo e não desesperando os soldados pretorianos, pelo motim em que tanto de sua imperial autoridade perdêra, e na vida perigara, proferia : *Paucorum culpa fuit, quorum pœna erit* (144). E que estes seriam os principaes cabeças e aggressores, como causa e origem do furor e loucura semelhante, em que os mais por contagio se envolvem, e ignorantes concorrem; conforme a experiencia mostra, e

(144) Tacit., *Hist.* L. I.

Tito Livio ensina: *Causa et origo omnis furoris, primes authores est reliqui contagione insaniunt* (145). E que esta era a ordem de Sua Magestade que trazia, e brevemente se lhe fazia patente; como ao outro dia cumpriu, mandando publicar em nome do dito senhor perdão geral, com excepção de dois até seis dos mais culpados. Assim os confortou, e de alguns desordenados pensamentos divertiu. Chegára o navio que faltava com o resto da infantaria muito enferma; que caridosamente pelos moradores assistida, portando-se ella toda com maravilhosa modestia por gratidão dos recebidos beneficios, e mais por respeito do general, a quem temiam justiçoso, e amavam benigno. Foi recluso na cadêa o Beckman menor, que no navio viéra preso desde a côrte, e por confissão propria já n'ella tomada se achava em conhecidos termos da mais grave condemnação, da qual por meio do subterfugio ecclesiastico, havendo-se acolhido a um templo do Cabo Verde, e depois tirado; pretendia eximir-se com o Beckman maior se não tinha feito alguma diligencia, nem elle pela cidade discorrendo, se mostrava timido. Dizia-se que o governador, lastimado e compadecido de que houvesse de justiçar dois irmãos, casados ambos, e com muitos filhos, dissimulava em perseguil-o, desejando desapparecesse, conhecendo-se-lhe indicios de bem arrependido. Porém constando-lhe intentára libertar com gente armada o irmão, e por se lhe não juntar bastantes a constrastar a que lhe fazia guarda, desistira; certificado de que sua perspicacia, e propensão a intentos detestaveis, tinham em seu animo feito assento, mais por natureza, que por accidente; entendendo tambem que ficando com vida sempre a quietação publica estaria arriscada, e o Estado nunca seguro; pelo que era de mais utili-

(145) Tit. Liv. Dec. 1º L. 8.

dade, com o castigo de um máo homem, reprimir a malicia de muitos, do que por respeito de outros de igual qualidade e numero perdoar a um, como contra Verres argumentava, e concluia Cicero: *Est utilius unius improbi supplicio multorum improbitatem coercere, quam propter multos improbos uno parcere.* Se resolveu a prendêl-o para extinguil-o.

6. Buscou-se o Beckman com officiaes de justiça, e soldados, de repente, e não se achando no lugar do aviso, por se haver acaso d'elle desviado sentindo o rumor, o teve de se metter nos matos contigiosos á cidade. N'ella immediatamente se lançaram bandos com comminações de graves penas a quem o occultasse, ou favorecesse, e de premios para os que o prendessem, e á justiça entregassem. Elle, deixando os caminhos, e penetrando ás asperezas, demandava as roças de alguns seus confidentes, que o recebiam de seu trabalho pezarosos, mas não soccorriam quanto lhe convinha timidos, e o despediam, em perigo proprio cautelados, com palavras boas, e nenhumas obras a livrar do perigo equivalentes; chegou, emfim, á de uma viuva, que se o não hospedou por muitos dias, e encobriu como a de Sarephta ao propheta mais zeloso, frustrando assim a perseguição de Isabel, rainha injusta, o proveu comtudo, mais por temor, que por outro algum affecto, de canôa e negros, em que se conduziu ao sitio de sua fazenda no rio Meary, distante sessenta leguas, prosperamente por não ser seguido, havendo sido seu primeiro caminho ignorado; porém que importava se o perseguia seu peccado, inseparavel verdugo dos humanos, contra os quaes de continuo fulmina seus desastrados effeitos, como bem conheceu, e o lamentava o peccador coroado, tão escandaloso no delicto commettendo-o, quanto illustre no arrependimento emendando-o; quando triste dizia: *Quoniam iniquitatem meam ego*

cognosco, et peccatum meum contra me est semper (146). E assim acertou com o remedio, logo que desistiu do erro. Mas o Beckman por n'elle presistir impenitente, se lhe voltavam precipicios, os mesmos meios que lhe podiam ser refugios, quaes aquella paragem agora lhe offerecia promptos no intrincado labaryntho das brenhas, no immenso espaço das terras, por onde, alargando-se, era certo desapparecer-se,ou emboscado nas malezas sumir-se, para contra sua vontade nunca ser descoberto, e por conseguinte jámais pelos seus insultos com o supplicio executado. Nada intentou senão o deixar-se alli estar ignoto, e para toda a diligencia de sua segurança confuso, indeciso, e torpe. Entretanto procedia o ministro, de todos os culpados por via de devassa, a juridica pesquiza, da qual constou ser o de maior incurso, este fugido. Foi então posto em prisão um mister do povo d'aquelles tempos revoltosos ; porém o total empenho, a importancia toda do negocio, se entendia estar vinculado a do Beckman, que hora se julgava por mui difficil, havendo-se perdido tanta occasião de executal-a facil.

7. Passado pouco tempo, se soube, por boca dos escravos que o conduziram, o rumo que levava, e o posto que occupado tinha de tanta franquia, e para a conservação de sua pessoa, e liberdade accommodado tanto ; o governador, arrependido de seu piedoso descuido, e informado das difficuldades oppostas ao effeito precisamente necessario de prendêl-o, se achava irresoluto no modo que teria em demandal-o. Porém em breves dias o livrou d'este cuidado um moço cidadão de grandes correlações com o homisiado, de quem com beneficios desde sua instancia fôra assistido,aos quaes ingrato, de seu proprio motu, ou superior destino,

(146) Lib., *Psalm.*, psalm. 50.

como se póde crêr, permittindo passagem por onde peccára, e com uma aleivosia satisfizesse ás muitas que contra outras emprehendêra; se moveu impensadamente com um companheiro e alguns negros seus a buscal-o. Chegou ao lugar do seu engenho. E perguntando por elle, se lhes respondeu não assistia n'aquelle districto; já se recolhia á sua canôa para se partir sem intentar outra diligencia, quando foi adevertido de uma escrava do Beckman, dizendo que o chamava; foi seguindo-a, e na fralda de uma mata o descobriu, com um bacamarte, prompto para disparal-o, dizendo-lhe que queria, e lhe inculcasse as novas que soubesse. Então um esforçado escravo do que imaginava hospede bem affecto, sendo inimigo capital, e disfarçado, se arremeçou a elle, e maniatou, de outros ao mesmo tempo soccorrido; quizeram-lhe valer os seus com um feitor; porém, intimidando-lhe a voz de el-rei, cuja magestade offendêra como traidor, resistiram da repugnancia, e foi levado á canôa, onde com grilhões assegurado, se fizeram na volta da cidade. Queixava-se o Beckman da ingratidão, e impiedade do falso amigo; pedia-lhe o não entregasse á morte, se doesse de sua miseria, e ao menos o alliviasse dos ferros que o molestavam muito, empenhando sua palavra de não fugir-lhe primoroso; concedeu-lhe a ultima proposição, e o seguia sôlto, passando as noites em terra sem cautela ou vigia; do que se não valeu para livrar a vida, podendo com facilidade assegural-a, pontual na promessa ou antes arrastado dos seus peccados, cégo, corria a receber a condigna pena; escusada a industria, ou violencia dos ministros, que lh'as não sabiam applicar; como elle se dispunha a solicital-as para quasi voluntario se perder. Desembarcou em uma ponta da cidade em noite lobrega, tendo feito seu curso mais de meio; acompanhado sómente do autor de sua prisão, e caminhou para o corpo da

guarda, por passos escabrosos, e de varias ramas cobertas; sem ligadura alguma que o impedisse a que dando alguns ligeiros, a curiosidade digna só de vituperios, do seu guarda se prestasse. Emfim, dado aviso ao governador, foi na cadêa publica recolhido, onde, carregado de ferros, conheceu por seu mal,que os seus vinculos eram mais firmes, e seguros, que os dos affectos humanos mais prezados de finos, inda que por meio das maiores obrigações, ocasionados e merecidos.

8. Escrevi com miudeza prolixa este successo, porque se vejam n'elle evidentes os juizos divinos, os veneremos e temamos, e a nossa incapacidade, e fraqueza, para que nos humilhemos, e não presumamos. Fulminou-se o processo mais que summario, e menos que ordinario, evitados alguns termos superfluos, e dilatorios. Foi condemnado á morte natural com o Sampaio, e um mister do povo, em que votou, e assignou tão constrangido o general, que bem se manifestava seu sentimento de formar letras que antes não quizéra saber,como disse Nero,estando no primeiro e louvavel quinquennio de seu Imperio, com a penna nos dedos, e a magoa no coração, para assignar a primeira sentença de morte, que para esse effeito diante se lhe apresentára: *Quam velem nescire literas* (147). Executou-se no mister em estatua, por não ser achado, e nos dois realmente. Recebeu-a primeiro o Beckman catholicamente animoso, supposto se escandilisaram os entendidos, e timoratos, de elle dizer do alto do patibulo, pouco antes de precipitado, que morria satisfeito de dar pelo povo do Maranhão a vida. Não faltaram muitos que sentissem a sua tragedia, uns de pios e compassivos, os mais de ignorantes, e interessados, aos quaes sómente a

(147) Suet., in. lib...

conveniencia propria (e basta ser imaginada, perca-se embora a publica) os demove de qualquer tyranno a lastimar-se, como se experimentou em Roma com o execrando Nero, sentindo muito os d'esta qualidade seu horrendo fim ; e ainda sua malvada memoria lisongeando, lh'a idolatravam a tempos dedicados com visitar-lhe o sepulchro, e adornar-lh'o de flôres : *Nec de fuere qui quotannis statuto tempore, ejus tumulum frequentarent, floribus que componerent*. Ao outro mister preso se lhe applicou a pena de açoutes, e morte civil ; e quasi trinta na pecuniaria, e não grande, para a alçada foram multados. O religioso prégador, muito antecipadamente por nós insinuado, no seu convento foi recluso, e um parocho da sua igreja expulso, e retirado. A tão limitado custo de castigos,com temperança executados, para que a poucos chegasse a pena, e a muitos o exemplo, seguindo a doutrina do duque de Nardo: *Ut ad paucos pœna, ad multos exemplo preveniret* (148). Se reduziu ao Maranhão a paz, e socego publico, e a cada qual de seus moradores a liberdade e segurança, e se com algum pezar dos máos, bem que occulto, e reprimido, com grande satisfação e applauso dos bons, dos quaes unicamente se deve fazer caso para os conservar, e em tudo favorecer. Ao cidadão que prendeu o Beckman, e entregou á justiça, se concedeu o que pediu, cousa mais leviana que importante, a qual brevemente se lhe desvaneceu, não lhe succedendo assim no universal odio, e aborrecimento que por tão feia acção justamente contrahiu, e permanece ainda para com os proprios, cujo agrado a tudo mais lhe parecerá antepôr, como a semelhantes sempre costuma succeder, que assim o dizia a Germanico Cesar, o grande allemão Segestes,perante quem rendido orava, e

(148) Duq. de Nard., *de Re milit.*, lib. 2.

mais por seu credito na fidelidade para com os de sua nação, do que por sua vida intercedia: *Quippe proditores, etiam iis quos anteponunt invisi sunt* (149).

CAPITULO XIV

1. O governador desde que ao Maranhão aportára, sem embargo da occupação grave, e precisa da reducção de seus moradores, ao verdadeiro e devido culto de bons vassallos a seu rei, que o mais do tempo lhe tomava, sempre todo o possivel empregou sua attenção, e desvelo, em inquirir de toda a provincia a natureza, a importancia, e copia de seus fructos, e drogas, fazendo diligencia por que se investigassem, e descobrissem as occultas e remotas, e se examinasse a substancia, e valor de todas; intentando tambem se abrisse caminho pelo sertão, que facilitasse d'este Estado para os do Brasil a communicação; cousa conforme os bons discursos, que sobre isso se fizeram, pelo abreviado da jornada, e outras dependencias, muito necessario, e importante, a cujo descobrimento com effeito mandou, e se não conseguiu; porque em breve de sua presença, a que assistiam efficazes influxos, se careceu; juntamente colheu as noticias mais verdadeiras do exordio, e fundação d'este particular, e real dominio, solicitando com viva industria as tradições, e documentos mais coherentes, e de melhor censura, sua infancia, seus progressos, já de celestes e benevolos aspectos bem promovidos, e já de malignos impulsos retardados, ou muito retorcidos. As suas alterações passadas e causas d'ellas,

(149) Tacit., *Annal.*, lib...

e a preservação das futuras, como ex-professo entendeu, e definiu. Das miserias por pobreza, e outras vexações dos habitadores se compadecia, sentindo as quaes se fossem proprias, e assim como lhe eram notorias, remediava logo as que podia, reservando as mais com o arbitrio sobre seu remedio excogitado para Sua Magestade propôr, e o bom despacho solicitar. Nada que importasse, e ao bem fizesse, de sua comprehenção feliz e admiravel nota, se eximia, para com utilidade de tudo no serviço real se valer, e a todos aproveitar, occupando, segundo seu genio, e prestimo, a cada qual nos officios, nos postos, nas commissões, de que resultavam maravilhosos effeitos: tanta era sua natural prudencia; com ella dividia seus affectos, mostrando-se, na expedição dos negocios, grave, attento e severo, inda que de ordinario mais piedoso; satisfeitos semelhantes actos de seu officio não se via fazer sua pessoa papel algum, ou figura de poderoso, triste, arrogante, nem avarento, antes de conversavel, alegre e lhano; devendo-se considerar n'elle, por cousa rara, que a facilidade lhe não diminuia o respeito proprio, nem a severidade, para com elle, o amor dos subditos. Referir d'este varão a inteireza nas determinações distribuitivas, a abstinencia das honras e fazendas alheias, a liberalidade da propria, seria de suas virtudes grande e evidente injuria; como das de Julio Agricola, referidas por seu genro o famoso historico, tambem ponderava eloquente e florido: *Agricola naturali prudentia, jam vero tempora curarum remissionumque divisa; ubi conventus ad judicia poscerent, gravis, intentus, et sœpius misericors: ubi officio satisfactum, nulla ultra potestatis persona; tristitiam, arrogantiam et avaritium exuerat; nec illi (quod est rarissimum) aut facilitas aucthoritatem, aut severitas amorem diminuit; integritatem atque abstinentiam in tanto viro referre*

injuria virtutum fuerit (150). Sobre tudo conciliava, estendendo-se a todos os animos dos pretendentes, admittindo-os benigno e facil, acção mui conveniente aos principes, e por semelhança a seus lugares-tenentes; como Aquaviva refere, e a experiencia acredita: *Plurimum ad animos subditorum consiliandos, facilitas adeundi principem facit*(151). Oh se assim fossem os governadores todos, que bem servidos os reis, que ditosos os vassallos!

2. Com estas artes se fez amabilissimo, e grato a todo genero de pessoas, sexo e idade; de sorte que até os mesmos que os padeciam, parece não sentirem os castigos justos, por nelles irem envoltos por varios modos os allivios; attribuindo estes á bondade do governador, e aquelles a seu iniquo merecimento; podendo-se por estes respeitos dizer d'elle o que Henrique III, em França, do duque de Guiza, chamando-lhe o feitiço das gentes (152), com a differença importantissima de que este fidalgo soube com o amor do povo conciliar a graça do seu rei; o que outro ignorou e por isso se perdeu. A cada passo que dava ouvia seus louvores, gozando sem affectação de sua mesma fama, dita a poucos concedida; portanto do Germanico Cesar muito estimada, quando junto ao rio Vizurgo, em Allemanha, querendo explorar os animos dos seus soldados na noite antecedente á batalha, que com muitas nações esperava na manhã disputar, discorrêra os quarteis disfarçado, conhecendo-os contra o inimigo ferozes pelos ameaços que lhes faziam, e para comsigo affectuosissimos, pelos louvores e elogios com que o acclamavam: *Nocte cœpta, ferina*

(150) Tacit. in *Vita. Jul. Agrico.*

(151) Aquaviva de *Inst. Princep.*, lib. 1, cap. 11.

(152) Lour. Garcia, in sua *Heroe.*

pelle contectus, adit castrorum vias, assistit tabernaculis fruitur que fama sui (153).

3. Por mais que bem afortunados se deram os maranhonenses, de marca maior fôra seu gosto, se lhe não viéra ao pensamento, d'esta boa sorte, sua pouca dura. Pelo que, já na consideração da ausencia do regente, certamente futura, o sentiam aguado, quando não de todo perdido; além de que por outros successos, que em outras occasiões de feliz esperanças lhes insinuára o tempo, e pouco ou nada permaneceram; julgavam e temiam que agora apressaria seu curso para este bem, com o apartamento de seu autor se lhes desvanecer, e o affecto que lhe tinham se mallograr, pois todos os do Maranhão, por experiencia, podiam reputar por breves e desgraçados; como os romanos se lamentavam vendo o Germanico em Roma triumphante e florente, receiando-se de brevemente perdêl-o, regulando seu agouro pelos acontecimentos de Druso, seu pai, e de Marcello, seu tio, dos quaes muito amantes, todas suas fortunas esperavam, que a parca com as vidas d'elles em flôr destruira, e para mal mudára: *Suberat occulta formido reputantibus haud prosperum in Druso patre ejus favorem vulgi*; *avunculum ejusdem Marcelum, flagrantibus plebis studiis ereptum intra juventam*; *breves et infaustos populi romani amores* (154). E não se enganaram, porque se os romanos, pela fatal necessidade, d'aquelles principes careceram; d'este heróe (que por suas virtudes entre os mais illustres póde contar-se) foram os do Maranhão destituidos, por expressa ordem de Sua Magestade, em complemento da qual dispôz de pouco mais de um só anno de assistencia; passou ao Pará, entre

(153) Tacit., *Annal*., lib. 2.
(154) Tacit., *Annal*., lib. 2.

cujos moradores se fez igualmente benemerito e louvavel; e concluido semelhante termo, vindo-lhe successor, se recolheu ao reino, a gozar em sua casa de descanso, e na côrte das honras, e mercês da real magnificencia tão facilmente alcançadas, quanto de seus serviços bem merecidas. Intentaram seus subditos, antes de sua despedida, em demonstração de seu amor, e beneficio de sua saudade, senão real, apparente, se copiasse sua presença dicifrada em um retrato, ou esculptura de vulto, para o que sómente anhelaram do grande Alexandre a singular fortuna que teve no seu tempo, de poder em semelhante, e proprio empenho, servir-se de Apelles e Lissipo, do mundo, n'este particular, os artifices mais selectos; porém, carecendo dos mais ordinarios e sufficientes, remetteram á memoria de cada um esse cuidado, para que na officina de seus animos, como mais capaz, gravassem tudo o que n'este varão excellente reconheceram por digno de seus affectos, por objecto de suas admirações, onde, como em firme baze, teria a obra melhor assento, para na perpetuidade dos tempos, reparando-se pela tradição das gentes, e voz da fama, sempre subsistir, nunca perecer; conforme das acções e excellencias de Agricola, seu sogro, assegurava o discreto genro: *Quid quid ex Agricola amavimus, quid quid mirati sumus, manet mansurumque est in animis hominum in æternitate temporum, fama rerum* (155).

4. Este é em substancia o Estado do Maranhão, nada digno de desprezo, mas de estimação; seu descobrimento, sua infancia, e da idade mais provecta seus contrastes e progressos. Este o motim, e os seus antecedentes, com as causas de todos seus successos, que bem se inculcam, e á vista dos olhos, quanto mais aos discursos da razão assaz

(155) Corn. Tacit. in *vita Jul. Agric.*

se manifestam ; serem resultas, não das ordens dos Srs. reis, sempre antes pais pios, que senhores soberanos ; mas de ministros demasiadamente interessados nas conveniencias proprias, de poderosos nunca attentos, mais que a supeditar o commum e estabelecer sua particular ambição, sua soberba. E de revoltosos totalmente inadvertidos, e em nada circumspectos ; encontrando de ordinario entre os dictames de sua cobiça insaciavel, nos dilirios soberbos de sua presumpção luciferina, nos desattentos furiosos de seus desacertos, por justos e divinos juizos, em lugar de satisfação de seus illicitos desejos, o sumiço dos bens por vergonhosos accidentes ; e se lhes duram emquanto a vida, tambem a infame calumnia permanece, e então com elles perdidos, por deixados, lhes occasionam a peior morte, como experimentou aquelle avarento rico do Evangelho, achando-se, acabada a abundancia com a vida, na mais terrivel afflicção, na maior necessidade. E os soberbos e presumidos (como os edificadores da mais alta torre que viu o mundo, e a architectura humana machinou(156) o verem-se dentro de suas almas, no fôro de suas consciencia, quasi por todo o universo desterrados, e senão mudos de todo, ou pelo enleio das linguas, conforme aquelles, confundidos ; são pelos remorsos interiores de seus impetos, ao modo de Ticio e Prometheu atormentados sempre, roidas as entranhas, por não poderem, como se diz d'aquelles antigos gigantes, atropellar a terra e combater o céo. E os perturbadores publicos, como aquelles Datham, Coré e Abiron, tão famosos no escandalo e no delicto ; quanto no castigo horriveis ; sendo depois de mortos com os supplicios até o centro da terra devorados. Por onde se conhece o quanto mais se deve observar em

(156) *Genesis*, cap. 11.

todas as acções da vida, quando não uma inteireza santa, uma mediania justa ; attendendo que n'este de lagrimas triste valle tudo em nada se resume e desvanece, como o rei mais sabio, e mais possante do universo, bem declara e encarece, exclamando: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas* (157).O que devia andar nos corações de todos, como caracter impresso para regular-se, para comedir-se.

Finis; laus Deo opt. et max. et Virgini Deiparæ.

---

(157) *Ecclesiast.*, cap. 1.

HISTORIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO

E

FEITOS MEMORAVEIS DO MESTRE DE CAMPO

JOÃO FERNANDES VIEIRA

Heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra

POR

DIOGO LOPES DE SANTIAGO

(*Continuada da pag.* 409 *do tomo XXXIX, Parte Primeira*)

Livro Segundo

CAPITULO X

Em que se descreve o sitio do monte das Tabocas, onde se situou o governador João Fernandes Vieira, e de como o governador das armas hollandezas Henrique Haus e o sargento-mór João Blaar com seus exercitos o vieram buscar, e da famosa e milagrosa victoria que alcançou do inimigo, com os moradores com que estava, n'aquella batalha campal que houve.

O alto monte que chamam das Tabocas, tão afamado no tempo presente, como o será no futuro pela milagrosa victoria alcançada n'elle, está no sertão, e dista do Recife nove leguas para o poente, por cuja parte o rega um rio, chamado Tapicurá, que no verão leva pouca agua ; e antes

de se chegar ao pé do monte, depois de passado o rio, está uma campina espaçosa, que póde comprehender meio quarto de legua, correndo até o pé para a parte do sul ; pela raiz do monte o rodêa um tabocal, que contém cincoenta pés de largo. São as tabocas como as cannas bravas e agrestes de Portugal, mas muito mais grossas, altas e asperas, e nascem em muita quantidade, espessas e vastas, intrincadas e embaraçadas umas com outras ; têm a folha muito miuda, com muitos espinhos rijos e agudos, que pungem e lastimam aos que por entre as cannas se mettem, e d'onde chegam : não ha vestido que possa resistir-lhe. Estas cannas não são de prestimo algum ; sómente servem para se fazerem d'ellas foguetes e outros artificios de fogo, e semelhantes cousas para que servem as cannas bravas. Aos lugares onde estas cannas nascem chamam os moradores tabocaes, pela lingua dos indios que assim lhe chamam, e ás cannas tabocas ; e ficou o vocabulo introduzido, como outros muitos da lingua da terra, de que os portuguezes usam no Brasil. Contém este monte em si uma campina do tabocal para dentro até o alto, no qual o cerca uma mata verdadeira de altas, grossas e copadas arvcres agrestes para a parte do sul, á cuja sombra está outro tabocal que lhe serve de amparo ; e as cannas, intrincadas e embaraçadas umas com outras, fazem a modo de uma trincheira ou palissada difficil de romper, e isto na entrada da mata, que pela outra banda do monte está um antigo caminho e estrada, por onde havia muito tempo se tirava páobrasil, e ninguem d'ella sabia mais que o sargento-maior Antonio Dias Cardoso.

Dista este monte, como no capitulo passado dissemos, uma legua e meia de uma ermida, que chamam Santo Antão, que os moradores d'aquella mata e sertão dedicaram e fizeram a este glorioso santo, para lhes defender e

amparar seus gados, que era cousa principal de que viviam, das muitas onças e ferozes tigres que por aquellas partes ha, os quaes fazem grande damno nos gados e mais criações, e por o santo ser advogado de todos lhe faziam muita festa em seu dia. Está tambem junto a este monte um sitio, aonde havia algumas casas de palha, o qual chamavam e chamam ainda hoje a cidade de Braga, não por que houvesse alli alguma cidade, senão por respeito de um homem que alli morou com sua mulher e filhos, o qual se chamava Diogo de Braga, que fez alli umas casas para morar, e pôz ao sitio o nome por causa do sobrenome que tinha, o qual terá sempre na memoria dos homens.

Chegado, como no capitulo antecedente se escreveu, o governador João Fernandes Vieira ao monte das Tabocas, e feito todas as suas barracas o melhor que poderam, em fórma de arraial, provendo as entradas e lugares perigosos de sentinellas, mandou logo o governador os melhores e mais bem armados soldados, que eram quarenta, em demanda do Camarão e Henrique Dias, por cuja tardança andavam já muitos dos de suspeita amotinados, ou por melhor dizer tomavam esta causa e achaque por encobrirem sua maldade, dizendo que, se dentro em tantos dias não chegavam, se haviam de levantar, fazendo a guerra a João Fernandes Vieira, induzindo a muitos homens, que logo o manifestaram ao governador ; o que sabendo o sargento maior, que nenhum descuido se achava n'elle, deu a entender a muitos, e chegou a dizer claramente que só elle com os seus quarenta homens bastava para fazer guerra a todos elles ; e outras liberdades lhes disse, não fallando com os ordinarios e humildes ; e sabendo que com mais véras tratavam de matar ao governador,ou com veneno ou já pelo modo que melhor podessem, lhe pôz de guarda as companhias dos capitães que lhe pareceram, e de quem

muito se fiava, com duplicadas sentinellas á porta e ao redor da barraca; e chegou a tal extremo, que até a agua que havia de beber tinha com grande resguardo e vigilancia guardada.

Fez o sargento-maior junto á do governador sua barraca, tendo, como dissemos, comsigo seus soldados da Bahia e outros da terra, de quem fiava, e outros muitos capitães, amigos do governador com que pôz por terra aos que andavam para executar sua damnada intenção dando morte ao governador, e porventura ao sargento maior. Não digo isto por diffamar á pessoa alguma, que basta dizer, que assim o publica a fama, mas por fazer a historia verdadeira; nem a mim me convem averiguar quaes foram, porquanto não é meu animo ser causa de males, inda que estes foram poucos, que não faziam mais que induzir e metter sizania; e quem mal obrar não lhe faltará o castigo divino.

Mandou o governador reconhecer todo aquelle sitio pelo sargento maior, o qual, como pratico na milicia, notou todas as entradas e sahidas, e os postos accommodados, para poder pelejar com mais segurança e fazer damno ao inimigo, de quem já tinham por novas que vinha buscar a nossa gente; e agora é necessario que vamos escrevendo o que fazia o governador das armas hollandezas por este tempo, para que vá a historia por seu direito fio.

Tanto que Henrique Haus se viu encorporado com toda a sua gente de guerra, com que veiu de Ipojuca, e foi ajuntando pelos quarteis por onde tinha vindo com a tropa do sargento maior João Blaar, e como os indios de sua parcialidade, achando comsigo, por resenha que fez, mil e quinhentos soldados de armas de fogo, que eram a flôr da soldadesca, afóra muitos indios caboclos e *Tapuias*. Sahiu da povoação de S. Lourenço em busca do governador João Fernandes Vieira, e chegou ás casas e sitio do Covas, onde

lhe tinham dito que estava alojado; e chegando alli em dois dias de Agosto, e não o achando, mandou queimar as casas do Covas e todas as mais que alli estavam, assim de seus negros, como de outros vizinhos, com todos os moveis que n'ellas acharam, e tambem as barracas em que havia estado alojada a gente de nosso exercito, e foi seguindo a trilha da nossa gente para o monte das Tabocas. Descobriu-se a fumaça do fogo por uma sentinella nossa que andava ao largo, que dando aviso ao governador, mandou ao sargento maior Antonio Dias Cardoso, que mandasse por gente pratica da terra saber que fumaça era aquella. Mandou o sargento maior descobrir o campo pelo capitão João Nunes da Matta, com vinte homens, que em breve espaço de tempo deu com o inimigo, o qual lhe derrotou a gente que levava, e elle veiu dar aviso do que tinha visto, e de como o inimigo se vinha chegando para a passagem do Rio Tapicurá. Emquanto foi o capitão que dissemos descobrir o campo, fez o governador João Fernandes Vieira uma breve pratica a seus soldados, exhortando-os a que pelejassem pela liberdade que intentavam, e com semblante alegre saudou a todos e lhes fallou d'esta sorte:

« Chegou, senhores, o alegre dia depois de tantos tristes e adversos, em que damos principio a uma famosa e grande empreza, que o não é menos que o da liberdade. Não vos trago á memoria, ó pais que presentes estais, os corpos de vossos filhos que tão injustamente despedaçaram com tormentos, nem os filhos, que bem me ouvem, seus pais mortos por dito de um negro; não vos lembro vossas fazendas saqueadas tanto sem razão debaixo de passaportes, nem vos refresco a memoria com o sangue derramado de tantos innocentes, nem vos advirto que haverá dezoito dias que mataram tão barbaramente os hollandezes e caboclos melhor de sessenta e nove homens em Cunhaú, estando em

suas casas pacificos, não perdoando a nenhum negro de gente, não se isentando d'este rigor um sacerdote de noventa annos, arrancando a todos as linguas, e pelas costas os corações, que pendurados estão pelas estacas das cercas, testificando tão atroz crueldade e tyrannia : só quero que vos lembreis do que mais esquecido tendes, que é a honra de Deus, nosso Senhor ; depois lembrai-vos das honras de vossas mulheres, e filhas e irmãs, e que não são os hollandezes gigantes, mas uma infame canalha, e já agora vos deve ser notoria a causa porque me levantei, deixando os regalos e passatempos de minha casa, como bem sabeis, com quanto possuia, e minha propria mulher, para experimentar tantos trabalhos e miserias, afim de soffrer tantas vontades e tão diversas, com tantos motins e traças ; eu bem sabia de que não fiz nem faço caso, nem jámais me assombraram, nem ha sido a causa para fugir para a Bahia, como sempre imaginaveis, senão em primeiro lugar, ter eu a honra de Deus tão desprezada, os templos sagrados postos por terra, e outros feitos estrebarias de cavallos, os religiosos embarcados, a immunidade ecclesiastica consumida, os poucos sacerdotes a cada passo presos e tão opprimidos, querendo vos deixar sem nenhum, para vos fazerem os hollandezes, vossos filhos e filhas, lutheranos e calvinos, quaes elles são, que com esse intento se embarcou o predicante Vicente Soler, e já o tinha conseguido. Em segundo lugar, me demoveu a honra de tantas donzellas e casadas, expostas a se perder, e sabei que não ha cousa como a honra : e se estas razões vos não demovem, a que pelejando façais vossa obrigação todos, que homem haverá que não queira pelejar até morrer pela honra de seu Deus ? Seja-vos motivo e advertencia, que já pelejaes por defender a propria vida, pois não tendes quartel ; e se haveis de morrer depois como brutos amarrados, trium-

phando primeiro o insolente tyranno, á vossa vista, de vossas honras, mais vale pelejar e morrer como homens, para vingar semelhantes aggravos e por não chegar a tal extremo. Já vejo que com tão alentados soldados vencerei o inimigo; pelejando ganharam vossos passados o que hoje possuem e logram: na guerra não ha lugar seguro, nem o terá na paz quem hoje fôr cobarde! E não vos atemorise o não haver chegado o Camarão e Henrique Dias, que Deus sabe o que faz, porque mais gloriosa ficará vossa acção! Estai muito certos que, quando nos faltam as armas da terra, então nos hão de sobrar as do céo, e os que morrerem por tão justa causa gozarão da bemaventurança, que assim confio em Deus, pois é a causa sua e vós soldados seus, e os que viverem ficarão com a gloria de havor dado principio á tal empreza, qual valorosos romanos não intentaram; e lembro-vos ultimamente que para traz não ha retirada, logo para diante se ha de abrir o caminho a ferro e fogo; e sabei que aquelle lugar haveis de ter na paz conforme vos houverdes na guerra. »

Dão n'este tempo carga aos vinte homens que com o capitão João Nunes da Matta tinham ido a descobrir o inimigo, que vinha marchando em som de guerra com mil e quinhentos homens, e muitos indios, bons soldados, e *Tapuias*, em demanda dos nossos. Ouvindo os tiros o governador João Fernandes Vieira, que tinha já quasi feito aquella oração que referimos aos soldados, e com muito esforço e animo mandou ao sargento maior Antonio Dias Cardoso, que applicasse a gente por sua parte, como elle fazia pela sua parte, com o cuidado e pressa em tal occasião necessaria, e assim veiu a guarnecer tres emboscadas (e não quatro, como diz um autor) que havia mandado abrir entre as Tabocas, na entrada do monte, as quaes cobriam umas ás outras, a pouco espaço, e pôz n'ellas os

captães que lhe pareceu, com suas companhias, aos quaes deu por ordem que em nenhum caso largassem as emboscadas, dizendo-lhes ser a principal defensão que aquella occasião e sitio requeriam ; mandou juntamente outros capitães com trinta homens a deter no rio o passo ao inimigo, o qual chegou áquelle sitio aos 3 dias de Agosto de 1645, dia da Invenção do proto-martyr Santo Estevão, e vespera de Nossa Senhora das Neves; e quando chegaram os nossos já a vanguarda do inimigo tinha passado o rio.

O governador João Fernandes Vieira foi dispondo a sua gente pelas partes necessarias, provendo os postos mais arriscados, e elle ficou com um batalhão no alto do monte, para d'alli ir mandando gente de soccorro ás partes onde houvesse mais necessidade d'elle. O inimigo, na passagem do rio, suspeitando que entre aquelles matos espessos houvesse alguma emboscada da nossa gente, deu uma carga cerrada, e os seus indios *Tapuias* e levantaram um grande alarido de festa, como de quem tinha já o pleito vencido. Os nossos, que foram á espera do inimigo, deram a primeira carga e se vieram retirando, pelejando sempre com a cara ao inimigo até se recolherem ás emboscadas, com tão grande algazarra dos indios e estrondo de armas, tocando-se caixas e trombetas ; quasi mettia terror ; o que, dizendo-se ao sargento maior, que ia na retaguarda recolhendo a gente, acudiu com grande pressa, dizendo que não largassem e tivessem mão ; que alli estava o seu remedio e de todos ; que tirado d'alli morreriam os que escapassem dos flamengos á mão dos indios infamemente, pois não tinham outra retirada senão para a parte do inimigo, o qual, vindo chegando, passou toda a gente o rio da outra parte, e tanto que se viu em um campo, não muito largo nem comprido, que está junto ao rio, formou seu esquadrão com grande impeto e coragem ; porém a nossa vanguarda

deu a primeira carga, a qual, recebendo o inimigo, avançou com tanto animo e furor que já se julgava vencedor, e vindo costeando ao longo do Tabocal mandou o sargento maior disparar a primeira emboscada, que lhes matou, entre outros flamengos, o capitão dos aventureiros, que elles por mais alentado prezavam, e não sendo bastante para que deixassem de avançar com maior furia e coragem deu carga a segunda emboscada nossa, que lhes matou muita gente; e tornando todavia a terceira vez a investir com mais impeto e furia, deu carga a terceira emboscada que lhes fez maior damno por ter mais gente. O inimigo, amedrontado, tendo para si ser muito grande nosso poder, e ser tudo no Tabocal emboscadas, pois viu em tão breve tempo disparar tres, que tanta perda lhe haviam dado, se retirou atraz, mas poucos passos, e formou tres esquadrões na campina, com que lhe succedeu bem mal, porque não atiravam os nossos tiro que não empregassem, sem os hollandezes verem d'onde se lhes fazia o damno.

Emquanto durava esta pendencia, o governador João Fernandes Vieira, com a rodela embaraçada e espada desembainhada, se foi abalançando para o inimigo com muito animo e valor, com o corpo da gente e batalhão com que estava, gritando: A elles, a elles, á espada. Porém o sargento maior e outros capitães o detiveram, e requereram da parte de Deus que se detivesse e não arriscasse sua vida, porquanto em sua pessoa consistia o total remedio de Pernambuco para se libertar do captiveiro em que estava, e que tivesse comsigo o corpo da gente para ir provendo os lugares que se vissem necessitados de soccorro. A este requerimento se deteve o governador, ainda que cheio de ira e colera.

Vendo o sargento maior que o inimigo se tinha apartado a reformar a sua gente, tratou de fazer, como fez, frente

por tres partes, repartindo a gente como melhor lhe pareceu, e bem entendia que por causa das poucas armas de fogo, com que os nossos se achavam, que não passavam de duzentas e trinta, não ficavam bem guarnecidos os tres postos; mas o melhor que se pôde fazer, se fez, e não pouco cuidado lhe causava estar a gente dividida uma da outra, e supposto que a força era pouca e grande o poder do inimigo, sendo suas armas mosquetes e clavinas reforçadas, e as nossas muito poucos arcabuzes e escopetas, e faltos todos de polvora e balas, quanto o inimigo sobrado de tudo; e assim os nossos o fariam melhor do que se esperava, pelo que, por não sentirem os adversarios hollandezes que nos faltava polvora, começou a dar vozes aos soldados, que andasse á bateria, e que quem não tinha polvora a fosse tomar. N'este tempo andava o governador João Fernandes Vieira vigilantissimo em toda a parte, exhortando com admiravel animo e valor a todos, á vista do inimigo, não cessando de lhes dizer as causas que tinham para pelejar. E todas as vezes que o padre Manoel de Moraes, o qual sabendo o governador que n'aquelle sertão vivia na lei ou seita de Calvino, debaixo da obediencia dos flamengos, o mandou prender; e vindo diante d'elle se prostrou, a seus pés, e com copiosas lagrimas, que lhe corriam sem cessar, lhe pediu encarecidamente lhe désse uma palavra secretamente em seu aposento, com mostras de grande arrependimento, para que fosse seu terceiro para se eximir do castigo que temia. Deixando os flamengos e acompanhando-o com muito fervor n'esta empreza, levantava um devoto Crucifixo, rezando a Salve-Regina com os mais de joelhos, no mesmo tempo appellidavam os nossos victoria.

CAPITULO XI

Em que se vai proseguindo a batalha campal do monte das Taboras, entre Portugal e hollandezes.

Formado o governador dos hollandezes, como dissemos no capitulo passado, repartiu uma tropa para pendenciar com os capitães Antonio Gomes Taborda e João Paes Cabral na campina, e com todo o mais poder de sua gente acommetter o Tabocal, com intento de chegar a apoderar-se do posto onde estava o corpo da nossa gente; porém os nossos estavam emboscados, e lhe davam cargas á mão tente e lhes matavam muitos soldados, e o inimigo abalançando-se ávante, dando sempre grandes cargas, de que nem uma d'ellas mataram ao capitão João Paes Cabral, que havia feito sua obrigação com grande valor, o qual, sendo ferido de uma bala, querendo-o retirar o não quiz consentir, antes se tornou a metter entre os soldados, dizendo que não era nada, e estando pelejando lhe deram a segunda, de que cahiu morto. Tambem mataram ao alferes João de Mattos Homem, com uma bala que lhe entrou por um olho, e, cahindo em terra, os hollandezes e caboclos lhe fizeram o corpo em pedaços.

N'este entretanto desceram do monte, aonde andava a pendencia bem travada, que poderia ser um tiro de arcabuz do nosso alojamento, o padre Simão de Figueiredo e o padre João de Araujo, e Fr. João da Resurreição, da ordem de S. Bento, e foram confessando a todos, com as circumstancias que a tribulação tão precisa estava pedindo; e o padre Simão de Figueiredo, depois de bem cansados de andar por entre o mato confessando os nossos soldados e pe-

lejando, juntamente com o padre Fr. João, com muito valor entre o inimigo, tornou a subir ao monte onde estava o governador João Fernandes Vieira para lhe dar guarda; porque, como sabia que com o odio o queriam matar, não ousava de se apartar d'elle, nem outras pessoas a quem se havia encommendado a guarda de tal pessoa; mas o governador, instigado de um santo zelo do serviço de Deus, arremetteu de corrida para onde estava o esquadrão dos hollandezes; porém o padre Simão de Figueiredo pegou d'elle, dizendo-lhe que não deitasse a perder uma empreza tão honrosa, arriscando sua vida, porque sem duvida o haviam de matar traidores se o vissem empenhado na pendencia; o mesmo lhe requereram os homens leaes e fieis que alli estavam, e assim o fizeram deter; e porque o sargento maior Antonio Dias Cardoso andava no meio da batalha, governando os capitães e soldados, discorrendo pelas estancias e provendo com soccorro aonde sentia fraqueza, o padre Simão de Figueiredo estava junto do governador, e d'alli despedia alguns troços de soldados para os lugares aonde eram necessarios e se lhe pediam, dando á execução o que o governador ordenava.

Chegou o inimigo á boca de um tabocal, e, querendo sahir a uma segunda campina que se seguia á primeira, os nossos o receberam com animo determinado e valente, e pelejaram bravamente: aqui nos mataram ao capitão Matheus Ricardo, e a outros soldados que pendenciavam com muito valor. Resistiram os nossos ao inimigo mais de uma hora tão porfiadamente, que lhe foi forçado retirar-se alguns passos atraz, acclamando os nossos victoria; e, vendo o inimigo que não podia romper a nossa gente, lançou pelas ilhargas do seu esquadrão algumas mangas, para que encobertos com o matos viessem dar nas costas aos nossos; porém como o governador João Fernandes Vieira e o sar-

gento maior andavam vigilantes, e tinham posto boas sentinellas, foram as mangas recebidas e batidas com tanto esforço, que se tornaram a retirar com muita perda sua e pouca nossa.

Ao retirar do inimigo lhe foi dar carga o capitão Jeronymo da Silva ao descoberto, com vinte e seis soldados, e como se empenhou muito lhe deram duas pelouradas mortaes. N'este tempo andavam muito officiaes hollandezes animando aos seus e procurando que ganhassem terra, ora com palavras, ora com pancadas, com o que se animaram, de maneira que nos iam ganhando o posto. Não se descuidaram os nossos officiaes de animar a gente, e o governador João Fernandes Vieira da que comsigo tinha ia mandando soccorro a varias partes, segundo a necessidade o pedia, com semblante tão alegre e animo tão inteiro, como se não estivéra pelejando com o inimigo e tão alentado; e assim foram rebatidos os hollandezes outra vez, havendo já duas horas e meia que se pendenciava sem descansar. Andava no exercito o seu sargento-mór, chamado Valot, a cavallo, entre outros, governando a gente. Este se sahiu fóra do esquadrão, com seis homens para vêr por onde mandaria gente para cortar aos nossos; mas não se sahiu com seu intento, porque um soldado nosso lhe fez tiro e o derrubou pelas ancas do cavallo, e os seis o levaram logo em braços.

Durava sem cessar a bateria, quando das 4 para as 5 horas da tarde, parecendo-lhe ao inimigo que já faltava gente nossa, por vêr affrouxar os tiros, acommetteu quarta vez as emboscadas, arremettendo com muito furor aos nossos, e os puzeram em grande aperto com tanta porfia, que muitos d'elles ficaram quasi sem folego de cansados, e foi necessario retiral-os e metter outros em seu lugar o sargento maior; mas como o inimigo tinha tanto poder, e os des-

cansados succediam aos cansados, ganhavam d'esta vez tanta terra, que esteve a cousa muito arriscada a se perder de todo se o céo não acudira pelos seus fieis. Foi o inimigo rompendo as nossas emboscadas, e chegou até a campina, que pela costa do norte corre, pela qual se vinha a gente retirando, seguindo-a o inimigo. N'este tempo estava o padre Manoel de Moraes junto ao governador, com uma imagem de Christo crucificado nas mãos, animando a nossa gente; e vendo o grande perigo em que estavam todos, fez uma exclamação pedindo a Christo pelos merecimentos de sua sagrada paixão e morte, pois a empreza era sua, nos désse victoria contra aquelles hereges inimigos seus; para que o mundo soubesse que aos que pelejavam pela honra de Deus, lhes não faltava o divino favor, e depois de uma breve pratica que fez aos circumstantes, exhortando-os a pelejar varonilmente pela honra de seu Deus e Senhor, pediu a todos que fizessem seus votos a Christo, Senhor nosso, que os soccorresse, e á Virgem Sagrada, mãi sua, para que fosse sua intercessora. O que todos fizeram, promettendo fazer muitas penitencias e obras pias; e o governador João Fernandes Vieira, como é tão bom christão como valente soldado, prometteu de mandar fazer uma igreja á Nossa Senhora do Desterro. E feitos seus promettimentos disse em voz alta: « Vamos a elles e invistamos á espada; » e despediu logo os negros minas, seus escravos, que tinha em sua guarda, e outros angolas e crioulos, e os mandou para onde a pendencia andava travada, promettendo-lhes liberdade se o fizessem como valentes. Desceram os negros do alto do monte por duas partes, com arcos e flechas, zagunchos e facões, todos com seus pennachos a seu modo, tocando buzinas e atabaques, com grandes alaridos e vozes. Já n'este tempo (tornando ao fio da historia), vendo o sargendo maior a nossa gente que se vinha

com pressa retirando, andando elle n'este tempo ajuntando, outra, veiu descendo o governador João Fernandes Vieira com toda a que por aquella parte estava, e vendo o inimigo que estava dentro das emboscadas, e que lhe tinha já ganhado o posto, tendo-lhe cortado sua gente, o investiu como um bravo leão, com todos os que comsigo levava, com notavel resolução e valentia, que eram os dos páos tostados, fouces e dardos, fazendo-as virar contra o inimigo e pôr mãos a seus facões os que se vinham retirando. E não podendo os hollandezes, que valentemente pelejavam e instavam por ganhar o alto monte (que ganhado ficariam desbaratados), soffrer o rigor e impeto dos que traziam os páos tostados, fouces e dardos, e minas e mais negros, que todos obstinadamente pelejavam, se acolheram pelo monte abaixo, vindo a seu pezar descendo com mais pressa do que subiram, e os que com vida ficaram se tornaram a recolher a seus esquadrões, e indo a nossa gente com tanto impeto investindo e seguindo o inimigo, foi necessario que o governador e sargento maior os detivessem por conhecerem o damno que receberiam, sahindo do Tabocal para fóra, estando o inimigo formado na campina. Começaram os nossos a acclamar victoria com grandes gritos, e n'este encontro recebeu o inimigo grande damno, e lhe foram mortos muitos de seus soldados. Dos nossos ficaram nove feridos e tres mortos, que foram Martim Machado, Francisco da Costa, capitão do campo da freguezia do Cabo e Jeronymo da Alva da Cunha, os quaes iam com muito valor pendenciando.

Pelejava o inimigo com palanquetes o balas encadeadas, e muitas d'ellas hervadas, conforme se viu, porque nas bolsas dos mosquetes que os mortos deixaram se achou toucinho e sebo entre as balas, e por isso as feridas, ainda que faceis, eram más de curar.

N'este tempo estava a parte aonde o inimigo pelejava toda tinta de sangue e alastrada de corpos mortos, os quaes iam retirando e deitando no rio, porque não fossem vistos dos nossos; mas como eram muitos não os podiam retirar todos.

Já, se n'este tempo o inimigo podéra, se retirára; mas não o fez por temor que os nossos o seguissem, e por ser de dia, e assim, vendo que se vinha chegando a noite, determinou de dar o ultimo combate com mais força, por vêr se podia vencer aos nossos, e quando não para se retirar tanto que cerrasse a noite; que por ser por matos escuros o fariam com mais segurança. Com esta resolução acommetteram com uma furia espantosa, dando grandes e cerradas cargas; não desmaiaram os nossos soldados; antes, alentados com a presença de seus officiaes-maiores, lhe resistiram com grande esforço, matando e ferindo a muitos. Tocava da nossa parte de continuo uma trombeta um indio, chamado Baptista, que havia trazido a nova, com outros, do Camarão, e com elle esforçava tanto os nossos que o fariam como leões; mas como o inimigo pelejava como desesperado, apertou tanto com os nossos, que os veiu apertando e ganhando terra, e aqui esteve tudo muito arriscado, e já muitos se davam por perdidos. Vendo o governador João Fernandes Vieira o aperto em que estavam os seus, arremetteu com grande valor, mettendo-se por meio dos inimigos, dando morte a muitos e aos nossos dizendo: Valorosos portuguezes, viva a fé de Christo! A elles, a elles! N'este tempo levantou o padre Manoel de Moraes a imagem de Christo, Senhor nosso, em alto, e começou a dizer em alta voz: Senhor Deus, misericordia! E todos os circumstantes responderam o mesmo, e disse: Irmãos, digamos todos uma Salve-Regina á Virgem Mãi de Deus. E em dizendo todos em alta voz: « Salve, rainha, mãi de

misericordia, » se viu logo o favor da Mãi de Deus, porque o inimigo se começou a retirar descomposto e a ir perdendo terra a olhos vistos ; e os nossos começaram a gritar : Victoria, victoria ! E acommetteram com tanto impeto que o desalojaram e deitaram fóra do campo, ficando com uma gloriosa victoria, alcançada pelos merecimentos da Sacratissima Mãi de Deus aos 3 dias do mez de Agosto de 1645, dia da Invenção do glorioso martyr Santo Estevão.

Durou este terrivel combate cinco para seis horas continuas desde a uma depois do meio-dia até as sete da noite, que foi a que fez cessar a pendencia. Ultimamente deu o inimigo tres cargas tão grandes, que parecia uma cousa medonha e horrivel n'aquelles bosques e valles. Tomou a nossa gente mais coragem por vêr chegada a noite. Foi esta victoria de grande honra para os nossos e de grande abatimento para o inimigo, que tão soberbo andava, porque n'ella perdeu a reputação e a melhor gente que tinha, e não se lhe seguiu o alcance, por ser de noite e essa muito tempestuosa.

CAPITULO XII

[illegible]

á vista do inimigo, que em seus postos estava, como havia anoitecido, e que reformasse de novo as emboscadas; e disse a todos que dessem graças a Deus pela victoria que lhe havia dado, e que estivessem com grande animo para que, em amanhecendo, tornassem a pelejar, porque o inimigo, se era soldado e não estava destroçado, os havia de tornar a investir. Todos responderam que não estavam com menos animo que no principio, mas que lhe advertiam que não tinham polvora nem balas, e o governador disse que logo os soccorreria com todo o necessario, e comtudo mandou ao sargento maior toda a que tinha, advertindo-lhe que não lhe ficava mais polvora: era ella tanta que vinha em um cabaço, e apenas chegaria a tres libras; as balas eram as que se fundiram de quatro pratos de estanho bem pequenos, que bem se deixa vêr as que seriam. Eram as armas de fogo, como já temos dito, duzentas e trinta; a todas deu a seis cargas de polvora e a seis balas, com que ficaram muito contentes os soldados, sobejando ainda polvora e balas, que parece que tudo Deus acrescentava. E perguntando o sargento maior ao governador que lhe parecia ácerca do inimigo, lhe respondeu que se fizesse uma emboscada no outro Tabocal, que estava no alto do monte, que logo mandou roçar, o que lhe pareceu bastante para emboscar a gente, para que se o inimigo, no outro dia rompesse as primeiras emboscadas, tivessem os nossos aquella, para que retirando-se se amparassem d'ella; e no meio do caminho fez tres trincheiras pequenas para o mesmo effeito, porque chegando o inimigo ao alto do monte, por ser de subida grande, viria muito cançado, e dando os nossos a primeira carga da emboscada os poderiam investir, com os dardos, fouces e páos tostados.

Tendo isto feito, mandou o governador retirar parte da gente, que estava na baixa, para cima e sem rumor, por

não ser sentida do inimigo, mandando juntamente quantidade de negros minas e crioulos, seus escravos, a reconhecer e descobrir o inimigo, pelas 9 horas da noite, dizendo-lhes que o picassem pela retaguarda para o inquietarem, como fizeram ; porém elle, derrotado e com grande temor, sem rumor algum, pela escuridade da noite, que foi de grande chuva, tinha fugido, caminhando toda ella por caminhos muito trabalhosos, que com difficuldade se anda por elles de dia. Perderam n'este encontro os melhores officiaes de guerra que tinham, e no campo e mato se acharam as insignias de seus cargos.

Chegaram os escravos até o rio, d'onde ainda alcançaram a retaguarda, e lhe deram alguns tiros, que receberam muito damno e tanto medo, que, largando muitos a estrada, foram rompendo matos e outros por onde melhor a fortuna os guiava, e marcharam n'esta tempestuosa noite cinco leguas por tão asperos caminhos, deixando os feridos no meio da jornada. E tanto que os escravos vieram fazer aviso que tinha o inimigo passado o rio, mandou o governador descobrir campo mais de duas leguas, e achando nossos descobridores as sentinellas do inimigo, que com cincoenta flamengos estavam em guarda dos feridos, que foram quatrocentos e tantos que assim constou, e parecendo-lhe que o inimigo se estava refazendo para tornar a buscar os nossos, se partiram, dando rebate, a dar aviso, com muita pressa, mas não com menos se acolheram os hollandezes, deixando seus feridos.

Passaram os nossos o restante da noite trabalhosamente por causa dos muitos mosquitos, chuva e fome, mas sempre alerta, com as armas na mão, e, sendo já 9 horas do seguinte dia, se não tiravam dos postos, por terem por certo os tornaria a acommetter o inimigo, ignorando o muito damno que lhes haviam feito. E isto quando veiu um homem

nosso, morador d'aquellas partes, que disse o que se passava, e que aquelles flamengos, que os nossos descobridores de noite acharam, eram os cincoenta que ficaram em guarda dos feridos, que desampararam, e que o governador Henrique Hausos mandára carregar em carros, com recado para o governador João Fernandes Vieira que lhe não matasse aquelles feridos em sangue frio, porque de outra sorte mandaria degolar as mulheres e meninos que achasse.

N'esta batalha morreram trezentos e setenta hollandezes, que no campo ficaram, afóra os que deitaram no rio Tapicurá, que ia cheio, que foram muitos, e outros que enterraram, e outros muitos que morreram pelos matos.

Dos nossos foram mortos vinte e oito, onde entraram tres valentes capitães, a saber: João Paes Cabral, Matheus Ricardo, Jeronymo da Silva da Cunha, e ficaram trinta e sete soldados feridos. Succederam casos particulares, que bem mostram ser esta victoria dada pelo céo, porque as nossas armas eram poucas e fracas comparadas com as do inimigo, que trazia mil e quinhentos homens de armas de fogo, bem armados e muitos indios, inimigos capitães dos portuguezes, que vinham tambem armados, e os mais d'elles como mosquetes, e outros com arcos e flechas. As nossas armas de fogo eram sómente duzentas e trinta, e da nossa parte no principio da peleja não se acharam mais que novecentos homens brancos, e os mais d'elles armados com dardos, facões, espadas e rodelas, e páos tostados; e comtudo aturaram as nossas armas, que quasi todas eram espingardas, toda a bateria, que durou cinco para seis horas continuas, sem nenhuma arrebentar, nem faltarem ou quebrarem as pedras nos fechos, atirando algumas d'ellas mais de cincoenta tiros e matando-lhe os nossos tanta gente. E o inimigo não sómente gastou a polvora e balas que os soldados traziam, que era muita, mas tambem despejaram

os barris de polvora e cunhetes de balas, que traziam de sobresalente ; e os nossos com estarem faltos de polvora a acrescentou Deus, de modo que sobejou, atirando a nossa gente todo o tempo da pendencia sem descansar, e quando pediam polvora a achavam onde se não esperava havêl-a ; e succedeu que andando um homem repartindo polvora de um cabacinho, que poderia levar uma libra ou duas, andou de uma e outra estancia dando polvora aos que a pediam, e andando por entre as balas, que eram muito vastas, não sahiu ferido, e dando polvora a todos em todo o tempo que durou a bateria ; quando, acabada ella, se recolheu, ainda achou o cabacinho meiado de polvora.

Entre os flamengos morreram muitos indios que os acompanhavam, e tambem se achou uma judia, que morreu com uma criança que trazia nos braços, ambos passados de uma bala.

E' para notar que deram muitas balas do inimigo em soldados nossos, e perdendo a furia que traziam lhes cahiam aos pés, sem fazer damno algum, deixando sòmente um signal no lugar em que deram,

Tambem os mais dos hollandezes que escaparam com vida d'esta pendencia confessaram por suas bocas, assim na povoação de S. Lourenço, como em outras muitas partes por onde vieram retirados, que, no mais arriscado e perigoso do conflicto e bateria, viram andar entre os portuguezes uma mulher muito formosa com um menino nos braços, e junto a ella um velho venerando, vestido de branco, os quaes davam armas, polvora e balas aos nossos soldados, e que era tanto o resplendor que a mulher e o menino lançavam que lhes cegava os olhos, e não podiam olhar para elles de fito a fito. E que esta visão lhes causou tanto temor e espanto, que lhes fez logo virar as costas e retirar-se descompostamente. Bem se mostra claramente

que esta mulher era a Virgem Maria, Senhora Nossa, mãi de Deus, que acudiu a nos favorecer, tanto que a nossa gente implorou seu favor e soccorro, e a saudou, dizendo em altas vozes com lagrimas nos olhos : « Salve, Rainha, mãi de misericordia, » mostrando bem a virgem n'este feito que queria ajudar aos nossos, com seu favor, a vingar os aggravos que estes crueis hereges lhe tinham feito, quebrando e fazendo em pedaços as suas sagradas imagens ; e o veneravel velho, que vinha acompanhando esta Senhora, bem se deixa colligir que seria o glorioso Santo Antão, que entre aquelles asperos matos e inhabitados campos tinha sua igreja, onde os moradores lhe faziam todos os annos, aos 17 de Janeiro, sua festa, com missa e prégação, a qual n'aquelle tempo estava deserta por causa dos hollandezes, ou poderia ser o proto-martyr Santo Estevão, em cujo dia foi esta batalha. Seja qual fosse, os mesmos hereges affirmaram que viram estas soberanas imagens.

Não se póde encarecer com palavras quão contentes e alentados ficaram os nossos soldados com esta victoria, vendo-se armados com as armas dos inimigos que ficaram mortos no campo, e com as mais que deixaram, que eram mosquetes, clavinas, pistolas, chuços e outras diversas. Tambem os nossos negros se aproveitaram dos moveis que acharam, discorrendo por aquelle campo e matos, e muitos se armaram com as armas que acharam, com que ficaram muito briosos. Pois que direi do contentamento com que ficou o governador João Fernandes Vieira, vendo principiada sua empreza da liberdade d'estas capitanias com tão famosa e insigne victoria ? E como quem bem sabia que fôra originada, e concedida pelo poderoso Deus e sua Sacratissima Mãi, logo lhes rendeu infinitas graças por tão signalada mercê, que a elle e aos mais havia feito, e assim mandou a todos que lhes rendessem com muita devoção ;

e acabada a oração, que todos fizeram de joelhos, havendo-se levantado, em pé, disseram tres vezes em voz alta: Viva a fé de Christo e a liberdade! Victoria, victoria, victoria! E logo o governador, com o chapéo na mão, foi abraçando todos os capitães e soldados, agradecendo-lhes e louvando-lhes o esforço e brio, com que se haviam mostrado n'aquella occasião e ajudado valentemente; e para que constasse a alegria que tinha deu, liberdade e alforria a muitos de seus escravos que n'aquella occasião o haviam feito com notavel valentia, e d'elles elegeu dois capitães, dando a cada um vinte e quatro soldados, e a alforria foi com clausula que o acompanhariam e serviriam na guerra emquanto durasse a empreza da liberdade. E ha de se notar que esta victoria alcançou o governador João Fernandes Vieira sómente com os moradores de Pernambuco e seus escravos, porque até então não tinham chegado o Camarão, nem Henrique Dias nem outra nenhuma gente da Bahia, excepto sómente os quarenta e dois soldados que vieram da Bahia ao sargento maior Antonio Dias Cardoso, e sete indios do Camarão, como temos referido no capitulo oitavo d'este segundo livro.

Os capitães que n'esta empreza acompanharam o governador João Fernandes Vieira, e se acharam n'esta batalha, supposto que muitos d'elles, mais que oito, dez e doze, soldados, foram os seguintes, assim como me vieram á memoria, sem haver preeminencia, de se pôrem uns primeiros que os outros: Amador de Araujo, Manoel de Araujo de Miranda, seu filho, João Soares de Albuquerque, João Leitão de Albuquerque, seu irmão, Antonio de Castro, Antonio Gomes Taborda, Cosme do Rego, Sebastião Ferreira, Bartholomeu Soares Cunha, Francisco de Lisboa, João Nunes Victoria, Jeronymo da Cunha do Amaral, Domingos Fagundes, Simão Mendes, Antonio Borges Uchoa,

Manoel Soares Robles, Thomé Dias da Costa, Marcos Pires, Paulo Velloso Fernão Gomes, Ignacio Mendes, Pedro Marinho Falcão, Pedro Corréa, Braz de Barros, João Barbosa, João Pessoa Bezerra, Domingos da Costa, João Nunes da Matta, Faustino Pereira, João Gomes de Mello, Francisco Ramos, Francisco de Figueiredo da Silva, e o padre Simão de Figueiredo, cabo de capitães. O ajudante Amaro Cordeiro, que depois veiu a ser capitão de infantaria, afóra os tres capitães que morreram na batalha : João Paes Cabral, Jeronymo da Silva, Matheus Ricardo.

As pessoas principaes que acompanharam ao governador n'esta occasião, e se acharam n'esta batalha, foram as seguintes : Francisco Beranger de Andrade, sogro do governador, com seu filho Christovão Beranger Arnaud de Hollanda, com dois filhos, Antonio Bezerra, João Lourenço Frances com dois filhos, Antonio Cavalcanti, com dois filhos, Manoel Cavalcante, Cosme de Castro, Bernardim de Carvalho, o padre João de Araujo e o padre Fr. João, religioso de S. Bento, Manoel Alves de Carvalho, Amaro Lopes da Madeira, Antonio de Magalhães de Mello, Antonio da Silva, capitão de cavalleiros, Balthazar de Azevedo, Lourenço de Abreu, Antonio da Costa e Thomé da Costa, irmãos, Alvaro Teixeira de Mesquita, o capitão Antonio Coelho Serpa, o capitão Antonio Carneiro Talcato, João Cordeiro de Mendanha, Jeronymo de Oliveira e Diogo da Silva, ambos criados do governador, e outros muitos que não ponho aqui por não cansar o leitor.

CAPITULO XIII

De como o governador das armas hollandezes se retirou a uma casa forte, e das exorbitancias que fizeram os hollandezes e indios na Varzea e outras partes, e da chegada dos mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno a Pernambuco, com seus terços, e como se rendeu a força de Serinhaem, e o governador João Fernandes Vieira partiu do monte das Tabocas.

Depois de ser desbaratado e vencido Henrique Haus na batalha do monte das Tabocas, como temos contado, se veiu retirando com pressa, caminhando toda aquella noite com muito trabalho por causa dos muito feridos que trazia, e aos 4 de Agosto chegou á povoação de S. Lourenço, onde fez alto, repartindo a sua gente pelas casas dos moradores em que não achou nenhuns, e chegou quando queria amanhecer, e na igreja se fez forte, mettendo n'ella os feridos, de que alguns alli morreram, e no mesmo dia avisou aos governadores do Recife que lhe mandassem soccorro de mantimentos, munições e soldados, para resistir a João Fernandes Vieira se acaso o viesse seguindo. Este soccorro lhe veiu no mesmo dia com tres horas de noite, e logo foi mandando os feridos para o Recife em carros e rêdes, ás costas de negros, e outros em cavallos, e muitos morreram pelos caminhos e outros no Recife, e depois que os teve mandado veiu marchando com toda a gente que lhe ficára, e chegando á povoação dos Apipucos fez alto com sua gente no terreiro da igreja, e mandou por seus soldados, indios e *Tapuias*, saquear as casas dos moradores, que lhes parecia estavam seguros debaixo dos passaportes que lhes haviam dado d'aquella povoação e seu districto, o que elles fizeram com grande crueldade e desaforo, como aquelles

que vinham tão iracundos e desejosos de vingança pela perda que tiveram, e damno tão grande que haviam recebido, roubando os moveis de casa e fazendo em pedaços o que não podiam levar; despindo as mulheres e tirando-lhes os brincos que algumas tinham, e procuravam fazer outras exorbitancias; e até a um padre, chamado João Dias, sacerdote muito virtuoso, de idade de oitenta annos, dependuraram os indios pelo braço de uma trave, dando-lhe muitas pancadas para que confessasse o dinheiro que tinha, e o padre lhes deu quanto possuia, tendo por boa fortuna escapar com vida de suas mãos.

Feito isto mandou Henrique Haus tocar uma trombeta, e marchou com a gente e se foi alojar ao engenho de D. Anna Paes, aonde havia uma casa grande e forte, e outras menores, e alli dormiu aquella noite, distando do Recife uma legua. No seguinte dia foi escoteiro, sómente com dois soldados, a visitar os do supremo conselho, e assentar com elles o que havia de fazer; e ao meio-dia, tornando para a casa forte com alguma gente mais que trouxe do Recife, mandou na tarde saquear a todos os moradores da povoação do Arraial Velho pelos flamengos e indios, que o fizeram com grande rigor e crueldade, e não sómente roubaram tudo o que acharam pelas casas, e despiram aos homens e mulheres de suas roupas, mas ainda fizeram outros desaforos mais pesados, dando muitas feridas e pancadas aos que quizeram ir queixar-se, sendo que todos tinham seus passaportes com que os haviam segurado; e no engenho de Francisco Monteiro Bezerra, junto a esta povoação do Arrayal Velho, fizeram grandes desaforos e roubos, e na igreja do mesmo Arrayal quebraram as portas e os caixões das confrarias, roubaram os ornamentos, quebraram as sagradas imagens dos santos que no altar estavam, como tinham tambem feito nos Apipucos; e depois de roubar tudo o que

acharam, cavaram todas as casas e quintaes dos moradores por vêr se achavam algum dinheiro, prata ou ouro, enterrado; e traziam uns espetos grandes e agudos, com que faziam buracos na terra e paredes para descobrir alguns escondedouros secretos, e até os telhados das casas buscavam; e mandando alguns moradores fazer queixas aos do supremo conselho, de que debaixo de passaportes receberam tantos aggravos, tyrannias e roubos, responderam que aquillo era cousa de soldados, que todos os moradores da terra o haviam de pagar, e que aquillo não era nada para o que havia de ser.

Vendo os moradores esta resolução, trataram de se pôr em vigia pelos outeiros e bordas dos matos para salvarem as vidas; porém como os hollandezes traziam comsigo indios *Pitiguares* e *Tapuias*, rastejadores, nada havia de ser bastante para deixarem de ser mortos, se dentro de dia e meio, ou para melhor dizer em dia e noite, Deus não acudira com sua misericordia, como adiante diremos, porque tinham decretado os do supremo conselho que morressem todos os moradores, e para isso tinham mandado vir do Rio Grande muita quantidade de indios com o Jacobo, que mataram os de Cunhaú, e estavam encarniçados com aquellas mortandades, e os da casa forte haviam de pôr a cutelo os moradores da Varzea, villa de Olinda e outras partes, e o Jacobo com os indios *Tapuias*, e com cento e setenta hollandezes que lhe mandaram, haviam de começar a matar os moradores da Goyana e vir pelo sertão, para que aquelles que escapassem da Varzea e mais partes, e se retirassem aos matos, fossem cahir nas mãos d'elles; porém não tiveram effeito seus damnados intentos, conforme mais largamente se irá ao diante relatando.

Tornando ao governador João Fernandes Vieira, que no sitio das Tabocas estava festejando a victoria que o céo lhe

havia concedido, como um bem é principio de outros, para ser mais festejada esta facção, passados dois dias lhe chegou aviso em como haviam desembarcado no porto de Tamandaré os dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, com oitocentos infantes, que mandava o governador do Estado Antonio Telles da Silva, da Bahia, para aquietarem o povo, como tinha promettido aos embaixadores flamengos, como temos escripto, e partiram da Bahia com esta gente de guerra embarcada em oito navios, de que vinha por capitão-mór Jeronymo Serrão de Paiva em companhia de um famoso galeão, que era de Salvador Corrêa de Sá e Benavides, que vinha por general de uma frota de trinta e sete embarcações que ia para Portugal, e o galeão por capitanea; e se este sujeito tivéra inteira noticia do successo de Pernambuco, fôra restaurado em poucos dias, porque com sua armada ajudára por mar.

Tanto que desembarcou a infantaria com os dois mestres de campo em terra, no porto de Tamandaré, duas leguas distante da villa de Serinhaem, se foram aprestando com toda sua gente para irem em demanda do governador João Fernandes Vieira. E para que estes successos tão relatados com distincção é necessario ir continuando com outras cousas que succederam, para que a historia vá seguindo seu direito decurso, e tratar do que aconteceu em Serinhaem n'esta empreza da liberdade.

Sabendo-se n'esta villa e seus districtos, como em as mais freguezias e povoações das capitanias de Pernambuco, como se iam levantando os portuguezes com o governador João Fernandes Vieira, mandou o capitão e comendor hollandez da força de Serinhaem, com ordem dos governadores do Recife, publicar um edital, com pena de morte sem remissão, que todos os moradores portuguezes d'aquelle districto entregassem logo dentro de tres dias todas as armas

offensivas e defensivas que tivessem na mão do dito comendor, até fouces de roçar e facões ; e, supposto que alguns moradores com o temor da morte entregaram os que tinham, todavia não faltou quem atalhasse a este damno : este foi um João de Albuquerque, o qual ajuntou uma companhia de mancebos solteiros, dos quaes foi eleito capitão, e com elles foi tomar as armas aos moradores, que sabia que as tinham, para que as não entregassem ao inimigo, e logo deitou no fundo tres barcos que estavam carregados de assucar e outras drogas, e, sabendo que a nossa armada havia entrado no porto de Tamandaré, se veiu avistar com dois capitães, Paulo da Cunha e Christovão de Barros, e lhes requereu que fossem pôr cerco á fortaleza do inimigo, que estava desapercebido, e lhe tomassem a agua de beber, de que tinha muita necessidade e falta, que sem duvida se entregariam, porque elle tinha tomado todos os mantimentos que para a fortaleza vinham chegando. O mesmo requereram aos mestres de campo muitos dos moradores que andavam fugidos pelos matos por temor dos hollandezes que os queriam matar, dizendo que, pois Deus os havia trazido n'aquella occasião, os amparassem e defendessem d'aquelles tyrannos, e já que eram christãos não os desamparassem n'aquella tribulação ; finalmente, marcharam os dois capitães que acima dissemos, ficando os dois mestres de campo atraz para marcharem com todo o seu exercito, e após os capitães outra muita infantaria para a villa de Serinhaem, e tomaram a agua e puzeram em cerco a fortaleza ao largo, e mandaram dizer ao comendor que se entregasse, e aos mais que estavam dentro, logo, sem dilação, que lhe fariam todos os bons partidos, e que sahiriam com suas armas e com o demais que se costuma na guerra, e que os que quizessem servir no nosso exercito se lhes fariam boas pagas, e os que quizessem ir para

o Recife se lhes daria passagem livre, e os que na terra quizessem viver em suas fazendas que n'ella tinham as gozariam como d'antes, conforme aõ edital que tinha mandado publicar o governador João Fernandes Vieira, como temos escripto, e que logo se com effeito não mandavam resposta as poriam a ferro e fogo.

O comendor e os mais que com elle estavam cercados por todas as partes dos moradores da terra, que todos sahiram n'aquella occasião armados, e por outra parte com as duas companhias de Paulo da Cunha e Christovão de Barros, e que os mestres de campo vinham chegando com todo o seu exercito, logo, sem mais dilação, se entregaram, e se lhes cumpriu pontualmente o promettido. Os flamengos rendidos foram sessenta e dois, ficando quarenta e nove indios que com elles estavam, que os mais haviam fugido, aos quaes por suas traições, e nuncas vistas tyrannias e crueldades, o povo todo clamou que não se tratasse com elles de quartel nos concertos que se fizeram, pelo que o Dr. Francisco Bravo da Silva, que vinha por auditor-geral os condemnou á morte, porquanto, sendo vassallos de Sua Magestade, e nascidos em Pernambuco e creados na santa fé catholica romana, se haviam rebellado contra os portuguezes, executando tantas crueldades com os moradores, assim homens, como mulheres e meninos, pelo que foram todos enforcados ao redor da fortaleza e outros mortos pelos soldados, deixando-os primeiro confessar de seus peccados, o que elles jámais deixaram fazer aos nossos, dando-lhes sepultura em sagrado, tendo-lh'a elles dado em seus ventres. As mulheres e filhos pequenos dos indios foram dados e repartidos por os moradores para que os servissem, não como escravos captivos, senão por administração.

Rendida a fortaleza aos mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, deixaram em Seri-

nhaem por capitão dos moradores e da fortaleza a Alvaro Fragoso de Albuquerque, e logo marcharam adiante. Martim Soares Moreno veiu mais devagar com o seu terço, caminhando em direitura para o Pontal de Nazareth e cabo de Santo Agostinho, e André Vidal de Negreiros partiu adiante, com pressa, em demanda do governador João Fernandes Vieira, ao qual deixemos ir marchando com sua gente e tornemos ao governador, que deixámos no sitio das Tabocas, com seu exercito, festejando a victoria e boas novas que tinha da chegada da gente da Bahia.

Sabendo, pois, o governador João Fernandes Vieira que os mestres de campo marchavam e vinham em sua demanda, partiu com todos os seus soldados do monte das Tabocas e foi caminhando até o engenho de Balthazar Gonçalves Moreno, e d'alli a Gorjaú, ao engenho de Antonio Nunes Ximenes, aonde achou o governador Antonio Filippe Camarão, com sete indios, e Henrique Dias, governador dos pretos e crioulos, e de Guiné, com quatro soldados, que, como os rios iam muito cheios, não poderam caminhar com mais pressa, e como vinham tanto ao sertão lhe morreu a mais da gente, que era muita, por falta do necessario. Dadas e recebidas as boas vindas de parte a parte com grandes mostras de alegria dos moradores de Pernambuco, por se vêrem já com gente de soccorro e bem armada de mosquetes biscainhos, com que doram salva ao governador da liberdade.

Vendo o governador João Fernandes Vieira chegado este soccorro, e esperando a mais gente que vinha com os dois mestres de campo, entendendo ter poder com que resistir ao inimigo e fazer-lhe guerra; e como os moradores de Iguarassú e Goyana lhe faziam muitas petições que os soccorresse com gente e armas, tratou de lhes mandar soccorro, o que, sabido por Antonio Cavalcanti, metteu suas

valias para que o mandasse a elle, com este soccorro, por governador e cabeça d'elle, o que lhe concedeu o governador João Fernandes Vieira, e d'este sitio do engenho de Gorjaú o mandou com cento e cincoenta homens, para que se ajuntassem com os demais moradores levantados n'aquellas partes, o qual, chegado a Igaraçú, a pedimento dos moradores, que, como estavam tão perto da ilha de Itamaracá se temiam muito do inimigo, se deixou ficar n'esta villa, aonde esteve governando a gente de guerra, e d'alli foi a Goyana, onde morreu de uma pontada e sangue pleuriz que lhe deu no tempo que n'estas capitanias correram uns males pestilanciaes e contagiosos, de que morreu infinita gente em todas ellas, principalmente na da Parahyba, como ao diante escreveremos. Succedeu-lhe depois no cargo o capitão Diogo Vieira Ferrete e Francisco Lopes de Horosco.

CAPITULO XIV

De como o governador João Fernandes Vieira partiu para a povoação de Santo Antonio do Cabo, aonde se lhe aggregou o mestre de campo André Vidal de Negreiros com o seu terço, e marcharam para a Varzea de Capibaribe em demanda do inimigo.

Havendo mandado o governador a Antonio Cavalcanti com a tropa, mandou marchar todo o seu exercito com muita pressa para a povoação de Santo Antonio do Cabo, d'onde lhe fizeram aviso que estavam cento e oitenta hollandezes com Gaspar Wanderley, capitão de cavallos, homem de muita conta entre elles, em um reducto e corpo de armas que lhes servia de fortaleza; e como o governador tinha grandes desejos de aprisionar estes hollandezes, mandou marchar toda a noite, para que em amanhecendo désse na

povoação, o que não surtiu effeito, porque do exercito se fez aviso aos flamengos, que, sabendo iam em sua demanda, se acolheram para o Pontal de Nazareth, e se metteram na fortaleza, aonde se deram por seguros, que por se fazer este aviso se mallogrou tão boa occasião ; e indo o capitão Domingos Fagundes com cem homens em seu seguimento, já os não pôde alcançar, porém ainda lhes tomou cincoenta cabeças de gado e um cavallo.

Tanto que amanheceu o dia em 16 de Agosto, inves-tiram os nossos soldados com a povoação, e não achando n'ella os flamengos se aproveitaram de tudo o que elles haviam deixado em seus alojamentos.

Chegado que foi o governador João Fernandes Vieira a esta povoação, bem pezaroso de não achar os hollande-zes, que n'aquella madrugada se haviam acolhido, soube que na freguezia de Ipojuca, que d'alli dista tres leguas, estavam os mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, que o vinham buscar e ao mais povo, que já n'este tempo obedecia todo a João Fernandes Vieira, o qual escreveu aos dois mestres de campo as causas que tivéra para se levantar, tão justas como elles bem conheciam, e que como se avistassem os fazia mais sabedores de sua razão e justiça. Os mestres de campo, vendo a carta do governador, marcharam com muita pressa, André Vidal de Negreiros para a povoação de Santo Antonio, e Martim Soares Moreno ficou no sitio que chamam os Algodoaes, uma legua, distancia de Nazareth ; e posto que Fr. Manoel Callado diga que ambos os mestres de campo se avistaram com o governador na povoação de Santo Antonio, foi engano, como tambem em dizer que Antonio Cavalcanti partiu para Igaraçú com a gente do sitio das Tabocas, sendo que partiu do engenho de Antonio Nunes Ximenes, de Gorjaú, como dissemos ; e tambem

attribue a um Hippolyto Alonso o levantamento de Serinhaem, o que tudo passou como temos escripto, e foi cabeça d'elle João de Albuquerque; e n'outras muitas cousas se enganou, como poderá vêr e cotejar o leitor por esta historia e a que o sobredito padre escreveu.

Indo marchando o mestre de campo André Vidal de Negreiros para a povoação de Santo Antonio com sua infantaria, tanto que perto d'ella deram vista as sentinellas do governador João Fernandes Vieira da gente da Bahia, se pôz logo toda a gente em ala; e chegando o mestre de campo a se avistar com o governador, ficando os soldados á vista uns dos outros, veiu logo recrescendo muitissima gente que estava n'aquella freguezia, que das outras havia fugido e vinha a-amparar-se do exercito, porque andavam os hollandezes, indios e *Tapuias*, pelas outras, prendendo, saqueando e matando, e tanto que o mestre de campo André Vidal de Negreiros começou a dizer ao governador que Antonio Telles da Silva, á instancia dos flamengos, o mandava para apaziguar o povo, para que vivessem os moradores quietos com os flamengos, e outras cousas d'este modo, levantaram todos a voz, começando a sahir até as matronas e donzellas de sua casa, pedindo justiça a Deus, dizendo que já que eram christãos favorecessem aos que eram, e seus irmãos e portuguezes, contra os tyrannos hereges hollandezes, que lhes tinham feito tantas exorbitancias, males e crueldades; e foi de tal sorte o tumulto, que não fez pouco o governador em aquietar o povo, e logo a infantaria da Bahia disse ao mestre de campo André Vidal de Negreiros que, se quizesse, elle e Martim Soares Moreno, se poderiam tornar para a Bahia; que elles queriam ficar-se a morrer pela defensão de sua patria, tantos annos tyrannisada, e que haviam de ajudar a defender as vidas e honras de tantos innocentes; e que, quando estas e outras

muitas cousas não houvéra, bastava fazêl-os os hollandezes andar tantos annos desterrados de sua patria, passando tantas miserias e necessidades; depois de dizerem estas e outras muitas palavras, se uniram e incorporaram com os soldados da terra, e o mestre de campo André Vidal de Negreiros e o governador João Fernandes Vieira trataram entre si outras cousas de consideração para o serviço de Deus e de Sua Magestade, e bem das capitanias n'aquella empreza da liberdade.

Havendo succedido as cousas que temos referido, logo o governador mandou marchar parte de sua gente para o outeiro de Nazareth, para fazer frente ao inimigo que estava recolhido na força do Pontal, governada por Theodoro Straeten. Os dois mestres de campo, vendo que não poderam conseguir o a que foram mandados, e que a infantaria queria ajudar a defender os moradores das oppressões e tyrannias dos hollandezes, trataram de se concertar com o governador pelos melhores modos que poderam, pelo que o mestre de campo Martim Soares Moreno partiu do sitio dos Algodoaes, aonde havia ficado, para o outeiro de Nazareth, para onde havia já marchado parte de sua gente, misturada com a da terra, e André Vidal de Negreiros se deixou ficar com o governador João Fernandes Vieira, o qual, sem se deter mais na povoação de Santo Antonio do Cabo, marchou com sua gente de vanguarda para a povoação da Muribeca, seguindo-a a infantaria da Bahia e o mestre de campo André Vidal de Negreiros.

Chegados que foram á povoação da Muribeca, que foi em 16 de Agosto, vendo André Vidal que o governador queria marchar mais adiante, lhe pediu que descançassem alli aquella noite, porquanto iam os soldados muito enfadados do caminho,pela muita agua que de continuo chovia e grandes lamas que havia; e assim, tanto que amanheceu,

começou o mestre de campo André Vidal de Negreiros a marchar de vanguarda com a gente da Bahia, seguindo-o o governador João Fernandes Vieira, a quem se ajuntavam cada vez mais moradores, e por aquelles matos e outeiros, por onde marchavam, encontravam muitas mulheres e meninos, que desamparando suas casas iam fugindo, por a fama divulgar que os hollandezes, como era certo, no seguinte dia vinham degolar a todos. Chegaram os nossos pelas 6 horas da tarde ao rio do Tigipio, que dista da Muribeca duas leguas, e sabendo o licenciado Matheus de Sousa Uchoa, capellão que então era do governador João Fernandes Vieira, que havia chegado áquelle rio com seu exercito, lhe foi fazer aviso como o inimigo estava situado nas casas de D. Anna Paes, na Varzea, e veiu com este recado pela posta, e um João Alvares da guarda, e disseram que n'aquella tarde o sargento maior João Blaar, com duas companhias de hollandezes e com alguns indios, viéra á Varzea a prender as mulheres dos que se haviam levantado, fazendo grandissima diligencia pela do governador João Fernandes Vieira, que não achou por estar escondida em um bosque com uma mulata sua, sem ninguem saber d'ella mais que um morador de confiança que lhe levava o sustento; e que já tinha presas e levadas para a casa forte, para d'alli levar ao Recife, a D. Antonia Bezerra, mulher de Francisco Beranger de Andrade, sogro d'elle governador João Fernandes Vieira, e a D. Isabel de Goes, mulher de Antonio Bezerra, e a Luzia de Oliveira, mulher de Antonio Lopes, que levava um menino de peito de quatro mezes. Disse mais o padre que ao outro dia se dividia o inimigo em dois troços, para ir um á Varzea, e o outro á villa de Olinda e a Paratibe, e outras partes, com os indios, a degolar todos os moradores que achasse, sem perdoar a nenhum, porque assim estava dado por ordem,

e o tinham principiado em Cunhaú, como no capitulo oitavo escrevemos; e como o Jacob Hollandez estava para partir do Rio Grande com cento e sessenta hollandezes, e infinitos *Tapuias* e *Peliguares*, para virem matar os moradores da Goyana, e depois pelo sertão até se encorporarem com estes troços que haviam de sahir da casa forte, como escreveremos quando se tratar do levantamento da Parahyba, que não havia de ficar isenta d'este tyrannico decreto, para, quando da volta tornassem, matarem todos os seus moradores; porém Deus não permittiu tão grande desaforo, como iremos escrevendo.

Disse o mesmo padre que lhe disséra em segredo um flamengo, que dizia ser catholico, que o intento dos hollandezes era que, depois de mortos e saqueados os moradores; recolherem-se ao Recife e os moradores vendo que tinham preso aquellas mulheres se haviam acolhido todos para o mato, e vindo-se os hollandezes recolhendo para a casa forte encontraram na igreja matriz da Varzea a um morador, chamado João Laudes que lhes entendia e fallava bem a lingua, sem aquelles o saberem; e vendo-o um capitão disse aos soldados: Matai esse traidor; acudiu logo o sargento maior João Blaar, e disse que não convinha, porque se matavam aquelle não achariam ao outro dia os mais; de onde bem se infere que era certo o que o flamengo, que dizia ser catholico, havia dito ao padre.

Não sabia o inimigo que a nossa gente estava tão perto, porque o governador João Fernandes Vieira mandou tomar todos os caminhos, para que se não fizesse aviso ao inimigo.

O sargento maior João Blaar, vindo-se recolhendo para a casa forte, como dissemos, na povoação da igreja matriz da Varzea, disse aos moradores e mulheres que n'ella estavam que dissessem a todos os ausentes, porque poucos foram os que ficaram, que ao outro dia estivessem juntos,

porque tinha cousas que encarregar-lhes, muito importantes ao serviço do principe d'Orange, e que se os não achassem alli os dariam por traidores, e levariam as mulheres presas como viam ir aquellas, e por este modo queriam acolher todos para os entregar aos indios, que tudo saqueavam ; tanto que os hollandezes se foram idos, elles e os indios, se tornaram os moradores para suas casas, a quem o vizinho João Laudes contou o que João Blaar em sua lingua flamenga tinha dito aos outros hollandezes, e com este aviso todos foram dormir ao mato, dizendo ás mulheres que ficassem nas casas ; mas ellas, não obedecendo com o temor que os cercava, se acolheram tambem, desamparando as casas, que o que possuiam já lh'o tinham os indios saqueado.

O governador João Fernandes Vieira, sabendo estarem presas as mulheres, e que o inimigo estava para degolar a todos, na fórma que temos escripto, mandou marchar com muita pressa ; e logo os moradores da terra, a quem mais tocava a cousa, tomaram as armas e se puzeram a caminho com o governador ; o mesmo fez o mestre de campo André Vidal de Negreiros com toda sua infantaria, em seu seguimento, para acudirem á grande tribulação em que os moradores estavam, em perigo de serem ao outro dia degolados.

Os nossos descobridores do campo, que iam com os capitães Francisco Ramos e Matheus Fagundes, encontraram duas sentinellas do inimigo, que tinha postas ao largo, e as mataram, e um d'elles antes que o matassem confessou que o governador das armas Henrique Haus estava com a sua gente na casa forte de D. Anna Paes; e chegando os descobridores ao engenho de Pero da Cunha de Andrade, a tempo que os hollandezes estavam saqueando os moradores d'aquelle districto, fizeram alto, dando-lhes lugar

a que se fossem com a pressa, podendo-os degolar, o que não fizeram, porque os outros, que por diversos engenhos e casas andavam roubando, ouvindo os tiros, não fossem dar aviso aos da casa forte para se acolherem para o Recife.

Veiu o nosso exercito marchando pelo escuro da noite com muito trabalho, e acabou de chegar toda a nossa gente bem molhada e cançada, á meia-noite, ao engenho de Pedro da Cunha, e passadas tres horas mandou o governador João Fernandes Vieira marchar toda a sua gente para a casa forte, de onde o inimigo estava, e assim marchou toda a gente da terra, de vanguarda, que lhe tocava, seguindo-a o mestre de campo André Vidal de Negreiros com a da Bahia, de retaguarda, com muito trabalho, por ser ainda noite, e por os ruins caminhos, que eram muito grandes os lamaçaes por toda a Varzea; e chegando ao engenho, que chamam do Meio, que é do governador João Fernandes Vieira, ouviram bulha de gente em umas casas, e chegando a ellas os nossos descobridores, que iam com o capitão Francisco Ramos, acharam alli seis flamengos e tres indios que andavam roubando, e os mataram, tomando-lhes o que haviam roubado, e indo mais adiante, sahindo á campina do outro engenho do governador João Fernandes Vieira, chamado Santo Antonio, encontraram a um flamengo com dois indios, que andavam tambem roubando, e a um dos indios mataram logo, e o outro fugiu por entre um cannavial; e o flamengo, dizendo-lhe o capitão Francisco Ramos que rendesse as armas, e lhe daria quartel, elle o não quiz fazer; antes, levando a clavina ao rosto, apontou para matar o capitão; porém elle andou tão ligeiro que, antes de a disparar, de um salto evitou o tiro, e com a espada passou o flamengo de parte a parte pelos peitos, dando com elle em terra morto.

Ao romper da manhã chegaram os nossos ao rio Capi-

baribe, com cuja vista ficaram muito tristes e confusos por ir o rio muito cheio, que não se podia vadear, nem havia n'elle nenhum batel, nem jangada, para se passar da outra banda; veiu chegando a gente, mas receiosa de que fugisse o inimigo, que estava d'alli menos de um pequeno quarto de legua. Vendo o governador João Fernandes Vieira que se detinha a gente junto ao rio, por não poder passar, não podendo seu animo soffrer qualquer breve detença, mandou entrar pela agua a um mulato seu, grande nadador, para que fosse tomando o vão, e elle entrou pelo rio, que com sua corrente ia rapido e furioso, em seguimento do mulato, em um cavallo brioso e forte, e com a agua pelo arção da sella passou da outra banda, e tanto que alli se viram os nossos soldados, e que o governador estava da outra banda, começaram todos a entrar pelo rio, uns despidos, e outros vestidos e calçados, pegados uns nos outros por causa da correnteza, levantando as armas de fogo ao alto, e em breve se puzeram da outra parte. Tanto que passaram o rio pôz o sargento maior os soldados em ordem de marchar, em fórma de peleja, por mandado do governador, supposto que o caminho, com a muita lama e agua, não dava lugar á ordem nem concerto militar; mas comtudo foram marchando o melhor que poderam.

CAPITULO XV

Da famosa e gloriosa victoria que alcançaram os nossos dos hollandezes, que estavam na casa forte de D. Anna Paes com o governador Henrique Haus, e casos particulares d'esta batalha e milagres que n'ella succederam.

Tanto que o governador João Fernandes Vieira chegou a avistar a casa forte, despediu diante seis soldados ligeiros e determinados, os quaes, agachados por debaixo de

umas arvores, toparam com duas sentinellas do inimigo, que tomaram ás mãos, e se informaram d'elles em como estavam os hollandezes na casa de D. Anna Paes, que distava d'alli dois tiros de mosquete em direitura. Mortas estas sentinellas, foi marchando a nossa gente com mais pressa, e o capitão Francisco Ramos, descobridor do campo, foi por entre o mato, e mettido por detraz de duas arvores grossas e copadas descobriu outras duas sentinellas dos hollandezes, que estavam na porteira do pasto do engenho de D. Anna Paes, e fazendo-lhe tiro matou a uma d'ellas, e a outra fugiu tocando rebate; porém não se pôde recolher, porque os nossos soldados deram sobre ella de corrida e a mataram.

N'este tempo estava o inimigo sem saber dos nossos, formado em dois esquadrões, e com os indios divididos para ir um dos dois á Varzea, e outro á villa de Olinda e a Paratibe, a degolar todos os moradores; mas tanto que o governador das armas hollandezas Henrique Haus e João Blaar, e outros principaes que estavam almoçando para se pôr a caminho, ouviram o rebate, se puzeram alerta, com grande turbação de se vêrem assim salteados. Logo chegou a tropa da nossa gente de Pernambuco, com o governador João Fernandes Vieira, á porteira do posto, que viram os hollandezes que estavam nas janellas da casa, o que, visto, mandaram tocar trombetas e caixas, e com muita coragem começaram os dois esquadrões a dar cargas aos nossos, que com grande esforço e brio, e foi com os nossos investindo, e para isto mandou ao sargento maior Antonio Dias Cardoso formar um esquadrão de capitães briosos, para que, dada a primeira e segunda carga, arremetessem contra o inimigo á espada; n'este pôz aos capitães João Soares de Albuquerque, João de Albuquerque, Antonio Borges Uchoa, Francisco de Lisboa, Sebastião Ferreira,

Antonio Gomes Taborda, e diante d'este esquadrão iam dois ajudantes, Amaro Cordeiro e Francisco Cardoso, e Paulo Velloso na vanguarda. Os outros capitães ficaram volantes para acommetter o inimigo por varias partes e acudir aos nossos,aonde fosse necessario. Mandou o governador ao Camarão que mandasse com a sua gente tomar os caminhos ao largo, e elle e Henrique Dias com a sua, ainda que pouca, fizeram bem sua obrigação n'esta pendencia.

Estas cousas ordenadas levou o governador João Fernandes Vieira da espada, e logo o fizeram assim os mais, e tanto que disse: Viva a fé de Christo e a liberdade! mandou ao sargento maior abalar todo o corpo da gente, vindo elle diante, a cavallo, e com um trombeta do Camarão, mandou dar signal de acommetter, e os nossos negros minas tocaram tambem suas buzinas, e foram todos investindo com o inimigo, com tal furor por todas as partes, que elle se viu perturbado e confuso.

Não tinham os nossos bem acabada de dar a primeira carga, quando chegou correndo a cavallo o mestre de campo André Vidal de Negreiros, com alguns soldados de seu terço que havia trazido da Bahia, com os capitães Assenço da Silva e Antonio Gonçalves Tissão, porque os demais ficavam passando o rio Capibaribe, e tanto que chegou se metteu logo no meio da pendencia com grande valor e animo, e o mesmo fizeram os dois capitães com seus soldados, e todos foram dando grandes surriadas de arcubuzaria e mosquetaria, com tanto estrondo que o inimigo de perturbado começou a se descompôr; então os nossos gritando —á espada!—arremetteram com os esquadrões dos hollandezes, e os fizeram virar as costas e recolher-se dentro na casa forte, e n'ella se puzeram em defensão, pelejando das varandas e janellas animosamente, e os seus indios de uma

casa terrea muito comprida e espaçosa, e entrincheirada com uma palissada de madeira, faziam o mesmo.

Como os nossos soldados arremetteram de corrida com os hollandezes, n'esta investidura ganharam a igreja do engenho e um grande monte de lenha, que estava junta para o engenho deitar a moer. E como esta igreja e esta lenha estavam junto da casa forte, amparados com a igreja e monte de lenha, começaram os nossos e espingardeiros, a seu salvo, uma bateria bem travada, e mais de largo para todas as partes varejava mosquetaria, que, como eram os nossos mosquetes biscainhos e reformados, toda a parede da casa iam fazendo como um crivo de buracos, e assim lhes mataram os nossos muita gente, o que, visto pelos hollandezes, e que vinham chegando cada vez mais soldados com que se viam mais apertados, cessaram um pouco com a bateria, o que visto pelos nossos governadores, parecendo-lhes que queriam tratar de alguns concertos, mandaram cessar os tiros da nossa parte, e o mestre de campo André Vidal de Negreiros mandou um tambor, e um soldado chamado João Baptista, com uma bandeira brauca, com recado que se rendessem logo, que lhes faria os partidos como fosse razão; que elle vinha alli para ajudar aos moradores quando elles se não rendessem; porém os hollandezes, vendo-se com aquelle breve tempo de allivio, sahiram de subito ás janellas e varandas, e deram nos nossos uma grande carga, matando ao soldado que ia já chegando á escada com a sua bandeira branca de paz.

Vendo isto o governador João Fernandes Vieira e o mestre de campo André Vidal de Negreiros, começaram a dizer em altas vozes ser aquillo traição, e que debaixo de engano os queriam matar a todos, e que mettessem os soldados lenha debaixo d'aquella casa para os abrasar, o que elles fizeram, arremettendo ao monte de lenha que alli estava, car-

regando cada qual mais que pôde, e encheram os baixos da casa e seu circuito de madeira, e os nossos soldados mosqueteiros começaram a dar grandes cargas, e não assomava hollandez que não ficasse morto. Emquanto se ia carregando a lenha, o primeiro que entrou debaixo da casa e tomou a escada ao inimigo foi o capitão João Soares de Albuquerque; e o capitão Domingos Ferreira e Domingos de Sá Barbosa, e com grande animo e brio, acommetteram a casa e se assenhorearam dos baixos d'ella; após estes entraram, tambem com grande valor, debaixo da casa, os capitães Antonio Gomes Taborda e o capitão Paulo Velloso, João de Albuquerque, Sebastião Ferreira; tambem com estes capitães entrou o padre Fr. João da Resurreição, da ordem de S. Bento, o qual andava no meio da bateria confessando os nossos soldades, e animando-os com muito valor e esforço, e trazendo já um pé maltratado de uma bala e uma perna passada com outra; comtudo se metteu debaixo da varanda da casa forte.

Pegou-se o fogo na lenha e começou de arder, e a grande labareda e fumo a rodear a casa toda, e os hollandezes a pelejar valorosamente, e os nossos a dar-lhes grandes cargas com as espingardas, arcabuzes e mosquetes, e toda a nossa gente com grandes alaridos já no contorno da casa gritando: Morram estes inimigos a ferro e fogo! Não se dê quartel a nenhum! Os hollandezes determinaram sahir da casa para escapar do fogo e vender no meio do campo suas vidas; porém acharam a escada occupada pelos capitães que temos nomeado, que os fizeram recolher com perda de algumas vidas e derramamento de muito sangue, e o governador mandava chegar dois barris de polvora á casa, para que logo morressem todos abrasados, sem reparar nas mulheres que estavam na casa presas.

N'este tempo entrou pelo meio do pasto do engenho um

homem da povoação do Arrayal Velho, chamado Francisco Frazão, com uma imagem de vulto de Nossa Senhora do Soccorro, a quem os hollandezes haviam tomado os vestidos e quebrado os braços, a qual imagem vinha suando muitas gottas d'agua, e gritando o dito homem: Milagre, milagre, que a imagem da Virgem Maria está suando! Acudiram logo muitos soldados nossos, e vendo suar a sagrada imagem lhe limparam as gottas de suor com os lenços, e os guardaram como santas reliquias, e em acabando de limpar umas, brotavam logo outras (caso milagroso); e tanto que a imagem da Santissima Virgem Maria entrou no nosso esquadrão, logo os inimigos enfraqueceram de tal sorte, que começaram a cessar com os tiros, e pedir paz e bom quartel das janellas, e que se queriam render. E Henrique Haus pôz uma bandeira branca, e tanto que parou a nossa bateria assomou á uma janella com a bandeira e duas pistolas nas mãos, com as bocas viradas para terra, e tirou o chapéo em signal de que se queria render. Acudiram então os nossos soldados e apagaram o fogo que se ia já ateando debaixo da casa, e os capitães que alli estavam, e se trataram os concertos, posto que o governador João Fernandes. Vieira não queria consentir em partido algum senão que fossem alli todos os inimigos abrasados de uma vez, pois haviam tirado a vida a tantos innocentes, a tantas donzellas e casadas; haviam feito força, roubando pela campanha a todos geralmente, quebrando os novos passaportes que o mesmo governador das armas que alli estava havia passado, e, finalmente, estavam para irem degolar os moradores da Varzea, villa e Paratibe, sem perdoarem a seronemidade. Todavia o mestre de campo André Vidal de Negreiros foi de parecer, que se lhes désse bom quartel, e assim lhes foram concedidos os partidos seguintes: que ao governador das armas e ao sargento maior ou

coroncl João Blaar, e ao capitão e governador dos indios, se concedia que sahissem com suas armas e insignias militares até se apresentarem diante dos nossos governadores, e que os demais soldados seriam desarmados ao sahir d'aquella casa, e sahiriam sem armas, e isto sem mais replica, sob pena de serem todos abrasados ; porém que aceitado o partido se lhes concedia a todos vida com bom tratamento.

O governador Henrique Haus aceitou o partido, e veiu sahindo da casa forte, elle diante, e logo os tres cabeças da milicia, e após elles os outros officiaes, capitães, alferes, sargentos, e no fim de todos os demais soldados sem armas, porque os nossos capitães os foram desarmando ao sahir da porta; e estando-se tratando, depois do concerto feito com os flamengos, sobre os indios, visto seus merecimentos, das maldades escriptas antes da resolução tomada, foram elles taes que começaram a atirar aos nossos, e mataram um alferes e soldado, e feriram mal ao capitão Antonio Gomes Taborda ; pelo que os governadores, irritados de tantas maldades, os mandaram pôr a todos ao fio da espada. Deu-se logo á execução esta sentença e os degolaram a todos ; e vendo elles que se lhes não dava quartel, determinaram vender as vidas, pondo-se em defesa que nada lhes aproveitou. E estando já todos mortos e estirados em terra, um d'elles, com as ancias da morte, se levantou, e puxando de uma faca, que lhe haviam deixado por inadvertencia, deu com ella tres facadas em um Antonio Paes, e logo cahiu quasi morto, e escapou com vida por ser curado com muita diligencia. Exemplo que nos mostra que até do inimigo morto nos não havemos de confiar.

Tanto que os hollandezes rendidos se apresentaram diante dos nossos governadores com muita humildade e submissão, estando toda a nossa soldadesca posta em ala,

em contorno, disse o governador João Fernandes Vieira ao governador das armas hollandezas: Que é isto, Sr. Henrique Haus? Vossa mercê é o que dizia que me havia de prender e fazer muitos vituperios? Pois como está vossa mercê debaixo de meu poder e com sua vida em minhas mãos? Agora saberá que as crueldades e tyrannias não podem prevalecer, e que mais vale um quarto de hora do serviço de Deus e de seu favor do que muitas vidas entre os enganos do mundo; ora não tem que me temer, porque eu tenho mais de piedoso que de vingativo e cruel. Ao que respondeu Henrique Haus sómente estas palavras: Pois V. S. me venceu e me tem por seu prisioneiro, póde fazer o que fôr servido, e bem póde ir tomar posse do Recife, porquanto eu tinha aqui comigo a melhor gente que tinham de guerra os flamengos, e ninguem sabe isto melhor que V. S. E vendo o governador João Fernandes Vieira todos aquelles officiaes flamengos, disse para o mestre de campo André Vidal de Negreiros: Bem podemos ir para o Recife, porque aqui se acabou o resto da melhor gente que tinham os flamengos, e d'aqui caminhemos logo. Ao que respondeu o Haus: VV. SS. bem podem ir.

Depois de se passarem estas e outras cousas de menos consideração, os circumstantes todos acclamaram por tres vezes a victoria com uma alegria nunca vista, e a celebraram ao som de charamelas, caixas e trombetas, o que tambem fizeram os nossos soldados minas, tocando suas buzinas, flautas e atabaques. Acabado isto entraram os nossos soldados, e mais moradores que haviam acudido ao estrondo da bateria, na casa forte e nas mais circumvizinhas, e saquearam toda a bagagem que alli tinha o inimigo, e se aproveitaram de todo o facto e mais alfaias, que os soldados flamengos e indios haviam roubado aquelles dias, o que não foi de pouca consideração; juntamente muitos dos mo-

radores, que estavam sem armas de fogo, alli se armaram com as do inimigo, que eram mais de seiscentas, e tambem carregaram muita polvora, balas, e muitos bastimentos de comer e beber, e tomaram muitos cavallos sellados e enfreiados. E n'esta occasião e nas das Tabocas perdeu o inimigo mil e quinhentas armas de fogo, das quaes a nossa gente se aproveitou. E bem se póde dizer que, não tendo os nossos armas para se defender e fazer guerra aos hollandezes, elles lh'as deram, apezar da sua soberba.

N'este encontro morreram dezoito homens nossos, e foram feridos trinta e cinco, entre os quaes foi passado pela barriga com uma bala o capitão Domingos Fagundes, que escapou com vida. Tambem foi ferido o governador Henrique Dias em uma perna, e se não quiz retirar emquanto durou a bateria, e foi mal ferido o capitão Antonio Gomes Taborda, como dissemos.

O mestre de campo André Vidal de Negreiros recebeu duas pelouradas: com uma lhe deram na caixa em que trazia duas pistolas, fazendo-lh'a pedaços, e com a outra lhe feriram o cavallo em que andava, sem lhe fazerem damno, guardando-o Deus para outras cousas grandiosas. Dos hollandezes foram muitos mortos, porque do seiscentos que eram foram aprisionados duzentos e quatro, e os mais pereceram, e alguns duzentos indios passados á espada, e outros fugiram por entre os matos com alguns hollandezes, os quaes, forçados da necessidade, vinham dar nas casas dos moradores, e alli eram muitos mortos pelas mãos dos negros; assim os mais que fugiram da bateria o foram.

O governador João Fernandes Vieira deu ordem para serem curados os feridos, assim na Varzea, como nos Apepucos, e mandou dar um cavallo ao governador hollandez para que não fosse a pé, e tomou nas ancas do seu cavallo a D. Antonia Bezerra, mulher de seu sogro Francisco Be-

ranger de Andrade, e Francisco Beranger nas ancas do seu cavallo a sua cunhada D. Isabel de Goes, mulher de Antonio Bezerra, e Amaro Lopes Madeira a sua mulher Luiza de Oliveira, que eram as tres mulheres que o inimigo tinha presas, como atraz fica referido; e com os duzentos e quatro rendidos, ao som de trombetas e charamelas, e grandes acclamações da victoria, se recolheram todos para a Varzea, a descansar do importuno trabalho e tomar refeição no engenho do governador João Fernandes Vieira, da invocação de S. João.

Foi alcançada esta gloriosa victoria aos 17 de Agosto de 1645 annos, quatorze dias depois que se alcançou a do monte das Tabocas, mostrando os capitães e soldados, assim dos moradores, como dos vindos da Bahia, grande valor, animo e esforço, como a fama com tanta notoriedade manifesta. E além do milagroso successo que temos contado de haver suado a imagem de Nossa Senhora, succederam outros admiraveis, que não é bom que se passem em silencio, pelo affirmarem pessoas fidedignas que se acharam presentes, e ser a todos notorio.

Ficaram muitos soldados no engenho de Pedro da Cunha de Andrade, uns doentes e outros cansados, os quaes, tanto que ouviram a bateria da casa forte, se foram com o padre capellão do engenho á igreja que n'elle está, do martyr S. Sebastião, a pedir a Deus ajudasse os nossos, sendo medianeiro o santo; e estando a bateria no maior fervor viram suar a imagem do glorioso santo (admiravel e miraculoso caso) muitas gottas de suor; que assim o padre, como os soldados, recolhiam em lenços, por manar em grande abundancia da santa imagem.

Tambem affirmaram muitas pessoas dignas de fé, que viram a imagem do bemaventurado Santo Antonio em sua igreja, sita na Varzea, em um dos engenhos do governa-

dor João Fernandes Vieira, como que estava o santo cansado e suando infinito; e já no capitulo quinto d'este segundo livro temos feito menção d'outro milagroso caso, quando se abriram as portas d'esta mesma igreja de Santo Antonio milagrosamente, que assim como então as abriu o santo, como quem abria caminho e porta á liberdade de Pernambuco, agora, como cansado, intercedia pelos seus portuguezes diante de Deus; pois alli tão perto de sua igreja pelejavam pela fé de Christo e restauração de sua liberdade, que, favorecido com tão milagrosos successos, bem se deixa vêr que teria feliz e prospero fim.

CAPITULO XVI

De como os hollandezes queimaram e desbarataram as oito embarcações em que vieram da Bahia os mestres de campo, e prenderam ao capitão-mór d'ellas Jeronymo Sarrão de Paiva, e como se rendeu aos nossos a força do Pontal de Nazareth, e foram feitas as nossas estancias junto do Recife e cidade Mauricea.

Agora é necessario que tornemos atraz á armada, em cuja companhia vieram o mestre de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, que, como escrevemos no capitulo undecimo, desembarcaram no Tamandaré, no qual porto ficaram oito navios com o capitão-mór Jeronymo Sarrão de Paiva; e o galeão em que vinha por general da frota Salvador Corrêa de Sá e Benavides veiu á vista do Recife, com trinta e sete velas, e a 12 dias do mez de Agosto appareceu defronte d'elle, com cuja vista os hollandezes ficaram tão perturbados e confusos, que já se davam por perdidos, e sem duvida que então os puzeram de certo por mar, tomando-lhes os portos e impedindo os mantimentos, e com a gente nossa pela terra haviam de entregar

o Recife, porque se achavam sem náos nem cabedal para resistir, e o governador das armas Henrique Haus, com a melhor gente de guerra, andava por fóra, e depois, d'ahi a cinco dias depois de apparecer a frota, foi aprisionado com a maior parte dos soldados, e os outros mortos, como no capitulo passado temos relatado. Fez a frota fundo sobre a barreta, afastada da terra, aonde não podesse alcançar a artilharia do forte do mar, por que, como os hollandezes trataram sempre de fazer traições, temeu o general que lhe fizessem alguma; tanto que a frota deitou fundo era para vêr como os moradores de Pernambuco, principalmente os que viviam juntos do mar, subiam aos altos montes, com grande contentamento e alegria, a vêr a frota, parecendo-lhes que vinha investir o Recife e libertal-os do captiveiro em que estavam, com tantos e bons principios já de sua liberdade, e assim se proviam de armas, buscando ferros antigos de dardos e lanças, para todos alentados e animosos os ajudarem os seus.

Tanto que Salvador Corrêa de Sá teve a frota ancorada, despediu um batel para o Recife, e mandou n'elle dois homens com uma embaixada aos hollandezes do supremo conselho, a quem disseram que Salvador Corrêa de Sá, general d'aquella frota, os mandava saudar da sua parte, e fazer saber que não receiassem vêr aquellas náos ancoradas diante da barra; que elle não vinha a lhes fazer guerra nem a pelejar, porque assim o tinha ordenado S. M. el-rei D. João, o quarto, seu senhor, e que não fizesse guerra aos hollandezes de Pernambuco, senão que os tratasse com muita paz e cortezia, emquanto durassem as trégoas, e que assim não tivessem suspeitas nenhumas, porque elle ia com o seu galeão acompanhando aquella frota de assucares, que vinha do Rio de Janeiro e da Bahia para Portugal, e que se quizessem mais certificar-se d'esta verdade, podiam mandar

um batel ao seu galeão, ficando elles os dois em refens; e que veriam como levava comsigo para o reino sua mulher e familia, e que se de caminho lhe quizessem mandar algum refresco de frutas da terra, que por seu dinheiro lh'o pagaria honradamente ; e que em remate lhes fazia saber em como o governador Antonio Telles da Silva era tão pontual em cumprir sua palavra, que, porquanto elles lhe haviam pedido por seus embaixadores, que mandasse aquietar os moradores de Pernambuco, que se haviam levantado com João Fernandes Vieira, o dito governador mandava a esse effeito os dois mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, com a infantaria de seus terços, a aquietar os moradores, e que já ficavam na enseada de Tamandaré e vinham marchando por terra, deixando na mesma enseada oito embarcações mercantis, nas quaes haviam vindo, e, acabada a empreza para que haviam vindo e foram chamados, n'ellas se haviam de tornar para a Bahia.

Mandaram os do conselho aposentar os dois embaixadores, e logo se divulgou pelo Recife que a armada era de paz e não de guerra, com que todos ficaram muito alegres e alliviados d'esta perturbação e sobresalto. No mesmo dia mandaram os do supremo conselho duas lanchas á nossa capitanea com algum refresco, e o general lhes mostrou o seu galeão, e viram como levava n'elle sua mulher e familia, e juntamente lhes permittiu que chegassem a bordo das outras náos, o que elles tiveram por grande favor, e debaixo do rebuço da mercancia notaram o que havia na frota, e tornando para terra disseram aos do conselho o bom tratamento que o general portuguez lhes havia feito, e que pelo que haviam visto nas náos da frota era verdade tudo o que os embaixadores lhes disseram, e que a armada não vinha de guerra, e que ia fazendo viagem para Portu-

gal. Largaram então os do supremo conselho os dois embaixadores, os quaes se tornaram para a náo capitanea com o batel carregado de refresco de frutas que haviam comprado no Recife.

No seguinte dia sobreveiu uma tempestade de chuvá e vento extraordinaria, pela qual razão, temendo os pilotos que lhe arrebentassem as amarras, e as náos com a furia dos ventos viessem a dar nos arrecifes e se fizessem em pedaços, levaram as ancoras e todos se fizeram á vela, andando de um em outro bordo, volta ao mar e volta á terra, porém sempre engolfados ao largo Continuou a tempestade com tanto impeto e força dos ventos, que em espaço de seis dias nunca poderam achar abrigo para tornar a ancorar; e como o vento corria do sul, por não irem a dar nas Indias de Castella derrotados, foi força tomarem a derrota de Portugal, e em breve espaço desappareceram da vista da terra. Mandaram os hollandezes dois patachos em seguimento da frota, e tanto que a viram tomar a derrota de Portugal, vendo-se já livres de sobresaltos, prepararam nove náos grossas, a saber : quatro que tinham no porto do Recife, e cinco que estavam á carga na Parahyba, de viagem para Hollanda, e tres patachos mais, com alguns barcos do alto, e fornecendo-as de gente de guerra e boa artilharia, e invenções de fogo, mandaram investir os nossos oito navios, que estavam na enseada de Tamandaré só com a gente do mar e duzentos soldados bisonhos que nunca haviam tomado armas, aonde estava por capitão-mór Jeronymo Sarrão de Paiva, como já dissemos. Foi por capitão-mór dos navios hollandezes João Listarte, general do mar, o qual, investindo com os nossos navios, e supposto que havia na força e cabedal tanta differença, todavia houve uma cruel e sanguinolenta batalha, e o inimigo perdeu a melhor náo que levava, porque lh'a passaram de parte á parte com

uma bala ; e um navio nosso, vendo a cousa mal parada, não quiz esperar dentro na enseada, antes sahiu fóra do porto e pelejou no mar alto com o inimigo, e lhe desenxarciou duas náos e matou muita gente; e vendo que toda a frota inimiga vinha sobre elle, se fez na volta da Bahia e se foi.

Os que ficaram dentro na enseada, vendo o pleito mal parado, pelejaram com muito valor e esforço, emquanto as forças os ajudaram, fazendo muito damno aos hollandezes ; porém vendo-se com pouca força e cabedal, duas caravelas e dois navios os vararam em terra, e salvando-se a gente se pôz a defender suas embarcações com tanto brio, que os hollandezes os não poderam ganhar. Dos outros navios se deitou muita gente nossa a nado, principalmente a gente do mar, e os mais se salvaram e vieram á terra.

Os hollandezes deitaram fogo em dois navios nossos e os queimaram, e tomaram um patacho já quasi desfeito com a artilharia, e tambem tomaram o navio que servia de capitanea, aonde vinha o capitão-mór Jeronymo Sarrão de Paiva, o qual, depois de haver pelejado valorosamente e de ter feito estrago nas náos adversas, vendo-se abalroado por tres partes, se defendeu com a espada na mão valorosamente até que, vendo-se ferido e tão cansado de pelejar, que já não podia menear os braços, cahindo em terra com muitas feridas, os hollandezes o prenderam e trouxeram para o Recife, com o seu navio todo desfeito, e esteve em prisão alguns annos, até que por fim o resgataram por dois mil cruzados.

N'este traidor e aleivoso encontro morreram quasi cem pessoas portuguezas, que os hollandezes mataram em sangue frio, e uns se deitaram a nado sem saber nadar, que se afogaram ; outros morreram na pendencia, pelejando valorosamente ; outros ficaram feridos, aos quaes os hollan-

dezes acabaram de matar, e a outros deitaram ao mar, amarrando-os de dois em dois. Soube-se esta nova entre os moradores de Pernambuco, e tanto que deram aviso aos governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, logo elles juraram de vingar esta traição e aleivosia, e o começaram a pôr por obra: e o que d'aqui succedeu iremos relatando. Chegou esta nova tambem á Bahia, que sentiu muito o governador Antonio Telles da Silva, e desejou summamente de vingar esta traição.

No mesmo dia que se alcançou a victoria contra Henrique Haus na casa forte, um mancebo, chamado Manoel Soares Barbosa, filho de Pernambuco, com trinta mancebos, amigos seus, os quaes se haviam armado com as armas de fogo dos despojos da casa forte, sendo á tarde, se foi pôr na villa de Olinda, uma legua do Recife, d'onde o inimigo tinha uma pequena fortaleza, chamada em outro tempo a guarita de João de Albuquerque, e n'aquelle tempo amparou e defendeu aquella villa, e impediu ao inimigo assim a sahida da força, que da villa dista um tiro de mosquete, e aonde estava com sessenta soldados, como o virem do Recife a ella a fazer damno aos moradores, com muito cuidado e vigilancia por espaço de quarenta dias até que as cousas se puzeram em ordem da nossa parte, e o governador João Fernandes Vieira, o mandou chamar e o proveu de companhia em fórma. Este Manoel Soares, estando a nossa gente retirada nos matos com o governador João Fernandes Vieira, antes da batalha das Tabocas, vieram dezeseis hollandezes pelo rio Beberibe, carregados de muita fazenda que tinham roubado aos moradores de Jaguaribe e Paratibe, e, havendo mandado os negros que traziam carregados para o Recife, porque lhe não ficasse morador a que não saqueassem, chegaram ao outeiro que se chama do Barbosa, uma legua do Recife, e começaram de

noite a roubar os moradores d'aquelle districto, e chegando á casa de uma irmã d'este Manoel Soares, onde esta mulher estava com outras irmãs donzellas, e estando os hollandezes quebrando as portas da casa para entrarem dentro, e as pobres e affligidas moças gritando que as queriam matar, ouviu os gritos o irmão Manoel Soares, que estava escondido com cinco mancebos seus amigos em um mato, a tiro de mosquete da casa, e deu sobre estes dezeseis hollandezes de subito. Estando todos armados com mosquetes e clavinas, e não tendo o Soares mais dos cinco companheiros, moços sem barba, com duas espingardas e duas espadas, um bordão ferrado e uma faca, e com tanto animo investiu com elles, que logo deixaram as armas e se puzeram em fugida, indo regando os caminhos com muito sangue. Tomou Manoel Soares e seus companheiros as armas dos hollandezes, e ficaram tão briosos vendo-se armados, que logo juntaram comsigo outros mancebos, e fizeram uma companhia de vinte soldados, e andaram fazendo emboscadas, matando os hollandezes que podiam alcançar. Este feito foi digno de que não ficasse em esquecimento, pois seis moços, que o de mais idade não chegava a vinte annos, e quasi sem armas, e em tempo em que todos andavam tão perturbados, acommettessem a dezeseis soldados criados na milicia, e matassem alguns e ferissem outros.

Agora é necessario, para ir a historia por seu direito fio, que tornemos ao mestre de campo Martim Soares Moreno, que deixámos no sitio dos Algodoaes, marchando para o Pontal de Nazareth, aonde chegou e achou os moradores da terra com o capitão-mór Amador de Araujo e o capitão Pedro Marinho Falcão, os quaes, por mandado do governador João Fernandes Vieira, tinham posto ao largo em cerco a fortaleza do Pontal no cabo de Santo Agostinho, que era das melhores que os hollandezes tinham em seu porto na-

vegavel. E os moradores, contando primeiro ao mestre de campo Martim Soares as traições e alcivosias que os hollandezes tinham usado, o obrigaram, com grandes requerimentos da parte de Deus e do povo christão, que os ajudasse n'aquella empreza: não dilatou o mestre de campo muito tempo o despacho d'esta petição, antes logo mandou chegar o cerco mais para a fortaleza, e mandou de noite fazer uma trincheira, da qual a seu salvo podesse a mosquetaria jogar livremente e fazer damno ao inimigo.

Isto feito mandou ao capitão Paulo da Cunha com uma embaixada ao comendor e governador da fortaleza Theodoro Straeten a que a entregasse, porque não o fazendo, lhe faria guerra a fogo e sangue, á qual embaixada Theodoro Straeten não quiz aceitar, antes despediu a Paulo da Cunha com palavras muito arrogantes, dizendo que tinha polvora e balas para receber os portuguezes, se as quizessem em muita quantidade. Isto disse em publico, porque lhe importava assim para seu negocio; porém em segredo lhe disse que mandasse chamar ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, e que tanto que elle chegasse, lhe tornasse com segunda embaixada, e então responderia em fórma. Tornou o capitão Paulo da Cunha com a resposta publica e secreta, e logo se mandou aviso ao mestre de campo André Vidal de Negreiros, o qual no mesmo ponto se pôz a caminho, e veiu do quartel de S. João, sito na Varzea, aonde a nossa gente estava alojada, e o governador João Fernandes Vieira ficou deitando uma contribuição pelos moradores para sustentação da guerra que aceitaram a maior parte d'elles, acudindo cada qual com o que pôde, de cuja quantia se ajuntaram dez mil e tantos cruzados, como consta do assento com que se foi pagando aos flamengos, que iam entregando as forças e seus soccorros aos soldados flamengos que ficaram a servir no nosso exercito.

Chegado a Nazareth o mestre de campo André Vidal de Negreiros, mandou Martim Soares Moreno outra embaixada ao governador da fortaleza Theodoro Straeten que entregasse a força, porquanto era chegado André Vidal de Negreiros com muita gente de guerra. Respondeu o Straeten que não conhecia aquelle embaixador por official da milicia, e que mandassem lá a Paulo da Cunha, e que a elle responderia em fórma. E isto disse, porquanto tinha tratado com o governador Antonio Telles da Silva que sómente André Vidal de Negreiros e a João Fernandes Vieira em pessoa havia de descobrir seu peito. Tornou Paulo da Cunha á fortaleza, e o governador o recebeu com muita cortezia e o convidou a comer, e lhe disse em presença de seus soldados e officiaes que, no tocante á amizade, elle havia sempre sido muito amigo dos portuguezes; porém que, no que tocava a entregar a fortaleza, antes queria morrer que entregal-a, e com isto despediu a Paulo da Cunha, e, vindo-o acompanhando até á porta da fortaleza, lhe disse em segredo que dissesse a André Vidal de Negreiros que se fizesse logo senhor da fortaleza da barra, a qual não tinha mais que tres peças, e essas tão mal pregadas que ao primeiro tiro se haviam de fazer as carretas em pedaços, porquanto elle de industria as tinha preparadas d'aquella sorte, e rendida a fortaleza a preparasse logo em fórma que podesse impedir o entrar-lhe pela barra qualquer soccorro, que do Recife lhe viesse, e que tambem lhe tomassem a fonte d'onde bebiam, porque a fortaleza estava muito falta d'agua, e que tivessem paciencia por seis ou sete dias, porque assim convinha á sua honra, porém que soubesse de certo que a fortaleza estava por a Magestade de el-rei D. João, o quarto, a quem elle conhecia por rei e senhor, e a cujo serviço desde aquella hora estava dedicado, e finalmente que dentro em oito dias lhe viessem com outra em-

baixada por causa dos officiaes da milicia que tinha comsigo, que se lhe não arruinassem vindo em conhecimento do que elle tratava.

Fez o mestre de campo André Vidal de Negreiros o que lhe tinha apontado o comendor Straeten, e ganhou com facilidade a fortaleza da barra, e se apoderou da fonte d'onde os da fortaleza bebiam, e começou a concorrer tanta gente da terra em soccorro, que cobriam todo o outeiro de Nazareth.

Em 26 de Agosto escreveu o mestre de campo André Vidal de Negreiros ao comendor da fortaleza, por Paulo da Cunha, que cumprisse a palavra que tinha dado, e elle lhe respondeu de palavra que a sua era certa.

N'este tempo sahiu do pé da fortaleza um barco carregado de gente, com muitas mulheres, aonde tambem ia Alartos Holt, escolteto do districto de Santo Antonio do Cabo, e levava muita fazenda, o qual ia fugindo para o Recife; e porque não podia sahir pela barra, por ser já nossa a fortaleza, intentou sahir por uma barreta que alli ha, e, faltando-lhe a maré, tocou em um banco de arêa, e o capitão Francisco Barreiros foi a elle com outro barco cheio de infantaria, e o tomou e matou ao escolteto, e aos mais que com elle iam, e deu vida e liberdade ás mulheres, e os soldados se aproveitaram de tudo o que o barco levava dentro, que não era de pouco porte, e por não cansar o leitor partimos este em dois capitulos, dos quaes se segue o segundo.

CAPITULO XVII

Em que se vai proseguindo a materia do capitulo precedente, da entrega da fortaleza de Nazareth, e como se fizeram as estancias perto do Recife.

Em o 1° de Setembro mandou André Vidal de Negreiros, com o capitão Paulo da Cunha, e o auditor Francisco Bravo da Silveira e o capitão João Gomes de Mello, dizer ao comendor da fortaleza que a entregasse, sob pena de não dar quartel a nenhum dos que dentro achasse, e que se se quizessem render, pois via todo o campo e monte coberto de gente de guerra, mandasse um official da milicia em refens para se tratarem os concertos, os quaes elle lhe concederia com toda a conveniencia possivel. A isto respondeu o comendor que não podia responder n'aquelle dia, porque queria tomar sua resolução, e de palavra disse a Paulo da Cunha que dissesse ao mestre de campo André Vidal que não esperasse mais tempo, senão que apertasse que se entregassem logo, e quando o não fizesse, levaria a fortaleza e aos que n'ella estavam pelo rigor das armas; e emquanto Paulo da Cunha foi com este aviso, fez o Straeten uma pratica aos seus officiaes e soldados, dizendo-lhes, que bem sabiam o pouco poder que havia no Recife para os soccorrer e defender, e que já era vencido e preso o governador das armas Henrique Haus, com toda a flôr da sua infantaria, e muitos hollandezes mortos; e que os portuguezes faziam bom partido e tratamento aos rendidos, e que era melhor tomar um bom concerto e entregar a fortaleza a el-rei D. João, que era natural senhor d'aquella terra, do que servir a mercadores, que lhes não pagavam o

seu soldo, nem lhes davam de comer nem vestir, e que elle faria os concertos, de sorte que todos ficassem honrados e satisfeitos.

Tanto que o mestre de campo André Vidal de Negreiros ouviu o recado que lhe trouxe Paulo da Cunha, logo o tornou a mandar com recado ao Straeten, dizendo que já estava enfadado de usar de tantas cortezias e commettimentos, com quem lh'os não sabia agradecer, e que se logo se não entregavam dentro de tres horas que os havia de pôr a fogo e sangue.

Um official flamengo, chamado João Hés, ficou muito carrancudo com esta embaixada e disse para os outros: Mais vale que morramos todos do que entregar esta fortaleza, que é o melhor porto maritimo que tem esta capitania, depois do Recife. Porém como os outros officiaes se puzeram da nossa parte, posto que por alguns flamengos houve muita contradicção a esta entrega, e muitos dares e tomares,comtudo mandou o comendor Straeten um official da milicia, com o capitão dos cavalleiros Gaspar Wanderley, a Nazareth, a tratar e fazer os concertos com os mestres de campo, e os artigos d'elles levavam escriptos em um papel pelo theor seguinte:

Primeiramente, que os soldados sahiriam tocando seu tambor, e com suas armas e balas na boca, e bandeira estendida, e que os que quizessem servir aos portuguezes na empreza da liberdade se lhes assentaria praça e se lhes fariam seus pagamentos pontualmente; e aos que quizessem ir para suas terras ou para Portugal, a servir a el-rei D. João, se lhes daria passagem livre e segura, e aos que estivessem dentro na fortaleza, e tivessem fazendas na terra, se lhes concedia que as possuissem livremente, e que aos soldados se lhes pagaria o soldo que os da companhia lhes deviam, para o que seriam necessarios nove mil cru-

zados. Tudo isto aceitou o mestre de campo André Vidal de Negreiros, e escreveu ao governador João Fernandes Vieira que lhe mandasse o dinheiro, o qual logo lh'o mandou no mesmo dia pelo almoxarife Balthazar Alves Chaves. Aceitados os concertos, escreveu Theodoro Straeten ao mestre de campo André Vidal que fosse tomar posse da fortaleza. Veio o mestre de campo com a infantaria para baixo do outeiro aos 3 dias do mez de Setembro; e tanto que chegou á fortaleza lh'a entregou o Straeten e deitou os soldados todos fóra, os quaes eram duzentos e setenta e cinco, e alguns flamengos moradores da terra que na fortaleza se haviam recolhido, e logo lhe entregou as chaves e lhe deu os parabens da entrega, e a fortaleza se guarneceu com a nossa infantaria, e muitos dos nossos soldados se armaram com as armas dos rendidos. Isto feito mandou o mestre de campo André Vidal armar uma mesa e sobre ella mandou deitar o dinheiro, e se deu a cada soldado flamengo quatro mil réis, por principio de paga, do que elles ficaram muito contentes, e os que quizeram tomar as armas por nossa parte se lhes assentou praça, e se lhes acudiu com seus pagamentos e rações muito pontualmente; e os que eram moradores da terra se foram para suas casas, e os que se quizeram ir para suas terras foram mandados para a Bahia ao governador-geral para que lhes mandasse dar passagem, e com isto se acclamou a victoria por parte da liberdade da patria.

A fortaleza tinha dez peças de artilharia de bronze, muitos mosquetes de sobresalente, muita polvora e balas, outros petrechos de guerra e muitos mantimentos. No mesmo dia que se entregou a fortaleza, que foi a 3 de Setembro, chegou á boca da barra um barco grande, que vinha do Recife de soccorro, com bastimentos e munições, e, duvidando a entrada por algumas novidades que viu,

disse ao Straeten que levantassem em alto uma bandeira na fortaleza e a deixassem outra vez cahir, e disparassem uma peça de artilharia, que era o signal que tinham os hollandezes entre si, o que logo se fez; e vindo o barco já quasi embocando, divisou com um oculo de vêr ao longe gente portugueza que no forte da barra estava, e quiz voltar, fugindo; porém o capitão Francisco Barreiros, em outro barco, com muitos mosqueteiros, o foi tomar ao mar.

No porto de Nazareth se deteve André Vidal de Negreiros com Martim Soares Moreno cinco dias, ordenando as cousas necessarias, e logo se partiu para a Varzea de Capibaribe, aonde estava o governador João Fernandes Vieira, e trouxe comsigo a Theodoro Straeten, e aos soldados e officiaes rendidos que se offereceram para tomar armas por nossa parte, se bem foi contra vontade do governador João Fernandes Vieira, o qual aos 8 dias de Setembro fez uma solemne festa ao Nascimento da Virgem Maria, Senhora Nossa, em acção de graças pela victoria que seu Santissimo Filho lhe havia dado contra os inimigos de sua santa fé. Houve missa cantada de tres córos, officiada com ricos ornamentos e instrumentos, e prégou n'ella o padre Fr. Manoel do Salvador, da ordem de S. Paulo, primeiro ermitão, de que temos feito menção algumas vezes n'esta historia. Acabada a missa, levou João Fernandes Vieira a imagem de Nossa Senhora para o seu engenho, e a pôz na igreja de S. João Baptista, que n'elle tem, onde então estava o nosso alojamento da gente de guerra.

Tanto que chegou o mestre de campo André Vidal de Negreiros ao nosso alojamento da Varzea, aonde o esperava o governador João Fernandes Vieira, chamaram a conselho todos os capitães e principaes moradores da terra para assentarem o modo que haviam de ter para fazer guerra em fórma. Alguns fóram de parecer que se refor-

masse o Arrayal velho no mesmo lugar aonde havia estado no tempo de Mathias de Albuquerque, e que alli se fizessem fortes para resistir e sahir a fazer guerra ao inimigo; outros foram de opinião que este Arrayal se fizesse no sitio e passo de João Velho Barreto, junto ao rio Capibaribe, por ficar mais perto do Recife; outros que se fizesse no engenho do governador João Fernandes Vieira, que chamam S. João, por dominar toda aquella campanha; porém o governador João Fernandes Vieira disse que não convinha fazer-se arrayal, porque isto era ficar a infantaria encurralada; que se fizessem estancias em contorno do Recife e cidade Mauricea, e que em cada uma se puzesse um capitão com sua infantaria, e que se fizesse uma fortaleza para que o inimigo não podesse sahir fóra sem ser sentido, e sahindo lhe matassem a sua gente de mão posta. Este parecer foi approvado de todos, e assim o approvaram D. Antonio Filippe Camarão e Henrique Dias, e outros muitos capitães. E assim se pôz por obra, e logo mandaram ao Camarão com seus soldados indios fazer sua estancia sitino o das casas de Sebastião de Carvalho, por ficar mais vizinha e em fronteira da fortaleza, que chamam dos Afogados, e Henrique Dias com seus soldados negros, angolas, e minas e crioulos, tomou o sitio de João Velho Barreto, que está na sahida da cidade Mauricea a tiro de peça, sobre o Capibaribe, e se alojou em umas casas de um flamengo, chamado Giles Vanuflo, as quaes tinham uma torre alta, da qual vigiava tudo o que sahia e entrava na cidade, tendo por muro o rio Capibaribe, o qual se passa a vão na baixa-mar, e d'alli fez grande damno ao inimigo por muitas vezes, como ao diante diremos.

Os sitios das Salinas, e o que chamam da Carreira dos Mocambos, até a ponte da villa de Olinda, occuparam os capitães da terra para industriarem nos caminhos aos que

haviam vindo da Bahia, e nenhuma vez sahia o inimigo fóra que não deixasse alguns mortos na campanha e levasse feridos, quando se retirava para baixo, até se metter debaixo de sua artilharia. A' paragem do Rio Doce e villa de Olinda outros capitães com seus soldados, e pela praia, em contorno da villa, se puzeram homens de cavallo que vigiavam aquellas paragens, e em outras partes e sitios outros muitos capitães com sua infantaria, que por não causar molestia não escrevo todos os sitios que occuparam, e em todo este tempo nunca o inimigo fez sahida nem entrou pela campanha. Depois se fez o quartel, que vulgarmente chamamos Arrayal, como escrevemos no capitulo decimo oitavo d'este livro. E n'este principio esteve alojada a gente, como dissemos, no engenho de S. João, do mestre de campo e governador João Fernandes Vieira, d'onde se passou para o outro quartel, mas estando as estancias com a gente que temos acima referido.

CAPITULO XVIII

De como o governador João Fernandes Vieira e o mestre de campo André Vidal de Negreiros foram com sua gente sobre a ilha de Itamaracá, e como pelejaram com o inimigo, e outros successos que tiveram até se tornarem para a Varzea.

Estando o governador João Fernandes Vieira no sitio do seu engenho, da invocação de S. João, considerando nos trabalhos que poderiam succeder, aos quaes era necessario preparar o remedio, ordenou uma casa de Santa Misericordia, para n'ella se curarem os soldados enfermos e feridos, provendo-os de cirurgiões e medicos, consignando-lhe o ordinario provimento pelos moradores, acudindo cada

um com o que era justo, segundo seu cabedal ; e o governador gastou grandiosamente sempre de sua fazenda n'esta e em outras muitas obras pias, e isto feito partiu para a villa de Olinda com o mestre de campo André Vidal de Negreiros, com seus soldados, aos quaes tambem acompanhou Theodoro Straeten, a quem fizeram mestre de campo de um terço dos flamengos rendidos e francezes, e de outras nações e moradores da terra, de que ajuntou o Straeten alguns duzentos e cincoenta, de que a maior parte eram os que se renderam nas forças, posto que, como temos escripto, contra vontade do governador João Fernandes Vieira, que como bem os conhecia, disse sempre que haviam de machinar suas costumadas traições; e não se enganou, pelo que em breve tempo succedeu, e ao diante contaremos. Fizeram tambem sargento maior d'este terço a Francisco de La Tour, francez, catholico romano, casado com uma portugueza, e capitães e mais officiaes da milicia, não lhes faltando com as pagas todos os mezes e com a ração quotidiana, á custa do dinheiro e fazenda dos moradores.

Partiram todos com intento de renderem uma pequena fortaleza que o inimigo tinha na villa, em distancia de tiro de mosquete d'ella, edificada no meio de uma restinga de arêa, que divide a costa do mar das aguas do rio Beberibe, caminho por onde se serve a gente que vai da villa para o Recife: sahiam para irem pela terra dentro e não tem outro por aquella parte. Esta fortaleza dista uma legua do Recife, e se chama o forte de Santa Cruz, e em outro tempo a Guarita de João de Albuquerque, como temos já dito, em cuja frente estava o capitão Manoel Soares Barbosa, com os trinta mancebos, impedindo a que o inimigo não sahisse d'ella a fazer damno á gente da villa de Olinda, como no capitulo antecedente temos referido.

Chegados o governador e mestre de campo André Vidal e Theodoro Straeten, mandaram passar uma tropa dos nossos soldados por um passo, que chamam o Buraco de S. Thiago, por onde o rio Beberibe se vadeava de baixa-mar, os quaes se fizeram senhores da restinga de arêa e impediram o passo ao inimigo, para poder acudir com mantimento aos que na força estavam, e logo da villa carregaram os nossos governadores com toda a gente que tinham sobre o forte, e Theodoro Straeten chegou ao pé da fortaleza, e fez uma pratica ao sargento que n'ella estava com os soldados, que logo se renderam a partido e tomaram as armas por nossa parte, e a força ficou por nós, a qual tinha seis peças de artilharia e muito mantimento, do qual se aproveitaram os nossos soldados de presidio, que deixaram na força para sua guarnição, e ficou mais uma companhia na villa para soccorro da mesma força, se acáso o inimigo sahisse a recuperal-a, e foi de muito porte esta força para não ir á villa o inimigo e fazer sahidas pela campanha.

Vendo o governador João Fernandes Vieira que não convinha dar descanso ao inimigo, senão apertar com elle por todas as partes, antes que tivesse tempo de se refazer, determinou de lhe investir a sua fortaleza, que se chama das Cinco Pontes, sita na praia do mar, sobre a barreta, a tiro de mosquete da cidade Mauricea, e leval-a á escala em uma noite. Estando já preparadas as escadas, e os mais petrechos de guerra para esta facção, e a nossa gente já embaixo, junto ao rio Capibaribe, a tiro de peça da fortaleza, esperando pelo mestre de campo André Vidal de Negreiros, que viesse de Nazareth, aonde tinha ido, para com seu parecer se dar a execução. E posto que Fr. Manoel do Salvador diz no seu livro do *Triumpho da Liberdade* que se deixou a empreza, por causa de um mulato fugir

para o inimigo e dizer-lhe o designio dos nossos, se enganou, porque o mulato fugiu n'outra occasião e tempo differente, é não n'este, nem menos por dissuadir ao governador e mestre de campo o Straeten, senão por outras cousas.

Chegou de Nazareth André Vidal de Negreiros, e tomando-se conselho se deixou esta empreza, e determinaram ir á ilha de Itamaracá, deixando o intento primeiro, supposto que houve contrarios pareceres; mas seguiu-se a jornada á dita ilha por alguns respeitos, e por esta causa os dois governadores se partiram para ella. Levaram comsigo quatrocentos homens do terço de João Fernandes Vieira, e cento e setenta do de André Vidal de Negreiros, e foi com elles Theodoro Straeten com cento e setenta flamengos do seu terço, e o Camarão com cousa de duzentos indios, e ficou o governador Henrique Dias com o seu terço de crioulos minas e homens pardos no lugar mais perigoso, a tiro de peça do Recife, e mais fortalezas do inimigo. Não eram bem partidos os nossos governadores, quando um traidor, como se tem por fama, deu aviso aos do supremo conselho do Recife da jornada que a nossa gente fazia sobre a ilha de Itamaracá, os quaes logo com muita pressa despacharam duas náos de soccorro com gente e munições necessarias, e após estas foram mais duas barcaças.

Chegou a nossa gente á villa de Igaraçú aos 14 dias de Setembro, e logo os governadores João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros mandaram ajuntar todas as canôas, lanchas, jangadas e barcos, que por aquelle districto havia, para passarem a ilha, e de Igaraçú marcharam em demanda d'ella pela banda do norte, e chegando á barra do Catuamá mandaram vir os barcos e jangadas para passarem, no que gastaram dois dias, e n'este rio de Catuamá se juntaram ao governador João Fernandes Vieira melhor

de quatrocentos homens de mais a mais, que de diversas partes acudiram, sabendo que estava elle n'aquella parte. Puzeram os nossos em passar vinte e quatro horas, com muito trabalho, por ter o rio um quarto de legua de largo e por as marés não darem lugar. A passagem do rio, que divide a ilha da terra firme, estava tomada com uma náo flamenga, guarnecida de flamengos e indios, e mui bem apetrechada de artilharia, contra a qual mandou o governador João Fernandes Vieira um capitão, chamado Simão Mendes, com cem soldados, para que a rendessem. Partiram os nossos soldados em um barco grande e um batel, e a abalroaram, mas não a poderam render da primeira investidura, porque acharam n'ella grande resistencia ; e acommettendo-a a segunda vez com deliberada resolução, por lhes ter dado por ordem o governador João Fernandes Vieira, que ou o tomassem, ou morressem todos, porque d'aquella tomada do navio dependia a salvação d'aquella gente que entrava na ilha depois do inimigo a sentir, e a renderam : n'ella havia vinte hollandezes e doze indios, e tomaram quinze hollandezes vivos, a que deram quartel, que os outros se deitaram ao mar para escaparem a nado, e principalmente os indios, os quaes foram mortos ás pelouradas, e tambem mataram dois indios que não se quizeram render; e foi de grande effeito o render-se este patacho, porque se não se rendêra, houvéra grandissimo detrimento e risco, porque não se podia passar senão com muito trabalho e perigo na primeira passagem, por onde passaram, que era a Catuamá.

Passados que foram da outra banda, se deixaram estar por não serem sentidos. Havia chegado uma mulher flamenga fugida, e disse que se atrevia a metter a gente sem ser sentida das trincheiras para dentro, o que sabendo Theodoro Straeten pediu ao governador João Fernandes

Vieira e ao mestre de campo André Vidal de Negreiros lhe dessem a vanguarda, que lhe foi concedida, por se imaginar sortiria melhor effeito, posto que o governador João Fernandes Vieira lh'a repugnou, e se assim se conseguira se houvéra tomar a ilha.

Tanto que anoiteceu mandaram marchar, dando por ordem ao sargento maior Antonio Dias Cardoso fosse com a gente da terra em seguimento do Straeten, que ia de vanguarda, e toda aquella noite marcharam os nossos, atravessando a ilha, que tem tres leguas de comprido, e de madrugada tomou o Straeten outra vereda, por o guia perder o caminho, e o sargento maior seguiu o caminho direitamente, chegando, rompendo a manhã, á vista das trincheiras do inimigo, sem saber do Straeten. E o governador João Fernandes Vieira e o mestre de campo André Vidal de Negreiros foram tambem com muito pouca gente por o caminho, por onde fôra o Straeten.

Sendo já manhã bem clara, mandou o sargento maior prolongar a gente ao redor das trincheiras, sem ser sentido do inimigo, mas sahindo umas indias a buscar agua e outras a mariscar, as quaes, dando com os nossos, foram fugindo com muitos gritos, e os nossos soldados foram em seu seguimento, por que não dessem rebate. A estes gritos e tropel de gente sahiram o governador João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, que da outra parte estavam sem o sargento maior saber d'elles, e investindo, com a pouca gente que comsigo levavam, a trincheira, appellidando Santiago, se fizeram senhores d'ella e a ganharam com seus armazens, aonde tinha o inimigo suas munições e provimento. No mesmo tempo o sargento maior Antonio Dias Cardoso, com a maior parte da gente que comsigo tinha, investiu a porta, que achou aberta, e mandou espalhar alguma gente pelos quarteis dos indios que alli esta-

vam para os degolar, o que se fez. Ao rebate acudiram os hollandezes, assim da força, como dos quarteis, que na villa tinham a defender as bocas das ruas, travando-se uma pendencia, onde foram muitos mortos, assim hollandezes, como indios, e por não poderem já os outros esperar o rigor das nossas armas, se foram recolhendo para baixo de sua artilharia, que começou a fazer seu effeito, fazendo damno aos nossas, que d'elle impellidos se retiraram á vista do inimigo, amparando-se das casas.

Mandaram logo os nossos governadores ao sargento-mór que guarnecesse com sua gente as trincheiras e estacada que tinham por dentro, tomando todas as ruas, o que elle logo fez, pondo a gente por seus postos, d'onde o inimigo fez algumas sahidas a pendenciar com os nossos, que sempre os rebateram, e se tornaram a recolher para a sua força, que estava com dezoito peças de artilharia, e duas estacadas e cava por fóra da muralha.

Durou este sitio até as 5 horas da tarde, e veiu o governador João Fernandes Vieira fóra das trincheiras a fazer comboiar alguns setenta e tantos feridos, que, se assim não fizéra, todos pereceriam e ficariam lá. Seguiram os nossos capitães e soldados o bom principio, e chegaram a bater com as espadas nas portas da força, e outros se metteram dentro na cava, e alguns com grande animo começaram a subir pelo baluarte acima.

O inimigo, vendo-se cercado por todas as partes, jogava da artilharia, e nos matou alguma gente da que estava ao largo; porém vendo que já os nossos iam subindo pelos baluartes acima, começaram os hollandezes com signaes a pedir bom quartel, e os nossos governadores estavam em lh'o conceder, e em signal da victoria mandaram tocar charamelas. Vendo isto alguns soldados nossos, e principalmente os que haviam vindo da Bahia, parecendo-lhes que

estava já o pleito vencido, foram entrando pelas casas e armazens, e como os cegou a cobiça se occuparam na pilhagem do saco, e desampararam a guerra. O inimigo, vendo esta desordem, deu com tanta furia e coragem nos nossos; e como os indios, que eram muitos, sabiam que não lhes haviam de dar quartel, como haviam feito na casa forte da Varzea, quizeram vender bem suas vidas, que se começou de novo a travar uma bem renhida e arriscada pendencia, e muito sanguinolenta peleja; e alli morreram dos nossos, sem se poderem valer, entre portuguezes e flamengos do Straeten, cousa de sessenta homens, e se não fôra o sargento maior Antonio Dias Cardoso, que tinha guarnecidas as trincheiras pela banda de fóra com quatro ou cinco companhias de seu terço, por assim lh'o ter mandado o seu mestre de campo João Fernandes Vieira, se arriscava muito mais o successo. A este estrondo e grito acudiram os nossos governadores, com as espadas nas mãos, aos soldados que se tivessem; mas não lhes aproveitando esta diligencia, mandaram ao sargento maior Antonio Dias Cardoso, que com o inimigo estava pelejando, se retirasse; o que fez com tão bom modo, que, vendo-se o inimigo opprimido de nossas armas, se recolheu á força, guarnecendo-a, com muita pressa, por imaginar que de novo lh'a investissem os nossos, que se vieram retirando com muita quietação, sem que o inimigo sentisse que se desamparava o posto, antes ficou alguma gente fazendo frente á vista do inimigo, por que não conhecesse a retirada, e veiu depois seguindo o sargento maior aos governadores, como lhe haviam ordenado; e inda que dos nossos morreram tantos por haver aquella desordem, maior em dobro foi o damno que recebeu o inimigo, porque os nossos degolaram a muitos indios e saquearam parte da villa com todos os arrabaldes, fazendo retirar a muita gente e muitos moradores portu-

guezes, com toda sua fazenda que na ilha tinham, tirando todo o gado e cavallos. N'esta peleja foi ferido com duas balas o capitão Assenso da Silva e D. Antonio Filippe Camarão, governador dos indios, e ao governador João Fernandes Vieira deram com uma bala nos peitos, a qual sem fazer damno lhe cahiu aos pés, e com outra lhe levaram uma madeixa dos cabellos da cabcça, e ao mestre de campo André Vidal de Negreiros lhe deram com uma bala nos fechos da pistola.

Vieram n'este tempo entrando pela barra as duas náos do Recife com soccorro aos hollandezes, e em seu seguimento vinham chegando duas barcaças, o que visto pelos nossos governadores, e que a bateria havia durado das 7 horas da manhã até as 5 da tarde, e que havia mais de vinte e quatro horas que os nossos soldados não tinham comido, e que se as náos do inimigo chegassem lhes tomariam os portos, e de pura fome os obrigariam a morrer todos, mandaram pôr duas tropas de soldados para a defensão da passagem, e trataram de se passarem á outra-banda do rio em toda aquella noite ; e porque o inimigo (que tal intenção não teve pelo grande medo com que ficou e o muito que tinham os que do Recife vieram) não salteasse os nossos, mandaram ao sargento maior Antonio Dias Cardoso fizesse frente com a sua gente, perto da agua que servia de guarda, aos que passaram até o romper da manhã, e passaram os feridos e toda a mais infantaria, e os escravos e mais cousas que o inimigo alli tinha, e se vieram, e a ultima pessoa que passou foi o governador João Fernandes Vieira, deixando esta empreza para outra occasião, como ao diante diremos, com toda a gente, para a villa de Igaraçú, e d'alli para o alojamento da Varzea de Capibaribe.

Morreram ao inimigo n'este encontro mais de duzentos homens entre flamengos e indios, afóra os feridos, e da

nossa gente foram mortos sessenta homens, como acima dissemos, em que entraram trinta e quatro flamengos dos que com os nossos militavam, do terço de Theodoro Straeten, e doze indios do Camarão, pela desordem que tiveram. Tambem trouxeram setenta feridos.

N'este encontro o fizeram com grande valor e animo os nossos dois governadores, acommettendo e animando os soldados, investindo o inimigo e matando a muitos. Tambem o fizeram valentemente os capitães e mais officiaes que alli se acharam, cujos nomes hei aqui pôr expressos e declarados. Tambem o sargento maior Antonio Dias Cardoso, entre as balas que choviam, andou sem temor, pondo e tirando os terços da nossa gente, e pelejando com muito valor, e outros muitos soldados o fizeram valorosamente. Finalmente, retirada a nossa gente da ilha com grande trabalho que tiveram na passagem, que como era de noite houve grande confusão e perturbação de muitos soldados que vinham passando, uns feridos e outros cansados de tão arriscada pendencia; outros com temor de os seguir o inimigo, procuraram serem dos primeiros que entrassem nos barcos para passar.

Vieram marchando, como dissemos, para Igaraçú, trazendo comsigo as quatro peças de artilharia do patacho, e a enxarcia e velame, e outros despojos, e chegando a esta villa se fez resenha da gente para se saber a que faltava; achou o mestre de campo Theodoro Straeten que sete flamengos do seu terço estavam desarmados, porque como estavam costumados a roubar e saquear os portuguezes, tambem na ilha, por não perderem o costume, se occuparam em furtar pelas casas (que foi o que fez o damno tão grande a muitos n'esta occasião), que quando se retirou a nossa gente tão embebidos andavam na pilhagem, que se não retiraram com tempo, e por escaparem do inimigo vie-

ram fugindo de corrida, e largaram as armas, porém não largaram as mochilas que traziam cheias do que tomaram, aos quaes o mestre de campo Straeten condemnou logo a que morressem arcabuzados, segundo as regras da milicia da sua terra; mas os nossos governadores o puzeram em direito e acharam que um que era culpado, ao qual mandaram arcabuzar.

Recolheram-se os governadores para o quartel da Varzea com toda a sua gente, como temos dito, deixando os postos por onde o inimigo podia fazer suas sahidas da ilha de Itamaracá.

Aqui é bem que os deixemos pelejando os mais dos dias com o inimigo, porque é necessario contar outras cousas que n'este meio tempo succederam, que, como aconteceram quasi todas em um mesmo tempo, é força ir fazendo d'ellas menção distinctamente, e em primeiro lugar será bem que tratemos brevemente do que succedeu nas capitanias da Parahyba e Goyana n'esta empreza da liberdade, de que Fr. Manoel do Salvador prometteu tratar no fim do ultimo livro, mas não o fez, ou por falta de informação, ou por esquecimento.

CAPITULO XIX

De como os moradores da capitania da Parahyba e Goyana acclamaram a liberdade contra os hollandezes, e de outras cousas tocantes a esta historia, por ordem dc governador João Fernandes Vieira.

Quando o governador João Fernandes Vieira, dia de Santo Antonio, pôz em execução o principio da liberdade d'estas capitanias, como largamente temos escripto, os governadores flamengos, do Recife, temendo que os morado-

res da Parahyba e Goyana seguissem suas pisadas, e se levantassem, determinaram de lhes tomar as armas, como tinham mandado fazer em outras partes, e assim o mandaram fazer á Goyana, e juntamente prender a um francez, chamado Carlos Galart, casado com uma portugueza, morador na Goyana, por evidentes suspeitas que tinham de que se queria levantar com os moradores, como de feito assim o tinha determinado e queria pôr em execução, o que se atalhou com sua prisão por ser malsinado. Tambem tinham presos a dois capitães que tinha o governador João Fernandes Vieira, eleitos na Goyana, a saber: Gonçalo Cabral, que depois degolaram no Recife, como temos referido, por se não saber haver bem n'aquelle negocio e confessar o que havia feito, e ao capitão Estevão Fernandes, que sempre negou, e não havendo prova bastante d'ahi a alguns annos o embarcaram para fóra do Recife, e depois foi a Portugal e tornou a estas capitanias de Pernambuco, tendo-o já todos por morto.

Tambem prenderam ao meirinho do mar Miguel Jacome de Lyra, que morreu na prisão e depois o arrastaram pelas ruas, e a outros que foram malsinados. E depois da victoria que os nossos alcançaram na casa forte da Varzea, aonde foi aprisionado o Haus, se levantaram os moradores da Goyana, tomando as armas que não entregaram ao inimigo, sendo cabos d'elles Diogo Carvalho, Pascoal de Freitas, e dos mancebos solteiros da Goyana Martim Fragoso, e mandaram pedir soccorro de gente e munições ao governador João Fernandes Vieira, que, como temos escripto, mandou a Antonio Cavalcanti; mas não chegou por se deter em Igaraçú, e chegando [morreu de doença; e os moradores da Goyana se estiveram defendendo do inimigo, até que mandou o governador João Fernandes Vieira por capitão maior d'esta capitania a Zenobio Accioli, de que ao diante

faremos menção; mas antes que viesse tinham governado os moradores da Goyana n'este levantamento Francisco Lopes de Horosco e Diogo Vieira Ferrete, por mandado dos nossos governadores.

Deixando, pois, aos moradores da Goyana, que com muito valor o fizeram, escrevamos da Parahyba o que n'ella succedeu na empreza da liberdade. Tanto que o governador João Fernandes Vieira se levantou em 13 de Junho, mandaram logo os flamengos do supremo conselho do Recife por governador da Parahyba a Paulo de Linge, que era do conselho politico, o qual, chegado á cidade, que se chama Filippea ou de Nossa Senhora das Neves,com alguma infantaria, se fortificou no mosteiro de S. Francisco, que servia de quartel aos hollandezes, e chegou em 18 do Junho de 1645, e havendo-se prevenido do necessario, mandou descer todos os indios, de que era governador Pero Pati, das suas aldêas ou povoações do Tapua, Pindauna, Jacôco e outras, com suas mulheres e filhos e moveis, temendo que o Camarão os fosse matar e queimar-lhes as aldêas ; e aos que eram de prestimo para a guerra mandou armar e exercitar na cidade para ajudarem aos hollandezes, como tinham por costume, contra os portuguezes. Tambem mandou publicar, assim na cidade, como por seu contorno e districto, os editaes dos do supremo conselho do Recife, em que perdoavam a todo o genero de pessoa que se achasse culpada no levantamento,e que todos os moradores viessem á cidade fazer outra vez de novo juramento de guardarem fidelidade aos flamengos, e pediu encarecidamente aos moradores principaes que estivessem quietos em suas casas, que elle com sua gente de guerra (tudo traça para os apanhar juntos e fazerem o que fizeram aos de Cunhaú) os defenderia de toda a oppressão que lhes quizessem fazer.

Porém tanto que os moradores souberam o desastrado successo e morte dos moradores de Cunhaú, como tenho referido no capitulo oitavo d'este segundo livro, logo se começaram a amotinar e andar precatados, e tomar as armas occultamente, temendo lhes mandassem fazer como a seus vizinhos; e os principaes foram á cidade, estranhando ao governador Linge tão exorbitante maleficio e crueldade, em haverem os do supremo conselho mandado matar pelos *Pitiguares* e *Tapuias* os moradores de Cunhaú, a que elle respondeu que o fizeram sómente em flamengos levantados, e o Jacob com os *Tapuias*, sem os do supremo conselho saberem cousa nenhuma, mas que elles os haviam de mandar prender e castigar; porém, como iremos contando, nunca tal fizeram, antes mandaram ao Jacob com flamengos e *Tapuias* fazer outras mortandades.

Posto que o governador Paulo Linge desejou bem de prender alguns dos moradores principaes, como tinha por ordem e havia já mandado prender a Antonio Barbalho, mas como eram muitos os que lhe foram fazer a queixa, por não amotinar o povo, dissimulou com a cousa, antes veiu com gente de guerra visitar as povoações e engenhos principaes da capitania para aquietar a todos, mostrando-se muito amigos dos portuguezes, e em algumas partes lhes sahiam ao encontro algumas mulheres retiradas, com seus pequenos filhos, derramando copiosas lagrimas, queixando-se da tyrannia que com seus maridos tinham usado em Cunhaú, sendo innocentes, dando-lhes cruel morte, e ficando ellas viuvas e desamparadas, de que elle mostrou muito sentimento (fingido), dizendo que os que fizeram tão grande maldade eram flamengos levantados e o Jacob, sem os do supremo conselho o saberem, os quaes, por roubar os moradores, commetteram aquelle crime. O que se viu serem manifestas falsidades, porque, promettendo elle,

como temos dito, que o Jacob, cabeça e aggressor d'aquella maldade, havia de ir preso ao Recife, e os delinquentes, para serem castigados rigorosamente. D'alli a poucos dias veiu pela capitania com os *Tapuias* e *Pitiguares*, com cento e setenta hollandezes clavineiros, para executar outras crueldades, como logo diremos.

Tornou-se para a cidade da Parahyba o governador Paulo de Linge, e tendo novas da gloriosa victoria que alcançaram os nossos no monte das Tabocas, e da chegada dos mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno, mandou retirar todos os moradores flamengos, que pelo districto d'aquella capitania moravam com suas mulheres e filhos, e bens moveis que possuiam, para a fortaleza que chamam do Cabedello, que dista cinco leguas da cidade e está junto da barra, e fazer outras prevenções para se defender; e sabendo os moradores que o Jacob, com os *Tapuias* e *Pitiguares*, e cento e setenta hollandezes, vinham marchando do districto do Rio Grande para passar pela capitania da Parahyba, e chegando á Goyana começar a pôr em execução o que tinham mandado os do supremo conselho: que matassem todos os portuguezes, e começassem pelos moradores da Goyana, e viessem a Igaraçú ao tempo que elles, sahindo da casa forte de D. Anna Paes, da Varzea, a matar os portuguezes da mesma Varzea, villa de Olinda, Paratibe e outras partes, como já temos escripto, não escapasse nenhum d'esta jámais vista nem ouvida crueldade; e se alguns se retirassem para os matos, vindo o Jacob pelo sertão, lhe fossem cahir nas mãos.

Sabendo, pois, os moradores da Parahyba que vinha esta cruel gente marchando, juntando-se os principaes, foram dizer a Paulo de Linge que lhes dissesse o modo como se haviam de haver n'esse caso; que, como aquellas indomitas féras vinham encarniçadas com a mortandade que fize-

ram em Cunhaú, que não havia duvida que o mesmo fizessem aos moradores, principalmente aos que estavam mais ao sertão, por onde era o seu caminho para a Goyana, e que já tinham por noticia, que pelo caminho vinham matando a todos os que encontravam. O governador, por uma grande peita de caixas de assucar que os moradores lhe tinham promettido, mandou que se fizessem fortes com suas armas, mas não de fogo, nos engenhos e casas mais fortes, para que os *Tapuias* lhes não fizessem mal, e se acaso os acomettessem se defendessem, pois a defensão é natural. Assim que os moradores fizeram seus quarteis e se ajuntaram, e se incorporaram os da mesma cidade, em duas ou tres casas fortes (porque o governador e os flamengos se tinham retirado d'ella para a fortaleza do Cabedello), outros pelas casas dos engenhos que chamam das Fronteiras, e n'estas recolheram suas mulheres, filhos e escravos, e cada qual os moveis que podia, com mantimentos bastantes,para se acaso os cercassem os flamengos e *Tapuias*, fazendo muitas armas, a saber: dardos, chuços, fouces e páos tostados; e os que tinham algumas espingardas e arcabuzes escondidos se valeram d'elles, mas com segredo, e assim estiveram postos em armas, com intenção de se defenderem de seus inimigos e venderem bem suas vidas por alguns dias, até que veiu marchando o Jacob com a gente que dissemos, em o mez de Agosto; e com os moradores estarem recolhidos n'estas casas fortes, comtudo todos aquelles que encontravam os *Tapuias* pelos caminhos matavam, e em um engenho, qne chamam de Inhobim, mataram alguns moradores,que estavam em suas casas pacificos, e se não tinham retirado aos fortes, e o Jacob passando por algumas d'estas casas mais ao sertão, dando mostras de os acommetter, como os moradores estavam com poucas armas, lhe deram grossas peitas de dinheiro, que entre si

juntaram para que lhes não fizessem mal; e vendo os moradores de algumas d'estas casas fortes o damno e mortes que faziam os *Tapuias*, se juntaram cousa de duzentos com suas armas, para irem pelejar com elles e com os flamengos que os acompanhavam, offerecidos a todo o transe; porém por bom conselho desistiram da jornada, havendo chegado ao engenho de Francisco Camello, que tambem estava forte com uma cerca de páo a pique e com sessenta homens para sua defesa, porque se fossem pelejar com os *Tapuias* e flamengos era mostrar claramente que estavam tambem levantados, e que passavam a ordem que se lhes tinha dado, e inda que se quizessem retirar para onde estava o governador João Fernandes Vieira ficavam muito longe, e não sabiam o sitio certo em que estava, e o não podiam fazer por não deixarem suas mulheres e filhos ao rigor dos indios e flamengos; com este conselho de Francisco Camello se tornaram para suas casas fortes.

N'este intervallo de tempo cada dia chegavam novas que vinha a nossa gente de soccorro, que mandava o governador João Fernandes Vieira á Parahyba, pelo que Paulo de Linge de todo o ponto largou a cidade,e acabou de mandar retirar todos os moradores flamengos com seus moveis para a força do Cabedello, e deixou os portuguezes n'ella; e querendo alguns soldados dar-lhe saque,elle os impediu e mandou prender; com que tiveram boa fortuna os moradores da cidade, que não foram roubados d'aquelle feito. E o governador da fortaleza escrevia aos portuguezes principaes,que estivessem de bom animo e quietos, que elle havia de sahir ao encontro aos soldados,se viessem de Pernambuco (tudo enganos para os melhor segurar); e alguns moradores lhe perguntaram como se haviam de haver se viesse gente á campanha: elle lhes respondeu, que cada qual estivesse em sua casa sem se entremetter nas

cousas da guerra até se aquietar Pernambuco, porque a armada que os moradores esperavam, era uma frota de assucares que ia para Portugal; porém ninguem lhe dava credito, tendo pelo contrario o que elle dizia, e já alguns d'estes lhe tinham tocado e fallado, em segredo, que se quizesse entregara fortaleza, que lhe dariam muitos mil cruzados, e se lhe fariam outras mercês; e elle quasi que estava determinado ao fazer, se não succedêra o que ao diante se contará.

CAPITULO XX

Em que se vai proseguindo a acclamação da liberdade na capitania da Parahyba. Conta-se a batalha que tiveram com os hollandezes, e victoria que d'elles alcançaram os moradores e outros successos do Rio Grande.

Estando as cousas d'esta sorte, tanto que o mestre de campo André Vidal de Negreiros e o governador João Fernandes Vieira alcançaram a victoria na casa forte, e aprisionaram a Henrique Haus e os mais hollandezes, vindo para o engenho de S. João, que serviu de quartel n'aquelle principio á nossa gente, como temos dito, por fim do mez de Agosto, mandaram alguma gente á Parahyba, para que se levantassem os moradores com os capitães Antonio Rodrigues Vidal, sobrinho do mestre de campo André Vidal de Negreiros, natural da Parahyba, como tambem o era o mestre de campo André Vidal, seu tio; e os capitães Simão Soares, Cosme da Rocha e Francisco Leitão, para que fizessem suas companhias da gente que se levantasse, e outros capitães; tambem foi um capitão do Camarão, chamado o Couto, que mandou o Camarão com alguns indios, para fazer passar da nossa parte os do inimigo, e a Pero

Pati e outros parentes seus, dos quaes nenhum se quiz passar aos nossos; e foi um preto de Henrique Dias, por nome Henrique de Mendonça, para levantar companhia de crioulos, minas, e outros negros e mulatos.

Partiram estes capitães, que levaram patente do governador João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros para fazerem governadores da gente d'aquella capitania da Parahyba a Lopo Curado Garro, Jeronymo de Cadena e a Francisco Gomes Muniz, e que levassem comsigo alguma gente de Goyana, e lhes deram tambem algumas munições de polvora e balas, e os negros de Henrique Dias e os indios do Camarão levaram seus mosquetes biscainhos. Agora, emquanto vão por caminho, os deixemos ir, e contemos o que succedeu ao Jacob, que com a gente foi marchando em demanda da Goyana.

Havendo, como dissemos, passado pela capitania da Parahyba, e mortas n'ella algumas trinta pessoas, que lhes cahiram nas mãos, e a uns mancebos no Tapua, que sem consideração e ordem militar, mas com grande animo, ccm não chegarem a dez, acommetteram os *Tapuias;* e estando os moradores, por temor dos hollandezes e *Tapuias* em casas fortes, e muitos com suas mulheres e filhos se retiraram a umas de um flamengo, senhor do engenho de Inhobim, que chamavam o Rezira, que a todos agazalhou e recolheu, e lhes deu soldados flamengos para os defenderem, e tinha intenção de ficar com os portuguezes, o que não teve effeito, por lhe mandar prender uns filhos que tinha o governador da fortaleza, pelo obrigar a se retirar a ella, suspeitando a determinação d'elle. Tanto que chegaram á Goyana, ao engenho de um João Vivans, flamengo, aprisionaram dois homens, dos quaes mataram um no caminho, quando se retiraram, e roubaram muitas casas, que os moradores deixaram com seus moveis, e se metteram pelos matos,

com temor dos *Tapuias*. Estando a tropa dos flamengos e dos indios para passar da outra banda de um rio, que perto estava, para saquear a povoação da Goyana e outros engenhos, e matar os moradores, dando principio á sua damnada intenção, permittiu Deus, que acode nos maiores apertos e tribulações, que tivessem novas que vinha chegando a nossa gente ; e com este temor se lhes afigurou, ou seria pelo assim permittir o céo, e não querer que tantos innocentes padecessem, que da outra banda do rio vinha marchando muito poder de gente de guerra, e que vinha já quasi chegando ao rio para o passar, e outros que já começavam a entrar n'elle, fazendo estrepito de grande tropel, com o que de sorte se lhes apoderou o temor dos corações, que o culpado sempre teme o castigo, que sem effectuarem seu damnado intento se vieram retirando pelo mesmo caminho, para a Parahyba, com tanta pressa, que largaram muita parte do que tinham roubado, que depois se achou pelo caminho. Este milagroso caso affirmaram muitas pessoas fidedignas, assim da Goyana, como da Parahyba, e o mesmo confessaram os inimigos por sua boca. Seja o que fôr, elles se tornaram muito atemorisados ; e com muita brevidade chegados ao rio Goramame, que dista da cidade da Parahyba tres leguas se acolheram os indios *Tapuias* e *Pitiguares* com o temor do que haviam visto, deixando e desamparando os flamengos, e não pararam senão d'alli muitas leguas para a fortaleza do Rio Grande, os quaes, não menos temerosos, sem verem de quem tinham temor, vieram dar junto do engenho de Francisco Camello, quatro leguas distante da cidade, onde chegaram de noite, que a passaram com bem receio, cuidando que os portuguezes estavam já com elles, e não com menos temor os moradores d'aquelle engenho, e outros do de Jeronymo Cadena e circumvizinhos, que imaginaram que os

flamengos e *Tapuias*, que ainda não sabiam serem idos, os vinham acommetter e matar aquella noite, que toda estiveram com as armas nas mãos, com boa vigia, deliberados a se defender, ou vender bem suas vidas a troco de outras muitas do inimigo, tendo uns aos outros dado aviso e ponto de que acudissem á parte onde o inimigo acommettesse.

Sendo manhã vieram flamengos ao engenho de Francisco Camello, perguntando pelos soldados portuguezes da campanha; os nossos, que estavam na casa forte e sua cerca recolhidos, temendo que lhes queriam fazer alguma tramoia, como costumam, guarneceram seus postos e não lhes quizeram dar entrada, até que vendo que com elles não vinham os indios,e que mostravam virem de paz, os sahiram a receber, e disseram que não temessem cousa nenhuma, porque não estavam alli nenhuns soldados portuguezes. Finalmente havendo roubado por fóra da cerca algumas casas, por não perderem o costume e fôro, se retiraram com muita pressa para a cidade e d'ahi para a fortaleza do Cabedello, onde estava Paulo de Linge com os mais flamengos; e indo pelo caminho, na povoação que chamam Tibiry, uns mancebos se atreveram, como andavam já quasi levantados, a tomar a uns, que ficaram atraz da tropa, as armas de fogo que levavam. Com este successo miraculoso ficaram os moradores da Goyana e Parahyba livres do mal que os ameaçava.

Chegaram os capitães que atraz deixo nomeados á capitania da Parahyba, e foram á povoação de Tibery, que dista tres leguas da cidade, e fazendo aviso aos que vinham nomeados por governadores da guerra, em um sabbado, o primeiro dia de Setembro, que foi o dia em que chegaram, logo os governadores os vieram buscar com muito segredo, e outras pessoas principaes da capitania, e alli trataram e consultaram o melhor modo que teriam, para se levantar

toda a gente d'aquella capitania, toda junta de pancada, para que, incorporados todos, se defendessem do inimigo, havendo muitos debates e allegações de parte a parte ; em resolução, concluiram e deliberaram que ao seguinte dia, que era domingo, se levantassem todos os moradores da capitania, com as armas que tivessem, e como estavam juntos pelas casas fortes foi mais facil este levantamento e acclamação da liberdade; e tanto que foi noite os governadores mandaram aviso a todos os engenhos e povoações do districto da Parahyba, dando conta aos moradores de como eram eleitos em governadores da liberdade, e que se levantassem e marchassem com suas armas ao outro dia para Tibery onde estava a nossa gente, ao que todos obedeceram com muita pontualidade e contentamento, sem haver quem discrepasse; porque estavam atemorisados com as mortes que tinham dado os *Tapuias* aos moradores de Cunhaú seus vizinhos, onde muitos tinham seus parentes e amigos, e pelas que deram na Parahyba, e que quando os quizessem tambem matar, venderiam suas vidas com as armas nas mãos; e assim os mais nobres e ricos começaram a aggregar muitos mancebos com as armas que tinham, com que formaram companhias e se fizeram capitães, que foram muitos e não se póde fazer d'elles menção, e depois alguns ficaram confirmados nas capitanias com suas patentes, que lhes foram passadas, e outros reformados. Todos se occuparam em buscar canos de espingardas e arcabuzes que tinham escondidos, e os concertavam para a guerra, outros, chuços dardos, facões e outros generos d'armas, conforme mais tinham á mão.

Tanto que amanheceu o domingo, dois dias do mez de Setembro começaram a marchar em ordem militar e tropas com seus capitães, para a povoação de Tibery, os homens que estavam nas casas fortes, e pelos engenhos e outras par-

tes do sertão, que vieram os dias seguintes ; e a segunda companhia e primeira das fronteiras que seria de quarenta homens, foi da gente que se retirou á casa forte de Jeronymo Cadena, homem principal da Parahyba quando o Jacob com os flamengos e *Tapuias* vinham marchando, e era capitão Gaspar Cadena, filho de Jeronymo Cadena; e a esta casa forte tambem se retirou o autor d'este livro, que no tempo da acclamação da liberdade estava n'esta capitania da Parahyba, e não se eximiu de passar e supportar tambem alguns trabalhos, para conseguir o grande prazer e contentamento que teve, de se vêr livre d'este jugo hollandez, em que tantos annos, com outros moradores, esteve na capitania de Pernambuco, donde havia nove mezes que se tinha passado para a Parahyba e d'ella depois, em Novembro do mesmo anno, se tornou para Pernambuco, e morou junto do quartel ou Arrayal novo, que se fez n'este levantamento, como ao diante se dirá; e assim como vizinho tão proximo se informava com muita diligencia, e escrevia as cousas que iam succedendo na guerra, assim como o tinha feito na passada, em tempo de Mathias de Albuquerque.

Juntou-se a gente toda em Tibery, excepto a que morava na cidade, que n'ella ficou assistida de um dos tres governadores, Lopo Curado Garro, e os outros dois, Jeronymo Cadena e Francisco Gomes Muniz, governaram a gente de fóra, assim em Tibery, como no Arrayal ou quartel de Santo André. E tanto que se juntou logo os capitães que haviam vindo de Pernambuco, começaram a fazer suas companhias, e os governadores a tratar das cousas necessarias para a guerra, deitando uma finta e contribuição pelos moradores para sustento d'ella, e mandaram publicar um edital do governador João Fernandes Vieira, para que qualquer pessoa, assim hollandeza, como de outra nação,

que quizesse ficar com os portuguezes, gozaria de suas fazendas pacificamente, pelo que alguns flamengos ficaram com os nossos, e outros, extravagantes, tomaram as armas por nossa parte.

Vendo os governadores que aquelle sitio do Tibery, por ser muito aberto, não ser capaz para se defenderem do inimigo, se os viessem buscar, se passaram com toda a gente dentro de oito dias para o engenho que chamam de Santo Audré, que era de Jorge Homem Pinto, que logo fortificaram e fizeram um quartel, que vulgarmente chamavam Arrayal, com suas trincheiras e algumas peças de artilharia.

Sabendo o governador flamengo Paulo de Linge, que estava na fortaleza do Cabedello, o levantamento dos moradores da Parahyba, e vinda dos soldados de Pernambuco, e como tinham seu quartel no engenho de Santo André, e estarem juntamente fortificados os moradores na cidade, determinou de os mandar investir, e de caminho matar e roubar os moradores que estavam em suas fazendas, e assim em 11 de Setembro vieram em demanda do quartel ou Arrayal de Santo André cousa de trezentos hollandezes, pouco mais ou menos, que não pude saber de certo a quantidade; e para divertir a gente mandaram pelo rio da Parahyba algumas lanchas com soldados, como que iam acommetter a cidade, para a qual partiu logo, tendo aviso o governador Jeronymo Cadena, com a maior parte da gente de guerra, para se incorporar com a do governador Lopo Curado Garro, que estava na cidade. No Arrayal ficou Francisco Gomes Muniz com alguma gente, o qual, sendo avisado que vinha o inimigo marchando em demanda d'elle, havendo feito o estratagema de ir dar na cidade, para que a ella acudisse o maior poder, o foi buscar com a infantaria que tinha, e na campina de Inhobim tiveram encontro

os nossos com os hollandezes, que vinham bem armados de armas de fogo, e os nossos tinham bem poucas, e os mais d'elles pelejavam com dardos e chuços.

Dando-se a primeira carga que por então, por vir uma chuva, não tomaram fogo a maior parte das armas de fogo do inimigo, se veiu á espada e se pendenciou com muito valor, e n'este conflicto o fizeram valentemente os capitães da terra, e o Vidal esteve em grande perigo de ser morto, sendo cercado de muitos hollandezes, os quaes, como lhes tinham dito que os nossos eram moços sem experiencia de guerra, vendo que lhes mataram alguma gente, com mosquetes biscainhos, os soldados de Henrique Dias, que capitaneava Henrique de Mendonça, e os do Camarão e o capitão Couto, posto que poucos, ficaram assombrados e confusos, e parecendo-lhes ser maior o poder do que a imaginação, e que viria acudindo mais gente de soccorro, se retiraram e os indios, de que vinha muita copia, com muitas armas de fogo, e outros com arcos e flechas, e não pararam senão na fortaleza do Cabedello, que d'alli estava distante sete leguas; deixando no campo setenta e sete mortos, afóra os feridos que levaram, e dos nossos morreram cinco homens em que entrou o capitão Francisco Leitão, e alguns ficaram feridos ; os mais se recolheram ao quartel de Santo André, muito contentes, rendendo infinitas graças a Deus pela victoria, porque se o inimigo os vencêra tudo haviam de pôr a ferro e fogo, principalmente os indios, mortaes inimigos, dos quaes se affirma virem com Pero Pati, com intenção de não deixarem com vida a nenhum sexo nem genero de gente. Não pude saber, por muita diligencia que fiz, como se chamava o hollandez que vinha governando esta gente, que, posto que seja de pouca importancia, comtudo é, para que não falte nenhum requisito á historia.

Os da cidade estiveram preparados para ter o encontro ao inimigo; mas elle, como dissemos, fez que acommettia lá para divertir a gente e dar no quartel, para cujo districto e outras partes circumvizinhas se tinha mandado retirar o mulherio da cidade, e em outros sitios, para estarem á sombra do Arrayal, para que os indios as não matassem salteando a gente. Tornaram-se os nossos soldados, que haviam ido á cidade com o governador Jeronymo Cadena, para o quartel, onde com os outros festejaram a victoria, vendo que tinha tambem principio a facção da liberdade da capitania n'esta batalha de Inhobim, assim como a de Pernambuco no monte das Tabocas.

Affirmaram muitas pessoas dignas de fé, e foi cousa patente e publica, que ao tempo que se começou a pendencia se abriram, por si, as portas e janellas da igreja dos Santos Cosme e Damião, que alli perto estava em Inhobim; parece que, assim como Santo Antonio, na Varzea de Pernambuco, abrindo as da sua igreja, como já temos escripto, mostrou o caminho da liberdade aos moradores de Pernambuco; assim estes santos martyres o mostraram aos da Parahyba.

O governador Paulo de Linge ficou confuso e enfadado com este successo, e mandou enforcar a um morador chamado Fernão Rodrigues de Bulhões, ao qual tinham mandado os nossos governadores á fortaleza, a tratar com Paulo de Linge, com quem era muito cabido, se a queria entregar, como já de antes lhe tinham tocado; e affirmam muitos que sem duvida se effectuára o negocio, se não fôra um máo homem, e a fama publica ser sacerdote, o qual escreveu ao predicante e ao comendor da fortaleza em como o Fernão Rodrigues ia tratar com o governador da entrega d'ella; e mostrando elles esta carta a Paulo de Linge, por atalhar o damno que lhe poderia resultar se trateassem o

homem, o mandou logo enforcar. Outros affirmam que aquelle homem tinha dito ao governador e mais hollandezes, que a nossa gente era pouca, e todos moços e sem armas, que facilmente os venceria; e como viram que os nossos mosquetes lhes fizeram damno tão grande, e que a gente as fizéra retirar, que fôra engano que lhes fizéra, e que por isso o enforcaram; e outros diziam que este fôra o pretexto que tomára o Linge para o matar, por não descobrir o trato que tinha com os hollandezes, feito para entrega da fortaleza; seja o que fôr, perdeu-se tão boa occasião por causa de haverem homens máos e malsins contra seus proprios naturaes.

Depois d'esta pendencia, houve alguns encontros com o inimigo, indo os moradores e soldados fazer-lhe guerra por toda a parte, e á vista de suas forças, em muitas emboscadas, em que mataram e aprisionaram alguns flamengos e indios, e outros assaltos que, por ir compendiando, não escrevo; mas como sempre um bem costuma vir acompanhado com outros males, succedeu que, estando os moradores da Parahyba, livres do jugo e dominio dos hollandezes, e fóra do perigo em que tiveram suas vidas, quasi nas mãos da morte, com que os ameaçavam os indios, principalmente um dos principaes, grande adversario nosso chamado Pero Poti, ao qual escreveu D. Diogo Camarão, por ser seu parente, que se passasse para elle com seus indios, o que nunca quiz fazer, nem outro nenhum indio; sobreveiu um mal contagioso e quasi pestilento, que, começando na cidade, se veiu propagando, e estendendo até ao Arrayal e outras partes, de que morreu muita cópia de gente, e duravam sómente dois e tres dias aquelles a quem dava, e muitos morriam subita e repentinamente. Ao principio davam uns catharros, e depois se seguiam pontadas de pleuriz; e a outros esquinencias, cujo humor, descendo ás pen-

cas do bofe, matava suffocando os doentes, com que em breve morriam, principalmente os que adoeceram no principio, que começou este mal tão rigoroso, o qual se estendeu, que sem duvida era ar corrupto, pela Goyana, Igaraçú e capitania de Pernambuco, onde morreram infinitas pessoas brancas e muitissimos escravos. Durou quasi tres mezes, que foram Setembro, Outubro e Novembro; mas já no fim dava com menos rigor, e se os enfermos eram sangrados muitas vezes e curados com cuidado, escapavam. Por ser isto cousa digna de memoria faço esta menção d'ella n'este livro.

O governador João Fernandes Vieira e o mestre de campo André Vidal de Negreiros mandaram ao quartel da Varzea alguns soccorros de gente e munições aos moradores da Parahyba por vezes, e no fim de Outubro de 1645 a João Barbosa Pinto e outros capitães, que eram praticos nas paragens do Rio Grande, que com este presupposto foram estes de soccorrer os moradores d'elle, que estavam em uma casa recolhidos com suas armas, como diffusamente escreveremos no capitulo vigesimo terceiro d'este livro, e para correrem aquella campanha e fazerem todo o damno ao inimigo, e comboyarem o gado que podessem achar, levaram comsigo algumas companhias de flamengos, que militavam da nossa parte, do terço de Theodoro Straeten, aos quaes se aggregaram outros da Parahyba que ficaram com a nossa gente.

Chegados á Parahyba, ao quartel de Santo André, foram recebidos dos moradores com muito contentamento, e em breve se aprestaram para a jornada do Rio Grande do que lhes era necessario, para onde partiram em principio de Novembro; mas quando lá chegaram já eram mortos pelos hollandezes e indios os moradores havia perto de um mez. Foram a Cunhaú e fizeram pela campanha muito damno ao

inimigo, matando-lhe muita gente e indios em vingança do mal que haviam feito; e estando em o engenho de Cunhaú, aonde succedeu a mortandade que temos relatado, alojados, mandando de noite os capitães prover os postos de sentinellas, assim dos soldados portuguezes, como indios de D. Diogo Pinheiro Camarão, que com elles havia ido com os seus, sem saber quem lhes ia tocar rebate ás sentinellas e desinquietal-os, como que era o inimigo com grande estrondo e estrepito, como se fôra tropel de gente que vinha chegando, os quaes davam rebate com seus tiros e se punham todos os soldados em armas. E buscando-se tudo com muita diligencia, descobrindo o campo, não apparecia nem havia novas de tal inimigo, nem acharam gente nenhuma, nem a que fazia e incitava aquelle estrepito; o que causava admiração e confusão a todos; e succedeu isto mesmo, por tres ou quatro noites, até que por causa d'esta desinquietação, mudaram de posto e se foram alojar em uma ilha junto de Cunhaú, aondo os veiu buscar o inimigo; e parece que o céu lhes avisava por aquelle maravilhoso caso que não estavam bem situados n'aquelle engenho de Cunhaú por ser muito aberto, e que lhes dava a entender que mudassem de posto, como fizeram. Seja o que fôr, foi este successo muito patente e manifesto a todos os soldados, que todos sem discreparem a contaram e affirmaram, e ainda acrescentavam mais outras cousas, de que não é necessario fazer menção.

Veiu o inimigo buscar a nossa gente que estava situada n'aquella ilha; não achando no engenho a foram buscar, e se pendenciou com muito valor, ficando a victoria e campo pelos nossos, havendo morto alguns hollandezes, os quaes se retiraram de noite, pondo morrões accesos nas varandas das casas dos engenhos, tocando a alvorada um flamengo que ficou a cavallo; e fizeram estes estratagemas, para que

não sentissem os nossos que se haviam retirado e os fossem seguindo. Outros successos aconteceram, que por brevidade não relato, até se tornarem para o quartel de Santo André, d'onde estiveram até que o governador João Fernandes Vieira e o mestre de campo André Vidal de Negreiros mandaram a D. Antonio Filippe Camarão com o seu terço á Parahyba, para ir d'ahi á campanha do Rio Grande, como nos capitulos ao diante iremos relatando com outras companhias, de que ia por cabo Antonio Jacome Bezerra.

Em conclusão, estiveram os moradores da Parahyba defendendo-se e fazendo guerra ao inimigo desde 2 dias do mez de Setembro, em que se levantaram, até que se retiraram para as capitanias de Pernambuco em Julho do seguinte anno de 1646, quando veiu o Sigismundo van Schkoppe, com uma armada de Hollanda, como no capitulo oitavo do terceiro livro escreveremos, e os trabalhos e miserias que passaram n'esta retirada, que, ainda que penosa, foi de muito effeito, para que o inimigo se não apoderasse da capitania da Parahyba, como havia feito no tempo passado, e o determinava fazer no em que chegou a sua armada.

Tambem os moradores da Goyana se defenderam do inimigo, e com muito valor lhe fizeram guerra e tiveram alguns successos venturosos (como foram os moradores do Tijucupapo), alcançando uma miraculosa victoria, como ao diante se irá contando, até que tambem se retiraram quando os da Parahyba o fizeram, de que se irá fazendo menção n'esta historia; e agora é necessario escrever outras cousas que succederam em outras partes, principalmente no Rio de S. Francisco, na acclamação da liberdade.

(*Continúa.*)

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES, POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

O CONSELHEIRO

Antonio Manoel Corrêa da Camara(*)

Antonio Manoel Corrêa da Camara, filho legitimo do general Patricio José Corrêa da Camara, visconde de Pelotas, nasceu na cidade do Rio Pardo, provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Fez seus estudos em Lisboa, no Collegio dos Nobres, aonde teve por condiscipulo o general Francisco José de Sousa Soares de Andréa.

Sendo em Portugal 1° tenente de artilharia, cahiu prisioneiro dos francezes na praça de Almeida em Agosto de 1810; e, levado á França, ahi passou a servir no exercito francez.

Viajou pela Europa, India e outros paizes.

Voltou ao Brasil pela acclamação da independencia em 1822, sendo logo nomeado consul do Brasil em Buenos-Ayres. No exercicio d'este cargo dirigiu, por ordem do ministro José Bonifacio, o convite official, por parte do governo do Brasil, ao almirante lord Cockrane para vir tomar o commando da esquadra do Imperio na guerra da independencia.

D'ahi passou em 1824 a servir, no mesmo caracter, no Paraguay, sendo em 1826 elevado a encarregado de nego-

(*) Esta noticia biographica foi communicada á redacção da *Revista* pelo Sr. conselheiro barão Homem de Mello.

cios no mesmo paiz, por cujo cargo recebeu a mercê do titulo do conselho.

Retirando-se em 1829, ao chegar á Itapúa, requisitou do commandante da fronteira de Missões uma escolta para acompanhal-o á provincia de S. Pedro do Sul.

Seguindo esta escolta, que era commandada pelo sargento quartel-mestre do corpo n. 25 de segunda linha José Luiz Teixeira Lima, encontrou em Itapúa a Antonio Manoel, que já havia passado o Paraná, e que dirigia-se para o povo de S. Nicoláo.

D'este lugar officiou á presidencia e ao commando das armas.

Dirigiu-se d'este povo para Porto Alegre, d'onde seguiu para o Rio de Janeiro.

Em 1845 achava-se na cidade de Porto Alegre como chefe da estatistica, estudo da sua predilecção, e ao qual muito se dedicou.

Falleceu n'aquella capital a 30 de Junho de 1848.

Apezar de achar-se rodeado de pessoas de sua familia, morava só, entregue com ardor aos estudos que cultivava.

No dia da sua morte achava-se apenas acompanhado pelo empregado da estatistica José Luiz Teixeira Lima, o mesmo que, como sargento, o acompanhou da Itapúa á esta provincia.

No dia da sua morte estava inteiramente só: este empregado, entrando no seu quarto, o encontrou sem vida.

Amava o isolamento; as visitas e offerecimentos o mortificavam.

Porto Alegre, 3 de Janeiro de 1868.

Dr. Antonio Eleuterio de Camargo.

FIM DO TOMO XL, PARTE PRIMEIRA.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XL

PARTE PRIMEIRA

PRIMEIRO TRIMESTRE

PAG.

RELAÇÃO nominal dos socios actuaes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro I

RELAÇÃO nominal dos socios fallecidos, segundo as notas constantes do livro de matricula e communicações feitas ao Instituto XV

DIARIO ou narração historica de Matheus van den Broeck, contendo o que elle viu e realmente aconteceu no começo da revolta dos portuguezes no Brasil, bem como as condições da entrega das nossas fortalezas.—Traduzido do hollandez pelo bacharel José Hygino Duarte Pereira, segunda edição acrescentada com notas, e pelo mesmo senhor offerecida ao Instituto 5

RELAÇÃO historica e politica dos tumultos que succederam na cidade de S. Luiz do Maranhão, com os successos mais notaveis que n'elle aconteceram: sua descripção geographica; seu descobrimento, conquista, guerras com francezes intrusos e indios naturaes; invasão dos hollandezes, sua expulsão, e exacta narração do tumulto que na dita cidade se levantou, e a quietação d'elle com a vinda de Gomes Freire de Andrada, e o exemplar governo d'elle e de outros governadores, até o de Francisco de Sá e Menezes.—Dedicada ao Sr. Roque Monteiro Paim, do conselho de Sua Magestade, seu secretario e presidente do tribunal da inconfidencia, por Francisco Teixeira de Moraes, natural da villa de Alemquer e cidadão da dita cidade. Anno—1692 (*Manuscripto offerecido ao Instituto Historico pelo socio o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal*) 67

AO LEITOR. 69

PARTE PRIMEIRA: Dos tumultos da cidade de S. Luiz, metropole do Estado do Maranhão, que succederam no anno de 1684, em que se descreve o referido Estado, sua importancia, descobrimento, conquista, guerras com francezes e indios seus habitadores, até os domar, e com exacção. Se relata a invasão dos hollandezes, sublevação dos habitadores contra os ditos; guerra que se lhes fez e seus progressos até totalmente os expulsarem. Dá-se tambem noticia de outros dois tumultos e as causas d'elles, e de alguns governos até o de Francisco de Sá e Menezes (*Continúa*) 71

COPIA do officio da visconde de Barbacena, dando conta para a côrte de haverem abortado os planos do Tiradentes e seus socios.—Offerecida ao Instituto Historico pelo socio honorario visconde de Porto Seguro 157

BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes, etc.

Fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho, bispo de Angola, pelo Dr. José Tito Nabuco de Araujo 177

SEGUNDO TRIMESTRE

DOCUMENTOS relativos á historia da capitania, depois provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, compilados e copiados na secretaria do governo em Porto Alegre, de ordem do conselheiro barão Homem de Mello, ex-presidente da mesma provincia.—(*Pelo mesmo Exm. Sr. offerecidos ao Instituto Historico.*) 191

REGISTRO de um alvará de el-rei nosso senhor, passado aos Revs. padres da companhia de Jesus, peritos mathematicos, e são Diogo Soares e Domingos Capassi, para se passarem ao Brasil, e n'elle terem a assistencia por conta de sua real fazenda, tudo na fórma que abaixo se declara 193

REGISTRO de uma carta de Sua Magestade, por onde faz mercê a André Ribeiro Coutinho do posto de mestre de campo, apresentada em 25 de Junho de 1736 . . . 196

REGISTRO de uma patente, passada a Sebastião Francisco

Chaves, do posto de tenente das ordenanças dos campos de dentro do Viamão 197
Registro de um perdão, passado pelo mestre de campo André Ribeiro Coutinho, que por ausencia do brigadeiro commandante José da Silva Paes estava commandando: ao sargento Francisco Pereira Garcia, e os soldados José de Magalhães, João Gonçalves Costa, Antonio Corrêa de Magalhães, Pedro da Silva e Jeronymo de Macedo, os quaes tinham desertado e vieram outra vez para este acampamento, como n'elle se declara . . . 199
Certidão ao pé do officio. 200
Traslado da petição feita ao brigadeiro commandante José da Silva Paes para approvação do perdão . . . 201
Traslado de uma portaria do brigadeiro commandante José da Silva Paes, pela qual faz mercê aos soldados e officiaes, que se acham na fortaleza de S. Miguel, de soldo dobrado, em nome de Sua Magestade, como n'ella se declara 202
Registro de uma certidão do brigadeiro José da Silva Paes, que por despacho do mestre de campo commandante André Ribeiro Coutinho, de 11 de Junho, mandou cotar o assento do capitão João Caetano de Barros . . 204
Registro do capitulo de uma carta do brigadeiro José da Silva Paes para o mestre de campo commandante André Ribeiro Coutinho em 31 de Dezembro de 1737 annos 205
Registro do regimento que o mestre de campo André Ribeiro Coutinho, commandante do Rio Grande de S. Pedro, manda observar na guarda de Tramandy . . . 206
Registro de uma patente do mestre de campo commandante André Ribeiro Coutinho, pela qual provê a Gaspar dos Santos no posto de patrão-mór, na fórma que abaixo se declara. 207
Registro de uma portaria do mestre de campo commandante André Ribeiro Coutinho, pela qual nomêa ao sargento Luiz Gonçalves para governar a estancia de Sua Magestade, sita em Bujurú, pelas razões e fórma abaixo declaradas 209
Registro da provisão do commissario de mostras Christovão da Costa Freire 210

REGISTRO do perdão geral que o coronel governador Diogo Osorio Cardoso deu aos soldados e cabos do seu regimento, infantaria e artilharia, pelo crime que commetteram 211
REGISTRO do edital que Sua Magestade mandou imprimir para os moradores das illias dos Açores e casaes, e todos os mais que se quizessem alistar para povoadores d'este estabelecimento e Santa Catharina. 213
REGISTRO das ordens de Sua Magestade para o situado dos casaes n'este estabelecimento 215
PROVISÃO 222
REGISTRO da carta que o Exm. Sr. general escreveu ao coronel governador para dar toda ajuda e favor ao Dr. ouvidor-geral. 223
REGISTRO de uma portaria do tenente-coronel governador, pela qual manda remetter 640$ para Viamão . . 225
REGISTRO de uma provisão do Exm. Sr. general, de administrador do registro de Viamão, passada a Luiz Gonçalves Vianna 226
DOCUMENTOS relativos á posse dos governadores do Rio Grande do Sul. 227
CARTA régia de 9 de Setembro de 1760, erigindo em governo, sujeito ao Rio de Janeiro, a commandancia militar do Rio Grande de S. Pedro 228
CÓPIA de officios do governo interino do Rio de Janeiro . 229
AUTO de posse que toma o Sr. coronel José Custodio de Sá e Faria do posto de governador d'estes districtos do Rio Grande de S. Pedro. 232
CÓPIA de um capitulo da carta do Illm. e Exm. Sr. conde general de 29 de Setembro de 1762. 235
CARTA do conde vice rei ácerca do linho canhamo. . . »
ORDENS do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa ao general Cabral, governador do Rio Grande do Sul. 1780—1790 237
OFFICIO do governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara em 22 de Dezembro de 1780, e resposta do vice-rei em 30 do mesmo mez sobre a mudança da capital para Porto Alegre. 243
CORRESPONDENCIA do general Cabral com o vice-rei. 1780—1786 248

RELATORIO do general Cabral feito ao vice-rei sobre o estado do Rio Grande em o 1º de Dezembro de 1783 . . 250
REFLEXÕES sobre o estado actual do continente do Rio Grande de S. Pedro 251
PARTICIPAÇÃO dirigida pelo general Patricio José Corrêa da Camara ao governador do Rio Grande, no 1º de Setembro de 1801, sobre a tomada de Missões pelo soldado José Borges do Canto 264
PARTICIPAÇÃO do coronel Manoel Marques de Sousa de 17 de Outubro de 1801 266
PARTICIPAÇÃO do tenente-coronel Patricio José Corrêa da Camara de 10 (não 6) de Novembro de 1801 268
CORRESPONDENCIA do governador Paulo José da Silva Gama 271
Limites com as colonias hespanholas 278
Sobre a producção do linho canhamo 284
Providencias para prosperar a capitania. 286
Sobre a tropa de linha 291
Sobre as economias realizadas e augmento de rendas 293
Sobre pedido de terras de sesmaria 295
Sobre o estado da tropa. 297
Sobre a instrucção publica na capitania. 298

RELAÇÃO historica e politica dos tumultos que succederam na cidade de S. Luiz do Maranhão, com os successos mais notaveis que n'elles aconteceram: sua descripção geographica; seu descobrimento, conquista, guerras com francezes intrusos e indios naturaes; invasão dos hollandezes, sua expulsão; e exacta narração do tumulto que na dita cidade se levantou, e a quietação d'elle com a vinda de Gomes Freire de Andrada, e o exemplar governo d'elle e de outros governadores até o de Francisco de Sá e Menezes.—Dedicada ao Sr. Roque Monteiro Paim, do conselho de Sua Magestade, seu secretario e presidente do tribunal da inconfidencia, por Francisco Teixeira de Moraes, natural da villa de Alemquer e cidadão da dita cidade. Anno—1692 (Manuscripto offerecido ao Instituto Historico pelo socio o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal) (*Conclusão*).

PARTE SEGUNDA: Dos tumultos da cidade de S. Luiz do Maranhão, cabeça do Estado, em que se dá conta das

cousas antecedentes á sublevação; prodigios que antes d'ella succederam; seus principios e insultos que os amotinados fizeram, até que com a feliz chegada de Gomes Freire de Andrada, a socegal-os, se apaziguou tudo com o supplicio de alguns mais culpados; ultimamente se relata a excellente disposição do governo do referido fidalgo até voltar ao reino no anno de 1687. . 303

HISTORIA da guerra de Pernambuco e feitos memoraveis do mestre de campo João Fernandes Vieira, heróe digno de eterna memoria, primeiro acclamador da guerra.—Por Diogo Lopes de Santiago (*Continuado da pag.* 409, *do tomo XXXIX parte I*). Livro segundo.

Cap. X.—Em que se descreve o sitio do monte das Tabocas, onde se situou o governador João Fernandes Vieira, e de como o governador das armas hollandezas Henrique Haus e o sargento-mór João Blaar com seus exercitos o vieram buscar, e da famosa e milagrosa victoria que alcançou do inimigo, com os moradores com que estava, n'aquella batalha campal que houve . . 411

Cap. XI.—Em que se vai proseguindo a batalha campal do monte das Tabocas, entre Portugal e hollandezes . 421

Cap. XII.—Do que mais succedeu depois que o governador João Fernandes Vieira alcançou a gloriosa victoria no monte das Tabocas, e casos milagrosos e admiraveis que na batalha succederam, e dos capitães e pessoas principaes que n'ella se acharam. 427

Cap. XIII.—De como o governador das armas hollandezas se retirou á uma casa forte, e das exorbitancias que fizeram os hollandezes e indios na Varzea e outras partes, e da chegada dos mestres de campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno a Pernambuco, com seus terços, e como se rendeu a força de Serinhaem, e o governador João Fernandes Vieira partiu do monte das Tabocas 435

Cap. XIV.—De como o governador João Fernandes Vieira partiu para a povoação de Santo Antonio do Cabo, aonde se lhe aggregou o mestre de campo André Vidal de Negreiros com o seu terço, e marcharam para a Varzea de Capibaribe em demanda do inimigo 442

Cap. XV.—Da famosa e gloriosa victoria que alcançaram os nossos dos hollandezes, que estavam na casa forte de D. Anna Paes com o governador Henrique Haus, e casos particulares d'esta batalha e milagres que n'ella succederam (*Continúa*) 450

BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres por armas, letras, virtudes, etc.

O Conselheiro Antonio Manoel Corrêa da Camara. Pelo Dr. Antonio Eleuterio de Camargo 505

Typ. de Pinheiro & C.—Rua Sete de Setembro n. 157.

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

Geographico e Ethnographico do Brasil

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XL

Parte segunda

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier — Livreiro-editor

65 Rua do Ouvidor 65

1877

NOTA

ACERCA DE COMO NÃO FOI NA—COROA VERMELHA—NA ENSEADA DE SANTA CRUZ

QUE CABRAL PRIMEIRO DESEMBARCOU E EM QUE FEZ DIZER A PRIMEIRA MISSA

Acompanhada do texto integro (e não truncado, segundo o publicou Cazal) da carta-chronica do descobrimento, escripta ao rei D. Manoel pelo cavalleiro de sua casa Pero Vaz de Caminha, que ia de escrivão na armada.

Offerecida ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro
Pelo seu socio honorario

VISCONDE DE PORTO SEGURO

O rio Buranhem, antes de despejar suas aguas no oceano, proximamente na latitude de 16° 25' S., encontra um recife, que se estende no sentido do correr da propria costa, quasi norte-sul, o qual, á maneira do de Pernambuco, obriga a corrente do mesmo rio a tomar para o norte, e a ter n'esse rumo a sua foz ou entrada, deixando antes formado o denominado *Porto Seguro*, que é como uma pequena bahia, muito maior e mais larga que o *Mosqueiro* de Pernambuco, onde podem a um tempo fundear muitos navios.

O dito recife descobre muito com a baixa-mar, e em alguns lugares o adornam arbustos de mangues, e n'outros se lhe encontram algumas pequenas praias de arêa. Além d'isso é todo ilhado, pois das aguas do mesmo rio Bura-

nhem se póde sahir ao mar, não sómente pela mencionada foz, como tambem pela parte do sul do recife, navegando-se por um canal ou mar pequeno até uma barreta, que fica tres milhas ao sul, defronte da igreja de Nossa Senhora da Ajuda, erradamente denominada da *Judéa* em varios roteiros e cartas maritimas. D'este modo o mencionado recife vem a ter umas tres milhas de comprido. O facto de ser elle um ilhéo, o que não se encontra explicado em nenhum escripto nem carta maritima (começando pelas aliás bastante correctas do hydrographo E. Mouchez (1); e d'elle sómente viemos a ter conhecimento por havermos tido que recolher ao vapor, que ficára surto ao largo durante um grande temporal, que nos obrigou a seguir de preferencia pelo dito mar pequeno e barreta d'Ajuda por occasião de visitarmos, por ordem do governo imperial, esta paragem (2).

Ora, o conhecimento d'este facto, de haver no dito porto um tal ilhéo, é da maior importancia, pois permitte explicar cabalmente a narração de Pero Vaz de Caminha a respeito do descobrimento de Cabral, ao qual aliás sempre nos repugnava o animo de assignar outra paragem fóra da de Porto Seguro, porquanto a simples conservação d'este nome, dado pelo mesmo Cabral, equivalia para nós a uma tradição constante.

Adquirido, porém, o conhecimento de que o dito recife é um verdadeiro ilhéo, de grande extensão, as circumstancias e promenores do descobrimento de 1500 explicam-se todos mui naturalmente.

Avistado no dia 22 de Abril o monte, a que foi dado o nome

(1) Vej. *Hydrographie française*, plan 2039.

(2) Vej. o nosso officio ao Exm. Sr. ministro do Imperio, de 25 de Setembro (1877), no *Diario Official* de 10 de Outubro e *Jornal do Commercio* de 11.

de *Pascoal* (nome que ainda conserva), seguiram os navios avizinhando-se da costa até fundearem, obra de seis leguas de terra, em dezenove braças de ancoragem limpa. Dir-se-hia, que a Providencia se empenhára em favorecer a Cabral n'este descobrimento, mostrando-lhe de longe, como um verdadeiro pharol, o dito monte Pascoal, e salvando-o, d'este modo, de se haver encontrado, antes de avistar terra, envolvido em meio dos baixios e arrecifes de Itacolumin e outros, que, logo ao sul da paragem em que chegaram á costa, começam a correr para o sul até os Abrolhos. Effectuou-se, pois, essa primeira ancoragem proximamente na latitude de 16° 40' S.; e effectivamente ahi, á umas vinte milhas da costa, devem as sondas dar o mencionado fundo (uns trinta e quatro metros), pois mais longe se encontraram quarenta, e mais perto trinta.

No dia 23, de manhã, velejou a frota em direitura da terra, com os navios menores adiante : as sondas foram successivamente diminuindo a dezesete, dezeseis, quinze, quatorze, treze, doze, dez, e finalmente nove braças ou proximamente dezeseis metros, onde lançaram ancoras, á obra de meia legua da terra, « em direito da boca de um rio, » mui provavelmente defronte da barra do rio do Frade ou do da Ponta de Itaquena, um pouco mais ao norte, a cujas paragens ambos, na carta de Mouchez, vemos, n'essa distancia, assignar dezoito e dezenove metros de fundo, com boa ancoragem.

A circumstancia de estar á vista o monte Pascoal (excluida toda a costa dos arrecifes de Itacolomin para o sul) admittiria ainda a possibilidade de ser o mencionado rio o de Craminuan ou o do Corumbabo, ao sul das pontas de *Juassema* (*Insuacoma* é erro, por manifesta adulteração do nome nas cópias *mss.*, da mesma fórma que *João de Tyba* proveiu de leitura errada de *Sernambitiba*) ; mas mi-

litam em contra as sondas muito menores, a vizinhança dos recifes, de que Vaz de Caminha não falla, e o ser ahi a costa mais abrigada, quando na boca do tal rio não foi possivel a Nicoláo Coelho entender-se com os da terra ou desembarcar, « pelo mar quebrar na costa, » motivo porque, no dia immediato, proseguiram todos para o norte « pera veer se achavam alguma abrigada. »

Com effeito n'esse dia (24), de manhã, navegou a esquadra para o norte, indo os barcos menores mais junto à terra, com ordem de amainarem, quando encontrassem pouso seguro, segundo fizeram, apenas descobriram um « arrecife, com um porto dentro muito bom e muito seguro, cõ huua mui larga entrada, » dentro do qual porto se metteram, arribando as náos sobre elles e vindo a amainar « obra de huma legua do arrecife, » um pouco ante sol posto, ancorando em onze braças (dezenove metros proximamente).

Não ha mais lugar para hesitações. Esse grande porto, « muito bom e muito seguro, » em que entraram, e a que Caminha denomina tambem « bahia, » é o chamado ainda hoje Porto Seguro. Quem, depois de avistado o monte Pascoal, corria a costa para o norte, em busca de um porto, não podia passar desapercebido pela foz do Buranhem, em virtude da grande rebaixa que ahi faz a mesma costa, até então de barreiras altas, e depois de morros, de modo que, até do mar, de longe, á simples vista, se reconhece a existencia, n'esse lugar, de uma quebrada ou abra, com surgidouro para navios. Não é, pois, admissivel, que os pilotos deixassem de vêr esse por to, e que, vendo-o, o desprezassem, sendo elle tão bom, sem o menor indicio de que mais adiante poderiam encon trar outro. Sabemos hoje que, umas dez milhas mais ao norte, encontrariam o de Santa Cruz; mas tambem sabemos, que antes de lá chegarem os navios,

que, como vimos, iam navegando junto da costa, teriam encontrado a grande esteira dos recifes de coral, *Banco de Fóra*, *Sororoca*, *Itassepanama*, etc., que ahi se estendem pelo mar fóra, por umas tres milhas(3), nos quaes recifes apenas por milagre não haveria algum naufragado. Ora, não só nenhum naufragio teve lugar, mas nem sequer ha noticia de nenhuns receios d'elle ; pois, se tivessem occorrido alguns, não deixaria isso de haver sido relatado por Vaz de Caminha. Assim, não temos duvida de acreditar, que o Porto Seguro de Cabral foi o proprio, que hoje leva este nome, e não a concha ou angra dita de Santa Cruz, conceituada de bahia *Cabralia*, nem tão pouco o rio de Santa Cruz, « onde está a villa d'este nome, » conforme julgou Gabriel Soares, escrevendo de memoria, e sem ter á vista o documento, que hoje possuimos; e, por conseguinte, cremos tambem, que o « ilheo grande, que na bahia está, que de baixa mar fica mui vazio, pero é de todas partes cercado d'agua, que não póde ninguem ir a elle sem barco ou a nado, » no qual Cabral primeiro desembarcou e onde fez dizer a primeira missa, seria o proprio recife-ilhéo de Porto Seguro, e de nenhum modo a *Corôa Vermelha*, na mencionada angra ou enseada de Santa Cruz, que, especialmente junto á Corôa Vermelha, não é porto manso, mas sim costa, mais ou menos brava.

Diz, é verdade, Caminha, que encontraram o tal porto, em que entraram, « sendo pela costa obra de dez leguas, » d'onde se haviam levantado ; e provavelmente seria esta a principal indicação, que levaria Ayres do Cazal a buscar, em Santa Cruz, uma paragem mais longinqua. Mas o proprio porto de Santa Cruz dista, em linha recta, do rio do Frade

(3) E. Mouchez, *Les côtes du Brésil*, 2ª ed., pag. 96. *Hydrographie Française*, 2039.

menos de vinte e cinco milhas, e por conseguinte bastante menos de dez leguas, que então se contavam de quatro milhas ou quinze ao grão, pelo que devemos suppôr haver o mesmo Caminha, que aliás não era piloto, computado a distancia pelo tempo decorrido, não dando todo o abatimento ao espaço perdido nas singraduras, especialmente se o vento soprasse do norte, como parece mais que provavel, visto que, para vencer a distancia, os navios navegavam desde as 8 da manhã até quasi o sol posto.

Admittidas estas interpretações, unicas que, desde que visitámos o local, temos por possiveis, modificando em conformidade d'ellas algumas proposições, que consignámos ainda na segunda edição da *Historia Geral*, tudo se explica e se entende perfeitamente na carta de Caminha.

No sabbado 25 demandaram os navios maiores a entrada do dito porto, onde já estavam os menores, e foram ancorar tambem dentro, em fundo de cinco e seis braças. Tal é a interpretação genuina das palavras de Caminha, e não a que lhe deu um habil hydrographo(4), de que toda a frota havia partido d'este primeiro ancoradouro para buscar o de Santa Cruz, mais ao norte. Accrescenta Caminha, que a entrada do porto era mui larga, e o mencionado hydrographo(5) dá á de Porto Seguro não menos de duzentos metros. Quanto ao fundo, em que dentro ancoraram, o não passar hoje o de Porto Seguro de tres a quatro metros, não será argumento em contra para os que saibam, que, com as roças, todos os nossos portos, começando pelos de S. Vicente e Pernambuco, estão hoje consideravelmente mais arêados que antes.

O primeiro trato com os indios, que dentro do porto teve

(4) E. Mouchez.
(5) *Les côtes du Brésil*, etc., 2ª édition, pag. 105.

a gente, que ás ordens de Bartholomeu Dias e Nicoláo Coelho passou á terra n'essa mesma manhã de 25, e onde o capitão-mór desembarcou no dia seguinte (domingo) á tarde, foi á margem esquerda, junto a um rio, que fica logo á entrada, rio em que ainda hoje se faz aguada. Durante a primeira missa, que teve lugar no domingo da Pascoela, 26 de Abril, no ilhéo grande, conservaram-se os indios na praia, á margem esquerda do porto. Ainda hoje esse recife-ilhéo, como então, com a vasante, descobre bastante arêa e cascalhão, com pedaços de cascas de mariscos. A qualificação de *grande*, que lhe dá Caminha, faz-nos crêr, que trata d'esse proprio recife, depois que pelo passeio, pela enseada, nos esquifes ou escaleres, foi reconhecido que era todo ilhado, e não de uma corôa de arêa, tambem com praia e mangue no meio da mesma enseada, separada do dito recife, que aliás ahi existe, segundo nossa lembrança.

Finalmente, certa lagôa d'agua doce, bem como uma ribeira, que lhe segue apaulada, citadas por Caminha, ainda hoje ahi se encontram, como antes, salvo o que d'esta se tem aterrado para os caminhos e construcção de casas, na parte baixa da villa, junto ao rio.

Quanto ao local, em que, no dia 1° de Maio, e com assistencia já dos indigenas, se disse a segunda missa, junto á cruz de madeira inaugurada « com as armas e divisa de S. A., que lhe primeiro pregarão, » contentemo-nos por agora com a certeza de que não foi (como até agora nos havia feito crêr certa tradição) o alto d'esse morro, onde depois Pero de Campo fundou a primeira villa, e onde ainda hoje está a matriz e a casa da camara da actual villa; mas sim, pelo rio acima, « contra o sul, onde nos pareceu, que seria a mesma cruz milhor vista, na distancia « do rio obra de dois tiros de bésta. » Ao criterio dos morado-

res da ribeira ou bairro inferior da villa de Porto Seguro deixamos a tarefa de dissertar ácerca de qual haverá sido ao justo essa paragem, tendo presentes as ditas palavras do mencionado Pero Vaz de Caminha, cuja carta escripta ao rei, d'este Porto Seguro, constitue, por si só, n'este ponto, como em tudo o mais, a chronica mais minuciosa e authentica, que possuimos d'este descobrimento, ao passo que é, ao mesmo tempo, o documento mais venerando da historia colonial. Pelo que muito pedimos, n'esta occasião, ao Instituto, que não tenha, por mais tempo, privado d'elle a collecção dos seus annaes, e que se resolva a annexal-a á esta nossa memoria, valendo-se da cópia que, com esta, lhe offerecemos, conferida por nós á vista do original, e muito mais correcta, e não truncada como a de Ayres do Casal. Além de que, pela commodidade dos leitores, preferimos dal-a com uma orthographia mais regular e menos antiquada, pontuando-a convenientemente.

Segundo é sabido, o original d'esta carta, escripto em sete folhas de papel florete, guarda-se, em perfeitissimo estado, em Lisboa, no archivo real, dito da *Torre do Tombo*. E' o documento n. 8 do maço segundo da gaveta oitava.

A carta é datada no 1° de Maio, « d'este Porto Seguro, » da « illha da Vera Cruz. »

Esta data envolve tres revelações : primeira, que o nome dado ao ancoradouro foi o que elle ainda hoje conserva ; segunda, que a terra foi então conceituada como uma simples illha, conceito, em que estava ainda o proprio rei nas instrucções, que deu a João da Nova, quando ia para a India, e, depois do regresso de Cabral, na carta, que de Cintra (Symtra) dirigiu aos reis catholicos ; terceira, que á terra foi posto o nome, não de Santa Cruz, mas sim de *Vera Cruz*.

CARTA

DE

PERO VAZ DE CAMINHA

Senhor.—Posto que o capitão-mór d' esta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento d'esta vossa terra nova, que se ora n'esta navegação achou, não deixarei tambem de dar d'isso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que, para o bem contar e fallar, o saiba peior que todos fazer ; porém tome Vossa Alteza minha ignorancia por boa vontade, a qual bem certo creio, que, por aformosentar nem afeiar, haja de pôr mais que aquillo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e singraduras do caminho, não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado; e, portanto, Senhor, do que hei de fallar começo e digo :

Que a partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira 9 de Março, e sabbado 14 do dito mez, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canarias, mais perto da Gran-Canaria ; e ahi andamos todo aquelle dia em calma, á vista d'ellas, obra de tres ou quatro leguas.

E domingo, 22 do dito mez, ás 10 horas pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber : da ilha de S. Nicoláu, segundo dito de Pedro Escobar, piloto; e á noite seguinte, á segunda-feira, lhe amanheceu, se perdeu da frota Vasco de Ataide, com a sua náo, sem ahi haver tempo forte, nem contrario para poder ser ; fez o capitão suas diligencias para o achar n'umas e n'outras

partes, e não appareceu mais ; e assim seguimos nosso caminho por este mar de longo até terça-feira, oitava da Pascoa, que foram 21 de Abril, que topamos alguns signaes de terra, sendo da dita ilha, segundo os pilotos diziam, obra de seiscentas e sessenta ou setenta leguas, os quaes eram muita quantidade de hervas compridas, a que os mareantes chamam *botelho*, e assim outras, a que tambem chamam *rabo de asno*, e á quarta-feira seguinte, pela manhan, topámos aves, a que chamam *fura-buchos*, e n'este dia, á horas de vespera, houvemos vista de terra, a saber : primeiramente de um grande monte mui alto e redondo, e de outras serras mais baixas no sul d'elle, e de terra chan com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão pôz nome o *Monte Pascoal*, e á terra o de *Vera Cruz*. Mandou lançar o prumo : acharam vinte e cinco braças, e ao sol posto, obra de seis leguas de terra, surgimos ancoras em dezenove braças, ancoragem limpa. Alli ficamos toda aquella noite.

E quinta-feira, pela manhan, fizemos vela e seguimos direitos á terra, e os navios pequenos indo diante por dezesete, dezeseis, quinze, qualorze, treze, doze, dez e nove braças, até meia legua de terra, onde todos lançamos ancoras, em direito da boca de um rio. E chegariamos a esta ancoragem ás 10 horas, pouco mais ou menos. E d'alli houvemos vista de homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo os navios pequenos disseram, por chegarem primeiro alli. Lançamos os batéis e esquifes fóra; e vieram logo todos os capitães das náos a esta não do capitão-mór, e alli fallaram, e o capitão mandou no batel em terra Nicoláu Coelho para vêr aquelle rio; e tanto que elle começou para lá a ir, acudiram pela praia homens, quando dois, quando tres, de maneira que, quando o batel chegou á boca do rio, eram álli dezoito ou vinte homens pardos, todos nús, sem nenhuma cousa, que lhes cobrisse

suas vergonhas; traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos para o batel, e Nicoláu Coelho lhes fez signal, que puzessem os arcos, e elles os puzeram.

Alli não pôde d'elles haver falla, nem entendimento, que aproveitasse, pelo mar quebrar na costa. Sómente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho, que levava na cabeça, e um chapéo preto; e um d'elles lhe deu um sombreiro de pennas de aves compridas, com uma copasinha pequena de pennas vermelhas e pardas, como as de papagaio e outro lhe deu um ramal grande de contihas brancas miudas, que querem parecer de aljaveira, as quaes peças creio, que o capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu ás náos, por ser tarde e não poder d'elles haver mais falla por causa do mar.

A' noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros, que fez cassar as náos, e especialmente a capitanea ; e á sexta, pela manhan, ás 8 horas pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o capitão levantar ancoras e fazer vela, e fomos de longo da costa com os batéis e esquifes amarrados por pôpa contra o norte, para vêr se achavamos alguma abrigada e bom pouso, onde jouvessemos para tomar agua e lenha, não por nos já minguar, mas por nos acertarmos aqui.

E quando fizemos vela, seriam já na praia assentados, junto com o rio, obra de sessenta ou setenta homens, que se juntaram alli, poucos e poucos.

Fomos de longo,e mandou o capitão aos navios pequenos, que fossem mais chegados á terra, e que, se achassem pouso seguro para as náos, amainassem ; e sendo nós pela costa, obra de dez leguas d'onde nos levantamos, acharam os ditos navios pequenos um recife, com um porto dentro muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada; e metteram-se dentro e amainaram, e as náos arribaram

sobre elle, e um pouco antes do sol posto amainaram obra de uma legua do recife, e ancoraram-se em onze braças. E sendo Affonso Lopes, nosso piloto, em um d'aquelles navios pequenos, por mandado do capitão, por ser homem vivo e destro para isso, metteu-se logo no esquife a sondar o porto dentro, e tomou em uma almadia dois d'aquelles homens da terra, mancebos e de bons corpos; e um d'elles trazia um arco, e seis ou sete setas, e na praia andavam muitos com seus arcos e setas, e não lhes aproveitaram. Trouxe-os logo, já de noite, ao capitão, onde foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição d'elles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos; andam nús, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas, e estão ácerca d'isso com tanta innocencia como têm em mostrar o rosto; traziam ambos o beiço de baixo furado, e mettido por elle senhos onos de osso, brancos, de compridão de uma mão travéssa, e de grossura de um fuzo de algodão, e agudo na ponta como furador; mettem-n'os pela parte de dentro do beiço, e o que lhe fica entre o beiço e os dentes é feito como roque de xadrez, e em tal maneira o trazem alli encaixado que lhes não dá paixão, nem lhes torva a falla, nem comer, nem beber. Os cabellos seus são corredios, e andavam tosquiados de tosquia alta, mais que de sobrepente, de boa grandura, e rapados até por cima das orelhas. E um d'elles trazia por baixo da solapa. de fonte á fonte, para detraz, uma maneira de cabelleira de pennas de aves amarellas, que seria de compridão de um couto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas, a qual andava pegada nos cabellos penna e penna com uma confeição branda como cêra (6), e não n'o era, de maneira

(6) *Ieica* ou almécega, sem duvida. (*P. S.*)

que andava a cabelleira mui redonda, e mui basta e mui igual, que não fazia mingua mais lavagem para levantar.

O capitão, quando elles vieram, estava assentado em uma cadeira, e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido com um collar de ouro mui grande ao pescoço, e Sancho de Toar, e Simão de Miranda, e Nicoláu Coelho, e Ayres Corrêa, e nós outros que aqui na náo com elle imos, assentados no chão por essa alcatifa: accenderam tochas e entraram, e não fizeram nenhuma menção de cortezia nem de fallar ao capitão nem a ninguem; porém um d'elles pôz olho no collar do capitão, e começou de acenar com a mão para terra e depois para o collar, como que nos dizia, que havia em terra ouro; e tambem viu um castiçal de prata, e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia tambem prata; mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão traz; tomaram-n'o logo na mão e acenaram para a terra, como os havia ahi; mostraram-lhes um carneiro, não fizeram d'elle menção; mostraram-lhes uma gallinha, quasi haviam medo d'ella, e não lhe queriam pôr a mão, e depois a tomaram como espantados; deram-lhes alli de comer pão e pescado cosido, confeitos, fartes, mel e figos passados; não quizeram comer d'aquillo quasi nada, e alguma cousa, se a provavam, lançavam-a logo fóra; trouxeram-lhes vinho por uma taça; puzeram-lhes assim á boca tão a lá vez, e não gostaram d'elle nada, nem o quizeram mais; trouxeram-lhes agua por uma albarrada, tomaram d'ella senhos bocados, e não beberam; sómente lavaram as bocas e lançaram fóra; viu um d'elles umas contas de rosario brancas; acenou, que lh'as dessem, e folgou muito com ellas e lançou-as ao pescoço, e depois tirou-as e embrulhou-as no braço, e acenava para a terra e então para as contas e para o collar do capitão, como que dariam ouro por aquillo; isto tomavamos nós

assim pelo desejarmos; mas se elle queria dizer, que levaria as contas e mais o collar, isto não queríamos nós entender; porque lh'o não haviamos de dar; e depois tornou as contas a quem lh'as deu, e então estiraram-se assim de costas na alcatifa a dormir, sem terem nenhuma maneira de cobrirem suas vergonhas, as quaes não eram fanadas, e as cabelleiras d'ellas bem rapadas e feitas; o capitão lhes mandou pôr ás cabeças senhos coxins ; e o da cabelleira procurava assaz pôl-a não quebrar, e lançaram-lhes um manto em cima, e elles consentiram e jouveram e dormiram.

Sabbado pela manhan mandou o capitão fazer vela, e fomos demandar a entrada, a qual era mui larga e alta de seis a sete braças; e entraram todas as náos dentro, e ancoraram-se em cinco, seis braças, a qual ancoragem dentro é tão grande e tão formosa, e tão segura, que podem jazer dentro n'ella mais de duzentos navios e náos. E tanto que as náos foram pousadas e ancoradas, vieram os capitães todos a esta náo do capitão-mór. E d'aqui mandou o capitão Nicoláu Coelho e Bartholomeu Dias, que fossem em terra, e levassem aquelles dois homens, e os deixassem ir com seu arco e setas, aos quaes mandou dar senhas camisas novas e senhas carapuças vermelhas e dois rosarios de contas brancas de osso, que elles levavam nos braços, e senhos cascaveis e senhas campainhas. E mandou com elles, para ficar lá, um mancebo degradado, criado de D. João Tello, a que chamam Affonso Ribeiro, para andar lá com elles, e saber de seu viver e maneira, e a mim mandou, que fosse com Nicoláu Coelho.

Fomos assim de frecha direitos á praia; alli acudiram logo obra de duzentos homens, todos nús, e com arcos e setas nas mãos. Aquelles que nós levavamos acenaram-lhes, que se afastassem e puzessem os arcos e elles os puzeram e não se afastaram muito; abasta que puzeram os seus arcos; e então sahiram os que nós levavamos, e o mancebo degradado com

elles; os quaes assim como sahiram, não pararam mais, nem esperava um por outro, senão a quem mais correria; e passaram um rio, que por ahi corre de agua doce, de muita agua, que lhes dava pela braga, e outros muitos com elles; e foram assim correndo, além do rio, entre umas moitas de palmas, onde estam outros, e alli pararam. E n'aquillo foi o degradado com um homem que, logo ao sahir do batel, o agazalhou e levou até là. E logo o tornaram a nós, e com elle vieram os outros, que nós levamos; os quaes vinham já nús e sem carapuças; e então se começaram de chegar muitos, e entravam pela beira do mar para os batéis até que mais não podiam, e traziam cabaços d'agua; e tomavam alguns barris, que nós levavamos, enchiam-os de agua e traziam-os aos batéis, não que elles de todo chegassem a bordo do batel, mas, junto com elle, lançavam-o da mão e nós tomavamol-os, e pediam, que lhes dessem alguma cousa. Levava Nicoláu Coelho cascaveis e manilhas; e a uns dava um cascavel, e a outros uma manilha, de maneira que, com aquella encarva, quasi nos queriam dar a mão; davam-nos d'aquelles arcos e setas por sombreiros, e carapuças de linho, e por qualquer cousa, que lhes homem queria dar. D'alli se partiram os outros dois mancebos, que não os vimos mais.

Andavam alli muitos d'elles, ou quasi a maior parte, que todos traziam aquelles bicos de osso nos beiços, e alguns, que andavam sem elles, traziam os beiços furados, e nos buracos traziam uns espelhos de páu, que pareciam uns espelhos de borracha, e alguns d'elles traziam tres d'aquelles bicos, a saber: um na metade e os dois nos cabos; e andavam ahi outros quartejados de cores, a saber: d'elles a metade da sua propria côr, e a metade de tintura negra, maneira de azulada, e outros quartejados de escaques. Alli andavam entre elles tres ou quatro moças, bem moças e

bem gentis, com cabellos mui pretos, compridos pelas espaduas, *e suas vergonhas tão altas e tão saradinhas, e tão limpas de cabelleiras, que de as nós muito bem olharmos não tinhamos nenhuma vergonha* (7). Alli, por então, não houve mais falla nem entendimento com elles, por a barbaria d'elles ser tamanha, que se não entendia nem ouvia ninguem; acenamos-lhes, que se fossem : e assim o fizeram e passaram-se além do rio, e sahiram tres ou quatro homens nossos dos batéis, e encheram não sei quantos barris d'agua, que nós levavamos, e tornamo-nos ás náos ; e, em nós assim vindo, acenaram-nos, que tornassemos ; tornamos, e elles mandaram o degradado, e não quizeram, que ficasse lá com elles, o qual levava uma bacia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas, para dar lá ao senhor, se o ahi houvesse; não curaram de lhe tomar nada, e assim o mandaram com tudo ; e então Bartholomeu Dias o fez outra vez tornar, que lhes désse aquillo em vista de nós áquelle que o da primeira vez agazalhou, e então veiu-se e trouvemol-o. Este que o agazalhou era já de dias, e andava todo por louçainha cheio de pennas pegadas pelo corpo, que parecia assetado, como S. Sebastião. Outros traziam carapuças de pennas amarellas, e outros de vermelhas e outros de verdes, e uma d'aquellas moças era toda tinta, do fundo á cima, d'aquella tintura, a qual certo era tão bem feita e tão redonda, *e sua vergonha, que ella não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra vendo-lhe taes feições fizéra vergonha, por não terem a sua como ella* (8). Nenhum d'elles não era fanado, mas todos assim como nós ; e com isto nos tornamos, e elles foram-se.

(7) Estas palavras faltam na edição da *Corographia Brazilica*. (*P. S.*)

(8) Estas palavras faltam na edição da *Corographia Brazilica*. (*P. S.*)

A' tarde sahiu o capitão-mór em seu batel, com todos nós, e com os outros capitães das náos, em seus batéis, a folgar pela bahia, a carão da praia; mas ninguem sahiu em terra pelo capitão não querer, sem embargo de ninguem n'ella estar. Somente sahiu elle, com todos, em um ilhéo grandè, que na bahia está, que de baixa-mar fica mui vasio; porém é de todas as partes cercado d'agua, que não póde ninguem ir a elle sem barco ou a nado. Alli folgou elle, e todos nós outros bem uma hora e meia; e pescaram ahi, andando marinheiros com um chinchorro e mataram pescado miudo, não muito, e então volvemo-nos ás náos já bem noite.

Ao domingo de Pascoela, pela manhan, determinou o capitão de ir ouvir missa e prégação n'aquelle ilhéo, e mandou a todos os capitães, que se corregessem nos batéis e fossem com elle, e assim foi feito. Mandou n'aquelle ilhéo armar um esparavel, e dentro n'elle alevantar altar mui bem corrigido, e alli, com todos nós outros, fez dizer missa, a qual disse o padre Fr. Henrique, em voz entoada, e officiada com aquella mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que alli todos eram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Alli era com o capitão a bandeira de Christo, com que saiu de Belem, a qual esteve sempre alta da parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre, e pôz-se em uma cadeira alta e nós todos lançados por essa arêa, e prégou uma solemne e proveitosa prégação da historia do Evangelho, e em fim d'ella tratou da nossa vinda e do achamento d'esta terra; conformando-se com o signal da cruz, sob cuja obediencia vimos, a qual veiu muito a proposito e fez muita devoção.

Emquanto estivemos á missa e á prégação seriam na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como os de hontem, com seus arcos e setas, os quaes andavam fol-

gando e olhando-nos, e assentaram-se. E depois de acabada a missa, assentados nós á prégação, alevantaram-se muitos d'elles, e tangeram corno ou bozina, e começaram a saltar e dansar um pedaço ; e alguns d'elles se metteram em almadias, duas ou tres que ahi tinham, as quaes não são feitas como as que eu já vi ; somente são tres traves atadas juntas (9); e alli se mettiam quatro ou cinco, ou esses que que queriam, não se afastando quasi nada da terra, senão quanto podiam tomar pé.

Acabada a prégação, moveu o capitão e todos para os batéis, com nossa bandeira alta, e embarcamos, e fomos assim todos contra terra, para passarmos ao longo, por onde elles estavam, indo Bartholomeu Dias em seu esquife, por mandado do capitão, com um páo de uma almadia, que lhes o mar levára para lh'o dar, e nós todos, obra de tiro de pedra, atraz d'elle. Como elles viram o esquife de Bartholomeu Dias, chegaram-se logo todos á agua, mettendo-se n'ella até onde mais podiam ; acenaram-lhes, que puzessem os arcos, e muitos d'elles os hiam logo pôr em terra, e outros os não punham ; andava ahi um, que fallava muito aos outros que se afastassem, mas não já que me assim parecesse, que lhe tinham acatamento, nem medo.

Este que os assim andava afastando, trazia o seu arco e setas e andava tinto de tintura vermelha pelos peitos e espaduas, e pelos quadris, coxas e pernas até baixo ; e os vasios, com a barriga e estomago, eram de sua propria côr, e a tintura era assim vermelha que a agua lh'a não comia nem desfazia ; antes, quando sahia da agua, era mais vermelho. Sahiu um homem do esquife de Bartholomeu Dias, e andava entre elles, sem elles entenderem nada n'elle quanto para lhe fazerem mal, senão quanto lhe davam cabaços de agua e

(9) Aliás jangadas. (*P. S.*)

acenavam aos do esquife, que sahissem em terra ; com isto se volveu Bartholomeu Dias ao capitão, e viemos ás náos a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem lhes dar mais oppressão, e elles tornaram-se a sentar na praia, e assim por então ficaram. N'este ilhéo, onde fomos ouvir missa e pregação, espraia muito a agua, e descobre muita arêa e muito cascalho.

Foram alguns, em nós ahi estando, buscar marisco, e não o acharam; e acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quaes vinha um muito grande camarão e muito grosso, que em nenhum tempo o vi tamanho; tambem acharam cascas de brigões e de ameijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira. E tanto que comemos, vieram logo todos os capitães a esta náo, por mandado do capitão-mór, com os quaes se elle apartou, e eu na companhia, e perguntou assim a todos,se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento d'esta terra a Vossa Alteza, pelo navio dos mantimentos, para a melhor mandar descobrir, e saber d'ella mais do que agora nós podiamos saber por irmos de nossa viagem. E entre muitas fallas, que no caso se fizeram, foi por todos, ou a maior parte, dito, que seria muito bem ; e n'isto concrudiram, e tanto que a conclusão foi tomada, perguntou mais, se seria bom tomar aqui por força um par d'estes homens para os mandar a Vossa Alteza,e deixar aqui pore lles outros dois d'estes degradados. A isto acordaram, que não era necessario tomar por força homens, porque geral costume era dos que assim levavam por força, por alguma parte,dizerem, que ha ahi todo o que lhe perguntam e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens d'estes degradados, que aqui deixassem, do que elles dariam, se os levassem, por ser gente que ninguem entende,nem elles tão cedo aprenderiam a fallar para o saberem tambem dizer; que muito melhor estes outros

não digam, quando cá Vossa Alteza mandar; e que portanto não curassem aqui de, por força, tomar ninguem, nem fazer escandalo, para os de todo mais amançar e a pacificar; senão somente deixar aqui os dois degradados, quando d'aqui partissemos. E assim por melhor parecer a todos ficou determinado.

Acabado isto, disse o capitão, que fossemos nos batéis em terra, e ver-se-hia bem o rio quejando era, e tambem para folgarmos. Fomos todos nos batéis em terra, armados, e a bandeira comnosco; elles andavam alli na praia, á boca do rio, onde nós iamos, e antes que chegassemos, do ensino que d'antes tinham, puzeram todos os arcos, e acenavam, que sahissemos; e tanto que os batéis puzeram as prôas em terra, passaram-se logo todos além do rio, o qual não é mais ancho que um jogo de mangual; e tanto que desembarcamos, alguns dos nossos passaram logo o rio e foram entre elles, e alguns aguardavam e outros se afastavam; porém era a cousa de maneira que todos andavam misturados; elles davam d'esses arcos, com suas setas, por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer cousa que lhes davam; passaram além tantos dos nossos, e andavam assim misturados com elles, que elles se esquivavam e afastavam-se, e hiam-se d'elles para cima, onde outros estavam. E então o capitão fez-se tomar ao collo de dois homens, e passou o rio e fez tornar todos. A gente, que alli era, não seria mais que aquella que soia, e tanto que o capitão fez tornar todos, vieram alguns d'elle a elle, não pelo conhecerem por senhor; cá me parece, que não entendem, nem tomavam d'isso conhecimento, mas porque a gente nossa passava já para aquem do rio, alli fallavam e traziam muitos arcos, continhas d'aquellas já ditas, e resgatavam por qualquer cousa, em tal maneira que trouveram d'alli para as náos muitos arcos, setas e contas; e então tor-

nou-se o capitão aquem do rio, e logo acudiram muitos á beira d'elle. Alli verieis galantes pintados de preto e vermelho, e quartejados assim pelos corpos, como pelas pernas, que certo pareciam assim bem ; tambem andavam entre elles quatro ou cinco mulheres moças, assim núas que não pareciam mal, entre as quaes andava uma com uma conxa, do giolho até o quadril e nadega, toda tinta d'aquella tintura preta, e o al todo da sua propria côr ; outra trazia ambos os giolhos com as curvas assim tintas, e tambem os collos dos pés, *e suas vergonhas tão núas, e com tanta inocencia descobertas, que não havia ahi nenhuma vergonha* (10). Tambem andava ahi outra mulher moça com um menino ou menina, no collo, atado com um panno, não sei de que, aos peitos, que lhe não parecia senão as perninhas; mas as pernas da mãi e o al não trazia nenhum panno. E dopois moveu o capitão para cima, ao longo do rio, que anda sempre a carão da praia, e alli esperou um velho, que trazia na mão uma pá d'almadia ; fallou, estando o capitão com elle, perante nós todos, sem o nunca ninguem entender, nem elles a nós, quantas cousas que lhe o homem perguntava do ouro,que nós desejavamos saber-se, o havia na terra. Trazia este velho o beiço tão furado, que lhe caberia pelo furado um grande dedo polegar ; e trazia mettido no furado uma pedra verde ruim, que cerrava por fóra aquelle buraco, e o capitão lh'a fez tirar, e elle não sei que diabo fallava, e ia com ella para a boca do capitão, para lh'a metter. Estivevemos sobre isso um pouco rindo e então enfadou-se o capitão e deixou-o. E um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho ; não por ella valer alguma cousa, mas por mostra, e depois a houve o capitão, creio, para com as outras cousas a mandar a Vossa Alteza.

(10) Palavras faltas na edição da *Corographia Brazilica* (*P. S.*)

Andámos por ahi vendo a ribeira, a qual é de muita agua e muito boa ; ao longo d'ella ha muitas palmas, não muito altas, em que ha muito bons palmitos; colhemos e comemos d'elles muitos. Então tornou-se o capitão para baixo, para a boca do rio, onde desembarcamos; e além do rio andavam muitos d'elles, dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos, e faziam-no bem.

Passou-se então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavem, que è homem gracioso e de prazer, e levou comsigo um gaiteiro nosso, com sua gaita, e metteu-se com elles a dansar, tomando-os pelas mãos, e elles folgavam e riam, e andavam com elle mui bem, ao som da gaita; depois de dansarem, fez-lhe alli, andando no chão, muitas voltas ligeiras e salto real, de que se elles espantavam e riam, e folgavam muito; e com quanto os com aquillo muito segurou e afagou, tomavam logo uma esquiveza, como montezes, e foram-se para cima, e então o capitão passou o rio, com todos nós outros, e fomos pela praia de longo, indo os batéis assim a carão de terra; e fomos até uma lagôa grande de agua doce, que está junto com a praia, porque toda aquella ribeira do mar é apaúlada por cima, e sahe a agua por muitos lugares. E depois de passarmos o rio, foram uns sete ou oito d'elles andar entre os marinheiros, que se recolhiam aos batéis, e levaram d'alli um tubarão, que Bartholomeu Dias matou e levava-lh'o e lançou-o na praia, abasta que até aqui como quer que se elles em alguma parte amansassem, logo de uma mão para a outra se esquivavam, como pardaes de cevadouro, e homem não lhes ousa de fallar rijo por se mais não esquivarem, e tudo se passa como elles querem pelos bem amansar.

Ao velho, com quem o capitão fallou, deu uma carapuça vermelha, e com toda a falla, que com elle passou e com a

carapuça, que lhe deu, tanto que se expediu, que começou de passar o rio, foi-se logo recatando, e não quiz mais tornar do rio para aquem. Os outros dois que o capitão teve nas náos, a que deu o que jà dito é, nunca aqui mais pareceram; de que tiro ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos; elles porém com tudo andam muito bem curados e muito limpos, e n'aquillo me parece ainda mais, que são como aves ou alimarias montezes, que lhes faz o ar melhor penna e melhor cabello que as mansas; porque os corpos seus são tão limpos, e tão gordos e tão formosos, que não póde mais ser, e isto me faz presumir, que não têm casas nem moradas, em que se colham, e o ar, a que se criam, os faz taes. Nem nós ainda até agora não vimos nenhumas casas nem maneira d'ellas.

Mandou o capitão áquelle degradado Affonso Ribeiro, que se fosse outra vez com elles, o qual se foi e andou lá um bom pedaço, e á tarde tornou-se, que o fizeram elles vir e não o quizeram lá consentir, e deram-lhe arcos e setas, e não lhe tomaram nenhuma cousa do seu; antes disse elle, que lhe tomara um d'elles umas continhas amarellas, que elle levava, e fugia com ellas; e elle se queixou, e os outros foram logo após elle, e lh'as tomaram, e tornaram-lh'as a dar, e então mandaram-n'o vir; disse elle, que não vira lá entre elles senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos, muito grandes, como d'entre Douro e Minho; e assim nos tornamos ás náos, já quasi noite, a dormir.

A' segunda-feira, *depois de comer* (11), sahimos todos em terra a tomar agua; alli vieram então muitos, mas não tantos como as outras vezes, e traziam já muito poucos arcos, e estiveram assim um pouco afastados de nós, e

(11) Faltam estas tres palavras na *Corographia Brazilica* (P. S.)

depois, poucos e poucos, misturavam-se comnosco, e abraçavam-nos e folgavam, e alguns d'estes se esquivavam logo. Alli davam alguns arcos por folhas de papel, e por alguma carapucinha velha e por qualquer cousa, e em tal maneira se passou a cousa, que bem vinte ou trinta pessoas das nossas se foram com elles onde outros muitos d'elles estavam com moças e mulheres, e trouveram de lá muitos arcos e barretes de pennas de aves, d'elles verdes e d'elles amarellos, de que creio, que o capitão ha de mandar amostra a V., A. e segundo diziam esses que lá foram, folgavam com elles. N'este dia os vimos de mais perto, e mais á nossa vontade, por andarmos todos quasi misturados e alli d'elles andavam d'aquellas tinturas quartejados, outros de metades, outros de tanta feição como em pannos de armar, e todos com os beiços furados, e muitos com os ossos n'elles, e d'elles sem ossos. Traziam alguns d'elles uns ouriços verdes de arvores (12), que na côr queriam parecer de castanheiros, senão quanto eram mais e mais pequenos; e aquelles eram cheios de uns grãos vermelhos pequenos, que, esmagando-os entre os dedos, fazia tintura muito vermelha, do que elles andavam tintos; e quanto se mais molhavam, tanto mais vermelhos ficavam; todos andam rapados até acima das orelhas, e assim as sobrancelhas e pestanas; trazem todos as testas, de fonte á fonte, tintas da tintura preta, que parece uma fita preta ancha de dois dedos; e o capitão mandou áquelle degradado Affonso Ribeiro, e a outros dois degradados, que fossem andar lá entre elles, e assim a Diogo Dias, por ser homem ledo, com que elles folgavam; e aos degradados mandou, que ficassem lá esta noite.

Foram-se lá todos e andaram entre elles; e, segundo

(12) Sem duvida d'urucú (*P. S.*)

elles diziam, foram bem uma legua e meia a uma povoação de casas, em que haveria nove ou dez casas, as quaes diziam, que eram tão compridas, cada uma, como esta nào capitanea, e eram de madeiras, e das ilhargas de taboas e cobertas de palha, de razoada altura, e todas em uma só casa, sem nenhum repartimento; tinham de dentro muitos esteios, e, de esteio a esteio, uma rêde atada pelos cabos em cada esteio, altas, em que dormiam; e debaixo, para se aquentarem, faziam seus fogos; e tinha cada casa duas portas pequenas, uma em um cabo e outra no outro; e diziam, que em cada casa se colhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam, e que lhes davam de comer d'aquella vianda, que elles tinham; a saber: muito inhame e outras sementes, que na terra ha, que elles comem e como foi tarde fizeram-n'os logo todos tornar, e não quizeram que lá ficasse nenhum; e ainda, segundo elles diziam queriam vir com elles. Resgataram lá, por cascaveis e por outras cousinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos, e carapuças de pennas verdes, e um panno de pennas de muitas cores, maneira de tecido, assaz formoso, segundo Vossa Alteza todas estas cousas verá; porque o capitão vôl-as ha de mandar, segundo elle disse; e com isto vieram, e nós tornamo-nos ás náos.

A' terça-feira, depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha e lavar roupa. Estavam na praia, quando chegámos, obra de sessenta ou setenta, sem arcos e sem nada. Tanto que chegámos, vieram-se logo para nós, sem se esquivarem, e depois acudiram muitos que seriam bem duzentos, todos sem arcos, e misturaram-se todos tanto comnosco, que nos ajudavam d'elles a acarretar lenha e metter nos bateis, e tratavam com os nossos e tomavam muito prazer, e, emquanto nós faziamos a lenha, faziam

dois carpinteiros uma grande cruz, de um páo, que se hontem para isso cortou; muitos d'elles vinham alli estar com os carpinteiros, e creio, que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro, com que que a faziam, que por verem a cruz; porque elles não têm cousa, que de ferro seja, e cortam sua madeira e páos com pedras feitas como cunhas, mettidas em um páo, entre duas talas mui bem atadas, e por tal maneira que andam fortes, segundo os homens, que hontem ás suas casas, diziam, porque lh'as viram lá. Era já a conversação d'elles comnosco tanta, que quasi nos estorvavam ao que haviamos de fazer; e o capitão mandou a dois degradados e a Diogo Dias, que fossem lá á aldêa, e a outras, se houvessem d'ellas novas, e que em toda maneira não se viessem a dormir ás náos, ainda que os elles mandassem, e assim se foram.

Emquanto andavamos n'esta mata, a cortar a lenha, atravessavam alguns papagaios por essas arvores, d'elles verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece, que haverá n'esta terra muitos; porém eu não veria mais que até nove ou dez; outras aves então não vimos; sómente algumas pombas seixas, e pareceram-me maiores, em boa quantidade, que as de Portugal. Alguns diziam, que viram rôlas, mas eu não as vi; mas, segundo os arvoredos, são mui, muitos e grandes, e de infindas maneiras; não duvido, que por esse sertão haja muitas aves; e ácerca da noite nos volvemos para as náos com nossa lenha.

Eu creio, Senhor, que não dei ainda aqui conta a Vossa Alteza da feição de seus arcos e setas. Os arcos são pretos e compridos, e as setas compridas e os ferros d'ellas de cannas aparadas, segundo Vossa Alteza verá por alguns, que creio, que o capitão a ella ha de enviar.

A' quarta-feira não fomos em terra, porque o capitão-

mór andcu todo o dia no navio dos mantimentos a despejal-o, c fazer levar ás náos isso que cada uma podia levar. Elles acudiram á praia muitos, segundo das náos vimos, que seriam obra de trezentos, e segundo Sancho de Toar, que lá foi, disse. Diogo Dias e Affonso Ribeiro, o degradado, a que o capitão hontem mandou, e que em toda maneira lá dormissem, volveram-se já de noite por elles não quererem, que lá dormissem, e trouveram papagaios verdes e outras aves pretas, quasi como pêgas, senão quanto tinham o bico branco e os rabos curtos. E quando se Sancho de Toar recolheu á náo, queriam se vir com elle alguns ; mas elle não quiz senão dois mancebos dispostos e homens de prol. Mandou-os essa noite mui bem pensar e curar, e comeram toda a vianda, que lhes deram, e mandou-lhes fazer cama de lençoes, segundo elle disse, e dormiram e folgaram aquella noite, e assim não foi mais este dia que para escrever seja.

A' quinta-feira, derradeiro de Abril, comemos logo, quasi pela manhan, e fomos á terra por mais lenha e agua; e em querendo o capitão sahir, chegou Sancho de Toar, com seus dois hospedes, e por elle não ter ainda comido puzeram-lhe toalhas, e veiu-lhe vianda e comeu; os hospedes assentaram-n'os em senhas cadeiras, e de todo o que lhes deram comeram mui bem, e especialmente cação cosido frio e arroz; não lhes deram vinho por Sancho de Toar dizer, que não bebiam bem. Acabado o comer mettemo-nos todos no batel, e elles comnosco. Deu um grumete a um d'elles uma armadura grande de porco montez, bem revolta, e tanto que a tomou metteu-a logo no beiço; e porque se lhe não queria ter, deram-lh'o uma pequena, de cêra vermelha, e elle corregeu-lhe detraz seu adereço para se ter, e metteu-a no beiço, e assim revolta para cima, e vinha tão contente com ella, como se tivéra uma grande

joia. E tanto que sahimos em terra, foi-se logo com ella, que não pareceu ahi mais.

Andariam na praia, quando sahimos, oito ou dez d'elles, e d'ahi a pouco começaram de vir, e pareceu-me, que viriam quatrocentos ou quatrocentos e cincoenta. Traziam alguns d'elles arcos e setas, e todos os deram por carapuças e por qualquer cousa, que lhes davam. Comiam comnosco do que lhes davamos, e bebiam alguns d'elles vinho, e outros o não podiam beber; mas parece-me, que se lh'o avezassem, que o beberiam de boa vontade. Andavam todos tão dispostos, e tão bem feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam d'essa lenha quanta podiam, com mui boa vontade, e levavam-n'a aos bateis, e andavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós andavamos entre elles. Foi o capitão, com alguns de nós, um pedaço por este arvoredo até uma ribeira grande e de muita agua, que a nosso parecer era esta mesma que vem ter á praia em que nós tomámos agua. Alli jouvemos um pedaço, bebendo e folgando ao longo d'ella, entre esse arvoredo, que é tanto e tamanho, e tão basto e de tantas plumagens, que lhe não póde homem dar conta.

Ha entre elles muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos.

Quando sahimos do batel, disse o capitão, que seria bom irmos direitos á cruz, que estava encostada a uma arvore, junto com o rio, para se pôr de manhan, que é sexta-feira, e que nos puzessemos todos em giolhos e a beijassemos, para elles verem o acatamento, que lhe tinhamos; e assim o fizemos, e estes dez ou doze, que ahi estavam, acenaram-lhes, que fizessem assim, e foram logo todos beijal-a. Parece-me gente de tal innocencia, que se os homens entendessem e elles a nós, que seriam logo christãos; porque elles não têm nem entendem em nenhuma crença, segundo pa-

rece ; e, portanto, se os degradados, que aqui hão de ficar, aprenderem bem a sua falla e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, fazerem-se christãos e crerem na nossa santa fé, á qual praza o Nosso Senhor, que os traga, porque certo esta gante é boa e de boa simplicidade, e imprimir-se-ha ligeiramente n'elles qualquer cunho, que lhes quizerem dar ; e logo Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, e elle, que nos por aqui trouve,creio, que não foi sem causa. E, portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja accrescentar na santa fé catholica, deve entender em sua salvação, e prazerá a Deus, que com pouco trabalho será assim. Elles não lavram, nem criam, nem ha aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem gallinha, nem outra nenhuma alimaria, que costumada seja ao viver dos homens ; nem comem senão d'esse inhame, que aqui ha muito, e d'essa semente e fructos, que a terra e as arvores de si lançam ; e com isto andam taes, e tão rijos e tão nedios, que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos. Emquanto alli este dia andaram, sempre ao som de um tamborim nosso, dansaram e bailaram com os nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus : se lhes homem acenava se queriam vir ás náos, faziam-se logo prestes para isso, em tal maneira que, se os homens todos quizéra convidar, todos vieram; porém não trouvemos esta noite ás náos senão quatro ou cinco, a saber: o capitão-mór dois, e Simão de Miranda um, que trazia já por pagem, e Ayres Gomes outro assim pagem. Os que o capitão trouve era um d'elles um dos seus hospedes, que a primeira, quando aqui chegámos, lhe trouveram, o qual veiu hoje aqui vestido na sua camisa, e com elle um seu irmão, os quaes foram esta noite mui bem agazalhados, assim de vianda, como de cama, de colchões e lençoes, pelos mais amansar.

Hoje, que é sexta-feira, primeiro dia de Maio, sahimos pela manhan em terra, com nossa bandeira, e fomos desem barcar acima do rio, contra o sul, onde nos pareceu, que seria melhor chantar a cruz para ser melhor vista ; e alli assignou o capitão onde fizessem a cova para a chantar. E, emquanto a ficaram fazendo, elle, com todos nós outros, fomos pela cruz, abaixo do rio, onde estava. Trouvêmol-a d'alli, com esses religiosos e sacerdotes diante, cantando, maneira de procissão. Eram já ahi alguns delles, obra de setenta ou oitenta ; e quando nos assim viram vir, alguns d'elles se foram metter debaixo d'ella a ajudar-nos. Passámos o rio, ao longo da praia, e fômol-a pôr onde havia de ser, que será do rio obra de dois tiros de bésta. Alli, andando n'isto, viriam bem cento e cincoenta ou mais.

Chantada a cruz, com as armas e divisa de Vossa Alteza, que lhe primeiro pregaram, armaram altar ao pé d'ella, e alli disse missa o padre Fr. Henrique, a qual foi cantada e officiada por esses já ditos. Alli estiveram comnosco a ella obra de cincoenta ou setenta d'elles, assentados todos em giolhos, assim como nós ; e quando veiu ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, elles se levantaram comnosco e alçaram as mãos, estando assim até ser acabada; e então tornaram-se a assentar como nós ; e quando levantaram a Deus, que nos puzemos de giolhos, elles se puzeram todos, assim como nós estavamos, com as mãos levantadas, e em tal maneira assocegados, que certifico a Vossa Alteza, que nos fez muita devoção. E estiveram assim comnosco até acabada a communhão, e depois da communhão commungaram esses religiosos e sacerdortes, e o capitão com alguns de nós outros. Alguns, por o sol ser grande, em nós estando commungando, alevantaram-se, e outros estiveram e ficaram. Um d'elles, homem de cincoenta ou cincoenta e cinco annos, ficou alli com aquelles

que ficaram; aquelle, em nós assim estando, ajuntava aquelles que alli ficaram, e ainda chamava outros. Este, andando assim entre elles, fallando-lhes acenou com o dedo para o altar, e depois mostrou o dedo para o céo, como quem lhes dizia alguma cousa de bem, e nós assim o tomámos. Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima e ficou na alva, e assim se subiu, junto com o altar, em uma cadeira, e alli nos prégou do Evangelho e dos apostolos, cujo dia hoje é, tratando em fim da prégação d'este vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, que nos causou mais devoção. Esses, que á pregação sempre estiveram, estavam, assim como nós, olhando para elle, e aquelle que digo chamava alguns, que viessem para alli. Alguns vinham e outros iam-se. Acabada a prégação, trazia Nicoláo Coelho muitas cruzes de estanho, que lhe ficaram ainda da outra vinda, e houveram por bem, que lançassem a cada um sua ao pescoço, pela qual cousa se assentou o padre Fr. Henrique ao pé da cruz, e ahi a um e um lançava a sua, atada em um fio ao pescoço, fazendo-lh'a primeiro beijar e alevantar as mãos. Vinham a isso muitos, e lançaram-as todas, que seriam obra de quarenta ou cincoenta, e isto acabado era já bem uma hora depois do meio-dia. Viemos ás náos comer, onde o capitão trouxe comsigo aquelle mesmo que fez aos outros aquella mostrança para o altar e para o céo, e um seu irmão com elle, ao qual fez muita honra e deu-lhe uma camisa mourisca, e ao outro uma camisa d'est'outras. E, segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhe fallece outra cousa para ser toda christan que entenderem-nos, porque assim tomavam aquillo que nos viam fazer como nós mesmos, por onde pareceu a todos, que nenhuma idolatria nem adoração têm; e bem creio, que se Vossa Alteza aqui mandar quem mais entre elles devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de

Vossa Alteza. E para isso, se alguem vier, não deixe logo de vir clerigo para os baptizar, porque já então terão mais conhecimento da nossa fé pelos dois degradados, que aqui entres elles ficam, os quaes ambos hoje tambem commungaram. Entre todos estes, que hoje vieram, não veiu mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre á missa, á qual deram um panno, com que se cobrisse, e puzeram-lh'o ao redor de si; porém ao sentar não fazia memoria de o muito estender para se cobrir; assim, Senhor, que a innocencia d'esta gente é tal, que a de Adão não seria mais quanta em vergonha. Ora, veja Vossa Alteza, quem em tal innocencia vive, ensinando-lhe o que para a sua salvação pertence, se se converterão ou não. Acabado isto, fomos assim perante elles beijar a cruz, e despedimo-nos e viemos comer.

Creio, Senhor, que com estes dois degradados, que aqui ficam, ficam mais dois grumetes, que esta noite se sahiram d'esta náo, no esquife, fugidos, os quaes não vieram mais; e cremos, que ficarão aqui, porque, de manhan, prazendo a Deus, faremos d'aqui nossa partida.

Esta terra, Senhor, me parece, que da ponta que mais está contra o sul vimos até outra ponta, que contra o norte vem, de que d'este porto houvemos vista, será tamanha, que haverá n'ella vinte ou vinte cinco leguas por costa; traz ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, d'ellas vermelhas e d'ellas brancas, e a terra por cima toda chan, e muito cheia de grandes arvoredos de ponta em ponta: é toda praia parma, muito chan e muito formosa; pelo sertão nos pareceu do mar muito grande, porque a estender olhos não podiamos vêr senão terra e arvoredos, que nos parecia mui longa terra. N'ella até agora não podemos saber se haja ouro nem prata, nem nenhuma cousa de metal, nem de ferro, nem lh'o vimos; porém a terra

em si é de muito bons ares, assim frios e temperados, como os d'entre Douro e Minho, porque n'este tempo de agora assim os achavamos como os de là : as aguas são muitas, infindas ; em tal maneira é graciosa, que, querendo-a aproveitar, dar-se-ha n'ella tudo por bem das aguas, que tem ; porém o melhor fructo, que n'ella se póde fazer, me parece, que será salvar esta gente, e esta deve ser a principal semente, que Vossa Alteza em ella deve lançar ; e que ahi não houvesse mais que ter aqui esta pousada, para esta navegação de Calecut, bastaria, quanto mais disposição para n'ella cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber : accrescentamento da nossa santa fé.

E n'esta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que n'esta vossa terra vi, e, se algum pouco alonguei, ella me perdôe, que o desejo, que tinha de vos tudo dizer, m'o fez assim pôr pelo miudo.

E pois que, Senhor, é certo, que assim n'este carrego, que levo, como em outra qualquer cousa, que de vosso serviço fôr, Vossa Alteza ha de ser de mim muito bem servido, a ella peço, que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Thomé Jorge de Soyro, meu genro, o que d'ella receberei em muita mercê. Beijo as mãos de Vossa Alteza.

D'este Porto Seguro da vossa ilha da Vera Cruz, hoje sexta-feira 1° dia de Maio de 1500.—*Pero Vaz de Caminha.*

HYMNOS PATRIOTICOS

COMPOSTOS POR

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA

POR OCCASIÃO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL

Pequena memoria lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro em sessão de 3 de Agosto de 1877.

PELO

DR. LUIZ FRANCISCO DA VEIGA

Socio do mesmo Instituto Historico

Ha factos de diminuto valor que vão avultando com o correr do tempo, que os doura, sublima e immortalisa.

Assim, os que constituem o assumpto d'este escripto.

E' geralmente conhecida a biographia de Evaristo Ferreira da Veiga, o redactor da *Aurora Fluminense*.

Além dos trabalhos biographicos, publicados em 1837, quando teve lugar o fallecimento d'aquelle immaculado patriota, existem: a biographia que acompanhou seu retrato na *Galeria dos brasileiros illustres* e a que devemos á varonil penna do conspicuo Sr. conselheiro barão Homem de Mello, e apreciações syntheticas e honrosissimas de diversos escriptores e oradores brasileiros e até estrangeiros.

O Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, reparando voluntaria e gostosamente uma falta involuntaria, por outrem motivada, está escrevendo, e já nos tem permittido em parte apreciar, uma muito instructiva e importantissima biographia d'aquelle nosso finado compatriota, uma biographia que é um verdadeiro poema heroico.

Referindo-se ao periodo da nossa independencia, na biographia de Evaristo, explicou o illuminado biographo a que ultimamente nos referimos o silencio de então d'aquelle brasileiro, attribuindo-o ao severo regimen paterno e á impossibilidade moral de ser perturbada a respeitosa harmonia d'aquelle regimen por qualquer rebeldia do mancebo patriota.

O facto é juridicamente verdadeiro, e sua explicação honrosa para o caracter de Evaristo e para o inspirado talento do illustrado e digno biographo.

O que é verdade, porém, é que Evaristo, posto só tivesse nos tempos férvidos da independencia vinte e dois annos de idade, e possuisse um pai austero de costumes e severo de doutrinas, não ficou mudo e impassivel n'esse dia da libertação do grande reino americano, que lhe fôra berço.

Não foi coryphêo, nem *patriarcha da independencia*, nem mesmo permittiu que seu nome figurasse em qualquer documento importante d'aquelle tempo; mas, anonymamente escreveu a favor d'essa legitima e irresistivel aspiração da sua patria.

Entre esses escriptos sobresahem, pela popularidade que conquistaram, os hymnos patrioticos que então compôz, hymnos que mereceram a acceitação do primeiro Imperador, do publico fluminense e das provincias, *maximè* o que tem por estribilho: « *Brava gente brasileira.* »

Na sua *Historia do Brasil*, á pag. 224, diz o historiador inglez John Armitage, referindo-se a Evaristo:

« Entre as suas primeiras producções poeticas deve contar-se o hymno nacional « *Brava gente brasileira*, » que foi depois publicado como obra de D. Pedro. »

No elogio recitado pelo Sr. Dr. Antonio Felix Martins, hoje conselheiro e barão de S. Felix, na Loja Integridade Maçonica, por occasião das exequias celebradas pela maçonaria á memoria de Evaristo Ferreira da Veiga, lê-se o seguinte:

« Sua juventude foi consagrada ao conhecimento das linguas latina, portugueza, italiana, franceza e ingleza, ao estudo de philosophia e rhetorica, e á cultura do talento poetico, e, muitas vezes, inspirado pelo céo de sua patria, pelo aspecto de suas montanhas, pela sombra de suas mangueiras, pelo porte de suas palmeiras, pelo ruido de cascatas, e sobre tudo pela aura vital com que as azas da liberdade o favonearam, desferiu versos dignos dos Gonzagas, dos Caldas e dos Alvarengas, tão queridos das musas.

. . . . . .

« O grito da independencia, partido do Ypiranga, ribombando em todo o Brasil, que desde esse momento esboroou as algemas que, por mais de tres seculos, arrocharam os seus pulsos e enervaram suas faculdades, cujo desenvolvimento tanto temêra a metropole, lhe offereceu o opportuno ensejo de desprender as azas do genio, já assaz emplumado, para elevar-se muito acima do balcão. Electrisado pela centelha da liberdade, abrasado por ella seu coração, elle teceu, em prosa e na linguagem das musas, elogios ao primeiro dia do Brasil, e suas expressões assaz annunciavam que elle estava de uma vez votado aos interesses de seu paiz, a despeito de todas as forças que contra elle se empenhassem; com effeito elle teve logo de combater impressos que correram contra a independencia e de burlar planos traçados da *reivindicação da colonia*. Comtudo, ou por modestia, ou por não se achar ainda bem apparelhado para a grande luta, não inseria seu nome a seus escriptos. »

No extenso e minucioso elogio feito ao mesmo cidadão pelo Sr. Dr. Luiz Vicente De Simoni lê-se tambem o seguinte:

« Evaristo, sem fazer alarde de sua riqueza intellectual, e mesmo escondendo-a, conservou-se por muito tempo cauto e modesto em seu privado retiro, de maneira que sua

cultura e talento apenas eram conhecidos e apreciados por alguns amigos que o frequentavam ; e quando, depois do grande dia do Ypiranga, o pavilhão brasileiro, tremulando sobre as fortal··zas americanas, por muitos annos dominadas pelo das quinas, annunciou ao mundo o surgimento de uma nova nação, o enthusiasmo do amor da patria lhe pôz a lyra na mão, para applaudir a libertação de seu paiz. Timido ainda e desconfiado de seus meios e de si mesmo, elle conservou o véo do anonymo, debaixo do qual publicou *varios opusculos, não só em prosa, como na linguagem das musas.* O espirito que, para instruir-se e exercer-se na eloquencia, havia meditado sobre as obras dos classicos, não só acompanhára, com o pensamento, a Cicero, no fôro e no senado, mas subira tambem ao Parnaso com Virgilio e com Horacio, e continuamente embalado por seus maviosos encantos, contrahira uma alta paixão pela poesia. N'esta elle empregava algumas vezes com successo o calor de seu genio elevado, e as vibrações de seu coração juvenil, patriota e virtuoso. Entre suas producções d'este genero c.tam-se o hymno nacional « *Brava gente brasileira,* » de que D. Pedro compôz a musica, e o *Hymno marcial* que cantavam os corpos militares da guarnição. »

Evaristo nunca teve a menor relação ou communicação com a familia real e imperial.

Seu irmão mais velho, João Pedro da Veiga, porém, tendo aceitado (requerendo, por insinuação do proprio rei D. João VI) um modesto emprego na casa real, permaneceu ainda por algum tempo, n'esse emprego, nos primeiros annos do reinado do Sr. D. Pedro I.

Tendo seu irmão Evaristo composto um hymno patriotico á independencia do Brasil, isto em data de 16 de Agosto de 1822, portanto vinte e um dias antes do grito do Ypiranga, mandou elle imprimir esse hymno, que tem o

referido estribilho « *Brava gente brasileira,* » e levou doze exemplares d'elle ao paço imperial (1).

Offertando ao primeiro Imperador seis exemplares e retirando-se com outros seis, afim de offertal-os á Imperatriz, disse-lhe D. Pedro (textual): *Para quem leva isto?* Respondeu-lhe o offertante: *Para S. M. a Imperatriz.* O Imperador, porém, retorquio: *Para que quer ella isso? dê-me mais quatro.* No que foi obedecido.

Este facto foi varias vezes contado, em familia, pelo Sr. João Pedro da Veiga, nosso venerado pai, e sua palavra foi sempre para nós e para todos os que o trataram um Evangelho.

Nunca a mentira queimou ou polluio aquelles honrados labios, que só foram orgãos da verdade.

O hymno patriotico, pois, que tem o estribilho « *Brava gente brasleira,* » foi irrefutavelmente obra de Evaristo Ferreira da Veiga, um dos poucos tributos que o mancebo fluminense pagou á patria no dia da sua libertação.

Vamos, porém, dizer mais alguma cousa sobre este, pelo menos, interessante assumpto, *ex abundantia cordis.*

E' interessante, senão importante, tudo o que importou adhesão e solidariedade para a independencia de uma nação.

O fallecido visconde de Cayrú, com a assignatura adoptada de *Jurista*, escreveu, entre outros artigos, o seguinte no *Diario do Rio de Janeiro* de 10 de Setembro de 1833, no periodo culminante das refregas do grande partido nacional, identificado com o governo, contra os tramas insidiosos e miserandos dos clubs *restauradores*:

(1) A bibliotheca publica possue tres dos hymnos patrioticos de Evaristo Ferreira da Veiga, e, entre elles, o que tem o estribilho « *Brava gente brasileira,* » impressos (impressos, note-se) em 1822, na typographia do *Diario*

« Lembranças ha, que, á primeira vista, parecem de objectos pequenos e insignificantes ; mas são na realidade importantes e de effeitos transcendentes, quando excitam a reminiscencia de factos que por si fallam em honra dos bemfeitores publicos, e assaz se adverte que não devem ficar em esquecimento certos actos dos principes das nações, que deram forte impulso ao corpo politico, para se executarem cousas grandes Tal foi o decreto com que o Sr. D. Pedro de Alcantara, depois da referida proclamação, ordenou o tôpe nacional e a divisa da *independencia ou morte*. Tal foi tambem o hymno patriotico, *de sua letra* e musica, com que deu elevação ao espirito brasileiro, e que foi aceito pelo povo da côrte e provincias, sendo d'ahi em diante cantiga popular e militar :

« *Brava gente brasileira,*
Etc.
« *Nossos peitos, nossos braços,*
« *São muralhas do Brasil.* »

« E' de cordial congratulação a todos os verdadeiros amantes da patria que este hymno, com a sua musica, se acha estampado na obra ingleza do Dr. Walsh, secretario de lord visconde de Strangford, embaixador de S. M. Britannica, que ahi brevemente refere muitas acções egregias do proclamador da independencia do Brasil. Elle tambem louva o talento raro d'esse genio de harmonia, attribuindo-lhe a composição de melodias sagradas do *Te-Deum*, com que solemnisava os dias mais insignes do calendario ecclesiastico. Os sempre fieis e agradecidos habitantes do Brasil têm por isso mais uma razão de o venerarem com perpetua memoria, como tendo o espirito duplicado dos antigos philarmonicos da *Historia Heroica*, Theophilo e Amphião,

que fundou a *Thebas de cem portas*(1). Embora maldizentes, esquecidos dos bens sem numero que D. Pedro I fez ao Brasil, antes e depois da proclamação da sua independencia, porfiem eclipsar-lhe a gloria; embora almas vulgares, tendo cauterisada a consciencia, bebendo já o crime como agua, em ignominiosa caterva, não cessem de aspersões nefarias contra o bemfeitor ausente, é lícito dizer-lhes: —vieram mui tarde para tirar-lhe o credito, que está firme e esplendido na chronica da Europa, onde se acham os juizes competentes do merito politico. Tambem no Brasil ha *brava gente brasileira*, que é excepção da regra do mundo corrupto: não nega os beneficios, e faz votos pela vida, saude e prosperidade do bemfeitor da terra da Santa Cruz(2). »

Na *Aurora Fluminense* de 13 do mesmo mez e mesmo anno deu Evaristo a seguinte resposta a este abstruso dythirambo:

« O *Jurista*, esquadrinhando pretextos para exaltar ás nuvens o Sr. D. Pedro I, lá foi topar com um hymno patriotico, que elle nos deu de mimo, e por conta do qual o *Jurista* se extasia em louvores ao seu heróe alexandrino; veremos se com razão. Ouçamol-o primeiro: « Tal foi, diz « elle, tambem o hymno patriotico *de sua letra* e musica, « com que deu elevação ao espirito brasileiro, e que foi « aceito pelo povo da côrte e provincias, sendo d'ahi em « diante cantiga popular e militar:

« *Brava gente brasileira, etc.*
« *Nossos peitos, nossos braços,*
« *São muralhas do Brasil.* »

(2) Conservamos todas as bellezas de redacção do *Jurista*.

« Conta ao depois o *Jurista* que esse hymno veiu estampado na obra do Dr. Walsh, secretario de lord Strangford, o que é de cordial congratulação a todos os verdadeiros amantes da patria. Gaba por fim o espirito duplicado do ex-Imperador, semelhante ao dos antigos philarmonicos Theophilo, Amphião, etc.

« Vamos á letra do hymno « *Brava gente*, » diz Evaristo : se elle vale ou não alguma cousa, nós não somos o juiz competente ; mas o que podemos certificar é que não foi obra do ex-Imperador. Esse hymno, aceito pelo povo da côrte e provincias, estampado na obra do Dr. Walsh, e elevado, emfim, a tantas honrarias, como as que eloquentemente refere o *Jurista*, *é sahido do humilde balcão e producção mesquinha da nossa primeira mocidade*. Em que desastrado engano foi cahir o nosso antagonista! Sem duvida terá elle de desdizer-se ante o povo *caramuruano* de todos os seus louvores hyperbolicos, e de fazer solemne protestação de que esses encomios todos eram prodigalisados, porque elle suppunha ser o pobre hymno obra do Sr. D. Pedro I. Não sendo assim, o *Jurista* dá o dito por não dito, e o declara *pueril, chôcho, mal versificado, e até jacobinico e digno da forca!* Poucas vezes um bom cortezão se tem visto em entalação semelhante ; e o adulador, que, illudido por Luiz XIV. em face do rei, chamou detestavel um epigramma de sua composição, não se achou ao depois em maior angustia e anciedade. O genio da adulação arrasta algumas vezes a terriveis contratempos ! Passemos á musica. Ha, com effeito, uma musica adaptada ao hymno brasileiro, a qual dizem ser do ex-Imperador, bem como existe outra da composição do insigne Marcos Portugal. E' a esta ultima que temos ouvido fazer elogios ; quanto á do principe, *com a ajuda dos vizinhos*, não sabemos que seja tão apreciada. Todavia, como não entendemos da ma-

teria, deixamos a decisão d'esse negocio a quem de direito pertencer. Que não haja tambem algum *quiproquo* ácerca da musica, assim como houve a respeito da letra, e por fim nada reste ao Theophilo-Amphião, fundador da *Thebas de cem portas*(3) e autor do hymno « *Brava gente!* » Tenha cautela o *Jurista*, afim de que não appareça algum curioso reclamando o seu trabalho da composição musical. »

No *Diario* de 20 do já referido mez transcreve o *Jurista* uma parte do artigo da *Aurora*, a qual, como vimos, terminava assim :

« Sem duvida terá elle de desdizer-se ante o povo *caramuruano* de todos os seus louvores hyperbolicos, e de fazer solemne protestação de que esses encomios eram todos prodigalisados, porque elle suppunha ser o pobre hymno obra do Sr. D. Pedro I. Não sendo assim, o *Jurista* dá o dito por não dito, e o declara *pueril*, *chôcho*, *mal versificado*, *e até jacobinico e digno da forca!* »

Depois de transcrever esta parte do artigo, desdizendo-se deploravelmente, como tinha previsto o redactor da *Aurora*, exclama o impavido *Jurista*: « Respondo—tu disseste, não eu. »

De sorte que o visconde de Cayrú, isto é, o *Jurista*, mudava totalmente de opinião a respeito do merecimento do mencionado hymno da independencia, só porque não era elle producção do primeiro Imperador, mas do homem logico e pundonoroso que contraminava valentemente os planos ignominiosos da facção *restauradora*, da qual era elle o inglorio João das Regras!

(3) O Sr. Evaristo olvidou-se de notar o grave erro historico e geographico commettido pelo visconde de Cayrú: houve duas cidades chamadas Thebas, uma no Egypto e outra na Grecia; a do Egypto é que se denominava de *cem portas* ou antes de *cem palacios*; mas Amphion foi rei da Thebas grega, que nada tem com cem portas ou palacios.

Eis o pudor da coherencia e a coherencia do pudor dos immortaes paladinos do primeiro reinado!

Finalmente, diz o *Jurista*:

« O silencio do jornalista, por um decennio, é titulo valioso de *prescripção(!)* para se desprezar o *trincafio*, e peior que *ponta de letrado*, do *rabulistico reivindicador.* »

Omittimos grosserias e insolencias deploraveis...

Como é natural, não ficou este artigo sem a merecida resposta. Em sua *Aurora* de 23, ainda do dito mez de Setembro, escreveu Evaristo, treplicando:

« Pensava-se que o *Jurista*, apanhado em flagrante de adulação, nos hyperbolicos elogios que deu ao hymno « *Brava gente brasileira*, » entendendo ser obra do ex-Imperador, guardasse agora o silencio, ou se contentasse de responder—enganei-me. Não foi assim: o *Jurista* quiz mostrar que não é homem que se desça de seu erro, e que no seu arsenal de más razões ainda tem algumas com que possa encher duas columnas do *Diario* sobre a materia, mesmo propondo-se a contradizer a verdade conhecida por tal. A primeira coartada que dá para provar que o hymno « *Brava gente* » pertence com effeito ao duque de Bragança, e que por consequencia é elle o Theophilo-Amphião das *cem portas*, consiste em que na semana de Julho existiu em Paris Evaristo Dumoulin, um dos patriotas que contribuiram para ser derribado o estupido despotismo dos Bourbons, e que nos chamamos tambem Evaristo. Ora, á vista de tão feliz achado, quem não confessará que o *Jurista* sahiu victorioso da contenda, e que o Dr. Walsh, secretario de lord Strangford, é grande autoridade ácerca da propriedade dos hymnos patrioticos? O *Jurista*, irritado da conspiração com que machinámos roubar ao augusto fundador a *crença publica* de ter sido autor da pobre cantiga, diz-nos mil injurias que nós de boamente perdoamos

aos seus setenta e sete annos; e declara que logo prevenira parecer o objecto á primeira vista trivial e insignificante, mas que se constituira de transcendente importancia, por ter o principe regente destinado por esse expediente dar elevação ao espirito brasileiro. Nós o tinhamos já previsto: todo o merito da cantiga estava em ser obra de D. Pedro; sabendo-se quem é o verdadeiro autor, ella não passa de cousa trivial e insignificante.

. . . . . .

« Por ultimo o *Jurista* se admira de que por dez annos não reclamassemos a propriedade do hymno de que se trata: a cousa não valia a pena, e tambem ninguem até agora, que soubessemos, nos havia contestado essa exigua propriedade. »

Saltemos de 1833 para 1862: é um não diminuto periodo de... apenas vinte e nove annos: a verdade é eterna, e a mentira só transitoriamente triumphará n'este mundo, a despeito de todos os interesses inconfessaveis que n'elle se gladiam, a despeito de todas as paixões miserandas que n'elle bramem e refervem...

Tendo o programma da ceremonia da collocação da pedra fundamental do monumento que se ia erguer na praça da Constituição ao Sr. D. Pedro I declarado qne seriam encerrados em uma caixa de cedro, entre outros objectos, o *Hymno da independencia*, composto pelo primeiro Imperador e as folhas diarias do dia, aguardámos esse acontecimento, e no dia em que elle teve lugar, isto é, a 1 de Janeiro de 1862 fizemos publicar nas paginas do *Jornal do Commercio*, do *Correio Mercantil* e do *Diario* o seguinte protesto:

« Tendo apparecido n'esta folha o programma da festa que tem de haver no dia 1° de Janeiro de 1862, pela collocação da primeira pedra do monumento que se vai erigir á

memoria do Sr. D. Pedro I, e dando-se n'esse programma o hymno da independencia como obra do mesmo Imperador, seja-nos licito reivindicar para o cidadão Evaristo Ferreira da Veiga o legitimo quinhão que lhe cabe na gloria d'aquelle hymno, porquanto foi elle o autor da letra, d'essas quadras ardentes de patriotismo, que o povo brasileiro ainda hoje canta com enthusiasmo, e cantará por muitos seculos futuros, se aprouver a Deus. »

Este breve protesto deu lugar a uma pequena discussão, procurando mostrar nosso contendor a inculpabilidade da commissão directora da inauguração da estatua equestre, que apenas se referira ao *Hymno da independencia* em geral, sem fazer menção dos versos, aliás parte essencial do mesmo hymno.

Em todo o caso, dentro da caixa de cedro ficaram, ao lado do programma da commissão e do hymno, as folhas diarias que os rectificam para sempre...

N'esse tempo ainda era vivo felizmente o Sr. João Pedro da Veiga, nosso honrado pai, e d'elle só tivemos nova confirmação, inteiramente desnecessaria á vista da declaração positiva e solemne de Evaristo, em sua *Aurora Fluminense* de 13 de Setembro de 1833, sobre a paternidade do alludido hymno.

Fallecendo a 2 de Maio do dito anno de 1862 o Sr. João Pedro da Veiga, encontrámos, entre outros manuscriptos de Evaristo, os autographos de todas as suas numerosas poesias, tendo cada uma a propria data em que foi composta, e mais uma nitida copia d'essa collecção de versos, por ordem chronologica, devida á penna de um digno brasileiro, um dos caracteres mais rigidos que temos conhecido, amigo e compadre tanto do Sr. Evaristo, como do Sr. João Pedro da Veiga, o tambem fallecido fluminense João José Dias Camargo, irmão do Sr. desembargador José Ignacio Vaz Vieira.

Entregámos á viuva de Evaristo todos os *autographos* das poesias de seu fallecido marido, que encontrámos, com exclusão dos dos *sete* hymnos da independencia, seis dos quaes (dos *autographos*) offerecemos a este Instituto, acompanhados de uma carta nossa, que o mesmo Instituto (do qual não tinhamos então a honra de ser membro) resolveu mandar publicar na sua *Revista*, onde de facto foi inserta á pag. 682 do quarto trimestre de 1862.

Este Instituto possue, pois, em seu archivo, *os autographos* dos hymnos patrioticos compostos por Evaristo Ferreira da Veiga por occasião da independencia do Brasil, *e taes quaes foram escriptos n'aquella mesma occasião*, o que dá a esses *autographos* um precioso cunho, um caracter ainda mais respeitavel, um grato perfume d'esses tempos heroicos.

Na *Revista Popular* de 15 de Setembro de 1862 fizemos publicar os referidos hymnos, com exclusão de um que, talvez erradamente, julgámos inferior, e cujo *autographo*, como já declarámos, não offertámos a este Instituto.

Cumpre não esquecer que Evaristo tinha vinte e dois annos de idade, quando compôz esses versos, que apenas tiveram, e têm, o grande merito historito e politico de terem sido a expressão do querer, do pensar e do sentir do pujante Brasil-povo no dia da sua libertação.

Tambem o egregio Beranger, o *homem-nação*, como o denominou Lamartine, não se julgou digno das honras do Instituto de França pelas suas canções populares... E o culto das musas foi para Evaristo apenas uma diversão; nunca uma profissão ou occupação habitual.

Outro devia ser, e outro foi, o theatro de suas glorias: a imprensa, a Sociedade Defensora da Liberdade Nacional e a Camara dos Deputados.

E', entretanto, digno de ser rememorado, apreciado e

louvado, tudo o que ligou-se sympathicamente e foi propicio á independencia de um povo.

Quanto á musica, é sabido (e já foi dito no citado artigo da *Aurora* de 13 de Setembro de 1823) que existem duas : uma do provecto compositor portuguez Marcos Portugal, a primeira que se compôz, e por meio da qual foi, nos primeiros tempos, cantado o ***Hymno da independencia*** (asserto este que nos foi confirmado pelo distincto professor e compositor brasileiro o fallecido fluminense Francisco Manoel da Silva), e outra que se attribue ao Sr. D. Pedro I.

Quanto aos versos da duas musicas, *são os mesmos* e da lavra de Evaristo Ferreira da Veiga, como ficou dito e provado.

Sobre este ponto apenas nos é permittido accrescentar o seguinte : que, ainda quando houvesse carencia absoluta de documentos (e elles são de sobra) para provar que foi Evaristo Ferreira da Veiga o autor do *Hymno da independencia*, que tem o estribilho « *Brava gente brasileira* » (como foi de mais outros seis e de outras muitas poesias, entre as quaes a « Despedida de Minas, » que foi publicada em 1837 no *Museu Universal* e que foi sua ultima composição poetica), nunca poderia ser tal hymno producção do primeiro Imperador. Basta lêl-o : D. Pedro não poderia dizer de si em 1822 (fazemos-lhe esta justiça) o que se lê nos versos d'aquelle hymno ; seria triste, estulto e soberanamente ridiculo.

Em casa do Sr. Arthur Napoleão, o eminente pianista, hoje commerciante, á rua dos Ourives n. 56, encontram-se á venda as duas musicas, estando a poesia de Evaristo *dividida* entre ellas.

Em um hymno patriotico parece-nos, entretanto, que os versos, isto é, as palavras, isto é, a fórmula mais expressiva e authentica do pensamento humano, tem preeminencia sobre a musica.

Escrevendo sobre este ponto, dissémos o seguinte, nas paginas do *Jornal do Commercio* de 6 de Janeiro de 1862, respondendo a uma observação que então nos foi feita:

« Não ha paridade alguma entre um hymno patriotico, um hymno nacional e uma peça lyrica de canto italiano. Rouget d'Isle é conhecido no mundo, e principalmente em França, como autor da *Marselheza*, não tanto por causa da musica (que é igualmente de sua composição e esplendida), mas principalmente por causa d'aquelles celebres versos, animados do fogo sagrado da liberdade e do patriotismo.

« O que se cantava e se canta entre nós, o que electrisava e electrisa o espirito nacional não é ou não são a musica ou as musicas do *Hymno da independencia* (e tanto assim é que ha duas musicas que rarissimos distinguem), porém o verbo potente, talvez rude, mas inspirado da emancipação de uma grande nação americana.

« O povo brasileiro não dizia, nem diz—*dó*, *ré*, *mi*, *fá*, *sol*, *lá*, *si*—mas « *Brava gente brasileira*, » etc. Isto é que o anima e enthusiasma, porque o engrandece, nobilita e exalta, porque é a concreção de seu amor-proprio nacional, porque é a explosão, cheia de hombridade, de seu patriotismo, um quasi desafio aos que pretenderem combater ou suffocar seus anhelos férvidos de independencia !

« O que excita o patriotismo ou o nacionalismo do inglez não são tanto as harmonias meio selvaticas de seus hymnos, porém estas expressões orgulhosas e caracteristicamente nacionaes: « *Rule*, *Britannia*, *rule the waves*, » ou « *God save the Queen.* »

Para a grande maioria ou para a quasi totalidade da nação brasileira não existe senão um *Hymno da independencia*, o que tem por estribilho « *Brava gente brasileira.* »

Com musica do primeiro Imperador ou de Marcos Por-

tugal se podem recitar quaesquer quadras que tenham o mesmo rythmo e o mesmo numero de syllabas, e ninguem reconhecerá o *Hymno da independencia*; recitai, porém, a poesia que tem por estribilho « *Brava gente brasileira* » com qualquer outra musica que com ella se adapte, e todos dirão: Eis o *Hymno da independencia* com diversa modulação ou melodia.

Evaristo Ferreira da Veiga, repetimos, não foi *patriarcha da independencia do Brasil* (era muito moço para sêl-o), não foi coryphêo d'esse heroico movimento de libertação do grande reino americano, não inseriu mesmo seu singelo nome em nenhum documento official d'esse pleito de honra para todos os brasileiros válidos; mas, no seu modesto retiro, ignorado e arredio, ergueu um canto cheio de civismo e de nobres estimulos, formulou um hymno patriotico, vinte e um dias antes do grito do Ypiranga, em prol da libertação do futuro Imperio brasileiro!... Não foi, pois, mudo e impassivel espectador d'essa luta gloriosa, d'esse tão nobre e tão digno certame, e podia dizer aos seus compatricios, na hora do seu infausto passamento, referindo-se áquella éra auspiciosa, aurora do grande dia (o 7 de Abril de 1831) que viu jubiloso surgir: « Eu tambem então palpitei, provei ou revelei a minha existencia, quando a patria nascia... quebrando seus grilhões... »

Em 2 de Agosto de 1877.

Hymnos Patrioticos

COMPOSTOS POR

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA

POR OCCASIÃO DA

INDEPENDENCIA DO BRASIL

1º

HYMNO CONSTITUCIONAL BRASILIENSE (*)

Já podeis, da patria filhos,
Vêr contente a mãi gentil :
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil.

Brava gente brasileira !
Longe vá temor servil ;
Ou ficar a patria livre,
Ou morrer pelo Brasil.

Os grilhões que nos forjava
Da perfidia astuto ardil...
Houve mão mais poderosa...
Zombou d'elles o Brasil.

Brava gente brasileira, etc.

(1) Os elogios prodigalisados a D. Pedro I, n'estes e nos outros hymnos, pelo futuro redactor da *Aurora Fluminense* provam com quanto amor foi D. Pedro aceito pelos brasileiros, quanto n'elle confiavam, e provam que só seus actos posteriores poderam divorcial-o da nação brasileira. Evaristo era monarchista, mas prezava a liberdade constitucional.

O real herdeiro augusto,
Conhecendo o engano vil,
Em despeito dos tyrannos,
Quiz ficar no seu Brasil.

Brava gente brasileira, etc.

Revoavam sombras tristes
Da cruel guerra civil;
Mas fugiram apressadas,
Vendo o anjo no Brasil.

Brava gente brasileira, etc.

Mal soou na serra, ao longe,
Nosso grito varonil,
Nos immensos hombros, lógo,
A cabeça ergue o Brasil.

Brava gente brasileira, etc.

Filhos, clama, caros filhos,
E' depois de affrontas mil
Que a vingar a negra injuria
Vem chamar-vos o Brasil.

Brava gente brasileira. etc.

Não temais impias phalanges,
Que apresentam face hostil:
Vossos peitos, vossos braços
São muralhas do Brasil.

Brava gente brasileira, etc.

Mostra Pedro, á vossa frente,
Alma intrepida e viril;
Tendes n'elle o digno chefe
D'este Imperio do Brasil.

Brava gente brasileira, etc.

Parabens, ó! brasileiros!
Já com garbo juvenil
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brasil.

Brava gente brasileira, ete.

Parabens ; já somos livres ;
Já brilhante e senhoril
Vai juntar-se em nossos lares
A assembléa do Brasil. (2).

Brava gente brasileira, etc.

Em 16 de Agosto de 1822.

(2) Esto e os outros hymnos da independencia aqui insertos, com exclusão do quinto, são pura copia dos *autographos* existentes no archivo do Instituto.

2°

HYMNO MARCIAL

Valentes guerreiros,
Que a fama buscais
E as armas alçais
A novo explendor ;
Mostremos ao mundo
Bravura, energia ;
A patria confia
No nosso valor.

Oh ! vós, que aos clamores
Da Patria correstes
E nada temestes
No heroico fervor ;
Mostremos ao mundo, etc.

E vós, que, seguindo
As novas bandeiras,
Antigas fileiras
Deixastes sem dôr ;
Mostremos ao mundo, etc.

Ouvi de Bellona
O grito que entôa ;
Ao longe já sôa
Da guerra o fragor.
Mostremos ao mundo, etc.

Se vive na fama
De heróes a memoria,
Salvou-os a gloria
Do tempo ao furor.
Mostremos ao mundo, etc.

Que horror nos combates !
Que p'rigos no assalto !
Mas, falla mais alto
O bellico ardor.
Mostremos ao mundo, etc.

Os chefes zelosos
Vos vão excitando ;
Marchai ao seu mando,
Sem susto ou temor.
Mostremos ao mundo, etc.

Fiel disciplina
De Marte é diviza ;
Seguir-se precisa
A vóz sup'rior.
Mostremos ao mundo, etc.

A mão bemfeitora
De Pedro immortal
Quiz ser liberal
Em nosso favor.
Mostremos ao mundo, etc.

Os seus beneficios
Nos peitos guardai
E gratos lhe dai
Mil provas de amor.
Mostremos ao mundo, etc.

Em vós, ó ! guerreiros !
A patria descansa ;
Da sua esperança
Vós sois o penhor.
Mostremos ao mundo, etc.

Por vós não receia
Inimigos alfanges,
Nem teme as phalanges
De injusto oppressor.
Mostremos ao mundo, etc.

Da esposa e dos filhos
Quem guarda o direito
Não teme o seu peito
Aos tiros expôr.

Mostremos ao mundo, etc.

Corramos á gloria,
Que assim nos convida ;
Mais vale que a vida
Da patria o louvor.

Mostremos ao mnndo, etc.

Em 19 de Agosto de 1822

3°

INDEPENDENCIA OU MORRER

Ouvi, o ! povos, o grito
Que vamos livres erguer ;
O Brasil sacóde o jugo:
Independencia ou morrer.

Leis que a impostura ditava
Não mais devemos soffrer ;
Ferros nunca, nem dourados:
Independencia ou morrer.

Congresso oppressor jurára
Nossos fóros abater ;
Em seu despeito, jurámos :
Independencia ou morrer.

Um povo que quer ser livre,
Livre por força ha de ser ;
E' esta a lei das nações :
Independencia ou morrer.

Temos heróe que trabalha
Em nosso jús defender ;
Longe fuja o servilismo ;
Independencia ou morrer.

Unem-se força e direito
Para as cadêas romper ;
Mão real as despedaça:
Independencia ou morrer.

Depois de trezentos annos,
Livre o Brasil vai viver ;
Deve a Pedro a liberdade :
Independencia ou morrer.

Da nossa patria, o ! Regente !
Só tu penhor pódes ser ;
Ou Pedro, ou deixar a vida :
Independencia ou morrer.

O Brasil, do mundo inveja,
Não deve em ferros gemer ;
E' tempo, sejamos livres :
Independencia ou morrer.

Abrasado em patrio zelo,
Sente-se o sangue ferver ;
Resôa em todas as bocas :
Independencia ou morrer.

Embóra esquadrões armados
Ferros nos venham trazer,
E' brazão das almas livres :
Independencia ou morrer.

Os satellites do crime
O que nos podem fazer ?
Jurámos no altar da patria :
Independencia ou morrer.

Os corações dos tyrannos
Hãode cobardes tremer,
Vendo escripto em fortes braços :
Independencia ou morrer.

Nós escravos ! o ! vergonha !
Mais vale a vida perder !...
Nossa patria tem por timbre :
Independencia ou morrer.

Havemos entre as nações
Nossos direitos manter :
Corra embora o sangue em rios :
Independencia ou morrer.

Vem, o ! Brasil ! os teus filhos
Hoje abraçar de prazer ;
De ti são dignos seus votos :
Independencia ou morrer.

Em 16 de Setembro de 1822.

4º

HYMNO PATRIOTICO

Já da querida patria
Foi decidida a sorte;
E' do Brasil divisa:
Independencia ou morte.

Temos por nós a Pedro,
Heróe prestante e forte;
Longe o receio fuja,
Independencia ou morte.

Quer Pedro, o! vis tyrannos!
Que o negro plano aborte;
Queremos nós com elle
Independeneia ou morte.

Do throno e Patria esteios,
O! filhos de Mavórte!
Dentro gravai dos peitos:
Independencia ou morte.

Da guerra entre os horrores
Vosso valor conforte
O grito da victoria:
Indcpendencia ou morte.

De nossos lares fuja
Feroz, hostil cohorte,
Ao lêr em vossos braços,
Independencia ou morte.

Quem haverá que os ferros
Da escravidão supporte?
Ao vêl-os, quem não clama:
Independencia ou morte?

No Prata, no Amazonas,
Do sul resôe ao norte
O grito que retumba :
Independencia ou morte.

Os pais da patria venham
Com venerando porte
Dar leis, que têm por base
Independencia ou morte.

Recebam destes povos,
Entre o geral transporte,
O santo juramento :
Independencia ou morte.

Em 19 de Setembro de 1822.

5°

HYMNO PATRIOTICO (1)

De seus briosos filhos
Hoje o Brasil precisa
E dá-lhes por divisa:
Independencia ou morte.

Nos ferros dos tyrannos
Triste infeliz gemia,
Mas clama n'esse dia:
Independencia ou morte.

Roubar os nossos fóros
Quer oppressor congresso;
A vida perca o preço,
Independencia ou morte.

Corramos aos combates,
A gloria está segura;
Comnosco Pedro jura
Independencia ou morte.

O heróe nos mostra escripto
No braço seu prestante,
Em letra rutilante:
Independencia ou morte.

Do principe execellente
Vai ser eterna a gloria;
Dá-lhe por timbre a historia
Independencia ou morte.

(1) D'este hymno não foi offerecido o respectivo *autographo* ao Instituto, como declara o autor da memoria; este autographo está em poder da Exma. viuva de Evaristo.

Por elle as vis cadêas
Quebrâmos de Lisboa:
Por elle entre nós sôa:
Independencia ou morte.

Grato o Brasil a Pedro
Incensos mil tributa,
E um só clamor escuta
Independencia ou morte.

Brasilica assembléa
Se vem aqui juntar;
Por base as leis vai dar
Independencia ou morte

O! gente brasileira!
Surge da escuridão!
Surge! já sois nação!
Independencia ou morte.

Rompa de vossos labios
Voz que nos peitos clama;
Repita ao longe a fama:
Independencia ou morte.

Amavel liberdade,
Que os braços nos estende,
Nosso paiz defende:
Independencia ou morte.

Vê, o! querida patria!
Quanto fieis te amamos!
No teu altar juramos:
Independencia ou morte.

Em 19 de Setembro de 1822.

6°

HYMNO NACIONAL BRASILIENSE

Parabens, ditosos filhos
Do brasilico hemispherio!
Vossa patria, novo Imperio,
Ergue a fronte sem temor.
Jura o povo brasileiro
Dar contente os bens, a vida,
Pela patria tão querida,
Pelo grande Imperador.

Os tyrannos intentavam
Lançar ferros ao Brasil,
Mas um peito varonil
Lhes rebate o vão furor.
Jura o povo brasileiro, etc.

Por mil leguas os limites
Este Imperio ao longe estende ;
Seus direitos lhe defende
Pedro, o anjo protector.
Jura o povo brasileiro, etc.

Pedro existe á nossa frente ;
O triumpho está seguro :
E' da patria o forte muro
Seu denodo e seu valor.
Jura o povo brasileiro, etc.

Já nação a par das outras,
O Brasil assombra o mundo;
Ruge a inveja, e no profundo
Vai sumir-se a immensa dor.
Jura o povo brasileiro, etc.

Sabias leis espera o povo
Da brasilica assembléa;
De cem luzes a rodeia
Brilhantissimo explendor.
Jura o povo brasileiro, etc.

Aos conselhos seus presida
Zelo ardente, sã prudencia;
Firmem nossa independencia.
Contra as furias do aggressor.
Jura o povo brasileiro, etc.

Vinde, o! povos! neste dia
Contemplar a patria cara!
Seu destino lhe prepara
No universo o gráo maior.
Jura o povo brasileiro, etc.

Em 14 de Outubro de 1822.

7°

HYMNO PARA O BATALHÃO DO IMPERADOR

Hoje a patria é quem vos chama,
O! valentes brasileiros,
E do ferro dos guerreiros
Vossos braços vem armar.
Bravos filhos de Mavorte
Já no campo estais da gloria ;
Vamos, vamos á victoria,
Combater e triumphar.

Do Brasil a mãi primeira,
Formosissima Bahia,
Da feróz aleivosia
Quer os vis grilhões quebrar.
Bravos filhos de Mavórte, etc.

Do Janeiro sobre as margens
Seus clamores escutastes :
Desde logo alli juraste
Os seus muros libertar.
Bravos filhos de Mavorte, etc.

Eis da guerra o clarim sôa
E a triumphos mil nos chama ;
Negra furia, que rebrama,
Não nos póde intimidar.
Bravos filhos de Mavorte, etc

Lá nos tece a patria c'rôas,
Nossa patria, o grão Brasil,
Que sublime e senhoril
Vai dois mundos assombrar.
Bravos filhos de Mavórte, etc.

Lusas quinas, enfiadas.
Da soberba em vituperio,
Vêm do novo, augusto Imperio,
As estrellas fulgurar.

Bravos filhos de Mavorte, etc.

Pedro a nossa independencia
Sobre base pôz segura ;
A promessa da impostura
Não nos ha de fascinar.

Bravos filhos de Mavorte, etc.

Pedro firma o throno egregio
Em valentes, livres peitos ;
Sua gloria illustres feitos
Deve a todos inspirar.

Bravos filhos de Mavorte, etc.

Appareça n'estes lares
Sacrosanta liberdade :
O egoismo, a vil maldade,
A seus pés hão de expirar.

Bravos filhos de Mavórte, etc.

Já no céo fuzilam raios !
Chega o dia da vingança !...
O vislumbre da esperança
Vai nos monstros acabar.

Bravos filhos de Mavorte, etc.

Em 24 de Janeiro de 1823.

ESTUDOS

SOBRE A

TRIBU « MUNDURUCU' »

MEMORIA

ESCRIPTA E LIDA PERANTE O INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO BRASILEIRO

Pelo engenheiro

ANTONIO MANOEL GONÇALVES TOCANTINS

Socio correspondente do mesmo Instituto.

I

Viagem ás aldêas centraes dos *Mundurucús*, situadas no valle do Alto Tapajoz.—Itinerario de Belem, capital da provincia do Pará, até essas aldêas.—Scenas da vida selvagem.

A 18 de Junho de 1875 parti de Belem, com destino ao Alto Tapajoz.

A viagem de Belem a Santarem pelo rio Amazonas, e de Santarem á Itaituba pelo Tapajoz, é feita em cinco dias, em um dos grandes vapores da companhia do Amazonas.

Em Itaituba embarquei em uma pequena canôa, tripolada por oito indios, quasi todos da tribu *Maués*, e penetrei pelas cachoeiras do Alto Tapajoz.

Com dez dias de viagem cheguei á Missão do Bacabal, que o governo imperial mandou fundar, e que foi effectivamente fundada á margem direita do Tapajoz em 23 de Fe-

vereiro de 1872 por Fr. Antonino e por Fr. Pelino de Castrovalva. Esta missão contém cerca de quinhentos indios da tribu *Mundurucú*.

O missionario Fr. Pelino, unico que então ahi se achava, pois que o seu companheiro já se havia retirado do Bacabal, cedeu-me para interprete um indio *Mundurucú*, que, além do seu dialecto, tambem comprehende e falla as linguas portugueza e *tupi*.

Continuei minha viagem pelo Tapajoz acima, e com cinco dias, a contar da Missão do Bacabal, cheguei á foz do rio Caderery, affluente, pelo lado direito, do mesmo Tapajoz.

Ahi devia eu encontrar, segundo se me havia dito, um audaz sertanejo, que conhece o caminho que leva ás aldêas centraes. Infelizmente, porém, não o encontrei. Ninguem de minha tripolação conhecia ao menos o curso do rio Caderery.

Estava eu embaraçado, por falta de guias e de informações, quando vimos por acaso apparecerem na praia dois selvagens *Mundurucús*.

Perguntámo-lhes, por intermedio do interprete, que tempo nos seria necessario para chegarmos ás fontes do Caderery.

O mais idoso dos dois selvagens respondeu pelo seguinte signal: com o dedo indicador apontou para o nascente, descreveu uma semi-circumferencia na direcção do curso apparente do sol até o poente, acompanhando este movimento com o olhar, gestos e vozes expressivas, e repetiu pausada e distinctamente seis vezes a mesma mimica de tal sorte, que, antes que o interprete o houvesse traduzido, já eu comprehendêra que o selvagem queria dizer que seriam necessarios seis dias.

Disse-nos mais que, ás cabeceiras do Caderery, encontrariamos outros indios, que nos poderiam guiar até a aldêa de Necodemos, de onde elle e seu companheiro vinham.

Este nome de Necodemos, que os *Mundurucús* deram a uma de suas principaes aldêas, impressionou-me, pois é o appellido do judeu generoso e compassivo, que fez modestas honras funebres a Christo, dando-lhe um lençol para amortalhar-lhe o cadaver e um sepulchro para o guardar.

Porque deram os *Mundurucús* este nome á sua aldêa não o sei dizer. Presumo que a identidade de nome nada mais seja do que o effeito de méro acaso.

Como quer que seja, resolvi-me a procurar a aldêa de Necodemos de preferencia a qualquer outra.

Alguns guerreiros d'essa aldêa, segundo referiu ainda o mesmo informante, tinham chegado, poucos dias antes, de uma guerra, e conservavam duas cabeças de inimigos mumificadas, collares de dentes humanos e outros trophéos.

E não tive de arrepender-me d'essa preferencia, porque em Necodemos fui bem recebido, e encontrei mais viva do que em outra qualquer parte a tradição da genesis *Mundurucú*, que considera justamente esta *maloca* ou aldêa como o berço do genero humano.

Segui pelo Caderery acima. Rio singular! Todos os dias tinhamos de passar á força de braços nossa ligeira embarcação por cima de bancos de arêa. Aqui confirmei a opinião que havia formado de que o Cáderery, assim como o Araguaya, Juruena, Mamoré, e outros affluentes superiores que alimentam os grandes tributarios meridionaes do Amazonas, taes como o Tocantins, o Tapajoz, o Madeira e outros, se esgotariam totalmente durante o verão, ficando os alveos a sêcco se não fossem as cachoeiras do curso médio, que servem de comportas a tão impetuosa corrente. O declive geral do curso médio d'esses grandes affluentes do Amazonas, que descem do planalto central, é maior do que convem para constituir um curso d'agua nas condições normaes de um rio.

Emfim, ao amanhecer do sexto dia calculado pelo indio, encontrámos uma arvore atravessada sobre o rio, em fórma de ponte, e á margem uma tosca cabana. Não havia pessoa alguma. Tocámos buzina para chamar á falla o proprietario da cabana, que devia achar-se caçando nas matas vizinhas. Não apparecendo ninguem, seguimos viagem, deixando eu alguns insignificantes presentes para annunciar a passagem de pessoa amiga.

Julguei dever proceder d'este modo lembrando-me que o capitão-tenente Soares Pinto fôra atacado e morto pelos selvagens por haver destruido pontes que elles haviam lançado sobre o rio. Ora, não se póde fazer esta navegação sem destruir as pontes, e nem sempre é possivel restaural-as.

Por isso, todas as vezes que eu não podia collocal-as de novo sobre os mesmos lugares, pois que ainda encontrámos n'esse dia mais quatro pontes, deixava presentes para de alguma sorte compensar o prejuizo que causava ao selvagem. No fim d'esse dia tornou-se o rio totalmente innavegavel: era-nos impossivel levar nossa canôa mais adiante. Felizmente, n'esta apertada conjunctura, encontrámos uma outra ponte sobre o rio e uma cabana á margem; tocámos buzina com persistencia, e vimos por fim apparecer um velho indio, acompanhado de uma india, que teria trinta annos de idade, e cinco crianças menores, uma das quaes ainda de peito. Chegaram em seguida dois robustos rapazes.

Escusado é dizer que todos os indios que encontrámos n'essas alturas, homens e mulheres, velhos, moços e crianças, estavam inteiramente nús.

Facilmente reconhecemos que esta familia pertencia á tribu *Mundurucú*, porque a moça, os rapazes e o velho, estavam todos pintados no rosto, no peito e em todo o corpo. com os losangos e outras figuras caracteristicas da tribu

O velho *Mundurucú*, maior seguramente de setenta annos e já quasi surdo, recebeu-nos com indifferença, assim como os dois rapazes. A moça e as crianças pareciam transidas de susto e de espanto.

Aqui pousámos e passámos a noite.

II

Trajecto da cabeceira do Caderery á aldêa de Necodemos, nas campinas.

Na madrugada do dia seguinte, por um estreito e tortuoso trilho, partindo da cabeceira do Caderery, onde deixámos nossa canôa, embrenhámo-nos por estas matas seculares, cujos troncos carcomidos parecem ainda cobertos das vasas de um diluvio universal. Um dos dois rapazes servia-nos de guia.

Não tinhamos caminhado muito, quando ouvimos latir de cães, e logo depois encontrámos um lindo rapaz de dezeseis a dezesete annos de idade. Ao avistar-nos não manifestou a menor sorpresa ; pelo contrario, sua physionomia risonha exprimiu alegria infantil.

Parecia que já nos esperava e que eramos amigos de longa data, pois elle tomou logo a dianteira de nossa caravana, e guiou-nos á sua cabana situada á beira do caminho, na margem de um lindo regato. A cabana era coberta e cercada de folhas de palmeira ; dez cães gordos annunciavam que ahi reinava a abundancia.

Sobre os madeiros do tecto estavam suspensas dez rêdes, arcos, flechas, cuias e outros objectos. O rapaz offereceu-nos uma cuia cheia de fructos da palmeira muruty (*mauricia venifera*) ; mostrava os maiores desejos de nos

obsequiar, e declarou-se prompto a nos acompanhar até Necodemos se seu pai consentisse. Tocámos buzina para chamar o pai, e após uma hora de espera, vendo que ninguem acudia ao chamado, resolvi seguir adiante, e segui effectivamente, deixando com pezar este sympathico selvagem, que em sua cabana me recebêra com tamanha alegria.

A' tarde, tendo atravessado a mata, caminhando sempre a pé, sahimos em uma vasta campina, e avistámos sobre o cume de uma collina a *maloca* ou aldéa de Absenanty.

O que, porém, eu achava singular é que faziamos esses encontros quando menos esperavamos, pois nunca consegui do guia que dissesse de antemão o caminho que deviamos seguir, nem quaes as habitações que deviamos encontrar,

A aldèa de Absenanty estava em construcção; constava ainda apenas de uma vasta casa nova, com o tecto coberto de palha, o qual consistia em um simples lanço baixo para o lado do poente e elevado para o lado do nascente.

Não encontrámos pessoa alguma n'esta casa, mas um crescido numero de rêdes, arcos e flechas, que vimos suspensos do tecto, indicava que era ella habitada por varias familias.

O fogo estava acceso; como de costume tocámos buzina para chamar os donos da casa.

Não tardou muito, que appareceu com ares de desconfiado um rapaz de fórmas esbeltas, trazendo á mão uma criança de menor idade, que estava muito assustada e agitada.

Esse rapaz teria cerca de vinte annos de idade; a pin-
osto ainda não estava concluida; continha apenas
gos; na parte que consiste em uma camada unida
negra, usada pela tribu, ainda não estava feita.
gos, com uma regularidade toda geometrica, e com

côres frescas e vivas, sobresahindo sobre a tez ainda com o viço da mocidade, davam á physionomia do selvagem certa graça bastante original.

Quando estava para anoitecer disseram-me que algumas mulheres, crianças e homens, que vinham das matas circumvizinhas recolhendo-se á *maloca*, haviam parado junto a um ribeiro vizinho, e hesitavam em vir para casa, porque nós ahi estavamos.

A' vista d'isto levantei acampamento, e fui pousar uma milha distante, deixando o interprete para passar a noite em Absenanty e convencer aquella gente desconfiada de que não tinhamos o menor proposito de lhe fazer mal. Continuámos nossa viagem na madrugada do dia seguinte, atravessando successivamente matas e campinas.

Ao atravessar uma d'estas matas vi um dos quadros mais tocantes da vida selvagem. Encontrei junto a um d'esses numerosos regatos que correm em todos os sentidos, e que constituem as fontes do Caderery, uma joven familia. O chefe não tinha mais de dezoito annos, e sua companheira não tinha mais de quinze ou dezeseis, e já trazia nos braços uma criança de poucos mezes. Estavam acompanhados por uma india idosa. O joven casal não tinha ainda o rosto nem o peito pintado com as tintas indeleveis da tribu ; mas a moça, que sahia do banho no regato, havia pintado as faces com tinta de urucú, que lhe dava a graça infantil. Esse interessante casal, ao vêr-nos passar, deu mostras visiveis de sorpresa e de susto.

Cançado, e com pressa de chegar ao termo da viagem, nem mesmo me foi possivel deter-me alguns minutos para dirigir palavras de sympathia a esses pobres selvagens, mesmo porque na occasião não se achava presente o interprete.

Uma toalha ao menos desejava eu offerecer para ampa-

rar dos raios ardentes do sol aquellas duas crianças, mãi e filho, que tinham de atravessar vastas campinas desabrigadas; mas nossa gente, aliás insubordinada, como são os indios *Maués*, apenas levava o estricto necessario para nossa subsistencia.

Esboçámos com tudo aqui este tocante quadro para mover a sympathia pelos miseros selvagens, sobre os quaes pesam grandes infortunios.

III

Chego á aldêa de Necodemos.—Os *Mundurucús* me offerecem agazalho e boa hospitalidade.

Após cinco dias de incessante caminhar, a contar do ponto onde haviamos deixado a canôa, á cabeceira do Caderery, avistámos, emfim, ao longe, uma columna de fumo, que se erguia da *maloca* de *Necodemos*.

A' tarde vi-me quasi perdido nos trilhos que conduzem ao aldêamento. Os indios *Maués* que me acompanhavam, o proprio guia e o interprete, seguindo adiante, me haviam deixado atraz, com dois companheiros, e tinham já chegado á *maloca*, emquanto eu ainda procurava a custo acertar com o caminho, guiando-me apenas pelo som de uma buzina que ouvia tocar diante de mim.

Era um indio *Mundurucú* de Necodemos, que viéra generosamente a meu encontro, e tocava seu instrumento justamente para guiar-me.

Grande foi minha satisfação quando, já quasi noite, encontrei este selvagem, que teria de trinta e cinco a quarenta annos de idade, e era baixo, gordo, escuro e feio, mas tão alegre e tão risonho que parecia uma criança.

Cheguei a Necodemos ás 7 horas da noite.

Realizava, emfim, um dos maiores desejos que sempre tive, isto é, vêr uma tribu selvagem em seu estado primitivo, exactamente como devêra estar antes da descoberta do Brasil, vivendo a lei da natureza, sem contacto algum de idéa com outros povos, que lhe alterasse as crenças e tradições.

Pensadores ha, que não admittindo as tradições biblicas, entendem que o genero humano começou sua peregrinação sobre a terra partindo das trévas, e d'este estado de nudez e selvageria, que eu via diante de mim, para, guiado pela luz da razão e pela Providencia, elevar-se até o actual estado de civilisação. Esta doutrina é mais consoladora do que a que representa o homem decahido de um paraiso de luz e de bemaventurança; decahido por ligeiras faltas que não commettêra, até o extremo de miseria em que jazem estes infelizes selvagens.

Quando cheguei, estavam de pé no terreiro cerca de oitenta robustos *Mundurucús*, que me esperavam e me receberam com mostras de não dissimulada curiosidade.

Para mim não era menos curioso o aspecto d'estes homens, pintados todos com desenhos tão identicos, que pareciam guerreiros vestidos de rigoroso uniforme. Dezenas de fogueiras, que ardiam no terreiro, davam a este quadro um aspecto sinistro, lançando reflexos sobre estes largos peitos núa, côr de bronze.

Cumprimentei-os, dando-lhes a boa noite com uma das poucas palavras da lingua, que eu havia para este fim estudado: « Chipate. » Todos me responderam: « Chipate. » Um d'elles dirigiu-se a mim e offereceu-me cêa por outra palavra, que eu tambem já conhecia: « Cobicobi. »

Dirigi-me em seguida para uma das extremidades da vasta casa, onde habitam os homens sómente, e ahi fixei o meu aposento.

Os *Mundurucús*, que tinham para este lado as suas rêdes, e cuja vizinhança me poderia incommodar, cederam-me graciosamente o lugar, levando-as para outro lado.

Devo deixar bem patente a generosa hospitalidade que recebi em Necodemos, tanto mais de sorprender, quanto procedia de barbaros, inteiramente estranhos a nosso trato social. Tudo foi posto á minha disposição; nada fizeram que podesse enfadar-me ou contrariar-me.

Velhos e moços fizeram um circulo em torno de mim. Não havia ahi uma só mulher nem mesmo criança do sexo feminino. No extenso casarão, onde me alojei, situado no meio da aldêa e chamado « ekçá, » só são admittidos homens.

Minha visita foi uma festa para os selvagens; admiravam com curiosidade tudo quanto viam: a vela de spermacetti que accendi, o relogio, a mala de viagem, a carteira; tudo examinavam, passando de mão em mão, no meio de ruidosas gargalhadas.

Assim levámos até meia-noite; os *Mundurucús* apreciavam muito esta diversão, unica em sua vida, quando menos o esperavam. Por fim disse-lhes que estava cançado, e elles me reponderam: « Pois então dorme. » E immediatamente cada um retirou-se para sua rêde, dizendo-me: *Até amanhã*—« Cuia dhê. »

Mas estes barbaros têm o costume de tocar buzina durante toda a noite no seu quartel ou *ekçá*. Parece um signal de alerta. Ora um, ora outro, que na occasião desperta, tira-se de seus cuidados, lança mão da buzina, que tem sempre suspensa ao tecto sobre a rêde, e leva a tocal-a durante o tempo que lhe parece. Após este, outro faz o mesmo. E esta musica monotona e tristonha echôa lugubremente pelas matas circumvizinhas. E' gosto puramente selvagem.

IV

Um *Mundurucú* me faz presente da cabeça mumificada de uma moça da tribu *Parintintin*, e conta-me como e por que matára esta moça.

Um d'estes barbaros, de vinte e cinco a trinta annos de idade, expansivo e desembaraçado, orador verboso, no dia seguinte me fez presente da cabeça mumificada de uma moça da tribu *Parintintin*. Esta cabeça, que se acha actualmente no museu nacional, conserva sua abundante cabelleira; na frente está raspada, como se fôra á navalha. Assim, a fronte parece prolongar-se sobre a cabeça até quasi o meio; no centro d'essa fronte artificial destaca-se uma mecha circular de cabellos negros. Trazia um ornato

de pennas de brilhantes côres. Devêra ser de uma moça da moda em sua tribu, que foi morta em guerra.

Mas aqui devo observar que os *Mundurucús* fazem frequentes guerras a outros gentios seus inimigos, com o fim precisamente de aprisionar mulheres moças e crianças, e não de matal-as. Matam sim os homens, cujas cabeças conservam como trophéos. Quando se preparam para estas correrias dizem francamente: « *Eu vou porque preciso de uma mulher para me casar, ou preciso de um pequeno para filho de minha mulher.* »

Qualquer guerreiro *Mundurucú* devia, pois, ter o maior empenho de aprisionar, e não de matar uma rapariga como aquella, cuja cabeça me era offerecida.

Com effeito disse-me o barbaro que só por engano a matára no ardor do combate, que lhe não permittira distinguir o sexo. Ella sahia correndo da cabana, que elle e seus companheiros haviam sorprendido pela madrugada, e elle lançára-se atraz d'ella e a atravessára pelas costas com a sua formidavel taquára. Quando a reconheceu mulher e moça teve pezar. Comtudo cortou-lhe a cabeça, extrahiu-lhe o cerebro, expôl-a á fumaça de lenha verde até mumifical-a.

E' singular, porém, a extrema ternura com que o barbaro tratava a cabeça de sua inimiga. Entre as tribus *Mundurucú* e *Parintintin* reina desde longos annos odio de morte, e fazem-se guerras de exterminio.

Mas este *Mundurucú* estava como louco pela cabeça *Parintintin*. Não a deixava um só momento. Quando chegou a occasião de eu retirar-me de Necodemos, como adiante direi, elle, bem como doze outros indios, acompanhou-me durante oito dias de viagem, através das matas, até as cabeceiras do Caderery. Durante este trajecto, quando se approximava a noite e tinhamos de pousar, o indio fincava em terra, junto á sua rêde, uma haste que trazia expres-

samente para isto, e sobre ella suspendia a cabeça, como em um cabide, cobrindo-a cuidadosamente com uma toalha que eu lhe havia dado.

Ao amanhecer, seu primeiro olhar era para ella: punha-a sobre o collo, penteava-lhe com os dedos os longos cabellos e acariciava-a, como se fosse uma filha querida.

Só me fez entrega d'esta reliquia no ultimo momento, quando eu já estava embarcado para descer o Caderery, e n'esta occasião disse ainda: « *Mas eu a queria para mim!* » Tambem eu lhe tinha feito presente de uma espingarda de dois canos, de polvora, chumbo e outros objectos. Assim mesmo nos acompanhou com a vista até a canôa desapparecer pelo rio abaixo.

Em Necodemos havia ainda outra cabeça mumificada. Fôra de um guerreiro *Parintintin*. O *Mundurucú* que a possuia, já bastante idoso, não quiz mostrar-m'a nem conversava sobre ella. Tambem eu não insisti. Alguns traziam collares de dentes de inimigos mortos por elles.

Vi meninos que o meu interprete me disse serem prisioneiros da ultima guerra. Os da aldêa não tocaram sequer n'este assumpto; receiavam talvez que lhes quizessemos tomar os seus prisioneiros.

V

Genesis *Mundurucú*.—Crenças e tradições.—Apparição de « Caru-Sacaebé. »—Ingratidão dos habitantes de Acupary.—Castigo.—Necodemos berço do genero humano.

Pareceu-me vêr n'este povo singular, traços de uma civilisação antiga. Os *Mundurucús* vivem em republica fortemente organisada; de longa data movem guerra a seus inimigos, quando bem lhes parece; fulminam sentenças de

morte contra os feitiçeiros; têm uma genesis propria, e possuem crenças e tradições que vão passando de geração em geração.

Não será este povo, pensava eu, oriundo dos *Quichuas* ou dos *Aymaras*, que, descendo dos Andes, se fixaram sobre estas vertentes? Por isto investiguei com a mais detida attenção as tradições, interrogando repetidas vezes os mais antigos da *maloca*, para que me dissessem, se seus avós não vieram de terras longinquas e elevadas, que demoram do lado onde o sol se esconde todas as noites? Mas elles me respondiam invariavelmente que não; que os primeiros homens que appareceram sobre a terra fundaram a *maloca* de Acupary. Caru-Sacaebê appareceu entre elles e lhes ensinou a caçar: até então só havia caça inferior; Caru-Sacaebê fez apparecer caça maior.

Não teve pai nem mãi; teve um filho de nome Carutaú e um companheiro de nome Rayrú, que o reconhecia por mestre.

Um dia Caru-Sacaebê foi infeliz na caça. Voltou á Acupary, e mandou seu filho Carutaú que fosse pedir alguma ave, inambú ou perdiz, aos caçadores, que as tinham morto em abundancia.

Os caçadores, porém, recusaram, e por escarneo atiraram a Carutaú as peunas das aves, dizendo: « *Teu pai tambem é bom caçador.* »

Tres vezes Caru-Sacaebê repetiu o pedido; tres vezes os caçadores recusaram.

Então Caru-Sacaebê colheu as pennas que elles haviam atirado por escarneo a Carutaú, e fincou-as uma por uma em torno da *maloca*. E subito, com um gesto, converteu em porcos bravios todos os habitantes de Acupary, homens e mulheres, velhos, moços e crianças.

Estes animaes vorazes iam esbravejando extramalhar-se

e dispersar-se, quando Caru-Sacaebê, com outro gesto, transformou as pennas em elevados morros.

Junto da actual *maloca* de Acupary existe com effeito uma vasta caverna. Dizem os *Mundurucús* que ainda hoje ouvem-se ahi grunhidos de porcos selvagens e accentos de agonia.

Outros affirmam que á entrada da caverna encontram-se ornatos de mulheres, como braceletes feitos de ouriço de castanha, e outros vestigios da tremenda catastrophe. Os *Mundurucús* não ousam penetrar na caverna de Acupary.

Então Caru-Sacaebê retirou-se acompanhado de Rayrú, unico que sobreviveu ao desastre de Acupary.

Chegando ao lugar, onde está Necodemos, bateu com o pé a terra, e de uma larga fenda que se abriu tirou um casal de *Mundurucús*, um de casal brancos, um de indios e um de pretos.

O casal de *Mundurucús* Caru-Sacaebê pintou pela mesma fórma por que elle proprio estava pintado, e foi o principio da *maloca* de Necodemos e o tronco da tribu, que se tornou numerosa e pujante, a ponto de fazer estremecer a terra quando marchava para a guerra.

Os brancos, os indios e os pretos, dispersaram-se e foram povoar outras terras.

Em Necodemos Caru-Sacaebê preparou um campo, semeou-o, e quando cahiram as primeiras chuvas brotou a mandioca, o milho, a batata, o cará, o algodão, e outras plantas alimenticias e medicinaes.

Ensinou a construir fornos e a preparar a farinha.

Fez uma pequena estatua de madeira, animou-a e chamou-a Hanhu-Acauâte, que foi seu segundo filho.

Para servir de mãi á Hanhu-Acauâte, Caru-Sacaebê adoptou por companheira uma donzella da tribu, chamada Chicridhá.

Cresceu Hanhu-Acauàte ; mas algumas mulheres illudiram a vigilancia do Chicridhá e abusaram da innocencia de Hanhu-Acauâte.

Caru-Sacaebê converteu Hanhu-Acauâte em anta, e Chicridhá e as mulheres culpadas em peixes.

Necodemos estava já poderosa e forte.

Caru-Sacaebê traçou sobre um rochedo elevado, entre Acupary e Necodemos, os caracteres symbolicos, que ainda hoje se vêm nos morros de Areucrê. Fez com que Rayrú fosse arrebatado pelas nuvens, e desappareceu de Necodemos, seguindo o curso do Tapajoz, á margem esquerda do qual, em altura onde não póde chegar a mão do homem, traçou tambem os caracteres da barranca de Cantagallo.

E desde então nunca mais se soube para onde fôra Os *Mundurucús* guardam fielmente memoria de seus feitos, e pintam-se rigorosamente a si, suas mulheres e filhos, pela mesma fórma por que Caru-Sacaebê era pintado.

VI

Apparecimento do cão em Necodemos.—Lenda.

Entre todos os povos o cão é considerado como amigo fiel. Os *Mundurucús*, selvagens caçadores, o têm em suas lendas por oriundo de uma donzella da propria tribu com um guerreiro desconhecido, que apparecêra na *maloca* e desapparecêra sem que ninguem nunca soubesse quem era, de onde tinha vindo nem para onde fôra. Era um *deus ignotus*.

O caso deu-se do modo seguinte. Depois que Caru-Sacaebê desapparecêra, os *Mundurucús* de Necodemos conti-

nuaram a caçar, devassando em todos os sentidos os campos e as florestas. Um dia, que estavam na caça, appareceu na *maloca* um guerreiro desconhecido, chamado Caru-Pitubê.

Dirigiu-se para o *ekçá*, deitou-se em uma « hamaca, » tirou do tecto uma buzina e começou a tocar de modo desusado. Uma donzella da *maloca*, de nome Iracheru, acudiu ao chamado e offereceu *dahú* ao guerreiro em signal de boa hospitalidade.

Caru-Pitubê chegára quasi ao anoitecer.

Não havia ninguem mais em Necodemos.

Ao amanhecer do dia seguinte Caru-Pitubê disse á donzella :

« *Darás á luz sêres que farão o espanto dos guerreiros de tua tribu. Não os mates.* »

E desappareceu.

Grande foi com effeito em Necodemos o terror, o espanto e a indignação, quando viram Iracheru dar á luz um casal de cães.

Os irmãos de Iracheru e sua propria mãi foram os primeiros em proferir contra ella sentença de morte.

Mas Iracheru, quando os algozes se approximavam para matal-a, a ella e a seus tenros filhos, rapida como a ema, despparecêu nos bosques, arrebatando em seus braços tremulos os fructos de seus mysteriosos amores.

Errante pela floresta Iracheru pousou, emfim, exhausta de cansaço junto á fonte de um limpido regato.

Não tardou, porém, que a joven mãi visse crescidos os filhos que tanto a custo amamentára, aquecendo-os á noite em seus seios ardentes.

Por fim os viu já percorrendo as matas e os campos, caçando, e trazendo inhambús e perdizes, e então Iracheru viveu no seio da abundancia.

A' noite seus filhos eram-lhe formidaveis guardas, que velavam sem cessar pelos seus dias. As proprias onças se afastavam medrosas.

Um dia Iracheru dirigiu-se a Necodemos e contou estas maravilhas.

Iracheru bem sabia que, se os guerreiros de Necodemos não revogassem a sentença de morte, ella só morreria: seus filhos punham-se facilmente fóra do alcance dos algozes.

Se, porém, a revogassem, a tribu *Mundurucú* seria a senhora dos campos e das florestas; seria vencedora de todas as outras tribus; dominaria sem rivaes.

Mas os filhos de Iracheru foram recebidos com geral applauso; a tribu inteira os reconheceu como proprios filhos.

O *Mundurucú* com effeito trata o cão verdadeiramente como filho; as mulheres os amamentam quando recem-nascidos em seus proprios seios, e lhes dão agazalho em suas « hamacas, » ao lado dos proprios filhos, como se foram nascidos do mesmo ventre.

Quando morre um cão é largamente pranteado e seu corpo cuidadosamente dado á sepultura, pois teriam por impiedade abandonal-o á voracidade dos corvos.

VII

Fama antiga dos *Mundurucús*.—Recordações historicas.

O caudaloso Tapajoz em cujo valle estão situadas as aldêas dos *Mundurucús*, ha apenas 130 annos foi descoberto, pois sómente em 1748 desceu por elle de Matto-Grosso até o Pará o mineiro João de Sousa de Azevedo, trazendo sessenta e quatro oitavas de ouro, extrahido do affluente, que denominou *Rio das Tres Barras*.

Em 1817 Ayres de Cazal, dividindo em sua *Corographia Brasilica* a provincia do Pará em quatro grandes comarcas, naturalmente limitadas pelos quatro grandes affluentes do Amazonas, o Tocantins, o Xingú, o Tapajoz e o Madeira, deu o nome de Mundurucania, naturalmente porque era ahi preponderante a tribu *Mundurucú*, áquella que foi comprehendida entre o Tapajoz, pelo lado do nascente, o Madeira pelo lado do poente, ao norte pelo Amazonas e ao sul pelo Juruena. Descrevendo a Mundurucania diz aquelle autor que, á excepção de alguns pedaços sobre as margens dos rios que a limitam, tudo o mais estava dominado por varias nações selvagens, das quaes as mais conhecidas eram os *Jumas*, os *Maués*, os *Pamas*, os *Parintintins*, os *Muras*, os *Andirás*, os *Ardras* é os *Mundurucús* que dão o nome ao paiz.

« Os *Mundurucús*, diz ainda Ayres de Cazal, que costumam tingir o corpo de negro com genipapo, são numerosos, apessoados, guerreiros e temidos de todas as outras nações, que lhes dão o appellido de *Pay-quicé*, que significa *Corta-cabeça*, porque costumam cortal-a a todo inimigo que lhes cahe em poder, e sabem embalsamal-as, de sorte que se conservam largos annos com o mesmo aspecto do momento em que foram cortadas.

« Ornam as suas toscas e mesquinhas cabanas com esses horrendos trophéus. Aquelle que mostra dez está habilitado para poder ser eleito chefe da horda. Conhecem a virtude de varios vegetaes, com cujo uso curam algumas molestias perigosas.

« Quasi todas as hordas *Mundurucús* estão hoje nossas alliadas e algumas já christãs.

«A deshumanidade dos que ainda vagueam pelos mattos, porquanto não dão quartel á sexo nem á idade, têm obrigado grande parte das outras nações a refugiarem-se junto

das povoações dos christãos, onde, á sua sombra e de paz, vivem seguros d'aquelles desalmados inimigos.

« Os valorosos *Mundurucús* são periécos dos *Macassares*, das Ilhas Celebres, que passam pelos mais esforçados d'entre os povos do grande archipelago oriental. »

VIII

Situação actual das aldêas centraes das campinas. — Desapparecimento das hordas do valle do Tapajoz.

Pois toda essa grande população selvagem, que, segundo refere Ayres de Casal, ainda ha sessenta annos vagava pelo territorio da Mundurucania, não apparece mais por essas regiões.

Vêm-se no Baixo-Tapajoz os indios baptisados, oriundos dos antigos selvagens; e no Alto-Tapajoz apenas se encontra a *malóca Maués*, denominada do Acará, e outra *maloca* de *Apiacás*, que mantêm relações de mesquinho commercio com os raros sertanejos que por alli penetram. Além d'estas duas *malocas* apparecem tambem de quando em quando, ás margens do Tapajoz ou de seus affluentes, levas de *Parintintins*; mas não se fixam em parte alguma, porque os *Mundurucús* lhes movem perseguição implacavel e sem treguas.

Note-se que os *Maués* e os *Apiacás* tambem já foram em outros tempos muito perseguidos e batidos pelos *Mundurucús*, que só os deixaram em paz depois que estabeleceram relações com os christãos. Os *Maués* já não pintam o rosto; os *Apiacás* têm apenas um traço negro-azul, que, partindo do angulo exterior de cada olho e descendo até a barba, muito se parece com um sulco de lagrima.

Convem tambem notar que as aldêas centraes dos *Mundurucús*, designadas no Alto-Tapajoz pela denominação de *Maloca das Campinas*, não estão situadas no territorio a que Ayres de Cazal deu o nome de Mundurucania. Estão no territorio que este geographo chamou Tapajonia, entre o Tapajoz e o Xingú, e proximas ás fontes dos affluentes orientaes do Tapajoz, de nomes rios das Tropas (que os *Mundurucús* chamam Pitunzy), do Crepury, Caderery, Cabetutum e Cururú.

Eu encontrei em minha excursão grande numero de riachos, fontes do Caderery, affluentes do Tapajoz.

Se caminhasse alguns dias mais no mesmo rumo que levava, além de Necodemos, encontraria certamente as fontes dos tributarios do Xingú.

IX

Guerras dos *Mundurucús*.—Modo de as fazer.—Fim d'estas guerras.

Já dissemos que as guerras d'estes barbaros não têm outro fim senão fazer captivas mulheres moças e crianças de ambos os sexos. Os captivos, porém, são tratados na tribu sem differença dos *Mundurucús* natos. São pintados com os mesmos arabescos de côres indeleveis ; a mulher encontra logo marido, e o menor encontra pai adoptivo, que quasi sempre é o proprio indio que o aprisionou. Quando se fazem os preparativos para estas excursões, a irmã, mãi ou qualquer parente do guerreiro lhe faz encommenda de uma criança, dizendo : « *Traze-me um menino para meu filho.* »

As principaes victimas dos *Mundurucús* são os *Parintintins*, porque, além do interesse de fazer captivos, o odio

mortal, que existe de longa data entre estas duas tribus, tambem serve de movel para frequentes ataques.

Tanto que consta que uma leva de *Parintintins* apparece em alguma parte, immediatamente os *Mundurucús* marcham-lhes ao encalço. Para com as outras tribus, porém, não me consta que haja este odio inveterado. Entre os *Mundurucús* corre o boato, provavelmente inexacto, de que, quando um d'elles cahe prisioneiro dos *Parintintins*, estes o devoram vivo, ás dentadas, « *como se foram onças e nós veados*, » dizem elles.

Inexacto ou não, este conto contribue para accender ainda mais o desejo de vingança.

Isto, a que temos chamado guerras, em geral são simples correrias.

Quando chega o verão um certo numero de *Mundurucús* combinam entre si, preparam seus arcos, flechas, buzinas, provisões, e pôem-se em marcha.

Sempre que é possivel, cada guerreiro é acompanhado pela mulher ou por uma irmã. O officio d'esta vivandeira, que ás vezes não tem mais de quinze a dezeseis annos, consiste em armar a rêde do guerreiro nos ramos das arvores, preparar para elle a castanha, transportar qualquer carga, ajudar a preparar a cabeça do inimigo e a trazer os captivos ; emfim, ella encarrega-se de tudo quanto é necessario, afim de deixal-o inteiramente desembaraçado para o ataque.

Assim, vão caçando tranquillamente, de sorte que n'estas correrias, consomem muitas semanas e mesmo mezes. A' noite reunem-se para pousar.

Se encontram algum trilho na espessura do mato, ou outro qualquer vestigio que indique a passagem de um ser humano, elles o estudam com tino e cautela admiravel. Se apercebem uma cabana ou uma aldêa, fazem o reconheci-

mento no maior silencio possivel ; e marcham com tal destreza, que não se ouve nem o ruido da folha sêcca que esmagam debaixo dos pés. Parece que andam sobre espesso tapete. Cercam a cabana e esperam em silencio a madrugada. Então, com longa haste, cuja extremidade está impregnada de breu inflammado, lançam-lhe fogo e postam-se de emboscada á porta.

Despertando em sobresalto, os sitiados soltam logo éste grito terivel : ***Mundurucús !***

Os homens que, perturbados, pretendem romper o cerco são logo traspassados por tremendos chuços.

As crianças, conhecendo que estão sob a taquara inimiga, rendem-se ao captiveiro.

As mulheres quasi sempre resistem, lutam e só são feitas prisioneiras á viva força.

E então os ***Mundurucús*** se pôem em retirada á marcha dobrada. As cabeças inimigas são cortadas e preparadas ás pressas. Quando sentem ou receiam que são perseguidos caminham dia e noite. A' noite guiam-se com archotes feitos de fragmentos de uma madeira rezinosa, a que chamam ***ouichique-taque***, e que os indios do Baixo-Tapajoz conhecem pela denominação de *páo-candêa*. Esta madeira, estando sêcca, inflamma-se facilmente, dando labaredas quando o indio corre com ella na mão.

Quasi sempre estas excursões são tão longas, que as provisões se acabam, e por fim os indios sustentam-se de castanhas em falta de farinha e de batatas. Soffrem longas privações ; alguns voltam magros.

Affirma-se que todos os annos os ***Mundurucús*** fazem d'estas correrias e sempre trazem captivos.

Uma índia muito idosa, provavelmente oriunda da interessante tribu dos *Tapajoz*, que deu nome ao rio, hoje extincta, referiu-me que em sua mocidade mais de uma vez

os *Mundurucús* desciam pelas margens do Alto e Baixo Tapajoz, batendo cruelmente as muitas *malocas* que então existiam, cortando cabeças dos inimigos e causando immenso terror por toda esta extensa região.

A tradição bem averiguada tambem registra o caso de terem estes barbaros chegado até a foz do Tapajoz, e posto em sitio a fortaleza que os portuguezes fundaram no aldêamento christão dos indios *Tapajoz*, hoje florescente cidade de Santarem.

X

Noticias de algumas tribus indigenas a quem os *Mundurucús* fazem guerra e que andam errantes pelo valle do Alto-Xingú e para as fronteiras de Matto-Grosso.

Dizem os *Mundurucús* que ainda encontram muitas hordas gentilicas nas extensas regiões que percorrem, e que para o lado do nascente corre um rio largo, caudaloso, encachoeirado, a que chamam Caruntunzy, cujas margens são povoadas de muito gentio.

Deve ser o Alto-Xingú que é realmente um dos maiores affluentes do Amazonas e um d'aquelles que mais proximos se acham da capital do Pará. Seu curso superior é entretanto ainda inteiramente desconhecido.

Em 1842 o principe real da Prussia, Adalberto, acompanhado do conde Oriolo e do conde de Bismark, seguiu de Belém do Pará em canôa, percorreu o curso inferior do Xingú até ás primeiras cachoeiras, e as *malocas* dos indios *Jurunas*. Foram estes cavalheiros, creio eu, que deram o primeiro esboço para o traço do Baixo-Xingú.

Entretanto o curso superior é até hoje desconhecido.

Os *Mundurucús* têm muitas vezes passado do valle do

Alto-Tapajoz para o do Alto-Xingú, pois residem quasi junto á linha de divisão d'estes dois valles. Elles dão noticias dos gentios que encontram n'estas excursões, não sómente pelas margens do Alto-Xingú, mas tambem pelo lado das fronteiras do Matto-Grosso.

Os principaes são os seguintes :

Puparurûtes.—Têm por distinctivo um traço escuro que desce do angulo exterior de cada olho até a barba; parecendo sulco de lagrimas. Ha cerca de tres annos appareceram á margem do Baixo-Tocantins, perto das cachoeiras, cerca de quinhentos selvagens, exactamente com este distinctivo; foram depois dizimados pelas bexigas; os que sobreviveram ainda ahi permanecem.

Biche-Irameran.—Só têm o beiço inferior pintado de negro.

Ipitiuâte.—Não são pintados, raspam a cabeça em roda, são corpolentos, barbados, bravos, temidos dos proprios *Mundurucús ;* não usam de redes, dormem em esteiras, e servem-se de formidaveis tacapes.

Pararaoâte.—Possuem canôas, são pintados pelas fontes em fórma de caracóes.

Uiraraoâte.— Que os *Mundurucús* chamam nação de onças, porque, dizem, urram como este animal.

Paren-an-an.

Parinrinrin.

Titidhuâte.

Jurupud.—Corpolentos e ferozes.

Tupaiunas.—Pintam-se de negro.

Paribitat.— Habitam campos na direcção de Cuyabá.

Paribitêtê.—Habitantes das cabeceiras do rio D. Manoel, affluente do Tapajoz.

Em outros tempos batiam tambem os *Bacahiris*, a que

chamam *Mureufudtes*, e os obrigaram a sahirem para Matto-Grosso onde foram aldêados.

Batiam os *Apiacás*, e só os deixaram depois que estes gentios fixaram-se no Juruena, ao pé do Salto-Augusto. Ainda hoje aquelles têm muito medo dos *Mundurucús*; e quando estes vão para suas guerras e passam pelas *malocas Apiacás*, estes lhes fornecem farinha e outras provisões.

Itiudtes.—Já se têm retirado para o lado de Cuyabá. São barbados.

Tuparurûtes.—Estão do lado do Xingú.

Nhauanhen.—Horda pertencente á tribu *Parintintin*, e que habitam as cachoeiras do Jauanxin, affluente do Tapajoz.

Os *Mundurucús* de Necodemos conhecem Cuyabá; mas dizem que para este lado erram muitas hordas de gentios ferozes.

Encontram ainda em suas excursões levas de outros selvagens, cujos nomes não sabem.

E' de suppor que parte das populações indigenas, que têm desapparecido das margens do Tapajoz e do Tocantins ande agora errante pelo valle do Alto-Xingú.

Talvez fosse de interesse scientifico estudar o movimento d'estas populações selvagens e desconhecidas.

XI

Apparece nas *malocas* um *Mundurucú* elegantemente vestido, que diz ter sido baptizado no Rio de Janeiro.

Era natural que eu convidasse os *Mundurucús* a virem partilhar comnosco das vantagens da vida social, e sobre-

tudo a mandarem seus filhos para serem convenientemente educados, e depois voltarem ás *malocas* sabendo construir casas, arcos, fornos, e outros objectos que lhes seriam de grande utilidade.

Procurava por todos os meios convencêl-os de que entre nós encontrariam amigos dedicados, quando me responderam que Teiú Burubê lhes havia dito que S. M. o Imperador era amigo dos *Mundurucús*.

Teiú Burubê era um *Mundurucú* que desapparecêra das aldêas ha muitos annos, e após longa ausencia regressára. Apresentou-se na *maloca* de Cabroá elegantemente vestido á nossa moda. Os parentes o receberam com extrema satisfação.

Então contou que se baptizára no Rio de Janeiro, que se ficára chamando Martinho de Alcantara, e que S. M. o Imperador lhe servira de padrinho e de protector. Encontrou na *maloca* de Cabroá parentes, e particularmente uma irmã, que o tratou com extrema dedicação. Quando deixou a aldêa natal, ainda muito moço, fôra acompanhado por um irmão, e ambos desceram pelo rio Canumá.

Este *Mundurucú* descrevia com vivas côres as vantagens da vida civilisada, sem comtudo mover os seus parentes a abandonarem a vida selvagem.

Por fim estranhou a mudança de regimen e cahiu doente de violentas febres.

Dizendo-se na *maloca* que estava enfeitiçado por causa dos elegantes vestidos que possuia, a irmã, indignada, reuniu-os no terreiro e lançou-lhes fogo.

Convalescendo, ainda em maiores privações se achou, pois estava nú.

Por fim falleceu; a irmã, que o não abandonára um só momento, enterrou-o embaixo de sua propria rêde.

XII

População das *malocas* centraes dos *Mundurucús*.

E' mui difficil, ou antes impossivel, dar um recenseamento exacto d'esses indios, que têm suas *malocas* situadas em brenhas inaccessiveis.

Accresce que, durante o verão, grande numero de familias deixam as *malocas* e vão construir ligeiras cabanas no meio das florestas, onde, assim isoladas, encontram mais abundante caça.

E' certo, porém, que essa tribu é uma das mais possantes e numerosas do valle do Amazonas. Alcide d'Orbigny hesitou se a devia considerar uma simples tribu ou uma nação. De longa data ella fórma uma republica fortemente organisada. As *malocas* centraes, situadas fóra do alcance da acção de nossas autoridades, gozam de liberdade sem limites, como se foram um Estado independente.

Na impossibilidade de proceder por mim mesmo a um recenseamento rigoroso, tenho de louvar-me na opinião de um cidadão residente na villa de Itaituba, que eu julgo muito competente n'esta materia. Refiro-me ao Sr. tenente Joaquim Caetano Corrêa, abastado commerciante, que, por nomeação feita pelo conselheiro Sebastião do Rego Barros, presidente do Pará, em Setembro de 1853, exerce desde esse tempo o lugar de director dos indios do rio Tapajoz.

Posto que este prestante cidadão nunca tenha ido ás aldêas centraes, comtudo entretem estreitas relações com os *Mundurucús* das margens d'esse rio.

Eis-aqui o quadro da população, que me foi ministrado pelo Sr. tenente Joaquim Caetano Corrêa.

Nomes das malocas.	*População.*
Dauapone	1.500
Carucupy	2.300
Dairy.	2.600
Capipique	2.000
Necodemos	2.100
Aiká (Samuuma)	1.500
Acupary.	800
Areucrê.	700
Arebadury	400
Teiu Curupy	500
Ipsanânty	600
Cererepçá	500
Cabroá	500
Imburariry.	350
Macapá	360
Ucubery.	250
Cabetutum	350
Chacorão	700
Airy	300
Bacabal (Missão)	500
Boburé	100
	18.910

Talvez que este calculo seja um tanto exagerado, ou pelo menos a população d'estas *malocas* tenha soffrido sensiveis modificações. A aldêa de Chacorão, por exemplo, está actualmente abandonada; a de Boburé quasi extincta. Se é certo que a população *Mundurucú*, propriamente selva-

gem, não attinge actualmente a cifra de 18.000 almas, por outro lado estou convicto que as antigas povoações d'essa tribu, fixadas em outro tempo nas margens do Alto e Baixo-Tapajoz, excediam muito por si sós d'este algarismo. Estas ultimas populações de que acabo de tratar fixaram-se nas antigas missões, ou fundiram-se pouco a pouco com a população christã, de tal sorte que seus descendentes não comprehendem hoje sequer o dialecto da tribu.

XIII

Maloca de Nicodemos.—Disposição das *malocas* dos *Mundurucús*

Necodemos está situada sobre uma collina, no meio de uma vasta campina, pouco distante das matas.

No centro da *maloca* está o *ekçd* ou o quartel dos guerreiros.

O *ekçd* consiste em uma longa casa, de cerca de cem metros de comprimento, coberta de palha, e em toda sua extensão aberta para o nascente. N'esta situação está perfeitamente ventilada, e isenta da invasão dos carapanás e de outros mosquitos insupportaveis, que constituem o supplicio dos que vivem no meio das matas ou á margem dos rios. Os raios do sol ao nascer penetram livremente e debellam o frio da madrugada, que ahi é muito intenso. No *ekçd* moram somente os homens validos, os guerreiros e seus filhos maiores de oito annos.

Cada guerreiro arma no *ekçd* sua rede no lugar que bem lhe parece.

No terreiro, tambem para o nascente estão tres linhas de esteios unidos por travessas, onde os guerreiros armam suas redes nas bellas noites de verão.

Suspenso ao tecto do *ekçá*, sobre a rede tem o guerreiro á mão tudo quanto possue—arcos, flechas, tacápe e buzina.

Todos dormem em redes tecidas de fios de algodão e tão pequenas que é preciso estar immovel para não cahir no chão.

O algodão é plantado pela india ; o fio e a rede por ella fabricados.

No *ekçá*, por entre as redes dos guerreiros, ardem muitas fogueiras durante a noite.

Em torno do *ekçá* estão as casas das mulheres, onde tambem habitam as crianças de ambos os sexos, os velhos decrepitos e os doentes.

Em Necodemos estas casas são em numero de cinco, bastante vastas, construidas com mais cuidado, mais altas, fechadas por todos os lados, tendo por entrada uma abertura apenas, e ás vezes duas. Não tem divisão alguma interior: é toda commum ; mas cada mãi de familia, com suas crianças, seus velhos decrepitos e seus doentes, tomam conta de um lado da casa, e ahi armam suas redes. Junto d'ellas estão seus utensilios, a saber : balaios, teares, paneiros, etc. No meio da casa estão um ou dois fornos de fabricar farinha : não são mais do que toscas pedras, mais ou menos planas, collocadas sobre outras pedras. Por baixo do forno arde a fogueira. Nas casas das mulheres os guerreiros podem entrar quando lhes parece ; mas as mulheres nunca penetram no *ekçá*. N'essas casas das mulheres elles guardam os objectos mais preciosos, taes como ornatos de pennas, collares de dentes humanos, cabeças inimigas, etc.

Todas as vezes que tive occasião de entrar n'estas casas encontrei sempre as mulheres trabalhando ; umas teciam a rede, outras fabricavam farinha, outras moqueavam caças, outras coziam, outras preparavam mingáu de bananas, etc.

Nunca ahi fui que não me offerecessem alguma cousa para comer : ora batata cosida, ora mingáu de bananas.

Uma india risonha e alegre, com o rosto todo pintado de urucú além de suas pinturas do costume, offereceu-me uma enorme lagarta que trazia sobre o dedo. Era uma lagarta repugnante, que se contrahia e alongava convulsivamente ; e a india queria por força passal-a para minha mão, dizendo-me que era para comer : «*Cobi-cobi.*»

XIV

Caracteres symbolicos traçados na barranca de Cantagallo, á margem do Alto-Tapajoz, e nos morros de Areu-crê entre Acupary e Necodemos.

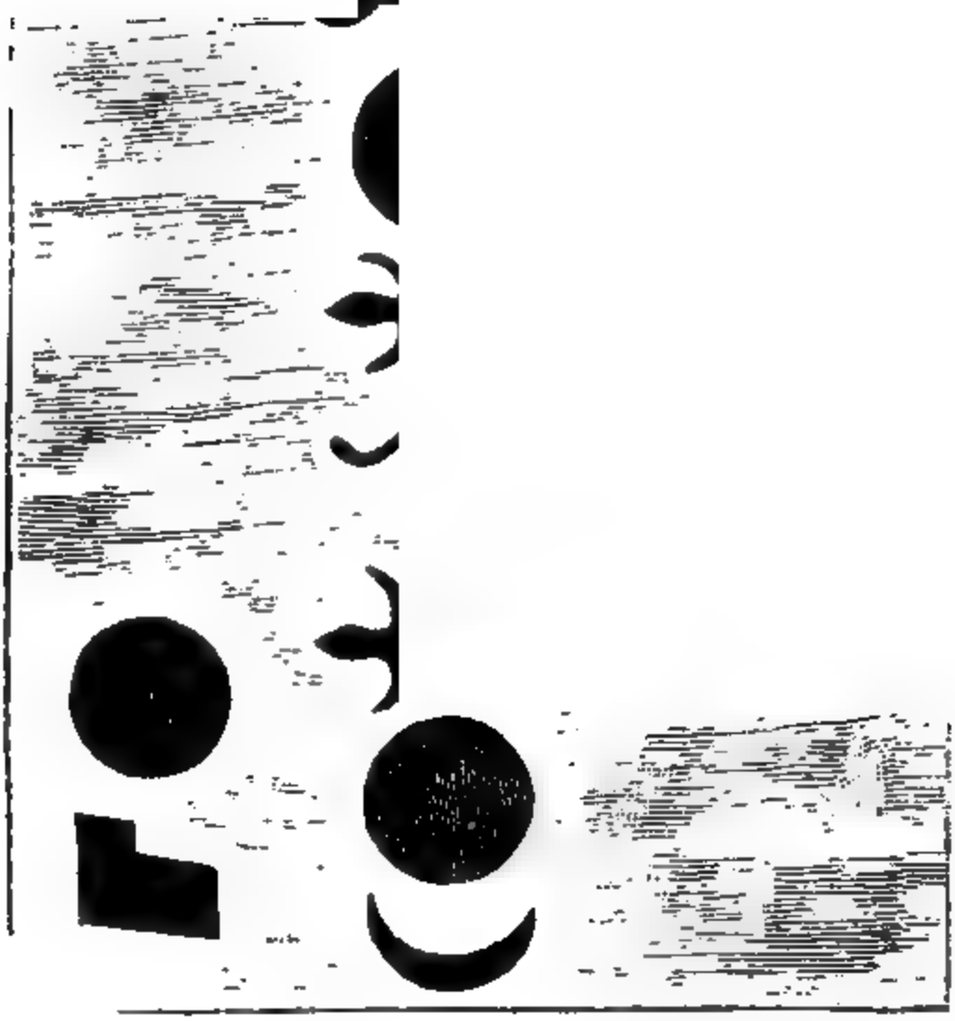
A' margem esquerda do Alto-Tapajoz no lugar conhecido pela denominação de Cantagallo, vêm-se desenhadas sobre a superficie de um morro, de cerca de cem metros de altura cortado a prumo pelo rio, quinze figuras.

Ellas ahi estão de tempo immemorial : os mais antigos sertanejos, que têm penetrado pelo Alto-Tapajoz, e os mais idosos *Mundurucús*, já as encontraram taes quaes estão, mas não lhes conhecem a significação.

São de côr vermelha-escura, como de ocre, e estão cerca de oito metros acima do ɐʌıul maximo das aguas no tempo das cheias do inverno.

Hoje seria impossivel a um homem traçal-as n'aquella altura, ainda mesmo com o auxilio de andaimes, pois á base do morro o rio fórma uma especie de enseada, onde a corrente é violenta, sobretudo na época em que o nivel do rio chega á sua maior elevação.

Não farei conjectura alguma sobre a origem nem sobre a significação d'estes caracteres. Apenas lembrarei que Humboldt encontrou tambem, ás margens do Orenoco, nas



mesmas .circumstancias e em altura inaccessivel á mão do homem, caracteres d'este genero.

Este illustre sabio é de opinião, se bem me recordo, que o nivel das aguas do Orenoco em épocas anteriores, muito remotas, elevou-se a altura muito maior do que actualmente.

Penso que se poderá fazer applicação aos caracteres do Alto-Tapajoz das mesmas deducções estabelecidas pelo illustre sabio allemão em relação aos que encontrou no Orenoco.

Eu tirei o esboço no Alto-Tapajoz d'esses caracteres, não sei se symbolicos.

Mostrando-os aos *Mundurucús* de Necodemos e de Samuuma (Aiká) todos elles me disseram que tambem nos morros de Arcucrê, no meio dos campos que se estendem entre Acupary e Necodemos, existem caracteres d'este genero, mais numerosos. Eu não tive occasião de os vêr.

A tradição *mundurucú* refere que Caru-Sacaebê, depois de ter destruido a *maloca* de Acupary, para punir a ingratidão de seus habitantes, viéra fundar a de Necodemos, que se tornára por este modo o berço do genero humano. Então traçou estes caracteres entre as duas aldêas para deixar um monumento que relembrasse este facto memoravel, diz a tradição. Depois que Caru-Sacaebê deixou Necodemos forte e opulenta, desceu, seguindo o curso do Tapajoz, á cuja margem deixou ainda novos caracteres para trazer mais viva entre os *Mundurucús* a memoria de seus feitos e de sua passagem entre elles.

XV

Os *Mundurucús* fulminam pena de morte contra os feiticeiros. — Alguns casos mais recentes da applicação d'esta pena.

Ainda nos principios do seculo actual a legislação portugueza applicava o supplicio de fogueira nas praças publicas contra os infelizes que a credulidade e superstição da época accusavam de feiticeiros. Muitos outros povos, senão todos, tem dado á historia o triste espectaculo d'esta aberração da razão humana.

Os *Mundurucús* são muito aferrados a este erro fatal: o feiticeiro entre elles é irrevogavelmente punido de morte, mas é este o unico caso a que applicam esta pena.

O missionario do Bacabal, Fr. Pelino de Castrovalvas, no *Relatorio* que apresentou á presidencia do Pará, a 14 de Agosto de 1876 refere o caso de que tratam os tópicos seguintes:

« Primeiro que tudo V. Ex. deve saber que um dos meus maiores empenhos, nos cinco annos do apostolado n'esta missão, tem sido apagar na cabeça dos indios inveteradas superstições, especialmente aquellas que mais directamente se oppunham á religião e ao bemestar da sociedade.

« Ora, uma das maiores superstições com que tenho tido de lutar tem sido a do feitiço.

« O que não tenho dito, o que não tenho feito para arrancar dos corações d'elles tão perniciosa superstição? E quantas mortes não têm elles feito com estes erroneos principios antes da fundação da missão? Comtudo, quando já pensava tel-os persuadido a detestar tão abominavel vicio,

eis que um dia, que lhes falta o missionario, reproduzem os mesmos factos.

« V. Ex. está sciente de que no anno passado eu desci a esta capital para tratar de alguns negocios da missão. Ora bem, n'esse tempo, que eu faltei adoeceram e morreram n'essa missão varias pessoas.

« Eis uns indios a gritar : « E' feitiço,é feitiço ! »

« E' preciso matar os feiticeiros. Elle nos querem matar a todos : é preciso matal-os ! Designaram quatro moços da missão para serem immolados como feiticeiros. Encontraram um chamado Ismael ; os outros, avisados a tempo, evadiram-se, e depois do meu regresso voltaram á missão.

« O rapaz foi morto com dois tiros de espingarda, acabando-o com pancadas na cabeça.

« Foram executores Silvano da Silva e outro rapaz (hoje defunto).

« Foi mandante o capitão José da Gama, que pela volta do meio-dia, do dia em que elle mandou matar o Ismael (o qual se achava da parte opposta á missão, além do rio, no meio do matto), vendo que os seus enviados, que mandára de manhã, não voltavam, impaciente disse : *Esta gente não presta para matar gente, vou eu !* Mas, quando elle chegou achou a victima, que já estava sacrificada. Satisfeitos, voltaram, deixando o cadaver aos Urubús, sem lhe darem enterro. »

Este capitão José da Gama de quem falla o padre missionario, foi cacique de um antigo aldêamento que existia á margem do Tapajoz, e veiu com toda sua gente para a Missão do Bacabal. Seu nome indígena é Mari-Baxi ; o padre missionario o deixava sempre governando a missão, quando tinha de retirar-se por algum tempo. E' um indio energico e resoluto, e já antes da fundação da missão havia immolado varios de seus companheiros accusados de feiti-

ceiros, um dos quaes foi seu proprio irmão, que elle lançou no meio das cachoeiras com uma pedra ao pescoço.

Se Mari-Baxi, ou José da Gama, ainda commette actos d'estes em uma missão que está sob a vigilancia do governo, faça-se idéa do que não farão os outros caciques das aldêas centraes. Este facto deu-se em 1875, quando eu me achava além da Missão do Bacabal, visitando as aldêas das campinas; quando regressei, demorei-me dois dias n'aquella missão, de cuja direcção se achava então encarregado o mesmo José da Gama, durante a ausencia do missionario, que havia seguido para a capital.

Aquelle cacique me recebeu com muitas provas de attenção e de amizade, mas nada absolutamente me disse sobre o crime que acabava de commetter. Elle, assim como os outros seus cumplices, guardaram o mais inviolavel segredo sobre este assumpto. O proprio missionario que ahi chegou após alguns dias da minha passagem pela missão veiu a ter conhecimento d'estes factos muito depois.

Por essa mesma época occorreu tambem em uma das aldêas das campinas o seguinte facto. Varias indias foram banhar-se em um regato proximo da aldêa; ao regressarem cada uma d'ellas trazia á cabeça uma cabaça de agua para sua casa. Quando menos esperavam sahem-lhes ao encontro quatro *Mundurucús*, e lançando mão de uma d'essas pobres raparigas, de cerca de dezoito annos de idade, a traspassam com suas formidaveis taquaras. As companheiras pararam um momento e lançaram involuntariamente a vista para este lugubre espectaculo; mas os algozes lhes disseram: « *Sigam seu caminho, é uma feiticeira.* »

O cadaver da moça india ahi ficou no caminho durante todo este dia. No seguinte lançaram-n'o sobre uma fogueira e o reduziram a cinzas.

Outro caso: — á margem do Tapajoz, em casa de um

sertanejo existe uma india *Mundurucú*, toda pintada, de seus vinte annos idade: é pagã, mas tem o nome christão de Sebastiana ; já falla um pouco o portuguez e é muito expansiva. Ella conta que sua familia residia na aldêa de Curucupi. Grassando alli febres de máo caracter, algumas pessoas succumbiram.

Succedeu que sua mãi encarregou-se do tratamento de alguns d'esses doentes.

Um dia, chegando a velha india do seu trabalho do campo, uma pessoa de sua intima amizade disse-lhe em segredo: « *Olha que o teu doente morreu ; dizem já que és feiticeira.* » Sem perda de tempo a india toma uma resolução, de accordo com seu marido. Abandonam a aldêa de noite mesmo, levando comsigo duas filhas e um filho, todos tres ainda de menor idade. Com effeito, durante toda noite e durante o dia seguinte, emquanto fugiam, ouviram o latir dos cães dos algozes que lhes vinham no encalço.

Esta pobre familia, após varios dias de bom caminhar pelos matos, sahiu emfim, ás margens do Tapajoz, e nunca mais voltou a Curucupi, nem á outra qualquer *maloca*.

Diz Sebastiana que o principal motor do motim, que ia dando em resultado a morte de sua mãi, acha-se actualmente na Missão do Bacabal.

Esta mesma india referiu-me outro caso não menos triste, que succedeu por occasião das mesmas febres. Poucos dias antes da fuga de sua familia, havia ella e algumas de suas companheiras chegado a Acupary, vindo de outra aldêa vizinha. Ainda n'essa tarde fizeram em commum a refeição no terreiro da casa. Pela madrugada, porém, ella foi despertada em sobresalto por um grito de desespero e de agonia que ouviu junto a si. Logo após viu dois *Mundurucús* passarem junto á sua rêde, levando quasi de rastos

o cadaver de sua companheira, em cujo peito haviam cravado a lamina aguda da taquara, terminando este horrivel sacrificio estrangulando a misera em sua propria rêde. O cadaver, nú e ensanguentado, amanheceu no meio do terreiro, e ahi ficou exposto até a tarde. Todos passavam junto a elle em silencio e sem murmurar.

Ha muitos outros casos d'estes, pois são infelizmente ainda frequentes as execuções por motivo de feitiço. Dizem que no tempo, que esteve entre elles Caru-Sacaebê, nunca houve feitiço nem feiticeiros.

Tambem todo codigo criminal dos *Mundurucús* reduz-se a isto.

Não consta que um *Mundurucú* tenha jámais sido morto por outro, a não ser por motivo de feitiço. Se manifesta-se entre dois d'estes indios, habitantes da mesma aldêa, odio violento, o que rarissimas vezes succede, um dos dois inimigos não faz mais do que desatar a sua rêde, dirigir-se a qualquer das outras aldêas que bem lhe parece, e n'ella escolher um lugar no *ekçá*, e ahi ficar residindo pelo tempo que bem lhe apraz.

XVI

Sentimento de sociabilidade entre os *Mundurucús*.—A familia.—A pintura caracteristica da tribu.

E' notavel o pronunciado espirito de sociabilidade, ou antes de nacionalidade, que, ligando fortemente entre si os individuos e as aldêas d'esta tribu, tem conservado n'aquelles desertos fóra do contacto e da influencia de nossa civilisação, ousarei dizer, a autonomia da republica *Mundurucú*.

Que os *Quichuas* sobre os Andes, apascentando suas ricas manadas de llamas e de alpacas, e cultivando em grande copia a batata, originaria d'essas montanhas, tenham podido reunir-se em grandes centros de população e constituir uma poderosa monarchia, não admira. Povo agricultor e pastor, possuia os elementos necessarios para viver no seio da abastança, desenvolvendo pelo impulso da vida social suas qualidades intellectuaes e moraes.

Mas os *Mundurucús* são agricultores e caçadores. Sua mesquinha lavoura não lhes póde fornecer abundantes recursos. A caça, mesmo n'essas planicies de rica fauna, nunca póde abastecer regularmente um grande centro de população. A' medida que a caça vai se tornando rara, os caçadores se vêm na necessidade de ir cada vez mais longe para encontral-a.

O gosto e a necessidade da caça, em vez de reunir os homens, tende ao contrario a isolal-os cada vez mais, pois só pelo isolamento podem evitar a concurrencia n'esse trafico, do qual dependem essencialmente os seus meios de existencia.

Não é outro o motivo que leva as familias das aldêas *Mundurucús* a dispersarem-se durante o verão. Como já tive occasião de referir, em minha excursão, encontrei algumas d'estas familias em cabanas situadas no meio das matas ou á margem do Caderery.

Entretanto, apezar de tudo, a tribu conserva-se fortemente unida, posto que dividida em vinte aldêas.

Não existe, é certo, um centro de governo civil ou religioso, ao qual todas essas aldêas prestem obediencia ; mas os laços moraes, que vinculam entre si todas ellas e todos os individuos da tribu, são tão fortes, que têm resistido durante o longo curso de sua existencia a todas as causas de dissolução.

O casamento entre elles consiste em um simples accordo entre os nubentes e suas familias, e não é revestido de caracter ou fórmula alguma religiosa.

Succede ás vezes que um *Mundurucú* toma por noiva uma menina ainda de menor idade, de accordo com a familia d'ella, e trata-a então como sua futura esposa, fornece-lhe caça e outros meios de subsistencia até que ella chegue á puberdade para realizar o casamento.

Desde o momento do accordo a noiva é por todos como tal respeitada, e ninguem ousa disputal-a áquelle que está destinado a ser um dia seu marido.

O casamento, uma vez celebrado, constitue um forte laço de união entre os dois esposos. A polygamia não está em uso n'esta tribu, e não raras vezes se dão scenas de ciume.

As mulheres, nas aldêas, apezar de sobrecarregadas com trabalho, são por todos tratadas com certo recato ; nem lhes é permittido entrar no *ekçá* ou quartel dos guerreiros.

Não obstante andarem inteiramente núas, ellas evitam cuidadosamente posições que possam parecer indecentes, a tal ponto que ninguem nota quando ellas atravessam certos periodos melindrosos peculiares a seu sexo.

A proposito de zelos e de ciumes, referirei um caso, porque entendo que estes factos observados pintam mais ao vivo do que qualquer descripção em termos geraes os usos, costumes e sentimentos de um povo.

A india Sebastiana, de quem já fallei anteriormente, era casada em Acupary. Um dia chega-se a ella um rapaz e diz-lhe : « *Deixa o teu marido, que não é bom caçador, e vem comigo para outra aldêa.* » N'este momento justamente apparece o marido, que, dirigindo-se para ella, lhe pergunta—*o que o seu interlocutor lhe havia dito?* A india, embaraçada, não sabia o que responder, e o marido lança mão de um arco e a castiga severamente. Entretanto este

casal viveu sempre unido, amando-se um ao outro, até que a desgraça, que ameaçou a mãi de Sebastiana, a obrigou a deixar o marido, fugindo de Acupary.

As familias são muito unidas ; tanto os paes como as mãis são extremosos pelos filhos, e são capazes de arrostar os maiores perigos para amparal-os e protegêl-os.

Eu vi nas grandes casas das aldêas algumas crianças doentes serem tratadas com muito desvelo e solicitude.

Quando um *Mundurucú* refere-se a um outro individuo de sua tribu, emprega sempre esta phrase—*um nosso parente*—para distinguil-o de outro qualquer individuo de tribu differente.

Quando por acaso se encontram esses barbaros longe de suas aldêas, no meio das florestas ou á margem dos rios, facilmente se reconhecem pelas pinturas ou tatuages uniformes, e caracteristicos da tribu.

A pintura dos *Mundurucús* é cousa notavel. São desenhos traçados com extrema habilidade por mão de artista consummado.

No rosto e no peito são grande numero de losangos perfeitamente desenhados. Na parte posterior do corpo são linhas parallelas, tiradas desde o pescoço de alto a baixo até quasi os calcanhares ; os seios, as nadegas e as partes sexuaes das mulheres, são pintadas com desenhos de fantasia, mas uniformes para o mesmo sexo.

Tanto os homens, como as mulheres, tiram grande vaidade d'este singular ornamento.

A operação da pintura é dolorosissima.

Começa quando a criança attinge a idade de oito annos. Como é natural, a criança não se presta voluntariamente ao supplicio ; mas é tomada á força, lançada ao chão e privada de todo movimento.

Então o pintor, armado de agudo dente de cutia, vai tra-

çando os desenhos sobre o corpo da criança, que chega a verter sangue.

Sobre os traços applicam o suco do genipapo, que constitue uma tinta indelevel. Essas feridas, abertas á força, inflammam-se ordinariamente; ás vezes sobrevêm febres. Por isso a operação é feita de preferencia no inverno por ser menos intensa n'esta estação a acção do calor.

O trabalho é lento: deixam-se as primeiras feridas cicatrizar para continuar a operação. Por isso a pintura só fica completa quando o individuo se approxima dos vinte annos de idade, tão morosa é ella.

Parece, pois, isto uma especie de baptismo de sangue — um laço social—um vinculo consagrado, que, como solidos elos de uma cadêa, prende entre si todos os membros da tribu.

E' o traço de união intima, cuja origem remonta a Caru-Sacaebê, conforme refere a tradição.

Todo o corpo do *Mundurucú* é integralmente tomado por estes desenhos. E' impossivel que outro qualquer povo os faça mais extensos e mais perfeitos.

XVII

Divisão de tempo.—Crenças.—Modo de enterramento.

Os *Mundurucús* dão ao sol o nome de *caxi*.

Distinguem o verão, a que chamam *coatu*, do inverno, a que chamam *ixi*.

Dizem que o inverno começa quando principiam a cahir as castanhas. E realmente os fructos da castanha (*bertholetia excelsa*) começam a cahir tanto que apparecem as primeiras chuvas.

Dizem que o verão começa quando appareeem as andorinhas.

Chamam a lua *caxiate*.

Lua cheia, *caxi-tupambon-pimau*.

Quarto crescente, *caxi-quite*.

Quarto minguante, *caxi-hian*.

Dia, *cabiá*; noite, *ximan*.

Para designar a manhã, meio-dia ou a tarde, apontam com o dedo indice a posição em que deve estar o sol na hora que querem designar.

A's estrellas chamam *cacutá*.

A' constellação das sete estrellas (hesperides), *tauadirá*.

Estrella d'alva, *cabiará*.

Cruzeiro do sul, *chenchentá* (*ch* pronunciado como em hespanhol na palavra *muchacha*).

Dizem que a terra é chata, mas não sabem onde começa nem onde acaba.

Quando um *Mundurucú* morre, quer seja homem ou mulher, velho, moço ou criança, seu espirito—*biumbé*—vai para outra vida, especie de paraiso, a que chamam *cabi*.

O *cabi* consiste em um campo sem limites, no meio do qual ha um *ekçá* bastante grande para abrigal-os a todos.

A's vezes esses espiritos vagam pelo espaço e produzem a tempestade. Outras vezes o espirito do *Mundurucú* baixa á terra, converte-se em *matin tapirera* para caçar durante a noite. Em todo o valle do Amazonas ouve-se com effeito durante a noite o canto descompassado de uma ave nocturna, que parece repetir continuamente estas vozes: *matin tapirera*.

Além da vida, além do tumulo, não ha mais penas nem lugares destinados ao supplicio dos espiritos. A existencia de além-tumulo é muito mais suave do que a vida terrena.

Estando no *cabi* não morrem mais, e se precisam de alguma cousa vêm a terra em fórma de trovão. Não ha espiritos máos empenhados em perder os *Mundurucús*.

Quando morre um d'estes selvagens os parentes cavam uma sepultura embaixo da propria rêde ; a sepultura tem a fórma de um cylindro a eixo vertical ; sobre ella descem o cadaver, accommodando-o na mesma posição em que se acha o féto no ventre materno, occupando a cabeça a posição mais elevada.

E' a posição de cócoras, a mesma que usavam os *Quichuas* e os egypcios. Deitam junto com o cadaver alguns objectos que foram de seu uso quando em vida, taes como armas, ornatos de pennas, etc. O meu interprete era um indio intelligente, e fallava, além do seu dialecto *mundurucú*, as linguas portugueza e *tupi*. Elle me traduzia em dialecto *mundurucú* sem hesitar as seguintes phrases : « Tenho saudades de minha mãi—*Nhebên uexi cahi* ; » « Tenho saudades de meu filho—*Nhebên opute cahi.* » A palavra *nhebên* significa saudade. « Minha alma vai para o céo—*Ubiumbê cabi cahi dhê.* »

Este conhecimento dos astros, posto que ainda múito limitado ; estas crenças de uma vida futura sem as perturbações de odiosas superstições ; esse poder de conceber e exprimir idéas abstractas, e os sentimentos mais puros e mais suaves do coração humano, cómo sejam saudades de mãi e de filho, me causavam sorpresa da parte de um povo, que sempre foi considerado como um dos mais barbaros e mais ferozes do valle do Amazonas.

Presumo que os *Mundurucús*, se não trouxeram essas idéas e conhecimentos de algumas das raças civilisadas do planalto dos Andes, ao menos têm vivido durante seculos da mesma fórma por que ainda vivem hoje os que habitam as aldêas das campinas, isto é, em centros tão populosos,

quanto o podem ser os de selvagens, que vivem de caça e dos exiguos recursos de uma lavoura rudimentar. Estas aldêas, em continuas communicações entre si, conservam os mesmos usos e costumes. A pintura dos *Mundurucús* outra cousa não é senão, como já disse acima, um baptismo de sangue, que imprime caracter indelevel—um laço sagrado, que estreita entre si em communhão fraternal todos os membros da numerosa e pujante tribu.

Entretanto me abstenho de tirar conclusões de qualquer natureza que seja. O meu proposito é observar escrupulosamente os factos e descrevêl-os com fidelidade.

Talvez que sobre este ligeiro esboço, que faço da vida de uma tribu selvagem, medite algum d'estes espiritos superiores, que se preoccupam do destino da humanidade e dos problemas da vida humana.

A estes pertence prescrutar os arcanos da Providencia, indagar qual o ponto de partida que tiveram os povos em sua peregrinação sobre a terra, quaes os trilhos que têm percorrido e quaes os destinos que lhes são reservados.

XVIII

Meios de vida dos *Mundurucus*.— Caça. —Plantas cultivadas.—Fructos silvestres.

Os *Mundurucús*, dominando um vasto territorio coberto de mattas virgens, e campinas, sendo destros caçadores e possuindo excellentes cães, tiram da caça a principal base de subsistencia.

Possuem tambem uma pequena lavoura, ainda bastante rudimentar, mas que entretanto lhes é de não pequeno auxilio.

O territorio produz tambem muitos frutos silvestres, alguns de excellente qualidade.

Não mencionarei todas as variedades de caça que se encontram n'aquellas regiões onde abundam a anta, o veado, os porcos selvagens, o mutum, inhambú, jacamins e muitos outros. Darei aqui, entretanto, um quadro de todas as plantas cultivadas pelos *Mundurucús*, e outro dos frutos silvestres, com os respectivos nomes no dialecto d'estes selvagens :

Plantas cultivadas

Nomes portuguezes ou tupis.	Nomes *mundurucús.*
Mandióca	*Mocetd.*
Macacheira ou aipim. . . .	*Mocepean*
Cará grande branco	*Puerd erechache.*
» » roxo.	*Puerá aniucate.*
» » pequeno branco. .	*Auaird.*
» » roxo.	*Anauerd aniucate.*
Batatas doces.	*Uixid.*
Ananaz.	*Para-â.*
Mamão.	*Açâo-â*
Pimenta	*Aium-â.*
Canna de assucar.	*Canipec.*
Timbó.	*Comopi.*
Algodão.	*Bruun-â.*
Milho	*Muirarâ.*
Fava grande	*Ueitei.*
Banana	*Acoubd.*
Banana de S. Thomé	*Acoreqempd*
Tajá grande	*Pan-an-uan.*
Maniquera.	*Mocerd*
Flechas	*Bepd*
Jamarú (cabaça)	*Uiaiá*

Fructos silvestres

Fructos das matas e varzeas.

Portuguez ou tupi.	Mundurucú.	Portuguez ou tupi.	Mundurucú.
Castanha do Pará	*Hennain.*	Araticú	*Bocubocu.*
Assahy	*Oaporeme.*	Mocajá	*Uacuriá.*
Burity	*Inherepeá.*	Anajá	*Uaritaiá.*
Bacaba	*Haruruxê.*	Copu-ahy	*Acarapá.*
Patauá	*Uadhu.*	Pajurá	*Cobican-a*
Uxi	*Tarud.*	Cumahy (solvasi-	
Pequiá	*Xaá.*	nha)	*Iubad.*
Abio	*Anacared.*	Massaranduba	*Cirara-â.*
Cajú do mato	*Herecerd.*	Cacáo do mato	*Uadherá.*
Maracujá	*Maracuiá.*	Jutahy ou Jatubá	
Bacury-pari	*Uaremeçd.*	Copu-assú	*Acarapá.*
Solva	*Utud.*		

Fructos dos campos.

Jaboticaba	*Jubã.*	Murucy	*Quenhen-â*
Mangaba	*Unhuâ.*	Marmelada	*Hera-â.*
Cajú do campo	*Hacerá caraú.*	Araticú do campo	*Bocubocubaru.*
Axiua	*Eten-ã.*	Ananaz	*Iparâ.*

O *dahu* é a comida predilecta dos *Mundurucús*. Prepara-se com castanhas denominadas do Pará

Esta castanha é bastante conhecida, pois que a provincia do Pará exporta todos os annos para a Europa milhares de hectolitros.

E' conhecida na Europa pela denominação de noz do Brazil, contem sessenta por cento de um oleo muito fino e de sabor delicado.

Para preparar o *dahu*, os *Mundurucús* cozinham a castanha, tiram-lhe a casca, lavam-n'a, maceram-n'a, poem-n'a em uma panella, abafam-n'a com folhas e a expoem ao fumeiro por espaço de oito dias.

Esta massa experimenta uma especie de fermentação e exhala cheiro activo.

Então pilam-n'a e de novo põem-n'a em uma panella ao fogo.

Assim preparado o *dahu* conserva-se por muito tempo.

Tambem preparam outra especie de *dahu*, que consiste na mesma castanha, que depois de convenientemente cosida e macerada, é misturada com peixe ou carne de caça.

Ainda faz parte do regimen alimenticio dos *Mundurucús* o mingáu de bananas, de cará, mingáu de farinha misturada com assahy, patauá, bacabas mingáo de maniquera.

Tomam durante o verão uma especie de refresco feito de favas bravas, a que chamam—*uteima*.

Não consta que façam uso de bebidas alchoolicas nem que se embriaguem.

São mui sobrios. Si por acaso em dias chuvosos de inverno falta-lhes caça, a alimentação reduz-se a batatas, carás, castanhas, dahu, etc.

Conservam a carne de caça *moqueada*, o que conseguem expondo a caça a um fogo lento, pelo meio conhecido.

XIX

Plantas cultivadas das aldêas *Mundurucús*(*).

Mandióca.	*Manihot utilissima*. Linn. Fam. euphorbiaceas.
Macaxera ou aipim.	*Manihot aypim*. Fam. euphorbiaceas.

(*) Devo esta nota technologica á obsequiosa collaboração do Sr. Dr. Lourenço José Ribeiro da Cruz Rangel, distincto praticante da secção de botanica do Museu Nacional.

Cará grande branco. Cará grande rôxo. Cará pequeno branco. Cará pequeno rôxo.	*Dioscorea bulbifera*, dioscorea sativa, Linn. Fam. dioscoreas. Ha diversas especies de cará, como sejam: *Dioscorea dodecaneura*, Vall.; *Dioscorea hyperi folia*, Velloso; *Dioscorea tribola*, Vil.; *Dioscorea brasiliensis*, etc., etc.
Melancia.	*Cucurbita citrullus*, Linn. Fam. cucurbitaceas.
Jerimú.	*Cucurbita maxima*, D. C. Fam. curbitaceas.
Batata doce.	*Convolvulus edulis*. Fam. convolvulaceas.
Ananaz.	*Bromelia ananas*, Linn. Fam. bromeliaceas.
Mamão.	*Caryca papaya*, Linn. Fam. papayaceas.
Pimenta.	Grande numero de fructos de familias e generos differentes é conhecido sob o nome de pimenta; porém a mais conhecida dos indios, e da que elles mais uso fazem, é a pimenta malagueta, *Capsicum pendulum*, de Velloso. Fam. solanaceas.
Canna de assucar.	*Saccharum officinarum*, Linn. Fam. graminaceas.
Timbó.	Cipó timbó, tambem conhecido por cururú-apé é a *Paulinia pinnata*, e o timbó do Rio de Janeiro é o *Physalis heterophilla*. Além d'estes ha tambem no genero Serjania algumas especies toxicas,

conhecidas sob o nome de timbó ; assim, a *S. caracasana, S. clematidifólia* e a *S. lethalis*, principalmente esta ultima, como o nome caracteristico indica.

Algodão. *Gossipium herbaceum*, Lamarkc. Fam. malvaceas.

Milho. *Zéa mais*, Linn. Fam. graminaceas.

Fava grande. Fava, *Vicia sativa*, Linn. Fam. leguminosas. Ha grande numero de favas, quasi todas pertencentes ao genero *Phaseolus*. Fam. leguminosas.

Banana. Banana prata, *Musa argentea* ; banana da terra, *Musa sapientum* ; banana anã, *Hexandria monœcia*, Linn Todos generos da familia das musaceas.

Banana de S. Thomé. *Musa paradisiaca*, Linn. Fam. musaceas.

Taja grande. *Caladium esculentum*, Linn. Fam. aroideas.

Flechas. As flechas empregadas pelos indios na fabricação das settas pertencem á canna brava, *Anthoxanthium gigans*. Fam. graminaceas.

Cabaços. Cabaço, *Cucurbita lagenaria*, Linn ; *Cucurbita leucalhes*, Duch., generos da familia das cucurbitaceas. O nome de cabaço é empregado para designar diversas especies do genero *Cucurbita* da familia das cucurbitaceas, das quaes umas são comestiveis e outras toxicas.

Fructos não cultivados e indigenas d'essas regiões.

Fructos dos campos.

Mangaba.	*Hancornea pubescens*, Martius. Fam. apocineas.
Jaboticaba.	*Myrtus cauliflora*, Martius. Fam. myrtaceas.
Cajú do campo.	*Anacardium humile?* Martius. Fam. therebentinaceas.
Axina.	
Muruxi.	*Byrsonima serieca.*
Marmelada.	Dão este nome em Sergipe ao fructo de um arbusto agreste, que se parece com o jenipapo, de um arroxado escuro; é comestivel, e suppõe-se ser uma especie de marmello das Alagôas, *Cydonia?* Fam. rosaceas.
Ariticú do campo.	*Anona cornifolia*, St. Hilaire. Fam. anonaceas.
Anany.	*Leopoldina imperialis*. Fam. cucurbitaceas.

Fructos das matas e varzeas.

Castanha.	Castanha do Pará ou Maranhão, *Bertholletia excelsa*, Humb. e Bomp. Fam. myrtaceas.
Assahy.	*Euterpe edulis*, Martius. Fam. palmeiras.
Muruty.	*Mauritia vinifera*, Linn. Fam, palmeiras.
Bacaba.	*Oenocarpus baccaba*, Martius. Fam. palmeiras.

Patauá.	*Oenocarpus?* Fam. palmeiras.
Uxi.	*Uxi umbrossimus*. Fam. crisobolaneas.
Pequiá.	Pequiá-café ou café bravo, *Casearia fœtida* Fam. samydeas.
Abio.	*Labatia reticulata*, Martius. Fam. sapotaceas.
Cajú da mata.	Suppõe-se pertencer ao genero *Cassuvium* Fam. therebentinaceas.
Maracujá.	*Passiflora maliformis*, Linn. e Wild. Fam. passifloraceas.
Bacuru-pari.	*Platonia insignis*, Martius. Fam. canellaceas.
Salva.	*Lippia citrata*, Schelt. Fam. verbenaceas. Salva do Brasil, *Salvia fulgens*, Cav. Mahl. Fam. labiaceas. Salva do mato, *Hurreria salsaparrilha*.
Ariticú.	*Anona silvatica*, St. Hilaire. Fam. anonaceas.
Mocaja.	Conhecido no Rio de Janeiro por côco de catarrho, *Acrocomia sclerocarpa*, Martius. Fam. palmeiras.
Anaja ou majá.	Fam. palmeiras.
Cupu-assú.	*Deltonea luctea*. Fam. malvaceas.
Cupu-ahy.	Fam. leguminosas.
Pajura.	Fam. das laurineas.
Cumaty.	*Psydium albidum*, St. Hilaire. Fam. myrtaceas.
Massaranduba.	*Achras paraensis*. *Massaranduba emarginata*, Lacerda. Fam. sapotaceas.

Cacáo do mato.	Cacáo, *Theobroma cacáo*, Linn. Fam. buthneriaceas. Cacáo bravo, *Theobroma guianensis*, Willd. Fam. buthneriaceas.
Jotobá	*Hymenæa stibocorpa*, Haine e Martius. *Hymenea courbaril*, Linn. Fam. leguminosas.

XX

Dialecto *mundurucú*.

Damos em seguida algumas phrases e alguns termos do dialecto *mundurucú*:

Portuguez.	Tupí.	Mundurucú.
Boa tarde	*Iané caruca*	*Oui caxitengue.*
Bom dia	*Ianê eoema*	*Cabiá.*
Até a volta	*Acuri cha iuera ramé*	*Repite bimá.*
Boa noite	*Iané pitúna*	*Iaicate.*
Como está?	*Catu meri será?*	*Chi patsene?*
Estou bom	*Catu teên*	*Une chipate.*

Portuguez.	Mundurucú.	Portuguez	Mundurucú.
Sol	*Caxi.*	Vamos comer	*Nhachecon.*
Lua	*Caxiate.*	Verruga	*Querêra.*
Homem	*Anhocate.*	Nariz	*Ueramboque*
Mulher	*Aiatiate.*	Dente	*Ueirei.*
Dia	*Cabid.*	Olho	*Uetá.*
Noite	*Ximân.*	Lingua	*Ueicu.*
Estrella	*Taçêpetá.*	Boca	*Ueibi-xée.*
Chuva	*Mambaûte.*	Rosto	*Ueirupá.*
Trovão	*Beru-xixi.*	Cabeça	*Uiaã.*
Céo ou espaço celeste	*Cabi.*	Orelha	*Oenhembôe*
		Perna	*Uiraû.*
Nuvem	*Cabi crereate*	Pé	*Uiei.*
Agua	*Iribi.*	Braço	*Uibá.*
Menino	*Berechata.*	Unha	*Uêinrãn.*

Portuguez.	Mundurucú.	Portuguez	Mundurucú.
Barba	*Uibirape.*	Sovaco	*Ueinhembi.*
Cabello	*Uiarape.*	Venta	*Uiabingta.*
Mão	*Uebarand.*	Rêde	*Caran.*
Dedo da mão	*Ueibé.*	Eu	*Une.*
Sobrancelhas	*Ueitd embite.*	Tu	*Ene.*
		Elle	*Inhedhe.*
Dedo do pé	*Uiei.*	Elles	*Inhedheanhe.*
Peito	*Ueicameid.*		
Barriga	*Uéiecca.*	Amigo	*Ubeixi.*
Umbigo	*Uérampeá.*	Irmão mais velho	*Uamu.*
Garganta	*Uecumbird.*		
Pescoço	*Uanhembé.*	Irmão mais moço	*Ocoulo.*
Pinta	*Ueixiquetique.*	Irmã	*Uéixite.*

Dar—*Unheme.*

Eu dou	*Une unheme.*
Tu dás	*Ene unheme.*
Elle dá	*Inhedhe-ate unheme.*
Elles dão	*Inhedianhe unheme.*

Ser homem—*Anhocate dhé.*

Eu sou homem	*Une dhé anhocate.*
Tu és homem	*Ene dlhé anhocate.*
Elle é homem	*Inhe dhé anhocate.*
Elles são homens	*Inhedianhe anhocate.*

Comer—*Uchecune.*

Eu como	*Une uchecune.*
Tu comes	*Ene edhuú.*
Elle come	*Inhedhée udhuú.*
Elles comem	*Inhedianhe udhuú.*

Portuguez	Mundurucú
Eu ja vou.....	*udhebeque.*
Lembranças para ti mesmo.	*Ecatu dhe euê bê.*
Os *Mundurucús* são todos parentes.....	*Mundurucús nheên dhiu anhum umain.*
Minha alma vai para o céo..	*Ubiumbê cabi cahi dhe.*
Tenho saudades de minha mãi	*Nheben nexi cahi.*
Tenho saudades de meu filho	*Nheben oputc cahi.*
Eu sou teu amigo.....	*Une ubei xixi.*
Eu não te hei de vêr mais...	*Nhan sên edhuame dhei une.*

Para facilitar a confrontação do dialecto *mundurucú* com as tres principaes linguas americanas, damos o seguinte quadro :

QUADRO COMPARATIVO

Portuguez	Quichuas	Aymará	Tupi	Mundurucú
Homem	*Runa*	*Hake*	*Apgaua*	*Anhocate*
Mulher	*Huarmi*	*Marmi*	*Cunhã*	*Aiatiate*
Cabeça	*Uma*	*Ppekeña*	*Akanga*	*Uiaâ*
Rosto	*Ceakilla*	*Nauna*	*Rúá* ou *çuá*	*Ueirupá*
Olho	*Nahui*	*Nayra*	*Teçá*	*Uetá*
Orelha	*Rinri*	*Inchu*	*Apiçaqua*	*Oenhembóe*
Mão	*Maki*	*Ampara*	*Mbó*	*Ubaraná*
Sol	*Inti*	*Inti*	*Guaraci*	*Caxi*
Lua	*Killa*	*Phakki*	*Jacy*	*Caxi-âte*
Agua	*Jacu*	*Uma*	*Y*	*Iribi*
Eu	*Noca*	*Na*	*Ixé* ou *xé*	*Une*
Elle	*Pay*	*Hupa*	*Ahé*	*Inhendhe*
Comer	*Micumi*	*Mankatha*	*U*	*Uchecne*

XXI

Honras funebres feitas aos guerreiros que morrem em combate.

Quando em uma d'essas frequentes guerras succede que um *Mundurucú* morre em combate, seus companheiros cortam-lhe a cabeça e a fazem mumificar pelo processo conhecido.

Regressando á aldêa, collocam-n'a em um lugar reservado, assim como as armas, a buzina e os ornatos que pertenceram ao guerreiro defunto.

Esta reliquia torna-se objecto de veneração publica.

Se passa algum *Mundurucú* das aldêas vizinhas vai visital-a e rende-lhe o culto devido, chorando e lamentando a sorte do finado. Na aldêa natal preparam-lhe honras publicas; fixam de antemão a época, e fazem convites ás aldêas vizinhas.

Chegada a época aprazada reune-se o povo ; depositam a cabeça em uma especie de cesto ou balaio, o qual é collocado sobre o collo da viuva, mãi e irmãs do defunto.

As outras mulheres sentam-se no chão, fazendo um circulo em torno. Varias tochas de madeiras resinosas ardem junto ao cesto funerario.

Os guerreiros, ornados com enfeites e armados de arcos e flechas, dansam em torno do grupo, tocando as businas e outros instrumentos de musica.

Outros grupos de homens fazem outro tanto no *ekçá*, outros vão dansando e cantando em torno da casa onde se acha a cabeça, objecto d'estas honras funebres. Ao mesmo tempo vão entoando em voz alta estas lamentações :

« Tu morreste, meu parente, nós te vingaremos ; para

este fim estamos no mundo, para vingarmos uns aos outros que morrem na guerra. Nossos inimigos não são mais valentes nem mais homens do que nós. »

O texto *mundurucú* é o seguinte:

« Etean ari ubaripeinhaçan eted ei ue-gne ari utiede aipanme idie ôpe be ateüeiame rupanhô be tean anhem parui áte bé. Uterupanhon ibeixi ame utie de utedie ute beixi. »

Estas festas funebres duram mais de um dia. Celebram uma em cada um dos quatro primeiros annos que se seguem á morte do guerreiro.

A festa do quarto anno termina pelo enterro da cabeça; n'esta occasião, tanto os homens, como as mulheres, dirigem-lhe as palavras seguintes:

« Meu irmão, ou meu filho, aqui viemos para te fazer o enterro. Morreste; para este fim nasceste. Morreste em guerra, porque foste valente; para isto nossas mãis e paes nos crearam. Não devemos temer o inimigo. Quem morre em guerra morre com honra; não é como quem morre de molestia. Viemos de todas as *malocas* para chorar e dansar até o fim do teu enterro. »

A versão em *mundurucú* é a seguinte :

« Uanhum inhaçan até sôte écú tcháme. Imenhame ari utiê bai utiê mai pánme. Etêâ uanhum utê rupanhum bê anhocate ediê. Imenhame utiê xi utiê me pito utiê bai ari uê utiê úebé anhocate epéçupeidiô ipi bé utiê parará ama utiê rupanhum bê-xime. Rupanhum-bê tiê à âen anhocate ediê tutu uê-ê utié rupanhum bê-ibé pame une pite idiôtié mâ utié pa-âme paï bêxime cauxi pibône. Idiôtié utiésote anhuncaxiri bêúi caracuie cuié âê uadime até cabé ute racui axirau umãe iueipe iúé utiê uébé pam utié sote nhaçam diutié achi-tutúne pre ibiman utié diepite diei. »

Ao mesmo tempo as mulheres, em torno da cesta funeraria, dizem como se fosse o defunto que fallasse:

« Minha mãi (ou minha mulher), tu has de morrer de molestia em tua cama. Eu morri na guerra por ser valente. »

Durante estas festas os pagés tocam um instrumento especial: é uma especie de corneta, a que chamam—*caruquê*.

Para isto o pagé occulta-se em uma pequena cabana, expressamente construida para este fim, na qual é rigorosamente vedado ás mulheres entrarem.

Por outro lado, estas mulheres supersticiosas evitam por todos os meios ao seu alcance lançar as vistas sobre este instrumento sagrado e mysterioso. Estão intimamente convictas de que, se chegassem a vêr um momento sequer o *caruquê* teriam commettido um sacrilegio, que as tornaria infelizes por toda a vida.

Emfim, dentro da casa, onde habita a familia do guerreiro defunto, abrem uma sepultura em sentido vertical, e n'ella enterram a cabeça, em cuja honra se celebram as festas.

XXII

Festas em honra da caça, da pesca e da lavoura.

Cada aldêa *Mundurucú* celebra tambem no começo do inverno de cada anno uma festa publica, sendo alternativamente um anno em honra da caça e outro em honra da pesca.

Para isto a aldêa elege um director de festa, que é naturalmente escolhido entre os guerreiros de mais prestigio, e que deve tambem ser bom cantor.

Fazem de antemão abundante provisão de caça, de bejús, (especie de pão feito com a massa da mandioca), de batatas e de outros generos alimenticios.

As mulheres pintam-se de genipapo, urucú e outras côres de grande effeito.

Homens e mulheres, ornados com enfeites de pennas, com collares de dentes de inimigos, reunem-se em grupos, onde bem lhes parece, e começam a tocar, dansar e cantar.

Reunem craneos de antas, veados, e de outras caças ou peixes, e offerecem-lhes as melhores iguarias, *dahu*, o tarubá, a maniquera e outras.

A' meia-noite o pagé recolhe-se a um quarto reservado, onde não possa penetrar vista profana. Ahi, no meio de profundas trèvas, evoca em altas vozes a *mãi* da anta, em primeiro lugar, se a festa é consagrada á caça.

Não tarda muito que o povo, que se acha em torno da barraca mysteriosa, ouve dentro d'ella o grito agudo da anta.

E' o pagé que imita o grito d'esse animal para dar a entender aos circumstantes que o genio evocado acudiu ao seu chamado e baixou á sua cabana.

Então começa em altas vozes um dialogo animado entre a *mãi* da anta e o pagé. Elle pede áquella que durante o anno seja propicia aos caçadores da aldêa, fazendo com que seus filhos não se afastem para longe e appareçam em grande numero. A resposta é sempre favoravel.

Depois é evocada a *mãi* do veado, e successivamente as de todos os outros animaes que os *Mundurucús* desejam encontrar em suas caçadas.

A festa em honra dos peixes é em tudo semelhante á precedente.

Além d'estas festas consagradas aos genios tutelares da caça e da pesca, os *Mundurucús* celebram ainda todos os annos, no começo do verão, outra em honra da lavoura.

Homens e mulheres collocam-se em linha, tocando uma especie de corneta, chamada—*ken*; —dansando e cantando invocam as *mãis* da mandioca, do milho, etc., pelo seguinte modo:

« Oh *mãi* da mandioca, favorece-nos com os fructos de teus filhos. Não nos deixes passar privações. Todos os annos te dirigimos nossas supplicas; não nos esquecemos nunca de ti. »

Os pagés cantam na frente do povo esta invocação, que o mesmo povo repete em côro.

O texto *Mundurucú* é o seguinte:

« Mucêipixi eirú berè bereme u tiédié imenedié diéi chipanme mucê dê aipanem itabungue diéé taraibote ama epôtepôte diêe imenedié tutu utiê-diê araiarai utêcôpe ixi abime pame euatu abime éirú berereme bate que mêaipánhate uérè mon utiê caroi diêai panme tuman. »

XXIII

Missão do Bacabal.—Historico.—Luta renhida entre os principaes moradores do municipio e o missionario

O governo imperial não tem poupado esforços para chamar ao gremio da civilisação as hordas que erram pelo valle do Alto-Tapajoz. Foi com esse fim que em 1872 mandou fundar a Missão do Bacabal.

Esta missão, chamando a si todos os indios *Mundurucús* que habitavam as margens do Alto-Tapajoz, provocou desde logo vivas reclamações da parte dos principaes moradores do municipio de Itaituba.

Para dar uma idéa dos obstaculos com que o governo luta, para realizar o seu grande empenho de catechisar as

tribus indigenas, darei aqui o historico da Missão do Bacabal, que chegou a reunir uma população de quinhentos indios de uma das tribus mais importantes do Brasil, como é incontestavelmente a *Mundurucú*.

E para que não possa ser acoimado de parcial n'esta narrativa, transcrevo textualmente os proprios documentos, tanto da parte dos moradores do municipio, como da parte do missionario, os quaes pôem em relevo a animosidade que reina entre as duas partes.

Os principaes lavradores e negociantes do municipio de Itaituba, em 1° de Março de 1874, enviaram á asssembléa legislativa da provincia do Pará uma reclamação, queixando-se de que o missionario do Bacabal nada mais fazia do que monopolisar o trabalho dos indios mansos das margens do Tapajoz, e não curava de fazer a catechese entre as hordas selvagens das aldêas centraes.

Eis-aqui a integra d'essa representação :

« Senhores membros da assembléa legislativa provincial.—Em fins do anno de 1871 subiram ao Alto Tapajoz os Rvs. missionarios Fr. Pelino de Castrovalva e Fr. Antonino, para montar uma missão em lugar mais apropriado ao descimento das tribus indigenas, que ainda numerosas povoam os sertões d'esta região. Este acontecimento foi por todos applaudido, porque d'est'arte o crescimento e florescimento d'esta parte do Imperio seria certo á vista da falta de braços que sente a provincia para a agricultura que definha, e outros ramos que constituem e alimentam o commercio entre nós. Os missionarios escolheram o lugar denominado Bacabal, onde existia um aldêamento antiquissimo de indios já civilisados, que se empregavam na agricultura, fabrico de borracha, e muitos serviços prestavam ás canôas, como praticos, negociando com a permuta dos generos de sua lavra. Os missionarios, mal informados e

imprudentes, dando ouvidos aos zoilos e aventureiros, declararam desde logo guerra cruel aos negociantes, denominando a todos, sem excepção, ladrões, perversos, e aconselhando aos indios que não pagassem suas dividas, porque nada deviam, impedindo que os mesmos prestassem serviços ás canôas nas viagens perigosas das cachoeiras, dando causa a prejuizos gravississimos nos annos de 1872 e 1873, taes como a perda de doze canôas, com seus carregamentos e algumas vidas!... Havendo na cidade de Santarem um periodico, fez-se sciente ao governo d'estes factos pelas columnas do mesmo jornal; infelizmente parece que as autoridades superiores são illudidas, e não acreditam nas verdadeiras relações dada pela imprensa. O mal se vai aggravando de dia em dia, porque recebendo os missionarios protecção do governo, que nutre os mais louvaveis desejos a bem da catechese, concentram no Bacabal os indios que ahi estavam residindo, seduzindo muitos assalariados pelos negociantes, e homens de côr que viviam irregularmente, empregando-os em serviços aproveitaveis sómente a elles missionarios, em canticos, e outros actos que a decencia manda calar. Pelos documentos juntos será apreciado o procedimento dos ditos missionarios, que até o presente nenhum serviço têm prestado a bem da catechese, o que já determinou a camara municipal de Itaituba a representar ao governo sobre a maneira por que êsses missionarios procedem, tudo contrario ao fim de sua missão, não tendo ate hoje surtido effeito algum.—Pedem, pois, os abaixo-assignados a esta nobre corporação que, tomando em conta os males que vão em crescimento, prejudicando ao Alto Tapajoz, autorise ao presidente da provincia a enviar uma commissão de homens competentes para syndicar dos factos, conhecer a verdade, e então serem dadas providencias conducentes a extinguir-se os soffrimentos

que os obrigam a levar esta reclamação aos eleitos do povo. Itaituba, 1° de Março de 1874. » (Seguem-se as assignaturas.)

Por outra parte tambem, o padre missionario queixa-se amargamente, não de todos os cidadãos signatarios da representação, mas dos negociantes denominados *regatões*, que todos os annos costumam penetrar pelo Alto-Tapajoz, levando algumas mercadorias em pequenas canôas para trocarem com a borracha, a salsa, o oleo de cupahyba, e outros productos naturaes d'essa região.

Em officio de 20 de Janeiro de 1876 diz o missionario Fr. Pelino de Castrovalva ao presidente da provincia do Pará:

« Foi em 10 de Julho do anno passado que o Sr. Dr. Tocantins visitou esta missão e poucos dias depois da partida d'este senhor eu tive de chegar até essa capital, por motivos que interessam a bem da mesma missão, como é de V. Ex. sabido.

« Durante a minha ausencia a moralidade publica na aldêa foi muito perturbada por uns regatões contrabandistas.

. . . . . .

« Estes regatões com seus tripolantes tendo recebido noticia de que a Missão estava desamparada, cada um por sua vez correu sem demora á aldêa, e ahi chegando commeteram excessos de ladroeira e devassidão.

« Conforme o costume d'elles, embriagaram primeiro os indios com cachaça, e estando elles privados assim do uso da razão lhes tiraram tudo que puderam, farinha, criação de patos e gallinhas, etc., dando-lhes apenas em troco a cachaça que bebiam.

« Levantaram prostituição publica de dia e de noite, no porto e nas casas, e, oh! Exm. Sr., n'este ponto foram ver-

dadeiramente excessivos ! Não houve familia dos pobres indios, de cuja honra e decoro mais caro não abusassem de um modo horrrivel, e choraram até as pedras a tanta calamidade !

« A desmoralisação foi tanto além, que os mesmos indios, no estado de embriaguez, esquecendo todas as boas instrucções, imitaram os regatões na devassidão e assim tornou-se n'aquelles dias a missão um verdadeiro lupanar !

« Em consequencia d'este estado anormal em que se achou o aldêamento, nos poucos dias de minha ausencia, que não passaram de quarenta e nove, houve n'elle uma retrogradação notavel.

« N'aquelle mesmo tempo dez indios, preoccupados de superstição (e não se sabe se esta veiu tambem de gente estranha), diziam que, achando-se desamparados do padre missionario o governo os teria mandado matar a todos elles, repetindo, loucamente, que a este fim viéra o Sr. Dr. Tocantins : entregaram-se á fuga, entranhando-se no mais recondito das florestas.

« Outros, em numero de mais de vinte, illudidos pelos regatões, tinham tambem deixado o aldêamento acompanhando os ditos regatões na extracção da borracha.

« Outros varios contrahiram allianças com outros regatões ou trabalhadores de borracha, e estes na minha chegada estavam tambem para deixar a missão.

« E se poucos dias mais ficasse ella desamparada ficaria completamente destruida.

« A minha inesperada volta á missão sendo de grande alvoroto para os indios, foi tambem de espanto para os adversarios.

« A ordem publica, graças á Divina Providencia, restabeleceu-se. Fiz dar busca aos indios que se achavam fóra desviados, e com pouco consegui restituil-os todos á mis-

são. Dobrei em rigor na observancia da disciplina, conforme o regulamento, não consentindo que espertalhões estranhos parem na missão, ou contratem com os indios sem minha licença e sem minha presença.

« A protecção que o governo mui justa e sabiamente dá á missão tem posto em desespero os adversarios da mesma; e hoje, que estão perfeitamente scientes d'isto, vão abandonando a causa .

« Depois da minha volta á missão só temos um caso a lamentar, e é o seguinte: .

« Um tal Boaventura Alves Pereira, um dos maiores enganadores dos indios, devasso e portador de cachaça, e que por esta razão tem sido expulso por vezes da missão, uma noite, de 10 a 15 de Dezembro passado, illudindo a minha attenção, apresentou-se occultamente a alguns indios, e os convidou a virem negociar com elle em um porto perto da missão. Os indios, posto que com algum medo, consentiram e foram. Renovaram-se então as scenas do costume: houve tudo, embora com mais moderação.

« Logo que apercebi a presença do regatão mandei immediatamente uns indios com uniforme militar (que formam aqui uma especie de destacamento), recommendando-lhes que me trouxessem o regatão, afim de eu lhe tirar o roubo que tinha feito. Foram; mas o regatão, avistando soldados, desprendeu a canôa do porto, e, como o cabo para prendêl-o quizesse reter a canôa, que já se ia afastando, o regatão ameaçou de matal-o com um tiro de espingarda.

« Desapontado o cabo e os seus companheiros, correram a buscar uma canôa para perseguil-o; eu, porém, não quiz consentir para evitar conflicto.

« Castiguei os maioraes dos indios culpados, e sendo o regatão recedivo o denunciei ao subdelegado de Itaituba, conforme manda o regulamento das missões.

« Mas, Exm. Sr., sciente das desaffeições que reinam em Itaituba contra a missão, nada de lá podemos esperar. Por isso me volvo a V. Ex., e lhe peço e supplico que me mande botar fóra do districto da missão dois individuos, que são summamente nocivos ao desenvolvimento da mesma.

. . . . . .

« Vivo seguro que V. Ex. livrará a missão d'esta peste de gente, mandando-a expulsar até cinco leguas fóra dos limites do districto, conforme ordena o respectivo regulamento. »

XXIV

Os *Mundurucús* atacam uma leva de *Parintintins*.—Os *Parintintins* atacam alguns moradores á margem do Tapajoz.

Por este tempo appareceu ás margens de um dos affluentes do Tapajoz, não longe da missão, uma leva de *Parintintins*.

Estes pobres selvagens, longe de encontrarem christãos, que lhes fossem ao encontro, e os chamassem ao campo do trabalho e á vida social, só encontraram algozes.

Alguns aventureiros, d'esses que costumam penetrar durante o verão por estas regiões para extrahirem borracha, foram logo dar aviso aos *Mundurucús* de uma aldêa vizinha. Estes puzeram-se immediatamente em marcha, encontraram os *Parintintins*, bateram-n'os, mataram alguns e puzeram em debandada os que escaparam, e regressaram á aldêa, trazendo varios captivos, entre mulheres e crianças.

Não admira pois que os *Parintintins* não tenham jámais podido fixar suas aldêas no valle do Tapajoz, por onde

andam errantes constantemente ha longos annos. Mas estes barbaros, cuja sorte é andar continuamente em sobresalto e alarma, perseguidos no mais recondito das florestas, expostos a vêrem a cada momento arrebatados violentamente suas mulheres e seus filhos, affagam tambem em seus peitos agitados o sentimento da vingança.

Não podendo fazer mais estragos nas fileiras de seus inimigos *Mundurucús*, nem entre aquelles sertanejos que se ligaram a estes na miserevel esperança de ficarem talvez com algumas crianças *Parintintins* captivas, estes barbaros procuraram comtudo demonstrar, pelo modo que lhes era possivel, o profundo odio que lhes causára este infame massacre.

Eis-aqui textualmente como Fr. Pelino de Castrovalva, em *Relatorio* de 14 de Agosto de 1876, refere ao presidente do Pará o assalto dado pelos *Parintintins* á casa de uns sertanejos vizinhos da missão:

« Os *Parintintins*, que é outra tribu numerosa, que vive vida selvagem, errando nas florestas, e em continua guerra com os *Mundurucús*, não se fariam esperar para a civilisação, reunidos os *Mundurucús*: desde a fundação da missão, tendo-se attenuado o rigor com que eram batidos pelos *Mundurucús*, vão elles fazendo alguma apparição nas suas excursões. Têm havido varias d'estas em diversos pontos do littoral do Tapajoz, sendo a ultima em primeiros de Julho proximo passado, na boca do Jauanchim, confluente do Tapajoz.

« Moravam no dito lugar, em uma pequena barraca, á margem do rio, tres individuos, dois homens e uma mulher, vindos de Itaituba ao Alto-Tapajoz para extrahirem borracha. N'uma tarde de um dos primeiros dias de Julho ultimo, pelas 5 horas, viram no meio do mato, perto da barraca, desfilar uma numerosa horda de selvagens, nús,

armados de arcos e flechas, enfeitados alguns com pennas de arára. Os tres individuos, no meio do susto, imprudentemente confiaram que passassem além, e não houvesse nada de mal, assim como tem succedido em outros pontos em alguns outros apparecimentos dos mesmos indios.

« Porém não foi assim: passada a noite, ás 6 horas da manhã do dia seguinte, se viram cercados em casa pelos *Parintintins*, que, urrando e uivando, á guisa de animaes ferozes, acommetteram os tres individuos. Estes defenderam-se com arma de fogo; houve então um renhido combate. O chefe dos *Parintintins* ficou morto, muitos outros feridos; os dois homens siringueiros ficaram gravemente feridos, levando um até seis flexadas, e algumas traspassaram.

« No meio do combate, faltando aos *Parintintins* flexas, as foram buscar perto das mulheres d'elles, que estavam esperando á pouca distancia. Os dois siringueiros, aproveitando esse pequeno intervallo, deram-se á fuga; e a pobre mulher, que no meio do susto não pôde acompanhar os fugitivos, ficou presa dos selvagens, que de volta, furibundos de não ter podido findar os homens, amputaram-lhe a cabeça com facas de madeira, levaram-n'a, deixando só o tronco, e muitas flexas enfincadas no tecto da pequena barraca e n'uma canôa e outras postas em fórma de cruz em signal de vingança.

« Em seguida d'este facto, todos os trabalhadores de siringa, que se achavam n'aquellas vizinhanças, retiraram-se para as ilhas, deixando deserta a margem direita do Tapajoz desde o Apuy até as Montanhas, distancia de umas cincoenta leguas.

« Tendo eu na missão recebido noticia d'esse acontecimento, teria querido voar para ir em busca d'aquelles infelizes aborigenes; porém, ponderando seriamente o caso e

ouvindo as informações dos *Mundurucús* da missão, reconheci impossivel qualquer tentativa. As bastas florestas intransitaveis, os lagos, os igarapés que trato-trato se seguem no centro, tornam impossivel a passagem ao missionario. »

XXV

Continuam as hostilidades entre o missionario do Bacabal e os principaes cidadãos do municipio de Itaituba.

As hostilidades entre o missionario e aquelles que elle chamava adversarios da missão continuavam sempre.

O governo imperial tinha todo o empenho de elucidar esta questão, pois toma a peito o serviço da cathechese; mas difficil lhe era apurar a verdade n'aquellas longinquas regiões.

O digno presidente da provincia do Pará, o Sr. commendador Pedro Vicente de Azevedo, incumbiu-me então de vizitar a missão do Bacabal, para estudar tudo quanto interessar podesse ao serviço da cathechese, de maneira a habilital-o a dar minuciosas informações ao ministerio da agricultura.

Tive occasião de verificar que aquella missão, uma das mais populosas do Imperio, pois que conta quinhentos indios, está no caso de prestar assignalado serviço, chamando á christandade, não somente a parte da tribu *Mundurucú*, que ainda vive nas selvas, longe das margens do Tapajoz, mas tambem os intrataveis *Parintintins*, e todas as hordas gentilicas que vagam pelo valle do Alto-Xingú, e para o lado das fronteiras da provincia do Matto-Grosso.

Sobre Fr. Pelino pesava a grave accusação de occupar-se mais do commercio do que da cathechese, em seu proprio interesse pessoal.

E' certo que o missionario fazia importante transacção com a praça do Pará, vendendo partidas de borracha, salsa, oleo de cupahyba, e outros productos naturaes d'aquelle rico territorio, extrahidos pelos indios da missão, e comprando mercadorias estrangeiras.

Este commercio, diziam os cidadãos que representavam contra Fr. Pelino, é feito em grande parte por conta do missionario, que tem chegado até a fazer remessas de sommas importantes para a Europa.

Mas o missionario negava este ultimo facto, e affirmava que o commercio que fazia era, não no interesse proprio, mas sim por conta dos indios da missão, que extrahiam dos matos esses productos e aos quaes elle prestava conta.

Como quer que seja, não tendo o governo provas robustas que o convencessem de que o missionario se locupletava realmente, com prejuizo da missão, provas tanto mais necessarias, quanto mais graves eram as accusações, resolveu sustentar, e effectivamente sustentou o missionario e a missão.

Infelizmente, porém, novas occorrencias sobrevieram, novos factos se deram, que puzeram em dura prova os creditos do missionario.

Os acontecimentos tomaram maior vulto ; a questão foi largamente discutida na imprensa diaria e na tribuna da assembléa legislativa do Pará.

Na camara dos Srs. deputados, a voz authorisada do meu illustre amigo o Sr. Dr. Cantão ergueu-se em favor do missionario.

A opinião esclarecida do paiz manifestou-se de modo positivo, que não é indifferente á questões d'esta ordem.

Ficou fóra de duvidas, infelizmente, que o missionario nem sempre procurou corresponder dignamente á confiança que n'elle depositára o governo imperial.

Então o Sr. ministro da agricultura, por aviso de 22 de Dezembro de 1876, dispensou Fr. Pelino de Castrovalva do cargo de director da Missão do Bacabal, tomando ao mesmo tempo promptas e acertadas providencias para manter a mesma missão, e proseguir com o mesmo vigor com que até agora tem sido feito o serviço da cathechese n'aquellas remotas regiões.

XXV

Commercio entre os regatões e os indios das margens do Alto-Tapajoz.

A luta desabrida, travada entre os principaes cidadãos do municipio de Itaituba e o missionario do Bacabal, não teve outra causa senão o commercio feito com os indios.

Refiro-me aos indios que habitam a Missão do Bacabal e outros pontos das margens do Alto-Tapajoz, e não aos *Mundurucús* das aldêas centraes, denominadas das Campinas, taes como Necodemos e outras.

Estes, verdadeiramente selvagens, não fazem commercio de natureza alguma, antes parecem evitar relações com missionarios e regatões.

O missionario do Bacabal accumulava as funcções de director do aldêamento, de almoxarife, de mestre-escola do sexo masculino e do feminino, e o de parocho. Não mostrava empenho de obter do governo auxiliares para tantos trabalhos diversos, e isolava completamente a missão do contacto dos moradores, e sobretudo dos regatões.

Todo o commercio dos indios do Bacabal era feito por seu intermedio directamente com a praça do Pará, e d'essas transacções elle não prestava conta alguma ao governo.

Procuramos agora dar uma idéa geral da maneira por que é feito o commercio no Alto-Tapajoz.

O municipio de Itaituba, cujos limites vão além da Missão do Bacabal até as fronteiras de Mato Grosso, é um dos mais ricos do valle do Amazonas em productos naturaes.

Produz em larga cópia borracha de excellente qualidade, genero a que as provincias do Pará e Amazonas devem o rapido desenvolvimento, que tem tido o seu commercio de exportação e importação.

O preço da borracha na praça do Pará tem regulado de 1$500 até 2$ o kilogramma, e só o Tapajoz exporta annualmente cerca de cento e cincoenta mil kilogrammas, e maior seria a exportação se houvesse braços sufficientes para colher todos os productos expontaneos do solo. O municipio produz tambem o guaraná, genero preciosissimo de reconhecidas propriedades medicinaes.

São os indios *Maués* exclusivamente que cultivam a planta e preparam o producto ; geralmente o preparam em fórma de pão cylindrico ; outras vezes, porém, moldam-n'o sob fórma de animaes da fauna d'essas regiões, taes como antas, serpentes, tartarugas e outros, trabalhando n'este artefacto com notavel intelligencia e gosto artistico.

O guaraná na praça do Pará regula de 4$ a 5$ o kilogramma, e em Mato Grosso, onde se faz d'elle grande consumo, o preço é quatro vezes maior.

Cada tripolante das canôas, que navegam por essas regiões, toma todas as manhãs uma decoção de guaraná, e mesmo varias vezes por dia, como preservativo contr as febres, e isto com feliz resultado.

Produz ainda expontaneamente oleo de copahyba, salsa-

parrilha e outros generos de alto preço e estimação em todos os mercados.

Agora mesmo leio em um acreditado jornal da capital do Pará a seguinte noticia:

« *Indios.*—Vieram a esta capital apresentar-se á presidencia, e promover a venda de duzentas e noventa e duas arrobas (mais de quatro mil kilogrammas), de borracha, um cacique e dezeseis indios *Mundurucús*, aldéados na Missão do Bacabal.

« O fardamento do cacique, bem como a pintura da cara d'esses indios tem provocado a curiosidade do povo. »

O commercio do Alto-Tapajoz é feito por uma classe de negociantes, conhecidos pela designação de *regatões*, que, durante o verão e durante a safra da borracha, penetram por essas regiões em pequenas canôas carregadas de mercadorias. Difficil e arriscada é a navegação pelas cachoeiras; muitas vezes é necessario descarregar toda a canôa, transportar ao hombro a carga por terra na distancia de varios kilometros; depois passar a canôa á força de braços, carregal-a de novo e mais adiante recomeçar o mesmo trabalho, correndo a cada momento o perigo de sossobrar no meio dos innumeros rochedos que obstruem o curso do rio. Accrescem as privações, as febres, e algum assalto possivel de indios ferozes, como *Parintintins*. Alguns regatões, partindo de Itaituba, navegam n'estas regiões, remontando o rio durante um mez e ás vezes dois.

Ahi não encontram com quem commerciar, a não ser os *Mundurucús* e alguns poucos *Maués* selvagens, que andam nús ou semi-nús, não têm a menor noção da nossa lingua, nem do nosso alphabeto, nem do nosso systema de pesos e medidas, nem dos preços correntes dos generos que vendem, nem das mercadorias que compram.

Pois os regatões vendem a credito, parece incrivel, a selva-

gens, que não possuem outro capital além de uma machadinha para cortar a arvore da borracha, mercadorias, que em suas contas correntes attingem muitas vezes á cifra enorme de cinco, seis e sete contos de réis, e as vezes mais! Talvez não houvesse alli um indio que não fosse devedor de somma elevada. Quando se pergunta a estes indios quanto devem, respo ndem sempre: — *Quem sabe! Só o patrão é que póde saber!* dando sempre o titulo de patrão ao seu credor.

O regatão, credor por sua parte tambem, considera o indio devedor como seu servo; segundo entende mais conveniente a seus interesses, manda-o para as florestas extrahir borracha, prohibindo-lhe expressamente de vendel-a a outro qualquer negociante, ou então leva-o em sua canôa como remeiro, ou leva para sua propria casa quando se acaba a safra e o faz trabalhar debaixo de suas vistas. Levam este abuso odioso a ponto de reduzir os indios a uma especie de escravidão; negam-lhes o direito de irem para onde lhes convem, e se por acaso evadem-se occultamente, elles o vão capturar á viva força.

Muitos lavradores tambem têm um certo numero de indios sob a sua sujeição, e a seu serviço. Eu vi muitos d'estes selvagens, homens, mulheres e crianças, retidos á força em casa dos lavradores. Quando um d'estes credores vem a fallecer, o indio vai para casa d'aquelle a quem cabe em partilha a sua divida. Uma vez eu perguntei no Alto-Tapajoz a quem *pertencia* um indio por quem eu me interessava; responderam-me: «*Ainda não se sabe, porque ainda não está feita a partilha da casa do antigo patrão que morreu ha pouco tempo.*»

Fr. Pelino de Castrovalva, chamando para a Missão do Bacabal grande numero d'estes infelizes, lhes disse: «Meus filhos, vossês nada devem aos regatões contrabandistas;

agora só trabalham para si, para suas mulheres e seus filhos.»

XXVI

Commercio dos indios com os regatões.—Contas correntes fabulosas e curiosas.

O missionario do Bacabal mostrou-me varias contas correntes, passadas pelos regatões aos indios, nas quaes estes figuravam sempre como devedores d'aquelles de quantias muito elevadas.

Adiante transcrevemos a conta corrente entre o regatão Manoel Quirino Paes e o indio cacique Joaquim Correia Piampé. Em seguida damos a mesma conta corrente, mas já calculada em moeda e com os respectivos preços.

Por ella se verá, que ainda mesmo suppondo que tivesse havido exactidão e lisura quanto á quantidade e qualidade das mercadorias vendidas, e quanto ao peso de borracha comprada, ainda assim as mercadorias foram vendidas ao indio com porcentagem de 400 por cento.

Segue-se outra conta corrente, pela qual se vê que o cacique José Francisco é devedor ao regatão José Domingos de Oliveira da enorme somma de seis contos oitocentos setenta e seis mil duzentos e oitenta e dois réis!

Parece uma transacção feita entre ricas pártes; mas José Domingos de Oliveira não é mais do que um pobre regatão, estabelecido em modesta cabana á margem do Alto-Tapajoz, e o cacique José Francisco é um selvagem analphabeto, semi-nú.

CONTA CORRENTE

« O cacique Joaquim Corrêa Piampé deve a Manoel Quirino Paes até 28 de Março :

2	peças de americano grosso, 80 jardas	5 arrob., seringa.	
2	peças de riscado forte, 80 jardas	5	»
1	peça de riscado xadrez, 35 jardas	1	» e meia.
4	peças, fino largo, 80 jardas . .	4	»
2	peças de lenços	1	»
10	alqueires de sal.	6	»
2	barris de polvora, 50 lib. ; 3 arrobas de chumbo	10	»
8	frasqueiras de cachaça com garrafão	10	»
6	milheiros de espoletas. . . .	2	»
1	caixa de sabão, 42 lib. . . .	1	»
1	libra de linha de novellos. . .	1/2	»
5	armas fulminantes.	5	»
1	chapéo preto fino	3	»
2	duzias de terçados americanos .	7	»
1	duzia de terçados americanos grandes	3	»
9	isqueiros com fuzil.	1	» e 4 lib.
100	pederneiras de fogo	11	» e 8 »
4	facas pampas	2	»
Resto da conta de 1870.		11	»
	Somma.	76 1/2	arrobas.

« A 16 de Fevereiro de 1872 recebi vinte e cinco arrobas de seringa, duas arrobas de sernambi e cinco ditas de breu. Resta-me cincoenta arrobas. »

Para dar uma idéa mais clara d'esta transacção, damos em seguida esta mesma conta corrente, mas reduzida já á nossa moeda, com os preços correntes na praça do Pará, relativos á época em que foi feita a permuta.

Por elle se vê que as mercadorias foram vendidas ao indio com uma porcentagem de mais de 400 por cento.

Generos vendidos, a receber em borracha	BORRACHA A RECEBER							
	Custo	Somma	Com 100 %	Por	@	lb	Preço	TOTAL
2 Peças de americano grosso legitimo, 80 jardas	$440	35$200	70$400	por	5	»	25$000	125$000
2 Peças de riscado forte legitimo, 80 jardas	$660	52$800	105$600	»	5	»	»	125$000
1 » » » xadrez, 35 jardas .	$260	9$100	18$200	»	1	10	»	32$814
4 » » » largo, 85 jardas . .	$400	34$000	68$000	»	4	»	»	100$000
2 » » lenços	5$000	10$000	20$000	»	1	»	»	25$000
10 Alqueiros de sal	1$600	16$000	32$000	»	6	»	»	150$000
2 Barris com 50 lb. de polvora	1$000	50$000	100$000	»	10	»	»	250$000
3 Arrobas de chumbo	4$400	13$200	26$400				»	
8 Frasqueiras com cachaça, com garrafão	6$000	48$000	96$000	»	10	»	»	250$000
6	1$000	6$000	12$000	»	2	»	»	50$000
1 lb.)	$400	16$800	33$600	»	1	»	»	25$000
1 Lb. linha em novellos	1$500	1$500	3$000	»		16	»	12$500
5 Espingardas entrefinas	15$000	75$000	150$000	»	5	»	»	125$000
6	4$000	24$000	48$000	»	3	»	»	75$000
2 nos legitimos .	25$000	50$000	100$000	»	7	»	»	175$000
1 legitimos . .		32$000	64$000	»	3	»	»	75$000
9		4$000	8$000	»	1	4	»	28$124
100 Pederneiras		2$000	4$000	»		8	»	6$250
4 Facas pampas	$500	2$000	4$000	»		20	»	15$624
		481$600	963$200		65	26		1.645$312

Saldou a conta antiga, e deu por conta da presente conta o seguinte:

9 Arrobas de borracha a 25$000. . .	225$000	
2 Arrobas de Sernambi a 16$000. . .	32$000	
5 Arrobas de Breu a 2$000 . . . . : .	10$000	267$000
		1.378$312

OUTRA CONTA CORRENTE

Cacique José Francisco da Boa-Vista a José Domingos de Oliveira Bahia, comprou as seguintes mercadorias e

			DEVE	
		Importancia que ficou devendo desde 11 de Agosto de 1870 até 8 de Junho de 1871.		3:996$815
Junho 9 1871	1	Inxó de Fuzil.....		5$520
	3	Duzias de colheres de chumbo.....	1$600	4$300
	24	Ralos de cobre.....	1$325	31$800
	16	Tesourinhas finas.....	$550	8$800
	1	Barrica com 25 libras de polvora.....	1$980	49$500
	1/2	Arroba de chumbo.....	10$830	16$245
	2	Galões de kerozene.....	6$500	13$000
	12	Massos de coraes.....	1$000	12$000
	13	Massos de missangas brancas finas...	$520	6$700
	6	Frasqueiras de cachaça.....	13$320	73$920
	12	Terçados americanos.....		56$207
	2	Bahús de tres palmos..	12$000	24$000
	2	Caixas de sabão com 90 libras.....	$360	32$400
	1/2	Arroba de assucar.....	12$000	18$000
	1/2	Dita de café velho.....		9$525
	2	Vidros de balsamo Philantropico....	19$000	3$800
	2	Frascos de salsaparrilha de Bristol...	$400	2$800
	2	Vidros de Opodeldocc.....	1$200	2$400
	1	Garrafa de oleo de amendoa doce....	5$480	10$960
	8 1/3	Covados de baêta encarnada.....	$800	1$600
	1	Caixa de genebra Altona.		13$500
	6	Chapéos finos de feltro.....	5$000	30$000
	6	Copos de pedra.....		3$000
	120	Pederneiras.....	1$600	2$400
	5	Alqueires de sal ensacados.....	5$000	25$000
	2	Arrobas de arroz.....	7$680	15$360
	20	Ouvidos para armas.....	$300	4$000
	2	Mòlhos de tabaco, digo 1 dito de 4 libras	7$000	14$000
	100	Pregos meio forros...		1$540
	4	Latas de bolachinhas de soda.....	1$500	6$000
	2	Machados americanos.....	3$700	7$400
Março 23 1871	12	Libras de sabão.....	$400	4$800
	1/2	Groza de botões.....		$600
	2	Alqueires de sal.....	5$000	10$000
Junho 9 1871	10	Armas fulminantes finas.....	28$000	280$000
	2	Peças de americano, marca nova, 83 jardas.....	$656	54$448

	2	Ditas inglez, 68 jardas.....	$560	38$080
	1	Dita de dril branco, 42 1/2 jardas...	$800	33$600
	2	Ditas tinto largo, com 80 jardas.....	$660	52$800
	2	Ditas de dita, estreita, 80 jardas.....	$385	30$880
	1	dita de dril azul, 42 jardas.....	$127	50$694
	1	Dita de riscadão Francisco, 34 jardas.	1$100	37$400
	1	Dita forte, superior, 39 jardas.....	1$225	47$770
	1	Dita de rapão azul, 41 jardas.....	$332	35$212
	2	Ditas de riscadão xadrez, 70 jardas....	$450	31$500
	1	Dita azul e branco, 34 jardas.....	$450	13$525
	3	Ditas de superior qualidade, 72 jardas.....	$500	3$600
	2	Ditas de chitas finas de côres, 7 1/2 covados.....	$480	35$680
	2	Ditas rôxas, 74 covados e 2/3.....	$400	29$783
	2	Ditas azul, 74 covados e 2/3.....	$400	29$783
	2	Ditas encarnadas, 74 covados e 2/3...	4$800	35$680
	6	Córtes de calças de dril.....	3$620	21$720
	3	Pares de lenços finos de côres.....	6$600	17$800
	1	Serrote grande.....		6$000
	3	Duzias de facas Pampas, grandes....	9$520	28$580
	2	Ditas de pentes de seringa, altos, ns. 32.	2$950	41$900
	2	Libras de linha de novellinhos.....	2$900	5$800
	3	Duzias de carrinhos de dito.....	$600	1$800
	2000	Anias.....	2$100	4$200
	24	Peças de elastros de côres.....	1$920	3$840
	3	Grosas de botões para camisas.....	$400	1$200
	6	Ditas de marca.....	$400	2$400
	7	Libras de linha de pescar.....	2$800	19$600
Julho 16 1871	5	Milheiros de espoletas.....	2$400	12$000
	4	Duzias de itassumbas.....	1$600	6$400
	2	Peças de chitas finas de côres, 74 2/3 covados.....	$400	29$600
	2	Ditas americano, marca nova, 83 jardas	$750	62$250
	3	Ditas dito, tinto, largo, 6 jardas. . . .	$580	34$800
	16	Latas de pomadas.	$450	7$200
	2	Frascos de vinagre.	1$800	3$600
	6	Ditos de vinho tinto.	3$600	19$200
	4	Duzias de tigelas.	3$500	14$000
	6	Pares de chicaras.	$020	7$920
	1	Frasqueira de cachaça.		13$200
	1	Duzia de pratos brancos finos.		3$500
	4	Garrafas de agua Florida.	1$700	6$800
Outubro	300	Pregos de fôrro.		12$000
2 de 1871	2	Frasqueiras de cachaça.	13$200	26$400
	1	Peça de americano trançado legitimo, 42 jardas.	$990	41$500
	2	Garrafas de licor.	7$200	2$400

	1	Duzia de facas Pampas, grande. . . .	11$040	11$749
		Dinheiro que pediu.		4$000
	1	Cabeça de cordas para cavaquinho. .		$500
	24	Ralos de cobre.	13$200	26$400
	1	Molho de tabaco.		12$000
	18	Libras de assucar.	$320	5$760
Dezembro	1	Milheiro de espoletas.		1$500
2 de 1871	1/2	Frasqueira de caxaça		6$600
Março 2	1	Mólho de tabaco.		10$000
1872		Importancia que páguei a Paulo Christo		41$040
		Com os 10 °/₀ da dita quantia. . . .		84$144
		Somma S. E. . .		6:876$282
		HADE HAVER:		
	3	Arrobas de sernambi.	$800	2$400
	45	Arrobas de seringa fina, embarcadas para capital por sua conta e risco.		

Jacú-coara, 9 de Março de 1872.

José Domingos de Oliveira Bahia.

XXVIII

Estado actual da raça indigena no valle do Amazonas.

Os altos poderes do Estado não descuram da sorte das populações indigenas que ainda andam errantes pelas florestas, como animaes bravios, e a lei do orçamento consagra todos os annos verba importante para este ramo do serviço publico.

Mas o governo encontra grandes difficuldades para realizar este nobre empenho, sendo uma das principaes a falta de missionarios, e de pessoal idoneo e dedicado.

A experiencia tem infelizmente provado que não se póde contar com o concurso do clero nacional.

No valle do Amazonas a população indigena pode-se considerar dividida em duas partes bem distinctas. Uma, composta dos descendentes dos antigos selvagens, trazidos das brenhas pelos missionarios de outr'ora; são actualmente, não direi christãos nem catholicos, porém baptizados. Vivem em ligeiras cabanas, ás margens dos rios; caçam, pescam, e extrahem das matas productos naturaes, que vendem aos commerciantes.

Quando crianças são levados ao parocho que os baptiza, e voltam á cabana paterna, crescem e vivem á lei da natureza; mas são considerados catholicos e como taes figuram nas estatisticas. Entretanto, indifferentes aos preceitos do christianismo, mesmo porque os ignoram, conservam-se aferrados a superstições de sua antiga mythologia.

A mor parte d'elles não ouve sequer uma vez em todo o decurso de sua existencia a explicação da doutrina christã.

A outra parte da população indigena é a que se acha

ainda inteiramente selvagem. Esta vai-se afastando cada vez mais das margens do Amazonas, e procura de preferencia os cursos superiores de seus affluentes. Por esta fórma collocam entre si e as populações baptizadas uma larga secção de cachoeiras.

Mas esta especie de territorio neutro é constantemente invadida pelos regatões, que penetram com incrivel audacia pelos mais reconditos sertões; e vão, arrostando mil perigos convidar o selvagem, não para dedicar-se á lavoura, mas para extrahir borracha, salsa e outros generos de permuta. Assim, são os regatões que vão attrahindo um por um os habitantes das selvas para o campo do trabalho.

Mesquinho é, pois, o quinhão que coube ás populações indigenas do valle do Amazonas, na partilha d'este thesouro de prosperidade, que a civilisação e o christianismo lhes devia trazer. Para elles parece que Colombo não veiu á America nem Christo ao mundo.

Ainda esboçarei um ligeiro quadro da vida d'estes desherdados de fortuna, e será o ultimo.

A' margem esquerda do Alto-Tapajoz, no meio da secção das cachoeiras, não longe de Bacabal, e entra esta missão e a importante villa de Itaituba encontrei as ruinas de uma antiga feitoria.

Eram destroços de quatro vastas casas, cobertas de palha de palmeiras, que foram propriedade de um temerario sertanejo de nome Manoel Quirino Paes, que pouco tempo antes tinha sido assassinado, deixando após si grande fama.

Era um mulato, que descêra da provincia de Mato Grosso como simples romeiro de canôa, ganhando mesquinho salario por trabalhos longos e descommunaes.

Mas o mulato abandonou a canôa e o patrão, e fixou-se n'esses lugares, occupando-se da extracção de borracha.

Depois associou a si, como companheiro e camarada, um indio *Maués*, depois outro, depois mais outro, até que ultimamente teve em sua companhia perto de cem indios de ambos os sexos.

Dotado de grande energia e methodo de trabalho, apoderou-se de uma larga zona de terra em cada uma das margens do rio, e de uma importante ilha que fica de permeio—que tudo era terreno nacional devoluto.

Este territorio poderia conter cerca de cinco mil arvores de borracha. Logo ao amanhecer o activo sertanejo fazia seguir em todas as direcções para os seus seringaes uma flotilha de ligeiras canôas, e á tarde cada indio regressava, trazendo pouco mais ou menos cinco kilos de borracha. Bem entendido, que todos os indios trabalhavam por conta do laborioso mulato, que durante a safra da borracha podia fazer, e fazia sem esforço, uma receita diaria no valor superior de cento e cincoenta mil réis.

A exportação que fazia annualmente d'este genero era realmente consideravel, e eu ouvi varios commerciantes de Itaituba calcularem-n'a em quantia superior a vinte contos. Tornado assim opulento, o mulato trazia os indios em verdadeiro e rigoroso captiveiro. Ai d'aquelle que tentasse ausentar-se de sua feitoria!

As mulheres eram empregadas em serviço de casa, e não iam ao mato cortar borracha. Nem por isso o captiveiro era menos duro.

Entre as captivas havia uma moça da tribu *Maués*, de nome Francisca, que, indignada, nunca pôde curvar-se ao despotismo e aos caprichos deshonestos d'esse tyrannete. Duas vezes tentou fugir, mas ambas foi capturada e rigorosamente castigada.

Então concebeu o firme proposito de vingar-se, e confiou a execução de sua justa vingança a um indio, ainda

criança, da tribu *Apiacá* A india entregou uma espingarda carregada a este rapaz, conhecido pelo nome e appellido de José Apiacá, e o levou uma noite de emboscada defronte da porta por onde tinha de entrar o sertanejo. Quando este appareceu José Apiacá hesitou ; mas a india, que se conservava a seu lado quiz, arrancar-lhe a arma da mão, tratando-o de fraco e sem brio. Então José Apiacá desfechou o tiro, cahindo o verdugo morto, envolto em jorros de sangue.

Levados ao jury em Santarem, Francisca Maués declarou-se unica autora do crime; erguendo a curta saia perante o tribunal, mostrou as pernas ainda com os vestigios dos ferros que por longo tempo soffrêra.

Diante de um auditorio numeroso e transido de pasmo, a india indignada revelou as scenas de barbaridades e horrivel devassidão, que tinham por theatro a feitoria d'aquelle homem feroz, e por victimas ella, e suas companheiras de captiveiro e de infortunio. O jury a absolveu.

José Apiacá, menino de physionomia doce e attrahente, declarou que matára o algoz para libertar os seus companheiros e para vingar Francisca Maués, a quem amava.

O jury o condemnou, e o infeliz acha-se actualmente cumprindo sentença na casa de correcção da Bahia.

Os indios da feitoria dispersaram-se immediatamente. Ha cerca de quatro annos que recuperaram a liberdade quando menos o esperavam ; e a heroica criança que lhes quebrou os ferros da escravidão, longe dos seus, esquecido em sua prisão, ainda nem mesmo attingiu á maioridade.

XXIX

Regresso desde a *maloca* de Necodemos até as cabeceiras do Caderery. O grito de anhangá. Despedida.

Quando chegou, emfim, a hora do meu regresso, fui de casa em casa despedir-me de todos os habitantes de Necodemos.

N'esta occasião treze *Mundurucús*, em cujo numero estava o que me havia feito presente da cabeça *Parintintin*, tomaram seus arcos e flechas, e puzeram-se em movimento de me acompanhar, sem ter-me dito cousa alguma a respeito d'esta resolução. Confesso que não fazia o menor empenho de ver em minha companhia estes barbaros durante oito dias atravez essas matas bastas e desertas, antes fazia sinceros votos para que se ficassem em paz em sua *maloca*.

Disse-lhes que eu já não tinha farinha nem viveres, e que impossivel seria ácerca de vinte homens, que tantos ficavamos sendo, caminhar durante tanto tempo sem recurso algum.

Mas esta questão em nada os preoccupava ; apenas levavam comsigo algumas batatas, que quando muito poderiam bastar para um frugal almoço.

Não sei realmente de que aquelles homens se sustentavam durante esta viagem. Iam constantemante caçando, e apanhando aves, lagartos e fructos silvestres, com que se nutriram.

De espaço a espaço encontravamos limpidos e deliciosissimos regatos, e os selvagens nunca perdiam occasião de atirar-se n'estas frescas correntes, tanto mais que nenhum trabalho tinham de despir-se nem de vestir-se. A' noite nos reuniamos ao som da buzina, e sempre pousavamos á beira

de um riacho, que vai serpenteando em todas as direcções, ou correndo atravez dos campos, ou á sombra de mattas virgens.

Depois da refeição da tarde cada um de nós armava sua rede ; aquelles que as não traziam faziam camas de ramas de arvores.

Maués e *Mundurucús* dormiam tranquillamente ao lado um do outro, tribus outr'ora inimigas implacaveis, que não se encontravam sem bater-se.

Tenho muitas vezes ouvido fallar no silencio profundo dos desertos. Mas durante a noite, n'estas solidões, um só momento não se passa de silencio absoluto. Mil vozes descompassadas, umas perto, outras ao longe, roucas ou agudas, estridentes ou plangentes—ranger de ramos uns sobre outros, chilrar de insectos, o silvo de reptis e o cantar lugubre de aves nocturnas, constituem uma orchestra de singular effeito.

No meio d'estes sons discordantes nota-se um grito ao mesmo tempo agudo e plangente, que parece mudar continuamente de lugar.

Os *Maués*, gentio de nação *Tupy*, diziam ser o *grito de anhangá*. Mas, apezar de eu os interrogar varias vezes sobre este assumpto,não consegui saber se elles attribuiam o grito simplesmente a um pequeno veado branco, que designam pelo nome de *anhanga*,ou se o attribuiam ao espirito maligno, que,segundo suas crenças, costumam encarnar-se em veado para os vir enganar e desvial-os do caminho quando vão á caça. Entretanto, quando fallavam em *anhangá*, não davam manifestação alguma de terror supersticioso.

Pois a theogonia *tupy* representa o principio do mal simplesmente sob a figura de um veado matreiro,que tece engenhosos ardiz para transviar os caçadores.

Já não é Siva, sempre sedento de sangue como se affi-

gurava na mais remota civilisação sanscrita, nem o Arithman dos persas.

Está mesmo muito longe da figura, ao mesmo tempo terrivel e carnavalesca, de Satanaz, de que tanto fallavam os antigos missionarios em suas predicas e em suas chronicas.

A' cabeceira do Caderery passei o ultimo dia e a ultima noite em companhia dos *Mundurucús* que desde Necodemos me haviam acompanhado.

Fiz-lhes presentes de tudo quanto eu trazia em minha canôa, mesmo de objectos de meu uso particular que não me fossem estrictamente necessarios, e senti profundamente não poder n'essa occasião dispor de mais recursos para obsequial-os.

A' ultima hora ainda insisti com estes selvagens, para que viessem ver nossas cidades, ou ao menos para que mandassem alguns de seus filhos, compromettendo-me eu a fazel-os regressar mais tarde para a companhia de seus pais.

Alguns apenas responderam por um signal negativo, e outros nem siquer responderam, como se não considerassem o convite digno de ser tomado em consideração.

Parece que sobre estes miseros selvagens e seus filhos cahe com todo o rigor da fatalidade o terrivel anathema— de que resam os livros santos: *Vagus et profugus éris super terram.*

NOTAS

PARA A

HISTORIA PATRIA

SEGUNDO ARTIGO (*)

Os primeiros povoadores. Quem era o bacharel de Cananéa?

(Memoria lida perante o Instituto Historico e Geographico na sessão de 7 de Julho de 1876 pelo socio Candido Mendes de Almeida.)

I

Descobrir quem era este personagem, que representa um importante papel, antes e no começo da povoação da primeira colonia portugueza no Brasil meridional, é decifrar um dos enigmas da nossa historia. E tanto mais notavel é o facto quanto, depois de encetada a colonisação do paiz n'essa parte do Brasil, jámais se ouve fallar d'essa individualidade, de modo ao menos a assegurar, por interesse puramente historico, a respectiva identidade; maxime com relação á sorte das familias que n'aquella época se estabeleceram no territorio paulistano, e cuja memoria perdura com mais ou menos gloria.

O mesmo succedêra com o portuguez encontrado na Bahia por Martim Affonso de Sousa (1531), e pelos companheiros da desastrada expedição de Simão de Alcaçova Souto Maior (1535); mas sua identidade com o celebrado *Caramurú*, muito depois se estabeleceu, pois de factos tão

(*) Vide o primeiro artigo na *Revista* de 1876 á pags. 5 e 386.

naturaes e sem estranheza se fez uma lenda heteroclita que tanto deturpa a historia patria.

E em nossos tempos (1848), felizmente, foi quando melhor se pôde tirar a limpo essa identidade, posta de lado a phantasia, graças aos esforços do nosso tão erudito, como incansavel historiador, Varnhagen.

A identidade do bacharel de Cananéa ainda é mui questionavel, e, póde-se dizer, tem-se procurado mais obscurecêl-a que aclaral-a.

Nas considerações em que vamos entrar, esperamos, senão resolver de uma vez todo o problema, esclarecer a questão mais do que hoje se acha, assignalando o individuo á quem coube essa denominação, com provas que suppomos irrecusaveis.

No *Diario da navegação* de Pêro Lopes de Sousa diz-se que, arribando a frota lusitana no dia 12 de Agosto á ilha da Cananéa(1), hoje do *Bom Abrigo*, d'alli mandára o ca-

(1) Ainda hoje é desconhecida a razão d'esta denominação, aliás de summa importancia, em relação á historia do paiz. Este porto, como o de S. Vicente, era bem conhecido dos nautas especuladores que demandavam o litoral sul do Brasil, e vê-se do mesmo *Diario* nas palavras: « *e reconhecendo ser a ilha da Cananéa.* »

Note-se que dias antes a frota esteve em frente ao porto ou rio de S. Vicente, e não pôde entrar em relações com a gente da terra. Eis o que diz o *Diario*:

« Terça feira (8 de Agosto) ao meio dia fisemos o caminho ao noroeste; porque pelo dito rumo nos fasiamos com o *Rio de S. Vicente.*

« Quarta feira nove dias d'Agosto no quarto d'alva fasiamos o caminho ao noroeste e a quarta do norte; e ás nove horas do dia seguimos bem pegados com a terra em fundo de oito braças de arêa grossa. Estando surtos mandou o capitam I. hum bargantim á terra, e nelle huã *lingua* para ver se achavam gente, e para saber onde eramos; porque a cerraçam era tamanha, que estavamos hum tiro d'abombarda de terra e nam na viamos. De noite veio o bargantim, e nos disse como nam pudera ver gente.

« Quinta feira pela menhãa nos fisemos á véla. »

pitão-mór Martim Affonso de Sousa pelo estreito ou *parand-mirim*, que chamam hoje *mar pequeno*, traducção d'aquella palavra, o piloto Pedro Annes em um bergantim (grande falúa), afim de entender-se com os indigenas, visto que era *lingua* da terra, isto é, pratico no idioma *tupí*, que se fallava em toda a nossa costa.

A volta do piloto, que conhecia a terra, é assim relatada:

« Quinta feira 17 dias do mez de Agosto veio Pedro Annes piloto no bargantim, e com elle veio Francisco de Chaves e o *bacharel*, e cinco ou seis Castelhanos.

« Este bacharel havia *trinta annos* que estava *degradado* nesta terra, e o Francisco de Chaves era *mui grande lingua* desta terra.

« Pela informação que della deu ao capitão I., mandou á Pêro Lobo com oitenta homens, que fossem descobrir pela terra a dentro; porque o dito Francisco de Chaves se obrigava que em dez meses tornára ao dito porto com quatrocentos escravos carregados de prata e ouro(2). Partirão

(2) Noticia de taes riquezas já Martim Affonso colhêra no Rio de Janeiro durante sua estada e com referencia ao Paraguay.

Parece que Francisco de Chaves havia sido companheiro da celebrada expedição de Aleixo Garcia (1524), que fôra tão mal aventurada. A expedição de Pêro Lobo teve, como se sabe, fim o mais desastrado, assaltada pelos *Carijós*, perecendo n'ella não só Pêro Lobo, como Francisco de Chaves, nas vizinhanças do rio Iguassú.

Entretanto, é nossa conjectura, que o padre da Companhia de Jesus, de que trata Simão de Vasconcellos em differentes lugares de sua *Chronica*, era o mesmo Francisco de Chaves, á menos que não fosse algum irmão, filho ou parente.

Vide a mesma *Chronica*, liv. 1, n. 70, onde se lê o seguinte:

« Admittiu (o padre Leonardo Nunes) em primeiro lugar á Pedro Corrêa, e á *Manoel de Chaves*, homens principaes, moradores da terra, de muitos annos do Brasil, e *muito grandes linguas*. »

Vide tambem no mesmo livro os ns. 127 e 174.

desta ilha em o 1° de Setembro de 1531, os quarenta bésteiros e os quarenta espingadeiros(3). Aqui nesta ilha estivemos quarenta e quatro dias. »

Temos portanto aqui, além dos castelhanos inominados, dois individuos: Francisco de Chaves, mui habil na lingua dos indigenas, e o *bacharel*, cujo nome se não declina, mas que pelo tratar no *Diario* parece ser personagem mui conhecida dos maritimos que frequentavam a costa do Brasil meridional.

Um dos seus caracteristicos era estar degradado na terra, havia trinta annos; portanto, conforme o *Diario*, residia n'essa parte do Brasil desde 1501.

Herrera, na sua *Historia das Indias Occidentaes*, dec. IV, liv. 1, cap. 1, referindo-se á viagem do piloto Diogo Garcia em 1527, e á sua chegada ao porto de S. Vicente, diz o seguinte:

« El piloto Diego Garcia, *portuguez*, con el armada que llevava, se halló en los baxos que llaman de *Abre el ojo*(4), que estan en 17 grados en la costa del Brasil, en fin del año passado (1526) : y saliendo de ali fue a la bahia de San Vicente, que está en 24 grados, adonde llegó a 15 de Enero : y un *Bachiller portuguez* le dio mucho refresco de carne, pescado, y vitualla de la tierra, por su dinero ; y un yerno suyo(5) se concertó con Diego Garcia de yr *por lengua* al rio de la Plata. »

(3) *Quarenta bésteiros e quarenta espingardeiros*.

Este facto mostra a imperfeição das espingardas n'àquella época, e a difficuldade de maneal-as: e por isto não se abandonou logo o uso das béstas, que desappareceram de todo na Europa no principio do seculo XVII.

(4) Os baixos dos *Abrolhos*.

(5) Seria este genro Francisco de Chaves ou algum dos castelhanos que conviviam com o bacharel ? Hoje seria difficil, senão impossivel, verifical-o.

O que relata Herrera acha-se confirmado pelo mesmo Diogo Garcia na *carta-memoria* que dirigiu ao rei de Hespanha contra Sebastião Cabot em 1529 ou 1530, de que felizmente temos cópia em nossa *Revista* tomo XV, graças aos esforços do mesmo nosso incansavel consocio, supracitado, onde á pag. 9 se lê :

« 1527. E de aqui (*ilha da Trindade*) fuemos a tomar refresco en S. Vicénte questa en 24 grados, e *alli vive* un Bachiller e unos yernos suyos mucho tiempo ha que ha bien 30 anos e alli estuvimos hasta 15 de Enero del ano seguiente de 27, é aqui tomamos mucho refresco de carne e pescado e de las vitualhas de la tierra para provision de nuestra nave, é agua, é leña é lo que ovimos menester, é compré de un yerno deste Bachiller un vargantin que mucho servicio nos hizo, é mas el proprio se acordó con nós otros de ir por lengua al rio (*da Prata*) ; y *este Bachiller* con sus yer nos (6), y hicieron comigo una carta de fletamiento para que los truxese en España con la náo grande ochocientos esclavos (7), é yo la hice con acuerdo de todos mis oficiales é contadores é tesoreros que allegando en el rio (*da Prata*) mandasemos la náo, porque la náo no podia entrar en el rio, por que muchas veces les dixe al conde D. Fernando e a los yactores que hicieron el armada, que aquella náo no podia entrar en el rio que era muy grande, y ellos no qui-

Mas colhe-se d'este dado historico que os europeus, naufragos ou desertores, e mesmo degradados, conheciam o litoral meridional desde S. Vicente até o Rio da Prata, antes da povoação e colonisação regular do Brasil.

Não obstante, pelo que mais adiante diz o mesmo Diogo Garcia, os companheiros do *Bacharel* eram seus genros.

(6) Vide a nota precedente.

(7) Pensamos ser erro de cópia, devendo lêr-se *oitenta* em vez de *oitocentos* escravos, carga demasiada para um navio naquella época.

sieron sino hacer-me-la llebar *para vir* cargada con esclavos, è asi lo hice que asi la mandé cargada de esclavos, por que ellos no hicieron ni me dieron la armada que S. M. mandé que me diesen, é lo que con ellos yo tenia capitulado, concertado é asentado é firmado de S. M., mas antes hicieron lo contrario que me dieron la náo grande e no conforme á lo que S. M. mandava ; e no me la dieron en tiempo que les fue mandado por S. M. que me la diesen en entrando Setiembre, y ellos me la vieron mediado Enero que no me podia yo aprovechar della por que aqui V. M. lo verá por esta navegacion, *y está una gente alli con el Bachiller* que comen carne humana y es muy buena gente, amigos mucho de los cristianos, que se llaman *Topies* (8).»

E mais adiante accrescenta, depois de haver encontrado a gente de Sebastião Cabot no rio Paraná, e dispondo-se a subir o rio em um bergantim :

«.....é tornamos a nuestro navio (9) á donde se quedava haciendo el otro vergatin, é luego acordamos todos mis officiales de la mandar fuera del rio la *nao* questava en grant peligro de las garupadas (*pampeiros*), que en aquel tiempo ay en aquel rio, é mas que fuese á cargar *los esclavos del dicho Bachiller* que tenia fletados para en España, é daria nuebas como Savastian Gavoto estava en el rio, é luego *la nao hizo véla* é fuese fuera del rio á S. Vicente á esperar mi respuesta en aquel puerto de S. Vicente, é luego mandé á los otros navios que luego se fuesen á donde estavan los navios de Sevastian Gavoto por que no

(8) *Topies*, isto é, os *Tupis*, *Tupins* ou *Tupininkins*, denominação generica, com que eram conhecidos pelos navegantes os selvagens que viviam no litoral de S. Vicente até á Cananéa.

(9) Cumpre ter em consideração que quem escreveu a carta era um portuguez ao serviço da Hespanha, pouco letrado, e por isso mistura os dois idiomas em sua linguagem.

avia por alli otra estancia para que estuviesen en salvo, etc.»

Estas citações são a melhor e mais veridica noticia do que era S. Vicente antes do estabelecimento de Martim Affonso de Souza em 1532, e, combinadas com o *Diario* de Pêro Lopes de Souza, explicam e justificam a razão da preferencia dada pelo capitão-mór portuguez ao estabelecimento de S. Vicente, porto melhor, de bom fundo e mais abrigado.

A entrevista de Martim Affonso em Cananéa com o *Bacharel* determinou sem duvida a preferencia, abandonando-se a posição da foz do rio da Prata, onde por certo não teriam os novos colonos os promptos recursos de S. Vicente, e onde o Bacharel com seus genros e outros europêos que com elle viviam, podia facilmente abastecer de mantimentos os navios que alli aportavam, e construir bergantins.

Isto presuppunha trato antigo com os europêos que frequentavam aquelle litoral; portanto já alli existia um principio de colonia posto que irregular e pouco numerosa.

Quanta distancia d'esta historia veridica e natural, da lenda, senão phantasiada, repetida por Fr. Gaspar da Madre de Deus, nas suas *Memorias* e por Pedro Taques, os creadores da historia imaginosa Paulistana!

E convem notar que Gabriel Soares, em sua *Noticia do Brazil*, conforma-se com o que acima dissemos, bem como com o author da *Carta annua* de 1584, estampada no tomo VI da nossa *Revista*, que suppõe-se ser obra do veneravel padre Joseph de Anchieta, de santa memoria.

Os indigenas do litoral, *Tupis*, *Tupins*, *Tupinsquis* ou *Tupinanquis* (sem que por ora excluamos os de serra acima —*Guayanases*), eram amigos dedicados d'esses poucos europêos que viviam em Cananéa e em S. Vicente; assim como tambem eram os *Carijós* ou *Patos* dos que se achavam em Santa Catharina. Eram sobretudo estes indigenas, os ultimos,

adversos á antropophagia, e isto facilitava muito as relações com os europêos desterrados, naufragos ou desertores dos navios que demandavam por qualquer circumstancia aquelles mares. Não se podia dizer outro tanto dos *Tupís*, emboora amigos, e nem mesmo dos *Guyanases*, que aliás, vivendo em serra acima, damno algum faziam aos navegantes, ainda não tendo paz com os indigenas do litoral.

Mas quão differente e mui apreciavel é esta historia, firmada em dados certos, das lendas posteriormente creadas para poetisar sem gosto esses começos da colonisação lusitana!

Parece que, confrontadas as duas noticias, portugueza e hespanhola, resulta a identidade do individuo visto em 1527 em S. Vicente, e em 1531 em Cananéa. E' o mesmo *bacharel portuguez* degradado, tendo muitos filhos no paiz e genros europêos, e dispondo de riqueza da terra, sobre tudo indigenas escravos, na generalidade *Carijós*.

Creada e organisada a colonia em 1532, esse personagem, com semelhante caracteristico, como que desapparece da scena; nenhum escriptor mais o assignala, nem nos documentos officiaes até o presente conhecidos, nem nas chronicas que nos restam.

O primeiro que procurou resolver o problema, decifrando o enigma, foi Ayres do Casal, na *Corographia Brasilica*, e, aliás, não dispunha senão do texto de Herrera, e das *Memorias da Capitania de S. Vicente* de Fr. Gaspar da Madre de Deus, benedictino, e natural de Santos, na provincia de S. Paulo.

Ayres do Casal sustenta, ou melhor julga provavel, que o bacharel portuguez, visto em S. Vicente por Diogo Garcia, fosse ou *João Ramalho* ou *Antonio Rodrigues*, outra individualidade de que Fr. Gaspar lhe deu noticia, e de que é

o inventor (10). A esta opinião acolheu-se o general Abreu Lima, na sua *Historia do Brasil*, repetindo, sem critica, as mesmas palavras de Ayres do Casal.

Machado de Oliveira, no seu *Quadro historico da provincia de S. Paulo*, é mais positivo, e declara que esse bacharel era Francisco de Chaves, o mesmo que aconselhou a expedição de Pêro Lobo, que tão desastradamente mallográra-se.

Mas basta confrontar esta opinião com o trecho do *Diario* de Pêro Lopes de Sousa para adquirir-se certeza de sua improcedencia. Esse trecho assignala duas individualidades bem salientes por occasião da arribada á Cananéa—*Francisco de Chaves* e o *bacharel*.

O editor d'aquelle *Diario*, Varnhagen, na sua *Historia geral do Brasil*, segue outra doutrina, e, a nosso vêr, tão insustentavel como a opinião de Machado de Oliveira. Transcrevemos aqui suas palavras :

« Quanto ao nome do degradado cumpre-nos dizer que um *bacharel* Gonçalo da Costa levou Cabot comsigo da Cananéa ; e como isso não obsta á que elle regressasse, pode ser que fosse o mesmo encontrado por Pêro Lopes. Veja o nosso texto na pagina 50 (refere-se á narrativa de Diogo Garcia).

« Em S. Vicente havia, pouco depois,outro bacharel que chamavam *mestre Cosme*. Porém a crermos Charlevoix o nome do dito bacharel *degradado* deveria ser *Duarte*

(10) Mostraremos em tempo opportuno a razão de nosso asserto. Por outro lado suspeitamos que o celebre aventureiro portuguez *Aleixo Garcia*, que atravessou os nossos sertões meridionaes, e foi pelo Paraguay até o Perú, antes da conquista de Pizarro, era o companheiro de João Ramalho, ou dos que ficaram em Cananéa na passagem de Americo Vespucio, ou de Gonçalo Coelho, se passou do Rio de Janeiro, onde por largo tempo demorou-se, impedido de navegar.

São méras conjecturas de nossa parte.

Peres, companheiro de Mosquera, segundo o escritor jesuita. »

No artigo *Primeira Exploração da costa brasileira de* 1501 *a* 1506 publicado no tomo 36 de nossa *Revista*, fixando o roteiro de Americo Vespucio em 1501, exprime-se o mesmo distincto historiador por esta fórma :

« Do porto de S. Vicente passou a esquadrilha ao de Cananéa, no qual deixou degradado um bacharel portuguez, que ainda vivia trinta annos depois. Propendemos á crer que seria este o proprio bacharel *Gonçalo da Costa*, que ahi veio á ser encontrado por Cabot. »

E em nota accrescenta :

« Não havemos podido legitimar o nome de *Duarte Peres* que dá um escritor do seculo passado á *certo bacharel* degradado n'essas paragens, de que faz menção sem allegar titulos convincentes. »

Não nos podemos conformar com a explicação que do facto dá-nos o nosso tão illustrado consocio, e faz-nos especie sua opinião, que nem apoio encontra em Ayres do Casal (11).

Em verdade Cabot nunca foi á Cananéa, e Herrera, que cita-nos o facto da vinda á Europa de Gonçalo da Costa, não nos diz que elle era *bacharel* : onde pois descobriu o nosso douto collega o que affirma para justificar sua opinião ?

Vejamos o que diz Herrera na sua *Historia das Indias*

(11) Ayres do Casal na *Corographia Brasilica*, em uma das notas á sua introducção exprime-se, n'estes termos :

« Não sabemos em que porto do Brasil Sebastião Caboto recolheu o portuguez *Gonçalo da Costa*, que depois de ter vivido muitos annos no paiz, voltou com elle, e estabeleceu-se em Sevilha ; nem em que parte do mesmo paiz estivera *Henrique Montes*, que foi na armada de Martim Affonso em 1531, segundo nos informa Antonio Herrera. »

Occidentaes, dec. IV, liv. X, cap. VI, referindo-se ao anno de 1531 :

« Fué informada la Reyna, que el Rey de Portugal avia escrito a Sevilla, á un portuguez llamado *Gonçalo de Acosta*, que avia estado muchos años en la provincia del Brasil, entre los Indios, y se vieno con Sebastian Gavoto a Castilla, ofreciendo-le seguro (12), y mercedes, por que fuese á Lisbóa; y quo aviendo-le preguntado muchas cosas del *rio de Solis*, que dicen *de la Plata*, le rogaron que fuese en una armada que se despachava para aquellas partes, haviendo-le crecidos partidos. »

Como se vê n'este capitulo de Herrera, tratava-se de uma expedição ao Rio da Prata, como foi a de Martim Affonso de Sousa, e o auxilio de Gonçalo da Costa, portuguez, que d'alli tinha vindo com Cabot, era importante. Ora, como já notámos, nem Cabot foi á Cananéa, pois a sua arribação no nosso littoral foi na ilha dos Patos por elle denominada de *Santa Catharina*, e nem se diz que Gonçalo da Costa fosse *bacharel*.

Em que autor ou documento basêa-se, pois, o illustrado

(12) Esta circumstancia faz crêr que este Gonçalo da Costa era um criminoso, desertor de algum navio das armadas portuguezas ou degradado, que abandonando, talvez, Cananéa ou S. Vicente, se refugiára em Santa Catharina, e demandasse a protecção de Cabot, acompanhando-o ao Rio da Prata.

Quem sabe mesmo se não seria elle o companheiro degradado de João Ramalho ?

São problemas actualmente insoluveis.

Vide *supra* nota (10).

Entre Aleixo Garcia e Gonçalo da Costa, tem este, a nosso vêr, maiores probabilidades, em vista das duas circumstancias — longa estada no Brasil, e a offerta de seguro.

Mas tem contra si a estada de Cabot em Pernambuco, onde talvez o acolhêra na ida para o sul.

historiador para assegurar que o bacharel de Cananéa era Gonçalo da Costa?

Se não tem outra base senão Herrera, esse recurso não póde aproveitar-lhe.

A hypothese de *Duarte Perez*, citado por Charlevoix, tem os defeitos da precedente, e nem o escritor jesuita o classifica de bacharel.

Charlevoix, na sua *Historia do Paraguay*, diz que Ruy Mosquera, não podendo conservar-se na torre de Cabot, depois do celebre assalto dos indigenas *Timbués*, desceu o Paraná e foi estabelecer-se no litoral do Brasil, na latitude de 32 gráos, em um porto commodo, onde construira um forte (13). Passados poucos dias veiu reunir-se-lhe um *cavalheiro* portuguez, chamado *Duarte Perez*, que havia sido degradado na sua vizinhança, acompanhado de sua familia, voltando depois para o seu degredo por ordem do capitão-general do Brasil.

Portanto d'aqui se não póde concluir que Duarte Perez fosse o bacharel degradado em Cananéa. A narração de Charlevoix é tão cheia de inverosimilhanças, que é difficil aceita-la, ainda mesmo com as explicações de Fr. Gaspar da Madre de Deus nas suas *Memorias da Capitania de S. Vicente*, pois as datas ficam muito em desaccordo, e em uma distancia de mais de trinta annos.

Não nos detemos em discutir a individualidade de

(13) Quem sabe se se não trata aqui de Maldonado, ou do Chuy? Tudo são duvidas e obscuridades difficeis de destrinçar.

Veja-se sobre este assumpto Demersay, *Historia do Paraguay*, tomo 2, pags. 235 e 236.

Segundo este escritor, que se apoia em autoridades platinas, Mosquera, abandonada a torre de Cabotto, embarcou-se com a sua gente e veiu até Iguape (*Ygud*), lugar vizinho á S. Vicente, colonia portugueza de que se apoderou em 1534, para ir depois estabelecer-se em Santa Catharina.

mestre Cosme, visto que sua apparição no Brasil, ou em S. Vicente, é posterior ao estabelecimento de Martim Affonso. E' o que se deduz das seguintes palavras de nosso douto historiador:

« Em S. Vicente havia *pouco depois* outro bacharel que chamavam *mestre* Cosme. »

Portanto não era e não podia ser este o *bacharel de Cananéa.*

Quaes deverão ser os caracteristicos que nos levem a determinar o assignalamento d'esse personagem, de modo a estabelecer sua identidade com algum individuo da colonia de Martim Affonso, e assim conhecer o seu nome, que nenhum documento, depois d'essa época, positivamente designa?

Não passam de *quatro:* a nacionalidade portugueza; a residencia na terra do Brasil desde **1502**; o cumprimento de uma penalidade rigorosa ou infamante; e contar genros europêos na época da passagem de Diogo Garcia por S. Vicente em **1527**, e da arribada de Martim Affonso de Sousa, em Cananéa, em **1531**.

O individuo que na época do estabelecimento da nova colonia reunir esses caracteristicos deverá ser o *bacharel*, cujo nome procuramos conhecer, no interesse da historia em geral do nosso paiz, e mesmo dos primeiros estabelecimentos dos europêos n'esta parte da America.

Ha ainda uma questão a ventilar, e vem a ser: se esse bacharel era em verdade um homem que cursára alguma faculdade, Coimbra, Lisboa ou Salamanca, ou se era a designação de *bacharel* um appellido ou alcunha. Sabe-se que os grandes criminosos muitas vezes são conhecidos por alcunhas. Esta questão ventilaremos mais adiante.

Sabe-se que nas frotas portuguezas, que se dirigiam á descoberta de paizes novos, iam de ordinario alguns de-

gradados, que se deixavam n'esses paizes, sempre aos pares, afim de conhecerem os costumes dos naturaes e aprenderem sua linguagem, para que servissem de interpretes aos portuguezes em suas relações commerciaes futuras. Assim praticavam na Africa e mesmo na Asia, e o fizeram tambem na nossa America, de que deu o primeiro exemplo Pedro Alvares Cabral, em Porto Seguro.

E n'este caso houve a circumstancia notavel de voltar um á Portugal, em 1513, com alguns indigenas, em um navio do contrato de páo-brasil, como se lê em Damião de Goes, na *Chronica de el-rei D. Manoel*, parte primeira, cap. 51, e em João de Barros, *Asia*, dec. I, liv. 5, cap. 2, sem esquecer os indigenas que levou a frota de Vespucio em sua primeira viagem, para esse fim, na continuação do seu périplo no nosso litoral do sul (14).

O *bacharel* encontrado em S. Vicente e Cananéa por Diogo Garcia e Martim Affonso de Sousa, e tão conhecido dos navegantes que frequentavam o litoral sul-americano, era portuguez. A carta do primeiro á Carlos V, então reinando na Hespanha, e o *Diario da navegação* de Pêro Lopes de Sousa, irmão de Martim, positivamente o declaram.

A estada de um em S. Vicente e de outro em Cananéa não contrariam a identidade, por isso que Garcia comprou a um dos genros do *bacharel* um bergantim (falúa ou grande bote) para ir ao Rio da Prata, servindo-lhe esse individuo ao mesmo tempo de *lingua*; e por outro lado o *bacharel* era personagem influente e poderosa, visto como celebrára contrato, afim de mandar para a Hespanha oitocentos (800) escravos indios para vender. Conhecia e estava habituado á viagens pelo litoral sul no interesse de seu negocio.

(14) Referimo-nos aos indigenas que recebeu a frota em um porto da costa do Brasil, pouco depois de passado o cabo de Santo Agostinho.

Portanto, a navegação pela costa de S. Vicente ao Rio da Prata, sendo conhecida e praticada por esses individuos, os dois differentes pontos em que foi encontrado o bacharel, em épocas tambem differentes, não excluem a respectiva identidade. Accresce que a estada d'esse individuo em Cananéa(15), na occasião da arribada do Martim Aflonso, era ou podia ser casual, porquanto este, voltando do Rio da Prata, não demandóu mais esse porto, mas o de S. Vicente, preferencia que indica prévio accordo com o bacharel encontrado em Cananéa.

Ainda outra razão que confirma a identidade.

Pêro Lopes de Sousa, no seu *Diario*, assevera que esse bacharel, havia trinta annos, estava *degradado* n'essa terra(16); portanto não era um naufrago, pois se fôra era mui natural, tendo tantas relações com os navios europêos que frequentavam o litoral, como revelam o facto da construcção do bergantim e a vinda directa de Diogo Garcia áquelle porto(17), que procurasse voltar á Europa, muito antes d'essa época. Só um degradado, habituado á tão escabrosa vida, se resolveria á ficar em companhia de selva-

(15) *Cananéa* era a principal aldêa dos *Tupinikins* ou *Tupís* na fronteira dos *Carijós*, seus emulos. Esses *Tupís* ou *Tupins*, assim denominados pelos Europêos, não eram *Guayanases*, tribus do interior. Viviam os primeiros no litoral; eram menos barbaros que os de serra acima, o que convem sempre ter em vista.

(16) *Degradado n'essa terra* não quer dizer em determinado lugar, Cananéa ou S. Vicente, mas em geral.

(17) De onde viriam estas relações de Diogo Garcia com os naufragos ou degradados de S. Vicente, anteriores á esta viagem? Naturalmente por ter vindo em outras expedições de portuguezes, de que hoje não temos noticia, por parte do governo ou de particulares.

E quem sabe se esse nauta portuguez, ultimamente ao serviço da Hespanha, não teria relações de parentesco com o famoso aventureiro—Aleixo Garcia?

gens, renunciando, por necessidade, o volver á patria, e tornar, ao menos, a vêr a familia.

Podia acontecer, mas não é mui presumivel o facto, partindo de um homem de letras que houvesse gozado de certa posição na sociedade de seu torrão natal, e tendo, se quizesse, facilidades de ir e voltar. Podia acontecer, indo o degradado conviver em paiz estranho, exposto á outras contrariedades e desgostos ; e n'este caso seria preferivel manter-se no degredo em que já estava.

E' certo que Diogo Garcia não diz que o *bacharel* era um degradado : n'esse ponto é silente ; mas assegura que vivia alli, havia quasi *trinta annos*, calculo referente á época em que escreveu a carta ao rei de Hespanha (Carlos V), isto é, 1531, segundo Herrera, e não á em que aportára á S. Vicente com a sua expedição.

II

O individuo que no principio do estabelecimento de Martim Affonso de Sousa se achava n'estas condições era João Ramalho, ou outro menos celebrado; por exemplo : *Antonio Rodrigues* (18), se se quizer (admittida a denominação de Fr. Gaspar), provavelmente os dois degradados deixados

(18) Nossa opinião é contraria, como já vimos ; pensamos, por méra conjectura, que o companheiro do bacharel outro não era senão Aleixo Garcia.

Este aventureiro portuguez, segundo as tradições argentinas, emprehendeu a sua invasão ao Perú em 1524, existindo ainda o *Inca* Huayná-Capac, predecessor de Atahualpa, morto por Pizarro em 1533.

Vide *Historia Argentina* por Ruy Diaz de Gusman, liv. I, cap. 5°; Gay, *Historia da republica jesuitica do Paraguay*, cap. 1°, e Demersay, *Historia do Paraguay*, parte 3, cap. 2°, nota 1.

em 1501 pela frota onde vinham embarcados André Gonçalves e Amerigo Vespucci. N'essa frota havia degradados para esse fim, como se vê dás cartas do mesmo Vespucci.

Mas á Antonio Rodrigues faltam circumstancias que militam em pró de *João Ramalho*. Este era um degradado, assim nôl-o declara Simão de Vasconcellos, na sua *Chronica da Companhia de Jesus*, liv. I, n. 77, nas seguintes palavras :

« Havia em S. Vicente um João Ramalho, homem *por graves crimes infame*, e actualmente excommungado. Mandou-lhe o padre Leonardo pedir com cortesia fosse servido sahir-se da igreja, por que podesse elle celebrar sacrificio, pois não podia em sua presença : fê-lo assim, e celebrou o padre. Porém dous filhos seus *mamelucos*, dados por affrontados, determinarão castigar no servo de Senhor a injuria que tinhão por feita ao pai; etc. »

E mais adiante, n. 126 :

« Aquelie famoso João Ramalho, homem rico na terra, mas *infame* nos vicios, amancebado publico, por quasi *quarenta annos*, e de ordinario por essa causa excommungado (cujos filhos dissemos acima intentaram pôr as mãos no servo de Deos Leonardo Nunes), lembrado agora dos seus antigos odios, e tendo ainda vivo em seu peito o aggravo que cuidou lhe fizéra o padre, quando o mandou avisar se sahisse da Igreja, por que, presente elle não podia exercer o sacrificio do altar, por estar censurado : entre as alegrias e parabens, com que o povo recebia, por hospede o padre Nobrega, andava elle com a caterva dos seus filhos, muitos em numero, e todos de má casta, *mamelucos* illegitimos, e desalmados, com arcos, frechas e gritarias, fasendo gente, e desinquietando a villa contra os Padres, etc. »

E ainda no n. 161 :

« Aquelles mamelucos Ramalhos, de arvore ruim peiores fructos, tornam agora a resuscitar seus rancôres; e foram maiores os males que excitarão, que a propria peste.

« Moravão estes em um lugar *tres leguas* distante de Piratininga por nome S. André(19) : daqui tramavão seus embustes e despedião a peçonha, que conceberão contra os Padres, amotinando toda a creatura, que conjurasse contra elles, como contra os maiores inimigos em vingança de *suas*, que elles chamavão *injurias*, e em liberdade do uso da terra de assaltear, e captivar os Indios. »

Portanto, João Ramalho era o progenitor de muitos filhos, amancebado publico por longo tempo, quasi quarenta annos, isto é, em 1549 ou 1553, quando o padre Leonardo Nunes foi para S. Vicente, ou o padre Manoel da Nobrega quando veiu com Thomé de Sousa. São datas que se não podem tomar em rigor; consequentemente desde o principio do seculo, pouco mais ou menos.

(19) Diz Fr. Gaspar, em suas *Memorias*, que o local de S. Bernardo, antiga fazenda da ordem benedictina, era o da povoação ou villa de S. André, mas não mostra o fundamento.

Não duvidamos. O interesse por sua ordem leva este religioso á querer celebrisar todos os lugares do seu estabelecimento. Mas se era S. André, porque não conservou-se o nome? E qual a razão da mudança ?

Não se sabe ao certo a posição d'aquella aldêa, embora se conheça a distancia da cidade.

Por outro lado, S. André estava situada á borda do campo, na direcção do antigo traçado da estrada do Ramalho, e a tres leguas de Piratininga. Esse traçado desappareceu com a direcção que posteriormente deram á mesma estrada os padres Luiz da Grã e Manoel da Nobrega, o não Anchieta.

Os desvios de Fr. Gaspar em muitos pontos da historia paulistana pôem-nos de sobreaviso.

Simão de Vasconcellos, *Chronica*, liv. 2, n. 85.

E, pois, na época da vinda de Diogo Garcia (1527), e de Martim Affonso de Sousa (1531), podia João Ramalho já ter filhas casadas, á modo dos selvagens, com europêos, isto é, castelhanos, portuguezes e italianos, que n'esses tempos concorriam nos navios hespanhoes, por causa de pertencerem certos paizes d'aquella peninsula á monarchia de Aragão, depois ligada á de Castella.

E era isto mui natural por abundarem mais os castelhanos ou hespanhoes entre os desertores e naufragos de Santa Catharina e de Cananéa, limite do territorio *Carijó* e *Tupiniquim*, onde Martim Affonso achou, em 1531, cinco ou seis, em companhia do *bacharel*, accrescendo que os escravos contratados por Diogo Garcia tinham por destino a Hespanha, de onde alguns *genros* do bacharel eram naturaes.

O que o padre Simão de Vasconcellos em sua *Chronica* diz do João Ramalho é confirmado por uma testemunha insuspeita, o allemão Ulrico Schmidel, de Straubing, na sua *Historia verdadeira de uma viagem curiosa na America ou Novo Mundo, pelo Brasil e Rio da Prata, desde o anno de* 1534 *até* 1554, pela primeira vez publicada em Francfort sobre o Mena em 1567.

Schmidel acompanhára ao Rio da Prata D. Pedro de Mendoza, e assistira á fundação de Buenos-Ayres. Tomando parte mui activa nas expedições hespanholas desde a foz d'esse rio memoravel até o Paraguay, penetrou e fez a guerra em muitos territorios, indo até á Bolivia, e á região dos Andes, e n'essa vida de curiosas e interessantes aventuras despendeu quasi vinte annos completos.

Querendo voltar para a Europa por S. Vicente, emprehendeu por terra, e por inhospitos sertões, uma viagem sobremodo arrojada com fraquissimos recursos e poucos companheiros, n'aquella época, quando S. Paulo, a cidade,

ainda não existia! Partiu de Assumpção em 26 de Dezembro de 1552, e chegou ao termo do seu commettimento a 13 de Junho de 1553, isto é, á S. Vicente, seguindo a 24 do mesmo mez para Lisboa em um navio de Pedro Rossel, agente de Erasmo Schetzen, de Antuerpia.

Este intrepido viajante esteve na villa de Santo André, fundação de João Ramalho: alli demorou-se pouco tempo, mas sempre diz alguma cousa ácerca do nosso celebrado colono, cujo nome germanisa, chamando-o João *Reinmeille*(20), e outro tanto faz com o de S. Vincente, que denomina *Vincenda*.

Ouçamos suas palavras:

« Chegamos emfim á uma aldêa habitada por christãos, cujo chefe chamava-se João Reinmeille (*João Ramalho*). Felizmente para nós elle estava ausente, porquanto esta aldêa pareceu-me um valhacouto de ladrões.

« Ramalho (*Reinmeille*) tinha ido para onde estavam outros christãos que habitavam em outra aldêa chamada *Vicenda* (S. Vicente), para terminar um tratado com elles.

« Os Indios d'este paiz assim como perto de oitocentos christãos que vivem n'essas aldêas, são vassallos do rei de Portugal, mas são governados por João Reinmeille (*João Ramalho*).

« Elle pretende, que havendo feito a guerra por espaço de *quarenta annos* nas Indias (*o Brasil, S. Vicente*) e conquistado esse paiz, era mui justo que fosse elle quem o governasse.

« João Reinmeille fazia a guerra aos portuguezes que não queriam reconhecer seus direitos. Elle é tão poderoso e tão considerado que póde pôr em campo até 5 mil indios,

(20) Ternaux Compans, o traductor francez, diz *Reinvielle*, o que está em dasaccordo com o original allemão, e traducção latina do seculo XVII, que devem ser preferidos.

ao passo que não se reuniriam dois mil sob os estandartes do rei.

« Na aldêa (*jd era a villa de Santo André* não encontramos senão seu filho: fomos mui bem recebidos, ainda que elle nos inspirasse mais desconfiança que os proprios indios, e deixando este lugar rendemos graças ao Céo por termos podido sahir sãos e salvos. »

No cap. 53 diz ainda :

« Continuamos nossa viagem, e chegamos á 13 de Junho de 1553 á uma pequena cidade chamada S. Vicente, situada á vinte milhas d'aquelle ponto(21). Achei ahi um navio portuguez que acabava de ser carregado de assucar, páos de tinturaria e de algodão, por Pedro Rossel, agente de Erasmo Schetzen de Antuerpia. »

Depois de dizer que foi bem recebido por Pedro Rossel, que lhe arranjou uma passagem a bordo d'aquelle navio e de recommendal-o á tripolação, accrescenta :

« Passei onze dias em S. Vicente(22) para munir-me de todas as cousas que são necessarias para uma larga navegação. Cheguei alli, seis mezes depois de haver deixado Assumpção : a distancia he de 376 milhas. »

Por este testemunho insuspeito vê-se que João Ramalho vivia no territorio e littoral de S. Paulo, pois tinha feito a guerra aos indios por espaço de quarenta annos, o que está de perfeito accordo com Simão de Vasconcellos, quando, referindo-se ao mesmo Ramalho, diz que era « homem rico na terra, mas infame nos vicios, amancebado publico por quasi quarenta annos, » e isto relata como chronica do anno de 1553, época em que Schmidel fôra ter á Santo André, povoado de Ramalho, e depois a S. Vicente.

(21) A milha allemã equivale á uma legua, e quasi um terço.
(22) E' notavel o seu silencio sobre a povoação de Santos.

Se esta data é rigorosa, deve-se acreditar que o desembarque de João Ramalho nas praias do Brasil meridional foi em 1510 ou 1512, e provavelmente na exploração da costa de nosso paiz por Gonçalo Coelho ; outro não se conhece ; mas se não é, em vista do que disseram Diogo Garcia e Pêro Lopes de Sousa, não podemos deixar de admittir como mais fundada a conjectura de que o seu desembarque foi á 22 ou 25 de Janeiro de 1502, esta ultima data sobre tudo, quando foi alli ter Americo Vespucio na frota lusitana(23), de que era cabo D. Nuno Manoel(24), como pretende o illustrado visconde de Porto Seguro. ou melhor André Gonçalves, o que levou a D. Manoel a noticia da descoberta, conforme Gaspar Corrêa, em suas *Lendas da India*, e que sem duvida era o mais adaptado para guiar e dirigir a frota na exploração que se ia emprehender. A' esta conjectura mais nos inclinamos (25).

Se o desembarque foi n'aquella época de 1502, quando se deu á terra o nome de S. Vicente, em consequencia do dia em que aportou a frota, como se havia já praticado com outros pontos do litoral desde o cabo de S. Roque (26) ; parece-nos verosimil que, sendo o bacharel de Cananéa o mesmo João Ramalho, o ponto onde ficou foi S. Vicente, e não *Cananéa ;* já pela volta de Martim Affonso de Sousa aquelle e não a este ponto, e pelo que logicamente se de-

(23) Tomamos aquellas datas pelo que adiante diremos.

(24) A hypothese de D. Nuno Manoel parece-nos insustentavel.

(25) A carta de Vespucio a Lourenço. Pier Francesco de Medicis mantem com força nossa opinião, quando diz que o piloto da frota ignorava a cosmographia, e esse piloto era o chefe: — «*nullus erat nauclerus, seu dux noster navigationis.* » Esse piloto outro não era senão André Gonçalves.

(26) Não damos como certo que fosse este cabo o primeiro ponto em que tocou a fróta lusitana.

prehende da carta de Americo Vespucio a Soderini, de que citaremos o trecho importante para esta questão:

« E como passamos um cabo a que pozemos o nome de S. Agostinho (27), principiamos a seguir a feição da terra. »

Portanto a viagem, em vez de ser ao largo, foi acompanhando a costa. Continuemos:

« Está este cabo distante do lugar em que vimos matar os dous christãos (28), cento e cincoenta leguas para Levante, em 8 gráos (29) alem da equinocial para o Sul.

« *E, continuando a nossa navegação,* avistamos um dia muita gente pela praia, que tinha corrido a ver o prodigio das nossas náus, e *cessando de navegar* nos fizemos na volta de terra, aonde fomos nos bateis, e achamos um bom ancoradouro.... »

Este porto, que, conforme a narrativa, devia estar não mui afastado do cabo de S. Agostinho, ou pelo mais entre esse cabo e o ponto da Bahia, que, em vista da segunda carta de Vespucio, ficou bem assignalado, e foi onde a frota demorou-se mais tempo e plantou um padrão (30); n'este porto deu-se uma circumstancia que de alguma sorte permitte, assegura o conhecimento do territorio onde póde ser procurado.

(27) Suppõe-se que este nome foi dado por havel-o a frota visto ou dobrado em 28 de Agosto de 1501. Esse dia é o da festa d'este santo.

(28) Refere-se ao lugar em que primeiro tocou a frota, que muitos querem que fosse o cabo de S. Roque, e nós presumimos que foi o dos *Marcos* nos limites das provincias da Parahyba, e Rio Grande do Norte.

(29) Segundo Vital de Oliveira este cabo jaz em 8 gráos, 20 minutos e 27 segundos de latitude meridional. Mouchez pelo contrario diz que fica na lat. sul 8° 20' e 45".

(30) O nome d'este padrão era S. Antonio, denominação dada ao cabo ou ponta, que tambem se chama do Padrão.

N'elle havia em abundancia *cannafistula*, que os indigenas denominavam *tapyra-coynana* (31). Essa planta cresce e floresce com grande pujança nas regiões banhadas pelo rio de S. Francisco, e em suas immediações, portanto no territorio das duas provincias maritimas de Sergipe e de Alagôas.

A cannafistula ou cassia é uma planta medicinal, conhecida dos europêos antes da descoberta da America. O Brasil a produz como o Egypto, a Arabia, a India, e outros paizes da Asia meridional, e os europêos recebiam-n'a pelo porto de Alexandria. Os portuguezes já a haviam plantado em S. Thomé, de onde vieram sementes e plantas para o Brasil (32); mas não continuou o cultivo, embora encerre o merecimento que a indigena, por amarga e desagradavel, não tem. Mas com essa arvore aconteceu o mesmo que com a *ubirapitanga*, cuja tinta assemelhava-se com a do *pao brasil* da Asia, posto que com diversa fortuna. A nossa madeira é superior á asiatica na quantidade e belleza da côr, e as vagens da *tapyra-coynana* de Macgrav, ou *jeneune* de Gabriel Soares, não dão o producto da cassia da Asia e da Africa, embora seja uma arvore de extrema belleza quando coberta de flôres. A semelhança dos seus fructos com os de proveniencia asiatica, a grandeza das suas vagens, e a extrema abundancia, attrahiram desde logo a attenção dos nautas, sobre tudo a do cosmographo florentino, que acompanhava a frota, e era entendido no assumpto, causando-lhe muita impressão a descoberta.

Continuemos:

(31) Vide Martius no *Glossaria Linguarum* á pag. 393 e 407.

(32) Gabriel Soares — *Noticia do Brasil* parte segunda, cap. 60.

« .... e homens de melhor condição do que os passados; pois ainda que com algum trabalho em domestical-os, forão por fim *nossos amigos*, e commerciamos com elles. »

III

Esta nova circumstancia faz crêr que o facto teve lugar menos no territorio da provincia das Alagoas do que no da de Sergipe, por isso que na primeira dominavam os *Cahetés*, tribu perfida, cruel e menos accessivel, e na outra os *Tupinambás*, mais accommodados e hospitaleiros.

« Estivemos cinco dias nesta paragem, e aqui *achamos canafistola* muito grossa, verde e tambem secca em cima das arvores... »

A circumstancia da demora de cinco dias é mais um motivo para a exclusão do territorio alagoano, porquanto descobrindo a frota o rio de S. Miguel(33) no dia 29 de Setembro de 1501, e o rio de S. Francisco á 4 de Outubro, essa demora no primeiro não era possivel. Os nomes á esses lugares foram impostos conforme os santos inscriptos no almanack.

As margens da foz do rio de S. Francisco, pela difficuldade da abordagem, arrebentações, areaes mui baixos e

(33) No mappa de Barlœus este rio tem o nome de *Cenemby*, que os nossos pronunciam *Sinimbú*, por causa da ultima letra que em *tupí* é mui difficil de pronunciar-se, e que uns a expressavam por *y* e outros por *u*.

Cenembĩ e *Genembĩ*, que conforme nossa pronuncia seria *Cenembim*, eis como o nome d'esse rio se acha escripto no mappa de Barlœus. Em portuguez significa *camaleão*.

mangaes mui densos, tambem por essá circumstancia ficam postas de lado.

Essa difficuldade na época era tanto maior, quanto coincidia com a cheia do grande rio, que impellia muito para o mar as suas aguas barrentas, tingindo por muitas leguas a côr das do oceano, tornando mesmo n'esse ponto incommoda, senão perigosa, a navegação.

Accresce ao que fica dito que a narração de Vespucio se não presta ao desembarque junto á foz de um rio tão caudaloso, circumstancia que não seria olvidada. Vespucio diz:

« Continuando nessa navegação avistamos um dia muita gente pela praia... »

Os terrenos á margem do S. Francisco, na foz, não se prestam, como já notámos, á esta descripção.

Mas por isso o ponto deve ser procurado no litoral, entre os rios de S. Francisco e o Real, quando muito. O nome de Rio Real dado á um rio de pouca importancia, mas com uma foz apparatosa, é mais um indicio de que os nautas d'essa frota não viram a foz do rio de S. Francisco, e pelas aguas impellidas pelo mar em fóra foi que reconheceram a existencia de um rio n'essas latitudes.

O espaço comprehendido entre os rios de S. Francisco e o Real, póde-se dividir em duas partes. Uma entre o rio de Parapucú, ao sul da grande barra do S. Francisco, e a foz do rio de Japaratuba, senão ás do Cotindiba. N'este espaço se acha a famosa enseada de Vasabarris, que tão celebrada se tornou pela sua furiosa corrente, que tantas desgraças causou(34).

Aqui não é possivel que a frota tentasse um desembarque, e mesmo não é provavel que se approximasse do litoral, embaraçada pelo impulso das aguas na barra do S. Francisco.

(34) Gabriel Soares, *Noticia do Brasil*, parte I, cap. 21.

A outra parte entre os rios Cotindiba e Real, cujo litoral tambem se chama impropriamente de Vasabarris, e a tal ponto que o nome outr'ora dado ao Japaratuba nas primeiras cartas maritimas passou para o rio que hoje conserva-o; não está nas mesmas condições, embora os rios que n'ella desembocam, Cotindiba, Vasabarris, Real, e ainda o Itapucurú, tenham pessimas barras, e mui difficultosa navegação.

Aqui tem muito cabimento a narração de Vespucio. Praias de facil desembarque nos batéis, e de ancoradouro supportavel para os navios de tonelagem d'essas frotas do principio do seculo XVI, se encontram na Cotindiba, em Vasabarris, em Rio Real. Ora, tanto mais facil era o desembarque quanto a navegação se fazia no verão, em que a costa não ficava desabrigada, e com a circumstancia de que em tódo esse territorio addicto ao litoral, *maxime* á margem d'aquelles rios, havia cannafistula em abundancia, como ainda hoje.

Agora o que cumpre é fixar o ponto d'esse desembarque. Excluido o ponto do rio de S. Francisco, que é o assignalado pelo traductor das cartas de Vespucio na *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, pelas razões já expendidas, menos póde subsistir a opinião do nosso illustrado consocio o Sr. visconde de Porto Seguro, que pronunciou-se pelos portos da Bahia ou de Caravelas, onde se não encontram as arvores de cannafistula, salvo no interior, segundo o testemunho de Gabriel Soares na sua *Noticia do Brasil*, parte II, cap. 60.

Portanto, no espaço mui limitado de dez a doze leguas entre a foz do Cotindiba e a do Rio Real, se acha o ponto ou o nó da questão.

Gabriel Soares vai dar-nos o fio, ou antes a chave da questão, no cap. 22 do seu *Roteiro*, quando assegura que

dentro d'aquelle espaço existe um rio com o nome de *Cannafistula* ou do Pereira. Infelizmente a latitude por elle marcada para 'esse rio, duas leguas ao norte do Rio Real, destróe o merecimento da sua indicação, porquanto entre as barras dos rios Vasabarris e Real nenhuma outra corrente existe: a costa entre esses dois pontos, como diz com razão Mouchez, contém uma praia coberta de comoros brancos sem nenhuma interrupção, como succede entre o Vasabarris e o Cotindiba, ou melhor até a foz do Poximassú.

Gabriel Soares, por equivoco, confunde os nomes dos rios de Sergipe, ou antes, augmenta o seu numero por separar nomes que indicam o mesmo rio, e vice-versa(35).

Felizmente o *Atlas da historia do descobrimento da America*, que Kunstmann e outros publicaram em 1859, reproduzindo fielmente as cartas originaes dos primeiros tempos da descoberta d'esta parte do mundo, sobretudo o famoso *Atlas* de Fernão Vaz Dourado, desvendaram as confusões e equivocos de Gabriel Soares de Sousa.

Segundo o *Roteiro* de Gabriel Soares o rio que os primeiros descobridores denominaram de S. Francisco, os indigenas, pela sua grandeza, chamavam simplesmente *Pard*, e é o mesmo rio que no mappa de Barlœus traz a denominação de *Parapitinga* (36).

Ao rio que hoje chamamos *Japaratuba*, no *Roteiro* vem com o nome de *Ubirapatiba*, de que o primeiro é por certo corrupção. No mappa de Barlœus, já do seculo XVII, o

(35) *Noticia do Brasil*, parte 1ª, cap. 22.

(36) Entre o *Maniçoba* e o rio *Maroim*, ou de Lourenço de Sousa, como lhe chama Barlœus, se achava o curral ou fazendola do Camarão, depois que foi obrigado a abandonar o territorio de Pernambuco, antes do levantamento de João Fernandes Vieira.

nome é *Jupardtibuçú*, de que o *Ciriry* e o *Maniçoba* eram affluentes(37).

O *Cotinguiba* ou *Cotindiba* de hoje, o *Roteiro* dá-lhe o nome de *Cirigy*, isto é, *Sergipe*, que prestou o nome ao territorio, e que de corrente principal passou a affluente, occupando o primeiro o seu lugar(38). O nome de *Cirigí* e o de *Cirigy* são conservados por Barlœus.

O *Vasabarris* da época presente tem no *Roteiro* o nome de *Cotigipe*, talvez por equivoco, havendo na sua proximidade o affluente do Sergipe, que lhe conquistou a posição. Em Barlœus, o nome é *Potiiipeba*, ou *Potigypeba*, como nós escreveriamos. A denominação de *Vasabarris*, de que já se usava no tempo de Barlœus, é impropria, mas Gabriel Soares explica o motivo. E o mesmo se póde dizer ácerca da de *Irapirang*, que sómente cabe á um seu affluente a esquerda, que Barlœus escreve *Icaperangu*.

Após este rio o litoral de Sergipe para o sul apenas accusa a existencia de um, que por sua larga embocadura os primeiros navegantes, suppondo que tinha um prolongado curso, o denominaram *Real*, denominação accorde em todos os mappas. Entretanto Gabriel Soares assignala

(37) Um dos affluentes d'este rio era o *Marecagi*, que deu o nome á nova capital da provincia, já corrompido em *Aracajú*.

A nova cidade não foi, como se pretende, edificada no lugar da primeira, S. Christovão, destruida pelos hollandezes. Esta tinha o seu assento á margem esquerda do *Cirigy*, hoje *Cotindiba*, e mui proxima á barra e do *Apicum-Pomonga*, que Barlœus chama *Apacuy-Pomonga*. Na *Razão d'Estado* a fortaleza se acha á direita do rio.

(38) *Parapetinga*, contracção de *Paranapetinga*, rio de aguas claras ou limpas, segundo Martius; mas quanto ao rio de S. Francisco, a significação é outra: *rio de aguas brancas*, isto é, barrentas, como são as d'este rio.

Paranapetinga, ao pé da letra, quer dizer—caminho de agua branca.

mais um rio entre o Vasabarris e o Real, que chama rio da *Canafistula* ou do *Pereira*, cuja foz pretende que estava situada duas leguas ao norte da do Rio Real. Manifesto equivoco de sua parte, como já deixámos notado.

Mas a indicação de Gabriel Soares quanto á um rio denominado da *Canafistula* é preciosa, por isso que com tal designação era conhecida na Europa occidental, e sobre tudo nos portos do Mediterraneo, a planta medicinal que o commercio obtinha em Alexandria, e em outros mercados no litoral da Syria.

Essa planta, como já notámos em outro lugar, era de proveniencia do Egypto, e de algumas regiões da Asia meridional, e sómente um conhecedor e pratico no commercio, como era Vespucio, podia á primeira vista, e pela simples inspecção de suas vagens, reconhecer e assignalar a semelhança, senão das duas plantas, ao menos das vagens que dos paizes orientaes vinham ao mercado europêo, com as da nossa bella arvore.

Talvez, se Vespucio não acompanhasse a frota, esse assignalamento, em que aliás tanto insiste em sua carta, não se fizesse.

Os italianos, como os romanos, chamavam ao producto asiatico *casia-fistula*, os hespanhoes e portuguezes *canna-fistula*, e os ultimos tambem *cassia purgante*. Os outros povos da Europa, em geral, *cassia*, *casse*, etc.

A circumstancia de se achar um tal producto em nosso territorio, impressionando os nautas como revela a carta de Vespucio, devia naturalmente deixar uma lembrança no roteiro d'essa navegação, tratando-se, como se tratava, do primeiro ponto em que se desembarcava e se travava relações de commercio com os indigenas.

Eis o que bem indica a revelação de Gabriel Soares, quando nos assegura que em um ponto do litoral de Ser-

gipe desemboca um rio chamado de *Cannafistula*, planta que não floresce senão á margem de mananciaes de agua doce, e nunca á beira do oceano.

Se a frota lusitana, depois de passado o cabo de S. Agostinho não póde fazer desembarque senão no littoral de Sergipe, após a enseada de Vasabarris, ou além da foz do Japaratuba ou de Ycatú, e se ao sul d'este ponto encontra-se um rio com o nome de rio da *Cannafistula*, assim conhecido nas cartas e roteiros do seculo XVI, o seculo da descoberta, é claro ou bem presumivel que o primeiro desembarque dos nautas se fez no littoral vizinho á foz d'esse rio.

Gabriel Soares escreveu em 1586, e já assignalava esse ponto no seu *Roteiro*, posto que confusamente; mas, examinados os mappas colligidos por Kunstmann, muito anteriores á essa época, encontrámos o rio da *Cassia*, que é o da *Cannafistula*, bem descriminado.

O mappa sob n. II, que não tem autor conhecido, mas que é antigo, nota os seguintes rios após o de S. Francisco: O rio *Bafra barill*, que evidentemente é o *Japaratuba*, que se lança na enseada tão perigosa de Vasabarris. O rio do *Pereira*: é o da *Cotindiba* actual; o rio de *Caxa*, corrupção de *Cassia*: é o actual de *Vasabarris*, pois a este segue logo a *Punta Real*, a foz do Rio Real, e o rio de *S. Jeronymo*, hoje *Itapicurú*.

Os mappas de n. III e VII apenas apontam os rios de *S. Francisco* e o *Real*. Mas no V, que tem por autor Visconte de Maiollo, e foi organisado em 1519, nota-se além do S. Francisco, os rios da *Cassia*, o *Real* e o de *S. Jeronymo*. A proximidade dos dois primeiros rios bem demonstra que o da *Cassia*, tão proximo do *Real*, era o rio *Vasabarris* do precedente mappa n. II.

Estes dados são perfeitamente confirmados pelo *Atlas*

de Fernão Vaz Dourado, o celebrado cartographo portuguez, trabalho de muito merecimento, organisado em Gôa no anno de 1571. No mappa IX se acha em boa ordem e mui claramente notados os rios ao sul de S. Francisco até o Itapicurú por esta disposição: Vasabarris (*Japaratuba*), do Pereira (*Cotindiba*), da Cannafistula (actual *Vasabarris*), e em seguida os rios Real e Itapicurú (39).

N'esta nomenclatura não se lêm os nomes indigenas de taes rios que os nautas ignoravam, e foram depois applicados, fazendo esquecer os primitivos, causando á principio a confusão de que a obra de Gabriel Soares dá testemunho.

Portanto, foi no littoral, proximo á foz do actual rio de Vasabarris(40), que a frota lusitana ancorou, e sem desastre, porque não era a época do inverno, e os ventos que reinavam no momento mostraram-se favoraveis.

(39) No mappa annexo á obra de Theodoro de Bry, de 1627, o actual *Vasabarris* vem com o nome de rio *Canafistolas*, e a foz tão larga que o braço do norte, circumdando uma ilha, tem o nome de rio do *Pereira*, e o do sul rio *Canafistolas*. De modo que faz crêr que o desembarque dos nautas foi na ilha, por mór segurança, e que n'essa ilha foi onde viram as arvores com abundancia d'essa vagem medicinal.

Ora essa ilha, segundo outros mappas, existe de facto á foz do supracitado rio.

(40) *Vasabarris*. E' notavel que este nome já venha notado no mappa de João de la Cosa de 1500, sob a denominação hespanhola de *Basiabariles*, quasi que na embocadura do rio *Assú*, no Rio Grande do Norte, na hypothese de que o cabo além ou ao sul de porto Formoso seja o de S. Roque; mas á ser o de S. Agostinho o rio com tal denominação, não poderia ser outro senão o Parahyba de norte. Tal é a nossa conjectura.

A descoberta d'essa parte de nossa costa, diz João de la Cosa, foi feita em 1499 por Vicente Yanes Pinçon.

IV

Liquidado este incidente, que nos pareceu importante, e mesmo necessario para bem comprehender-se o pensamento do cosmographo florentino, continuemos com a citação de sua carta :

«.....assentamos de traser deste lugar hum par de homens para aprender a lingua, e vierão tres delles por sua vontade para Portugal.

« Mas como estou cansado de escrever, só posso em breve referir á V. S., que partimos deste porto (41) navegando sempre pelo sudoéste *á vista de terra*, fasendo muitas escálas (42) e fallando com infinita gente.»

Continuando accrescenta, e é este o ponto para que mais chamamos a attenção do Instituto:

« Emfim andamos tanto para o Sul, que já estavamos

(41) O porto, como já vimos, era o de uma ilha á foz do rio de Vasabarris, pelos nautas denominado da *Canafistulas* ou da *Cassia*.

(42) No *Summario de suas navegações*, que vem em Ramusio e que é obra do mesmo Vespucio, lê-se o seguinte :

« Navegamos por esta costa algumas seiscentas leguas sahindo muitas veses á terra, e vindo muitas á falla com os naturaes, os quaes nos recebião com cortesia e amorosamente, e assim movidos da sua bondade e innocentissima naturesa, nos demoravamos ás veses com elles *quinze a vinte dias*, pois tem uma grande hospitalidade para com os forasteiros.»

Com uma tal viagem de exploração, o porto da Bahia não podia escapar de ser reconhecido, como foi, tornando-se uma d'essas escalas a que Vespucio refere-se por muitas circumstancias. E então como poder-se-ha sustentar a lenda de Caramurú, creada adrede no seculo XVII ?

O porto ficou tão assignalado que ahi deixou a frota um padrão; e, na viagem seguinte, foi considerado ponto de reunião dos navios dispersos da nova frota, que ia descobrir Málaca.

fóra do tropico de Capricornio, aonde o polo antartico se levanta sobre o horizonte 32 gráos.....»

Note-se aqui este algarismo 32, pois o suppomos *erro de cópia*, devendo ler-se 23, ou melhor 25, pelo que mais adiante vai-nos Vespucio dizer (43):

«.....e já tinhamos perdido de todo a ursa menor (44), e a maior estava tão baixa que apenas apparecia no fim do horizonte.....»

Esta circumstancia tambem é digna de nota, tanto mais quanto se harmonisa com a nossa conjectura.

Vespucio pelo theor de sua descripção parece que apenas acabava de ultrapassar o tropico de Capricornio ; portanto estava á 23 e meio gráos, 24 ou 25, por isso que a Ursa maior *apenas apparecia no fim do horizonte.*

Humboldt, no seu *Exame critico da historia da geographia do novo continente* (45), com quanto diga em nota, tratando d'esta parte da carta de Vespucio, que a frota estaria além de 38 gráos e dez minutos, tomando somente em consideração as grandes estrellas (*canopos*, como dizia Vespucio), em outro lugar da mesma nota assegura o seguinte: « Toda a ursa maior roçava ainda o horizonte em 25 gráos e 35 minutos de latitude austral » ; portanto pouco mais ou menos pela altura, senão de S. Vicente, da Cananéa (46).

(43) Esse erro de cópia póde ser com mais razão 25, quasi na latitude da Cananéa, que pouco mais ao sul se acha, porto onde Martim Affonso encontrara o *bacharel*.

(44) Esta constellação, segundo Humboldt, desapparece á vista em 16 gráos e 24 minutos de latitude sul.

(45) Tomo V, secção II, n. 6, á pag. 17.

(46) Eis a nota :

«Não considerando senão as grandes estrellas das duas *Carroças*, segundo o uso dos pilotos daquella epocha, *n* da grande Ursa desappareceria já em 38° 10', e *y* da pequena Ursa em 16° 24' de latitude austral (sem o effeito de retracção).

E o que diz o eminente Humboldt se acha de accordo com o que relata Schmidel no cap. 39 de sua interessante *Viagem*, ou antes peregrinação, quando, acompanhando Alvaro Nunes Cabeça de Vacca em uma expedição militar, subira o Paraguay, e penetrára no territorio da Bolivia, além do Chaco, no paiz dos *Chiquitos*, precisamente por aquella latitude (47).

Continuando accrescenta :

«.....e assim nos governamos pelas estrellas do outro pólo antartico, que são muitas, muito maiores, e mais lucentes que as do nosso, etc.

« Corremos algumas setecentas e cincoenta leguas desta costa, a saber 150 do cabo de S. Agostinho para o Ponente, e 600 para o Sudoéste.»

Temos, pois, aqui definida em legũas a extensão da

« São sete estrellas que compoem cada uma das constellações que o povo designa debaixo do nome de *carroças*, aquellas cuja distancia polar é maior.

« Toda a grande Ursa roçaria ainda o horizonte aos 25° 35' de latitude austral. As declinações de Piazzi foram reduzidas para o anno de 1500.»

Por isso Humboldt suppõe que Vespucio n'esta passagem declara ter alcançado 40 gráos de latitude sul.

(47) Eis o que diz Schmidel :

« Nunca vi entre os Surucusis um só homem que tivesse 40 ou 50 annos, nem paiz mais insalubre. Está situado *sob o tropico do Capricornio*, e onde o sol bate perpendicularmente. Este clima é tão pestilento como o de S. Thomé.

« Eu tornei a ver entre estes Indios a constellação chamada carroça, ou a *grande Ursa*, que não tinhamos mais visto depois que passamos as ilhas de Cabo Verde.»

Isto é uma exageração tão commum nos antigos navegantes. Mas parece-nos antes um engano, querendo Schmidel referir-se á *pequena* Ursa.

viagem feita pela frota desde o cabo de S. Roque (48), primeiro ponto alcançado na costa do Brasil, até o ultimo em que foi, ao que se diz,abandonada. Este numero de leguas corresponde com o numero de gráos do *Summario*, que a frota navegou, á saber: 25 e meio gráos pouco mais ou menos.

Mas completemos a citação que nos falta d'esta carta para que possamos apreciar e comparar todos os elementos que nos levam a firmar nossa opinião quanto ao ultimo ponto do littoral do Brasil em que tocou a frota lusitana.

« Se eu me propusesse, diz Vespucio, a contar as cousas que vi n'esta navegação, não teria papel bastante, mas pode-se dizer que n'ella não encontràmos nada de proveito *excepto infinitas arvores de pau Brasil e de Cannafistola*, as de que se tira a myrrha,.....»

Eis o seu principal limite n'essa exploração da frota, as-

(48) E' questão se a frota de Vespucio foi precisamente ao ponto do Cabo de S. Roque, se pelo contrario ao denominado—*os Marcos*, isto é, mais ao sul, entre as bahias Formosa e da Traição. Este é o nosso parecer.

Para isto temos as seguintes razões:

1.°—Vespucio diz em sua carta de 1502 que, na primeira terra que avistaram e desembarcaram tomou-se posse d'ella em nome de El-Rei de Portugal; portanto chantaram-se padrões, isto é, titulos de dominio em pedra. O lugar *os Marcos* bem indica que ahi se executou uma tal ceremonia, e talvez ainda existam estas provas materiaes.

2.°—I. da C. Quintella, vice-almirante da armada Real, nos seus *Annaes da marinha portugueza*, tomo I, pag. 260, diz sobre este assumpto, em uma nota, o seguinte:

« Parece que seria o Cabo de S. Roque, que está em latitude Sul cinco gráos e sete minutos; e mais provavelmente algum ponto da costa ao sul d'elle, aliás se perderiam nos baixos do mesmo nome, que correm desde o cabo para o norte.»

3.°—Vespucio refere-se á *uma terra*, e não á *um cabo* como declara quando trata do de S. Agostinho.

Vide supra nota 28.

signalado não já por leguas e gráos, mas pelas producções intertropicaes, e pouco além, e continúa por esta fórma :

« . . . . e outras mais maravilhas da natureza, que seriam longas á referir (49), havendo já bons *dez mezes* que via-

(49) No *Summario* das suas navegações Vespucio é mais explicito, dá noticias da terra mais detalhadas quanto á população, cujos usos e costumes descreve, e quanto ás producções dos tres reinos da natureza. Trasladaremos n'esta nota alguns trechos do artigo que Vespucio traçou.

« Este paiz é o mais povoado que eu tenho visto, e as gentes muito domesticas e mansas: não offendem á ninguem, andam sempre nuas, são muito bem feitas de corpo, e a sua cor é avermelhada, etc.

« Nas orelhas trazem ornatos mais preciosos com aneis e perolas pendentes, segundo o uso dos egypcios e indianos. Estes povos não tem propriedade alguma, porem sim tudo em commum sem rei nem imperio. . . nem religião alguma. »

Se Americo Vespucio houvesse desembarcado no littoral do Uruguay poderia descrever os indigenas, sobretudo os *Charruds*, negros, horrendos e intrataveis, da mesma sorte como os de raça *tupica* da nossa costa, desde o Rio Grande do Norte até S. Vicente, ou antes até Cananéa, onde havia no littoral a ultima aldêa d'essa raça ?

Não é crivel. Continuemos :

« O paiz é mui temperado, fertil e deleitoso; bem que tenha muitas collinas, é comtudo regado de infinitas fontes e rios, e tem os bosques *tão cerrados* que não se pode passar por entre as arvores. »

Serão estas as scenas das regiões mais meridionaes do Brasil ?

« Os fructos crescem espontaneamente e sem cultura, são optimos, em grande abundancia, sadios, e totalmente differentes dos nossos.

« Igualmente produz a terra infinitas hervas e raizes de que fazem pão e outras iguarias. Todas as arvores exhalam um cheiro tão suave, quanto é possivel imaginar; e estilam gomma, licores, e succos, cujas virtudes se nós as conhecessemos, penso que viriamos no conhecimento que não falta aqui nada, não só para o prazer, mas para nos manter sãos, e fazer recuperar a saúde perdida.

javamos (isto é, de 10 de Maio á 15 de Fevereiro), vendo que *na terra* não achavamos mina alguma (50) resolvemo-nos a deixal-a e *ir examinar o paiz* por outra parte (51), e assim se determinou seguir aquella navegação, que me parecesse bem; incumbindo-me *absolutamente* do commando da armada (52).

« O céo e o ar estão raras vezes cobertos com nuvens, quasi sempre os dias são serenos, algumas vezes cahem cassimbas em pequena quantidade, e não duram mais de tres ou quatro horas desfazendo-se á maneira de nevoa, etc. »

Esta descripção bem revela que Vespucio não viu as nossas regiões meridionaes, muito além da latitude de 25°; e quem sabe se fôra além de 32°?

(50) No *Summario* diz Vespucio quasi o contrario, n'estes termos:

« O paiz não produz metal algum senão ouro do qual ha grandissima abundancia, bem que n'esta primeira viagem não tivessemos tirado nenhum: mas certificarão-nos indubitavelmente d'isso todos os naturaes, que affirmavam ser o terreno muito abundante d'elle, e muitas veses ouvi que entre elles tinha muito pouca estimação, e quasi valor nenhum. »

(51) *E ir examinar o paiz por outra parte.* Estas palavras demonstram ainda que a viagem da frota de Americo Vespucio não navegava com rumo á le-sueste, o que o *Summario* confirma nas palavras — « verso il polo Antartico navigando por esso detta costa trasspassarono il tropico hyemale verso il detto polo gradi 17 et mezzo. »

E mais adiante:

« Fummo adunque tra noi di concorde parere dí navigar presso diquesta costa, et di non lasciarla mai di vista. »

Quintella, nos *Annaes da Marinha Portugueza* tomo 1, pag. 263, nota, diz — que a frota continuou a tomar ainda de 15 de Fevereiro de 1502 em diante o rumo do *sudoeste*, com quanto a carta de Vespucio diga o rumo de *es-sueste*, erro palpavel, porquanto a direcção da costa que ainda seguia a frota era pelo sudoeste.

(52) Eis a melhor prova de que Americo Vespucio ia na armada lusitana astronomo piloto ou cosmographo, do que como chefe ou capitão-mór, posto confiado á portuguezes.

Esse capitão-mór não era outro senão André Gonçalves, o commandante do transporte de mantimentos, que fôra levar á D. Manoel,

« Mandei, pois, *fazer provimento de agoa e lenha* para seis mezes, que tanto julgaram os officiaes das náos que podiamos navegar com ellas (53); e feito isto principiamos a nossa viagem pelo *Les-Suéste* (54) aos quinze de Fevereiro

por ordem de Pedro Alvares Cabral, a noticia da descoberta, e portanto o que devêra ir mostrar o caminho ao cosmographo para levantar-se a carta do littoral já descoberto.

Foi com razão Vespucio escolhido para esta commissão, por isso que, além de cosmographo ou astronomo, tinha pratica de viagens á America, em que os portuguezes não eram ainda peritos.

A obscuridade do nome do capitão-mór não admira, em razão do procedimento tão reservado da côrte lusitana n'estes assumptos. E posto que o personagem fosse pouco conhecido, era indispensavel para guia do caminho.

Não era possivel ser D. Nuno Manoel, em razão de sua alta posição official na côrte, e não ser elle maritimo, e demais sendo a missão, para a época, de mui somenos importancia. Mas este fidalgo, por suas riquezas e valimento, tinha navios que por sua conta navegavam, com permissão Real, tanto para a costa de Guiné, como para a India e America.

A carta publicada por Varnhagen no opusculo *Novos esclarecimentos a respeito de Americo Vespucio*, de Alvaro Mendes de Vasconcellos escrita de Medina del Campo em 14 de Desembro de 1531 bem o comprova, assim como, quanto a primeira parte, Damião de Góes na *Chronica de D. Manoel*, pag. 1, cap. 5, e p. 4, cap. 36.

D'estas licenças Reaes outros fidalgos obtiveram em differentes epochas.

(53) Estes preparos de viagem não se poderia fazer em littoral desabrigado como por exemplo o de Albardão e o do Chuy, onde a lenha para as náos não seria talvez facil obter-se.

(54) *Le-sueste*.

Quintella nos *Annaes da marinha portugueza* tomo I, pag. 263 assegura que o rumo da frota era Sudoeste, sendo um erro palpavel a direcção Le-sueste, quando outra (sudoeste) é a da costa.

E tanto a observação d'este official de marinha parece fundada, que Pêro Lopes de Sousa, em 1531, tomou o rumo do Sudoeste quando de S. Vicente seguia para o Sul, e mesmo póde-se dizer da Cananéa.

(de 1502), quando o sol estava visinho ao equinocio, e voltava para este nosso hemisferio septentrional.

« E tanto navegamos por este rumo, que a elevação do Polo antartico sobre o nosso horizonte era de cincoenta e dois gráos *e desde então*.....

Note-se mais esta circumstancia que contraria a importancia do algarismo da graduação.

«.....não viamos mais estrella alguma da *grande*, nem da pequena Ursa (55), estavamos distantes *da terra* d'onde tinhamos partido boas quinhentas leguas (500) *Les-Sueste* e isto aos tres de Abril.»

Se, segundo Humboldt, as estrellas das duas Ursas deixam de ser completamente visiveis na latitude austral de 38 gráos e dez minutos, Vespucio não podia em 3 de Abril usar d'aquella linguagem se se achasse tão distante na latitude de 52 gráos. Ora n'esse dia a frota mudou de rumo, como se vai vêr, e portanto na latitude de 38° 10' de nosso hemispherio pouco mais ou menos não teria alcançado além das latitudes menos meridionaes da Patagonia (56).

O capitão-mór portuguez não queria continuar mais a exploração; mas insistindo por ella Vespucio, encarregou a este de dirigir a viagem para outra parte sem abandonar e antes seguir o littoral, como fez.

E mesmo o proposito de fazer viagem pelo Atlantico, deixando o littoral ao Sudoeste, seria um cumulo de extravagancia e em contrario ás ordens do rei.

(55) A Ursa menor perde-se primeiro de vista que a maior, ao 16° 24' de latitude austral.

(56) Sendo assim não era possivel que a frota podesse ter alcançado nem as ilhas Malvinas, a terra do Fogo, e menos ainda a ilha de Georgia. O impulso do vento do Sudoeste, e as leguas percorridas pela costa quasi na mesma direcção, não permittiria ir além de 40° ou 41 gráos de latitude austral, e o littoral inhospito da Confederação Argentina, e a nossa costa do Rio Grande do Sul, se harmonisam com a narração de Vespucio sem ser preciso ir tão longe como a 52 gráos.

« N'este dia (3 de Abril) principiou no mar uma borrasca tão grande, que nos fez ferrar de todo as vélas, corriamos arvore sêcca com um vento muito forte (que então era Su-Sudoeste) com muito grande mar, e o ar muito carregado, sendo tal a furia do vento, que toda a armada estava na maior consternação.

« As noites eram muito grandes, e a de sete de Abril foi de quinze horas (57), porque o sol estava no fim de Aries, e era *então inverno* n'estas paragens (58), como V. S. pode facilmente comprehender.

« Estando, pois, assim afflictos, no dia 7 de Abril tivemos vista de huma *nova terra*, a qual corremos cousa de vinte leguas (59), e achamos toda a costa brava, sem porto, nem gente alguma, e era tanto o frio que ninguem da armada se podia valer, nem supportal-o etc.»

Portanto temos tres importantes dados a apreciar, afim de que possamos assignalar o ponto *ultimo* em que a frota lusitana estacionou em nossa costa.

A graduação, o numero de leguas percorridas na exploração da costa, e as producções relatadas. Depois de comparados estes dados, os confrontaremos com os mappas publicados durante aquellas eras, e que poderam chegar á nossos tempos.

(57) Esta indicação *quinze horas*, que não se dá senão nas latitudes de 38° á 40°, com a circumstancia do assignalamento da invisibilidade da Ursa maior, comprovam nosso acerto, isto é, que Vespucio não alcançou o grão 50 e menos 52. Houve engano ou erro na cópia dos algarismos.

Apesar da intrepidez de Vespucio e de seus companheiros é natural que, perdendo de vista as ultimas estrellas da Ursa maior, temessem continuar mais longe a viagem, *maxime* com a tempestade que havia, e assim procurassem terra. Achando a costa inhospita e despovoada preferiram aproar para o norte, e volver para Lisboa.

58) Isto he inexacto.

(59) Vide a nota precedente n. 57.

A graduação notada na carta de Vespucio leva muito ao sul o littoral percorrido pela frota,mas o numero de leguas vencido (60), e as producções notadas restringem muito o percurso. Basta notar o páo-brasil e a cannafistula, productos que mais lhe attrahiram a attenção, para demonstrar que a frota não attingiu com exploração regular e detida o nosso littoral meridional, além de 25 gráos. D'ahi em diante não ancorou em parte alguma.

O illustrado annotador portuguez das cartas de Vespucio, firma a convicção de que pela enumeração das leguas percorridas, que não podiam ser de vinte ao grão (61), a frota não podia alcançar ou antes ancorar em portos da latitude austral de trinta e dois gráos, pelas regiões pouco abastecidas de arvoredo e mesmo pouco accessiveis, de territorio da nossa provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul e da republica oriental do Uruguay. Sua opinião se fixa no ponto de S. Vicente, onde depois veiu estabelecer-se Martim Affonso de Sousa, em 1532, cuja latitude austral pouco além vai de 23 e meio gráos. Eis suas palavras:

« Ora como as 600 leguas do cabo de S. Agostinho para diante, devem ser iguaes cada uma de per si as 150 anteriores (do cabo de S. Roque ao dito cabo); a governarmo-nos por esta conta, não passaria (*a frota*) do rio de S. Vicente que fica em 23 gráos e meio, e por conseguinte tambem já fóra do tropico de Capricornio. »

(60) Quintella, nos *Annaes da marinha portugueza*, tomo I, pag. 260, nota (2), diz, que a distancia percorrida pela frota de Cabo Verde á costa do Brasil onde primeiro aportou, 700 leguas, era excessiva, assim como todas as declaradas por Vespucio (ou seu copista). Mas adverte « que os italianos contavam *quatro milhas* por cada legua e assim o grão tinha *oitenta milhas*. »

(61) O traductor portuguez das *Cartas* de Vespucio na collecção de *Noticias sobre as nações ultramarinas*, diz que os gráos n'aquella época eram de 15 leguas.

Em abono d'esta opinião ha ainda a circumstancia do nome dado ao local, resultante do estylo adoptado, isto é, mediante o almanack. Assim deu-se á ilha de S. Sebastião, o nome d'este santo por isso que sua descoberta fez-se a 20 de Janeiro, assim como o de *rio de S. Vicente* á emboca dura formada pelas aguas que cercam a ilha do mesmo nome, onde fundou-se a villa de igual denominação, e depois a cidade de Santos, por isso que a frota alli chegára á 22 de Janeiro de 1502.

O espaço decorrido entre essa data e a partida da frota na direcção de les-sueste a 15 de Fevereiro foi empregado no córte de madeiras para lenha e aguada, explicação facil de admittir.

A estas circumstancias accresce que o porto de S. Vicente era mui conhecido dos navegantes que frequentavam o nosso littoral meridional com esse nome nos principios do decimo sexto seculo, como já notamos.

Mas se todos estes dados excluem a pretenção de haver a frota lusitana navegado pelo nosso littoral até á latitude de 32 gráos não permittem acolher o ponto de S. Vicente como o ultimo em que tocou aquella frota, como parece que com sobejidão iremos mostrar, cabendo essa distincção ao de Cananéa, por mais de uma solida razão.

A palavra *Cananéa* (62) parece ser a corrupção de alguma expressão indigena, mal comprehendida pelos primeiros

Referindo-se á distancia que percorreu a frota da ilha de Fernando á Bahia, e a róta que julga acertada, diz Quintella nos *Annaes da marinha portugueza*, tomo I, pag. 277, nota (1), que essa distancia e róta — « não concordam mal com o verdadeiro rumo, e distancia entre a a Bahia e a ilha de Fernando, attendendo a que Vespucio conta por leguas mais pequenas, que as nossas leguas maritimas. »

(62) *Cananéa*. — Este nome tambem não póde referir-se ao paiz de Chanaan, significando paiz de abundancia, por isso que nenhum documento do tempo o declara; e menos referir-se á celebrada Syro-

navegantes ; e em alguns mappas d'aquelle tempo esse local tem o nome de *Cananor*, que nada tem de commum com o porto da India na costa do Malabar, em razão da discordancia das épocas em que um foi descoberto, e o outro pouco conhecido e conquistado (63).

Cananéa e S. Vicente eram dois pontos do nosso littoral sul mui conhecidos dos navegantes, como prova, e mui bem, o *Diario* de navegação de Pêro Lopes de Sousa.

Em Cananéa estava a ultima aldêa dos *Tupis* e começava o dominio dos *Carijós*, e como limite era mais povoada do que S. Vicente, como o mesmo *Diario* dá noticia.

Melhor que S. Vicente, sua posição se ajusta com a circumstancia da desapparição ou occultamento da constellação da Ursa maior. A sua latitude mais meridional vai um pouco além de 25 gráos.

Por outro lado, na ponta ou pontal de Cananéa, denominado de Itacurussá, perto ou fronteiro da ilha do *Bom Abrigo*, foi onde se acharam os celebres padrões de marmore com as quinas reaes (64), que os navegantes portuguezes costumavam deixar em pontos do littoral, quando iam á descobertas. E era mui natural que, deixando a

Phenicia de Sarepta, pois seria preciso que se tratasse de um caso de fé profunda e extraordinaria para que o *simile* se podesse estabelecer.

Demais a palavra *Cananor* dos primeiros mappas exclue toda a approximação de semelhante denominação com aquella personagem.

Portanto, se os portuguezes mantiveram semelhante nome, foi porque assim denominavam os indigenas da localidade, a sua aldêa.

(63) Tendo André Gonçalves ido á descoberta da India com Vasco da Gama, podia saber da existencia de *Cananór*, onde o cabo lusitano foi melhor acolhido, com quanto não quizesse desembarcar.

(64) Ayres do Casal assim os descreve em sua *Corographia*, tomo 1, pag. 188, nota 1 :

« Na entrada da barra da *Cananéa* da banda do continente, sobre

frota o littoral brasilico para se lançar ao oceano com outra direcção (65), deixassem bem assignalado o ponto de sua ultima exploração, para em qualquer tempo assegurar-se o direito de Portugal.

Tanto no porto de S. Vicente, como no de Cananéa, foi encontrado o *bacharel* por nautas portuguezes, como dão testemunho a carta de Diogo Garcia, piloto ao serviço da Hespanha, e depois Pero Lopes de Sousa no seu *Diario*; notando-se que no aldêamento mais meridional foi elle encontrado com mais companheiros, sobretudo os seus genros, em geral da proveniencia de Castella.

Sendo mais importante a aldêa da *Cananéa* é de presumir, ha quasi certeza, que alli, de preferencia, deixasse a frota dois degradados, como faziam os portuguezes em outras partes, e notavelmente em Porto Seguro.

umas pedras, está um padrão de marmore Europêo, com quatro palmos de comprimento, dois de largo, um de grossura, e *as armas reaes de Portugal sem castellos;* posto que mais deteriorado que muitos pensariam, bem se conhece que foi collocado em 1503. »

Essas armas eram simplesmente *quinas*.

Na nossa *Revista*, tomos 12, 13 e 21, no ultimo á pag. 439, o nosso consocio Varnhagen exprime-se n'estes termos:

« Tentado pela curiosidade, á vista da menção que de um d'estes padrões, situado em um pontal defronte da ilha da Cananéa, faz o paulista Fr. Gaspar, fui em pessôa no local em Janeiro de 1841; e não encontrei ahi um só, mas tres padrões, *apenas com as quinas*, e sem esphera e nem castellos, nem a data.

« Os padrões eram iguaes; estavam juntos, um ao meio, com seus dois tenentes aos lados; d'estes um tinha cahido e estava lá mui no fundo, onde o levára o rôlo do mar que o cobria, sendo já sujo de ostras e sururús. Lá o deixamos em paz. »

Exclusive o numero, o que diz Casal conforma-se com Varnhagen.

(65) *Le-sueste*. Vide supra notas (51) e (53) á pags. 200 e 201.

No roteiro de Fernando de Magalhães, que vem no tomo 4, da *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, pag. 151, em nota, tambem ha uma direcção de rumo

Portanto, os *padrões*, e os *degradados*, que, por hypothese, suppomos dois em numero, não podiam deixar de ser os melhores assignalamentos da descoberta lusitana, e do respectivo direito de prioridade e de senhorio. A presença dos ultimos de certa maneira, na hypothese figurada, constituia um indicio precioso de que Cananéa, se não era o ponto terminal da viagem exploradora e detalhada do nosso litoral, não deixava de ser ponto de summa importancia, e portanto bem considerado.

Ora, cumpre ainda accrescentar que nos primeiros mappas, que na Europa se publicaram sobre esta parte da Ame-

pelo sueste, pela costa meridional do Brasil, e ha uma emenda declarando *sudoeste*, resultante de outro manuscripto do mesmo roteiro, que era contraposto e comparado.

Examinando de novo a questão, parece-nos que não se deve alterar a declaração de Vespucio; que aliás diz em sua carta, que, feito o provimento de agua e lenha, *principiára* a sua viagem de Cananéa pelo Le-sueste, porquanto no roteiro de Pêro Lopes de Sousa dá-se a mesma circumstancia no começo da partida, com o vento léste, mas o rumo sul, para depois tomar o sul-sudoeste.

Não se tratando de rumo, mas de vento, o que o original italiano e traducção latina de 1507 sustentam, é claro que não comprehenderam Vespucio, os que suppõem que elle obrigado a explorar a costa do Brasil, se fizesse ao mar em contraposição ao seu encargo, e menos ainda os que tomam como direcção de derrota o vento que aproveitava a frota.

Eis o que diz o original italiano:

« *Cominciamo nostra navicatione per el vento scilocco: e fu a dì* 15 *de Febraio, etc.* »

E mais adiante:

« .... *e tanto navicamo per questo vento, etc.* »

E ainda:

« 500 *leghe per scilocco, etc.* »

Traducção latina de 1507:

« *Et inde navigationem nostram* per serocum ventum *initiantes, etc.* Vide *Amerigo Vespucci*, por Varnhagen, pag. 60.

rica, o ponto da *Cananéa* é o ultimo assignalado, posto que com a denominação de *Cananôr*, immediatamente á S. Vicente.

O primeiro mappa de que ha noticia é o levantado por João Ruisch, sob a direcção de Fr. Marco Beneventano, religioso celestino, editor da obra de Ptolomeu, que se imprimiu em Roma, em 1508. Esse mappa, contendo os novos esclarecimentos do mundo então conhecido (*Universalior cogniti orbis tabula ex recentioribus confecta observationibus*), foi feito, quanto ao nosso paiz, conforme as cartas, já então publicadas, de Americo Vespucio, e não podiam ter outra fonte, como reconhece o traductor portuguez, e as proprias notas estampadas no mappa melhor justificam(66).

N'esse mappa vêm reunidas as descobertas de João de la Cosa, ou o Biscainho de 1500, com as da frota lusitana,

(66) Um portuguez não daria taes informações, salvo se quizesse expatriar-se, pelo interesse que havia, sobretudo o governo, de tudo occultar aos estrangeiros. E mesmo entre os que foram não havia quem podesse fazêl-o convenientemente.

Vespucio não estava nas mesmas circumstancias ; pois, com quanto houvesse sido o cosmographo da armada, já estava fóra do serviço de Portugal, e privado do seu roteiro. Sem esta circumstancia taes mappas estariam melhor traçados, e com a nomenclatura completa dos pontos percorridos pelos exploradores.

Não obstante, as informações foram dadas por alto ; não se desceu a detalhes. Vespucio reservava para si o exhibil-os em obra que preparava, contendo a narrativa de todas as suas viagens e descobertas, mas a morte, infelizmente, impediu-o (22 de Fevereiro de 1512).

Suas cartas, de caracter todo particular, foram logo impressas no idioma patrio, e traduzidas em latim desde 1504 e 1507.

O convite que lhe fez D. Manoel tinha seu fundamento na pratica que Americo adquirira em viagens para o Novo Mundo, o que não tinham os pilotos portuguezes, mui habilitados nas navegações para a costa d'Africa e recentemente para as Indias orientaes.

onde embarcou Vespucio em 1501 e 1502. As inscripções latinas são de todo conformes com as cartas de Vespucio, pela primeira vez impressas em 1504 a 1507 em differentes lugares da Italia.

Registremos aqui essas inscripções :

« *Terra Sanctæ Crucis sive Mundus novus.*

« Passim incolitur hæc regio quæ à plerisque alter Terrarum orbis existimatur. Fæminæ maresque vel nudi prorsus, vel intextis radicibus aviumque pennis oruati incedunt. Insunt margaritæ atque auri maxima copia. Avehuntur à Lusitanis ligna *brasi*, aliàs *verzini* et *cassiæ*. »

Abaixo do lugar denominado *rio de Cananor*, ultimo ponto assignalado após o *rio de S. Vicente*, como o mappa os denomina, lêm-se as seguintes palavras :

« Nautæ Lusitani partem hanc terræ hujus observarunt et usque ad elevationem Poli Antartici 50 graduum pervenerunt, nondum tamen ad ejus finem austrinum. »

Na descripção d'esse mappa, feita por Fr. Marco Beneventano, religioso celestino, editor já notado, da mesma edição de Ptolomeu em fórma de *Appendix*, diz o escriptor no fim estas palavras:

« Daqui (refere-se á terra abaixo do tropico de Capricornio) mette para dentro (*o territorio*) pouco a pouco tambem para o Occidente, até a latitude meridional de 37 gráos, e longitude de 332. Ainda que os primeiros navegadores Portuguezes navegaram até á latitude meridional de 50 gráos, segundo dizem: comtudo não achei descripta a costa *d'aqui para diante*; e assim basta o que deixo dito á respeito d'esta terra. »

De onde parece concluir-se que a frota lusitana approximou-se á terra em 37 gráos, e por isso pôde autorisar a descripção que lê-se no mesmo *Appendix*, e que se conforma com o que acima dissemos, quando tratámos das

vinte leguas em costa desabrida, em ponto que levamos á 38 gráos, pouco mais ou menos.

Convem ainda notar que, a regularmo-nos pelo *Summario* das mesmas navegações, publicado na collecção de Ramusio, no cap. II, Vespucio não foi além de 41°, navegando sempre á vista de terra 17 gráos e meio para o sul, além do tropico de Capricornio.

« Tanto navigamo *presso di detta costa*, che traspassammo il tropico hyemale verso polo Antartico per 17° e 1/2. »

Portanto sua navegação não ultrapassou quando muito de 41° gráos no littoral argentino, onde se deram e se podiam dar todos os phenomenos de que nos dá noticia após 3 e 7 de Abril de 1502(67). Tudo o mais que allegou-se ou foi exageração, ou erro de algarismo.

Mas ainda que fossem de Vespucio, como são, as cartas que se haviam publicado na Italia, não era isto bastante para se organisar um mappa com os nomes dos lugares respectivos; e, se se fez, por certo foi com apontamentos seus; nenhum outro então os poderia dar. Isto portanto vem assegurar o que havemos asseverado, isto é, que o ponto ultimo de nossa costa em que tocou a frota exploradora portugueza, onde servia Vespucio, foi precisamente *Cananéa* ou *Cananor*, como mostra a carta de Ruysch, de 1508.

O outro mappa em que podemos tambem apoiar nossa opinião é o da America, da edição de Ptolomeu de 1513, do qual nosso illustrado consocio, o Sr. visconde de Porto

(67) O nosso illustrado consocio visconde de Porto Seguro, ainda depois de uma tal confissão, pretende que Vespucio foi esbarrar á ilha da Georgia austral, entre 53° 57' e 54° 57', quando a frota não se apartou da vista da terra ou do litoral. Os navegantes não desembarcaram em parte alguma, após Cananéa, do contrario as localidades teriam nome, de que os mappas da época dariam noticia.

Seguro, publicou o *fac-simile* em seus trabalhos tão interessantes sobre Vespucio.

N'esse mappa ainda as ultimas terras do nosso territorio são os portos de S. Sebastião e o de S. Vicente, e o *rio de Cananor* (Cananéa). Ora se Vespucio ou quaesquer outros exploradores houvessem estendido os seus conhecimentos, além d'esse ponto, até aquella época, seriam, pelo interesse que já tanto excitavam, contemplados no mappa os lugares reconhecidos. Este mappa, sendo a reproducção do de 1508, com alguns accrescimos intermedios, é favoravel á nossa conjectura, isto é, de que a Cananéa foi a ultima terra do nosso littoral reconhecida pelos primeiros exploradores lusitanos, e S. Vicente a penultima.

Mas será sempre um segredo até á descoberta de novos documentos, a razão do nome de *Cananor* ou *Cananéa*.

Consequentemente os degradados, que alli deixou a frota com os padrões da ponta Cananéa ou Itacurussá(68), são factos mui importantes, e assignalam bem esse ponto como o ultimo em que tocou a frota no littoral sul do Imperio.

Os padrões ou marcos alli encontrados têm pois sua razão de ser quanto ao primeiro descobrimento, que era firmar e assegurar a posse da potencia que ordenou a exploração, como bem diz Americo na sua primeira carta, logo que a frota chegou á primeira terra do nosso littoral.

Os padrões de Cananéa não foram alli deixados nem por Martim Affonso de Sousa em 1531, como pretendem os tres paulistas Fr. Gaspar(69), Machado de Oliveira(70) e vis-

(68) Hoje diz-se *Tacurussá*, pedra da cruz. Outr'ora, segundo Manoel de Figueiredo, o nome indigena era *Itacoatiara*.

(69) *Memorias*, tomo I, n. 52.

(70) *Quadro historico da provincia de S. Paulo*, pag 20.

conde de Porto Seguro(71) ; e nem por Gonçalo Coelho, como com mais fundamento suppõe Ayres do Casal, apoiando-se provavelmente em Gabriel Soares(72), e ainda nas razões de exclusão da frota de Americo Vespucio, exhibidas por Fr. Gaspar em suas *Memorias*, liv. I, n. 11, todas *contraproducentes* pelo que hoje se conhece d'essa navegação: e antes, de suas palavras, vê-se que era o douto Visconde mais favoravel á Vespucio(73)do que á Gonçalo Coelho.

Gabriel Soares na *Noticia do Brasil* sustenta que Gonçalo Coelho e Christovão Jacques empregaram-se em explorar o nosso littoral, e em muitos pontos fixaram padrões ou marcos, e outro tanto não diz de Martim Affonso de Sousa (74). E comtudo trata do *cabo do Padrão*, a ponta da Cananéa ou de Itacurussá, declarando que assim se chama por alli se assentar um pelos *primeiros* descobridores da costa (75). Ora, pelo que se tem visto, a frota de 1501 onde ia Vespucio, primeiro que qualquer outra tocou em Cananéa.

E não podia ser Christovão Jacques, por isso que seus trabalhos, quaesquer que fossem, não se realizaram senão no reinado de D. João III (1525), quando Cananéa já

(71) *Revista do Instituto*, tomo 12, pag. 366; tomo 13, pag. 229, e tomo 21, pag. 438 e 439. E ainda na *Historia do Brasil* na primeira e na segunda edição.

(72) *Corographia Brasilica*, tomo 1, pag. 188, nota 1, da edição do Rio de Janeiro de 1833.

(73) Nas notas á obra de Gabriel Soares é o illustrado visconde de Porto Seguro favoravel á nossa opinião.

Não tendo examinado com mais estudo a questão, tambem já partilhámos a doutrina sem fundamento de Ayres de Casal.

(74) *Noticia do Brasil*, parte 1, cap. 1 e 60.

(75) Idem, cap. 65.

era mui conhecida (76); e nem por Gonçalo Coelho, pelo que acima já fica declarado.

Sobreleva ainda notar que, confrontando as cartas de Vespucio das duas viagens que fez ao Brasil por conta do rei de Portugal com o ultimo capitulo da obra de Gabriel Soares, na primeira parte, vêr-se-ha que o périplo de

(76) Ayres do Casal sustenta na introducção á sua *Corographia* que Christovão Jacques fôra o segundo capitão-mór que veiu á costa do Brasil fazer explorações, depois da primeira expedição, fundado na declaração de Gabriel Soares; mas ao mesmo tempo assegura que este escriptor se enganára, quando suppõe este acontecimento no reinado de D. João III.

Parece que em toda esta discussão ha um *qui pro-quo* que cumpre desfazer.

O governo portuguez mandou logo explorar a costa do Brasil não duas vezes, mas uma só em 1501 durante o reinado de D. Manoel. O seu fim era conhecer o paiz, e garantir o seu direito, sendo capitão-mór um individuo, hoje desconhecido, que uns querem que seja Gonçalo Coelho, ou Christovão Jacques, e outros D. Nuno Manoel. Por nossa parte suppomos que foi André Gonçalves, o mesmo capitão que levára ao rei a nova da descoberta por ordem de Cabral, em vista do que disse Gaspar Corrêa. Isto não exclue certas explorações parciaes, mesmo de particulares com autorisação do rei.

Em 1525 ou 1526 foi Christovão Jacques fazer explorações, mais de verificação do que de descoberta no littoral do sul, por ordem de D. João III, com o encargo de guardar a costa. O mesmo fez depois Martim Affonso (1531) e Diogo Leite: um ao sul, e outro ao norte. O primeiro foi encarregado de fazer descobertas na nossa costa meridional, além dos pontos, já conhecidos.

Gonçalo Coelho, em 1503, não foi fazer descobertas ao Brasil, mas ia por aquella costa ao sul até encontrar a passagem que o levasse á Malaca, objectivo que não conseguiu, mas depois alcançou-o Fernando de Magalhães. O seu mallogro foi como o de Sebastião Caboto.

Gonçalo Coelho (77) foi mui differente do de Americo Vespucio, tanto na primeira, como na segunda viagem (78).

(77) Este maritimo já figura na historia lusitana desde 1488, quando foi á Senegambia em commissão ao celebre, mas infeliz regulo africano Bemoy, assassinado por Pedro Vaz da Cunha.

Parece que Gonçalo Coelho era irmão de Nicoláo Coelho que acompanhou Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral á India.

(78) O péripto de Vespucio foi differente. Da ilha de Fernando de Noronha partiu para o sul á 18 ou 20 de Agosto de 1503, com direcção á Bahia, onde chegou á 6 de Setembro pouco mais ou menos, acompanhando-o outra náo (*caravela*) da frota.

Na Bahia demorou-se dois mezes e quatro dias, e portanto partiu á 10 de Novembro para o sul, e com o littoral á vista tomou um porto que se achava á 18 gráos de latitude, o que verificára com os seus instrumentos, e portanto com o maior cuidado.

Nos mappas das edições de Ptolomeu de 1508 e 1513, na segunda sobretudo, notam-se dois pontos com a designação de *rio do Brasil* e de Santa Luzia, o que importava, no ultimo, uma descoberta correspondente ao dia 13 de Dezembro de 1503. Estes rios, pela latitude n'esses mappas, não excedem á marcada por Vespucio, sobretudo a do *rio de Santa Luzia* que em outros mappas da collecção de Kunstmann correspondem ao ponto de Caravelas, no que concordam o traductor das cartas do mesmo Vespucio, na *Collecção das noticias das nações ultramarinas*, assim como Quintella nos *Annaes da marinha portugueza*, tomo 1, pag. 278, nota 2, com quanto lhe faça especie a distancia de 260 leguas, e a longitude de Lisboa, que é 31 e não 37 gráos.

Mas, se se attender que as leguas italianas eram inferiores ás *portuguezas*, as distancias quasi que se correspondem, por isso que assim o algarismo não irá além de 115, o que dista pouco de cem que Quintella marca para a distancia da Bahia a Caravelas. E quanto á longitude, é mui possivel ser erro de copia entre 31 e 37°.

O *rio Brasil* ficava mais ao norte da latitude de Caravelas, e do monte Pascoal, mas ao sul de Porto Seguro; talvez seja o rio depois denominado do *Frade*.

Designar um ponto com o nome de *rio Brasil* parece ter por fim indicar a abundancia do producto e o respectivo trafego, o que se podia dar nas visinhanças de Caravelas, por isso que por alli havia

Gonçalo Coelho, não se havendo reunido á Vespucio no ponto da Bahia como haviam assentado, seguiu provavelmente para o sul, no proposito de ganhar Málaca pelo occidente, como em Portugal se havia projectado, julgando talvez que Vespucio não o poderia mais alcançar, se se não perdêra.

Continuou sua viagem, e, se foi feliz, alcançando o ultimo ponto a que chegára a primeira frota, que suppomos a latitude de 38°, ou quando muito 41°, passára além e alcançára a latitude de 44° para 45°, onde lançou o respectivo padrão, isto é, no littoral da Patagonia, no ponto que nos mappas portuguezes, *maxime* o *Atlas* de Fernão Vaz Dourado, se chama a *Terra do Marco*, ao sul da bahia de S. Mathias.

Tudo isto é hypothetico, porquanto não se tem certeza do percurso da viagem de Gonçalo Coelho, e suspeitamos que essa latitude é provavelmente o ponto ultimo em que tocou a primeira frota, com os accrescimos que a ambição internacional impunha (79).

abundancia d'essa madeira, como em Porto Seguro, que tão proximo está.

Por outro lado: o nome portuguez de *Caravelas* dado aquelle ponto desde o seculo XVI, como se vê na obra de Gabriel Soares, parece indicar uma circumstancia de summa importancia para assim ser assignalado. Ora, em 1503, duas caravelas da frota de Gonçalo Coelho, sendo uma dirigida por Vespucio, fizeram na foz do rio de Santa Luzia uma estadia de cinco mezes, e voltaram carregadas de páo-brasil, entrando em Lisboa á 18 de Junho de 1504.

Se se não perdêra o *Roteiro do Brasil* de Pedro Nunes esta questão parece que não teria outra solução.

A hypothese de ser Cabo Frio este ponto, como pretende Varnhagen, parece-nos sem procedencia, de todo insustentavel.

(79) Quem sabe mesmo se esse padrão não foi posto por alguma frota armada á expensas de particulares, com autoridade real, muito depois de Gonçalo Coelho, e antes do reinado D. João III, da qual nenhuma memoria nos reste? Tudo são obscuridades. Esse padrão ao sul da bahia de S. Mathias é um enigma.

Os nomes de todo esse littoral, desde o cabo de Santo Antonio, á foz do rio Prata, foram impostos por Fernando de Magalhães em 1520. A enseada de Santa Apollonia foi descoberta a 9 de Fevereiro, e a bahia de S. Mathias a 24 do mesmo mez ; e pois, excluida a carta de Americo Vespucio em que trata da sua primeira viagem ao Brasil por conta do governo portuguez, nenhum signal surge de navegação por parte de Portugal (80).

Se n'essa latitude de 44° para 45° sul terminava a demarcação da corôa portugueza, se não existe para comproval-a outros documentos além da palavra do insigne mathematico e cosmographo real, Dr. Pedro Nunes, um tal direito não se firmava bem. Essa palavra estava consagrada, provavelmente, no seu *Roteiro do Brasil*, conforme a asseveração de Gabriel Soares; e obra cuja perda tanto lastimamos.

Gonçalo Coelho, não podendo, por circumstancias que desconhecemos, continuar sua viagem, como depois, em 1519, realizou-a Fernando de Magalhães, voltou, e arribou á bahia do Rio de Janeiro, ou melhor á de Mambucaba(81), onde por largo tempo demorou-se, e por isso a esse lugar no mappa da edição de Ptolomeu de 1513 se lê : *Pinachullo detetio*(82).

(80) A carta de Alvaro Mendes de Vasconcellos, escrita de Medina del Campo, em 1531, e publicada por Varnhagen, cita em pró dos direitos de Portugal ao territorio do Rio da Prata, o haver ido alli, no reinado de D. Manoel, *uma armada de D. Nuno Manoel*. Mas não se precisa na carta a época, não podendo ter sido a primeira expedição.

Por outro lado parece que o padrão, ao sul da bahia de S. Mathias, nunca foi chantado ; mas o ponto indicado era por onde passava a linha da demarcação pontificia, base das pretenções lusitanas, ao menos segundo o *Atlas* de João Teixeira, de 1640.

(81) Parece-nos mais aceitavel esta explicação, porquanto no mappa de Ptolomeu de 1513, o nome da *bahia dos Refens* que está mais ao norte cabe de preferencia á do Rio de Janeiro.

(82) Varnhagen interpreta bem por *Gonc. Choelho detētio*.

Este ultimo facto é real, o mais é hypothetico, porquanto é muito possivel que nem Gonçalo Coelho alcançasse latitude tão meridional, e novo fracasso, como o da ilha de Fernando, o acommettesse nas proximidades d'aquella bahia, como nos parece mais provavel.

O que, porém, parece comprovado, é que as navegações portuguezas, quando muito, não passaram em nossa America da latitude 41°, se tanto; e que seus nautas sómente impozeram nomes, no geral, até á foz do rio da Prata, comprehendidos os cabos de Santa Martha e de Santa Maria, e o proprio rio baptizado com esta ultima denominação, muito antes da passagem de Fernando de Magalhães (83).

Portanto, voltando á nossa questão, os degradados que ficaram em Cananéa em 15 de Fevereiro de 1502, estavam em boa paz com os indigenas pelo trato havido com os navegantes, e provavelmente informações dos *linguas*, transportados de Sergipe ou de outro qualquer ponto do littoral. E a demora que os navegantes tiveram n'aquelle ponto, tratando e sendo bem tratados pelos indigenas, devia concorrer muito para a ficada dos degradados, mais familiarisados com elles, e que assim já contavam com brandura e amizade em suas mutuas relações.

O *bacharel* degradado, isto é, João Ramalho, alli ficou com o seu companheiro, quem quer que fosse, que a tradição da época não declina o nome, mas nós suppomos ser

(83) Talvez o nome fosse dado por alguma armada ou frota de particulares, como uma a que já nos referimos, de D. Nuno Manoel, e que fôra a descobrir ao Rio da Prata, de que trata a carta de Alvaro Mendes de Vasconcellos, embaixador de Portugal na Hespanha, dirigida á D. João III em data de 14 de Dezembro de 1531.

Esta carta, como já notámos, foi publicada por Varnhagen nas suas *Novas indagações* sobre as ultimas viagens de Vespucio, pag. 10.

Aleixo Garcia(84), e provavelmente tendo armas e utensis de ferro, com que tanto se habilitou, com os naufragos ou desertores castelhanos, para construir bergantins (*falúas*), e navegar n'ellas pelo litoral do sul até o Rio da Prata.

Por estas circumstancias era o porto de S. Vicente e o da Cananéa mui demandados, muito antes da vinda de Martim Affonso de Sousa colonisar e estabelecer-se no littoral do nosso paiz. Assim tambem foi alguns annos depois o porto dos *Patos*, hoje de Santa Catharina, pelos hespanhoes naufragos ou arribados, antes e depois das viagens de Solis, de Magalhães e de Caboto.

V

O que fica bem firmado é, que esses tres pontos do littoral do sul eram mui conhecidos e frequentados por navegantes hespanhoes e portuguezes, e até por francezes(85), antes da colonisação regular lusitana.

O bacharel de Cananéa, como chama Varnhagen, é tambem o bacharel de S. Vicente de Diogo Garcia, isto é, João Ramalho, o primeiro colono do Brasil meridional, o pai, o progenitor da população mistiça vicentina, hoje paulistana.

Vivendo este colono ora em S. Vicente, ora em Cananéa, o limite da tribu *Tupí*, confrontante com a *Carió* ou *Carijó*, parece que a razão da preferencia do assento da colonia em

(84) E' este o celebrado aventureiro portuguez que em 1525 penetrou na Bolivia (*alto-Perú*), muito antes da conquista de Pizarro. Fez alli taes depredações que voltou carregado de muitas riquezas, tendo a infelicidade de ser assassinado pelos indigenas *Paiaguás*, nas vizinhanças de Assumpção.

(85) Referimo-nos á viagem de Paulmier de Gonneville, em 1503, arribado á ilha de S. Francisco, em Santa Catharina.

S. Vicente, ponto insular como Cananéa, resultou da bondade do porto, e estar menos exposta a nascente colonia aos assaltos dos inimigos *Cariós*, como estava Cananéa. Tal é a nossa conjectura. Cananéa continuou a ser prãça fronteira da defensa territorial.

Mas contra a these que temos sustentado levantam-se duas autoridades de grande nomeada na historia d'essa illustre e heroica provincia—Pedro Taques de Almeida Paes Leme, e o religioso benedictino Fr. Gaspar da Madre de Deus, notaveis por seus talentos e instrucção.

Ambos se esforçam por dar melhor origem á vinda ou apparição de João Ramalho no torrão de sua patria, nobilitando-o mesmo quanto á sua procedencia na terra de sua nacionalidade. O colono era um naufrago, lançado pelo infortunio ás plagas de Santos, e tinha nobre ascendencia!

Se fôr exacto o que sustentam estes dois mui celebrados chronistas, tão venerados pelos paulistas, a hypothese de que João Ramalho é o *bacharel degradado* ficaria excluida irremediavelmente.

Mas não é assim. A verdade é outra.

Ouçamos o primeiro, por ser mais antigo, pois falleceu em 1777, e de quem Fr. Gaspar tanto aproveitou para suas *Memorias;* obra, cujo merecimento seria mui reduzido, se os trabalhos collossaes de Pedro Taques fossem logo impressos(86). Não lograram essa ventura senão no presente seculo, e não pouco alterados.

(86) Pedro Taques nasceu em S. Paulo no 1º de Julho de 1714, e falleceu em Janeiro de 1777.

Fr. Gaspar da Madre de Deus, no seculo Gaspar Teixeira de Azevedo, era natural de Santos : tomou a cogula de S. Bento em 1732, fallecendo em principios do anno de 1800, segundo Innocencio, que aliás tambem diz que nascêra em 1730.

Provavelmente nasceu em 1712, mas o nosso consocio Dr. Joaquim Manoel de Macedo, no seu *Anno Biographico*, dá-o nascido em 1714.

Entretanto uma é complemento de outra, parecendo que ambas foram escriptas sob um plano assentado, ao menos em certos assumptos, em que pelo sangue eram os autores interessados.

Na *Nobiliarchia Paulistana*, impressa em nossa *Revista*, tratando-se da familia dos *Affonsos Gayas*, exprime-se Taques n'estes termos :

« Vieram mais em 1531 Jorge Ferreira(87), cavalleiro fidalgo, casado com Joanna Ramalho, *filha* de João Ramalho, que tinha o fôro de cavalleiro, e foi depois o fundador da villa de Santo André da borda do Campo, de cuja povoação (antes de ser elevada á villa em o dia 8 de abril de 1553) foi Guarda-mór e Alcaide-mór do Campo dito Ramalho. »

Em outro lugar, referindo-se á familia dos *Prados*, diz o seguinte :

« Vieram tambem com este fidalgo (*Martim Affonso de Sousa*) para S. Vicente João Ramalho, que tinha o fôro de cavalleiro, e sua *irmã* Joanna Ramalho, mulher de Jorge Ferreira, cavalleiro-fidalgo, que foi capitão-mór, governador da Capitania de S. Vicente pelos annos de 1556, etc. »

Ora n'estes dois trechos já vimos Joanna Ramalho figu-

(87) Hans Staden e Gandavo em suas obras tratam d'este Jorge Ferreira, assim como as *Memorias* de Fr. Gaspar, liv. 1, n. 96.

Hans Staden, no cap. 47 de sua *Historia*, exprime-se por esta fórma, referindo-se á prisioneiros feitos pelos *Tamoyos* e que deviam ser devorados.

« Entre os que foram devorados n'essa noite havia dois mamelucos que eram christãos ; um era filho de um capitão portuguez, chamado Jorge Ferrero (Ferreira), e de uma mulher selvagem ; o segundo chamava-se Jeronimo. »

Parece que á este caso allude, por outra fórma, Gandavo no cap. 11 da sua *Historia de Santa Cruz*. Um dos filhos d'este Jorge Ferreira, por nome Balthazar, foi o matador da celebre *Hipupiara*, monstro marinho apparecido, em S. Vicente, no anno de 1564.

rando ao mesmo tempo como *filha* e *irmã* de João Ramalho, vindo elle na companhia de Martim Affonso em 1531, na qualidade de cavalleiro!

Continuemos.

Tratando da familia dos *Alvarengas Monteiros* declara Taques o seguinte:

« Francisco Ramalho e sua irmã Maria de Macêdo mulher de Lasaro de Torres, foram netos de João Ramalho, o progenitor de muitas familias de S. Paulo, que foi o fundador da povoação de Santo André da borda do Campo, que se acclamou em villa em 8 de Abril de 1553, sendo então o dito Ramalho, guarda-mór e alcaide-mór do Campo, e *tinha o fôro de cavalleiro*.»

E accrescenta:

« Este João Ramalho veiu de Portugal (era natural de Barcellos, comarca de Viseu) na companhia de Martim Affonso de Sousa no fim do anno de 1530, etc., etc.

« E o dito Ramalho foi *pai* de Joanna Ramalho, mulher de Jorge Ferreira, que tinha o fôro de cavalleiro fidalgo, e sendo povoador e morador de S. Vicente foi d'esta capitania Capitão-mór, governador e ouvidor pelos annos de 1556 por mercê do donatario Martim Affonso de Sousa.»

Eis-aqui temos João Ramalho, ataviado com o fôro de cavalleiro, e companheiro de Martim Affonso de Sousa na sua frota, tendo por patria Barcellos na comarca de Viseu! Fr. Gaspar dá-lhe outra patria: *Broucéla*, na provincia da Beira.

Ambos estes chronistas tinham bem fracos conhecimentos da geographia de Portugal. *Barcellos*, na provincia do Entre Douro e Minho, figurando em comarca da provincia da Beira e *Broucéla*, nome desconhecido n'aquelle paiz!

Parece que o que os dois chronistas queriam dizer, visto que se julgavam compromettidos á dar uma patria á Ra-

malho, *o degradado*, como na Bahia deram ao Caramurú, era que este celebrado colono nascêra em *Vouzella*, povoado da comarca de Viseu, na outr'ora provincia da Beira Baixa.

Agora confrontemos as notas extrahidas da *Nobiliarchia Paulistana* com o que diz Pedro Taques na sua *Historia da capitania de S. Vicente*, tambem impressa no tomo IX da nossa *Revista*; é interessante:

« Fundadas as villas de S. Vicente e do porto de Santos, João Ramalho, homem *nobre*, de espirito guerreiro e valor intrepido, que já muitos annos *antes* de vir Martim Affonso de Sousa a fundar a villa de S. Vicente em 1531, como fica referido, tinha vindo ao Brasil, e *ficando na praia de Santos*, e tendo sido achado pelos piratininganos, o trouxeram ao seu rei *Tevireçá*, que por providencia de Deus se agradou d'elle e lhe deu sua filha, que depois se chamou no baptismo *Isabel*, e quando Martim Affonso de Sousa chegou á S. Vicente lhe foi fallar o dito João Ramalho, e já com filhos casados, *o que tudo assim consta* de uma sesmaria que o dito Martim Affonso concedeu ao dito João Ramalho em 1531 na ilha do *Guaibe* (S. Amaro).

« Este Ramalho, pois, com o concurso de alguns europêos da villa de S. Vicente, fundou uma nova povoação de serra acima na *sahida do mato*, chamada *Borda do Campo*, com a vocação de Santo André.»

Portanto é o mesmo Pedro Taques quem a si mesmo responde. João Ramalho já não veiu com Martim Affonso na frota de 1530, mas não era um degradado. Era provavelmente um naufrago ou passageiro esquecido na praia de Santos, e descoberto, não pelos *Tupis* ou *Tupiniquins* do littoral mas pelos piratininganos, isto é, *Guayanazes*, indigenas do campo, residentes em serra acima, por especial disposição da Divina Providencia!

Ora tudo isto, infelizmente, é lançado no proposito de confirmar a fabula, sem base, do casamento de João Ramalho com a filha do cacique Tebireçá, denominada *Isabel* no baptismo, e *Bartira* em *Guayanaz*, conforme a descoberta de outro chronista patrio, Machado de Oliveira, no seu *Quadro Historico*.

De onde Machado de Oliveira colheu esse apontamento? Não o diz ; mas provavelmente foi aproveitado, se não nos enganamos, de alguma velha chronica exhumada das cavernas em que habitavam aquelles antropophagos troglodytas, reputados por esses illustres chronistas mais nobres que os *Tupis* do littoral, e que, aliás dil-o a historia, eram senão mais crueis, menos cultos (88).

(88) Os *Guayanazes* eram *Tapuyas* ; viviam em geral no interior, além dos montes, repellidos provavelmente pelos *Tupis*.

Comtudo uma colonia sua escapára na illha Grande e era alliada dos *Tamoyos*, como se vê em Lery, que os trata por *Oueanem* (cap. 16).

Parece que outr'ora dominavam a bahia do Rio de Janeiro, de onde vem talvez o nome de *Ganabara* ou *Guanabara*, senhorio ou dominio de *Guayanazes*.

Hans Staden, no cap. 3 da parte II, tratando dos *costumes dos Tupinambás*, faz d'aquelles selvagens hediondo retrato n'estes termos:

« Essas montanhas são habitadas por selvagens, chamados *Vayganná*, que fazem a guerra á todas as nações, e devoram todos quantos possam alcançar.»

Ao inverso dos *Tupis* deixavam crescer os cabellos e as unhas.

João de Laet, na sua *Historia do Novo Mundo*, liv. 16 apoiando-se em Antonio Knivet, não os trata melhor.

A sua fortuna em S. Paulo proveio da reputação que lhes fizeram os jesuitas, domesticando-os. Simão de Vasconcellos na sua *Chronica* não podendo contemplal-os como *Tupis*, segrega-os do geral dos *Tapuyas*, constituindo-os familia á parte. Ao inverso dos *Tupis*, que se pintavam de genipapo, elles usavam do urucú.

Simão de Vasconcellos é a base das historias de Pedro Taques e de Fr. Gaspar.

E' questão de que nos occuparemos em outra occasião, se houver opportunidade.

Entretanto Ramalho é sempre o fidalgo, goza do fôro de cavalleiro, não porque se ennobrecesse com os serviços prestados á nascente colonia, com os seus amigos, *Tupis*, ou *Tupiniquins*, indigenas do littoral, e com o fortim que estabeleceu em serra acima para ter em respeito o gentio *Guayanaz*, e com elle traficar, com segurança; não. Ramalho é reputado já nobre quando veiu de Portugal; pois, ao que parece, segundo taes chronistas, não desembarcava, em S. Vicente, n'aquelle feliz torrão, colono que não fosse fidalgo de primeira linhagem e da mais limpa nobreza.

E, se casava com indigena, era, em regra, filha de *moroubixaba*. Ha mesmo quem graciosamente nos primeiros tempos da colonisação faça distincção entre *Mamelucos* e *paulistas*, como se, na época, fossem abundantes na colonia as mulheres portuguezas. Eram rarissimas: havia em quantidade as mistiças e regorgitavam as selvagens(89).

O que acontecia em S. Vicente dava-se tambem nos outros pontos do Brasil, sem exceptuar a colonia do Governo, a capitania do Salvador, directa e especialmente protegida pelo Rei.

(89) Póde-se fazer uma idéa do estado da colonia a este respeito, considerando que ainda em 1561, vinte e nove annos depois de estabelecidos os portuguezes na capitania de S. Vicente, e sete depois da fundação de S. Paulo, a camara d'esta villa representava á rainha D. Catharina, regente na menoridade de D. Sebastião, a necessidade de enviar colonos ainda que fossem degradados, por estas palavras:

« E outrosy mande que os degradados qua não sejão ladrõys, sejão trasidos á esta villa para ajudarem a povoar, por que ha aqui muitas molheres da terra *mystyças* com quem casarão e povoarão a terra.»

Vide Gandavo nas suas duas obras.

Os *Mamelucos* iam apparecendo, e eram no geral o producto de illicitas relações. Até hoje ignora-se a causa de semelhante denominação, usada desde o principio pelos colonos, tanto em S. Vicente, como em Pernambuco, e talvez proveniente de alguma expressão *tupi* (90).

Havia na Bahia tão pequeno numero de mulheres brancas no principio da colonia, que se pedia com instancia para Portugal a remessa das que fossem possiveis, ainda mesmo das de vida airada, « porque, dizia Nobrega, casarão todas mui bem, comtanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo. » Sómente o rebutalho era por elle excluido. Uma que viéra na armada de Thomé de Sousa, como ama do filho de um homem casado, foi muitissimo disputada para casamento.

Os colonos não queriam casar com as indigenas; recusavam com ellas formar familia, mas entretinham relações illicitas. E note-se: as representantes do sexo amavel na Bahia tinham outro merecimento que não as incultas e horridas *Guayanazes*.

Pêro Lopes de Sousa, que era conhecedor em razão de sua posição social e viagens que tinha feito, traça, no seu

(90) ***Mameluco*** dizia-se o filho de portuguez e de indigena. No Egypto chamavam-se ***Mamelucos*** os meninos christãos roubados ou apprehendidos em guerra, que eram depois educados no mahometismo, e incorporados á uma força militar escolhida, de ordinario a guarda do chefe do Estado.

Mas essa denominação em arabe importa o mesmo que *escravo*. Dariam os portuguezes esse nome aos filhos que tinham das indigenas, porque eram suas escravas? E' possivel que ficasse essa denominação em Portugal do tempo do dominio arabe-mourisco.

Pedro Taques diz que esse nome era usado tanto em S. Paulo, como nas possessões hespanholas.

Entretanto elle define o ***Mameluco*** o filho de europêo com india *Carijó*; e depois diz que é tambem o filho da india da terra com branco ou europêo. Vide Fr. Gaspar, ***Mem.*** liv. 1, n. 166 nota.

Diario, um lisongeiro retrato das damas *Tupinambás* da Bahia em 1531 ; eis suas expressões :

« A gente d'esta terra é toda alva *(não era negra)* ; os homens mui bem dispostos, e as mulheres mui fermosas, que nam liam nenhua inveja ás da *rua nova* de Lisbôa. »

E quasi o mesmo retrato fez Pêro Vaz de Caminha das indigenas *Tupiniquins* de Porto Seguro, na tão celebrada carta que dirigiu á el-rei D. Manoel em data de 1 de Maio de 1500.

Eis a fonte da nossa primitiva população colonial ; e o que succedia em nosso paiz, reproduzia-se nas colonias de outros Estados, sem excepção das dos inglezes, cuja repugnancia pelos selvagens era extraordinaria. Na Virginia, ao principio, as mulheres inglezas eram raras, e não obstante causou sensação o consorcio tão decantado da gentil e intelligente Pocahontas, filha do cacique Powhatan com João Rolfe em 1613, e de quem mui distinctas familias d'aquelle Estado se ufanam de descender.

No nosso Brasil ha tambem quem se ufane de lhe correr nas veias sangue *Tupí* e mesmo *Tapuya*, tomando n'este sentido as tribus mais rusticas do interior, com tanto que o avoengo seja de classe princiaria. Temos os pretensos descendentes de Tebireçá, de Gupéva, de Paragnassú, de Uiráuby (*Arco Verde*), do Poty-guassú (*Camarão*), do Jacaúna, e outros. E o que mais maravilha é, que não tendo casado no Brasil, e nem reconhecido filhos, haja quem ostente orgulho de descender do conde de Nassau, e use das côres do seu brasão, nas librés de seus creados !

A vaidade das distincções genealogicas é, talvez, uma fraqueza, senão um merito, que acompanha a humanidade. Todos querem proceder do alto. Cada povo tem n'esta parte a sua quota n'esse defeito ou n'essa virtude. São conhecidos o *de* francez, o *dom* castelhano, o *illustrissimo*

portuguez, o *van* hollandez, o *ó* escossez, e o *mac* irlandez. Essas distincções têm não obstante sua utilidade; o que se deve estranhar, são os meios, pouco regulares, muitas vezes empregados para alcançal-as, ou para cohonestar o uso, e confirmar a ancianidade.

Os chronistas da Bahia e de outros pontos do Brasil, nos ultimos dois seculos, padecem da mania nobilitaria; mostram pela heraldica uma irresistivel paixão. Mas forçoso é reconhecêl-o, não a exhibem com a intensidade dos da provincia de S. Paulo, sobre tudo Pedro Taques(91).

O que se deve ainda mais lastimar é que vão procurar esses titulos de nobreza, mui discutiveis, fóra da patria, quando podiam simplesmente firmal-os em serviços prestados no interesse do torrão natal.

Mas não se limitam á galardoar com esses brasões aos heróes, cuja memoria querem perpetuar: alargam em demasia o circulo dos seus protegidos.

As familias nobilitadas são sem numero: é uma alluvião; o que não succede em Pernambuco, na Bahia, e mesmo no Rio de Janeiro. E comtudo não houve uma só expedição de povoadores para o nosso territorio, na época dos donatarios, em que não viessem nobres, e até de mui alta linhagem, a darmos credito ás primeiras chronicas.

No Maranhão e no Pará, parece que por mais modernas, não houve tanto prurido pelo culto genealogico. Entretanto, da historia do ultimo quarto do precedente seculo em diante, já se assignala em uma a fidalguia luso-marroquina de Mazagão, transportada para as regiões amasonienses; e em outra a energia com que se procurou sustentar

(91) Fr. Gaspar nada lhe fica a dever. Vide *Memorias*, liv. I, ns. 99 a 102 e Ayres do Casal na *Corographia Brasilica*, tomo I, art. *Capitania de S. Paulo*, pags. 185 a 186, edição de 1833.

ó privilegio das infanções(92), outra especie de nobreza de herdança portugueza, que aproveitava a algumas familias, senão mais antigas, mais favorecidas pela fortuna, ou pelos cargos da governança na capital. Algumas foram procurar a procedencia de seus avoengos em casas illustres da Inglaterra e Irlanda, da Escossia(93) e França.

Todavia não se póde desconhecer que entre os primeiros povoadores da nossa importante colonia do sul avultava desde o começo o elemento castelhano, contendo nomes que, a serem exactas as genealogias, pertencem a familias de incontestavel nobreza no velho mundo, mesmo da ordem princiaria. De Portugal tambem podia ter vindo, e provavelmente vieram, colonos d'essa classe, arrastados por motivos de desgosto ou de fortuna; que, tendo grande descendencia, estavam em condições de alargar o numero de familias de ordem elevada. Sabe-se que alguns, ou a mór parte, vieram obrigados pela justiça.

VI

Passemos agora ao outro chronista, o benedictino Fr. Gaspar da Madre de Deus nas suas *Memorias para a*

(92) Estes privilegios, que eram os do senado da camara do Porto, obtiveram quatro corporações da mesma especie no Brasil: as da Bahia e Rio de Janeiro, Maranhão e S. Paulo.

A mais nenhuma concedeu o governo portuguez esse privilegio: a de S. Paulo foi a ultima.

(93) Berrêdo em seus *Annaes* aponta Antonio Teixeira de Mello, natural da ilha da Madeira, como descendente da casa dos Drummonds da Escossia, estirpe nobilissima.

Foi elle o inclyto libertador do Maranhão, na invasão hollandeza, assim como outro madeirense foi depois de Pernambuco.

Deixou na terra que salvou larga descendencia feminina.

historia da Capitania de S. Vicente. Este escriptor, depois de phantasiar, á seu paladar, uma derrota da frota de Martim Affonso para justificar a denominação de S. Vicente, crêa a individualidade de Antonio Rodrigues para companheiro de João Ramalho, e á ambos faz protectores de Martim Affonso, não por causa dos *Tupís*, senhores do littoral, mas dos queridos e preconisados *Guayanazes* dos campos de Piratininga (94).

(94) Os nossos antigos chronistas não fazem uma conveniente descriminação dos indigenas que habitaram o territorio de S. Paulo na época da creação das capitanias. Gabriel Soares, o pai da historia do nosso paiz, tudo confunde, querendo que uma só tribu, a dos *Guayanazes* dominasse o littoral e os centros d'aquella provincia, talvez porque na Ilha Grande havia uma colonia d'esses indigenas alli estabelecidos ou esquecidos, e alliados dos *Tamoyos*.Era uma colonia destacada entre as tribus *Tupís* do Rio de Janeiro e de S. Paulo até Cananéa pelo littoral.

As do Rio de Janeiro, mais poderosas, se denominavam *Tupinambás*, como se póde vêr em Thevet e Lery, que pronunciam *Tupinambaoults*. Mas os *Tupís* de S. Paulo os tratavam de *Tamoi* (*Tamoyos*) que quer dizer *avós*, e assim tambem os tratam os portuguezes.

Os *Tupís* de S. Paulo eram, a nosso vêr, *Temiminós*, isto é, *netos*. Havia-os tambem no Espirito Santo, de que a mais notavel individualidade era o celebrado *Ararigboia*, que teve o nome de Martim Affonso de Sousa, e tanto se distinguiu na luta contra os *Tamoyos* e francezes.

Esses *Temiminós* eram tratados pelos *Tamoyos* de *Maracayás*, os *Margaiás* de Lery, do nome de um dos seus chefes que vivia na ilha, hoje do Governador, á quem os Portuguezes tratavam simplesmente pelo nome de *Gato* (Maracayá).

Com o nome de *Tupiniquins* tambem os tratavam os portuguezes: mas parece que por essa expressão se queria dizer, não *Tupí vizinho*, mas *Tupí-amigo*. Esta expressão tambem é usada por Lery, para com os *Tamoyos* indifferentemente, como a de *Tupinambá*:

De tudo o que temos dito póde-se concluir o seguinte:

E' mui curioso, e mesmo assaz divertido, o romance do empenho de João Ramalho com o pretenso sogro Tebireçá,

1.° Que os *Tupís* se intitulavam indifferentemente *Tabayaras* (senhores da terra), *Tupinambás* (guerreiros), *Tupiniquins* (vizinhos ou amigos).

2.° Que os *Tupís* amigos dos portuguezes eram tratados de *Tupiniquins*, mas no geral de *Tabayáras*. Os dos francezes de *Tupinambás* (Bahia), *Tupinambaoults* (Rio de Janeiro) e *Tupinambás* (Maranhão).

Entre estas duas ordens de *Tupís*, havia alguma differença na linguagem e no córte dos cabellos. Note-se que Anchieta, na *Revista* do nosso Instituto, tomo VIII, pags. 258, faz distincção entre os *Tupís* do littoral de S. Paulo e os *Temiminós* do Rio de Janeiro e Espirito Santo.

3.° Que os nomes de *Maracayás* ou *Margaiás*, como diziam os francezes, eram impostos pelos *Tupinambás* do Rio de Janeiro aos *Tupís* ou *Tabayaras* do littoral de S. Paulo, e de alguns pontos da bahia do Rio de Janeiro. E por sua parte os de S. Paulo tratavam de *Tamoi* os *Tupinambás* do Rio de Janeiro. Estas denominações contrarias, parece que eram alcunhas.

Os *Margaiás* do Rio de Janeiro tambem eram chamados *Temiminós* (netos) talvez por contraposição á *Tamoi* (avô). Entretanto eram irreconciliaveis adversarios. Thevet chama á estes *Tominous*, e Lery *Tenreminou*.

Os francezes os sabiam distinguir tanto, que passando a frota, onde veiu Lery, pelo littoral do Espirito Santo, praticavam com os *Tupiniquins*, que vieram procural-os, com muita cautela, tratando-os de *Margaiás*, amigos dos portuguezes, e seus adversarios.

Thevet nas estampas de sua obra os faz distinguir pelos nomes nos combates, mas aos *Tamoyos* chama *Tabayaras*, e aos adversarios *Margaiás*.

Entretanto Hans Staden no cap. 14 de sua obra assegura que os *Tupiniquins* de S. Vicente chamavam aos *Tupinambás* do Rio de Janeiro, *Tabayaras* (*Tawaijar*), porque essa palavra quer dizer *inimigo*.

Varnhagen pretende que a palavra *Tabayara*, significa *aldeão*, e Gonçalves Dias, *cunhado do homem! Tot capita, tot sententiæ.*

para o bom e confortavel acolhimento dos portuguezes, e salvar Martim Affonso de Sousa da corriola em que por certo cahiria se essa indiada de serra acima, antropophaga e troglodyta, de longas unhas nas mãos e nos pés, debruçada nas ameias de Paranápiacaba, não corresse á *marche-marche* para o Pilão Grande (*Engudguassú*) da ilha de S. Vicente, das veigas de Piratininga, além dos que vieram do grande salto do Ytú e de outros pontos ainda remotos, afim de pôr-se em franquia e arreganhar os dentes aos invasores portuguezes.

E sobre tudo os famosos quinhentos sagitarios que desceram ao Guaibe (*Santo Amaro*) no ponto da Bertioga, ou no da armação das Balêas, onde Fr. Gaspar suppôz ser o local primeiro abordado pelos portuguezes, conforme a direcção que deu á frota de Martim Affonso; força mandada pelo bom sogro de Piratininga á instancias de um genro tão patriota como João Ramalho. Era o caso de dizer como o épico lusitano:

> « Acode, e corre pai; que se não corres,
> « Póde ser que não aches quem soccorres. »
>
> (*Lus.* canto III, est. 105.)

Más esses quinhentos sagitarios das *Memorias* passam a tresentos na *Noticia dos annos em que se descobriu o Brasil*, obra posterior á precedente. O ultimo algarismo, mais modesto faz comtudo relembrar os heróes das Termopylas, e portanto mais aceitavel e preferivel.

E' enternecedora, commovente e mui dramatica a scena da primeira entrevista do heróe de Vousella, esquecido em Santos, o naufrago de Guarapissumã, com o chefe da expedição lusitana, o que mostra o quanto este chronista religioso tinha uma imaginação de poeta, e por isso des-

tacamos para esta tosca nota os §§ 49 e 50 das suas tão apreciadas *Memorias*:

« 49. Já n'esse tempo estava cavalgada a artilharia, e o forte (*da Bertioga*) em termos de resistir: avistaram-se os indios, e o capitão-mór deu as ordens necessarias para uma vigorosa defensa. Estando a gente de guerra postada nos lugares competentes, devisaram um homem que caminhava com passos largos para a Fortaleza; e tanto que chegou á distancia d'onde pudesse ser ouvido, levantando a vóz, e fallando em lingua portugueza entrou a congratular-se com os seus nacionaes, fazendo todos os esforços por lhes persuadir que nada temessem.

« He inexplicavel a admiração dos portuguezes, quando viram homem branco, e ouviram o idioma da patria em lugar que suppunham habitado só de feras e barbaros: parecia-lhes illusão dos sentidos, o mesmo que na realidade percebiam, e para se livrarem da duvida, consultavam-se uns aos outros, fazendo reciprocas interrogações.

« Desenganaram-se finalmente, e então foi seu gosto igual ao seu espanto. Apresentou-se Ramalho ao capitão-mór, assegurou-lhe que á instancias suas, vinha o *Senhor da terra* (o sogro Tebireçá) á defendel-o com os indios que alli via (os taes quinhentos sagitarios! »

« 50. Depois de agradecer Martim Affonso este serviço á João Ramalho, cheio de admiração pelo que tinha ouvido, recebeu a Tebireçá com os obsequios devidos a um principe e bemfeitor, de quem tanto dependia o bom exito da sua viagem. Logo ajustou com elle perpetua alliança, e os indios festejaram as pazes com rusticas, porém sinceras demonstrações de alegria.

« Vinhão ornados com manilhas e plumas de pennas que os portuguezes muito gostavam de vêr pela variedade e formosura de suas côres finissimas.

« Os selvagens despediam setas ao ar, cantavam, e dançavam ao som do instrumentos, festejo a que corresponderam os brancos com a harmonia de outros mais accordes, e tambem com o estrondo da artilharia para elles tão medonha, como para os nossos insoffrivel o estrepito de suas festivaes algazarras. »

Sómente faltou aqui, para complemento d'esta tão apparatosa e festival recepção, a entrega do *marraque*, o sceptro, symbolo do poder (95), como no poema de Santa Rita Durão fez á Thomé de Sousa, Paraguassú com tão exemplar e mimosa abnegação.

Todo este romance, tão pouco consentaneo com a seriedade de um chronista, lê-se do § 42 á 52, e toda a obra resente-se d'esta má disposição de espirito do autor, que, aliás, era um religioso de ordem tão respeitavel, e tão afamada pela consciencia com que na Europa organisava trabalhos d'esta especie.

O escandalo da lenda do Caramurú, na Bahia, com todos os seus extravagantes e phantasticos detalhes, desafiou, ao que parece, o appetite dos dois chronistas de S. Paulo, mais ciosos de dar pasto á sua vaporosa imaginação, não comprehendendo a altura dos deveres do encargo, do que a de escrever em presença de authenticos documentos uma historia séria, veridica e sensata.

E n'aquella provincia deve por sem duvida haver para isso rico material accumulado em mais de tres seculos em S. Vicente, em Santos, e sobretudo na propria Paulicéa. A queima dos archivos de S. Vicente em 1592 pelos inglezes privou-nos dos mais valiosos, como interessantes documentos, do começo da colonisação lusitana ; mas, excep-

(95) *Marraque* era o maracá, instrumento e symbolo do poder entre os indigenas.

tuado este desfalque, quanto se não aproveitaria do cabedal até hoje recolhido e resguardado ?

Pouco, mui pouco, conhecemos das expedições dos paulistas contra os indigenas ; das proprias lutas entre si em mais de trezentos annos ; desconhecemos mesmo os nomes d'esses heróes que devassaram o deserto da nossa America, das praias do Atlantico ás abas orientaes dos Andes, deixando por toda a parte inequivocos signaes de seu extremado valor, e, infelizmente, de sua desmarcada cobiça e ferocidade.

Eram tambem assim os heróes antigos, porquanto estas existencias estão sempre na dependencia da cultura intellectual da época.

Os Mamelucos de S. Paulo só encontram similes nos devastadores hespanhoes, seus emulos e vizinhos. A raça sul-americana não encontrou peiores e mais desalmados exterminadores.

Entretanto não se póde desconhecer n'estes mestiços os seus sacrificios, o seu arrojo, e sua heroicidade. E' para lastimar que não conheçamos o historico fiel de suas aventurosas e homericas expedições, podendo apenas citar-se os nomes dos Raposos, Pretos, Buenos, Campos, Pires, Arzões, Camargos e outros, productos asperrimos do sangue ibero com o *Tupy* e *Guayanaz*.

Da lenda da Bahia são complices Vasconcellos e Rocha Pitta, seus historiadores ; ambos concorreram para que a musa de Durão a commemorasse em rimas immortaes.

Pedro Taques e Fr. Gaspar construiram a de S. Paulo, tendo por base a *Chronica* de Simão de Vasconcellos, representando os principaes papeis João Ramalho e Tebireçá, o pretenso sogro *Guayanaz* ; faltava somente quem, inspirado pelas musas, immortalisasse a imaginaria aventura em metro alexandrino. A *Confederação dos Tamoyos* satisfez

em parte essa necessidade; mas, exceptuado o moroubixaba *Guayanaz*, a segunda figura do poema após o Aimbiré, Ramalho, o vulto homerico da primeira colonisação paulistana, o progenitor dos primeiros *Mamelucos*, representa o papel de um comparsa mui secundario.

No canto V d'esse poema, aliás tão offensivo da verdade historica e sem necessidade, vê-se Tebireçá em S. Vicente, dirigindo-se ao sobrinho Iagoanharó, n'estes termos:

«Vês tu aquella casa? Alli habita
«O portuguez Ramalho, que é meu genro;
«Has de vêl-o, e a mulher, e os meus netinhos.»

Quanta poesia despendida n'este idyllio tão *guayanaz* do senhor de Piratininga!

Póde-se dizer é a chave de ouro do romance criado por Pedro Taques e pelo benedictino chronista de Santos.

Não se limitaram á esta lenda os dois chronistas: construiram outras; mas a que causou maior estrondo foi a da famosa renuncia da corôa de Piratininga, ou, como querem os enthusiastas, da corôa do Brasil por Amador Bueno em 1641, que, havia pouco, servira na camara de S. Paulo o cargo de vereador. Obra de pura imaginação e de vaidade genealogica, uma imitação da lenda bahiana, contra a qual protesta a verdade historica, e em que, infelizmente, vem ainda envolvida a ordem respeitavel de S. Bento. Se Pedro Taques foi quem inventou-a, Fr. Gaspar procurou dar-lhe maior realce com as provas que procurou adduzir. Mas se provou, provou de mais.

Voltando á nossa these, diremos que, conforme Fr. Gaspar, João Ramalho achava-se em S. Vicente, o paiz de *Morpion* os *Tamoyos*, o *Urbioneme* e *Orbioneme* de

Hans Staden (96), ou antes, o que é mistér que se saiba, nas praias de Santos, a patria do douto chronista, antes da chegada de Martim Affonso de Sousa. Mas o illustre bene-

(96) O douto visconde de Porto Seguro, na segunda edição de sua *Historia do Brasil*, tomo I, pag. 123, diz o seguinte sobre esta denominação:

« A ilha de S. Vicente chamavam *Orpion* ou *Morpion*, nome que sômente podemos explicar como uma contracção de *Morubi-xhum*, isto he, campo dos trabalhadores ou lidadores. »

Na nota diz:

« Veja-se Thevet e Abbeville. Staden diz que *Orbioneme* (*Orbion-ém*, ou *Orpion-mà*) o na collecção de Purchas (V, 1242) ha quem a denomine *Warapisumama*. Este ultimo nome alludiria aos guarás que ali se matavam. »

Esta interessante ave, que havia em tanta abundancia desde *Guaratuba* (Paraná) ao Rio de Janeiro, desappareceu totalmente. No Maranhão e no Pará ainda existe; mas tal é a perseguição que se lhe faz, que em breves annos desapparecerá um dos mais bellos ornamentos do nosso littoral.

Parece que houve engano na citação de Abbeville, e que devêra lêr-se Lery. Mas este em sua obra diz que *Morpion* era o nome do forte dos portuguezes, isto é, a *Bertioga*. Vide pag. 227 de sua *Historia da America*.

E' notavel que o mesmo visconde se mostrasse tão indifferente quanto á palavra *Warapissumama* que encontrou em Purchas, e perfeitamente corresponde á *Guarapissumã*, o nome dado pelos indigenas á enseada de Santos. Além de que ella não tem a significação que aquelle illustre consocio presume.

Ambas as expressões não são exactas. São a corrupção das palavras *guirapaçâmã*, arco de tirar flechas e corda, que podemos traduzir por *arco apparelhado*, como talvez seja a figura ou se representava aos *Tupís*, a enseada.

Pelo que respeita á palavra *Morpion*, nome dado pelos *Tamoyos* á ilha de S. Vicente, a etymologia lembrada pelo illustre visconde parece-nos insustentavel. Essa palavra, assim como a de *Orbion* ou *Orbioneme*, conforme a pronuncia allemã, são, provavelmente corrupções da indigena *guira piran* que significa *passaro vermelho*: portanto o *guará*.

dictino não se contenta com isto, vai mais longe, o que de todo arruina a hypothese de ser João Ramalho o bacharel degradado em S. Vicente ou em Cananéa.

Com a autoridade prestigiosa de sua palavra o chronista santarino assegura-nos que, se não leu, *viu* o testamento original de João Ramalho, e *d'elle obteve cópia authentica*, que encarece com reflexões com que adorna o acontecimento, por onde se prova de modo irresistivel haver Ramalho desembarcado ou aportado na patria Santos, pelo Guarapissuman dentro, não em 1502 ou em 1514, mas precisamente em 1490, isto é, dois annos antes de abicar Colombo no archipelago das Lucayas, em Guanahani (97).

O testamento tinha uma data feliz: foi lavrado á 3 de Maio de 1580. Essa data em si comprehendia duas épocas notaveis: a do descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral (3 de Maio), e a do estabelecimento da ordem benedictina entre nós (1580). Que descoberta, e quantas coincidencias!

Se a paleographia fosse uma sciencia tão bem cultivada

Mas ainda assim este nome parece que não era applicavel senão á ilhota proxima á Bertioga, onde os indigenas vinham fazer provisão de pennas d'esses passaros para seus adornos, de que trata Hans Staden no cap. 19, e em vista do que assevera Lery com relação á Bertioga na vizinhança.

Lembramos ainda a etymologia de *guira apuam* ou *upaon*, ilha de passaros, ou do arco, de que as palavras *Morpion* ou *Orbion* podem ser contracções, prestando-se muito para isto o vocabulo *guira*, como se vê no *Glossaria* de Martius. Por outro lado, essa palavra *Morpion* póde tambem ter sua etymologia nos termos *mobyrion*, muitos, e mesmo em *mindy pyron*, papas grossas (o actual *pirão*), indicando assim a fertilidade, e abundancia da terra.

(97) Está hoje reconhecido pelos trabalhos de M. Major, que essa ilha tem presentemente o nome de *Guanima*, e é conhecida pelo de *Walteling* nos mappas inglezes. A memoria de M. Major intitula-se *Land's chaft of Columbus*.

no seculo XVIII, como é no presente, talvez a imaginação dos escriptores não trabalhasse tanto em organisar chronicas e scenas dramaticas no intuito de explicar as origens e o começo maravilhoso de sua patria. Mas não era assim.

O trabalho paleographico é enfadonho; nem todos podem com elle arcar. Pedro Taques já o reconhecia quando teve de organisar em 1772 a sua *Historia da capitania de S. Vicente*. E Fr. Gaspar prefcria com todo o descanso escrever as suas *Memorias*, encerrado na cella do mosteiro com os documentos que facilmente pôde colher e os pios subsidios de sua casa, a ir revolver o pó dos archivos accumulado em mais de dois seculos, e destrinçar segredos paleographicos a bem da verdadeira historia em monumentos carcomidos pela traça e devastados pelo tempo e incuria dos interessados.

VII

Além d'aquella descoberta, fez ainda mais: o veridico e grave chronista na mesma *Noticia* em que relata essa famosa descoberta que tanto tem feito cogitar os americanistas-europêos, brinda João Ramalho com uma idade além de centenaria, pois fazendo-o fallecer em 1580 ou mais, só de estada de Brasil contava elle noventa annos!

Trataremos d'este assumpto mais detidamente em outra opportunidade; por ora basta dizer que, por nossas conjecturas, João Ramalho já não era d'este mundo em 1560. Precisamente poderiamos, talvez, assegurar 1558.

Portanto, ainda á luz dos argumentos expendidos, em nossa opinião é elle o bacharel degradado, visto por Diogo Garcia em 1527, em S. Vicente, e por Martim Affonso de Sousa em 1531, em Cananéa.

VIII

Resta ainda apreciar se esta individualide era realmente um homem de letras, arrastado por seus crimes á infamia, ou se, por seus commettimentos extra-legaes, alcançou essa alcunha tão conhecida dos navegantes de outr'ora.

A primeira hypothese parece-nos sustentavel, e diremos a razão d'esta nossa conjectura. Se João Ramalho fosse um criminoso vulgar, curvado pela idade e naturaes padecimentos, não resistiria, como resistiu, á influencia de sacerdotes cheios de fé, de zelo e de sciencia, como eram e são os jesuitas. No ultimo quartel da vida se renderia á voz da religião que recebêra no berço, como com tantos outros succedêra.

Quanta differença entre Ramalho e Diogo Alvares! Este, provavelmente, era algum grumete desertor ou esquecido de algum navio, e tornou-se um bom lingua entre os indigenas da Bahia, como era João Ramalho em Cananéa e em S. Vicente; mas não gozava de grande influencia entre os *Tupinambás* a ponto de poder sustentar o primeiro donatario Francisco Pereira Coutinho, antes do abandono da colonia.

Pelo contrario a ascendencia de João Ramalho entre os indigenas do littoral paulistano, os *Tupiniquins*, que o acolheram, e mesmo um pouco em serra acima, era outra cousa, com quanto não desconheçamos a differença que havia entre um *Tupinambá* vivendo á beira do mar, e um *Guayanaz*, mais inculto.

João Ramalho não impôz sómente sua influencia ás tribus do littoral paulistano. Dominou, governou-as; fez a guerra e relacionou-se com as tribus vizinhas, *Carijós*, *Guayanazes* de serra acima, *Guarominis* e *Tamoyos*.

Tornou S. Vicente um porto certo de escala para o trafego com os europêos, assim como Cananéa, que aliás não tinham as proporções da Bahia. Vendia indigenas que capturava em suas guerras ; construia bergantins com que navegava pelo littoral até o rio da Prata ; facilitava aguadas, viveres e refrescos aos navegantes que a terra permittia n'aquellas épocas. E assim, com seu exemplo, de alguma sorte impedia, ao menos para com os europêos, a pratica selvagem da horrenda anthropophagia.

E mesmo, depois de firmada a colonia lusitana, para conter e negociar com os *Guayanazes* de serra acima, fundou uma importante povoação, S. André, que fortificou, ligando-a á S. Vicente mediante uma via de communicação, obra de grande difficuldade, e que partia de um ponto á margem do braço que circumda a ilha, outr'ora denominado —*o estreito do Ramalho*.

Esta via foi posteriormente melhorada no seu traçado, até o presente mantido, obra dos padres da heroica companhia de Jesus, á quem S. Paulo tanto deve(98).

(98) A nova direcção da estrada foi dada pelos padres Luiz da Grã e Manoel da Nobrega ; mas a grande veneração em que, depois, era tido o padre José de Anchieta fez com que o povo se habituasse a chamar essa estrada *o caminho do padre José*, se é certo o que affirma Fr. Gaspar em suas *Memorias*.

A nova estrada, portanto, não passava provavelmente por S. André, onde devêra existir, segundo Fr. Gaspar, população pouco affeiçoada áquelles religiosos.

Essa povoação desappareceu, ignorando-se ainda hoje o local certo de sua fundação *a borda do campo* ; mas o sangue dos *Mamelucos* que alli se procrearam, espargiu-se por toda a provincia. Houve desforra. Em poucos annos os jesuitas amargaram os grandes bens que fizeram á população de S. Paulo. Bem entendido, se é exacto o que assegura Fr. Gaspar, quanto á razão da mudança da villa para S. Paulo. Elle escrevia em época em que tudo se podia, sem reparo, allegar contra esses religiosos

Todas estas façanhas, e com tão fracos recursos, indicam um homem de intelligencia vigorosa, com algum cultivo litterario, embora dominado por grandes e violentas paixões; lançando mão de meios extra-legaes, de certa ordem, para fazer vingar seus designios. Na nossa historia é por certo essa individualidade um grande vulto.

O orgulho do homem de cultura litteraria é mui refractario á idéas estranhas. Difficilmente se subordinará á doutrinas de que outros sejam os iniciadores, ou se constituam os mestres, *maxime* se, o que carrega-o, é adiantado em annos e habituado ao mando. Eis o caso de João Ramalho.

A luz da razão, os esplendores da fé não o despertam : é para elle um cofre cerrado á sete sellos. O que adquiriu e cultivou na mocidade é sómente o fundo que conserva. D'ahi resultou a divergencia, a luta com os religiosos da companhia de Jesus logo que aportaram em 1549 á S. Vicente. Esta semente deu posteriormente fructos bem agros.

João Ramalho, acostumado por longo tempo ao mando, não queria deixar a vida licenciosa á que, tambem por longos annos, se habituára na convivencia com os *Tupiniquins* de Cananéa(99), de Morpion e de Guaibe.

Os sacerdotes, que desde o começo da colonia compareceram em S. Vicente, faziam sensivel contraste com os missionarios da companhia. Os primeiros sem nenhum zelo,

(99) De um *livro* intitulado *das Novidades* que se acha no archivo d'esta villa contendo factos alli acontecidos, desde 1637 á 1795, e alguns bem importantes, obtivemos varias notas, por onde vê-se que a antiga aldêa indigena era situada, quasi defronte da presente villa, na ilha da Costa do Mar ou do Mar Pequeno (*Paranámirim*) na parte occidental, e no ponto hoje denominado *Boa Vista*.

O seu nome indigena era *Maratayama*, e com elle conservára a prerogativa de villa como se via de um auto de 1579, salvo do incendio do cartorio da villa em 1747, que, por causa do cupim,

baldos de sciencia e talvez de fé, indifferentes ao viver dos colonos, imitando-os, senão excedendo-os em desregramentos. Os segundos cheios de fé e de zelo, de espirito cultivado, eram caridosos com os indigenas, que os colonos e os outros sacerdotes reputavam, não homens, mas féras.

O antagonismo com semelhante entidade era logico e inevitavel. Ramalho foi surdo á todas as admoestações, e com desprezo repelliu-as. Jámais casou, conforme os ritos da igreja; vivia como um *Mormon* desbragado antes e depois da vinda de Martim Affonso; antes e depois da entrada dos jesuitas em S. Vicente, que nada d'elle conseguiram em materia de moral. Preferindo, por amor de seus vicios e extrema libidinagem, ser excommungado, manteve obcecado essa posição até sua morte.

Homem emprehendedor e activo, tendo no littoral o apoio dos seus conterraneos europêos e dos *Tupiniquins*, seus velhos alliados e parentes, subiu com estes a serra de Paranápiacaba, e foi estabelecer-se no ponto em que termina a região das matas, á borda do campo, onde os *Guayanazes* viviam e sabiam defender-se, ao envez dos que demoravam nas vizinhanças do littoral, e abrigados nos bosques. Taes eram as suas relações com esses indigenas.

Se Ramalho convivia em taes e tão francas relações com os *Guayanazes*, porque esse estabelecimento fortificado proximo ás matas? Porque não se foi metter com os Piratininganos no meio das campinas? O que significa esse res-

mandou executar o Dr. Antonio Pires da Silva e Mello Porto Carreiro, na qualidade de corregedor.

Novo Erostrato! e por isto consignamos aqui mais este acto de vandalismo e de insensatez contra os repositorios de nossa historia.

A mudança da localidade em 1637 trouxe em resultado a do nome da villa, que depois se chamou *Cananéa*, denominação que outr'ora tivéra a ilha do Cardoso, onde está assentado o padrão.

guardo de tão bons amigos, e isto quasi vinte annos depois da fundação da colonia de Martim Affonso ?

Foi sómente em 1553 que essa guarita ou pequeno povoado pôde ser elevado á categoria de villa forte fronteira, de que Ramalho, o sesmeiro do Guaibe, foi o alcaide-mór, encarregado da defensa da população de serra abaixo, contra os indios das campinas, isto é, os ferozes *Guayanazes*.

E quando os jesuitas domesticaram á estes por meio da religião e da caridade, o ponto da villa fronteira, o baluarte de S. André, tornou-se inutil e quasi imprestavel, até contra os *Tamoyos*, indigenas das matas, e que não sabiam combater em rasa campanha; razão da importancia de S. Paulo, fundada no meio do campo entre os *Guayanazes*, e na confiança da sua amizade e alliança. Ora, isto não se podia dar no estabelecimento posto que fortificado de Santo André.

Portanto, João Ramalho era, de feito, um homem de letras, embora não as houvesse mais cultvado em seu longo degredo (1502 á 1532), e na convivencia dos selvagens.

Era elle proprio indubitavelmente, a mesma personagem conhecida dos nautas que frequentavam as costas do Brasil meridional, pelo *bacharel*, visto e relacionado com Diogo Garcia em 1527 em S. Vicente, e por Martim Affonso de Sousa em 1531, em Cananéa. Não era, pois, o seu titulo uma alcunha (100).

Não enfraquece nossa these a circumstancia de não saber João Ramalho bem escrever, traçar caracteres como acreditou Varnhagen em vista de sua assignatura nas actas das vereanças da sua villa de Santo André da borda do Campo,

(100) O que sentimos ignorar é o nome que os indigenas imposeram á João Ramalho, como procederam com Diogo Alvares, o *Caramurú*, na Bahia.

assignatura, que, aliás, era propria e não á rogo. Em verdade é um facto hoje conhecido, e bem averiguado, que o longo deshabito da escripta, e mesmo da linguagem fal-as de todo esquecer.

Esta questão foi ultimamente bem discutida e apreciada por causa do celebre processo Tichborne, em Inglaterra.

A historia da rica, heroica e importante provincia de S. Paulo está ainda por escrever, e comtudo é a provincia que apresenta mais historiadores. Essa historia interessa immenso, por seu entrelaçamento, á de todo o nosso paiz, por tambem ser S. Paulo a filha mais velha, a que se manteve com mais segurança desde o começo da colonisação, *maxime* depois que a companhia de Jesus, por seu immorredouro apostolado, firmou por uma vez a alliança com o gentio *Guayanaz*, que dominava no seu interior. Ella domesticou-o e converteu-o á nossa fé, e, sobretudo, fundando S. Paulo á 25 de Janeiro de 1554.

Martim Affonso de Sousa e João Ramalho, o fundador da colonia e o progenitor dos primeiros *Mamelucos*, têm os seus nomes gravados na historia d'essa bella e interessante porção do territorio brasileiro. A escolha de um e o auxilio de outro são serviços de grande relevancia, e que os posteros não poderão encarecer demasiado. Esses vultos, posto que em limitado ponto de vista, são duas incontestaveis glorias paulistanas.

Mas que valor teriam esses serviços se a colonia lusitana, havia dezesete annos, comprimida entre o mar e a serra alterosa de Paranápiacaba, não conseguisse pacificar e attrahir ao gremio da fé christã as tribus *Guayanazes*, tão brutaes e tão refractarias á vida social, derramadas nas campinas e veigas ao noroeste d'aquella famosa serra?

Quem, pois, consolidou aquella obra não foi o heroico guerreiro portuguez, não foi o bacharel degradado em Ca-

nanéa, mas a companhia de Jesus, resistindo resolutamente aos vicios monstruosos de Ramalho, e fundando S. Paulo, a auspiciosa cidade, no centro do territorio *guayanaz*, e fazendo de uma população barbara e hostil, um povo culto, laborioso, alliado ou amigo dos colonos.

Sem essa fundação predestinada a historia de S. Paulo, torna-se nulla, deficiente e incomprehensivel. Se os destinos d'essa cidade forem eminentes, gloria sem par e merecida caberá por certo a quem fundou-a, e ennobreceu-a desde o lançamento de seus alicerces com o alto patrono que lhe deu e com as lutas homericas que sustentou.

Essa historia, pois, ha de escrever-se, e a gratidão paulistana mais uma vez transluzirá por actos bem patentes que a glorifiquem. S. Paulo conta filhos mui dignos e prestimosos para que um momento se possa duvidar da realização d'esse trabalho, como d'essa reparação moralisadora e de rigorosa justiça. Temos n'isto profunda confiança.

Concluindo:

Presumimos haver sustentado a these que enunciamos—*João Ramalho é o bacharel de Cananéa*—respondendo pertinentemente á pergunta lançada no começo d'esta memoria. Não o fizemos, é certo, com provas directas e positivas, mas com circumstanciaes, que quasi tocam á evidencia.

As outras não são possiveis, ao menos por ora; salvo se algum documento importante vier a descobrir-se nos archivos de Portugal ou de Roma, da França ou da Hespanha, ou finalmente no famoso repositorio do Museu Britannico em relação á este assumpto; hoje tanto mais facil quanto o estudo das questões americanas, que interessam á sua historia, geographia e ethnographia, se acham na ordem do dia nos paizes mais cultos.

E não desesperamos, por isso que o chronista benedic-

tino tornou João Ramalho personagem muito saliente, e mesmo muito importante n'aquellas questões, desde que ousou assegurar que elle aportára em nossa America dois annos primeiro que Christovão Colombo (101) !

Isto nos obrigará á escrever outra memoria, discutindo e apreciando este estupendo facto.

O Instituto Historico, á quem somos reconhecidos pela benigna attenção que nos dispensou, desculpará o tempo absorvido na exhibição d'estas fastidiosas, mas necessárias investigações.

---

(101) Gaffarel, *Etude sur les rapports de l'Amérique et de l'ancien continent avant Christophe Colomb*, pags. 327 e 328.

MEMORIA

HISTORICA E GEOGRAPHICA

DA

ILHA DA TRINDADE

Organisada e dedicada ao Illm. e Exm. Sr. barão da Ponte Ribeiro

PELO BACHAREL

PEDRO TORQUATO XAVIER DE BRITO

Coronel do corpo de engenheiros, archivista do archivo militar, membro effectivo do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro e socio fundador do Instituto Polytechnico.

Dedicatoria

Illm. e Exm. Sr.—O respeito e a estima que sempre votei ás distinctas qualidades e merecimentos de V. Ex., me animam a rogar á V. Ex. que se digne de aceitar este meu insignificante trabalho sobre a geographia e a historia da ilha da Trindade, do qual peço a V. Ex. desculpa pelas muitas imperfeições que certamente encontrará n'elle, restando-me affirmar á V. Ex. que meus esforços ficaram muito aquem dos meus desejos, e, que se me animo a trazer á publicidade este fructo de meus estudos, é porque, amparado com o nome de V. Ex., o verei abrigado de estranhas censuras e com um outro superior realce.

Tenho a honra de ser, com a maior consideração, muito obrigado criado.—Illm. e Exm. Sr. barão da Ponte Ribeiro.—S. C., 28 de Agosto de 1877.—*Pedro Torquato Xavier de Brito.*

Pigres ubi nula campis arbor æstiva recreatur aura.

(Horacio.)

I

POSIÇÃO GEOGRAPHICA, EXTENSÃO E TOPOGRAPHIA

A ilha da Trindade está situada em 20° 31' de latitude sul, e 13° 47' 57" de longitude éste do imperial observatorio do Rio de Janeiro(1).

(1) Segundo *The patrice of navigation and nautical astronomy*, by Henry Rapper, Lieut R. N. 7 ed., London, 1862, dista seiscentas e

Tem de comprimento a NNO. ou SSE. cinco kilometros, um e oito decimos de largura, e seis e oito decimos quadrados de superficie.

Excessivamente accidentado, o solo d'esta itha, de natureza vulcanica contém montanhas elevadissimas e escalvadas; entre ellas acha-se no littoral, ao O., uma, com duzentos e sessenta e quato metros de altitude, denominada pelos navegantes *Monumento* (K)(2); na extremidade do N. outra, que chamam *Crista de Gallo* (A); a léste outra, de côr avermelhada, com sessenta e seis metros de elevação, tem na sua base uma galeria (G), formada pela natureza, que tem cento e trinta e dois metros de comprimento, por onde atravessa o mar de lado a lado com grande fragor; ao S. está outra, denominada *Pão de Assucar* (H), que tem trezentos e noventa metros de altitude; e no centro da ilha outra, que fórma o seu ponto culminante; entre esta montanha, e que fica-lhe a léste, o solo fórma uma depressão (Q), que ainda assim está vinte e dois metros acima do nivel do mar, e que se estende para o N. e para o S. até o littoral em planos inclinados. Da encosta septentrional da mesma montanha central dimana um riacho, unico que parece haver em toda a ilha. No littoral termina por penhascos ponteagudos, com excepção ao N. das praias *Sem nome*, *Empedrado*, das *Tartarugas* e do *Porto da Canôa* (C); a léste outra *Sem nome*, e ao S. a que fórma a enseada ou *Porto do Principe*; entre as pontas da *Crista de Gallo*, do *Vallado*, dos *Recifes Alagados* (H), das *Tarturugas* (E) e dos recifes das *Pedras Rasas* (F), ao N., e o que estende para o mar um recife

cincoenta e uma milhas geographicas do ponto da costa da provincia do Espirito Santo, situado na mesma latitude de 20° 31' sul.

(2) Vide a planta junta da ilha da Trindade.

com duzentos e quarenta metros ao NE. Em frente de *Porto do Principe* ha uma ilhota de pedra (I), e perto da praia varios recifes, uns emergidos e outros immergidos; segue a ponta dos *Cinco Farilhões* (J), continuando depois os penhascos a guarnecer o littoral, tendo em frente a ponta SO. duas ilhotas altas, por entre as quaes e mesmo littoral passa uma pequena embarcação.

A natureza incendiavel do solo d'esta ilha, que parece ter passado por mais de um abalo vulcanico, quando revolvido e exposto aos ardentes raios do sol, é, no conceito do sabio Sr. visconde do Rio Grande, devido ás camadas de turfa que contém.

II

NOTICIA HISTORICA

Segundo o nosso illustre historiographo, José Ignacio de Abreu Lima(3), o navegante portuguez João da Nova, mandado á India por capitão de quatro náos, partindo de Lisboa em 5 de Março de 1501, descobriu a ilha de Ascensão (hoje da Trindade) aos 20° 1/2 austral, e que demora a cento e vinte leguas da costa do Brasil, e reconhecida, dois annos depois, por Affonso de Albuquerque, que sahira de Lisboa a 6 de Abril de 1503, commandando uma esquadra para a India. Em 15 de Abril de 1700 aportou a esta ilha e tomou posse d'ella, em nome do seu governo, o capitão inglez Edmond Halley.

J. Kook, em sua segunda viagem, descobriu em 28 de Maio de 1775 a ilha da Trindade, onde fundeou a 31 do

(3) *Synopsis ou deducção chronologica dos factos mais notaveis da historia do Brasil*, 1 vol., pag. 26. Pernambuco, 1845.

mesmo mez(4). O seu aspecto medonho excede ao das ilhas da Pascoa e da Terra de Fogo; suas montanhas, formadas de pedras partidas, parecem produzidas pelo fogo de algum vulcão. Quasi no meio da ilha eleva-se uma montanha branca, sobre a qual, com o oculo, avistámos algum arvoredo; tem vinte milhas de comprimento de NO. a SE., e de largura cinco a seis; apresenta muitas collinas e estreitos valles, despidos de vegetação por espaço de muitas milhas, onde só se encontram pedras e arêa, ou antes cinzas, signaes evidentes de que a ilha foi produzida por um vulcão; uma montanha que se eleva ao SE. parece provar o seu estado primitivo; o seu solo é formado de uma especie de marne, que possue ainda a sua propriedade vegetativa.

Em 1781, achando-se o governo da Grã-Bretanha em guerra com o da Hespanha, mandou occupar a ilha da Trindade, afim de estabelecer um entreposto para o contrabando que se fazia á sombra do seu commercio, com as provincias hespanholas do Rio da Prata, depois que o governo de Portugal cedeu ao da Hespanha a colonia do SS. Sacramento pelo tratado preliminar do 1° de Outubro de 1777. Em consequencia d'este pacto e das reiteradas reclamações do governo da Hespanha ao de Portugal, ordenou-se ao vice-rei do Brasil que mandasse uma expedição, afim de expellir os inglezes d'essa ilha, que inquestionavelmente pertencia aos dominios portuguezes da America meridional. Assim, em seu officio de 20 de Agosto de 1789(5), diz o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa ao seu successor conde de Rezende:

(4) *Histoire universelle des voyages effectués par mer et par terre dans les cinq parties du monde*, par Albert de Montmont, vol. IX, pag. 151.

(5) Tomo IV, pag. 129, da *Revista* do Instituto Historico e Geographico.

« No que respeita ao anno de 1782 achará V. Ex. as ordens por que Sua Magestade mandou occupar a ilha da Trindade, pertencente a estes dominios, da qual os inglezes se tinham senhoreado no tempo da recente guerra entre os governos da Inglaterra e da Hespanha, formando n'ella um estabelecimento de pouca duração. Não foram necessarios os meios da força, que então se preveniu, por se achar já abandonada a mesma ilha na occasião em que se expediu d'aqui a tropa com o determinado fim de evacual-a, formando-se conseguintemente n'ella, em conformidade das mesmas reaes ordens, um estabelecimecto, que, promettendo ao principio ter alguma capacidade para fazer menos pesada a despeza por meio da lavoura, que se podesse continuar no abreviado terreno de oitocentas braças (setecentos e sessenta metros) de comprimento e duzentas ditas (quatrocentos e quarenta metros) de largura, como mostram as plantas que estão juntas á correspondencia da corte do mesmo anno de 1783 (6), veiu depois a conhecer-se que nem podia sustentar o diminuto numero de seis casaes que para alli foram mandados. Todos os lugares que, sendo cobertos de terra, pareciam capazes de qualquer plantação, depois de roçados, mostraram, sem necessidade de maior exame, que a terra estava tão superficialmente sobre as pedras, que com o impulso de um pequeno golpe de enchada descobria o terreno inutil, e incapaz de semear-se n'elle cousa alguma; e conseguintemente muitas porções da mesma ferra, que em alguns lugares pareceram proporcionadas para a cultura, de nenhuma sorte a podiam admittir por ser muito delgada a capa que cobre a rocha e o cascalho que fórma todo o fundo. Além d'isso esta mesma terra é de tal qualidade que se inflamma por si mesmo sem a in-

(6) Acham-se no fim d'este escripto.

troducção de outra qualquer materia combustivel, que communicada exteriormente faça atear e accender a chamma, como se veiu a conhecer no dia 9 de Fevereiro de 1783, em que, vendo a terra lançando fumo, averiguada a causa, não se pôde descobrir outra senão que o fogo que sahia, bastantemente profundo, levantando chammas, e que por onde passava reduzia a terra a um cinzeiro esbranquiçado e brando, que atolava; e a custa de muito trabalho, abrindo-se n'ellas em roda cheias de agua, para atalhar a passagem do mesmo fogo, pôde diminuir-se o incendio, mas de nenhuma sorte a origem do fogo por ser propria e natural d'aquelle terreno. Do commando d'esta ilha foi d'aqui nomeado o capitão do regimento de Estremoz Manoel Rodrigues Sllvano, graduado em sargento-mór, com um corpo de destacamento de cento e cincoenta praças, que então pareceu indispensavel para a defesa e segurança d'aquelle posto, e que acabava de ser occupado por uma nação estranha, e devia ser guarnecido para prevenir outros semelhantes acontecimentos. Porém sendo certo que aquella primeira occupação dos inglezes na ilha foi mais por um acaso a que os obrigou a necessidade, emquanto recebiam outros soccorros para passarem á Inglaterra, do que com o animo premeditado de permanecerem alli, como veiu a verificar-se, me pareceu necessario diminuir o destacamento que presente se acha reduzido a oitenta e oito individuos, em que se comprehendem as praças do mesmo destacamento, e ainda assim a conservação d'aquelle inutil estabelecimento, que jámais será appetecido de qualquer nação, por isso que agora se conhece a sua incapacidade, não deixa de fazer um grande peso e embaraço a este governo e a esta provedoria, por ser indispensavel expedir d'aqui de seis em seis mezes uma embarcação com mantimentos, com que é soccorrida por não ter outros meios para subsis-

tir independentemente, e mudar de anno em anno o dito destacamento, o qual, não se devendo suppôr de melhor gente, obriga a maiores e mais impertinentes providencias do que parece. Foi presente a Sua Magestade estas noticias em 10 de Junho de 1783, as quaes em grande parte chegaram com as primeiras que o coronel de mar José de Mello se antecipou a dar, quando foi á dita ilha com o fim de evacuar, podendo só com a vista descobrir a sua extensão, e medir a sua grandeza sem o preciso exame da sua inutilidade; não tem produzido effeito algum de providencia por não se ter fallado mais n'esta ilha da Trindade nem no seu figurado estabelecimento(7). »

Tendo os inglezes abandonado a ilha da Trindade, e achando-se n'ella uma guarnição portugueza, ordenou-se ao vice-rei em 16 de Setembro de 1782, que promovesse communicações com esta ilha, por meio de sumacas e outras embarcações pequenas, e exigisse do seu commandante uma minuciosa descripção da qualidade do terreno, das aguas, das plantas e dos fructos, que possam haver n'ella, particularmente do trigo, do milho ; e que das sementes que houvessem no Brasil se lhe mandariam porções sufficientes para semear, examinando cuidadosamente as plantações que fizeram os inglezes e a maneira empregada, para que fosse imitada ; finalmente, que a bordo de um navio mercante seguiam para o Rio de Janeiro oito casaes, uns destinados para Angola, e outros para a ilha de Santa Catharina ; que podia mandar todos para a ilha da Trindade, querendo estes, e que se ficava cuidando de

(7) Não se póde deixar de notar n'este officio a reserva com que trata da occupação da ilha pelos inglezes, mostra ignorar as reclamações do governo da Hespanha e pretende com subterfugios encobrir o seu conhecido fim, que estava longe de ser casual como se quer inculcar.

mandar mais alguns casaes para povoal-a. Prevenindo-o, em 18 do mesmo mez que mandasse, pela náo em viagem, o commandante e mais inglezes que estavam na ilha. Em 9 de Outubro informou o sargento-mór João de Abreu Pereira, encarregado de inventariar o armamento que os mesmos inglezes abandonaram na ilha, que encontrára doze peças de artilharia.

« O Sr. J. F. Galaup de Laperouse(8), encarregado em 1785 de uma viagem de descoberta, avistou-nos, diz a *Relação da viagem*, no dia 16 de Outubro d'este anno, ás 10 horas da manhã, as ilhas de Martin Vaz, cinco leguas ao N. O. ; deveriam ficar-nos ao O., porém as correntes arrastaram-nos treze milhas para o S. durante a noite ; infelizmente os ventos, sendo constantes do S. E. até então, obrigaram-nos a bordejar para podermos approximar-nos d'essa ilha, passando a uma e meia afastado d'ellas. Depois de determinar as suas posições, e feito um reconhecimento para podermos traçar sobre o plano as suas respectivas situações, seguimos para a ilha da Trindade, distante d'estas ilhas cerca de vinte e sete milhas, para O.1/4 S. O. : estas ilhas são, propriamente fallando, rochedos, podendo o maior ter um quarto de legua de perimetro ; são tres, separados por pequenas distancias, os quaes, vistos de longe, parecem cinco cabeças. Ao anoitecer avistámos a dita ilha da Trindade, que ficava-nos a E. 8° N. : o vento conservava-se sempre de N. N. O., obrigando-nos a bordejar toda a noite para conservar-nos sempre a E. S. E. ; assim que amanheceu, dirigimo-nos para terra, contando com um mar mais manso ao abrigo da ilha, e ás 10 horas estavamos a duas e meia leguas da ponta S. E., e avistámos no

(7) *Relação da viagem*, redigida e publicada pelo Sr. Milet de Mureau em 1797, 4 vol. in-4° e atlas, pag. 23 a 30 do 2° volume.

fundo da enseada, formada por essa ponta, uma bandeira portugueza, içada no meio de um pequeno forte, ao redor do qual havia cinco a seis casas de madeira. A presença d'esta bandeira excitou a nossa curiosidade, e resolveu-nos a mandar um escaler á terra, para informarmo-nos se os inglezes já tinham evacuado a ilha, porque começavamos a vêr que n'esta ilha não encontrariamos a agua e a lenha de que careciamos; no cume das montanhas apenas avistámos algumas arvores; em todo o littoral da ilha as vagas quebravam-se com força, que receiavamos que o nosso escaler podesse, sem risco atracar a praia; tomámos, pois, o expediente de bordejar todo o dia, afim de acharmo-nos no dia seguinte, ao amanhecer, na ponta da ilha, bastante afastados para que podessemos ganhar o fundeadouro ou mandar pelo menos o nosso escaler á terra; á tarde chamámos o commandante do *Astrolabio*, e communicámos-lhe a manobra que pretendiamos fazer, accrescentando que não observariamos nenhuma ordem nos nossos bordos, devendo ao amanhecer estarmos reunidos na enseada; ordenámos ao Sr. Langle que qualquer dos dois navios, a *Bussola* e o *Astrolabio*, que se achasse mais á mão, mandaria um escaler á ilha para se informar dos recursos que poderiamos encontrar n'ella: no dia 18 de manhã, estando o *Astrolabio*, distante meia legua da praia, mandámos a *chalupa*, governada pelo Sr. Vaujuas, levando os Srs. de la Martinière e o recebedor de bordo, naturalista infatigavel, que penetrou no interior da enseada, por entre dois rochedos; as vagas eram, porém, tão fortes, que teriam infallivelmente naufragado se não fossem os promptos soccorros prestados pelos portuguezes, que arrastaram a chalupa para a praia, escapando todos os objectos, excepto a fateixa, que se perdeu: o Sr. Vaujuas contou n'este porto cerca de duzentos homens, dos quaes sómente quinze estavam

fardados, e os mais em fraldas de camisa ; o commandante d'este destacamento, ao qual não se podia chamar colonia, por não haver nenhuma lavoura, disse que tinha vindo para alli mandado pelo vice-rei para tomar posse da ilha, ha um anno pouco mais ou menos ; ignorava ou fazia ignorar que os inglezes tivessem-n'a precedentemente occupado, não devendo entretanto dar-se inteiro credito á sua conversação, porquanto estava na triste necessidade de occultar toda a verdade ; pretendia que a sua guarnição era de quatrocentos homens, e que o seu forte era guarnecido com vinte peças de artilharia; entretanto estava convencido que nenhuma estava em bateria nos arredores do estabelecimento ; receiava-se tanto do seu governo, que não permittiu aos Srs. de la Martinière e recebedor que se afastassem da praia para estudarem a flora da ilha e fazerem um estudo botanico ; e despediu-os, dando-lhes todas as demonstrações de consideração, accrescentando que a ilha nada poderia fornecer, que de seis em seis mezes se enviava do Rio de Janeiro viveres, e que n'essa occasião tinha apenas sufficientes para a sua guarnição, sendo ainda assim preciso ir longe buscar a agua e a lenha de que carecia. A sua guarnição ajudou a pôr ao mar a nossa chalupa. Na mesma occasião mandámos tambem um escaler, governado pelo Sr. Bautin, levando os Srs. Lamanon e Monneron, recommendando-lhes que não desembarcassem emquanto o *Astrolabio* não estivesse perto d'elles, devendo então procederem á sondagem da enseada e levantar o plano o melhor que lhes fosse possivel ; em consequencia o Sr. Bautin approximou-se da praia ao alcance de um tiro de espingarda. Todas as sondas annunciavam um fundo de pedra e arêa. O Sr. Monneron tirou a vista do forte tão bem, como se estivesse na praia, e o Sr. Lamanon reconheceu que as rochas eram de basalto ou de materias fun-

didas, restos de algum vulcão extincto, opinião que o recebedor confirmou, trazendo para bordo uma grande porção de pedras, todas vulcanicas, e de arêa intimamente ligada com detrictos de conchas e de coral. Segundo o conceito do Srs. Vaujuas e Bautin a ilha não podia fornecer-nos a agua e a lenha de que careciamos, e assim resolvemo-nos a seguir para a ilha de Santa Catharina. Aproveitando os dois dias que nos demorámos na ponta S. da ilha da Trindade, para fazer Bernizet traçar o plano da parte meridional da ilha, que differe muito pouco do que apresentou o Sr. Edmond Halley: a vista da ilha, tirada pelo Sr. Duchez de Vancy, é de uma rigorosa exactidão, e sufficiente para que os navegantes que se approximarem do lado meridional da ilha jámais se possam enganar. Ella offerece á vista um rochedo quasi esteril, tendo nos desfiladeiros estreitissimos alguns arbustos, n'um dos quaes a SE., que terá cerca de quinhentos e noventa e quatro metros de largura, está o estabelecimento portuguez. A natureza não parece ter destinado certamente esta ilha para ser habitada pelos homens e os animaes irracionaes, pois não encontrariam n'ella a subsistencia necessaria. Os portuguezes, porém, receiosos de que alguma nação da Europa queira aproveitar-se da sua proximidade da costa do Brasil, para estabelecer o contrabando, são empenhados em occupar uma ilha, que a todos os respeitos lhe é sómente onerosa.

« O Sr. Monneron diz que a ilha da Trindade está situada no hemispherio meridional ácerca de cento e oitenta leguas da costa do Brasil; achava-se deserta até a ultima guerra, quando os inglezes a occuparam, com o fim, sem duvida, de poderem mais facilmente tomar os navios francezes, hespanhoes e hollandezes; assegura que a abandonaram quando se declarou a paz, fazendo-a por isso o

Sr. Laperouse reconhecêl-a. Avistámos a bandeira portugueza sobre uma montanha, situada no reconcavo de uma pequena enseada a SE.; o official que governava o nosso escaler mandado a terra teve ordem para desembarcar só, caso que podesse fazêl-o sem risco; assim seguimos perto do littoral sem podermos atracar á praia; tivemos entretanto occasião de examinar o fundo da pequena enseada do estabelecimento portuguez, que se achava a um terço da altura da encosta de uma montanha, situada, como dissemos, no fundo da enseada, a qual terminava ao O. n'uma montanha escalvada, que, assim como todas as outras da ilha, são de producção vulcanica, tendo a E. uma outra, do feitio de um pão de assucar, com cerca de noventa e seis metros de altitude, e contigua a esta outra, formada de uma especie de argamassa, tendo um terço de altitude da precedente; a praia terá proximamente mil trezentos e oitenta metros de profundidade, elevando-se depois o solo em declive regular até uma especie de esplanada, que, em termos de fortificação, chama-se terra-pleno, com grande inclinação para a praia, circumstancia que o expõe aos fogos dos navios que se acharem fundeados na enseada; não descobrimos parapeito, embora seja de presumir que haja uma barbeta; esforçámo-nos por descobrir peças de artilharia, mas foi debalde: no terra-pleno haviam cinco a seis casebres, dos quaes o maior, collocado no angulo saliente do forte, se tal nome lhe podemos dar, assemelha-se a um reducto, tendo uma de suas faces parallela á praia e outra ao barranco, onde fenece a esplanada; este estabelecimento parece mais um escondrijo de bandidos que um posto occupado por uma nação civilisada: supprimi os obstaculos naturaes de fazerem o accesso difficil, não descobrireis nenhum vestigio que indique um projecto de resistencia a um primeiro

ataque. Podemos assegurar, sem receio de enganar-nos, que não ha alli nenhuma embarcação, o que faz-nos crêr que os portuguezes estão a pouco tempo estabelecidos na ilha ou que são muito descuidados. O Sr. Vaujuas, que tambem desembarcou, avaliou em duzentos o numero dos individuos presentes; nós, que os contámos mais de uma vez, só achámos trinta e tres, dispersos pelas montanhas e pela praia, e trinta e seis que nos observavam da esplanada, o que nos fez acreditar que não excitavamos a curiosidade de todos os desterrados n'este rochedo. Como julgamos que o fundo da enseada era de pedra, talvez que seja difficil ás náos e fragatas fundearem n'ella para abrigarem o posto a render-se; assim, com o systema actual de defesa, seria preferivel fundear do lado SO. da ilha, onde se deve encontrar mais segurança no fundo, e onde se poderá facilmente contornar o posto, occupando o cume da montanha, que está a cavalleiro do terra-pleno. »

Resolvendo o governo de Portugal, que á vista das representações do vice-rei do Brasil, conde de Rezende, que a ilha da Trindade fosse abandonada, mandou em 6 de Fevereiro de 1797 retirar o destacamento e o armamento que alli se achava, o qual embarcando na fragata *Princeza da Beira* e em uma curveta, chegaram ao Rio de Janeiro em 11 de Outubro do mesmo anno.

Depois d'este successo ficou, como se devia esperar, a ilha da Trindade em completo abandono, quando aportaram a ella os naufragos do bergantim *La Jeune Sophie*, (9) que, fazendo-se de véla de um dos portos da França para a Ilha de França em 28 de Maio de 1817, commandado pelo capitão Deveaux, levando o conde de Amerval,

(9) Vide *Gazetas do Rio de Janeiro* de 10 e 13 de Setembro Setembro de 1817.

sua familia, onze passageiros mais e quatorze homens de guarnição, seguiu com feliz divertida viagem até o dia 6 de Agosto. Tendo-se acabado a provisão de aguardente, o commandante mandou buscar ao porão ; mas, apenas se abriu a escotilha, sahiu uma chamma amarellada e suffocante, que os marinheiros mal a poderam fechar ; comprehendendo o commandante que estava com fogo a bordo, e para atalhar o perigo, mandou, com toda a calma e sangue frio, calafetar todas as escotilhas com colxões dos passageiros e outros objectos que tinha á mão, e lançar por todos agua, para evitar os progressos do fogo, do qual se ignorava a causa e a natureza. Averiguado com mais attenção, conheceu-se, pelo cheiro, que era vitriolo ou agua-forte, que consumia a embarcação ; este caso assombrou ainda mais o commandante, que não se lembrava de ter visto semelhante artigo no seu livro de carga ; folheando-o com mais cuidado, conheceu que provinha de uma caixa com garrafas que continham vitriolo, que foi embarcada por um negociante, com o falso distico de — pharmacia preparada.—Apezar da quantidade de agua que se lançava na embarcação, o fogo, solapando, fazia grandes progressos ; o calor tornava-se insupportavel ; mal se podia pôr a mão no costado. Estava então o bergantim na latitude de 20° 25', e em 26° 50' de longitude O. de Paris. Aquelle infelizes vendo a morte certa, trataram de aportar á mais proxima terra, que era a ilha da Trindade ; depois de tres dias de fadigas continuas, alagando dia e noite o navio com agua, descobriram afinal a dita ilha, tão desejada. O conde de Amerval e o commandante, dotados de grande animo, que a desgraça não abate facilmente, preferindo antes arrostar uma morte infallivel do que se expôrem a morrer de fome ou a serem victimas das féras, resolveram os passageiros e a guarnição a seguir para o

Rio de Janeiro, e para este fim estavam já a quatorze leguas da ilha, quando o immediato do navio, pondo a mão sobre uma das cunhas das escoteiras grandes, sentia-a queimada e com uma bolha. Todos, atterrados com este successo, examinando com mais cuidado os progressos do fogo, conheceram que o fumo sahia com força por todas as fendas da embarcação ; e, vendo que a morte era inevitavel, pediram ao commandante que fosse para a ilha, o qual, sensivel ás justas reclamações dos seus companheiros da desgraça, facilmente renunciou o projecto de alcançar o Rio de Janeiro, e immediatamente governou para a ilha, que já havia perdido de vista. No dia 10 avistaram os seus medonhos rochedos, e ás 4 horas da tarde d'este dia chegaram a uma enseada por entre dois d'aquelles rochedos ; abertas então as escotilhas, a agua precipitou-se no convés da embarcação e apagou o incendio, empregando-se no dia seguinte aquelles infelizes em salvar os poucos viveres apenas alterados pelo fogo, desembarcando parte dos passageiros, mas na noite de 12 para 13, ventando do S. O., engrossou o mar, quebrando-se com tanta força no costado da embarcação, que se abriu pelo meio, e as ondas, em poucos instantes, levaram os seus fragmentos e tudo quanto ella continha ; os passageiros que estavam a bordo, tiveram apenas tempo de se lançarem na lancha e ganharem a praia com muito trabalho, depois de acossados pelas vagas entre os recifes, sendo necessario passar uma corda por debaixo dos braços d'elles para salval-os. Todos os passageiros assim que chegaram á praia, levantaram barracas encostadas as montanhas, que esbroavam de instante a instante, enchendo-os de terror. O conde de Amerval, desejoso de salvar as vidas de vinte e sete pessoas, que poderiam ficar abandonadas n'aquella ilha deserta, conferenciou no dia 18 com o commandante, e tentou fazer a viagem n'um escaler

até o Rio de Janeiro ; para isso o commandante fez apparelhar a sua lancha, e em companhia do conde e cinco marinheiros affoutos seguiu n'este mesmo dia de manhã, despedindo-se dos seus companheiros, e promettendo-lhes que voltariam para livral-os se a Providencia favorecesse a sua arriscada viagem. Com esta lisongeira esperança fazem á véla o seu fragil batel; durante tres dias a sua navegação foi muito feliz ; no terceiro encontraram uma embarcação ingleza, que seguia para a Ilha de França; abordaram-a para pedir viveres; o commandante ficou admiradissimo de encontrar semelhante embarcação no mar alto ; tomou-os por piratas, e só a muito custo conseguiram fazer-lhe saber o que lhes aconteceu, para que, commovido da sua desgraça, lhes déssem agua e biscoutos. Continuaram a navegar ; o tempo ficou máu, as ondas engrossaram, e estes infelizes, depois de treze dias de perigos, expostos a todo o momento serem tragados pelas ondas, e faltos já de mantimentos, chegaram milagrosamente ao Rio de Janeiro a 31 do mesmo mez de Agosto, gozando todos de boa saude. Desembarcaram na fortaleza de Santa Cruz, sendo perfeitamente acolhidos pelo bravo governador, que os convidou para jantar com elle. Assim que chegaram á cidade, dirigiram-se ao seu consul-geral o Sr. Maller, que se apressou em ser-lhes util, impetrando de S. M. Fidelissima, que condoído de semelhante desgraça, e animado da proverbial bondade e benevolencia com que costuma soccorrer os infelizes, deu as mais promptas ordens para que no dia 6 de Setembro a escuna de guerra *Maria Emilia*, commandada pelo 2° tenente Manoel Pedro de Carvalho, levando o referido commandante e marinheiros em demanda da ilha da Trindade, para soccorrer os infelizes que alli estavam e que sem este auxilio infallivelmente succumbiriam. Quando esta embarcação aportou, porém, á ilha, só encontrou pen-

durada a uma arvore uma garrafa, contendo um papel com a declaração — *que, tendo, se approximado da ilha um navio, os havia levado para a India, que era o seu destino*, persuadidos que os seus companheiros não voltassem com a lancha da *Jeune Sophie*.

Em 6 de Outubro de 1825 o Sr. Duperrey (10) descobriu as ilhas de Martin Vaz e da Trindade, situadas aquellas em 20° 27' 42" de latitude S., e 31° 12' 58" de longitude O. Paris ; e esta em 20° 30' 32" de latitude S., e 31° 57' de longitude O. Paris : as ilhas de Martin Vaz são rochedos escalvados ; a ilha da Trindade é elevada, que com tempo claro póde avistar-se na distancia de cincoenta e quatro milhas ; apresentando alguma vegetação do lado meridional, e algumas montanhas, das quaes uma que chamam *Monumento*, outra *Pão de Assucar*. A distancia entre ella e as ilhas de Martin Vaz é proximamente de vinte e sete milhas.

Esta ilha foi no mesmo anno visitada pelo Sr. capitão de mar e guerra Diogo Jorge de Brito (11), commandante da curveta *Itaparica*, e dos aspirantes á guarda-marinhas, entre os quaes se contavam os distinctos e prestimosos officiaes da armada os Srs. vice-almirante barão de Angra, almirante barão do Amazonas, e chefe de esquadra Raphael Mendes de Moraes Valle.

Segundo a *Carte de l'Ocean Atlantique meridionelle* (12) do Sr. Bernard, as ilhas de Martin Vaz estão no parallelo

(10) *Histoire universel des voyages effectués par mer et par terre dans les cinq parties du monde*, par Albert de Montémont, vol. XVIII, pag. 113.

(11) Não obstante as nossas diligencias, não nos foi possivel encontrar o *Relatorio* ou *Diario* d'este official, que tanto se distinguiu em diversas importantes commissões.

(12) Rubeque, *libraire hydrographique*. Paris, 1826.

de 20° 29' 42" meridional e o meridiano de 31° 12' 58" O. de Paris, e cruzam-se proximamente no centro da maior das tres que seguem em linha recta. A ilha da Trindade está entre os parallelos de 20° 29' 46,"6, e 20° 32' 26,"6 meridionaes, e os meridianos de 31° 42' 32" e 31° 39' 48" O. de Paris ; o parallelo de 20° 31' 23' S. e o meridiano de 31° 41' 18" O. de Paris cruzam-se no centro da ilha ; a variação da agulha era de 6° 50 6° 50' NO. Na mesma carta vem o plano d'esta ilha levantado pelo Sr. Gressien.

O Sr. Durmont Durville (13) visitou a ilha da Trindade em 31 de Junho de 1829, e diz o seguinte : « Distinguimos as ilhas de Martin Vaz, e a ilha da Trindade, que se dobram pelo S , contemplando a grande montanha de trezentos e sessenta e oito metros de altitude, inclinada, isolada e escalvada, que apparece ao S., á qual deram os inglezes o nome de *Pão de Assucar*, perto do qual estão os dois unicos portos da ilha, se comtudo assim se podem denominar ; perto d'ella ha uma montanha de fórma cylindrica, com duzentos e sessenta e quatro metros de altitude e vinte e seis a trinta e tres ditos de diametro, quasi que inteiramente destacada da massa da ilha, torre natural que parecè uma outra Babel. A ilha parece ser esteril, com excepção da enseada a SE., onde se distingue alguns arbustos muito enfesados nas quebradas das montanhas.

Em 1846, apenas sabemos que esta ilha da Trindade foi tambem reconhecida pelo Sr. capitão de fragata Manoel Maria de Bulhões Ribeiro, commandante da corveta *Sete de Abril*.

(13) *Hist. universel des voyages* etc., etc., par Albert de Montémont, vol. 18, pag. 213.

A ilha da Trindade (14), cento e setenta a cento e setenta e cinco leguas da costa do Brasil, é montanhosa ; tem uma enseada ao NO., com vinte braças fundo limpo ; alli ha rochedo alto e destacado em fórma pyramidal, que póde servir de reconhecimento ; entre elle e a terra não podem passar barcos.

Horsbourgh diz que esta ilha terá seis milhas em circumferencia ; estende SO. — NE. ; é alta e desigual ; póde ser avistada do convés de um grande navio na distancia de dezoito leguas ; é cheia de rochas, quasi esteril ; nas alturas da parte do S. ha arvoredo. Na parte de E. e SO. ha boa agua ; em dois regatos tambem ás vezes se encontra na rocha que fórma a ponta do SO. porém navio algum deve demandar esta ilha para se refazer, salvo á uma extrema necessidade, porque os regatos são muito pobres, e é natural que, faltando as chuvas, sèquem ; além d'isso a mesma ressaca obsta a que se possa fazer essa mesma aguada com facilidade, e por fóra o ancoradouro não é seguro, porque os ventos do O. e SO. são travessias, e sendo fortes é arriscado a ir á praia. Recommendo aos navios, que demandarem esta ilha, para fazer aguada, que fundêem em trinta braças e uma milha, em distancia da ponta de O. da ilha, afim de poderem mandar montar a terra em qualquer dos bordos se o vento soprar de O. ; d'este lado está o rochedo de oitocentos e cincoenta pés de alto, em fórma cylindrica, com arvores no cume. Ha tambem uma especie de arco natural em rocha escalvada e escabrosa com oitocentos pés de altura, tendo o arco quarenta pès de largo e cincoenta de altura, e comprimento ou profundidade quatrocentos e

(14) *Roteiro Geral*, parte 11ª, que comprehende as costas do Brasil do cabo do Norte até o Rio da Prata, etc., etc., por Antonio Lopes da Costa Almeida, 2ª edição, 1819. Lisboa.

vinte pés ; o mar alli rebenta pelo arco dentro com grande estrepito : ha mais de nove braças d'agua debaixo d'elle, como igualmente na bacia formada da sua parte de E. ; na ponta do SE. tambem ha uma rocha com figura conica, que terá mil cento e sessenta pés de alto, denominada Pão de Assucar, tambem coberta de arvoredos. Ainda que esta ilha esteja na zona dos ventos geraes de SE., comtudo os ventos juntos a ella variam, e ás vezes sopram de NE. e N., e outras vezes vêm aguaceiros e temporaes de SO.

As rochas de *Martim Vaz* (15) estão separadas da ilha da Trindade por um canal, que terá 8,5 leguas de largo ; ellas são alcantiladas e inaccessiveis ; a distancia entre as duas rochas mais afastadas anda por tres milhas ; são geralmente altas e estereis : a do centro é a maior, e póde-se avistar na distaneia de onze leguas ; ella está um pouco a E. das outras duas, que correm quasi N.—S. ; as rochas do N. e do centro estão muito proximas ; porém, entre estas e a do S. ha canal seguro, por onde em 1800 passou o navio *Cherstfiel'd*, tendo doze braças d'agua, e a rocha grande demorando uma milha ao ENE., vendo-se claramente até 1,5 braças junto á rocha grande.

O Sr. capitão de mar e guerra Arthur Silveira da Motta, commandante da corveta *Nictheroy*, diz no seu officio (16) : « No dia 31 de Janeiro de 1871 avistamos as ilhotas de Martim Vaz, na distancia de vinte a vinte e cinco milhas ao N. vinte NE. magnetico ; d'esta posição os tres ilhotes, que formam o grupo, apresentam o aspecto de um só ; são inaccessiveis e totalmente despidos de vegetação ; correm a EO. verdadeiro da ilha da Trindade, da qual distam

(15) Vide estampa no fim.

(16) Dirigido ao Sr. ministro da marinha em 14 de Fevereiro e 1871.

vinte e seis milhas ; o ilhote central está em 28° 54' 16" O. Greenwich. A ilha da Trindade tem perto de tres milhas em sua maior extensão NNO. ao SSE., e proximamente seis de circumferencia. E' toda montanhosa e cercada de rochedos ponteagudos nas bordas do mar, excepto do lado SE. onde ha uma pequena praia de areia muito branca, na unica enseada que tem a ilha.

« Antes, porém, de chegar á praia encontram-se muitas pedras, umas cobertas e outras á vista. N'esta parte da ilha fica o Pão de Assucar, rochedo pyramidal, de perto de mil e duzentos pés de altura, e muitissimo semelhante ao rochedo do mesmo nome da barra do Rio de Janeiro. Refere um navegante inglez que, em uma das vezes que passou pela ilha da Trindade, viu um jorro d'agua que emanava d'aquelle rochedo da altura de setecentos pés, formando uma cascata de um effeito magnifico. Provavelmente dá-se este phenomeno depois de chuvas fortes e duradouras. Por uma quebrada, que principia em uma pequena planicie, com apparencia de alguma fertilidade, no cimo da montanha, do lado do SE., corre um sulco irregular e pouco profundo, um filete d'agua que se lança no mar, um pouco ao N. da praia acima descripta ; o pequeno volume d'esta corrente faz suppor que ella não seja perenne. No extremo S. da ilha ha um immenso rochedo, de côr avermelhada, de mais de duzentos pés de altura, no qual o mar abriu um tunnel no sentido de NE. a SO., de mais de duzentos pés de extensão, por onde as vagas atravessam de um lado a outro, produzindo um grande estrepito. E' o unico ponto da ilha que lança para fóra um recife de duas amarras de comprimento. As faces são NE., N. e NO.; são alcantiladas e bordadas de coraes ponteagudos. O aspecto geral do lado do N. é o de uma montanha de rocha completamente arida. Ao O. levanta-se verticalmente á pe-

quena distancia do mar e destacado da montanha, lateralmente, um rochedo cylindrico, de oitocentos pés de altura (muito semelhante ao pico da ilha de Fernão de Noronha), ao qual alguns roteiros dão o nome de *Monumento*.

D'este lado pruma-se em cem bracas a 1,5 de distancia da terra; mais proxima d'ella 0,5 pruma-se em quarenta e trinta braços. E' este o unico ancoradouro em que podem estar navios; mas alli não se podem reputar em segurança, não só porque os ventos de O. e SO. são de travessia, como tambem pela qualidade do fundo, que é todo de rocha, tendo em suas cavidades alguma arêa, coraes, madreporas e vegetações sub-marinas. E com o Monumento ha uma ilhota, distante quarenta ou cincoenta braças de terra. Entre o Monumento e um outro pico que ha a SO. corre do alto da montanha principal um outro filete de agua, tambem escasso, e é esta a unica parte do terreno onde se vê arvoredo crescido nas quebradas dos pincaros mais elevados. O contorno do SO. fórma algumas reentrancias ou pequenas enseadas, em uma das quaes ha uma praiazinha de arêa vermelha, na qual se póde talvez desembarcar em balsa ou jangada em condições favoraveis; em escaler, n'este ponto da ilha, ha de ser em todas as circumstancias arriscado, em consequencia dos encobertos que ha pouco fóra da praia. O mar é limpo á meia milha de distancia ao redor da ilha. O que acabo de escrever é o que me foi possivel reconhecer em uma volta que fiz com o navio em redor da ilha, á meia milha afastado d'ella, e em um escaler que a contornou o mais proximo que era possivel de terra, sem ter podido encontrar um lugar de desembarque desde o N. até o S.; pelo lado do O., onde a a arrebentação era menor em consequencia de serem da parte opposta os ventos reinantes n'esta estação, ordenei a um official intrepido, e conhecedor do que é um desem-

barque em costas desabridas por ser filho do Ceará, o Sr. 1° tenente Quintiliano de Castro e Silva, que fez todos os esforços para saltar em terra, mas nada conseguiu, apezar de se ter arriscado bastante no escaler em que o mandei. O facto de não ter podido desembarcar alli depois de tantos dias de bonança, faz-me crêr, como affirmam quasi todos os roteiros, que o desembarque na Trindade é uma operação muito precaria, e que só se póde fazer em occasiões excepcionaes. Alguns navegantes, que têm desembarcado na ilha da Trindade em principios d'este seculo, deram noticia de terem alli encontrado cães, gatos e cabras, deixados pelos portuguezes quando abandonaram a ilha, depois de a terem occupado por algum tempo. Hoje, porém, supponho que não existirão alli mais animaes d'aquella especie, pois muitas vezes, em tão longo espaço de tempo, deve ter faltado agua em seus escassos mananciaes. A longitude do centro da ilha foi determinada em 29° 21' 16" O. Grenwich, e a variação da agulha 8° NO.

Finalmente, em 1873, esta ilha da Trindade foi tambem visitada pelo Sr. capitão de fragata João Antonio Alves Nogueira, commandante da corveta *Bahiana*, em viagem de instrucção, o qual, segundo as informações que nos foram obsequiosamente prestadas pelo Sr. capitão de mar e guerra barão de Teffé, diz:

« A ilha da Trindade está situada em 20° 31' de latitude S., e 29° 20' de longitude O. de Greenwich, dista da costa da provincia do Espirito Santo duzentas e trinta leguas: tem de circumferencia cinco milhas, e é quasi exclusivamente composta de penedos escarpados e despidos de vegetação pela parte do N.; entretanto é dotada de dois pequenos regatos de boa agua, um a E. e outro a SO., não podendo, porém, assegurar que sejam perennes taes fontes ou se extinguem em certas estações do anno. »

Terminaremos o que tinhamos de dizer sobre a ilha da Trindade com a noticia que se acha no tomo XV do excellente *Dictionnaire universel du XIX siècle*, de Mr. Pedro Larousse, ultimamente publicado :

« Trindade, ilha do Atlantico, a oitocentos kilometros da costa E. da provincia brasileira do Espirito Santo, a que está sujeita, perto da ilha de Martin Vaz : sua ponta SE. acha-se em 20° 30' 82" de latitude S., e 32° 40' 57" de longitude O. Paris. E' pequena, escarpada e possue boa agua ; mas tem apenas um máo porto : assim, está despovoada. »

III

CONTROVERSIA GEOGRAPHICA

Por largos annos persistiu entre os geographos e navegantes a crença de que existia uma ilha denominada da Ascensão ao O. da ilha da Trindade, chegando a marcal-a em suas cartas hydrographicas e roteiros ; assim fazem menção d'ella : Pimentel(17) assignal-a em 20° 30' de latitude S., e 331° 36' de longitude da ponta occidental da ilha do Ferro ; Bélin, na sua *Carte de l'ocean Atlantique*, que acompanha o primeiro tomo de *L'Histoire génerale des voyages*, por A. Prevost(18) ; Diogo Barbosa Machado, no seu grande e magnifico *Atlas* manuscripto, que contém as cartas do reino de Portugal e suas conquistas, que apresenta o plano da mesma ilha, que, por sua configuração, parece pertencer antes á outra ilha do mesmo nome, situada em 7° 57' de latitude S., e 16° 19' de longitude O. de Paris ; J. J. Paganino(19) diz que, segundo J. B.

(17) *Arte de Navegar*, pag. 497, um vol. in-folio. Lisboa, 1692.
(18) Publicada em Paris em 1766.
(19) *Roteiro da costa do Brasil*, 4ª parte. Lisboa, 1763.

D'Après de Mannevillete, o Sr. Dupensel, de la Haye, que commandava a fragata *La Renomée*, vinda da Ilha de França para o Rio de Janeiro em 1760, vira pedras ou ilhéos a E. 4ª NE. da ilha da Trindade, que avaliou distantes tres leguas, e que, passando ao N. d'ella a quatro dias, seguindo para O., reconheceu a ilha da Ascensão, distante cento e vinte leguas de Cabo Frio. Esta ilha é alta, e do lado do N. tem uma enseada (A), a que desce uma ribeira (B) de boa agua; junto a esta enseada está um buraco grande (C), como uma lapa, por onde entra a agua do mar; esta lapa fica quasi ao pé de uma montanha elevadissima, da feição de um um pão de assucar, quasi correspondbnte ao meio da ilha; a léste apparece outra montanha, não tão alta e quasi que da mesma feição, e ambas são conhecidas por mais altas que as outras que tem a ilha; do lado do occidente tem cinco farilhões: o mais afastado é o mais alto. Quem der fé da ilha ha de parecer-lhe com um navio á vela: esta ilha é tambem deserta como a da Trindade; tem fruta de espinho, e muitos passaros do tamanho de gallinhas com crista de gallo, e o mar ao redor è muito piscoso. Na *Chart of the banks of S. Roque to the island of S. Anne*(20) vem tambem a mesma ilha; Alexandre Dalrymple(21) apresenta na *Collection of voyages in the Atlantique soutern ocean* os perfis das ilhas da Trindade e da Ascensão, segundo Edmond Halley, que provam com toda a evidencia que não ha identidade entre ellas; na carta hydrographica, que acompanha a viagem do Sr. Laperouse vem a ilha da Ascensão situada, segundo o Sr. D'Après, em 20° 30' de latitude S., e 38° de longitude O. de Paris; em 1784 foi mandado pelo vice-rei do Brasil um official da armada averiguar da existencia da dita ilha,

(20) Publicada em Londres em 1774.
(21) Publicada em Londres em 1775.

percorrendo todas as posições que lhe foram assignadas, o qual, não tendo-a encontrado, propôz que fosse eliminada das cartas hydrographicas, afim de não eternisar um antigo erro geographico, ao que se oppôz o Sr. D'Aprés por julgar semelhante eliminação perigosa aos progressos da navegação e funesta aos navegantes, sob pretexto de uma vã indagação, embora a sua posição seja duvidosa, attendendo-se aos poucos meios que haviam para collocal-a com exactidão nas referidas cartas quando se descobriram. E tanto mais quando mostrou a existencia da mesma ilha. O Sr. de Laperouse em 20 de Outubro do mesmo anno, em cumprimento das suas instrucções, foi certificar-se da existencia da ilha da Ascensão, que o Sr. D'Aprés colloca a cem leguas ao O. da ilha da Trindade e 15' mais ao S.; deixando, pois, esta ilha navegou para o occidente em direcção áquella ilha até o dia 24 do referido mez, á tarde; abandonando esta indagação, depois de ter caminhado cento e quinze leguas, com tempo claro, para que podesse enxergar á distancia de dez leguas em redor, seguindo sempre pelo parallelo de 20° 32', podendo, pois asseverar que até ao 7° ao O. da ilha da Trindade, e entre os parallelos de 20° 10' 15", não existe semelhante ilha. O Sr. Milet de Mureau, porém, não se conformando com este parecer, allega que, segundo o testemunho authentico, referido pelo mesmo Sr. D'Aprés(22), accresce que o Sr. Lepine, tocando na ilha da Trindade, na ilha da Ascensão, fixou a latitude da primeira um 20° 22', e da segunda em 20° 38', e suppôz esta a cento e vinte leguas da costa do Brasil; na *Taboa das latitudes e longitudes dos lugares maritimos da terra*(23) acha-se a ilha da Ascensão em 20° 39' de latitude

(22) *Discurso do Neptuno oriental*, pag. 10. Paris. 1775.
(23) Lisboa, 1797.

S., e 334° 30' de longitude occidental da ilha de Ferro; na carta reduzida da costa do Brasil, feita em 1798 por Basilio Ferreira de Carvalho, vem a ilha da Ascensão. Comtudo o Sr. José Fernandes Portugal, na sua carta reduzida da parte meridional do oceano Atlantico, desde o equador até 38° 20' de latitude, dedicada a S. M. F. o principe regente nosso senhor, em 1802, deixou de contemplar a ilha da Ascensão (24).

Lê-se no *Roteiro Geral* do Sr. Antonio Lopes da Costa Almeida, á pag. 70:

« Existe a ilha da Ascensão quasi na latitude da ilha da Trindade, cousa de cem leguas a O. d'ella, e cento e vinte (segundo Pimentel) da costa do Brasil; dizem ser descoberta por João da Nora em 1501: é muito alta, e da parte do N. tem uma enseada, onde desagua uma ribeira de agua doce; proximo a esta enseada está uma lapa, onde entra o mar, que fica junto a um elevado monte, com a figura de pão de assucar, e que corresponde quasi ao meio da ilha; da parte de E. apparece outro monte, não tão alto, porém com o mesmo contorno; da parte de O. ha cinco farilhões: o quinto é o mais elevado; até aqui temos quanto indica Pimentel, porém os navegantes modernos e Horsburgh dizem que ella tem sido de proposito procurada pelos navios portuguezes, inglezes e francezes, sem que se tenha descoberto o menor indicio d'ella; e, portanto, é provavel que não exista, ou antes que seja a mesma ilha da Trindade. »

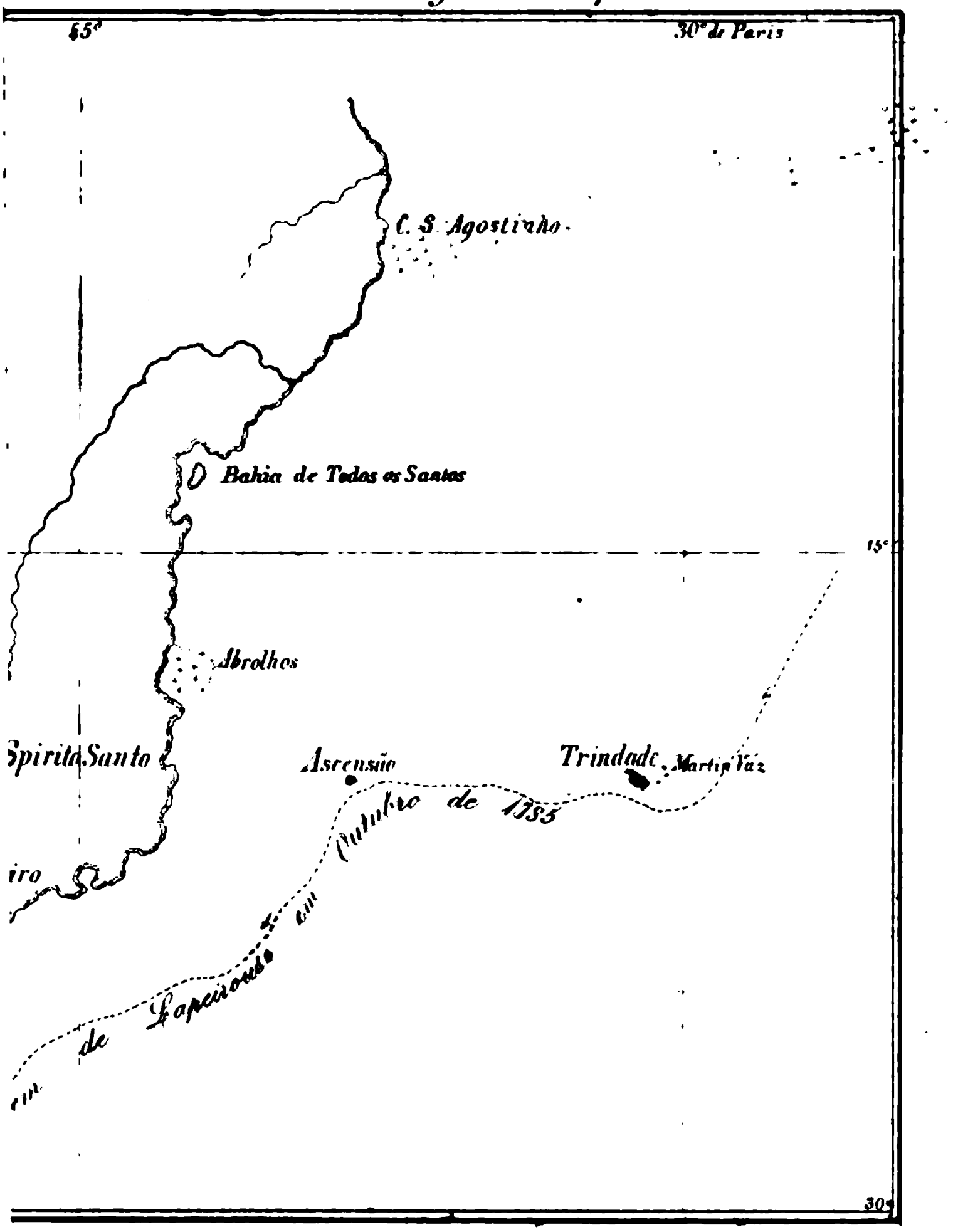
Finalmente, Duperrey, em 6 de Outubro de 1825, depois de tratar das ilhas da Trindade e de Martin Vaz, accrescenta: « Suppunha-se que n'estas paragens havia uma outra ilha com o nome de Ascensão, porém reconheceu-se depois que esta ilha e a da Trindade são uma e a mesmailha. »

FINIS

(24) Foi lithographada e acha-se á venda no archivo militar.

STANFORD LIBRARY

ra extrahida do atlas da viagem de Lapérouse em 1785 á 1788.



O SUL

LESTE

STINHO JOSÉ MARQUES ROSA *2º Tenente do Regimento de Artilheria*
DE MELLO BRAYNER *Commandante da Expedição*

NOTAS

PARA A

HISTORIA PATRIA

TERCEIRO ARTIGO (*)

João Ramalho, o bacharel de Cananéa, precedeu Colombo na descoberta da America?

(Memoria lida pelo socio Candido Mendes de Almeida na sessão do Instituto Historico a 4 de Agosto de 1876.)

I

Antes de proclamada a maioridade do principe eminente que honra o solio brasileiro, quasi dois annos, um notavel acontecimento, largo em esperanças, realizou-se n'esta côrte á 18 de Agosto de 1838.

Das entranhas da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional surgiu a associação de que hoje somos membros, a qual tantos serviços já tem prestado á historia, á geographia e ethnographia patrias.

Dois brasileiros de elevado merecimento, cheios de sciencia e do mais elevado patriotismo, Raymundo José da Cunha Mattos e Januario da Cunha Barbosa, conceberam esse magnifico pensamento, e tiveram a fortuna de leval-o a effeito com estranha celeridade; graças ao perseverante, valioso e nunca desmentido patrocinio do augusto

(*) Vide o segundo artigo na *Revista* deste anno, á pags. 163.

protector, que desde o seu nascedouro tomou para si a nossa associação.

Em 21 de Outubro de 1838 o Instituto Historico e Geographico Brasileiro estava installado no mesmo salão onde fôra concebido o plano.

Começou, portanto, a nossa associação a prestar serviços, com particularidade ás sciencias a que se dedicára; serviços que teriam outro alcance se, em todos os seus membros de então até hoje approvados, correspondesse zelo igual aos desejos que mostram por partilhar nossos trabalhos.

Esses serviços, com quanto modestos, em relação ao alvo que procuramos attingir, estão revelados em nossa *Revista*, procurada com anciedade pelas associações dos dois mundos, que cultivam as mesmas plantas.

No terceiro anno da existencia do nosso Instituto, a sua *Revista* attrahiu desde logo as vistas do mundo scientifico pela publicação de uma memoria até então inedita, escripta no seculo passado por um litterato que gozava de grandes creditos pelo seu saber, e pela respeitabilidade do seu caracter.

Elle pertencia á uma corporação religiosa de nossa igreja, que, em assumptos como o que se havia tratado na memoria indicada, conquistára merecida reputação de probidade litteraria, e de veracidade nos factos que exhibira em suas producções.

A verdade não soffria ultrage, e se por qualquer circumstancia era vulnerada sempre a boa fé ficava a salvo.

Portanto foi um verdadeiro acontecimento a publicação em nossa *Revista* da memoria inedita do venerado autor da chronica da outr'ora capitania de S. Vicente, por elle intitulada *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente.*

Essa memoria terminada em 1784, fôra até 1841 guardada com extremo zelo no mosteiro da ordem benedictina de S. Paulo, de onde conseguiu extrahir uma copia o nosso finado consocio Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, que offertou-a ao nosso Instituto.

Esse mimo foi recebido com geral satisfação. O Instituto ia tirar do olvido o trabalho de um brasileiro de merecimento, de nomeada bem assentada entre os que conhecem e cultivam nossa historia e nossa litteratura; e conseguia pelas revelações d'esse documento chamar sobre o nosso paiz, a benevola attenção dos cultores das sciencias historico-geographicas de ambos os mundos.

Por essa memoria provava-se á luz da verdade e de sérias investigações que Colombo, o feliz e denodado piloto genovez, descobridor do novo mundo, achava no portuguez João Ramalho, lançado ás praias de Santos por infortunio nautico, um predecessor.

Dois annos antes de aportar Colombo em Guanahani, já Ramalho em 1490 respirava as auras beneficas e perfumadas do paiz de Morpion, e consorciava-se com uma joven *Guayanaz*, a princeza *Bartira*, filha do senhor da terra o famoso *Tebyreçá*(1).

Para que se faça idéa da estupenda revelação convem que tenhamos presentes as proprias palavras do celebrado benedictino Fr. Gaspar da Madre de Deus, no seculo Gaspar Teixeira de Azevedo, nascido em Santos(2), e que recebêra no mosteiro da Bahia a illustre cogula do seu santo patriarcha, como diz Pedro Taques na *Nobiliarchia Paulistana*, aos 15 de Agosto de 1732.

Eis a inscripção ou ementa da memoria :

(1) Pedro Taques escreve *Tevireçá*.

(2) O nosso illustrado consocio Dr. Joaquim Manoel de Macedo no seu *Anno Biographico* o faz nascido em 1714.

Noticia dos annos em que se descobriu o Brasil, e das entradas das religiões e suas fundações, etc.

« Ordenam-me que diga os annos em que se descobriram as Americas e o Brasil; outrosim, que noticie quantas religiões existem n'este Principado, e as épocas das suas entradas, e fundações: como sou obrigado, direi o que souber.

« Uma tempestade horrorosa, que constituiu Affonso Sanches na precisão de discorrer por mares nunca d'antes navegados até certa altura, d'onde avistou certa terra desconhecida, á qual não pôde arribar, como desejava, por se mudarem os ventos para rumos contrarios ao seu designio, occasionou a este piloto andaluz, como dissemos, ou portuguez, como querem outros(3), a ventura de noticiar no mundo antigo a existencia do novo.

« Instruido por elle Christovão Colon, outro piloto genovez, morador na ilha da Madeira, aonde hospedára ao primeiro, que morreu na sua casa, depois de alli chegar enfermo e derrotado, guiando-se tambem por uma carta, em que o defunto havia arrumado a terra incognita, fez-se memoravel este heróe com o descobrimento da America, valorosa e felizmente executado por elle no anno de 1492. »

Por estes primeiros periodos vê-se a curteza dos estu-

(3) Vide Simão de Vasconcellos, *Noticias*, liv. I, n. 2, citando Fr. Antonio da Purificação na primeira parte das *Chronicas de Santo Agostinho*, em Portugal, no prologo cap. 3.°

Todas as declarações á respeito d'este facto nos antigos escriptores estão colligidas no interessante opusculo publicado em francez pelo Sr. Luciano Cordeiro, intitulado: *De la part prise par les Portugais dans la découverte de l'Amérique*. Lisboa 1876.

Está redigido em fórma de carta endereçada ao Congresso internacional dos Americanistas.

dos d'este benedictino n'estes assumptos. Elle não conhecia senão as obras do padre Simão de Vasconcellos, as *Noticias* e a *Chronica*, do contrario, mesmo com o que se havia publicado até ao seculo passado sobre Colombo, poderia organisar melhor trabalho.

Continuemos.

« D'aqui veiu crêr-se, como artigo de fé historica, que Colon e seus companheiros foram os primeiros europeus que entraram na America; *o contrario porém se infere do testamento de João Ramalho*, um portuguez natural de Broucela, na provincia da Beira, a quem o illustre Martim Affonso de Sousa, conquistador e primeiro donatario da *capitania de S. Vicente*, hoje chamada *de S. Paulo*, deveu a facilidade com que fez o seu estabelecimento n'esta provincia, sendo n'ella recebido amigavelmente pelo senhor da terra *Tibereçá*, regulo *Guayanaz*, e senhor das aldêas de Piratininga; o qual por respeito de João Ramalho, seu genro, mandou á Bertioga trezentos indios armados, e na terra d'elles ao dito Ramalho para defenderem aos brancos, que haviam entrado pela dita barra da Bertioga, e estavam construindo um forte de madeira no lugar, onde hoje existe a armação das balêas, para n'elle se defenderem, o qual soccorro pedira João Ramalho; por saber que os maioraes de algumas aldêas se armavam para disputarem o nosso estabelecimento.

« Com effeito, vieram os caciques de Itú, e outros mais vizinhos com seus guerreiros todos resolvidos a darem o condigno castigo aos hospedes que reputavam usurpadores das suas terras; chegando porém mais tarde do que a gente de *Tibereçá*, vendo que este protegia aos brancos, e conhecendo que eram nacionaes de Ramalho, seguiram o exemplo do regulo mais poderoso, e todo o bellico apparato se trocou em festas e congratulações amigaveis. »

N'estes dois trechos não ha senão um tropel de fabulas creadas por sua imaginação ou aceitas em primeira mão de Pedro Taques, e por Fr. Gaspar accrescentadas e embellezadas. A base foi a *Chronica* do padre Simão de Vasconcellos que prestou o pessoal para a organisação e dramatisamento do quadro já traçado; e com tudo eram estes dois escriptores acerrimos adversarios dos jesuitas.

Já na *Memoria* sobre o bacharel de Cananéa, alguma cousa dissemos sobre o assumpto, manifestando a deficiencia desses chronistas quanto á geographia de Portugal, de que *Broucela*, a inculcada patria de João Ramalho, é claro indicio; e a pouca lealdade com que um descreve a pretendida recepção de João Ramalho feita a Martim Affonso, tendo a seu lado o sogro *Tebyreçá* com os seus *Guayanazes*.

Será assumpto de outra nota o casamento d'esse portuguez com a princeza *Bartira*, filha do senhor da terra, o *moroubixaba Tebyreçá*, e baptisada com o nome de *Isabel*.

A ignorancia da verdadeira historia de sua terra fez com que este religioso e Pedro Taques creassem uma lenda, para que a do Caramurú não fosse unica; e assim se tem deturpado nossa historia n'esta parte do Brasil, que aliás é tão rica de factos verdadeiros de subida importancia, e de muita gloria para nossa patria. Falta sómente quem os estude e os coordene, consignando-os depois na téla do historiador.

Talvez que ainda esta gloria esteja reservada ao illustre paulista, nosso consocio, o Sr. visconde de Porto Seguro, que tantos serviços ha prestado á elucidação da historia patria.

Notemos esta proposição do chronista benedictino:

« O contrario, porém, se infere do testamento de João Ramalho. »

Vejamos as provas:

« Eu tenho *uma copia* do testamento original de João Ramalho, escripto nas notas da villa de S. Paulo pelo tabellião Lourenço Vaz, aos 3 de Maio de 1580.

« A' factura do dito testamento, além do referido tabellião, assistiram o juiz ordinario Pedro Dias e quatro testemunhas, os quaes *todos* ouviram as disposições do testador.

« Elle duas vezes repetiu que tinha alguns noventa annos de assistencia n'esta terra, sem que algum dos circumstantes lhe advertisse que se enganava, o que certamente fariam se o velho por caduço errasse a conta; porque bem sabiam todos que em 1580 ainda não chegava a cincoenta annos a assistencia dos portuguezes na capitania de S. Vicente, aonde entrára Martim Affonso de Sousa com sua armada em dia de S. Vicente, 22 de Janeiro de 1532 ; e este facto tão notavel não podia ignorar morador algum de S. Paulo, por ainda existirem n'esse tempo alguns povoadores, que vieram na armada *com suas mulheres* e seus filhos. Eu podéra numerar alguns dos primeiros que viviam, e fizeram testamento no anno de 1601.

« Se, pois, na éra de 1580 contava João Ramalho alguns noventa annos de residencia no Brasil, segue-se que aqui entrou em 1490, pouco mais ou menos ; e como a America pela parte do norte foi descoberta em 1492, resulta que no Brasil assistiram portuguezes *oito annos* pouco mais ou menos, antes de se saber na Europa que existia o mundo novo: digo portuguezes no plural, porque das *Memorias do padre Jorge Moreira*, escriptas no meio do seculo passado, consta, que com João Ramalho veiu Antonio Rodrigues, o qual, diz o autor, casára com uma filha de Piquirobi, cacique da aldêa de Hururay. »

Continuando accrescenta:

« O dito João Ramalho e seus companheiros só podiam vir em alguma embarcação, que fizesse viagem para a Asia,

ou Ethiopia, e désse á costa na praia de Santos, entrando no numero de varias, que desappareceram, sem nunca se saber no reino que fim levaram.

« A assistencia de João Ramalho no Brasil, antes de chegarem a S. Vicente os primeiros povoadores, deve ser inculcada em uma dissertação que a persuada. Eu a faria se houvéra tempo para isso. »

A principal prova do asserto da vinda de João Ramalho ao Brasil é o seu testamento em 3 de Maio de 1580, data que, como em outra nota já observámos, envolve duas épocas notaveis, o descobrimento do Brasil e o anno em que, se diz, aportaràm na Bahia os religiosos benedictinos.

Para assegural-a o escriptor figura um testamento publico lavrado em presença do juiz e tabellião nominalmente indicados, quatro testemunhas, que sendo da época do estabelecimento da colonia em 1532, deviam pelo menos ter sessenta e oito a setenta annos, e João Ramalho provavelmente cento e dez annos! Se fossem de época anterior a 1532 a idade devia ainda mais alçar, e excepto Antonio Rodrigues, outra personagem da *Chronica* de Vasconcellos, que se dá como companheiro de Ramalho, nenhum poderia testemunhar *de visu* sua estada em S. Vicente em 1490, isto é, dois annos antes de Colombo haver aportado á Guanahani. Todos, se o facto fosse certo, deporiam por outiva, por ouvir dizer ao mesmo Ramalho, ou a outros interessados de sua descendencia, se de tal cousa algum dia curaram.

O declarar perante testemunhas em testamento aberto que desembarcou em tal época no Brasil nem por isto se prova a veracidade da asserção; tem-se em consideração, é certo, a declaração attendendo-se ao caracter e posição do individuo, e á gravidade das circumstancias em que foi feita.

Não vale a pena apreciar-se o valor juridico de semelhante testamento mesmo á luz da Ordenação Manuelina tit. 76 no paragrapho inicial; pois, pelo simples enunciado, vê-se que não estava em condições legaes, e era dispensavel para o acto a presença do juiz, salvo se comparecia como simples testemunha, o que se não diz. Mas o proposito era tornar mais solemne o acto, para que podesse valer no futuro uma tal declaração, cuja importancia ninguem em S. Paulo podia então cogitar. Provava-se demais o empenho.

Prescinda-se, não obstante, d'estas circumstancias, e examinemos o valor do facto em si.

Como veiu parar João Ramalho á Santos? E' sómente admissivel, em vista do que se allega, uma hypothese, o *naufragio*. Alguma caravela portugueza desvairada pelos ventos e correntes podia, como a frota de Cabral, ir despedaçar-se no littoral de Morpion *(Uirapuam ?)* como chamavam os *Tamoyos*, não só a ilha de S. Vicente, mas tambem o territorio occupado e fortificado pelos portuguezes, assignalado por essa pequena ilha de passaros (*guarás*) nas vizinhanças da Bertioga (4), salvando-se o naufrago por esse rio, ou pela barra grande até Santos.

A asserção é facil de arriscar, mas não de provar. A probabilidade d'esse successo é mui remota, e basta attender-se para a direcção das correntes do Atlantico em nossa costa, a latitude do S. Vicente ou de Cananéa, e os pontos do littoral africano occupados pelos portuguezes, exclusive a parte da exploração de Bartholomeu Dias em que não houve perda de navio algum.

A navegação que os portuguezes faziam nas aguas

(4) Hans Staden no cap. 36, na segunda parte de sua obra chama ao *guará* não *uira piran* como Abbeville, mas *uwara pirange*.

d'aquelle littoral não se alargava muito a oeste, e remoto oeste, como se acha o nosso territorio. A feliz descoberta e quasi inesperada de Bartholomeu Dias, seguida da não menos feliz de Vasco da Gama deu largas á navegação, apartando-a mais da linha de léste. Antes d'essa época não havia motivo seductor que desviasse os navegantes portuguezes d'aquella linha para oeste.

A experiencia de Bartholomeu Dias terminára em 1487, e a de Vasco da Gama ia começar em 1497, dez annos depois, quando Colombo já havia feito (1492) a descoberta da America, e, n'aquelle decennio, não consta que navio algum portuguez houvesse soffrido desastre a ponto de ser arrastado á tão remotas distancias. Mas, com quanto a aventura não seja provavel, é possivel, tudo permittindo arriscar os azares das viagens maritimas.

Feitas estas considerações ouçamos o nosso autor.

« João Ramalho e seus companheiros (*sic*), diz o autor da *Noticia*, só podiam vir em alguma embarcação que fizesse viagem para a Asia, ou Ethiopia. »

Esta simples proposição revela só por si que quem a exhibira não conhecia a historia de taes navegações n'aquella época. Vasco da Gama foi quem primeiro realizou a navegação em toda a linha da Africa occidental, grande parte da sul-oriental até a Asia; mas depois de executado o grande commettimento de Colombo em 1492. Como, pois, pensar em navegação para a Asia, ou mesmo para a Africa oriental por particulares sem auxilio do governo em 1490?

Para a Ethiopia, ainda menos, se por tal denominação quiz o autor indicar a Abyssinia actual, outr'ora Ethiopia. Sómente Diogo Dias, irmão de Bartholomeu Dias, e um dos capitães da frota de Cabral, conseguiu arribar bem perto d'esse paiz, em Barbara (*Berbera*), no anno de 1500.

Mas, se por Ethiopia quiz Fr. Gaspar referir-se á Africa occidental, descoberta pelos portuguezes, a resposta já foi, ha pouco prevenida. Por outro lado para alcançar-se em tal desvairamento, por arrojo de tempestade, o parallelo de S. Vicente, em 1490, seria mister circumstancia em extremo extraordinaria, attenta a situação dos paizes descobertos pelos portuguezes na costa da Guiné; e mesmo do litoral do Congo, ainda pouco conhecido da marinha privada.

Não obstante aceite-se a possibilidade do acontecimento, e apreciemos por outra face esta questão.

O nosso illustre consocio, o Sr. Norberto, na sua douta e importantissima memoria sobre a descoberta de Cabral (*Revista do Instituto* tomo 15, pag. 135 e 136) não quiz contestar o facto da prioridade de João Ramalho sobre Colombo, contentou-se com mostrar que todo o merecimento d'esse facto resultou da descoberta de Cabral. Todavia, sua fé não se mostra robusta e allude a engano na conta dos annos por um analphabeto embrutecido na convivencia com os selvagens por mais de quarenta annos, supposto o desembarque na praia de *Embaré*, ou em Santos, em 1490.

Machado de Oliveira, comprovinciano de Fr. Gaspar, no seu *Quadro historico da provincia de S. Paulo*, vai mais longe, e assim exprime-se:

« .... não podendo-se tomar senão como um effeito de alienação mental a declaração em seu testamento feito em 1580, segundo refere o chronista da capitania de S. Vicente, de residir no Brasil havia noventa annos, porque seria mister que á sua chegada ahi precedesse ao descobrimento do novo mundo por Colombo em 1492. »

Machado de Oliveira condemna João Ramalho por mentecapto pela gloria que lhe querem attribuir, para poder salvar a boa fé do chronista benedictino, infelizmente

muito compromettida. em mais de uma circumstancia n'esta narrativa.

Assim diz Fr. Gaspar: « e este facto tão notavel *não podia ignorar* morador algum de S. Paulo, por ainda existirem n'esse tempo alguns povoadores, que vieram na na armada (de Martim Affonso) *com suas mulheres* e seus filhos. »

O que vale em si esta asserção ha pouco o declaramos, e não voltaremos á novas considerações, mas para aquilatar o valor moral das allegações d'este escriptor contraporemos aqui o que sustentou em suas *Memorias*, em relação ás mulheres e filhos dos povoadores que vieram com Martim Affonso na armada. Eis suas palavras:

« 62. A nobreza com que Martim Affonso povoou S. Vicente, foi mais numerosa e mais distincta, do que suppõem até os mesmos que d'ella descendem. »

Comprova isto com a *Nobiliarchia Paulistana* de Pedro Taques, fallecido em Janeiro de 1777, e accrescenta o seguinte contestando a Jaboatão, chronista nas mesmas condições:

« 63 ..... Pelo que respeita á conducção de casaes (*na armada de Martim Affonso*), não posso concordar com o padre Jaboatão: o contrario, do que elle diz, infere-se da sesmaria das terras de *Iriripiranga*, concedidas pelo capitão-mór Gonçalo Monteiro ao meirinho de S. Vicente, João Gonçalves, em 4 de Abril de 1538. Entre varios titulos da sua fazenda em Sant'Anna, conservava minha mãi, D. Anna de Siqueira e Mendonça, uma escriptura de troca que o dito João Gonçalves fez com Antonio do Valle em S. Vicente aos 3 de Junho de 1538, e n'ella vem copiada a sesmaria, na qual diz o capitão-mór:

« Por João Gonçalves, meirinho em esta villa de « S. Vicente, me foi feita petição, que lhe désse um pedaço

« de terra nas terras de Iriripiranga, para fazer fazenda « como os outros moradores, visto como era casado com « mulher e filhos em a dita terra, passa de um anno, e é o « *primeiro* homem que á dita capitania *veiu com mulher*, « casado, só com determinação de povoar, etc. »

« Se Martim Affonso trouxéra casaos na sua armada, não allegaria João Gonçalves como serviço especial, ter elle sido o *primeiro* que veiu casado, e *com mulher;* quando muito diria que foi dos primeiros ; menos faria semelhante allegação a Gonçalo Monteiro, o qual era um sacerdote(5) que acompanhou ao primeiro donatario, e ficou parochiando a igreja de S. Vicente, e por isso muito bem saberia que o meirinho não fôra o primeiro, se, na mesma occasião e armada, tiveram mais alguns conduzido suas mulheres. »

E accrescenta no outro paragrapho :

« Ora não é verosimil que viessem casaes na primeira esquadra: como n'esse tempo não havia colonia alguma regular de portuguezes no Brasil, ninguem quereria embarcar sua familia para região tão distante, e tão pouco conhecida, sem primeiro se vêr o successo de Martim Affonso. A primeira mulher branca que passou á *Nova Lusitania*, foi a de João Gonçalves, mas parece que

(5) Gonçalo Monteiro ficou como *vigario* na colonia estabelecida por Martim Affonso, isto é, como fazendo as vezes do donatario emquanto voltava a Portugal, mas não ha certeza de que fosse sacerdote, cura ou parocho da colonia.

Denominar-se o cura, *vigario*, é expressão sómente usada no nosso paiz e talvez em outros do dominio portuguez, que dependiam da Ordem de Christo, que tinha um cura em Thomar, e todos os mais parochos eram considerados *vigarios*, d'aquelle cura.

D'ahi o habito de chamar-se ao cura, impropriamente *vigario*, o que hoje nos parece tão natural.

nem esta se embarcou na esquadra do dito Martim Affonso(6). »

No § 64 declara que vieram posteriormente casaes do reino e das ilhas da Madeira e dos Açores, conforme o registro das sesmarias; mas não é isto muito natural, em vista do que occorria em outras capitanias, em semelhante época. E quando viessem algumas mulheres o numero seria mui reduzido, *maxime* apreciando mais os colonos a franca libertinagem que lavrava na terra, e havendo já abundancia de mistiças (*mamelucas*) com melhor trato que as indigenas.

Era mui difficil, n'aquella época, o transporte de mulheres, pelo oceano, por muitas e differentes circumstancias faceis de apreciar.

Pela confrontação das duas citações do proprio punho de Fr. Gaspar é muito custoso prestar fé a um chronista em proposições de caracter tão pouco commum.

A ultima asserção parece-nos uma *fiche de consolation* para os descendentes d'esses mistiços, e que já no ultimo seculo pretendiam ser oriundos de puro sangue se não saxonio, ao menos celta, por se acharem mais alvos do que seus antepassados pelos repetidos consorcios com os naturaes da metropole por espaço de mais de dois seculos.

Em verdade Fr. Gaspar não apresenta um documento sequer de sua ultima proposição, quanto á casaes das ilhas, o que lhe seria muito facil se houvesse, e aliás tem contra si o testemunho de Pedro Taques na *Nobiliarchia Paulistana*, onde quasi todas as familias das capitanias de Martim Affonso e de Pedro Lopes de Sousa, começam por con-

(6) Como podia isto acontecer se João Gonçalves veiu para S. Vicente em 1537, e talvez depois da assaltada dos castelhanos de Iguape, cinco annos posteriormente á fundação da colonia lusitana?

ɛorcios de portuguezes com indigenas, está entendido, filhas ou netas de *moroubixabas* ou *mamelucas*, filhas ou netas de João Ramalho, de seus genros e companheiros.

Simão de Vasconcellos jámais cita o nome de uma portugueza ; as mulheres dos colonos e cathecumenos que assistiram na pequena igreja dos jesuitas ao cerco de S. Paulo em 15 de Julho de 1562, e as que tantas vezes foram raptadas pelos *Tamoyos*, eram ou indigenas ou *mamelucas*, a saber mistiças.

Schmidel não encontrou na sua passagem em 1553 uma só mulher branca em S. André e nem em S. Vicente ; e Hans Staden, em sua tão curiosa viagem e peregrinação por S. Vicente e Rio de Janeiro, tambem nenhuma assignala, pois faria especie a presença de qualquer uma em taes lugares.

As ilhas Açoritas, que Fr. Gaspar aponta, colonisadas, havia menos de um seculo, ainda não se achavam bem povoadas nos principios do seculo XVI, como já estavam no seguinte, o XVII, para poderem fornecer colonos para as novas descobertas da America, tão remotas da mãi patria. A propria metropole não tinha bastante população para mandar soldados para as conquistas da Africa e da India, e habitantes fieis para povoar os pontos que desejavam conservar como Gôa, Cananôr, Cochim, Málaca e Ormuz.

O expediente de ligar a raça indigena com os invasores por meio de casamentos, era, além de economico, benefico, por motivos faceis de comprehender. Creou-se uma população mixta amada dos invasores e da raça aborigene, o que facilitou a Portugal a conquista de tão vasto territorio.

Sem os heroicos *mamelucos*, que em todos os pontos do Brasil se assignalaram, fallando a lingua de suas mãis, com os costumes de seus tios e a cultura de seus pais, jámais os portuguezes, pobres de população, poderiam realizar o que fizeram, e hoje se chama o vasto Imperio do Brasil.

II

Mas, antes de darmos a prova completa da these que sustentamos de modo a não deixar em pé a menor parede do edificio levantado por Fr. Gaspar, permitta o Instituto que arrisquemos mais algumas considerações sobre o povoamento do nosso paiz no começo das colonias. E' uma questão ethnographica que não deixa de ter seu merecimento.

Os portuguezes povoaram o Brasil como os hespanhoes e francezes as suas colonias. Póde-se dizer que n'este ponto procediam como os gregos no littoral da Asia Menor, mas sem os morticinios e os rigores d'aquellas éras. Demais os portuguezes no tempo de Albuquerque, por um rasgo de alta politica, já tinham dado o exemplo em Gôa.

Sabe-se, pelo testemunho de Herodoto, de que fórma os *Ionios* partindo de Athenas e atravessando o archipelago se estabeleceram em Miléto, occupada pelos Carios. Exterminaram toda a população masculina, desposando a feminina.

Esta por largo tempo, em odio a seus dominadores, manteve a sua linguagem differente da de seus maridos.

Facto da mesma especie encontraram os hespanhoes entre os *Caraibas*, como se vê em Laffitau. Mas estes barbaros eram talvez mais desculpaveis que os *Ionios*, que haviam, *sponte*, deixado em Athenas as suas esposas; e os *Caraibas*, do ponto d'onde emigraram, provavelmente, não poderam conduzir as suas. Vencendo seus adversarios, e exterminando-os, pouparam a seu beneficio as mulheres.

Na segunda viagem de Colombo á Hispaniola, quando já se tratava de colonisar não levaram os hespanhoes uma mulher. No desembarque, grande foi o terror dos indigenas,

vendo surgir tantos homens sem uma mulher de sua raça! E não se enganaram, pois os hespanhoes deixados por Colombo na sua primeira viagem em um fortim na ilha do Haity, assaz comprovaram o fundamento d'esse terror.

O proprio Colombo que, aliás, bem comprehendia a necessidade d'esse elemento na colonia, apenas pôde alcançar na sua terceira viagem a remessa de trinta castelhanas para estabelecerem-se em Hispaniola.

A deficiencia de mulheres e a sua demanda já havia concorrido para derramar-se sangue com abundancia, travando-se luta entre os invasores e os indigenas. Os primeiros succumbiram; tomado e arrasado o pequeno forte, á que já nos referimos, levantado por Colombo durante a sua primeira viagem.

Nas regiões do Prata tiveram os hespanhoes o mesmo procedimento. Na apparatosa expedição de Pedro Mendoza, o que lançou, em 1534, os fundamentos da cidade de Buenos-Ayres, parece que bem poucas ou raras mulheres a acompanharam.

A chronica d'essa expedição e de seus resultados apenas assignala a existencia de uma Lucia de Miranda, esposa de Sebastião Hurtado, presa do caciquę Siripó, da tribu dos *Timbués*, e victima desgraçada do cruel ciume d'esse selvagem.

Achou-se essa joven e gentil castelhana nas condições de D. Francisca Sardinha, nomeada por sua belleza, e tambem arrebatada á seu marido Diogo Pereira de Vasconcellos pelos indigenas de Sumatra para o régulo de Menancabo, quando junto áquelle littoral, em 1561, naufragára a náu *S. Paulo*, da conserva da frota de D. Jorge de Sousa e que na viagem para a India havia antes arribado e refrescado na Bahia.

E a mais robusta prova que temos de que os hespanhoes

no rio da Prata, poucas ou quasi nenhumas mulheres levaram, a despeito das pretenções dos portenhos que se julgam a salvo de sangue indigena; temos o facto da batalha ferida por Oyolas contra os indigenas *Agacés* no local de Villeta (15 de Agosto de 1536), em que estes foram derrotados; e, como preço da victoria, entregaram aos invasores, além dos viveres que solicitaram, sete mulheres para o chefe, e duas para cada um de seus soldados! Mas, convem muito não esquecer, a mulher entre os indigenas americanos servia, sobre tudo, para transportar os objectos de que precisavam os guerreiros, com especialidade alimentos.

« Tal foi o começo, diz Demersay, d'essas uniões illegitimas de que temos assignalado a influencia decisiva no progresso da conquista.»

Essas uniões produzindo em nossa patria o *Mameluco*, deram nas regiões Platinas o nascimento ao *Gaúcho*.

Os francezes em nosso paiz procederam da mesma sorte. São exemplos notaveis o Rio de Janeiro e o Maranhão, além de outros pontos do littoral em que não poderam fundar estabelecimento algum como n'esses dois pontos.

Thevet, na sua obra—*Singularités de la France antartique* dando noticia dos preparativos da frota commandada por Villegaignon, que partiu do Havre á 6 de Maio de 1555, frota importante, assevera que o pessoal se distinguia não só pelo numero como pela qualidade, havendo gente de todas as profissões; nobres, soldados, variedade de artesãos e equipagem para os navios, da melhor especie. Nada diz quanto á mulheres, por não tranportal-as a frota.

O silencio de Thevet é confirmado por João de Lery, seu antagonista, e que não perdia occasião de apontar-lhe os erros e os desvios da verdade em suas narrações. Este escriptor, posto que francez, por pertencer ao ducado de Borgonha, sujeito á soberania da França, fallava ainda o

alto allemão, circumstancia importante para apreciar a sua obra á certos respeitos.

Lery descrevendo a frota de Bois-le-Comte (1556) em que embarcára, exprime-se n'estes termos:

« No outro navio, que se chamava *Rosée*, do nome do que o commandava, embarcaram seis mancebos, que levavamos para aprenderem a lingua dos selvagens, e *cinco moças* com uma mulher para governal-as (e foram as primeiras francezas levadas á terra do Brasil, pelo que os selvagens do paiz, como mais adiante veremos, não tendo visto mulheres assim vestidas, ficaram mui maravilhados á sua chegada), e ao todo n'este navio quasi noventa pessoas. »

Essas mulheres casaram no Rio de Janeiro, no forte Coligny, com francezes já estabelecidos na terra, sobretudo linguas ou interpretes dos selvagens.

E' á essas mulheres que allude Mem de Sá na carta que, em 1 de Junho de 1558, dirigiu ao rei D. João III, cujo fallecimento ainda ignorava, nos seguintes termos:

« Dizem mais que os francezes têm *muitas mulheres*, que lhes vêm de França, e que correm tanto já por dentro da terra e pelo rio da Parahyba que se mettem entre elles e o campo de S. Vicente, onde estão os padres de Jesus e João Ramalho por *fronteiro* com uma aldêa de nossos indios (*S. André*), que é jornada de dois dias assim por este rio... em que se acham rastos dos contrarios nossos e amigos dos francezes. »

Ora n'essa data (1 de Junho de 1558) já a frota, onde viéra Lery para o Rio de Janeiro, era chegada, pois partindo de Honfleur em 20 de Novembro de 1556, aqui aportára a 7 de Março de 1557.

No Maranhão, sessenta annos depois, quando já o Brasil meridional era florente em muitas de suas capitanias, [illegible] na Bahia um governo central regular (1612), os [illegible]

não conduziram, ao que parece, para a colonia que alli projectavam fundar, e de feito fundaram, mulher alguma.

Fr. Claudio d'Abbeville, na sua—*Histoire de la mission des peres Capucins en l'isle de Maragnan*,—citando fidalgos, soldados e marinhagem transportados para a colonia, é silente quanto á individuos do sexo feminino.

Nas expedições que se seguiram o mesmo succedeu, o que se comprova com o que assevéra Fr. Ivo d'Evreux em sua obra—*Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années* 1613 *et* 1614,—e parece confirmar Simão Estacio da Silveira no seu opusculo *Relação summaria das cousas do Maranhão*, em 1618 ; a saber os mais antigos documentos que ácerca d'aquella provincia se podem invocar, depois do bello trabalho de Fr. Claudio d'Abbeville, e da importante *Jornada do Maranhão*, impressa n'este seculo, e de que era autor Diogo de Campos Moreno.

Transcreveremos aqui, um trecho curioso, mas interessante sobre este assumpto, da obra de Fr. Ivo d'Evreux, em que referindo-se ao que passava-se nos *Carbets* (assembléas dos selvagens) á cerca dos capuchinhos, exprime-se d'esta sorte :

« Ha largo tempo, dizia um dos selvagens, que nos relacionamos com os francezes, e um só d'elles não nos trouxe padres, nem nos tem dito o que nos asseguram os padres mediante os seus linguas (*interpretes*). Além de que elles obrigam os francezes (*Karaibas*) a procederem de modo differente de outr'ora. Os padres vedam que os francezes se apossem de nossas mulheres, como antigamente faziam por troca de mercadorias. »

E mais adiante :

« Mandaram vir mulheres de França para que ensinem nossas filhas a proceder como ellas.

. . . . . .

« Ah ! diziam alguns d'entre os selvagens ao correr d'estas praticas. Se vissemos chegar mulheres de França em nosso paiz, estejamos certos que os francezes não nos abandonariam mais, nem os padres, sobre tudo se nos derem mulheres de França.

« Um dizia :—Se possuisse uma mulher de França, não quereria outra ; e faria tantos jardins (*roças*) para os francezes, que por mim sómente trataria de tantas quantos dedos tenho nas mãos e nos pés, isto é, vinte, o seu maior numero.»

A continuação d'este trecho ainda contém curiosidades sobre projectos que os *moroubixabas* do Maranhão faziam, na hypothese, que lhes escaldava a mente, de virem a possuir por esposas mulheres francezas !

Entretanto Diogo de Campos Moreno, par occasião das treguas com os francezes, após a batalha de Guaxenduba, em que os adversarios cómeçaram a travar relações e trocar cortezias, assegura na *Jornada do Maranhão* que vira no forte S. Luiz, onde se achava o Sr. de la Ravardière, duas francezas vestidas de sedas e ricamente, á moda de seu paiz, casadas com dois indigenas tambem elegantemente trajados e condecorados com a ordem de S. Luiz, os quaes tinham ido á França, onde se haviam christianisado e casado segundo as leis da igreja.

Em outro lugar, accrescenta o mesmo escriptor—que havia na terra francezes pobres e mechanicos, mas catholicos, que tinham vindo de França com suas mulheres e filhos, e desejavam ficar.

Estes factos parecem em desacordo com o que dizem os outros escriptores, sobre tudo Simão Estacio, mas não influem para a questão, porquanto o numero das mulheres era, em todo o caso, mui diminuto(7).

(7) Vide *Memorias do Maranhão*, tomo II, pags. 250, 255. 257. E' de presumir que estes factos se deram depois de escriptas as

Passemos ao Brasil Lusitano, e vejamos o que se praticava na colonia, que o governo da metropole tomara a seu cargo, fundada no littoral da Bahia de Todos os Santos, sob o titulo de cidade do *Salvador*.

Francisco Pereira Coutinho, o donatario primitivo d'esse territorio, não levou em sua companhia a sua esposa.

Mas Gabriel Soares na *Noticia do Brasil*, parte I, cap. 28, assegura que Pereira Coutinho transpuzéra o oceano com muitos moradores *casados*, e o mesmo sustenta quanto á Pêro de Campos Tourinho, donatario de Porto Seguro, que, além de conduzir sua mulher e filhos, fez-se acompanhar de *muitos* moradores *casados* seus parentes e amigos(8).

Estes factos nos fazem especie, porque não foram seguidos nas outras capitanias, exclusive a de Martim Affonso de Sousa, para onde tambem foram a principio na propria frota, diz o mesmo escriptor, *muitos* moradores *casados*(9).

Mas hoje sabemos o merecimento da ultima asserção pelo que já, nas paginas precedentes, observámos quanto ao povoamento da capitania de S. Vicente.

Não temos meio directo para contrariar o que affirma o autor da *Noticia* com relação ás capitanias do Salvador e de Porto Seguro ; mas o succedido com a primeira colonia da Corôa em 1549, e o silencio dos antigos documentos, *maxime* os escriptos dos missionarios da companhia de Jesus, quanto a facto de tamanha importancia, que mere-

obras dos dois capuchinhos francezes. A época, nestes casos, influe muito.

Os retratos d'esses indigenas, casados depois com francezas, se encontra na *Historia* de Fr. Claudio d'Abbeville.

(8) Gabriel Soares, *Noticia do Brasil*, parte I, cap. 36.

(9) Gabriel Soares, *Noticia do Brasil*, parte I, cap. 60.

cia ser assignalado, dá-nos o direito de hesitar, não prestando toda a confiança, n'este caso, a escriptor de tanto merecimento.

Não obstante, essa colonisação primitiva desappareceu nas lutas tremendas contra indigenas *Tupinambás*, *Tupiniquins* e *Aymorés*; e esses *muitos* casaes, quando mesmo subissem á algumas dezenas, eram ainda mui poucos para o povoamento de tão espaçoso e vasto torrão, de modo a fazer predominar o elemento puro lusitano sobre o mistiço.

Para a capitania da Corôa, em 1549, Thomé de Sousa levou com grande cópia de pessoal masculino algumas mulheres casadas com empregados que iam para a nova colonia temporariamente, emquanto durasse sua commissão, e, ao que parece, conduziu tambem a sua.

Segundo Gabriel Soares, na terceira frota, em 1551, foram as primeiras mulheres de Portugal com destino á colonia, por determinação da rainha D. Catharina, mas, muito poucas. Ellas foram mandadas para casar com moradores principaes da terra, levando em dote officios de fazenda e de justiça N'essa frota foram muitos colonos casados, mas parece que o facto não se repetiu, em vista do que diz o mesmo escriptor no final do capitulo que trata do assumpto (parte II, cap. 4).

Essas mulheres foram para a Bahia a reclamo do padre Manoel da Nobrega, como mais adiante notaremos. No dizer de Gabriel Soares, eram ellas donzellas, orphãs sem fortuna, mas de nobre estirpe, mandadas criar em mosteiros pela rainha. Eram, não obstante poucas, insufficientes, como revela a palavra—*algumas*, empregada pelo escriptor.

Mas na primeira frota não vieram. O pessoal, além da marinhagem, constava de seiscentos soldados e quatrocentos degradados destinados á residencia na colonia. O chefe, os empregados, e os missionarios, era pessoal não sujeito áquella permanencia.

Na localidade, isto é, na povoação do Pereira, do nome do infeliz donatario, depois *Villa Velha* (10), havia trinta europêos, pouco mais ou menos, inclusive Diogo Alvares e seus cinco genros, casados (*sic*) com *mamelucas*, filhas d'aquelle lingua, tidas com varias indigenas, como naturalmente se presume.

Mas, se Gabriel Soares pouco nos diz sobre o pessoal da primeira frota, sua narrativa póde ser completada por um coevo, mui competente, o padre Manoel da Nobrega, que acompanhou Thomé de Sousa. Este religioso, escrevendo ao padre-mestre Simão, preposito ou provincial da companhia de Jesus em Portugal, na data de 9 de Agosto de 1549, poucos mezes depois do estabelecimento da colonia, exprime-se n'estes termos :

« N'esta terra ha um grande peccado, que é terem os homens, quasi todos, suas negras (*escravas indias*) por mancebas, e outras livres, que pedem aos negros (*indios*) por mulheres, segundo o costume da terra, que é terem *muitas* mulheres.

« E estas deixam quando lhes apraz, o que é grande escandalo para a nova igreja que o Senhor quer fundar. Todos se me escusam que *não têm* mulheres com quem casem.

« E conheço eu que casariam se achassem com quem ; emtanto que uma mulher, ama de um homem casado, que veiu n'esta armada, pelejaram sobre ella a quem a haveria por mulher.

« E uma escrava do governador (*Thomé de Sousa*) lhe

(10) Esta povoação era conhecida dos nautas estrangeiros que abordavam á Bahia para traficar ou refrescar, pelo nome de *Quirimure*, talvez corrupção do nome de *Caramurú* como era designado. Diogo Alvares, pelos selvagens. Vide Marcgraw e João de Laet em suas obras.

pediam por mulher, e diziam que lh'a queriam forrar (era uma branca)!

« Parece-me cousa muito conveniente mandar Sua Alteza algumas mulheres que lá têm pouco remedio de casamento á estas partes, ainda que fossem *erradas*, porque casarão todas muito bem, comtanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha a Deus e ao mundo.»

Que esses eram os costumes da colonia, e o que se praticava em todo o littoral do Brasil antes dos estabolecimentos regulares dos portuguezes, prova o mesmo Gabriel Soares tratando dos francezes no littoral da Bahia de Todos os Santos, em pontos onde traficavam antes da vinda de Thomé de Sousa.

No seu reconcavo havia outra população proveniente das relações dos francezes com as indigenas. Os navegantes d'essa nacionalidade frequentavam as praias d'este tão notavel golfo, desde os primeiros tempos da descoberta, desde 1504, talvez, quando Binot Paulmier de Gonneville, voltava de um ponto da ilha de S. Francisco, na provincia de Santa Catharina(11). Os francezes penetravam pelos rios

(11) Vide a carta *annua* dos religiosos da Companhia de Jesus de 1584, intitulada *Informação do Brasil, e de suas Capitanias* no capitulo:—*Da primeira entrada dos francezes no Brasil.*

Sómente o primeiro periodo d'esse capitulo lança por terra a estulta fabula doCaramurú, na Bahia, com as circumstancias que se phantasiaram.

Essa carta *annua* acha-se impressa na *Revista do Instituto*, tomo VI, pag. 412.

Vide os *Annaes de Viagens*, revista franceza de Junho e Julho de 1869, onde vem publicada a viagem de Binot Paulmier de Gonneville com varias notas de Mr. d'Avezac; e bem assim Mouchez na sua importantissima obra *les Côtes du Bresil*, segunda secção do Rio de Janeiro ao Rio da Prata, pag. 279, nota (1).

O navio da expedição que foi ter á ilha de S. Francisco, na provincia de Santa Catharina, tinha o nome de—*Espoir de Honfleur.*

Vide tambem a *Revista do Instituto*, tomo 38, artigos do nosso consocio Varnhagen, visconde do Porto Seguro.

de Seregipe (*Sergy*) e Paraguassú, e outros pontos do littoral d'essa tão vasta quão importante bahia.

Eis como se exprime esse notavel escriptor, Gabriel Soares, no cap. 177, parte segunda da sua *Noticia do Brasil*:

« Ainda que pareça fóra de proposito, o que se contém n'este capitulo, pareceu decente escrever aqui, o que n'elle se contém para se melhor entender a natureza e condição dos *Tupinambás*, com os quaes, os francezes, alguns annos antes que se povoasse a Bahia, tinham commercio.

« E quando se ião para França com suas náos carregadas de páo de tinta, algodão e pimenta, deixavam entre os gentios alguns mancebos para aprenderem a lingua, e poderem servir na terra, quando tornassem de França para lhes fazer seus resgates.

« Estes se amancebaram na terra, onde morreram sem se querer tornar para França, e viveram como gentios com muitas mulheres, dos quaes, e dos que vinham todos os annos á Bahia, e ao rio Seregipe (*Sergy*) em náos de França, inçou a terra de *mamelucos*, que nasceram, viveram e morreram como gentios, dos quaes ha hoje (1576) muitos seus descendentes, que são louros, alvos e sardos, e havidos por indios *Tupinambás*, e são mais barbaros que elles. »

Em nossa digressão ethnologica do sul para o norte é natural que passemos da Bahia para Pernambuco.

O littoral d'esta importante provincia foi por certo, ou com toda a probabilidade, o primeiro em que se lançou os fundamentos de um estabelecimento de commercio, ou resgate, de escála, refresco, ou abrigo para os navios portuguezes que seguiam para a India oriental, e para os que percorriam o littoral do Brasil em demanda principalmente de páo-brasil e de escravos. A especialidade de sua situação explicativa e justificava a escolha.

O ponto não era propriamente o *porto* depois chamado *de Pernambuco*,a principio *Mairy* (12),agua, aguada ou rio dos Francezes, transformado por corrupção em *Marim* pelos portuguezes, e por ultimo em Olinda.

O nome generico de porto de Pernambuco, peculiar ao Recife, comprehendia a situação de *Mairy* (Olinda), porquanto aquelle porto sempre foi o seu. Era assim chamado da palavra—*paranã-puc*—irrupção, sahida ou bôca para o mar. Esta denominação assim applicada encontra-se em outros pontos do littoral brasileiro.

Os portuguezes, de *Paranan-puc*, talvez pela phonetica nasal dos indigenas, entenderam *Pernampuc*, e por corrupção *Pernambuco*.

O estabelecimento lusitano de commercio, refresco ou abrigo foi, como era natural, fundado, cercado e fortificado para mór segurança em uma ilha, *Itamaracá*, quasi em frente á foz do rio de Iguarassú que desagua no *paranan-miri* (*pernam-mirim* como diziam os portuguezes) que separa a ilha do continente.

A' esse *paranan-miri* que circula pelo lado occidental *Itamaracá*, chamavam os portuguezes *rio da Serêa, ou de Pernambuco*, porque tambem os indigenas denominavam o limite meridional d'esse braço ou *paranan-miri*, onde as aguas do oceano se confundiam com as do rio de Iguarassú que n'elle irrompiam—*paranan-puc* ou *buc*, como á todas as aberturas da mesma especie.

(12) Esta palavra é uma das que mais têm custado descobrir a etymologia. Os portos frequentados pelos francezes eram pelos indigenas chamados *Mairy*, como succedia com o de Olinda.

Não obstante vemos na linguagem dos *Tupis* do Pará e Amazonas designar-se a cidade por *Mairy* e o cidadão, o habitante da cidade, por *Mairy-oara*. Corrêa de Faria, *Compendio da lingua brasilica*, cap. 9, pag. 24.

Os portuguezes, como já notámos, de *paranan* fizeram *pernam*, de *puc*, *buco*, e os francezes que disputaram esse ponto aos portuguezes, *Fernambouc*. Tal é a singular origem d'esse nome.

Ora a esse rio de Pernambuco, que contornava o primeiro e mais notavel estabelecimento portuguez no Brasil antes da divisão do territorio pelos donatarios, deu el-rei D. João III o nome de *rio de Santa Cruz*, alludindo provavelmente ao nome dado á terra por Pedro Alvares Cabral, e por ser esse o ponto central da região que se ia positiva e seriamente colonisar.

Esse forte ou feitoria, como chamavam os portuguezes a exemplo do que praticavam os povos navegadores da meia idade, quando estabelecidos para o commercio fóra do seu territorio, nos littoraes do Levante, do mar Negro, Mediterraneo, mares do Norte e Baltico; por mais de uma vez foi conquistado pelos francezes, e retomado por ultimo por Pêro Lopes de Sousa, razão porque lhe coube em sorte o respectivo territorio adjacente, com extensão de trinta leguas para o norte e limitrophe das capitanias de João de Barros e de Duarte Coelho Pereira, por este denominada *Nova Lusitania*, mas a que o destino impôz o nome de Pernambuco. E hoje os dois territorios a que esta denominação poderia competir, isto é, Pernambuco e Itamaracá, se acham comprehendidos na mesma circumscripção.

Estas circumstancias explicam a causa porque Pernambuco se encheu facilmente de immigrantes da metropole, e tinha tambem em seu seio população de origem franceza em avultada quantidade, assim como na Parahyba e no Rio Grande do Norte.

Essa população era talvez maior que na Bahia; pois, em razão da abundancia e superioridade do páo-Brasil

d'esta procedencia, os francezes estavam muitissimo relacionados com os indigenas desde a foz do rio de S. Francisco até o Rio Grande do Norte. Seus grandes amigos eram as bellicosas tribus dos *Caités* e *Petiguares*, como no sul se mostraram os *Tupinambás* da Bahia e Rio de Janeiro e tambem no Maranhão.

E' admiravel como esta nação, tão sympathica aos indigenas do nosso littoral, não dominou-o e colonisou o paiz.

Dada, como já dissemos, a capitania de Itamaracá á Pêro Lopes de Sousa pela relevancia dos seus serviços alli, o territorio mais meridional foi confiado á Duarte Coelho que tambem já havia precedido a Pêro Lopes como capitão de mar no mesmo littoral.

Duarte Coelho conhecia a terra que demandára ou lhe fôra offerecida; e por isso sabendo o seu valor para ella veiu estabelecer-se com sua familia.

As riquezas que adquirira na India, auxiliado com a experiencia que já tinha de viver fóra da patria entre povos incultos, o habilitavam para bem e convenientemente aproveitar sua doação.

Mas como lidava com indigenas bellicosos, acoroçoados por europêos civilisados, foi obrigado á conquistar palmo a palmo, e com muito esforço, o territorio que a realeza lusitana lhe havia doado. Não foi como Martim Affonso de Sousa que pouco deteve-se em S. Vicente, e preferiu convolar para a conquista das glorias mais ruidosas do Oriente.

Apreciemos este começo de povoamento d'esta parte do territorio brasileiro sob o ponto de vista ethnologico, que aliás não differe dos precedentes.

Segundo Gabriel Soares, na sua *Noticia do Brasil*, Duarte Coelho trouxe para Pernambuco sua esposa D. Brites de Albuquerque, e isto alguns annos depois de haver formado

e assegurado o seu estabelecimento. Não houve alli por muito tempo outra mulher branca. E a presumpção de que este era o facto patente e notorio é que seu proprio cunhado, irmão d'aquella senhora, Jeronymo de Albuquerque manteve-se por largo tempo sem casar, conforme as prescripções da igreja.

Vivia á maneira dos indigenas, casando á gentia com a filha de um poderoso *moroubixaba* da localidade, da tribu *Tabayara*, depois alliada dos colonos (13) por nome *Uirá-uby*, a qual lhe havia salvo a vida, estando prisioneiro. E' um acontecimento quasi semelhante ao de João Smith na Virginia (*Estados-Unidos*), com a indigena Pocahontas, da tribu *Powhatan*.

Albuquerque, aceitando a indigena como esposa, a modo dos selvagens, não ratificou o seu casamento perante a igreja, depois que fêl-a baptisar ! e comtudo devia-lhe a vida. E' esta indigena, conhecida em nossa historia por D. Maria do Espirito-Santo Arco Verde, extrahido este appellido do nome de seu pai traduzido em portuguez.

Este exemplo dado de cima era imitado por todos os portuguezes na colonia, com raras excepções. Jeronymo de Albuquerque, somente veiu a casar muito tempo depois, á exigencia da rainha D. Catharina, regente, viuva de D. João III, que lhe estranhou a vida pouco edificante que levava na colonia. E foi por isso que chegando a Pernambuco D. Christovão de Mello, fidalgo pobre, com quatro filhas solteiras, elle desposou uma, o que jámais fez com a selvagem.

Jeronymo de Albuquerque representa em Pernambuco o papel que em S. Vicente e na Bahia representaram João

(13) Ao certo não se sabe se este *moroubixaba* era *Tabayara*, ou *Caité*.

Ramalho e Diogo Alvares. Grande numero de familias de Pernambuco descendem d'este tronco (14).

Entretanto Duarte Coelho fazia o que lhe era possivel afim de realizar na sua colonia o systema que Affonso de Albuquerque consagrára em Gôa, após sua conquista, querendo ter na metropole lusitana, na India, um povo em quem confiasse, por seus costumes christãos. Para isto não contou com o auxilio da nobreza, mas com a burguezia e outras classes.

Depois da tomada de Gôa, Affonso de Albuquerque fez apprehender cento e cincoenta raparigas das primeiras familias gentias e musulmanas da cidade e casou-as com portuguezes, depois que as fez converter á religião catholica.

Dotou-as, e tratava-as com a maior distincção em seu palacio, e em publico, empregando bem os maridos. E assim animando taes consorcios em breve teve Portugal em Gôa, para onde raras mulheres portuguezas iam, uma população mistiça, fiel, christianisada, fallando a lingua européa, como ainda hoje se conservam. Foi este o resultado de uma politica habil, sensata e mui proveitosa ao dominio lusitano em regiões tão remotas. Até então os portuguezes viviam na India encerrados em feitorias fortificadas, exemplos :—Cochim e Cananôr.

E' curioso lêr em João de Barros (*Asia*—dec. II, liv. 5, cap. XI) o que, sobre este singular assumpto, occorreu em Gôa.

Mas, no Brasil, a realização de tal systema era mui difficil ; a população d'onde deviam sahir as esposas, era em demasia barbara. Taes esposas repugnavam, e muito, a um povo christão e culto.

(14) Vide *Memorias de Pernambuco* por Fernandes Gama, tomo I, pag. 85 da 2ª edição. Ahi vem impresso o testamento de Jeronymo de Albuquerque, datado de 13 de Novembro de 1584.

Não obstante, Duarte Coelho ensaiou-o em Pernambuco, ao envéz do que se praticára na Bahia e em S. Vicente, em que a idéa do casamento christão com selvagens sómente foi iniciada e avivada depois da vinda dos jesuitas ao Brasil. As relações dos dois sexos toleradas, e mesmo bem aceitas, eram irregulares.

A prova d'esse proposito de Duarte Coelho, o donatario de Pernambuco, ou da *Nova-Lusitania* como denominava a sua capitania, colhemos de uma carta que, em 15 de Abril de 1549, dirigiu á D. João III. Elle temia, pelo facto da Bahia, que fosse desapossado de sua capitania, como se projectava, para se entregar aos armadores, em vista do que se lhe communicára de Portugal. Eis suas palavras :

« Que entre todos os moradores e povoadores, uns fazem engenhos d'assucar, porque são poderosos para isso, outros cannaviaes, outros algodoaes, e outros mantimentos que é a principal e mais necessaria cousa para a terra : outros usam de pescar, que outrosim, é mui necessario para a terra.

« Outros usam de navios que andam buscando mantimentos, e tratando pela terra conforme ao regimento que tenho posto : outros são mestres de engenhos, outros mestres de assucar, carpinteiros, ferreiros, pedreiros, oleiros, e officiaes de fórmas, e *sinos* para os assucares ; e outros officiaes que andam trabalhando e gastando do meu por adquirir para a terra, e os mando buscar a Portugal e á Gallisa e ás Canarias, ás minhas custas.

« E alguns que, os que vêm a fazer os engenhos, trazem e aqui moram e povoam d'elles solteiros, e d'elles *casados aqui* ; e d'elles que cada dia caso, e trabalho *por casar na terra* ; porque toda esta ordem e maneira, senhor, se ha de ter para povoar terras novas e tão alongadas do reino, e tão grandes como estas, e de que se espera tanto bem e

proveito ; assim para o serviço de Deus, como do de Vossa Alteza, e para bem de todos os seus reinos e senhorios, e pelas mais razões que Vossa Alteza sabe, por cuja causa *me qua mandou.*»

D'estas ultimas palavras parece deduzir-se que Duarte Coelho não solicitou a doação que obteve, mas o convidàram para esse fim (15), e como conhecia a localidade, por haver occupado no seu littoral o posto de capitão do mar, havia alguns annos, aceitou o encargo, e por lhe haver agradado não queria mais abandonar.

Entretanto no seu ensaio não havia o donatario sido afortunado, em vista do que sobre o assumpto nos informa testemunha insuspeita, dezeseis annos depois de firmada a colonia, o padre Manoel da Nobrega, em carta de 17 de Setembro de 1551, escripta á D. João III, onde traça com fidelidade o quadro de Pernambuco, n'aquella éra ; ouçamol-o :

« N'esta capitania se vivia muito seguramente nos peccados de todo o genero, e tinham o peccar por lei e costume ; os mais ou quasi todos não commungavam nunca, e a absolvição sacramental a recebiam perseverando em seus peccados.

« Os ecclesiasticos que achei, que são cinco ou seis, viviam a mesma vida, e com mais escandalo, e alguns apostatas, etc.»

E mais adiante :

« Para as outras capitanias mande Vossa Alteza mulheres orphãs, porque todas casarão : n'esta não são necessarias

(15) Na mesma carta escripta de Olinda aos 15 de Abril de 1549, confirma Duarte Coelho o nosso juizo expressando-se assim :

« E, pois, Vossa Alteza sabe que, *pô-lo servir qua vim*, e me concedeu em minhas doações para se a cousa melhor, e mais prestesmente poder fazer, etc.»

por agora, por haverem muitas filhas de homens brancos e de indias da terra, as quaes todas *agora* casaram com a ajuda do senhor; e se não casavam d'antes era porque *consentiam* viver os homens em seus peccados livremente, e por isso não se curavam tanto de casar, e alguns diziam que não peccavam, porque o arcebispo de Funchal lhes dava licença. »

Segundo Nobrega a libertinagem n'esta capitania era maior que nas outras, pois diz:

« E posto que por todas as outras capitanias houvesse os mesmos peccados, e porém não tão arraigados, como n'esta, e deve-se a causa porque foram já mui castigados de Nosso Senhor, e peccavam mais a medo, e esta não.

« Duarte Coelho e sua mulher são tão virtuosos quanto é fama que têm, e certo creio que por elles não castigou a justiça do Altissimo tantos males até agora; e porém é já velho e falta-lhe muito para o bom regimento da justiça, e por isso a jurisdicção de toda a costa devia de ser de Vossa Alteza. »

Para o Maranhão, conquista que já se fez no começo do seculo decimo setimo (1614), o systema precedente empregado em outras colonias mais meridionaes não foi alterado.

Jeronymo de Albuquerque, *mameluco*(16), filho natural do cunhado de Duarte Coelho e da indigena D. Maria do

(16) Com esta designação trata o pai d'este cabo de guerra, a filhos seus, cuja mãi era indigena, no seu proprio testamento. Vide Fernandes Gama *Memorias historicas de Pernambuco*, tomo I, pags. 88 e 89.

Uma de suas filhas naturaes que legitimou, de nome Felippa, *mameluca*, era filha de uma indigena escrava.

Entre legitimos e legitimados teve o primeiro Jeronymo de Albuquerque—vinte e quatro filhos.

Espirito Sasan Arco Verde, foi o chefe da expedição que levou a effeito a conquista. Habil, intrepido e mui experiente n'aquellas lutas conseguiu sem grandes tropeços com os recursos da terra e poucos de fóra, o que seria bem difficil sómente empregando tropas européas, ainda não praticas n'esse lidar. Na incerteza do resultado da empreza, tambem não levou comsigo outras mulheres, além de algumas indigenas de Pernambuco e da Parahyba que acompanhavam seus maridos.

Após a victoria de Guaxenduba a colonia lusitana, ainda com o accrescimo que trouxe depois Alexandre de Moura, iniciou-se como a franceza, e, sem mulheres européas, ou suas descendentes no Brasil.

Posteriormente é que começaram a vir portuguezas, como attesta-o Simão Estacio da Silveira, official de marinha mercante, em seu opusculo *Relação summaria das cousas do Maranhão*, nas seguintes palavras do seu prologo:

« Quando fui á esta conquista, no anno de 1618, se abalaram muitas pessoas das ilhas a meu exemplo, parecendo-lhes que pois eu sem obrigação, a que ir buscar remedio deixava Lisboa, e me ia ao Maranhão, não seria sem algum fundamento.

« Na náo de que fui por capitão se embarcaram perto de trezentas (300) pessoas, *alguns* com muitas filhas donzellas, que logo em chegando, casaram-se todas, e tiveram vida que cá lhes estava mui impossibilitada, e se lhes deram suas leguas de terra. »

Como se vê o numero de pessoas do sexo feminino era em demasia limitado posto que muito superior ao que embarcára em seu começo para as outras Capitanias.

Em relação ao sexo masculino a reducção era grande, e continuava a ser, por isso que sendo mais facil de

transportar a outra immigração ia sempre em augmento, e fraca compensação havia na feminina.

Posto que a distancia da mãi patria fosse em relação ás outras Capitanias mais limitada, ainda n'aquella época se tornava longa pela imperfeição da navegação, e os máos transportes, que se faziam para a conducção de pessoas do sexo delicado, mui incommodos e inconvenientes.

A obra de Simão Estacio da Silveira parece que foi ordenada com o proposito de attrahir povoadores á nova colonia; mas o beneficio em parte se mallogrou pelas difficuldades naturaes na época, falta de capitaes e de uma empreza seriamente organisada para esse fim, e que ao menos podesse adiantar, com a esperança de algum lucro, a importancia das primeiras despezas. Ainda que Lisboa fosse então, a primeira praça da Europa, pelo monopolio que ainda conservava, bem que já enfraquecido, dos productos do Oriente, não estava ainda alli desenvolvido o espirito de associação, de modo que podesse fazer das novas Capitanias do norte, o mesmo que as companhias de commercio em Londres fizeram da Virginia, e outros pontos do littoral da America septentrional, que então começavam a ser colonisados.

Entretanto pede a verdade que se diga que além da empreza de Simão Estacio, mais duas appareceram durante a administração de Domingos da Costa Machado (1620 e 1621), não mediante o esforço de companhias ou associações mercantis, mas por impulso do governo de Madrid.

Jorge de Lemos Bethencourt, sob a promessa de uma commenda de lote de 400$, se obrigára a introduzir á sua custa n'essa capitania duzentos casaes de açoritas; e parece que conseguiu realizar todo o empenho em tres embarcações que fretou, bem que Berredo nos seus *Annaes*, liv. VI, n. 485, não seja bem explicito.

No anno seguinte (1621) por contrato feito pela corôa, diz o mesmo escriptor no n. 488 dos *Annaes*, com Antonio Ferreira Bethencourt, outro navio transportou para o Maranhão, das ditas ilhas, quarenta casaes.

Não foi pequeno reforço para a nascente colonia, que n'essa época passava por uma grande crise, o flagello da variola que, com a perseguição dos colonos esclavagistas, acabou por exterminar em maxima cópia os infelizes indigenas que povoavam a ilha.

D'ahi por diante o empenho do governo cessou ou enfraqueceu. A emigração por massas escasseou, e foi-se fazendo lentamente, mas constantemente por individuos do sexo masculino, que logravam poder satisfazer o transporte no navio *annuo* da frota.

Segundo Simão Estacio o abandono dos francezes não foi completo na ilha do Maranhão, ficaram alguns individuos que depois casaram com mulheres açoritas, deixando as selvagens. Passavam por bons artesãos e de muito prestimo, e dos que melhor conheciam a terra. Estamos mesmo persuadidos que, depois, muito se prestaram na luta com os hollandezes, concorrendo para a defecção dos francezes que, como mercenarios, serviam nas forças adversas.

D'elles descendem os Launay, os Lamagnères e os Lecomtes. Assim como da estada dos hollandezes ficaram os Jansens, os Mullers e os Lappenbergs; comquanto os ultimos sejam de progenie germanica e dinamarqueza.

A população mistiça ou *mameluca* que alguns dos companheiros da frota dos filhos de João de Barros, ao que se diz crearam na ilha do Maranhão perdeu-se barbarisando-se(17).

(17) Não aconteceu assim com os *mamelucos* de progenie franceza, porquanto, segundo Simão Estacio da Silveira, continuaram

Parece que os *Tupinambás* asylados na serra da Ibiapába, depois da sua expulsão do Rio de Janeiro e Bahia, invadiram a ilha do Maranhão; se não vieram de outro ponto ou do lado do Amazonas como é mais presumivel em vista das aldêas que tinham no littoral ao norte até o Pará, e d'ella expelliram os *Teremembés* que dominavam a costa desde as margens do rio Camucy no Ceará até as do rio Thoury (18).

A população que alli havia, com quem se alliaram os naufragos d'aquella frota, foi coagida a internar-se para o continente proximo. E a difficuldade que teve de relacionar-se com os armadores europêos, que depois frequentaram o littoral, ainda mais tornou-a completamente selvagem.

Com razoavel fundamento, ao que parece (19), eram esses os indigenas que posteriormente se chamou *Barbados*, por isso que além de ter os mesmos costumes que os outros dispunham d'aquelle ornamento, que a pura raça *Tupica* não possuia com essa abastança, pois que a pouca barba que tinha arrancava.

a residir e conviver entre os portuguezes, e eram em grande numero.

Vide *Memorias do Maranhão*, por nós editadas, tomo II, pag. 11, cap. 9°, no fim.

(18) Este rio é o que actualmente se chama *Negro*, e desemboca no littoral dos Lençoes Grandes. O nome de *Thoury* confundindo-se com o de *Tury* deu causa ao engano de suppôr-se que o dominio d'essa tribu tão notavel se estendesse pelo norte além do rio, até as margens do Gurupy.

Pelo sul tambem se suppunha que alcançasse essa tribu as margens do actual Jaguaribe, talvez por identica razão, isto é, confusão nas denominações de rios.

(19) O padre José de Moraes na *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*, considéra fabula, a existencia de tal tribu. Examinaremos esta questão em outra opportunidade.

Eram ainda esses barbaros os que repelliam toda a alliança com os francezes, a acreditar-se em Simão Estacio, porquanto diziam que não eram elles os verdadeiros, os seus tão queridos *Perós* (20). Ora esta expressão era empregada por todos os indigenas da costa do Brasil para designar os portuguezes, sem que tivessem prévia intelligencia. Assim tambem elles tratavam em geral os europêos pela denominação de *Caraibas* em reconhecimento de sua intelligencia; mas aos francezes tratavam especialmente por *Maír*, e em geral por *Ayurú-juba*, papagaio amarello, os europêos de cabello louro, sobretudo os hollandezes, allemães, inglezes, etc.

Cumpre notar que entre os regulos do interior da ilha do Maranhão Fr. Claudio d'Abbeville aponta um, cujo nome parece indicar ascendencia lusitana dos primitivos e mal aventurados colonos d'essa origem. Referimo-nos a *Marcoyd-Peró*, principal da aldêa de *Carnaúpió* (actualmente *Lugar*), que, na opinião do escriptor, era de idade quasi centenaria. Na verdade se fôra oriundo de algum dos portuguezes da expedição de 1535 dos filhos de João de Barros, podia, em 1612, ter perto de oitenta annos, portanto bastante idoso.

Assim *Marcoid-Peró* significaria *Maracayá* (gato), *Peró* (portuguez), para differençar de outro *Maracayà* não oriundo d'essa procedencia.

Infelizmente Fr. Claudio que em algumas partes de sua obra chama a este indigena centenario *Marcoid Peró*, em outras denomina *Marcoyd Peróp* e *Margoyd Perop*, declara que este nome significa a casca amargosa de um fructo chamado *margoyaue* que suppomos ser o *maracujá* em

(20) *Perós.* Em artigo especial daremos a razão verdadeira porque os indigenas em todo o nosso littoral designavam assim os portuguezes, para distinguil-os dos outros europêos.

vista da descripção que no cap. 38 da obra o autor apresenta. Entretanto com este nome, mas escripto *morgouid*, os *Tupinambás* do Rio de Janeiro (*Tamoyos*) designavam a laranja, talvez por alguma semelhança com o maracujá, bem que um pouco remota.

Na colonisação da provincia do Grão Pará quasi da mesma época que a do Maranhão, o systema adoptado, se porventura houve, foi identico.

A immigração européa era na maxima generalidade do sexo masculino, excepção feita em 1770 da entrada de cento e quatorze familias que vieram para *Mutuacá*, aldêa fundada á margem do rio do mesmo nome, pequeno affluente do Amazonas, após a evacuação da praça de Mazagão no littoral de Marrocos, cujo nome lhe foi imposto.

Entretanto tão avantajada foi a immigração masculina européa por aquellas regiões, que autorisou Baena, alli nascido, a declarar, no seu *Ensaio Corographico*, que a pelle da população paraense, ou se se quizer paraoara, é mui alva, o que bem provava que a alvura não era alheia d'aquelle clima. E devemos presumir que assim se exprimiu este escriptor, tão convencido da sua proposição, não no sentido de Pêro Lopes de Sousa, tratando da côr das tribus *Tupinambás* da Bahia em 1531, mas no verdadeiro e real(21).

Todas as outras colonias de origem lusitana tiveram a mesma origem, sem exceptuar a do Rio de Janeiro, fun-

(21) Durão, no poema *Caramurú*, foi mais longe que Pêro Lopes de Sousa, talvez por liberdade poetica. No canto II, estancia 78, faz n'estes termos o retrato da imaginaria *Paraguassú*, posto que legitima *Tupinambá* como se deve presumir:

« Paraguassú gentil (tal nome teve),
Bem diversa de gente tão nojosa;
De côr tão alva, como a branca neve;
E d'onde não é neve, era de rosa. »

dada quarenta annos depois de suas vizinhas : S. Vicente, Espirito Santo e Bahia. Foi com a mescla da população d'essas tres Capitanias e additamento da que veiu nas frotas de Portugal, e esta na sua quasi totalidade masculina, que se lançaram os fundamentos de colonia, desde o começo, tão esperançosa.

A parte feminina dos *Tamoyos* não foi, ao que parece, inteiramente exterminada ou expulsa do torrão patrio ; ficou vivendo com os invasores a parte que aprisionaram ou reduziram ao captiveiro. Ora na opinião de Pêro Lopes de Sousa, no seu *Diario de Navegação*, o pessoal feminino das tribus que aqui viviam em sua passagem, tambem de estirpe *Tupinambá*, era ainda mais gentil que o da Bahia, que, aliás, como já notámos, o intrepido navegador tanto encarece.

IV

De todas as nações da Europa que fundaram colonias no continente americano, foi a britannica, a unica, talvez (22), que recusou entrelaçar-se com os indigenas, exceptuados um ou outro colono mais desabusado de sua raça que, á exemplo de João Rolfe, marido da celebrada Pocahontas, da tribu dos *Powhatans*, casou e conviveu com os selvagens.

Mas, e convem ter muito em consideração, os inglezes colonisaram mais tarde, um seculo depois dos hespanhoes, portuguezes e francezes, e mesmo dos hollandezes e suecos ; e, pois, aproveitaram da experiencia dos seus pre-

(22) *A unica talvez*. Cumpre estender aqui a excepção quanto ás colonias francezas no Canadá, Nova Escocia (*Acadia*), e nas suas Antilhas, onde, em algumas ao menos, já não encontraram selvagens.

decessores. O seu systema colonial, portanto, foi mui differente, mais proveitoso, como o futuro veiu demonstrar.

Prescindamos das colonias mais modernas fundadas no territorio dos Estados-Unidos por nucleos religiosos—*puritanos*, *quakers e catholicos*, porquanto, em taes condições, a immigração se fazia por familias completas, por grandes nucleos, e como que por um exodo. Ahi estão os exemplos da Nova Inglaterra, da Pennsilvania, do Maryland, e ainda do Delaware.

Basta que confrontemos com as colonisações dos outros povos a dos inglezes na Virginia, colonia não de uma seita religiosa, mas de uma companhia de negociantes, armadores, nobres e de aventureiros, portanto nas condições das dos outros povos.

Esta colonia, como todas as d'esta especie, passou em seu começo por muitas phases angustiosas ; e, por vezes, mangraram os ensaios, a despeito da pasmosa perseverança do primitivo autor da idéa, do seu generoso e infeliz fundador ou antes iniciador Gualter (*Walter)* Raleigh.

Mas a pertinacia britannica tudo superou, arrostando mil obstaculos que, no Brasil, não encontraram os portuguezes. O clima aspero, os mares desabridos e quasi inaccessiveis, a difficuldade de alimentação, a resistencia mais pronunciada e vigorosa, mesmo mais bellica dos aborigenes, e a pessima direcção dada aos colonos nos primeiros tempos do estabelecimento.

A' obra encetada e mal dirigida pelos agentes tão pouco habeis quão mal aventurados que mandou Raleigh, succedeu a empreza de Gosnold, bem inspirado por haver-se associado a homens de merito e de provada constancia, taes como João Smith, o verdadeiro salvador da nascente colonia, e Ricardo Hakluyt, tão tenaz como Raleigh, porém mais afortunado.

Esta nova empreza consolidada pela fortuna, intelligencia e firmeza de Smith, e repetidas remessas de colonos da mãi patria em larga escala, começou tambem a receber immigrantes do sexo feminino, dois ou tres annos depois da installação da colonia de Jamestown.

Nos primeiros ensaios mallogrados abordaram o littoral da America apenas *dezesete* mulheres. Depois immigraram duas, quatro annos antes do casamento de Pocahontas, a gentil Powhatan, com João Rolfe em 1613; mas o exemplo pouco animou, a tentativa ficou por algum tempo esterilisada.

Decorreram ainda seis annos, para que essa proveitosa e indispensavel immigração se levasse á effeito (1619) em ponto mais elevado. Era grande a difficuldade de transportar mulheres christãs e civilisadas em vehiculos d'aquelles tempos, e mui penoso o persuadil-as á travessia do oceano para regiões tão remotas, perdendo a esperança de volver á patria.

Vejamos o que sobre este tão importante como curioso assumpto expõe o eminente escriptor americano Bancroft na sua *Historia dos Estados-Unidos*:

« Quando Edwin Sandeys tomou posse do seu cargo (de *thesoureiro da companhia*), depois de doze annos de trabalhos (1607—1619), e uma despeza de oitenta mil libras (800:000$) feita pela companhia, a população da Virginia contava apenas, no maximo, seis centas almas; comprehendendo—homens, mulheres e meninos; e após um anno, Sandeys conseguiu a passagem de mil duzentos e sessenta e um colonos para a America (23.)

« O caracter d'esta nova emigração merece ser observado.

(23) Nunca Portugal pôde mandar para suas colonias partidas tão numerosas. As consequencias corresponderam aos principios.

E vivemos a fazer comparações com os Estados-Unidos!

Os colonos da Virginia não tinham ainda tido a intenção de alli estabelecer-se definitivamente.

« Antes das ultimas reformas da companhia, os colonos não partiam para a Virginia senão com o firme proposito de voltarem mais tarde para Inglaterra; era, pois, necessário multiplicar os motivos de prisão e de ligamento ao solo.

« Até então poucas mulheres tinham mesmo ousado atravessar o Atlantico; mas actualmente a perspectiva de felicidade animou a noventa jovens, lindas e gozando de boa reputação, a render-se ás solicitações da companhia e aos conselhos benevolentes de Sandeys, embarcando para a colonia, onde estavam certas de receberem um bom acolhimento.

« A companhia pagou os gastos da viagem; e na Virginia os lavradores da corporação ou os que tinham meios para tratal-as e pagar o preço de sua passagem, o fizeram, pois foi rigorosamente exigido o embolso.

« A empreza, que tinha sido em parte uma especulação mercantil, teve tão feliz resultado, que resolveu-se mandar cem novas recrutas no anno seguinte (1620), mas, antes que fosse possivel reunil-as, a companhia, achou-se tão debilitada que para realizar o projecto, recorreu á uma subscripção.

« Depois de algumas demoras, a companhia mandou (1621) sessenta bellas raparigas, sustentadas com boas recommendações de que tinham recebido uma educação virtuosa senão esmerada. O preço das passagens subiu de cem á cento e cincoenta libras de tabaco, e mesmo mais, afim de que todos os precedentes encargos da companhia fossem satisfeitos. »

E accrescenta mais abaixo:

« Então a onda da emigração engrossou; em tres annos

(1619—1621) concedeu-se cincoenta sortes de terras, e tres mil e quinhentas pessoas dirigiram-se para a Virginia, que tornou-se mesmo um refugio para os Puritanos. »

Nunca se deram no nosso Brasil taes acontecimentos. Os homens não emigravam em larga escala em consequencia de varios obstaculos, que as circumstancias da metropole e do seu proprio governo, creavam. E rarissimas eram as mulheres que ousavam emprehendor taes commettimentos, sem esperanças de volta.

Portanto, n'esses dois systemas de colonisação temos em grande parte a explicação do pouco que fizeram na America os portuguezes e hespanhoes, e mesmo os francezes na parte meridional em materia de colonisação, precedendo os primeiros, como já notámos, de mais de um seculo aos inglezes.

E por esta causa fundaram os ultimos uma nação de sua raça, refractaria ao cruzamento com as tribus indigenas e com os africanos, na sua quasi totalidade. Portanto,o que se creou na America do Norte, era uma nacionalidade européa transportada para o novo continente, e até com a vantagem de, vivendo quasi nas mesmas latitudes,manter no novo solo o mesmo systema de agricultura e de alimentação.

Nas outras colonias, o fundo da população tornou-se como era natural *mistiço*, e, cumpre dizêl-o, com todas as suas desvantagens. O elemento europêo sempre predominava porque era a raça conquistadora; e, conforme os povoados estavam mais ou menos vizinhos do littoral, mais ou menos se revelava sua influencia. O caracter e costumes de taes populações foram-se transformando em sua prole natural ou mesclada, pendendo sempre a balança para o elemento caucasico, pela lenta, mas constante immigração do ultramar.

Em breve as colonias britannicas constituiram um ver-

dadeiro Estado civilisado, tendo não só agricultura como a mãi patria, mas tambem industria mineira de metaes uteis, como o ferro um dos primeiros elementos da cultura material de um povo.

Além d'isto, estas colonias, concorrendo com a mãi patria na industria da grande pesca, habilitaram-se cedo para crear uma marinha mercante, e com liberdade de transportar seus productos ás Antilhas, colonisadas por outras nações, e mesmo a pontos commerciaes da Europa, além dos da metropole. Era um passo em extremo agigantado para a independencia politica.

Desde os principios do ultimo seculo já se previa na Europa a independencia americana. Os francezes, vizinhos e emulos dos inglezes, nos territorios da Acadia, Terra Nova e Canadá de longo se prepararam para um tal evento. Os inglezes, que bem conheciam o perigo, procuraram antepôr-lhe todos os possiveis estorvos. Quando chegou o momento decretado pela Providencia, que o homem não podia reduzir ou demorar, o facto realizou-se.

Tudo ao envez acontecia no nosso paiz, em que se despenderam tres longos seculos de lentissimo movimento. As frotas lusitanas vinham uma ou duas vezes por anno ao Brasil; e de cada uma, em certo ponto do Atlantico, destacava-se um pequeno e mal apparelhado navio para determinado estabelecimento colonial importante, exceptuada a metropole americana, a cidade do Salvador, para onde ia descansar o grosso da frota, afim de novo apparelhar-se para a volta.

E, pois, que numero de colonos poderiam de cada vez transportar taes vehiculos?

Por outro lado: Portugal era pobre de gente, e tinha de acudir á segurança do que chamava suas *conquistas* na Africa, e sobretudo na Asia, de onde extrahia tantos recursos para a sua vida commercial na Europa.

A provincia do Entre Douro e Minho era a grande fonte de emigração, por ser a mais populosa, e a que podia fornecer melhor pessoal agricola. Infelizmente pouco então dava.

Nem essa rica provincia com razão chamada *o jardim de Portugal*, nem com o additamento de suas congeneres podiam beneficiar tão vantajosamente ao Brasil como a Inglaterra podia então fazer ás suas colonias. Portugal era forçado a distribuir sua população superabundante, e esta era mui limitada. por todos os seus dominios ultramarinos.

O archipelago dos Açôres, que hoje nos fornece tantos colonos, então não podia fazêl-o. No seculo XVI, e mesmo durante o XVII, ainda esse archipelago não tinha bastante população para exportar; e menos havia especuladores que o demandassem com seus navios com esse proposito.

Hoje mesmo, só esse genero de negocio attrahirá do littoral americano do sul para essas ilhas o especulador. Os outros não têm tal importancia que facilitem e promovam as relações commerciaes.

E tanto tem fundamento o que acabamos de dizer, que Duarte Coelho, o donatario de Pernambuco, natural da provincia do Entre-Douro e Minho procurou os povoadores de sua colonia n'essa região, e na sua limitrophe, a Galliza, e tambem nas Canarias, principalmente por causa do fabrico do assucar, e nunca se lembrou, nem então poderia lembrar-se do archipelago açorita. E tratava-se de uma colonia á margem do oceano, em ponto de refresco de navios que se dirigiam ao Oriente, perto da Europa, dirigida por seu donatario em pessoa, homem de vigorosa intelligencia e sobre energico, mui prudente, experimentado, duplicando o seu prestigio pela abundancia de recursos pecuniarios.

Confrontem-se estas circumstancias com as de outra colonia, em condições menos favoraveis, mui remota da me-

tropole, e quasi que abandonada por seu donatario, todo absorvido nas glorias que foi alcançar no Oriente, e que bem depressa perdêra o auxilio de seu intrepido irmão, donatario visinho, que muito poderia fazer em prol do nascente estabelecimento, se não fôra o desastre de que foi victima.

Trata-se de Pêro Lopes de Sousa, que naufragára em 1539 nas aguas de Madagascar ou em suas visinhanças. O que muito valeu á esta colonia de S. Vicente, foi ter começado logo com o pessoal de uma grande frota, de modo que quarenta annos depois em 1573 ou 1576, como diz Gandavo, havia em S. Paulo, a povoação do campo, muitos visinhos, e a mór parte d'elles nascidos de indias naturaes da terra, e filhos de portuguezes, base da população da famosa capitania.

A' estes productos chamou-se *mamelucos* (24) *ad instar* do costume da metropole que appellidava como taes os nacionaes oriundos de portuguez e de moura, conforme nos assegura em sua *Historia do Brasil* o illùstre visconde de Porto Seguro.

V

Mas, voltando ao nosso assumpto, a prioridade da descoberta da America pelo pretenso naufrago de Santos, e demonstrada a improcedencia de uma das circumstancias conducentes á prova da realidade do acontecimento, isto é, o

(24) E' singular o que sobre esta expressão diz Pedro Taques na *Nobiliarchia Paulistana*, artigo *Buenos da Ribeira*, queixando-se de um escriptor estrangeiro que molestára os paulistas, por causa de suas aggressões na America hespanhola, dizendo, que a tropa invasôra se compunha de *mamelucos* e selvagens.

Aos brancos, diz Pedro Taques indignado, chamava esse escriptor *mamelucos*.

testamento de João Ramalho, referimo-nos ao testemunho dos colonos que tinham vindo com Martim Affonso de Sousa, acompanhados de *suas mulheres* e *filhas ;* cumpre que assignalemos outros que clara e positivamente mostram que semelhante documento nunca existiu.

Esse testamento não passa de uma creação da fantasia do chronista benedictino, arrastado por mal entendido patriotismo, afim de dar certo realce ao torrão do seu nascimento, por Hans Staden chamado *Ywawa Supe*, assim como S. Vicente era designado por *Urbioneme* e *Orbioneme*, denominações indigenas mal reproduzidas pelo escriptor allemão (25), muito depois do duro captiveiro que soffreu. Foi uma pia fraude contra a verdade historica, creada pela imaginação do celebrado benedictino santense, como tantas outras que infelizmente formigam em suas *Memorias*.

Appliquemos a este assumpto o instrumento da critica, e a verdade transparecerá com toda a sua luz.

Mas, como adduzimento de mais uma prova do sestro anti-veridico d'esse escriptor, façamos algumas considerações sobre o nome indigena de sua patria e do seu pretenso fundador.

Se a aldêa que Staden chama *Uwawa Supe* é *Santos*, como todas as circumstancias de distancia e posição, parecem demonstrar, a conclusão é que essa aldêa indigena, que se transformou posteriormente em povoação lusitana, não foi fundada por Braz Cubas, comquanto não duvidemos de que fosse esse colono o creador e fundador do hospital da misericordia, com a denominação de *Santos*, ou de *Todos os Santos*, como o de Lisboa, substituindo esse o nome indigena primitivo da aldêa *Tupiniquim*.

(25) Vide supra a nota (96) do *segundo artigo* á pag. 237 do presente tomo XL de nossa **Revista**.

Como na enseada do *Uwawa Supe* era onde fundeavam os navios de maior calado que vinham de Portugal, e isto póde-se dizer, quasi desde o principio da colonisação, como reconhece o chronista benedictino, é natural que alli, além da população indigena, se accumulasse a dos navios que vinham da mãi patria commerciar n'esse ponto do Brasil, e alguns colonos sedentarios, fixos.

A segurança da nascente colonia lusitana, e a posição d'essa aldêa quasi em frente do rio da Bertioga, por onde mais se temiam as aggressões dos *Tamoyos*, deram grande importancia á essa aldêa, que em breve eclipsou S. Vicente.

Não é crivel que Martim Affonso de Sousa, escolhesse semelhante posição para cabeça de sua colonia, preferindo-a á de Santos, cujo porto e feliz situação eram mui superiores ao de S. Vicente.

O chefe lusitano voltando de uma viagem tão penosa á foz do rio de S. Maria (*Prata*) onde soffrera tantos contratempos, aproveitou e de accordo com os europêos que alli viviam naufragos ou desterrados, as duas aldêas dos *Tupiniquins* Orbioneme (*S. Vicente*) e Itanhaen (*Conceição*) para accommodar e prover a alimentação logo dos colonos que trazia, sem fazer grande cabedal da escolha do local.

N'essa época tomava-se mais em consideração os adversarios do sul, os *Carijós*, que os do norte, os *Tamoyos*, que posteriormente se mostraram mais temidos e antes parece que eram amigos. Era, além d'isto, por aquelle lado que Martim Affonso esperava os resultados da expedição de Pêro Lobo, que se mallogrou ; e de S. Vicente ficava mais proximo da grande aldêa *Tupiniquim* de Cananéa, d'onde tambem contava recursos para manter desde logo a popupulação européa que tinha de ficar residindo no paiz.

Santos (*Uwawa Supe*) ficava mais distante, e natural-

mente sem as commodidades de S. Vicente ; além de que n'essa época, nem se podia contar com os recursos de Piratininga, pois Ramalho ainda por alli parece que não tinha dirigido as suas investigações, e nem aberto o seu famoso caminho para o estabelecimento de S. André a partir do estreito de seu nome, com que pôz em contacto com a marinha as populações de serra acima (*Guayanazes*).

Por outro lado, a acreditar-se Gabriel Soares, o terreno onde se fundou Santos, era a principio uma ilhota destacada da de S. Vicente por estreito canal que pouco a pouco se foi aterrando. Posição boa para os maritimos europêos ; mas o terreno da ilhota posto que alagado, offerecia segurança e comtudo não podia servir pela estreiteza do espaço para uma *taba* indigena. Sem duvida aproveitava para estadias provisorias de população addicta á marinha.

Antes da vinda e estabelecimento de Martim Affonso de Sousa, João Ramalho vivia no littoral de S. Paulo entre os *Tupiniquins* na maior liberdade, navegando pela costa meridional em bergantins que por si, ou seus companheiros (genros) construia. Negociava com os navios europêos que demandavam a costa de S. Vicente á Cananéa, e lhes vendia mantimentos e escravos, de ordinario *Carijós*, com quem lutavam os *Tupiniquins*.

Mas organisada a colonia forçoso lhe foi tomar outra posição e vida mais regular; receber a sua sesmaria,e cultival-a. Isto para Ramalho já não era possivel. Tomou a deliberação de subir a serra e entender-se com os *Guayanazes*, por meio de permutas com os generos europêos. Estes indigenas vivendo no campo não tinham descido á marinha, já pela difficuldade da descida, e horror que tinham como todos os indigenas campesinos a penetrar nas matas (26).

(26) Uma ordem de D. Anna Pimentel, esposa do donatario, datada de 11 de Fevereiro de 1544, que transcreve Fr. Gaspar em

Eis a explicação que nos pareceu natural e obvia da nova vida de João Ramalho, forçado a deixar a marinha pela physionomia differente que a terra ia tomando e a que elle não se queria sujeitar, a ponto de preferir terras na ilha *Guaybe* ou *Guaymbé* (Santo Amaro) do que em S. Vicente, ou nas immediações de Itanhaen, mui superiores.

Martim Affonso de Sousa demorou-se pouco tempo na colonia nascente; um anno e pouco mais, quando muito:— e nunca foi, e nem podia haver fundado Piratininga (*S. Paulo*). Basta lêr o proprio *Diario* de Pêro Lopes de Sousa para, ainda com pouca reflexão, vêr-se que as duas villas em que elle estabeleceu sua gente outras não foram senão

suas *Memorias*, liv. I, n. 116, e aqui reproduzimos, dá a medida das relações de João Ramalho com os *Guayanazes* de Piratininga; relações ainda menos cordeaes com os outros colonos.

Eis a integra d'essa ordem:

« D. Antonia Pimentel, mulher de Martim Affonso de Sousa, capitão-mór, e governador da povoação da capitania de S. Vicente, costa do Brasil, que ora por seu especial mandado, e provisão, govérna a dita capitania, etc.

« Aos que este meu alvará virem, e o conhecimento pertencer, faço saber, que eu hei por bem, e me apraz, que todos os moradores da dita capitania de S. Vicente possam ir, e mandar resgatar ao campo (*Piratininga*), e á todas outras cousas; e porém mando, que no tempo que os indios do dito campo *andam em sua santidade*, nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja, possa ir, nem mandar ao dito campo, por ser informada, que é grande perigo para a dita terra irem lá em tal tempo: e tirando em este tempo, todo outro mandarão, e irão, com tanto que sempre tomem licença do capitão, ou de quem o tal cargo tiver; e nenhum capitão, nem Ouvidor lh'o não poderá tolher, não sendo no tempo, que se diz em cima.

« E assim mando a todas as justiças, que guardem este, e o façam guardar; porque assim o hei por bem. Feito em Lisboa, a 11 de Fevereiro de 1544. »

Diz Fr. Gaspar que extrahiu este importante documento do archivo da camara de S. Vicente, *fragmentos do livro de Vereações* que principiou em 1 de Janeiro de 1542 na vereação de 1544.

S. Vicente e *Itanhaen*, e nunca Piratininga, nome que por descuido, erro ou má fé alli foi encartado ou substituido.

Constancio em sua *Historia do Brasil* reconhece este facto, acompanhando aliás a Fr. Gaspar em suas *Memorias*, que muito desviou-se da verdade, quanto á direcção da viagem do fundador da colonia.

Gabriel Soares na sua *Noticia do Brasil* opina por S. Vicente e Santos, no que é acompanhado pelo autor da *America Portugueza* Rocha Pitta ; mas basta a distancia das duas villas no *Diario* de Pêro Lopes de Sousa para excluir tanto a povoação de Santos, como a de Piratininga, creações posteriores á estada de Martim Affonso.

Accresce que esse nome de *Piratininga*, que significa lugar da sécca do peixe, applicava-se no Brasil a muitos pontos que tinham esse destino. A villa de Itanhaen que se chamou *Conceição*, distava um pouco do seu porto na foz do rio Capivary á margem do oceano, era tambem um povoado e tinha aquelle destino ; e não seria maravilha que na época esse local se chamasse tambem *Piratininga*, sem ser o de S. Paulo nas vizinhanças do rio Anhemby. E se o local se chamava *Piranhem*, synonimo do precedente, mais força teria a nossa conjectura.

Não obstante uma hypothese ainda é possivel admittir. Quem sabe se o local de *Piratininga* não era o da futura villa de Santo André, pois não sabemos que nome tinha essa povoação ou aldêa antes de ser elevada á cathegoria de villa ? Por ora os documentos que existem impressos, nada a respeito asseguram.

Portanto, não se póde dizer que foi Braz Cubas o fundador de Santos, mas, por certo, concorreu muito para o seu adiantamento, e elevação á categoria de villa, além da imposição do nome, que a popularidade do seu hospital conseguiu manter trocando por elle o de *Guirapaçamã*,

que Staden transforma em *Uwawa Supe*, trucidamento praticado com outros muitos nomes tanto portuguezes como indigenas que sem piedade estropiava(27). Quem lendo a palavra *Artokoslie* poderá suppôr que se trata de Duarte Coelho, donatario de Pernambuco ?

Guirapaçamã ou melhor *Uirapaçamã*, que os portuguezes converteram em *Guarapissuman*, passou para os inglezes que, no seculo decimo sexto, residiram em Santos com o mesmo defeito, e por isso na collecção de Purchas esta palavra vem assim reproduzida — *Warapisumana*. Em nossa linguagem quer dizer — *corda de arco* — ou como já notámos em outro artigo, *arco aparelhado*.

Por muito tempo o lagamar de Santos chamou-se a enseada de *Guarapissuman ;* e era outr'ora vulgarissima essa denominação. E Machado de Oliveira no seu *Quadro Historico* no cap. 3 a consigna.

A traducção de *cordà de arco* dada á essa palavra é de Marcgrav e de Montoya. Dividindo-a em duas *guirapara* ou *uirapara*, arco, e *çamã*, corda, temos a explicação da traducção.

Mas tambem não desconhecemos que a mesma palavra póde-se prestar a outra traducção, dividindo-se da mesma sorte. *Guira* ou *guara* passaro, e *peçama* ou *tupaçama*, corda ou atilho, mas de outros usos, indicando corda ou bando de *guards*, passaro vermelho outr'ora abundante n'aquelle littoral, tendo-se em consideração o modo por que esses passaros vôam. Na ilha do Maranhão, onde taes passaros são ainda muito abundantes, mas onde infelizmente vão sendo furiosamente destruidos, o facto dá-se, e póde ainda hoje ser apreciado.

Se, pois, *Guirapaçamã* era o nome indigena de Santos,

(27) São muitos os lugares de sua obra onde se nota este defeito.

como o chronista benedictino diz nas suas *Memorias* que era differente, chamando a localidade de *Engud-guassú*, que em portuguez corresponde á *Pilão grande ?*

Os portuguezes não guardaram nos escriptos de seus chronistas o nomo indigena nem de S. Vicente, e nem de Santos, ainda que a bella enseada, em cujas margens a ultima se acha edificada, continuasse a ser denominada de *Guarapissuman*, e assim como já dissemos, era vulgarmente conhecida. Que razão portanto influiu no espirito de Fr. Gaspar para abandonar aquella tão expressiva denominação pela de *Engud-guassú?*

O douto chronista leu, ou teve noticia da traducção latina da peregrinação ou captiveiro de Hans Staden(28), onde se encontra a denominação de *Ywawa Supe* assim escripta,imposta á uma aldêa no local onde está edificada Santos. Essa traducção foi pela primeira vez publicada em 1617, e vem contemplada na celebrada collecção de Theodoro de Bry(29). Mas na edição allemã de Frankfort de 1593 d'essa mesma col-

(28) Fr. Gaspar nunca leu a obra de Staden, pois não cita-a uma só vez; se a conhecêra de muitos factos alli narrados se aproveitára para enriquecer a sua *Chronica*.

E' nossa conjectura que soube de outiva o nome de *Ywawa Supe* por alguem que vira ou lêra a obra de Staden na Europa, e aproveitou a noticia.

(29) Existem ainda d'esta obra outras traducções que não conhecemos, e que Tootal cita na sua. Sómente em nossa lingua, em que a obra tanto interessava ser conhecida e apreciada, é onde falta, e por isso é que escripto de tanto merecimento para o Brasil era, e ainda é tão pouco conhecido.

Eis as traducções a que Tootal refere-se:

Uma flamenga publicada em Antuerpia no anno de 1558; e tres hollandezas de 1630, 1686 e 1714. N'esta lingua houve seis edições, e na germanica, cinco, a ultima em 1859. Uma, a primeira, em Marpurg; outra, a ultima, em Stuttgart, e o restante em Francfort sobre o Mena.

lecção a denominação d'essa aldêa é *Uwwa Supe*, que manteve a traducção hollandeza de Pieter Van der Aa, conservou a traducção ingleza modernissima de Tootal, ao envez da franceza de Ternaux-Compans que seguiu a orthographia da traducção latina. Mas, em todas, a palavra *Supe* vem como que separada da precedente, e escrita com letra grande no principio.

As antiguidades de S. Vicente que se podiam colher nos cartorios d'essa cidade desappareceram com o incendio dos inglezes em 1592, ao mando de Cavendish(30). E o que apresenta Fr. Gaspar em suas *Memorias* não vai alêm do que o padre Simão de Vasconcellos nota em suas obras, salvo as noticias que pôde colher em algum raro documento inedito, sobretudo titulos de sesmarias, não poucas vezes de duvidosa authenticidade.

Ora ácerca da denominação indigena de Santos, o que colheu Fr. Gaspar para firmar a de *Engud-guassú* foi na obra de Hans Staden, com accrescimos seus não só graciosos como muitissimo inexactos, fazendo intervir *Guayanazes* em assumpto que só interessava aos indigenas do littoral—*Tupiniquins*, ou antes *Tabaydras*, pelos *Tupinambás* do Rio de Janeiro e de Ubatuba tratados por *Marcayás* (31).

(30) O que os inglezes destruiram em S. Vicente não alcançava senão até o anno de 1537.

Os documentos anteriores á essa época 1532 — 1536 perderam-se com a assaltada dos castelhanos de Iguape.

Vide infra a nota co-relativa.

(31) O veneravel padre José de Anchieta em uma *informação* que dá *sobre os casamentos dos indios do Brasil*, que se acha em um livro da bibliotheca de Evora, distingue os *Temiminós* do Rio de Janeiro e do Espirito Santo, tratados de *Margaiás* (*Maracayás*) pelos *Tamoyos* e seus alliados os francezes, dos *Tupís* de S. Vicente, tambem chamados *Tupiniquins*.

Ouçamos o escriptor benedictino em suas *Memorias*, liv. 1, n. 141. Diz elle que Santos, sua patria « tem sua

Deve-se a publicação d'este importante documento ao nosso incansavel consocio Varnhagen, o actual visconde de Porto Seguro.

Vide *Revista do Instituto*, tomo VIII, pag. 258.

O padre Simão de Vasconcellos que podia-nos dar uma informação correcta das tribus do nosso littoral, e de suas vizinhas, porque fôra provincial da Companhia de Jesus, na Bahia, não o faz senão de uma maneira confusa.

Na *Vida do veneravel padre José de Anchieta*, liv. I, cap. 4°, exprime-se n'estes termos, referindo-se ao sul do Brasil:

« As nações de gentes que habitam estes sertões, seus varios ritos, e costumes, seria infinito descrevêl-os. Indo correndo a costa do oceano habitam os indios que chamam *Goayanâs*, *Tupis*, *Carijós*, *Bigobebas*; mais para o interior das brenhas, outros que chamam *Abacús*,, gente mais féra, e guerreira, correndo mais ao norte, e os que chamam *Carijós* do sertão, menos agrestes, *Guaramunis*, *Tupiares*, *Ibirayáras*, por outro nome os *Bilreiros*, lanceiros, etc.

« E estes são os Campos Elyseos d'esta gentilidade, e seus seriões, onde agora vem habitar o nosso Joseph, e doze seus discipulos. »

Entretanto Thevet na sua *Cosmographia Universal*, liv. XXI, cap. V, chama os Tabayáras (*Touasseares*) do Rio de Janeiro, Tupinambás (*surnomés Tupinambaux*), que os portuguezes conheciam por *Tamoyos*. E por *Tominous* designa os Guayanazes (*Touaiat Hoyanãs* surnomés *Tominous*).

Parece que o nome de *Touaiat Hoyanãs* corresponde á *Tapuiás-Goyanazes* ou *Tabaiares Goyanazes*, por isso que o mesmo Thevet traduz por *inimigo* a palavra *Touaiat*.

Contudo em outro lugar (cap. XVI do mesmo livro), Thevet distingue os *Tabaiares* dos *Margageaz*,posto que ambos fossem inimigos dos *Tamoyos*.

Por sua parte João de Lery considera o *Touaiat* e o *Margaiat* como uma só nação, fallando a mesma linguagem, que é a dos Tupinambás, Tupiniquins, Tabajáras (*Touaiaire*), Temininós (*Tenreminou*) e Carios.

Estes (os *Carios*) viviam além dos Tabajáras (*Touaiaire*) para o lado do Rio da Prata, tendo a mesma linguagem como os Tupís (*Toúoup*) Tupiniquins (*Toupénenquin*), ainda que com algumas alterações na pronuncia.

Lery, *Histoire de l'Amérique*, cap. XX, pag. 318.

posição na ilha de S. Vicente,em um paiz que os *Guayanazes* chamavam *Engud-guaçú*, nome composto do substantivo *engud*, e do adjectivo *guaçú*, significando *Pilão grande.* »

E querendo mostrar que taes indigenas tinham fundamento em dar áquella parte da ilha vicentina essa denominação, exprime-se n'estes termos, dando largas á sua ardente e fertilissima imaginação :

« A mencionada ilha de S. Vicente pela sua face opposta aos rumos de noroeste, norte e nordeste, e tambem á outra ilha de Santo Amaro da banda de oeste, com as serras, que ficam defronte d'ella na terra firme, constituem um circulo grande imperfeito, no meio do qual existe um lagamar entresachado de varios mangaes, e algumas ilhotas. »

Continuando diz, e isto é mais curioso :

« Chegando á este lugar os indios, e *contemplando a sua figura* pareceu-lhes semelhante *a dos pilões*, vistos pela parte interior, porquanto as serras, e outeiros levantados em torno das aguas, e terra plana, formam uma concavidade muito semelhante á dos instrumentos, *onde* o gentio brasilico fazia *as suas triturações* ; e por causa d'esta analogia deram o nome de *Engud-guaçú*, ou *Pilão grande*, á parte da ilha de S. Vicente, que vai correndo dos outeirinhos até o principio da bahia *Caniú*, pouco mais ou menos. »

Estas razões imaginadas pelo douto chronista santense para explicar o fundamento do nome de *Pilão grande* dado á uma parte da ilha de S. Vicente não supportam o mais ligeiro exame, ainda mesmo que de feito o lugar tivesse realmente essa denominação. Os selvagens não remontavam tão alto para um tal proposito, notando-se que se uma semelhante idéa podia occorrer aos selvagens de serra acima, o

local realmente era occupado pelos do littoral, cujo horizonte lh es não permittia vêr as cousas do mesmo modo.

Accresce que n'esse tempo estando o lagamar cercado de arvoredo secular, de mangal basto e quasi impenetravel em vista dos meios de que dispunham os selvagens para destruil-o, a fórma interna do pilão mais facilmente se lhes apresentaria em baixo, sem ser preciso remontar ás serras, difficeis de divisar das margens do lagamar com semelhante embaraço.

Machado de Oliveira, no seu *Quadro Historico*, estende essa denominação pilonica á toda a ilha de S. Vicente, considerando talvez o seu terreno como a base d'esse immenso utensil, tendo por paredões as serranias.

O illustrado visconde de Porto Seguro, na segunda edição da *Historia do Brasil*, explica a denominação do local por outra fórma, restringindo a sua applicação á época em que os portuguezes estabeleceram na ilha, ou melhor em Santos, o *primeiro* monjôlo(32), o pilão movido por agua, sendo Braz Cubas o introductor do melhoramento, que vira na Asia, e provavelmente na India oriental, senão na China (33). E como esse instrumento era muito maior que

(32) *O primeiro monjôlo.* O nosso illustrado consocio não diz de onde extrahiu esta noticia, *maximè* da prioridade do estabelecimento d'este curioso engenho, que attrahiu a attenção de varios viajantes estrangeiros que têm percorrido o sul do Brasil.

Luccok nas suas *Notes on Brazil*; John Mawe nas suas *Travels in the interior of Brazil*, e Auguste de Saint-Hilaire na sua *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, o descrevem sob o nome de *monjola* e *monjollo*, vocabulo que nos parece de origem africana, e que talvez o primitivo S. Paulo nunca conhecêra.

Vulgarmente tambem é conhecido este utensil agricola sob a denominação de *preguiça*. Por essa causa Mawe o chama *sloth*, e o reproduz em estampa á pag. 190 de sua obra.

(33) O nosso illustrado consocio não discute se a palavra *Enguduassú* é realmente o nome indigena de Santos; aceita *bona fide* o

os graes de madeira, e mesmo de pedra de que usavam os indigenas, d'ahi resultou o nome, por elles dado, de *Engud-guassú*, que Fr.Gaspar traduziu por *Pilão grande* em vista do uso brasileiro.

que sustenta Fr. Gaspar em suas *Memorias*, e dá a explicação que segue, a qual, infelizmente, não póde calar em nosso animo.

Referindo-se ao sinistro de que foi victima o porto de S. Vicente, e a elevação do de Santos, a todos os respeitos preferivel, diz :

« Esta circumstancia deu ao porto de Santos toda a superioridade ao de S. Vicente : e bem depressa a soube fazer valer um dos colonos mais prestantes, que em seu principio teve esta terra—*Braz Cubas*.

« Este homem activo e emprehendedor, que veiu a ser na capitania não só procurador de Martim Affonso, *com quem estivéra na Asia*, e de quem era amigo, como provedor da fazenda real e *alcaide-mór*, conheceu que, havendo-se entulhado, como dissemos, o porto de S. Vicente, esta villa não poderia deixar de passar pouco a pouco para o outro lado da ilha, onde o ancoradouro era mais fundo, e onde a principio se haviam construido as tercenas para guarda das velas e enxarcias das náos de Martim Affonso que alli haviam recebido concerto.

« N'esse lugar adquiriu terras, e se estabeleceu, *construindo ahi o primeiro monjólo que se conheceu no Brasil*, e foi pelos indios denominado *enguáguassú* (pilão grande), nome que primitivamente teve o local, onde depois se fundou a villa chamada de *Todos os Santos*, hoje cidade de Santos; villa, que, por influencia do mesmo Cubas, desde logo teve hospital e casa de Misericordia, com os privilegios da de Lisboa por alvará regio. »

E accrescenta :

« A idéa do monjólo fôra *sem duvida* trazida por Cubas da Asia, e ainda hoje é conhecida na China ; sendo-o na ilha Formosa, com o nome de *chuitoi*, que equivale á *pilão d'agua*. »

Este facto, conseguiu'o mesmo escriptor, apurar em 1873, por occasião da exposição de Vienna, em vista dos modélos expostos na secção da China.

Ha infelizmente nas palavras que ficam transcriptas propos ições que nem Fr. Gaspar e nem Pedro Taques, chronistas paul istanos, sustentam.

Os Europêos não chamam *pilão* senão ao instrumento que contunde e móe—*a mão do gral*; e portanto aquelle nome não é dado ao proprio gral ou almofariz. Mas no nosso paiz, por uma corruptela, ao gral feito de madeira, chamou-se *pilão*, e ao instrumento contundente — *mão de pilão*. Entretanto na expressão antiga, *taipa de pilão*, se vê a prova do sentido que primitivamente tinha aquelle vocabulo.

O chronista benedictino, depois de conhecido o nome indigena de sua patria pela obra de Hans Staden, infelizmente alterada pela pronuncia germanica, e depois de decorridos alguns annos, tratou de adaptal-o a algum vocabulo da lingua indigena ou geral que mais se approximasse.

Não consta que Braz Cubas, que veiu na primeira expedição (1531—1532) com Martim Affonso, estivesse com esse donatario na Asia, e alli fosse descobrir o modélo do *primeiro* monjôlo que se estabeleceu no Brasil.

A villa, hoje cidade de Santos, nunca foi denominada de *Todos os Santos*. Do hospital de Santos, como resumidamente se chamava o de Lisboa, veiu a denominação do que alli se edificou, e d'ahi o nome do local.

Querendo que o *monjôlo* de Bras Cubas fosse o *pilão grande* de Fr. Gaspar não pôde ainda o mesmo nosso consocio elucidar a proveniencia d'aquella denominação

Na primeira edição da referida *Historia do Brasil*, tomo I, pags. 140 e 141 pronuncia-se por esta fórma:

« N'esse lugar chamado *Enguáguassú* (Iwawasupe, diz Staden, cap. 14), que significa *pilão grande* ou *monjôlo*, nome proveniente de um d'esses engenhos *primitivos* que alli havia, adquiriu (Braz Cubas) terras e se estabeleceu; e com tão bom exito que ao cabo de alguns annos, já n'esse local se creava uma villa, com o nome de *Santos* (Todos os), que desde logo teve hospital, casa de misericordia, com os privilegios da de Lisboa, por alvará regio;—que nunca os reis se eximiam de mostrar-se propensos a proteger instituições pias. »

Confrontem-se as duas apreciações nas obras citadas.

Se todos os factos historicos repousassem em fundamentos d'esta especie, o estudo da historia seria uma grande inutilidade.

Achou em *Engud-guassú* o que desejava, e justificou a descoberta pela fórma já expendida.

O *Ywawa Supe* de Hans Staden é o *Engud-guassú* dos indigenas, não os do littoral, *Tupiniquins*, mas os de serra acima, os predilectos *Guayanazes*. Mas não havendo escriptor algum de nossa lingua indicando semelhante denominação, causa especie o silencio que a este respeito guarda Fr. Gaspar não assignalando a fonte de onde extrahiu-a ou copiou, porquanto não conheceu-a Pedro Taques que o precedêra na sua *Historia da capitania de S. Vicente.*

Não deixa tambem de sorprender o pouco caso que Ayres do Casal faz na *Corographia Brasilica* d'essa denominação, elle tão amigo de indicar as indigenas, não contemplando-a n'aquella obra(34).

Pondo de lado a questão dos indigenas que haviam imposto o nome de *Enguá-guassú* á localidade de Santos, apreciemos por outra face o assumpto.

Se o local da aldêa fosse uma creação dos colonos, e não existisse como povoado antes da chegada de Martim Affonso de Sousa, o pretendido nome indigena não subsistira ao tempo de Hans Staden, vinte annos (1532—1553) depois do estabelecimento dos portuguezes. O nome do local seria logo portuguez, e não viria a sêl-o, como foi, posteriormente em consequencia de um facto estranho.

Se, pois, o nome indigena existia antes e se conservava até o tempo de Hans Staden que, até parece desconhecer a denominação de *Santos*(35), o nome de *Enguá-guassú* creado

(34) Ayres do Casal em sua obra mostra fazer mui pouco caso dos trabalhos de Fr. Gaspar. Basta a maneira de cital-o.

(35) No cap. 38 de sua obra, Staden referindo-se ao segundo navio portuguez que foi em sua demanda, cinco mezes depois da sua captura pelos *Tamoyos*, João Sanches, biscainho que figurava no navio de irmão de Staden para illudir os selvagens, exprime-se n'estes termos:

no fim do seculo passado torna-se uma impossibilidade, e não póde ser a correcção de *Uwawa Supe* e nem de *Ywawa Supe*, se se trata do monjôlo, porquanto os indigenas de serra acima, como os do littoral não podiam impôr ao local o nome de um utensil que desconheciam; e menos saberiam fazêl-o com as explicações do chronista santense por demais poetisadas.

A mesma orthographia do nome *enguá* não encontra apoio nem em Anchieta, e nem em Montoya. Um diz *anguá*, e o outro *unguá*. Alguns pronunciam *Indud* e tam-*Ibira-indud*(36).

Aquella impossibilidade lança por terra a interpretação do chronista santense; e quando se queira recusar a denominação de *Guirapaçamã* ou mesmo a incorrecta de *Guarapissumã*, a *Warapisamana* dos inglezes, preferindo-se o vocabulo de Hans Staden, outras correcções existem menos escabrosas.

Uwawa Supe como escreveu Staden, e *Ywawa Supe* como reproduziu Theodoro de Bry na sua traducção latina,

« Meu querido irmão, é por vossa causa que viemos com este navio. Nós ignoravamos se ainda estarieis com vida, porquanto o primeiro navio não pôde obter noticias vossas; e o capitão *Brascupas de Sanctus* ordenou-nos que nos informassemos se vós ainda vivieis, e de resgatar-vos se os indios n'isso consentirem; e no caso contrario capturar alguns (*Tamoyos*) para trocar por vós. »

Ahi temos portanto o nome de Braz Cubas, e o de Santos, pela primeira vez declinados n'essa obra, de onde resulta que era, talvez, um local isolado, e nada tinha com a aldêa de *Uwawa Supe*, vindo depois a reunião dos dois pontos, e a confusão da população de ambos.

Staden nem procura mostrar a identidade dos dois lugares, se com effeito existia.

(36) Fr. Claudio d'Abbeville em sua *Historia da missão dos Capuchinhos na ilha do Maranhão* diz no cap. 50, que esse instrumento, o gral, se chama *Ongoud*, e ao pilão, a mão do gral, *Ongoud va yare*.

se não houve erro de imprensa em algum dos *w*, sobretudo o ultimo, podem ter muitas outras explicações(37).

Demais *supe* ou *çupe* é uma preposição significando *a* ou *para*, e as preposições na lingua *tupí* vem de ordinario no fim das palavras que regem, e são consideradas—posposições. E o modo porque escreve-a Staden bem indica que se não trata do adjectivo—*assú*

D'esta fórma a palavra *uwawa supe* poderia lêr-se *u* ou *iguagadçupe* e traduzir-se—*para a enseada*; por isso que *iguagud*, e abreviadamente *iguad*, significam *enseada* de rio(38).

Tambem se poderia dizer *Iguaratáçupe*(39) indicando o porto onde os navios portuguezes vinham fundear. Ou ainda por abreviatura *iguaraçú*, a grande canôa, o navio ou navios dos colonos que n'essa enseada fundeavam.

Ainda outras explicações se poderiam dar, *maximè* pelos entendidos n'esse interessante idioma. Foi pena, que os portuguezes impuzessem sua extincção por determinação autoritaria tanto no Brasil meridional, como no septentrional; onde ainda era vulgar, um pouco além do meiado do seculo passado, e quando já havia um começo de litteratura.

(37) Na verdade mudando o ultimo *w* em *r*, o vocabulo *uwara* teria outra interpretação. Significaria passaro (*guira*), ou como Staden exprime-se tratando dos guarás (*uwara*), sob o titulo de passaro lindo (*uwara porange*) ou vermelho—*guira pirang*. Assim toda a expressão *uwara supe* indicaria uma habitação ou pouso de guarás.

(38) E se o *Uwawa* de Staden fosse em verdade a incorrecta pronuncia do *Engud* de Fr. Gaspar, o *Supe* não seria ainda o *assú*, mas a preposição. D'esta sorte o nome da localidade se traduziria por esta fórma—*ao pilão*—ou como quer Varnhagen—*ao monjólo* ou *para o monjólo*.

(39) *Igaratá*. No Maranhão dizemos ainda *igarité*, designando certos barcos empregados na navegação dos rios, superiores em tonelagem ás canôas dos indigenas, mas inferiores á outras da mesma especie, que alli se chamam *gabarras*, denominação deixada pelos francezes.

Staden estropiava sem piedade os nomes europêos de outras nações, e naturalmente ainda mais os indigenas do nosso paiz, como em sua obra dá tantos testemunhos. Como pois fiarmo-nos cégamente no que elle diz?

Não obstante, o que causa lastima é que chronistas nacionaes em vez de, para a intelligencia dos factos, procurarem a luz, se esforcem por mais obscurecêl-os.

Portanto, nossa opinião cada vez mais se firma ácerca de Fr. Gaspar da Madre de Deus, pois é um chronista de fantasia, e não escriptor sizudo e verdadeiro, em cujas proposições se possa confiar. E comtudo era um dos mais intelligentes, e que podia mui bem honrar a cogula de seu santo patriarcha como outros, com tanto lustre, fizeram na Europa.

Infelizmente elle não teve nem paciencia e nem conveniente discrição no que escreveu. Quando se diz—*trabalho de benedictino*, entende-se obra produzida por uma intelligencia cultivada, e que reune á muita discrição, grande copia de paciencia no preparo das chronicas, na coordenação dos factos destinados a adornar, sobre tudo a historia do paiz natal.

Liquidado este pequeno incidente cumpre não perdermos de vista a nossa these, continuando no seu exame.

VI

Sabe-se, pela *Chronica* do padre Simão de Vasconcellos, o quanto João Ramalho e seus filhos, *mamelucos* avalentados e rixosos, eram adversos aos jesuitas, fundadores da cidade de S. Paulo (25 de Janeiro de 1554) e, até certo ponto, da provincia, domesticadores como foram da populosa tribu dos *Guayanazes*. Já o demonstrámos na precedente *Memoria*.

Ramalho, antes de Martim Affonso de Sousa chegar a S. Vicente, parece qne tinha a sua vivenda, mais particular, na ilha do *Guaybe* (Santo Amaro, a *ilha do Sol* de Pêro Lopes de Sousa) quasi em frente á barra grande de Santos, naturalmente afim de poder melhor entender-se com os navegantes europêos que demandavam aquelle ponto para refrescar e resgatar com os indigenas.

E Martim Affonso tanto não ignorava a existencia de gente européa no porto ou rio de S. Vicente, e portanto do conhecido *bacharel* que alli vivia, de grande prestimo aos nautas, que antes de arribar á Cananéa, mandou alli no seu encalce. Fez expedir da frota com esse proposito um bergantim (*grande falúa*), mas ninguem se encontrando no local demandado, a residencia de Ramalho, determinou Martim Affonso que a frota seguisse para a foz do rio da Prata, conhecido dos portuguezes sob o nome de *rio de Santa Maria*, que tambem era do proximo cabo.

A razão d'esta nossa conjectura, independente do que se lê na *Viagem* de Diogo Garcia, tem sua base no pedido que fez Ramalho de uma sesmaria n'aquella ilha, e provavelmente no local onde acolhia os navegantes europêos(40). Ora esse ponto não poderia ser preferido, se ahi não fosse a antiga residencia do velho degradado.

Isto não impedia de ter Ramalho outra residencia em S. Vicente (a antiga aldêa *Morpion* ou *Orbioneme*) local escolhido (41) provisoriamente, ao menos, por Martim Affonso

(40) E' nossa conjectura que esse local era situado no golfo profundo entre as pontas *Manduba* e *Raza*, mais visinho do oceano e abrigado, ao menos contra os ventos de leste e norte. Tambem não julgamos que fosse em S. Vicente, ou no local onde, na ilha de S. Amaro, se construiu depois um forte, o de *Itapema*, para defeza do porto de Santos.

(41) Na carta *annua* de 1584 sob o titulo *Informação do Brasil, e de suas capitanias*, que foi publicada no tomo VI de nossa *Revista* á

de Sousa na face oriental da ilha do mesmo nome (ou de *Engua-guassú* (42), como pretende Machado de Oliveira), por entender que era então o ponto mais adaptado para defesa de estabelecimento contra adversarios externos que se deviam temer.

N'essa villa viveu Ramalho muitos annos, um pouco desgostoso por não occupar o primeiro lugar, mantendo as velhas usanças adquiridas com os *Tupiniquins*, seus velhos alliados e compadres, como familiarmente tratavam os indigenas aos colonos, independente de qualquer parentesco espiritual.

Mas esse viver de S. Vicente não embargava-o de ir resgatar com os indigenas visinhos de serra acima, os *Guayanazes*, que demoravam além da Paranapiacaba nas veigas de Piratininga, denominado *campo de S. Vicente*, onde conseguiu penetrar mediante um caminho que abriu com herculeo esforço por terreno ingreme e apertado, que era mui difficil transpôr. Esse caminho, como já temos notado, partia do *estreito* chamado *do Ramalho*, na lingua indigena

pags. 404 e 433, se diz que Martim Affonso fôra a S. Vicente com a armada lusitana « depois de haver n'ella alguns *poucos* e *antigos moradores* » e a accrescentou muito.

E' portanto, mui natural que se estabelecesse onde achou congregados aquelles primeiros colonos.

(42) E' singular a abundancia da denominação de *Pilões*, traducção de *Indud* ou *Anguá*, applicada á differentes serras, rios e ribeiros do Brasil.

Sobre o rio ou esteiro da Bertioga lança-se outro rio com esse nome. E estando tão visinho de Santos quem sabe se d'ahi não deduziria Fr. Gaspar argumento para crear o sitio do *Pilão grande* ?

Na provincia de Goyaz os sertanistas de S. Paulo impuzeram o mesmo nome (*pilões*) á mais outro rio que se lança no Claro.

Os indigenas do nosso paiz, quanto á fórma d'esse utensil, tinham variadas especies, que se podem vêr no museu Hartt.

Piraiquê (43), particularmente do ponto hoje conhecido por *Piassaquéra* (44), outr'ora chamado pelos portuguezes *Porto das armadias* (45) e tambem *de Santa Cruz*, nome

(43) O esteiro de *Piraiquê* era formado pela terra firme e a pequena ilha intermedia com a de S. Vicente, que Fr. Gaspar denomina *ilha do Teixeira*, por havêl-a possuido seu pai, Gaspar Teixeira de Azevedo, de quem herdára o nome secular. Da mesma sorte o douto benedictino commemora em outro lugar o engenho *Madre de Deus*, que fôra estabelecido por Pêro de Góes, e pertencêra á sua familia.

Este religioso não perde occasião de celebrisar os lugares e edificios tanto de sua familia civil como religiosa.

N'este esteiro havia na confluencia com o rio Cubatão-assú, ou geral outro porto denominado *Outeiros*, mais á oeste, que veiu a ter preferencia ao de *Piassaquéra*, pela mudança do traçado da estrada de S. Paulo.

Mas, a actual estrada de ferro preferiu para o seu traçado quasi a direcção antiga de João Ramalho antes de alcançar a serra.

(44) *Piassaquéra.* Diz Fr. Gaspar em suas *Memorias*, liv. I, n. 113, que essa palavra compõe-se do subtantivo *piassaba*, que significa *porto*, e do adjectivo *aquéra*, cousa *velha*, ou para melhor dizer antiquada.

Martius no seu *Glossaria Linguarum* diz que *piaçaba* quer dizer *lago*.

(45) *Porto das Armadias* é como se disséra—porto das canôas. Os portuguezes chamavam *almadias* os pequenos botes.

Moraes no *Diccionario* assim define-as : « Embarcação subtil de uma peça inteiriça ; especie de canôa, que por outro nome se chama *tone*. Tambem se toma por jangada, ou balsa de pescar. »

Usava-se com essa denominação na costa d'Africa tanto occidental como oriental, e na India. Esse vocabulo—*almadia*—é de origem arabe, e figura nos livros portuguezes depois da viagem de Vasco da Gama. *Almadia*, diz Constancio, deriva-se do verbo *mada*, arabe, que significa cavar um madeiro á maneira de calha ou canôa.

Por outro lado este nome podia ser traducção do indigena ; e ou significando *almadia* ou *armadilha* tem mais relação com o que diz Martius, com referencia ao termo indigena—*piaçaba* da precedente nota.

No Maranhão e Pará a palavra *piassaba* tem outra significação. E' um tecido feito com a folha da palmeira, *babassú* ou *buassú* que é alli

que, assegura Fr. Gaspar, fôra imposto por Martim Affonso de Sousa (46).

A direcção d'essa estrada era mais occidental do que o traçado depois pelos jesuitas que partia do Cubatão grande, por onde se póde concluir que ella não podia passar sem volta pelo ponto de S. Andrè, como a nova passava por S. Bernardo, outr'ora estabelecimento agricola benedictino.

João Ramalho alli, na borda do campo, mas contiguo ás mattas, tinha um pouso, á principio especie de guarita, onde ia resgatar com os indigenas da localidade ; e que mais tarde (1553) julgou-se necessario fortificar para manter em respeito essas tribus até então privadas de toda a luz do christianismo, e exploradas pelo trafego, pois eram tão barbaras como inconstantes.

N'aquelle ponto era o velho degradado efficazmente apoiado pela colonia nascente do littoral, que necessitava, principalmente, dos auxilios alimenticios que o campo lhe proporcionava, e de escravos. Por outro lado, os postos pomposos que lhe deram de *guarda-mór do campo*, de alcaide-mór *fronteiro*, e de donatario de S. André, aldêa elevada á cathegoria de villa fortificadá, o consolavam da perda da posição que outr'ora gozava na marinha.

Essa situação entristecia-o, e as queixas que Schmidel ouvira n'aquella aldêa nos confirma em nossa conjectura.

commum. Esse tecido fórma uma esteira que serve de leito aos escravos e gente pobre. D'Abbeville chama á essa palmeira *Guacury*, talvez o nome do fructo.

A carta de sesmaria de Ruy Pinto, a que se refere Fr. Gaspar, tem a data de 28 de Fevereiro de 1533: publicou-a Varnhagen na primeira edição da *Historia do Brasil*, tomo I, pag. 440, e diz *almadias* e não *armadias*.

(46) Não consta de documento authentico.

Ramalho se via tanto mais desmoralisado quanto não pôde evitar que os novos missionarios da colonia, os religiosos da Companhia de Jesus, o fizessem excommungar por sua vida desmesuradaménte licenciosa e mesmo repugnante ao viver da nascente colonia (47).

N'essas condições não podia habitar S. Vicente, passando-se, como é de crêr, em razão da idade e dos habitos de ha muito contrahidos, definitivamente para a sua villa de S. André, onde gozava do monopolio do resgate, e podendo continuar a viver na mesma licenciosidade com seus filhos, genros, apaniguados e outros que quizeram sujeitar-se ao seu regimen. Perdida estava a esperança de que peccador tão pertinaz, quizesse, reparando seus erros, voltar á vida regular.

Cumpre ainda reconhecer que Ramalho era por aquelle lado o primeiro defensor da colonia lusitana, não para embaraçar o commercio com os castelhanos do Paraguay como pretende Varnhagen ; impossivel n'aquella época (como ainda hoje é), o que se demonstra pela extraordinaria viagem de Ulrico Schmidel ; mas conter os assaltos dos indigenas *Guayanazes* com quem se mantinha, até a vinda dos jesuitas, uma paz sem segurança.

Posteriormente esse pequeno baluarte tinha por empenho resistir aos *Tamoyos*, que habitavam mui proximos, nas margens do rio Parahyba.

E por isso, Ramalho, aproveitando-se da estada de

(47) Não diz a historia se foram os jesuitas que promoveram essa medida, que elles por si não podiam tomar.

Mas não era natural que, havendo tanta relaxação na terra á chegada dos primeiros missionarios, a excommunhão de João Ramalho proviesse dos sacerdotes de má vida, verdadeiros relapsos, de que tanto abundavam as colonias.

Eis a razão de nossa conjectura.

Thomé de Sousa em S. Vicente, conseguiu, além do titulo e fôro de villa, augmentar a respectiva fortificação, cavalgando nos improvisados fortins, a artilharia da época, que em S. Vicente se pôde dispensar.

Installada a villa com a erecção do pelourinho, signal de méro e mixto imperio, João Ramalho não deixou de occupar logo os primeiros lugares da governança da terra, a saber, de juiz ordinario e de vereador da camara, etc.

Não ha certeza de que Thomé de Sousa na viagem que emprehendêra, já no fim de sua administração (1553) pelo littoral do sul até S. Vicente fosse á S. André, transpondo a serra de Paranápiacaba; e, mesmo, como pretende Fr. Gaspar (*Memorias*, liv. 1, n. 158), mandasse crear a villa de Ramalho, em vista de outros documentos em contrario, que apresenta aquelle chronista, mantendo o direito do donatario, já para isso autorisado pelo rei, pela sua carta de doação.

Accresce que Martim Affonso em 1553 ainda vivia, e não pouco influia na côrte lusitana, por seus brilhantes serviços no Oriente, e a particular amizade do rei D. João III.

Mas sendo Thomé de Sousa, governador geral do Estado e interessado na defesa do paiz, podia ter n'esse ponto com o donatario, jurisdicção cumulativa.

Por outro lado é mui possivel que Thomé de Sousa apenas aconselhasse e ordenasse a fortificação do local, auxiliando-a com os recursos de que podia dispôr por sua autoridade. Podia ainda autorisar provisoriamente o levantamento da villa até definitiva approvação do donatario ou do rei; e á esta opinião nos inclinamos em presença dos documentos que mais adiante iremos exhibindo.

As relações pouco benevolas de Ramalho com os jesuitas forçaram estes religiosos a dispensar o auxilio do velho

colono, preferindo fundar o seu estabelecimento em serra acima entre os barbaros *Guayanazes*, deixando de lado a villa fortificada de S. André, composta de alguns brancos europêos, *mamelucos* e indigenas da marinha, *Tupiniquins*.

E isto facilmente conseguiram os jesuitas pelos beneficios que já haviam feito aos indigenas em S. Vicente, mediante suas predicas, educação e instrucção dos meninos e execução das leis libertadoras, para que foram competentemente autorisados (48).

Estando, pois, firmada esta rivalidade que Fr. Gaspar em suas *Memorias*, liv. 1, n. 162, se esforça por assignalar e encarecer, como é que vemos depois Ramalho residindo em S. Paulo, o povoado dos seus detestados rivaes, e alli fazendo o seu testamento?

Dir-se-ha foi a mudança do predicado de villa de S. André para S. Paulo em 1560 por ordem de Mem de Sá, no interesse da defesa da colonia, por inspiração e suggestões dos jesuitas, como inculca Fr. Gaspar (*Memorias*, liv. 1, n. 162 a 164), e grande sentimento de João Ramalho; que forçou-o a dar esse passo.

Ainda assim a explicação não é natural e nem presumivel. O facto d'essa mudança, que devêra ainda mais offender os seus brios, impediria tal presumida abnegação da sua parte.

Em suas circumstancias, rico como se suppõe, orgulhoso, e tendo em redor de si tantos descendentes, genros e affins, Ramalho preferira voltar ás suas terras do Guaybe, e mesmo a residir em Santos, ou em S. Vicente do que em S. Paulo, se o facto se désse contra os seus interesses, e elle já não tivesse forças para impedil-o.

(48) Vide o padre Simão de Vasconcellos, *Chronica*, liv. I, n. 73.

Mas o facto realizou-se por interesse geral da colonia (49), sendo, em 1560, differentes as circumstancias das de 1553, com applauso de todos, porque era a segurança de todos. O voto dos jesuitas em taes condições não póde ter a maligna interpretação de Fr. Gaspar (*Memorias*, liv. 1, n. 164), que deturpa o que narra Vasconcellos (*Chronica*, liv. 2 n., 84), *maximè* tratando-se de varões verdadeiramente apostolicos como eram Manoel da Nobrega e Luiz da Grã.

Em prova de nosso asserto temos o testemunho insuspeito do Jorge Moreira e de Joannes Alves, officiaes da camara de S. Paulo, e outr'ora moradores de S. André, exarado em carta á rainha D. Catharina, regente na menoridade de D. Sebastião, em data de 20 de Maio de 1561.

Pedimos licença para citar algumas palavras de tão importante documento. Depois de referirem algumas medidas tomadas por Mem de Sá na luta contra os inimigos da colonia, *Tamoyos* e francezes, dizem os assignatarios o seguinte :

« E assim *mandou* que a villa de S. André, onde antes estavamos, se passasse para junto da casa de S. Paulo que é dos padres de Jesus, porque *nós todos* lhe pedimos por uma petição, assim por ser lugar mais forte e mais defensavel, e mais seguro assim dos contrarios (*Tamoyos*) como dos nossos indios, como por outras muitas cousas que a elle e a nós moveram. »

No periodo final ainda accrescentam :

« Outrosy *confirme* Vossa Alteza a mudação e trespação da vila que fez Mem de Sá com todos os mais capi-

(49) A mudança foi levada a effeito em 1563 ou 1564 quando o acto de Mem de Sá foi definitivamente approvado pelo donatario, ou pelo rei, se, a despeito do *foral* de D. João III, era ainda indispensavel em taes casos a approvação ou consentimento real.

tulos e liberdades que lhe deu, dos quaes mandamos um traslado á Vossa Alteza. »

Ora n'esta carta, que aliás é mui longa e detalhada, occupando-se tambem de outros assumptos, nem uma palavra se diz ácerca de João Ramalho, o fronteiro, o defensor da colonia, e comtudo toda a carta tem por alvo as lutas com os inimigos da colonia francezes e *Tamoyos*, solicitando-se auxilios da metropole. E João Ramalho, a primeira influencia de S. Vicente como reconhecia em 1553 o allemão Schmidel, e Mem de Sá em 1558(50), nem seu nome era em 1561 pronunciado!

O que, pois, influira para esse silencio, para essa incomprehensivel mudança nos sentimentos do povo d'essa villa de serra acima, creação favorita de Ramalho, o excommungado, mas tambem o orgulhoso guerreiro, bandeirista, terror dos indios, o colono audaz que nunca curvára a cerviz aos religiosos jesuitas, tão protegidos da metropole, e do governo central da Bahia? Esse silencio revelava um acontecimento extraordinario, pois não é provavel que se quizesse desprezar concurso tão valioso, não estando ainda segura a sorte da colonia.

Para resolver o problema podemos sómente appellar para um acontecimento, a morte ou ausencia de João Ramalho antes da medida que tomou Mem de Sá em 1560.

O silencio da carta que ha pouco citámos do nome de João Ramalho, notabilidade de tanta importancia, em 1561, vê-se tambem na *Chronica* do padre Simão de Vasconcellos, liv. II, n. 84, quando anteriormente o assignala nos ns. 77 e 126, pelo seu proprio nome nos annos de 1549 e 1553, e no de seus filhos e mal reputada descendencia

(50) Referimo-nos á carta que em o 1° de Junho d'esse anno (1558) dirigiu Mem de Sá ao rei de Portugal e se lê a pag. 463 do tomo I da *Historia do Brasil* de Varnhagen, na primeira edição.

em 1554. Este silencio resultava do passamento d'esse tão notavel protogonista d'aquella colonia.

Mem de Sá em um documento (*estromento*) que manda a D. João III com a sua carta escripta da Bahia no 1° de Junho de 1558, tratando das cousas relativas ao Rio de Janeiro, documento incompleto pela deficiencia de muitas letras e palavras, contém o seguinte(51) :

« .... Ouvi muitas vezes fallar a João Ramalho que era... verdade que é um homem dos muitos antigos na terra e boa lingua. »

Dizendo que os francezes e os *Tamoyos*, seus alliados, estavam mui proximos do campo de S. Vicente (*S. Paulo*), — « onde estão os padres de Jesus e João Ramalho por fronteiro, com uma *aldêa* de nossos indios(52), etc... »

D'aqui não se póde logo concluir que João Ramalho tivesse fallecido n'essa época (1558), antes, e pelo con-

(51) Esta carta que é um documento importante, embora escripto no 1° de Junho de 1558, não podia ser com direcção ao rei D. Sebastião, como julga Varnhagen na sua *Historia do Brasil*, tomo I, pag. 463—464, pelo que vamos observar.

E' certo que D. João III fallecêra á 11 de Julho de 1557, e D. Sebastião a quem coubéra o throno não contava mais de tres annos de idade, governando em seu lugar a regente D. Catharina.

Embora houvesse decorrido quasi um anno depois d'esse acontecimento é muito possivel que na Bahia fosse ignorado; accrescendo que estando a governar o reino a rainha D. Catharina, não era estylo escrever á ella, como se fôra ao rei. Se fôra assim a camara de S. Paulo não se dirigira á Regente, em 1561, como fez, e diria *Senhor*, e não *Senhora* como fez.

(52) Esta expressão—*uma aldêa de nossos indios*—parece indicar que n'essa época (1558) ainda o foral de villa não havia sido conferido á S. André.

E mais adiante se verá o fundamento de nossa opinião, ou melhor de nossa suspeita. E qual seria o nome d'essa aldêa na lingua dos indigenas ?

Nada sabemos.

trario, que então ainda era vivo; mas é um assignalamento que muito serve para o aquilatamento d'esta questão. Tambem não destroe o facto do fallecimento de Ramalho n'esse anno, por isso que a carta de Mem de Sá fôra escripta, da Bahia, longe da colonia de S. Vicente.

O nosso illustrado historiador Varnhagen, hoje visconde de Porto Seguro, nascido em Sorocaba, fez em 1840 uma visita ao importante archivo da camara municipal de S. Paulo, e do que alli colheu de importante communicou ao nosso Instituito. Sua carta foi mandada imprimir no tomo II de nossa *Revista* á pags. 526, depois de lida na sessão de 14 de Novembro d'esse anno. Eis suas palavras, referindo-se a S. André e a João Ramalho:

« No archivo da camara municipal (*S. Paulo*) acham-se livros bem antigos, cuja letra já pertence á paleographia. Entre estes deve-se contar o caderno que contém as vereanças da extincta villa de S. André, dos annos de 1555 á 1558, nas quaes por vezes se acha a *assignatura* de João Ramalho, *o qual não sabia escrever*, e por seu *signal* usava de um risco com volta de ferradura aberta para o lado esquerdo, em que ia o seu nome de baptismo, seguindo-se o appellido.

« Vê-se do mesmo livro que elle era capitão e alcaide-mór do campo, e que depois foi vereador da camara.

« Tambem consta de *outro livro* o sitio em que tinha sua sesmaria, mas nada obtive a respeito da época *da sua vinda*, de mais além do que consta das cartas dos jesuitas da bibliotheca publica d'essa cidade (*a côrte*).

. . . . . .

« *Este livro* de S. André é rubricado pelo escrivão Antonio Cubas em todas as folhas (53).

(53) Varnhagen diz na carta, que muitos d'esses documentos antigos

« Começa contendo *em fragmento* o fim do *foral* da villa dado por Martim Affonso em Lisboa aos 5 de Abril de 1558, e seguem as vereações de 1562 e 1563. »

Se estas informações são exactas, como são indubitavelmente, esses millesimos esclarecem perfeitamente a questão.

E' mui possivel que, depois da fortificação de S. André em 1553, se propuzesse ao donatario Martim Affonso de Sousa a elevação da aldêa dos Ramalhos á categoria de villa. Dando elle o seu consentimento assignou o *foral* da nova villa em Lisboa aos 5 de Abril de 1558, e foi então quando se levantou o pelourinho e se praticaram as formalidades em taes circumstancias usadas. Antes não podia ser senão provisoriamente.

Mas, crescendo n'esse intervallo, o importante estabelecimento dos jesuitas, S. Paulo, que demorava nas vizinhanças, como era natural, a aldêa dos Ramalhos, ainda na categoria de villa, não lhe embargaria o incremento. S. André, n'essa época, não contava trinta colonos, de origem européa, como diz a carta dos officiaes da respectiva camara já exhibida.

Proposta a mudança a Mem de Sá, pela propria camara de S. André em razão de palpaveis conveniencias, o governador geral do Brasil approvou o alvitre; e sujeitou-se a questão á decisão real ou do donatario, e em 1562 ou

estão decifrados com a escriptura moderna em entrelinha, o que *só se deve attribuir* a Pedro Taques, ou ao mesmo Fr. Gaspar :—» quem quer que foi, accrescenta, algumas vezes errou na decifração, e poderá fazer errar aos que não lerem pelo original. »

A letra d'essas entrelinhas, ao menos nos documentos do seculo antepassado, he tão moderna, que não pode ter por autores escriptores do ultimo seculo. Já temos visto alguns d'esses documentos.

Convem ler o que diz Pedro Taques no prefacio á sua *Historia da Capitania de S. Vicente*, quanto ás consultas que fez em documentos manuscriptos: parece que nos de S. André nunca tocou.

1563 foi resolvida a transferencia para S. Paulo com geral applauso, exclusive talvez os *mamelucos* Ramalhos.

A aldéa de S. André ficou em breve despovoada, ignorando-se ainda hoje o seu verdadeiro local; e embora Fr. Gaspar queira engastal-a na fazenda de S. Bernardo, da ordem benedictina, não conseguiu demonstral-o.

Todo o romance que sobre este assumpto creou o chronista santense, repousa sómente em sua imaginação, por demais succulenta.

O mesmo douto investigador sorocabano, nosso illustre consocio, em outra carta, anterior á precedente, e impressa no mesmo tomo da nossa *Revista* á pag. 521, já havia dito com muito senso, em vista dos desastres de que fora victima o archivo da camara da villa de S. Vicente, que fóra das cartas dos jesuitas não se encontram melhores documentos sobre as antiguidades de tão importante colonia.

S. Vicente soffreu muito do incendio dos inglezes em 1592, e ainda mais da incuria de seus filhos, quanto aos documentos posteriores, e outros que, com relação ao passado, se poderia ter, em tempo, reformado (54). A este res-

(54) Vide infra a nota immediata.

A historia dos primeiros tempos da colonisação lusitana no Brasil, é mui difficil.

Os archivos na colonia, mal guardados, ou foram victimas dos inimigos estranhos, ou do tempo, e da incuria dos interessados, os naturaes da terra.

Na metropole tambem não eram bem defendidos; e grande copia perdeu-se por occasião do terremoto de Lisboa (1755):

Na Bahia houve, em 1624, a destruição dos archivos com a invasão hollandeza; no Rio de Janeiro, ainda no ultimo seculo, com o incendio da casa da camara em 20 de Julho de 1790. Vide Pizarro—*Memorias* tomo VII, cap. 11, pag. 153, nota 1.

A perda dos archivos da Bahia deu lugar, abriu a porta á extravagante lenda do Caramurú e de sua pretendida esposa, a imaginaria Paraguassú.

peito poder-se-hia tambem dizer:—« O que não fizeram os barbaros (*inglezes*) praticaram os barbarinos, a saber—os proprios filhos da terra. »

A historia paulistana se acha mutilada, e pouco conhecida por tão lamentavel deleixo de seus filhos.

Mas, parece que S. Vicente antes do assalto de Cavendish em 1592, soffrêra outro por parte dos castelhanos, estabelecidos em Iguape, antes de 1550, commandados por Ruy Moschéra, de que trata Charlevoix na sua *Historia do Paraguay* liv. I, annos de 1530—1535.

Fr. Gaspar nas suas *Memorias*, liv. I, ns. 123 e 124, trata este acontecimento de fabula, por que d'elle não deu noticia o padre Simão de Vasconcellos em sua *Chronica* toda baseada nos documentos dos jesuitas, que chegaram a S. Vicente em 1549. Mas de um traslado publicado por Varnhagen, sobre a sesmaria de Ruy Pinto na primeira edição de sua *Historia do Brasil*, tom. I, pags. 440 e 441, consta a perda do livro do tombo de S. Vicente, por haverem-n'o levado *os moradores de Iguape*, fazendo-se novo livro em 1537.

D'aqui se vê que o primitivo cartorio ou archivo de S. Vicente foi destruido pela colonia castelhana que se refugiára em Iguape ás ordens de Ruy Moschéra, acontecimento de que nada consta em nossas chronicas, mui deficientes, e relata-o com algumas faltas Charlevoix na sua *Historia do Paraguay* (55).

(55) Liv. I, anno de 1530 até 1535.

Tres inimigos teve o archivo de S. Vicente: os castelhanos em 1535 ou 1536; os inglezes em 1592 e finalmente, por seu descuido, os proprios vicentistas da ultima época em diante.

Vide Fr. Gaspar, *Memorias*, liv. I, n. 123 á 126, que com pouca critica julga o facto fabuloso, porque nada encontrou na *Chronica* do padre Simão de Vasconcellos.

Varnhagen em sua *Historia do Brazil* (primeira edição) tomo I, sec-

Posto de lado este incidente vejamos o que diz a carta a que já nos referimos:

« Das ruinas de S. André e de S. Bernardo (estabelecimento benedictino posterior) nada pude deduzir a respeito de João Ramalho. Cada vez me convenço mais da minha opinião já annunciada pela imprensa, que nas cartas dos jesuitas é que se acharão os melhores documentos para as duas primeiras épocas da historia moderna do Brasil; e nas que foram escriptas de S. Paulo ou S. Vicente por Leonardo Nunes e seus companheiros, se encontrará o mais antigo e essencial. »

Mas d'estas informações colheu-se um facto, que para a nossa questão não deixa de ter sua importancia; e vem a ser que, depois do anno de 1558, não se lê mais no livro da municipalidade de S. André o nome de João Ramalho, o fundador da villa. E quem sabe se taes documentos, cuja letra já pertencia á paleographia, sendo decifrados não revelariam sobre este assumpto a verdade inteira?

D'aquella época em diante o nome, tão historico de João Ramalho, desappareceu das nossas chronicas, mesmo da que mais confiança inspira, quando o seu autor apoia-se em documentos, e não em sua ou alheia phantasia, referimo-nos á obra do padre Simão de Vasconcellos.

Sómente depois de decorridos mais de dois seculos surge para illuminar nossos annaes *a copia* do testamento do famoso progenitor dos primeiros *mamelucos* do Brasil meridional, lavrado não em S. André, villa que fundára, não em Santos e menos em S. Vicente, nas vizinhanças de

ção XI, pag. 139, combate com vantagem a Fr. Gaspar, apoiando-se nos livros da camara de S. Paulo, de 1585—1586, fl. 13 v e fl. 14, por onde se mostra a existencia d'essa luta, porquanto, por causa della, não foram contra os indigenas da Curytiba, para vingar Pêro Lobo e seus infelizes companheiros, Ruy Pinto e Pêro de Goes.

sua sesmaria, mas em S. Paulo, o local creado por seus adversarios. Testamento, adrede publico, com caracter e physionomia suspeitos, revelando bem a mão culposa que concebeu-o, levando a estranha data de 3 de Maio de 1580, em que se entroncam com João Ramalho e seu desembarque em Santos, a patria do chronista benedictino, em 1490, as recordações do dia auspicioso da descoberta de Cabral, e o millesimo da entrada da ordem benedictina no Brasil.

Fr. Gaspar, o feliz possuidor da *copia* do testamento, não nos quiz dar completa transcripção de tão notavel documento, e tão pouco o nome da pessoa que mimoseou-o ; da época em que foi a copia extrahida ; o nome do tabellião em cujo cartorio se achava o original ; se a *copia* era ou não authentica ou sómente trabàlho de curioso.

Em summa, além d'estas circumstancias, a razão ou, se possivel fosse, o historico da perda d'esse precioso titulo, que devêra por certo interessar a tão grande numero de familias de S. Paulo, de que fôra Ramalho o primeiro ascendente europêo.

O avaro, mas venturoso chronista de Santos, guardou sómente para si esse supremo gozo do archeologo, a ninguem mais deixou vêr sua preciosidade pre-colombiana, com o risco de passar, depois de sua morte, a mãos menos zelosas e profanas, privando assim a posteridade de conhecêl-a em sua integra.

Legou-nos apenas o transumpto, e do modo porque pareceu-lhe mais decente para figurar em publico; até porque, segundo o que pensamos, esse transumpto é o que ha e o qué houve de tão estupendo testamento, *ad hoc* creado para rodear de certa auréola um paiz, e duas individualidades, o imaginado protogonista, João Ramalho, e o escavador do testamento, o pithagorico Colombo da descoberta santina.

O nome do navegante genovez echoava muito na Europa quando Martim Affonso de Sousa aportára em S. Vicente, em 1532; e muito mais em 1549 quando alli foram ter os jesuitas. Cousa singular! todos ignoravam o que o feliz benedictino veiu a conhecer quasi no fim do seculo decimo-oitavo!

E entretanto Portugal, que quasi morrêra de despeito com a boa fortuna castelhana, o que não daria para fazer escurecer a gloria de Colombo, e exaltar a de um portuguez?

O *Diario* de Pêro Lopes de Sousa é silente sobre tão notavel acontecimento, e, aliás, como já demonstrâmos, João Ramalho, o *bacharel* de Cananéa, era muito conhecido dos navegantes que frequentavam a costa do Brasil meridional; de Pedro Annes, o piloto da armada exploradora, e até de João de Sousa, o capitão da mesma frota, que foi de Pernambuco á Lisboa por ordem de Martim Affonso communicar os successos de Itamaracá e de Pernambuco com os francezes, e volveu depois de Lisboa a encontral-o em S. Vicente, porto de antemão ajustado para o encontro, e que felizmente alli chegára antes do regresso de Pêro Lopes de Sousa a Portugal.

Os jesuitas por um lado não tratam a João Ramalho senão pelo *degradado*, o homem infame por seus crimes, amancebado publico por quasi quarenta annos, de galé que alli se achava cumprindo pena. Se outra fôra a razão da presença de João Ramalho na capitania de S. Vicente seria assim tratado?

Ora essa data de quasi quarenta annos extrahida das cartas dos jesuitas em 1549 e 1550, e 1551 a 1553, concorda perfeitamente com a relação de Schmidel, quando na ultima viagem passára em S. André, vindo do Paraguay. São estas suas palavras: « Ramalho pretende que tendo

feito a guerra *durante quarenta annos*, nas Indias (*Brazil*) e conquistado o paiz, etc. »

Não podemos precisar a data do fallecimento de João Ramalho, como na Bahia conseguiram os inventores de Catharina Alvares, *Paraguassú*, e de seu pretendido marido, Diogo Alvares, com a alcunha de Corrêa ; cujas sepulturas com todos os indispensaveis assignalamentos foram desencavados, no seculo decimo setimo, na segunda metade, depois da invasão hollandeza, por felizes e inspirados archeologos !

Mas, e é nossa conjectura, se o fallecimento de João Ramalho não foi em 1558, por certo não ultrapassou de 1560, quando muito : e com toda a probabilidade na sua villa do S. André. N'essa época o velho degradado devêra contar de oitenta e seis a oitenta e oito annos, calculando em trinta a sua idade presumivel, quando em Janeiro de 1502 aportou em Cananéa (56). E não era deficiente esse termo de existencia em razão da vida trabalhosa que curtiu.

E daremos a razão do que affirmamos, pois, suppomos, nos justificará perante os homens serios e illustrados cultores de nossa historia.

Na collecção manuscripta de cartas de varios membros da Companhia de Jesus, que possúe a bibliotheca nacional na côrte, encontra-se uma do irmão *Antonio de Sá*, escrita em hespanhol, provavelmente dirigida de S. Paulo, e não

(56) Se aquelles quarenta annos de estada no Brasil, de que já tratamos, têm exactidão rigorosa, João Ramalho desembarcou na ilha do Guahybe ou em Cananéa, em 1509 ou 1510, 1511 ou 1513.

N'estes casos outra foi a frota que o transportára, e não a primeira ; o que não é verosimil, e contrapõe-se aos testemunhos de Diogo Garcia e de Pêro Lopes de Sousa.

Mas, se os quarenta annos, como diz Schmidel, referem-se sómente ao tempo da guerra e não de estada no paiz, as épocas se conformam com os testemunhos precedentes.

de S. Vicente, aos irmãos da mesma Companhia na Bahia, em data de 13 de Junho de 1559, onde lê-se o seguinte trecho que copiaremos na propria lingua :

« Un indio que se llama Belchior está puesto en ayunar todos los dias que manda la Iglesia, y sin yo le bablar nadie, pregunto-me que le hyziese saber los dias de ayuno y qual no se comia carne, diziendo-me que antes *que muriese Juan Ramallo* que el se lo dizia y ayunava todos los dias que la Iglesia manda, y parece que el Senor se lo dixo, por que aquel mismo dia que al me dixo esto, me dixo el padre que le dixiese que avia de ayunar : yo enseno agora aiá la doctrina christiana, y las oraciones en nuestro romance (*Tupy*), como sempre hizimos despues que nos mandaron decir que era necessario concertar-se alguns vocabulos que estaban en la doctrina, etc.»

Se na colonia vicentina não havia, na época, outro João Ramalho, e tão conhecido que escusava explicar quem era para a Bahia, senão o de que temos tratado, é visto que fallecêra em fins de 1558 ou principios de 1559 confrontando a data da carta (13 de Junho de 1559), com as notas de Varnhagen do caderno de vereanças da camara da villa de S. André, em cuja corporação servira João Ramalho, como vereador.

Portanto este documento inédito e insuspeito, por partir não de um jesuita professo e escriptor, mas de um simples irmão e hespanhol que se dirigia á outros de sua classe sem proposito além do que consta de sua missiva, resolve perfeitamente a questão. Estabelece, e firma a certeza do facto do passamento de João Ramalho, antes da mudança da villa de S. André para a do S. Paulo em 1560.

Esta mudança mesmo não se poderia fazer, vivo João Ramalho, senão por seu consentimento ; o que não é presumivel attentas ás relações em que se achava com os

padres da Companhia de Jesus, mantidas de alguma sorte com seus descendentes, como se vê em Vasconcellos (*Chronica*, liv. I, n. 161) nas palavras: « Aquelles *mamelucos* Ramalhos, de arvore ruim peiores fructos, etc.» Palavras que presuppõem ou a morte de Ramalho, ou sua extrema decrepitude, conjectura admissivel aos oitenta e seis ou oitenta e oito annos de idade.

Note-se que Mem de Sá, administrador circumspecto, jámais se abalançaria a inutilisar um direito tão bem assentado, quasi um privilegio contra a vontade de quem o gozava, e tantos serviços fizéra á colonia, não obstante seus costumes depravados, mas mui tolerados em tal época e circumstancias.

Ora não basta termos a certeza de que semelhante testamento era impossivel, e que não passa de uma pia ou patriotica fraude da lembrança do seu inventor. E' mistér que a profliguemos, condemnando-a de modo que nunca mais se invoque em nossos annaes. Convém muito ainda, é do nosso rigoroso dever, que se faça bem conhecida a reprovação de semelhante escandalo historico, mesmo fóra do nosso paiz.

Nossa *Revista* aceitou-o como obra de boa fé de um chronista honesto, e posto que credulo, respeitador da verdade, mas, infelizmente, os factos que apresentamos demonstram o contrario.

Os creditos do chronista eram taes em nosso paiz que litteratos distinctos de outras regiões foram acolhendo, sem critica, a grande e estranha novidade.

O Dr. Lund, geologo e archeologo dinamarquez, de elevado merito, e que suppomos, ainda reside entre nós, communicou logo o acontecimento á Real Sociedade dos Antiquarios do Norte, o que consta do volume das *Memorias* d'esta celebre associação do anno de 1844.

E já o mesmo facto havia sido consignado no Boletim da sociedade de Geographia de Paris, do anno de 1842.

Paulo Gaffarel no seu bello trabalho intitulado—*Etude sur les rapports de l'Amerique et de l'ancien continent avant Christophe Colomb* (Paris, 1869), escreve sobre este assumpto um artigo, bem interessante, tratando dos viajantes desconhecidos que haviam precedido Colombo na America. Tomemos nota de alguns trechos:

« A mais curiosa e ao mesmo tempo *a mais authentica* d'essas expedições secretas, é a de um certo João Ramalho, de quem o Dr. Lund descobriu o testamento.

« Este acto official, em data de 3 de Maio de 1580, foi lavrado na presença do notario Lourenço Vaz e de quatro testemunhas, que todas assignaram, declarando que Ramalho habitava, havia noventa annos, a cidade de S. Paulo no Brasil. Portanto tinha alli chegado em 1490, e dois annos primeiro que Colombo.

« Ramalho, n'este caso, teria feito uma d'essas viagens clandestinas que já alludi. Eu não ignoro que tal homem deveria ter muita idade, e que o algarismo de noventa annos poderia ter sido adoptado, como o *sexcenta* dos latinos, para designar um ancião.

« Mas este Ramalho não é um personagem imaginario: Fr. Gaspar da Madre de Deus, escriptor posterior, conta, etc. »

Mais adiante accrescenta:

« Arrastado pela tempestade, ou por sua vontade, mas por contrabando, sobre essa costa, ahi se fixára, contrahindo mesmo alliança com os indigenas, como tambem fizeram no seculo XVI, alguns interpretes (*linguas*) normandos, que se estabeleceram entre os *Tupinambás*.

« Se mais tarde Ramalho não protestou, e nem para si reclamou a honra da descoberta, foi porque não quiz ex-

pôr-se á vingança de Portugal(57). Preferiu a tranquillidade aos perigos da gloria. »

Faz outras considerações sensatas, e mui aproveitaveis se a base do *humbug* gasparino fosse verdadeira.

O Sr. Luciano Cordeiro, portuguez, na *Memoria* que ainda este anno publicou sobre a *descoberta da America*, reivindicando alguma parte da gloria que cabe a Portugal n'esse grande acontecimento, aproveita-se tambem da supposta excavação do monge benedictino de Santos, na nota 83 á pag. 41 de sua *Memoria*, referindo-se ao marinho acolhido por Colombo na ilha da Madeira ou da Terceira, antes de demandar o auxilio dos reis de Castella.

N'essa nota o Sr. Cordeiro reproduz todos os periodos da *Noticia* de Fr. Gaspar desde o começo até as palavras: — « o dito João Ramalho e seus companheiros só podiam vir em alguma embarcação que fizesse viagem para a Asia ou Ethiopia e désse á costa na praia de Santos, *entrando no numero de varios que desappareceram sem nunca mais se saber no reino que fim levaram.* »

E accrescenta:

« Estas ultimas palavras nos recordam a phrase tão verdadeira de Malte-Brun:

« Quantaś viagens á aventura de que a historia nenhuma recordação conserva. Quantos desgraçados precursores de Christovão Colombo que, abysmados nas ondas do oceano ou naufragos em alguma praia deserta, não co-

(57) Esta razão não é procedente, porque n'este caso nem motivo haveria para vingança da parte de Portugal; o acto seria por si mais meritorio que culposo.

Uma razão semelhante, e tambem sem procedencia, dá o nosso illustre consocio Varnhagen, quando pretende contemplar Alonso de Hojeda como um dos descobridores do Brasil; a despeito do formal depoimento d'este celebre navegador quanto á derrota de suas viagens ao nosso continente da America.

lheram por fructo de sua nobre audacia senão uma morte ignota! »

E n'este sentido terão ainda de discursar outros cultores da archeologia americana, principalmente agora em que taes estudos têm tomado grande desenvolvimento, com a creação da meritoria Sociedade dos Americanistas.

Mas as reflexões de Malte-Brun, infelizmente, não se podem applicar a João Ramalho, pelo que já fica expendido. Entretanto ha factos em nossa historia que autorisam a crença de que, antes das viagens de Pinson, de Lepe e de Alvares Cabral, fôra o littoral do nosso paiz visitado e devassado por navegante, cujo nome a historia ainda não conhece.

Será este ponto assumpto de outro artigo, se o tempo e saude não nos faltar.

Terminando :

VII

Não consintamos que sob o cunho do nosso Brasil percorra o mundo uma estulta fabula que amesquinha e deslustra nossa historia, sobre desmoralisar os que entre nós cultivam essa bellá planta com zelo e pátriotismo, filiados á maior sinceridade.

A historia do nosso paiz ganhará sómente com o culto inteiro da verdade, mas a verdade singéla, rigorosamente exposta, sem desnecessarios e ridiculos atavios, e esse culto muito nos ennobrecerá.

ADDENDA

I

Depois de já estar no prelo a presente *Memoria* tivemos occasião de consultar a preciosa collecção dos manuscriptos de Evora, copiados para a bibliotheca do Instituto, onde encontrámos firmados diversos factos que contrariam algumas de nossas conjecturas, e que no interesse da verdade historica aqui registramos.

Dissemos á pag. 299 que Thomé de Sousa, o fundador da cidade do *Salvador*, impropria e inexactamente conhecida em nossa época por *S. Salvador* que não exprime a grandeza da idéa da primeira e tão simples denominação; conduzira para a colonia sua esposa. Conjectura mais natural sabendo-se que a sua commissão duraria pelo menos tres annos, a não haver cousa extraordinaria, por ser esse o prazo das commissões no governo da antiga monarchia.

Os nossos chronistas, omissos em muitos pontos importantes de nossa historia, foram tambem n'este caso.

Mas a leitura de uma carta do primeiro apostolo de nosso paiz, o padre Manoel da Nobrega, dirigida da Bahia ao padre Simão Rodrigues, provincial da Companhia de Jesus em Portugal, positivamente assegura o contrario.

Essa carta não tem data, mas pelos factos n'ella exarados, como a chegada do primeiro bispo do Brasil (22 de Junho), e a supposta proxima retirada de Thomé de Sousa com a vinda do successor D. Duarte da Costa, autorisa-nos a assegurar que esse importante documento foi escripto no anno de 1552 no mez de Agosto, a épocha das monções para a volta á Portugal(1).

(1) Esta carta assegurou mais uma verdade historica ácerca de um facto em que nem Gabriel Soares, nem o padre Simão de Vasconcel-

D'essa carta colhemos um trecho que parece-nos digno de ser já transcripto; seja pelo que contém de interesse para a historia da colonia, seja pelo que deixa imaginar, suppôr:

los foram exactos. Um dizia que o primeiro bispo do Brasil D. Pedro Fernandes Sardinha havia chegado á Bahia com a armada de 1550 (*Noticia do Brasil*, parte II, cap. 4); outro, que tinha sido no principio do anno de 1552 (*Chronica*, liv. I, ns. 80 e 114, e liv. II, n. 14), porque a sua provisão tem a data de 4 de Dezembro de 1551, em Lisboa.

A carta de Nobrega tira todas as duvidas; eis suas palavras com a respectiva orthographia:

« Bespora da bespora de S. João (22 de Junho) achegou o bispo á esta Baya, com toda a náu e gente de saúde, posto que trouxerão prolixa viagem, e quá parecia a todos que não viria, de que a cidade era mui triste, etc., etc. »

O Bispo hospedára-se na casa dos Jesuitas:—o bispo *vêo pousar comnosco*, até que lhe mercarão humas bôas casas, em que agora está. »

Prégou no dia da festa de S. Pedro e S. Paulo (29 de Junho) com muita edificação, com que muito ganhou, diz Nobrega, os corações de suas ovelhas

Este religioso estava na Bahia desde Março de 1552, tendo chegado de Pernambuco, em serviço de visita. E' admiravel o pouco cuidado que mostra Vasconcellos na apreciação d'essas datas notaveis em que figura sua Companhia, e devendo ter á mão documentos valiosos que podéra consultar, onde encontraria solução para as duvidas.

O nosso illustrado consocio Varnhagen, na primeira edição da *Historia do Brasil* (secç. 16), fundado na autoridade de João Pedro Ribeiro (*Dissert. Chronol.* tomo III, pag. 192, aliás, tomo V, pag. 223; exprime-se n'estes termos:

« O bispo eleito foi confirmado, e depois de sagrado passou a exercer sêu honroso cargo, e já em Outubro de 1551 se achava na Bahia. A bulla da creação do bispado *só mais tarde* foi promulgada. »

Parece que o douto historiador não consultára Gabriel Soares e nem Simão de Vasconcellos sobre este assumpto, de que tratamos no *Direito civil e ecclesiastico brasileiro*, tomo II, pag. 529, nota (*); e

« O governador Thomé de Sousa eu o tenho por tão virtuoso, e entende tão bem o espirito da Companhia, que lhe falta pouco para ser d'ella ; não creio que esta terra fôra ávante com tantos contrastes, como teve, se houvéra outro governador.

pelo que ahi dissemos com relação a Pizarro coube-nos em sorte, em um *postfacio*, reparos pouco àmenos sobre a nossa falta de *criterio historico* por não havermos contado o anno da data da bulla da creação de nossso primeiro bispado *more florentino*.

Quando discutimos assumptos d'esta ordem, sempre o fazemos com maior isenção de espirito, nosso empenho é a verdade historica, apurada sem paixão ou capricho. Se o erro está de nossa parte reconhecêmol-o sem dezar; se a verdade, defendêmol-a com constancia.

E por isso, sem escusadas retaliações, notaremos sómente que examinado de novo, com criterio historico, o assumpto pelo autor no *Supplemento* de 1857, que se não encontra additado em todos os exemplares da primeira edição da *Historia do Brasil* (e o que possuimos estava infelizmente n'este caso), e ainda na segunda edição da mesma *Historia*, estranhámos que não visse o douto historiador, desde logo, as impossibilidades chronologicas com que lutava, embaraçando-o de fazer a luz n'esta questão, como tem feito em outras.

Causa especie que o nosso illustrado consocio, historiador do Brasil, como é, e mui distincto, não visse essa data de 1552, em obras que necessariamente devêra ter manuseado, pois nem mesmo allude á sua existencia tratando de um ponto historico como é este, que tem sua importancia entre nós.

Simão de Vasconcellos em tres lugares de sua *Chronica* discute e procura esclarecer este facto; a carta *annua* da Companhia de Jesus de 1584 na provincia do Brasil, mantem de igual sorte aquella data, que confirmam as cartas ainda ineditas de Manóel da Nobrega, que se acham colleccionadas nos archivos de Evora, de que ora felizmente possuimos cópias.

Esses archivos foram devassados pelo illustre historiador, de que temos provas bem salientes em nossa *Revista* ; e n'este caso se acha tambem aquella *annua* de 1584, impressa no tomo VI, offrenda mui valiosa da sua generosa e patriotica procedencia.

« Dizem que se vai este anno que vem (1553), que tememos muito vir outro que destrua tudo : de quantos de lá vieram nenhum tem amor á esta terra ; só ellé, porque todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja á custa da terra, porque esperam de se hir.

Apoia-se o douto historiador para sustentar a sua data de 1551 nas *Dissertações* de João Pedro Ribeiro, equivocando-se na citação em todo o sentido.

No tomo V das *Dissertações* tratando dos bispos da nossa America, diz Ribeiro o seguinte á pag. 223 :

« *Bispos do Brasil.* 1551. Outubro. Pedro Sardinha.—*Hist. Gen.*, tomo III, pag. 192. »

Nas *erratas* emenda n'este ponto sómente o nome do bispo—Pedro Fernandes Sardinha.

Já se vê que houve engano de citação no tomo e paginas que eram os da *Historia genealogica da Casa Real portugueza* por D. Antonio Caetano de Sousa, o qual apenas diz que D. Pedro Sardinha se achára presente no acto da trasladação dos ossos da rainha D. Maria, esposa de D. Manoel,do mosteiro de Xábregas ou Enxobregas para Belem, no dia 19 de Outubro de 1551. Então já era designado como *bispo do Salvador*.

Sousa apoia sua asserção em um opusculo que, sobre o assumpto, publicou-se em 1551, e se acha textualmente transcripto no tomo II das *Provas* d'essa sua notavel *Historia*, sob n. 61, *maxime* á pag. 316 e cap. 9. Este escriptor, em 1737, designa D. Pedro Sardinha por bispo de S. Salvador da Bahia, em contraposição ao opusculo.

Ribeiro, portanto, não sabendo que data assignar á época em que foi nomeado ou sagrado esse prelado, arriscou essa data de Outubro de 1551, colhida na *Historia Genealogica*, e que nem procura fixar.

Mas, quanto o que elle diz differe do que se lê no *Supplemento de* 1857, e foi transcripto na segunda edição da *Historia do Brasil* (1875), e anda no *postfacio* da segunda edição da *Historia das lutas com os hollandezes no Brasil* (1872), de onde colhemos o seguinte trecho :

« Além d'isso no alvará de 16 de Setembro de 1551 se diz que o bispo « *ora vaí* » para a sua diocese, onde, a darmos credito a um documento citado por J. P. Ribeiro, havia chegado em fins de Outubro. »

O que exara o mesmo douto escriptor no primeiro volume da

« Parece-me que, se el-Rei lhe der lá o que tem á sua filha, e a casar, *e lhe mandar sua mulher*, que julgará muito de viver cá, não por governador, senão por morador com que cá tem : digo de sua creação e seus escravos, porque é muito contente d'esta terra e acha-se muito bem n'ella, e muitas vezes conheci isto d'elle. E nem crerá ordenado de el-Rei, mais que qualquer favor de honra em sua vida.

« E se este homem quá assentar será grande favor da terra, e com elle se ganharão muitos moradores.

« Dê V. Reverencia d'isso conta á el-Rei, e veja-se o espirito de suas cartas. V. Reverencia lhe escreva os agradecimentos de muitos favores que nos quá faz, porque certo nos ama muito em o Senhor. »

No mesmo sentido escreveu Nobrega outra carta á D. João III, e bem interessante, sobre o assumpto, e outras circumstancias concernentes á colonia nascente.

Historia do Brasil (segunda edição) á pag. 251, ainda é mais caracteristico :

« O bispo não se demorou muito em seguir para o seu destino, effectuando a sua partida de Lisboa em fins de Setembro ; de modo que, antes do fim d'esse mesmo anno, se achava já na diocese. »

Em nota accrescenta o seguinte :

« 1. No alvará de 16 e carta régia de 22 d'este mez (1551) se diz que o bispo « *ora vae* » para a Bahia ; onde J. P. Ribeiro assegurou (D. Chr. III, 192) que chegára em fins do seguinte Outubro. »

Onde encontrar o *documento* e a *segurança* de João Pedro Ribeiro declarando que o primeiro bispo da diocese do Brasil, ou de Santo Salvador (*Sancti Salvatoris*), chegára á Bahia em fins de Outubro de 1551 se a 19 do mesmo mez estava ainda em Lisboa?

Não houve aqui deficiencia de *criterio historico*, mas um simples descuido como tantas vezes acontece.

II

Dissemos a pags. 328 e 329 que Martim Affonso de Sousa nunca fôra, e nem podia haver fundado *Piratininga*, e que as duas villas de que trata o *Diario* de Pêro Lopes de Sousa, não podiam ser outras senão *S. Vicente* e *Itanhaen*, prato de pedra, e nunca *Piratininga*, hoje *S. Paulo*.

Os manuscriptos da bibliotheca de Evora, a que já nos referimos, vêm solver todas as duvidas que sobre este assumpto existiam.

Em verdade Martim Affonso de Sousa subiu á serra de Paranápiacaba, e fundou nos campos de Piratininga uma villa do mesmo nome, precisamente no local onde hoje se acha estabelecida a cidade de S. Paulo.

Esta villa com o tempo desappareceu : os portuguezes que alli viviam retiraram-se para S. Vicente, ou para as povoações maritimas, menos João Ramalho que fundára um estabelecimento á borda d'essas campinas, conhecidas na época por *campo de S. Vicente*, ou simplesmente o *campo*. A' esse ninho creado para resguardo seu, entre as matas e mais proximo do littoral, impoz-lhe desde o principio, o nome de *S. André*.

O alvará de 11 de Fevereiro de 1544 explica em parte a causa do abandono dos portuguezes, de um estabelecimento, cujo local foi depois aproveitado pelos religiosos da Companhia de Jesus em 1554, quando fundaram a sua casa, e igreja de S. Paulo, como as cartas de Nobrega nos dão a respectiva explicação.

Foi por essa causa que, segundo nossa conjectura, se deu á uma rua, o nome de Martim Affonso de Sousa, a qual posteriormente mudou-se em S. Bento, em consequencia do mosteiro que edificou-se em sua direcção. E' natural que fosse o primitivo local da villa de 1532 ou 1533.

Fr. Gaspar para de tudo tirar partido para si, sua familia ou sua ordem, imaginou logo que o nome da rua era por causa de *Tibireçá*, a quem deram o nome do donatario, entidade que só veiu a ter importancia e celebridade depois de impressa a *Chronica* de Vasconcellos, ou melhor depois que lh'a deram Pedro Taques, e o mesmo religioso benedictino no seculo passado.

Da mesma circumstancia deduziu este religioso que o local onde se acha edificado o mosteiro, era onde aquelle indigena tinha a sua *tdba!*

As cartas do padre Manoel da Nobrega, de 1553 e 1556, dizem o seguinte :

1553. *De S. Vicente a D. João III.*

« A graça e consolação do Espirito Santo seja com Vossa Alteza sempre amen.

« Porque mando este anno um padre de quá (2) a dar conta á Vossa Alteza e á Companhia das cousas destas partes, e por Thomé de Sousa haver pouquo, que se de quá partiu (3), pelos quaes de tudo será bem informado, não tinha eu pera que escrever, mas pera cumprir com a devoção de Vossa Alteza, e com os desejos, que em Nosso Senhor eu tenho d'estas partes serem favorecidas d'elle, sómente lhe darei alguma conta d'esta capitania de S. Vicente, onde a maior parte da Companhia residimos, por ser ella terra mais apparelhada pera a conversão do gentio, que nem huma das outras, porque nunqua tiveram guerra com os

(2) Era o padre Leonardo Nunes.

(3) Em Abril e Maio de 1553, porquanto em 13 de Julho d'esse mesmo anno chegára á Bahia o governador D. Duarte da Costa que o substituira na administração da colonia.

Gabriel Soares—*Noticia do Brasil*, parte II, cap. 5.

christãos, e é por aqui a porta e o caminho mais certo e seguro para entrar nas gerações do sertão, de que temos boas informações.

« Ha muitas gerações, que não comem carne humana, as mulheres andam cobertas, não são crueis em guerras, como estes da costa, porque sómente se defendem. Algumas têm um só principal (*chefe*), e outras cousas, mui amigas da lei natural, pola qual razão nos obriga Nosso Senhor a mais presto lhes soccorremos, maiormente que nesta capitania nos provem de instrumentos pera isso, que são alguns irmãos *linguas* (4), e por estas razões nesta capitania nos occupamos mais que nas outras.

« Está principiada uma casa na povoação de S. Vicente, onde se recolheram alguns orphãos da terra, e filhos do gentio, e outra (5) do mar dez leguas, pouco mais ou menos, duas leguas de uma povoação de João Ramalho, que se chama *Piratinin* (6), onde Martim Affonso de Sousa primeiro povoou ; ajuntamos todos os que Nosso Senhor quer trazer á sua igreja, e aquelles que sua palavra e evangelho engendra pela prégação, e estes de todos deixam

(4) Nessa colonia havia abundancia de *linguas*, o que se explica pela fórma porque começou o estabelecimento; ao envez da Bahia, onde a linguagem portugueza manteve-se desde o começo pelo numero dos que vieram fundal-a, e ignorancia do Tupi pelos colonos.

Em S. Vicente obtiveram os jesuitas desde logo para a sua corporação os irmãos *Pedro Corrêa*, de extrema importancia na colonia; *Manoel de Chaves*, *Antonio Rodrigues*, *Leonardo do Valle*, *Gaspar Lourenço*.

Pedro Corrêa era o mais eminente na pericia da linguagem, dos indigenas, e o mais influente em S. Vicente, quando alli chegaram os jesuitas. Seguia-se-lhe na pericia da linguagem Antonio Rodrigues, que Fr. Gaspar talhou para companheiro de João Ramalho.

(5) *Outra*. Additamos esta palavra ao texto, para ser comprehendido.

(6) *Piratinin*. Este nome refere-se ao local da casa, e não á povoação de João Ramalho, á duas ou tres leguas de distancia que, parece, sempre teve a denominação de *Santo André*.

seus costumes, e se vão extremando dos outros; e muita esperança temos de serem verdadeiros filhos da igreja.

« E vai-se fazendo uma formosa povoação, e os filhos d'estes são os que se adoutrinam no collegio de S. Vicente.

« Na Bahia não se entende agora com o gentio por falta de *linguas* (7), que não temos; sómente se sustenta aquella casa, e se doutrinam alguns moços; e assim tambem porque andam elles todos baralhados em tão crueis guerras, que vizinhos com vizinhos, e casa com casa se comem, que he grande juizo de Nosso Senhor, etc.»

1556. *De S. Vicente a S. Ignacio de Loyolla*

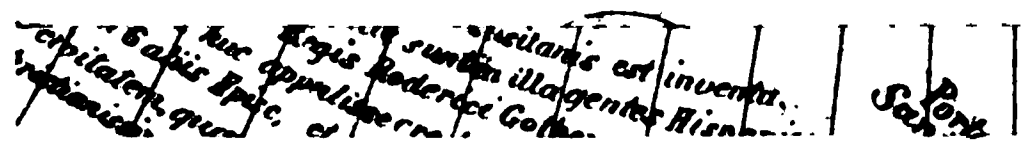
« E com isto (*refere-se ao modo de manter o collegio da Companhia em S. Paulo*), e com o mais que a casa tem seria collegio fixo, porque já tem casas e igreja e cerca em muito bom sitio, posto o melhor da terra, de toda abastança, que na terra póde haver em meio de muitas povoações de indios, e perto da villa de S. André, que he de christãos, e todos os christãos desejam ir alli viver, se lhes déssem licença (8).

« Alli foi a primeira povação de christãos, que nesta terra houve em tempo de Martim Affonso de Sousa, e vieram-se ao mar, por rezão dos navios, de que agora todos se arrependem, e todavia á alguns deixaram lá ir viver; assim tambem ensina-se já alli grammatica á alguns estudantes nossos, e lição de casos á todos.»

(7) *Linguas que não temos*. Havia sómente um que era Diogo Alvares, o *Caramurú*, mas esta declaração faz suppor que nem este era então vivo (1553).

(8) *Se lhes déssem licença*. A explicação d'esta circumstancia se encontra no alvará de 11 de Fevereiro de 1544 de D. Antonia Pimentel, esposa do donatario Martim Affonso de Sousa.

Vide *supra* pag. 328, o texto d'esse alvará.



BIOGRAPHIA

DOS

BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

LUIZ CARLOS MARTINS PENNA

O CREADOR DA COMEDIA NACIONAL

(Memoria biographica lida no Instituto Historico e Geograph' Brasileiro em sessão de 23 de Novembro de 1877)

Pelo socio do mesmo Instituto

DR. LUIZ FRANCISCO DA VEIGA

Raras vezes nos temos occupado com assumpto que intima satisfação nos cause, posto que trespassada de goa, e magoa cordialissima, como o que constitue o obj d'este escripto.

Ha satisfação, por certo, porque effectuamos o p mento de um devido tributo de admiração e de applau memoria de um muito distincto talento nacional; igualmente magoa, porque ha recordação dolorosa do maturo passamento de um honrado e benemerito fl nense, que conhecemos e que até foi, durante alguns nos, nosso excellente vizinho, á rua do Evaristo da V (então dos Barbonos) n. 20, posto bastante joven fosse então.

Mas, bem presente temos, em nosso espirito, a ima sympathica e serena do illustre fluminense, apezar de lecido a 7 de Dezembro de 1848 (ha vinte e nove ani como tambem nos lembramos, e perfeitamente (temos n

um particular prazer), da physionomia pallida e melancolica de outro illustre fluminense, Antonio Francisco Dutra e Mello (esperamos breve nos occupar d'elle), ainda mais infortunado, porque ainda mais cedo foi roubado á vida, com vinte e dois annos de idade, a 22 de Fevereiro de 1846.

E', porém, unicamente de Luiz Carlos Martins Penna que vamos tratar n'este escripto, d'esse singular escriptor fluminense, cujas obras dramaticas, selladas com o mais genuino cunho brasileiro, foram, entre nós, os primeiros typos d'este genero da litteratura.

A não menção d'este nome, nome tão caro, especialmente aos filhos d'esta capital do Imperio, no muito importante *Anno biographico brasileiro*, do douto e talentoso Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, benemerito das letras patrias, e as muito deficientes e mesmo assim, em parte, inexactas informações que se encontram sobre este assumpto na, a respeito de outros objectos, tão noticiosa, obra do laborioso e intelligente Sr. Dr. Moreira de Azevedo, intitulada *O Rio de Janeiro, sua historia, monumentos, homens notaveis, etc.*, despertaram-nos o desejo de obter sobre o egregio morto mais ampla noticia, afim de redigir uma pequena memoria biographica, que, publicada pela imprensa, perpetuasse, e tão completamente quanto fosse possivel, o nome d'aquelle illustre brasileiro.

Felizmente encontrámos, em relação ao homem privado, e mesmo em relação ao funccionario publico, no illustrado e probo Sr. Dr. José Francisco Vianna, sobrinho do morto, a fonte legitima e fidedigna da verdade, das informações que desejavamos achar.

Quanto ao litterato, especialmente autor de comedias, tivemos necessidade de proceder a uma verdadeira exhumação, para nada nos servindo o pouco, e esse mesmo pouco incorrecto, que encontrámos sabido.

O que vamos escrever tem, pois, por base nossas proprias pesquizas e os esclarecimentos que nos ministrou patrioticamente aquelle distincto collega.

Dividiremos assim muito naturalmente este escripto em duas partes: na primeira trataremos do homem, da sua educação litteraria e do funccionario publico; na segunda do dramaturgo, especialmente autor de comedias, do litterato, emfim.

Parte primeira.

Luiz Carlos Martins Penna, nascido n'esta cidade do Rio de Janeiro a 5 de Novembro de 1815, era filho legitimo do então juiz do bairro de Santa Rita, depois desembargador, João Martins Penna (mineiro) e de D. Francisca de Paula Julieta Penna (fluminense), neto, pelo lado paterno, do brigadeiro Francisco Martins Penna (portuguez) e de D. Claudia Maria de Sant'Anna (mineira), e pelo materno do tenente José Antonio da Costa Guimarães (portuguez) e de D. Maria Bernarda do Nascimento (fluminense).

Tendo ficado orphão de pai, com um anno de idade, e de mãi com dez annos, seu avô e depois um tio, maternos, que foram seus tutores, o destinaram para o commercio, em que se empregavam; por isso, depois de estudar as primeiras letras, a arithmetica e o latim, nas aulas dos antigos professores d'esta côrte Manoel Maria, Florencio e padre Agostinho Bandeira de Gouvêa, matriculou-se, em Março de 1832, na aula do commercio, cujo curso comple-

tou, tendo sido sempre approvado, e distinguindo-se por sua intelligencia e applicação.

Já emancipado da tutella de seu tio materno, e não se sentindo com vocação para o commercio, mas para os estudos litterarios e para as artes, frequentou, durante algum tempo, a Academia das Bellas Artes, onde adquiriu conhecimentos de architectura, estatuaria e pintura, os quaes distinctamente revelou, *maximè* sobre a pintura, nos escriptos que publicou a respeito das exposições d'aquella Academia e sobre a scenographia.

Depois de ter completado o curso da aula do commercio (tinha então vinte annos), e sem prejuizo da sua frequencia na academia das bellas artes, entregou-se com ardor ao estudo da historia, da geographia, da litteratura (especialmente a dramatica), e das linguas inglezas e italiana, aperfeiçoando-se na franceza, cujo estudo encetára aos quatorze annos, sem mestre, fallando e escrevendo corrente e correctamente todas essas linguas,

Simultaneamente cultivou a musica e o canto, tendo apreciavel voz de tenor, aprendendo tambem as regras de contra-ponto.

Revelado seu distincto merito, foi por decreto de 17 de 1838 nomeado amanuense da Mesa do consulado d'esta côrte, emprego que exerceu até 28 de Abril de 1843, em que foi removido, por decreto d'essa data, para lugar semelhante (o de amanuense) da Secretaria de Estado dos negocios estrangeiros, o qual serviu até Outubro de 1847, em que partiu para Europa (a 12 de Outubro, e na galera franceza *Amelie* (conforme consta do *Jornal do Commercio* de 13 do dito mez), por ter sido nomeado por decreto de 20 de Agosto d'esse anno addido de primeira classe á legação brasileira em Londres, emprego cujas funcções desempenhou de Fevereiro a Outubro de 1848.

Luiz Carlos Martins Penna, quer nos dois empregos que exerceu no Brasil, quer no de addido á legação brasileira em Londres, foi sempre um funccionario, além de muito intelligente, de exemplar procedimento e zeloso cumpridor de todas as obrigações a seu cargo, realizando importantes trabalhos n'este ultimo lugar, cujas funcções desempenhou cumulativamente com as de secretario da legação.

A sua extrema dedicação como funccionario publico muito concorreu para abreviar-lhe os dias da existencia, porque, menosprezando a natural debilidade de sua compleição, deixou que se aggravasse, no ultimo quinquennio da sua vida, a molestia pulmonar que, ha mais tempo, contrahira, e que completamente desenvolveu-se sob a influencia do clima frio e humido de Londres, não descontinuando nunca, entretanto, em seu meritorio ardor, em seu patriotico, mas não exigido suicidio, só pondo um termo a essa febril actividade, quando as forças de todo o abandonaram, violentando a tenacidade de sua vontade e a austeridade de seu zelo.

Desenganado das illusões que alimentára sobre a fortataleza de sua saude, ou antes sobre a possibilidade da victoria da resistencia moral ao descalabro de seu tão deteriorado organismo, o que é tão commum nos tisicos, pediu e obteve licença para voltar para o Brasil, acreditando ainda conseguir reerguer, pelo poder magico das auras vitaes da querida patria, o já infelizmente, e para sempre, desmoronado edificio.

Sahindo de Londres para Lisboa, em Novembro de 1848, ahi seus males attingiram á maxima gravidade, o tremendo ponto culminante, cujo declinio termina na sepultura!

A despeito dos humanitarios e louvaveis cuidados do digno consul brasileiro Vicente Ferreira da Silva (tambem já fallecido), e do engenho providente do distincto medico

portuguez Bernardino Antonio Gomes, falleceu Luiz Carlos Martins Penna a 7 de Dezembro do dito anno de 1848, no *Hotel de France*, ao caes do Sudré, sendo seu cadaver sepultado no cemiterio dos Prazeres.

Os restos mortaes do illustre brasileiro, em virtude de pedido que fez ao referido consul, momentos antes de morrer, foram exhumados a 11 de Setembro de 1850, com as solemnidades legaes, presentes as competentes autoridades portuguezas, encerrados em um caixão de zinco, este em outro funerario, e remettidos para o Brasil ao hoje igualmente fallecido conselheiro e senador Joaquim Francisco Vianna, seu cunhado e intimo amigo.

Luiz Penna era irmão de uma virtuosissima senhora, D. Carolina Penna Vianna, esposa d'aquelle conselheiro, a qual tivemos a fortuna de conhecer, prezando-a e venerando-a como uma verdadeira santa, que foi.

As cinzas de Luiz Penna, que sempre conviveu, e na mais doce e feliz harmonia com sua irmã e cunhado, emquanto esteve no Brasil, de 1834 em diante (e pouco tempo residiu na Europa), existem guardadas no mesmo jazigo que encerra as de sua boa irmã e dedicado cunhado, no cemiterio de S. João Baptista d'esta côrte.

Terminando a primeira parte d'esta noticia biographica, devemos aqui inserir a seguinte informação que nos forneceu o Sr. Dr. J. F. Vianna a respeito de Luiz Penna : « Tinha estatura baixa, compleição debil, olhos verdoengos, o olhar observador e penetrante, e uma presença nimiamente sympathica. »

Em virtude de nomeação, datada de 24 de Março de 1841, era Luiz Penna moço fidalgo da casa imperial ; mas sua mais meritoria fidalguia elle a conquistára, brazão por brazão, na luminosa e excelsa republica das letras.

Seu melhor titulo de nobreza não foi sanccionado pela

firma rubra de Cesar, mas pura doação de plebiscitos populares em repetidos comicios.

Morreu, tendo trinta e tres annos, um mez e dois dias de idade, senão no verdor dos annos, no principio da sua tão fecunda e honrada maduridade.

Parte segunda.

Tratemos agora do dramaturgo, autor especialmente de comedias, do litterato, emfim.

Sobre esta segunda parte, e por certo a mais importante, da biographia de Luiz Penna, quasi nada, ou antes nada, encontrámos feito.

O proprio Sr. Dr. J. F. Vianna, que tanto preza (como deve) a respeitavel memoria de seu illustre tio, apenas nos forneceu a respeito d'esta face da distincta personalidade de Luiz Penna uma *muito incompleta* lista das composições theatraes do egregio fluminense, desprovida de quaesquer informações, commettendo mesmo um importante erro de data na unica e deficiente noticia que nos deu sobre a comedia *O Juiz de paz da roça*, como adiante se verá.

Em relação a esta parte da biographia de Luiz Penna, tres cousas de primeira importancia tinhamos de verificar, investigando de modo a obter, sem possibilidade de duvida, verdade inteira e irrefutavel: 1°, quantos e quaes dramas ou comedias escreveu Luiz Penna; 2°, quantos e quaes foram levados á scena nos nossos theatros; 3°, quantos e quaes foram impressos.

Sabendo, pela simples leitura da lista referida, que aquelle tão proximo parente de Luiz Penna ignorava quantas e quaes tinham sido suas producções litterarias, e

reconhecendo, por outro lado, a impossibilidade de conseguir esclarecimentos fidedignos, além d'aquelles, sobre os escriptos ainda ineditos, restringimos nossas pesquizas ao 2° e ao 3° ponto, isto é:

2.° Quantos e quaes dramas ou comedias de Luiz Penna foram levados á scena nos nossos theatros?

3.° Quantos e quaes foram impressos?

Ao principio, procuramos inquirir a uma ou outra pessoa, que acreditamos competente para dar-nos resposta satisfactoria áquellas perguntas; logo, porém, nos desenganamos, convencendo-nos de que o esquecimento e a ignorancia eram completos sobre este tão interessante assumpto.

Desilludidos, consultamos, além da referida obra do Sr. Dr. Moreira de Azevedo, o *Diccionario Bibliographico* do doutissimo e benemerito litterato e bibliophilo portuguez o fallecido Sr. Innocencio Francisco da Silva, e os catalogos dos livros impressos e publicados pelo tambem fallecido Paula Brito, annexos ás suas folhinhas de 1849 a 1857, existentes na bibliotheca fluminense; exploramos a Bibliotheca Municipal, a Fluminense e a nacional, o Gabinete Portuguez de Leitura e a bibliotheca particular, mas opulentissima de livros e manuscriptos brasileiros ou sobre o Brasil (é um precioso thesouro) do Sr. Dr. João Antonio Alves de Carvalho, e finalmente, consultamos onze annos do *Jornal do Commercio*, de 1837 (inclusive) a 1847 (tambem inclusive), examinando não só todas as paginas, mas todas as columnas das quatro ou seis paginas de mais de 4,000 jornaes (pois que os annuncios de theatro não se publicavam, como hoje, em lugar certo, mas em pagina e columna incertas), afim de ficar sabendo, com toda a certeza, quantos e quaes dramas ou comedias de Luiz Penna foram effectivamente levados á scena nos nossos

theatros, quando o foi pela primeira vez cada uma d'essas composições, e, finalmente, se foram impressas taes composições.

Muito pouco encontrámos no *Diccionario* do Sr. Innocencio, nos catalogos dos livros publicados pelo fallecido Paula Brito, e assim na Bibliotheca Nacional, na do Sr. Dr. João Alves de Carvalho e no Gabinete Portuguez de Leitura. Quanto á Bibliotheca municipal, não existiu jámais para ella o Fluminense Luiz Carlos Martins Penna!

A Bibliotheca Fluminense possuiu outr'ora, segundo nos informou seu honrado e desvelado patrono, o Sr. Francisco Antonio Martins, algumas das producções theatraes de Luiz Penna; hoje, porém, é um verdadeiro deserto sobre este objecto! As leituras fóra do estabelecimento, o que é da infeliz e parcial natureza (dizemos parcial, porque ha livros que não podem sahir do edificio) d'aquella Bibliotheca, dão estes tão lamentaveis resultados!

Foram os *Jornaes do Commercio* de 1837 a 1847 (onze annos) que nos forneceram a maior e a melhor cópia das informações que colhemos, e que ora offerecemos aos poucos, dignos e altos espiritos que prezam as cousas nacionaes.

Como é nosso rigoroso dever e como mandam a logica do progresso litterario e o mais trivial methodo, daremos noticia das composições theatraes de Luiz Penna, seguindo a ordem chronologica da primeira representação de cada uma d'essas composições.

Quaesquer considerações geraes, que nos possa suggerir este interessante assumpto, daremos depois.

Tinhamos quasi concluido esta memoria biographica, quando nos lembrámos de procurar a uma distincta filha (unica) que deixou o nosso Luiz Penna, senhora que não tinhamos a honra de conhecer, mas que sabiamos estar casada.

Tivemos a fortuna de encontrar essa senhora e a seu digno marido o Sr. Antonio Joaquim de Araujo Guimarães (residente á rua do Conde d'Eu n. 170) e esse encontro deu-nos o feliz azo de obter mais abundantes informações sobre as producções *ineditas* de Luiz Penna, informações que inserimos nos lugares competentes d'este escripto.

Eis a promettida noticia, peça por peça, com todos os esclarecimentos que deparámos em fontes fidedignas.

Cremos, a despeito de quaesquer lacunas ou deficiencias que possam ser notadas, ter, em parte, revelado e em parte deixado entrever uma fecunda e illustre individualidade, uma obumbrada, mas indiscutivel gloria nacional.

O Juiz de paz da roça.—Comedia (farça, disse o primeiro annuncio) em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 4 de Outubro de 1838, em beneficio da actrjz Estella Sezefreda.

(Vide *Jornal do Commercio* de 2, 3 e 4 do referido mez.)

A 15 ainda de Outubro, devendo fechar-se o theatro e em beneficio do actor João Caetano dos Santos, foi, de novo, levada á scena a (textual) *bem aceita farça.—O Juiz da roça.* »

(Vide *Jornal do Commercio* de 13 e 15 do mez supra citado.)

Cumpre notar que o primeiro titulo que teve esta comedia, titulo que se conservou durante as immediatamente posteriores representações, foi simplesmente.—*O juiz da roça.*

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo informa que o autor conseguiu fazer representar esta comedia no anno de 1837, o que é inexacto ; a primeira representação só teve lugar na data supra referida.

O Sr. Innocencio Francisco da Silva, cuja morte foi tão

sensivel ás letras portuguezas e brasileiras, diz, na noticia que dá de Luiz Carlos Martins Penna, inserta no seu importantissimo *Diccionario Bibliographico Portuguez* conhecer a terceira edição d'esta comedia, devida á empreza Dois de Dezembro, de Paula Brito.

A Bibliotheca Publica possue um exemplar da edição de 1871 de Cruz Coutinho, o que tambem possuimos.

Está na relação que nos forneceu o Sr. Dr. J. F. Vianna que nos informou o seguinte:

« Quando estudante do segundo anno da aula do commercio, escreveu, tendo apenas dezoito annos (1833), a sua primeira comedia de costumes nacionaes, *O juiz de paz da roça*. Receioso, porém, de que o conhecimento d'essa sua vocação litteraria podesse difficultar a realização do seu desejo de obter um emprego publico (por serem insufficientes os rendimentos dos parcos bens que herdára de seus maiores), só fêl-a publicar e representar em 1841 ou 1842.»

Publicar, póde ser; *representar*, não, segundo ficou dito e irrefutavelmente.

Esta comedia mereceu tanta sympathia do publico fluminense, que julgaram os emprezarios dos outros theatros existentes n'esta côrte dever leval-a á scena nos theatros que dirigiam, ciosos dos applausos que outorgava a população ao joven e talentoso autor brasileiro; assim (deixando de fazer menção de factos mais modernos) foi a referida comedia levada á scena no theatro de S. Januario, a 26 de Maio de 1840, em beneficio da poetisa nacional D. Delfina Benigna da Cunha (vide *Jornal do Commercio* de 20, 22 e 26 de Maio), e no theatro de S. Francisco, a 20 de Setembro de 1841, em beneficio do autor José Romualdo de Noronha (*Jornal do Commercio* de 13, 16, 19 e 20 de Setembro), repetindo-se ainda a representação dois dias depois, isto é, a 22 de Setembro do dito anno de 1841.

O Sr. Dr. J. A. Alves de Carvalho possue exemplares da edição de 1843 d'esta comedia, que entretanto não encontrámos em varios catalogos dos livros impressos por Paula Brito, provavelmente por se esgotarem rapidamente as differentes edições que tirava.

O antigo catalogo (não o moderno de 1868) dos livros do Gabinete Portuguez de Leitura menciona esta comedia, referindo-se a exemplar da edição de 1842.

Possue o manuscripto original o Sr. Araujo Guimarães.

A Familia e a festa da roça.—Comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 1 de Setembro de 1840, em beneficio da actriz Estella Sezefreda.

(Vide *Jornal do Commercio* de 27 a 31 de Agosto do mencionado anno.)

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo faz menção d'esta comedia, mas nada informa.

O Sr. Innocencio não a menciona.

A Bibliotheca Publica possue um exemplar da edição de 1871 de Cruz Coutinho, o que tambem possuimos.

Foi esta comedia longamente apreciada, quatro dias depois da primeira representação, no folhetim do *Jornal do Commercio* de 5 de Setembro do anno referido, reconhecendo o folhetinista « o genio do autor do bem aceito *Juiz de paz da roça* » e terminando seu juizo com as seguintes palavras:

« Ao publico agradou a comedia, que excitou longa hilaridade e obteve repetidos applausos. »

Festejando-se o anniversario da independencia a 7 ainda do dito mez, foi de novo levada á scena esta comedia.

Está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna.

Não está, porém, nos catalogos de Paula Brito; possue d'ella exemplares, e das edições de 1842 e 1853, o Sr. Dr. Carvalho.

Está no antigo (não no moderno de 1868) catalogo dos livros do Gabinete Portuguez de Leitura, referindo-se á edição de 1842.

O Sr. Araujo Guimarães não possue o manuscripto original.

O Judas em sabbado da Alleluia.—Farça em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 17 de Setembro de 1844, em beneficio do actor Manoel Soares.

(Vide *Jornal do Commercio* de 12, 16 e 17 do citado mez de Setembro.)

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo faz menção d'esta comedia, mas nada informa.

O Sr. Innocencio diz conhecer a edição de 1852 da empreza *Dois de Dezembro* de Paula Brito.

A Bibliotheca Publica possue um exemplar da edição de 1871 de Cruz Coutinho, o que tambem possuimos.

Está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna.

Foi a primeira comedia publicada por Paula Brito na sua collecção denominada *Theatro Brasileiro*, e está nos respectivos catalogos.

Não está, porém, nos dois catalogos do Gabinete Portuguez de Leitura nem possue d'ella exemplar o Sr. Dr. Carvalho.

O Sr. Araujo Guimarães possue o manuscripto original.

O Irmão das almas.—Comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro a 19 de Novembro de 1844 em beneficio do actor José Candido da Silva.

(Vide *Jornal do Commercio* de 11, 18 e 19 do referido mez.)

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo faz menção d'esta comedia, mas nada informa.

O Sr. Innocencio diz conhecer a edição de 1852 da empreza *Dois de Dezembro* de Paula Brito.

A Bibliotheca Publica possue um exemplar da edição de 1877 de Cruz Coutinho, o que tambem possuimos.

Está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna.

Foi a terceira comedia publicada por Paula Brito na sua collecção denominada *Theatro Brasileiro*, e está nos respectivos catalogos; possue d'ella exemplares, e da edição de 1852, o Sr. Dr. Carvalho. Não está nos dois catalogos do Gabinete Portuguez de Leitura. O Sr. Araujo Guimarães possue o manuscripto original.

Os Dois ou o inglez machinista.—Comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 28 de Janeiro de 1845, em beneficio do actor Francisco de Paula Dias.

(Vide *Jornal do Commercio* de 27 do dito mez de Janeiro.)

Os Srs. Dr. Moreira de Azevedo e Innocencio fazem menção d'esta comedia, mas nada informam.

A Bibliotheca Publica possue um exemplar da edição de 1871, de Cruz Coutinho, o que tambem possuimos.

Está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna.

Não está, porém, nos catalogos de Paula Brito, nem nos dois do Gabinete Portuguez de Leitura; não possue d'ella exemplar o Sr. Dr. Carvalho. O manuscripto original está em poder do Sr. Araujo Guimarães.

O Dilettanti. — Tragi-farça em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 25 de Fevereiro de 1845, em beneficio da actriz Gabriella da Cunha De Vechy.

(Vide *Jornal do Commercio* de 8 e 25 de Fevereiro citado.)

Os Srs. Dr. Moreira de Azevedo e Innocencio fazem menção d'esta comedia, mas nada informam.

A Bibliotheca Publica não possue exemplar d'ella. Possuimos um exemplar da edição de 1846 de Paula Brito, sendo a segunda das publicadas sob o titulo *Theatro Brasileiro*, por L. C. M. Penna.

Não está na relação do Sr. Dr. J. V. Vianna, nem possue della exemplar o Sr. Dr. Carvalho.

Está nos catalogos de Paula Brito ; não, porém, nos dois do Gabinete Portuguez de Leitura. O Sr. Araujo Guimarães possue o manuscripto original.

Os Namorados ou a noite de S. João. — Comedia em um acto, representada pela primeira vez a 13 de Março de 1845 em beneficio do actor Germano Francisco de Oliveira.

(Vide o *Jornal do Commercio* de 26 de Fevereiro e 11 de Março do referido anno. Nos annuncios declarava-se que a comedia terminaria, o que é natural, á vista de seu titulo e assumpto, por « um pequeno, mas lindo fogo de artificio. »

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo faz menção d'esta comedia, mas nada informa.

O Sr. Innocencio não a menciona.

Não está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna, nem nos catalogos de Paula Brito, do Gabinete Portuguez de Leitura e da Bibliotheca Nacional. O Sr. Dr. Carvalho não a possue. Possue o manuscripto original o Sr. Araujo Guimarães. Provavelmente não foi impressa.

Os Tres medicos. — Comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 3 de Junho de 1845, em beneficio da actriz Ludovina Soares da Costa.

(Vide *Jornal do Commercio* de 23 de Maio e 3 de Junho citado.)

D'esta comedia não fazem menção nem o Sr. Dr. Moreira de Azevedo, nem o Sr. Innocencio.

Está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna.

Não está, porém, nos catalogos de Paula Brito, do Gabinete Portuguez de Leitura e da Bibliotheca Publica. O Sr. Dr. Carvalho não possue exemplar d'esta comedia.

Provavelmente não foi impressa.

Possue o manuscripto original o Sr. Araujo Guimarães.

O Cigano.—Drama em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 15 de Julho de 1845, em beneficio do actor Florindo Joaquim da Silva.

(Vide *Jornal do Commercio* de 12 e 15 do dito mez.) Os Srs. Dr. Moreira de Azevedo e Innocencio não fazem menção d'este drama.

Vimos e lemos *uma cópia* que pertenceu ao actor Florindo, e da qual é hoje proprietario o Sr. Serafim José Alves. Segundo vem declarado no manuscripto, foi este drama escripto ou concluido a 16 de Março do referido anno.

Não está na relação do Sr. Dr. Vianna, nem tambem nos catalogos de Paula Brito, do Gabinete Portuguez de Leitura e da Bibliotheca Publica, nem o possue o Sr. Dr. Carvalho. Provavelmente nunca foi impresso.

O Sr. Araujo Guimarães possue o manuscripto original.

O Noviço.— Comedia em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro a 10 (a 12, diz mal informado o Sr. Dr. Moreira de Azevedo) de Agosto de 1845.

(Vide o *Jornal do Commercio* do citado dia da representação.) Era recita da assignatura.

Como vimos, faz menção d'esta comedia o Sr. Dr. Moreira de Azevedo.

O Sr. Innocencio tambem a menciona.

A Bibliotheca Publica possue um exemplar da edição de 1853, de Paula Brito.

Possuimos um exemplar da edição de 1877, de Cruz Coutinho.

Está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna e está tambem nos catalogos de Paula Brito ; não, porém, nos dois do Gabinete Portuguez de Leitura.

Possue exemplares da edição de 1853 d'esta comedia o Sr. Dr. Carvalho.

O Sr. Araujo Guimarães possue o manuscripto original.

Witiza ou o *Nero de Hespanha*.—Drama em verso, em cinco actos e um prologo, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro a 21 (a 14, diz mal informado o Sr. Dr. Moreira de Azevedo) de Setembro de 1845. Era recita da assignatura.

(Vide o *Jornal do Commercio* de 15 do dito mez, onde vem um communicado, elogiando ao Sr. Romeiro (José Antonio Thomaz Romeiro) *inspector da scena*, pelo esmero com que ensaiava o drama, e vide igualmente o *Jornal* do dia da representação, onde vem o annuncio em que se declara que o drama foi extrahido da *Historia de Portugal*, de M. de la Clede, provavelmente (dizemos nós) da traducção do illustre lexicógrapho fluminense Antonio de Moraes e Silva.)

Fazem menção d'este drama o Sr. Dr. Moreira de Azevedo e o Sr. Innocencio, accrescentando aquelle simplesmente a inexacta informação que rectificámos.

Está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna.

Não está, porém, nos catalogos de Paula Brito, nos do Gabinete Portuguez de Leitura e no da Bibliotheca Publica.

O Sr. Dr. Carvalho não possue exemplar d'esta comedia. Ignoramos se foi impressa. Possue o manuscripto original o Sr. Araujo Guimarães.

Bolyngbrock & C.ª ou as casadas, solteiras.— Comedia em tres actos (imitação, diz o annuncio, feito naturalmente de accordo com o autor), representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 18 (a 14, diz mal informado o Sr. Dr. Moreira de Azevedo) de Novembro de 1845, em beneficio do actor Manoel Soares.

(Vide *Jornal do Commercio* de 6, 12, 17 e 18 de Novembro do dito anno.)

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo nenhuma informação nos dá sobre esta comedia; entretanto denomina-a, por equivoco, *Os casados solteiros*, pondo no masculino o que o autor pôz no feminino e supprimindo o primeiro titulo.

O Sr. Innocencio não a menciona.

Não está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna, nem nos catalogos de Paula Brito, do Gabinete Portuguez de Leitura e da Bibliotheca Publica. O Sr. Dr. Carvalho não possue exemplar d'esta comedia.

Ignoramos se foi impressa. Possue o manuscripto original o Sr. Araujo Guimarães.

O Caixeiro da taverna.— Comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 18 de Novembro de 1845 (juntamente com a precedente), em beneficio do actor Manoel Soares.

(Vide *Jornal do Commercio* de 6, 12, 17 e 18 de Novembro de 1845.)

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo faz menção d'esta comedia, mas nada informa.

O Sr. Innocencio declara conhecer a edição de 1852 da empreza *Dois de Dezembro*, de Paula Brito.

A Bibliotheca Publica possue um exemplar d'esta edição, o que tambem possuimos.

Está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna e nos catalogos

de Paula Brito; não, porém, nos do Gabinete Portuguez de Leitura.

O Sr. Dr. Carvalho possue exemplares d'esta comedia. da edição de 1852.

Possue o manuscripto original o Sr. Araujo Guimarães.

Quem casa quer casa. — Proverbio em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 15 de Dezembro de 1845, em beneficio do actor José Candido da Silva.

(Vide *Jornal do Commercio*, de 24 de Novembro a 15 do referido mez de Dezembro.)

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo faz menção d'esta comedia, mas nada informa.

O Sr. Innocencio diz conhecer a edição de 1852 da empreza *Dois de Dezembro* de Paula Brito.

A Bibliotheca Publica possue um exemplar d'esta edição, o que tambem possuimos.

Não está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna, nem nos catalogos do Gabinete Portuguez de Leitura; está, porém, nos catalogos de Paula Brito. Possue exemplares da referida edição de 1852 o Sr. Dr. Carvalho,e possue o manuscripto original o Sr. Araujo Guimarães.

Os Meirinhos. — Comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro a 27 de Janeiro de 1846: era recita da assignatura.

(Vide *Jornal do Commercio* do citado dia da representação; foi ainda levada á scena nos dias immediatos, a 14 e 15 de Fevereiro, etc.)

Não fazem menção d'esta comedia nem o Sr. Dr. Moreira de Azevedo, nem o Sr. Innocencio.

Não está tambem na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna, nem nos catalogos de Paula Brito, do Gabinete Portuguez de Leitura e da Bibliotheca Publica. Tambem não possue

exemplar d'esta comedia o Sr. Dr. Carvalho. Provavelmente não foi impressa. Possue o manuscripto original o Sr. Araujo Guimarães.

Os Ciumes de um pedestre. — Comedia em um acto, annunciada para ser representada no theatro de S. Pedro a 29 de Janeiro de 1846, em beneficio do actor Francisco de Paula Dias.

(Vide *Jornal do Commercio* de 15 do referido mez.)

Não foi, porém, levada á scena, sendo substituida por outra comedia de diverso autor.

Em todo o anno de 1846, bem como no de 1847, em que o autor partiu para a Europa, de onde só voltou o seu cadaver, ou, antes, d'onde só voltaram os seus ossos, não foi representada esta comedia.

Cremos que nunca o foi.

Os Srs. Dr. Moreira de Azevedo e Innocencio não fazem menção d'esta comedia, que está, entretanto, na relação do Sr. Dr. Vianna.

Provavelmente não foi impressa.

Não está nos catalogos de Paula Brito, do Gabinete Portuguez de Leitura e da Bibliotheca Publica. Tambem não possue d'ella exemplar o Dr. Carvalho. Consta-nos que esta comedia não foi levada á scena por não ter sido approvada pelo Conservatorio dramatico, visto referir-se a um facto recente e escandaloso. Possue o manuscripto original o Sr. Araujo Guimarães.

As Desgraças de uma criancinha. — Comedia em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro a 10 de Maio de 1846 : era recita da assignatura.

(Vide *Jornal do Commercio* de 9 e 10 de Maio citado.)

Não fazem menção d'esta comedia nem o Sr. Dr. Moreira de Azevedo, nem o Sr. Innocencio.

Tambem não está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna,

nem nos catalogos de Paula Brito, do Gabinete Portuguez de Leitura e da Bibliotheca Publica.

Não possue d'ella exemplar o Sr. Dr. Carvalho.

Provavelmente não foi impressa. Possue o manuscripto original o Sr. Araujo Guimarães.

O Terrivel capitão do mato. — Comedia (o primeiro annuncio dizia — drama) em um acto, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro a 5 de Julho de 1846 : era recita da assignatura.

(Vide *Jornal do Commercio* do proprio dia da primeira representação.)

D'esta comedia não dão noticia nem o Sr. Dr. Moreira de Azevedo, nem o Sr. Innocencio.

Não está tambem na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna, nem tambem nos catalogos de Paula Brito, do Gabinete Portuguez de Leitura e da Bibliotheca Publica.

Não possue exemplar d'ella o Sr. Dr. Carvalho:

Provavelmente não foi impressa. O Sr. Araujo Guimarães não possue tambem o manuscripto original, nem cópia d'esta comedia.

O Segredo de Estado. — Drama (imitação, diz o annuncio, feito naturalmente de accordo com o autor) em um acto, representado pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 29 de Julho de 1846, em beneficio da actriz Ludovina Soares da Costa.

(Vide *Jornal do Commercio* de 19 a 29 de Julho citado.)

D'este drama tambem não dão noticia os Srs. Dr. Moreira de Azevedo e Innocencio.

Tambem não está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna, nem nos catalogos de Paula Brito, do Gabinete Portuguez de Leitura e da Bibliotheca Publica.

Não possue exemplar d'elle o Sr. Dr. Carvalho.

Cremos que nunca foi impresso. O Sr. Araujo Guimarães não possue tambem o manuscripto original, nem cópia d'este drama.

A Barriga de meu tio. — Comedia burlesca em tres actos, representada pela primeira vez no theatro de S. Pedro, a 17 de Dezembro de 1846, em beneficio do actor Manoel Soares.

(Vide *Jornal do Commercio* de 5 a 17 do citado mez de Dezembro.)

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo faz menção d'esta comedia, mas nada informa.

O Sr. Innocencio não a menciona.

Está na relação do Sr. Dr. J. F. Vianna mas, não nos catalogos de Paula Brito, do Gabinete Portuguez de Leitura e da Bibliotheca Publica.

Não possue exemplar d'ella o Sr. Dr. Carvalho.

Ignoramos se foi impressa. O Sr. Araujo Guimarães não possue o manuscripto original, nem cópia d'esta comedia.

A comedia em tres actos, denominada *A Barriga de meu tio*, foi a ultima composição de Luiz Penna levada á scena; deixou, porém, o incansavel fluminense mais as seguintes peças theatraes, que vimos e examinámos, em manuscripto, como vimos e examinámos, tambem em manuscripto, quasi todas as outras composições de Luiz Penna, quer já impressas, quer simplesmente representadas, que possue o Sr. Araujo Guimarães :

D. Leonor Telles, drama em cinco actos e seis quadros.

Itaminda ou o guerreiro de Tupan, drama indigena em tres actos.

D. João de Lyra, drama em tres actos.

Fernando ou o santo accusador, drama em quatro actos.

Um Sertanejo, comedia em um acto.

O Jogo de prendas, comedia em um acto.

O Usurario, comedia em tres actos, infelizmente truncada.

Luiz Penna encontrou muitas contrariedades no começo da sua tão breve, mas tão fecunda vida de autor dramatico, informando-nos o Sr. Dr. J. F. Vianna que o proprio João Caetano dos Santos bastante o guerreára, provavelmente (accrescentamos nós) por cultivar Luiz Penna especialmente a comedia, e não ser este o genero litterario das sympathias e da indole pujante e explosiva d'aquelle tão talentoso brasileiro, genio verdadeiramente admiravel, pois que não foi sómente creador de *não-eus*, mas creador de si mesmo, tendo por unica escola a propria natureza e por guia, tambem unico e indefectivel, seu soberano talento.

Ao já mencionado *inspector da scena* do theatro S. Pedro, José Antonio Thomaz Romeiro, deveu Luiz Penna a fortuna de serem representadas, tornando-o assim conhecido do publico, a maior parte das suas comedias, escriptas de 1842 a 1847.

Merece, entretanto, ser lembrado, sem prejuizo do que fica dito, e a bem do patriotismo de João Caetano dos Santos e da que foi depois sua esposa, que a primeira representação da primeira comedia de Luiz Penna teve lugar em beneficio da actriz Estella Sezefreda, e que a segunda representação d'essa primeira comedia realizou-se tambem em beneficio de João Caetano dos Santos.

Ainda em apoio d'esta cordial defesa que fazemos do grande actor fluminense, devemos aqui declarar que, no *Jornal do Commercio* de 18 de Março de 1846, lê-se um annuncio de João Caetano dos Santos, pedindo aos brasileiros, autores de peças theatraes, que apresentem suas composições, para ser escolhida uma, afim de ser levada á scena por occasião da reabertura do theatro de S. Francisco,

a composição qual teria de ser impressa, diz o annuncio, *á custa* do emprezario annunciante.

Mas, muito natural era que João Caetano dos Santos, independente de quaesquer motivos particulares que podesse ter, o que ignoramos e de cuja existencia mesmo duvidamos, prezasse mais, por exemplo, ao autor do *Antonio José* e do *Olgiato* e ao imitador do *Othelo* de Ducis, do que ao autor do *Juiz de paz da roça*, do *Dilettanti* e do *Quem casa quer casa*, etc., etc.

Não pensavam, porém, assim o Manoel Soares, o Paula Dias, a Gertrudes Angelica da Cunha, a Maria Amalia, a Gabriella de Vechy, o Monteiro e outros distinctos comicos d'aquelles tempos.

Entretanto, o excellente acolhimento que mereceu do publico fluminense o drama em verso, em cinco actos e um prologo, denominado *Witiza ou o Nero da Hespanha*, seus judiciosos e picantes folhetins, em uma importante folha diaria d'esta côrte, e o romance historico que escreveu, provam que o talento de Luiz Penna não era harpa de uma só corda, que modulasse uma eterna monodia, que não tinha elle por unico campo de actividade e unico de estadio de gloria, a ridente e iriada comedia, com seus fogos de artificio cambiantes, e sua plethora e convulsão de hilaridade, de sarcasmo e de ridiculo ; mas, pelo contrario, que tal talento era multiforme e omnimodo, capaz dos mais arrojados e variados commettimentos litterarios, opulentamente apto para cultivar, com feliz exito, todos os generos da litteratura.

Fizemos referencia a folhetins e a um romance escriptos por Luiz Penna ; é, pois, dever nosso accrescentar mais algumas palavras sobre este ponto.

Informando-nos o Sr. Dr. J. F. Vianna que Luiz Penna escrevêra um romance historico, denominado *Duguay-*

Trouin, nas paginas da *Sentinella da Monarchia* ou do *Correio da Tarde*, percorremos com a vista as paginas da dita *Sentinella da Monarchia* de 1840 a 1847 (a Bibliotheca Publica, unica que possue esse periodico, não possue os numeros de 1841), e nada encontrámos em materia de romances publicados em folhetim na dita folha senão os de Alexandre Herculano (*Eurico*, *Monge de Cister*, o *Bobo* e das *Lendas e Narrativas*, a *Abobada* e o *Parocho na Aldêa*) as *Viagens á minha terra* de Garret e differentes versões.

Estará o *Duguay-Trouin* justamente nos numeros da *Sentinella da Monarchia* do referido anno de 1841, que não pudémos vêr? Não conhecemos quem possua a collecção completa d'aquelle periodico.

Quanto ao *Correio da Tarde*, não nos foi possivel lêr senão as collecções de 1848 a 1849, (da Bibliotheca Fluminense (unica que possue essa folha), deprehendendo-se do primeiro numero d'aquelle anno (1848) que era elle tambem o primeiro numero do periodico, e tambem nas ditas collecções não encontrámos o citado romance de Luiz Penna, o que muito natural nos pareceu, por ter elle partido para a Europa a 12 de Outubro de 1847; sendo pouco provavel que aqui deixasse escripto para ser publicado em sua ausencia, e sendo ainda menos provavel que o remettesse da Europa, durante o anno de 1848, em cujo mez de Dezembro (a 7) falleceu, quando lá viveu sempre tão atarefado, apezar de consumido pela fatal molestia que o levou ao tumulo.

Entretanto, é para nós indubitavel que Luiz Penna escreveu um romance, que teve o nome de *Duguay-Trouin*, e que esse romance foi inserido em algum dos periodicos publicados n'esta côrte de 1838 a 1847. Tal é a confiança que nos inspira a probidade do nosso digno informante.

Basta-nos isto: faltam-nos tempo e paciencia para desco-

brir mais esta incognita ; outros o farão, talvez facilmente, e completarão n'este, como em qualquer outro ponto, as deficiencias d'esta noticia, o que muito estimaremos.

Quanto aos *folhetins*, escreveu Luiz Penna os publicados no *Jornal do Commercio*, durante o anno de 1846 até 3 de Março de 1847, em que deu-lhes a denominação de *Semana lyrica*, sendo o ultimo d'este titulo o publicado no *Jornal* de 14 de Setembro do dito anno de 1847. Menos de um mez depois seguia para Londres.

Os referidos *folhetins, maxime a Semana lyrica*, foram escriptos muito distinctos, pela graça e naturalidade de seus reparos, por sua tão apropriada e salutar causticidade epigrammatica, pelo atticismo de sua linguagem, e, finalmente, pelo bom gosto e notavel conhecimento que revelavam das regras da harmonia, dos preceitos directores da arte dramatica, e da compostura e conveniencias scenicas.

Apezar dos naturaes progressos, que tanto têm engrandecido e exaltado entre nós a litteratura e as artes, ainda hoje seriam devidamente apreciados e applaudidos aquelles formosos, perfumados e succulentos productos do tão deslembrado, mas tão memoravel, porque muito talentoso, inventivo e benemerito escriptor brasileiro.

Foi, porém, o theatro (porque muita gente ignorou e até hoje tem ignorado quem fosse o autor anonymo dos judiciosos e picantes *folhetins* e da *Semana lyrica* do *Jornal do Commercio*) o estadio publico das victorias e das glorias litterarias de Luiz Carlos Martins Penna.

As comedias de Luiz Penna têm um cunho tão caracteristicamente nacional, são tão popularmente brasileiras, são tão nossas, que haveria crime de leso-patriotismo em deixar morrer pela indifferença e pelo esquecimento publicos aquelles preciosos artefactos litterarios, sejam quaes

forem os senões que uma critica severa possa n'elles descobrir.

Luiz Carlos Martins Penna foi inquestionavelmente o creador da comedia nacional; e tanto basta para que seu nome tenha lugar distincto no já bem povoado Pantheon das letras patrias.

O que havia, antes d'elle, em materia de comedia brasileira? Uma lutuosa solidão, um vacuo lamentavel, ameaçado de ser eliminado pela creação de um mundo novo, ridente, soberbo e auspicioso.

Antonio José da Silva, o tambem illustre fluminense, que expiou na *redemptora* fogueira da *santa* Inquisição o grande crime de querer manter temerario a independencia da alma, a liberdade da consciencia, só foi brasileiro pelo nascimento. Suas famosas comedias, que se intitulam: *Guerras do alecrim e da mangerona*, *Os encantos de Medéa*, *O labyrintho de Creta*, *A vida de D. Quixote*, *O precipicio de Phaetonte*, etc., etc., não têm cunho nacional: são productos de um preclaro espirito puramente portuguez ou então distinctamente cosmopolita, tendo por vasto campo de exploração a typica natureza humana, sem determinação de latitude e de longitude.

Luiz Penna, pelo contrario, foi brasileiro, pronunciadamente brasileiro na quasi totalidade de suas composições theatraes, e foi mesmo ainda mais do que isto, porque foi fluminense, caracteristicamente fluminense, em suas numerosas comedias, tão opulentas de estudo dos nossos costumes, de satyras pungentes para os defeitos mais ou menos accidentaes ou chronicos, da nossa educação social e domestica, *maximè* nas camadas inferiores.

Felizmente elle viveu em tempos de verdadeiro patriotismo, tão differentes dos que ora correm, em que mandam todas as conveniencias sociaes e todos os preceitos da

moral que se cubra com véo bem espesso a estatua tantas vezes ultrajada do pudor publico!

E era tão prezado da patriotica população fluminense, e tão grandes eram o prestigio e a influencia do seu talento sobre os emprezarios de theatro e sobre os actores, que, no *Jornal do Commercio* de 6 de Junho de 1846, isto é, em um só dia, era annunciada a proxima representação de tres composições do illustre brasileiro, sendo, no theatro de S. Januario, *O judas em sabbado da Alleluia*, para o proprio dia do annuncio, e *O juiz de paz da roça*, para o dia 10 do mesmo mez, e, no theatro de S. Pedro, *Os irmãos das almas*, para o dia 7 ainda do referido mez.

Quanto á representação, em um só dia, de duas producções theatraes de Luiz Penna, foram factos estes que muitas vezes tiveram lugar no mesmo ou em dois theatros.

E' que então o publico não ficava, como hoje, á espera das apreciações e recommendações da imprensa: bastava tratar-se de peça, principalmente se nova, de autor nacional, para lá comparecer fervoroso, afim de animal-o, applaudil o e coroal-o.

Incidentemente, e, apenas como lembrança de factos que tiveram e têm um certo valor historico-litterario, permitta-se-nos aqui declarar, em relação a um illustre e benemerito companheiro de glorias de Luiz Penna, o Sr. Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, hoje visconde de Araguaya, que sua primeira grande composição dramatica, a tragedia original intitulada *Antonio José ou o poeta e a Inquisição*, annunciada no *Jornal do Commercio* de 16 de Dezembro de 1837, para ser levada á scena pela primeira vez no theatro *Constitucional Fluminense* (1) (o de S. Pedro) a 20 do dito mez, em beneficio

(1) Tudo e todos queriam ser então constitucionaes, theatros e

da actriz Estella Sezefreda, e de novo annunciada no *Jornal do Commercio* de 18 do mez citado para ser representada a 3 de Janeiro de 1838, só foi effectivamente levada á scena, pela primeira vez, a 13 de Março d'este ultimo anno (no mesmo anno em que o foi e pela primeira vez a primeira comedia de Luiz Penna), em beneficio da mencionada actriz, conforme se lê nos *Jornaes do Commercio* de 6, 7, 8, 9, 10, 12 e 13 do dito mez de Março de 1838.

Dissemos que foi o *Antonio José* a primeira grande composição dramatica original do Sr. Dr. Magalhães, e assim nos exprimimos, porque o mesmo senhor tinha composto e feito representar antes, em 1832, no theatro da rua dos Arcos, elogios dramaticos ao 7 de Setembro e ao 7 de Abril.

Quanto ao drama, tambem original, do Sr. Dr. Magalhães, denominado *Olgiato*, foi representado, pela primeira vez, a 7 de Setembro de 1839, segundo se lê tambem nos *Jornaes do Commercio* de 3 a 7 d'este ultimo mez.

Voltando, porém, ao nosso estimavel e estimado Luiz Penna, sentimos ter de declarar que de suas *dezenove* composições theatraes, levadas á scena, acreditamos estarem tres perdidas ou ameaçadas infelizmente de se perderem, em mãos de indifferentes ou de nescios das preciosidades que possuem, e são ellas as seguintes: *O terrivel capitão do mato*, *O segredo de estado*, e *A barriga de meu tio*.

Posto já tenhamos dito alguma cousa a respeito da impressão das comedias ou dramas de Luiz Penna, quando

typographias! Era mais um meio, e eloquente, de protestar contra as gentilezas do passado! O theatro do Rocio, depois de ser de S. João e S. Pedro, devia, depois de 7 de Abril de 1831, declarar-se constitucional, ainda que não fosse senão por pouco tempo e como um simples protesto.

tratamos de cada uma, ou de cada um, em particular, diremos mais algumas palavras sobre este assumpto.

No *Jornal do Commercio* de 28 de Janeiro de 1846 vem publicado um annuncio de Paula Britto, declarando: 1°, que o *Theatro Brasileiro* seria constituido por doze peças theatraes de Luiz Penna; 2°, que já estava publicada a comedia danominada *O judas em sabbado d'alleluia*; que o *Dilettanti* estava no prélo, e que seguir-se-hia immediatamente a esta comedia *O irmão das almas*; 3°, finalmente, que o preço da collecção das doze peças, pago adiantado, seria de 5$, e que cada comedia avulsa custaria 600 rs.

Posto tenhamos examinado todos os *Jornaes do Commercio* de 1846 e 1847, além dos anteriores, até 1837 *inclusive* (procurando, é verdade, especialmente, senão exclusivamente, annuncios da *primeira* representação de cada uma das comedias de Luiz Penna), não encontrámos outra qualquer publicação de Paula Brito relativamente áquella empreza do *Theatro Brasileiro*.

E' possivel que exista.

Entretanto, examinando os catalogos dos livros publicados pelo referido Paula Brito, annexos ás suas folhinhas de 1849 a 1857 (unicas que possue a Bibliotheca Fluminense, que é tambem a unica que as possue), só encontrámos mencionadas as tres comedias a que nos referimos, isto é: *O Judas em sabbado de alleluia*, o *Dilettanti*, e o *Irmão das almas* e mais o *Noviço*, *Quem casa quer casa*, e o *Caixeiro da taverna*; seis, portanto.

Conhecemos edição de comedias de Luiz Penna dos annos de 1842, 1843, 1846, 1852, 1853, 1871 e 1877; mas só temos visto e possuimos, com o titulo—*Theatro Brasileiro*, o *Dilettanti* (edição de 1846) *Quem casa quer casa* e o *Caixeiro da taverna* (ambas da edição de 1852).

Cremos, pois, que a tal publicação de *doze* peças de Luiz Penna, annunciada no *Jornal do Commercio* de 28 de Janeiro de 1846, sob a denominação geral de *Theatro Brasileiro*, mallogrou-se, em grande parte, infelizmente.

Em summa, das *vinte* composições dramaticas de Luiz Penna, annunciadas pelos jornaes, para serem levadas á scena, ou das *dezenove* effectivamente representadas, só conhecemos e possuimos *impressas* as *nove* seguintes: *O Juiz de paz da roça*, *A Familia e a festa da roça*, *O Judas em sabbado de alleluia*, *O Irmão das almas*, *Os Dois ou a Inglez machinista*, *O Dilettanti*, *O Noviço*, *O Caixeiro do taverna* e *Quem casa quer casa*.

Mas quantos escriptos do nosso Luiz Penna estão salvos, impressos ou ineditos?

Além das *nove* comedias *impressas*, das quaes acabamos de fazer menção, todas muitas vezes levadas á scena, dos *folhetins* e da *Semana lyrica* do *Jornal do Commercio*, e do não encontrado romance (mas que deve existir), estão salvas mais as seguintes composições dramaticas de Luiz Penna, estando os respectivos manuscriptos originaes em poder do Sr. Antonio Joaquim de Araujo Guimarães:

Os Namorados ou a noite de S. João, representada.

Os Tres Medicos, idem.

O Cigano, idem.

Witiza ou o Nero de Hespanha, idem.

Bolymbrock & C.ª ou as casadas-solteiras, idem.

Os Meirinhos, idem.

Os Ciumes de um pedestre, idem.

As Desgraças de uma criancinha, idem.

D. Leonor Telles, drama em cinco actos e seis quadros, não representado.

Itaminda ou o guerreiro de Tupan, drama indigena em tres actos, idem.

D. João de Lyra, drama em tres actos, idem.
Um Sertanejo, comedia em um acto, idem,
O Jogo de Prendas, comedia em um acto, idem.
O Usurario, comedia em tres actos, idem (infelizmente truncada).

Temos, pois, de Luiz Carlos Martins Penna, além dos *folhetins* e da *Semana lyrica* do *Jornal do Commercio*, e do não encontrado romance, *vinte e tres* composições dramaticas, estando *nove* já impressas, *treze* manuscriptas, mas em perfeito estado de conservação, e promptas, portanto, para serem tambem impressas, e *uma* truncada, parecendo-nos, porém, facil completal-a.

Quanto ás *tres*, ou pelo menos quanto a *duas* das tres comedias representadas, não impressas, e cujos manuscriptos ignora-se onde param, seja-nos permittido suggerir aos que são, mais do que nós, interessados em restaurar completa a bella memoria de Luiz Penna, um patriotico alvitre, baseado em instructivo e conhecido precedente.

As tres *eclipsadas* comedias de Luiz Penna são as seguintes: *O Terrivel capitão do mato*, levada á scena em noite de recita da assignatura, *O Segredo de Estado*, levada á scena em beneficio da actriz Ludovina Soares da Costa, e *A Barriga de meu tio*, levada á scena em beneficio do actor Manoel Soares.

Ora, a cópia do drama *O Cigano*, que tivemos occasião de lêr, que pertenceu ao actor Florindo, e em cujo beneficio foi representado a 15 de Julho de 1845, avisa ou revela que o autor tinha o, aliás muito natural, costume de dar aos actores cópia das suas composições dramaticas, que tinham de ser levadas á scena, em beneficio dos mesmos actores; e como *duas* das *tres* peças *eclipsadas* foram representadas, em beneficio de um actor e de uma actriz, talvez seja possivel conseguir-se dos descendentes ou herdeiros

d'aquelle actor e d'aquella actriz (tão conhecidos) as alludidas cópias.

Quanto á comedia levada á scena em noite de recita da assignatura, parece-nos mais difficil a empreza de rehaver a respectiva cópia. As transformações, as transmissões e os incendios que tem soffrido a rediviva phenix, chamada theatro de S. Pedro, se não entibiam nossos patrioticos desejos, fazem quasi desmaiar nossas interessadas esperanças...

O que existe, porém, já é um opulento e precioso legado, que não devemos malbaratar ou permittir que se transforme em um montão de cinzas ou de poeira vil, triste e imprestavel, documento vergonhoso e irrefutavel do gradual, mas talvez fatal deslustre, senão total perda da physionomia do nosso caracter nacional.

Consentirá que se consumme esta obra de iniquidade e de vilipendio o patriotismo dos brasileiros?

Em 21 de Novembro de 1877.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1877

1ª SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE ABRIL DE 1877.

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, José Tito Nabuco de Araujo, Antonio Alvares Pereira Coruja, senador Candido Mendes de Almeida, conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro e Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Drs. Manoel Jesuino Ferreira, Maximiano Marques de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos, Joaquim Antonio Pinto Junior, brigadeiro José Vieira Couto de Magalhães e 1° tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo, o Sr. Dr. Macedo, 1° vice-presidente, abriu a sessão.

Não havendo leitura de acta, o Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1° secretario, deu conta do seguinte :

EXPEDIENTE

Carta do consocio Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, communicando que por justo impedimento nao póde comparecer á presente sessão.

Officios do Sr. Dr. J. J. de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, director da secretaria do Imperio, communicando, de ordem de S. Ex. o Sr. ministro da mesma

repartição, que em data de 15 de Janeiro do corrente anno solicitou-se do Sr. ministro da fazenda expedição de ordem para que na alfandega d'esta côrte sejam despachados livres de direito quatro caixões com livros offerecidos a este Instituto pela Smithsonian Institution, e enviados pelo consul do Brasil em Baltimore; e participando estar o Sr. ministro inteirado do resultado da eleição a que o Instituto procedeu em assembléa geral, no dia 21 de Dezembro findo, para membros da mesa e das commissões que têm de funccionar no corrente anno.

Do Sr. barão de Cabo Frio, director-geral da secretaria de Estado dos negocios estrangeiros, remettendo, de ordem de S. Ex. o Sr. ministro d'essa repartição, um exemplar do *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa na actual sessão, e dois pacotes com publicações da Academia Real das Sciencias da Belgica, offertadas a este Instituto e enviadas áquella secretaria pela legação do Brasil n'aquelle paiz.

Do Sr. presidente da provincia do Ceará, enviando um exemplar da *Collecção das Leis* promulgadas pela respectiva assembléa provincial.

Do Exm. Sr. visconde do Rio Branco, director da escola polytechnica, offerecendo a este Instituto um exemplar dos *Dados meteorologicos de observações feitas no Brasil*, e organisados por aquella escola.

Do Sr. barão de Aguiar de Andrada, ministro da legação imperial do Brasil em Montevidéo, offerecendo por parte do nosso consocio o Sr. Diogo de Barros Arana, ministro do Chile nas republicas do Prata, as seguintes obras:

Processo de Pedro de Valdivia y otros documentos inéditos concernentes a este conquistador. Santiago de Chile, 1875;

Don Miguel Luis Amunategui, candidato a la presidencia de la republica. Santiago, 1875;

Narraciones Historicas, por Miguel Luis Amunategui. Santiago, 1876;

Don Claudio Gay, su vida y sus obras.—Estudio biografico y critico escrito por encargo del consejo de la universidad de Chile, por Diego de Barros Arana. Santiago, 1876.

Carta dos Srs. marquez de Sousa Holstein e José Julio Rodrigues, membros da commissão nomeada pelo governo de S. M. Fidelissima, e installada em Lisboa para organisar entre Portugal e os paizes estrangeiros o serviço das permutações scientificas, litterarias e artisticas, pedindo a este Instituto que, á vista do accordo de 12 de Agosto de 1875, assignado pela quasi totalidade dos commissarios das nações representadas no Congresso Geographico de Paris, lhe declare quaes as intenções do governo do Brasil a respeito, afim de se habilitar devidamente para a installação entre esse Imperio e aquelle reino do serviço que estão encarregados de organisar.

Officio dos Srs. presidente e secretario do Gabinete de Leitura da cidade do Rio Grande do Sul, pedindo a este Instituto alguns numeros de sua *Revista* para completar a collecção que já possue.—Ao Sr. 1° secretario para fazer a remessa solicitada.

Dito do Sr. Luiz Augusto de Padua Fleury, secretario da legação do Brasil na republica Argentina, offerecendo o 2° volume dos *Anales de la Sociedad Scientifica Argentina*, cujo 1° volume já por elle foi enviado em 19 de Agosto ultimo.

Carta do Sr. conego José Gonçalves Ferreira, offerecendo uma collecção do periodico *Apostolo* e agradecendo ao Instituto o haver-lhe concedido uma collecção de suas *Revistas*.

Dita do Sr. E. Dupont, offertando alguns numeros da *Revista Brasileira* e da publicação com o titulo *Boatos*.

Do consocio Sr. Dr. Antonio Henriques Leal a seguinte

carta, que o Instituto resolveu fosse publicada integralmente na acta:

« Illm. e Exm. Sr.—Dirigi-me em meiados de 1875 ao Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro, por intermedio de seu mui digno 1° secretario o conego Joáquim Caetano Fernandes Pinheiro, communicando que em minhas investigações particulares deparei nos archivos portuguezes com manuscriptos interessantes para a nossa historia, uns inteiramente ignorados, outros já apontados por varios escriptores, mas sem designação dos logares onde paravam. Acompanhava aquelle officio uma relação de taes manuscriptos, e n'elle offerecia-me, sem outra remuneração mais do que a satisfação de ser de algum modo util, para dirigir qualquer cópia, ou cópias que interessassem ao Instituto, a seus membros ou ainda a curiosos que estudem a historia patria, encarregado outro individuo de pagar os copistas. Pedia por ultimo que depois de lidos em sessão fossem inseridos na *Revista*, para se vulgarisarem meu offerecimento e o conhecimento d'esses documentos historicos.

« Soube posteriormente que foram entregues o officio e relação, e nem extranhei a falta de resposta d'elles, habituado, como já estava, a não saber senão passados mezes e até anno, pela publicação da *Revista*, da recepção de offertas por mim feitas de obras, quer impressas, quer manuscriptas (cópias ou authographicos), uma d'ellas de grande preço, a *Historia da guerra da Catalunha*, escripta do proprio punho de seu autor D. Francisco Manoel de Mello, de que feliz acaso fez-me possuidor, e que apezar de offertas vantajosas da parte de um cavalheiro hespanhol para que a cedesse á bibliotheca de Madrid, não consentiu o meu espirito de nacionalidade e a dedicação que voto ao Instituto; e foi enriquecer a sua bibliotheca.

« Aguardei embalde pela transcripção d'essas peças na nossa *Revista*, até que soube pelo nosso consocio o Exm. Sr. senador Candido Mendes de Almeida, a quem dei noticia de alguns d'esses manuscriptos, que não foram elles apresentados ao Instituto e nem se encontram no seu archivo (*). Em vista do occorrido reenvio a inclusa relação junta, renovando ao Instituto, a seus membros e ás pessoas a elle estranhas meus offerecimentos de prestar-me, e de bom grado, para dirigir e vigiar as cópias que queiram dos manuscriptos apontados.

« Reiterando a V. Ex. meus protestos de muita consideração, subscrevo-me de V. Ex. humilde confrade e attento venerador.—*Dr. Antonio Henriques Leal.*—Lisboa, 13 de Janeiro de 1877. »

Relação dos manuscriptos para a historia do Brasil colonial, a que se refere a carta supra.

« Na bibliotheca da Ajuda :

« *Informação do Estado do Maranhão*, por Miguel da Rosa Pimentel. Lisboa, 4 de Setembro de 1692. Quinze paginas de folha (original).

« *Regimento para os capitães-móres dos rios das Amazonas*, com assignatura do mesmo Miguel da Rosa Pimentel. Quatorze paginas de folha (original).

« *Memorial*, que dá o capitão João da Rocha de Andrade, *das cousas necessarias ao Rio de Janeiro*. Lisboa, 22 de Dezembro de 1600 (original).

« Papel do padre Antonio Vieira (com o ultimo capitulo

(*) Examinando o archivo do Instituto Historico verifiquei que existem esses manuscriptos.—*Moreira de Azevedo.*

de sua letra), dado a el-rei, sobre a entrega de Pernambuco. Não traz o anno. Dezeseis paginas de folha.

« *Carta* de el-rei Filippe IV para o alcaide-mór de Villa Franca, sobre a restauração de Pernambuco. Madrid, 16 de Setembro de 1633 (original).

« *Carta* de Filippe IV para D. Pedro Castello Branco sobre o Estado do Brasil. Madrid, 13 de Março de 1636 (original).

« *Regimento* que el-rei D. João V mandou a José de Semedo Maia, capitão de mar e guerra da náo *Nossa Senhora da Piedade*, enviada a comboiar a esquadra que foi ao Rio de Janeiro. Lisboa, 2 de Março de 1717 (original).

« *Carta* de Gonçalo Ravasco para o duque, quando morreu seu tio o grande padre Antonio Vieira. Bahia, 31 de Julho de 1697 (original).

« *Informação sobre as minas do Ceará*. 8 de Agosto de 1654 (cópia).

« *Relação do dinheiro que se remetteu para a cidade de Lisboa* desde 22 de Maio de 1682 até 21 de Maio de 1687. Bahia, 28 de Junho de 1689 — Antonio Lopes Ulhoa (original).

« *Relação do dinheiro e assucar que se remetteu para Lisboa da provedoria-mór do Estado do Brasil* desde 22 de Maio de 1688 até 21 de Maio de 1693, assignada pelo mesmo Ulhoa (original).

« *Relação do dinheiro remettido da provedoria-mór do Estado do Brasil para Lisboa* desde 22 de Maio de 1694 até 19 de Maio de 1699, assignado pelo mesmo (original).

« *Carta* de João Baptista de Azeredo Coutinho de Montaury para el-rei, offerecendo-lhe um estojo para navalhas, feito por um natural da capitania de Ceará Grande. Ceará Grande, 1° de Abril de 1783 (original).

« *Discurso* que D. Pedro de Almeida, conde de Assumar, fez no dia 4 de Setembro de 1717, em que tomou posse do governo da cidade de S. Paulo, assistindo o se-

nado, os nobres, o povo e alguns procuradores das villas da sua comarca (cópia).

« *Memorial* que o tenente-coronel Alvaro José Serpa Souto Maior deu á Sua Magestade na audiencia de 6 de Abril de 1728 (cópia antiga). E' uma exposição por parte de Estevão Pereira da Silva, que, vindo das Indias hespanholas, observára doze cousas com respeito ao Brasil, as quaes entendia serem dignas da real ponderação.

« Na bibliotheca nacional de Lisboa:

« *Apontamentos para a chronica da companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Acha-se este manuscripto com a marcação P. 4—39.

« E' um in-folio de 403 folhas, dividido em cinco livros, contendo o primeiro trinta e um capitulos, o segundo treze, o terceiro vinte e sete, o quarto vinte e quatro e o quinto cinco. Não traz nome de autor, e a narrativa chega até 1660. No fim da folha 403 vem o titulo do livro sexto, que devia occupar-se dos successos de 1661.

« *Chronica da missão da companhia de Jesus no Estado do Maranhão*, pelo padre João Filippe Betendorf, missionario antigo da mesma missão. Tomo I, dedicado á Nossa Senhora da Luz. Procura-se com a marcação P. 4—27, e vai até 1630. Contém dez livros em vinte e quatro capitulos e duzentas e setenta folhas.

« *Livro dos obitos dos religiosos da companhia de Jesus*, pertencentes ao collegio de Santo Alexandre (Pará). São dois cadernos, com a marcação P. 4—31, vindo no rosto o seguinte distico: *Lembranças dos defuntos que estão enterrados na igreja de Nossa Senhora da Luz do collegio da companhia de Jesus do Maranhão. Parte primeira. Dos padres e irmãos da companhia que estão enterrados na igreja nova.* Principia o assento em 1699 e chega a 1749. Não é paginado. O segundo caderno (P. 4—32)

tem no tôpo da folha que serve de rosto: *Livro de obitos dos religiosos da companhia de Jesus, pertencentes ao collegio de Santo Alexandre. Anno de* 1730. São curiosos, porque após o nome de cada padre vem uma breve noticia de sua vida.

« Existe na bibliotheca nacional um grosso in-folio de cartas dos jesuitas, em grande parte do Brasil, desde o anno de 1572 até 1584. O anterior a este está no Rio de Janeiro. A marcação é P. 4—35.

« Sob a marcação P. 4—27 é um volume de cento e vinte cartas *originaes* dos jesuitas do Pará e Maranhão, dirigidas ao padre Bento da Fonseca. Abrangem os annos de 1734 a 1756.

« *P. Joannes Adrianus. —Littera in qua narrat mortem P. A. Vieira.*—Bahia, 1677.

« Nas notas A e B do segundo tomo de meus *Apontamentos para a historia dos jesuitas no Brasil* dou conta minuciosa de outros manuscriptos da bibliotheca nacional, que escuso aqui reproduzir.

« Na bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa ha dois volumes, mal conservados, de cartas de jesuitas, e que vão de 1544 a 1568. São dos padres residentes nas Indias. Ha alli tambem alguns mappas da costa do Brasil, de portos, e outros topographicos de cidades.

« Na torre do Tombo encontrei os dois processos do padre Manoel de Moraes, instaurados pelo tribunal do santo officio de Lisboa: traz o n. 4847. Auto 28, anno 1643. »

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelas secretarias de Estado dos negocios do Imperio, justiça, estrangeiros, agricultura e da guerra, os *Relatorios*

que os Exms. ministros d'estas repartições apresentaram á assembléa geral legislativa na actual sessão.

Pelo Sr. Francisco Manoel Alvares de Araujo, alguns exemplares do *Anno Biographico* do Sr. Dr. Macedo, e tres exemplares da obra com o titulo: *O Imperio do Brasil na exposição universal de Philadelphia.*

Pela Sociedade de Geographia de Roma, o *Boletim* da mesma dos mezes de Julho, Agosto e Setembro de 1876.

Pela Academia Real de Bruxellas, as seguintes obras:

Annuaire de l'Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts de Belgique. Bruxelles, 1876 (annos de 1875—1876);

Bulletins de l'Académie Royale des Sciences, Lettres et des Arts de Belgique. Bruxelles, 1874—1875, tres volumes.

Mémoires couronnées et autres mémoires publiées par l'Académie Royale de Bruxelles. 1875, tres volumes;

Mémoires de l'Académie Royale des Sciences, etc., tome 41, 2ª partie. Bruxelles, 1875—1876, dois volumes;

Mémoires couronnées et mémoires des savants étrangers publiées par l'Académie Royale. Bruxelles, tomo 39, 1876.

Pelo consocio Sr. Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior: *Guerra do Paraguay. — Defesa heroica da ilha da Redempção* (10 de Abril de 1866). Rio de Janeiro, 1877.

Pelo Sr. Dr. Brasilio Machado: *Madresilvas*, versos. Porto, 1876.

Pelo Sr. bacharel Joaquim Maria dos Anjos Espozel: *Revista mensal das decisões proferidas pela Relação da côrte em processos civeis, commerciaes e crimes.* Rio de Janeiro, 1876.

Pela typographia nacional, a *Collecção de leis e decisões do governo do Brasil*, anno de 1830. Rio de Janeiro, 1876.

Pelo Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro, varios

numeros do seu jornal com o titulo: *Tribuna Pharmaceutica*, publicação mensal.

Pela Real Sociedade de Geographia de Londres, o seu *Boletim* do mez de Março de 1877.

Pelo consocio Sr. Dr. Gumbleton Daunt, por intermedio do Sr. Coruja: *Cathecismo da doutrina christã* (impresso) nas linguas portugueza e brasilica. Sem a folha do rosto e as ultimas.

Pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo, a sua obra com o titulo: *O Rio de Janeiro, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades*, 1° vol. Rio de Janeiro, 1877.

Pelos editores do jornal *Illustração Brasileira*, os onze primeiros numeros. Rio de Janeiro, 1876.

Pelo Sr. Charles Pradez, um exemplar da sua obra *Doute et foi.—Influence de l'étude des sciences naturelles sur le sceptecisme contemporain.* Paris, 1877.

Pelo Sr. director das obras publicas da provincia do Rio de Janeiro: *Mappa* das distancias itinerarias entre a côrte, cidades e villas da provincia do Rio de Janeiro, organisado pela directoria das obras publicas da mesma provincia, 1876.

Pelo governo dos Estados do Mississipi, os seguintes:

Journal of the house of representatives of the State of Mississipi at a regular session thereof, convened in the city of Jackson, January, 1876. *Printed by authority.* Jackson-Mississipi, 1876;

Journal of the senate of the State of Mississippi sthing as a court of impeachment, in the trials of Aldebert Ames, governor; Alexander K. Davis, lieutenant-governor; Thomas W. Cardoso, superintendent of public education. Jackson-Mississippi, 1876, dois volumes;

Laws of the State of Mississippi, passed at a regular

session of the Mississippi legislature, printed by authority of law. Jackson-Mississippi, 1876 ;

Repport on the geology and agriculture of the State of Mississippi, by Eug. W. Hilgard. Jackson-Mississippi, 1860.

Pelo Sr. bibliothecario da bibliotheca publica de Montevidéo :

Compendio de la historia de la republica Oriental del Uruguay, por Isidoro de Maria. Montevidéo, 1874 ;

Relaciones nominales de contribuintes de los departamientos del interior de la republica en el año de 1874, tomo II ;

La Escuela de agricultura de Palmira y su fundador Don Juan de Cominges. Montevidéo, 1876 ;

Documentos oficiales.—Tentativa de pacificacion interna por interposicion de S. E. el caballero R. U. Barbolani, ministro residente de S. M. el rey de Italia. — Negativa de D. Venancio Flores. Montevidéo, 1876 ;

Associacion rural del Uruguay. Montevidéo, 1875 e 1876, doze fasciculos.

Pelo Sr. conego Fonseca Lima, um exemplar da suas orações funebres.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e foi remettida á commissão subsidiaria de geographia, a seguinte proposta :

« Propomos para socio correspondente d'este Instituto o Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, servindo-lhe

de titulo os seus dois trabalhos sobre o Rio de S. Francisco, já offerecidos. Em 20 de Abril de 1877.—*Manoel Jesuino Ferreira. — Carlos Honorio de Figueiredo. — Francisco Manoel Alvares de Araujo.* »

Foi apresentada e entrou em discussão a seguinte proposta :

« *Gabinete cartographico.*—A fundação d'este Instituto Historico e Geographico do Brasil, tendo comprehendido e previsto a época em que se poderia publicar por conta d'esta mesma instituição cartas exactas e completas, não só em relação ás sciencias puras que as inspiram e regulam, mas tambem sobre os quatro pontos de vista, a saber: politico, administrativo, militar e commercial, não só do Brasil, mas de outras nações; e julgando nós que esta época se realiza agora:

« Proponho que este Instituto Historico e Geographico crêe e installe junto ás salas de suas sessões um gabinete cartographico, onde se preparem com toda a exactidão as cartas geographicas, topographicas e de geographia physica, que devem ser publicadas em todas as *Revistas* d'este Instituto. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico, Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1877. — *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

Posta em discussão, fallaram sobre ella o seu autor, e os Srs. senador Candido Mendes, conselheiro Olegario, Drs. Manoel Jesuino Ferreira, e Pinto Junior e Coruja, resolvendo afinal o Instituto que a proposta e o seguinte additamento, feito pelo Sr. Jesuino Ferreira, fossem remettidos ás commissões de estatutos, de geographia e de fundos e orçamento.

Additamento. — « Proponho que, reconhecido o estado prospero das finanças do Instituto, mande-se litographar os mappas e cartas geographicas mais importantes que

existem no Instituto, em qualquer das officinas mais notaveis do Rio de Janeiro, ficando a cargo da secção respectiva a escolha dos ditos mappas e cartas. Em 20 de Abril de 1877. S. R. — *Jesuino Ferreira.* »

Foi approvado, e remettido á commissão de admissão de socios, o parecer dado pela commissão de historia a respeito das *Lições de historia patria* do Sr. Dr. Americo Brasiliense e de sua admissão ao gremio do Instituto.

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Dr. Moreira de Azevedo,
2° SECRETARIO SUPPLENTE.

2.ª SESSÃO EM 4 DE MAIO DE 1877.

Presidencia do Sr. conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes na sala do Instituto os Srs. conselheiro Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, José Tito Nabuco de Araujo, Felizardo Pinheiro de Campos, senador Candido Mendes de Almeida, Antonio Alvares Pereira Coruja, conselheiros José Mauricio Fernandes Pereira de Barros e José da Costa Azevedo, o Sr. conselheiro Homem de Mello, 3° vice-presidente, abriu a sessão.

Os Srs. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro e Dr. Cesar Augusto Marques communicaram que, por motivo de serviço publico, não podiam comparecer á sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da antecedente.

EXPEDIENTE

Carta do Exm. Sr. presidente visconde do Bom Retiro, datada de Vienna d'Austria em 22 de Março ultimo, enviando ao Sr. 1° vice-presidente Dr. Macedo, uma relação de obras antigas, e outra de manuscriptos concernentes ao Brasil, existentes em archivos de dois conventos em Roma, afim de serem examinadas e se fazer acquisição, por meio de compra ou por cópias, d'aquellas obras e documentos que o Instituto não possuir. Remetteram-se a carta e relações á commissão de pesquiza de manuscriptos para dar parecer com urgencia.

Officios dos Srs. presidentes das provincias da Bahia, Alagôas, Ceará, Maranhão, Pará e Rio Grande do Sul, enviando exemplares de *Relatorios* e collecções de *Leis provinciaes*.

Carta do consocio Sr. Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras, datada da Parahyba, solicitando documentos para escrever um trabalho sobre o finado socio Antonio Peregrino Maciel Monteiro.—Resolveu o Instituto que se respondesse ao digno consocio que não existem na bibliotheca do Instituto os documentos que solicita.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelas secretarias de Estado dos negocios da marinha e da fazenda os *Relatorios* apresentados á assembléa geral legislativa na actual sessão pelos respectivos ministros.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, os seus *Boletins* dos mezes de Outubro, Novembro e Dezembro de 1876, e Janeiro e Fevereiro de 1877, cinco numeros.

Pela Sociedade de Geographia de Londres, o *Boletim* do mez de Março do corrente anno.

Pela Sociedade de Geographia Italiana, o seu *Boletim* de Dezembro de 1876.

Pela Sociedade de Geographia de Roma, os *Boletins* dos mezes de Novembro e Dezembro de 1876.

Pela Sociedade de Geographia de Madrid, os seus *Boletins* de Agosto a Novembro de 1876.

Pela Real Academia dei Lincei (Roma), anno 1876—1877, vol. 1.° Roma, 1877.

Pela Commissão Central Permanente de Geographia de Lisbôa, os *Annaes* de Dezembro de 1876.

Pelo Sr. Dr. Luiz Pereira Barreto, a obra intitulada *As tres philosophias*, segunda parte, *Philosophia metaphysica*. Jacarehy, 1877.

Pelo Instituto Pharmacentico do Rio de Janeiro, dois numeros do seu jornal do corrente anno.

Pelo Sr. bacharel Joaquim Maria dos Anjos Esposel, *A Revista* das decisões proferidas pela Relação da côrte em processos civeis, commerciaes e crimes. O n. 2 de Março do corrente anno.

Pelo Sr. bacharel João Gabriel de Moraes Navarro, a sua obra sob o titulo *Diversões*. Campinas, 1876

Pelo Club Litterario Curytibano, os seus estatutos.

Pelo Sr. Francisco Vidal Gormaz, director da Sociedade de Hydrographia do Chile, *O Annuario hydrographico da marinha do Chile*. Santiago, 1877, anno III, um volume.

Pelo Sr. bibliothecario da Bibliotheca Municipal da Côrte, o *Relatorio* que apresentou á Illma. camara municipal em 9 de Outubro de 1876.

Pelo Sr. bibliothecario da Bibliotheca Publica de Montevidéo, os seguintes folhetos:

Associucion Rural del Uruguay, jornal dos mezes de

Dezembro de 1876, e Janeiro, Fevereiro, Março e Abril de 1877 ; *Expediente relativo á la denuncia hecha ante la comision economico-administrativa*, por D. Pedro E. Bauzá, Montevidéo, 1873 ;

Sociedad de Amigos de la Educacion Popular ;

Escuela Elbio Fernandez. Montevidéo, 1876 ;

Reglamento geral de policia rural, Montevidéo, 1876 ;

Noticia sobre la evasion de Mr. Henri Rochefort, su arribo á Austria, viaje á Estados-Unidos, residencia en New-York y regresso á Europa, reunidos y comentados por Tomas Moncayo. Montevidéo, 1874 ;

Los Oradores de la camara. — Retratos, bocetos y caricaturas. Montevidéo, 1876 ;

Reglamento de seccion tercera y undecima. Tit. 1° del codigo rural. Montevidéo, 1877 ;

Buletin oficial de la comision de agricultura de la junta E. administrativa, Montevidéo, 1877. Fevereiro e Março ;

Comision central directiva de emigracion : Informe anual de 1877. — Emigracion, colonisacion y intereses generales. Montevidéo, 1877.

Pelo Imperial Instituto Artistico, os numeros da *Illustração Brasileira* até hoje publicados.

Varios jornaes e periodicos enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e remetteu-se á commissão de geographia, a seguinte proposta :

« Propomos para socio correspondente do Instituto

Historico e Geographico Brasileiro o Sr. bacharel José Ignacio Coimbra, engenheiro, major reformado do exercito, chefe de secção da inspectoria das terras e colonisação, servindo de titulo para a sua admissão o seu trabalho *Mappa* geographico da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Sala das sessões do Instituto em 4 de Maio de 1877.—*Carlos Honorio de Figueiredo.—José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.—Felizardo Pinheiro de Campos.*»

Foram approvados e enviados á commissão de admissão de socios os dois seguintes pareceres, apresentados pelos Srs. relatores das commissões de geographia e subsidiaria de geographia, sobre a proposta para admissão do Sr. Francisco Calheiros da Graça.

« Foi presente á commissão de geographia uma proposta assignada por quatro illustrados membros do Instituto, apresentando á sua approvação como socio correspondente ao Sr. 1° tenente da armada nacional Francisco Calheiros da Graça, servindo de titulo á sua admissão uma *Memoria* sobre a origem e causa do aquecimento das aguas do *Gulf Stream*, o *Mappa* das sondagens para o cabo transatlantico, e as *investigações* sobre os instrumentos destinados aos trabalhos hydrographicos do imperio, tudo da lavra do mesmo Sr. 1° tenente.

« Examinando a *Memoria* e o *Mappa*, pois que não recebeu as *investigações*, a commissão de geographia não póde esquivar-se a reconhecer que o primeiro trabalho tem muito merecimento e assaz recommenda a illustração do autor, bem como o mappa de sondagens de nosso littoral norte ás ilhas de Barbadas, de S. Thomaz, no mar das Antilhas ; mas a commissão não ousa dar completo parecer, entendendo que sobre taes assumptos convém ouvir a commissão subsidiaria de geographia, onde ha membros

competentes para julgarem um trabalho hydrographico. Sala das sessões em 26 de Setembro de 1876.—*Candido Mendes de Almeida.—Miguel Antonio da Silva.*»

« A' commissão subsidiaria de trabalhos geographicos foi presente a proposta, assignada por quatro illustres membros d'este Instituto, para ser aceito em seu gremio como socio correspondente o Sr. Francisco Calheiros da Graça, servindo-lhe de titulos :

« 1.° Sua *Memoria*, impressa em 1874 sobre a origem e causa do aquecimento das aguas do *Gulf Stream* ;

« 2.° O *Mappa* das sondagens para assentar-se o cabo transatlantico ;

« 3.° As *investigações* ácerca dos instrumentos destinados á hydrographia. »

« Apenas foi entregue á mesma commissão o primeiro de taes trabalhos d'aquelle official de nossa armada, acompanhado do juizo da commissão de geographia, juizo favoravel e que recommenda a illustração do autor.

« A commissão de geographia, porém, esquivando-se de dar parecer completo sobre esses titulos de apresentação do mesmo official, lembrou a conveniencia de ouvir-se esta commissão, onde ha, em seu pensar, membros competentes para o julgamento dos que referem-se á *hydrographia*. Deixando de parte esse excesso de escrupulos da commissão referida, nota ainda por ultima vez a subsidiaria uma circumstancia que lhe restringe a missão que tem, o haver sómente recebido a alludida *Memoria*, dos tres trabalhos de que falla a proposta, memoria aliás bem julgada de começo, e que só por si, no entender da commissão subsidiaria, justifica a admissão solicitada, e da qual se trata.

« Quaesquer que sejam, pois, as refutações possiveis á idéa externada n'essa memoria sobre a questão desenvol-

vida, não quanto ás verdades de pontos scientificos que a enriquecem, mas ás applicações feitas no intuito de sustental-a, merece ella do Instituto aquelle acolhimento que tão respeitada commissão lhe deu, e lê-se do parecer assignado pelo nosso douto consocio o Sr. senador Candido Mendes de Almeida. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico em 4 de Maio de 1877.—O relator, *José da Costa Azevedo.* »

«De perfeito accôrdo com o parecer acima escripto, tenho sómente a accrescentar que a *Memoria* escripta pelo Sr. 1° tenente Francisco Calheiros da Graça, sobre a origem e a causa do aquecimento das aguas do golpho *Stream* nos parece um trabalho de alta importancia, que servirá para esclarecer e guiar a navegação na parte occidental do oceano Atlantico, em todo o espaço que se estende do cabo de S Roque até as margens orientaes do golpho *Stream*. Além d'este precioso trabalho vimos e apreciamos as tres cartas reduzidas da costa do Brasil, entre o cabo Gurupy e o rio Surinam, demarcando as sondas feitas pela curveta brasileira *Vital de Oliveira*, organisadas por ordem do governo imperial pelo Sr. 1° tenente da armada Francisco Calheiros da Graça.

« A segunda carta comprehende as costas das Guyanas, Venezuela e Antilhas, entre o rio Iracoubo e a ilha de Santa Lucia.

« A terceira carta comprehende as costas entre as ilhas da Trindade e Porto Rico.

« Estes mappas são originaes manuscriptos, e em nossa opinião de immenso valor para este Instituto; julgamos, pois, muito justo o apreço que a illustrada commissão de geographia lhes deu. Rio de Janeiro, 4 de Maio de 1877.— *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

Ficaram sobre a mesa para serem votados na proxima

sessão os dois pareceres abaixo, dados pela commissão de admissão de socios :

1.° « Proposto para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. Domingos Soares Ferreira Penna, servindo-lhe de titulo de admissão seus escriptos intitulados : *Estudos sobre o Tocantins e Anapú*, publicados em 1864 ; *Região Occidental da provincia do Pará*, publicado em 1869, e *Noticia geral das comarcas de Gurupá e Macapá*, impressa em 1874, trabalhos que, examinados pela commissão de historia, foram elogiados ; julga a commissão de admissão de socios que o candidato póde ser recebido n'esta associação. Sala das sessões em 20 de Abril de 1877,—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo*. — *A. M. Perdigão Malheiro*.—*Dr. João Ribeiro de Almeida*. »

2.° « Havendo sido proposto para socio correspondente do Instituto Historico o Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, servindo-lhe de titulo de admissão a memoria por elle escripta, intitulada: *Apontamentos sobre a lingua alanhehe, tambem chamada tupy ou guarany*, a qual a commissão de archeologia e ethnographia, declarou ser um trabalho importante, methodico e scientifico de muito valor, é a commissão de admissão de socios de parecer que o mesmo senhor é digno de pertencer a este Instituto.

« Filho legitimo do coronel Antonio Felisberto Nogueira, nasceu o Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira em 5 de Dezembro de 1826 em Camandocaia, hoje cidade de Jaguary na provincia de Minas; estudou primeiras letras e preparatorios em S. Paulo e em S. João de El-Rei, e em 1848 matriculou-se no curso juridico de S. Paulo. Tendo interrompido seus estudos na faculdade de direito, resolveu em 1850 cursar a escola militar, onde recebeu o grão de bacharel em mathematicas. Em 1857 a 1858 serviu de professor supplementar de francez e mathematicas no Impe-

rial Collegio de Pedro II, e em 1866 foi nomeado vice-director dos telegraphos, cargo que ainda exerce : é membro do Instituto Polytechnico. Sala das sessões em 20 de Abril de 1877.—*Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*—*A. M. Perdigão Malheiro.*—*Dr. João Ribeiro de Almeida.*

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Dr. Moreira de Azevedo,

2º SECRETARIO SUPPLENTE.

3ª SESSÃO EM 18 DE MAIO DE 1877

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Barão Gustavo Schreiner, senador Candido Mendes de Almeida, Francisco Manoel Alvares de Araujo, conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro e José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, Agostinho Marques Perdigão Malheiro, Nicoláo Joaquim Moreira, Felizardo Pinheiro de Campos, Joaquim Pires Machado Portella, Miguel Antonio da Silva e José Vieira Couto de Magalhães, o Sr. Dr. Macedo, 1º vice-presidente, abriu a sessão.

Os Srs. Drs. José Tito Nabuco de Araujo e Cesar Augusto Marques, communicaram que não podiam comparecer á presente sessão, este por impedimento de serviço publico e aquelle por molestia grave em pessoa de sua familia.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, o Sr. 1º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. director da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, offerecendo um exemplar do segundo *Relatorio* semestral do Dr. Claudio Velho da Motta Maya e outro do Dr. Domingos José Freire Junior, ambos lentes d'aquella faculdade e em commissão na Europa.

Carta do Sr. Antonio Martiniano da Silva Bemfica, communicando no dia 9 do corrente o fallecimento de seu irmão e membro d'este Instituto, o engenheiro José Franklin de Massena.

Dita do consocio o Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, offerecendo um exemplar da *Polyanthea de Langgius Cœsare Montanus*. Editio altera, 1607 ; e a obra sob o titulo : *The Aryan origin of the gaelic race and language, showing the present and past literary position of irish gaelic; its phonesis, the fountain of classic pronunciation ; its laws accord with grimm's laws ; its bardic beauties the source of rhyme ; the civilisation of pagan ireland ; early knowledge of letters the art of illuminating. ancient architecture. The round towers. The Brehon laws.* By the Very Rev. U. J. Bourke. London, 1875.

Carta do Sr. presidente da Sociedade de Geographia de Lyão, expondo as vantagens que se poderá obter para a vulgarisação dos conhecimentos geographicos, por meio dos sellos ou timbres postos nos endereços em todas as estações dos correios, nos quaes se indiquem os nomes das localidades ; de que remette um especimen afim de que o Instituto, se aceitar a idéa, seja d'ella interprete perante o governo imperial.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pela Real Universidade de Noruega, na Christiania, as seguintes publicações :

Enumeratio insectorum novergicorum. Fasciculos segundo e terceiro. 2 vol. in-8°.

Forhandlinger i Videnskabs — Selskabet i Christiania Aar 1874 — 1875. Christiania, 1875 — 1876, dois volumes, in-8°.

Le Royaume de Norvége et le peuple norvégien, ses rapports sociaux, hygiène, moyens d'existence, sauvetage, moyens de communication et économie.—Par le Dr. O. J. Broch. Christiania, 1876, in-8°.

Transfusion und plethora eine physiogische studie von Jakob Worm Müller. Christiania, 1875, in-8°.

Engedruckte, unbeachtete und wenig beachtete Quellen zur geschichte des taufsymbols und der glaubensregel, etc., von Dr. C. P. Caspari. Christiania, 1875, in-8°.

Die Pflanzenwelt norwergens. Ein beitrag zur natur- und culturgeschichete nord-Europas. Von Dr. F. C. Schübeler. Christiania, 1875 ;

On some remarkable forms of animal life, from the great deeps of the norwergian coast. II Researches on the Structure and affinity of the genus. Brisinga. By George Ossian. Christiania, 1875 ;

Norwergian speciai catalogue for the internacional exhibition of Philadelphia, 1876. Christiania, 1876.

Pelo Sr. bacharel Joaquim Maria dos Anjos Espozel, a *Revista* do mez de Fevereiro do corrente anno das decisões da Relação da Côrte e Supremo Tribunal de Justiça. Rio de Janeiro, 1877;

Pelo Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, os seguintes folhetos :

A *Estrada de ferro para Mato Grosso e Bolivia*, por A. Bueno. Rio de Janeiro, 1877.

Estrada de ferro da Victoria para Minas.—Relatorio apresentado ao Sr. ministro da agricultura pelo engenheiro Hermillo Candido da Costa Alves. Rio de Janeiro, 1876.

Pelo Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro, o seu jornal do mez de Abril proximo findo.

Pela Sociedade de Sciencias Historicas e Naturaes de Lyon, o primeiro e segundo semestres do seu *Boletim* de 1876, dois volumes.

Pelo autor, o Sr. Vivien de Saint-Martin, o primeiro e segundo fasciculos do *Novo Diccionario de geographia universal*. Paris, 1877.

Pelo Sr. Francisco Ramos Paz, *Questão religiosa*.—Carta á Serenissima Princeza Regente, primeira parte. Rio de Janeiro, 1876.

Varios jornaes e periodicos enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leram-se e ficaram sobre a mesa para serem votados na proxima sessão, os seguintes pareceres :

1.° « A' commissão de historia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro foram presentes os escriptos publicados pelo Sr. Dr. Alberto de Carvalho, a que se refere a proposta assignada por quatro illustres consocios em data de 21 de Julho do anno passado, e, de conformidade com o que é disposto nos estatutos que regem esta associação, passa a dar seu parecer sobre o valor historico d'esses trabalhos.

« São dois opusculos de trinta e quatro e quarenta paginas, escriptos em francez e publicados em Paris em 1869 e 1875.

« O primeiro, intitulado *Resposta aos artigos da Patria sobre a guerra do Paraguay*, tem por fim restabelecer a verdade na apreciação de factos referentes à guerra que o Imperio teve de sustentar com a republica visinha, refutando ao mesmo tempo alguns erros commettidos na imprensa estrangeira, quer em relação aos factos, quer em relação aos motivos que determinaram o procedimento altamente patriotico e desinteressado do Brasil na defesa da honra nacional, por nós gloriosamente vindicada.

«Pretendia-se, atacando com violencia a politica do Brasil, attribuir a intentos de invasão e de conquista a guerra, que só em repulsa da mais injusta aggressão fôra o Brasil forçado a sustentar por annos; e, sem comprehender-se talvez o espirito elevado das instituições politicas do grande imperio americano, denegava-se a justiça que é devida ao paiz, que tem sabido a custa do seu sangue, e pela iniciativa de seus proprios esforços, firmar o monumento de sua grandeza nas solidas bases do patriotismo e da liberdade.

« Foi então que, com louvavel zelo, veiu á imprensa o nosso joven compatriota lavrando o protesto que se contém em seu escripto; e cumpre reconhecer que o fez com vantagem, usando, na enunciação de suas idéas, de linguagem energica e convincente, como sóe ser a que é inspirada pela consciencia da verdade e do dever.

« E' só de lamentar-se que assumpto de tanta magnitude e importancia tivesse de ser circumscripto aos limites de um acanhado opusculo, sem o desenvolvimento de factos e razões, que poderiam ser suggeridos pelo estudo dos ultimos acontecimentos da guerra, e especialmente dos documentos officiaes que hão sido colligidos e publicados.

«O folheto sobre a guerra do Paraguay não póde ser considerado em rigor como um trabalho historico : é, porém, na verdade um trabalho litterario de incontestavel merito pela animação do espirito que o dicta e elegancia de fórma de que se reveste.

«O mesmo dirá a commissão quanto ao segundo opusculo, intitulado *Carta sobre o Imperio do Brasil.* E' igualmente escripto com talento e erudição, e, como o primeiro, lançado *currente calamo* no empenho de contrastar a falsa opinião formada no estrangeiro sobre as nossas cousas patrias, e d'esta vez com relação especialmente á emigração.

«As paginas que o autor escreve, se, como o diz, não têm valor litterario, destinam-se entretanto a proclamar os verdadeiros sentimentos de amizade e sympathia que animam o nosso povo em relação aos estrangeiros, que, como colonos, emigrantes ou com qualquer outro interesse, se vêm estabelecer no Brasil.

«Factos recentes têm feito duvidar, não d'esses sentimentos, mas da efficacia dos meios praticos empregados pela administração, no intento de proteger e sustentar os emigrantes europêos, salvaguardando os seus legitimos interesses.

« Taes têm sido, infelizmente, as impressões causadas, que diversos governos hão julgado dever adoptar medidas especiaes, de certo modo infensas á emigração.

« E o autor, nas consideraçõe que se propõe a fazer, tomando a si a tarefa de patentear a pureza e cordialidade dos sentimentos com que são acolhidos os estrangeiros que abordam ás nossas plagas, restabelece com precisão, e sempre na linguagem animada e eloquente de que usa, a verdade dos factos, desfigurados pelo erro ou pela paixão, tornando bem sensiveis e conhecidos os pontos mais salientes do nosso caracter nacional.

«Eis, em summa, o que são os trabalhos examinados pela commissão: ensaios de uma intelligencia cultivada; fructo do estudo e applicação de um brasileiro, que longe da patria soube opportunamente aproveitar-se dos recursos de que dispõe em defesa de interesses para nós tão caros.

«Se satisfazem o fim a que n'este momento se destinam, servindo de titulos a seu autor, para ser admittido como socio do Instituto, dil-o-ha a sabedoria d'esta illustrada associação. Rio, 18 de Maio de 1877.—*O. H. de Aquino e Castro.—José Tito Nabuco de Araujo.*»

2.° «Proposto para membro honorario do Instituto Historico o Sr. senador Candido Mendes de Almeida, tem á commissão de admissão de socios a satisfação de declarar que julga merecedor de tão honroso titulo esse nosso digno consocio, cujo nome é conhecido no paiz e fóra do paiz.

«Nascido em 14 de Outubro de 1818 na provincia do Maranhão, official da ordem da Rosa, commendador da ordem romana de S. Gregorio Magno, bacharel formado pelo curso juridico de Olinda, antigo professor de geographia e historia no lyceu provincial do Maranhão, ex-promotor publico e ex-secretario do governo na mesma provincia, chefe de secção da secretaria do imperio em 1854 a 1857, director de secção da secretaria da justiça em 1859, deputado á assembléa geral desde 1843 e actualmente senador do imperio, é o nosso digno consocio autor de muitas obras politicas, historicas e juridicas. Seria fastidioso e inutil repetir perante tão douta associação os titulos de todos os trabalhos litterarios do Sr. Candido Mendes; basta especificar alguns, como o *Direito civil ecclesiastico brasileiro antigo e moderno*, pelo qual mereceu felicitações do douto bispo conde de Irajá, de outros prelados do imperio, de Mercurelli, secretario das cartas latinas, do Summo Pontifice e de diversos bispos de Portugal; o *Atlas*

do Imperio do Brasil, acompanhado de muitas noções historicas, topographicas, estatisticas e economicas, trabalho este que teve geral aceitação na America e na Europa, e pelo qual varios litteratos e homens lidos, nacionaes e estrangeiros, renderam testemunhos de apreço aos talentos do autor, o *Codigo Philippino* e o *Direito Mercantil* de Silva Lisboa pelo nosso digno consocio accrescentado e annotado. Tem redigido diversos periodicos, como o *Legalista*, *Jornal Maranhense*, o *Observador*, o *Brado de Caxias*; *Jornal Caxiense*, na provincia do Maranhão, e no Rio de Janeiro collaborou na *Sentinella da Monarchia* e foi redactor do *Correio da Tarde*.

« N'esta associação têm sido elogiadas suas investigações historicas, elucidando factos da historia patria, e seus luminosos pareceres sobre as questões mais transcendentes das sciencias que fazem parte do programma do Instituto Historico; assim, concorrem no candidato todas as circumstancias para ser honrado com o titulo de socio honorario. Sala das sessões, em 4 de Maio de 1877.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*—*A. M. Perdigão Malheiro.* »

3.° « Tendo sido proposto para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. Dr. Americo Brasiliense, servindo-lhe de titulo de admissão a obra por elle escripta, sob o titulo *Lições de historia patria*, julga a commissão de admissão de socios que o mesmo senhor póde ser recebido n'esta douta associação.

« Dando parecer sobre o trabalho do Sr. Dr. Americo Brasiliense disse a commissão de historia d'este Instituto:

« Na cuidadosa investigação das primitivas chronicas, « na deducção dos factos, desenvolvimento das idéas e « exacta apreciação dos caracteres, guarda o autor a inva-

« riavel segurança e manifesta imparcialidade com que de-
« vem ser tratados os assumptos historicos. » Sala das sessões, em 19 de Maio de 1877.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*—*A. M. Perdigão Malheiro.* »

Foram approvadas, e remettidas á commissão de redacção da *Revista*, a seguinte indicação e emenda additiva :

« Indico que na *Revista* de Instituto, que se acha no prelo e tem de ser brevemente publicada, se inclua a relação nominal de todos os socios do Instituto, com as devidas classificações, conforme os assentamentos constantes dos livros da secretaria, sem qualquer exclusão, a não ser a dos que tem até hoje fallecido, e cujos nomes constam já dos elogios biographicos feitos e publicados na mesma *Revista*. Rio, 18 de Maio de 1877.—*O. H. de Aquino e Castro.* »

Emenda additiva. — « Que se não exclua a lista dos socios fallecidos, sendo impressa após a dos socios vivos, e bem assim que a publicação d'essas listas se faça no principio do primeiro folheto de cada anno da *Revista*. S. R. —*C. Mendes de Almeida.* »

Leram-se e approvaram-se os seguintes pareceres :

O primeiro, dado pela commissão de geographia, sobre o canal interoceanico americano, segundo o convite feito pela commissão de geographia commercial, delegada pela Sociedade de Geographia de Paris, cujo parecer se acha publicado na acta respectiva do anno de 1876 (Acha-se publicado á pag. 417 da *Revista* de 1876).

Em virtude da approvação d'este parecer, foi nomeada a commissão, que ficou composta dos Srs. membros das commissões de geographia e subsidiaria de geographia, e do Sr. brigadeiro Couto de Magalhães.

O segundo, sobre o plano a adoptar-se para se escrever a historia e geographia do Brasil, é o seguinte :

« A commissão de historia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo de dar parecer sobre o plano a adoptar-se para se escrever a historia, geographia, ethnographia e estatistica de cada uma das provincias do Imperio, segundo a indicação apresentada por diversos membros do mesmo Instituto em data do 1° de Junho do anno passado, reproduz o pedido constante do parecer junto da commissão de geographia, para que sejam préviamente fornecidas pela secretaria do Instituto as informações já por aquella commissão exigidas, e quaesquer outras que possa colher com relação á materia de que se trata, reservando-se para em tempo, e conjunctamente com a dita commissão, emittir parecer sobre o ponto principal da indicação. Rio, 18 de Maio de 1877.—*O. H. de Aquino e Castro.* —*José Tito Nabuco de Araujo.* »

Parecer da commissão de geographia a que se refere o parecer supra.

« Foi presente á commissão de geographia uma indicação, assignada por dois illustres membros do Instituto, tendo por fim o encarregar uma das nossas commisssões de formular um plano, segundo o qual deve ser escripto em cada provincia do Imperio um opusculo ácerca da geographia, ethnographia e estatistica da respectiva provincia, devendo esses trabalhos ser encarregados á pessoas habilitadas nas diversas provincias, as quaes, não sendo socios correspondentes do Instituto, serão pelo facto da nomeação consideradas socios depois do parecer das respectivas commissões, ficando suas admissões dependentes sómente da approvação dos trabalhos por ellas confeccionados, additando-se a esta indicação uma emenda afim de tambem contemplar-se a historia peculiar de cada provincia.

« Antes de poder a commissão, de por sua parte, dar o respectivo parecer, precisa que o Sr. 1° secretario, examinando as actas d'este Instituto, informe quaes as decisões anteriormente tomadas sobre taes assumptos e premios decretados.

« Outrosim requer a commissão que, tratando-se tambem na indicação de estatistica e de historia, sejam convidadas as commissões a que estas materias estão confiadas para de igual sorte interpôrem seu parecer, formulando o plano que se pede. Sala do Instituto, 23 de Junho de 1876. —*Candido Mendes de Almeida.*—*G. Schüch de Capanema.* »

Foram approvados unanimemente por escrutinio secreto os dois pareceres da commissão de admissão de socios, favoraveis aos Srs. Domingos Soares Ferreira Penna e Baptista Caetano de Almeida Nogueira, sendo estes senhores admittidos ao gremio do Instituto como membres correspondentes.

O Sr. presidente nomeou uma commissão especial, composta dos Srs. conselheiro Olegario, e Drs. Perdigão Malheiro e Machado Portella, para dar parecer sobre o pedido feito a este Instituto pelos Srs. marquez de Sousa Holstein e José Julio Rodrigues, membros da commissão portugueza de permutações internacionaes, em carta de 8 de Março de 1877, e já mencionada na acta d'este Instituto da sessão de 20 de Abril proximo findo.

A's 9 horas levantou-se a sessão.

J. T. Nabuco de Araujo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

4ª SESSÃO EM 1 DE JUNHO DE 1877

Presidencia do Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, José Tito Nabuco de Araujo, Agostinho Marques Perdigão Malheiro, conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro e José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, Drs. Joaquim Pires Machado Portella, Benjamim Franklin Ramiz Galvão, Maximiano Marques de Carvalho, Cesar Augusto Marques, Miguel Antonio da Silva, 1° tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo, senador Joaquim Floriano de Godoy, e não tendo comparecido nenhum dos vice-presidentes, o Sr. Dr. Carlos Honorio, como socio mais antigo e na fórma dos estatutos, tomou a presidencia e abriu a sessão.

O Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, secretario supplente, servindo de 2° secretario, leu a acta da antecedente, a qual, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, tambem secretario supplente, servindo de 1° secretario, leu o seguinte

EXPEDIENTE

Communicação do Sr. commendador João Wilkens de Matos, de não poder comparecer á sessão por doente.

Officio do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar dos documentos annexos ao *Relatorio* com que abriu a assembléa legislativa provincial no dia 1° de Março do corrente anno.

Dito do Sr. presidente da provincia do Rio Grande do Sul, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. Dr. José Antonio de Azevedo Castro passou a administração da provincia ao Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe; outro do d'este senhor, passando-lhe a presidencia, e outro com que elle presidente actual abriu a assembléa provincial em 6 de Março do corrente anno.

Dito do Sr. presidente da provincia do Pará, solicitando d'este Instituto quatro collecções de suas *Revistas* para as bibliothecas da capital, e cidades da Vigia, Cametá e Santarem d'aquella provincia.— Resolveu o Instituto que fosse enviada uma collecção para a bibliotheca da capital.

Dito dos Srs. presidente e secretario da camara municipal da cidade de Alegrete, na provincia de S. Pedro, pedindo a protecção e auxilio d'este Instituto em favor da bibliotheca publica municipal que aquella camara pretende crear para instrucção de seus municipes.—Ficou adiado até a primeira sessão.

Carta do consocio o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, datada de Lisboa, chamando a attenção do Sr. secretario para a *Revista Trimensal*, e lembrando a conveniencia e utilidade de inserir-se n'ella os documentos manuscriptos importantes que o archivo do Instituto possue; e pedindo que, de preferencia, fossem publicados os que offereceu relativos á revolta de Manoel Bequemão.—Resolveu-se que se respondesse: quanto á primeira parte do seu pedido, que o Instituto já o satisfez, como é constante de sua *Revista*; e quanto á segunda, que se tomará em consideração.

Dita do Sr. José Ferreira de Barros, datada de Curitiba, offerecendo um exemplar do *Almanak* da provincia do Paraná, por elle organisado.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. João Baptista dos Santos, de um exemplar da sua obra de hygiene publica sobre aguas potaveis : *Contribuições á hygiene do Rio de Janeiro*, 1877.

Pelo Sr. Pedro Luiz Sympson, a sua *Grammatica da lingua brasilica geral, fallada pelos aborigenes das provincias do Pará e Amazonas*. Manáos, 1877.

Pelo autor, o Sr. Henrique Houtain, *Essai sur l'industrie, etc., le commerce belge, français et étranger, leur état actuel et leur avenir*. Gand, 1876.

Pelo Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, *Cabo submarino na provincia do Maranhão*. Petição da companhia dirigida ao governo imperial, pedindo modificações nas condições que obteve. Rio de Janeiro, 1877.

Pelo Sr. Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, as seguintes :

Estudos nos dominios da medicina. Bahia, 1876.

Estudos sobre a hygiene publica, pelo Dr. José de Góes Siqueira. Bahia, 1872.

Memoria sobre a hematuria chylosa ou gordurosa dos paizes quentes, pelo Dr. J. Crevaux e annotada pelo Dr. J. F. da Silva Lima. Bahia, 1876.

Transfusão do sangue. Bahia, 1876.

Pelos editores da *Illustração Brasileira*, o n. 23 d'este jornal.

Pela Sociedade de Geographia de Lyon, *De la soie*. Étude géographique et statistique sur la production et commerce de la soie par Léon Clugnet. Lyon, 1876.

Pela Academia de Lincei, *Atti della R. Accademia dei Lincei* (Roma), 1877. Fasciculo quarto.

Pela Sociedade de Geographia de Madrid, o *Boletim* da mesma, de Dezembro de 1876.

Pela Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscow, os ns. 2 e 3 do seu *Boletim*, 1876.

Pelo Sr. bibliothecario da bibliotheca publica de Montevidéo, as seguintes publicações :

Conclusion del tomo I de la lejislacion vijente de la república del Uruguay, por Pablo V. Goya. Montevidéo, 1875 ;

Fernando Casos. — Romances historicos del Perú, 1848—1873, dois volumes.

Les hombres de bien, parte I. Del becerro de oro. Paris, 1874.

La politica entre bastidors, 1873.

Varios jornaes e periodicos enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Remetteu-se a commissão de redacção da *Revista* a seguinte proposta :

« Sendo muito importante a *Memoria sobre o golpho Stream*, e as tres *cartas sobre a costa do Brasil*, escripta e publicada pelo Sr. 1° tenente Francisco Calheiros da Graça, proponho que seja publicada na *Revista* d'este Instituto Historico, submettendo-a previamente ao esclarecido juizo da sabia commissão de redacção da mesma *Revista*. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 1° de Junho de 1877.—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

Entrou em discussão, foi approvado e remettido ao governo imperial, o seguinte parecer com os papeis annexos :

« A commissão especial do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, nomeada a 18 do corrente para dar parecer sobre a materia do officio que ao mesmo Instituto dirigiram em data de 8 de Março passado os Srs. marquez de Sousa Holstein e professor José Julio Rodrigues, de Portugal, examinou os papeis juntos, e verificou que, tendo o governo de S. M. Fidelissima instituido uma commissão para organisar entre Portugal e os paizes estrangeiros o serviço das permutações scientificas, litterarias e artisticas, sobre as bases constantes dos documentos remettidos, deseja a mesma commissão desde já, e pela sua parte, encetar operações de manifesta e publica utilidade, e por isso estimaria conhecer as intenções do governo do Brasil a semelhante respeito, afim de se habilitar devidamente para a installação entre este Imperio e o reino de Portugal do serviço que se pretende realizar.

« A commissão do Instituto Historico, applaudindo a idéa contida nos documentos que examinou, e reconhecendo a incontestavel vantagem que das permutações internacionaes deverão resultar para os paizes que adherirem ao accordo proposto, sente não poder por si só satisfazer a requisição da commissão portugueza, visto como depende a solução pedida da deliberação do governo, unico competente para se pronunciar sobre o assumpto.

« E assim, propõe que ao mesmo governo, pelo ministerio do Imperio, sejam remettidos o officio e papeis juntos, solicitando-se a deliberação que o caso pede, a qual será em tempo communicada pelo Instituto á commissão portugueza de permutações internacionaes. Rio, 26 de Maio de 1877. — *O. H. de Aquino e Castro.—A. M. Perdigão Malheiro.* — *Joaquim Pires Machado Portella.* »

Foi approvado e remettido á commissão de admissão de socios, o parecer dado pela commissão de historia sobre os trabalhos que servem de titulo de admissão do Sr. Dr. Alberto de Carvalho.

Foram approvados unanimemente por escrutinio secreto dois pareceres da commissão de admissão de socios: um elevando o Sr. senador Candido Mendes de Almeida á categoria de membro honorario; e outro admittindo como socio correspondente do Instituto o Sr. Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello.

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Dr. Moreira de Azevedo,

SECRETARIO SUPPLENTE.

5ª SESSÃO EM 15 DE JUNHO DE 1877

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, José Tito Nabuco de Araujo, Antonio Alvares Pereira Coruja, senador Candido Mendes de Almeida, Drs.. Cesar Augusto Marques, Manoel Jesuino Ferreira, João Ribeiro de Almeida, Felizardo Pinheiro de Campos, Joaquim Antonio Pinto Junior, Maximiano Marques de Carvalho, Francisco Manoel Alvares de Araujo e Miguel Antonio da Silva, o Sr. Dr. Macedo, 1º vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2º secretario, leu a acta da antecedente, que, posta em discussão, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º secretario, leu o seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. presidente da provincia do Paraná, remettendo um exemplar da *collecção de leis e regulamentos* promulgados no anno passado pela assembléa provincial.

Dito do Sr. 1º secretario do Lyceu Litterario Portuguez, enviando a relação das pessoas que formam a actual administração, e dois exemplares do *Relatorio* do mesmo Lyceu concernentes ao anno de 1876.

Dito do Sr. Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, accusando o officio que lhe dirigiu o Sr. secretario d'este Instituto, communicando-lhe que em sessão de 18 de Maio ultimo fôra admittido como socio correspondente; manifestando seu reconhecimento pela honra que lhe foi conferida; participa não poder comparecer á sessão por se achar onerado de trabalhos.

Carta do Sr. Oscar Constall, datada de Cassel (em Hesse), offerecendo ao Instituto um exemplar de sua obra sobre o *Brasil e seus habitantes*. Impressa em Berlim no corrente anno (em allemão).

Dita do Sr. Maunoir, secretario da Sociedade de Geographia de Paris, remettendo por parte dos autores: 1.º *Rapport au ministre de l'Instruction publique sur le service des missions et voyages scientifiques en* 1876, par

M. le baron de Walterille ; 2.° *Rapport au ministre de Instruction publique sur la mission des Chotts*, par M. le capitaine Roudaire.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. José Custodio Alves de Lima, *Lécture on Brasil its social, political and commercial relations with the United States*, Syracuse, 1877.

Pelo Sr. Dr. Moncorvo de Figueiredo, *Do emprego do chlorato de potassa na diarrhéa das crianças*. Rio de Janeiro, 1877.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa, o *Relatorio* lido na primeira sessão solemne annual da mesma sociedade pelo 2° secretario Rodrigo Affonso Pequito. Lisboa, 1877.

Pela secretaria da guerra, o *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa na segunda sessão da decima sexta legislatura pelo ministro e secretario de Estado dos negocios da guerra, o Sr. duque de Caxias.

Pelo Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro, o seu jornal do mez de Maio do corrente anno.

Pela Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscow, o seu *Boletim* n. 1 de 1876.

Varios periodicos enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

Terminado o expediente, o Sr. Dr. José Tito pediu a palavra e communicou que o Sr. visconde de Porto Seguro, devendo retirar-se para a provincia de S. Paulo, pela urgencia de sua partida, não podia comparecer á sessão do Instituto, ao qual dedicava todo o respeito e homenagem.

O Sr. senador Candido Mendes de Almeida, tomando a palavra agradece ao Instituto o titulo de socio honorario, e diz que, se até hoje ha tributado muito amor a esta associação, envidaria todos os esforços para continuar a merecer a confiança e estima de seus consocios.

O Sr. Dr. Macedo, vice-presidente, responde, em nome do Instituto, ás palavras de reconhecimento do Sr. senador Candido Mendes.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e, depois de discussão em que tomaram parte varios membros, foi remettida á commissão de estatutos e redacção a seguinte proposta :

« Proponho :

« 1.° Que o Instituto Historico organise duas collecções de retratos, sendo uma de todos os brasileiros illustres na administração, na politica, nas letras e nas armas, que não fizeram nem fazem parte do Instituto ; e outra dos membros do mesmo Instituto, quer vivos, quer já fallecidos.

« 2.° Que no verso de taes retratos faça o Instituto lançar o nome do varão a quem pertencer, e, sempre que fôr possivel, a sua assignatura ou um *fac-simile* da sua assignatura, a naturalidade e datas de seu nascimento e obito.

« 3.° Que esses retratos sejam appensos á *Revista Trimensal* por proposta approvada de tres de seus socios.

« Quanto aos primeiros, quando se mencionar algum feito notavel, que tenha relação com os varões a que pertencerem, ou fôr impressa na dita *Revista* a biographia dos mesmos varões ; e, quanto aos segundos, quando se publicar o respectivo elogio historico das sessões anniversarias.

« 4.° Que o Instituto promova pelos meios a seu alcance a acquisição de cópias em busto dos retratos do oitavo conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito, que tão relevantes serviços prestou ao Brasil, e principalmente á provincia da Bahia, em cuja praça do commercio fôra collocado pelo voto do mesmo commercio ; e o do visconde de Cayrú, José da Silva Lisboa, um dos brasileiros mais distinctos pelo seu saber, virtudes e serviços, e que fôra collocado no salão da bibliotheca da capital da dita provincia por deliberação da respectiva assembléa legislativa, e os faça incluir na mencionada *Revista*.

« 5.° Que o Instituto faça igualmente incluir na mesma *Revista* os retratos dos nossos fallecidos socios, cujos bustos figuram tão merecidamente no salão de nossas sessões (S. R.) Em 15 de Junho de 1877.—*Manoel Jesuino Ferreira*.

Leu-se, discutiu-se e approvou-se a seguinte proposta:

« Proponho que o Instituto pelos meios a seu alcance procure se informar da administração do collegio dos orphãos de S. Joaquim da Bahia, se os restos mortaes do instituidor d'aquelle collegio Jaquim Francisco do Livramento foram trasladados de Marselha, onde falleceu aquelle varão ; em caso negativo, se foram feitos esforços por parte das administrações passadas do dito collegio para serem obtidos taes restos. Em 15 de Junho de 1877.—*Carlos Honorio de Figueiredo*. »

Levantou-se a sessão ás 9 1/2 horas da noite, dando o Sr. presidente para ordem do dia da proxima sessão : leitura de trabalhos dos socios.

J. T. Nabuco de Araujo,
2° SECRETARIO SUPPLENTE.

6ª SESSÃO EM 6 DE JULHO DE 1877

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Carlos Honorio de Figueiredo, José Tito Nabuco de Araujo, Antonio Alvares Pereira Coruja, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Drs. Cesar Augusto Marques, Manoel Jesuino Ferreira, Felizardo Pinheiro de Campos, Maximiano Marques de Carvalho, tenente-coronel Francisco José Borges, 1° tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo e Dr. Luiz Francisco da Veiga, o Sr. Dr. Macedo, 1° vice-presidente, abriu a sessão.

Serviram de 1° secretario o Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, e de 2° o Sr. Dr. José Tito, que leu a acta da antecedente, a qual foi approvada.

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello, agradecendo ao Instituto o titulo de socio correspondente e promettendo prestar-lhe todos os serviços que estiverem a seu alcance.

Dito do Sr. director-geral da secretaria de estrangeiros, enviando, de ordem do Sr. ministro da mesma repartição, o terceiro tomo das *Informações* prestadas pelos agentes diplomaticos e consulares do Imperio nos annos de 1873 a 1875, e um exemplar do *Relatorio* apresentado ás camaras por aquelle ministro na presente sessão.

Carta do Sr. barão de Wildick, offerecendo o primeiro volume da sua obra *Bibliotheca Consular*.—Collecção de legislação portugueza. Lisboa, 1877.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo consocio Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga, um exemplar da sua obra sob o titulo *O Primeiro Reinado*.—Estudado á luz da sciencia ou a revolução de 7 de Abril de 1831. Rio de Janeiro, 1877.

Pelo Sr. Theotonio Meirelles da Silva, official reformado da armada, as seguintes obras :

A Marinha brasileira em Paysandú e durante a guerra do Paraguay.—Resumos historicos. Rio de Janeiro, 1876.

O Exercito brasileiro na campanha do Paraguay. Resumos historicos. Rio de Janeiro, 1877.

Resumos historicos collecionados. Rio de Janeiro, 1875.

Pela secretaria de Estado dos negocios da guerra, o *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa na segunda sessão da decima sexta legislatura pelo Exm. Sr. duque de Caxias, ministro d'esta repartição.

Pelo Sr. Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro :

Memoria sobre o filariose ou molestia produzida por uma nova especie de parasita cutaneo, descoberto por Antonio José Pereira de Sousa Araujo. Bahia, 1875.

Monarchia ou Republica, pelo Dr. Joaquim dos Remedios. Bahia, 1875.

Feridos por armas de fogo.—These de concurso do Dr. Antonio Pacifico Pereira. Bahia, 1874.

Versos durante o carnaval, por Eduardo Nunes Pires. Desterro, 1870.

Noites de Luar, por José Ramos da Silva Junior. Desterro, 1870.

Pelo Sr. Dr. Francisco Borges da Silva, *Considerações sobre o beri-beri*. Fortaleza, 1874.

Pelo Sr. Avv. G. B. Marchesini, *Il Brasile e le sue colonie agricole*. Studi. Roma, 1877.

Pelo Instituto Archeologico Alagoano, as suas *Revistas* n. 7 de Dezembro de 1875 e n. 8 de Junho de 1876.

Pelo Sr. bacharel Joaquim Maria dos Anjos Espozel, a *Revista Mensal* das decisões da Relação da côrte e Supremo Tribunal de Justiça, mezes de Março e Abril do corrente anno.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e foi remettida á commissão de admissão de socios a seguinte proposta:

« Propomos para socio honorario do Instituto o Exm. Sr. conselheiro Homem de Mello, em attenção aos relevantes serviços prestados ao Instituto Historico e Geographico nos seus constantes estudos da geographia e historia patria. 6 de Julho de 1877.—*Dr. Cesar Augusto Marques.—Francisco Manoel Alvares de Araujo.—Antonio Alvares Pereira Coruja.—Luiz Francisco da Veiga.* »

Remetteu-se ás commissões de historia e de geographia a seguinte proposta:

« Proponho que o Instituto nomêe uma commissão de tres membros que se incumba de entreter correspondencia com os membros do mesmo Instituto residentes nas provincias, e, se houver precisão, com os juizes de direito,

juizes municipaes, promotores e parochos, sobre os seguintes pontos :

« 1.° Qual a topographia, grandeza e importancia da povoação, freguezia, villa ou cidade, sobre que versar a informação ;

« 2.° Que edificios publicos tem a povoação, etc., e qual sua categoria e época da fundação ;

« 3.° Qual o numero de seus templos e noticia de sua fundação;

« 4.° Se a povoação, etc., fôr porto de mar, qual a importancia do mesmo porto, e por que qualidade de embarcações é procurado ;

« 5.° Se a povoação fôr central, qual a distancia presumida em leguas do mais proximo porto de mar ;

« 6.° Quaes os generos de lavoura da localidade e importancia de seu commercio.

« Proponho mais que, á proporção que forem sendo obtidos taes esclarecimentos, a mencionada commissão, tendo em vista os dados estatisticos officiaes publicados, e mais as informações que puder colher nos melhores autores que têm tratado do Brasil, e principalmente na *Revista Trimensal* do mesmo Instituto, redija e apresente a este noticias das povoações, villas e cidades do Imperio. Em 6 de Julho de 1877. - *Jesuino Ferreira.* »

Leu-se, e ficou sobre a mesa para ser discutido e votado na proxima sessão, o seguinte parecer da commissão subsidiaria de geographia :

« A commissão subsidiaria de trabalhos geographicos d'este Instituto attentamente leu os escriptos do Sr. Dr. Thomaz Garcez Paranbos Montenegro, compendiados no folheto junto sob o titulo: *A Provincia e a navegação do rio S. Francisco.* Taes escriptos servem de base á proposta de ser o autor admittido ao mesmo Instituto como socio correspondente.

« Constam esses escriptos de duas partes distinctas : a primeira compõe-se da transcripção de artigos publicados no *Echo do Rio S. Francisco*, demonstrando as vantagens da creação da *projectada provincia* d'essa zona, idéa antiga que não póde ser justamente impugnada por quem conheça o territorio que a deve formar, e a facilidade da navegação do magestoso rio, descripta com solicita particularidade pelo autor dos referidos artigos ; e a segunda é uma narrativa singela, veridica e interessante em extremo, da viagem que fizéra o Dr. Montenegro por esse rio, ao deixar a cidade da Barra do Rio Grande, dirigindo-se em Novembro de 1874 para sua nova comarca, a de Alcobaça, na provincia da Bahia.

« Enthusiasta da idéa d'essa creação de provincia n'um centro de inexcedivel fertilidade, mais se lhe radicára a mesma idéa diante dos acontecimentos desdobrados ao vencer sem perigos a navegação, que se diz difficil, d'aquelle rio, por onde devem ir a vida, o progresso, e a felicidade dos actuaes e vindouros habitantes d'essa zona predestinada aos maiores desenvolvimentos agricolas em proveito do paiz.

« Firme nos valiosos dados estatisticos e nas opiniões de mór importancia, d'entre as quaes destaca-se a do nosso douto consocio o Sr. senador Candido Mendes de Almeida, o candidato Sr. Dr. Montenegro, n'esses referidos artigos, trata de refutar os opposicionistas do projecto acima mencionado, na crença firme de os convencer que as objecções offerecidas inquinam-se de vicios inherentes dos interesses *bairristas*, á cuja causa servem, em offensa da razão que assiste a mais de duzentos e vinte mil brasileiros, que habitam a zona territorial da projectada provincia .

« Esses habitantes têm direito de se verem alli com propria autonomia provincial por desmembrações de faxas

territoriaes das provincias a que ora ainda estão sujeitos, como se viram os muito menos numerosos que residiam nas antigas comarcas do Alto Amazonas e de Coritiba ; direitos muito mais justificaveis, já pela prioridade com que os fizeram conhecer, que vai ácerca de vinte annos, já pelas exigencias de sua situação interna.

« Contra o infortunio de se verem assim preteridos, e para o vencer, pede em linguagem severa, mas altamente digna, que não haja esmorecimento de parte dos que querem a *nova provincia*, tal qual a descreve o projecto que em 1873 passou na camara dos deputados.

« Os dados estatisticos officiaes, que expõe no correr dos artigos, comparando-os no interesse da questão que defende, mostram, por parte do candidato, somma valiosa de estudos geographicos e administrativos, facilmente reconhecidos pela commissão subsidiaria, a qual, terminando seu parecer, associa-se á proposta que lhe deu origem. O Instituto, porém, resolverá como entenda melhor aos interesses proprios.—*José da Costa Azevedo.* »

« Concordamos em tudo com o sabio juizo enunciado no parecer acima, escripto pelo nosso muito illustrado consocio o Sr. capitão de mar e guerra Costa Azevedo, accrescentando simplesmente as seguintes observações : em primeiro lugar, que o folheto escripto pelo Sr. Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro sobre a navegação do rio de S. Francisco tem um objectivo constante, isto é, demonstrar a conveniencia da creação de uma nova provincia no Imperio do Brasil, com a denominação de provincia de S. Francisco, e n'este intuito o escriptor fez todas as considerações politicas e economicas que lhe suggeriram os conhecimentos adquiridos em suas viagens e navegação d'aquelle rio; em segundo lugar, tendo sido apresentado esse projecto da nova provincia ao corpo legislativo, e sendo

combatido por alguns oradores, o escriptor tomou a tarefa de destruir todas as argumentações contrarias, e o fez com muita clareza. Ficou, pois demonstrada a conveniencia politica da creação d'aquella nova provincia. Isto vê-se na primeira parte do folheto. Quanto á segunda parte, o autor se occupou com um roteiro de sua viagem e navegação d'aquelle mesmo rio. Esta segunda parte está, pois, mais em relação com os trabalhos dos quaes se occupa o Instituto. Se o escriptor tivesse dado uma descripção physica d'aquellas regiões; se tivesse dado uma noticia hydrographica do mesmo rio; se tivesse determinado a força de suas correntes, e indicado os meios que se deviam empregar para facilitar sua navegação; se tivesse dado uma noticia icthyologica; se se tivesse occupado com a flora d'aquella região; se, finalmente, nos houvesse dado conhecimentos exactos das condições naturaes da atmosphera e do clima, teria tratado de assumptos de grande utilidade, e que estão muito em relação com os estudos com que se occupa este Instituto. Julgamos conveniente fazer estas reflexões para que o mesmo escriptor, continuando com seus trabalhos, tenha em attenção esses objectos, assim como todos os mais que se quizerem corresponder com este Instituto. Entretanto reconhecemos que este folheto tem muito merecimento, e nos associamos ao parecer do nosso muito illustrado collega acima inscripto. Sala das sessões do Instituto, em 6 de Julho de 1877.—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

O Sr. Dr. Macedo, 1° vice-presidente, leu a parte quinta do séu trabalho biographico sobre Evaristo Ferreira da Veiga.

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Dr. Moreira de Azevedo,
2° SECRETARIO SUPPLENTE.

7ª SESSÃO EM 20 DE JULHO DE 1877

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, José Tito Nabuco de Araujo, Antonio Alvares Pereira Coruja, conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro e José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, Drs. Miguel Antonio da Silva, Joaquim Antonio Pinto Junior, Maximiano Marques de Carvalho, Cesar Augusto Marques, 1° tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo e Dr. Luiz Francisco da Veiga, o Sr. Dr. Macedo 1° vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2° secretario, leu a acta da sessão antecedente, que foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, occupando o cargo de 1° secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Communicação do Sr. Dr. Rozendo Muniz Barreto, de não poder comparecer á sessão por incommodo de saude.

Aviso do Sr. ministro do Imperio, declarando, em solução ao officio d'este Instituto de 11 do corrente, que o governo imperial está disposto a tomar parte nas trocas internacionaes de publicações e outros objectos de interesse scientifico, litterario e estatistico, propostas pelo governo portuguez, segundo o accôrdo do congresso de sciencias geographicas de Paris.

Officio do Sr. presidente da provincia do Rio Grando do

Sul, remettendo um exemplar da collecção dos actos, regulamentos e instrucções expedidas pela presidencia da provincia em 1870.

Dito do consocio o Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto, offerecendo ao Instituto os *Annaes do parlamento brasileiro.* —Camara dos Srs. deputados, recopilados por elle, relativos aos annos de 1827, 1828, 1853, 1854 e 1856.

Dito do Sr. Dr. Carlos Antonio de Paula Costa, 1° secretario da Sociedade Medica do Rio de Janeiro, communicando a posse da directoria da mesma e a relação das pessoas que a compõem.

Dito do 1° secretario da sociedade litteraria, denominada Club Gonçalves Dias, noticiando a sua installação.

Dito do 1° secretario do Lyceu Litterario Portuguez, agradecendo a collecção da *Revista* d'este Instituto.

Carta do Sr. Dr. José de Góes Siqueira, offerecendo dez exemplares do *Elogio historico dos membros da Academia Imperial de Medicina*, recitado por elle na sessão magna do anno proximo passado.

Dita do Sr. José A. Tavora, bibliothecario da bibliotheca nacional de Montevidéo, agradecendo ao Instituto a collecção de *Revistas* e outras publicações remettidas para uso d'aquella bibliotheca.

Dita do Sr. Raphael Savernal, offerecendo alguns exemplares das suas cartas, sob o titulo *Brasilinas*, para serem distribuidas pelos membros do Instituto.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Francisco Ramos Paz, os reguintes folhetos:

O *Papa e o concilio*, por James, versão e introducção de Ruy Barbosa. Rio de Janeiro, 1877.

A Questão Religiosa.—A liberdade dos cultos no Brasil. Rio de Janeiro, 1877.

Pela secretaria do Imperio, um exemplar do *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa na actual sessão pelo ministro d'aquella repartição.

Pela Sociedade de Geographia Italiana, o seu *Boletim* dos mezes de Março a Maio do corrente anno.

Pelos Ensaios Litterarios do Rio de Janeiro, collecção de seus trabalhos. Rio de Janeiro, 1877.

Pelo Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro, a sua *Revista* do mez de Junho.

Pelo Sr. director da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, *Memoria historica dos acontecimentos notaveis no anno lectivo de* 1875, pelo Dr. Ezequiel Corrêa dos Santos.

Pelo autor (anonymo), *Descripção do canhão Albuquerque* publicada por um artilheiro. Rio de Janeiro, 1877.

Pelo Sr. bibliothecario da bibliotheca publica de Montevidéo, as seguintes :

Memoria apresentada por el directorio del Ferro Carril Central del Uruguay. Montevidéo, 1877.

Memoria de la jefatura politica y de policia de la capital, correspondente al año de 1876. Montevidéo, 1877.

Boletim official de la comision central de agricultura de la Republica Oriental del Uruguay Montevidéo, 1877.

El tempe argentino del delta de los rios Uruguay, Paraná y Plata, por D. Marcos Saştre, con un discurso preliminar del Dr. D. A. Magarinos Cervantes, etc., quinta edicion. Buenos-Ayres, 1871.

Reglamento enterno de la jefatura politica y policial del departamiento da capital. Montevidéo, 1877.

Apuntes de viaje del Plata a los Andes y del mar Pacifico al mar Atlantico, por Santiago Estrada, segunda edicion. Buenos-Ayres, 1872.

Asociacion rural del Uruguay, revista quinzenal. Montevidéo, 1877.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Entraram em discussão, e ficaram adiados, o parecer e voto em separado, já transcriptos na acta antecedente, da commissão subsidiaria de geographia, sobre os trabalhos que servem de titulo de admissão ao Sr. Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.

A's 8 horas levantou-se a sessão.

O. H. de Aquino e Castro,
SERVINDO DE 2º SECRETARIO.

8ª SESSÃO EM 3 DE AGOSTO DE 1877

Presidencia do Sr. barão Homem de Mello.

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. barão Homem de Mello, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, senador Candido Mendes de Almeida, Manoel Jesuino Ferreira, Felizardo Pinheiro de Campos, Luiz Francisco da Veiga, Maximiano Marques de Carvalho, Agostinho Marques Perdigão Malheiro, Joaquim Antonio Pinto Junior, José Tito Nabuco de Araujo e Miguel Antonio

da Silva, faltando os Srs. 1° vice-presidente Dr. Joaquim Manoel de Macedo, por incommodo de pessoa de sua familia, e thesoureiro Coruja, por doente, conforme communicaram, o Sr. barão Homem de Mello, 3° vice-presidente, abriu a sessão e convidou para servir de 2° secretario o Sr. conselheiro Olegario, que procedeu á leitura da acta da antecedente, a qual, posta em discussão, e depois de breves observações feitas pelo Sr. Dr. Jesuino Ferreira, foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, occupando o lugar de 1° secretario, leu o seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. director geral da secretaria de Estado dos negocios estrangeiros, remettendo, de ordem do Sr. ministro d'aquella repartição, os volumes VI á X da obra intitulada *Documentos para a historia da vida publica do libertador da Columbia, Perú e Bolivia*.

Dito do Sr. Dr. Francisco Antonio Pimenta Bueno, offerecendo a este Instituto alguns exemplares da *Memoria justificativa e parecer sobre os planos para o prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo, devido aos esforços de uma commissão de engenheiros brasileiros.*

Dito do Sr. secretario geral do Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro, offerecendo um exemplar do *Relatorio da escola de humanidades e de sciencias pharmaceuticas*, apresentado ao mesmo Instituto pelo seu director.

Dito do Sr. 1° secretario do Instituto Academico, communicando a installação do mesmo e a lista das pessoas que compõem a directoria.

Dito do Sr. inspector da alfandega da côrte, commun;-

cando achar-se alli uma caixa com livros, vinda de Baltimore, com endereço ao Instituto Historico.—O Sr. 1° secretario informou que a caixa a que se refere o officio supra é remettida pelo Smithsonian Institution, e que já deu as providencias necessarias para o seu recebimento.

Carta do Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, offerecendo um exemplar da *Vida do padre Belchior de Pontes, da companhia de Jesus*, composta pelo padre Manoel da Fonseca, impressa em Lisboa em 1752.

Dita do Sr. Diogo de Barros Arana, offerecendo as seguintes obras:

1.ª *Geografia fisica de la república de Chile*, por A. Pissis, con un atlas de vistas, córtes geologicos, etc.

2.ª *Carta geográfica, fisica y politica de Chile*, levantada pela comision topographica presidida por A. Pissis (Consta de treze grandes folhas).

3.ª *Quinto censo jeneral de la poblacion de Chile*, levantado em Abril de 1875.

4.ª *La Crónica de* 1810, por Miguel L. Amunategui, tomo II.

5.ª *Mapa de Chile* (Em fórma de livro).

6.ª *Plano* de Santiago, por Ernesto Ansart.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, a *Revista Medica do Rio de Janeiro* do mez de Maio do corrente anno.

Pelo Sr. conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, *Estudos dcerca da organisação da carta geographica do Imperio*. Rio de Janeiro, 1877.

Pelo Sr. Dr. José de Saldanha da Gama de um exemplar do seu *Relatorio sobre a exposição universal de Philadelphia em* 1876.

Pelo Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, *Projectos de lei para organisação judiciaria e reforma do art.* 13 § 2º *da lei de* 20 *de Setembro de* 1871 *sobre a prisão sem culpa formada e a formação da culpa*, pelo desembargador J. A. de M. Castro, 1877.

Pela secretaria de Estado dos negocios da marinha, seis exemplares do *Relatorio* apresentado ao corpo legislativo na ultima sessão por S. Ex. o Sr. Luiz Antonio Pereira Franco, ministro d'aquella repartição.

Pelo Sr. William Thompson, *Tables for facilitating sumner's method at sea*. London, 1876.

Pela secretaria de Estado dos negocios da fazenda, *Proposta* e *Relatorio* apresentados á assembléa geral legislativa na actual sessão pelo Sr. ministro d'aquella repartição.

Varios jornaes e periodicos enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e foi remettida á commissão de geographia, a seguinte proposta:

« Proponho para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Sr. major de engenheiros Francisco Antonio Pimenta Bueno, servindo de titulo de admissão o seu trabalho sob o titulo: *Memoria justificativa dos planos apresentados ao governo imperial para o prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo,*

e outros trabalhos. Sala das sessões, em 3 de Agosto de 1877. — *C. H. de Figueiredo.* »

Foi á commissão de redacção a seguinte proposta:

« Propomos que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro institua conferencias publicas sobre pontos de historia patria. Sala das sessões, 3 de Agosto de 1877. — *Dr. Pinto Junior. — O. H. de Aquino e Castro.* »

Foi lida e entrou em discussão a presente proposta, feita pelo Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho:

« Sendo a *Memoria*, escripta pelo Sr. 1° tenente de armada Francisco Calheiros da Graça *sobre a origem, formação e augmento da temperatura das aguas do golpho Stream* um trabalho de muita importancia para os navegantes, na parte occidental do oceano Atlantico, desde o cabo de S. Roque até as bordas orientaes dos Estados-Unidos; sendo este trabalho, assim como as quatro cartas geographicas do mesmo autor, feito por iniciativa e recommendação do governo imperial: proponho que, por intermedio do seu muito respeitavel presidente, este Instituto communique ao mesmo governo imperial que acha serem de grande merecimento estes trabalhos, e que os recebeu com muito agradecimento. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 3 de Agosto de 1877. — *Maximiano Marques de Carvalho.* »

Sobre a materia da proposta fallaram o seu autor e os Srs. Pinto Junior, Pinheiro de Campos, senador Candido Mendes e Olegario, que concluio propondo o adiamento da discussão para depois da apresentação dos pareceres das commissões de admissão de socios e de redacção, a que se acham affectos os trabalhos do Sr. Calheiros da Graça.—Assim se venceu.

O Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga leu um seu trabalho, intitulado *Hymnos Patrioticos*, compostos por Evaristo

Ferreira da Veiga por occasião da independencia do Brasil.

Levantou-se a sessão ás 9 1/2 horas da noite, dando o Sr. presidente para ordem do dia da proxima sessão: leitura de trabalhos dos socios inscriptos.

Dr. M. Marques de Carvalho,

SERVINDO DE 2° SECRETARIO.

9ª SESSÃO EM 17 DE AGOSTO DE 1877

Presidencia do Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.

A's 6 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Maximiano Marques de Carvalho, senador Candido Mendes de Almeida, Agostinho Marques Perdigão Malheiro e Luiz Francisco da Veiga, faltando por incommodados os Srs. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, Antonio Alvares Pereira Coruja e Dr. Manoel Jesuino Ferreira, e não tendo comparecido nenhum dos vice-presidentes, o Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, como membro mais antigo, na fórma dos estatutos, abriu a sessão e convidou para servir de 2° secretario o Sr. Dr. Maximiano, que leu a acta da antecedente, a qual, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, secretario supplente, servindo de 1° secretario, leu o seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, remettendo um exemplar da collecção dos actos expedidos por aquella presidencia no anno de 1876.

Dito do Sr. 1° secretario do Lyceu Litterario Portuguez, convidando, em nome da directoria do mesmo Lyceu, a este Instituto para assistir á sessão magna de sua installação e á inauguração do retrato do sabio D. Fr. Francisco de S. Luiz. —O Sr. presidente nomeou os Srs. senador Candido Mendes, Drs. Moreira de Azevedo e Luiz Francisco da Veiga, para em commissão representarem o Instituto n'aquelle acto solemne.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pela Sociedade Italiana de Geographia, o seu *Boletim* do mez de Junho do corrente anno.

Pela secretaria de Estado dos negocios da justiça, um exemplar do *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa pelo Sr. ministro d'aquella repartição.

Pelo Sr. bacharel Joaquim Maria dos Anjos Espozel, um exemplar da *Revista Mensal* das decisões da Relação da côrte e Supremo Tribunal de Justiça, do mez de Maio do presente anno.

Pelo Sr. Francisco Ramos Paz, *Boletim* do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil. Quinto anno, 1876.

Pelo Sr. bibliothecario da bibliotheca publica de Montevidéo :

Nociones generales sobre el arte de crear los gusanos de seda, por el doctor Santiago Bertelli, Montevidéo, 1876.

Estudio de las cuestiones economicas y financeiras de la actualidad.— Bases para la fundacion imediata de un banco nacional en la republica oriental del Uruguay, por Pedro S. Lamas. Montevidéo, 1876.

Asociacion rural del Uruguay.—Revista quincenal de la defensa de los derechos é interesses rurales y á propagar conocimientos utiles en todos los ramos de la agricultura y ganadaria. Montevidéo, 1877, Junio.

Memoria de las reparticiones de salubridad, cemiterios y de rodados por 1876. Montevidéo, 1877.

Memoria de la receptoria de contribuicion derecta en el año de 1875. Montevidéo, 1876.

Varios jornaes e periodicos enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Formulou o Sr. senador Candido Mendes a seguinte questão:

« Entre as duvidas profundas sobre as primeiras explorações do Brasil, as quaes embaraçam o juizo seguro dos historiadores, levanta-se esta: Qual o ponto da costa da nova terra descoberta por Cabral em que tocou a esquadrilha que em 1501 veiu com o habil cosmographo Americo Vespucio, depois de haver dobrado o cabo de S. Agostinho, onde recebeu tres indigenas para servirem de interpretes? »

Sobre tão importante questão historica encetou-se discussão, na qual tomaram parte os Srs. Candido Mendes,

Perdigão Malheiro, Moreira de Azevedo, Luiz Francisco da Veiga e Maximiano M. de Carvalho.

Estando a hora adiantada, levantou-se a sessão.

J. Tito Nabuco de Araujo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

10ª SESSÃO EM 31 DE AGOSTO DE 1877

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Carlos Honorio de Figueiredo, José Tito Nabuco de Araujo, senador Candido Mendes de Almeida, barão Gustavo Schreiner (ministro da Austria), Diogo Barros Arana (ministro do Chile) João Barbosa Rodrigues, Joaquim Pires Machado Portella, conselheiros Filippe Lopes Netto e Tristão de Alencar Araripe, o Sr. Dr. Macedo, 1° vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. Dr. José Tito, secretario supplente, servindo de 2° secretario, leu a acta da antecedente, a qual, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, 2° secretario, servindo de primeiro, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, declarando que, tendo de retirar-se para fóra da cidade em

consequencia de molestia grave de pessoa de sua familia, e não querendo, como relator da commissão de admissão de socios, demorar os trabalhos affectos á dita commissão, os devolvia ao Sr. secretario para terem o conveniente destino.—A' vista dos motivos de impedimento do Sr. Dr. Moreira de Azevedo, o Sr. Dr. José Tito propôz a nomeação de um membro que substituisse aquelle senhor na referida commissão, e o Instituto resolveu que o Sr. presidente fizesse a nomeação.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. João Barbosa Rodrigues:

Relatorio sobre o rio Yamundá. Rio de Janeiro, 1875.

Dito sobre o rio Trombetas. Rio de Janeiro, 1875.

Dito sobre o rio Capim. Rio de Janeiro, 1875.

Dito sobre os rios Urubú e Jatapú. Rio de Janeiro, 1875.

Exploração e estudos do valle do Amazonas. Rio de Janeiro, 1875.

Idolo Amazonico, achado no rio Amazonas, pelo offertante. Rio de Janeiro, 1875.

Compromisso da irmandade do glorioso S. Benedicto dos pretos e mais devotos da freguezia de Nossa Senhora da Conceição das Minas do Castello (Manuscripto antigo e raro, original).

Pelo Instituto Archeologico Alagoano, *Discurso* proferido na sessão magna do decimo quinto anniversario, por seu orador Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão. Pernambuco, 1877.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, os *Boletins* dos mezes de Abril a Junho do corrente anno.

Pela redacção, *Revista nacional de sciencias, artes e letras*. Santos, 1877.

Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin, *Nouveau dictionnaire de géographie universelle*. Fasc. Aut—art. Paris, 1877.

Pelo Sr. José Luiz da Gama e Silva, *Relatorio* da commissão ao norte da costa do Amazonas ao Oyapock. Pará, 1877.

Pelo Sr. director da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, *Pontos approvados pela congregação* para as theses dos alumnos que têm de doutorar-se no anno de 1877. Rio de Janeiro, 1876.

Pela Academia dei Lincei, *Atti della Accademia*, anno 1876—1877. Roma, 1877.

Pelo Sr. bibliothecario da bibliotheca publica de Montevidéo, as seguintes.

Asociacion Rural del Uruguay.—Revista quincenal, Julho e Agosto de 1877. Montevidéo, 1877.

Boletin Oficial de la comision central de agricultura de la Republica Oriental del Uruguay, Junho e Julho do corrente anno.

La Bolsa Montevideana, 1867.

Annexos a la *Memoria* del ministerio de relaciones exteriores en el tercero periodo de la novena lejislatura. Montevidéo, 1863.

Le Paraguay.—La dynastie des Lopez avant et pendant la guerre actuelle, por John le Long. Paris, 1868.

Documentos Oficiales justificativos de la conducta de las autoridades departamentales de la Republica Oriental del Uruguay contra las accusaciones de las camaras brasileiras. Montevidéo, 1864.

Reclamaciones de la Republica Oriental del Uruguay contra el gobierno imperial del Brasil. Montevidéo, 1864.

Avenas del Uruguay, por Heraclio C. Fajardo. Buenos-Aires, 1862.

Memoria presentada á la asamblea general lejislativa en el tercero periodo de la decima lejislatura por el ministro y secretario d'Estado de relaciones exteriores. Montevidéo, 1870.

Exposition of thè stat of the banks established in the city of Montevideo. — By the gouvernement commissioner Sr. D. Tomas Villalba. Montevidéo, 1865.

Memoria que el ministro de Estado en el departamiento de marina presenta al congresso nacional de 1871. Santiago de Chile.

Documentos relativos a la pacificacion de la republica. Montevidéo, 1864.

Memoria presentada a la asamblea general lejislativa en el segundo periodo de la decima lejislatura por el ministro de la relaciones exteriores. Montevidéo, 1869.

Documentos Diplomaticos relativos a la detencion del paquete argentino *Salto* en las aguas de la Republica Oriental del Uruguay, por el vapor de guerra nacional *Villa del Salto*. Montevidéo, 1867.

Memoria presentada por la comission permanente a la asamblea general en el tercero periodo de la undecima lejislatura. Montevidéo, 1875.

Memoria presentada por la commission permanente a la asamblea general en el segundo periodo de la undecima lejislatura. Montevidéo, 1874—e appendice.

Informe de la comission consultiva de la propuesta de reorganisacion de la Sociedad de Ferro Carril Central del Uruguay. Montevidéo, 1877.

Historia de Rosas, por Manuel Bilbáo, tomo I.—Buenos-Aires, 1868.

Formulario de Processos, arreglado para uso de los ejercitos de la Republica Oriental del Uruguay, por el coronel D. Salvador Garcia. Montevidéo, 1867.

Ley y reglamento de la guarda nacional de la Republica Oriental del Uruguay. Montevidéo, 1858.

Nociones elementales de fisica popular, por Pedro Recaldoni. Montevidéo, 1875.

Conferencias sobre el derecho natural, como introducion al curso de derecho das gentes, por G. Perez Gomar. Montevidéo, 1864.

Manual de Policia. - Collecion de leys, decretos y disposiciones, etc., referentes da policia de orden publica y municipal, por Antonio O. Villalba. Montevidéo, 1864.

La Bolsa en la mano.—Revista quincenal, por Calvo y Guerrico. Buenos-Aires, 1877.

Economia Politica.—Testo de la universidade mayor de la Republica Oriental del Uruguay. Montevidéo, 1864.

Manual del Pastor, ó sea instruccion practica para la criruza y cuidado de la raça merina, etc., por Daniel Perez Mendonza.—Obra postuma, publicada por P. Lastarria y C.ª Montevidéo, 1863.

Los Herós de Pavon.—Loa patriotica en un acto, por J. A. Ferrer Fernandez. Buenos-Aires, 1862.

Cultivo y beneficio practico del tabaco, por Juan de Cominges. Montevidéo, 1877.

Memorias presentadas por el ministro de Estado en el departamiento de las relaciones exteriores, al congresso nacional en 1869, 1870 e 1871. Buenos-Aires.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

Terminado o expediente, o Sr. presidente Dr. Macedo disse: que, sendo possivel quo não se possa mais reunir o Instituto antes do regresso de Suas Magestades a esta côrte, por isso convidava a todos os membros a receberem os mesmos augustos senhores no dia de sua chegada no arsenal de marinha.

Passando-se á ordem do dia, o Sr. presidente continuou com a leitura do seu interessante trabalho biographico sobre Evaristo Ferreira da Veiga.

Esgotada a ordem do dia, levantou-se a sessão ás 9 horas da noite, sendo dada para ordem do dia da proxima sessão: leitura de trabalhos e pareceres de commissões.

J. T. Nabuco de Araujo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

11.ª SESSÃO EM 14 DE SETEMBRO DE 1877.

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Carlos Honorio de Figueiredo, senador Candido Mendes de Almeida, conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro e Tristão de Alencar Araripe, Felizardo Pinheiro de Campos, Maximiano Marques de Carvalho, D. Diogo de Barros Arana, Rozendo Muniz Barreto, Joaquim Antonio Pinto Junior e Luiz Francisco da Veiga, faltando por incommodados os Srs. Dr. Manoel Jesuino Ferreira e Antonio Alvares Pereira Coruja, o Sr. Dr. Macedo, 1° vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. 2° secretario interino leu a acta da antecedente, que, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1° secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. presidente da provincia do Ceará, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o seu antecessor passou-lhe a administração da provincia no dia 8 de Janeiro ultimo.

Dito do Sr. presidente da provincia do Pará, accusando o recebimento do que lhe dirigiu o Sr. secretario d'este Instituto, remettendo uma collecção da *Revista*, solicitada por S. Ex. para uso da bibliotheca publica d'aquella provincia.

Dito do Sr. presidente da provincia do Paraná, remettendo um exemplar do *Relatorio* apresentado á assembléa provincial em sua sessão do corrente anno.

Dito do Sr. presidente da provincia do Rio Grande do Sul, enviando um exemplar da *collecção das leis e resoluções* d'aquella provincia, promulgadas no corrente anno.

Dito do Sr. presidente da provincia de Goyaz, enviando um exemplar da *collecção de leis provinciaes* do anno proximo passado.

Dito do Sr. secretario do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, convidando a este Instituto para assistir á sessão de posse dos funccionarios ultimamente eleitos para os diversos cargos, etc. Foi nomeada para representar o Instituto uma commissão composta dos Srs. senador Candido Mendes, conselheiro Olegario e Dr. Perdigão Malheiro.

Carta do Sr. Luiz Daemers Cachard, datada de Bruxellas, declarando ser professor de mathematicas, linguas antigas e modernas, membro correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa, effectivo da Sociedade Geographica da Belgica, e da Sociedade de Sciencias Physicas e Climathologicas de Alger; dar-se ao estudo especial da historia

e geographia, ha muitos annos e desejar associar-se aos trabalhos do Instituto Historico do Brasil, para o que solicitava a honra de ser recebido entre os seus membros correspondentes. Resolveu-se responder, remettendo um exemplar dos estatutos d'esta associação, para que por elles visse o candidato em que termos póde ser recebido como socio.

Carta dos Srs. presidente e secretario da camara municipal da cidade de Alegrete, agradecendo a collecção de *Revistas* d'este Instituto, solicitada para uso da bibliotheca publica municipal creada por aquella camara.

O Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga, como orador da deputação nomeada pelo Instituto, para felicitar a S. A. Imperial Regente, no dia 7 do corrente, pelo feliz anniversario da independencia do Brasil, apresentou o seguinte discurso que pronunciou na occasião do cortejo no paço imperial da cidade:

« Senhora!—A lei da emancipação é uma lei providencial, bemfeitora, perpetuadora e dignificadora, em todos os dominios da natureza animada.

« O Brasil, descoberto em 1500 e desde então povoado, achava-se em 1822 em completa maduridade, apto para reger-se, para proclamar e firmar sua soberania, sacudindo a vexatoria e opprobriosa tutella, tres vezes centenaria.

« O seculo decimo nono tem sido e é incontestavelmente o seculo das luzes e da libertação universal.

« A legislação de muitos povos cultos, e, entre outras, a portugueza, dá ao homem o gozo dos direitos civis e politicos na idade de vinte e um annos.

« Sendo este seculo o das luzes e da libertação universal, como dissemos, e contando o Brasil vinte e um annos de existencia á luz do dito seculo, no anno de 1821 (abstra-

hindo-se os trezentos anteriores de sua diuturna servidão, muito natural era que, n'aquella data, se declarasse livre, plenamente independente de todo o jugo desprestigiador, e que este facto, encarnação augusta de um direito excelso, fosse reconhecido e acatado por todos os povos do velho e do novo mundo.

« A 7 de Setembro de 1822 proclamou-se, pois, um facto augusto, encarnação de um direito excelso preexistente, declaração *official* que foi até *tardia*, pois que o povo fluminense, orgão legitimo de todos os brasileiros, desde 4 de Outubro de 1821 tinha feito affixar editaes nas esquinas das ruas e praças do Rio de Janeiro, declarando o Brasil independente e D. Pedro Imperador.

« O fallecido e benemerito conselheiro de Estado José Joaquim Carneiro de Campos, principal redactor da constituição do Imperio, e que morreu marquez de Caravelas, em officio que dirigiu em 18 de Setembro de 1823 ao conde do Rio Maior, delegado do rei D. João VI, assim se exprimiu, formulando bella e summariamente toda a verdade sobre o grande acontecimento da independencia do Brasil:

« Se apressa o abaixo assignado em observar ao « Sr. conde do Rio Maior que a independencia politica do « Brasil é o voto geral de todos os seus habitantes; que a « proclamação d'ella fôra effeito do *estado de virilidade* em « que se achavam estes povos, unicos do novo mundo que « ainda jaziam dependentes do antigo; que a *propria consciencia de suas faculdades, progresso e recursos*, motivára « sua emancipação, sem que jámais se deva presumir que « a revolução de Portugal, as injustiças das suas côrtes e « outros quaesquer eventos de condição precaria, podes- « sem ser mais que *causas occasionaes da acceleração* d'este « natural acontecimento. »

« A independencia foi, pois, *acto exclusivo da nação*

brasileira, que julgou dever quebrar os grilhões que a peavam e manietavam, quando se achou com forças para fazêl-o, prompta para sustentar seu pleito de honra no grande *forum* internacional e nos campos de batalha maritima e terrestre.

« Os patriarchas, isto é, os grandes e vêros promotores da independencia do Brasil, foram uma ou duas duzias de patriotas, de conspicuos e egregios varões, que constituindo clubs politicos, auxiliando-se mutuamente e mandando emissarios aos mais importantes nucleos de população do gigantesco reino americano, portadores da *palavra de ordem*, da senha emancipadora, estabeleceram uma formidavel liga a bem da libertação da patria commum.

« O augusto avô de V. A. Imperial, o Sr. D. Pedro I, prestou então aos brasileiros o valioso serviço da sua adhesão, centralisando fortemente e unificando o movimento insurreicional, e fundando nas virgens e opulentas regiões da America meridional a monarchia e o Imperio, que foi um elemento de ordem e de integridade territorial.

« O Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro, do qual sou' n'este momento desauctorisado orgão, não podia, no anniversario de um tão grande dia da patria, que é tambem um grande dia para a realeza brasileira, deixar de felicitar a V. A. Imperial, augusta neta do bem avisado principe, que adheriu aos fervidos anhelos de libertação do povo brasileiro e que foi o fundador d'este imperio. »

S. A. a princeza imperial regente dignou-se responder :

« Agradeço muito as felicitações do Instituto Historico e Geographico Brasileiro por occasião do dia de maior alegria da nossa patria. »

A resposta de Sua Alteza é recebida com profundo respeito e acatamento.

O Sr. presidente nomeou o Sr. conselheiro Olegario para servir de orador da commissão do Instituto que tem de cumprimentar à SS. MM. Imperiaes pelo seu feliz regresso á esta côrte.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. 1° vice-presidente Dr. Macedo, um exemplar do 1° volume da sua *Ephemerida Historica do Brasil*.

Pela secretaria de estrangeiros, o *Relatorio* apresentado pelo Exm. Sr. ministro d'esta repartição á assembléa geral legislativa na segunda sessão da decima sexta legislatura.

Pela Sociedade de Geographia da Belgica, os ns. 1, 2 e 3 do seu *Boletim* do corrente anno.

Pela Sociedade de Geographia de Madrid, o seu *Boletim* de Janeiro do corrente anno.

Pelo ministerio do fomento do Mexico, *Registro Meteorologico* do observatorio central do palacio nacional, mez de Maio de 1877.

Pela secretaria da agricultura, o *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa pelo Sr. ministro da mesma repartição na segunda sessão do corrente anno.

Pelo Sr. Angel J. Carranza, por intermedio do Sr. Domingos Lamas:

Argentine republic sanitary character of Andine Heights.

Los restos del general San Martin. —El presidente de la republica á seus conciudadanos. Buenos Aires, 1877.

Redencion politica de los pueblos de la campaña y municipio de Buenos Aires, por José Francisco Lopes, segunda edicion. Buenos Aires, 1877.

Informe cientifico sobre los terrenos de Palermo en que se proyecta la formacion de un paseo publico. Buenos Aires, 1874.

La Constitucion. — Diario de manana, comercial, literario, politico y de avisos. Buenos Aires, 1870.

Washington.—Estudio historico, por Guizot, traducido del frances por Delfina Vedia de Mitre, esposa del general. Buenos Aires, 1875.

Cartas con las vistas y propositos de Don Manuel Taboada. Buenos Aires, 1869.

El almirante Vernon en las aguas de Nueva Granada, 1739—1741.—Historia leida en sesion del Instituto Bonaerense de numismatica y antiguidades, por el Dr. Angel Justiniano Carranza. Buenos Ayres, 1874.

Semblanza de lo Obispo Aneiros, actual gobernador de la arquidiocesis Bonaerense. Buenos Aires, 1870.

Epitome sobre la vida intima y publica del presbitero Don Escolastico Zegada, por Angel J. Carranza. Buenos Aires, 1869.

Actas de las sesiones de la convencion nacional ad hoc. Buenos Aires, 1860.

Lo retrato de Vicente Lopez, autor del hymno nacional argentino—3 de Maio de 1785, 10 de Outubro de 1836.

Varios jornaes e periodicos enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Foi approvada unanimemente a seguinte indicação feita pelo Sr. Dr. Pinto Junior:

« Requeiro que se lance na acta d'esta sessão um voto de profundo pezar pelo fallecimento do nosso consocio o

illustre estadista francez Adolpho Thiers, communicando-se officialmente á viuva do mesmo nosso consocio e a todas as sociedades scientificas da França. »

Leu-se, e ficou adiada para a sessão immediata, a seguinte proposta :

« Sendo de grande conveniencia conhecer com a possivel exactidão o estado em que se acha actualmente o importante serviço da cathechese e civilisação dos indigenas do Imperio, proponho o seguinte :

« Que se represente ao governo imperial a necessidade de obter, por meio de circulares do ministro e secretario de Estado dos negocios da agricultura, aos presidentes das provincias, para que estes ouvindo os directores geraes de indios e quaesquer outras pessoas habilitadas, forneçam os seguintes esclarecimentos :

1.°

« Quantos indigenas bravios (approximadamente) existem na provincia ? A que tribus pertencem ?

« Quaes os lugares em que fixaram sua residencia ou percorrem mais amiudadamente ?

« Qual a natureza dos terrenos por elles occupados, matas ou campos, e quaes os rios que cortam esses terrenos ? São esses rios susceptiveis de navegação ?

2.°

« Quantos aldêamentos regulares existem na provincia, e em que datas foram formados ? De que numero de almas se compõem ?

3.°

« Quaes as inclinações e os costumes caracterisados de cada uma d'essas tribus ?

4.°

« De que desenvolvimento intellectual e moral são elles susceptiveis ?

5.°

« Que meios são necessarios para conseguil-o ?

6.°

« O que se ha feito para se lhes ensinar as primeiras letras e as artes fabris ?

7.°

« Que causas têm até hoje obstado a essa obra iniciadora ?

8.°

« Que meios é mister empregar para resolvêl-os ?

9.°

« Que relações mantêm os aldêamentos com as povoações circumvizinhas ?

10.

« Que patrimonio foi annexado a cada aldêamento ?

11.

« Tem esse patrimonio sido respeitado ou tem-se n'elle realizado esbulhos, e quaes ?

12.

« No caso de esbulho e usurpações, em que data exacta ou provavel se effectuou, e por quem ?

13.

« Que providencias tem-se dado para reprimir os abusos commettidos contra os indios ?

« Que publicações têm sido feitas na provincia em relação á cathechese e civilisação dos indigenas ?

« Um exemplar de cada publicação.

Sala das sessões do Instituto, 14 de Setembro de 1877. —*Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.* »

Pelo Sr. conselheiro Olegario, relator da commissão de estatutos e de redacção, foi dito que se achava já inserta na primeira parte da *Revista* do primeiro trimestre d'este anno a lista dos socios do Instituto em numero de oitocentos e quatorze, a saber :

Socios actuaes.

Nacionaes.	201
Estrangeiros	203

Fallecidos.

Nacionaes.	332
Estrangeiros	78
Somma.	814

Dos socios nacionaes vivos são :

Honorarios	8
Effectivos.	50
Correspondentes.	143
Somma	201

E como complemento da medida encetada accrescentou que julgava conveniente a adopção da seguinte proposta :

« Achando-se publicada na primeira parte da ultima *Revista*, e em cumprimento de deliberação da mesa, a relação nominal dos socios do Instituto, por mim organisada em vista dos assentamentos constantes do livro de matricula e das actas das sessões, e tendo de ser, de conformidade com o que foi resolvido, annualmente transcripta a mesma relação na frente dos volumes que forem para o futuro publicados, para que possa ser em tempo devidamente emendada e corrigida, proponho :

« 1.° Que se officie sem demora, nos termos do art. 27 dos estatutos, aos socios residentes no Imperio, que se têm demorado no pagamento das prestações devidas, afim de resolver-se sobre a eliminação dos socios remissos, e dos que declararem que não fazem parte d'esta illustrada associação.

« 2.° Que respondidos ou não os officios expedidos, com informação da secretaria, se proceda, até a ultima sessão ordinaria d'este anno, de conformidade com o disposto no citado art. 27.

« 3.° Que seja incumbida uma commissão especial do trabalho de revisão annual da lista, incluindo-se os nomes dos socios novamente inscriptos, excluindo-se os que o deixarem de ser, e fazendo-se as demais alterações que forem ordenadas pela mesa administrativa.

« 4.° Que, só podendo haver cincoenta socios effectivos, e achando-se esse numero actualmente preenchido, sejam feitas as futuras nomeações ou designações d'essa classe de socios, quando haja vagas, por deliberação especial da mesa, tendo-se em attenção o disposto no art. 13 dos estatutos, quanto aos socios correspondentes, reputados effectivos supranumerarios.

« 5.° Que, passando o socio correspondente á classe de effectivo, ou de effectivo á de honorario, se expeça novo titulo de promoção ao nomeado, pelo qual se cobrará na secretaria o emolumento que fôr marcado pela mesa, com attenção ao augmento de despeza proveniente da medida adoptada.

« 6.° Que definitivamente organizada a relação dos socios, com as alterações que houverem de ser feitas até a proxima publicação na *Revista* de 1878, se faça a tabella que deve ser exposta na sala das sessões, como manda o art. 4° dos estatutos, sendo d'esse trabalho encarregada a mesma commissão de revisão. Sala das sessões, 14 de Setembro de 1877.—*O. H. de Aquino e Castro.* »

Entrando em discussão, fallaram sobre ella os Srs. Drs. Maximiano Marques de Carvalho, senador Candido Mendes, Pinto Junior, Olegario e Alencar Araripe.

Foram apresentadas as seguintes emendas:

« Requeiro que o art. 5° d'esta proposta seja adiado e dirigido a uma commissão para proceder a um exame sobre elle e dar o seu parecer, continuando a discussão da proposta.—*Dr. Pinto Junior.* »

« Separe-se o art. 5° para se discutir na sessão seguinte. —*Candido Mendes.* »

Passando-se á votação, foi approvada a proposta e a emenda do Sr. Candido Mendes, ficando assim adiada para a seguinte sessão a discussão do art. 5° da proposta, e approvados todos os mais.

Pelo Sr. presidente foi nomeada commissão de revisão, de que trata o art. 3°, ficando composta dos Srs. conselheiro Olegario, Drs. Carlos Honorio e Luiz Francisco da Veiga.

O Sr. senador Candido Mendes leu e fundamentou a seguinte proposta :

« Proponho que se solicite do ministerio do Imperio sua benevola intervenção para que se obtenha do governo francez cópias dos seguintes mappas, que se acham na bibliotheca nacional d'aquelle paiz, para enriquecimento da do nosso Instituto, a saber :

« 1.° Carta colorida da America do Sul, assignada por Jacques de Vau de Claye (fait en Dieppe l'an 1579).

« 2.° Plano do Rio de Janeiro, com a seguinte declaração : « Le vrai pourtraiet de Geneurre et du cap de fric. —*Jacques de Vau de Claye.*

« 3.° Carta da costa do Brasil, por Gaspar Viegas, de 1534. Sala das sessões, 14 de Setembro de 1877.—*Candido Mendes de Almeida.*—Posta em discussão, foi approvada. »

Seguiu-se a apresentação dos seguintes pareceres :

1.° Da commissão de pesquizas de manuscriptos :

« A' commissão de pesquizas de manuscriptos foi presente uma carta, que de Vienna d'Austria dirigiu em 22 de Março d'este anno o nosso illustrado consocio e presidente d'esta corporação o Sr. visconde do Bom Retiro, a outro não menos illustrado, o vice-presidente, Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, onde se lêm as seguintes palavras :

« Sabendo quando estive em Roma que o nosso vice-consul n'aquella cidade, o Sr. advogado Marchevini, moço intelligente e litterato, estava, ha tempos, tomando nota de diversos livros e manuscriptos existentes nos archivos e dois conventos ultimamente secularisados, e que se referem ao Brasil, pedi-lhe cópia da dita nota. E' a que consta dos papeis juntos.

« Percorrendo-a vi, que muito conviria fazêl-a examinar no nosso Instituto, afim de saber-se,—se entre taes manuscriptos ou livros ha alguns, cuja acquisição convenha obter-se para o nosso archivo. »

« E mais adiante accrescenta :

« Devo accrescentar que quando visitei a grande bibliotheca de S Martinho, em Napoles, . mostraram-me alli um manuscripto em dois volumes de 1600 e tantos, com o titulo *Discrisione del Brasile.* O nome do autor, porém, não se podia lêr por estarem as letras quasi totalmente apagadas.

« Pedi que procurassem alli vêr se descobriam o dito manuscripto pelos catalogos antigos, onde me disseram que poderia ser encontrado, e bem assim que me tirassem e remettessem uma cópia do indice. Espero-a por estes dias, e logo que a receba envial-a-hei ao meu amigo para me informar se parece conveniente fazer-se a acquisição tambem d'esse livro. »

« A commissão viu e examinou as cópias a que se refere a supradita carta, uma com o seguinte titulo : *Manoscritti relative al Brasile che si trovano n'ella biblioteche Vittorio Emmanuele e Casanatense in Roma*, e pelo resultado dos seus estudos é de parecer que, quanto aos manuscriptos, nenhum existe em nossa bibliotheca, e que muito conviria adquirir as respectivas cópias, porque parecem, pelo titulo, importantes.

« E pelo que respeita ás obras impresssas, merecem ser compradas as da relação a este annexa, com quanto de algumas possúa a nossa bibliotheca exemplares, mas em tão deploravel estado, que é preferivel adquirir substitutos do que fazer a despeza com a encadernação das que possuimos.

« A commissão faz votos pela acquisição da cópia d'esse manuscripto a que se refere o nosso douto presidente, a quem o Instituto é devedor de mais este importante serviço, se a obra tiver o merecimento, como o titulo parece inculcar. Sala das sessões do Instituto, em 14 de Setembro

de 1877.—*Candido Mendes de Almeida.* — *Carlos Honorio de Figueiredo.*

Posto em discussão foi approvado.

2.° Da commissão de geographia :

« Foi presente á commissão de geographia a proposta apresentada pelo nosso consocio Dr. Carlos Honorio de Figueiredo de 3 do mez de Agosto, concebida nos seguintes termos :

« Proponho para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Sr. major de engenheiros Francisco Antonio Pimenta Bueno, servindo de titulo para sua admissão o seu trabalho *Memoria* justificativa dos planos apresentados ao governo imperial para o prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo, e outros trabalhos.

« Além d'esta obra foi tambem presente á commissão, outra do mesmo major, sob o titulo *Parecer* sobre a petição dos directores da companhia Paulista, a respeito do prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo, por onde corre o traçado da mesma estrada, cujo ponto terminal é no porto de Sant'Anna, á margem esquerda do rio Parnahyba, no limite da provincia de Minas Geraes com a de Matto Grosso. As duas obras, posto que revelem incontestavel merecimento de seu autor, não são, como os seus titulos demonstram, trabalhos propriamente geographicos e historicos. Não obstante, força é confessar que alguma cousa ha n'ellas a aproveitar com relação á geographia e historia do territorio paulistano, e que convem acolher com muito reconhecimento tudo o que alli interessa ao programma e missão do nosso Instituto, tendo-se em consideração o pouco que sabemos do territorio nacional, ainda á pequena distancia do littoral.

« As explorações das estradas de ferro têm não pouco concorrido para tornar o nosso territorio melhor conhecido

e apreciado, *maxime* nos pontos em que o respectivo traçado é definitivamente approvado. E sob este ponto de vista, os trabalhos do proposto são dignos do acolhimento do nosso Instituto, porquanto, como outros da mesma natureza, têm concorrido para o adiantamento da geographia em geral, e com particularidade para o da do nosso territorio. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico, em 14 de Setembro de 1877.—*Candido Mendes de Almeida.* —*Guilherme S. de Capanema.* »

Posto em discussão, foi adiado a requerimento do Sr. senador Candido Mendes.

3.° Da commissão de historia :

« A commissão de historia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo presente a proposta apresentada por tres socios, na sessão de 27 de Outubro do anno passado, para que seja admittido ao mesmo Instituto, na qualidade de socio correspondente o Sr. Charles Pradez, natural da Suissa, e residente no Brasil desde 1843, servindo de titulo de admissão o livro que escreveu, e que vai junto *Nouvelles études sur le Brésil*, examinou o trabalho offerecido, e vem dar o seu parecer a respeito :

« Os novos estudos sobre o Brasil formam um volume de pequeno formato, impresso em Paris em 1872, contendo duzentas e sessenta e oito paginas de impressão. Não é um trabalho historico propriamente dito: é um simples estudo de moral social ; um quadro de costumes lançado a largos traços com habilidade e firmeza ; um opusculo curioso pelo objecto e fim a que se destina, escripto em estylo facil e ameno, prendendo a attenção do leitor pela naturalidade da linguagem e judiciosa apreciação dos factos que o autor se propõe a descrever e a analysar.

« A obra se dedica especialmente á propaganda da liberdade, em prol da raça escrava, ainda existente

entre nós. Dil-o francamente o autor no prologo, exprimindo-se assim : « *Meu fim principal é combater os prejuizos de raça que tão grave obstaculo oppõem á fraternidade humana, á fraternidade universal.* »

« Feliz na escolha do assumpto, deveria sêl-o igualmente o autor no desempenho da obra.

« Depois de uma narrativa ligeira da viagem que emprehendeu do seu paiz natal até o Rio de Janeiro, communicando as agradaveis impressões recebidas, e exaltando as maravilhas da natureza na esplendida terra americana, passa o escriptor a descrever com fidelidade e singeleza as scenas da vida campestre no interior do Brasil, expondo em seguida as condições da nossa lavoura, agricultura e commercio, a coparticipação da força escrava no desenvolvimento da nossa riqueza, e assignalando as phases por que tem passado o elemento servil desde o seu começo e introducção no Brasil, em épocas remotas, até as ultimas reformas de 1871.

« Relembra a historia do trafico de africanos, accusando as difficuldades que por tanto tempo embaraçaram a definitiva extincção de tão abominavel commercio ; e discorrendo sobre a emancipação e suas consequencias para o futuro do Brasil, aponta as vantagens do trabalho livre, que tanto concorre para o augmento da producção agricola, desenvolvimento da industria e riqueza do paiz.

« Trata ainda em resumidas paginas da civilisação dos indigenas, colonisação, estado actual da grande cultura e conclue pela transcripção da lei da emancipação, promulgada a 28 de Setembro de 1871, juntando observações criticas sobre algumas de suas disposições, no intento de melhorar-se o que se acha estabelecido, conciliando-se nos limites do possivel e do razoavel o maximo interesse do Estado com os justos interesses do senhor do escravo.

« Em summa : nos estreitos limites de seus novos estudos propõe-se o autor a advogar a causa da liberdade, hoje ganha na consciencia de todos, prenunciando uma nova éra de riqueza, de paz, de grandeza e de bençãos para este bello paiz, que só será verdadeiramente grande sendo effectivamente livre.

« Foi generosa e elevada a missão de que se encarregou o escriptor ; foi-lhe facil agradar e convencer : a causa era justa e sympathica, a convicção sincera, e favoravel a disposição dos que a tinham de attender e julgar.

« Assim, que não duvida a commissão recommendar ao Instituto o livro do Sr. Charles Pradez, tendo em attenção o assumpto de que se occupa, os termos em que se enuncia e finalmente a nobreza de sentimentos de que se mostra possuido o philantropo escriptor. Sala das sessões, 14 de Setembro de 1877.—*O. H. de Aquino e Castro.*—*José Tito Nabuco de Araujo.* »

Posto em discussão, foi approvado e remettido á commissão de admissão de socios.

4.° Da commissão de estatutos :

« A commissão de estatutos e de redacção do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo em attenção a proposta junta do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, datada de 1° de Junho do corrente anno, relativa á publicação, na *Revista* do Instituto, da *Memoria* sobre a origem e causa do aquecimento das aguas do *Gulf Stream*, escripto pelo Sr. 1° tenente da armada Francisco Calheiros da Graça, e considerando que esse trabalho, apresentado como titulo de admissão do autor ao seio do Instituto, já mereceu favoravel opinião da commissão de geographia, é de parecer que seja publicado na *Revista*, logo que se offereça opportunidade, sendo a *Memoria*, que foi lida em francez, previamente traduzida pelo autor.

« Quanto ás tres cartas sobre a costa do Brasil, igualmente comprehendidas na proposta examinada, entende a commissão que tambem deverão ser publicadas, mas quando as circumstancias financeiras do Instituto o permittirem, e quando o forem os demais trabalhos de igual natureza existentes no archivo do Instituto. Sala das sessões, 14 de Setembro de 1877. — *O. H. de Aquino e Castro.* —*A. M. Perdigão Malheiro.*—*Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.*»

Posto em discusão foi approvado.

5.° Da mesma commissão :

« A commissão de estatutos e de redacção do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo de dar parecer sobre a proposta do nosso digno consocio o Sr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira, apresentada em sessão de 15 de Junho do corrente, e relativa á collecção de retratos de brasileiros celebres que deverá ser composta e reunida á *Revista Trimensal* do mesmo Instituto, vem declarar que adhere á idéa geral que se contém na proposta, reconhecendo a conveniencia de honrar-se a memoria d'aquelles que em vida se illustraram pela pratica de acções grandes e elevadas, não só fazendo-se de seus feitos exacta e especificada menção nos annaes de nossa *Revista*, como ainda a ella juntando-se os retratos dos que assim souberam bem merecer da patria.

« Na medida lembrada vê a commissão um nobre incentivo á emulação, um novo estimulo ao patriotismo e prestimo dos bons servidores que ainda vivem, e uma justa e grandiosa homenagem de reconhecimento e gratidão prestada aos que já deixaram de existir.

« Encontra, porém, a commissão difficuldades praticas, que sujeita á apreciação do Instituto, para que sobre ellas resolva o que tiver por melhor.

« As collecções de retratos a que se refere a proposta,

comprehendendo todos os brasileiros illustres na administração, na politica, nas letras e nas armas, importarão, sem duvida, avultada despeza, que a commissão suppõe ser muito superior aos exiguos meios de que dispõe o Instituto.

« Outras e mais urgentes necessidades, como acquisição de obras raras e importantes para o fim a que nos propomos ; impressão de memorias e preciosos manuscriptos, que se vão perdendo com o tempo ; publicações de mappas geographicos ; organisação de archivo ; abertura diaria da bibliotheca, e mais providencias por vezes reclamadas, têm sido até agora adiadas por deficiencia de meios.

« Se, pois, ha impossibilidade de levar-se a effeito a medida, escusado é mais discorrer sobre ella; se, porém, ha recursos com que possa ser realizada, sejam feitas as collecções.

« Mas n'este caso lembrará a commissão :

« 1.° Que nenhuma razão ha para que sejam os retratos sómente dos brasileiros que não fizeram nem fazem parte do Instituto ; quando os nossos consocios, tanto ou mais do que os que não são, se fazem dignos da distincção projectada.

« 2.° Que se fará preciso prover desde logo sobre o modo porque terá de ser feita a escolha ou designação dos retratados, porque nem todos os brasileiros illustres o poderão ser, e sempre será de mister que a qualificação seja feita por autoridade competente.

« 3.° Que será mais conveniente reservar-se a distincção sómente para os brasileiros fallecidos, esperando-se dos vivos a continuação dos bons serviços que os recommendarão á memoria dos posteros.

« 4.° Finalmente, que a providencia se estenda aos estrangeiros fallecidos, que, por sua illustração e serviços prestados ao Brasil, se tenham tornado dignos de nossa ve-

neração e reconhecimento, juntando-se sempre aos retratos, de nacionaes ou estrangeiros, que forem contemplados na *Revista*, minuciosa noticia de seus feitos, com as demais declarações lembradas na proposta. Sala das sessões, 14 de Setembro de 1877.—*O. H. de Aquino e Castro.*—*A. M. Perdigão Malheiro.*— *Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.*»

Posto em discussão, foi adiado para a sessão seguinte a requerimento do Sr. Olegario.

6.° Das commissões de historia e geographia:

« As commissões de historia e de geographia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo de dar parecer sobre a inclusa proposta do Sr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira, apresentada em sessão de 6 de Julho passado, concernente á nomeação de uma commissão especial, incumbida de entreter correspondencia com os membros do mesmo Instituto residentes nas provincias, e, se fôr preciso, com as autoridades locaes, afim de serem colhidos os necessarios esclarecimentos para a historia e geographia das diversas povoações do Imperio, entendem que a materia da mesma proposta se comprehende na das que foram anteriormente apresentadas por diversos membros d'esta associação, e deverá ser tomada na consideração devida quando se houver de formular um plano geral, pelo qual deva ser escripto em cada provincia um opusculo ácerca da historia, geographia, ethnographia e estatistica do Brasil.

« E porque haja sobre as referidas propostas pareceres emittidos em separado pelas commissões de historia e geographia, exigindo esclarecimentos que se tornam necessarios e que deverão ser prestados pela secretaria, insistem as mesmas commissões na exigencia já feita de informações sobre as propostas existentes e deliberações anterior-

mente tomadas pelo Instituto, com declaração dos premios decretados, e de tudo quanto mais possa ter relação com o assumpto, ficando desde já declarado que as commissões consideram importante a materia das propostas, aguardando só as informações pedidas e necessarias, para que possa ser formulado o respectivo parecer. Sala das sessões em 14 de Setembro de 1877.—*O. H. de Aquino e Castro.* —*Candido Mendes de Almeida.*—*Dr. Miguel Antonio da Silva.*—*José Tito Nabuco do Araujo.* »

Posto em discussão foi approvado, remettendo-se cópias do mesmo parecer ás respectivas commissões para os fins convenientes.

7.° Das commissões de estatutos, geographia e orçamento :

« As commissões de estatutos e de redacção, de geographia e de fundos e orçamento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, examinaram a proposta e additamento juntos, apresentados pelos Srs. Drs. Maximiano Marques de Carvalho e Manoel Jesuino Ferreira, em sessão de 20 de Abril do corrente anno, relativos á creação de um gabinete cartographico, annexo ao mesmo Instituto, para o fim de serem ahi preparadas com toda a exactidão as cartas geographicas e topographicas que tiverem de ser publicadas nas *Revistas*.

« No additivo se propõe que, reconhecido o estado prospero das finanças do Instituto, se mande lithographar os mappas e cartas geographicas mais importantes, que existirem no archivo, em qualquer das officinas mais acreditadas da côrte, ficando a cargo da commissão respectiva a escolha dos mesmos mappas e cartas.

« As commissões reconhecem a conveniencia de, por todos os modos ao alcance do Instituto, desenvolver-se o estudo, conhecimento e publicação dos documentos concer-

nentes á geographia e topographia do Brasil, um dos fins principaes d'esta util instituição; acreditam, porém, que nem se conforma com a indole do Instituto emprehender e dirigir por si mesmo estabelecimentos de impressão e lithographia, e nem conviria que o fizesse, ainda quando pudesse, porque a creação e conservação de estabelecimentos d'essa ordem e importancia, demandam sempre despezas muito crescidas com o pessoal e material indispensaveis, e os minguados recursos de que dispõe o Instituto não supportam tão pesado onus. Ainda como medida de economia mais conviria pagar as impressões dos mappas e cartas em estabelecimentos particulares, que se encarregassem da execução da obra sob a immediata inspecção do Instituto, do quemontar para esse fim uma officina especial por elle custeada.

« Assim que, na impossibilidade de por si mesmo crear e dirigir o Instituto o proposto gabinete cartographico, inclinam-se as commissões a adoptar a proposta contida no additamento, pronunciando-se pela conveniencia de serem lithographados os mappas e cartas geographicas mais importantes existentes no archivo, em qualquer das officinas acreditadas da côrte, e sob a immediata inspecção das respectivas commissões, logo que o permittam as condições financeiras do Instituto. —Sala das sessões, 14 de Setembro de 1877.—*O. H. de Aquino e Castro.—Candido Mendes de Almeida.—Dr. Miguel Antonio da Silva.—A. M. Perdigão Malheiro.—Dr. Nicoláu Moreira.—Dr. Maximiano Marques de Carvalho.—Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.* »

Posto em discussão foi approvado.

Nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão ás 9 horas e meia da noite.

J. T. Nabuco de Araujo,
2° SECRETARIO SUPPLENTE.

12ª SESSÃO EM 28 DE SETEMBRO DE 1877

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Bom Retiro.

A's 7 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Bom Retiro, Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Carlos Honorio de Figueiredo, José Tito Nabuco de Araujo, Antonio Alvares Pereira Coruja, barão Gustavo Schreiner (ministro d'Austria), Diogo Barros Araña (ministro do Chile), senador Candido Mendes de Almeida, Manoel Jesuino Ferreira, Maximiano Marques de Carvalho, Luiz Francisco da Veiga, Joaquim Antonio Pinto Junior, Nicolão Joaquim Moreira, tenente-coronel Francisco José Borges, José de Saldanha da Gama, Felizardo Pinheiro de Campos, Cesar Augusto Marques, conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, José Vieira Couto de Magalhães, 1° tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo, Joaquim Pires Machado Portella, faltando com causa o Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão e declarou que, se lhe fosse permittido, pediria venia ao Instituto para em nome de Sua Magestade agradecer-lhe a maneira brilhante por que os seus membros em o anno findo mantiveram o brilho e credito do mesmo Instituto.

O Sr. Dr. Macedo, 1° vice-presidente, pediu a palavra, e em nome do Instituto felicita-o por vêr S. M. o Imperador

restituido á cadeira presidencial, occupando-a com o costumado brilho, gloria e sabedoria.

O Sr. Dr. Pinto Junior leu a seguinte moção, que, com satisfação, foi unanimemente approvada:

« Indico que se lance na acta d'esta sessão a declaração de que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro encheu-se do mais sincero jubilo ao vêr que S. M. o Imperador, depois da sua longa viagem, volta de novo a animar com sua augusta presença esta importante associação, da qual tem sido sempre o mais desvelado protector e amigo. —*Dr. Pinto Junior.* »

Foi mandada á mesa a seguinte proposta:

« Propomos que se declare na acta da presente sessão que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro recebeu com profundo pezar a triste noticia do fallecimento do eminente historiador portuguez Alexandre Herculano, socio correspondente do mesmo Instituto. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 28 de Setembro de 1877.—*Luiz Francisco da Veiga.—Antonio Pereira Pinto.—Alfredo d'Escragnolle Taunay.—A. M. Perdigão Malheiro.—Candido Mendes de Almeida.—O. H. de Aquino e Castro.—T. de Alencar Araripe.—D. Francisco Balthazar da Silveira.—Barão Homem de Mello.—Dr. José de Saldanha da Gama.—Carlos Honorio de Figueiredo.—Dr. Couto de Magalhães.—João Wilkens de Mattos.—Henrique de Beaurepaire Rohan.—Antonio Alvares Pereira Coruja.—Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão.—Joaquim Pires Machado Portella.—Joaquim Pinto de Campos.—Dr. João Ribeiro de Almeida.—José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.—Joaquim Manoel de Macedo.—Manoel Jesuino Ferreira.—Dr. Nicoláo Joaquim Moreira.—Ladisláo Netto.—Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.—G. S. de Capanema.—Baptista Cae-*

tano de A. Nogueira.—J. Barbosa Rodrigues.—Dr. Cesar Augusto Marques.—Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.—José Tito Nabuco de Araujo.—Miguel Antonio da Silva.—Francisco Manoel Alvares de Araujo.—Joaquim Norberto de Sousa e Silva.—Francisco José Borges.—Felizardo Pinheiro de Campos.—Dr. Maximiano Marques de Carvalho.—Visconde de Bom Retiro.—Dr. Rozendo Muniz Barreto. »

O Sr. presidente, á vista da unanime manifestação do sentimento do Instituto, levantou a sessão, ficando a leitura da acta da antecedente para a seguinte.

C. Honorio de Figueiredo,

2° SECRETARIO.

13ª SESSÃO EM 12 DE OUTUBRO DE 1877.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Bom Retiro.

A's 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Exms. Srs. visconde de Bom Retiro, Dr. Joaquim Manoel de Macedo, conselheiros José Ribeiro de Sousa Fontes e Olegario Herculano de Aquino e Castro, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, senador Candido Mendes de Almeida, conego Manoel da Costa Honorato, Felizardo Pinheiro de Campos, Alfredo d'Escragnolle Taunay, Cesar Augusto Marques, Maximiano Marques de Carvalho, Joaquim An-

tonio Pinto Junior, Benjamim Franklin Ramiz Galvão, Luiz Francisco da Veiga, José de Saldanha da Gama, João Barbosa Rodrigues, Rozendo Muniz Barreto e tenente-coronel Francisco José Borges, faltando por incommodados, conforme participaram, os Srs. Drs. José Tito Nabuco de Araujo e Antonio Alvares Pereira Coruja, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras devidas, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Leram-se e foram approvadas as actas das sessões de 14 e 28 de Setembro ultimo.

Foi apresentado e lido pelo Sr. 1° secretario o seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. presidente da provincia do Rio Grande do Sul, enviando um exemplar do *Relatorio* com que o 2° vice-presidente passou-lhe a administração da mesma em 21 de Maio ultimo.

Outro do Sr. presidente da provincia de Sergipe, remettendo um exemplar da *Collecção de leis e resoluções* da assembléa provincial, promulgadas no presente anno.

Outro do Sr. presidente da provincia das Alagôas, remettendo um exemplar da *Falla* com que o Sr. 1° vice-presidente installou a segunda sessão ordinaria da assembléa d'aquella provincia.

Outro do Sr. presidente da provincia do Pará, remettendo o *Relatorio* que, sobre a commissão ao norte da costa d'aquella provincia, apresentou ao inspector da alfandega da capital o guarda-mór José Luiz da Gama e Silva.

Outro do Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga, remettendo,

para serem distribuidos pelos socios presentes á sessão, quinze exemplares do seu livro sobre moral publica e privada, com o titulo *Do amor proprio ao amor de Deus*.

Outro do Sr. conselheiro Olegario, com data de 25 de Setembro ultimo, communicando que, por se achar de nojo por fallecimento de pessoa de sua familia, deixava de cumprir a honrosa missão que lhe incumbira o Instituto, de servir de orador da commissão que, por parte do mesmo, tinha de comprimentar a SS. MM. Imperiaes por occasião do seu feliz regresso á esta côrte.

Carta do Sr. Dr. Olympio E. de Arroxellas Galvão, offerecendo um manuscripto com o titulo *Quadros administrativos da provincia das Alagôas*, organisados pelo offertante.

Dita do Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, offerecendo um exemplar da *Consolidação do processo criminal*, e um impresso contendo duas conferencias ácerca de assumptos de historia.

Uma communicação do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho sobre um phenomeno de combustão atmospherica, que se deu nos dias 20, 21 e 22 de Setembro proximo findo, na zona do ar que cobre a cidade do Rio de Janeiro, com uma nota sobre as observações meteorologicas feitas n'aquelles dias no observatorio astronomico do Rio de Janeiro.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, de um exemplar do *Relatorio* com que o mesmo senhor passou a administração da provincia de Santa Catharina, em 2 de Janeiro do corrente anno, ao Sr. 1° vice-presidente Dr. Herminio

Francisco do Espirito-Santo, e a sua obra *A Provincia de Goyaz na exposição nacional de* 1875.

Pelo Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, o *Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva*, feito pelo Sr. J. M. Latino Coelho.

Pela Sociedade de Geographia de Madrid, o *Boletim* da mesma de Fevereiro a Julho do corrente anno.

Pelo Instituto pharmaceutico do Rio de Janeiro, *A Tribuna Pharmaceutica*, jornal dos mezes de Agosto a Setembro do corrente anno.

Pela Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscow, um exemplar do seu *Boletim* n. 4.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, o *Boletim* do mez de Julho ultimo.

Pela Sociedade de Geographia de Anvers, o *Boletim* de Fevereiro do corrente anno.

Pelo Sr. bibliothecario da bibliotheca nacional da côrte, um exemplar do 2° volume dos *Annaes* da mesma, e alguns exemplares, para serem distribuidos pelos membros do Instituto, da *Arte de grammatica da lingua brasilica da nação Kiriri*, composta pelo padre Luiz Vicencio Mamiani, da Companhia de Jesus, 2ª edição publicada pela bibliotheca nacional.

Pela Sociedade de Sciencias Naturaes de Lyon, o *Boletim* 31° volume, 1877.

Pela Academia Real dei Lincei di Roma. *Atti*, anno CCLXXIV, 1876—1877, serie terza,—fasciculo 7.° Giugno, 1877.

Pela redacção, *Revista Nacional de Sciencias, Artes e Letras*.—Directores, Dr. Antonio Carlos e Inglez de Sousa, vol. 1°, n. 2, de Agosto. Santos, 1877.

Pela Sociedade de Geographia de Londres, os *Boletins* de Maio, Junho e Julho do presente anno.

Pelo Sr. Estanisláu S. Zeballos :

Estudio geológico sobre la provincia de Buenos Aires, 1877 ;

Sociedad cientifica Argentina. — Descripcion de la fundicion nacional de tipos. Buenos Aires, 1876 ;

Apuntes sobre las quiebras, a proposito del proyecto de reformas al codigo de comercio de la república Argentina. Buenos Aires, 1874.

Pelo Sr. bibliothecario da bibliotheca publica de Montevidéo, as seguintes :

Reglamento interno de la comision de Instr. publica. Montevidéo, 1876 ;

Reglamento de la honorable camara de representantes. Montevidéo, 1870 ;

Asociacion Rural del Uruguay.—Revista quincenal de Setiembro. Montevidéo, 1877 ;

Boletin oficial de la comision central de agricultura de la república Oriental del Uruguay n. 7. Montevidéo, 1877 ;

Direccion de instruccion pública.—Reglamento para las escuelas, ano 1877 ;

Reglas de procedimiento para examenes y concursos de maestros y ayudantes. Montevidéo, 1877 ;

Contestacion al informe de la comision consultiva nombrada por el superior gobierno para dictaminar sobre a propuesta de reorganisacion de la compañia Ferro-carril Central del Uruguay. Montevidéo, 1877 ;

Contaduria general de la república.—Estados generales correspondientes al ejercicio de 1875. Montevidéo, 1876 ;

Resúmen de la estatistica comercial de Chile, correspondiente al ano de 1873. Valparaizo, 1874.

Pelo Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, o 2° volume da sua obra, sob o titulo : *O Rio de Janeiro, sua*

historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades. Rio de Janeiro, 1877.

Pelo Sr. Francisco A. Pessoa de Barros *Barbara de Alvarenga ou os inconfidentes.*—Drama historico. Rio de Janeiro, 1877.

Pela redacção da *Revista Medica*, os numeros de Fevereiro a Agosto de sua revista. Rio de Janeiro, 1877.

Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin, o fasciculo 4° do *Nouveau dictionnaire de géographie universelle.* Paris, 1877.

Varios periodicos enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se e remetteu-se á commissão de historia a seguinte proposta :

« Proponho para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o Sr. J. M. Latino Coelho, illustrado escriptor portuguez, servindo de titulo de admissão o trabalho que recentemente publicou, e que agora offereço para a bibliotheca do Instituto,—*Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva.*—Sala das sessões, 12 de Outubro de 1877.—*O. H. de Aquino e Castro.* »

Foi remettida á commissão de admissão de socios a seguinte proposta :

« Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o nosso illustrado consocio e digno presidente, o Sr. visconde de Bom Retiro. Sala das sessões, 12 de Outubro de 1877.—*O. H. de Aquino e Castro.—Candido Mendes de Almeida.—Manoel da Costa Honorato.—Dr. Cesar Augusto Marques.—J. Barbosa Rodrigues.— Rozendo Muniz Barreto. — Dr. Maximiano*

Marques de Carvalho.—Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão.— Carlos Honorio de Figueiredo.—Felizardo Pinheiro de Campos.—Souza Fontes.—Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior. »

Por proposta dos Srs. Dr. Luiz Francisco da Veiga e conselheiro Olegario, approvada pelo Instituto, o Sr. presidente nomeou uma commissão, composta dos Srs. senador Candido Mendes de Almeida, conselheiro Olegario H. de Aquino e Castro, Drs. Ramiz Galvão, Carlos Honorio e Luiz Francisco da Veiga, para assistir ás solemnes exequias que diversas associações portuguezas, existentes n'esta côrte, resolveram mandar celebrar na igreja de S. Francisco de Paula, ás 10 horas do dia 13 do corrente, á memoria do historiador portuguez Alexandre Herculano.

Entrando em discussão a proposta que havia ficado adiada, e já transcripta na precedente acta, feita pelo Sr. Dr. Pinto Junior, pedindo que se solicite do governo informações sobre o conhecimento exacto do estado em que se acha actualmente o importante serviço da catechese, civilisação, direito de propriedade, etc., dos indigenas do Brasil, fallaram sobre o assumpto dos artigos da mesma proposta os Srs. Pinto Junior, Olegario, Candido Mendes e Macedo, sendo afinal approvada, salva a redacção.

Foi igualmente approvado o art. 5°, tambem adiado, da proposta do Sr. conselheiro Olegario a respeito do emolumento que deve pagar o socio correspondente quando passa a effectivo e este quando é promovido a honorario.

Foi approvado e remettido á commissão de admissão de socios, o parecer dado pela de geographia sobre os trabalhos que servem de titulo de admissão ao Sr. major de engenheiros Francisco Antonio Pimenta Bueno.

Entrou em discussão o parecer da commissão de estatutos e de redacção, dado sobre a proposta do Sr. Dr. Ma-

noel Jesuino Ferreira, a respeito dos retratos de varões illustres, brasileiros e estrangeiros, que houverem prestado serviços ao Brasil, e que devem ser appensos á *Revista* do Instituto, acompanhados de minuciosa noticia sobre os retratados.

Não estando presente o autor da proposta, resolveu o Instituto, a requerimento do Sr. conselheiro Olegario, que ficasse adiada a discussão.

Foi approvado e remettido á commissão de admissão de socios o parecer abaixo, apresentado e lido pelo Sr. relator da commissão de historia:

« A commissão de historia, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo examinado, como lhe foi incumbido, a obra de Hans Stade, traduzida para o inglez pelo pelo Sr. Alberto Tootal, e a que se refere a proposta do Sr. senador Candido Mendes de Almeida de 27 de Outubro do anno passado, vem dar o seu parecer a respeito.

« Antes, porém, de o fazer declara que não se pronuncia sobre a questão da sufficiencia de um simples trabalho de traducção, como titulo de admissão do traductor ao seio do Instituto, em vista do disposto no art. 6º dos estatutos e no additamento de 17 de Novembro de 1871.

« Essa questão já foi levantada e discutida no Instituto em 1872; não foi até agora solvida, mas parece fóra da competencia da commmissão de historia.

« A obra examinada faz parte das publicações a cargo da Sociedade Hakluit, já conhecida do Instituto; tem por titulo: *Captiveiro de Hans Stade, de Hesse, nos annos de 1547 a 1555, entre as tribus selvagens do Brasil oriental*, traducção de Alberto Tootal, com annotações de Ricardo F. Burton.

« E' um volume impresso em Londres em 1874, contendo cento e sessenta e nove paginas, além de um prefacio

escripto pelo annotador, consul da Inglaterra em Santos nos annos de 1865 a 1868, e uma larga introducção enriquecida de esclarecimentos e noticias historicas de incontestavel interesse.

« O trabalho de Hans Stade foi publicado na Allemanha (Marbourg) pela primeira vez em 1557 ; teve successivas edições, e em 1837 foi vertido para o francez, fazendo parte da *Collecção de viagens e memorias originaes para a historia da descoberta da America*, por Henrique Ternaux Compans, obra importante que se encontra na bibliotheca d'este Instituto.

« Antes da traducção do Sr. Tootal não consta que houvesse outra em inglez. Southey conhecia a obra, e na sua *Historia do Brasil* faz d'ella especial menção, considerando a historia das aventuras de Hans Stade como uma obra de grande valor e á qual se referem, antes repetindo, do que accrescentando o que n'ella se contém, todos os subsequentes escriptos sobre as tribus *Tupis*.

« A commissão subscreve o voto de tão autorizado escriptor, reconhecendo o merito do trabalho que acaba de examinar.

« As minuciosas e veridicas noticias de Hans Stade sobre a indole, costumes e religião das tribus selvagens do sul do Brasil, as interessantes informações que ministra sobre a sua viagem e longa permanencia entre os indios, e a tocante narração que faz dos seus soffrimentos durante o captiveiro que supportou até ser libertado em 1554, despertam e impressionam a attenção do leitor, e fornecem amplos esclarecimentos para a historia patria, tanto mais apreciaveis, quanto é subido o interesse que hoje se liga a tudo quanto se refere ás raças aborigenes e aos successos que se prendem aos primitivos tempos de nossa vida colonial.

« Na primeira parte da obra trata o autor especialmente de sua viagem de Lisboa á Pernambuco, a bordo de um navio mercante ; das revoltas dos selvagens contra os portuguezes ; regresso á Europa ; segunda viagem á America em 1549, com destino ao Rio da Prata ; naufragio ; desembarque em S. Vicente ; aprisionamento ; captiveiro e resgate pelo commandante de um navio francez em 1554 ; viagem á Europa e chegada á França em 1555.

« Na segunda parte, e sob o titulo de *Narração veridica e precisa dos usos e costumes dos Tupinambás*, sempre na linguagem simples e chã de que usa, accrescenta muita noticia curiosa sobre a natureza physica e topographica do paiz, instituições e costumes dos que n'elle habitavam, juntando considerações de interesse, tanto para o philosopho, como para o historiador.

« Assim que, reconhecida a utilidade da obra, não duvida a commissão qualificar a nova traducção do Sr. Teotal como um trabalho litterario digno de estimação, e recommendavel como testemunho do apreço em que são tidas as couzas do Brasil por todos quanto prezam as letras e especialmente os estudos historicos a que o Instituto dedica particular attenção.

Sala das sessões, em 12 de Outubro de 1877.—*O. H. de Aquino e Castro.* — *José Tito Nabuco de Araujo.* — *Dr. Cesar Augusto Marques.* »

Leu-se, e ficou sobre a mesa para ser votado na proxima sessão, o seguinte parecer da commissão de fundos e orçamento :

« Temos a honra de apresentar ao Instituto o resultado de nosso exame relativo ás contas do anno social de 1876.

« Importou a receita em 20:953$991, e a despeza em 8:849$965 ; sendo o saldo para 1877 de 12:104$026.

DEMONSTRAÇÃO DA RECEITA

Saldo de 1875, a saber :		
Em dinheiro	242$116	
Em dez apolices	10:000$000	
Na caixa economica	1:731$475	11:973$591
Consignação do thezouro nacional	7:000$000	
Juros de dez apolices . . .	600$000	
« da caixa economica . .	108$400	
Joias	100$000	
Divida activa.	294$000	
« corrente	666$000	
Assignatura e venda de *Revistas*	112$000	
Estorno.	100$000	8:980$400
Somma. .		20:953$991

DEMONSTRAÇÃO DA DESPEZA

Impressão de *Revistas* e mappas	3:525$300	
Reimpressão e papel. . . .	989$000	
Vencimento de empregados e porcentagens	2:584$700	
Despeza com a bibliotheca e sala	330$000	
« com bustos	400$000	
Compra de livros e encadernações.	307$895	
Annuncios e publicações . .	386$560	
Expediente e objectos de escriptorio.	326$510	
Saldo que passa para 1877 :		
Em dinheiro	20$151	
Em dez apolices	10:000$000	
Na caixa economica	2:083$875	20:953$991

«Achando-se a escripturação em dia, e os documentos em devida fórma, é de parecer a commissão que sejam approvadas as contas do anno social de 1876 apresentadas pelo Sr. thezoureiro, cujo zelo tem sido constante no desempenho de seu cargo. Sala das sessões do Instituto Historico, 28 de Setembro de 1877.—*Francisco José Borges.* —*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

«A commissão offerece para vigorar no exercicio corrente o orçamento seguinte:

RECEITA

Joias de entrada	40$000
Prestações semestraes dos socios	700$000
Cobrança da divida activa	200$000
Assignatura e venda de *Revistas*	300$000
Juros de dez apolices	600$000
« de dinheiro em conta corrente na caixa economica	108$400
Subvenção do thezouro nacional	7:000$000
Somma.	8:948$400

DESPEZA

Impressão da *Revista* annua	3:500$000
Reimpressão dos numeros esgotados . . .	500$000
Trabalhos de lithographia e impressões . .	200$000
Encadernações e compra de livros. . . .	1:300$000
Vencimentos de empregados	2:800$000
Expediente e despezas diversas	638$400
Somma.	8:948$400

«Sala das sessões do Instituto Historico, 28 de Setembro

de 1877.—*Francisco José Borges.*—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

O Sr. Dr. Joaquim M. de Macedo leu uma parte da *Biographia*, por elle escripta, de Evaristo Ferreira da Veiga.

O Sr. presidente, obtendo venia de Sua Magestade, levantou a sessão ás 9 horas.

C. Honorio de Figueiredo,

2° SECRETARIO.

14ª SESSÃO EM 26 DE OUTUBRO DE 1877

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Bom Retiro.

A's 7 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Bom Retiro, Drs. Joaquim Manoel de Macedo, conselheiro José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, José Tito Nabuco de Araujo, Antonio Alvares Pereira Coruja, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, senador Candido Mendes de Almeida, conego Manoel da Costa Honorato, Nicoláo Joaquim Moreira, José de Saldanha da Gama, Manoel Jesuino Ferreira, João Barbosa Rodrigues, Maximiano Marques de Carvalho, tenente-coronel Francisco José Borges, João Ribeiro de Almeida e Alfredo de Escragnolle Taunay, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida pelo Sr. 2° secretario a acta da antecedente e posta em discussão foi approvada.

O Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios dos Srs. Drs. Cesar Augusto Marques e Agostinho Marques Perdigão Malheiro, communicando não poderem comparecer á sessão por incommodados.

Officio do Sr. Nivaldo Teixeira Braga, declarando que, como professor da primeira cadeira do sexo masculino, em Coritiba, na provincia do Paraná, e autorisado pelo Sr. presidente da provincia, pretende crear uma bibliotheca escolastica no estabelecimento a seu cargo, e para isso solicitava a coadjuvação d'este Instituto.—Resolveu-se que, depois de installada a referida bibliotheca, o Sr. 1° secretario procedesse na fórma do estylo.

Dito do Sr. 1° secretario do Instituto de Sciencias Physicas e Naturaes, communicando a installação do mesmo Instituto, de que são fundadores os lentes e alumnos da secção de sciencias physicas e de sciencias naturaes da escola polytechnica d'esta côrte, sendo seus fins vulgarisar aquellas sciencias pela imprensa, por meio de conferencias publicas, e espalhar gratuitamente a instrucção pelo povo.

Dito do consocio o Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, offerecendo o n. 143 do *Diario Fluminense* de 17 de Dezembro de 1824, que traz um artigo expondo os planos das sociedades secretas, e um appendice analysando e commentando o projecto de constituição para as provincias confederadas, por Manoel de Carvalho Paes de Andrade.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pela typographia nacional a *Collecção de leis do Imperio* e *decisões do governo* de 1876, tres volumes.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, o seu *Boletim* do mez de Agosto do corrente anno.

Pelo consocio o Sr. Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello, por intermedio do Sr. conselheiro Olegario, vinte volumes da 2ª edição das suas *Lições de Historia*, para serem distribuidos pelos Srs. socios presentes, e um dito para a bibliotheca do Instituto.

Varios jornaes e periodicos enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e ficou sobre a mesa para ser votado na proxima sessão, o seguinte parecer :

« A commissão de admissão de socios subscreve com prazer á proposta de 12 do corrente, apresentada por onze de nossos distinctos consocios, para que seja elevado a socio honorario o nosso illustrado e digno presidente o Exm. Sr. visconde de Bom Retiro.

« Declinar este nome é ao mesmo tempo dispensar, por notoria, a noticia do saber, erudição, elevadas qualidades e relevantes serviços de tão eminente brasileiro, de tão prestante cidadão, de um dos mais conspicuos membros, que o Instituto se desvanece de contar no seu seio. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 26 de Outubro de 1877. — *A. M. Perdigão*

Malheiro. — Dr. João Ribeiro de Almeida. — Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo. »

Entrando em discussão o parecer ácerca das collecções de retratos, dado pela commissão de estatutos e de redacção, transcripto anteriormente e adiado para esta sessão, o Sr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira pediu a palavra e motivou a seguinte proposta:

« Proponho que o parecer sobre a proposta que apresentei em sessão de 15 de Junho do corrente anno, relativamente á organisação de duas collecções de retratos, volte á commissão, afim de que, tendo em vista a mencionada proposta em original ou uma cópia, tirada sem omissão de palavras, como a que teve presente quando deu o dito parecer, digne-se de reconsideral-o.

« Acho conveniente, em additamento á referida proposta, declarar que as alludidas collecções servirão apenas de archivo, d'onde se possa buscar com facilidade os retratos dos individuos sobre os quaes haja o Instituto de tratar em sua *Revista*, e que taes collecções não constituem só por si distincção honorifica para o retratado. Em 26 de Outubro de 1877. — *Jesuino Ferreira.* »

Foi approvada a proposta. e devolvido á commissão de redacção o respectivo parecer para reconsideral-o.

Entrou em discussão, foi approvado e remettido á commissão de admissão de socios, o parecer que havia ficado adiado, da commissão subsidiaria de geographia, dado sobre os trabalhos que servem de titulo de admissão ao Sr. Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro ao gremio do Instituto.

Foi igualmente lido, approvado, e remmettido á commissão de admissão de socios, o seguinte parecer da de historia, formulado sobre o *Elogio historico de José Bonifacio*

de Andrada e Silva; que serve de titulo de admissão de seu autor o Sr. José Maria Latino Coelho.

« A commissão de historia, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo presente a proposta de admissão do Sr. José Maria Latino Coelho, notavel escriptor portuguez e digno secretario geral da Academia Real de Sciencias de Lisboa, ao gremio do mesmo Instituto, servindo de titulo de habilitação, na fórma dos estatutos, o *Elogio Historico de José Bonifacio de Andrada e Silva*, recentemente publicado e offerecido ao Instituto por um de seus membros, examinou com a devida attenção o importante trabalho d'aquelle illustrado escriptor, e passa a dar o seu parecer a respeito.

« Não é o *Elogio* de José Bonifacio a simples biographia de um homem: é a pagina brilhante da historia de duas nações irmãs, em uma quadra difficil e melindrosa, grave e complicada, escripta com a proficiencia e imparcialidade do consciencioso historiador, que só tem na mente a justiça, por norte a verdade, e por objecto o facto que se propõe a narrar ou a esclarecer.

« Ha homens que representam idéas tão grandiosas, épocas que significam revoluções tão salutares, successos que traduzem glorias tão subidas, que, para que possam ser devidamente retratados e descriptos na téla sumptuosa que se desdobra á admiração das gerações que passam, faz-se de mister toda a superioridade de engenho, toda a elevação de pensamento, largueza de vistas, acerto de apreciação e provada capacidade de execução—attributos raros e só proprios do verdadeiro talento aprimorado pelo lustre da mais solida instrucção.

« Não se mede a importancia dos trabalhos de intelligencia pela extensão ou pelo espaço que têm tomado na fórma a livre manifestação do pensamento.

« Ha phrases que valem discursos ; discursos que valem mais que livros ; livros que constituem monumentos de perduravel fama e custosa magnificencia.

« Perde em tamanho, é certo, o que ganha em estimação o breve trabalho historico que a commissão acaba de examinar.

« Vasto, porém, no assumpto e profundo no objecto, memora-se n'essas poucas paginas a vida de um grande cidadão, maior pelo merito e pelos feitos que o tornaram celebre, do que pelas tardias honras que hão procurado engradecer-lhe a imagem.

« José Bonifacio, o vulto ingente que assoma no horizonte da nossa historia, rodeado do prestigio da sciencia, enriquecido pelo estudo, animado pelo patriotismo e glorificado pelo soffrimento, bem merecia a posthuma homenagem que lhe é prestada por um dos mais eminentes representantes da litteratura portugueza.

« O *Elogio Biographico*, tecido pelo douto academico, reune a dupla qualidade que distingue o trabalho do escriptor de historia : diz a verdade, e pelo modo por que deve ser dita.

« Se a historia sem a verdade é apenas o romance, cumpre que ao dizêl-a, com inalteravel firmeza e inteira segurança, possa ainda o escriptor guardar a propriedade do modo, a graciosidade da fórma e a conveniencia do estylo, que assellam o caracter do perfeito historiador.

« O trabalho do Sr. Latino Coelho é digno do seu autor, e está na altura do merecimento d'aquelle a quem se dedica.

« Acompanhando os primeiros passos do notavel paulista na senda luminosa que percorreu, longe da patria, em busca de instrucção, n'aquelles minguados tempos collo-niaes, em que até da luz do espirito se fazia na metropole

avaro monopolio, refere o escriptor o progressivo desenvolvimento d'essa privilegiada intelligencia, fadada a grandes commettimentos em um futuro ainda remoto; e applaudindo os triumphos colhidos em uma rapida e brilhante carreira escolastica, celebra a iniciação do esperançoso neophito nos trabalhos da Academia de Sciencias, em annos ainda tão verdes e juvenis, que o viço da mocidade parecia contradizer a grave compostura do academico.

« Narra em seguida como foi aproveitada pelo governo a especial aptidão do joven naturalista, sendo mandado a percorrer lugares onde podesse ser praticamente accrescentado o copioso cabedal já recolhido no estudo das sciencias a que se consagrára; e enfeixando a mésse farta e opulenta, segada pelo activo e habil cultor nos dominios perlustrados da sciencia, mostra-nos como compensados foram, e largamente, os dispendios do Estado pelas vantagens que provieram das investigações do incansavel pesquizador.

« Tão certo é que nunca são perdidos os sacrificios feitos em prol da instrucção e auxilio ás vocações legitimas, quando com discreta prudencia se sabe regular o modo de produzir, gastando, e de saccar sobre o futuro, á conta dos avanços do presente.

« Quando José Bonifacio regressou de suas longas e proveitosas excursões coroava-o a aureola do sabio: seu nome ficara inscripto nos annaes da sciencia; e com as honras que para si colhêra, assegurava a gloria da patria que se orgulhava de o contar por filho.

« Soube o governo accumular sobre os seus hombros, na phrase do biographo, os encargos que são maior testemunho de valia verdadeira, que as barateadas e inanes distincções com que as régias chancellarias aferem e aquilatam na sua tarifa graciosa os talentos de eleição. De sua

parte tambem soube corresponder o sabio á confiança de que se mostrára digno, trabalhando incessante. E quando, nos nefastos dias da invasão estrangeira, juntou ao auxilio de suas luzes o esforço de seu braço, como cidadão e como soldado, bem demonstrou como perfeitamente se alliam os oppostos interesses das armas e das letras, quando ao serviço de uma razão esclarecida se tem um coração aberto aos nobres sentimentos do patriotismo e da lealdade.

« Eram, porém, esses mesmos sentimentos que lhe faziam despertar vivida e pura na alma bem formada a imagem da pátria aguilhoada aos rigores do despotismo colonial.

« Approximava-se a hora da emancipação de um grande povo ; já eram frageis os laços com que embalde se pretendia comprimir os pulsos do gigante americano ; a imprudencia ou a cegueira da metropole havia estragado a arma do poder que não soubéra manejar ; avultavam os erros do systema colonial, mal ensaiado e desastradamente posto em pratica por administrações pouco avisadas ; era infallivel o effeito : a colonia reagiu e combateu, resistiu e venceu ; porque nas pugnas da liberdade contra os excessos da prepotencia nunca póde ser duvidoso o triumpho da razão e da justiça.

« José Bonifacio, destinado a servir de protogonista ou de comparte nas scenas animadas de uma gloriosa revolução, comprehendeu desde logo que um dever de honra o chamava ao theatro da luta que se ia travar entre a força e o direito, no conflicto de interesses antagonicos da metropole e da colonia ; correu presto a envolver-se no movimento reaccionario que já se denunciava em mais de um ponto, e ahi, como em toda parte onde teve o genio occasião de expandir-se, seus nobres sentimentos manifestaram-se em actos de inexcedivel patriotismo.

« Interprete autorisado da opinião ou instrumento principal de uma empreza felicissima, no dizer do escriptor, negue-se-lhe embora a iniciativa da idéa, nunca se lhe poderá contestar com fundamento a coparticipação efficaz que lhe coube na fundação da nacionalidade brasileira.'

« E tanto basta para a sua immarcessivel gloria.

« Não pretende a commissão inculcar que fosse a independencia do Brasil obra exclusiva de um homem, ou fosse elle um principe, um ministro ou simplesmente um cidadão. Não foi; não o podia ser. A aspiração da liberdade era sem duvida a preoccupação geral dos espiritos, o justo anhelo de todos os bons e sinceros patriotas; a independencia era uma idéa nacional, que germinára na consciencia da propria dignidade, que se desenvolvêra com o tempo, se fortificára ao influxo da civilisação, na marcha progressiva da sociedade, e que só aguardava a occasião adequada para se patentear em todo o brilho de sua elevada expressão.

« Fez-se a independencia; e manda a justiça da historia que se reconheça e proclame que, n'essa gloriosa conquista da liberdade, em que collaboraram todos quantos sentiam-se animados pela flamma sagrada do patriotismo, cabe por direito e razão o lugar de honra áquelles que, pela superioridade da intelligencia e influencia da posição, pelo esforço da vontade e energia da acção, se achavam investidos da autoridade e do poder que os faziam arbitros dos destinos do paiz, supremos directores da opinião e principaes motores dos acontecimentos que rapidamente succediam-se.

« Sómente os homens populares, que cingem na fronte o diadema do talento, são, como diz o escriptor, capazes de fundar em solidas bases as nacionalidades livres.

« José Bonifacio, ministro illustrado e previdente, conselheiro leal e esforçado lidador na grandiosa empreza da emancipação nacional, se, como alguns pensam, não foi o pensamento, foi o braço que guiou destro o movimento reaccionario, coroado do mais feliz successo.

« Seu nome, sua gloria, a justa celebridade de seus feitos, constituem um patrimonio de inestimavel valor para a nação que o preza e honra.

« Não amesquinhemos, pois, o que é grande; não menosprezemos o que tanto respeito nos infunde: a reputação do sabio, a probidade do cidadão, o zelo, o desinteresse e a dedicação do patriota.

« A perseguição e o exilio feriram a victima das paixões partidarias em assomos de delirio; a estatua e o triumpho a exalçaram ao apogeu das grandezas sociaes na calma de tempos mais serenos.

« Hoje, á luz que irradia um quadro, magistralmente lançado pela mão segura de um habil pintor, ostenta-se em toda a sua pujança o vulto magestoso do brasileiro distincto, que por tantos titulos se recommenda á veneração dos que o contemplam.

« A commissão do Instituto cumpre um dever louvando o trabalho historico do Sr. Latino Coelho, e com prazer applaude o generoso impulso que levou o escriptor portuguez a decantar as glorias que tambem são suas, porque a Portugal, como ao Brasil, cabe a fortuna de contar José Bonifacio entre os seus filhos mais prezados.

« E se a severidade da critica ou a variedade do pensamento não permitte ainda que se fixe definitivamente a opinião que sobre os factos da independencia deve ser formada; se é cedo para pronunciar-se a ultima palavra sobre assumptos que se prendem á nossa historia politica em tempos de tão agitadas commoções, seja-nos ao menos

dado, a nós, obreiros do porvir, juntar com desvelado esmero e accurada attenção todos os valiosos subsidios que a geração contemporanea vai preparando para o soberbo monumento da historia da nossa patria.

« A nós cabe a missão de honrar a memoria dos grandes homens; á posteridade o encargo de julgal-os. Sala das sessões, 26 de Outubro de 1877. — *O. H. de Aquino e Castro.* — *J. T. Nabuco de Araujo.* »

Em seguida entrou em discussão, e foi tambem approvado, o parecer da commissão de fundos e orçamento dado sobre as contas do Sr. thesoureiro, relativas ao anno findo, e orçando a receita e despeza para o presente anno social.

O Sr. Dr. Macedo pediu a palavra e continuou com a leitura da *Biographia*, por elle escripta, *de Evaristo Ferreira da Veiga.*

O Sr. presidente, obtendo venia de S. M. Imperial, levantou a sessão ás 8 1/2 horas.

C. H. de Figueiredo,

2º SECRETARIO.

15ª SESSÃO EM 9 DE NOVEMBRO DE 1877

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

A's 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs, Drs. Joaquim Manoel de Macedo, conselheiro José Ri-

beiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, José Tito Nabuco de Araujo, Antonio Alvares Pereira Coruja, Maximiano Marques de Carvalho, conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro e Filippe Lopes Netto, tenente-coronel Francisco José Borges, Felizardo Pinheiro de Campos, João Barbosa Rodrigues, Luiz Francisco da Veiga, Nicoláo Joaquim Moreira e 1° tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e, tomando asento, o Sr. Dr. Macedo, 1° vice-presidente, abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Sr. Dr. Manoel Buarque de Macedo, offerecendo vinte exemplares do *Relatorio* do Sr. tenente-coronel de engenheiros Dr. Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim sobre o abastecimento de agua n'esta capital.

OFFERTAS

Pela secretaria da agricultura:

Estudos sobre a largura das estradas de ferro e a resistencia dos trens, pelo engenheiro Honorio Bicalho. Rio de Janeiro, 1877.

Considerações ácerca dos melhoramentos de que, em relação ás sêccas, são susceptiveis algumas provincias do

norte do Brasil, pelo marechal de campo Henrique de Beaurepaire Rohan (segunda edição). Rio de Janeiro, 1877.

Ensaios sobre alguns melhoramentos tendentes á prosperidade da provincia do Ceará. Rio de Janeiro, 1877.

Directoria das obras publicas.—Arrasamento da lage submarina existente na entrada do porto de Santos, provinciá de S. Paulo. Rio de Janeiro, 1877.

Garantia de juros.—Estudos para sua applicação ás emprezas de utilidade publica no Brasil, pelo engenheiro André Rebouças. Rio de Janeiro, 1874.

Estudos definitivos da linha de Cangussú, variante da estrada de ferro do Rio Grande a Alegrete.—Memoria justificativa apresentada por Eduardo de Moraes, etc. Rio de Janeiro, 1876.

Pelo Instituto Archeologico Alagoano, a sua *Revista* do mez de Dezembro de 1876.

Pelo Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, alguns exemplares de seu *Relatorio* sobre a immigração nos Estados-Unidos da America. Rio de Janeiro, 1877.

Pelo Sr. Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, tambem alguns exemplares dos *Discursos* por elle proferidos nas duas primeiras sessões da decima sexta legislatura da assembléa geral. Rio de Janeiro, 1877.

Pelo Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, trinta exemplares do seu folheto sob o titulo *Apreciações das causas physicas da sêcca do Ceará e outras provincias limitrophes.* Rio de Janeiro, 1877.

Pelo Sr. Dr. José de Góes Siqueira, *Breve estudo sobre a prostituição e a syphilis no Brasil.*—Memoria approvada pela Academia Imperial de Medicina. Rio de Janeiro, 1877.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e foi remettida á commissão de estatutos e de redacção, a seguinte proposta :

« Tendo este Instituto resolvido em suas sessões anteriores fazer publicar em suas *Revistas* as cartas geographicas que a illustrada commissão de redacção julgasse conveniente, proponho que sejam preferidas e publicadas nas primeiras *Revistas* as cartas seguintes :

« 1.° A carta do Brasil, comprehendida entre o Rio de Janeiro e a Bahia de S. Salvador, levantada pelo capitão de fragata E. Mouchez, coadjuvado pelo commandante da canhoneira brasileira *Itajahy*, o Sr. capitão-tenente Fonseca. (Esta carta está na collecção de cartas geographicas de Mr. Mouchez, e o Instituto possue essa collecção.)

« 2.° A carta reduzida da costa do Brasil, comprehendida entre Porto Seguro e Pernambuco, levantada em 1819 pelo engenheiro hydrographo da marinha franceza Mr. Givry, a bordo da corveta *La Bayadère* e o brigue *Favorito*, sob as ordens do barão Roussin. (Esta carta existe na bibliotheca d'este Instituto, assim como a collecção de que faz parte, das cartas da costa do Brasil, levantadas sob as ordens do mesmo barão Roussin.)

« Sala das sessões do Instituto. Rio da Janeiro, 9 de Novembro de 1877.—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

Votou-se por escrutinio secreto e foi unanimemente approvado o parecer da commissão de admissão de socios, elevando a socio honorario o Exm. Sr. visconde de Bom Retiro, digno presidente d'este Instituto, o qual, comparecendo logo depois da votação e assumindo a presidencia, disse : que, tendo conhecimento, ao chegar á sala das ses-

sões, da honrosa nomeação com que acabava de ser distinguido pela benevolencia do Instituto, cumpria um dever de reconhecimento agradecendo-a, e assegurando que fará sempre pela prosperidade e desenvolvimento do Instituto tudo quanto depender de seus esforços.

Entrou em discussão e foi approvado o seguinte parecer :

« A commissão de estatutos e de redacção do Instituto Historico e Geographico Brasileiro examinou a proposta que em sessão de 26 do mez passado apresentou o Sr. Dr. M. Jesuino Ferreira, para que fosse reconsiderado o anterior parecer dado pela mesma commissão sobre a proposta relativa ás collecções de retratos de varões illustres, que têm de acompanhar as *Revistas Trimensaes*.

« Sanado o erro de cópia que havia em ponto essencial na proposta anteriormente examinada, vê agora a commissão que o que o Sr, Dr. Jesuino Ferreira lembra é que o Instituto organise duas collecções de retratos, sendo uma de todos os brasileiros illustres que não fizeram parte do mesmo Instituto, e outra dos membros d'esta associação, quer vivos, quer já fallecidos.

« E mais, que as alludidas collecções sirvam apenas de archivo d'onde possam ser tirados com facilidade os retratos d'aquelles que houverem de ser contemplados na *Revista* sem que constituam por si sós distincção honorifica para os retratados,

« Com as declarações feitas, e assim explicado o pensamento do proponente, a commissão retira a observação feita sobre a supposta exclusão dos consocios brasileiros, e sustenta quanto ao mais a opinião que já teve occasião de emittir, repetindo que acha muito aproveitavel a idéa, ficando dependente a execução da proposta na parte relativa á despeza dos meios de que puder dispôr o Instituto, e

assentado que a escolha dos retratos que houverem de acompanhar as *Revistas* será feita por votação da mesa, sobre proposta assignada por tres socios pelo menos. Sala das sessões, 9 de Novembro de 1877.—*O. H. de Aquino e Castro.* —*A. M. Perdigão Malheiro.* »

Leram-se, e ficaram sobre a mesa para serem votados na seguinte sessão, os tres pareceres abaixo transcriptos, dados pela commissão de admissão de socios :

1.° « Havendo sido propósto para socio honorario do Instituto Historico o Sr. barão Homem de Mello, crê a commissão de admissão de socios interpretar fielmente os votos do Instituto, declarando esse nosso illustrado consocio digno de tão honroso e ambicionado titulo.

« Se na carreira politica ha attingido posição elevada, tendo exercido o cargo de presidente de varias provincias do Imperio e de deputado á assembléa geral, nas letras é seu nome conhecido e respeitado. Seus estudos historicos brasileires, esboços biographicos, escriptos historicos e litterarios, a *Carta physica do Brasil*, descrevendo os systemas orographico e hydrographico, e outros trabalhos, o tem conceituado como escriptor e franqueado-lhe as portas das associações litterarias.

« A dignitaria da ordem da Rosa, a carta de conselho e o titulo de barão memoram relevantes serviços de tão prestimoso cidadão, que, occupando no Instituto Historico o cargo de 3° vice-presidente, é merecedor da honra que essa douta associação lhe deseja conferir. Sala das sessões, em 9 de Novembro de 1877.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.—A. M. Perdigão Malheiro.—Dr. João Ribeiro de Almeida.* »

2.° « Tendo sido proposto para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. José Maria Latino Coelho, e havendo a commissão de historia do mesmo Instituto apre-

ciado com muito louvor o trabalho do candidato, intitulado *Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva*, opina a commissão de admissão de socios que entre os nomes dos membros do Instituto Historico e Geographico do Brasil se inscreva o do Sr. Latino Coelho, distincto litterato portuguez.

« Nascido em Lisboa em 29 de Novembro de 1825, filho legitimo do professor de mathematicas capitão João Alberto Coelho, cedo começou o Sr. Latino Coelho a frequentar as escolas, a honrar as academias; cultivou as letras, e em pouco tempo conquistou merecida reputação litteraria em Portugal.

« Official do exercito, professor da escola polytechnica, jornalista, poeta, deputado, orador, secretario da Academia Real de Sciencias de Lisboa, dotado de talento privilegiado, tornou-se conhecido na imprensa periodica e politica do paiz; varios jornaes politicos e litterarios, diversos escriptos historicos e criticos, obras didacticas e outros interessantes trabalhos, têm assignalado seu talento, tão fecundo, tão facil em produzir, tão variado, tão rico e tão conhecido.

« A penna engenhosa e brilhante do distincto escriptor acaba de enriquecer a litteratura portugueza com o *Elogio academico de José Bonifacio de Andrada e Silva*, no qual manifesta o autor sua intelligencia eminente, estudiosa, applicada, rica de conhecimentos e de sciencia, e assim julgamos ser sufficiente esse trabalho, consagrado á memoria de um brasileiro tão notavel, para ser admittido no gremio do Instituto Historico o Sr. José Maria Latino Coelho. Sala das sessões, em 9 de Novembro de 1877.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.—A. M. Perdigão Malheiro.—Dr. João Ribeiro de Almeida.* »

3.° « Proposto para socio correspondente do Instituto

Historico o Sr. Hercules Florence, servindo-lhe de titulo de admissão o trabalho intitulado *Esboço da viagem feita pelo Sr. Langsdorff no interior do Brasil*, desde Setembro de 1825 até Março de 1829, escripto em francez, e traduzido pelo nosso distincto consocio Sr. Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, julga a commissão de admissão de socios o candidato digno do titulo de socio do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

« A narrativa do Sr. Hercules Florence, escripta em linguagem simples e despretenciosa, e com verdade e criterio, dá noticia da longa exploração do barão Jorge Henrique de Langsdorff, consul-geral da Russia no Brasil, que falleceu em sua patria em 1842, tendo seu governo lhe concedido avultada pensão, apezar do máo resultado de sua viagem. Sala das sessões, em 9 de Novembro de 1877.— *Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.—A. M. Perdigão Malheiro.—Dr. João Ribeiro de Almeida.* »

O Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, obtendo a palavra, leu um trabalho sob o titulo *O Dia* 30 *de Julho de* 1832.

Terminada a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

16ª SESSÃO EM 23 DE NOVEMBRO DE 1877

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S.M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Bom Retiro.

A's 7 horas da tarde acharam-se presentes os Srs. visconde de Bom Retiro, Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, conselheiros Henrique de Beaurepaire Rohan, Olegario Herculano de Aquino e Castro e Filippe Lopes Netto, senador Candido Mendes de Almeida, tenente-coronel Francisco José Borges, barão Gustavo Schreiner, conego Manoel da Costa Honorato, Drs. Felizardo Pinheiro de Campos, Luiz Francisco da Veiga, Maximiano Marques de Carvalho, Alfredo d'Escragnolle Taunay, Ladislão de Sousa Mello Netto e Antonio Monoel Gonçalves Tocantins, faltando com causa participada os Srs. Dr. Manoel Jesuino Ferreira, Antonio Alvares Pereira Coruja e Francisco Manoel Alvares de Araujo.

Annunciando-se a chegada de S. M. o Imperador, foi o mesmo augusto senhor recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, secretario supplente, servindo de 2º secretario, leu a acta da antecedente, que, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, 2º secretario, servindo de primeiro deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. director geral da secretaria de Estado dos negocios estrangeiros, enviando, por parte da legação do Imperio em Lima, um exemplar do *El monitor rebelde* «*Huascar*,» por José Antonio Garcia y Garcia, do mez de Junho do corrente anno.

Dito do Sr. Dr. Ernesto Ferreira França, concebido n'estes termos:

« Illm. e Exm. Sr.—Não tendo estado presente na sessão do Instituto, celebrada a 28 do corrente, solicito comtudo que se insira na acta o protesto da minha completa e fervorosa adhesão á manifestação de jubilo, solemnemente pelo Instituto externada, por motivo do fausto regresso de S. M. o Imperador.

« N'este patriotico empenho, igualmente caro ás letras e á patria, ouso implorar o precioso intermedio de V. Ex.

« Deus guarde a V. Ex.—Illm. e Ex. Sr. presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1877.—*Dr. Ernesto Ferreira França.*»

Dito do Sr. Manoel Candido da Veiga e Sousa, director do curso nocturno gratuito da Associação Promotora da Instrucção de Meninos, trazendo ao conhecimento d'este Instituto que o mesmo curso prosegue nos trabalhos tendentes á fundação de uma bibliotheca popular na freguezia de S. Christovão d'este municipio, e que, já possuindo avultado numero de obras, solicitava uma collecção de suas *Revistas*.—Resolveu-se na fórma do estylo.

Carta do Sr. Gonçalo de Faro, offerecendo um exemplar do livro com o titulo *Colonias orphanologicas, agricolas e industriaes do municipio da Estrella*. Rio de Janeiro.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e foi remettida á commissão subsidiaria de historia a seguinte proposta :

« Proponho que sejam remettidos á respectiva commissão os *Quadros administrativos da provincia das Alagôas*, pelo juiz de direito do Porto Calvo, Olympio Euzebio de Arrochellas Galvão, apresentados em sessão de 12 de Outubro proximo findo, afim de dar seu parecer, reforçando o que foi dado em 1875 sobre as outras publicações do mesmo Dr. Arrochellas, por mim proposto para socio correspondente d'este Instituto. Sala do Instituto, em sessão de 23 de Novembro de 1877.—O conego, *M. da Costa Honorato.* »

Foram unanimemente approvados por escrutinio secreto tres pareceres, adiados, da commissão de admissão de socios :

O primeiro, elevando a membro honorario o Exm. Sr. barão Homem de Mello, 3° vice-presidente.

O segundo e terceiro, admittindo ao gremio d'este Instituto os Srs. José Maria Latino Coelho e Hercules Florence.

Os Srs. conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan e Dr. Luiz Francisco da Veiga occuparam a attenção do Instituto, lendo aquelle parte de um seu trabalho sob o titulo : *O antigo e novo Porto Seguro*, e este um trabalho biographico sobre Luiz Carlos Martins Penna.

O Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão ás 8 1/2 horas.

Dr. Moreira de Azevedo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

17ª SESSÃO EM 7 DE DEZEMBRO DE 1877

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Bom Retiro.

A's 7 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Bom Retiro, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes de Almeida, barão Gustavo Schreiner, Maximiano Marques de Carvalho, conde de Baependy, Felizardo Pinheiro de Campos, Antonio Alvares Pereira Coruja, João Barbosa Rodrigues, conselheiro Filippe Lopes Netto, Francisco Manoel Alvares de Araujo e Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, annunciou-se a chegada de S.M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2º secretario, leu a acta da antecedente, que, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Carta do Sr. 1º secretario conselheiro Sousa Fontes, communicando não poder comparecer á sessão por incommodado.

Dita do Sr. conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, tambem communicando não poder comparecer por justos motivos.

Dita do Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto, offerecendo dois exemplares dos *Annaes* da camara dos Srs. deputados do anno de 1829, por elle recopilados e publicados no corrente anno.

Dita do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, explicando os motivos que obrigaram a retirar-se da sessão passada logo no principio dos trabalhos.

Officio do Sr. presidente da provincia do Rio Grande do Sul, remettendo um exemplar da *Collecção dos Actos* expedidos pela presidencia d'aquella provincia em os annos de 1871 e 1872.

Dito do Sr. barão Homem de Mello, 3° vice-presidente d'este Instituto, agradecendo ao mesmo o haver-lhe elevado de socio effectivo á categoria de honorario.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Tobias Leite, *Noticia do instituto dos surdos-mudos do Rio de Janeiro*, 1877.

Pela Bibliotheca Nacional, *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 3°, 1877.

Pela Sociedade de Geographia da Belgica, o seu *Boletim* n. 4 do corrente anno. Bruxellas, 1877.

Pela Sociedade de Geographia Italiana, o *Boletim* da mesma do mez de Agosto. Roma, 1877.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, o seu *Boletim* do mez de Setembro. Paris, 1877.

Pela Sociedade de Estatistica de Marselha e Sociedade de Geographia, *Répertoire des travaux de la Societé Estatistique de Marseillle*, tomo XXXVII. Marseille, 1877; e *Boletim* dos mezes de Setembro e Outubro.

Pela Sociedade de Geographia de Madrid, os *Boletins* dos mezes de Agosto e Setembro do corrente anno.

Pela Sociedade de Geographia de Anvers, o *Boletim* do mez de Outubro.

Pela redacção da *Revista Nacional de Sciencias e Letras* de S. Paulo, o vol. 2°, n. 1. Outubro de 1877.

Varios jornaes remettidos pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se, e foi remettida á commissão de estatutos e de redacção da *Revista*, a seguinte proposta:

« 1.° Que se contrate com pessoa habilitada, e que melhores condições possa offerecer a confecção do indice alphabetico de nossa *Revista*, com mais amplo desenvolvimento do que se acha no tomo XXII da mesma *Revista* (1859).

« 2.° Que se proceda da mesma fórma com o catalogo da bibliotheca do Instituto, atrazado desde 1860, guiando-se o que encarregar-se de redigil-o pelos systemas mais aperfeiçoados postos em pratica na Europa e nos Estados-Unidos.

« 3.° Que se publique pela imprensa e pela lithographia a obra denominada *Razão de Estado*, do sargento-mór Diogo de Campos Moreno, com os seus mappas, e, sendo possivel, pelo systema de Kunstmann, conforme se acham

desenhados e coloridos. Sala do Instituto, em 7 de Dezembro de 1877.—*Candido Mendes de Almeida.* »

Ficou sobre a mesa para ser votado na proxima sessão o seguinte parecer:

« A commissão de admissão de socios, tomando conhecimento da proposta para ser admittido como membro correspondente do Instituto Historico, o Sr. Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro, autor dos escriptos intitulados *A Provincia e a navegação do Rio de S. Francisco*, que foram examinados pela commissão subsidiaria de trabalhos geographicos, julga o candidato digno de pertencer a esta douta associação.

« Filho legitimo do tenente-coronel José Garcez da Rocha Vasconcellos Montenegro e de D. Maria Joaquina da Silva Paranhos Montenegro, nasceu o Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro em 22 de Janeiro de 1838 na antiga povoação, hoje villa da Mata de S João, provincia da Bahia. Em 1858 recebeu o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela faculdade de direito do Recife; serviu o cargo de promotor publico nas comarcas de Caravelas, Camamú e Valença; de curador-geral dos orphãos nos termos de sua residencia; em 1867 foi nomeado juiz de direito da comarca do Rio S. Francisco, d'onde foi removido em 1874 para a comarca de Alcobaça, e em 1875 para a de Nazareth; em 1860 foi eleito primeiro supplente de deputado á assembléa provincial da Bahia, tomando assento em 1861; em 1865 foi deputado eleito á mesma assembléa. Fundou o hospital da Santa Casa de Misericordia de S. Pedro da cidade da Barra do Rio Grande; serviu de provedor e construiu o hospital da referida Santa Casa, o primeiro edificio da zona do S. Francisco; promoveu na mesma cidade a edificação de um theatro e deu incremento ás obras da matriz, prestando assim, além do cultivo das letras, bons

serviços á patria. Sala das sessões em 7 de Dezembro de 1877.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.—A. M. Perdigão Malheiro.—Dr. João Ribeiro de Almeida.* »

O Sr. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, obtendo a palavra, leu um seu trabalho sobre a *Tribu Mundurucú*.

Terminada a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

SESSÃO DA ASSEMBLÉA GERAL DE ELEIÇÕES EM 21 DE DEZEMBRO DE 1877.

Presidencia do Sr. barão Homem de Mello.

A's 7 horas da tarde, presentes os Srs. barão Homem de Mello, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Felizardo Pinheiro de Campos, senador Candido Mendes de Almeida, Drs. Maximiano Marques de Carvalho, João Ribeiro de Almeida, conego Manoel da Costa Honorato e 1° tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo, o Sr. conselheiro barão Homem de Mello, 3° vice-presidente, abriu a sessão em assembléa geral para se proceder á eleição dos membros da mesa e das commissões que têm de funccionar no anno de 1878, e nomeou para escrutadores os Srs. Drs. Carlos Honorio de Figueiredo e Felizardo Pinheiro de Campos. Passando-se ao processo eleitoral, na fórma dos estatutos, foram eleitos os Srs. :

PRESIDENTE

Visconde de Bom Retiro.

1° VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

2° VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Sousa e Silva.

3° VICE-PRESIDENTE

Barão Homem de Mello.

2° SECRETARIO

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. José Tito Nabuco de Araujo.

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

THESOUREIRO

Antonio Alvares Pereira Coruja.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Tenente-coronel Francisco José Borges.
Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.
Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Dr. José Tito Nabuco de Araujo.
Conselheiro Filippe Lopes Netto.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Benjamim Franklin Ramiz Gálvão.
Dr. Rozendo Muniz Barreto.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Senador Candido Mendes de Almeida.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.
Dr. Cesar Augusto Marques.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Dr. Miguel Antonio da Silva.
Dr. José de Saldanha da Gama.
Capitão de mar e guerra José da Costa Azevedo.

COMMISSÃO ARCHEOLOGICA E ETHNOGRAPHIA

Dr. José Vieira Couto de Magalhães.
Dr. Ladisláu de Sousa Mello Netto.
Dr. Nicoláu Joaquim Moreira.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay.
Dr. João Ribeiro de Almeida.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

Commendador João Wilkens de Mattos.
Dr. Manoel Jesuino Ferreira.
1° tenente Francisco Manoel Alvares de Araujo.

Não se procedeu á eleição de 1° secretario por ser este cargo biennal e ter sido eleito para elle, no anno passado, o Sr. conselheiro José Ribeiro de Sousa Fontes.

Terminada a eleição, o Sr. presidente declarou que o Instituto entrava em férias, e levantou a sessão.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1877.

DISCURSO

DO EXM. SR. PRESIDENTE VISCONDE DE BOM RETIRO.

Senhores. — A' vossa benevolencia devo, pela terceira vez, a honra de presidir á sessão magna do anniversario de nossa regeneração social.

Ha um anno sentou-se n'esta cadeira um dos mais preeminentes membros do Instituto, e abriu a sessão, após brilhantissimo discurso, enriquecido com os primores de arrebatadora eloquencia e as mais preciosas galas, de que sabe revestir sempre as producções litterarias que dimanam de sua invejavel penna.

Que differença, senhores, de então para hoje, cabendo igual tarefa a quem, destituido de tão raros dotes, só tem para offertar-vos os mais incessantes esforços e tudo quanto de mais extremoso encerra a dedicação, a vêr se um dia chega a corresponder á confiança de que se desvanece, e com a qual tanto o haveis distinguido! Prova é já, e não pequena, a victoria alcançada pela consciencia do dever, na luta ingente que teve de travar com a da fraqueza das proprias forças, para não recuar diante da obrigação que lhe é, n'esta solemidade, imposta pela natureza do cargo.

Ha um anno nosso 1° vice-presidente foi n'este recinto orgão fiel e harmonioso de todos os socios do Instituto, manifestando as intensas saudades, que pungiam corações agradecidos em virtude da ausencia de nosso benemerito protector, e da excelsa Imperatriz, que percorriam longinquas terras.

Hoje pertence-me a grata missão de, em nome tambem de toda esta associação, render de novo, embora sem o mesmo explendor de phrase, mas com igual sinceridade, as mais fervorosas e repetidas graças ao Altissimo por achar-se restituido ao seio da patria, coberto de bençãos, querido e festejado por toda a parte, o augusto par, objecto sagrado de nosso mais devotado amor, de nosso mais puro e indelevel reconhecimento.

Desempenhava n'aquelle tempo vosso presidente uma das mais honrosas e agradaveis funcções, acompanhando o nosso primeiro consocio n'essa variadissima, e a todos os respeitos instructiva excursão, e enchia-se de jubilo e nobre orgulho observando e admirando o cuidado com que eram por elle examinados, sem poupar-se a fadigas de rapidas e difficeis viagens, os mais interessantes estabelecimentos publicos e particulares dos povos mais cultos, e ao mesmo tempo a perseverança com que procedia tão por menor a investigações scientificas e praticas, na vastissima escala dos melhoramentos dos differentes ramos da actividade humana, de par com o estudo comparativo de diversas instituições, e sua applicação ao Brasil — alvo constante, e sempre o primeiro, de seus mais estremecidos desvelos.

Então, cheio de ufania (para que occultal-o?), foi ainda vosso presidente, frequentes vezes, testemunha do zelo que, no meio de tamanha lida, de envolta com tantas, tão sérias e tão variadas preoccupações do espirito, mereceu-

lhe, sempre, esta sociedade, já procurando tornal-a ainda mais conhecida ; já recommendando e acoroçoando pesquizas de manuscriptos e acquisição de obras, que viessem enriquecer nosso archivo ; já, emfim, interessando-se vivamente pelos trabalhos aqui feitos na ausencia, durante a qual, não ha duvidar, o Instituto, guiado pelo digno presidente interino, soube corresponder ás significativas demonstrações de lembrança e estima de seu inclyto regenerador. Ainda ha pouco acabámos de receber mais uma prova de taes sentimentos em preciosissimo mimo de alto valor, com o qual dignou-se brindar-nos.

E' um quadro a oleo, copiado com todo o esmero, representando aborigenes e outros habitantes do Brasil no seculo XVII.

Este quadro constitue a primeira das cópias que, a expensas suas, mandou tirar de quantos do mesmo genero viu no museu ethnographico de Copenhague, e cuja authenticidade lhe foi, além do aspecto da pintura, confirmada pelo sabio ethnologo, o Sr. Worsac, director d'aquelle museu. As outras cópias são brevemente esperadas, e apenas cheguem serão entregues ao Instituto.

Longe, bem longe, se não me visse forçado a cingir-me mais de perto ao fim que ora nos reune, me arrastaria o enlevo das prazenteiras recordações de tudo quanto vi, de tudo quanto presenciei de nobre, de sublime e de elevado n'esta viagem do Imperador, á qual se prendem as mais bem fundadas esperanças do muito que ha de produzir de util ao Brasil, e constituir no futuro uma das mais bellas paginas da historia d'este reinado.

Agora devo congratular-me comvosco pela marcha sempre progressiva do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro, sempre ganhando novos titulos para manter-se na categoria que merecidamente lhe

compete entre as mais uteis instituições litterarias, desde que mão augusta e generosa houve por bem outorgar-lhe, em 1840, mais fecunda existencia.

O anno social que termina não foi, por certo, menos fertil do que os anteriores em trabalhos da propria lavra de nossos intelligentes e prestimosos companheiros.

Em cada anno que passa vai o Instituto deixando rastos luminosos, que lhe firmam a reputação de tempos a esta parte adquirida no velho e no novo mundo.

Collecções de sua *Revista*, regularmente publicada, figuram entre os livros que adornam riquissimas bibliothecas, e são procuradas dentro e fóra do Imperio com verdadeiro empenho.

Academias scientificas importantes, estabelecimentos litterarios e pessoas notaveis por seu saber, entretêm comnosco estreitas relações, mais de uma vez consultando o Instituto sobre questões concernentes a factos e investigações historicas ou ethnographicas, e trocando nossas publicações por seus mais preciosos trabalhos.

Se, pelo lado financeiro, grande cabedal não faz avultar nosso patrimonio, temos, comtudo, sabido manter-nos modestamente, mas sem esterilidade, aguardando sem desanimo que, mais folgada a renda nacional, permitta os poderes do Estado auxiliarem-nos em commettimento de ordem mais elevada a prol do progresso da historia, geographia e ethnographia no Brasil.

Nossas sessões têm sido celebradas com a maior assiduidade e satisfatoria concurrencia, rara sendo a que deixasse de primar pela leitura de memorias ou escriptos de real interesse.

Nossos archivos contêm inestimaveis manuscriptos que assaz hão de servir para a historia patria, muitos dos quaes estariam irremediavelmente perdidos se não exis-

tisse esta associação, na falta de outra do mesmo genero.

A melhor harmonia ha reinado, sem excepção, entre nossos consocios, que, segundo aliás era de esperar, consideram as salas do Instituto terreno neutro por excellencia, onde não se fazem sentir as opiniões partidarias, onde pessoas de oppostas communhões, olvidando (em boa hora o digo) divergencias politicas, vivem em fraternal e intima convivencia, e, honra lhes seja feita, curando exclusivamente dos nobres encargos, que, movidos por patriotica espontaneidade, tomaram por timbre desempenhar.

Novos lidadores foram admittidos na arena de nossos trabalhos. Os precedentes d'esses conspicuos cavalheiros, suas reconhecidas habilitações e as obras que têm publicado, nos levam a n'elles antever outros tantos auxiliares dos que de ha muito servem ao Instituto.

Motivos são esses de sobra para justo regosijo, e exultariamos de completo, e não perturbado prazer, se, *pari passu* que tudo isto commemoramos no anniversario do maior dia de nossa vida social, não nos agorentassem a alegria os golpes crueis que a mão da morte desfecha, roubando-nos, no decurso do anno, quatro prestantissimos socios, merecedores todos de nossas saudades, todos illustres como infatigaveis cultores do jardim das letras, e um d'elles, um dos maiores vultos de uma grande nação, ou antes do seculo actual. Não me é dado, todavia, proseguir n'este terreno. A um dos mais eloquentes oradores que conheço está confiada a gloria de pôr em brilhante relevo os nomes, predicados e serviços de tão eminentes personagens.

Em breve ouvireis tambem o relatorio do illustrado 1° secretario, onde será descripto, com a clareza da erudição e do methodo que o distinguem, tudo quanto fez

objecto de nossas sessões no periodo decorrido de 15 de Dezembro do anno passado em diante.

Senhor. E' tempo de terminar. Não o posso, porém, não o devo fazer e não farei sem satisfazer um dos mais imperiosos anhelos do Instituto, e sem obedecer ao proprio e irresistivel impulso, depondo ante o throno imperial as respeitosas, e cordiaes homenagens da profunda e immorredoura gratidão que nos penhora para com V. M. Imperial e S. M. a Imperatriz, por mais uma vez terem-se dignado abrilhantar esta festa litteraria.

Igual manifestação têm o direito de exigir de nós S. A. R. o Sr. conde d'Eu e sua augusta consorte a Serenissima Princeza Imperial pelas demonstrações de apreço, com que, incessantemente, têm favorecido o Instituto, demonstrações que ainda mais evidentes se tornaram, para mais nos captivarem, durante a ausencia do nosso anjo tutelar.

Está aberta a sessão.

RELATORIO

DO 1° SECRETARIO CONSELHEIRO DR. JOSÉ RIBEIRO DE SOUSA FONTES.

Senhores.—N'este dia solemne, em que celebra o Instituto Historico Geographico Brasileiro, com festa litteraria, o anniversario da sua fundação, o 1° secretario deve relatar todo o occorrido em suas sessões, e dar conta fiel e circumstanciada do estado da associação.

Deveres muito honrosos e superiores ás suas forças, minguados, porém, ante a vontade de cumpril-os e a gratidão para com aquelle que, um dia, por sua vontade, por seu amór ás letras e pela reconhecida dedicação tantas vezes manifestada em prol do Brasil, deu ao Instituto o impulso que tendes sabido conservar e sustentar, indicaram ao vosso 1° secretario uma commissão ardua, porém nobre, e o obrigaram a não seguir vossas pégadas nas jornadas de 1876 e 1877, e a vir agora fazer-vos o inventario descarnado do que, com tanto zelo, vigilancia e desvelo, foi colhido pelo nobre 2° secretario.

Como sabeis, a saude de S. M. a Imperatriz obrigou ao Imperador a retirar-se temporariamente da patria e do Instituto; era mister um medico que acompanhasse a Imperatriz que soffria, e a escolha recahiu sobre o menos habilitado. Ao vosso 1° secretario coube a honrosa tarefa de acompanhar os monarchas n'essa peregrinação, em que elle viu muitas vezes este Instituto ennobrecido diante dos sabios americanos e europêos pelo seu augusto protector, pelo Imperador, para quem as questões scientificas e administrativas eram tão comesinhas, que causava pasmo a proficiencia com que

eram tratadas a todos que com elle conversavam e discutiam. Sim, o nosso augusto protector por toda parte investigava com muito criterio e discernimento, não só tudo quanto pudesse interessar o nosso paiz, como tambem os dados historicos que tivessem relação com a patria e com todos os ramos das sciencias de que se occupa a nossa associação. Não são a lisonja e a cortezania que me fazem fallar assim : é o amor da verdade quem me leva a publicar, n'este momento, esta pagina verdadeira e muito exacta da nossa historia patria, escripta pelas virtudes civicas de Sua Magestade.

Sem ter sido testemunha do resultado de vossas locubrações no anno que finda, sem a necessaria cultura da intelligencia para avaliar e aquilatar os trabalhos que foram exhibidos no correr das sessões, e rastejar o que ha de util no inesgotavel manancial existente nas offertas; ainda mais, baldo das qualidades necessarias ao escriptor e ao orador, mesquinho vai ser este relatorio, que sem duvida, feito por outrem, seria succulento e proveitoso; entretanto que não passará de resumida acta das actas. N'estas circumstancias, vcs peço desde já indulgencias e permissão para entrar em materia.

No corrente anno começou o Instituto suas sessões ordinarias no dia 20 de Abril, e pôde celebrar dezesete, das quaes, as seis ultimas foram honradas com a augusta presença de S. M. o Imperador.

Os membros d'esta associação, sempre solicitos no desempenho de seus deveres, ainda não arrefeceram o ardor com que á porfia procuram dados uteis á historia patria. Um, analysando com severa critica a vida politica de um dos grandes vultos da nossa imprensa, offerece-nos a biographia de Evaristo Ferreira da Veiga e com ella explica uma época historica; outro, se occupa ainda com

esse mesmo patriota e com Martins Penna; faz resaltar os meritos litterarios d'aquelle, como autor de hymnos patrioticos, e os d'este, como dramaturgo; ao mesmo tempo um terceiro nos relata, com toda a fidelidade, os successos occorridos no dia 30 de Julho de 1832; e ainda um quarto illustre consocio nos faz a comparação do antigo com o novo Porto Seguro.

Não foram, porém, esses quatro obreiros os unicos que vieram trazer-nos o material de que estamos de posse. Muitos outros, como vereis mais tarde, trouxeram-nos ou enviaram-nos, com afan, bem elaborados pareceres de commissões e offertas de subido valor, emquanto outros, interessados pelo bom andamento dos trabalhos do Instituto e pelo progresso, occuparam-se com propostas uteis, e com a elaboração do indice dos socios existentes e fallecidos.

Trabalhos lidos. — Em sessão de 6 de Julho o nosso digno 1° vice-presidente e orador, o Sr. Dr. Macedo, leu a a *Biographia* de Evaristo Ferreira da Veiga. Com o talento e illustração que lhe são proprios, e que todos nós lhe conhecemos, com clareza e castigada lingnagem, o autor tomou esse grande gladiador da imprensa brasileira em seu berço; pôz em relevo as nobres qualidades de seus progenitores; acompanhou Evaristo na sua vida escolar e politica; encarou-o como redactor da *Aurora Fluminense*, como lidador e athleta respeitavel n'aquellas épocas de perturbações por que passou a nossa terra, e, com o grande homem, explicou a grande crise do então, em que mostrou que Evaristo salvou a monarchia e o throno do Imperio do Brasil.

Em sessão de 3 de Agosto leu o nosso consocio o Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga uma *Memoria*, na qual provou que foi Evaristo Ferreira da Veiga, o fallecido

redactor da *Aurora Fluminense*, o verdadeiro e unico autor do hymno da independencia, que tem o estribilho *Brava gente brasileira*, como o foi do *Hymno Marcial*, que então cantaram os corpos militares da guarnição. e de mais cinco hymnos patrioticos que n'aquella quadra de effervescencia e de acrysolado civismo compôz o digno brasileiro, tendo apenas vinte e dois annos de idade. O autor da *Memoria* a que me refiro já havia offerecido ao Instituto, annos antes, os autographos d'aquelles hymnos.

Em sessão de 23 de Novembro ainda o mesmo Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga leu uma *Memoria Biographica* sobre o fallecido litterato, e especialmente dramaturgo brasileiro, Luiz Carlos Martins Penna, verificando, com toda exactidão, que foram representados nos theatros d'esta côrte dezenove dramas ou comedias d'aquelle distincto fluminense; que foram impressas nove d'estas composições dramaticas, e que existem, além d'essas nove, mais trezo manuscriptas, em perfeito estado de conservação e promptas para serem tambem impressas, e uma truncada, parecendo-lhe facil completal-a; ao todo vinte e tres peças theatraes, das quaes só seis não foram levadas á scena, estando tres perdidas, porque, posto tivessem sido representadas, nunca foram impressas, nem existem em lugar conhecido os respectivos manuscriptos originaes nem cópias d'elles.

Para chegar ao conhecimento do que nos relata o autor em sua *Memoria* foi necessario um trabalho extraordinario de investigação, sendo o principal o exame minucioso de mais de dez mil folhas periodicas. Foi uma verdadeira exhumação, e exhumação archeologica, sem outro instrumento senão a intelligencia alliada á perseverança, e sem outro incentivo mais que o puro patriotismo.

Na mesma sessão de 23 de Novembro o Sr. conselheiro

Henriquo de Beaurepaire Rohan começou a leitura de um seu trabalho, sob o titulo *O Antigo e novo Porto Seguro*. Não estando nós de posse do escripto de S. Ex., não podemos dar aqui o seu resumo ; mas cremos firmemente que em suas pesquizas, e com o criterio que é proprio do nosso respeitavel e illustrado consocio, encontrará o Instituto, senão elucidadas, ao menos bem ventiladas, as questões controversas d'esse ponto do nosso territorio.

Em 9 de Novembro occupou a attenção do Instituto o Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo com a leitura de um seu trabalho, com o titulo *O Dia* 30 *de Julho de* 1832.

Infatigavel em suas investigações sobre historia patria, analysa o autor n'essa memoria a situação do paiz depois da revolução de 7 de Abril ; apoata as sedições, os movimentos civis e militares que então surgiram na côrte e nas provincias, consagra palavras de louvores ao padre Feijó, ministro da justiça, que, dotado de vontade energica e de resolução inabalavel, consegue subjugar os motins, dissolver os corpos indisciplinados do exercito e encetar diversas medidas uteis á tranquillidade publica. Mas este cidadão retira-se do ministerio ; e julgando-se que para salvar a nação dos anarchistas só convinham meios violentos, remedios promptos, planejou-se o golpe de estado de 30 de Julho, dando, em resultado, a regencia e o ministerio sua domissão, e convertendo-se a camara dos deputados em *assembléa nacional* para decretar por acclamação nova constituição já elaborada.

De feito, recebe o presidente da camara a demissão da regencia e de todo o ministerio. Immediatamente declara-se a assembléa em sessão permanente, e, apresentado o parecer para ella se constituir em assembléa nacional, va-

rios deputados combatem vigorosamente semelhante alvitre, e, depois de luminosa discussão, prevalece a voz da razão e da legalidade, resolvendo-se pedir á regencia a sua permanencia: esta cede e nomêa o ministerio dos quarenta dias, assim denominado pela sua ephemera duração, recuperando o partido dominante sua antiga preponderancia.

Elogia o autor a attitude patriotica e honrosa dos representantes da nação n'essa crise politica, o bom senso do povo, que conserva-se calmo e socegado. Assim o dia 30 de Julho, que se apresentou tenebroso e revolucionario, termina risonho e placido, e, em vez de ennegrecer as paginas da historia patria, vem dar-lhe niveo explendor.

Na sessão de 7 de Dezembro o Sr. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins leu os seus *Estudos sobre a tribu Mundurucú*. N'esse trabalho descreve o nosso consocio a viagem ás malócas ou aldêas centraes dos *Mundurucús*, situadas no valle do Alto-Tapajoz.

Faz o itinerario de Belém, capital do Pará, á essas aldêas; relata scenas da vida selvagem; conta a chegada á malóca de Necodemos; os *Munduricús* lhe offerecem boa hospitalidade; um d'elles lhe faz presente da cabeça mumificada de uma moça da tribu *Parintintins*, e conta como matára a moça. Descreve o odio entre os seus e os *Parintintins*; genesis *Mundurucú*, crenças e tradições; apparição do Carú-Sacaebê, que ensina a caçar aos habitantes de Acupahy. Falla da ingratidão e castigo de Acupahy e da malóca de Necodemos. como berço do genero humano. Refere a lenda do cão, considerado oriundo de uma donzella da tribu de que trata com um guerreiro desconhecido. Narra a antiga fama dos *Mundurucús*, as recordações historicas: trata da antiga Mundurucania, da situação actual das malócas *mundurucús*; do desapparecimento das populações

indigenas do valle de Tapajoz ; das guerras, modo de as fazer, fim e seu objecto.

Dá noticias de tribus indigenas das margens do Alto Xingú, onde só os *Mundurucús* têm penetrado ; dos indios das fronteiras de Matto-Grosso. Alto-Xingú, região desconhecida, e refugio provavel das populações selvagens que desappareceram das margens do Tapajoz e do Tocantins.

Noticia que S. A. R. o principe Adalberto da Prussia, acompanhado do conde Oriola e do conde de Bismark', penetrou até as cachoeiras inferiores do Xingú em 1842, e que na aldêa do Cabroá, depois de longos annos de ausencia, appareceu um *Mundurucú*, que diz ter-se baptizado no Rio de Janeiro, servindo-lhe S. M. o Imperador de padrinho.

Trata da conveniencia de explorar-se o Alto Xingú, do qual só os *Mundurucús* dão noticias.

Fallando das aldêas centraes, faz sua descripção, tratando do nome, população, caracteres symbolicos achados na margem do Alto Tapajoz e nos morros elevados de Areucré ; da lavoura, industria, meios de subsistencia, plantas cultivadas e fructos silvestres mundurucanos.

Finalmente, entra em considerações sobre a classificação da raça d'esta tribu, e diz que, apezar da tradição dos *Mundurucús*, que se diz autocthones d'esses lugares, e apezar da opinião de Alfredo d'Orbigni, que classifica esta tribu na raça que elle chama—Brasilo-Guarany—pensa o autor da memoria que todos os caracteres physicos e moraes d'este povo o classificam na raça ando-peruviana, segundo o systema de classificação do mesmo Alfredo d'Orbigni ; diz mais :—a theogonia e o dialecto d'esse povo são mui diversos da theogonia e da lingua *tupi*.

Aqui pára a narração dos trabalhos que foram lidos nas sessões ; mas, como já vos disse, não foram sómente esses

quatro obreiros os unicos que facearam a cantaria que deve continuar a construcção do nosso edificio. O nosso distincto e laborioso consocio o Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, achando pouco o peso que sobre seus hombros carrega n'esta associação, como relator da commissão de redacção de nossa *Revista*, interessando-se pelo bom andamento do Instituto Historico, e vendo que seria de grande utilidade a transcripção do indice de todos os socios no nosso jornal, de modo a poder ser conhecido por qualquer que o possuisse, emprehendeu e levou a effeito a *relação nominal* dos socios vivos e fallecidos desde a fundação do Instituto, por ordem de antiguidades e classes, organisando, em vista dos apontamentos constantes do livro de matricula e das actas das sessões, esse indice. Este seu trabalho começou a ser publicado no fasciculo do primeiro trimestre de 1877 e será continuado sempre nos folhetos correspondentes dos annos seguintes. Parabens ao nosso consocio por tão feliz lembrança.

A commissão de admissão de socios offereceu, no corrente anno, á consideração do Instituto, oito bem elaborados pareceres, nos quaes examinou com minucia os trabalhos que serviam de titulos aos candidatos para serem admittidos ao gremio do mesmo Instituto, constantes das respectivas propostas.

A de estatutos e de redacção da *Revista*, seis outros, não menos judiciosos pareceres ; outros tantos, da mesma importancia e quilate, foram apresentados pelas commissões de historia e subsidiaria respectiva ; tres nos foram enviados pela commissão de geographia e sua subsidiaria.

A de pesquiza de manuscriptos, a de historia e geographia reunidas tambem não estiveram ociosas, como bem podereis vêr lendo as actas que opportunamente serão publicadas ; finalmente, a de fundos e orçamento nos apresentou

em sessão de 28 de Setembro o seu parecer sobre a receita e despeza do Instituto, terminando-o por este modo: «Achando-se a escripturação em dia e os documentos em devida fórma, é a commissão de parecer que sejam approvadas as contas do anno social de 1876, apresentadas pelo Sr. thesoureiro, cujo zelo tem sido constante no desempenho de seu cargo.» Approvando o Instituto este parecer, cumpriu na sua ultima parte um sagrado dever de gratidão devida ao nosso thesoureiro cuja dedicação é superior a qualquer elogio.

Crescido foi o numero de propostas apresentadas, como bem se poderá vêr das respectivas actas, mas d'entre ellas se destacam algumas das quaes não posso deixar de tratar especialmente, porque têm o merito de grata recompensa dada a consocios cheios de serviços publicos e academicos; e zelosos obreiros da nossa associação. Refiro-me ás propostas que elevaram á cathegoria de socios honorarios o nosso mui digno presidente o Exm. Sr. visconde de Bom Retiro, o Exm. Sr. 3° vice-presidente barão Homem de Mello e o Exm. Sr. senador Candido Mendes de Almeida. Declinar seus nomes é mais nobre do que relatar suas qualidades: todos nós conhecemos esses distinctos varões. Seu saber e erudição não são sómente apreciados no nosso paiz. O estrangeiro os conhece e respeita, e o Instituto, dando-lhes o mais que podia ainda ficou pezaroso, porque a prova de sua gratidão ficou aquem do seu conceito e dos seus desejos.

Foram admittidos ao gremio do Instituto, na qualidade de socios correspondentes, em sessão de 18 de Maio, o Sr. Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira; na de 1° de Junho o Sr. Dr. Americo Brasiliense de Almeida; na de 23 de Novembro os Srs. José Maria Latino Coelho e Hercules Florence.

A fouce segadora da vida não deixou de abrir claro nas

nossas fileiras. O nosso distincto orador vos dará conta exacta d'esses a quem aprouve o Creador chamar a si.

As associações litterarias do paiz e as estrangeiras continuaram a nos offerecer seus trabalhos, e procuram com avidez possuir a nossa *Revista* em troca; as redacções de varios jornaes scientificos nos obsequiaram constantemente com a offerta de suas gazetas; além disso, variadissimos foram os presentes recebidos, e entre elles muitos são de subido valor scientifico. Receio fatigar-vos fazendo a sua resenha, que julgo desnecessario, porque no annexo podereis encontrar a lista de todos, acompanhada dos nomes offertantes, aos quaes, em nome do Instituto, cumpro o dever de agradecer-lhes.

Os altos poderes do Estado continuam a manifestar ao Instituto muita consideração. Em nome d'esta associação agradeço com subido respeito e cordialidade os favores recebidos.

A nossa *Revista* se acha publicada até o 1° trimestre do anno que finda.

O estado das finanças é lisongeiro, graças ao zelo do nosso thesoureiro.

Os empregados do Instituto são merecedores, por seu zelo, de justos louvores.

Eis-nos, senhores, chegados ao termo da jornada que me ordenastes percorrer. Perdoai-me o ter abusado de vossas attenção tão esterilmente.

Senhor, Senhora. Em nome d'esta associação, que tanto vos deve, eu vos agradeço a honra que lhe prodigalisastes assistindo á festa litteraria do anniversario de sua fundação.

Que as bençãos dos céos caiam sobre vós, sobre vossos filhos e netos para bem do nosso paiz e de todos os brasileiros, é o desejo d'este Instituto e d'este vosso subdito.

DISCURSO

DO ORADOR O SR. DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

Os heróes redivivos que a musa inflammada de poetas descreve, atravessando o espaço, ou visitando os campos de suas proezas, estão longe de ser creações de todo imaginarias.

No passado d'essa ficção fulge o dom providencial da immortalidade na terra pelo renome que os feitos e trabalhos grandiosos perpetuam,e nas proprias crenças absurdas que vêm surgir das sepulturas pallidas e frias ; mas em seus vultos de outr'ora, com o seu andar, com os seus modos, e até com a sua voz de outr'ora, finados a um ou cem annos, refulge a verdade da alma immortal, refulge a luz divina da eternidade.

Ha redivivos : Homero ainda passa diante de nós, cantando e esmolando pelas cidades da Grecia ; Platão com a sua republica; Socrates vendo Deus nos proprios momentos em que bebia a cicuta,ainda estão passando a nossos olhos, depois d'elles conquistadores, philosophos, idealistas ; no nosso seculo, emfim,os maravilhosos heróes da intelligencia e do trabalho : são redivivos ; não atravessam, porém, o espaço, atravessam a nossa memoria ; porque com o seu renome atravessaram os seculos e perduram na historia.

E em cada anno que se volve augmenta o numero dos redivivos com os benemeritos da humanidade,e os inclytos varões que a onda da morte vai levando.

Tambem o Instituto Historico e Geographico do Brasil tem os seus redivivos, e esta é a hora em que elles vão passar.

Ahi chega o prestito...triumphal ; mas funubre. Saudemol-os, senhores!...

Este que vem adiante chegou á noite da morte muito antes de ter chegado á noite da vida, que é a velhice sombria.

Esse cahiu ao tocar o seu meio-dia.

A 9 de Maio descansou, dormindo para não mais acordar na terra, o nosso estimado consocio o Dr. Jesé Franklin Massena.

Filho do capitão José Antonio da Silva, nasceu na cidade de Ayuruoca, provincia de Minas Geraes: seu berço foi embalado pelos ventos nas alturas da Mantiqueira, e em sua infancia ficou-lhe na alma a impressão profunda, não das suaves cantigas que fazem adormecer o menino, mas d'aquelle fragor sublime da cataracta dos banhos que se precipita pela magestosa mole de rochedos cavados das aguas com oitenta metros de altura, e que echôa no espirito do homem, inflammando n'elle o sentimento da admiração em face das maravilhas da natureza.

No acreditado collegio Melchiades, em Ayuruoca, fez José Franklin os seus estudos de humanidades com applausos dos seus professores, e principalmente se tornou tão distincto no latim e em geographia, que durante tres annos leccionou essas materias.

Era o homem das alturas, e quiz subir acima da do seu berço: subiu: em elevado empenho scientifico ascendeu ao Itatiaya, chegou á base, ao ponto accessivel das Agulhas Negras, e desthronou o Itacutiara, dando o sceptro da culminancia da orographia brasileira ao Itatiaya!

Era o homem das alturas e quiz subir ainda mais; acima porém, das Agulhas Negras elle viu no immenso horizonte sómente o céo, e em toda, e sobre toda natureza e no céo, via sómente Deus.

Tomou-o então a idéa de aprofundar seus conhecimentos de metaphysica, de estudar com ardor a theologia e de

consagrar-se ao sacerdocio : havia o quer que seja de vaidade humana no fundo d'essa aspiração; trazendo-a, porém, para a cidade do Rio de Janeiro, n'ella em breve abandonou-a, preferindo ir formar-se em mathematicas na Europa.

José Franklin entrou para o gremio do nosso Instituto, abrindo as portas d'este com a chave da sua *Memoria* sobre o Itatiaya. Partiu para a Europa, chegou á capital, outr'ora rainha do mundo,e na universidade romana tomou o gráo de doutor em mathematicas e philosophia em justo premio de habilitações luzidamente provadas.

Mas, homem das alturas, elle dedicou-se com predilecção perante o estudo da astronomia,tendo por sabio mestre o celebre padre Secchi, a quem S. M. o Imperador muito benignamente o recommendára.

De volta á patria que muito amava, o Dr. José Franklin recolheu-se á sua provincia, foi n'ella empregado como engenheiro, trabalhou infatigavel, revelou a riqueza aurifera do valle de Santo Antonio no municipio de Ayuruoca, traçou habil e conscienciosa a carta ou mappa do sul de Minas, e escreveu com esforço e rapidez alguns trabalhos ou esboços sobre assumptos astronomicos.

Emprehendêra e começára por ultimo grande obra; nada menos que um *Tratado de Astronomia* ; abrira as azas á viajar no espaço em vôos de aguia-sciencia,e mal o ousára, transviou-se, transviando-se-lhe a razão no meio da multidão dos planetas.

Misera mariposa das luzes sublimes que a attrahiam, queimou n'ellas suas azas,e cahiu...

O hospicio de Pedro II recebeu em sua desgraça o homem das alturas, que cahira dos astros no fundo do abysmo da alienação mental.

Corra-se um véo sobre os ultimos mezes d'essa vida não

vivida; um véo, que se compõe de duas mortalhas: a mortalha da razão perdida, e a mortalha que envolveu o cadaver.

O Dr. José Franklin Massena era constante, laboriosissimo e apaixonado cultor da sciencia. A geographia e a astronomia mereciam os seus amores de predilecção; como porém, se tivesse no animo a previsão do proximo termo dos seus dias, trabalhava rapido, com ardor febril a fazer pensar que dizia a si proprio: « tenho pressa! » Ha por isso ás vezes em seus escriptos passagens, em que as idéas parecem confusas e obrigam estudo mais retido.

Intelligencia robusta e fertil em suas primicias, deixava augurar thesouros; mas a previsão sinistra, se em verdade elle a tinha, realizou-se.

A onda da morte levou-o.

O Brasil confia a guarda da memoria de José Franklin Massena ao Itatiaya.

Agora vai seguindo um benemerito, que honrava o clero brasileiro, illustrou-se na politica, e foi luz de civilisação por suas obras litterarias.

E' o padre Thomaz Pompeu de Sousa Brasil.

Sua vida foi explendida lição do que póde uma bella e rica intelligencia, quando sabe ajudar-se do trabalho e da perseverança e inspirar-se de inclyto civismo.

Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, filho legitimo de Thomaz de Aquino Sousa, nasceu na villa de Santa Quiteria, comarca de Sobral, na provincia do Ceará, aos 6 de Junho de 1828: seu berço foi o da pobreza, sua familia, que ainda não tinha filho algum. Thomaz Pompeu, entre os seus, não gozava de influencia, nem era lembrada por nome conhecido.

O homem que acabava de nascer parecia condemnado a viver e morrer na obscuridade, como arbusto mesquinho, que vegeta, murcha, cahe e desfaz-se ignorado na solidão.

Thomaz Pompeu mostrou na escola de primeiras letras tanto talento e amor ao estudo, que chamou sobre si a attenção de alguns parentes collateraes que possuiam fortuna,e que tiveram a gloria de abrir caminho de futuro no campo das letras ao esperançoso menino.

Thomaz de Aquino e Sousa não dispunha de recursos. Aquelles bons parentes concorreram com a quantia necessaria para enroupar o pobre menino e fazêl-o seguir para Pernambuco,onde receberia ensino gratuito sob a protecção santa da igreja.

O anjo da caridade empresta suas azas celestes ao talentoso filho de Santa Quiteria, o qual vôa e pousa no seminario episcopal de Olinda. Alli segue com applicação infatigavel todo o curso de humanidades e os estudos theologicos ; chega ao termo d'elles com aproveitamento tão distincto, que passa logo do banco dos alumnos para a cadeira de professor : completa a idade exigida, toma ordens de presbytero ; mas arde-lhe n'alma a sêde de mais sciencia, deixa o seminario e matricula-se na academia de Olinda.

Não penseis que ao joven sacerdote já estivesse sorrindo a fortuna ; não : elle se acha ainda em luta com as contrariedades da pobreza ; faltam-lhe recursos, faz milagres de economia, e quasi que se abate na penuria ; mas em torno d'elle volve-se o genio, que é a antithese viva do egoismo, o genio das expansões leves, das alegrias puras, dos sonhos côr de rosa, do enthusiasmo de fogo, das imprudencias muitas vezes, e ainda mais vezes dos impulsos generosos, genio que se chama—mocidade academica—e que em dias amargos clamava ao esperançoso mancebo—ávante, irmão !

Thomaz Pompeu tomou o grão de bacharel em sciencias sociaes e juridicas, e voltou, emfim, de Pernambuco para a provincia do Ceará, sempre objecto do seu amor.

Padre e bacharel em direito, elle serve dedicado á igreja,

e advoga no fôro na capital do Ceará; ainda exerce com profisciencia o magisterio, leccionando no lyceu provincial geographia e historia, e desempenha as funcções de vigario-geral na sua provincia Mais tarde é nomeado director da instrucção publica, e é de sua muito esclarecida experiencia que esse importantissimo serviço recebe no Ceará organisação systematica e proveitosa.

Não foi sómente no ministerio ecclesiastico, na banca moralisada e habil da advocacia, na cadeira de abalisado professor e na directoria da instrucção publica da provincia, que se illustrou o nosso venerando consocio. Sua penna de escriptor succulento e de severos estudos deu á patria as seguintes obras :

Compendio elementar de geographia geral e especial do Brasil.

Principios elementares de chronologia para uso do lyceu do Ceará.

Memoria estatistica da provincia do Ceará, sob sua relação physica, politica e industrial.

Diccionario topographico e estatistico da provincia do Ceará.

Quatro obras que são reveladoras do alto saber do seu autor e da sua filial dedidação á provincia onde nascêra.

Mas n'estes rudes traços biographicos as datas ficaram esquecidas, para que corresse mais simples e rapida a exposição, não entrando o exercicio de alguns d'aquelles cargos e a publicação d'estas obras de permeio na vida politica do padre Thomaz Pompeu.

Cidadão illustrado e patriota, elle não podia ser indifferente á causa e á marcha dos negocios do Estado.

Desde os bancos da academia juridica o padre Thomaz Pompeu se pronunciára liberal, se quizerem—estudante liberal ; chegado á cidade da *Fortaleza*, capital do Ceará,

manifestou sua opinião politica, que havia de ser—*fortaleza* dos principios liberaes sempre em combate e nunca rendida, *fortaleza* de uma só bandeira até o dia de sua morte.

A capacidade intellectual, a firmeza inabalavel, a energia sem o transviamento das paixões, a coragem nas lutas sem os delyrios da intolerancia deram em poucos annos ao padre Thomaz Pompeu a mais legitima influencia no partido liberal do Ceará.

Na legislatura de 1845 a 1847, e na de 1868 no mesmo anno dissolvida, elle foi deputado da assembléa geral pela sua provincia, muito ouvido nos conselhos do partido, raro e sem fulgores na tribuna parlamentar.

Em 1848, após a dissolução da camará, foi propugnador da opposição mais decidida e forte; mas restrictamente mantida dentro dos limites constitucionaes, e fêl-a assim com ardor hostil, e com perseverança intelligente, e sem descanso, como nenhum outro mais activo, e abnegado soube melhor desempenhal-a.

Chefe d'essas campanhas herculeas, que resistiram ao erro da resistencia armada em Pernambuco, e depois ao rompimento mal sentido da enferma confusão, atrapalhação, desordem, mistura antagonica de idéas de partidos contrarios, e subsequente cholera morbus chronica da descrença politica do povo, n'essas campanhas de fogo contra o gelo, depois do incendio illegal, o padre Thomaz Pompeu foi o sacerdote fiel das puras doutrinas do partido liberal-monarchista, como redactor principal e depois unico do *Cearense*, que é uma das mais lindas flôres da sua corôa de gloria politica.

O *Cearense*, o orgão de Pompeu, fortaleza liberal, custou-lhe, um ou dois annos antes de 1860, sua demissão de director da instrucção publica da provincia do Ceará; mas peior do que a elle custou á provincia a perturbação

do systema sabio no transcendente e magistral serviço, que aliás nada tinha com os certamens dos partidos politicos.

Em 1863 a camara conservadora em sua maioria foi dissolvida, e no anno seguinte o padre Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, escolhido senador em lista triplice, apresentada á corôa pela provincia do Ceará, tomou assento na camara vitalicia.

A vitaliciedade do senado porventura tem-se afigurado a um ou outro, excepções felizmente raras, como aposentadoria politica libertadora de fatigantes explorações da confiança ou do favor eleitoral do povo, ás vezes pobre, illudido enthusiasta de falsos tribunos e verdadeiros egoistas dissimulados.

O padre Thomaz Pompeu de Sousa Brasil já era um dos chefes do partido liberal do Imperio, quando entrou para o senado brasileiro ; mas, depois de senador foi, se é possivel, ainda mais activo na defesa das idéas e da politica liberal.

A imprensa tinha sido o gladio constitucional com que conquistára influencia e prestigio tanto maiores,que elle não combatêra nunca por seu interesse individual ; mas sempre pelo interesse geral de seu partido. O senador não esqueceu a imprensa, e no *Cearense* arcou valente, firme, incessante em honra de sua bandeira e em campanhas de opposição, até que o gelo da morte paralysou-lhe as mãos e d'ellas inertes fez cahir a penna.

Bayardo da imprensa, deixou de batalhar quando deixou de viver.

No senado, violentando sua modestia, que lhe creava embaraços de acanhamento, e contrariado embora pela fraqueza da voz, Thomaz Pompeu tomou condigno posto entre os oradores notaveis.

Onde e quando a causa liberal entrava em batalha par-

lamentar, paladino infallivel era elle: na vespera do combate, e ainda sem prévia combinação, Thomaz Pompeu era contado entre os lidadores da vanguarda.

Como orador nunca primou, nem pela eloquencia que accende o enthusiasmo, nem pelos recursos de tribuna, que são dardos de epigrammas atormentadores, ou golpes de ridiculo, que afundam o adversario nas confusões da hilaridade da assembléa. Nas campanhas do parlamento desenvolvia em alto gráo a estrategia de bom senso; nas pelejas a sua arma exclusiva era a logica. Tinha voz fraca; fallava, porém, fluente, simples, grave, e era sempre ouvido com attenção.

D'esse senso que lhe quadruplicava o thesouro da sciencia deixou o nosso finado consocio exhuberante prova nas discussões vehementes que suscitou a questão religiosa. Padre e ao mesmo tempo um dos chefes do partido liberal, bem poderá resguardar-se n'aquella abstenção, que o silencio facilita; elle, porém, pronunciou-se franco na tribuna; e em lições de moderação e de sabedoria não sacrificou principios, nem torturou doutrinas; mas foi como aura suave que mitiga os ardores e derrama a serenidade em bafejos de harmonia.

Em 1877 o nosso illustre consocio ainda por alguns mezes frequentou as sessões do senado; sua saude, porém, já estava tão profundamente alterada, e tanto se aggravaram os seus soffrimentos, que com licença d'aquella camara retirou-se para o Ceará.

O padre Pompeu levava a morte, annunciando-se nas ancias afflictivas do mais generoso coração. Sua provincia tão amada não lhe podia dar lenitivo aos padecimentos, quanto mais regeneração da saude. O Ceará deu-lhe sómente amargura grandissima no pronunciamento do horrivel flagello da sêcca, e apenas a extrema consolação de abrir-lhe em seu seio a sepultura que o recebeu.

Oh! o Ceará... como lhe tem sido desabridamente fatal o anno de 1877; dos seus mais illustres e gloriosos filhos, um, o padre Pompeu, lá morre em Setembro; outro, José de Alencar, o mais legitimo representante das letras brasileiras, aqui, a 12 de Dezembro, passa prematuramente á eternidade, e sobre tão dolorosas perdas avulta o horror incommensuravel da sêcca.

O padre Pompeu ainda vivia, e, estendendo longos os encovados olhos pelo vasto solo da provincia, via arquejando de dôr os rios com seus leitos resseccados, a vegetação morta, os campos torrados, centenas de mil irmãos chorando de miseria, de fome e de sêde, lagrimas em diluvio immenso a cahir na terra, sem dar curso aos rios nem fertilidade aos campos; via chegarem os primeiros retirantes, expondo o quadro dos maiores tormentos; via .. Oh! Deus teve piedade do filho martyr; fêl-o voltar a cabeça para não vêr, exhalar o ultimo suspiro para não sentir.

O padre Thomaz Pompeu de Sousa Brasil fechou para sempre os olhos na cidade da Fortaleza em Setembro de 1877.

Elle era membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, do Instituto Historico da Bahia, do Instituto dos Advogados do Recife, do Litterario do Maranhão e de muitas outras sociedades de letras.

E muito mais do que tudo isso, elle era na amizade fiel, na sociedade homem de bem e de virtudes, na igreja padre illustrado, na advocacia exemplo de honestidade, na instrucção publica guia esclarecida e fonte de luz da mocidade, na politica campeão do progresso, monarchista constitucional, alma do seu partido no Ceará e um dos seus chefes no Imperio, de lealdade sem jaça com os correligionarios, batalhador que sabia o que era adversidade e nunca

soube o que era retirada ; na firmeza de principios e nas resistencias constitucionaes e campanhas de opposição rochedo inabalavel, embora batido pelos ventos e pelas vagas da tempestade, ou em uma palavra a fortaleza—que nunca arriou bandeira.

N'este anno o nosso Instituto duas vezes no mez de Setembro suspendeu e fechou suas sessões, tomado de pezar e luto á noticia funubre dos passamentos de dois illustradissimos socios, que eram em vida e continuam a ser além da morte summidades européas.

Immensos redivivos da civilisação moderna, são elles que passam agora.

Em França derrocou um monumento, e tão grande era elle que além das serranias e dos oceanos todo o mundo civilisado commoveu-se, ouvindo o ruido estrondoso do seu baque.

A 3 de Setembro d'este anno morreu Thiers em Paris.

A biographia de Thiers apresenta dois periodos distinctos : o primeiro é de vinte e quatro annos, em que elle se embala no berço, sorri á infancia, revela-se collegial de sorprendente talento no lyceu de Marselha, opulenta a intelligencia maravilhosa e fulgura na escola de direito d'Aix, conquista virentes louros como advogado n'essa mesma cidade, e, emfim, entra e manifesta-se em Paris. O segundo periodo deixa de ser biographia de um homem : é a historia da França durante meio seculo e mais seis annos.

Em suas grandiosas proporções esse vulto immenso abate e confunde o vosso orador, que deve fazer o seu elogio, apertando-o em limites forçosamente muito estreitos ; vem-lhe, porém, amiga idéa em soccorro de animação. Ha tratados de astronomia, em que se estuda o sol em um capitulo.

Maria José Luiz Adolpho Thiers, filho de Pedro Luiz Maria Thiers e de Maria Magdalena Amic, nasceu em Marselha a 15 de Abril de 1797. Em despreziveis remoques, adversarios de armas vis lembraram-lhe cem vezes a origem plebéa, dizendo uns que seu pai fôra simples operario no porto de Marselha, ou rudissimo carpinteiro, conforme outros. E era com effeito assim: Thiers tinha por unicos pergaminhos de nobreza, mas de nobreza de alma inspirada e de coração generoso, as elegias, as cartas do *Jornal de Paris*, e o immortal canto de morte de André Chenier, primo de Maria Magdalena Amic, sua mãi; e André Chenier que em 1794 morreu na guilhotina pela gloria de ter n'aquellas cartas corajoso atacado o governo feroz do terror que deshonrava e ennegrecia a revolução de 1789.

Plebeu por certo e de origem muito humilde, Thiers podéra ter dito bastante, dizendo aos mais antigos e primeiros fidalgos da França: « Vós apenas herdastes a nobreza de vossos nomes; mas eu criei, fiz a nobreza do meu. »

Que importam essas vãs questões sobre o ninho-berço da aguia?.. O filho do obscuro burguez de Marselha, operario ou carpinteiro, nascêra mais do que nobre, nascêra predestinado para as lutas titanicas e para os trabalhos de Hercules.

Entrou na vida e foi logo embalado ao som da *Marselheza*, e dos hymnos das victorias d'aquella maravilhosa campanha da Italia, em que o general Bonaparte foi maior do que o Imperador Napoleão. Era ainda menino, quando no meio de travessuras infantis ouviu o gemido abafado da republica franceza, que fôra esmagada pela manopla do guerreiro triumphador e ambicioso. No lyceu de Marselha estremeceu ao estrondo do desabamento do Imperio em 1814; viu durante onze mezes a bandeira branca

e as flôres de liz, onde tremulára a tricolor; acompanhou ancioso as peripecias dos cem dias, e conturbou-se escutando os echos da quéda do colosso em Waterloo.

Na escola de direito d'Aix o predestinado, com o espirito exaltado pelas recentes e vivas lembranças de revoluções, de apotheoses e de catastrophes politicas, estudava o systema da nova monarchia da restauração, e em alegres, e animadas sociedades e assembléas de estudantes, improvisava-se chefe de partido politico, discutia com admiravel eloquencia questões constitucionaes e economicas da maior transcendencia, e ás vezes rematava seus discursos, exclamando como um chefe de opposição parlamentar: « Quando subirmos ao ministerio, havemos de realizar estas idéas. »

Rico de conhecimentos juridicos, profundo em historia e em philosophia, já notavel amador illustrado de bellas artes, Thiers por muito breve tempo advogado no tribunal d'Aix, partiu para a deslumbrante capital da França, levando por toda sua riqueza algumas centenas de francos, producto de premios em concursos da academia.

Thiers chegou a Paris a 1 de Novembro de 1821: a 5 de Maio d'esse anno Napoleão tinha morrido em Santa Helena.

Coincidencia curiosa: a historia da França registra no mesmo anno de 1821 um astro abysmando-se no occaso, e novo astro a despontar radioso.

A 5 de Maio Napoleão em Santa Helena.

A 1 de Novembro Thiers em Paris.

O primeiro periodo da biographia de Thiers acada aqui.

O predestinado vai começar a revelar-se portentoso.

O homem vai começar a ser a historia da França!

Volviam-se os annos do primeiro reinado da restauração: estava travada a luta pacifica e legal entre o governo de Luiz XVIII e o partido liberal dirigido por Manoel,

Laffite, Benjamin Constant, Casimir Perier, o general Foy e outros, e cujo orgão mais notavel na impresna era o *Constitucional*, que contava em cada redactor um nome illustre, ou de reputação já firmada.

O joven Thiers, chegado a Paris apenas a 1 de Novembro, entrou no dia 30 do mesmo mez para a redacção do *Constitucional*. Estreára-se com victoria de Cesar. Dentro em pouco alcançou maior triumpho; pois que, reconhecida sua superior intelligencia, a vivacidade de suas criticas, a força de sua logica e a extensão de suas idéas politicas, do *Constitucional* teve de obedecer e seguir a direcção o seu espirito.

No entanto elle collaborava no *Globe*, escrevia estudos criticos de elevado merecimento sobre exposições de bellas artes, e publicou um artigo politico sobre a obra de Monttorier *A Monarchia Franceza*, produzindo tal impressão que o celebre Talleyrand quiz conhecer pessoalmente o joven Thiers, apreciára-o desde o primeiro instante com o seu olhar de lynce; e disse a alguns que zombavam do *parvenu*: « Ce n'est pas un *parvenu*, c'est un *arrivé* qui ira plus loin que nous tous. »

E a prophecia do famoso estadista realizou-se.

No primeiro reinado da restauração Thiers fez da imprensa seu pedestal, e foi luzeiro na imprensa. No segundo, sob Carlos X, e quando ainda não era deputado, elevou-se a chefe de partido.

Em 1829 o conde de Artois, que não soubéra aprender nas adversidades da emigração e do exilio, e que em 1824 succedêra no throno a seu irmão, impôz á França o ministerio *Polignac*, reacção anti-liberal franca, representada pela eloquencia absolutista de certos nomes.

Thiers funda a 1 de Janeiro de 1830 o *Nacional*, e dirige energico, infatigavel e estupendo na imprensa, a

campanha contra o ministerio, multiplicando recursos de opposição, de que sómente póde ser fonte o genio.

A 26 de Julho o *Monitor* publica os famosos decretos a que a reacção dos ultra-realistas levou Carlos X :

Suspensão da imprensa periodica.

Dissolução da camara dos deputados, etc.

Seguiram-se a revolução de Julho e a quéda de Carlos X.

Preciso é dizê-lo : um dos primeiros a tocar a rebate com o brado da resistencia foi Thiers : a revolução de Julho de 1830 foi em grande parte obra d'elle ; mas Thiers não era revolucionario.

Na historia dos desastres e das catastrophes das monarchias é indispensavel não perder de vista entre outras causas a acção malefica d'aquelles que, por cégo, compromettedor e fatal culto pessoal, ou por dissimulado e perverso interesse de privilegios anachronicos, ou de ambições inconfessaveis, são ou se fingem mais realistas que o rei, e que após os desastres e as catastrophes choram muito mais a perda de sua influencia, e dos seus proventos, do que o infortunio do rei cahido, quando, e isso já não é pouco em vergonhosas experiencias, quando abyssinios, sem pudor, não atiram pedras ao sol que se abate no occidente.

Quem fez a revolução de Julho de 1830 não foi o povo de Paris ; não foi o trabalho subterraneo de sociedades secretas em conspiração activa ; não foi Thiers com as lavas do *Nacional*, e com a erupção vulcanica de resistencia : foi a vertigem reaccionaria da facção ultra-realista, foi o ministerio Polignac, que sahiu d'ella, como falsa Minerva armada, de cerebro de Jupiter anachronico.

O povo estava victorioso nas barricadas de Paris ; faltava, porém, governo que désse garantias de ordem á

França e de paz á Europa suspeitosa: Thiers foi o encarregado de ir procural-a em Neuilly.

Começou a monarchia de Julho.

Conselheiro de Estado, secretario geral das finanças, Thiers estreiou-se na tribuna da camara, no caracter de commissario do rei, ostentando todas as qualidades de consummado orador. Em 1831 o collegio eleitoral d'Aix deu-lhe cadeira no parlamento.

Em 1832 morre Casimir Perier, e para encher o vacuo immenso deixado por estadista tão illustre um só nome acode ao espirito dos monarchistas constitucionaes, o nome de Thiers.

Elle toma a pasta do interior no gabinete Soult, quando Paris se tumultua em manifestações ameaçadora, Lyon se revolta, a ordem periga por toda a parte e a duqueza de Berry desembarca em França: O novo ministro realiza a politica de repressão que aconselhára: esmaga as insurreições e faz prender a duqueza de Berry, e como para descansar d'esses trabalhos redige e apresenta projectos sobre instrucção primaria e secundaria, obras publicas e outros assumptos: esses projectos tornaram-se leis; não o foi, porém, aquelle em que se pautou depois a visão do futuro do estadista de genio.

Foi Thiers que então propôz á camara votação de creditos para cercar Paris de fortificações. Só mais tarde o governo conseguiu vencer a pertinaz opposição e dar a Paris aquella cinta de fortalezas, que em 1870 baldaram todas as forças dos exercitos victoriosos da Allemanha por tantos mezes da mais gloriosa resistencia, que sómente cedeu ao tormento da fome.

O ministerio Soult dissolveu-se: em 1834, e após quatorze dias de crise, formou-se o gabinete de coalisão, e Thiers voltou ao poder com o seu celebre e sabio rival Guizot.

Quasi logo o attentado de Fieschi sobrevem : o rei Luiz Filippe escapa á morte milagrosamente ; mas o fogo infernal semeára cadaveres, entre os quaes o do presidente do conselho, o duque de Trevire, a cujo lado estava Thiers, que ficou incolume.

Esse crime abominavel, e o fanatismo que o excitára, levam o energico estadista a propôr á camara as famosas leis de Setembro, que arredaram d'elle grande numero de liberaes seus admiradores, e o tornaram objecto do odio dos republicanos.

Essas leis eram, com effeito, de repressão terrivel, sobretudo a fulminadora da imprensa. Lançou-se a accusação de matricidio sobre o redactor do *Nacional*, que assim despedaçava a escada por onde subira. Attribue-se mesmo a Thiers a confissão de sinistro pensamento nas seguintes imprudentes palavras : « Aprendi na opposição o que se póde fazer com os diarios politicos : vou matal-os de um só golpe ! »

E' duvidoso pelo menos tão indiscreto enunciado em estadista tão sagaz e tão patriota. As leis de Setembro foram de convulsante occasião. Aos tenebrosos Fieschi, assassinos do rei, da monarchia, da ordem e da França constitucional, Thiers oppõe as leis de Setembro, fulminadoras, como os raios de Jupiter. Contra machinas infernaes de assassinatos do fanatismo, machina infernal de legislação transitoria : repressão a medir-se pelas proporções do crime.

Nem tudo é generoso e bello nas lutas politicas, nem tudo facil, normal, e logicamente legitimo, puro, na vida activa do estadista influente : no governo, como na opposição ha para o estadista o mais consciencioso e dedicado periodos violentos, confrangentes, supprimidores da logica absoluta dos principios, periodos de abnegação heroica,

de torturas, em que a occasião-terremoto é suprema rainha, que exclue do Pantheon da historia, como egoista, covarde ou material marco de pedra, o estadista que não sabe sacrificar temporariamente sua popularidade, seus louros e seus triumphos, á salvação do Estado e á prosperidade da patria.

Thiers nas leis de Setembro sacrificou nos altares do patriotismo as glorias do seu renome de liberal : foi abnegação, e provou-a combatendo contra essas leis, quando o fanatismo politico deixou de impôl-as, como anomala exigencia de circumstancias extraordinarias de cataclysma social.

O gabinete de coalisão durou pouco tempo. Havia n'elle dois planetas, Thiers e Guizot, cada qual com seu movimento, sua influencia e seu curso diversos: a rivalidade e o antagonismo pronunciaram-se.

Em politica monarchico-constitucional Thiers escrevêra em sua bandeira o principio monarchico, mas profundamente democratico : *le roi regne, il ne gouverne pas*, isto é, o rei verdadeiramente irresponsavel, e a responsabilidade dos ministros theorica e praticamente fundada. Guizot adoptava a influencia politica e intelligente do rei com a responsabilidade dos ministros que a aceitavam, No fundo o principio era quasi identico ; na fórma, porém, da exposição da doutrina Thiers sahia sem Danton, nem Robspierre, da nova idade começada em 1789, e Guizot vinha de Gand, onde fôra encontrar a restauração de 1814.

O gabinete de coalisão desfez-se ao embate de duas influencias já em disputa de preeminencia, e tão de improviso cahiu, que os dois rivaes nem tiveram tempo de apertar as mãos, despedindo-se na vespera da luta herculea que iam travar.

Eram dois gigantes Thiers e Guizot, e separaram-se

como Achilles e Heitor se teriam separado se alguma vez Homero os tivesse posto batalhando colligados.

Thiers foi chefe do gabinete que em 1836 succedeu ao de coalisão ; mas no fim de sete mezes demittiu-se, porque não prevaleceu no animo do rei a sua politica de intervenção positiva e efficaz a favor da causa liberal de Isabel II de Hespanha.

Depois de tres annos de opposição parlamentar subiu de novo ao poder, como presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros em Março de 1840, para descer no fim de outros sete mezes: n'esse curto periodo deixou por vestigios consideraveis reformas, economicas, fez votar um monumento a Moliére, iniciar o projecto para trasladação das cinzas do Imperador Napoleão para a capital da França e recahiu ainda mais na desconfiança dos liberaes, combatendo as reformas eleitoraes e parlamentar.

Surgira, porém, a questão do Oriente, então chamada Mahomet-Ali e Porta Ottomana, e n'ella a França isolada em face das grandes potencias da Europa ; Thiers armou a França e preparou-a para a guerra ; o partido conservador da camara, tendo por chefe Guizot, manobrou em favor da paz e contra o gabinete, que demittiu-se pela recusa do rei a abrir o parlamento com um discurso bellicoso.

Guizot ganhára a partida; mas por certo não foi elle nem os seus amigos politicos que derribaram o gabinete Thiers: foi o rei Luiz Filippe, a quem tinham chamado o Napoleão da paz, que sabiamente oppôz seu voto politico a uma guerra, que provavelmente seria desastrosa para a França. Thiers teve a gloria de ser derribado do poder pela coalisão da Russia, Inglaterra, Prussia, Austria e Turquia ; cinco grandes potencias de um lado, e o esta-

dista francez do outro: a Europa em armas fez cahir um homem; mas o homem se exalta cahindo assim.

Guizot subiu ao poder. Thiers tomou na camara o commando da opposição do centro esquerdo: começou a guerra parlamentar de quasi oito annos, em que Achilles e Heitor levaram quasi oito annos a multiplicar dia por dia aquelle sublime combate, que é o unico na immortal epopéa da Grecia.

Thiers resplendeu na liça, como corrupção dos principios generosos da revolução de 1789, como o paladino de todas as idéas liberaes, e em 1848 foi propugnador energico d'aquella campanha dos banquetes reformistas, de que sahiu inopinada, imprevista, incalculada, a revolução de Fevereiro.

Aos primeiros annuncios do vulcão rompente, Thiers transpôz as barricadas, de um vôo passou do Hotel de Ville ao palacio do rei, do povo em revolução ao elemento de ordem, e monarchista leal recorreu a Luiz Filippe para evitar a catastrophe e salvar a dymnastia de Julho abraçando-se com as reformas liberaes.

Era tarde: *c'est trop tard.* Thiers tinha feito promulgar as leis de Setembro, em 1840 esmagára as aspirações de reforma eleitoral e parlamentar, fôra o estadista da repressão, era gigante pela intelligencia, mas entre os liberaes abatido pela imputação de reaccionario. Em 1848 sobrava a Thiers a sabedoria para o conselho; mas faltava-lhe a confiança do povo para a acção magnetica-salvadora da monarchia.

Em 1848 Thiers foi quasi simples, commovido e sorpreso observador da fogueira revolucionaria, para a qual aliás tinha amontoado sem o querer elementos de incendio em sua habilissima opposição parlamentar.

Mil oitocentos e quarenta e oito é a data da republica

ephemera: Thiers a temer a anarchia e em horror ao communismo, é mais ordeiro que republicano, e é sorprendido pelo golpe de Estado de 2 de Dezembro de 1851, de que havia de sahir logo em seguida o Imperio de Luiz Napoleão.

Preso na mesma noite do rompimento da revolução feita pelo presidente da republica, o estadista revolucionario de 1830 é exilado da sua querida França, e quasi que se applaude d'esse rigor politico, que o livra de suspeitas anteriores de favoneador da ambição napoleonica.

Emquanto dura o exilio, aproveite-se o temporario eclipse do estadista para considerar-se o historiador — *historiador illustre e nacional*—como o chamou depois o Imperador Luiz Napoleão.

Thiers achou tempo para deixar á França duas obras: uma grande e outra colossal.

A primeira foi a *Historia da revolução franceza*, escripta durante os annos de sua opposição na imprensa ao governo da Restauração. Seu merecimento é notavel: raios de brilhante luz esclarecem os periodos tormentosos da época vulcanica; mas Thiers é n'essa historia muitas vezes menos juiz imparcial, do que suspeito enthusiasta de idéas e de homens que lhe serviam como dissimuladas armas de guerra politica.

A *Historia do consulado e do Imperio* é muito mais reflectida e completa: Thiers n'ella ostenta a variedade e profundezas dos seus extensos conhecimentos, expondo a marcha ou successão dos acontecimentos, estudando a administração, a diplomacia, a concordata e em tudo o genio de Napoleão; prende o leitor mais grave pela sabedoria das apreciações, e o menos grave pelo encanto do estylo, que chega a enlevar a propria imaginação; descrevendo batalha, renova-as, e renova as commoções das

A 25 de Fevereiro de 1875 a assembléa nacional votou a constituição republicana.

Thiers foi eleito senador.

Em 1877 o presidente Mac-Mahon dissolveu a camara.

Thiers assignou o manifesto dos 363, e diz-se que elle escrevia, como chefe da esquerda, o seu manifesto eleitoral, quando a 3 de Setembro veiu subito a morte arrancal-o á França.

Tinha 80 annos, que não podiam dobrar-lhe o corpo e menos arrefecer o fogo vivissimo de sua intelligencia privilegiada, e que apenas conseguira embranquecer-lhe a cabeça. Sua velhice era apenas essa corôa branca: elle era como o Hecla coberto de neve e com o vulcão no seio; a differença é que em Thiers o vulcão estava no cerebro.

Todas as honras foram prestadas aos restos mortaes do regenerador da França agonisante. O mundo civilisado tomou parte no luto da França, onde talvez lhe preparam magestoso monumento commemorador de seu nome e de sua gloria.

Oh! mas para que monumento de arte humana?...

Nem columnas de bronze ou de marmore, nem estatua, nem tumulo soberbo e grandioso.

Não! basta uma lapida bem simples, bem rasa; mas na lapida grave-se só e exclusivamente o nome — *Thiers*.

O nome é o monumento.

Tambem nos immortalisados se apaga a luz da vida.

O solitario do Valle de Lobos, que, melancolico, fugindo aos homens, deixára aos homens um nome, que não cabia na peninsula, e transpunha os Pyrinéos e o Atlantico, baixou á sepultura este anno, tendo fallecido no seu retiro de sabio.

Alexandre Herculano, filho de Theotonio Candido de Araujo, fiel e recebedor da antiga junta dos juros, e neto

de José Rodrigues de Carvalho, pedreiro e mestre de obras da casa real, nasceu em Lisboa a 28 de Março de 1810.

Por coincidencia inteiramente casual o nosso Instituto, honrando a memoria dos seus socios finados em 1877, lembra com saudade e dôr um preclaro, notabilidade brasileira, e dois homens de genio europêos, todos tres de berço pobre e de familia sem pergaminhos de fidalguia, e todos tres elevados e engrandecidos pela nobreza do trabalho.

Alexandre Herculano recebeu do proprio pai a instrucção primaria; dos padres das Necessidades o ensino severo e aprofundado do latim; com professores particulares aprendeu o francez e o inglez, logo depois comsigo mesmo estudou o allemão; na Torre do Tombo cursou a aula de diplomatica regida por Francisco Ribeiro Guimarães, e em seguida mais tarde com mestres, ou só com os mestres mudos e com a sua prodigiosa intelligencia, abarcou essa immensa riqueza de condição e de conhecimentos, que deram a Portugal monumentos de gloria litteraria.

Estudioso, reflectido, já então pouco communicativo, mas trazendo no coração os germens de grandes virtudes, e na alma o fogo santo, que havia de revelar-se genio, Alexandre Herculano fez-se joven em época terrivel, e começou a temperar seu caracter firme e rigido ante o quadro sinistro da proscripção da liberdade politica, da perseguição que atropellava, e dos patibulos, onde eram mortos os defensores d'essa liberdade, que então já era a dama dos pensamentos do estudante cavalheiro.

Em parte imprudente arrebatamento de mocidade, em parte impulso energico de crenças já flammejantes n'alma, Alexandre Herculano envolveu-se na mallograda revolta do 4° de infantaria em Agosto de 1831.

O joven revolucionario de vinte e um annos de idade

corria perigo na patria, e de accordo com o pai, que o abençoou duas vezes, como filho e como liberal, refugiou-se na fragata franceza *Melpomene*, então fundeada no Tejo.

Uma das musas do Parnaso da fabula, *Melpomene*, cobriu com o seu sceptro o mancebo, que havia de fulgir como inspirado poeta, e com outros emigrados politicos levou-o á Inglaterra.

Em um anno de emigração Alexandre Herculano estuda a fortuna humana, prova seus rigores e retempera seu animo heroico nos soffrimentos da adversidade.

Da Inglaterra passa á França, tendo estado em Jersey, onde tinha de estar em 1852 Victor Hugo, e d'onde esse seu irmão poeta despediu sobre Napoleão III o raio, ou a anathema *Napoleon le Petit;* de França seguiu para a famosa *Ilha Terceira*, sobre cujos rochedos já encontrou de pouco pousada a aguia libertadora, D. Pedro I, ex-Imperador do Brasil, a preparar seu vôo estupendo sobre a cidade gloriosa, que lhe herdou o coração.

Alexandre Herculano alista-se como simples soldado no batalhão de voluntarios da rainha. Santa fraternidade de genios! Alexandre Herculano é camarada militar de Garrett. D. Pedro, o libertador, firma a bandeira da liberdade na cidade do Porto: começa a guerra, fratricida embora; o batalhão de voluntarios da rainha glorifica-se pela bravura; dois soldados epicos, Herculano e Garrett, fulguram entre os mais bravos.

A deusa da victoria orna o peito de Alexandre Herculano com a medalha da ordem Valor e Merito. O voluntario soldado patriota aceita-a, e ama-a, como lembrança do triumpho da liberdade e da gloria nacional.

A febril animação politica que sahiu da guerra da libertação levou Alexandre Herculano á casa temporaria, ao parlamento portuguez. Não estava alli o seu elemento:

estavam alli as desillusões do animo mais puro, os desencantos do patriotismo mais desinteressado a envergonhar-se das lutas do egoismo, do enraivamento de ambições, dos sophismas do direito, da santidade da carta constitucional profanada em sua execução.

Alexandre Herculano, rigido, severo, conscienciosо e sabio, olhou em torno de si, e achou-se ilha de crenças fieis e intransigentes, em sua immaculada moralidade, no meio de immenso oceano de caprichos, de vagas apaixonadas, de tempestades e de batalhas politicas, que mentiam á religião do seu abnegado patriotismo.

Hercules matou-se, arrojando-se ao abysmo de fogo, desesperado por não poder arrancar de seu corpo a tunica de Dejanira. Nos tempos modernos a tunica de Dejanira tão encantada como a da fabula, é a politica opulenta de esperanças, rica de illusões enlevadoras, arrebatante pelas proprias commoções dos combates, pelos resentimentos das derrotas, pelos enthusiasmos das victorias. Alexandre Herculano, mais forte e magnanimo do que Hercules, arrancou de seus hombros a tunica, e afastou-se da nova Dejanira, lançando-lhe em despedida o ligeiro e ultimo olhar do seu desprezo.

O inspirado maldisse da chamada politica militante, embusteira fascinadora, de cujos braços se arredou, dando a primeira prova publica da admiravel indifferença com que via rojando a seus pés as falsas grandezas, os ouropeis da terra.

Alexandre Herculano, que já tinha começado a orar no jardim das letras, pensou talvez que em sua abstenção, nas lutas inglorias da politica, tomava apenas arado modesto na seara litteraria e civilisadora; mas o que tomou foi o sceptro, e sem o pensar sentou-se no throno da civilisação portugueza.

O emigrado da *Melpomene* já cingia a fronte com a corôa da poesia; o romance historico que elle creou deu-lhe segundo diadema.

Refulgia o genio; mas ainda lhe perdoavam o genio. No *Panorama* admiravam-lhe a *Abobada*, em que o espirito nacional é exaltado pelo architecto cégo, applaudiram-lhe todos os romances, nenhum dos quaes é futil, encerrando cada um lições philosophicas; deixaram correr quasi impunes as harmonias gemedoras, e as musicas tempestuosas do *Monasticon*, no qual o *Eurico*, que rivalisa em bellezas e em sentimentos com o *Jocelyn* de Lamartine, encerra paginas epicas ao molde das melhores da *Odysséa* de Homero; mas impavido se levanta com idéas philosophicas, que incitam suspeitas de máo catholico no animo do clero mais intransigente.

Não cabe n'este trabalho a enumeração simples de todos os romances, e das lendas e narrativas, e de outras obras litterarias do inspirado.

Elle trazia duas corôas, e as corôas pesam, e as mais ricas de preciosas gemmas tem espinhos; Alexandre Herculano, porém, fez o *tombo* dos thesouros da *Torre*, fartou-se nas fontes da historia, accendeu para si vivissima luz na escura noite dos primeiros seculos da monarchia portugueza, e tomou terceira e esplendida corôa, escrevendo e publicando os dois primeiros volumes da *Historia de Portugal*.

Logo ao primeiro ateou-se guerra violenta contra o autor, que omittira no texto e negára em uma nota o milagre do apparecimento de Jesus Christo no campo de Ourique.

Ferido pelo insulto, apontado ao povo ignorante como inimigo da religião catholica, novo Luthero, e desnaturado portuguez, Alexandre Herculano respondeu áquella

parte do clero, que assim o aggredia, com os energicos pamphletos *Eu e o Clero*, *A Batalha de Ourique*, observações diplomaticas sobre o falso documento da apparição de Ourique, nos quaes o ardor do resentimento é mil vezes menor do que a opulencia da erudição.

Em seguida, e como a despender um raio preliminador, publicou a *Historia da origem e do estabelecimento da inquisição em Portugal* e, depois os 3° e 4° volumes da *Historia de Portugal*.

Como historiador, Alexandre Herculano não tem rival na patria nem superior na Europa.

Mas a grita levantada contra elle, as injurias descomedidas, a calumnia, emfim, sem que jámais lhe abatessem o animo, conseguiram levar-lhe o desgosto ao coração.

O sabio retirou-se para o seu Valle de Lobos, onde explorou a agricultura e a industria, suavisando o trabalho com o estudo, e com o cultivo da historia e das letras, do que ficaram em legado á patria e ao mundo os inedi-

tos 5° volume da *Historia de Portugal* e a traducção em verso do *Orlando* de Ariosto.

O solitario do Valle de Lobos era procurado, visitado em seu retiro, como Washington no seu Mount-Vernon.

Ao Valle de Lobos foi S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II apertar a mão de Alexandre Herculano, de quem era amigo e com quem se correspondia.

Entre os poetas e os litteratos portuguezes esse homem venerando só por um nome era conhecido : chamavam-no — mestre.

E de subito, a 11 de Setembro, Portugal estremeceu ao annuncio do estado agonisante de Alexandre Herculano.

No dia seguinte pronunciou-se a calamidade nacional. O rei das tres corôas estava morto.

A 3 de Setembro Thiers em França, a 12 Alexandre

Herculano em Portugal entravam no Pantheon, Thiers mais deslumbrante, Alexandre Herculano mais limpido.

Thiers foi cincoenta e seis annos politico; traz mais de meio seculo de combates, de poder e de opposição, triumphos e derrotas, contradicções de principios pela violencia das circumstancias, luz brilhante estremecida de algumas sombras até a apotheose do seu patriotismo desde 1870.

Alexandre Herculano foi a bella e pura isenção das ambições politicas e das grandezas sociaes; não quiz sentar-se na camara dos pares, não aceitou condecorações, não quiz titulos de nobreza, e quanto mais indifferente olhava para essas grandezas humanas, mais alto se levantava, e grande se impúnha ao respeito dos homens.

O Sr. de Concy tinha por divisa :

« Não sou rei, nem principe, nem duque, nem conde: sou o Sr. de Concy. »

O solitario do Valle de Lobos podia dizer: « Não sou grã-cruz, nem barão, nem conde; não sou par do reino: sou Alexandre Herculano. »

MANUSCRIPTOS OFFERECIDOS AO INSTITUTO

PELO SR. DR. OLYMPIO E. DE ARROCHELLAS GALVÃO

Quadros administrativos da provincia das Alagôas.

PELO SR. JOÃO BARBOSA RODRIGUES

Compromisso da irmandade do Glorioso S. Benedicto dos pretos e mais devotos da freguezia de Nossa Senhora da Conceição das Minas do Castello.

RELATORIOS E DOCUMENTOS OFFERECIDOS PELAS SECRETARIAS DE ESTADO

PELA SECRETARIA DO IMPERIO

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na primeira sessão da decima sexta legislatura pelo ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo. Rio de Janeiro, 1877.

Relatorio dos trabalhos estatisticos apresentados ao Sr. ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio pelo Sr. conselheiro Manoel Francisco Corrêa, director geral da repartição de estatistica. Rio de Janeiro, 1877.

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na segunda sessão da decima sexta legislatura pelo Sr. ministro e secretarió de Estado Antonio da Costa Pinto e Silva. Rio de Janeiro, 1877.

PELA SECRETARIA DA JUSTIÇA

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na primeira sessão da decima sexta legislatura pelo ministro e secretario de Estado dos negocios da justiça conselheiro Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque. Rio de Janeiro, 1877.

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na segunda sessão da decima sexta legislatura pelo ministro e secretario de Estado dos negocios da justiça conselheiro Francisco Januario da Gama Cerqueira. Rio de Janeiro, 1877.

PELA SECRETARIA DE ESTRANGEIROS

Relatorio da repartição dos negocios estrangeiros, apresentado á assembléa geral legislativa na primeira sessão da decima sexta legislatura pelo ministro e secretario de Estado barão de Cotegipe. Rio de Janeiro, 1877.

Relatorio da repartição dos negocios estrangeiros, apresentado á assembléa geral legislativa na segunda sessão da decima sexta legislatura pelo Sr. ministro Diogo Velho Cavalcanti. Rio de Janeiro, 1877.

Documentos para la historia de la vida publica del libertador de Columbia, Perú y Bolivia, publicados por disposicion del general Blanco, etc. Caracas, 1876. Volumes 6°, 7°, 8°, 9° e 10.

PELA SECRETARIA DA AGRICULTURA

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na primeira sessão da decima sexta legislatura pelo ministro e secretario de Estado Thomaz José Coelho de Almeida, e Annexos ao mesmo relatorio. Rio de Janeiro, 1877.

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na segunda sessão da decima sexta legislatura pelo Sr. ministro e secretario de Estado Thomaz José Coelho de Almeida. Rio de Janeiro, 1877.

Estudos sobre a largura das estradas de ferro e as resistencias dos trens, pelo engenheiro Honorio Bicalho. Rio de Janeiro, 1877.

Considerações ácerca dos melhoramentos de que, em relação ás sêccas são susceptiveis algumas provincias do norte do Brasil, pelo marechal de campo Henrique de Beaurepaire Rohan (segunda edição). Rio de Janeiro, 1877.

Ensaios sobre alguns melhoramentos tendentes á prosperidade da provincia do Ceará. Rio de Janeiro, 1877.

Arrasamento da lage submarina existente na entrada do porto de Santos, provincia de S. Paulo. Rio de Janeiro, 1877.

Garantia de juros. Estudos para sua applicação ás emprezas de utilidade publica no Brasil, pelo engenheiro André Rebouças. Rio de Janeiro, 1874.

Estudos definitivos da linha de Cangussú, variante da estrada de ferro do Rio Grande a Alegrete. — Memoria justificativa apresentada por Eduardo José de Moraes, chefe da commissão. Rio de Janeiro, 1876.

PELA SECRETARIA DA GUERRA

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na primeira sessão da decima sexta legislatura pelo Sr. ministro e secretario de Estado duque de Caxias. Rio de Janeiro, 1877.

Rela'orio apresentado á assembléa geral legislativa
gunda sessão da decima sexta legislatura pelo ministrc
cretario de Estado duque de Caxias. Rio de Janeiro,

PELA SECRETARIA DA MARINHA

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na primeira sessão da decima sexta legislatura pelo Sr. ministro e secretario de Estado Luiz Antonio Pereira Franco. Rio de Janeiro, 1877.

Relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na segunda sessão da decima sexta legislatura pelo Sr. ministro e secretario de Estado Luiz Antonio Pereira Franco, seis exemplares. Rio de Janeiro, 1877.

SECRETARIA DA FAZENDA

Proposta e relatorio apresentados a assembléa geral legislativa na primeira sessão da decima sexta legislatura pelo Sr. barão de Cotegipe. Rio de Janeiro, 1877.

Proposta e relatorio apresentados á assembléa geral legislativa na segunda sessão da decima sexta legislatura pelo Sr. barão de Cotegipe, dois exemplares. Rio de Janeiro, 1877.

RELATORIOS E DOCUMENTOS OFFERECIDOS PELAS PRESIDENCIAS DE PROVINCIAS

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL

Collecção dos actos, regulamentos e instrucções expedidos pela presidencia da provincia em 1876. Porto Alegre, 1877.

Collecção de leis e resoluções da provincia na segunda sessão da decima sexta legislatura. Porto Alegre, 1876.

Falla dirigida á assembléa legislativa provincial pelo 2° vice-presidente Dr. Joaquim Dias de Castro na primeira sessão da decima setima legislatura. Porto Alegre, 1817.

Relatorio com que o Sr. Dr. José Antonio de Azevedo Castro passou a administração da provincia em 5 de Abril de 1876 ao Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe. Porto Alegre, 1877.

Collecção das leis de 1870. Porto Alegre, 1877.

Idem, idem, tomo XXX. Porto Alegre, 1877.

Relatorio com que o Sr. Dr. João Dias de Castro, 2° vice-presidente, passou a administração da provincia ao Sr. presidente em 21 de Março de 1877. Porto Alegre, 1877.

Relatorio com que o Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe passou a administração da provincia do Rio Grande do Sul ao Sr. Dr. J. Dias de Castro, 2° vice-presidente no dia 5 de Fevereiro de 1877. Porto Alegre, 1877.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO PARANÁ

Leis e regulamentos da provincia do Paraná, tomo XXIII. Coritiba, 1876.

Relatorio apresentado á assembléa provincial do Paraná em 15 de Fevereiro de 1877 pelo presidente da provincia.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DA BAHIA

Falla com que o Sr. presidente da provincia abriu a assembléa provincial no dia 1° de Março de 1877. Bahia, 1877.

Annexos á falla com que o Exm. Sr. desembargador Henrique de Lucena, presidente da provincia, abriu a quinquagesima sexta legislatura da assembléa provincial no dia 1° de Março de 1877.

Leis e resoluções da provincia da Bahia do anno de 1876. Bahia, 1877.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DAS ALAGÔAS

Collecção de leis de 1876. Maceió, 1877.

Relatorio com que o Sr. presidente da provincia passou a administração da provincia ao Sr. Pedro Antonio da Costa Moreira, 1° vice-presidente no dia 26 de Dezembro de 1877. Maceió, 1877.

Falla com que o Sr. 1° vice-presidente Dr. Pedro Antonio da Costa Moreira installou a sessão ordinaria da vigesima primeira legislatura em 15 de Abril de 1877. Maceió, 1877.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DE SERGIPE

Collecção de leis e resoluções da provincia de Sergipe, publicadas pela assembléa legislativa provincial. Aracajú, 1877.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO CEARÁ

Collecção de leis de 1876. Fortaleza, 1877.

Falla com que foi aberta a primeira sessão da vigesima terceira legislatura da assembléa provincial em 1° de Julho de 1876. Fortaleza, 1876.

Relatorio com que o Sr. presidente da provincia Dr. Francisco de Faria Lemos passou a administração da mesma provincia ao Sr. Caetano Estellita Cavalcanti Pessoa no dia 10 de Janeiro de 1877. Fortaleza, 1877.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO MARANHÃO

Collecção de leis de 1876. Maranhão, 1876.

Relatorio com que o Sr. barão de Monção, 3° vice-presi-

dente da provincia, passou a administração da mesma ao Sr. Dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides no dia 18 de Dezembro de 1876, acompanhado do que lhe dirigiu o Sr. senador Frederico de Almeida e Albuquerque ao entregar-lhe a administração da mesma.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DE GOYAZ

Collecção de leis da provincia de Goyaz, tomo XLII, 1874.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO PARÁ

Relatorio com que o Sr. presidente da provincia do Pará Dr. Francisco Maria Corrêa de Sá e Benevides entregou a administração da mesma ao Sr. Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho em 18 de Julho de 1876. Pará, 1876.

Do Amazonas ao Oyapock.—Relatorio da commissão ao norte da costa da provincia do Pará em 1877.

OBRAS E DOCUMENTOS OFFERECIDOS POR DIVERSAS PESSOAS E ASSOCIAÇÕES

PELO SR. CONEGO J. G. FERREIRA

Collecção do Apostolo dos annos de 1867 até o presente.

PELO SR. FRANCISCO MANOEL ALVARES DE ARAUJO

Vinte exemplares da obra do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, sob o titulo *Anno Biographico*, e dez ditos vertidos para o inglez, Rio de Janeiro, 1876.

O Imperio do Brasil na exposição universal de Philadelphia, quatro exemplares, sendo um em portuguez, um em francez, um em allemão e um em inglez. Rio de Janeiro, 1876.

PELA SOCIEDADE IMPERIAL DOS NATURALISTAS DE MOSCOW

Boletins dos annos de 1875 a 1876. Seis fasciculos, ns. 1, 2, 3 e 4, de 1877.

PELA SOCIEDADE DE ESTATISTICA DE MARSELHA

Repertorio dos trabalhos da Sociedade de Estatistica de Marselha, tomo XXVII. Marselha, 1877.

Boletim dos mezes de Setembro e Outubro do corrente anno.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE PARIS

Boletins de Outubro, Novembro e Dezembro de 1876, e Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho, Julho e Setembro do corrente anno. Paris, 1877.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE MADRID

Boletins dos mezes de Agosto a Dezembro de 1876. Tomo I, n. 6; e Janeiro a Setembro de 1877.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LYON

De la soie.— Etude géographique et statistique sur la production et commerce de la soie en Concon, par Lion Clugnet. Lyon, 1877.

PELA SOCIEDADE DE SCIENCIAS HISTORICAS E NATURAES DE LYON

O Boletim de 1877, 31° volume. Auxerre. 1877 e o primeiro e segundo semestre de 1875.

PELA UNIVERSIDADE DE CHRISTIANIA

Enumeratio insectorum novergicorum. Fasciculo gundo e terceiro, dois volumes.

Catalogus coleopteorum continens, auctore H. Siebke. Christiania, 1875.

Forhandlinger i Videnskabs – Selskabet i Christiania Aar 1874 — 1875. Christiania, 1875 — 1876, dois volumes.

Le Royaume de Norvége et le peuple norvégien, ses rapports sociaux, hygiène, moyens d'existence, sauvetage, moyens de communication et économie.—Par le Dr. O. J. Broch. Christiania, 1876, in-8.°

Transfusion und plethora eine physiogische studie von Jakob Worm Muller. Christiania, 1875.

Engedruckte, unbeachtete und wenig beachtete Quellen zur geschichte des taufsymbols und der glaubensregel, etc., von Dr. C. P. Caspari. Christiania, 1875.

Die Pflanzenwelt norwergens. Ein beitrag zur natur- und culturgeschichete nord-Europas. Von Dr. F. C. Schubeler. Christiania, 1875.

On some remarkable forms of animal life, from the great deeps of the norwergian coast. II Researches oñ the Structure and affinity of the genus Brisinga. By George Ossian. Sars. Christiania, 1875.

Norwergian special catalogue for the internacional exhibition of Philadelphia, 1876. Christiania, 1876.

PELO SR. DR. JOAQUIM ANTONIO PINTO JUNIOR

Guerra do Paraguay.—Defesa heroica da ilha da Redempção (10 de Abril de 1866). Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. DR. BRASILIO MACHADO

Madresilvas.—Versos. Porto, 1876.

PELA TYPOGRAPHIA NACIONAL

Collecção de leis do Imperio e decisões do governo do anno de 1830. Rio de Janeiro, 1876.

Idem, idem, idem de 1876, tres volumes. Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR BACHAREL JOAQUIM MARIA DOS ANJOS ESPOZEL

Revista mensal das decisões proferidas pela Relação da Côrte e Supremo Tribunal de Justiça. Rio de Janeiro, 1876 a 1877, cinco numeros.

PELO INSTITUTO PHARMACEUTICO DO RIO DE JANEIRO

Tribuna pharmaceutica, publicação mensal. Rio de Janeiro, ns. 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13.

Relatorio da escola de humanidades, de sciencias pharmaceuticas, apresentada ao Instituto Pharmaceutico do Rio de Janeiro, pelo pharmaceutico Janvrot em 1876. Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. DR. RICARDO GUMBLETON DAUNT.

Cathecismo (impresso) das linguas portugueza e brasilica. Sem a folha do rosto e ultimas.

The aryan origin of the gaelic Race and Language, showing the present and past literary position of irish gaelic; its phonesis, the fountain of classic pronunciation; its laws accord with grimem's laws ;. its bardic beauties the source of rhyme ; the civilisation of pagan Ireland ; early knowe ledge of letters ; the art of illuminating, ancient architecture. The round Towers. The Brehon law, by the Rev. U. J. Bourke. London, 1875.

Polyanthea nova, hoc est, opus suavissimis. Francofurt, 1607, infolio.

Journal of the senate of the State of Mississippi sitting at a court of impeachment, in the trials of Aldebert Ames, governor; Alexander K. Davis, lieutenant governor; Thomas W. Cardozo, superintendent of public education, Jackson, Mississippi, 1876, dois volumes.

Laws of the State of Mississippi, passed at a regular session of the Mississippi legislature. Printed by authority of law, Jackson, Mississippi, 1876.

Report on the Geology and Agriculture of the State of Mississippi, by Eug. W. Hilgard. Jackson, Mississippi, 1860.

PELO SR. BIBLIOTHECARIO DA BIBLIOTHECA PUBLICA DE MONTEVIDÉO

Compendio de la historia de la República Oriental del Urugñay, por Isidoro de Maria. Montevidéo, 1874.

Relaciones nominales de contribuyntes de los departamientos del interior de la República en el año de 1874.

La Escuela de Agricultura de Palmira y su fundador D. Juan de Cominges. Montevidéo, 1876.

Documentos oficiales.—Tentativa de pacificacion interna por interposicion de S. E. el caballero R. U. Barbolani, miniatro residente de S. M. el rey de Italia.

Negativa de D. Venancio Flores. Montevidéo, 1869.

Asociacion rural del Uruguay. Montevidéo, 1875 e 1876, doze fasciculos, Janeiro a Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro, 1877.

Espediente relativo à la denuncia hecha ante la comision economico-administrativa por D. Pedro E. Baceza. Montevidéo, 1873.

Sociedad de Amigos de la Educacion Popular.—Escuela Elbio Fernandez. Montevidéo, 1876.

Reglamento geral de policia rural. Montevidéo, 1876 e 1877.

Noticias sobre la evasion de Mr. H. Rochefort, su arribo à Austria, viaje à Estados-Unidos, residencia en Nueva-York y regresso à Europa, reunidos y comentados por Tomas Moncayo. Montevidéo, 1874.

Los oradores de la camara.—Retratos, bocetos y caricaturas. Montevidéo, 1876.

Reglamento de la seccion tercera y undécima.—Tit. 1° del codigo rural. Montevidéo, 1877.

Buletin oficial de la comision de agricultura de la junta E. administrativa. Montevidéo, 1877, Fevereiro e Março.

Comision central directiva de emigracion. — Informe anual de 1877 — Emigracion, colonisacion y intereses generales. Montevidéo, 1877.

Almanaque de Orion, 1873.

Conclusion del tomo I de la legislacion vigente de la Repùblica del Uruguay, por Pablo V. Goyna. Montevidéo, 1875.

S. Pruvonena.—Los Hombres de bien!!

F. de la Vega.—La Politica entre bastidores.

F. Casos.—Romances historicos del Perú, dois volumes.

Memoria representada por el directorio del Ferro Carril Central del Urúguay. Montevidéo, 1877.

Memoria de la jefatura politica y de policia de la capital correspondiente al año de 1876. Montevidéo, 1877.

El tempe argentino del delta de los rios Uruguay, Paraná y Plata, por D. Marcos Sastre, con un discurso preliminar del Dr. D. A. Magarinis Cervantes, 5ª edicion. Buenos-Aires, 1871.

Apuntes de viaje del Plata a los Andes y del mar Pacifico al mar Atlantico, por Santiago Estrada, 2ª edicion. Buenos-Aires, 1872.

Nociones generales sobre el arte de crear los gusanos de seda, por el Dr. Santiago Bertelli. Montevidéo, 1876.

Estudio de las cuestiones economicas y financeras de la actualidad. — Bases para la fundacion imediata de un Banco Nacional en la República Oriental del Uruguay, por Pedro S. Lamas. Montevidéo, 1876.

Memoria de las reparationes de salubridad.—Cenunterios y patentes de rodadas por 1876. Montevidéo, 1877.

Memoria de la receptoria de contribuicion directa nèl año de 1875. Montevidéo, 1876.

Reglamento interno de la comision de I. Publica. Montevidéo, 1876.

Reglamento de la honorable cámara de representantes. Montevidéo, 1870.

Direccion de Instruccion publica—Reglamento para las escuelas, año 1877. Montevidéo.

Direccion de instruccion Publica.—Reglas de procedimento para examenes y concursos de maestros y ayudantes. Montevidéo, 1877.

Curso de aritmetica elemental, sistema métrico decimal y calculo mercantil, etc. Montevidéo, 1875.

Contestacion al informe de la comision consultiva nombrada por el superior gobierno para dictaminar sobre la proposta de reorganisacion de la Compañia Ferro-Carril Central del Uruguay. Montevidéo, 1877.

Contadoria general de la República.—Estados generales correspondientes al ejercicio de 1875. Montevidéo, 1876.

Anexos a la Memoria del ministerio de relaciones exteriores in el tercero periodo de la novena legislatura de la República. Montevideo, 1863.

Le Paraguay—La Dynastie de Lopes avant et pendant la guerre actuelle, par John le Long. Paris, 1868.

La Bolsa montevideana, 1867.

Documentos oficiales justificativos de la conducta de las autoridades departamentales de la República Oriental del

Uruguay contra las acusaciones de las cámaras brasileras. Montevidéo, 1864.

Reclamaciones de la Repùblica Oriental del Uruguay contra el gobierno imperial del Brasil. Montevidéo, 1864.

Avermas del Uruguay, por Heraclio C. Fajardo. Buenos-Aires, 1862.

Memoria presentada à la asambléa general legislativa en el tercero periodo de la décima legislatura por el ministro i secretario de Estado de relaciones esteriores. Montevidéo, 1870.

Exposition of the stat of the banks established in the city of de Montevidéo, by the gouvernment comissioner, Sr. Don Thomas Villalba. Montevidéo, 1865.

Memoria que el ministro de Estado en el departamento de mariña, presenta al congresso nacional de 1871. S. Thiago de Chile.

Memoria presentada a la asambléa general legislativa en el segundo periodo de la décima legislatura, por el ministro de la relaciones exteriores. Montevidéo, 1869, e annexos.

Documentos relativos a la pacificacion de la República. Montevidéo, 1864.

Documentos diplomaticos relativos à la detencion del paquete argentino *Salto* en las aguas de la República Oriental del Uruguay por el vapor de guerra nacional *Villa del Salto.* Montevidéo, 1867.

Memoria presentada por la comision permanente a la asambléa general en el tercero periodo de la undécima legislatura. Montevidéo, 1875; e no segundo periodo da legislatura de 1874.

Informe de la comision consultiva de la propuesta de reorganisacion de la Sociedad de Ferro-Carril central del Uruguay. Montevidéo, 1877.

Historia de Rosas, por Manoel Bilbáo, tomo I (1810—1832). Buenos-Aires, 1868.

Formulario de procesos, arreglado para uso de los ejercitos de la República Oriental del Uruguay, por el coronel D. Salvador Garcia. Montevidéo, 1867.

Ley y reglamento de la guarda nacional de la República Oriental del Uruguay. Montevidéo, 1858.

Nociones elementales de fisica popular, por Pedro Recaldori. Montevidéo, 1875.

Conferencias sobre el derecho natural, como introduccion al curso de derecho de gentes, por G. Perez Gomar. Montevidéo, 1864.

La Muger abandonada, drama em quatro actos, por José C. Bustamante. Montevidéo, 1876.

Manual de policia.—Coleccion de leys, decretos y disposiciones, etc., referentes la policia de ordem pública y municipal, por Antonio O. Villalba. Montevidéo, 1874.

La Bolsa en la mano.—Revista quincenal, por Calvo y Guorrico. Buenos-Aires, 1877.

Manual del pastor ó sea instruccion práctica para la creaza y cuidado de la raza merino, por Daniel Perez Mendonza, obra postuma, publicada por P. Lastarria y Ca. Montevidéo, 1863.

Los Héros de Pavon — Loa patriotica em un acto, por J. A. Ferrer Fernandez. Buenos-Aires, 1862.

Cultivo y beneficio practico del tabaco, por Juan de Cominges. Montevidéo, 1877.

Les trez gaúchos orientales, por Antonio D. Lussich. Montevidéo, 1877.

Memorias presentadas por el ministro de Estado en el departamento de relaciones esteriores al congresso nacional en 1869, 1870 e 1871. Buenos-Aires.

PELO MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA MARINHA E ULTRAMAR DE LISBOA

Annaes da commissão central permanente de geographia n. 1. Dezembro de 1876.

PELO SR. DR. LUIZ PEREIRA BARRETO

As tres philosophias, segunda parte.—Philosophia metaphysica. Jacareby, 1877.

PELO SR. JOÃO GABRIEL DE MORAES NAVARRO

Diversões. Campinas, 1877.

PELO SR. BIBLIOTHECARIO DA BIBLIOTHECA MUNICIPAL DA CÔRTE

O Relatorio que o mesmo senhor apresentou á Illm. camara municipal em Outubro de 1876. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. DR. CARLOS HONORIO DE FIGUEIREDO

A estrada de ferro para Mato Grosso, por A. Bueno. Rio de Janeiro, 1877.

Estrada de ferro de Porto-Alegre á Uruguayana.—O ministerio da agricultura e o engenheiro João Ernesto Viriato de Medeiros. Rio de Janeiro, 1877.

Estrada de ferro da Victoria para Minas.—Relatorio apresentado ao Sr. ministro da agricultura, pelo engenheiro Hermillo Candido da Costa Alves. Rio de Janeiro, 1876.

Cabo submarino na provincia do Maranhão.—Petição

da companhia dirigida ao governo imperial, pedindo modificações nas condições que obteve. Rio de Janeiro, 1877.

Almanak da provincia do Paraná.

PELO SR. VIVIEN DE SAINT-MARTIN

Nouveau dictionnaire de géographie universelle. Paris, 1877. Fasciculos 1° a 5.°

PELO SR. FRANCISCO RAMOS PAZ

Questão religiosa. — Carta á Serenissima Princeza Regente, primeira parte. Direito. Rio de Janeiro, 1876.

O Papa e o concilio, por Janus —Versão e introducção de Ruy Barbosa. Rio de Janeiro, 1877.

A Questão religiosa.—A liberdade dos cultos no Brasil. Rio de Janeiro, 1877.

Boletim do Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil.—Quinto anno, 1876.

PELO SR. PEDRO LUIZ SYMPSON

A sua grammatica da lingua brasilica geral, fallada pelos aborigenes das provincias do Pará e Amazonas. Manáos, 1877.

PELO SR. HENRIQUE HOUTAIN

Essai sur l'industrie et le commerce belge, français, etc., étrangers, leur état actuel et leur avenir. Gand, 1876.

PELO SR. DR. JOAQUIM DOS REMEDIOS MONTEIRO

Estudos nos dominios da medicina. Bahia, 1876.

Estudos sobre a hygiene publica, pelo Dr. José de Góes Siqueira. Bahia, 1872.

Memoria sobre a hematuria chylosa ou gordurosa dos paizes quentes, pelo Dr. J. Crevaux, e annotada pelo Dr. J. F. da Silva Lima. Bahia, 1876.

Memoria sobre o filariose ou molestia produzida por uma nova especie de parasita cutanea, descoberta por Antonio José Pereira de Sousa Araujo. Bahia, 1875.

Eduardo Nunes Pires.—Durante o carnaval. Versos. Rio de Janeiro, 1874.

Noites de luar, por José Ramos da Silva Junior. Cidade do Desterro, 1870.

Monarchia ou republica, pelo Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro. Bahia, 1875.

Feridas por armas de fogo.—These de concurso do Dr. Antonio Pacifico Pereira. Bahia, 1874.

Transfusão do sangue. Bahia, 1876.

PELO SR. DR. JOÃO BAPTISTA DOS SANTOS

Hygiene publica.—Aguas potaveis. Contribuições á hygiene do Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. OSCAR CONSTALL

Brasilien land und leute Berlin, 1877.

PELO SR. DR. MONCORVO DE FIGUEIREDO

Do emprego do chlorato de potassa na diarrhéa das crianças. Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. JOSÉ CUSTODIO ALVES DE LIMA

Lecture on Brazil its social, political and commertial relations with the United States. Syracuse, 1877.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

Relatorio lido na primeira sessão solemne annual da mesma, pelo 2º secretario Rodrigo Affonso Piquito. Lisboa, 1877.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE ANVERS

Boletim de Fevereiro e Outubro de 1877.

PELO LYCEU LITTERARIO PORTUGUEZ DO RIO DE JANEIRO

O Relatorio apresentado pela directoria em 1876. Rio de Janeiro, 1877.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DA BELGICA

Boletins ns. 1, 2, 3 e 4 do corrente anno. Bruxellas, 1877.

PELO SR. THEOTONIO DE MEIRELLES

A marinha brasileira em Paysandú e durante a guerra do Paraguay.—Resumos historicos. Rio de Janeiro, 1876.

O exercito brasileiro na campanha do Paraguay. Resumos historicos. Rio de Janeiro, 1877.

Resumos historicos, colleccionados por Theotonio de Meirelles. Rio de Janeiro, 1875.

PELO SR. DR. FRANCISCO BORGES DA SILVA

Considerações sobre o beri-beri. Fortaleza, 1874.

PELO SR. AW. G. B. MARCHESINI

Il Brazile e le sue colonie agricola.—Studi. Roma, 1877.

PELO SR. DR. LUIZ FRANCISCO DA VEIGA

O Primeiro reinado. — Estudo á luz da sciencia, ou a revolução de 7 de Abril de 1831. Rio, de Janeiro, 1877.

PELO INSTITUTO ARCHEOLOGICO ALAGOANO

As suas *Ravistas* n. 7 de Dezembro de 1875 e n. 9 de Junho de 1876. Maceió; e Discurso proferido na sessão magna do decimo quinto anniversario, pelo Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão. Pernambuco, 1877.

PELO SR. PEDRO AFFONSO DE FIGUEIREDO (BARÃO DE WILDIK)

Collecção de legislação portugueza. Lisboa, 1877.

PELO SR. DR. FELIZARDO PINHEIRO DE CAMPOS

Projectos de lei para organisação judiciaria e reforma do art. 13, § 2°, da lei de 20 de Setembro de 1871, sobre a prisão sem culpa formada e a formação da culpa, pelo desembargador J. A. M. Castro. Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. DR. ANTONIO PEREIRA PINTO

Annaes do parlamento brasileiro.—Camara dos Srs. deputados. Sessões de 1827, 1828, 1853, 1854, 1855 e 1856, e quarto anno da primeira legislatura—1829. Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. DR. JOSÉ DE SALDANHA DA GAMA

Relatorio sobre a exposição universal de Philadelphia em 1876. Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. DR. FRANCISCO ANTONIO PIMENTA BUENO

Memoria justificativa dos planos apresentados ao governo imperial para o prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo. Rio de Janeiro, 1876.

Parecer sobre a petição dos directores da Companhia Paulista a respeito do prolongamento da estrada de S. Paulo.

PELO SR. DR. JOSÉ TITO NABUCO DE ARAUJO

Revista medica.—Orgão da Sociedade Medica do Rio de Janeiro, o n. 10, de Maio do corrente anno.

PELO MINISTERIO DO FOMENTO.—SECÇÃO PRIMEIRA

Registro meteorologico del observatorio central del palacio nacional de Mexico. Maio de 1877.

PELO SR. DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

Ephemerida do Brasil. Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. ANGEL J. CARRANZA

Argentine republic.—Sanitary character of Andine Heights. London.

Los restos del general Saint-Martin, el presidente de la república, á sus conciudadanos. Buenos-Aires, 1877.

Redencion politica de los pueblos de la campña y municipio de Buenos-Aires, por José Francisco Lopez, segunda edicion. Buenos-Aires, 1877.

Informe cienfico sobre los terrenos de Palermo en que se proyecta la formacion de un paseo publico. Buenos-Aires, 1874.

La Constitucion. — Diario de la manãna comercial, literario, politico y de avisos. Buenos-Aires, 1870.

Washington. — Estudio historico, por Guizot, traducido del frances por Delfina Vedia de Mitre, esposa del general. Buenos-Aires, 1875.

Cartas con las vistas y propositos de D. Manoel Taboada. Buenos-Aires, 1869.

Semblanza del Obispo Aneiros, actual gobernador de la arquidiocesis bonaerense. Buenos-Aires, 1870.

El almirante vernon en las aguas de Nueva Granada, 1739—1741.—Historia leida en session do Inst. Bonaerense de Numismatica y Antiguidad, por el Dr. Anjel Justiniano Carranza. Buenos-Aires, 1874.

Don Escolastico Zegada. — Epitome sobre la vida intima y publica del presbitero... por Anjel J. Carranza. Buenos-Aires, 1860.

O retrato de Vicente Lopez, autor del hymno nacional argentino, 3 Maio de 1785—10 de Otubro 1836.

PELO SR. DR. ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

A Provincia de Goyaz na Exposição nacional de 1875. Rio de Janeiro, 1876.

Relatorio com que ao Exm. Sr. Dr. Herminio Francisco do Espirito Santo, 1° vice-presidente da provincia de Santa Catharina, passou a administração da mesma o Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay em 2 de Janeiro de 1877. Cidade do Desterro, 1877.

Discursos proferidos nas duas primeiras sessões da decima sexta legislatura por Alfredo d'Escragnolle Taunay. Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. CONSELHEIRO OLEGARIO

Elogio historico do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva pelo Sr. J. M. Latino Coelho.

PELO SR. CONSELHEIRO TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

Consolidação do processo criminal do Brasil. Rio de Janeiro, 1876.

Como cumpre escrever a historia patria. —Conferencias. Rio de Janeiro, 1876.

PELO SR. ESTANISLÃO S. ZEBALLOS

Estudio geologico sobre a provincia de Buenos-Aires. Buenos-Aires, 1877.

Sociedad cientifica Argentina. — Descripcion de la fundacion nacional de tipos. Buenos-Aires, 1876.

Apuntes sobre las quiebras a proposito del proyecto de reformas al codigo de comercio de la República de Buenos-Aires, 1874.

PELA REDACÇÃO DA « REVISTA MEDICA » DO RIO DE JANEIRO

Os numeros de sua *Revista* de Fevereiro a Agosto do corrente anno.

PELO SR. BIBLIOTHECARIO DA BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA DA CORTE

Arte de grammatica da lingua brasilica da nação,

Kiriri, composta pelo padre Luiz Vincencio Mamiani da Companhia de Jesus, segunda edição publicada pela bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, 1877.

Annaes da bibliotheca nacional do Rio de Janeiro, o segundo e terceiro volume. Rio de Janeiro, 1877.

PELA REDACÇÃO

Revista nacional de sciencias, artes e letras. — Directores, Dr. Antonio Carlos e Inglez de Sousa. Volume primeiro de Agosto. Santos, 1872, vol. 2°, n. 1. Outubro, 1877.

PELO SR. JOSÉ LUIZ DA GAMA E SILVA

Do Amazonas ao Oyapock.—Relatorio da commissão ao norte da costa. Pará, 1877.

PELO SR. JOÃO BARBOSA RODRIGUES

Relatorio sobre o rio Yamundá. Rio de Janeiro, 1875.

Idem sobre o rio Trombetas. Rio de Janeiro, 1875.

Idem sobre o rio Capim. Rio de Janeiro, 1875.

Idem sobre os rios Urubú e Jatapú. Rio de Janeiro, 1875.

Exploração e estudos do valle do Amazonas. Rio de Janeiro, 1875.

Idolo amazonico achado no rio Amazonas, por João Barbosa Rodrigues. Rio de Janeiro, 1875.

PELO SR. DR. MANOEL BUARQUE DE MACEDO

Relatorio do Sr. tenente-coronel de engenheiros Dr. Jeronymo Rodrigues de Moraes Jardim sobre o abastecimento

d'agua, e em desempenho da commissão que pelo governo foi incumbido na Europa. Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. DR. NICOLÀO JOAQUIM MOREIRA

Relatorio sobre a immigração nos Estados-Unidos da America. Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. DR. MAXIMIANO MARQUES DE CARVALHO

Apreciações das causas physicas da sêcca do Ceará e outras provincias limitrophes. Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. DR. JOSÉ DE GOES SIQUEIRA

Breve estudo sobre a prostituição e a syphilis no Brasil. —Memoria approvada pela Academia Imperial de Medicina. Rio de Janeiro, 1877.

PELO SR. DR. TOBIAS LEITE

Noticia do instituto dos surdos-mudos do Rio de Janeiro, pelo seu director. Rio de Janéiro, 1877.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XL

PARTE SEGUNDA

TERCEIRO TRIMESTRE

PAG.

NOTA ácerca de como não foi na—Corôa Vermelha—na enseada de Santa Cruz que Cabral primeiro desembarcou e em que fez dizer a primeira missa, acompanhada do texto (e não truncado, segundo o publicou Cazal) da carta-chronica do descobrimento, escripta ao rei D. Manoel pelo cavalleiro de sua casa Pero Vaz de Caminha, que ia de escrivão na armada.—Offerecida ao Instituto pelo seu socio honorario visconde de Porto Seguro 5

HYMNOS patrioticos compostos por Evaristo Ferreira da Veiga por occasião da independencia do Brasil. —Pequena memoria lida no Instituto em sessão de 3 de Agosto de 1877, pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga, socio do mesmo Instituto 39

ESTUDOS sobre a tribu *Mundurucú*.—Memoria escripta e lida perante o Instituto Historico, pelo engenheiro Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, socio correspondente do mesmo Instituto 73

NOTAS para a historia patria. Segundo artigo. Os primeiros povoadores. Quem era o bacharel de Cananéa? —Memoria lida perante o Instituto Historico, pelo socio Candido Mendes de Almeida 163

QUARTO TRIMESTRE

MEMORIA historica e geographica da ilha da Trindade. Organisada e dedicada ao Exm. barão da Ponte Ribeiro, pelo bacharel Pedro Torquato Xavier de Brito. . . 249

NOTAS para a historia. Terceiro artigo. João Ramalho, o bacharel da Cananéa, precedeu Colombo na descoberta da America?—Memoria lida perante o Instituto Historico na sessão de 4 de Agosto de 1876, pelo socio Candido Mendes de Almeida. 277

BIOGRAPHIA dos brasileiros illustres por armas, letras, virtuees, etc.

Luiz Carlos Martins Penna, o creador da comedia

nacional.—Memoria biographica lida no Instituto Historico em sessão de 23 de Nevembro de 1877, pelo socio Dr. Luiz Francisco da Veiga 375
ACTAS das sessões em 1877 409
SESSÃO magna anniversaria do Instituto no dia 15 de Dezembro de 1877.
Discurso do Exm. Sr. Presidente Visconde do Bom Retiro 539
Relatorio do 1º secretario Conselheiro Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes 545
Discurso do orador o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo 555
MANUSCRIPTOS offerecidos ao Instituto. 585
RELATORIOS e documentos offerecidos pelas secretarias de Estado. 585
RELATORIOS e documentos offerecidos pelas presidencias de provincias 588
OBRAS e documentos offerecidos por diversas pessoas e associações 591
SOCIOS admittidos ao gremio do Instituto no anno de 1877 614
SOCIOS fallecidos durante o anno de 1877 614